Nota do tradutor

A utilização da letra "K" e do gênero masculino para o acrônimo Comintern também é comum nos textos em língua portuguesa e brasileira. Cremos que os argumentos lingüísticos e políticos dados por Pierre Broué são convincentes e devem ser aplicados na presente tradução. Esta respeita, pois, sua vontade.

F. F.

Apresentação

A Internacional Comunista (Comintern) existiu de 1919 a 1943. Vinte e quatro anos, a duração de uma jovem vida. Vida inflada de ambição e de esperança, posteriormente golpeada por uma doença incurável, ela foi, no final, friamente liquidada por uma decisão administrativa. Sua história foi, ao mesmo tempo, longa e precipitada, carregada tanto de decepções e de esperanças, mais de dramas que de festas. Ela é difícil de retraçar.

Em primeiro lugar, porque não podemos fazer sua história "em si mesma". Nascida da Revolução Russa, ela desposou a história do Partido Comunista Russo Bolchevique, de quem ela dependeu ideológica, política, mas também materialmente. Em seguida, porque seu desenvolvimento e sua ação cobrem praticamente todos os países do mundo, o que fa de sua história uma empreitada, se não desmedida, ao menos incomodamente comensurável. A abertura parcial dos arquivos de Moscou desvelou, certamente, algumas possibilidades aos historiadores, mas também causou outras dificuldades novas, devido à abundância do material, da duração da consulta – sem falar dos custos elevados de viagem, d estadia, de reprodução dos documentos.

Por que, nestas condições, ter tentado a aventura de escrever este livro com a certeza de poder somente conhecer uma parte dos documentos acessíveis e de ter que renunciar a esperar por outros, mais importantes, que aparecerão um dia, mas que ainda são inconsultáveis? Não somente porque os arquivos de Moscou são apenas uma parte dos arquivos, que, aliás, não podem fazer a história de si mesmos contrariamente ao que afirmam alguns charlatões e feiticeiros modernos, mas porque a história da Internacional Comunista é algo que ainda está em jogo. E o que está em jogo é cultural, histórico, político, de primeira importância e, provavelmente, exemplar na época do "pensamento único" e do "politicamente correto".

A queda do muro de Berlim, o desmoronamento da URSS, a abertura parcial do arquivos de Moscou abalaram de passagem o campo da pesquisa histórica sobre o comu

nismo, a Internacional, a Rússia soviética. Por um fenômeno curioso – mas longe de ser inexplicável na Rússia de Ieltsin – e por razões que não são simplesmente financeiras, equipes inteiras de pesquisadores, mas também de historiadores isolados, impulsionaram um movimento marcado de regressão intelectual. Rebaixou-se essa História ao nível das histórias contadas pelos mais medíocres historiadores stalinistas ou estadunidenses dos tempos da Guerra Fria.

Escapando às regras que regem toda a História humana, o comunismo não é nada mais, aos olhos de alguns – num mundo maniqueísta –, que a essência do Mal maior, uma essência que pode se disfarçar de diversas maneiras, mas que nunca altera sua essencial perversa. O bolchevismo, segundo eles, surgiu, portanto, de uma conspiração, sem relação com a I Guerra Mundial, a matança das trincheiras, a crise econômica, a deterioração do Estado. Sua própria natureza, em particular, o caráter "utópico" dos objetivos a que ele se propôs, condena-o a utilizar o terror e a se preocupar, antes de tudo, com a construção de um Estado burocrático, centralizado e terrorista por natureza. Não há nada além, desde então, na história de seu desenvolvimento que um encadeamento mecânico e rigorosamente determinado pelo caráter utópico da escolha inicial.

O resultado é, evidentemente, que não pode existir História do comunismo e de suas instituições, mas somente o registro de um desenvolvimento escrito de antemão, um desenvolvimento mecânico de suas virtualidades únicas. Assim, Stalin se sucede a Lenin porque o leninismo já continha o stalinismo e tudo é sempre previsível para quem detém a chave do conhecimento. Esses anticomunistas, freqüentemente ex-stalinistas – a lamentável Annie Kriegel é o exemplo típico – ou, para os mais jovens, ex-maoístas, fazem da História do comunismo um grande jogo de bricolagem, construindo seu desenvolvimento sobre o modelo do catálogo intitulado "Sentido da História", conformemente à caricatura stalinista do pensamento marxista. Stalinistas do avesso, eles expõem e praticam, em seu trabalho histórico, o mesmo stalinismo invertido que é seu sistema de pensamento. O interesse em conhecer o comunismo, numa tal concepção, não advém nem da curiosidade histórica, nem da pesquisa científica, mas somente da possibilidade de descobrir armas ideológico-políticas melhor afiadas para combater o Mal e defender o que alguns continuam a considerar sem a menor ironia como um mundo "livre".

Pode-se, evidentemente, não concordar com isso.

Pode-se pensar que o comunismo nasceu da sociedade de classes, do pensamento e da ação de homens e mulheres, de sua organização em uma força material para a criação de uma sociedade "sem classes", igualitária. Pode-se estimar que o stalinismo apoiou-se sobre a cristalização de camadas sociais privilegiadas ligadas ao aparato do poder. É nosso caso.

O stalinismo deriva, certamente, do comunismo, de que era um dos múltiplos futuros possíveis. Porém, aquele deriva deste como uma variante, um produto da resistência interna e externa do velho mundo, o que Trotsky chamou de "degenerescência" para marcar a diferença entre os objetivos dos pioneiros e o resultado do trabalho dos "epígonos de Lenin".

É permitido pensar que o pretenso "mundo livre" não é o fim supremo para a Humanidade, nem o fim da História, como o sugerem os pensadores da mesma escola. Devemos saber também que as revoluções custam freqüentemente menos caro em vidas humanas do que as guerras modernas que as provocaram e, finalmente, que as pretensas utopias são freqüentemente menos custosas que o conservadorismo limitado, com seus corolários inevitáveis: reação, regressão e repressão.

O estudo da História sugeriu, aliás, até o momento que os revolucionários não "fazem" exatamente as revoluções. As revoluções fazem-se, isto é, são feitas por milhões de homens, mas são as organizações, grupos – estados-maiores e tropas de assalto – da revolução ou da contra-revolução que são os elementos decisivos da vitória ou da derrota. Ela sugere, além disso, que as revoluções são os maiores momentos de criação em todos os domínios.

Por fim, não é legítimo desejar compreender o mundo no qual vivemos? Como poderemos fazer isso sem apreender em sua complexidade o grande movimento que incendiou na seqüência da Revolução de Outubro de 1917 e na qual se inscrevem a formação e o desenvolvimento da Internacional Comunista?

Utilizamos, primeiramente, os documentos públicos, inumeráveis, da própria Internacional Comunista e, quando possível, sua imprensa, que estamos longe de ter, imaginamos, inteiramente analisado. Nos arquivos soviéticos, a pesquisa fez-se sobre os momentos cruciais ou sobre os episódios obscuros dos momentos importantes.

Não estudamos paralelamente e no mesmo ritmo o conjunto das seções. O olhar do pesquisador acompanhou o movimento geral de atenção da Internacional, cujo centro de gravidade situou-se, no mais das vezes, na Alemanha, algumas vezes, brevemente, na Itália e na China, mas, também, na Espanha, e que, aliás, nunca abandonou verdadeiramente a União Soviética. Tentamos resumir o que estava no âmago.

O leitor não deverá cobrar rigor ao autor por este ter sido conciso nos pontos da história da URSS que ele deveria necessariamente abordar, mas que ele tratou amplamente em seus obras anteriores. Ele não se irritará tampouco com o fato dele ter tomado emprestado algumas passagens de seus próprios livros, quando elas tocavam, de uma forma ou de outra, o assunto desse livro.

A história que se encontrará aqui é, acima de tudo, uma história política. Muitos outros volumes teriam sido necessários para uma história institucional da Internacional, de suas organizações auxiliares e, certamente de suas seções nacionais, seus partidos. Excelentes pesquisadores estão trabalhando nestes temas e, anuncia-se, na área de história social o florescimento de milhares de "gráficos pizza".

Nenhum trabalho histórico pode ser tido como definitivo. O autor deste não tem tal pretensão, tanto por razões gerais quanto particulares. Todavia, ele espera que sua publicação coloque um freio nos rumos da pesquisa histórica sobre o comunismo e que, até na crítica de seu trabalho, ela dê o sinal para uma nova partida. Ele deseja, dito de outra forma, que ela ajude a se abandonar definitivamente as extensões estéreis do dogmatismo e do doutrinarismo contra-comunistas – do stalinismo invertido –, e que, ao incitar os

historiadores do comunismo a retomar duravelmente o trabalho histórico, ela permita dar à História seu verdadeiro papel, que é o de ajudar os leitores a compreender o mundo em que eles vivem e - utopia talvez, mas quão generosa! -, ajudá-los, assim, a dominá-lo.

P. B.

Grenoble, Saint-Martin-d'Hères, Madri, Barcelona, Salamanca, Paris, Cambridge (Ma), Stanford, Berkeley, Moscou, Kharkov, Frankfurt-am-Main, Chicago, Montreal, Ottawa, Rimuski, Youngstown, Colônia, São Paulo, Salvador, 1991-1996.

Primeira parte

A ascensão

1917-1923

A III Internacional, a Comintern, nasceu da II Internacional, a Internacional Socialista, é verdade. Mas ela nasceu no fundo do abismo, da Primeira Guerra Mundial e dos indizíveis sofrimentos que ela trouxe à Humanidade, ceifando a vida de milhões de homens – alguns historiadores contemporâneos esquecem-no de bom grado. Sua luta pela paz, seu combate aguerrido contra a guerra – essa guerra monstruosa que se finge ignorar – legitimaram os bolcheviques de Lenin e deram à Revolução de Outubro uma explosão e uma atração incomparáveis. É este combate que constitui a pré-história da Internacional Comunista. Depois, a revolução russa construiu os alicerces sobre os quais ela despontou.

Ela não cresceu sem sofrimento. Os jovens homens que combateram em sua vanguarda aprenderam a viver na ponta das baionetas e acreditavam que a vitória seria daquele que atirasse primeiro. Há, nos anos da guerra, muitos mortos inúteis – e insubstituíveis. São anos de aprendizagem e derrotas. Os russos são os professores da escola, sempre respeitados, mas nem sempre ouvidos. Lenin e Trotsky terão que ralhar com os tenentes da "teoria da ofensiva", tentar, mas em vão, conservar Paul Levi no partido alemão, encontrar um terreno de entendimento em Praga com Šmeral, acalmar toda impaciência esquerdista. Eles devem lutar obstinadamente para que a Internacional tire as lições de seus primeiros passos, adote a política de frente única operária e a palavra de ordem de governo operário. Há, enfim, partidos comunistas de massa. Descobrimos, entretanto, que a vitória revolucionária não é uma questão de dias, ou de meses, mas de anos, de décadas talvez.

A Internacional é uma internacional da ação, mas também do confronto. E é no confronto aberto, apaixonado, que ela prepara, todas as tendências confundidas, a insurreição na Alemanha, a que está prevista e preparada em 1923.

Não, a vitória não veio ao encontro, Lenin morre e Trotsky é afastado.

Será que é a mesma história, a que continua?

Quando eles viram a obra de suas vidas destruída...

Aquele verão de 1914 – que a obra-prima, hoje injustamente esquecida da literatura francesa, *O Verão de 1914*, de Roger Martin du Gard, mostrara com enorme clareza o estigma do começo daquele século – é uma época sinistra na história da Humanidade. Com efeito, ela marca o começo da I Guerra Mundial e de incontáveis sofrimentos que desferiram duros golpes na esperança de um futuro pacífico.

O drama dos socialistas

Para os socialistas, em particular, é uma data terrível. Quer chamemos de "traição" ou de "falência", o drama é o mesmo: a Internacional dos trabalhadores, a Internacional dos socialistas, que eles construíram para transformar o mundo, para impedir a guerra e preparar um futuro fraternal e pacífico, desapareceu enquanto força de mudança social e de paz. Seguiria como nada além do que uma casca vazia, um reles rótulo.

Todos os partidos socialistas dos países beligerantes, salvo dois – o sérvio e o russo –, empunharam a bandeira da união nacional, alardeada pela classe dirigente: tornaram-se belicosos. Nos países neutros, os socialistas não foram muito melhores e o renegado Mussolini é o exemplo mais conhecido disso. Jean Jaurès, o grande tribuno francês, cuja voz de trovão parecia ser a única capaz de fazer recuar a guerra, morreu pelas balas de um miserável, viciado no ópio patriótico.

Todos os dias tombavam, no *front*, socialistas insubstituíveis nas tarefas que haviam assumido. Em mais de um país, lotavam as prisões ou partiam para um exílio longínquo. Para todas estas mulheres e homens, a obra se duas vidas acabara de ser destruída.

Uma pequena parte deles empreendeu-se em reconstruí-la, sem se queixar do trabalho em um só momento.

A Internacional para os tempos de paz

Não iremos aqui retomar velhas polêmicas. Alguns historiadores gostam muito de demonstrar o patriotismo das "massas", negando suas aspirações e até mesmo a existência delas quando tais aspirações são sociais, mas as descobrem com um estupor regojizante quando eles acreditam que elas se tornaram "patrióticas", isso, normalmente, a partir do momento em que toda opinião contrária é proibida. Deixemo-os com seus serviços auto-encomendados.

Falamos aqui do punhado de socialistas que sofreram, mas não abandonaram; baixaram a cabeça, mas não renegaram. Há mais deles do que imaginamos. Nós os descobrimos, ainda hoje, por meio de suas correspondências com suas famílias, nas lembranças inéditas e até mesmo em diários esquecidos de dossiês de arquivos ignorados.

Nós nos interessaremos aqui pelos que eram chamados então (e até por três quartos de séculos depois) de "militantes", ou seja, mulheres e homens que decidiram consagrar suas vidas ao movimento socialista e revolucionário, sem nenhuma distinção entre os dois adjetivos, pois os socialistas eram revolucionários e o objetivo da revolução esperada e preparada era o socialismo.

Em tese, ainda há uma Internacional e mesmo um Birô Socialista que é dirigido pelo belga Huysmans. Mas, a tragédia é que não há mais contatos entre os países socialistas em guerra uns contra os outros e isto mesmo que estes o aceitem, se resignem ou o reivindiquem. Muito socialista engoliu sua raiva ao ouvir que os contatos seriam restabelecidos após a guerra e que então tudo seria corrigido.

É fácil para os revolucionários ridicularizarem a idéia subjacente a esta resignação: não haveria possibilidade de uma Internacional a não ser em tempos de paz? Toda Internacional em tempo de guerra seria impossível? Aqueles que sustentavam semelhante posição não eram considerados de boa-fé por seus adversários. Para estes últimos, na guerra ou na paz e, mais ainda na primeira opção, uma Internacional é necessária.

Como reconstruir?

A partir desta proposição geral, as nuances variavam ao infinito, ao ponto de as fronteiras dos grupos, que defendiam soluções diferentes, tornarem-se fluidas.

Os que queriam continuar na "velha casa" invocavam o argumento de que ela era propriedade da classe operária em seu conjunto e que esta não a abandonaria tão facilmente ou que, mesmo que se afastasse por ora, o tempo e a força das circunstâncias fariam com que ela voltasse. Aí, então, poderíamos transformá-la.

Outros consideravam que esta "velha casa" era um campo de batalha e que neste terreno é que era preciso ganhar as massas. Não se tratava de se iludir, mas também não se tratava de abandonar a bandeira àqueles que a tinham corrompido. Era preciso reconquistar a Internacional por dentro e romper com seu passado de vilania: proclamá-la "outra" ou fundar uma nova.

Muitos entre os militantes dos grandes partidos – percebe-se isso principalmente na social-democracia alemã – tinham medo de se descolarem das massas ao se afastarem do partido; de se verem a frente de um grupelho, ou de uma seita, distantes do movimento real da classe e da massa profunda dos trabalhadores. Por vezes, a força das circunstâncias conduzirá estas pessoas a fazerem movimentos circunscritos dentro de outros movimentos, à guisa de bonecas russas.

Também havia aqueles que não tinham medo de se tornarem parte de uma seita ou de um pequeno grupo, pois já o eram.

E, finalmente, havia aqueles que pertenciam a uma organização independente e que não o temiam igualmente.

Militantes e grupos alemães[1]

A cada um o que lhe é devido. O Partido Social-Democrata Alemão (SPD) foi o modelo de organização e a matriz dos debates ideológicos no interior da Internacional. O russo Trotsky escreveu em 1914: "somos unidos por numerosos laços à social-democracia alemã. Passamos todos pela escola socialista alemã e aprendemos tanto as lições de seus êxitos como a de seus fracassos. A social-democracia alemã era para nós não somente *um* partido da Internacional. Ela era *o partido por excelência*"[2].

O naufrágio moral frente ao patriotismo do verão de 1914 foi o mais duro golpe. Mas, a resistência foi grande. Já havia alguns anos, a "esquerda" do SPD começara a se organizar para lutar contra o oportunismo e o apoio dado por aquele que era seu teórico até então, Karl Kautsky. Entretanto, eles não fizeram nada no plano da organização para se prepararem para a situação que eles teriam de enfrentar. Seus primeiros panfletos contra a guerra foram cartas manuscritas, expedidas aos endereços retirados do arquivo das mulheres socialistas: o aparato confiscara a liberdade de expressão do partido[3].

Dois grandes nomes entre estes "resistentes" simbolizam o passado antimilitarista e revolucionário: Karl Liebknecht e Franz Mehring.

O primeiro tinha 40 anos. Era filho de um dos fundadores do partido, Wilhelm Liebknecht. Mas, como nunca fora da panelinha, os homens do aparato não tinham nenhuma consideração por ele. Advogado, defensor dos pobres, dos emigrantes do leste,

1. Citaremos aos poucos as obras que nos parecerem essenciais.

2. "*La Guerre et l'Internationale*", em *La Guerre et la révolution*, p. 62.

3. Para o pré-guerra, nós utilizamos essencialmente o livro de Schorske, *German Social-democracy 1905-1917*.

sobretudo dos russos e dos simples soldados, ele foi o popular animador da Juventude, autor de um famoso relatório sobre *Militarismo e antimilitarismo* por ocasião do I Congresso do SPD, em 1906, que lhe custou uma condenação de 18 meses de prisão. Era um tribuno apaixonante, um combatente, um agitador, um símbolo, mas não era um cabeça político.

Franz Mehring é, ele mesmo, membro da geração dos pais-fundadores. Tinha 60 anos. Este distinto intelectual, valente combatente da democracia, veio ao socialismo na hora de sua perseguição e continuou fiel na hora de sua renegação. É crítico e historiador, inclusive da própria social-democracia alemã. Foi, depois de 1910, o "arrebatador" da esquerda; não será seu dirigente, mas somente o animador.

Com efeito, é do leste europeu que vem, no começo do século, os militantes e as idéias revolucionárias que tanto animaram os debates internos. A polonesa Rosa Luxemburgo, 43 anos na época, que dirigia à distância o partido social-democrata polonês, o SDKPiL, foi a líder mais incisiva da esquerda nos debates contra os revisionistas. Colocava em causa o oportunismo dos dirigentes, seu conservadorismo e o dos líderes sindicais e sua política não-assumida, o nacionalismo crescente e a adaptação ao imperialismo alemão. Era um cérebro poderoso, uma teórica de primeira grandeza, respeitada e freqüentemente odiada, escritora e jornalista talentosa, oradora e agitadora apaixonada. De volta à Polônia, em 1905, para participar da revolução, passou longos meses na prisão. Era uma verdadeira cabeça política da esquerda na Alemanha. Suscitava muito respeito, mas também profundo ódio, seja por ser mulher, judia, estrangeira ou mesmo por ser revolucionária.

Seu iniciador e durante muito tempo companheiro na vida, o polonês Leo Jogiches (Tyszka) é menos conhecido. Aos 40 anos, ele é um especialista na atividade clandestina, um homem das sombras, terrivelmente eficaz que, logo após sua ruptura pessoal com Rosa, decidiu servir de braço para as questões materiais e de organização, nas quais ele excede, com talentos que o fazem temido.

Fato importante, Rosa e Jogiches são os únicos no partido alemão que tem uma autêntica experiência da revolução, da clandestinidade, da prisão. Ambos desempenharam um papel importante na Polônia, ao longo da revolução russa de 1905, durante a qual foram perseguidos, detidos e durante muito tempo aprisionados[4].

Atrás deles, há numerosos quadros sólidos dentre os mais antigos: citemos somente a animadora das Mulheres Socialistas Clara Zetkin, de 57 anos, bem conhecida na Internacional, amiga pessoal de Rosa. Há também centenas de jovens intelectuais e, sobretudo, de operários socialistas, da indústria ou do exército, que não renunciaram ao socialismo.

Numerosos quadros foram alunos de Rosa Luxemburgo na escola do partido. Dentre eles, Paul Frölich e August Thalheimer, ambos com 30 anos, que se tornaram jornalistas e resolutamente "de esquerda". Não faltaram operários de talento, como o pedreiro de 33 anos Heinrich Brandler, os metalúrgicos Fritz Heckert, 30 anos, Jakob Walcher, 27

4. Dentre as biografias de Rosa Luxemburgo, as mais completas são as de P. Frölich, J.-P Nettl e G. Badia.

anos, o sapateiro Willi Münzenberg, de 24 anos e, apesar da traição de muitos jovens intelectuais, há outros que passaram ao primeiro plano justamente nos momentos decisivos: tal como Paul Levi, 31 anos, advogado de Rosa e seu companheiro nos meses que precederam a guerra.

Citemos este militante à parte, pois ele é realmente um homem à parte, o galiciano que militou de início no partido polonês de Rosa Luxemburgo. Trata-se de Karol Sobelsohn, que se tornou jornalista na Alemanha, onde se instalou em 1908. Um franco-atirador que Rosa execra, que ficou conhecido sob o pseudônimo de Karl Radek, 29 anos, cara de macaco e dono de uma pena ácida; freqüentemente acusado de deslealdade e até mesmo de indelicadeza. Isolado, excluído do partido alemão, ele se refugia na Suíça e se liga a Lenin, a quem ajuda a constituir uma fração internacional. Depois se choca com ele em torno da questão da autodeterminação nacional[5].

De agosto de 1914 aos primeiros movimentos de massa

Rosa é o motor da resistência à guerra. De início, ela subestima a tarefa, mas percebe sua amplitude sem a menor ajuda do aparato, face à dupla repressão, tanto do Partido Social-Democrata, quanto do Estado. Entretanto, rapidamente, militantes operários, com meios artesanais, mas com um moral inquebrantável, trazem sua ajuda. Rosa publicará as primeiras "Cartas a *Spartakus*" em torno das quais, numa organização estritamente controlada por Jogiches, se juntam às forças decididas a combater a guerra.

Karl Liebknecht, na reunião do grupo de deputados, lutou a favor do voto contra os créditos de guerra, mas se curvou diante da "disciplina". Repreendido duramente por Rosa, copiosamente criticado pelos metalúrgicos de Stuttgart, ele se alinha em seguida com seus camaradas de esquerda. Seu voto contra os créditos de guerra em dezembro de 1914, sua fórmula "o inimigo principal está dentro de nosso país" e, finalmente, sua prisão em 1° de maio de 1916, quando manifestava em seu uniforme de territorial no centro de Berlim distribuindo panfletos contra a guerra, fazem dele um herói internacional[6].

Em 1916, ambos estão na prisão. Mas, para milhares de trabalhadores e mesmo para milhares de soldados franceses entrincheirados, eles são uma bandeira de revolução, os melhores discípulos da velha escola socialista, os que não renegaram seus ensinamentos. O grupo que eles fundaram, privado de numerosos militantes, mortos no combate ou condenados à prisão, continua uma precária atividade clandestina. No início, chamado de Grupo Internacional, se torna o Grupo *Spartakus*. Em maio de 1916, o grupo clandestino dos operários social-democratas das grandes indústrias de Berlim, os Delegados Revolucionários (*Revolutionäre Obleute*), que estava se tornando uma verdadeira direção revolu-

5. Utilizamos por esta apresentação essencialmente P. Broué, *Révolution en Allemagne 1918-1923*.

6. Élie Reynier, que foi meu grande mestre, contou-me que soubera desta manifestação por uma padeira francesa, não muito longe do *front*. Ela, por sua vez, soubera por um prisioneiro alemão.

cionária dos trabalhadores berlinenses, organiza uma greve de protesto de 55 mil metalúrgicos em solidariedade a Liebknecht, que seria julgado[7].

Os russos

Estando Plekhanov ligado à união sagrada com o czarismo contra o militarismo alemão, os social-democratas russos hostis à guerra, os revolucionários que denunciaram a falência da Internacional, não contavam com ninguém que tivesse o prestígio de uma Rosa Luxemburgo ou de um Karl Liebknecht. Entretanto, eles dispunham de um trunfo considerável. Eles tinham um partido, coisa que os amigos de Rosa, não – e era precisamente ela quem dizia, então com toda convicção, que mais valia o pior dos partidos que partido nenhum. Havia pouco tempo, ocorrera a cisão no seio do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), mas Lenin e sua "fração" bolchevique conservaram a maioria, donde o título e a legitimidade do partido histórico dos trabalhadores e dos socialistas russos.

Certamente, os russos eram desconhecidos nas fileiras dos partidos europeus da Internacional, mas eram conhecidos, embora não bem-quistos, em seus congressos e em seus estados-maiores. Eram repreendidos por seu radicalismo, até mesmo por um certo aventureirismo. Na realidade, tratava-se de conspiradores, de revolucionários forjados na atividade clandestina, que conheciam a prisão, os trabalhos forçados e o exílio de muitos anos, mas também, as evasões espetaculares, a fuga para o exterior; a ajuda e a solidariedade internacionais.

No resto do mundo, Lenin (Vladimir Ilyitch Ulianov), 44 anos, é um pouco conhecido. Fundou, no estrangeiro, a *Iskra*, jornal ao redor do qual se organizaram, no Império Russo, os grupos clandestinos de operários social-democratas e revolucionários profissionais. Enquanto chefe incontestável da fração bolchevique (majoritária), ele liderara a cisão com os mencheviques. É um verdadeiro europeu, que viveu na Polônia, Alemanha, França e na Suíça, onde ele viverá durante a guerra. Deu batalha nos congressos internacionais contra o oportunismo e as "intrigas", sobre a questão das "expropriações" e das finanças. Ele está na Suíça quando estoura a guerra e, atordoado pelo golpe, recusa-se a acreditar na "traição" dos social-democratas alemães. É um excelente debatedor, mais pedagogo do que tribuno e um polemista temido, com um estilo incisivo.

De seu entorno, conhece-se principalmente seu tenente em emigração, Radomylsky, conhecido também como Zinoviev, 31 anos, cujo apelido era Gricha e que sofre de muita má reputação, porque é a ele que Lenin confia seu trabalho sujo. O que não se sabe é que ele é um orador de fôlego inesgotável, pois nunca encontrou uma platéia a sua altura. O homem de confiança de Lenin é Alexandre, o metalúrgico Chliapnikov, dito Belenin, 30 anos. Viveu na Europa ocidental de 1908 a 1914, fala bem francês, um pouco de alemão e

7. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 78-79.

de inglês. No início de 1914, ele volta a São Petersburgo, com um falso passaporte francês, trabalha na indústria e retorna a Estocolmo, em setembro, para organizar o transporte na Rússia, via Suécia, das cartas, dos homens e da "literatura" socialista. Começa imediatamente a trabalhar, depois de tomar contato com os homens que já contribuíram nesta tarefa, após um encontro com Lenin em 1910, os socialistas Zett Höglund e Ström: desde novembro, o correio circula e o *Sotsial-Demokrat* é expedido dentro de lotes de botas. Assim, Lenin retomou contato com seu partido.

Quando das primeiras condenações dos dirigentes bolcheviques, Chliapnikov envia a Petrogrado um dirigente socialista sueco, Gustav Möller, disfarçado de "empresário". Ele mesmo permanece de abril a agosto em Londres, trabalhando na Fiat e consegue obter material para falsificar documentos e dinheiro para sua tarefa. Em seu retorno, ele volta quase imediatamente para a Rússia, tendo por missão estabelecer uma sólida "rota do norte" e um birô do partido na capital. Conseguiu chegar a Petrogrado, a última escala de sua viagem, recebendo o apoio de militantes finlandeses. Em que pese a resistência do birô de Petrogrado e graças às contribuições financeiras do grande escritor Máximo Gorky, ele criou o "Birô do CC", como Lenin lhe pedira e, após quatro meses, em fevereiro de 1916, retornou, depois de estar seguro de que tudo funcionava bem.

Ao retornar descobre um fato perigoso. Um ex-militante, que se tornara nacionalista estoniano, Alexander Kesküla, aproveitou de sua posição na rede para "informar" os alemães, incita a "usarem" Lenin e os bolcheviques. A polícia sueca aguarda ansiosamente, Bukharin será expulso; os militantes suecos serão presos e condenados. Refugiado em Oslo, Chliapnikov tem que ir até os EUA conseguir dinheiro, ficando fora da Europa de junho a outubro de 1916, data de seu retorno a Petrogrado. Após seu regresso, ele refundará um "Birô do CC", que permanece no mesmo lugar até explodir a revolução. Seu papel, durante estes três anos, foi fundamental[8].

Os nomes de Kamenev, 31 anos, intelectual culto e discreto, deputado na Duma, que recusou em se reconhecer "derrotista" perante o tribunal em 1915, e de Malinovky, 38 anos, metalúrgico futriqueiro e falador – na verdade, agente provocador da polícia czarista, a Okhrana –, líderes dos bolcheviques na Duma, não são conhecidos senão por raros iniciados. A massa dos quadros – revolucionários profissionais, trabalhadores da indústria, intelectuais – é totalmente desconhecida no Ocidente e, sem dúvida, dirigentes e militantes não imaginam mesmo o que pode ser esta poderosa vanguarda forjada no trabalho clandestino, entusiástica e disciplinada.

Fora do Partido bolchevique, mas se aproximando cada vez mais dele, após a ruptura com a fração menchevique em 1906, encontra-se Trotsky, ou Lev Davidovitch Bronstein, 33 anos, o único homem desta geração de revolucionários que desempenhou, ainda bem jovem, um papel preeminente numa revolução, já que em 1905, aos 26 anos, foi presidente do soviete de São Petersburgo. Fez fama mundial por sua retumbante defesa, acu-

8. O exposto aqui foi reconstruído a partir do livro de M. Futtrell, *Northern Underground* e do de A. Chliapnikov, *On the Eve of 1917*.

sando o regime czarista, quando de seu processo. Jornalista, ao percorrer a Europa antes da guerra, Trotsky fico bem conhecido em todos os partidos socialistas. No verão de 1914, ele conseguiu se instalar em Paris, onde trabalhou como correspondente de guerra de um jornal da Ucrânia. Rapidamente, ele edita na capital francesa um diário internacionalista legal, que mudava freqüentemente de nome devido a repressão: o mais ilustre foi *Naché Slovo* (Nossa Palavra). Contudo, em 1916, a polícia francesa o expulsa. Da Espanha, onde ele estivera preso, ganha os EUA e ocupa rapidamente um lugar importante no seio do partido socialista americano.

Neste país, ele encontrou o jovem bolchevique Nikolai Bukharin, vindo da Suécia, que se opôs a Lenin sobre a questão da autodeterminação nacional. Bukharin e Trotsky estavam em desacordo sobre os ritmos da cisão e da construção de novas organizações, que o primeiro deseja construir imediatamente. Entretanto, a revolução russa estoura antes da revolução americana. Trotsky, seguido de perto por um agente secreto britânico, que faz com que ele seja deportado e preso no Canadá, consegue a duras penas voltar para a Rússia. Em sua chegada, ele descobre uma verdadeira organização de aproximadamente 150 membros, que conseguiu criar antes da guerra e que o reivindica, é a "organização interbairros". Rapidamente, com ela, ele se junta a Lenin e ao Partido Bolchevique[9].

Dois homens à parte

Dentro do campo dos adversários da guerra, cresce o papel de um homem excepcional por sua personalidade e que não se enquadra em nenhuma categoria. Khristian Rakovsky (ou Christian Racovski) que tinha 41 anos em 1914. Nasceu búlgaro, mas, em 1914, adquire nacionalidade romena e se torna chefe do partido socialista deste país. Já militou na Suíça, onde organizou um congresso internacional de estudantes, na França, na Alemanha e na Rússia. Herdara uma grande fortuna, que permitiu com que ele vivesse e financiasse as atividades e os jornais socialistas. Financiou o *Iskra*. Financiava também seu próprio partido, mas também o jornal de Trotsky em Paris. Enquanto cidadão de um país neutro de 1914 a 1916, ele tinha facilidades de comunicação e de locomoção. Não dispunha propriamente de um aparato, mas de uma rede extremamente rica e variada. Ele gozava também de um enorme prestígio pessoal dentro das fileiras socialistas e é lá, sem dúvida, que é preciso procurar as origens das calúnias que vão persegui-lo durante toda a guerra, tentando fazer dele um agente da Áustria, depois da Alemanha, do "estrangeiro" em todo caso, como convêm quando se quer designar alguém a seu algoz.

Este internacionalista verdadeiramente internacional já era há muitos anos membro do Birô Socialista Internacional (BSI) da II Internacional e animava os partidos social-democratas dos Bálcãs, cujas unidades ele conseguiu federar. Amigo pessoal de Trotsky, era uma figura legendária, porque foi ele que tornou conhecida a epopéia e a odisséia dos

9. Ver P. Broué, *Trotsky*.

marinheiros do *Potemkin*, do qual ele fora o eficaz protetor em 1905. Conseguiu levar o partido romeno e os outros partidos balcânicos a se oporem à guerra. Por conseguir, durante a I Guerra, entrar em contato com Lenin, Trotsky e até mesmo com Paul Levi, o representante da *Spartakus*, ele se tornou o inspirador e, numa larga medida, o organizador das conferências socialistas e do nascimento do movimento antiguerra que ficou conhecido como "zimmerwaldiano". Adversário da entrada da Romênia na guerra, alvo de inúmeros atentados, ele foi literalmente seqüestrado pela polícia romena e desaparece na prisão em setembro de 1916. Já tinha cristalizado em sua pessoa muita esperança. Seu nome, tal como o de Trotsky, é conhecido dos socialistas do mundo inteiro. Ele desempenha um papel importante na pré-história de nosso assunto[10].

O escocês John Maclean, o muito popular Johnny, 35 anos em 1914, professor, socialista antiguerra, partidário do derrotismo revolucionário, fundador da Faculdade Operária da Escócia em Glasgow, era a autoridade reconhecida da classe operária da bacia do rio Clyde. Os russos consideravam-no como igual a Liebknecht. Ele mesmo se considera, depois de 1915, como um "leninista"[11].

Grandes divergências

Não é tarefa fácil tentar dar uma guinada do tamanho da que se propunham estes homens e mulheres. Milhões de trabalhadores, mesmo que desapontados, profundamente decepcionados, não mudam de partido e muito menos de Internacional, como quem muda de roupa, após tê-la por muito tempo.

Todos estes que acabamos de conhecer e de serem sumariamente apresentados estavam convencidos de que a II Internacional tinha realmente falido e de que era preciso substituí-la por outra que fosse, por sua vez, capaz de realizar devidamente sua tarefa. Entretanto, uma série de questões – tão difíceis de serem resolvidas quanto era fundamental a existência da nova Internacional – estavam colocadas. Qual Internacional? A mesma, renovada? A mesma, melhorada? Uma outra, sobre bases novas? Qual? Quando? E, por último, embora principalmente, como? Pois, os partidos da II Internacional ainda estavam lá e não iriam morrer de morte natural, mesmo que bem doentes. E se, com otimismo, nós os considerássemos mortos, era evidente que faltaria ainda limpar o caminho de seus cadáveres e restos amontoados e que a nova Internacional não avançaria no mesmo ritmo como se estivesse numa ampla avenida retilínea.

Com efeito, desde 1914, apareciam divergências consideráveis entre as posições de Lenin, Rosa Luxemburgo, Liebknecht, Trotsky e Rakovsky.

10. P. Broué, *Rakovsky*.

11. W. Kendall, *The Revolutionary Movement in Britain*.

As perspectivas de Lenin

Em 24 de agosto de 1914, Lenin é o primeiro a se exprimir por meio de um projeto de texto para o comitê central. Segundo ele, face à guerra "burguesa, dinástica, imperialista", a atitude dos dirigentes socialistas é uma "traição pura e simples ao socialismo"; ele não os reprova por não terem podido impedi-la, mas de terem se aliado naquilo que chama de posição criminosa de seus governos, abandonando, assim, a posição da classe operária. São os social-democratas alemães que carregam a responsabilidade principal, no curso dos eventos, daquilo que Lenin chama de falência ideológica e política da Internacional. Contudo, a razão histórica desta falência é, segundo ele, "o oportunismo burguês", fruto da pressão das camadas privilegiadas dos trabalhadores, da aristocracia operária mais bem paga e da burocracia operária dos partidos e dos sindicatos.

Agosto de 1914 marca a seus olhos uma inflexão no desenvolvimento do socialismo, até então relativamente pacífico, colocando na ordem do dia a entrada num período de ações revolucionárias, a ruptura com o oportunismo e sua expulsão dos partidos operários. Para transformar a guerra imperialista em guerra civil, não é a unidade da classe operária que é necessária, mas sua unidade revolucionária. Por tudo isso, é preciso passar pela cisão e, desde já, prepará-la.

Em *Socialismo e a Guerra*, é delineada, por Lenin, as perspectivas. Para fundar uma nova Internacional, é preciso que haja vontade em vários partidos e, deste ponto de vista, é a Alemanha que constitui o setor decisivo. Se as condições amadurecessem para que fosse construída uma nova Internacional desvencilhada do oportunismo e do chauvinismo, o Partido Operário Social-Democrata (bolchevique) tomaria seu devido lugar nela. Se a transformação e a depuração se anunciarem mais longas, o partido continuaria na antiga Internacional até que se constituísse em diferentes países a base de uma associação operária internacional que se situasse no terreno do marxismo revolucionário[12].

Perspectivas de Rosa Luxemburgo

Todo mundo, e em primeiro lugar Lenin, compreendia que o pequeno grupo que se constitui nos primeiros dias da guerra em torno de Rosa Luxemburgo é chamado a desempenhar um papel decisivo na questão da Internacional. Este grupo tinha acordo com Lenin sobre a constatação da falência da II Internacional e a necessidade histórica da III. Mas, a partir daí, os desacordos começam. Ao seu amigo Kostia Zetkin, que tinha acabado de lhe comunicar que queria "pedir demissão do partido", Rosa Luxemburgo, em 2 de agosto de 1914, deu esta resposta, característica de seu modo de funcionamento intelectual: "Seu 'pedido de demissão do partido' me fez rir. Projeto de homem, você por acaso não gostaria de 'pedir demissão da espécie humana'. Em presença de fenômenos históricos desta amplitude, toda raiva deve ceder lugar a uma reflexão fria e a uma ação obstinada"[13].

12. Lénine, *Œuvres*, t. XXI.

Rosa Luxemburgo parece considerar que Lenin restringe singularmente as causas da falência. Ela não contesta o papel do oportunismo, embora dê muita atenção para as questões de organização. Ela sublinha, com efeito, que a social-democracia alemã, profundamente ferida, não poderia voltar a ser "uma força revolucionária ativa", só graças ao que ela chama "de simples programas e manifestos, uma disciplina mecânica ou formas de organização obsoletas"[14]. Pois, a seus olhos, o fato de que um organismo de quatro milhões de homens, a social-democracia alemã, tenha podido ser constrangido por um "punhado de parlamentares" a dar meia-volta e recuar sobre sua própria razão de ser, coloca em questão suas virtudes tão celebradas, em particular as de sua "organização" e de sua "famosa disciplina". Para Rosa, o fator decisivo na história é a vontade consciente das grandes massas, a consciência de classe; a intervenção resoluta e enérgica dos revolucionários no seio da classe operária. Portanto, nada de cisão, mas de ação sem reservas contra a traição e pela mobilização dos trabalhadores na luta contra a guerra. Nada de "derrotismo revolucionário", nem de "transformação da guerra imperialista em guerra civil", como propõe Lenin, mas uma luta contra a guerra desenvolvendo-se a "vontade consciente das grandes massas"[15] na ação.

Entretanto, em vários momentos, a discussão parece estar emperrada numa certa confusão. Em 1915, Karl Liebknecht lançou sua fórmula célebre "o inimigo principal está dentro de nosso país" e escreveu "Nada de paz civil. Guerra civil!", justamente afirmando que a nova Internacional nasceria das ruínas da antiga, o que encantou Lenin. Contudo, no ano seguinte, ele retoma a tese de Rosa: a Internacional não será reconstruída por uma "dúzia de pessoas", mas pela "ação de milhões de Homens".

Em janeiro de 1917, Rosa Luxemburgo ainda dizia claramente: "sempre é possível sair de pequenas seitas ou de pequenos cenáculos e, se não quisermos continuar nestes, podemos construir novas seitas e novos cenáculos. Contudo, não passa de um devaneio irresponsável desejar libertar toda a massa de proletários do mais pesado e mais perigoso jugo da burguesia por uma simples '*saída*'"[16].

Os outros atores

Numa brochura sobre *A Internacional e a Guerra* publicada na Suíça e difundida clandestinamente na Alemanha pela esquerda, Trotsky igualmente posicionou-se desde o verão de 1914. Em agosto, no prefácio de *A Internacional e a Guerra*, que provocou os primeiros reagrupamentos, ele explica o gigantesco trabalho cumprido pela II Internacio-

13. G. Badia, *Rosa Luxemburg épistolière*, p. 197.
14. *Spartakusbriefe* (ed. 1958), p. 139.
15. Citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 81.
16. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 82.

nal no domínio da cultura e assume que a nova época ensinará ao proletariado a "combinar as velhas armas da crítica com a nova crítica das armas". Afirma: "não é o socialismo que fracassou, mas sua forma histórica exterior temporária. A nova idéia revolucionária nasce ao romper sua rígida carapaça [...]. A velha toupeira da história cava, bem neste momento, suas galerias e ninguém é capaz de detê-la". Garante também que seu livro inteiro é, "da primeira à última página, escrito tendo em mente a idéia da nova Internacional, sempre presente, que deve nascer do cataclismo mundial atual, a Internacional do último confronto e da vitória final"[17]. Entretanto, quanto mais ele se aproxima de Lenin; mais a polêmica se acirra entre eles. Com efeito, Lenin reprova-lhe sua lentidão em romper com os elementos pacifistas e sua recusa em aceitar o "derrotismo revolucionário".

A mesma coisa ocorre com Rakovsky, de início numa posição "neutralista" com seu partido, mas que Trotsky conduz pouco a pouco para uma posição de classe fortemente antichauvinista, mesmo que Lenin não poupe críticas ferozes aos dois. Rakovsky começou com uma polêmica contra os socialistas franceses que exerceu grande influência no seio do movimento operário francês, o Partido Socialista e a CGT. Em 1916, ele lança e faz com que aclamem a palavra de ordem da III Internacional num ato de massas em Berna.

John Maclean, que durante toda a guerra teve um comportamento heróico, não participou dos grandes debates. Ele leciona economia marxista, organiza, anima greves e manifestações operárias. É um revolucionário, partilha do "derrotismo revolucionário", mas escreve mais páginas sobre a necessidade do Partido Comunista Escocês que sobre a Internacional Comunista, que, entretanto, fará dele um de seus presidentes de honra.

Os outros atores são membros de frações e de pequenas organizações já citadas, que se desdobram para: tiragem e distribuição de panfletos, difusão dos textos teóricos, de brochuras clandestinas, viagens como mensageiros ou portadores de materiais; agentes de ligação. Em todos os países beligerantes, eles se encontram na prisão e são enviados ao *front* quando estão em idade de empunhar armas.

Contudo, duas exceções: os elementos avançados dos PSs dos países neutros que servirão de apoio à atividade internacional. Na primeira fileira, o suíço Fritz Platten.

E as "massas", movimentam-se? Um pouco. Alguma mobilização, isto é, a oposição à guerra passa dos cenáculos e das discussões internas e chega até às indústrias e ruas, se desenvolvendo a luta contra suas conseqüências. O vale industrial do rio Clyde, na Escócia, é um teatro de agitação contínua. Já, em novembro de 1915, nove mil trabalhadores fizeram greve durante 18 dias. Quando, em 5 de janeiro de 1916, o governo propõe um projeto de lei sobre a conscrição, os trabalhadores do comitê do Clyde são os primeiros a reagir e organizar a agitação.

Em seguida, o russo Piotr Petrov (na Escócia, Peter Petroff), ligado a Trotsky e a Lenin, colaborador de Maclean, marido da ex-correspondente da imprensa social-democrata alemã Irma Hellrich, é preso. Em 6 de fevereiro, Maclean o é também, depois é encarcerado em Edimburgo. Em 11 de abril de 1916, ele é condenado pela Alta Corte a três

17. Citado por P. Broué, *Trotsky*, p. 146-147.

anos de prisão e é enviado à penitenciária de Peterhead. Mas, em meados de julho de 1916, duzentos mil mineradores fazem os patrões e o governo recuarem sobre as regras repressivas que pretendem aplicar. Em novembro, são os metalúrgicos de Sheffield que se rebelam contra a questão do controle das *sursis**[18].

Em Berlim, por diversas ocasiões em 1915, ocorreram manifestações de algumas centenas de mulheres sobre o abastecimento, de muitas milhares de pessoas,em novembro de 1915, na avenida Unter den Minden em Berlim, e algumas semanas mais tarde em Neukölln e na Potsdamen Platz, todas organizadas sistematicamente por panfletos mimeografados[19]. Criou-se uma dialética entre as iniciativas dos grupos e a resposta na rua.

Em julho de 1916, grandes manifestações ocorreram na Romênia contra a eventual entrada do país na guerra. A polícia responde a tiros em Galatzi, deixando seis mortos e numerosos feridos. O governo romeno prende Rakovsky, depois o liberta precipitadamente por temer não ser capaz de conter a reação operária[20].

Aleksandr Chliapnikov deu, em suas memórias da época, uma descrição da posição dos bolcheviques clandestinos na Rússia em guerra:

> Nossas pequenas organizações, dispersas ao redor das indústrias, das fábricas e das minas, se preparavam para a luta. Naquela época, elas não tinham nenhuma receita militar a sua disposição e também não estavam tão bem armadas quanto os destacamentos policiais do czar; mas isto não desmoralizava nossos combatentes armados, que estavam somente com uma sede de combater e ganhar. Todo trabalhador tinha a idéia, mais ou menos vaga, que sobre esses grossos capotes cinzas, os corações dos soldados batiam ao ritmo de seus próprios desejos. A tarefa do proletariado, era de conduzir o exército em um *front* revolucionário contra o czar, os grandes proprietários, a burguesia e a guerra[21].

Desde o fim de 1916, estouram greves operárias em Lugansk, principalmente, depois em Petrogrado; em Moscou, manifestações dos soldados de um regimento de infantaria contra a repressão da greve pela polícia de uma indústria vizinha, além de greve política contra o processo da organização clandestina dos marinheiros bolcheviques. O partido existe, mais forte, sem dúvida, do que em qualquer outro país – três mil clandestinos em Petersburgo, segundo um relatório de Chliapnikov, mais 150 em Nijni-Novgorod e 120 em Kharkov –, onde acreditava-se que a revolução social não demoraria muito a explodir[22].

* "Sursis" é o dispositivo jurídico, existente notadamente no direito francês, que dispensa um condenado de cumprir sua pena total ou parcialmente, sendo anulado em caso de reincidência. [N. do T.]

18. W. Kendall, *op. cit.*, p. 116-140.

19. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 76.

20. P. Broué, *Rakovsky*, p.190.

21. A. Chliapnikov, *op. cit.*, p. 225.

22. Relatório do mesmo, *ibidem*, p. 181-184.

Contatos intenacionais

Logo os contatos são retomados entre os socialistas adversários da guerra, sejam eles de nuance "pacifista" ou da tendência "revolucionária". Os socialistas dos países neutros desempenham neste aspecto um papel decisivo. Em geral, eles são os pacifistas, que Lenin chama de "centristas". E não poderia ser diferente, pois os principais representantes das outras correntes revolucionárias recusam a caminhar com Lenin e os bolcheviques na estrada que leva à nova Internacional.

Aliás, há até mesmo desacordo sobre os objetivos da luta: tanto os alemães do grupo de Rosa Luxemburgo quanto Trotsky recusam a noção de "derrotismo revolucionário", a qual Lenin dá enorme importância na medida em que lhe parece ser a única que poderia unir os socialistas de um país em guerra, pois, nesta perspectiva, eles devem se localizar exatamente do lado oposto aos chauvinistas, ao trabalhar pela derrota de sua própria burguesia, isto é, da burguesia mundial. Rosa Luxemburgo e Trotsky estimam, por sua vez, que a luta contra a guerra, quando não balizada por nenhuma preocupação nacional, é, em si mesma, revolucionária.

As coisas não podiam andar rápido. Lenin sabe disso e escreve:

> Para fundar uma organização marxista internacional, é preciso que a vontade de criar partidos marxistas independentes exista em diferentes países. A Alemanha, país do movimento operário mais antigo e mais potente, tem uma importância decisiva. O futuro próximo mostrará se as condições estão já maduras para a constituição de uma nova Internacional marxista. Se sim, nosso partido adirá com prazer a esta III Internacional depurada do oportunismo e do chauvinismo. Posto de outra forma, isto quer dizer que esta depuração exige uma evolução mais ou menos longa. Neste caso, nosso partido formará a oposição mais extrema no seio da antiga Internacional até que se constitua nos diferentes países a base de uma associação operária internacional se situando no campo do marxismo revolucionário[23].

Inicialmente, de resto, os bolcheviques estavam num isolamento quase completo. Os únicos com que eles puderam se aliar foram pequenos grupos quase marginais: os social-democratas holandeses, que formaram o grupo "tribunista" dos Países Baixos, a poeta Henriette Roland-Holst, 55 anos, e dois militantes influentes na Alemanha, o grande astrônomo Anton Pannekoek, 41 anos, e o poeta Hermann Gorter, 50 anos. Com este grupo, há os militantes de Bremen, próximos de Pannekoek, que têm ligações com o *Bremen-Bürgerzeitung*, Karl Radek e o grupo berlinense de Julian Borchardt, 46 anos, que edita o *Lichtstrahlen* e que constituirá os Socialistas Internacionais da Alemanha (ISD). Os bolcheviques exilados na Suécia, com Bukharin, estabelecem outros contatos. Podemos acompanhar na correspondência de Lenin, notadamente com Radek, seus esforços e es-

23. Lénine, *Œuvres*, t. XXI, p. 342.

peranças para a constituição de um grupo internacional, chamado *Stern* (Estrela), que acabará não nascendo.

A intervenção de Rakovsky

Rakovsky, que era membro do Birô Socialista Internacional, já desempenhara um papel determinante na recusa do PS sérvio a votar os créditos de guerra. Sua correspondência com o guesdista* Charles Dumas foi decisiva para a organização dos adversários da guerra na França. A corajosa atitude do partido romeno reforçara seu prestígio. Suas iniciativas ao longo de 1915 fazem dele um ator de primeira grandeza na cena do socialismo internacional. Seu objetivo é o de reagrupar os adversários da união sagrada na guerra. Pega seu cajado de peregrino.

Em fins de fevereiro de 1915, ele está em Roma, tomando contato com o PSI e depois vai até a Suíça para encontrar os dirigentes do PS suíço. Em maio, em Paris, ele passa um longo tempo com Trotsky, a quem presta contas de suas discussões e com quem prepara as linhas mais gerais da conferência que os socialistas suíços convocariam. Em seu retorno, passa novamente pela Suíça para se reencontrar com Lenin, informá-lo e conhecer suas intenções. Ele garante a todos que o proletariado pode colocar um fim na guerra, como mostrou a guerra dos Bálcãs, que foi encerrada "quando os socialistas fizeram greve nas trincheiras e proclamaram a idéia da luta de classes".

Em julho, ele está em Bucareste na conferência – que ele mesmo convocara – dos partidos social-democratas da Sérvia, da Romênia, da Grécia e do partido dos *tesnjaki* búlgaros. Ele conduz habilmente a conferência e consegue votar um manifesto exigindo o fim da guerra, uma posição de princípio contra "a colaboração de classes, o social-patriotismo, o social-imperialismo e o oportunismo" e faz com que ela envie a expressão de sua profunda admiração à Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht e aos socialistas de todos os países beligerantes que continuaram "leais à Internacional". A constituição desta Federação Balcânica é, por todas as evidências, uma maneira espetacular de "restabelecer a Internacional", segundo a fórmula que ele utiliza[24].

Zimmerwald

A conferência socialista internacional ocorreu no pequeno vilarejo de Zimmerwald de 5 a 8 de setembro de 1915. O PS suíço convidou todos os partidos e organizações operários prontos a lutarem contra a guerra pelos métodos da luta proletária de classe e opos-

* Partidário das teses do socialista francês Jules Bazile, dito Jules Guesde (1845-1922) que durante a I Guerra Mundial defendeu posições nacionalistas [N. do T.]

24. P. Broué, *Rakovsky*, p. 109-111.

tos à "paz civil", pregada pelos partidários da união sagrada. Compareceram 36 delegados, provenientes de 19 países, portando somente alguma bagagem (como assinalou Trotsky) e vindos em quatro carros. Ninguém do grupo de Rosa Luxemburgo compareceu.

Os presentes se dividiram em três tendências: a maioria, que está pronta para reivindicar a paz geral, mas que recusa a perspectiva de romper com a II Internacional; a minoria de oito delegados, a esquerda, conduzida por Lenin, que se pronunciava pela criação da III Internacional. Entre as duas, um centro, com Rakovsky, Trotsky, Angelica Balabanova e o suíço Grimm[25].

O *Manifesto*, redigido por Trotsky e contra o qual Lenin e Rakovsky se chocaram seriamente, coloca a ênfase na luta conta a guerra pelos meios de classe; na recusa categórica e definitiva de toda união sagrada. Lenin e a sua tendência se pronunciaram contra na comissão, mas votaram a favor em sessão plenária. Lenin explica "que este manifesto dá um passo adiante em direção a uma verdadeira luta contra o oportunismo, em direção à sua ruptura e separação. É um fato. Nós seríamos sectários se nos recusássemos a dar este passo adiante juntos"[26].

Ao final da conferência, a maioria constituiu uma Comissão Socialista Internacional (CSI) da qual fazem parte notadamente Angelica Balabanova e Rakovsky. O grande discurso deste último em Berna, no dia 8 de fevereiro de 1916, uma tomada de posição retumbante em favor de uma nova Internacional[27], suscitará uma avalanche de calúnias, que faziam dele um "agente alemão"[28].

Lenin põe-se a organizar a esquerda de Zimmerwald com os amigos de Pannekoek e Karl Radek. Não foi um sucesso imediato, havia problemas com Radek - ainda sobre a questão da autodeterminação nacional - e, finalmente, Pannekoek não encontrou dinheiro que permitisse a publicação além do nº 2. De todo modo, como escreveu Radek, o que conta é que, ao se associarem ao movimento zimmerwaldiano, os militantes revolucionários partilhavam da idéia de que "era impossível formar de cara uma nova organização de combate a partir dos destroços da antiga Internacional"[29].

Novos pontos de apoio

Na verdade, as novas forças começavam a se libertar da luta de idéias e dos combates de classe, que estavam renascendo em numerosos países e freqüentemente sob a influência direta dos refugiados revolucionários russos.

Na França, Trotsky e o grupo de *Naché Slovo* se ligaram ao núcleo sindicalista revo-

25. A bibliografia é abundante; retomamos aqui nosso *Rakovsky*, p.111-112.
26. *Sotsial-demokrat*, 11 de outubro de 1915.
27. P. Broué, *Rakovsky*, p. 115.
28. *Ibidem*, p.113-118.
29. K. Radek, *Lichtstrahlen*, n. 1, 3 de outubro de 1915.

lucionário de *La Vie ouvrière* de Pierre Monatte e Alfred Rosmer, que trabalhava de início na CGT e que depois se estendeu até o PS, com elementos socialistas como Fernand Loriot e o jovem intelectual Raymond Lefèbvre. Sindicalistas e socialistas antiguerra se juntarão ao Comitê para a Retomada das Relações Internacionais. A influência do *Naché Slovo* é européia. O bolchevique Petroff, que emigrou em 1907, e o operário alfaiate Fineberg traduziram na Grã-Bretanha os principais artigos de Trotsky e fizeram notadamente com que Maclean os conhecesse e escrevesse a Trotsky contando sobre as greves do Clyde[30]. As traduções alemãs dos artigos de Trotsky foram publicadas no *Berner Tagwacht* e foram enviadas a Liebknecht, que, ao final da guerra, já tinha conhecimento de todas as obras de Trotsky.

Na Suécia, os imigrantes russos bolcheviques ou próximos estavam em contato com os suecos que havia anos trabalhavam no transporte de materiais e de pessoas até a Rússia. No congresso de Copenhague, em 1910, Lenin discutiu com dois socialistas finlandeses, Sirola e Wiik, o problema das "rotas". Ele mesmo foi à Suécia para convencer o jovem socialista Zett Höglund a ajudar os bolcheviques neste assunto. Bukharin e Kollontai se aliaram a diversos responsáveis socialistas. O dirigente da juventude e editor do jornal *Stormklockan*, Zett Höglund, junto com seu camarada Ture Nerman, encontrou-se com Lenin na véspera da Conferência de Zimmerwald. Ele fora condenado por "alta traição" em 1916. Uma poderosa ala esquerda é animada por Otto Fredrick Ström, advogado e secretário do partido sueco em 1911, afastado em 1916. Mantinha ligações com a esquerda que se desenvolvia dentro do Partido Operário Norueguês[31].

Nos EUA, nasce um núcleo cosmopolita que se reúne em 14 de janeiro de 1917 para decidir sua estratégia no PS americano. Havia quatro russos - Trotsky, Bukharin, Kollontai, Goldstein-Volodarsky –, o japonês Katayama Sen, o holandês Rütgers e quatro americanos, dentre eles Louis Fraina, 24 anos, ex-dirigente do *Socialist Labour Party* (SLP) e militante dos *Industrial Workers of the World* (IWW), um dos líderes da esquerda do PS, signatário de uma moção para o congresso junto com Trotsky e partidário proclamado de uma nova Internacional[32].

Na Grã-Bretanha, o heróico John Maclean encarna a luta revolucionária contra o chauvinismo: ele é o Liebknecht britânico, em ligação com Petroff e Litvinov, que trabalha na edição sob o nome de Harrison, serve de correspondente com os bolcheviques. Os elementos dirigentes das greves do Clyde, os militantes do SLP, estavam próximos aos zimmerwaldianos. Maclean conhece Trotsky e escreve para o *Naché Slovo*. Em 1916, um barco russo ancora na baía do Clyde e 200 marinheiros desembarcam para assistir a um ato de protesto contra a prisão de Maclean e do compatriota deles Petroff, herói da revolução de 1905[33].

30. N. Milton, *John Maclean*, p. 111-112.
31. Podemos acompanhar estes desenvolvimentos em M. Futtrell, *op.cit.* e nas coletâneas consagradas à luta contra a guerra, como Gankin e Fischer, *The Bolsheviks and the World War*.
32. T. Draper, *The roots of American Communism*, p. 81-84.
33. W. Kendall, *op. cit.*, p. 128.

Os dirigentes e os militantes da Suíça foram submetidos a uma pressão constante e sofreram a influência dos bolcheviques e de outros imigrantes. Se Robert Grimm, o líder do PSS, continua um autêntico centrista, Fritz Platten, que já havia participado da Revolução de 1905, está completamente ganho para os bolcheviques. No local, Lenin, que conquistou dois fiéis, o polonês Bronski e o jovem alemão Willi Münzenberg, luta para ganhar indivíduos. Os alemães do grupo *Spartakus* pediram a Paul Levi, reformado, garantir na Suíça o serviço de relações internacionais. Esse brilhante intelectual, que conhecemos aqui sob o nome de Paul Hartstein, freqüenta Radek e pende para o lado de Lenin também. O jovem prodígio Valeriu Marcu, filho de um capitalista alemão de Bucareste, que Rakovsky enviou a Lenin como mensageiro e já revolucionário, torna-se um jovem bolchevique, admirador do dirigente russo, amigo de Paul Levi e de Münzenberg, depois retorna para a Romênia – diretamente para a prisão – via Rússia[34].

Acreditamos que também é preciso não esquecer da insurreição irlandesa da páscoa de 1916, prova concreta de que a guerra não pára, antes alimenta a revolução. Àqueles, como Radek, que argumentavam sobre o caráter religioso e pequeno-burguês do movimento, a despeito da existência do Exército de Cidadãos apoiado sobre o movimento operário e inspirado pelo militante operário James Connolly, Lenin retorquia que não existe revolução proletária pura e que este movimento popular é a conseqüência direta da opressão imperialista[35].

Aliás, 1917 colocará em segundo plano uma boa parte das discussões.

A guinada de 1917

Os dirigentes do mundo capitalista chamaram este ano de "ano terrível". Em todo caso, 1917 fez uma reviravolta completa nos dados históricos que nos esforçamos para analisar, ao modificar radicalmente a relação de forças entre os revolucionários, que divergiam sobre o tempo de criação da nova Internacional. Todos esperavam, sem poder realmente intervir para acelerar os processos, dois fenômenos que imaginavam estarem ligados um ao outro. De um lado, uma crise política no seio das organizações social-democratas tradicionais, de início verossimilmente no SPD alemão. Em seguida, um despertar do movimento operário, greves e manifestações, um levante, talvez uma insurreição contra a guerra. A isso, juntar-se-á uma crise no seio dos exércitos, deserções e motins. Eventos destas duas naturezas ocorreram. Mas, contrariamente ao que muitos revolucionários da época esperavam, não houve uma revolução alemã que arrancasse definitivamente a máscara da social-democracia e facilitasse sua substituição com a criação de um novo partido e de uma nova Internacional.

Por outro lado, é no Império Russo que explode a revolução, para a qual se levantam, em fevereiro de 1917, os trabalhadores das cidades, depois os marinheiros e os soldados, que constituem seu próprio poder, os conselhos (sovietes) eleitos de deputados dos operários, camponeses, soldados e marinheiros. Os bolcheviques são os únicos que têm audácia suficiente para colocar diante do povo as questões cruciais, aquelas da paz e da terra. O pequeno grupo de conspiradores – "aqueles que dão nó em pingo d'água", como os chamavam os adversários –, conduziam um movimento de milhões de homens que os escutam, mas também que os empurram avante. Os ecos de suas lutas pela paz se fazem ouvir agora na lama das trincheiras. Sua decisão de chamar a divisão das terras dos proprietários chega até as aldeias miseráveis da Andaluzia e envolve as massas camponesas pauperizadas num sonho que parecia, daquele momento em diante, realizável.

34. P. Broué, *Rakovsky*, p. 113.

35. Citado por C. Desmond Greaves, *The Life of James Connoly*, p. 423.

Quando eles tomaram o poder, na seqüência da insurreição de outubro, era claro aos olhos dos trabalhadores, senão dos socialistas do mundo inteiro, que as relações de força tinham mudado. Lenin e Trotsky são os primeiros e os únicos socialistas na história que tinham chegado ao poder, que tinham "ousado", como escreveu Rosa Luxemburgo. Eles estavam certos, naquele momento, que tinham mostrado a via justa, designando o objetivo de uma nova Internacional. Porém, a rota que leva até ela é ainda longa e sinuosa.

Cisão na Alemanha: o nascimento do USPD

É a iniciativa do aparato social-democrata contra a indisciplina dos minoritários, revolucionários e centristas, que perpetrou uma verdadeira cisão e levou estes últimos a proclamarem um novo partido – o qual era simplesmente a reprodução do antigo, aquele de antes de 1914, dotado de uma descentralização que não lhe capacitava muito para agir em caso de urgência.

Tudo começou com a expulsão dos oponentes da fração parlamentar do partido. O primeiro foi Liebknecht, em 12 de janeiro de 1915, depois de sua recusa em votar os créditos militares; Haase, em seguida, por ter se oposto, junto com 32 outros deputados, à renovação do estado de sítio. Os expulsos formam no *Reichstag*, o parlamento alemão, um "coletivo de trabalho social-democrata", o qual mantém Liebknecht de fora: não havia um partido, mas dois grupos parlamentares e três tendências.

O Executivo do partido ataca. O confisco, em outubro de 1916, do diário *Vorwärts*, de Berlim, pela autoridade militar e sua devolução à direção nacional são encarados como um verdadeiro atentado. Uma conferência banal da oposição ocorrida em 7 de janeiro de 1917 mostra sua impotência ao decidir manter o contato dentro dos marcos do estatuto, o Executivo aproveita o pretexto para decretar que "a oposição colocou-se fora do partido". Todas as organizações locais mantidas pelos minoritários, 91 no total, são expulsas, assim como a maioria dos militantes das grandes cidades.

Tirando a lição dos fatos e não tendo outra solução além do suicídio coletivo, a oposição, numa conferência ocorrida em Gotha na páscoa, decidiu se constituir em Partido Social-Democrata Independente (USPD). "A readoção solene pelo Congresso de Go-

tha do velho programa de Erfurt dá à fundação do partido todo seu sentido: trata-se de fazer reviver o velho partido social-democrata e seus velhos métodos de combate, sua tradição de oposição e de recusa de colaboração, mas também seu ceticismo com relação à revolução proletária, ainda considerada como um objetivo desejado, mas fora de alcance." E, para tirar aquilo que lhes parecia a lição do passado com relação a ultracentralização do aparato, os social-democratas independentes suprimem praticamente toda centralização séria. É a este partido que decidem se ligar o pessoal de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht, o Grupo *Spartakus* – o que, aliás, para aqueles que se inspiravam no exemplo dos bolcheviques e os reivindicavam, constituía um grave erro.

A adesão dos espartaquistas ao USPD

Nenhuma das razões apresentadas, tanto na época como depois, pelos espartaquistas para explicar sua adesão ao partido independente, que contava, obviamente, em suas fileiras com pessoas como Haase e Ledebour, mas também Kautsky e Bernstein – que não simbolizavam nada mais que o centrismo –, não parecia crível num primeiro momento. Tentando explicar esta decisão surpreendente, escrevi, em 1971,[36] que ela derivava sem dúvida da própria concepção dos espartaquistas de revolução, de sua convicção de que as massas encontrariam e construiriam elas próprias na ação as formas de organização necessárias a seu combate. Contudo, podemos indagar igualmente se os "Delegados Revolucionários" das indústrias de Berlim não estavam edificando uma nova forma de organização em rede e nos interrogarmos a importância que os espartaquistas davam a ela.

Em verdade, o mais grave, é que estava assim conformada uma verdadeira cisão entre os revolucionários. No começo de dezembro, em Bremen, Johann Knief tinha pedido que a oposição se fixasse como meta a construção de um partido revolucionário. Nas colunas do novo jornal dos militantes de Bremen, *Arbeiterpolitik*, Karl Radek conduzia uma campanha contra a perigosa utopia que era, a seus olhos, a idéia de construir um partido em comum com os centristas. Um artigo não-assinado mostrava a responsabilidade enorme dos espartaquistas que iriam inutilmente prolongar a fase preparatória. Paul Levi compartilhava desta opinião. Rosa Luxemburgo não parecia estar entusiasmada com esta questão e nenhum de seus biógrafos menciona qualquer tomada de posição de sua parte. É Jogiches quem convenceu os oponentes a renunciarem a sua oposição. Isto tudo, bem no momento em que a revolução na Rússia colocava todos os problemas e que poucos alemães se davam conta claramente de onde estavam e para onde iam.

Relevemos, do mesmo modo, que Kautsky se regozijou com o fato de que a cisão do USPD barrou o caminho em direção à *Spartakus* e que Rosa Luxemburgo, então presa, fora hostil à saída do SPD e à entrada no USPD. Que o *Arbeiterpolitik* fez, entretanto, de "*Frau Luxemburg*" o alvo de sua polêmica contra o oportunismo em matéria de organização. Que Franz Mehring reconheceu, desde julho de 1917, que a entrada da *Spartakus* no USPD seria um erro. Enfim, que Lenin livrou a cara de Liebknecht ao fazer parecer que acreditava que "na realidade, Liebknecht não fusionou inteiramente com os kautskistas. Ele conservou sua autonomia em matéria de organização, para constituir unicamente um bloco temporário e condicionado contra os socialistas chauvinistas"[37].

36. P. Broué, *Révolution en Allemange*, p. 93.

A revolução russa

Radek contou que em um dia de maio de 1917 ele deixara Berna, onde habitava, para discutir com Paul Levi, que vivia em Basiléia. No restaurante, onde eles jantavam, o garçom lhes contou que ocorriam revoltas em Petrogrado e que o czar tinha abdicado. Radek decidiu retornar a Berna. Uma mensagem de Lenin o esperava, pedindo-lhe que se juntasse a ele rapidamente. Radek tomou o primeiro trem para Zurique. Lenin o esperava na estação[38].

Alguns dias depois, Lenin e uns 30 emigrados russos foram autorizados pelo estado-maior alemão, depois de negociações conduzidas pelo socialista suíço Fritz Platten, a atravessarem o território alemão para chegarem até a Suécia a fim de serem repatriados (é a história do vagão dito blindado). Lenin assinou a declaração dos viajantes, Paul Levi foi seu fiador. Radek, que se juntou aos viajantes, não assinou nada. Aliás, ele deveria descer em Estocolmo.

A história tinha alterado todo o jogo.

Não se trata aqui de contar toda a história da Revolução Russa, mas de indicar qual impacto ela teve sobre o resto do mundo. Os revolucionários russos, mesmo os camaradas de Lenin, que era então conhecidos como "maximalistas", eram desconhecidos na véspera. Agora, a imprensa e os governantes do mundo os tinham amarrado ao pelourinho, contudo o que aqueles não esperavam é que seus nomes despertassem tanta simpatia em milhões de explorados e de infelizes condenados a virar carne de canhão. Eram eles que os italianos aclamavam na figura dos representantes do governo provisório[39], que os camponeses andaluzes invocavam para justificar a ocupação e o cultivo das terras improdutivas dos grandes proprietários sobre as quais eles morriam de fome[40]. Eram seus nomes que os trabalhadores escreviam nos muros dos bairros operários das cidades do Ocidente, como constatou com estupor jubiloso um bolchevique que viera a estabelecer contatos[41].

37. Lénine, *Œuvres*, t. XXIV, p. 3311, artigo da *Pravda* de 12 de maio (29 de abril) de 1917.

38. W. Lerner, *Karl Radek, the last Internationalist*, p. 52-53.

39. A vinda de representantes do governo provisório russo à Itália na primavera de 1917 provocara tanto entusiasmo que eles até se surpreenderam.

40. G. Meaker, *The Revolutionary Left in Spain 1914-1923*, p. 122 *sq.*

41. Trata-se de Dëgott, "V 'svobodnom' podpol'e (Vospominaniia o podpol'nioj rabote za granitsh v 1919-1921 goda", cuja tradução italiana utilizamos, "Nella "libera" clandestinità (Ricordi del lavoro clandestinio all'estero nell'anni 1919-1923", reproduzido em *L'Est*, n. 1, março de 1967, p. 177-214.

Teriam os jornalistas e os homens políticos, que conclamaram os soldados alemães a libertar os russos do jugo czarista e a Europa da ameaça do czar, compreendido o prestígio que eles tinham, com esta atitude, contribuído a dar a este punhado de homens, desconhecidos na véspera, que acabavam de derrubar e expulsar o monarca aristocrático?

Sabemos que Rosa Luxemburgo escrevera notas, ao mesmo tempo entusiásticas e fortemente críticas, acerca da tomada do poder pelos bolcheviques, do terror vermelho, da dissolução da constituinte e da suspensão das liberdades. Esquecemos freqüentemente talvez que ela se opusera a sua publicação: tratavam-se de notas de trabalho para seu uso pessoal, idéias das quais ela não estava certa de ter o direito ou o dever de exprimir, devido à fraqueza de suas informações, que somente serão publicadas após sua morte, num contexto político que, evidentemente, lhes conferia um sentido diferente[42]. Além disso, não é preciso sublinhar que, mesmo que resolutamente internacionalistas, os revolucionários são pessoas sérias e que lhes interessava mais trabalhar pela revolução e pela luta contra a guerra dentro de seu próprio país, que criticar o trabalho de seus irmãos alhures.

Uma ascensão revolucionária: Greves operárias

São os dirigentes, o governo, os primeiros a verem um perigo que eles consideravam, evidentemente, um simples efeito de contágio. Na Alemanha, um ministro fala ao Conselho do "efeito embriagante da revolução russa" e um outro da agitação que provocava naquele país o movimento revolucionário russo e o risco de uma tempestade sobre a qual o governo não teria controle. As autoridades compreendiam o significado da palavra-de-ordem "acabar a guerra com as greves" e fazem apelo aos dirigentes sindicais para conjurar o perigo[43].

A primeira prova de força acontecerá no mês de abril de 1917: uma greve lançada pelo abastecimento – uma palavra-de-ordem muito popular – destinada a afastar ou estrangular a agitação pela libertação do presidente dos Delegados Revolucionários, o torneiro Richard Müller. Em Berlim, depois em Leipzig, sucedem-se assembléias gerais, eleição de comitês de greve nos quais figuram os sindicatos, elaboração das reivindicações – cada vez mais politizadas – contra a repressão. Os trabalhadores da Knorr-Bremse reclamavam a liberação de Liebknecht, elegeram um "conselho operário" e conclamaram as outras indústrias a fazerem o mesmo. O trabalho é retomado com dificuldade. Mais de cinqüenta mil trabalhadores apoiados pelo USPD denunciam a "traição" da greve pelos sindicatos[44].

O 1° de maio de 1917 é marcado por um gesto altamente simbólico. O conselho dos soldados da cidade romena de Iaşi, depois de haver tomado contato com os raros socialistas romenos ainda em liberdade, descobre que Khristian Rakovsky estava detido na

42. Trata-se do texto intitulado *La Révolution russe*.

43. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 101.

44. *Ibidem*, p. 101-105.

prisão desta cidade. O prisioneiro político é solenemente libertado por uma gigantesca manifestação, com os soldados russos em armas, atrás de suas bandeiras vermelhas. É um símbolo imenso: a revolução acabava de desfazer o que a guerra tinha feito. Rakovsky vai até a cidade de Odessa, em revolução, e depois a Petrogrado[45].

Durante este mesmo maio de 1917, ocorrera na França a greve das costureiras, que trabalhavam nas indústrias têxteis. As manifestantes gritavam "abaixo a guerra". Sua greve é prolongada pela dos bancários e, sobretudo, pela dos metalúrgicos das indústrias de guerra da região parisiense, que lançam palavras-de-ordem políticas – por exemplo, a publicação dos objetivos de guerra[46].

Os "peludos"* se revoltam

De abril a junho, motins ocorrem em três quartos do exército francês, principalmente nas grandes unidades que combateram no *front*. A ofensiva conduzida pelo general Nivelle foi uma verdadeira carnificina, fazendo, em algumas horas, na manhã do 16 de abril de 1917, 35 mil mortos e 90 mil feridos. No total, foram 140 mil mortos e centenas de milhares de feridos e mutilados em menos de 15 dias. Conheceremos, mais tarde, os nomes Craonne, Chemin des Dames, Cœuvres e Fère-en-Tardenois. Os soldados se recusaram a obedecer e, principalmente, de voltar ao *front*, alguns quiseram marchar sobre Paris. Eles ameaçaram os oficiais. Ouviu-se bradar "Viva a revolução", "Viva os russos", "À Paris". Unidades içaram a bandeira vermelha e cantaram *A Internacional* e a anônima *Canção de Craonne*:

É em Craonne sobre o planalto
Que devemos deixar nossa pele [...]
Mas acabou, pois os pracinhas
Vão todos fazer greve**

Em torno de 60 divisões são atingidas, dois terços do total[47]. Os maníacos denunciam um complô quando, na verdade, se tratava do desespero e da cólera de centenas de milhares de combatentes. O general Franchet d'Esperey clamava que estava "provado" que

45. P. Broué, *Rakovsky*, p. 126-129.

46. A. Marty, *La Révolte de la mer Noire*.

* "Peludos", *poilus*, era como eram conhecidos os combatentes da I Guerra Mundial na linguagem popular. [N. do T.]

** No original, "*C'est à Craonne sur le plateau / Qu'on doit laisser sa peau [...] / Mais c'est fini, car les troufions / Vont tous se mettre en grève*". [N. do T.]

47. J. Rabaut, *L'Antimilitarisme en France*, p. 109-112; J. Williams, *Mutiny 1917*, p. 30-52 e G. Pédroncini, *Les Mutineries de 1917*.

as revoltas tinham sido preparadas de antemão, que dois regimentos marchavam sobre Paris, que haviam sido distribuídos os panfletos "A Comuna vos espera".

A repressão é severa. O professor primário sindicalista Paul Breton foi condenado à morte e agraciado pela insistência dos políticos, entre eles Paul Painlevé, próximo do general Pétain. Mas, um outro docente; o cabo Lefèvre, 20 anos, o cabo Julien Dauphin, o minerador Cordonnier e muitas centenas de outros foram fuzilados. O general Pétain retoma o controle do exército, com 554 condenações à morte[48]. Um silêncio absoluto foi mantido pela imprensa sobre esta crise. Raymond Lefebvre, um dos socialistas do núcleo antiguerra, escreveu que "o proletariado militar, [que] acalenta seu sonho de justiça," resolverá "a questão da guerra".

Em junho de 1917, são os soldados russos do acampamento de la Courtine que se sublevam. Queriam voltar para casa. Não querem mais seus oficiais. Não há entre eles um só bolchevique, mas, reparando bem, eles se comportavam como tal[49].

Na Áustria, sobre a influência de um delegado em Kienthal - que conhecia Lenin, Bukharin, Radek, Franz Koritschoner –, a bem jovem Ilona Duczynska, que vivera em Zurique nestes últimos anos, e um pequeno grupo de estudantes, animado por uma outra jovem mulher, Elfriede Friedländer-Eisler, se movimentam. Depois que uma greve operária geral em Viena conseguira em maio restabelecer uma ração de pão que acabava de ser diminuída, eles conseguiram se reunir em Sankt Aegyd, na floresta, em julho, para organizar uma força revolucionária que se opunha à esquerda pacifista. Em 7 de dezembro, eles fazem uma reunião ilegal em Viena a favor da paz, à qual compareceram em torno de 700 pessoas, dentre elas um certo número de operários[50].

Os marinheiros alemães contra a guerra

Em maio do mesmo ano, nasce na Alemanha o movimento de organização dos marinheiros da frota de guerra, com a constituição de "comissões de despensa" cujo inspirador, Max Reichpietsch, explica que elas constituem o primeiro passo em direção aos conselhos de marinheiros, como na Rússia. Os deputados do USPD, que ele encontra, o incitam a organizar "ações pela paz", infelizmente, sem a proteção popular, nem as precauções necessárias. O estado-maior ataca. Todos os dirigentes são presos, julgados e condenados. Reichpietsch é fuzilado[51].

Para Lenin, este episódio prova que estamos próximos à revolução mundial. Contudo, ele é um desvio no caminho e uma fonte de inquietude, pois não há partido operário

48. Ver os relatos dos processos em J. Williams, *op. cit., passim*.

49. Finalmente, temos um trabalho sólido sobre esta questão, o de R. Adam, *Histoire des soldats russes en France 1915-1920. Les damnés de la guerre*.

50. L. Laurat, "Le Parti communiste autrichien", In: *Contributions à l'histoire du Comintern*, p. 69.

51. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 106-109.

para assumir tais responsabilidades, bem como aquela dos trabalhadores junto aos jovens marinheiros. Pode-se prescindir de uma organização para libertar um prisioneiro político. Mas, ela é indispensável para sublevar uma frota de guerra.

A Europa sacudida

Os *fronts* se internacionalizam: há motins de soldados escoceses e canadenses no *front* francês, de soldados gregos afogados em sangue e, igualmente, de italianos. Um pouco em todo lugar, as deserções se multiplicam, tomando freqüentemente a forma de rendições: os alsácio-lorenos deserdam das trincheiras alemães, os tchecos e os croatas, das fileiras austro-húngaras. Depois se deserda para se salvar a vida, algumas vezes em massa – a chamada "greve militar" –, como fazem os soldados italianos depois do desastre de Caporetto, em 24 de outubro de 1917.

Toda a Europa parece tremer em sua base. Em 13 de agosto, dois dirigentes mencheviques russos, enviados do governo provisório de Kerensky, são aclamados em Turim por uma multidão entusiasmada de 40 mil pessoas que gritavam "Viva Lenin". De 22 a 25 de agosto, em seguida à penúria total de pão, ocorre uma greve e uma verdadeira sublevação dos operários contra suas condições de vida e contra a guerra. Os operários turineses, frente à repressão, erguem barricadas e combatem rua à rua. Há mais de 50 vítimas entre os trabalhadores, centenas de feridos, prisões em massa. Um tribunal militar se encarrega de julgar os "dirigentes" designados pelo governo, a começar pelo do Partido Socialista Italiano, G. M. Serrati, que tinha se adiantado para tentar organizar o movimento espontâneo. Foi nesta vaga revolucionária e em defesa dos trabalhadores que apareceu, pela primeira vez a luz do dia, os nomes de Amadeo Bordiga e de Antonio Gramsci[52].

Em agosto, a classe operária espanhola - a Espanha era neutra - fez uma outra experiência com a greve geral do dia 15 a 18 de agosto, com palavras de ordem e reivindicações políticas sobre a instauração de uma república democrática. Esta greve termina com a prisão em massa dos militantes, assim como da direção nacional da greve, sindicalistas e membros do PSOE, como o seu dirigente reformista, Francisco Largo Caballero, condenado à prisão perpétua. Partidos e sindicatos estavam com os trabalhadores, certamente, mas estes últimos estavam desarmados[53].

A revolução russa, antes da nova Internacional

Quando de sua chegada à Rússia, em suas famosas "Teses de Abril", onde chamava os trabalhadores a lutarem pelo poder dos sovietes - conselhos de operários e soldados –,

52. P. Spriano, *Storia del Partito comunista italiano*, I, p. 11.

53. G. Meaker, *op. cit.*, p. 99-132.

Lenin afirmava que a fundação da III Internacional estava na ordem do dia enquanto tarefa atual urgente. Ele não vai parar até a tomada do poder, aproveitando todas as ocasiões para salientar a importância de Karl Liebknecht e de seu acordo. Ele não perde de vista um minuto a questão da Internacional, mesmo que tenha que consagrar todo o seu tempo à sobrevivência – ou a vitória? – da revolução no Império Russo.

Com Karl Radek, que tinha ficado no meio do caminho em Estocolmo, e que entrara em contato com poloneses especialistas em clandestinidade, tais como Hanecki (Fürstenberg) e Vorovsky, Lenin constituiu um birô do partido em Estocolmo, cuja missão era dupla. Era preciso dar ao mundo, principalmente para o movimento operário alemão, informações sobre o que se passava realmente na Rússia e, sobretudo, sobre a política bolchevique. Era também preciso obter da Alemanha as informações necessárias à direção do partido russo.

Os três receberam, no dia seguinte das jornadas de julho, o reforço de Rakovsky, ameaçado na Romênia de extradição pelo governo provisório e alvo dos generais brancos, que os militantes bolcheviques ajudaram a deixar Petrogrado e a ganhar Estocolmo.

Para informar a Europa, tatearam o terreno com a publicação de uma folha mimeografada de formato reduzido, a *Russische Korrespondenz-Pravda*. Seu sucesso permitiu almejar mais com o semanário impresso *Bote der russischen Revolution*, que publicava em alemão, na cidade de Estocolmo, e em francês, na de Genebra, as notícias da Rússia – informações da *Pravda*, principalmente – chegadas da Finlândia. Para as notícias alemãs, era mais simples ainda. Johann Knief, o homem do *Arbeiterpolitik* e ligado a Radek, largou casa e trabalho para se consagrar à coleta e transmissão de informações a seu amigo em Estocolmo, que era transmitida também, por telefone, a Lenin[54].

Balabanova, a secretária da comissão de Zimmerwald, que a presença de Rakovsky aproximou de três outros representantes do partido de Lenin, evocou em suas memórias o "período de grande entusiasmo e de constante ansiedade, nesta primeira semana histórica de novembro, quando a questão do destino da revolução e do próprio socialismo parecia estar em jogo"[55].

Quando Rakovsky retornou a Petrogrado, a insurreição, deliberada pelo Partido Bolchevique, executada com habilidade por Trotsky, obtivera sucesso. O congresso dos sovietes proclamou a tomada do poder. O antigo dirigente do PS romeno e membro do Birô Socialista Internacional adere ao partido de Lenin, que lhe registra como se fosse militante desde 1892. A revolução começava a atrair pessoas.

Todos aqueles que, desde 1914, tomaram parte da luta contra a guerra e pelo renascimento do movimento operário internacional sentiram a vitória da revolução de outubro como um fato histórico. Clara Zetkin, fala de um "evento exaltante", Rosa Luxemburgo, de um "evento magnífico" e de "elixir da vida". Em sua crítica da Revolução Russa citada mais acima, ela escrevera também estas linhas ambíguas: "Os 'Lenins' e os 'Trotskys' com seus

54. P. Broué, *Rakovsky*, p. 132-134.

55. Citado em P. Broué, *ibidem*, p. 134.

amigos foram os *primeiros* que colocaram o proletariado mundial em primeiro lugar, com seu exemplo. Eles são os únicos até agora que podem escrever como Ulrich de Hütten: 'Eu ousei'. Eis o que é essencial e o que fica da política dos bolcheviques."[56] O órgão anarquista da Catalunha *Tierra y Liberdad*, saúda simplesmente "os irmãos em idéias e em revolução"[57], cuja ação vitoriosa faz bater os corações de entusiasmo. A obra de Lenin, *O Estado e a Revolução*, conquistara libertários, anarquistas, anarcossindicalistas e até mesmo sindicalistas revolucionários.

Após esta primeira e grande vitória revolucionária, o caminho para a Internacional poderia parecer largamente pavimentado. Contudo, as potências mundiais – "o imperialismo" –, como as chamavam os revolucionários, tentam sufocar, tanto a Internacional quanto a revolução, numa Rússia cercada de ferro e de fogo.

56. R. Luxemburgo, *La Révolution russe*, última página do texto de qualquer edição.

57. *Tierra y Liberdad*, 28 de novembro de 1917, citado por G. Meaker, *The Revolutionary Left in Spain*, p. 101.

Da guerra à revolução mundial (1918)

O ano de 1918 é o último da guerra. Mas ninguém assim sabia, apesar de todo mundo desejar. Ele começou mal para a monarquia austro-húngara, com esse signo decididamente anunciador dos grandes estampidos que é a revolta dos marinheiros confinados nos infernos dos navios de guerra e sem inimigos à vista.

Primeiros motins no exército

Desde 1915, o exército austro-húngaro dava sinais de desestabilidade. O 4º regimento de linha da Bósnia-Herzegóvina, onde se produziram manifestações antiguerra e antiimperiais, foi dizimado. Dominique Gros escreve:

> A partir de 1917, verdadeiras vagas de desertores armados deixam o exército e se refugiam nas montanhas da Croácia e da Eslovênia. A maior parte destes "cadetes verdes" se constituirá em oito batalhões de mil homens, concentrados [...] nas montanhas do litoral [...], bem como nas florestas. A população os protege e os alimenta, e [...] o exército austro-húngaro recusa-se completamente, desde o inverno de 1917, a empreender uma ação militar contra eles. Mas, é na marinha imperial que a agitação revolucionária democrática é mais importante: é lá que ela revela suas formas específicas.[1]

1. D. Gros, *Les Conseils ouvriers. Espérances et défaites de la révolution en Austriche-Hongrie*, p. 192, Dijon. Devemos a ele também o relato a seguir.

É também nesta época que se produz em Mostar o motim dos soldados de um batalhão do 22° regimento de infantaria[2]. Logo depois, explode inesperadamente a manifestação pela paz dos marinheiros de Cattaro, esquecida por praticamente todas as obras consagradas à guerra de 1914-1918. Os anúncios se acumulam, mas o poder não pode fazer muita coisa. Um oficial tentou falar de religião para os marinheiros e um deles lhe respondeu brutalmente que não havia "mais Deus"[3]. Assim, depois que a revolução russa desferira um golpe à *Entente*, o enfraquecimento austro-húngaro ameaçava os Centrais.

O "motim" de Cattaro

Depois da destituição do almirante da frota, o "iugoslavo" Hans, um aristocrata húngaro, o almirante Miklós Horthy toma o comando. O grosso dos navios - uns quarenta - está ancorado normalmente em Cattaro (Kotor). Ocorreram, antes da nomeação de Horthy, vivos incidentes que provocaram a destituição de seu predecessor e a criação de um Comitê Revolucionário iugoslavo, animado por um alferes croata de 26 anos, Antun Šešan, que deposita suas esperanças numa ação comum com as forças armadas italianas[4].

O começo do movimento, aliado às condições materiais e ao desprezo que os brutais e arrogantes oficiais têm pelos marinheiros, lembra irresistivelmente o motim do *Potemkin*. Mas, lá também a faísca vem do movimento operário. Uma greve estoura no arsenal e os grevistas lançam palavras de ordem pela paz. Uma assembléia de marinheiros, ocorrida num albergue de Gjenovic, em 20 de janeiro, decide - depois da proposição do terceiro-sargento morávio František Raš, apoiado pelo marinheiro tcheco Gustav Stonavsky, organizador de uma greve de fome na frota, em 1912, contra a guerra dos Bálcãs - fazer uma manifestação pela paz em todos os barcos, em 1°de fevereiro, ao meio-dia. A resolução, difundida em todos os barcos, é aprovada: os marinheiros respondem a um sentimento de solidariedade.

Em 1° de fevereiro de 1918, por seu turno, eles manifestam-se pela paz, intitulando sua resolução de "O que queremos" e reivindicam a paz geral e imediata, sem anexação, além do desarmamento, o direito à autodeterminação dos povos e a "democratização". Uma série de outras reivindicações diz respeito ao abastecimento e à supressão dos privilégios dos oficiais. Um comitê de trabalhadores civis, eleito pelos trabalhadores do porto, se junta aos marinheiros[5]. A ação não é fácil, pois há nos barcos 16,3% de austro-alemães, 20,4% de húngaros, 11% de tchecos e eslovacos, 34,1% de iugoslavos, principalmente os eslavos do sul e croatas, 14,3% de italianos e 3,8% de poloneses[6]. Era a Torre de Babel.

2. *Ibidem*, p. 94.
3. *Ibidem*, p. 97.
4. *Ibidem*, p. 97-99.
5. *Ibidem*, p. 96.
6. *Ibidem*, p. 94-95.

Os homens se definiam não como amotinados, mas como grevistas. Elegem seus comitês de navios e um comitê central de quatro membros, entre eles está Raš. São homens intrépidos. Eles pediram a ajuda do movimento operário e esperam com confiança, embora sem saber que os almirantes e os generais interceptaram seus apelos de socorro, que não chegarão[7]. Quando um almirante lhes comunica as ordens, em forma de ultimato, de Horthy, Raš lhe diz: "nosso movimento é uma revolução e toda revolução tem seu preço fixado em sangue. Nós tomamos o poder [...]. Pouco me importa ser enforcado hoje ou amanhã". E acrescenta também ao almirante estupefato que é preciso "romper com o Estado, como na Rússia"[8].

Isolados, os marinheiros são obrigados a ceder em 10 de fevereiro sob bombardeio e se recusam a contra-atacar. Quarenta "amotinados" são levados ao conselho de guerra e quatro, dentre eles Raš, são condenados à morte e logo em seguida fuzilados. Os outros são condenados a duras penas, assim como uma segunda leva de 382[9]. A ordem é restabelecida. Mas, este trovão anuncia sérias tempestades. No dia 11, os dirigentes social-democratas vieram protestar, inclusive ameaçando: promete-se a eles que não haverá mais novas execuções e que a repressão será abrandada[10].

Comoção em diversos locais

Milhares de quilômetros dali, na França, algumas semanas antes, um serralheiro de 42 anos, Clovis Andrieu, retornou a sua casa, em Firminy, onde ele dirige o sindicato dos metalúrgicos da CGT. Ele fora preso, em 27 de novembro de 1917, sob a acusação de ter intenções subversivas - na verdade, por causa de sua combatividade -, mas uma greve generalizada na bacia do rio Loire obrigou as autoridades militares a liberá-lo. Ele aproveita a mobilização dos trabalhadores para preparar aquilo que ele chama de "greve insurrecional", que levaria à revolução e ao fim da guerra[11].

Na Finlândia, uma terrível guerra civil começa. O parlamento eleito, com maioria social-democrata, presidido por Kullervo Manner, foi dissolvido pelo governo provisório russo e substituído por um governo dirigido pelo presidente do Senado, Svinhuvfud, um regente que procura por seu rei. Seu governo obteve, em 1917, o reconhecimento da Rússia soviética e a retirada de tropas russas de seu território. Mas, em 26 e 27 de janeiro de 1918, explode em Helsinque a sublevação dos social-democratas finlandeses, apoiados pelos trabalhadores e soldados russos. Uma guerra civil começa, em que se enfrentam os

7. *Ibidem*, p. 98-99.
8. *Ibidem*, p. 96.
9. *Ibidem*, p. 99.
10. *Ibidem*.
11. G. Raffaeli e M. Zancarini, "Clovis Andrieu", In: *Dictionnaire biographique du mouvement ouvrier français*, de agora em diante citado como *Maitron*, p. 155-158.

guardas vermelhos, as forças armadas do governo revolucionário de Kullervo Manner e os guardas brancos do major-general czarista Carl von Mannerheim, reagrupados no norte.

E a Europa segue assim. Último ano da guerra, primeiro ano da revolução e da guerra civil.

A crise austro-húngara se agrava

Para o almirante Horthy, Cattaro e seus sinais de decomposição, que acabavam de serem mostrados eram "somente uma parte da grande reviravolta que, em todos os lugares do império dos czares de 1917, atingiam os países bálticos, a Áustria-Hungria, a Alemanha e a Turquia". Maio viu os primeiros motins do exército. No dia 22, o 17° batalhão de infantaria proclama a desmobilização e declara: "de pé com os bolcheviques! Viva a paz, abaixo à guerra!". Nos dias seguintes, unidades inteiras recusam obediência, dentre elas o 7° batalhão de caçadores de Rumburg, constituídos de operários de Plzeň, que se recusam a voltar ao *front*, sob a impulsão de um deles, František Noha, um jovem operário torneiro que fora prisioneiro na Rússia e tinha sido ganho para as idéias revolucionárias dos bolcheviques nesta ocasião. Noha e nove de seus camaradas, dentre eles um telegrafista de ferrovias, o suboficial Vodička, são fuzilados em 25 de maio de 1918. O governador de Praga inquieta-se com a "relação agora evidente entre a revolução social da Rússia e a situação militar e política no interior da monarquia"[12].

E o movimento continua, algumas vezes animado por ex-prisioneiros russos, pela revolta de soldados ucranianos e eslovenos, em fins de maio; pelo 71° regimento de infantaria eslovaco, em Kragujevac, em junho. O general comandando na Galícia informa à Viena que ele não controla mais nada[13]. Na frota, são os comitês de ação ou os comitês revolucionários animados pelos croatas que estão nas primeiras fileiras. Modelo de organização, o comitê "revolucionário" – tornado "popular" – de Šibenik perecerá sem glória, pois os suboficiais que o criaram, por meio de uma atitude corajosa e paciente, acreditaram nos políticos nacionalistas, que queriam, antes de mais nada, evitar a insurreição e foram apunhalados pelas costas pelos italianos. Estes heróis da independência iugoslava estão na prisão quando esta está prestes a ser conquistada[14].

O problema da paz

A guerra provocara a revolução na Rússia. Era a paz que aspiravam, antes de mais nada, os soldados e trabalhadores russos. Ao menos nisso suas aspirações respondiam àque-

12. D. Gros, *op. cit.*, p. 101.
13. *Ibidem*, p. 103.
14. *Ibidem*, anexos.

las dos trabalhadores do mundo inteiro. Os dirigentes bolcheviques só tomaram as rédeas do poder de seus concorrentes, durante o período de fevereiro a outubro, porque mantiveram firmemente a reivindicação pela paz, ao passo que os outros partidos, cedendo à pressão dos Aliados e de seus próprios chefes militares, continuaram a guerra e as ofensivas sangrentas, que desaguaram finalmente na decomposição do exército russo. De igual modo, desde que tomou o poder, o governo de Lenin publicou aquilo que ele chamou de "decreto sobre a paz": "O governo dos trabalhadores e camponeses [...] propõe a todas as nações beligerantes e a seus governantes começar imediatamente as discussões em vista de uma paz eqüitativa e democrática [...] uma paz imediata, sem anexação (isto é, sem confisco de territórios estrangeiros, sem anexação forçada de nacionalidades estrangeiras) e sem indenizações"[15].

Esta primeira manifestação ficou sem resposta. Em 20 de novembro, o governo dirigirá uma nota ao general Dukhonin, comandante-em-chefe dos exércitos russos, chamando-o a empreender negociações a fim de obter um armistício em todos os *fronts*[16]. Em 21 de novembro, Trotsky dirigiu uma nota a todos os embaixadores aliados de Petrogrado, na qual ele lhes pedia levar em consideração uma "proposta formal de armistício imediato em todos os *fronts* e de abertura imediata de negociações de paz". A mesma nota fora dirigida a todos os beligerantes[17]. Não obstante, o generalíssimo não reconhecia o governo. Ele recusou-se pura e simplesmente a pedir o armistício. O governo o destituiu no dia 22 de novembro e designou para sucedê-lo um novo comandante-em-chefe, o alferes Krylenko, sem dúvida o bolchevique mais antigo e de patente mais elevada!

No dia 23, por sua vez, os representantes aliados de Petrogrado, apoiados pelo adido militar americano, se dirigiram diretamente ao general Dukhonin lembrando-lhe que os russos não estavam engajados em concluir a paz em separado[18]. No dia 24, Trotsky lembrando que os Aliados não tinham respondido à nota do dia 8, declarou em nome do governo soviético que os apelos ao general Dukhonin feito pelos Aliados constituíam "uma ingerência nos assuntos internos do país, tendo por objetivo provocar a guerra civil"[19]. Ora, por sua parte, o general Dukhonin estava efetivamente engajado na via da guerra civil ao dirigir no mesmo dia uma proclamação aos soldados contra a política de paz do governo. Ele seria linchado por soldados em 3 de dezembro quando da ocupação de seu QG por Krylenko e sua escolta de marinheiros.

Negociações do armistício

Entrementes, em 28 de novembro, o alto-comando alemão fizera saber que estava,

15. Citado em Gankin e Fischer, *The Bolshevik Revolution 1917-1918* (documentos), p. 125.
16. *Ibidem*, p. 233.
17. *Ibidem*, p. 243.
18. Gankin e Fischer, *The Bolshevik Revolution*, p. 245.
19. *Ibidem*, p. 244-246.

de sua parte, disposto a negociar um armistício. A data de 2 de dezembro foi fixada para permitir aos Aliados comparecerem a uma reunião em Brest-Litovsk. A ordem número três do comandante-em-chefe Krylenko ordenava "cessar-fogo imediatamente e começar confraternizações em todos os *fronts*". Os Aliados não compareceram à reunião. A batalha internacional pela paz começava em Brest-Litovsk e na Europa.

Nas negociações iniciadas na cidade de Brest-Litovsk, os russos estão sozinhos frente aos Centrais e não é o que eles queriam. A delegação soviética, presidida por A. A. Ioffe, compreende Kamenev, Karakhane, Sokolnikov, uma socialista-revolucionária, A. Bitsenko, um oficial, um camponês, um operário e oito "especialistas". Os russos tentam ganhar tempo, principalmente ao colocar como condição preliminar à conclusão do armistício: o comprometimento do governo alemão em não transferir para o oeste as tropas do *front* oriental. Em 5 de dezembro, é assinada uma trégua até o dia 17. Se os aliados não comparecessem, seria preciso negociar uma paz em separado para poder manter a promessa dos bolcheviques de trazer os soldados de volta para casa.

A partir do dia 12, são retomadas as negociações do armistício propriamente ditas e os russos conseguem que não haja transferência de tropas alemãs à oeste por um mês e que os contatos pela "fraternização" das tropas sejam organizados no leste: "encontros de 25 pessoas, no máximo, sem armas, de cada lado", o que era largamente suficiente para os objetivos dos bolcheviques; coisa que os generais alemães não compreenderam de início. O armistício será prolongado até 18 de janeiro.

É Trotsky, na condição de comissário do povo às Relações Exteriores, quem dirige a delegação russa nas negociações de paz. Petrov (o ex-Petroff) acabara de ser "expulso" de sua prisão britânica e trabalhava com ele. Como quer evitar qualquer risco para Trotsky, quando da chegada a Brest, ele vai à frente, empunhando uma bandeira branca, para assegurar que não haja "engano". Trotsky, por sua vez, não esconde sua bandeira vermelha. Depois de repreender seus colaboradores por terem aceitado jantar na mesma mesa de seus adversários, ele anuncia publicamente, em 22 de dezembro, o envio para a Alemanha, na véspera, de um vagão de propaganda socialista, pacifista e precisa: "ainda que estejamos negociando com a Alemanha, nós ainda falamos a língua da revolução[20]". De início, ele já marca pontos. Os generais inimigos estão surpresos com sua dialética, não sabem muito bem o que responder e não o deixam falar. Na verdade, bem debaixo dos narizes dos generais, ele se dirige aos soldados destes para lhes ajudar a pensar e se voltarem contra a guerra. Os generais austro-alemães descobrem, aliás com ódio, que, ao longo desses "contatos" que eles aceitaram organizar entre os soldados dos dois lados, estes foram inundados por uma literatura subversiva que os conclamava à desobediência e que havia um risco real de "contágio".

De Karl Radek, Trotsky disse a Sadoul que ele "apreciava a inteligência e a vivacidade deste homem enérgico e apaixonado"[21] e ele o encarrega de organizar a propaganda

20. L. Trotsky, *Sotch*, III, 2, p. 215.

21. Citado em P. Broué, *Trotsky*, p. 223.

aos soldados alemães e austro-húngaros por meio das ações de "fraternização". Radek aceita com prazer. Ele preparou, antes de chegar, um número em alemão do jornal *Der Fackel*, que conclama os soldados a se revoltarem. Ele o distribuiu em sua chegada, em plena estação, aos militares alemães presentes, sob os olhos de seus oficiais. Ele escandaliza o inimigo a tal ponto que o general Hoffmann pede sua exclusão da delegação russa, explicando que essas práticas são contrárias aos costumes diplomáticos e que, de qualquer forma, este "desertor austríaco", não faz sentido numa delegação russa. Podemos compreender sua estupefação e apreciar a situação assim criada.

As negociações de paz

Durante muitas semanas, a delegação russa em Brest-Litovsk e, particularmente, Trotsky conseguem manter os negociadores em suspenso e ganhar, a cada dia, um pouco de tempo ao levar seus interlocutores numa disputa verbal, em que eles marcam quase sempre os pontos, para grande irritação da ala belicista da delegação dos Centrais. O Estado-maior alemão decide, então, partir para a diplomacia do soco na mesa. Em 9 de fevereiro, o gal. Hoffmann deposita um documento, um mapa, no qual uma linha amarela marca todas as anexações reivindicadas pelos Centrais e o contorno das novas fronteiras. É uma amputação na carne viva da Rússia, tal como ela estava sob o czar, para não falar da Rússia soviética (um quarto do território, 44% da população, um terço das colheitas, 27% da renda do Estado, 80% das refinarias de açúcar, 73% do aço, 75% do carbono e nove mil das 16 mil empresas daquele país).

Em face do *diktat*, os bolcheviques se dividem. Lenin acredita que os soldados, que deserdaram em massa para voltar para casa, votaram "com os pés". Não se pode lutar quando não se tem exército, e não havia mais exército russo. Ao governo soviético não resta muito mais do que se inclinar e assinar a paz nas condições alemãs para não perecer e com ela impulsionar a revolução para o mundo. Os "comunistas de esquerda", ao redor de Bukharin, explicam que assinar a paz seria trair a revolução alemã em ascensão e contra a qual o exército imperial poderia ser girado. É também trair o proletariado ocidental e os soldados, contra os quais o Estado-maior alemão poderia usar seus efetivos até então concentrados no leste. Contra a ocupação estrangeira, contra a opressão, certamente eles não dispunham de exército, mas dispunham, por outro lado, de todos os meios da "guerra revolucionária", as ações dos *partisans*, dos terroristas, que não estavam bem definidos com grande rigor, mas que respondem em grande medida à noção de resistência popular armada. Trotsky, por sua vez, preconiza uma solução audaciosa, terrivelmente arriscada, que pretende responder às exigências contraditórias da situação: a impossibilidade de fazer a guerra e a necessidade de não trair os revolucionários. Ele propõe a fórmula "Nem a paz, nem a guerra". Era necessário não assinar a paz, mas era preciso não continuar com a guerra, declarando-o abertamente frente à Alemanha e a todos os povos do mundo.

É o que foi feito depois de uma discussão acirrada dentro do Partido Bolchevique.

Completamente atordoados num primeiro momento e sem dúvida bem perto de se deixarem apanhar, os generais alemães se recompõem em seguida e lançam um ataque terrível, avançando profundamente sem encontrarem resistência. Eles endurecem as suas condições, que deveriam ser aceitas e, desta vez, Trotsky admite o sucesso da posição de Lenin. Assina-se o tratado[22].

Tempestade operária sobre a Europa

O ano de 1918 começa com uma greve na capital húngara. Os pesquisadores de diversos países descobriram diversas pistas que levaram aos dois principais dirigentes, pioneiros dos conselhos operários na Hungria, Antal Mosolygó e Sándor Öszterreicher. Estes estão, com efeito, em contato com o Círculo Galileu, formado por estudantes socialistas ganhos para a revolução, a quem Ilona Duczynska, desde Viena, trouxe documentos sobre as conferências internacionais. Os estudantes de Ottó Korvin, que se juntaram ao Círculo, foram, eles próprios, formados nas técnicas conspirativas por Vladimir Justus, prisioneiro de guerra russo e bolchevique!

A greve começa em 14 de janeiro em Budapeste; em 16, ela se estende às fábricas de munição da Baixa Áustria; em 17, à classe operária inteira de Viena. Alguns dias mais tarde, são os operários das indústrias de guerra de Berlim, seguidos pelos metalúrgicos e outras corporações. Nenhuma direção sindical oficial fez o chamado à greve. São os jovens estudantes, ligados aos operários, autoproclamados "Radicais de Esquerda", que são a causa do movimento em Budapeste e Viena. Em Berlim, os dirigentes foram os Delegados Revolucionários; em Brunswick, os espartaquistas. O austríaco Franz Borkenau, depois de sua ruptura com o comunismo, comenta, em 1939, numa obra sobre a Internacional Comunista:

> Apesar dela, ou talvez, por causa dela, esta greve foi, em mais de um sentido, o maior movimento revolucionário de origem realmente proletária que o mundo jamais viu. Em que pese que tenha sido vagamente ligada à agitação camponesa, ela repousa sobre suas próprias forças. E, o que é mais digno de ser notado, foi a única ação internacional de greve desta importância conhecida na história. A coordenação internacional que a Comintern tentou mais tarde realizar, tão freqüentemente, foi espontaneamente produzida aqui, no interior das fronteiras das potências centrais, pela comunidade de interesses dentro de todos os países concernidos e pela predominância, em todos os lugares, dos dois problemas principais, o pão e as negociações de Brest. Em todos os lugares, as palavras de ordem reivindicavam uma paz com a Rússia, sem anexação nem compensação, rações mais substanciais e uma plena democracia política.

22. Ver o relato destes desenvolvimentos em P. Broué, *Trotsky*, p. 224-236.

O movimento sacudirá as potências centrais até seus próprios alicerces. É certamente inexato dizer que a guerra foi perdida devido à ação dos revolucionários, pois as potências centrais foram derrotadas nos campos de batalha. Contudo, isto acelerou a derrota e delineou os contornos principais da revolução vindoura. Esta ação se deve à revolução russa, ou esta última foi sua causa mais imediata. E fica, deste fato notável, que o maior efeito, que teve a Revolução Russa sobre a Europa, foi obtido antes que existisse uma Internacional comunista[23].

A repressão é severa. Numerosos operários são presos e condenados, assim como revolucionários, dentre eles, Ilona Duczynska, que acabara de completar 19 anos.

A paz e seus dias seguintes

Os bolcheviques precisavam desesperadamente de paz – e eles a obtiveram em Brest, mas a um preço exorbitante. Eles contavam com a ajuda do proletariado internacional, o qual manifestou-se nos países beligerantes, sobretudo na Alemanha e na Áustria-Hungria, mas nem no momento, nem com a força necessária para lhes poupar esta terrível prova: as grandes greves de 1917 não puderam impedir que a revolução fosse ferida com o tratado de Brest-Litovsk e ao longo de sua aplicação.

Os dias seguintes são, com efeito, dramáticos. Em algumas semanas, os alemães consolidaram suas posições nas regiões industriais vitais ou em suas proximidades e ocuparam os "celeiros de trigo". Perseguindo os governos nacionais ou os instalados pelos bolcheviques, eles instalaram seus próprios fantoches, civis ou militares, que se sustentavam na ponta da baioneta. Do Báltico ao Mar Negro, atravessando a Ucrânia, se estendem dependências – mas também intendências – do exército imperial alemão e com eles a ordem das potências. A revolução parecia esmagada pelos protetorados instalados pelo Estado-maior imperial de Berlim.

O tratado obriga os russos a retirarem suas tropas da Finlândia. Esta retirada só se dá quando o general Rüdiger von der Golz, ex-ajudante de campo de Wilhelm II, desembarca em Hangoe. Atrás das tropas vermelhas e à frente da divisão do Báltico, ele entra em Helsinque, em 14 de abril. O governo socialista da Finlândia não conseguiu evacuar a tempo toda a população operária, como tivera esperança de o fazer. A maior parte dos dirigentes do movimento revolucionário conseguiu encontrar refúgio na Rússia. O governo branco é restabelecido em 4 de maio, sob a presidência do general von Mannerheim. A repressão se segue. Borkenau escreve a respeito: "é a primeira vez que foi visto um terror branco, que vingava algumas centenas de vítimas da classe proprietária com o sangue de dezenas de milhares de pobres"[24]. Uma sondagem das vítimas deste terror branco contabiliza de oito mil a 15 mil vítimas, segundo os social-democratas; de 15 mil a 20 mil, segundo os comunistas.

23. F. Borkenau, *World Communism*, p. 92-93.
24. F. Borkenau, *op. cit.*, p. 106.

Em março de 1918, o avanço das tropas russas na Romênia parecia que se estenderia pelo país inteiro e que faria sua junção com o movimento operário combativo. Elas se retiram e dá-se a ocupação pelas tropas dos Centrais. Rakovsky, porta-estandarte desta "conquista revolucionária" precisa se refugiar na Rússia soviética. Ele é condenado à morte por contumácia por um tribunal romeno.

Crise na cúpula do Partido bolchevique

Nesse meio tempo, sob proposta de Lenin, o Partido Bolchevique tirou sua "camisa suja", a etiqueta de "social-democrata", para tornar-se um partido "comunista". Isto não o poupa de uma crise muito profunda. Regiões inteiras não se consideram parte do tratado de paz. Os comunistas de esquerda atuam como fração independente, negociam com outras formações, publicam sua própria imprensa, independentemente do partido e de sua direção. O Partido Bolchevique está em estado de cisão de fato. Ele só restaurará sua unidade com a destruição dos exércitos dos Centrais, o que dá razão a Lenin; mas, ele precisará esperar ainda alguns meses para que isso ocorra.

No exterior da Rússia e, particularmente, na Alemanha, que tinha acabado de sair da derrota do grande movimento grevista, de Berlim a Leipzig, passando por Budapeste e Viena - um movimento de massas no qual muitos depositaram as esperanças que derrotaria os marechais do Kaiser –, depois da ofensiva alemã e do desmembramento do território soviético, estas derrotas são um golpe no moral das fileiras revolucionárias. A correspondência entre os dirigentes alemães presos atesta isto. Nenhum dedo acusador se levanta contra os bolcheviques, que, depois de tudo, "ousaram", mas ficaram sozinhos. Existe, contudo, um sentimento de frustração, até mesmo de ressentimento a respeito dos bolcheviques. Eles certamente escaparam da forca, mas não teria sido ao preço de transferir a corda para o pescoço da revolução alemã? É o que pensam os dirigentes, sobretudo os quadros. É o que pensa Rosa Luxemburgo, que escreveu um artigo condenando firmemente a política de Lenin. Fora preciso a pressão e a grande insistência de Paul Levi, seu advogado, amante, camarada de combate e dirigente clandestino de sua organização, para que ela renunciasse à exigência de sua publicação.

O declínio da influência daqueles que ainda eram chamados de "radicais de esquerda" (*Linksradikalen*) é clara nos movimentos de greve. Os social-democratas majoritários se recompuseram, os independentes do USPD não tinham mais medo, haja visto todas as evidências, de aparecerem como "oportunistas", e os espartaquistas, por causa dos bolcheviques, perderam uma parte de sua autoridade. Evidentemente, a repressão governamental agrava esta situação. Os bolcheviques, que têm consciência disto, viram, não obstante, dentro dos movimentos revolucionários um sinal bem mais importante que o abalo dos sentimentos subjetivos: tanto na Hungria como na Áustria, nascem, ao longo da greve, verdadeiros sovietes, conselhos operários que conferem ao movimento sua realidade sócio-política e seu caráter internacional. Em outras palavras, e sem o saber, os combatentes operários da paz da Europa central se engajaram na luta pela ditadura do proletariado.

Diplomatas muito especiais

Logo depois da revolução russa, em janeiro de 1918, preocupado em garantir a segurança do heróico militante escocês, o governo soviético nomeara John Maclean cônsul da Rússia em Glasgow. Logo após o tratado de Brest-Litovsk, em fevereiro de 1918, a Rússia ganhara o direito de ter representações diplomáticas nos raros países que a reconheceram ou aceitaram sua presença oficiosamente. Duas destas missões desempenharam um papel particularmente importante: a embaixada de Berlim e a missão diplomática de Berna. As pessoas que as compunham eram evidentemente diplomatas muito especiais, antes de tudo, militantes que tinham uma experiência conspirativa e clandestina e cuja missão é de ajudar política e materialmente os revolucionários dos países onde eles estão alojados.

O embaixador de Berlim é A. A. Ioffe, amigo de Trotsky, ex-exilado por sua atividade de encarregado de difusão da *Pravda* em Viena e ex-negociador em Brest-Litovsk. Fala fluentemente alemão, conhece muita gente, de revolucionários ao chanceler passando pelos príncipes e generais encontrados em Brest. Já chega mostrando ao que veio, recusando-se a comparecer perante o imperador Wilhelm II. Por outro lado, logo na sua primeira recepção, ele convida revolucionários, socialistas e intelectuais pacifistas. O pessoal da embaixada é formado de homens e mulheres que conheciam bem a Alemanha e o trabalho deste revolucionário. O primeiro-secretário, Vladimir Zagorsky, é um velho bolchevique que viveu muitos anos em Leipzig e estava encarregado, antes da guerra, do "centro bolchevique" da Alemanha. As autoridades alemãs não dão seu consentimento a Marchlewski (Karski), bem conhecido de suas polícias. A embaixada situada em Unter den Linden é um lugar de passagem e de estadia para os bolcheviques em circulação por razões aparentemente "diplomáticas" nos países vizinhos. Dois viajantes importantes tiveram uma longa estadia lá e puderam trabalhar com Ioffe na resolução dos problemas alemães, eram Bukharin e Rakovsky, para quem Berlim foi o porto final quando terminaram uma discussão com um dos protegidos alemães da Ucrânia, o atamã Skoropadsky.

Sabemos que Ioffe foi um conselheiro, mas não um mentor. Não fazia distinção entre os grupos revolucionários, deu, segundo sua própria declaração às *Izvestia*, em 6 de dezembro do mesmo ano, várias centenas de milhares de marcos a Emil Barth, presidente dos Delegados Revolucionários e responsável pela preparação da insurreição, que nem de longe pertencia ao movimento bolchevique. Confiou ao advogado e membro da USPD, Oskar Cohn, encarregado dos negócios da embaixada, fundos da ordem de dez milhões de rublos destinados a ajudar a revolução na Alemanha. A embaixada russa financiou durante este período seis jornais do USPD sem que se possa dizer que ela o dirigia ou ditava sua orientação. Na agência de notícias *Rosta*, que o advogado implantou em Berlim,

em uma posição estratégica para a informação, mas também um trabalho remunerado, Ioffe empregou um bom especialista, Emil Eichhorn, ex-responsável do escritório de imprensa do Partido Social-Democrata, dirigente berlinense do USPD, assim como os espartaquistas Ernst Meyer e Eugen Léviné.

A missão diplomática de Berna foi formada por militantes familiarizados com a Suíça. Seu organizador, que chegou antes dos outros, após um longo périplo, foi um adjunto de Trotsky e seu colaborador próximo, um velho bolchevique, o Dr. Ivan Zalkind. Doutor em medicina, tendo vivido muito tempo em Paris, onde conhecera Trotsky, era casado com uma francesa, Suzanne. Chegou dez dias antes de Berzin, abrindo o caminho para a missão. Com efeito, ele partira de Petrogrado com Kamenev em 1° de fevereiro de 1918, passando por Estocolmo, depois pela Escócia e por Londres, e só chegou à fronteira suíça em 7 de maio. Durante sua estadia, ele tentou entrar na Itália, mas foi impedido.

Uma parte do pessoal da missão fora recrutado no local. Seu chefe não tem nada de um diplomata profissional: o operário letão Jan Berzin, dito Winter, que tinha vindo à Suíça como representante de seu partido na esquerda de Zimmerwald. Falava perfeitamente francês. O conselheiro era também um velho bolchevique, G. L. Chklovsky, amigo de Zinoviev, que vivera na condição de emigrante na Suíça, de 1909 a 1917. O polonês Bronski, pilar da esquerda de Zimmerwald na Suíça, colaborador de Lenin, tivera uma breve permanência em Petrogrado antes de ir para a Suíça. A militante ítalo-russa Angelica Balabanova era, como sabemos, a secretária do grupo zimmerwaldiano. A mulher de Fritz Platten, Olga, trabalhava igualmente na missão.

Alguns dos homens da missão eram pouco conhecidos. Um ex-terrorista SR de 1905, que se tornou bolchevique quando estava emigrado, Iakov Reich, encarregado do boletim informativo destinado à Alemanha e à França junto com um especialista russo de imprensa, Zamiatin. Era competente nos negócios. Este revolucionário profissional era uma espécie de intendente universal. O sérvio Ilya Milkić representara o partido socialista de seu país na conferência da II Internacional em Copenhague em 1910. Eleito conselheiro municipal numa lista do PS sérvio, ele emigrara para a Suíça durante a guerra e se correspondera com Trotsky. O polonês Stefan Bratman, metalúrgico em Zurique, estava com os bolcheviques na emigração: tornou-se secretário da missão. N. N. Liubarsky vinha do Extremo Oriente e se dirigira a Itália, onde se tornou Carlo Niccolini. De Petrogrado vem também o jovem húngaro Tibor Szamuely. Filho de grandes comerciantes, jornalista socialista, poliglota, tornou-se bolchevique quando era prisioneiro de guerra na Rússia. Parecia possuir um belo futuro de dirigente revolucionário.

A agitação revolucionária continua

A luta continuava nos outros países, certamente num nível que não era o mesmo da Europa central, pois apenas começava.

Na França, em 1° de maio, ocorreu uma nova greve vitoriosa dos trabalhadores da

bacia do Firminy pela libertação de seis dirigentes ameaçados no conselho de guerra. É assim que, no dia seguinte ao congresso de Saint-Étienne dos minoritários revolucionários da CGT, da greve de Viena e da prisão de seus dirigentes, Richetta, Herclet e Miglioretti são condenados a longas penas por terem se prestado, quando da greve geral, à "incitação ao homicídio e [à] incitação de militares à desobediência"[25].

Na Itália, em 1° de maio, ocorrem greves em Milão, com palavras de ordem contra a guerra. Os encontros traduzem os esforços para a criação de uma fração "intransigente", à esquerda do PSI. Lembramos também da orientação revolucionária da Juventude Socialista, que se inspiram em Moscou. Em maio, a condenação de Serrati a três anos de prisão por "traição indireta" devido à sua "participação" nos eventos de 1917, contribuiu para frear a cristalização de uma esquerda. Ele próprio declara diante de tribunal que, se os socialistas são capazes de interpretar a história, eles não são de fazê-la.

Na Grã-Bretanha, John Maclean, condenado a três anos de prisão e libertado após 14 meses, escreve um livro intitulado *War after the war* (Guerra depois da guerra). Novamente preso depois do grande ato de janeiro de 1918 contra a mobilização dos jovens de 18 anos, ele é encarcerado na prisão da Duke Street e poderá ouvir os clamores por sua libertação feitos por mais de cem mil manifestantes no 1° de maio de 1918, manifestação organizada pelo Comitê dos Trabalhadores da Clyde, centro da resistência operária à guerra e à exploração. O mundo não ouvirá mais, devido à censura, sua célebre defesa perante o tribunal que lhe julga por "ação inconstitucional": "eu não estou aqui na condição de acusado, estou, enquanto acusador do capitalismo, coberto de sangue da cabeça aos pés"[26].

Na Espanha, onde as notícias da revolução russa chegaram, aclamada pela imprensa e pelos grupos anarquistas como a revolução que deu a terra aos camponeses, a agitação revela uma grande amplitude a partir de maio de 1918, enfraquecida um pouco no verão para ser retomada no outono com o Congresso Sindical de Castro del Rio, de 25 a 27 de outubro, e com a deflagração de uma greve geral total, inclusive nas 34 cidades da província de Córdoba, com um nível de coordenação sem precedentes. Nas cidades, o congresso de Sáns, da CNT da Catalunha, propondo a forma de organização do *Sindicato Único* marca o ponto de partida do movimento de sindicalização, a aparição de novos jovens dirigentes – como o catalão Salvador Seguí e o leonês Angel Pestaña, e o começo dos "dois anos vermelhos", o *bienio bolchevique*. A ferveção política é importante, tanto nas organizações sindicais – inclusive naquelas que influenciam os anarquistas e os "sindicalistas" –, como no PSOE, em que a juventude socialista está na vanguarda do "reconhecimento" do modelo russo[27].

25. Ver os verbetes correspondentes no *Maitron*.
26. N. Milton, *John Maclean*, p. 172. Nan Milton, morta em 1996, era filha de John Maclean.
27. G. Meaker, *op. cit.*, p. 133-188.

Os Estados Unidos na guerra

Um fator novo veio perturbar a evolução, até aquele momento linear, dos eventos mundiais. Os EUA entraram em guerra em 2 de abril de 1917, no dia seguinte em que a Rússia soviética saía. Muitos fatores empurraram o presidente americano para tal, embora este tivesse sido eleito com um programa de política exterior isolacionista. Havia o mercado dos beligerantes a conquistar, suas economias a colonizar mais cedo ou mais tarde; a revolução a esmagar enquanto ainda ela estivesse no ninho, antes que fosse tarde. Não demorou muito para compreenderem que a guerra fornecia à classe dirigente a ocasião de uma repressão colonial contra o movimento socialista e revolucionário no país, dando a oportunidade para colocarem as coisas de novo em seus devidos lugares.

O Estado americano e a classe dirigente utilizaram todos os recursos de seus meios repressivos: pesadas condenações discutíveis contra os anarquistas Berkman, Emma Goldman e sobretudo Tom Mooney, proibição ou suspensão de fato dos jornais pela recusa dos correios de entregá-los, ataques contra as dependências do Partido Socialista ou dos sindicatos, operações terroristas de deportação das famílias dos grevistas do Arizona, utilização dos *vigilantes* protegidos pela polícia para furarem as greves, destruição das reuniões e linchamentos. Depois de Joe Hill, o aparato repressor se volta para Frank Little, adversário da entrada na guerra e organizador, no verão de 1917, da greve de 75 mil mineradores de cobre, que ele concebera como uma ação contra a guerra. Ele foi seqüestrado na madrugada do 1° de agosto de 1917, arrastado pela traseira de um carro pelas ruas de Butte (Montana) e enforcado num viaduto de ferrovia. A classe dirigente americana declarara guerra à revolução.

Isto ficou perfeitamente visível com o enorme processo pela suspensão da organização de classe dos trabalhadores norte-americanos, os *Industrial Workers of the World* (IWW), ou os *wobblies*, que tanto trabalharam, durante décadas, pelas reivindicações e pela defesa dos direitos democráticos dos menos favorecidos. Este processo começa em 1° de abril de 1918, em Chicago, com 101 membros dos IWW e durará cinco meses. Certo do resultado que o esperava, seu dirigente e símbolo, o grande Bill Haywood, procurou refúgio na Rússia. Os acusados e seus advogados se defendem partindo para o ataque e conseguem reverter o processo do capitalismo e de sua pretensa democracia. John Reed, sempre um grande observador, faz memoráveis relatos das audiências no *The Masses*, escrevendo algumas belíssimas páginas.

Finalmente, o presidente Wilson se manifesta espetacularmente sobre a questão dos objetivos da guerra. Evidentemente, não é por acaso que é bem no exato momento em que a delegação russa volta a Brest-Litovsk que ele pronunciou no Congresso, em 8 de janeiro de 1918, o célebre discurso no qual enumera os 14 pontos para uma paz democrática. A idéia chega até ele, ao que tudo indica, vinda dos diplomatas americanos de Petrogrado que sugerem "reformular os objetivos de guerra antiimperialistas [*sic*] e as exigências de paz democrática dos Estados Unidos", em suma, segundo a expressão de E. G. Sisson, inspirada no coronel Robins, são "parágrafos de publicidade".

Independente de quais fossem as intenções de Woodrow Wilson, seus "14 pontos", vindos depois da entrada dos EUA na guerra, modificaram profundamente as relações de força e aumentaram fortemente a capacidade de resistência das potências à revolução. Não somente o exército americano, bem equipado, se colocava com vantagem no lugar do exército russo e rompia definitivamente o equilíbrio de forças militares em favor dos Aliados, mas ainda por cima os "14 pontos", proclamados como objetivos de guerra, privavam os russos da exclusividade de sua política de paz e, portanto, de seu prestígio. Na luta contra a revolução ascendente e de iniciativas "como a dos russos", eles constituiriam, com efeito, a carapaça ideológica da social-democracia, até mesmo dos socialistas centristas, que se recusavam a romper com suas burguesias nacionais, mas não podiam, ou não podiam mais, aprovar uma política de guerra, cujo fim não fosse uma "paz democrática".

A fortaleza sitiada

É no verão de 1918 que a Rússia revolucionária termina de revestir-se da fisionomia sobre a qual ela seria conhecida no resto do mundo, durante seus primeiros anos, e que, de fato, lhe foi imposta pelas investidas homicidas, conduzidas contra ela pelas potências em guerra. Começa, então, a época do comunismo de guerra e do terror vermelho. A luta sem misericórdia, em condições materiais cada vez mais difíceis no estado de isolamento deste país atrasado e nos marcos vertiginosos desta guerra imperialista – já transformada em guerra civil –, impõe aos dirigentes um regime econômico de exceção, que foi batizado – talvez por ironia – de "comunismo de guerra":

> O comunismo de guerra nasce das necessidades mesmas da guerra. É preciso, para utilizá-lo, controlar todos os recursos do país: é sob o império da necessidade que será preciso nacionalizar a indústria sem que os operários tenham tempo de passar pela escola do controle. O abastecimento, o equipamento e o armamento são imperativos absolutos. O comércio privado desaparece totalmente para dar alimento aos soldados e aos citadinos. Destacamentos de operários armados percorrem todas as vilas, requerendo os grãos. Os camponeses pobres são organizados, contra o *kulak*, para a defesa do regime. As receitas orçamentárias são nulas e o governo não tem o aparato necessário para a cobrança dos impostos: a casa da moeda funciona sem parar. Uma gigantesca inflação aumenta as dificuldades, que somente uma forte pressão permite superar. Logo, mercadorias serão utilizadas para pagar os salários que já estão bem abaixo do mínimo para se alimentar. Como salienta Isaac Deutscher, há, nesta situação toda, uma ironia caricatural: o controle governamental total, a supressão do mercado, o desaparecimento da moeda; a equalização das condições de vida parece a realização do comunismo, quando, na verdade, ela não passa de uma trágica caricatura. Pois, este comunismo não nasce do florescimento das forças produtivas, mas de seu naufrágio. Não é nada mais do que a igualdade na miséria, próxima do retorno à barbárie. É preciso toda a energia revolucionária dos bolcheviques para entrever, atrás das chamas cruéis da enorme

fornalha, como dissera Trotsky aos jovens comunistas, a luta do Homem para se tornar senhor de sua própria vida[28].

Também a partir de julho, vemos se impor com brutalidade a força da Tcheka, "Comissão Extraordinária para Combater a Contra-Revolução e a Sabotagem", que foi confiada ao polonês Dzerjinski. O assassinato do popular orador bolchevique Volodarsky – formado nos EUA – deslancha a revolta chamada de "terror vermelho": é preciso combater os ingleses, os tchecos; o terrorista Savinkov. E a traição está por todos os lados, com o inimigo de classe. Liquida-se o czar e sua família. O terror branco ainda causa danos. Uritsky é morto, Lenin gravemente ferido. Também a Revolução Russa tem seus massacres de setembro. A Tcheka tem a missão de exterminar a burguesia enquanto classe; ela age sem limites, por cima de todas as autoridades, pois a segurança é a necessidade suprema. Trotsky justifica: "agora que se acusa os operários de dar provas de crueldade na guerra civil, nós dizemos, instruídos pela experiência, que a indulgência para com as classes inimigas é a única falta imperdoável que a classe operária russa pode cometer neste momento. Nós lutamos em nome do maior bem da Humanidade, em nome de sua regeneração, para tirá-la das trevas e da escravidão". Ele explica também: "o terrorismo não é uma depreensão 'lógica' da revolução, de igual modo não o é a insurreição armada. Contudo, ela exige da classe revolucionária que esta se valha de todos os meios para chegar ao seu objetivo, pela insurreição armada se assim for preciso, pelo terrorismo se for necessário"[29].

Os bolcheviques e com eles muitos revolucionários tiveram o sonho de uma democracia socialista e acreditaram mesmo que tinham começado a construí-la. Sem procurar ludibriar o resto do mundo, eles reconheceram rapidamente que, na realidade, eles estavam bem longe disto e, com toda a convicção, eles enfatizaram a palavra-de-ordem da ditadura para caracterizar o novo regime dos sovietes pela dominação sem concorrência do partido: Trotsky diz cruamente a respeito: "a dominação revolucionária do proletariado supõe no próprio proletariado a dominação de um partido provido de um programa de ação bem definido e forte; de uma disciplina interna indiscutível"[30]. Assim se forja e toma forma, se consolida e se tempera no fogo, o primeiro destacamento da Internacional, a vanguarda que, sendo a primeira, conquistou o poder e a ambição de mostrar o caminho, que seria, queiramos ou não, uma espécie de modelo para os outros.

Da guerra à guerra

Num primeiro tempo, imediatamente após o tratado de Brest-Litovsk, os Aliados intervieram na Rússia sob o pretexto de tomar posição contra – quiçá de combater – o

28. P. Broué, *Le Parti bolchevique*, p. 126.
29. L. Trotsky, *Défense du terrorisme*, p. 75.
30. *Ibidem*, p.143.

avanço dos exércitos alemães para além dos limites fixados em Brest-Litovsk. Sua intervenção toma um impulso decisivo com a constituição da Legião Tchecoslovaca, originalmente destinada a combater os Centrais, cuja "repatriação" por via terrestre em direção a Vladivostok, a recusa de se deixarem desarmar e o retorno em direção à Rússia européia sinalizarão o início da guerra civil, que, com efeito, servirá de ponto de apoio aos empreendimentos dos Aliados e às ambições dos generais czaristas, que aspiravam reverter em seu proveito o regime bolchevique e colocar fim à revolução. Os desembarques sucessivos, tanto de americanos como de japoneses, em Vladivostok, de ingleses em Arkhangelsk e em Murmansk, em ligação com a Legião Tchecoslovaca, e uma operação militar em Iaroslavl, conduzida pelo ex-terrorista SR e ministro de Kerensky Boris Savinkov, estabelece os marcos de uma intervenção que seria uma grande operação de guerra.

É nesse ponto que aparece o almirante Koltchak. Descartando os responsáveis civis da contra-revolução e se proclamando com o título de comandante-supremo; ele será, quase até o fim de nossa aventura, a encarnação da "legalidade" na Rússia, aos olhos das "democracias". É igualmente dentro destes marcos que se situa, em julho de 1918, depois do assassinato de embaixador alemão von Mirbach, a tentativa de insurreição dos SR de esquerda em Moscou, facilmente reprimida pelos guardas vermelhos e voluntários estrangeiros junto com os fuzileiros letões.

Desde o fim da guerra com a Alemanha, os Aliados puderam intervir diretamente e abertamente no local, fornecendo armas, munições e até mesmo, algumas vezes, uniformes aos exércitos brancos. Louis Fischer, jornalista americano, escreveu:

> Com a elevação de Koltchak, mesmo o pretexto mais tênue de oposição democrática contra os bolcheviques desapareceu. Todos os generais, na Ucrânia ou sobre o Don, Kuban ou no Cáucaso, que fossem a favor da Alemanha ou da *Entente*, eram claramente reacionários e autocratas. E para a maioria dos monarquistas entusiastas, Krasnov, Alekseiev, Dutov, Denikin e Kaledin não pretenderam jamais terem o apoio do povo.O governo de Arkhangelsk era igualmente um instrumento na mão dos Aliados. Como conseqüência, em novembro de 1918, a guerra civil na Rússia torna-se claramente uma luta entre a revolução vermelha e a reação negra, entre os comunistas e os monarquistas, entre os bolcheviques, inimigos da democracia burguesa, e os inimigos de toda e qualquer democracia. Os Aliados se alinharam na segunda fileira[31].

Em agosto de 1918, a situação dos bolcheviques é extremamente precária, Moscou estava ameaçada por todos os lados. As vitórias de Trotsky em Kazan e a de Tukhatchevsky em Simbirsk tiraram a corda momentaneamente do pescoço bolchevique. Contudo, a derrocada dos impérios centrais não garantiria a sobrevivência dos bolcheviques. Se ela abrisse a via da revolução dentro destes países, tudo tornaria-se possível. Se não, os Aliados seguiriam impunemente sua ação contra-revolucionária. Antes mesmo do pedido

31. L. Fischer, *Les Soviets dans les affaires mondiales*, p. 113.

alemão de armistício, o chefe do governo francês Georges Clemenceau dá instruções ao general Franchet d'Esperey para a "grande intervenção", visando a "queda do bolchevismo". As tropas de Koltchak são repelidas para o leste. Uma conferência dos Brancos na Romênia confia o comando ao general Denikin e registra a promessa do próximo desembarque, em Odessa, de doze divisões francesas, com artilharia, tanques e aviões. Prepara-se o cerco final.

Mais do que nunca, a sorte da revolução russa dependia de outros países, ou melhor, dependia do prosseguimento da revolução mundial. Indubitavelmente, nunca a necessidade da Internacional Comunista estivera tão presente no espírito dos russos, que fosse para sua própria defesa ou para a vitória nos outros países. Depois da guerra e com sua própria guerra, os Aliados iriam internacionalizar a revolução, forçando o nascimento de uma nova Internacional.

O motim de Radomir

É na Bulgária que apareceu o primeiro sinal da segunda ruptura na corrente dos países em guerra. A situação tornara-se brutalmente crítica sem que, aparentemente, os amigos búlgaros dos bolcheviques, os *tesnjaki*, tenham tomado consciência. O czar acabava de constituir um governo presidido por Malinov, que procurava o caminho de um armistício com os Aliados. Em 15 de setembro, o corpo expedicionário Aliado, comandado pelo general francês Franchet d'Esperey, conseguiu vencer as linhas búlgaras no *front* da Macedônia. De início, o resultado foi uma debandada gigantesca, depois os soldados búlgaros se revoltaram. Uma parte deles desertou e voltou para casa. Os outros decidiram acabar com o regime e marchar sobre Sofia a fim de punir o czar Ferdinando e os políticos responsáveis pela guerra.

Em 14 de setembro, os soldados rebeldes tomam conta do nó ferroviário de Kiustendil, próximo à Sofia. O governo decide assim libertar da prisão o dirigente da União Agrária Alexandar Stambolisky e Malinov lhe convida para entrar num governo nacional, com a missão de assegurar a paz dentro da ordem e de negociar o armistício com os Aliados. Stambolisky recusa-se. O dirigente camponês vai em seguida para a casa do dirigente dos socialistas "estritos", os *tesnjaki*, Dimitar Blagoiev, que ele encontrou de cama, adoentado, e lhe propôs uma aliança para a tomada do poder. Dizia que estava pronto para aplicar o programa socialista com a única condição de que a propriedade privada dos pequenos camponeses fosse mantida. Trombou-se com uma recusa categórica. O partido "estrito" não queria uma aliança com o campesinato para a tomada do poder à frente de uma república democrática e no lugar de um regime imperial, que continuava no local. Assim, em circunstâncias excepcionais, o partido socialista "estrito" dos búlgaros demonstrou que não tinha assimilado a experiência bolchevique, a qual reivindicavam. O que queriam os *tesnjaki*, diziam eles; não era "a democracia", mas o socialismo.

Stambolisky se pôs à frente dos soldados amotinados, que encontrou a uns 40 quilômetros de Sofia, colocando-se em seu comando, e se proclamou presidente da república búlgara, designando um governo provisório. Privado de todo apoio entre os trabalhadores das cidades, jogado num impasse que lhe impunha a ação antes da cristalização orgânica do movimento de massas, a insurreição teve que parar. A decisão, então bem rápida, do governo em pedir as negociações de armistício fez o resto. Era o fim, a oportunidade favorável tinha passado e não somente para a Bulgária. Por quê? Não por covardia, evidentemente, mas por causa de um profundo sectarismo, do qual os "estritos" não eram os únicos a sofrer. Os soldados e os suboficiais amotinados de Radomir se dispersaram aos quatro ventos e o partido "estrito" búlgaro recaiu no seu isolamento sectário, comentando, num tom cáustico, as "pretensões" dos agrarianistas, que, não obstante, combateram na guerra, no mínimo. Assim, os que não tinham movido uma palha se regozijavam ruidosamente de possuírem "os princípios" que evitaram que cometessem os erros.

Os grupos comunistas na Rússia

Os russos estavam preparados ao máximo para a internacionalização de sua revolução. Em janeiro de 1918, eles enviaram Kamenev e Zalkind para o Ocidente para tentar encontrar aliados ou apoio. A turnê inglesa fora medíocre, em que pese a ajuda de Litvinov. O encontro de Kamenev com os Webb não tivera muito interesse porém, sua entrevista com Tom Bell e Arthur MacManus, que provavelmente aconteceu, teve um pouco mais. O governo Clemenceau recusou-se a admiti-lo na França, mesmo que ele tivesse um visto da embaixada da França na Noruega. Zalkind terminou em Berna.

Mas, os bolcheviques tinham uma profunda tradição internacionalista. Eles souberam utilizar o material humano de que dispunham, homens que tinham sido retidos no território russo contra sua vontade e que procuravam, eles próprios, lutar para colocar um fim à guerra e, algumas vezes, para fazer a revolução, "como os russos". Havia então na Rússia, dois milhões de prisioneiros de guerra, que viviam, ou melhor, sobreviviam nas condições mais precárias. Passando fome e frio; muitas centenas de milhares sucumbiriam nestas terríveis condições de vida. Os simples soldados serviam de mão-de-obra nas indústrias locais, o que os colocou em contato com os trabalhadores e os militantes bolcheviques. Nos campos, onde outrora prevalecia a autoridade dos oficiais tradicionalistas, anti-socialistas e anti-semitas, nem sempre apreciada, agora faltava, e a situação, já tensa, explodiu com a revolução russa.

A organização de prisioneiros de guerra nas "seções estrangeiras" do Partido Bolchevique é um dos episódios que constituem o prefácio ao nascimento formal da Internacional Comunista. Encontraremos, nos grupos comunistas estrangeiros da Rússia, os nomes que serão mais tarde os de importantes dirigentes da Internacional e dos partidos comunistas e que fizeram lá o seu primário. Este trabalho foi inteiramente animado, impulsionado e organizado por Karl Radek, nomeado comissário do povo-adjunto às Relações Exteriores para esta função, cuja fraqueza ele reprovara à linha espartaquista, apoian-

do, resolutamente, na Alemanha o grupo que publicava o *Arbeiterpolitik* desde 1916. Seu "serviço" era o departamento da propaganda internacional do comissariado aos Assuntos Estrangeiros. O aparato da Internacional Comunista lá está em gérmen.

O grupo comunista húngaro

Do grupo de social-democratas húngaros prisioneiros de guerra, que se tornaram comunistas na Rússia, se destaca o nome de Bela Kun, 31 anos em 1917. Socialista aos 16 anos, ele foi jornalista na imprensa social-democrata e empregado de uma mútua operária. É intelectualmente brilhante e escreve bem. Mobilizado, em 1914, se tornou subtenente. Foi feito prisioneiro em 1916. Cara de boneco, bom orador, pena alerta, espírito vivo e agrada a todo mundo. Aprisionado num campo perto de Tomsk, encontra lá camaradas de partido e, com um pequeno grupo, começa a aprender russo e a ler os clássicos do marxismo. Na primavera de 1917, ele organiza, dentro do campo, uma ação contra a repartição injusta e desigual dos pacotes da Cruz Vermelha. Kun se junta novamente, em maio, ao Partido Bolchevique em Tomsk. Ele e seus camaradas são libertados. Numerosos grupos de húngaros aparecem em diversos campos e seguem o mesmo rumo. Em dezembro de 1917, Karl Radek, que notara seu dinamismo, chama-o para coordenar e desenvolver a ação de diferentes grupos comunistas de prisioneiros. Bela Kun, já instalado em Petrogrado, organiza, sua equipe: Endre ou Andreas Rudnyánszký, 32 anos, advogado na Hungria, que se casou com a irmã de Bukharin, e mais alguns ex-responsáveis sindicais ou socialistas, como o tipógrafo Sándor Kellner e o mecânico de precisão Jószef Rabinovits.

Tibor Szamuely, 27 anos, é também jornalista, bem jovem, um homem de ação, militante socialista e ateu. Expulso do campo de prisioneiros – era tenente – pelos oficiais reacionários, que o feriram gravemente, trabalhou na indústria e juntou-se aos bolcheviques devido à organização operária destes últimos. Fala muitas línguas estrangeiras e gosta dos assuntos militares.

No dia seguinte a uma conferência da Internacional social-democrata dos prisioneiros de guerra, ocorrida em Moscou e que ajudaram a organizar, Kun e seus camaradas húngaros, ao longo de uma reunião, em 24 de março de 1918, fundou a seção húngara do partido russo, que proclamou sua determinação em ajudar na penetração do movimento comunista na Hungria e nos EUA, para os quais Tibor Szamuely é voluntário. Em 14 de abril, durante um grande ato de prisioneiros de guerra em Moscou, Bela Kun faz um chamado inflamado. Era preciso reduzir a cinzas os castelos e os palácios, varrer os obstáculos à libertação dos escravos. Ele diz aos soldados: "virem suas armas contra os seus oficiais e contra os palácios. Que cada um, entre vocês, seja um professor da revolução dentro de seu regimento". Bela Kun era presidente e Tibor Szamuely – sinal dos tempos – secretário dos assuntos militares, comissário de um batalhão internacional composto dos alunos de seu curso de agitação. Estes homens são próximos dos dirigentes russos,

tomam parte tanto nas discussões como nos combates. Podemos, inclusive, dizer que estes militantes fazem parte da direção bolchevique. Bela Kun engrossa a fileira dos "comunistas de esquerda" em torno de Bukharin, e que combatem, com encarniçamento, a assinatura do tratado de paz de Brest-Litovsk. Tibor Szamuely é um dos chefes improvisados que sufocam algumas semanas mais tarde na capital a sublevação dos SR de esquerda, dos quais ele toma o prédio dos correios. Ferenc Münnich, Maté Zalka (futuro general Lukács) e Manfred Stern (futuro general Kleber) lutam nas fileiras do Exército Vermelho.

A importância dos militantes húngaros é sublinhada pelo fato de que Bela Kun é eleito para a presidência da Federação dos Bolcheviques das Seções Estrangeiras, em 17 de abril; devido à passagem de centenas de seus compatriotas pela escola de agitação-propaganda (ao mesmo tempo, escola militar), em Moscou e Omsk, e à difusão de seu jornal de recrutamento e organização, o *Szocialist Forradalom* (Revolução Socialista). Tibor Szamuely é mais do que um membro do grupo húngaro. De cara, em 1918, é enviado à missão de Berna, centro da atividade bolchevique na Europa. Em seguida, delegado no primeiro congresso dos conselhos operários em Berlim e tem, igualmente aos outros enviados da IC – por exemplo, Radek –, importantes discussões com os revolucionários alemães.

É, em novembro de 1918, que o comitê diretor, reunido no hotel Dresden, em Moscou, decide que a hora da revolução chegou no antigo império dos Habsburgo e que os húngaros devem retomar o país. Bela Kun está em Budapeste no começo de novembro, com bastante dinheiro. Assim, em torno de 200 comunistas húngaros são repatriados em pequenos grupos. Rudnyánszký fica na Rússia substituindo Kun na direção da Federação das Seções Estrangeiras.

Os comunistas alemães

A história dos comunistas alemães na Rússia não é menos interessante que a dos húngaros, embora seja menos estudada. Com efeito, é na Alemanha e não na Rússia que se encontra o grosso dos futuros dirigentes alemães. O grupo contava, sem dúvida, com algumas centenas de membros. É preciso acrescentar que as colônias alemãs da região do rio Volga davam aos comunistas daquele país uma espécie de base territorial, facilitando sua adaptação à Rússia. O futuro presidente do grupo alemão da Rússia, Karl Toman, um ex-secretário do sindicato dos ourives, é, na realidade, um austríaco, uma nuance de pouco importância na Rússia na época. Ele estava num campo de prisioneiros de guerra perto de Omsk, como o núcleo dos húngaros, e esteve com eles na origem da captação entre os estrangeiros. Entre os outros membros austríacos da seção alemã do PC da Rússia, é preciso citar Artur Ebenholz, um dos dirigentes do movimento dos prisioneiros, o sapateiro Johann Koplenig, que se junta aos bolcheviques em Nijni-Novgorod, para depois dirigir os prisioneiros de guerra comunistas de Perm. Volta à Áustria em 1920 e será o presidente

do PC austríaco de 1965 a 1985. Finalmente, o oficial do estado-maior do exército austro-húngaro Otto Steindrück que servirá no exército vermelho e no da república húngara, tornando-se um dos melhores oficiais de inteligência do exército russo. A personalidade mais estonteante do grupo, entretanto, é a do jornalista Ernst Reuter, nascido em 1889. Filho de oficial, estudante revoltado, professor, tornou-se jornalista socialista, revisionista e radical de esquerda ao mesmo tempo. Mantém correspondência com Hugo Haase e Romain Rolland. Foi gravemente ferido no *front* russo em agosto de 1916. Feito prisioneiro, chegou depois de algumas peregrinações ao hospital de Nijni-Novgorod. Em 18 meses,aprendeu a ler, escrever e falar o russo fluentemente. Curado, conheceu na Rússia um itinerário excepcional. Trabalhador-forçado em uma mina perto de Tula, chefe da revolta operária, ele expulsa o diretor depois da revolução de outubro e toma a direção com um grupo de outros prisioneiros – dentre eles o hamburguês Rudolf Rothkegel e o bremense Hermann Osterloh –, e com o apoio de todos os trabalhadores. Ele entra assim no movimento comunista pela porta da luta. Então, é chamado a Moscou por Radek, e, pode-se acreditar, ele faria uma carreira análoga àquela dos húngaros. Colaborador, com Irma Hellrich Petrova – mulher de Petroff, que se encontrava na Grã-Bretanha e que se tornou comissário do povo-adjunto às Relações Exteriores depois de sua libertação –, do jornal quadrilíngüe dos soldados *Völkerfriede*, Reuter pode, desde então, ser considerado como um dos futuros dirigentes deste movimento dentro de um período próximo. Ora, não foi nada deste jeito.

Ernst Reuter é conhecido dos principais dirigentes soviéticos. Ele é considerado como um homem tão notável que é confiada a ele uma verdadeira responsabilidade de Estado, a dos comissariados dos alemães do Volga – colônia cuja existência remonta à Catarina, a Grande –, que se torna, em 19 de outubro de 1918, a comuna operária dos alemães do Volga, da qual ele é então o comissário. Durante alguns meses, este homem de 29 anos é o chefe de um Estado minúsculo – de 450 mil pessoas –, fazendo maravilhas com uma equipe de homens recrutados na Rússia, entre os prisioneiros iguais a ele, tais como Rudolf Rothkegel, Hermann Osterloh e Joseph Böhm. Com eles, trabalhavam também um operário agrícola, além de um alemão do Volga Gustav Klinger e o filho de um operário imigrado, Nicolas Krebs, que russificou seu nome para Nikolai Rakov, e que milita junto de Radek e em pouco tempo ficará conhecido por todos como Felix Wolf. W. Hering, dito Ferry, militará no aparato da IC (é enviado para a Alemanha). Membro do aparato clandestino, ele será excluído como "alcagüete" em 1921.

Em novembro de 1918, a tão esperada revolução alemã acontece. Uma delegação do Executivo dos sovietes parte para Berlim para participar do congresso dos conselhos de operários e de soldados: Radek, Reuter e Felix Wolf estão presentes, assim como Ioffe e Rakovsky. O encontro se prepara. Quando os delegados são todos presos em Kovno por tropas alemães, Lenin dá a Radek por telefone sua aprovação para que Wolf, Reuter e ele ganhem a Berlim clandestinamente, o que é feito por eles, disfarçados, sem problemas, de prisioneiros de guerra repatriados. Szamuely, por sua vez, chega por outro caminho.

Outros grupos comunistas

A lenda, que ameaça seriamente a História nos meios midiáticos, fez do futuro marechal Tito um combatente do Exército Vermelho e um dos fundadores na Rússia do partido comunista da Iugoslávia. O concernido, que era então o sargento croata Josip Broz, prisioneiro de guerra na Rússia, desmentiu e deu um relato deste período. Feito prisioneiro em março de 1915, ele estava na solitária quando estourou a revolução de fevereiro de 1917. Algumas semanas mais tarde, encontraria os bolcheviques e começaria suas leituras. Fugitivo, participa das jornadas de julho em Petrogrado e tenta se esconder na Finlândia, quando a repressão se deslancha, mas foi recapturado. Depois da Revolução de Outubro, ele se engaja em Omsk na Guarda Vermelha Internacional, formada por ex-prisioneiros, mas não teve a oportunidade de combater. Vive clandestinamente entre os quirguizes, casando-se com uma russa bem jovem e volta para seu país.

Neste meio tempo, organizaram-se grupos comunistas sérvios, croatas e eslovenos. Sob o impulso de Ilya Milkić – ex-delegado no congresso de Copenhague da Internacional, em 1910, que passou a guerra na França, depois na Suíça e trabalhara na representação soviética de Berna –, os comunistas iugoslavos da Rússia e da Ucrânia se reagruparam, primeiramente numa liga, depois em um partido comunista, cuja direção voltou rapidamente para o país. Prisioneiros iugoslavos constituirão sua própria seção em Moscou em novembro de 1918. Muitos nomes de membros destas organizações balizam a história do PC iugoslavo: contentemo-nos de mencionar Lazar Vukicević, o sérvio Nikola Kovačević, o dálmata Vlado Copić, o croata Ivan Vuk, que veio da Ucrânia, Ivan Matuzović, que combaterá ao lados dos húngaros e com os voluntários iugoslavos, e o célebre cavaleiro Danilo Srdić. Muitos combatem no Exército Vermelho. Os prisioneiros de guerra iugoslavos captados para o comunismo eram mais de 300.

Havia na Rússia mais de 200 mil militares tchecoslovacos: os legionários e os prisioneiros de guerra. Em maio de 1918, dois grupos de sindicalistas e de socialistas tchecos, prisioneiros de guerra, já constituídos em Kiev e em Petrogrado, formam em Moscou o Partido Comunista Tcheco-Eslovaco. Dentre eles, Alois Muna, 32 anos, um alfaiate que publica em Kiev o jornal *Svoboda* (Liberdade), Arno Hais, filho de um dirigente sindical do ramo químico, Jaroslav Handlíř, 30 anos, carpinteiro, Bretislav Húla, 25 anos, Čeněk Hruška, 29 anos, operário agrícola e o croata Gustaw Barabáš, que se revela um grande chefe militar no Exército Vermelho. Mencionemos também o jovem František Beneš, o professor primário Volek; dois intelectuais que ficarão célebres: o pai do bravo soldado Chveik, Jaroslav Hášek, e o matemático e filósofo Arnost Kolman.

Por razões que ignoramos, os tchecoslovacos foram autorizados a fundar na Rússia seu próprio partido, contando com mil militantes, segundo Pavel Reimann, ao longo de um congresso ocorrido em Moscou de 25 a 27 de maio de 1918. O tempo de uma formação sumária, depois de duas discussões de Muna com Lenin, o grosso destes comunistas tchecos foram reenviados ao seu país bem rápido, em novembro de 1918, e tiveram que enfrentar desde a sua chegada uma campanha de assassinatos que não os deixará nenhu-

ma outra escolha a não ser a de se colocarem sob a proteção dos mineradores de Kladno, um local seguro para eles, onde puderam desenvolver sua ação de "grupo comunista da Boêmia" para a constituição de um partido comunista, publicando de novo o *Svoboda*. É na Tchecoslováquia que deverá ser formado realmente o partido comunista deste país, três anos mais tarde.

Socialista, o turco Mustafa Subhi estava refugiado em Moscou depois da revolução de fevereiro e o governo provisório considerara-o como prisioneiro de guerra. Os prisioneiros turcos eram igualmente muito numerosos. Subhi começou a organizá-los. Pelo menos duas de suas captações desempenharam mais tarde um certo papel no PC turco: Ismail Hakki, de Kayseri, e o eletricista Süleyman Nuri. No fim de 1918, Subhi formou tanto um grupo turco como organizações politico-militares turcas e falava – sem dúvida com algum exagero – de milhares de voluntários turcos servindo no Exército Vermelho.

Houve também um grupo comunista francês em Moscou, embora não se tratassem de prisioneiros de guerra, já que a França era um país Aliado. Conhecemos bem a história hoje em dia. Tudo começou na forma de um grupo franco-inglês, com M. Philips Price, jornalista britânico ganho para o bolchevismo, e sob a direção de um antigo companheiro de Lenin na Suíça, Niurin. A enumeração de seus membros parece o samba do crioulo doido: membros da missão diplomática e militar francesa, oficiais da reserva, o advogado Jacques Sadoul, o professor agregado Pierre Pascal, o correspondente do *Figaro*, René Marchand, os soldados de segunda classe Marcel Body, tipógrafo, e Robert Petit, filho de ferroviário, assim como a mulher do segundo, Marie-Louise, as professoras primárias de ensino privado Jeanne Labourbe, Rosalie Barberet, Suzanne Depollier-Girault e o filho de Rosalie, Henri Barberet, 18 anos; enfim, a partir de fevereiro de 1919,o escritor Henri Guilbeaux, agente duplo, que serve o 2° birô francês e provavelmente a Tcheka ao mesmo tempo. Dois dos membros deste grupo, o mecânico Robert Deymes, um sargento, e o engenheiro Edmond Rozier, ex-diretor-técnico da Renault, quando solicitados por Trotsky, dão uma contribuição capital à guerra civil ao desenharem os projetos para os tanques do Exército Vermelho. Além disso, o pequeno grupo forneceu muitos mensageiros e acima de tudo desempenhou um papel muito importante na luta contra a ocupação francesa em Odessa e para a fraternização entre os operários russos; os soldados e marinheiros franceses. Dois dos membros foram mortos: Jeanne Labourbe e Henri Barberet.

Há também um grupo comunista búlgaro em Moscou, cujo um dos animadores, Stojan Djorov, que virou bolchevique em 1917, então com 34 anos, percorreu o território soviético até o Daguestão à procura de recrutas búlgaros e fundou em 1918, em Odessa, as "brigadas" búlgaras para combater nas fileiras do Exército Vermelho. Um forte grupo búlgaro era formado de militantes mais próximos de Rakovsky do que dos *tesnjaki*.

Igualmente, prisioneiros de guerra romenos tornaram-se comunistas. Citemos Hilarion Pescariu e Emil Bozdogh, ambos nascidos na Transilvânia, além de Iuliu Delianu, organizador em Petrogrado e de Alexei Genegariu. Finalmente, é preciso, sem dúvidas, assinalar que a experiência bolchevique inspirou iniciativas análogas no Ocidente. É assim

que, no outono de 1918, o ferroviário italiano Francesco Misiano foi à Áustria para lá organizar o trabalho político entre os soldados italianos prisioneiros de guerra.

Rumo à Internacional

De uma certa maneira, estes grupos constituíram uma pré-Internacional. Evidentemente, todos são partidários de sua fundação, não somente por influência dos bolcheviques, mas pela força mesma das coisas e por seu itinerário. Eles não são o fator essencial da fundação da Internacional comunista, são o catalisador, um exemplo, bem como uma força, que, embora reduzida, dava de todo modo verossimilhança e substância aos sonhos fundadores. Vários dentre eles combateram a Legião Tcheca e os Brancos de Koltchak. Também tiveram seus heróis: Bela Jaross, comandante de um regimento do Exército Vermelho, o jovem oficial Artur Dukesz, ex-dirigente dos estudantes revolucionários de Budapeste – ambos feitos prisioneiros e fuzilados – além de centenas de mortos nas fileiras de seus voluntários, como Jan Vodićka, condenado por "insubordinação" na Legião Tcheca, na qual ele chamava os camaradas a não combaterem os bolcheviques, que aprendera a estimar. Para eles, não havia ainda começado o que seria sua prova decisiva. Com efeito, novembro de 1918 era, não somente a data do fim da I Guerra Mundial, mas também a do começo das primeiras revoluções depois da russa.

Uma guinada incerta e sangrenta[1]

Ainda hoje, é difícil destrinchar a história desse período. É, com efeito, a história de um período revolucionário, em que uma parte ainda permanece escondida. É também uma história real e organicamente internacional, cujas pistas estão espalhadas pelos quatro cantos do mundo e cujos documentos ficaram inacessíveis durante longos períodos.

As maiores dificuldades, sem dúvida, vêm do fato de que os maiores eventos – os que ficam na memória – ocultam todos os outros e, de uma certa maneira, os deformam por tabela. Este é, particularmente, o caso do período de alguns meses, que se abre em novembro de 1918.

Novembro vermelho

Qual imagem escolher para caracterizar este mês extraordinário? A capitulação na clareira de Rethondes? O desfile militar nos Champs-Élysées? A "greve da guerra", a fuga, a recusa a se deixarem ser massacrados, que faz com que dezenas de milhares de soldados e mesmo de oficiais italianos, corram de costas para o inimigo, pois não aceitam mais morrer por nada? Um nome para esta manifestação gigante, esta fuga, terrível e bárbara. Caporetto, talvez? A greve geral na Suíça, os combates em Zurique, sobre as barricadas, entre soldados-camponeses, decididos a combater e operários decididos a não mais aceitar a carestia e a arbitrariedade dos patrões, bem como as proibições – como a das manifestações a favor da Rússia – e as expulsões – como a do jovem socialista alemão Willi Münzenberg e, depois, mais grave ainda, a dos diplomatas da missão em Berna e a dos

1. Para tudo o que concerne à revolução alemã, que está no coração do capítulo, servimo-nos bastante de P. Broué, *Révolution en Allemagne 1918-1923*.

estrangeiros em contato com eles? A decomposição do Império Austro-Húngaro, a tomada do poder pelos diferentes "conselhos nacionais", o desmembramento do império dos Habsburgo em diversas nações?*

Compreender-se-á que preferimos escolher a grande debandada dos marinheiros de Kiel, que rejeitaram a "saída" suicida, que lhes preparava o almirante da frota, a título de última cartada e que provocou uma guinada desesperada da Alemanha operária para chamar o socorro, para que os defendessem, para que os ajudassem a não morrer estupidamente, agora que a guerra tinha acabado e a víamos toda nua e imunda com seu cortejo de misérias e de crimes.

E, logo em seguida, a manifestação de Berlim, em 9 de novembro. As massas operárias em fileiras cerradas e disciplinadas, descendo em direção ao centro da capital para bradar "basta!", pois querem que um ponto final seja colocado na guerra, bem como que se faça a paz, para que se viva de novo.

E o social-democrata Scheidemann, ainda ministro imperial, simplesmente proclamando a "República" do alto de uma sacada do *Reichstag*, ao mesmo tempo em que Liebknecht, que na véspera por pouco ainda não estaria preso numa prisão militar, proclama, sob uma tempestade de brados a "República Socialista" do alto de uma sacada no palácio imperial.

O *kaiser* Wilhelm II faz suas malas. "É preciso sacrificar o imperador para salvar o país", dizia alguns dias antes um dirigente socialista.

A revolução de novembro

Dois meses antes destes acontecimentos, o dirigente espartaquista Ernst Meyer escrevera a Lenin dizendo que se poderia esperar uma aceleração dos desenvolvimentos políticos... durante o inverno. A revolução foi mais rápida que os revolucionários, cujos dirigentes, aliás, estavam quase todos presos. Melhor informados, os chefes do exército, Hindenburg e Ludendorff anunciavam que esta revolução não poderia ocorrer. Para "prevenir embaixo o abalo de uma revolução do alto", é preciso negociar com os Aliados para se constituir um governo que compreendesse os social-democratas. Isto acontecerá em 4 de outubro, com um governo de Max de Bade, que abrigava dois ministros social-democratas. Ele pede a abertura das discussões de armistício e os ministros social-democratas obtém a libertação dos prisioneiros políticos, em primeiro lugar Karl Liebknecht, para abafar a agitação.

* Rethondes é uma pequena cidade francesa, onde foi assinado, em 11 de novembro de 1918, um armistício provisório entre França e Alemanha. Inicialmente provisório, ele foi sendo reeditado até a assinatura do Tratado de Versalhes. Caporetto, hoje chamada Kobarid e pertencente à Eslovênia, foi italiana até 1945. Em 24 de outubro de 1917, frente à ofensiva do exército austro-alemão, o exército italiano bate em retirada deixando 293 mil prisioneiros, três mil canhões (a metade de sua artilharia) e importantes estoques de armas, material e víveres. [N. do T.]

O homem que simboliza a luta contra a guerra está em Berlim em 23 de outubro. Ele empolga a massa e saúda a revolução russa e a revolução socialista alemã. Depois, vai até à embaixada russa, discute longamente com Bukharin – que, por sua vez, descobre nele "um verdadeiro bolchevique" – e participa da grande festa dada por Ioffe à noite, a quem Lenin envia um telegrama. Mas, esta bandeira viva da revolução não tem organização – com Liebknecht estão 50 espartaquistas, se muito, na capital – e se recusa a ser captado pela direção USPD, como esta lhe propõe. Ele se esgota nos dias seguintes ao discutir no seio do "conselho operário provisório – constituído pelos Delegados Revolucionários, para o qual ele fora captado junto com Pieck e Ernst Meyer. Para Liebknecht, é preciso multiplicar os atos, as manifestações, fazer as massas ferverem, colocar a juventude na rua; dar fôlego às iniciativas. Mas, ele se choca com os aprendizes, conspiradores hesitantes, que tergiversavam e tiravam sarro daquilo que eles chamavam de "ginástica revolucionária".

O governo, por sua vez, hesita menos. Em 5 de novembro, faz um gesto coalhado de significados, tanto frente ao país quanto aos Aliados. Com efeito, naquele dia, o novo ministro das relações exteriores, Solf, convoca Ioffe e lhe informa que, uma vez que a embaixada russa estava violando a lei internacional, ele decidira retirar as representações de ambas as partes. Isto significa que os diplomatas russos deviam deixar Berlim, o que eles fazem no dia seguinte, com seus empregados, todos conduzidos à fronteira por um trem especial.

A questão da revolução continua candente. Os marinheiros vão resolvê-la sem demora. Em Kiel, eles começaram a agir, pois não queriam ser sacrificados numa "saída" gloriosa. Alguns são presos, outros manifestam. Uma patrulha dispara e mata um. Então, eles se lançam: um comitê é eleito por 20 mil marinheiros; conselhos de marinheiros comandam os barcos em que a bandeira vermelha foi hasteada. O motim se dissemina pelos portos, depois pelas cidades, onde os marinheiros foram pedir socorro. Por toda parte, surgem comitês de operários, de marinheiros ou de soldados. A revolução se estende como um rastilho de pólvora

Por toda parte, exceto em Berlim. Lá, é a prisão do futuro chefe militar da insurreição – o tenente Walz, dito Lindner – que faz com que os conspiradores ajam. Emil Barth redige um panfleto convocando a insurreição, para o dia 9, a fim de derrubar o regime imperial; estabelecer uma república dos conselhos. Os camaradas dos Delegados Revolucionários e da USPD berlinense o seguem. À noite, os relatórios das fábricas são unânimes: os operários sairão às ruas para as manifestações. O Partido Social-Democrata decide pegar o bonde andando. Faz isto no dia seguinte, conseguindo com bastante audácia ganhar a simpatia da maioria dos conselhos de soldados pouco politizados, que consegue eleger, e se apresenta em todo lugar com o rótulo de "conselho operário". Seus dirigentes propõem aos Independentes partilhar com eles as responsabilidades governamentais, que estes últimos acabam por aceitar.

Para o mundo, neutros e uma parte dos beligerantes, a revolução alemã de novembro significava, de início, o fim da guerra. Para os comunistas da Rússia, a aparição dos

conselhos operários, a revolta dos soldados, as manifestações de massa, a abdicação de Wilhelm II, a chegada ao poder de um Conselho dos Comissários do Povo (*Volksbeauftragten*) significam que eles não estão mais sozinhos. Um outro país, um país avançado, o mais avançado do Europa, diz Lenin, o que foi durante muito tempo a pátria dos socialistas organizados, acabava de entrar na via da revolução, confirmando todas as esperanças e colocando um termo na longa espera. Karl Radek; que se encontra então, por pouco tempo ainda, em Moscou, conta: "quando a notícia da revolução alemã chegou a nós, uma alegria tumultuosa invadiu a classe operária na Rússia. Dezenas de milhares de operários explodiam em vivas selvagens. Nunca tinha visto nada parecido. Tarde da noite, operários e soldados vermelhos ainda desfilavam. A revolução mundial havia chegado. Nosso isolamento havia terminado". Ele explica: "a classe operária russa, mais jovem, mais fraca no plano de organização, sabe bem que, sem a revolução socialista na Alemanha, a revolução operária russa, se continuasse sozinha, não teria força suficiente para construir uma nova casa sobre as ruínas deixadas pelo capitalismo"[2].

Dualidade de poderes

A dualidade de poderes que aparece na Alemanha em novembro de 1918, da mesma forma que na Rússia em fevereiro de 1917, é de um tipo original. Sem dúvida, todos os conselhos de operários e de soldados têm todos os atributos do poder que não mais possuía, em diversas situações, a antiga administração. Contudo, eles são dirigidos pelos elementos mais moderados da classe operária. Em particular, e em nome da democracia, os social-democratas "majoritários", obtiveram freqüentemente a paridade no Executivo do conselho entre eles e os independentes. Na pirâmide dos conselhos, a influência do aparato sindical e do Partido Social-Democrata não pára de aumentar, começando na base e indo até o topo. Na ponta da pirâmide, está o social-democrata majoritário Friedrich Ebert - a quem Max de Bade transmitiu os poderes de chanceler do *Reich* que, por sua vez, foram a ele conferidos por Wilhelm II - e que foi eleito presidente do Conselho dos Comissários do Povo, chefe do Estado burguês e, tudo de uma só vez, do Estado revolucionário dos conselhos. Na verdade, Ebert, que aceita a instalação de um telefone direto com o marechal Hindenburg para a manutenção da ordem, decidiu restaurar a autoridade do Estado - o não-"revolucionário", pois ele mesmo "detesta tanto a revolução quanto o pecado". O exército, sobre este ponto, confia nele: não há outro partido para lhe ajudar e para protegê-lo senão o partido social-democrata dito "majoritário": o SPD.

O contraste é chocante na Alemanha entre a mobilização, o ardor, a massa das manifestações de operários e de soldados, a generalização dos conselhos, o papel pessoal dos militantes revolucionários e a fraqueza destes últimos sobre o plano organizacional.

2. *Krasnaia Nov*, n. 10, 1926, p. 140, trad. alemã "November. Eine kleine Seite aus meinen Erinnerungen", In: *Archiv für Sozialgeschichte*. II, 1962, p.121D.

Incontestavelmente, Liebknecht aparece como o general da revolução alemã. Tropas não lhe faltam, mas ele não tinha nem estado-maior, nem oficiais. A Liga *Spartakus* - que não tinha oficialmente deixado o USPD - decidiu agir totalmente independente deste último, que enviou seus representantes como ministros, dentro do governo Ebert. Desejosa de se dar os meios desta política, a Liga toma, num primeiro momento, os locais e o material de imprensa de um grande diário, mas não tem a força de conservá-los face à oposição das novas autoridades. *Die Rote Fahne*, seu órgão, só surge depois de um tempo, atrasado, justamente num período em que os dias valem meses e os meses, anos. É Rosa Luxemburgo, libertada entre os últimos, quem escreve seus editoriais e traça as linhas gerais da política, ao passo que Liebknecht mantém um incansável e penoso trabalho de agitação nas massas. Os dois dirigentes espartaquistas, que encarnam a revolução, concentram sobre suas pessoas a raiva das classes dirigentes, dos militaristas, dos anti-semitas, da burguesia e do *Junkers*, bem como dos antigos dirigentes nacionalistas, convencido de terem sido "traídos" por pessoas como eles.

Há conflito de poderes entre o Conselho dos Comissários do Povo de Ebert e o conselho executivo dos operários e soldados de Berlim, dirigidos de fato pelos Delegados Revolucionários, a ala esquerda do USPD, e seu dirigente sindical, Richard Müller. A questão central é a do exército na capital. A decisão do Executivo de Berlim, tomada em 12 de novembro, de constituir uma Guarda Vermelha se choca com a mobilização de soldados pelos social-democratas majoritários e foi abandonada. Alguns dias mais tarde, uma tentativa do Executivo de organizar uma força armada a serviço da chefia de polícia, ocupada por Emil Eichhorn, dá o resultado contrário, a formação de uma tropa de 17 mil homens sob as ordens do comandante social-democrata da capital, Otto Wels.

Uma nova derrota aguarda os dirigentes do comitê executivo. Uma resolução de Daümig, apresentada em 16 de novembro, se pronunciando por uma "república dos conselhos", preconiza a convocação de um conselho central dos conselhos de todo o país a fim de estudar "uma nova Constituição conforme os princípios da democracia proletária". Depois de uma batalha confusa, ela é aprovada com uma emenda de Hermann Müller precisando que a nova Constituição deveria ser submetida a "uma assembléia constituinte convocada pelo conselho central"[3]. Os membros do partido social-democrata dentro dos conselhos conseguiram aprovar a linha política da destruição da dualidade de poderes e o desaparecimento dos conselhos enquanto órgãos de poder. A convocação da constituinte foi decidida. Na *Die Rote Fahne*, Rosa Luxemburgo escreve o epitáfio do conselho executivo de Berlim:

> É evidente que era no conselho executivo, nos conselhos de operários e de soldados, que as massas deveriam se encontrar. Ora, seu órgão, o órgão da revolução proletária, foi reduzido a um estado de impotência total. O poder lhe escapou às mãos para passar às mãos da burguesia. Nenhum órgão de poder político deixa de pleno grado escapar o poder a menos que

3. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 182.

tenha cometido algum erro. Foram a passividade e mesmo a indolência do Executivo que permitiram a manobra de Ebert-Scheidemann"[4].

Esta manobra vai até o fim. O congresso central dos conselhos se reúne em 16 de dezembro. De 489 delegados, dos quais 405 eram oriundos de conselhos operários, há 288 membros do SPD contra 90 independentes – dez espartaquistas somente. Nem Liebknecht, nem Rosa Luxemburgo foram eleitos e o congresso se recusa a convidá-los. Sem dúvida, inspirados nas "jornadas" da Revolução Francesa, os espartaquistas organizaram com os Delegados Revolucionários enormes manifestações – 250 mil pessoas no primeiro dia – sendo uma de soldados e outra de grevistas que tentam fazer pressão sobre o congresso aonde ele vieram defender suas reivindicações. Em vão. As cartas estão marcadas. O congresso dos conselhos – salvo sobre a questão do exército, em que a aprovação dos "sete pontos de Hamburgo" significa o fim do exército imperial –, segue Ebert. A última votação política sobre uma moção de Daümig em favor do poder dos conselhos lhe dá somente 344 votos do total de 988. Imediatamente, se espalham em toda a Alemanha operária manifestações contra o poder central e contra a perspectiva eleitoral adotada pelo congresso, a eleição da "Constituinte". Protesto? Ou perspectiva imediata de lutar pelo poder dos conselhos contra os representantes e, sem dúvida, a maioria dos trabalhadores – os menos politizados – que seguem o SPD?

Entretanto, um elemento extremamente positivo subsiste aos olhos dos espartaquistas. A cada agressão da direita, os trabalhadores berlinenses, até então, lutaram sempre com o máximo de força. Em 8 de dezembro: depois da repressão com tiros de fuzis contra uma manifestação da Liga dos Soldados Vermelhos. Em 10 de dezembro: depois da entrada na capital das tropas do general Lequis, que chegaram em perfeita ordem e que literalmente se dissolveram. E, finalmente, em 25 de dezembro, com "o Natal Sangrento", quando as tropas chamadas para reprimir o motim dos marinheiros da Divisão do Povo são literalmente varridas por centenas de milhares de manifestantes. Nestas manifestações, assim como no começo de um movimento de greves, Rosa Luxemburgo vê o caminhar das massas: a própria revolução.

O outro lado da moeda, é que as manifestações de rua às quais os espartaquistas conduzem os desmobilizados, os desertores, os desempregados, todas as vítimas da guerra e da crise estão longe de serem perfeitamente controladas ou mesmo de serem controláveis, afinal quantos não eram os elementos suspeitos, até mesmo provocadores, que se imiscuíram em suas fileiras, provocando a violência, reclamando, para grande alegria dos jovens e dos elementos apolíticos enraivecidos, a queda do governo e denunciando a social-democracia como o inimigo número um. O incidente mais grave ocorreu no Natal. À iniciativa de militantes espartaquistas, o jornal social-democrata *Vorwärts* foi ocupado pelos manifestantes. Eles se lembram que este jornal, sustentado outrora por milhares e milhares de assinaturas de trabalhadores, tinha tomado posição contra a guerra em 1914

4. *Die Rote Fahne*, 11 de dezembro de 1918.

e fora confiscado pelas autoridades militares para ser devolvido aos social-democratas majoritários. Para eles, trata-se de reintegração de "posse", dos trabalhadores. Os ocupantes publicaram panfletos assinados *Vorwärts Vermelho*, chamando a derrubada do governo Ebert e sua substituição por "verdadeiros socialistas, isto é, comunistas", depois, sob a assinatura "Operários e soldados da Grande Berlim", um verdadeiro ultimato ao governo. O jornal é finalmente evacuado; mas pior, o episódio nutre a calúnia, incessantemente repisada, segundo a qual os espartaquistas querem destruir pela força e violência a liberdade de expressão.

Conselhos operários e partidos comunistas

No outono de 1918, uma parte da Europa central e oriental se cobre de conselhos análogos aos sovietes e aquilo parecia aos dirigentes soviéticos o selo de autenticidade do movimento proletário – como o deles. A guerra civil parece ter-se instalado definitivamente, numa espécie de prolongamento da guerra civil russa. A perspectiva da derrota dos impérios centrais encoraja todas as formas de luta. Os trabalhadores da Romênia – que fazem seu aprendizado – estão nas grandes manifestações de ruas. O governo responde com um verdadeiro massacre de manifestantes em Bucareste, em 18 de dezembro: o exército dispara, deixando 60 mortos na multidão e incontáveis feridos. Logo em seguida, a polícia prende 65 dirigentes do movimento operário, político e sindical, que são depois encarcerados. Um dos mais valorosos dirigentes do Partido Socialista Romeno, Joan Frimu, morrerá na prisão, de tifo, segundo consta[5].

Chegamos a acreditar, durante alguns dias, numa revolução nos Países Baixos na esteira da revolução alemã. Em 11 de novembro, o líder social-democrata Pieter Jelles Troelstra se dizia um partidário duma revolução proletária e, no dia seguinte, exigia a seu partido a devolução do poder, o SDAP. Um comitê socialista e revolucionário, do qual o SDAP, era membro, reivindicava um governo que repousasse sobre os conselhos de operários e de soldados, a abolição da propriedade privada dos meios de produção, a jornada de oito horas, a desmobilização, o direito dos soldados de conservar suas armas e o sufrágio feminino. David Wijnkoop, num ato de massas, chamava a eleição dos conselhos e a tomada dos meios de produção, a proclamação da Comuna de Amsterdã e da república socialista federal dos Países Baixos. No dia 13, Wijnkoop exige do Parlamento a formação de um governo baseado nos conselhos e na abolição da monarquia. A repressão a tiros de fuzil a uma manifestação deixa dez mortos e Wijnkoop, sobre a calçada da Bolsa, clamava à proclamação da Comuna de Amsterdã. As coisas não passaram disso, com um apelo à calma do SDAP, incluindo Troelstra, no dia seguinte.

Foi na Áustria propriamente dita que o movimento foi mais fraco. Lá, a esquerda não se desenvolveu verdadeiramente durante a guerra. O gesto heróico e simbólico de Frie-

5. P. Broué, *Rakosvky*, *op. cit.*, p. 138.

drich Adler, matando o chefe do governo, o homem da guerra, o conde von Stürgkh, em 24 de outubro de 1916, deu uma revigorada e encorajou a resistência operária, e, ao mesmo tempo, fez dele um símbolo revolucionário. Ora, ele não se decide a deixar o Partido Social-Democrata e se dirigir ao comunismo, mesmo depois de 19 de novembro de 1918, quando recebe em Viena a breve visita de Bela Kun, que lhe trouxera uma carta urgente de Lenin. Quando, em 30 de outubro de 1919, em meio ao desmoronamento do império, se constitui um governo provisório para a Áustria propriamente dita, o florescimento dos conselhos de operários e soldados, o restabelecimento das liberdades democráticas e a libertação dos prisioneiros políticos fazem aparecer toda a força dos social-democratas, doravante dirigidos pela esquerda de Otto Bauer e a insigne fraqueza dos grupos revolucionários.

O grupo mais sério é o de Franz Koritschoner e de Josef Strasser. O segundo é um excelente jornalista. O primeiro tinha então 26 anos. Originário de uma família de banqueiros judeus, sobrinho de Rudolf Hilferding, um teórico social-democrata, Koritschoner fica amigo de Bukharin e, por meio dele, se liga politicamente aos bolcheviques. Ele conhece Lenin desde Kienthal. Foi preso depois das greves de janeiro. Seus amigos que continuaram em liberdade, dentre eles Strasser, estão em contato com Paul Levi e a Liga *Spartakus*. Tem com ele a bem jovem Ilona Duczynska, que estava em Zurique e conheceu todos os zimmerwaldianos.

O segundo grupo é o da Associação Livre dos Estudantes Socialistas, dirigido por Elfriede Eisler, uma jovem mulher de 23 anos, com seu jovem marido Paul Friedländer, seu irmão Gerhardt Eisler e Karl Frank, ambos com 23 anos. Ele foi dissolvido em janeiro, mas seguiu em atividade clandestina. Elfriede se ligou durante o verão com um tipógrafo expulso do Partido Social-Democrata e fundador de um pequeno círculo comunista, Karl Steinhardt, 43 anos. O homem está em contato com a missão diplomática soviética em Viena, o que permitirá ao grupo receber uma ajuda material bem útil.

O terceiro grupo, de algumas dezenas de jovens militantes, era, ele próprio, constituído sob a direção de Johannes, Hilde Wertheim e, sobretudo, de Leo Rothziegel, um tipógrafo de 26 anos. Inicialmente anarquista, desertor, amotinado, fugitivo da prisão militar, ele ligou-se ao marxismo em fins de 1917 sob a influência de Koritschoner, desempenhará um grande papel nas greves de fevereiro de 1918. Preso em abril, ele constituíra, em novembro, depois de sua libertação da prisão, a Federação dos Socialistas Revolucionários "Internacional". No dia 3, entrou para a Guarda Vermelha, da qual ele foi rapidamente um dos mentores.

O Partido Comunista Austríaco foi criado às pressas, em 3 de novembro de 1918, por um "congresso convocado não se sabe bem como [...] no boca-a-boca", escrevera o futuro Lucien Laurat, na época Otto Maschl[6]. Os amigos de Koritschoner estão ausentes convencidos de que foram deliberadamente expulsos. O grupo de Leo Rothziegel também não está representado. Por outro lado, Steinhardt está. A presença de Karl Toman e de outros ex-prisioneiros de guerra vindos de Moscou mostra que há uma ligação. Em 12 de

6. L. Laurat, "Le PC autrichien", *op. cit.*

novembro, após os violentos incidentes com a polícia, que queria impedir a entrada no parlamento de uma delegação, Koritschoner é gravemente ferido por uma bala. Um outro incidente, a ocupação de um jornal durante algumas horas pelo grupo Friedländer, provoca a prisão de uma jovem mulher e, ao que parece, uma mudança brusca de opinião dos amigos de Koritschoner, que se juntam ao jovem PC. Depois de longas negociações, o grupo dos Wertheim e de Rothziegel junta-se também ao recém-criado partido, numa "unificação", formalmente realizada na conferência de 9 de fevereiro de 1919. Assim, o grupelho pôde ampliar-se. De algumas centenas ou mais em seu nascimento, ele passou a algo em torno de dez mil em março de 1919. Entretanto, é um efetivo derrisório, se comparamos com os 500 mil do Partido Social-Democrata Austríaco.

Os militantes vindos de Moscou tiveram muito mais importância no nascimento do partido comunista na Hungria. A imprensa de Budapeste fizera a Bela Kun uma enorme publicidade. Entre os militantes ganhos ao modelo, ou ao menos ao exemplo russo, ele era o que gozava do apoio de Lenin. Quando da chegada de Kun à Budapeste, em 17 de novembro, a situação é particularmente complexa entre o governo provisório do grande senhor democrata, o conde Mihály Károlyi, o Conselho Nacional Húngaro, o Conselho dos Soldados, animado por Jószef Pogány, e o Conselho dos Operários de Budapeste. A força política dominante dentro destes três últimos organismos era evidentemente o partido social-democrata, cuja direção negava com todas as forças que estava compromissada com o desenvolvimento da dualidade de poder. Havia também, fora os novos aderentes, muitos grupos que reivindicavam a revolução, numa situação econômica e social catastrófica, em que o governo de Károlyi, com o apoio e sob a pressão dos social-democratas, multiplica suas concessões, que, segundo o ministro socialista Kunfi, terá por recompensa uma "suspensão de seis semanas da luta de classes". O grupo, dito dos "socialistas independentes", reúne os opositores do pré-guerra e dirigentes operários, como Sándor Özstreicher. A "velha oposição socialista" aparece em seguida, com Bela Vagó, Jenö Lászlo e Bela Szántó. O grupo de Ottó Korvin, que se intitula socialista revolucionário, nascido do combate antimilitarista, realiza o ato espetacular de difundir de avião sobre um ato social-democrata um apelo inflamado à revolução, lançado de Moscou por Sverdlov e censurado por todos os meios de informação. Um grupo interfábricas de "metalúrgicos socialistas", com Aladar Komját, e um outro de "tecnocratas revolucionários", animado por Gyula Hevesi, 26 anos, se juntam a eles.

São estes os grupos que vão se reunir em 24 de novembro, depois de intensas discussões de uma semana. Falta somente o grupo do ferroviário Jenö Landler, que Kun não conseguiu convencer. O operário Antal Mosolygó é o vice-presidente, mas não seguirá sendo. O comitê central conta com 18 membros, sendo seis do grupo de ex-prisioneiros de guerra vindos de Moscou, quatro ex-responsáveis social-democratas da velha oposição e um representante de cada um dos outros grupos. Bela Kun realizara uma operação belíssima[7].

7. Ver as obras de Tökés e Borsanyi.

O Partido Comunista da Polônia evidentemente teria uma história bem diferente da dos outros[8]. De início, porque a Polônia, dividida por seus potentes vizinhos, tinha sido até o fim da guerra partilhada entre a Rússia e a Áustria-Hungria. Em seguida, porque seu movimento socialista estava profundamente dividido sobre a questão nacional, porém sob um ângulo particular. Com efeito, sabe-se que Rosa Luxemburgo, que se opõe de maneira irredutível à teoria da "autodeterminação" das nacionalidades de Lenin, se recusando a levar em conta qualquer reivindicação nacional que fosse e, em particular, a da independência nacional polonesa - e que era esta posição, no interior do movimento operário polonês, que se opunha àquela dos chauvinistas, partidários de uma restauração nacional. Explica-se assim, sem maiores problemas, porque tantos militantes de origem polonesa, tendo começado suas primeiras atividades revolucionárias numa organização polonesa, tenham se tornado militantes plenos na Rússia e na Alemanha e aí tenham ficado ou ido depois de 1917. Tal foi o caso de Dzerjinski e de Worowski, que se tornará Vorovsky, de Hanecki (Ganetsky) e de Unschlicht, militantes das fileiras russas; de Radek, Marchlewski-Karski, e, principalmente, de Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches, militante no partido alemão.

A Polônia, obviamente, não foi poupada do florescimento ou da explosão dos conselhos operários no fim da guerra, sobretudo depois do fim da ocupação germano-austríaca em 1918. M. Dziewanowski, professor de história em Harvard, vai até mesmo expressar a idéia de que "jamais as forças de sublevação da sociedade tiveram a chance de sucesso como durante aquele breve período"[9]. O primeiro conselho operário surgiu em Lublin em 6 de novembro, somente para dar seu consentimento a um governo "do povo", constituído na mesma cidade, sob um presidente socialista, que depois o transferiu a um governo de mesmo tipo em Varsóvia. Entretanto, logo em seguida, aparecem os conselhos operários de tipo mais combativo, enquadrados por socialistas mais avançados. O apoio à Varsóvia, daquele de Lódz, provocou vivos protestos de sua minoria. Por outro lado, no conselho operário da zona mineradora de Dąbrowa, a maioria, dirigida pelo operário comunista Hibner, se engajou na via revolucionária, manifestando sua solidariedade com a Rússia soviética, condenando o governo de Varsóvia, conclamando a formação de uma Guarda Vermelha e instaurando a jornada de oito horas.

O chamado de Dąbrowa à greve geral ilimitada não obteve unanimidade e só foi seguido parcialmente pelos trabalhadores, em que pese o fato de que conseguiram criar alguns conselhos camponeses. No meio de dezembro, o governo de Varsóvia utiliza seu exército novinho em folha para desarmar a Guarda Vermelha, dissolver os conselhos de Dąbrowa e condenar os dirigentes do movimento. Dois grupos aqui estavam prontos para finalmente agir, o SDKPiL, Partido Social-Democrata do Reino da Polônia e Lituânia, para quem, como escreveu M. Dziewanowski, "a realidade de uma nação polonesa separada era como a aparição súbita de alguém cuja morte e o enterro foram anunciados diversas vezes, com alegria e alívio"[10]. Era uma surpresa também desagradável para a esquerda do PPS, que, finalmente, tinha seguido o SDKPiL.

8. O livro mais acessível é o de M. K. Dziewanowski, *The Communist Party of Poland*.

9. *Ibidem*, p. 70.

Nascimento do partido na Polônia

Depois de uma conferência do SDKPiL, que constatou que a unificação deveria ser feita sobre seu programa - confirmado pelos fatos - e depois de enviar seus projetos de resoluções a Rosa Luxemburgo e Leo Jogiches para aprovação, o congresso de unificação se reúne, em 16 de dezembro de 1918, em Varsóvia, que escolhe chamar o novo partido de "comunista" em homenagem ao novo nome do partido russo e de "operário" para continuar na tradição "luxemburguista". O novo partido assegurou que tinha por objetivo a revolução social e a ditadura do proletariado, que seria realizada pelos sovietes das cidades e dos vilarejos. A plataforma adotada reiterava a posição de Rosa Luxemburgo sobre a questão nacional: "O proletariado polonês rejeita toda solução ligada à evolução do mundo capitalista, tais como autonomia, independência e autodeterminação. [...] Para o campo internacional da revolução social, não há problemas de fronteiras nacionais."[11] Era um partido que tinha como coluna vertebral quadros de grande qualidade e riqueza de virtudes. Finalmente, podemos se perguntar se o nascimento do Estado polonês não elevou um obstáculo sobre a via da unificação dos revolucionários. Em todo caso, o movimento seguia-se em todos os países.

Primeiros passos na Itália

Relevemos um índice de um dos mais importantes desenvolvimentos no seio do movimento europeu. Conhecemos a potência do Partido Socialista na Itália, sua influência sobre os operários das cidades e também entre os camponeses pobres. Em 18 de novembro de 1918, na casa de um advogado socialista, em Florença, ocorreu uma reunião dos representantes mais importantes das seções maximalistas - um nome que eles adotaram havia pouco tempo, um erro de tradução de "bolcheviques", os revolucionários "de esquerda" - do PSI[12].

Dentre os presentes se encontra evidentemente Giacinto Menotti Serrati, chefe incontestável deste partido de mais de 80 mil membros, mas igualmente o veterano Constantino Lazzari, 61 anos, fundador e secretário geral do partido, antigo zimmerwaldiano, há muitos anos em contato com o movimento internacional na Suíça por intermédio do ex-secretário da juventude socialista, Isaac Schweide, 28 anos, um suíço nascido na Ar-

10. *Ibidem*, p. 74.

11. *Ibidem*, p. 78.

12. Spriano, *Storia del Partito comunista italiano*, t. I, p. 3.

gentina, refugiado depois de ter sido expulso da Itália em 1915[13].

Relevamos também a presença de dois militantes quase desconhecidos que dominarão toda a primeira história do movimento comunista: Amadeo Bordiga, 28 anos, que publica em Nápoles o jornal *Il Soviet*, e Antonio Gramsci, 27 anos que, em alguns meses, começaria a publicação do *L'Ordine Nuovo*.

A chave: a fundação do partido alemão

O nascimento do Partido Comunista Alemão (*Spartakus*), que chamaremos de KDP(S), é um fato capital. Com efeito, a chave para a revolução na Europa se encontra - o acordo com relação a isto é geral - na Alemanha. Em Moscou, pensa-se que ela está nas mãos do *Spartakusbund* e dos IKD de Bremen e Hamburgo, os antigos do *Arbeiterpolitik*, e de sua capacidade de servir de alicerce a um grande partido. Ao mesmo tempo, um outro problema é colocado, indiretamente relacionado, aliás, com o pertencimento dos espartaquistas ao USPD que constitui um obstáculo a esta política: é a questão dos Delegados Revolucionários de Berlim. Tais homens são a direção reconhecida dos operários na capital - podemos mesmo dizer sua direção revolucionária - e seu grupo, inicialmente constituído como uma rede de delegados operários do partido apoiados sobre o aparato sindical, desempenhou e desempenha ainda um papel de estado-maior.

Parece que os espartaquistas foram os primeiros a se conformarem e decidirem, tudo de uma vez só, a abandonar o USPD e se abrir a uma fusão com o IKD. E que, entre eles, Jogiches foi o primeiro a aceitar esta guinada. Os espartaquistas, apesar de não apreciaram as críticas e comentários ácidos contra eles nas páginas do *Arbeiterpolitik*, tinham que enfrentar agora um novo perigo: eles temem, com base na experiência que fizeram em Berlim, que um novo partido se constitua com os independentes de esquerda, como Ledebour e Daümig, e com a participação dos Delegados Revolucionários, uma formação que ocuparia seu espaço e se tornaria um alambrado entre eles e os trabalhadores mais avançados. Os IKD, os antigos do *Arbeiterpolitik*, que são chamados também, às vezes, de *Linksradikalen*, não estão muito entusiasmados para se encontrarem - e, em minoria - na mesma organização que *"Frau Luxemburg"*, como eles escreveram ("senhora", ao invés de "camarada", *Genossin*).

Moscou acaba de enviar Radek a Berlim. Ele conhece estes militantes, que não são somente seus camaradas, mas numa certa medida, seus discípulos. Durante toda a guerra, Radek manteve relacionamento com Knief e este, desde o primeiro encontro dos dois, em dezembro de 1918, não lhe escondeu sua hostilidade sobre a fusão com a *Spartakus* tanto por razões políticas, quanto em virtude dos métodos autoritários que Jogiches fazia prevalecer sobre esta organização centralizada. Radek põe-se a desmontar estes argumentos. Fala das necessidades do proletariado alemão, sua urgência, sua importância histórica, a

13. *Premier Congrès de l'Internationale communiste*, "Introduction", n. 10, p. 39.

necessidade de relativizar os velhos rancores, minimizando o punho de Jogiches, certamente pesado na clandestinidade, mas forçosamente colocado em questão com a iniciativa dos grupos, num período de atividades de massas. Knief e seus camaradas acabam por se deixar convencer. Sua conferência, em 24 de dezembro, se pronuncia pela unificação das duas organizações. A primeira batalha estava ganha.

Mas, a segunda, a conquista dos Delegados Revolucionários, será perdida. Parece que Liebknecht e Pieck, que colaborara com Jogiches, estavam convencidos de que a tarefa seria fácil. Com efeito, no congresso Pieck proporá somente meia-hora de interrupção das atividades para resolver esta questão. Na verdade, ela ocorreu no curso mesmo do congresso, no dia 31 de dezembro de 1918 e no 1° de janeiro de 1919. A delegação (sete membros) dos Delegados Revolucionários era mais uma delegação de independentes de esquerda do que realmente delegados, com Daümig, Ledebour - tradicionalmente hostil aos espartaquistas, que ele tomava por "putschistas" - e Richard Müller, que os espartaquistas tratavam com extrema severidade devido a sua atividade como presidente do Executivo dos conselhos de Berlim. Os Delegados Revolucionários bem que gostariam de entrar no novo partido, mas eles colocavam condições. A primeira era a de que o congresso revisse sua decisão de não participar das eleições para a constituinte. A segunda era a de que eles próprios fossem aceitos em paridade dentro da comissão do congresso, encarregada do programa e da tática. Além disso, queriam que o nome "*Spartakus*" desaparecesse do nome da nova organização e que eles pudessem controlar a sua imprensa.

É certo que alguns, do lado dos Delegados Revolucionários, imaginaram que estas condições estragariam todo o acordo, é preciso admitir que eles não eram irracionais: menos numerosos em Berlim que os espartaquistas, podiam os Delegados se fechar numa situação minoritária quando sua influência era infinitamente maior? O argumento segundo o qual não poderia haver paridade entre uma organização puramente berlinense e uma organização nacional não tinha igualmente muito valor. Havia aí inquietudes de grupelho: quando muito, os espartaquistas não chegavam a 200 em Berlim! Liebknecht pensava que "os Delegados Revolucionários da Grande Berlim [eram] os melhores e os mais ativos do proletariado berlinense, [que ultrapassavam] em mil quilômetros os papas dos quadros do USPD, [e que eram] dignos de confiança"[14]. Mas, em nome dos espartaquistas, ele declara que as exigências dos Delegados Revolucionários eram "inaceitáveis".

Esperavam os espartaquistas uma base mais favorável à fusão que os chefes que formavam a delegação? Eles pediram uma votação na assembléia geral dos Delegados Revolucionários. Esta se pronunciou por 26 votos contra 16 em favor da exigência da participação nas eleições e por 35 votos contra sete por sua própria paridade nas comissões do congresso de programa e tática. Sem ter feito uma só concessão e tendo negado a seus participantes a maioria numérica, o congresso do KPD registra unanimemente a recusa dos Delegados Revolucionários a ser parte na unificação. Uma declaração assegura que "alguns membros do Partido Independente, em plena falência, que brincam de extre-

14. *Der Gründungsparteitag*, p. 277.

mistas" procuram "atrapalhar a aliança entre os espartaquistas e os Delegados Revolucionários e colocam obstáculos ao desenvolvimento" do partido em Berlim[15].

É incontestável que uma importante ocasião foi lá perdida na batalha pela construção de um verdadeiro partido e contra a marginalização que o ameaça durante sua fundação. Radek, que percebeu no congresso uma certa ironia condescendente para com os Delegados Revolucionários, está inquieto. Estes últimos, em sua assembléia geral do dia 1° de janeiro, se dividem sobre o futuro. Uma parte entre eles deseja a adesão ao KPD, outros, dirigidos por Ledebour, Daümig, Wegmann e Eckert, querem a fundação de um novo partido que participaria das eleições. A maioria decide ficar provisoriamente no USPD, já que ela controla a organização berlinense.

A conferência de Berlim - *Spartakusbund* e IKD reunidos - decide "criar um novo partido autônomo, decidido a avançar com audácia, um partido sólido e homogêneo na teoria e na vontade, dando-se um programa claro, que fixe os objetivos e os meios apropriados aos interesses da revolução mundial"[16]. As outras decisões, entretanto, carregam a marca do sectarismo, ou melhor, do esquerdismo, que apareceram nas negociações com os Delegados Revolucionários. Depois de um relatório de Paul Levi, que explica a necessidade para a agitação e para a construção do partido revolucionário de participar das eleições à constituinte, o congresso o recusa, por 62 votos a 23. É uma derrota não somente para Levi, mas para Rosa Luxemburgo pessoalmente. Já, dentro do IKD, Knief fora batido sobre este ponto por Paul Frölich e seus amigos. Se a discussão sobre os sindicatos não se termina com uma votação, ela revela que a hostilidade aos dirigentes sindicais, marcados durante a guerra por sua política de colaboração de classes, tornou-se uma oposição aos próprios sindicatos e uma vontade de se "deserdar" deles.

A Clara Zetkin, que se preocupa com estas posições esquerdistas e sectárias, Rosa Luxemburgo explica que se trata de um fenômeno infantil, "um extremismo, algo pueril", explicado pela juventude e inexperiência dos delegados. Seu grande discurso sobre o programa marca toda a distância que existe entre seu pensamento - que é o da direção - e o da maioria dos militantes impacientes da base e da franja simpatizante.

> Não há nada que seja mais nefasto à revolução que as ilusões, nada que lhe seja mais útil que a verdade franca e clara [...]. A luta pelo socialismo não pode ser realizada senão pelas massas, num combate corpo-a-corpo com o capitalismo, dentro de cada empresa, opondo cada proletário a seu patrão. Somente assim tratar-se-á de uma revolução socialista [...]. Nós devemos conquistar o poder político por baixo e não por cima [...]. Se a *Spartakus* tomar o poder, isto se dará sob a forma da vontade clara, indubitável, da grande maioria das massas proletárias, dentro de toda Alemanha [...]. A vitória da *Spartakus* não se encontra no começo, mas no fim da revolução.[17]

15. *Ibidem*, p. 271.
16. *Ibidem*, p. 171.
17. *Ibidem*, p. 387 e 401.

Está bem claro, mas nós temos o direito de duvidar, que os quadros, militantes e alguns dirigentes tenham realmente compreendido e acreditado no que a oradora lhes dizia.

O problema da Internacional colocado

Depois de 1914 e o reconhecimento da falência da II Internacional, Lenin não parava de falar que era preciso constituir uma nova Internacional e, desde que os bolcheviques abandonaram a camisa suja da social-democracia para tornarem-se comunistas, tratava-se da Internacional Comunista, ou ainda, da III Internacional. Os bolcheviques, entretanto, tiveram que admitir que sua construção não poderia ser empreendida imediatamente. Com Zimmerwald e a construção da esquerda zimmerwaldiana, Lenin falara da "pedra fundamental da nova Internacional". Nas suas famosas teses de abril de 1917, Lenin insistia sobre o fato de que o primeiro dever de seu partido era de fundar sem demora a III Internacional.

Contudo, os bolcheviques tinham consciência de que não era possível lançar a Internacional a partir de um partido somente e que a colaboração de ao menos um partido comunista da Europa ocidental era desejável. Em 24 de dezembro, a propósito dos programas da *Spartakus* e do PC austríaco, Lenin, na *Pravda*, falava da "vitalidade e dos progressos da III Internacional". O nascimento do KPD trouxera a condição faltante. Não obstante, a condição essencial era o consentimento do partido alemão e, neste aspecto, as coisas não pareciam correr bem. Da mesma forma que estivera hostil à criação de um partido "comunista", Rosa Luxemburgo estava contrária à constituição de uma Internacional assim nomeada. Seu camarada de partido, Eberlein, cujo testemunho é aqui corroborado pelo de Paul Levi, explica nestes temos a posição de Rosa no fim de 1918:

> O partido comunista russo ainda é o único dentro da Internacional [...]. O dever dos comunistas é o de arrancar os partidos socialistas da Europa ocidental da II Internacional a fim de fundar uma nova Internacional revolucionária. O partido comunista russo não conseguirá jamais fazer isto sozinho [...]. Está em nossas mãos, revolucionários alemães, o dever de servir de hífen entre os revolucionários do leste da Europa e os socialistas ainda reformistas do Ocidente.[18]

Quando de sua intervenção no congresso de fundação do KPD em Berlim, em 25 de dezembro de 1918, o enviado do partido russo, Karl Radek, concluíra saudando "a Internacional que será a liga das classes operárias, na qual cada um saberá por que combate, onde cada um seguirá seu próprio caminho, onde a revolução mundial libertará a classe operária; onde o socialismo não será mais o objeto do combate, mas o sujeito de nosso

18. Eberlein, "Spartakus et la III[e] Internationale", In: *Inprekorr*, n. 28, 29 de fevereiro de 1924, p. 306-307.

trabalho consciente"[19]. Esta linguagem florida dissimulava indubitavelmente sua decepção: com efeito, ele não podia ignorar que a direção do novo partido compartilhava a opinião de Rosa Luxemburgo.

Vinte e quatro horas mais tarde, chegaria a Moscou o advogado Eduard Fuchs, carregando uma carta de Rosa Luxemburgo para Lenin e encarregado de uma missão de informação quanto às intenções dos dirigentes bolcheviques. Lenin rapidamente deu instruções a Tchitcherin, comissário do povo para as Relações Exteriores, a fim de que ele preparasse urgentemente os documentos para a convocação de uma "conferência socialista internacional", que ele propunha que ocorresse no dia 1° de fevereiro, em Berlim (se fosse legalmente possível), ou se não, nos Países Baixos. Fuchs levou os documentos para Berlim. Seu retorno com a documentação confirmava os receios de Rosa Luxemburgo: Lenin e seus camaradas estavam engajados numa via que ela considerava errada e, no melhor dos casos, a fundação seria prematura. Mas, isto não a fez se curvar. Sem dúvida, o KPD(S) enviará representantes à conferência de Moscou. São eles Hugo Eberlein e Eugen Léviné. As instruções que eles receberam de Rosa são perfeitamente claras: nas condições atualmente existentes, não votar, sob nenhuma hipótese, a formação de uma nova Internacional.

A semana sangrenta

Mas, a situação alemã evolui muito rapidamente. A crise do USPD, os combates do dia 10, depois dos de 25 de dezembro, precipitam os eventos. O governo e o Estado-maior estão ainda convencidos de que é preciso desarmar os operários berlinenses, mas crêem que o exército que acabou de chegar do front não tem capacidade para tal. Ora, ao mesmo tempo, sob iniciativa do general de divisão Maercker, se constitui um "corpo franco (*Freikorp*) de caçadores voluntários" segundo o modelo daqueles que lutam no leste contra os bolcheviques, mas especialmente treinados e preparados para as tarefas militares de uma guerra civil. O rearranjo ministerial, provocado pela demissão dos ministros independentes, fornecerá meios àquele que é capaz de utilizá-lo: o social-democrata de direita Gustav Noske, ligado há muitos anos ao meio do Estado-maior, de quem ele goza de confiança, um homem de pulso firme, decidido a empregar a força e, como ele diz, de "fazer o papel do carrasco". Sua tarefa será facilitada pelos enormes erros de seus adversários.

A prova de força colocar, mais uma vez, a questão das forças armadas. Na ocorrência, trata-se do chefe de polícia da capital desde a revolução, aquele que por analogia com a França de 1848, fora apelidado de "o Caussidière alemão", Emil Eichhorn. Este veterano social-democrata, independente de esquerda, ligado a Ioffe, goza da confiança dos trabalhadores berlinenses, que se sentem protegidos e são efetivamente ajudados por ele. Em compensação, ele é odiado pela direita, a começar pelos social-democratas, pois constitui

19. *Der Gründungsparteitag*, p. 86.

um obstáculo aos planos da reação de retomar o controle. Em 1° de janeiro de 1919, o *Vorwärts* social-democrata começa a preparação da ofensiva contra ele ao acusá-lo de todos os crimes: beneficiário do "ouro russo" na agência *Rosta*, ele teria comprado ilegalmente armas, traficado produtos alimentares, é, portanto, "um perigo para a segurança pública". No dia 3, um alto funcionário do ministério do Interior acusa-o oficialmente dos mesmos crimes, de estelionato a assalto à mão armada. No dia 4, é demitido e substituído pelo social-democrata Eugen Ernst. Ora, desprezando os argumentos jurídicos de alguns, ele se recusa a deixar o posto em que os trabalhadores alemães tinham-no colocado em novembro. Resoluções, greves, manifestações, renovam seu apoio. Na mesma noite, recebe o apoio dos Independentes de esquerda de Berlim, dos Delegados Revolucionários e do KPD. A Central deste último, ao se pronunciar pela greve, indica que não é preciso lançar as palavras de ordem concernentes à derrubada do governo. Contudo, Radek se inquieta, pois Liebknecht, numa conversa privada, lhe confiou: "se nosso governo ainda é impossível, um governo Ledebour, apoiado pelos Delegados Revolucionários, é, deste já, possível"[20].

A convocação da manifestação, publicada no *Freiheit* e *Die Rote Fahne*, é assinada pelos Delegados Revolucionários, pelo USPD e pelo KPD e denuncia uma "conspiração desprezível" na exoneração de Eichhorn, com o intuito de estabelecer "uma autoridade despótica contra os trabalhadores revolucionários". Ela termina com um chamado à mobilização: "Venham em massa! Sua liberdade, seu futuro, o destino da revolução estão em jogo. Abaixo o despotismo de Ebert Scheidemann, Hirsch e Ernst! Viva o socialismo revolucionário internacional!"[21] O enviado de Moscou dá o seguinte depoimento:

> A participação das massas na manifestação [do 5 de janeiro] foi tal que era perfeitamente possível, naqueles dias, tomar o poder em Berlim. O governo instalado na Wilhelmstrasse não estava protegido senão por operários social-democratas desarmados. Nenhum só soldado em frente à sede do governo [...]. Ninguém fixou às massas que desceram a rua com um objetivo específico. Rosa era da opinião que tomar o poder em Berlim não convinha a ninguém se o interior não se sublevasse.[22]

Um dirigente comunista, que ficou anônimo na época – trata-se de Paul Levi –, descreve o que era, talvez, segundo ele, "a maior ação proletária jamais vista na história [...] um exército de 200 mil homens como nenhum Ludendorff jamais vira"[23]. Eichhorn clama sua determinação: "recebi meu posto da revolução e não o entregarei a outro, salvo à revolução"[24].

Os chefes operários, por sua vez, deliberaram. Bem entendido, há Ledebour,

20. K. Radek, "November...", *loc. cit.*, p. 137.
21. *Freiheit* e *Die Rote Fahne*, 5 de janeiro de 1919.
22. K. Radek, "November...", *loc. cit.*, p. 137.
23. *Die Rote Fahne*, 5 de setembro de 1920.
24. *Ibidem*, 6 de janeiro de 1919.

Daümig, os Delegados Revolucionários, que são presididos doravante por Paul Scholze, Anton Grylewicz, o adjunto de Eichhorn, e Liebknecht, sempre escoltado por Wilhelm Pieck. Sabemos que colaboradores de Eichhorn, que o social-democrata Fischer havia tentado corromper, denunciam a empresa e apóiam seu chefe. Dá para imaginar tudo, desde o recuo até o ataque. Finalmente, é o herói do 25 de dezembro, o ex-tenente Dorrenbach, chefe da Divisão de Marinha do Povo, ligado a Liebknecht, que faz pender a balança. Há, ele garante, rachaduras nas forças da ordem. Ele próprio dispõe da Divisão da Marinha e garante que muitos milhares de homens, dispondo de duas mil metralhadoras e 20 caminhões, estacionados em Spandau, onde o espartaquista von Lojewski dirige o conselho de soldados, estão preparados para apoiar os trabalhadores berlinenses. Ele convence Ledebour e Liebknecht e é com uma forte maioria – contra um pequeno grupo encabeçado por Richard Müller e Daümig – que se decide avançar rumo à derrubada do governo. Designa-se, então, um comitê revolucionário formado de três membros, Liebknecht, Ledebour e Scholze, que proclama a "deposição do governo" e "assume provisoriamente as funções governamentais"[25]. Este deveria ser o começo da insurreição[26]. Durante este tempo, em Berlim, grupos armados agem segundo sua própria iniciativa e talvez sob a de provocadores – muitos pesquisadores falaram do garçom de café Alfred Roland –, e ocupam as dependências do *Vorwärts*. Outros jornais e empresas de imprensa são igualmente ocupados. O italiano Misiano está entre os ocupantes do *Vorwärts*.

O despertar é amargo. De início, na madrugada, mais ou menos à uma hora, a reunião conjunta dos dirigentes revolucionários – 35 pessoas ao redor dos três membros do comitê revolucionário – foi levada ao Marstall por sugestão de Dorrenbach para se colocar sob a proteção dos marinheiros da Divisão do Povo. De dia, os marinheiros, descontentes com a ocupação de seu Marstall por civis, que se apoderaram de suas armas, acusam Dorrenbach de não ter consultado ninguém na Divisão da Marinha, nem mesmo o comitê dos cinco, que a comanda, e do qual ele faz parte. Os marinheiros começam por libertar os prisioneiros social-democratas presos pela manhã (entre eles Franz Fischer e Otto Wels), depois expulsaram o comitê revolucionário: a tropa de choque da revolução persegue o governo revolucionário, agora sem domicílio fixo! Um destacamento de 300 homens que saiu para ocupar o Ministério da Guerra desaparece sem deixar rastros. Seu chefe foi procurar uma ordem... escrita, depois foi dormir. Cansados de esperar, os homens vão embora. Ora, na madrugada de 5 a 6, um panfleto do Executivo social-democrata alemã fala de "bandidos armados", de "loucos e de criminosos", de ameaças contra os trabalhadores, "assassinatos, guerra civil sangrenta, anarquia e fome". Do lado dos "insurgentes", na cúpula, reina a confusão. Os dirigentes nacionais do USPD fazem pressão sobre Ledebour para que ele aceite negociar. O comitê revolucionário "amplo" decide fazê-lo por 51 votos contra dez. Radek, a quem a Central pediu que se escondesse, envia uma mensagem dizendo que é preciso chamar a retomada do trabalho e levar uma campanha para a

25. Este trecho se apóia em *Illustrierte Geschichte der deutschen Revolution*, p. 272.

26. Este chamado não terá nenhuma resposta!

reeleição dos conselhos. Rosa Luxemburgo lhe responde que os Independentes estão dispostos à capitular e que não se deve lhes facilitar a tarefa. Jogiches pede a retratação de Liebknecht e Pieck que, desde o dia 5, à noite, agia sem mandato, sem contato e num sentido oposto à linha do partido. Mas, a Central não se decide a respeito.

As negociações começam na noite do dia 6, se prolongando sem resultado até o dia 8, à noite. A única questão abordada é de saber se a evacuação dos imóveis ocupados pelos revolucionários é um objeto de negociação ou um pressuposto dela. No dia 8, no *Reichstag*, organizam-se regimentos de voluntários dirigidos por um jornalista social-democrata e um oficial. Os ministros reúnem-se secretamente e nomeiam Noske comandante-em-chefe. Ele concentra os *Freikorps* perto da capital. Liebknecht saudará os ocupantes do *Vorwärts* – entre eles seu próprio filho – e denuncia a traição dos Independentes. Ainda por cima, uma proclamação governamental mostra a que veio, denunciando a "*Spartakus*" que "luta por todo o poder", amordaça o povo, suspende a liberdade pessoal e a segurança; interrompe o abastecimento. O governo anuncia que "responderá a força com a força". "O poder organizado do povo colocará um fim na anarquia". De fato, é o mesmo dia em que se começam as primeiras operações militares para retomar o prédio da direção das ferrovias. No dia 10, ocorre o ataque contra a guarnição de Spandau e o assassinato na prisão de Max von Lojewski. Na madrugada do dia 10 ao 11, ocorre a prisão de Ledebour e de Ernst Meyer. Na manhã do dia 11, é a vez do *Vorwärts*. Os ocupantes capitulam ao fim de duas horas; um dos dirigentes da ocupação, o IKD Werner Möller é morto no local. Entre os prisioneiros, encontra-se o ferroviário italiano Francisco Misiano, já encontrado na Suíça. A mesma coisa na chefia de polícia, no dia 13, em que o comunista Justus Braun é morto também.

No intervalo, Levi e Radek ainda fizeram tudo o que lhes foi possível para evitar o prosseguimento de uma política desastrosa que equivale a um suicídio. Radek escreveu à Central uma longa carta, em que lembra da experiência dos bolcheviques: a decisão de bater em retirada quando das jornadas de julho de 1917. Rosa Luxemburgo escreve seus últimos artigos rejeitando a responsabilidade dos desastres e dos mortos que se amontoam em Berlim sob a "direção" do pessoal do USPD. Nem Liebknecht nem ela aceitam deixar Berlim. Nesta mesma cidade, eles tentam se esconder. Ambos possuem falsos documentos, que realmente não parecem muito verdadeiros. São presos na noite de 15 de janeiro e transferidos para o Hotel Eden, QG da direção da Guarda. Depois de um interrogatório duríssimo, ambos são assassinados de maneira atroz. O cadáver de Rosa Luxemburgo é jogado num canal e o de Liebknecht, morto no Tiergarten, é apresentado como o de um desconhecido. A verdade aparecerá dificilmente, somente após uma investigação longa e perigosa, levada principalmente por Leo Jogiches – assassinado, por sua vez, em março, na prisão – e Paul Levi. Tibor Szamuely consegue fugir de Berlim em chamas: o preço de sua pele não seria muito alto se ele caísse nas mãos dos *Freikorps*. Qual era sua missão? Que papel ele desempenhou? Sabemos apenas que ele era partidário de tomar o poder e que ele reprovou Liebknecht, não em ter avançado, mas em não ter avançado mais longe e mais rápido. Conseguiu chegar a Budapeste.

A passagem do turno

Assim, o que sobra do exército alemão, organizado na tropa de guerra civil, que constituía os *Freikorps*, golpeia na cabeça da revolução mundial na Europa, ao assassinar dois de seus dirigentes mais prestigiosos: Rosa Luxemburgo, que era sem dúvida uma das maiores teóricas socialistas, e Liebknecht, genial agitador à estatura internacional de herói. Não se conseguirá substituí-los.

Os Aliados tentaram, no mesmo período, cercar a Rússia vermelha. Utilizando-se de sua vitória sobre os Centrais - seja para tomar pura e simplesmente seu lugar, seja, ao contrário, sublocando seus serviços de maneira que lhes sirvam de transmissão antes da troca -, eles provavelmente esperaram também um instante para asfixiar o centro mesmo da revolução. Lenin compreendera: desde a confirmação do armistício no oeste, ele disse a Tchitcherin: "e agora o Grande Capital virá para cima de nós"[27]. Os Aliados começam a aplicar os planos acalentados por tanto tempo. É, em 22 de novembro que o general Denikin, estacionado em Ekaterinodar, foi avisado da chegada próxima de uma esquadra Aliada, que, no dia 23, ancora no Mar Negro, na frente de Novorossisk: com a derrota dos turcos, a via dos Dardanelos estava aberta. Com a esquadra, chegou uma missão cujo chefe francês trazia a saudação ao "valente exército de voluntários" e o reconhecimento do general como chefe da Rússia do sul: ele não terá doravante mais falta de dinheiro, nem de armas ou munições. Denikin poderia ter começado a conquista da Ucrânia, mas igualmente se inquietou, reclamando, no dia 7 de dezembro, ao general Franchet d'Esperey o envio de duas divisões, ao menos, em direção a Kharkov e Ekaterinoslav. Uma semana mais tarde, as ditas divisões se faziam esperar, era preciso que o general francês fizesse o possível para que as tropas alemãs não evacuem Kharkov antes de uma troca, Aliada ou Branca.

O primeiro desembarque francês ocorreu em 17 de dezembro, em Odessa e em toda a costa ucraniana do Mar Negro, assim como uma faixa de território, da largura de mais de 100 quilômetros, foi ocupada por uma força de doze mil homens: franceses, poloneses, gregos, argelianos e senegaleses. Este exército moderno de qualidade contava com tanques e uma aviação eficaz e bem treinada. Sua retaguarda estava garantida por uma possante frota, compreendendo principalmente três encouraçados e oito cruzadores, uma grande potência de fogo. A Criméia estava igualmente ocupada por alguns soldados franceses, gregos e senegaleses. Os ingleses, por sua vez, desembarcaram em Batum, alguns meses depois da famosa e ignóbil execução dos "26 comissários" de Baku. A missão Malleson se instalou em Baku. Ao mesmo tempo, outras tropas britânicas desembarcaram em Riga, depois descarregaram em Tallinn grandes quantidades de armas e de munições e um certo número de canhões. Podia-se contar com a Estônia, a Letônia e a Lituânia - limpas pelo general von der Golz, que já tinha sido vencedor da Finlândia vermelha -, para a cruzada final em direção de Petrogrado, com a Finlândia branca de Mannerheim.

27. Citado por L. Fischer, que soube direto de Tchitcherin, *Les soviets dans les affaires mondiales*, p. 126.

Algumas semanas mais tarde, entretanto, políticos e militares Aliados, entre os mais ardorosos partidários da intervenção, começavam a fazer ouvir palavras de prudência. Do lado dos bolcheviques, uma hábil diplomacia tentava conduzir o adversário a renunciar. A mensagem de Natal de Litvinov ao presidente Wilson, em nome do governo soviético, bem que parecia que causaria estardalhaço em povos e dirigentes. Notadamente, dizia:

> Os operários e camponeses russos não conseguem compreender porque os países estrangeiros, que nunca cogitaram intervir nos assuntos da Rússia quando ela era governada pela barbárie dos czares e submetida ao militarismo, e que chegaram mesmo a defender este regime, possam hoje se sentir autorizados a intervir na Rússia [...].
>
> A ditadura dos trabalhadores e dos produtores não é um fim em si mesma, mas o meio de construir um sistema social novo, no qual se dará a todos os cidadãos trabalho útil e direitos iguais [...].
>
> Acreditando nisto ou não, em todo caso, não se tem o direito de enviar tropas estrangeiras para combater o novo governo, nem de armar e de apoiar as classes que têm interesse na restauração do antigo sistema de exploração do homem pelo homem.[28]

A Internacional combatente

É talvez na Ucrânia que se cristaliza, naquela época, o primeiro elemento verdadeiramente militante da III Internacional, num combate que fez diversas vítimas. Os melhores militantes bolcheviques da Ucrânia, os que têm a maior experiência da clandestinidade, como o trabalhador Golubenko, vieram reforçar os bolcheviques de Odessa. Citemos, dentre eles, os jovens como o secretário do *komsomol* de Odessa, mais tarde grande historiador da Revolução Francesa, Viktor Dalin, e a historiadora Anna Pankratova, sob o nome de Niura Palitch. O trabalho de "fraternização" com os militares franceses era considerado essencial, sendo dirigido por um ex-trabalhador livreiro de Paris, onde ele fora amigo próximo de Lenin, Vladimir Dëgott. O PC aí será apoiado com seriedade pelo grupo comunista francês da Rússia e o Birô do Sul da Internacional Comunista. Uma repressão impiedosa fará aqui os primeiros mártires do comunismo francês: a professora primária Jeanne Labourbe e o aluno secundário Henri Barberet.

Talvez a unidade do assunto que tentamos tratar aqui é aquela simbolizada pelo fato de que o amigo de Rosa Luxemburgo na Suíça e de Liebknecht em Berlim, Khristian Rakovsky, chega à Ucrânia, escolhido por Lenin como chefe do governo, em 22 de janeiro de 1919. No discurso que pronuncia quando de sua chegada, fala - com a emoção que podemos imaginar - do assassinato de Liebknecht e de Rosa Luxemburgo. Ele está neste posto para fazer da Ucrânia a cabeça de ponte da revolução européia e tenta, neste sentido, desenvolver a Internacional Comunista, da qual ele é um dos principais dirigentes.

28. Extratos em L. Fischer, *op. cit.*, p. 136.

Uma lembrança pessoal para concluir as dificuldades do historiador, ontem e hoje, no campo da pesquisa. No começo da *Perestroika*, uma historiadora soviética, que encontrei em Moscou me ofereceu uma fotografia da recepção na Ucrânia dos delegados franceses. Eles estavam num carro aberto e a massa na rua lhes aclamava. Com eles, no carro, se encontrava um homem de uns 40 anos em uniforme do Exército Vermelho. Era Khristian Rakovsky, o chefe do governo ucraniano. Ela não sabia quem era, o ignorando até mesmo depois de ouvir seu nome. Sua boa-fé era completa. Podemos imaginar o tamanho da tarefa do historiador do comunismo, frente a estes brancos enormes da memória, que não são fruto do acaso?

O ato fundador[1]

Foi durante as terríveis jornadas de janeiro de 1919, que Moscou completou os preparativos de sua "conferência" em vista da fundação da III Internacional. Lenin está convencido de que o passo decisivo neste sentido tinha sido dado com a fundação do partido alemão, que dá ao partido russo o companheiro tão esperado. Ele discutiu a este respeito longamente com Trotsky e com Rakovsky, escrevendo, em 26 de janeiro, na "Carta aos trabalhadores da Europa e da América": "quando a Liga *Spartakus* passou a se chamar Partido Comunista Alemão, aí, então, a fundação da III Internacional, da Internacional Comunista, verdadeiramente comunista, verdadeiramente internacional, tornou-se um fato. Formalmente, tal fundação ainda não foi consagrada, mas a III Internacional existe em realidade, desde o presente"[2]. Evidentemente, ele ignora o assassinato dos dois dirigentes comunistas alemães. Somente em 21 de janeiro, Lenin terá ciência desse fato e o artigo será publicado na *Pravda* do dia 24. O jornal do Partido Comunista Russo publica, no mesmo dia, a convocação à Conferência Socialista Internacional. Contrariamente às afirmações opostas, todas inspiradas direta ou indiretamente em Stalin, essa convocação foi redigida por Trotsky e, aliás, encontra-se no tomo XIII de suas obras, publicadas na URSS em 1926.

A convocação

A convocação, redigida por Trotsky[3], foi assinada por Lenin e Trotsky, pelo PCR(b); Karski (Marchlewski), pelo birô estrangeiro do partido polonês; Rudnyánszký, pelo birô

1. Utilizamos o volume *Premier Congrès de l'Internationale communiste*, indicado como PCIC.
2. Lénine, *Œuvres*, t. 28, p. 451.
3. L. Trotsky, *Sotchineniya*, XII, p. 33-37. Fazemos referência aqui à tradução no PCIC.

estrangeiro partido húngaro; Duda, pelo do partido austríaco; Rozin, pelo birô russo do partido letão; Sirola, pelo CC finlandês; Rakovsky, pela Federação Social-Democrata dos Bálcãs e por Reinstein, do *Socialist Labor Party* estadunidense. Homens que se encontravam todos em território soviético. Essa convocação provavelmente foi escrita em dezembro, antes da partida de Fuchs, pois não menciona o Partido Comunista Alemão, mas somente a Liga *Spartakus*. A primeira frase dá o tom: "os partidos e organizações abaixo-assinados consideram que a convocação do primeiro congresso da nova Internacional revolucionária é uma necessidade urgente"[4].

A convocação começa por um rápido panorama da situação mundial: falência da II Internacional, incapacidade do "centro"; ascensão rápida da revolução mundial.

> O perigo de estrangulamento desta revolução pela aliança dos Estados capitalistas, sob a bandeira hipócrita da Sociedade das Nações, a tentativa dos partidos social-traidores de se reunirem e de ajudarem novamente seus governos e suas burguesias a traírem a classe operária, depois de se terem mutuamente "anistiado"; enfim, a experiência revolucionária rica já adquirida e o caráter mundial do conjunto do movimento revolucionário – *todas estas circunstâncias nos obrigam a colocar na ordem do dia a questão da convocação de um congresso internacional dos partidos proletários revolucionários.*[5]

Os objetivos e a tática são definidos numa primeira parte. O período é o da decomposição e desmoronamento do capitalismo mundial e será o da destruição da civilização européia se o socialismo não for construído. O proletariado deve tomar o poder, isto é, destruir o aparato de Estado da burguesia e organizar um novo aparato de Estado proletário, "instrumento sistemático de derrubada da classe exploradora e de sua expropriação". Uma definição de Estado proletário é dada:

> Não à falsa democracia burguesa – esta forma hipócrita de dominação da oligarquia financeira – com sua igualdade puramente formal, pela democracia proletária com a possibilidade de realizar a liberdade das massas trabalhadoras; não ao parlamentarismo, pela auto-administração das massas por meio de seus organismos eleitos; não à burocracia capitalista, pelos órgãos de administração criados pelas próprias massas com sua participação real na administração do país e na construção socialista [...]. O poder dos conselhos operários é sua forma concreta.[6]

É preciso a abolição imediata do capital, a abolição da propriedade privada dos meios de produção e sua transformação em propriedade social. A socialização é definida como "a retomada da propriedade privada pelo Estado proletário e pela administração socialista da classe operária". Ela se aplica à grande indústria e aos bancos, às terras dos latifundiários e da produção agrícola capitalista, implica na monopolização do comércio, na socialização dos imóveis das grandes cidades, na "introdução da administração operária e na centralização das funções econômicas nas mãos das organizações operárias emanadas da ditadura proletária". O desarmamento completo da burguesia, o armamento geral do proletariado; a união completa dos países onde a revolução venceu são absolutamente necessários. E o texto faz este lembrete aparentemente necessário: "o método fundamental da luta é a ação de massas do proletariado, inclusive a luta armada aberta contra o poder de Estado do capital"[7].

A última parte trata das relações entre os partidos ditos socialistas. Ela preconiza a luta implacável contra os social-patriotas, a crítica impiedosa para separar os elementos revolucionários do centro de seus chefes, "a ruptura de organização com o centro", chegando a um momento necessário. A esquerda revolucionária dos partidos socialistas deve, além disso, se aliar "com os elementos que se localizam no terreno da ditadura do proletariado, sob a forma do poder dos conselhos, em primeiro lugar os elementos sindicalistas do movimento operário"[8]. A carta enumera, em seguida, os 39 grupos ou organizações aos quais é endereçada: os partidos comunistas já existentes, os elementos revolucionários dos partidos socialistas e os agrupamentos sindicalistas e unionistas.

Teria encontrado o convite de Moscou todos os seus destinatários ou teriam eles encontrado-o a tempo? Não. A conferência já havia terminado há uma semana, quando seus destinatários de Calgary, Canadá, o receberam. Aliás, eles o aceitam. No XIV Congresso do PSI, Constantino Lazzari dirá que a convocação oficial e original lhe chegou em maio de 1919, pelos pés de um "pobre vagabundo" (*pobre pellegrino*) vindo de Moscou e logo em seguida preso[9]. Em compensação, uma circular interna de fevereiro da Federação da Juventude Socialista Italiana tinha publicado o texto de convite, acompanhado de uma aceitação entusiasta de seu secretário, Luigi Polano, 22 anos, sobre quem os policiais italianos se perguntavam se poderia servir à incriminação por "sedição militar": "certos de ser os intérpretes da imensa falange dos jovens socialistas, não somente na Itália, mas do mundo inteiro, nós respondemos ao chamado de Nicolas Lenin [sic] com um vibrante 'Presentes!' Comunistas do mundo, jovens e adultos, ao congresso!"[10]. O delegado norueguês presente à conferência, Emil Stange, partiu de Christiania sem que o convite tivesse chegado a seu partido. Sabemos também que os combates na Ucrânia impediram os dois delegados húngaros de chegarem e que eles se contentaram em telegrafarem sua solidariedade; que somente um viajante alemão conseguiu chegar, etc.

4. *PCIC*, p. 39.
5. *Ibidem*.
6. *Ibidem*, p. 40.
7. *Ibidem*, p. 41.
8. *Ibidem*.
9. Relato (em italiano) do XIV Congresso, p. 38.
10. Documentos de arquivos citados por P. Spriano, *op. cit.*, t. I, p. 23.

Delegados pouco representativos

Todos os autores insistiram no caráter pouco representativo dos delegados desse congresso de fundação. Trata-se de uma evidência. No total, 51 delegados tomaram parte nos trabalhos, levando em conta os que chegaram atrasados, os que saíram antes do final e as ausências momentâneas, dentre eles, oito delegados do PCR(b): Lenin, Trotsky, Zinoviev, Stalin, Bukharin, Tchitcherin e os dois suplentes, Obolensky-Ossinsky e Vorovsky. Muitos dentre eles, em torno de 40, dos quais 20 com voto consultivo, na verdade, são militantes bolcheviques: tanto do partido russo, como dos partidos letão, lituano, bielo-russo, armênio e da Rússia oriental. Há também membros das seções estrangeiras do PCR(b), grupos comunistas tcheco, búlgaro, iugoslavo, francês, chinês, coreano e norte-americano, assim como os alemães da Comuna do Volga e, finalmente, alguns militantes das seções do Birô Central dos Povos do Oriente e das seções estrangeiras do partido que agrupavam os estrangeiros que viviam na Rússia. O Partido Comunista Finlandês tinha existência própria, embora fora fundado em Moscou e sua direção residisse lá. Era uma forma de transição com os partidos do terceiro tipo.

Os partidos comunistas que tinham existência própria eram o partido alemão, o partido polonês, o partido austríaco e o partido húngaro, recentemente fundados. O caso alemão era evidentemente um caso particular. O KPD enviara dois militantes, mas um deles, de origem russa, o jornalista da agência *Rosta*, Eugen Léviné, fora preso e reenviado à fronteira. Hugo Eberlein foi o único delegado que conseguiu chegar à Moscou. Velho espartaquista, não brilhava pela inteligência, mas parece que Jogiches havia-o escolhido por sua tenacidade. Utilizava o pseudônimo de Albert, tinha um mandato de sua central, dado por Rosa Luxemburgo alguns dias antes de sua morte. Contudo, é difícil afirmar que representasse o que se tornou o partido alemão depois do banho de sangue de janeiro e do assassinato de quadros e militantes, inclusive dos dois dirigentes simbólicos. Em todo caso, depois de sua chegada em Moscou, ele se alojará na casa da mulher de Marchlewski que, com Balabanova, acabava de se estabelecer na cidade. Ao longo de diversos encontros na casa de Lenin, ele viria a sofrer também as investidas de Trotsky, Bukharin e Rakovsky.

Os outros partidos tinham uma existência real de fracos efetivos e ainda por cima sem nenhuma centralização política digna do nome. O delegado austríaco, Steinhardt, chegou no meio do congresso com um letão, de nome Petin, que tivera responsabilidades na Comuna do Volga e provavelmente trabalhou em Viena. O partido polonês confiara seu mandato a um dos seus que vivia na Rússia, Josef (Iossif) Unschlicht. Quanto ao partido húngaro, cujos dirigentes se encontravam então presos em Budapeste, esse enviara dois delegados, pelo que sabemos, que não conseguiram atravessar a tempo o terreno minado pela guerra e pela revolução. Seu representante em Moscou, Rudnyánszký, teve que se contentar com as informações recebidas, em 15 de fevereiro para falar da situação em seu país.

A situação era diferente com os países que não carregavam o "comunista", mas uma existência real de partidos independentes. Era o caso do Partido Social-Democrata de Esquerda da Suécia - 17 mil membros - fundado, em 1916, pelos velhos amigos dos bolcheviques O. F. Ström e Z. Höglund e representado por Otto Grimlund, 24 anos, que chegou no terceiro dia da conferência com um mandato que deveria ser, entretanto, ratificado por um congresso. Era também o caso do Partido Operário Norueguês, o DNA (*Det Norske Arbeiderpartie*), que contava com cem mil membros e viu chegar, à sua direção, a esquerda socialista de Martin Tranmael. Esse partido estava representado no congresso por seu secretário Emil Stange, que chegou a tempo. Fritz Platten era membro do PS suíço e representava sua esquerda. Contestava vigorosamente a representatividade do grupo *Forderung*, que delegara à conferência de Moscou a estudante polonesa da Suíça Léonie, dita Lea Kascher, 27 anos, devidamente mandatária desse grupelho. O americano Boris Reinstein também não tinha mandato de seu partido, o *Socialist Labor Party*. Ele deixara os EUA no começo de 1918. O caso do neerlandês S. J. Rütgers era, talvez, mais caricatural ainda, apesar de não representar, nos marcos dos grupos de Moscou, o Partido Social-Democrata Holandês (Tribunista), do qual ele poderia bem ser representativo. Rütgers vinha dos EUA, onde passou muito tempo e representava uma Liga pela Federação Balcânica, os *tesnjaki* búlgaros e o PC romeno. Ele não tem, por todas as evidências, nenhum contato com nenhuma das três organizações, face à Federação desde seu congresso de 1915, face aos búlgaros desde aproximadamente a mesma época e face aos romenos desde 1916. Nenhuma explicação foi dada sobre a ausência dos búlgaros. Acredita-se que ninguém sonhava em disputar com Rakovsky esses mandatos que lhe eram atribuídos em virtude de um direito histórico. Entretanto, na comissão dos mandatos, foi contestado pela Federação Balcânica na figura do servo Milkić e por um grego. Evidentemente, ninguém pode sustentar que esse congresso era realmente representativo do movimento operário mundial. Nem mesmo da vanguarda revolucionária, que amadureceu durante a guerra e que floresce desde 1917. Não obstante, o movimento, que o congresso encarna, é um movimento bem real e que leva ao combate de classe centenas de milhares, senão milhões de indivíduos.

Os debates: atas

É Lenin, evidentemente, quem abre o congresso. Breve, conciso, mas igualmente claro e didático. Ele leva o que no fundo é a "boa notícia" dos bolcheviques:

> A ditadura do proletariado era até agora grego para as massas. Agora, graças à dispersão do sistema dos sovietes pelo mundo, este grego foi traduzido para todas as línguas modernas: as massas operárias descobriram a forma prática da ditadura, que tornou-se compreensível para as grandes massas operárias graças ao poder dos sovietes na Rússia, aos espartaquistas na Alemanha; às organizações análogas em outros países, como, por exemplo, os comitês de delegados de oficina (*Shop-stewards comittees*) na Inglaterra.[11]

11. *PCIC*, p. 53.

O congresso foi do dia 2 ao dia 6 de março e nós não temos documentos estenográficos pormenorizados das discussões, o que reflete a penúria de meios elementares de que sofriam naquela época os bolcheviques, mesmo na cúpula do partido e do Estado. Falaremos primeiro das atas, em seguida das decisões sobre a fundação da Internacional e finalmente do *Manifesto* que fará o mundo conhecer seu nascimento.

As atas normalmente são relatórios, algumas vezes mesmo descrições. Informam-se os russos e os russo dão informações. O primeiro relato é o de Eberlein, o alemão que aparece sob o nome de Albert e logo vira o centro das atenções do congresso. É em grande parte um relatório nem sempre fiel do que se passou na Alemanha desde 1914. Relata a semana sangrenta, a ocupação e a evacuação do *Vorwärts*, o assassinato de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht e mesmo a prisão de Radek, que ele chama curiosamente de "nosso camarada russo". Ao lê-lo, contudo, sentimos uma espécie de mal-estar. No afã de fazer seu partido aparecer como um verdadeiro partido revolucionário, candidato ao poder, ele não teria exagerado sua força e sua importância; não teria inflado seus próprios camaradas, o que é um erro terrível em política? Quem imaginaria, ao ouvi-lo, que seu partido contava com 50 membros em Berlim em 7 de novembro e, no momento do congresso, sofregamente com 200? Não é sugerir corretamente a realidade dizer que em alguns lugares "o proletariado alemão não está ligado ao partido comunista ainda"[12]. O contraste é gritante com os textos escritos na mesma época por Karl Radek de sua prisão, que descrevem esse pequeno partido, exangue e desorientado, cujos membros são capazes de morrer gloriosamente, mas não de tomar o poder e, menos ainda, de conservá-lo.

Relevemos, por contraste, as informações que dá Zinoviev sobre os efetivos do partido bolchevique russo: dez mil membros aproximadamente na véspera da guerra, 500 mil hoje. Ele fala sobre a penetração nos camponeses, a transformação e os progressos da escola, tenta justificar o "terror vermelho", cuja necessidade tentará demonstrar face ao assassinato duplo na Alemanha. Admite sinceramente que há numerosos descontentes entre os trabalhadores russos. Para concluir, muito inteligentemente, chegando a ser sagaz, ele se esforça, para estes novatos que conhecem um pouco de história, em colocar a revolução russa na mesma fornada da Comuna de Paris de 1871. Ele garante: "desde o começo, nós nos demos a tarefa de aproveitar todo o trabalho da Comuna de Paris, de compreender o que os trabalhadores parisienses mostraram ao mundo em 1871 e de continuar sua obra em novas condições. Nem é preciso dizer que grande parte do nosso trabalho é devida aos nossos precursores, os trabalhadores franceses"[13]. É por aí que ele conclui:

> Camaradas, nós construímos todo nosso trabalho sobre a experiência que nos foi legada pela heróica Comuna de Paris de 1871. Nosso grande mestre, Karl Marx, ensinou-nos a amar a Comuna. Para nós, o legado da Comuna de Paris é sagrado. Trabalhar na realização da idéia que herdamos e ajudar a vitória da classe operária internacional sobre a burguesia são a nossa grande ambição, eis o que será a nossa maior glória.[14]

12. *Ibidem*, p.65.
13. *Ibidem*, p.75.

Sirola fala rapidamente da revolução finlandesa para sublinhar que seus camaradas e ele próprio estiveram muito tempo prisioneiros de uma ideologia "unitária", não se contentando com a cisão e hesitando sobre a questão da ditadura, o que provavelmente custou caro aos proletários da Finlândia. Stange explica que seu partido, o DNA, não abandonou completamente a linha da democracia para se ligar à ditadura do proletariado por meio dos "conselhos". Reinstein tenta explicar ao congresso os traços originais da classe operária e do movimento operário de seu país, se prendendo na radicalização que se produziu a partir de 1917; prestando homenagem especial, por sua luta contra a guerra, ao socialista Eugene Debs. Ele garante: "estou convencido de que, nesta luta do proletariado mundial contra o capitalismo mundial, o proletariado americano terá um influência tão decisiva para a vitória do proletariado mundial quanto a que teve o capital americano na guerra imperialista contra as potências centrais"[15]. Rudnyánszký dá as informações que possui sobre seu país, de onde não tem notícias desde janeiro. Lea Kascher, a delegada suíça do grupelho que se denomina PC, faz uma descrição fantasmagórica das "massas revolucionárias" suíças: "depois que as massas conheceram a traição da direção da greve, que para as pessoas no exterior era inesperada, todo mundo se pôs a gritar: 'Conselhos operários! Os comunistas têm razão!' As massas tinham entendido..."[16]. Mas este conto épico serve somente de apoio a um ataque metódico contra a esquerda do PS suíço, representado, em Moscou, por Fritz Platten, a quem ela ordena romper "completamente" e se engajar "numa política puramente comunista"[17]. Uma breve intervenção de Trotsky sobre os problemas do Exército Vermelho permite-lhe dar as explicações evidentemente necessárias sobre a utilização dos oficiais de carreira e o papel dos comissários políticos.

No segundo dia, ouve-se o francês Jacques Sadoul celebrar os "poderosos líderes Lenin e Trotsky, completamente à altura de sua grandiosa tarefa [...] que dirigirão o futuro do proletariado mundial"[18], o segundo vendo reconhecer "sua energia inquebrantável, sua grande inteligência e seu gênio incontestável"[19]. Sadoul garante: "não somente o comunismo francês, no momento, não possui marechal, como não dispõe mesmo de generais revolucionários como os tantos que existem na Rússia e que são em sua essência um produto puramente nacional, criado pela natureza mesma do país, com seus extremos climáticos, a imensidão de seus territórios"[20]. O anglo-russo Joe Fineberg (Iossif Fajnberg) intervém

14. *Ibidem*.
15. *PCIC*, p. 85.
16. *Ibidem*, p.89.
17. *Ibidem*, p.111.
18. *Ibidem*, p.111.
19. *Ibidem*, p.107.
20. *Ibidem*, p.111.

sobre a questão do movimento operário britânico e releva informações precisas e uma concepção geral sólida. Mostra a importância e os limites do movimento dos *shop-stewards*. Fala também da insurreição da Páscoa de 1916 na Irlanda, do papel que nela desempenharam o sindicalista irlandês James Connolly e o sindicato dos transportes; do apoio do movimento operário britânico ao movimento nacional irlandês. Fineberg foi membro do BSP e próximo a Maclean. Era ligado a Petroff e secretário de Litvinov[21]. Dava para se perceber.

O problema da Internacional

Todo mundo sabe que o problema da Internacional era discutido nos bastidores. Não dá para escondê-lo no congresso. No primeiro dia, Platten explica que há desacordos na comissão preparatória. Alguns pensam que a reunião deve proclamar a III Internacional. "Um delegado vindo do exterior" - é Eberlein - pede que se contentem em falar de "conferência comunista" e que seja adiada, para uma conferência ampliada, a proclamação da III Internacional. Platten explica sua posição pela fraca representação da conferência e pelo pequeno número de convidados contatados a tempo[22]. Zinoviev intervém por seu turno e fala mais claramente: "nosso partido considera que já é a hora de fundar formalmente a III Internacional. E nós proporíamos que a fundação se desse desde essa primeira sessão. Contudo, como nossos amigos do Partido Comunista Alemão insistem em que nossa assembléia se constitua somente em conferência, nós avaliamos que é necessário nos alinharmos provisoriamente à proposição dos comunistas alemães"[23]. Lenin se curvará perante a finada Rosa Luxemburgo? O finlandês Kuusinen não se resigna. Ele aceita recuar no mesmo dia, mas previne que pretende retomar a batalha e arrancar a decisão de fundação antes do fim da conferência[24].

No dia seguinte, ao longo da discussão sobre o programa e a plataforma, Eberlein volta à discussão para acalmar os que acreditavam que os comunistas alemães tinham uma posição de princípio hostil à III Internacional. Não se trata disso, diz. Eles crêem simplesmente que os trabalhadores desconfiam das criações e das fundações vindas do alto, em conferências confidenciais, sublinhando que primeiro é preciso ter um programa e fazer com que os trabalhadores do mundo o adotem, de modo que eles próprios construam a III Internacional. A ocasião é propícia para Kuusinen desenvolver um pouco mais seus argumentos e atacar os de Eberlein. A III Internacional não será como a II, pois será a Internacional da ação. A plataforma é uma boa mostra disso, mas exige conclusões práticas, entre as quais a fundação da Internacional é a primeira. É verdade que a assembléia

21. Ver W. Kendall, *op. cit.*, *passim*.

22. *PCIC*, p. 54-55.

23. *Ibidem*, p. 55.

24. *Ibidem*.

não é representativa, mas o argumento é fraco, pois a Internacional é necessária, uma vez que a revolução internacional já começou.

Ninguém lhe responderá. Os presentes não podem ignorar que essa questão é discutida arduamente nos bastidores, entre os membros do PC russo, desde a chegada de Rakovsky, ao meio-dia. Esse último permanece firme em sua determinação de dar toda a batalha para que seja fundada a III Internacional. Escutemos o último discurso inflamado de Steinhardt, que acaba de chegar, sob o nome de Gruber, e que dá uma descrição, sem dúvida exagerada, da Europa Central no pós-guerra, terminando por esta exclamação: "partimos de Viena em direção a Moscou há 17 dias. Fizemos toda a viagem com companheiros trabalhadores, sobre os tênderes, nas locomotivas, nos pára-choques, nos vagões dos animais, a pé por entre as linhas dos bandos de malfeitores ucranianos e poloneses, em perigo de morte permanente, não obstante com esta idéia: nós queremos, nós devemos ir a Moscou e ninguém nos impedirá"[25].

No dia seguinte, 4 de março, a questão da Internacional é recolocada naturalmente na ordem do dia. Fritz Platten, que preside, anuncia a chegada de uma moção, ao que tudo indica vindo de Rakovsky, mas que é assinada igualmente por Gruber-Steinhardt, Rudnyánszký e Grimlund. Ela se pronuncia pela fundação da III Internacional, "organização unificada, comum e internacional de todos os elementos comunistas, que se colocam no terreno [...] da ditadura do proletariado"[26]. Todo mundo pôde compreender então que a discussão que ocorreu fora do congresso, desde a chegada de Rakovsky, entre os dirigentes russos e Eberlein, tinha chegado a um acordo. É evidentemente a condição mínima para que a conferência volte sobre uma decisão tomada.

A intervenção de Eberlein é uma última cartada desesperada, mas não uma formalidade. Ele argumenta e insiste antes de mais nada, que a decisão anterior tinha sido tomada sobre o âmbito da "delegação alemã" - é assim que ele se designa - presa por um mandato que a impedia de participar de uma fundação imediata. A resolução de Rakovsky o obriga a se explicar, contestando que a fundação seja uma necessidade absoluta. Certamente, precisa-se de um centro político, mas este já existe e a ruptura dos partidários do sistema de conselhos está ocorrendo por todo lado. A III Internacional deve ser o "fundamento de uma potente organização". Ora, suas bases de organização não existem e é falso insistir em fundá-las sob o pretexto de que a II tenta ressuscitar em Berna. As intervenções no congresso mostraram, segundo ele, importantes divergências quanto aos objetivos e aos métodos. Eberlein acredita que os delegados vieram mais para se informarem do que para fundarem uma Internacional.

> Se nós queremos empreender a fundação da III Internacional, é preciso de início dizer ao mundo o que queremos, explicar o caminho que temos a frente e que podemos nos unir [...]. Não existem verdadeiros partidos comunistas a não ser em poucos países; na maior parte

25. *Ibidem*, p. 140.

26. *Ibidem*, p. 164-165.

deles, foram criados ao longo das últimas semanas. Em numerosos países, existem hoje comunistas, mas estes ainda não possuem organização[27].

Demonstrando em seguida a não-representatividade dos delegados – tendo por base os trabalhos da comissão de mandatos e colocando em causa mesmo Rakovsky, já contestado por um grego e um sérvio sobre seu mandato pela Federação Balcânica –, ele conclui:

Há tão poucas organizações participando da fundação da III Internacional que é difícil de aparecer publicamente. Por conseqüência, é necessário, antes de empreender a fundação, de fazer conhecida no mundo inteiro nossa plataforma e convidar as organizações comunistas a declararem se estão prontos a fundar conosco a III Internacional [...]. Eu insisto para que vocês não empreendam desde já a fundação da III Internacional e peço a vocês para não agirem com precipitação, mas para convocarem em curto prazo um congresso que fundará em seguida a nova Internacional, mas uma Internacional que agrupará, então, efetivamente forças atrás dela[28].

É Zinoviev quem lhe responde. A comissão de resoluções discutira na véspera esta questão e decide por unanimidade propor a constituição da assembléia em III Internacional. Por que jogar para mais tarde a fundação da III Internacional, pergunta a Eberlein, retrucando contra ele os argumentos e afirmações do relatório que ele tinha apresentado sobre o fato dos comunistas alemães estarem próximos do poder: "vivemos uma revolução proletária vitoriosa num grande país, temos uma revolução que marcha em direção à vitória em dois países e depois de tudo isso ainda dizemos que somos fracos? [...] Há um partido que caminha para o poder e que, dentro de alguns meses, formará, na Alemanha, um governo proletário. E nós deveríamos hesitar?"[29]. Ele conclui:

Não queremos trabalhar agora com o sentimento de sermos muito fracos, ao contrário, devemos ser invadidos pelo sentimento de nossa força, da convicção que o futuro pertence à III Internacional e, se trabalharmos neste espírito, nós avançaremos sem hesitação esse passo necessário. Depois de uma reflexão madura, nosso partido propõe construir imediatamente a III Internacional. O mundo inteiro verá assim que estamos armados organizacional e intelectualmente.[30]

As cartas estão dadas. Angelica Balabanova declara que as organizações e os partidos que constituíram Zimmerwald estão hoje a favor da fundação da III Internacional. Um dos

27. *PCIC*, p. 166.
28. *Ibidem*, p. 166-167.
29. *Ibidem*, p. 167.
30. *Ibidem*, p. 168.

delegados finlandeses, Yukka Rakhia, lê uma declaração de seu partido, redigida, depois de uma entrevista com Eberlein, na véspera. Depois, em uma intervenção fulgurosa, afirma que o apoio à fundação da III Internacional se encontra no "imenso movimento revolucionário" que se desenvolve na Europa inteira. O delegado polonês Josef Unschlicht lança um apelo apaixonado a Eberlein para que ele pare de se opor à fundação. Rakovsky, numa intervenção abreviada e provavelmente involuntariamente truncada nos registros das atas, faz uma aproximação entre o temor da opinião manifestado por Eberlein e a atitude de Ledebour e, assim, sublinha, segundo Yukka Rakhia, o caráter formal das razões do relatório proposto por Eberlein, opondo-se em relação a ambos sobre as necessidades políticas.

Finalmente, a proposição de Rakovsky e dos outros é colocada em votação. Eberlein se abstém. Todos os outros delegados votam a favor.

Nascia a III Internacional.

Os documentos programáticos

Foi Lenin quem escreveu e apresentou as teses, em 22 pontos, sobre a "Democracia burguesa e ditadura do proletariado". Escritas com muita sobriedade e clareza, elas são uma espécie de breviário do agitador sobre estas duas questões que Lenin funde em uma só. Com efeito, ele explica que a defesa da dominação dos exploradores é assegurada hoje, notadamente pelos social-traidores, por meio de argumentos filosófico-políticos de condenação da ditadura e de apoio à democracia em geral. Não obstante, essas pessoas se esquivam de dar um conteúdo de classe a estas noções, quando na verdade não existe no mundo, diz Lenin, nada além da democracia burguesa e da ditadura do proletariado. A história mostra, segundo ele, que nenhuma classe conseguiu tomar o poder e conservá-lo sem destruir pela violência a resistência das antigas classes dominantes. Todos os social-traidores de hoje lecionaram ontem a idéia de Marx e Engels de que "a república burguesa mais democrática não é nada mais do que um aparato de opressão da classe operária pela burguesia, a massa da população ativa por um punhado de capitalistas"[31]. A Comuna de Paris, reivindicada pelos comunistas, não foi uma instituição parlamentar. Sua significação consiste "na tentativa de romper, destruir de cabo a rabo, o aparato de Estado burguês, o aparato burocrático, jurídico, militar e policial, para substituí-los por organizações de massa de trabalhadores, governando a si mesmos e desconhecendo a separação dos poderes legislativo e executivo"[32].

Em seguida, Lenin examina, muito concretamente, o que é no regime capitalista a liberdade de reunião e a liberdade de imprensa, por exemplo, para aqueles que não têm os meios materiais que permitam delas dispor realmente. Ele mostra que o terror que reina em numerosos países democráticos, desde os EUA até a Alemanha – que viu o assassinato

31. *PCIC*, p. 151.
32. *Ibidem*, p. 152.

de Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht –, é a expressão normal de uma classe privilegiada defendendo sua dominação. Lenin desenvolveu: "num tal estado de coisas, a ditadura do proletariado não se justifica somente enquanto um meio de derrubar os exploradores e de romper sua resistência, mas também pelo fato de ela ser necessária à massa dos trabalhadores como único meio de defesa contra a ditadura da burguesia, que conduziu à guerra e prepara outras ainda"[33]. Ele insiste sobre o segundo ponto, pois é evidente que a ditadura do proletariado exige formas novas de democracia, de instituições e também de condições novas de aplicação, que ainda não foram encontradas ou não existem. Isto pode nutrir desilusões ou a idéia de que o único objetivo da ditadura do proletariado é o de – por suposto capital, mas não único – romper a resistência dos antigos feitores.

> A ditadura do proletariado é a repressão pela violência da resistência dos exploradores, isto é, de uma minoria ínfima de grandes proprietários fundiários e capitalistas [...]. Daí decorre que a ditadura do proletariado deve engendrar não somente a mudança das formas e das instituições democráticas em geral, mas ainda uma extensão sem precedentes da democracia real para a classe operária sujeita ao capitalismo.[34]

Ele explica:

> A antiga democracia, isto é, a democracia burguesa e o parlamentarismo, era organizada de maneira a eliminar acima de tudo, precisamente, as classes trabalhadoras do aparato administrativo. O poder dos sovietes, isto é, a ditadura do proletariado, é organizado ao contrário, de modo a aproximar as massas trabalhadoras do aparato administrativo [...]. Somente a democracia soviética ou proletária conduz de maneira prática à abolição do poder de Estado, pois começa, desde cedo, a preparar o perecimento completo de todo Estado ao associar as organizações de massa à gestão deste Estado.[35]

A plataforma da Internacional foi preparada e apresentada por Bukharin, sendo escrita com a mesma preocupação de clareza e didática. A introdução explica que o capitalismo tentou resolver suas contradições pela guerra, mas acabou somente fazendo com que a guerra imperialista se transformasse em guerra civil, que marca o começo da revolução comunista do proletariado. Depois, desenvolve o tema da conquista do poder político, em que, paralelamente, se desenvolve a destruição do antigo aparato de Estado e a construção do novo: o desarmamento da burguesia, a destruição do corpo dos oficiais e o armamento do proletariado, a formação da Guarda Vermelha, a destituição dos juízes burgueses e a constituição de tribunais proletários. O texto ainda comporta uma importante parte sobre a democracia e a ditadura, sublinhando: "o sistema de conselhos torna possível

33. *Ibidem*, p. 155.
34. *PCIC*, p. 156.
35. *Ibidem*, p. 156-157.

a verdadeira democracia proletária, dirigida contra a burguesia"[36]. A posição dominante do proletariado industrial em seu interior constitui um privilégio somente temporário.

Sobre o plano econômico, o objetivo é a socialização da economia, que permitirá sua centralização e subordinação da produção a um Plano Único. De início, realizará a socialização dos grandes bancos, dos ramos industriais trustificados ou cartelizados; das grandes propriedades agrícolas. A pequena propriedade não deve ser expropriada. A tarefa da ditadura proletária somente será realizada neste domínio "na medida em que o proletariado puder criar os órgãos centralizados de direção da produção e realizar a gestão pelos próprios trabalhadores, [...] em que puder chamar a um trabalho de administração direta das camadas sempre mais numerosas das massas trabalhadoras"[37]. O grande comércio será igualmente socializado. Dar-se-á aos técnicos e especialistas qualificados a possibilidade de desenvolverem sua atividade criativa.

A plataforma termina indicando que "o caminho da vitória" passa pela ruptura com os social-democratas de direita e de centro e pela união com os elementos que se colocam no terreno do poder dos conselhos. O texto ainda define igualmente o papel da Internacional, para além da coordenação dos esforços do proletariado internacional:

> A Internacional, que subordinará os interesses ditos nacionais aos interesses da revolução mundial, realizará a ajuda mútua dos proletários dos diferentes países [...] apoiará os povos explorados das colônias em sua luta contra o imperialismo, a fim de apressar a derrocada do sistema imperialista mundial.[38]

O Manifesto da Internacional Comunista

Trotsky foi quem recebeu a missão de redigir, depois do de Zimmerwald, o manifesto necessário à proclamação da nova Internacional, que é de uma qualidade totalmente diferente daquela da plataforma. Trotsky o lê e ele mesmo o traduz na tribuna. É ao *Manifesto* de Marx e Engels que esse texto faz referência em sua introdução: "no fundo, o movimento seguiu o caminho traçado no Manifesto do Partido Comunista. A hora da luta final e decisiva chegou mais tarde do que contavam e esperavam os precursores da revolução social. Mas, ela chegou"[39]. Trotsky explica que os comunistas se sentem herdeiros e executores testamentários do obra anunciada havia 72 anos. A tarefa é de generalizar a experiência revolucionária, de eliminar as "escórias dissolventes do oportunismo e do social-patriotismo"; de unir as forças de "todos os partidos realmente revolucionários do

36. *Ibidem*, p. 220.
37. *Ibidem*, p. 221-222.
38. *PCIC*, p. 223.
39. *Ibidem*, p. 206.

proletariado mundial"[40]. A guerra cobrira a Europa de ruínas. O dirigente russo lembra que o socialismo a previu durante anos e a considerou como inelutável, denunciando o imperialismo como o apoiador da guerra futura. Depois de analisar minuciosamente as diversas responsabilidades governamentais, aborda a questão de fundo: "as contradições do regime capitalista se transformaram para a Humanidade, após a guerra, em sofrimentos inumanos: fome, frio, epidemias; barbárie moral. A velha querela acadêmica dos socialistas sobre a pauperização e a passagem progressiva do capitalismo ao socialismo foi assim definitivamente destruída"[41]. Ele assinala que a guerra varreu todas as conquistas da luta sindical e parlamentar e permitiu ao capital financeiro militarizar o Estado e que ela própria o militarizou. O retorno à livre concorrência é para ele impossível: "doravante, a questão é somente saber quem será o agente da produção estatal: o Estado imperialista ou o Estado do proletariado vitorioso"[42]. Segue:

> Abreviar a época da crise atual somente é possível pelos métodos da ditadura do proletariado, que não olha para o passado, que não leva em consideração nem os privilégios hereditários nem os direitos de propriedade, mas unicamente a necessidade de salvar as massas famintas, que, para esse fim, mobiliza todos os meios e todas as forças, declara a obrigação do trabalho para todos, institui o regime da disciplina do trabalho a fim de curar em alguns anos as feridas abertas da guerra, mas também de ascender a Humanidade à níveis novos e inimaginados[43].

O Estado-nação, que impulsionou vigorosamente o desenvolvimento do capitalismo, tornou-se uma camisa-de-força demasiada estreita para as forças produtivas. Os imperialistas dos dois campos oprimem os povos humildes, deixam-nos famintos e os humilham sem pararem de falar do direito dos povos ao dispor deles mesmos. Somente a revolução proletária lhes oferece uma perspectiva real ao unificá-los sobre o plano econômico, sempre lhes garantindo sua independência nos seus assuntos e em sua cultura nacional. A questão colonial foi colocada assim na ordem do dia pela guerra e, desde já, a luta em certas colônias não é mais levada somente para a libertação nacional, mas se reveste de um caráter social. É a Europa Socialista quem prestará a ajuda decisiva às colônias libertadas.

Trotsky responde às acusações lançadas contra os revolucionários russos pela burguesia: "o conjunto do mundo burguês acusa os comunistas de aniquilar as liberdades e a democracia política. Isso é falso. Ao tomar o poder, o proletariado só faz constatar a impossibilidade de aplicar os métodos da democracia burguesa e cria as condições e as formas de uma democracia operária nova e superior"[44]. No reino da destruição da economia e das instituições políticas, o proletariado criou seu próprio aparato, os conselhos operários, flexível e adequado às camadas exploradas e oprimidas, é "a conquista mais importante e a arma mais poderosa do proletariado em nossa época". Arma indispensável no momento em que "a guerra imperialista, que opõe as nações umas às outras, se transforma em guerra civil, que opõe uma classe social à outra"[45]. E Trotsky reencontra sua verve de polemista:

> Os vociferadores do mundo burguês sobre a guerra civil e o terror vermelho constituem a mais monstruosa hipocrisia que conheceu, até hoje, a história das lutas políticas. Não haveria guerra civil, com efeito, se as cliques de exploradores que levaram a Humanidade à beira do abismo e que não se opusessem a todo progresso das massas trabalhadoras, não organizassem complôs e assassinatos; não solicitassem o socorro do exterior para manter ou restaurar seus privilégios usurpados. A guerra civil foi imposta à classe operária por seus inimigos mortais.[46]

Trotsky afirma que os comunistas não provocam artificialmente a guerra civil, mas procuram abreviá-la, reduzir o número de suas vítimas e antes de tudo assegurar a vitória do proletariado. É por isso que é preciso armar o proletariado a tempo. É por isso que a Rússia se protege com seu Exército Vermelho.

Ele termina com a questão da Internacional, lembrando que, desde a origem do movimento socialista organizado, os operários mais organizados tenderam para uma organização internacional. Depois de um breve resumo da história das Internacionais e do papel que desempenharam no desenvolvimento geral, Trotsky afirma:

> Nós nos consideramos, nós, comunistas, reunidos na III Internacional, como os continuadores diretos dos esforços heróicos e do martírio de uma longa série de gerações revolucionária, desde Babeuf até Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo. Se a I Internacional previu o desenvolvimento da história e preparou suas trilhas, se a II Internacional reuniu e organizou milhões de proletários, a III Internacional, ela própria, é a Internacional da ação de massa aberta, da realização revolucionária da Internacional da ação.
>
> A crítica socialista estigmatizou suficientemente o universo burguês. A tarefa do partido comunista internacional consiste em derrubar esta ordem e em edificar em seu lugar o regime socialista.[47]

40. *Ibidem.*
41. *Ibidem*, p. 208.
42. *Ibidem*, p. 209.
43. *Ibidem.*
44. *PCIC*, p. 211.
45. *Ibidem*, p. 212.
46. *Ibidem.*
47. *Ibidem*, p. 214.

Condições e alcance da fundação

As condições da proclamação da III Internacional - o acrônimo russo rapidamente adotado foi Komintern, do qual os franceses e britânicos fizeram Comintern, com toda razão - foram, desde o verão, objeto de muitas polêmicas. Podemos explicá-las pelas hesitações manifestas da direção russa perante a oposição póstuma de Rosa Luxemburgo exprimidas por Eberlein. Uma primeira versão, nascida dos primeiros registros, bem resumida e adotada em 1939 por Franz Borkenau, atribuía a mudança de posição dos russos e de outros delegados à intervenção de Steinhardt, que teria feito ventilar na reunião internacional os ares da guerra civil e da revolução na Europa central. Igualmente surpreendente é tal interpretação. Nenhum dos russos presentes era um coroinha disposto a tomar decisões de tal importância tendo por base um relatório que mostrava somente de maneira concreta o que o mundo sabia de maneira geral.

Mais tarde, Trotsky, ao ser interrogado por seus camaradas mais jovens, dentre eles Pierre Naville, respondeu-lhes que não havia uma verdadeira hesitação entre os dirigentes bolcheviques, inclusive Lenin e ele, e que a pessoa que havia retornado a situação à noite do segundo dia, no mesmo dia de sua chegada, foi seu amigo Khristian Rakovsky. Mas, a origem desta versão, sem dúvida honestamente apresentada por Borkenau, se encontra numa declaração de Zinoviev ao congresso do PCR(b) em março de 1919, na qual ele assegura que a chegada de Grimlund, Rakovsky e Steinhardt contribuiu, assim como o próprio curso do congresso, para mudar a atitude de Eberlein e a da delegação russa.

Uma segunda fonte pode ser o artigo de Vorovsky, membro da delegação russa, na *Pravda* de 7 de março de 1919, em que qualifica a chegada de Steinhardt de "momento raro e memorável, que ficará profundamente marcado nos corações e nos espíritos dos presentes". Ele percebeu que Steinhardt, com suas grandes botas e roupas em farrapos, que ele cortou com sua faca para extirpar dela seu mandato; sua barba inculta - a imagem mesma do proletariado - e assegura que era "impossível escutar sem emoção o simples relato deste camarada austríaco". Entretanto, é preciso sublinhar que em 1924 era ao discurso de Rakovsky que Eberlein também atribuiu o mérito de ter voltado atrás na conferência.

A polêmica foi reeditada em 1965 com uma contribuição de Angelica Balabanova sobre "Lenin e a criação do Comintern". A antiga secretária de Zimmerwald não hesita em afirmar neste texto que o assunto constituiu "uma fraude provavelmente sem precedentes na história das relações entre pessoas com um mínimo de nível moral, mais ainda quando se trata do movimento operário". Ela atribui a iniciativa a Zinoviev, "com o concurso direto de Bukharin e não sem a aprovação de Lenin e Trotsky"[48]. Mas, esta versão, em que muitos historiadores acreditaram, não se sustenta. Com efeito, Balabanova afirma que a intervenção de Steinhardt - a seus olhos, uma maquinação - provocou uma tempestade de aplausos, devido aos quais Zinoviev fez sua proposição de voltar sobre a decisão tomada. É lamentável para Balabanova, mas o registro publicado quando ela era secretária da

48. A. Balabanova, "Lénine et la création du Comintern", In: *Contributions à l'histoire du Comintern*, p. 32.

Internacional Comunista revela, sem erro possível, que é falso afirmar, como ela o faz, que o congresso foi prolongado em um dia para permitir a intervenção de Steinhardt, quem fala, com efeito, no fim da sessão de 3 de março. A proposição de Zinoviev foi feita em sessão 24 horas mais tarde, no fim da sessão do dia 4. Para poder aceitar a versão de Balabanova, é preciso admitir aplausos realmente prolongados...

Outras contradições e impossibilidades flagrantes proíbem levar a sério essa acusação tardia que poderia bem, ela mesma, não ser nada além de uma fraude: é, por exemplo, evidentemente impossível que os bolcheviques tenham conseguido coordenar e sincronizar, nas condições da época, a chegada de Steinhardt e a de Guilbeaux, velho inimigo de Balabanova, que, entretanto, vê aí a prova de um complô. Acrescentemos que a militante ítalo-russa, em sua idade avançada, garante ter se abstido, ao passo que o registro indica que todos os delegados a título consultivo, dentre os quais ela, votaram pela proclamação imediata e bem menciona o voto de Eberlein, que, esse sim, teria se abstido. Balabanova assegura que Lenin lhe pediu para votar em nome do PS italiano, quando ela estava presente enquanto representante da comissão de Zimmerwald na conferência. Ela nunca desmentiu o registro que a faz dizer: "é de meu direito e de meu dever declarar que a maior parte dos partidos que se reuniram em Zimmerwald apóiam a fundação imediata da III Internacional"[49]. Enfim, sua versão e a cronologia sobre a qual se apóia são contraditadas por todos os outros testemunhos e documentos, segundo os quais a questão foi discutida na noite de 3 de março, não somente no seio da comissão de resoluções, mas ao longo de um encontro entre Eberlein e a delegação finlandesa. Fraude deliberada? Enorme anacronismo, paranóia de uma senil imaginando na época de Lenin maquinações stalinistas? Balabanova é sem dúvida perdoável, mas não aqueles que tomam esses evidentes erros com um objetivo deliberado. Não chegaremos a uma conclusão a esse respeito, mas somente sobre o fato de que o registro oficial era honesto e que, por todas as evidências, os bolcheviques eram suficientemente mal-informados e hesitantes para terem "virado a casaca" em 24 horas.

Para terminar este ponto, adicionaremos um detalhe. Depois da morte trágica de Rosa Luxemburgo e de Jogiches, os dois adversários da proclamação da Internacional, não houve perseguições nem críticas contra Eberlein no partido alemão. É quase incidentemente que Ernst Meyer lembrou ao V Congresso do partido que o mandato de Eberlein era também de deixar a conferência se ela se decidisse pela proclamação. Os comunistas e os socialistas, que se preparavam para se tornarem comunistas, aceitaram com entusiasmo a criação da Internacional.

Decisões de longo alcance, concernentes à direção, foram tomadas no fim do congresso de fundação. Os cinco dirigentes designados foram Rakovsky, Lenin, Trotsky, Zinoviev e Platten. Mas, essa direção, simbólica e prestigiosa aos olhos dos militantes, era somente uma forma pura e quatro de seus membros estavam indisponíveis para o trabalho cotidiano. Rakovsky estava mobilizado para a ponta do combate, à frente do governo ucraniano, Lenin à frente do governo russo, Trotsky no comando do Exército Vermelho.

49. *PCIC*, p. 169-170.

Platten, por seu turno, ao partir para a Suíça fora preso na Finlândia em 8 de abril, expulso para a Rússia em maio. Tentando retomar caminho, passando pela Romênia, foi novamente preso e só consegue chegar na Suíça na primavera de 1920. Zinoviev era, pela força das circunstâncias e do consentimento de Lenin e Trotsky, presidente da Internacional, com a ajuda intermitente de Bukharin. Franz Borkenau comenta:

> Esta escolha não foi feliz.[...] Brilhante orador e debatedor, Zinoviev tinha a arte de tratar com todo tipo de gente, mas sua duplicidade inerente e seu amor pelo jogo duplo e pela intriga desgostavam os mais entusiastas. Era notório que lhe faltava coragem, mas, como ocorre freqüentemente com pessoas incitáveis, ele era capaz de exagerar terrivelmente os sucessos e incapaz de reconhecer os fracassos. Fez carreira sob uma submissão total a Lenin que o achava útil, pois repetia literalmente as idéias do mestre, mas com um tom polêmico e literário que faltava a Lenin. Mas, ele recusara segui-lo nos dias decisivos de novembro de 1917 e, por duas vezes, tinha recusado publicamente a responsabilidade pelo golpe de Estado bolchevique. Era este homem, que não tinha sido considerado digno para um posto importante no Estado soviético, que foi colocado na direção da Internacional Comunista.[50]

E continua com uma acusação demolidora.

> Certamente, as pessoas que realmente faziam diferença na época estavam atoladas de trabalho, mas não existe melhor sintoma de verdadeira escala de valores de um movimento de que sua decisão quanto ao que é essencial e o que é menos importante em caso de urgência. Os russos acreditavam sinceramente que trabalhavam pela revolução mundial e consideravam que sua própria revolução fazia parte dela. Mas, ao mesmo tempo, na escolha das pessoas para esta tarefa, inconscientemente, os bolcheviques já tinham se tornado nacionalistas russos, que consideravam os outros partidos como auxiliares de sua própria causa.[51]

Pode-se – é nosso caso – considerar o fim desta frase como um julgamento que repousa sobre um anacronismo. Podemos, entretanto, pensar que a escolha de Zinoviev para presidir os destinos da Internacional não foi verdadeiramente feliz. Trotsky dizia que Zinoviev, sempre entusiasta por ganhar os espíritos e os corações, fracassava nas decisões de ação, o que evidentemente não é uma qualidade para um cargo de tal importância.

A direção no dia-a-dia

Iakov Reich, dito Thomas, indica em suas memórias que o primeiro birô da IC, sob a presidência de Zinoviev, tinha Balabanova como secretária. Ela substituía teoricamente

50. F. Borkenau, *op. cit.*, p. 163.

51. *Ibidem*, p. 175.

Radek, então preso em Berlim, mas suas relações com Zinoviev eram tão ruins que Rakovsky aceita conduzi-la à Ucrânia, onde ele lhe confiou um posto governamental e o encargo de animar o Birô do Sul da Internacional Comunista. Ela foi então substituída por Vorovsky, que, por estar doente, foi pouco ativo, mas foi auxiliado por seu adjunto, Jan Berzin-Winter. O alemão do Volga, Klinger, era secretário administrativo. Os membros cotidianos eram Bukharin, Liubarsky e Reich – em resumo, praticamente os antigos colaboradores de Radek no departamento da propaganda das relações exteriores e ex-membros da missão diplomática em Berna. O russo Mikhail Kobetsky, 38 anos, há muito tempo encarregado dos transportes clandestinos da imprensa bolchevique a partir da Dinamarca, juntou-se a esse núcleo.

Os primeiros funcionários da Internacional são pessoas fora de série. O russo-belga Kibaltchitch, 29 anos, dito Victor Serge, um ex-anarquista, ainda não aderira ao partido ao qual ele se dirige. Zinoviev recruta-o para a revista *Internacional Comunista*. Ao mesmo tempo, recruta-se um homem excepcional, de quem nos foi deixado um retrato instigante: V. O. Lichtenstadt, dito Mazin, 37 anos, – condenado por atentado terrorista à bomba em 1906 e obrigado a dez anos de trabalho forçado no terrível campo de Schlüsselburg –, também se junta aos bolcheviques. Em Petrogrado, eles são alojados no Hotel Astoria, aquecido e bem iluminado, e dá-se-lhes, em Smolny, uma grande sala com uma mesa e duas cadeiras. O primeiro número da revista sai com um artigo de Zinoviev, que assegura que a vitória da revolução alemã era somente uma questão de meses, talvez até mesmo de semanas. No Executivo, Serge encontra-se com Bukharin (que aliás vem de tempos em tempos), Klinger, Sirola, Rudnyánszký, com alguns búlgaros que ele não nomeia e, também, freqüentemente, um chefe militar de origem anarquista, o russo-americano William, dito Bill Chatov, apaixonado por discussões. Os serviços da IC serão logo transferidos a Moscou, onde terão então todo o espaço desejado dentro de uma residência particular, onde se instalou outrora o embaixador alemão von Mirbach.

Bem-entendido, contrariamente à uma lenda habilmente construída sobre a base de simples espectros, não é como conseqüência de uma vontade "grã-russa" de submissão da Comintern a Moscou que aquela ficou na capital soviética, mas simplesmente porque as circunstâncias, a guerra e a guerra civil, fizeram com que lá fosse o único lugar no mundo onde ela pudesse funcionar. Neste sentido, não há nenhuma razão em duvidar da honestidade de Zinoviev e Trotsky quando, em 1919, anunciaram que a sede da Comintern seria deslocada, nos anos que seguiriam, a Berlim ou a Paris.

Nós conhecemos os nomes de um certo número de pessoas que a Comintern utilizou naquela época. Geralmente, eles eram, de um lado, russos, que as vicissitudes da guerra civil privaram de seu meio ou que, tendo militado fora da Rússia antes da guerra, eram úteis por suas ligações pessoais e por seus conhecimentos do terreno, ou, por outro, eram estrangeiros refugiados. Assim, é preciso acrescentar aos antigos nomes de Berna os nomes de Vladimir Dëgott, Aleksandr Abramovitch, Daniel Riedel, todos antigos parisienses, e de Chaim Heller, ex-italiano, assim como os dos emigrados comunistas finlandeses Edward Gylling e Mauno Heimo. De fato, bem cedo, os responsáveis da IC tentaram, não

descentralizar seu aparelho, mas estabelecer antenas ou postos avançados, "birôs" que deveriam em suas mentes os aproximar do Ocidente nessa época em que a viagem a Moscou, devido ao bloqueio e às operações militares, era mortalmente perigosa. Inicialmente, eles começaram pelo território ucraniano - ou seja, teoricamente no estrangeiro - depois realmente no estrangeiro.

O Birô do Sul

Foi preciso a abertura dos arquivos de Moscou para que os historiadores se dessem conta que a Internacional criara bem cedo um birô na Ucrânia, que deixou arquivos. Angelica Balabanova, que era então, lembremos, secretária do comitê de Zimmerwald, conta que Lenin em pessoa pediu a ela que se estabelecesse na Ucrânia, pois esse país era então uma das cabeças de ponte rumo à Europa em efervescência e que, desta forma, estaria mais próxima. Somente um inconveniente: era possível que em pouco tempo ocorresse uma conferência internacional na capital e, neste caso, ele enviaria um trem para que ela pudesse tomar parte nesta conferência. Balabanova veio, então, com Rakovsky, um dia atrasado, como sabemos.

É na esteira dessa primeira decisão que foi deliberado, ao longo do congresso, instalar na Ucrânia um "Birô do Sul", cuja direção política confiada a Rakovsky e Angelica Balabanova mostra a importância por que era tomada a região. Foi durante o mesmo congresso que foram recrutados os primeiros colaboradores deste birô, dentre eles Jacques Sadoul, solicitado pessoalmente por Rakovsky. Advogado, membro do Partido Socialista, capitão da reserva, Sadoul é membro do gabinete do ministro socialista Albert Thomas, quando este último o encarrega como observador político da missão francesa na Rússia, no verão de 1916. Foi durante muitos anos o intermediário político oficioso entre os Aliados e o governo de Lenin. Pouco a pouco ganho para o bolchevismo, ele adere ao Grupo Comunista Francês no verão de 1918. Tem 38 anos quando chega à Ucrânia, em março de 1919. Marcel Body deu um relato expressivo da viagem das pessoas do congresso em direção à sede do novo birô: a parada em Kursk, a participação dos dirigentes ucranianos num ato, seu retorno à galope para evitar os perseguidores armados e a partida precipitada do trem. As trevas parecem repletas de inimigos. Em diversas ocasiões, ouve-se o silvo de balas, desconhecidos tentam matar os passageiros, dos quais muitos - como Aleksandra Kollontai - estão impávidos.

Não é por acaso que muitos franceses estão de mudança. Um dos pontos nevrálgicos da situação na Ucrânia é o grande porto de Odessa, ocupado pelas tropas francesas do general d'Anselme, que é uma cabeça de ponte da intervenção dos exércitos do mundo capitalista. A agitação e a propaganda revolucionária em direção aos soldados e marinheiros franceses estão no centro da estratégia bolchevique e, para conduzi-la corretamente, são necessários franceses ou francófonos. É o PC ucraniano, apoiado pelo centro, que até então dirigia essa atividade. Contudo, seus membros: Ivan Golubenko, Ian Gamarnik,

Lavrentii Kartvelichvili, jovens demasiado ocupados com a atividade clandestina em suas ações nas cidades ucranianas ocupadas, não podem assegurá-la sozinhos. É difícil distinguir, na atividade em questão, a parte que cabe ao partido russo, ao ucraniano, ao "colégio estrangeiro" ou aos emissários do Birô do Sul. É um trabalho internacional e internacionalista, podemos mesmo dizer um caldeirão em que nasce a nova Internacional. A composição do birô variou muito. Ao redor de uma equipe técnica - que compreendia estenógrafos, contadores, telefonistas, composta por aproximadamente trinta pessoas, formada por russos e dirigida, em 1920, por Mark Moisseiev -, havia políticos: Jacques Sadoul, que se encarrega da direção no dia-a-dia, o iugoslavo Milkić, o búlgaro Chablin, a francesa Rosalie Barberet e, um pouco mais tarde, o polonês Feliks Kon e o orientalista russo Mikhail Veltman, dito Pavlovitch.

O primeiro *front* foi o de Odessa, onde houvera muitas vítimas. A professora primária Jeanne Labourbe, 43 anos, companheira de um comunista iugoslavo, enviada de Moscou em fevereiro - presa, estuprada e selvagemente massacrada por homens do SR francês em março de 1919 - é a mais célebre, seguida pouco depois por Henri Barberet, 18 anos, organizador da difusão dos jornais e panfletos comunistas, morto ao combater os homens do atamã Grigoriev, ligados aos bolcheviques, depois amotinados. Os militantes são revolucionários profissionais, que conhecem francês: russos como Vladimir Dëgott, operário brochureiro, próximo de Lenin, com quem militou em Paris, romenos como, Mihaly Bujor, que fugiu da prisão no mesmo dia em que Rakovsky e que permaneceu na Rússia com ele, Daniel Riedel, ex-parisiense, que, no começo, fez passar os militantes vindos de Moscou através das linhas inimigas, em seguida sendo um dos organizadores do trabalho em Odessa, Alter Zalik, um franco-romeno, e a jornalista luxemburguesa Stella Kosta, membro do Partido Socialista Francês desde 1904.

O segundo *front* é o resto do mundo. Trata-se de enviar emissários aos países vizinhos para estabelecer contatos e de receber os que vêm até Kiev, no início, e a Kharkov, depois. Conhecemos os nomes dos mensageiros. Geralmente, são desconhecidos. Carregando às vezes fortunas em rublos "Nicolau", em moeda do país de destinação, em diamantes ou em jóias, eles mostram-se honestos: somente um desapareceu, mas não sabemos como, um outro não pode entregar o "tesouro" do qual tinha sido encarregado a seu destinatário, mas retornou para se explicar. Os homens são enviados em função do destino escolhido e de acordo com suas próprias capacidades. Assim, diversos partem para a França: Boris Pokhitonov, dito Wulfert, cuja mãe é belga, chega com os bolsos cheios ao congresso de Estrasburgo do PS, no qual retoma os contatos com os socialistas de esquerda. O ex-marinheiro do Mar Negro Louis Badina, fugitivo de uma prisão romena e refugiado na Ucrânia, é enviado para a França carregando um verdadeiro tesouro. Outros emissários, igualmente encarregados, partem da Ucrânia para Sofia, Belgrado, Atenas, Bucareste, Ancara.

Emissários chegam também de diversos países. O birô interrogou os mais notáveis. Quase todos os membros responsáveis querem encontrar Rakovsky, salvo os búlgaros do partido *tesnjak* de Blagoiev, que são principalmente reticentes, e vão de melhor grado a

Moscou. Há um pouco de tudo entre os que chegam e os que partem, dois turcos, por exemplo; cuja chegada é festejada, mas da qual não sabemos nada. Estes homens conheceram às vezes verdadeiras odisséias.

Desta maneira, o comandante do exército búlgaro Georgi (ou Dimitar) Dontchev, que se amotinou à frente dos seus soldados quando o movimento ao qual ele acreditava participar fora anulado, traz notícias frescas, mas da Sérvia, onde estava refugiado. Da mesma forma, o dirigente da juventude comunista, o bósnio Mio Ivić, traz um preciso relato sobre o nascimento do PC iugoslavo. Ele deixou Belgrado em 4 de fevereiro de 1920, sem dinheiro, e chegou em Salônica, onde trabalhou para ganhar algum, mas, passageiro clandestino para Istambul, foi privado de todo o seu pecúlio na chegada. Ajudado por italianos, chega a Batum, de onde é expulso para a Geórgia. É pela montanha, atravessando sem calçados as zonas nevadas, que ele alcança Vladikavkaz, onde os comunistas locais lhe dão dinheiro, o que permite que chegue a Rostov-sobre-o-Don, e depois a Kharkov, onde chega finalmente em 18 de abril.

Os primeiros contatos permitem passar a um nível superior: a organização de "rotas" clandestinas apoiando-se nas redes. Há duas: a "marítima", pela Bulgária, e a "terrestre", pela Romênia, Galícia e a Bucovínia, feita com intermediários, documentos falsos e, certamente, com dinheiro. No conjunto, funciona. É na Turquia que "viajantes" comunistas mais foram mortos.

Uma outra parte da história da III Internacional se desenrolará em 1919 na Europa central. Não se trata de um negócio de clandestinos, mas de dois Estados em revolução dirigidos por comunistas, com exércitos "vermelhos" em luta contra os romenos que protegem os Aliados. Falaremos mais adiante da revolução húngara e da República dos Conselhos dirigida por Bela Kun. Muitos acreditaram que o futuro da revolução russa se jogava lá, na eventual união das forças revolucionárias dos exércitos vermelhos da Ucrânia e da Hungria.

Rakovsky parece ter sido ludibriado pela confiança dos dirigentes húngaros e notadamente pelas suas fanfarronadas em seus exércitos, na verdade minados pelas atividades secretas dos "Brancos". A recíproca não é verdadeira. Bela Kun está, aparentemente, ciumento de sua autoridade, irrequieta e brutal. Nenhuma discussão ocorre com Rakovsky e Kun se dirige sistematicamente somente a Lenin, aliás, para se queixar de Rakovsky. Ignoramos o que Tibor Szamuely – muito crítico em relação à política de Bela Kun –, e Rakovsky conversaram quando se encontraram em Kharkov, durante a viagem de avião do primeiro a Moscou. Bela Kun mandou fuzilar dois oficiais vermelhos, Grigory Efimov e Junkelson, que lhe foram enviados por Rakovsky, por acusação de "conspirar" contra ele junto com um grupo de anarquistas. Seu exército, minado por dentro, se afunda, lançado às penas numa ofensiva contra as tropas romenas, o que exige que o Exército Vermelho evacue a Ucrânia. Bela Kun tentou incansavelmente, o resto de sua vida, jogar sobre Rakovsky a responsabilidade de sua derrota. Depois do assassinato dos dirigentes espartaquistas alemães, é certamente uma grave derrota, a primeira "chance perdida" de espalhar seriamente a revolução pela Europa. É também o fim do que se tentou chamar de

"breve período Rakovsky da Internacional Comunista", provavelmente sonhado em algum momento por Lenin.

O Birô de Berlim

Numa noite da primavera de 1919, Lenin convoca Iakov Reich à sua casa. Ele o conhece bem e o estima. Quer falar de um projeto que concerne a Internacional. Acredita que não é mais possível continuar a ajudar, desde Moscou, desconhecidos ou pessoas inexperientes a se engajarem no trabalho revolucionário. A viagem de Moscou, nos dois sentidos, é além do mais muito aleatória, perigosa em todos os sentidos. A idéia de Lenin, como sempre, é muito simples. É preciso instalar um posto avançado da Internacional no exterior, com homens experientes, forjados na clandestinidade e capazes em assuntos financeiros. Essas pessoas serão dotadas de capitais importantes para dispor e mandar dispor ao redor deles meios materiais. Serão encarregados de publicar jornais, brochuras, livros e, se preciso, criar uma editora. Ele pede a Reich que vá até Berlim com o intuito de organizar um Birô do Ocidente da Internacional. Este último aceita: para essa missão e para a História, ele será doravante o camarada Thomas[52].

Thomas nasceu em Lemberg e tem nacionalidade polonesa. Era socialista desde sua escola secundária, organizou e dirigiu uma gráfica clandestina em Varsóvia em 1905, depois fez parte de uma organização de combate e participou – com Piłsudski, diz-se – de um atentado contra o governador de Varsóvia. Refugiado na Alemanha, depois na Suíça, foi químico e depois professor, membro do Partido Social-Democrata Suíço. Foi lá que se ligou aos emigrados russos, particularmente Zinoviev. Recrutado em 1918 à missão diplomática russa de Berna, editou um jornal e abriu uma editora. Expulso depois da greve geral de 1918, chegou a Moscou em janeiro de 1919 e lá usou notadamente o pseudônimo de James Gordon. Recebeu para sua missão a enorme soma de um milhão de rublos em divisas. Além disso, Lenin o enviou ao subsolo do Palácio de Justiça para o tesoureiro dos assuntos secretos, o polonês Hanecki (Fürstenberg), que o entregou diamantes de imenso valor: butim da Tcheka.

Temos alguns depoimentos sobre Thomas, seus dons excepcionais de conspirador, seus hábitos e sua prudência. Em novembro, o estoniano Kingisepp, que serve de intermediário, informa Zinoviev que Thomas criou dois birôs – sendo um ilegal –, estabelecendo comunicação segura com a Holanda, a Escandinávia, a Áustria e os Bálcãs e, pela Suíça, com a França, a Itália e a Grã-Bretanha. De fato, Thomas aproveita e aperfeiçoa as redes já existentes do sueco Otto Fredrick Ström, 39 anos, e do suíço cosmopolita Isaac Schweide, 29 anos. Em dezembro, ele organizou em Frankfurt uma primeira conferência dos PCs da Europa. No mesmo período, prepara a instalação em Viena de um sub-birô voltado para

52. Encontraremos o "Récit du camarade Thomas" sobre a fundação deste Birô de Berlim nas *Contributions*, *op. cit.*, p. 5-27.

o sudeste europeu. Esse sub-birô vienense é colocado sob a direção de um militante polonês próximo de Radek, Josef Rotstadt, dito Krasny, 33 anos, e de militantes austríacos, Gerhardt Eisler, 33 anos, Karl Frank, 26 anos, irmão de Elfriede Friedländer e Richard Schüller, 18 anos. Bem cedo, eles serão ajudados e quase invadidos por responsáveis húngaros refugiados. Representantes da IC são encaminhados e implantados para seus cuidados em diversos países. Aleksandr Abramovitch, 31 anos, que foi próximo de Lenin na Suíça, trabalha em Berlim sob o nome de Albrecht, depois na França sob o de Zalewski. Dëgott. Logo retorna a Paris. N. N. Liubarsky está em Viena no verão de 1919 e seu destino é a Itália, onde será delegado junto ao PSI sob a identidade de Carlo Niccolini. O polonês Chaim Heller, 38 anos, que vivia na Itália deste 1911, se apresenta a Antonio Gramsci em Turim sob o nome de Antonio Chiarini. O franco-romeno Daniel Riedel, dito Ivan, é também enviado a Itália.

O secretariado da Europa Ocidental da Internacional Comunista (WES) já funciona. Seus membros foram escolhidos em comum por Radek e Thomas. Além deles dois – Radek ainda é prisioneiro em Berlim, mas sua cela tornou-se um salão político e freqüentemente um lugar de decisão para os comunistas –, o secretariado compreende os alemães Paul Levi e Thalheimer, dirigentes do partido, e Willi Münzenberg, da juventude. Compreende também o polonês Mieczyslav Warszawski, dito Bronski, 37 anos, antigo membro da missão de Berna e, depois, da embaixada soviética; expulso em 1918 com Radek, e, como tesoureiro, Eduard Fuchs, 49 anos, célebre advogado e especialista em arte erótica. A equipe técnica ao redor de Thomas compreende sua secretária (sua própria mulher), Ruth Jensen, dita Ruth Gerhardt, Felix Wolf (um excepcional falsário sob o nome de Slivkin) e a russa Elena Stassova. Em alguns meses, o WES constituiu-se como um aparato digno de nota, comprando a editora *Carl Hoym*, em Hamburgo, que lhe serve de fachada legal. Sua fachada ilegal está numa livraria berlinense e existe também um birô anexo em Leipzig, entretanto com papel secundário. O WES conseguiu estabelecer sólidas relações de negócios com diversos bancos interessados na Rússia soviética, notadamente o *Bankhaus* Schell de Reval.

Não podemos, evidentemente, comparar as realizações do Birô de Berlim com as do Birô do Sul. O segundo foi implantado numa região arruinada, pauperizada e teve que utilizar, por exemplo, ambos os lados das folhas de papel, as quais possuíam a consistência de um mata-borrão ruim. Na Alemanha capitalista em crise, o detentor de divisas – e é o caso do Birô de Berlim – tem somente o trabalho de escolher, para realizar bons serviços, se os envolvidos possuem alguma experiência, como é o caso da equipe constituída ao redor de Thomas[53].

53. Podemos ter uma idéia dos recursos financeiros do birô de Thomas ao constatar que ele fretou, por duas vezes, aviões privados, o que custava, na época, muito caro. Valtin, obcecado por contas financeiras, dá a cifra de quatrocentos mil marcos enviados a Fuchs, segundo uma carta de Kingisepp a Zinoviev, datada de 30 de julho de 1919 (RTsKhIDNI, 324/1/549, p. 105), e fala em um lucro de dez milhões de marcos pelas edições nos seus primeiros anos (RTsKhIDNI, 495/19/1847).

O Birô de Amsterdã

O Birô de Amsterdã da IC não é nada se comparado aos dois precedentes: a saber, o de Kiev-Kharkov no reboliço de uma revolução e de uma sangrenta guerra civil, em que os protagonistas tomam e retomam vilas, fuzilando os vencidos em toda oportunidade; nem o de Berlim, aparato bem engrenado com especialistas e um verdadeiro tesouro de guerra, emboscado numa grande capital inimiga que nunca o descobriria. Foi em setembro de 1919 que a decisão de fundar um Birô em Amsterdã foi tomada no Executivo da Internacional.

O homem que foi encarregado é Sebald Justinus Rütgers, um engenheiro que seguiu o grupo esquerdista dos "tribunistas" quando da cisão do Partido Social-Democrata Holandês. Depois de uma longa estadia nas Índias Holandesas, desempenhou um papel nos EUA durante a guerra no meio internacionalista, freqüentando Trotsky, Fraina e Katayama Sen. Participou do congresso de fundação. Parece que o CE da IC designou para fazer parte junto com ele David Wijnkoop, Van Ravesteyn, Henriette Roland-Holst, Gorter e Pannekoek. Esses dois últimos, aliás, não participaram do birô devido às suas divergências com os outros membros. Mas, rapidamente, Rütgers e seus amigos esquerdistas são vítimas das grandes ilusões da democracia burguesa em geral e da democracia holandesa em particular.

O Birô de Amsterdã era evidentemente um posto avançado, visava o Novo Mundo, a Grã-Bretanha, a França e de maneira geral o Extremo Ocidente. Os neerlandeses têm relações com os britânicos. O próprio Rütgers é ligado a muitos elementos avançados do movimento socialista americano, notadamente Louis Fraina, que foi, em 1917, associado a Trotsky. Conseguiram fazer partir, de seu país para o continente americano o russo-americano Grusenberg, dito Borodin, com 500 mil dólares para o movimento comunista americano. Infelizmente, o pequeno grupo holandês, sob a influência dos tribunistas, se toma por uma vanguarda, um papel que nenhum comunista do mundo estava pronto a lhe conceder. Além disso, manifestava no mesmo momento um inverossímil amadorismo na organização de sua conferência e um real cinismo na forma de decidir pela Internacional inteira. Voltaremos mais tarde para essa questão.

Estocolmo?

É preciso acrescentar nessa lista o Birô de Estocolmo, donde partem emissários – dois dentre eles com destino à Grã-Bretanha, o finlandês Vertheim e o norueguês Zachariassen, devem ser lembrados – freqüentemente portadores de fundos importantes, destinados às seções ocidentais. Branko Lazitch sublinha que esse birô tem principalmente uma função administrativa. Por outro lado, Lars Björlin sublinha o papel internacionalista importante do partido sueco, que atinge – escreve – seu apogeu em 1920. Era dirigido por Fredrick Ström, um dos principais dirigentes do PC sueco, provavelmente em estreita ligação com o russo V. M. Smirnov, durante muito tempo professor em Hel-

sinque; tornado cônsul-general em Estocolmo. Seus colaboradores eram, sem dúvida, os refugiados finlandeses Edward Gylling, o jovem Mauno Heimo e Allan Wallenius.

Alexander Kan estudou a atividade de Ström sem distinguir sempre - mas, seria possível? - a parte devida ao partido sueco e aquela cabida à Comintern[54]. Ele sublinhou a importância de sua atividade em 1920, numa organização da ação contra o ataque polonês. Retirou também do diário de Ström notas que revelam o estado de espírito do dirigente, que espera com impaciência que os "cavalos de Boudienny bebam das águas do Spree, do Sena e do Tâmisa"[55].

Maré montante

De uma certa maneira, os eventos que se desenvolveram no movimento operário de numerosos países parecem confirmar a aposta de Lenin e a resolução de Rakovsky para a nova Internacional. Numa época em que a informação não circula bastante - ou sob uma forma especial, como as notas, lidas pelo emissor de rádio de Lyon, sobre as atividades dos carrascos chineses de Lenin nas ruas desertas de Kiev -, grupos e indivíduos, círculos e partidos, pequenos ou grandes, uniões ou mesmo sindicatos se colocam em movimento em direção à Internacional. A apresentação de um volume do documento da Internacional para o período, que vai de sua proclamação à abertura do II Congresso, começa por estes parágrafos que reproduzimos textualmente:

> Sete dias depois do encerramento dos trabalhos [do congresso], a milhares de quilômetros, no Canadá, onde ignora-se ainda o que aconteceu e que, por outro lado, acaba-se de receber a carta que lhes convocava, ocorre, em Calgary, a *Western Labour Conference*, sob iniciativa dos militantes canadenses que recusam a união sagrada e a campanha anti-soviética. Sob a proposição de Kavanagh, um dos dirigentes da *Federation of Labour* da Columbia Britânica - federação esta que será, algumas semanas mais tarde, uma das líderes da greve geral de Winnipeg, este vendaval "soviético" sobre o novo continente -, essa conferência operária decide responder ao chamado de Moscou ao proclamar "seu acordo total e sua simpatia em relação às metas e objetivos da revolução dos bolcheviques russos e dos espartaquistas alemães; [...] sua adesão sem reserva à ditadura do proletariado enquanto meio de transformar a propriedade privada capitalista em comum" e ela dirige sua fraternal saudação ao governo soviético e à Liga Espartaquista Alemã.
>
> Treze dias depois do encerramento do congresso mundial, por dez votos a três, o comitê diretor do Partido Socialista Italiano, sobre a base do mesmo chamado de janeiro, decide propor ao congresso nacional a adesão à Internacional Comunista. O PSI tem, na época, 84

54. Alexander Kan, "Der bolschevistische 'Revolutionsexport' im Jahre 1920", In: *Jahrbuch für Kommnismusforschung*, 1994, p. 88-103.

55. *Ibidem*, p. 90.

> mil membros e atingirá 264 mil em 1920.
>
> Todas as contradições que caracterizam a vaga das primeiras adesões estão concentradas nesse duplo alinhamento.

Mas, será preciso mais de um ano para lhes colocar lado-a-lado numa sala de congresso.

As dores do crescimento

Para os estadistas ocidentais, o ano de 1917 fora o "ano terrível". Para todo o mundo, o ano de 1918 foi o "ano vermelho". Já 1919 foi para a Rússia vermelha o "ano do apocalipse", quando os quatro famosos cavaleiros castigaram-na impiedosamente. Ela sobreviveu. Em três ocasiões, as tropas brancas sustentadas pelos subsídios e o material dos ocidentais estiveram a ponto de chegar à vitória e de destruir o governo de Moscou. Em cada ocasião, a situação foi contornada. Em muitas regiões, os governos Aliados encurtam suas linhas e vão embora. É o caso ao norte, na região de Arkhangelsk e Murmansk, de onde as tropas britânicas embarcam em setembro, deixando sem "proteção" o governo branco da província do Norte. Em Odessa, as tropas do general d'Anselme – minadas pela resistência operária e pelo descontentamento dos soldados e marinheiros franceses, que querem que a guerra termine para eles também –, por sua vez, partirão em abril.

É quando também a Revolução Russa deixa de estar isolada: 1919 é o ano da revolução. O primeiro-ministro britânico Lloyd George declara em suas memórias confidenciais: "a Europa inteira está repleta de um espírito de revolução. Existe um profundo sentimento não somente de descontentamento, mas de cólera e revolta dos trabalhadores contra suas condições anteriores à guerra. O conjunto da ordem social existente, em seus aspectos políticos, sociais e econômicos, foi colocado em questão pelas massas da população de uma extremidade a outra da Europa"[1]. Em janeiro, Lloyd George garante a seus colegas que é impossível enviar tropas contra os russos, pois elas se amotinariam, e precisa: "se começássemos uma empreitada militar contra os bolcheviques, isso resultaria numa Inglaterra bolchevique e haveria um soviete em Londres"[2].

Essas reservas não impedem que o governo francês se transformasse no campeão

1. Citado por E. H. Carr, *Bolshevik Revolution*, t. III, p. 128.

2. E. H. Carr, *op. cit.*, p. 126.

na luta contra o comunismo. Resumindo, perante o Senado americano, uma intervenção de Clemenceau numa sessão do Conselho dos Dez, de 21 de janeiro de 1919, William Bullitt escreve: "o bolchevismo se estende, invadiu as províncias do Báltico e da Polônia e, pela manhã, recebemos péssimas notícias referentes ao seu sucesso em Budapeste e Viena. A Itália estava envolvida também. Se bolchevismo – depois de ter ganhado a Alemanha, de atravessar a Áustria e a Hungria –, atingir a Itália, a Europa estará confrontada com um grandessíssimo perigo. É preciso, portanto, fazer alguma coisa contra o bolchevismo"[3]. A partir daí, o jornalista americano estava indubitavelmente correto ao concluir que Clemenceau, representante de um sistema social, se sentiria obrigado a reivindicar uma guerra contra o sistema rival[4].

As grandes ofensivas dos Brancos

Na região do Báltico, os homens do Baltikum, voluntários bálticos e alemães do general von der Golz, o carrasco da Comuna Finlandesa, de retorno em janeiro; retomaram Riga em maio. Eles a evacuaram sob injunção dos Aliados, mas von der Golz conseguiu naturalizar-se russo por um governo branco, ao mesmo tempo em que 45 mil voluntários de seu Baltikum.

Em outubro, sob as ordens do general Iudenitch, um pequeno exército branco, apoiado por tanques ingleses, chega às portas de Petrogrado. Enviado às pressas por uma decisão do *Politburo* de 15 de outubro, Trotsky chega no dia 16, galvaniza o moral dos defensores e dos habitantes locais e dirige, uma semana mais tarde, o contra-ataque vitorioso. A capital da revolução estava salva.

O perigo não era menor sobre o *front* sul. Depois da retomada de Odessa e no momento em que se abria a perspectiva de uma junção entre o exército da república húngara dos Conselhos e o Exército Vermelho do *front* do sul, a defecção de um dos chefes deste último, N. A. Grigoriev – que se auto-proclama atamã – provoca uma guerra civil de muitas semanas no campo vermelho. Provavelmente, é lá um dos momentos em que a história muda. Sem a defecção de Grigoriev, a junção dos exércitos russo e húngaro abriria a porta à revolução em toda a Europa central e balcânica. O afundamento do exército húngaro, minado pela traição, faz o resto.

Em maio, as forças de Denikin, superiormente armadas, penetram nos Donetos; em junho, e tomam Kharkov e depois Czartysin. Em setembro, elas estão a 300 quilômetros de Moscou. Não obstante, é o começo do fim para eles. Os territórios ocupados chafurdam na lama com a ganância dos chefes, na restituição das terras aos senhores, na resistência popular, nas revoltas dos camponeses; nas insurreições bolcheviques e isto tudo a despeito do temido terror branco. Em novembro, o exército de Denikin está em plena

3. Citado por L. Fischer, *Les Soviets dans les affaires mondiales*, p. 140.

4. *Ibidem*.

retirada. Em dezembro, o Exército Vermelho reconquistou a Ucrânia.

A leste, finalmente, depois de ter assassinado ou executado praticamente todos os comunistas siberianos, o "exército ocidental" de Koltchak se lança ao assalto. Consegue na primavera de 1919 o primeiro sucesso, cruza o *front* em meados de abril e seus chefes entrevêem uma vitória próxima com a tomada de Moscou. Uma contra-ofensiva vermelha dirigida por Mikhail Frunze destrói o exército de Koltchak. Depois duma penosa retirada, depois duma última execução massiva de reféns, que chega a provocar o horror de seus empregados ocidentais, o almirante é entregue aos bolcheviques pela Legião Tchecoslovaca e seu patrão francês, o general Janin. Em que pese que em Moscou desejava-se um grande sucesso de público. O novo dirigente da Sibéria, o trabalhador bolchevique Ivan Nikititch Smirnov, reconhece aos trabalhadores de Irkutsk e região o direito de julgar o comandante supremo que foi seu verdugo. Condenado à morte, o general é executado.

A guerra civil não terminou. Mas, ela já deixou sua marca na revolução. Se esta não foi vencida, ao menos foi contida. Em seguida, o exército branco fuzila, enforca, incendeia, arrasa as regiões onde ele toma o controle. Extermina, por exemplo, todos os comunistas da Sibéria. A todo-poderosa Tcheka, as execuções sumárias e a tomada de reféns: o terror praticado no campo em frente molda, sem dúvida, mais ainda a mentalidade dos comunistas russos.

O que é certo, em todo caso, é que eles não estão muito preocupados no momento em controlar a Comintern, muito embora, quando é necessário, eles intervêm nas discussões para lembrar a seus discípulos zelosos que os ensinamentos de sua revolução não se resumem ao emprego do fuzil e da força militar e policial, necessária no seu próprio interior neste momento.

Hungria: da prisão ao poder[5]

A história da ascensão ao poder dos comunistas húngaros em março de 1919 é quase inacreditável. A crise política, advinda do desabamento da monarquia no fim da guerra e da ascensão à direção, em uma Hungria territorialmente muito diminuída, de um governo de burgueses democratas muito fracos, sob o conde Mihály Károlyi; a feroz crise econômica que assolava o país, bem como a miséria dos desempregados e dos ex-combatentes, tudo isso configurava um contexto favorável.

Por outro lado, é evidente que os comunistas húngaros não perderam seu tempo, na Rússia, na escola dos bolcheviques e nas escolas de agitadores de Tibor Szamuely: eles se tornaram verdadeiros mestres na arte da *agit-prop*. Atos, manifestações e chamados à

5. Por desconhecimento do húngaro, utilizamos para esta seção os capítulos correspondentes de Bennett Kovrig, *Communism in Hungary from Kun to Kadar* e Rudolf L. Tökés, *Bela Kun and the Hungarian Soviet Republic*; assim como a tradução alemã de *Bela Kun* do historiador húngaro György Borsanyi.

ação se sucediam, mobilizando os jovens, desempregados, trabalhadores, ex-combatentes e trazendo todos os dias ao partido novos contingentes de aderentes, passando de quatro mil para cinco mil membros em novembro de 1918 e para mais ou menos 70 mil em 1919. O que quer dizer que estavam de vento em popa.

Foram encontrados "depoimentos" que contam a explosão de alegria no congresso de fundação da Comintern com a notícia da chegada dos comunistas húngaros ao poder: os falsários, involuntários ou não, se poupariam do descrédito ao consultar as cronologias. Com efeito, é em 21 de março, ou seja, duas semanas depois do fim do congresso de Moscou, que Bela Kun torna-se membro do governo húngaro. Ninguém; entretanto, tinha profetizado a maneira como esta chegada ao poder se daria. Com efeito, é na prisão que seus futuros colegas de governo, membros do Partido Socialista, foram procurar Bela Kun para colocá-lo dentro do governo húngaro.

No começo desta extraordinária aventura, há o desejo entre numerosos ministros, inclusive socialistas, de acabar com a constante pressão das manifestações comunistas nas ruas e com os progressos contínuos de seu partido. Em 20 de fevereiro, a associação dos desempregados manifesta-se em massa perante o jornal social-democrata *Népszava* para apresentar suas reivindicações aos ministros socialistas. A direção do jornal, dizendo-se ameaçada, chama a polícia e tiros são trocados. Quatro policiais são mortos pelos manifestantes, soldados anarquistas, dir-se-á. O PC imediatamente clama à provocação. Mas, o governo, inclusive os socialistas, decide colocar um ponto final: 68 responsáveis comunistas, dentre eles, Bela Kun, são detidos e presos no dia 21. Avisados de suas prisões, decidiram sofrê-la, se contentando em designar um comitê central substituto. Os comunistas, já bem colocados em razão de sua prisão, logo posarão de mártires aos olhos dos trabalhadores. Os policiais, sob o pretexto de investigação e para vingar seus camaradas, espancam Bela Kun, que é tido por gravemente ferido. Um ato de socialistas de direita em honra dos policiais mortos conhece um certo sucesso. Mas, um outro, dos antigos do Círculo Galileu, recordando a atitude passada dos social-democratas, o assassinato de Karl Liebknecht e Rosa Luxemburgo, denuncia a perseguição sofrida pelos detidos, sublinhando que, com toda certeza, Kun e seus camaradas não foram detidos pelo assassinato dos policiais, mas porque eram comunistas. Finalmente, diante dos protestos no país e das ameaças de represália política de Moscou, o governo concede aos detidos comunistas um regime político confortável (celas abertas, número ilimitado de visitas, sala de reunião).

Esta repressão caótica e hesitante divide os socialistas. Um ala, dirigida por Zsygmund Kunfi, reprova à direção do partido uma política de repressão policial. Mas, os comunistas conseguem realizar um feito audacioso. Um "segundo comitê central", dirigido por Tibor Szamuely, reaparece abertamente, publicando de novo o jornal, reabre as sedes, chama à criação de um exército operário e anuncia que tomará "medidas militares". Dividido e provavelmente atordoado, o governo não faz nada. Ao mesmo tempo, as prisões de 20 de março se voltam contra seus instigadores no momento em que a crise social não pára de se agravar: tomada das indústrias pelos operários, das terras dos latifundiários e

de seus estoques pelos camponeses, da eliminação das administrações e das prefeituras pelos conselhos operários, da impotência da polícia na rua face aos marinheiros e aos grupos de soldados vermelhos armados.

Nestas condições, não é de se estranhar que os socialistas, que querem romper com o governo, tenham decidido fazer contato com os dirigentes comunistas na prisão. Lá, Bela Kun se diz pronto a um acordo total. Ele propõe aos socialistas submeter o programa comunista a uma "conferência de revolucionários". Exigindo de seus eventuais parceiros o reconhecimento do imperialismo como um estágio distinto do capitalismo, a constatação da falência do capitalismo, do socialismo de Estado e do capitalismo de Estado, ele lhes pede para trabalhar pela tomada do poder por uma república dos conselhos, como nova forma de Estado, e de aderirem à Internacional Comunista. Os socialistas hesitam. Finalmente, são as exigências da *Entente* que precipitam o movimento. Em 19 de março, enquanto se discute encarniçadamente na prisão entre os detentos e os visitantes, a *Entente* apresenta um ultimato, o que significa que ela ocupará a maior parte do país. O governo recusa, declarando que quer ceder o lugar a um governo socialista, mas a nova maioria dos socialistas, isolando a ala direita, não quer chegar ao poder sem o Partido Comunista. O acordo é, então, concluído ainda na prisão em algumas horas: fusão dos dois partidos, socialista e comunista; fundação de um governo fundado sobre os conselhos de operários e camponeses, anulação das eleições previstas para a Constituinte, formação de um exército proletário. Os comunistas saem da prisão e vão para os ministérios. Todos os organismos do PC agrupam-se no partido unificado, que, doravante, se chama Partido Socialista Húngaro.

Em 22 de março, reúne-se o novo governo, que se chama Conselho Revolucionário de Governo, compreendendo 17 comissários do povo socialistas, doze comunistas e dois especialistas. Seu presidente é o socialista Sándor Garbai. Bela Kun é ministro das Relações Exteriores, mas é o verdadeiro chefe.

Uma revolução pacífica?

Podemos hoje, à luz da experiência, e também talvez por falta de imaginação, achar esquisita essa maneira de tomar o poder e se surpreender que o mundo não tenha tomado a "revolução húngara" por uma aventura de opereta, o que ela não era. Em realidade, ficamos assustados que ela tenha sido levada tão a sério, principalmente por Lenin que vira aí o reflexo da profunda crise mundial da dominação burguesa e declarara em seu discurso de encerramento do VIII Congresso do PCR(b) em 23 de março de 1919:

> Independente das dificuldades que se apresentam na Hungria, temos lá outra vitória do poder soviético, uma vitória moral. A burguesia mais radical, a mais democrática e conciliadora, reconheceu que na hora de uma crise gravíssima, ao mesmo tempo em que seu país, esgotado pela guerra, é ameaçado por uma nova guerra, o poder soviético é uma necessida-

de histórica: ela reconhece que o único poder que pode haver nesse país é o poder dos sovietes, a ditadura do proletariado[6].

Relevemos, igualmente, que Lenin, ao longo de suas conversas com Bela Kun, antes do retorno deste à Hungria, insistira muito sobre o perigo de uma tomada do poder prematura por meio de um *putsch*. Era um ponto de vista oposto ao que defendia Zinoviev na época: "a classe operária não pode vencer precocemente. Era isso que dizia Kautsky há dez anos, quando ele ainda era socialista. É o que dizemos hoje. É impossível a proclamação precoce da ditadura da classe operária. A situação está madura para a vitória do socialismo. A ditadura do proletariado está na ordem do dia no conjunto do mundo civilizado.[7]

As inquietudes de Lenin estão longe e ele não as torna públicas. No mesmo dia, telegrafa por telefone a Bela Kun.

> Peço-lhe que me informe quais são as garantias efetivas que você tem de que o novo governo será realmente comunista e não somente socialista, isto é social-traidor.
> Os comunistas são maioria no governo? Quando acontecerá o primeiro congresso dos sovietes? Em que consiste concretamente o reconhecimento da ditadura do proletariado pelos socialistas?
> Está absolutamente correto que uma imitação pura e simples de nossa tática russa em todos os detalhes seria um erro, estando dadas as condições particulares da revolução húngara. Devemos nos precaver desse erro, mas eu gostaria de saber quais são as garantias efetivas que você tem[8].

A resposta de Bela Kun parece a alguns um subterfúgio, mas reflete também indubitavelmente seu pensamento. Ela será publicada na *Pravda*:

> O centro e a esquerda do Partido Social-Democrata Húngaro aceitaram minha plataforma. Tal plataforma adere estritamente aos princípios da ditadura do proletariado e do sistema dos sovietes. Ela está em conforme com os princípios das teses de Bukharin e em completa harmonia com as teses de Lenin sobre a ditadura.
> A direita socialista [...] rompeu com o partido sem levar ninguém junto. As forças verdadeiramente melhores que jamais existiram no seio do movimento operário húngaro participam agora do governo, o qual, uma vez que não existem verdadeiros sovietes operários e camponeses, detém o poder, como era o caso na Rússia quando os comitês de soldados asseguravam a ordem.
> Há um diretório no governo: eu mesmo e Vagó do Partido Comunista, Landler (que fora aprisionado durante a guerra) e Pogány (que estava conosco antes da prisão [...]). De fato, eles foram nossos representantes na esquerda socialista, além de Kunfi, que é alguém como o seu Lunatcharsky. Minha influência pessoal sobre o Conselho Revolucionário de Governo é tal que a ditadura do proletariado estará assegurada. Além disso, as massas estão atrás de mim...[9]

6. Lénine, *Œuvres*, t. XIX, p. 225.

7. G. Zinoviev, "Les perspectives de la révolution prolétarienne", In: *Die Kommunistische Internationale*, n. 1, 1919. p. XIV.

8. Lénine, *Œuvres*, t. XIX, p. 228.

De fato, do ponto de vista dos bolcheviques, o mais impressionante é o quase desaparecimento do partido, cuja competência parece ter sido confiscada pelo governo.

Em 28 de março, um manifesto da Internacional Comunista saúda a passagem do poder na Hungria "às mãos da classe operária" e chama os trabalhadores e operários franceses a se oporem aos planos de intervenção de Clemenceau.

A república dos conselhos da Bavária[10]

A revolução de novembro levou ao poder na Bavária o dirigente independênte Kurt Eisner, que constituíra uma verdadeira rede de combatentes pela paz dentro do USPD e entre os operários das indústrias Krupp de Munique. Além disso, era aliado à ala socializante da Liga Camponesa, animada pelo cego Gandorfer. Foi ele que, saindo de uma longa pena de prisão, conduzira a manifestação do 7 de novembro, ao longo da qual fora decidida a greve geral e o assalto das casernas. O rei havia abdicado e o jornalista judeu Kurt Eisner, militante do USPD, pacifista – alvo de ódio da direita –, tornou-se presidente do Conselho dos Operários e Soldados da Bavária. Ele seria assassinado em 21 de fevereiro por um oficial de extrema direita, o conde Anton von Arco-Valley. Depois de três semanas de um período extremamente confuso de interregno do social-democrata Johannes Hoffmann, a república dos conselhos fora proclamada em Munique por um conselho de operários e soldados, refletindo uma curiosa coalizão, na qual figuravam militantes do USPD, anarquistas, alguns representantes da boemia literária e artística e até mesmo evidentes doentes mentais leves – o que lembra vagamente a Comuna de Paris. Mas, o mais surpreendente era a presença nesta coalizão de um ministro social-democrata majoritário da Bavária, Ernst Schneppenhorst.

Os comunistas, por meio da voz do ex-jornalista de origem russa da *Rosta*, Eugen Léviné, saído do caso do *Vorwärts*, que a Central do KPD acaba de mandar para a Bavária, tomaram partido da posição de não tomarem o poder na Bavária ao redor de "uma mesa de café" e excluíram um dentre eles que tinha aceitado as responsabilidades. Léviné, que se juntara a outros dois comunistas, Willi Budich e Karl Erde, acabava de reorganizar o Partido Comunista e de romper a coalizão permanente de grupos armados, que seu predeces-

9. *Pravda*, 28 de março de 1919.

10. A. Mitchell, *Revolution in Bavaria 1918-1919* e H. Beyer, *Von der Novemberrevolution zur Räterepublik in München*.

sor, Max Lewien, tinha mantido no período precedente com os anarquistas de Erich Mühsam e Gustav Landauer, ambos comissários do povo nesse governo, que não durou, aliás, mais que seis dias, e cujo comissário do povo às Relações Exteriores acreditava ser necessário avisar Lenin que seu predecessor tinha levado embora as chaves dos banheiros...

É bem difícil compreender porquê – depois de seis dias desse "pseudoconselho", como diziam os comunistas, fortificado pelo apoio dos conselhos operários de Munique, em que tinham acabado de conquistar a maioria –, eles subitamente decidiram tomar por sua própria conta a defesa da república que, ainda na véspera, adjetivavam de "mascarada". Aos primeiros tiros disparados pelas forças de segurança, em 13 de abril, o conselho de operários e soldados de Munique, instalado na prefeitura, designou um comitê executivo de quatro membros presidido por Léviné. A iniciativa era diametralmente oposta à política prescrita na época pela central comunista, que proibia todo *putsch* e toda aventura. O pequeno grupo comunista discute duramente. Budich é resolutamente partidário de tomar o poder. Ele é o único decidido e quem vence. Léviné, em seus nomes, proclama: "finalmente, a Bavária conseguiu erigir a ditadura do proletariado [...]. O sol da revolução mundial nasceu! Viva a revolução mundial! Viva a República da Bavária! Viva o comunismo!"[11]. Acreditou-se durante muito tempo que os eventos na Bavária desenvolveram-se independentemente de todo contato com a central do KPD(S). As memórias de Karl Erde (sob o nome de Retzlaw) nos mostram que, mandatário dos comunistas de Munique, ele estava, desde 14 de abril, em Leipzig, onde encontrou Paul Levi, lhe prestou contas e voltou, como desejavam os comunistas de Munique, com Paul Frölich, dissimulado sob o nome de Werner Manntey[12].

O programa da república dos conselhos da Bavária era o mesmo que o da Liga *Spartakus*, aprovado pelos delegados dos conselhos de fábrica. O esforço essencial de seus dirigentes comunistas durante as duas semanas, quando estiveram no poder, centrou-se, antes de mais nada, na organização de seu "exército vermelho" e de sua polícia. Os organizadores do primeiro foram os delegados dos conselhos de soldados, o independente Ernst Toller, um escritor, e os comunistas Rudolf Egelhofer, um ex-marinheiro de Kiel, e Willi Budich, o antigo chefe da Liga dos Soldados Vermelhos de Berlim, ajudados ainda por dois oficiais comunistas, Ernst Günther e Erich Wollenberg. A "comissão para repressão da contra-revolução" foi dirigida pelo muniquense Ströbel; a polícia, pelo jornalista da *Die Rote Fahne* de Munique, Ferdinand Mairgünther e por Retzlaw. Este último recorda que suas atenções foram dirigidas para a sociedade dita "de Thulé", à qual pertenciam oficiais como o assassino de Eisner, o conde Anton von Arco-Valley, mas também o capitão Ernst Röhm e Rudolf Hess. Retzlaw assinala a presença nas casernas muniquenses, naquela época, de militares em processo de desmobilização, como Hans Frank, Alfred Rosenberg e Adolf Hitler, alcagüete do comandante da caserna da 2ª companhia do 2° regimento de infantaria.

Paul Frölich toma a palavra pouco depois de sua chegada numa grande manifesta-

11. Citado por A. Mitchell, *op.cit.* p. 319.

12. K. Retzlaw, *Spartakus. Aufstieg und Niedergang*, p. 157-158.

ção, saudando "a revolução mundial, a última das revoluções" em marcha e jurando a determinação de todos os presentes de morrer por ela se preciso for. Nenhum dos comunistas aparentemente tinha ilusões.

Esta república dos sovietes durou somente duas semanas. Seu Executivo comunista foi colocado em minoria no conselho por uma oposição conduzida por um jovem operário do USPD e por Ernst Toller, o chefe de seu exército. A república dos conselhos passa seus últimos dias e horas sobre o tacão do enérgico Rudolf Egelhofer. A execução, ordenada por ele, de vinte reféns – dentre eles, alguns membros da famosa sociedade "pré-nazista" de Thulé – serve de pretexto para uma sandia sanguinária. Quando Munique é retomada pelas tropas do general von Oven e pelos famosos *Freikorps*, a Brigada da Marinha de Ehrhardt foi libertada de seus "comunistas" com metralhadoras e lança-chamas. Egelhofer e Gandorfer são abatidos sem outra forma de processo, Landauer combate até a morte. Mühsam é condenado a 15 anos, Eugen Léviné e o bancário comunista Seidel, condenados à morte, são executados em junho. Não se fez nenhuma distinção entre as repúblicas sucessivas. Max Lewien consegue fugir e retornar para a Rússia. Retzlaw, Frölich e Budich conseguem igualmente escapar da fornalha. O papel dos dois últimos continua desconhecido dos serviços da polícia, se bem que Frölich escreveu, sob o pseudônimo de Paul Werner, uma história dos conselhos da Bavária.

Por que consagrar tanto espaço a um episódio menor da crise revolucionária na Europa? A razão não é somente por que Adolf Hitler, enquanto cabo, e Eugenio Pacelli, futuro papa Pio XII, enquanto núncio apostólico, foram suas testemunhas e provavelmente foram marcadas por ele. Ela é mais simples: o episódio em questão faz parte da mitologia da Comintern na época. Na véspera da entrada das tropas dos *Freikorps* em Munique, Lenin, em seu grande discurso de 1° de maio, proclamava na Praça Vermelha em Moscou: "em todas as nações, os trabalhadores tomaram a estrada de luta contra o imperialismo. A classe operária libertada, celebra livre e abertamente seu aniversário não somente na Rússia soviética, mas também na Hungria soviética e na Bavária soviética"[13].

A revolução bávara deu muita esperança e criou muitos sonhos no mundo comunista. Raros são os comunistas estrangeiros que tiveram tempo de se juntar a ela nos fatos: podemos citar o italiano Edmundo Peluso, peregrino das insurreições perdidas, fundador dos primeiros grupos comunistas de Portugal e que vinha dos combates de janeiro em Berlim. Não obstante, dezenas e talvez centenas de outros se precipitaram para lá, mas muitos não chegaram a tempo.

Os 143 dias da Comuna Húngara

Excelente observador e mestre na arte de cunhar belas expressões, Franz Borkenau escreve, sobre o governo de Bela Kun, este julgamento em duas frases percucientes:

13. *Izvestia*, 3 de maio de 1919 e Lénine, *Œuvres*, t. XXXIX, p. 333.

Na Rússia, Kun vira três coisas que eram de uma importância fundamental para uma revolução húngara: a revolução agrária, a luta encarniçada de Lenin contra os "reformistas" e as negociações de paz com a Alemanha em Brest-Litovsk. Dessas três experiências, ele parece tirar os surpreendentes princípios de que não era preciso dar terra aos camponeses, que era preciso a todo custo fazer a guerra e que no momento revolucionário decisivo deveria-se fazer uma aliança com os reformistas.[14]

Um balanço de política econômica e social de um período tão curto não faz muito sentido. Mas, é verdade que a admiração dos comunistas húngaros pela centralização, pelas grandes empresas e pela planificação lhes inspiraram uma política que não poderia – muito pelo contrário – levar os camponeses a sua causa. Exemplo: uma nacionalização dos latifúndios que deixava, na maior parte do tempo, sua administração nas mãos dos antigos proprietários.

Às dificuldades que lhes conduziram ao poder se juntaram outras que foram provocadas pela sua própria chegada ao poder, não sendo das piores a coexistência de duas moedas: a "boa e velha azul", herdada dos tempos anteriores, e a "branca", impressa pelo novo governo, além da recusa geral de aceitarem a segunda, terrível e rapidamente desvalorizada, inclusive pelos trabalhadores – defensores do regime, mas também do poder de compra da classe. Medidas desesperadas – denunciando a impaciência e a vontade de se manifestarem em verdadeiros comunistas –, que foram, de uma certa maneira talvez, uma tentativa de cópia da política do comunismo de guerra – inspirada na Rússia pelas circunstâncias da guerra civil, como a proibição de todo comércio privado, a abolição por decreto de toda propriedade dos meios de produção – fizeram somente agravar o caos econômico herdado do antigo regime. Rapidamente, o naufrágio da produção e o desaparecimento de todo mercado de gêneros, inclusive alimentares, fizeram aparecer o fantasma da fome. Borkenau, de novo ele, nota que o único fator que conservou ao regime de Bela Kun uma base popular foi sua hostilidade à *Entente*, além de sua determinação pública de não recuar perante à guerra e às provocações da *Entente*, por meio da Romênia. De fato, como Borkenau sublinha, o governo de Bela Kun foi percebido na Hungria como um "governo de defesa nacional aliado da Rússia soviética", sendo que os dirigentes desta última e da Comintern considerava-o, por seu turno, como uma ponte em direção ao sudeste e ao centro da Europa.

Muito rapidamente, entretanto, parecia que, no centro do governo e do partido, seus dirigentes se chocavam com uma dupla oposição – que não parou de se reforçar com o declínio do apoio popular inicial –, a de uma fração importante de seus aliados socialistas sobre sua direita, e a de sua própria esquerda, nascida do "segundo comitê central" e inspirada por Tibor Szamuely. Certamente, não é por acaso que os conflitos mais importantes ocorreram em torno da questão da manutenção da ordem e do controle das forças policiais. Desde o início, a comuna húngara se envolveu com os bandos irregulares dos

14. F. Borkenau, *op. cit.*, p. 114.

"Filhos de Lenin" de Jozsef Cserny, que "caçavam os burgueses", e com os serviços de segurança, a "tcheka" de Ottó Korvin, o ex-anarquista.

Os fatos mais graves desenrolaram-se por ocasião do levante camponês no oeste, em plena ofensiva do exército húngaro, em junho, que coincidiu com uma greve dos ferroviários por suas rações e pagamento de seus salários em espécie, sendo, esta última, severamente reprimida por Tibor Szamuely. Logo depois do protesto dos ministros socialistas, a maioria dos comunistas implicados na repressão, dentre eles Szamuely, foram enviados ao *front* na qualidade de "comissários políticos".

Um pouco mais tarde, sob o pretexto de um complô "esquerdista" ou "anarquista", os homens de Bela Kun matam, sob suas ordens e sem julgamento, Grigory Efimov e Isai Junkelson, dois oficiais do Exército Vermelho e enviados pessoais de Rakovsky. Essa áspera luta se seguirá até os últimos dias. O biógrafo de Kun, Borsanyi, garante que essa foi a única condenação que ele mesmo pronunciou – fora de si – diante aquilo que ele acreditava ser uma "traição" e que, bem rápido, lamentou amargamente. A esse propósito, indiquemos que a propaganda anticomunista fez muito barulho em torno da repressão realizada pelo regime dos conselhos, particularmente por Ottó Korvin e Tibor Szamuely, apresentando-os como carrascos cobertos de sangue.

De fato, o número total de vítimas do "terror vermelho" é inferior ao das vítimas da repressão, que, na maior parte das vezes, é considerada como "moderada" e conduzida, depois dos motins de 1917, no seio do exército francês por Pétain. E relevemos a observação judiciosa do biógrafo húngaro de Bela Kun lembrando que o escritor Lajos Kassak pôde responder publicamente aos ataques políticos de Kun: "as gerações seguintes podem se surpreender: em qual país comunista um escritor poderia denunciar um homem da cúpula do Partido-Estado numa brochura, publicada legalmente, e, depois de tudo isso, ainda assim conservar seu cargo? Esse episódio menor tende a provar que a ética e as normas dos comunistas de 1919 eram bem diferentes de sua ética depois de 1945"[15]. Entretanto, a literatura de ódio – não há como chamá-la diferentemente – triunfa com a Comuna Húngara. E os irmãos Tharaud se distinguem pelo seu encarniçamento e pela opção de serem baixos em seus relatos e nulos em suas explicações. Por oposição a estes, que não eram nem mesmo testemunhas distanciadas, citemos a ex-jovem condessa Katarina Andrassy, esposa do conde Mihály Károlyi, batizada pela direita de "a condessa vermelha". Notemos a maneira como ela fala dos dois protagonistas da revolução:

Havia também Ilona Duczynska, que pertencia a uma família nobre polonesa; uma personalidade fora de série. Durante a guerra, foi presa por ter distribuído panfletos antimilitaristas aos soldados. Aos jurados, ela tinha a face transparente de um ícone, irradiando paixão, e aureolada pelos cabelos dourados.

Durante toda minha vida, me lembrarei do 1° de maio de 1919. A guerra piorava, o Exército Vermelho húngaro combatia corajosamente os invasores. Szamuely, o Saint-Just da Comuna

15. G. Borsanyi, *The life of a Communist Revolutionary. Bela Kun*, p. 190.

Húngara, cobriu a capital de vermelho: os edifícios públicos estavam cobertos por quilômetros de bandeiras vermelhas, que também cobriam as estátuas e desfraldavam-se por sobre as pontes. A burguesia se escondia.[16]

"A história interior" da república, dita "dos conselhos", húngara pode ser resumida por um combate fracionista do "centro" de Kun para controlar os órgãos de decisão, notadamente o "Conselho dos 80" – que sucedeu, em maio, o conselho operário de Budapeste, depois das eleições, em que houve uma grande votação em uma lista sindicalista num bairro de Budapeste, com a posterior anulação desse resultado –, cujo um dos signos exterior foi a reforma dos estatutos do partido e a sua mudança de nome para Partido Socialista-Comunista.

O Exército Vermelho dos húngaros foi construído desde o início com base no voluntariado, mas pareceu ser necessário recorrer à conscrição. Talvez seja aqui que resida uma originalidade da revolução húngara: a conscrição foi efetuada pelos sindicatos, que forneceram contingentes de trabalhadores correspondentes aos efetivos requisitados. O combate armado se seguiu até o fim. Perante o Conselho dos Operários e Soldados, Tibor Szamuely, em 1° de agosto de 1919, lança um chamado à resistência e às barricadas. Bela Kun e seus colegas demissionam e deixam o país. Szamuely é assassinado ou se suicida na fronteira. Ottó Korvin é enforcado.

As últimas frases de Bela Kun sobre o proletariado húngaro, que ele pretendera representar, foram pronunciadas num discurso de 1° de agosto e merecem ser conhecidas:

O proletariado húngaro não somente traiu seus dirigentes, mas traiu a si mesmo. Se houvesse um proletariado revolucionário com uma consciência de classe, a ditadura do proletariado, não teria caído assim. Eu teria preferido um fim diferente: teria gostado de ver o proletariado combater nas barricadas [...], ao mesmo tempo que declarasse que preferiria morrer a abandonar seu poder [...]. O proletariado que estava descontente com nosso governo, que gritava dentro de suas próprias indústrias "Abaixo à ditadura do proletariado!", estará mais descontente ainda com o governo por vir. Vejo agora que nossa experiência pela educação das massas proletárias deste país para fazer delas revolucionárias com uma consciência de classe foi em vão. O proletariado precisa da ditadura mais inumana e mais cruel, a ditadura da burguesia para tornar-se revolucionário[17].

Deixando Budapeste em direção à Viena, com seus parentes e pessoas mais próximas, num trem especial, e beneficiando-se de imunidade diplomática, Bela Kun, depois de ficar detido por alguns meses, poderia se consagrar à "educação revolucionária" dos proletários de todos os países.

Na Hungria, em todo caso, sob a autoridade do regente Miklós Horthy – de quem

16. C. Károlyi, *On m'appelait la comtesse rouge*, Paris/Budapeste, 1981, p. 220.

17. Citado por R. L. Tökes, *Bela Kun*, p. 203-204.

nós já tratamos – houve, durante os primeiros anos, nos marcos da repressão anti-revolucionária, cinco mil execuções capitais, 75 mil prisões e condenações à prisão, além da emigração de cem mil húngaros.

A revolução húngara e a revolução mundial

A revolução húngara desde o início acendeu grandes chamas de entusiasmo no mundo, apesar de que se falou pouco sobre ela na imprensa fora da Áustria e da Itália. O *Avanti!*, do PSI, tinha lá um excelente correspondente, Isaac Schweide, que assinava seus artigos como Brante Iso. Foi, em parte, para romper o isolamento, que o governo de Kun financiou, pouco depois de seu nascimento, uma revista suíça, o *Le Phare*, cuja direção foi confiada a Jules Humbert-Droz. Numerosos estrangeiros de Budapeste foram levados por esse entusiasmo. Assim, o estudante de química Evžen Fried, originário da Eslováquia, se tornou agente de ligação com os revolucionários de seu país. Assim também, Petko Miletić, jovem carpinteiro montenegrino trabalhando em Budapeste, entrou na carreira de revolucionário profissional ao combater nas fileiras dos húngaros vermelhos. Estudou, em Moscou, com Rudnyánszký, a organização de um corpo de voluntários para tentar uma investida em Bukovin. Em Viena, Leo Rothziegel organizou uma espécie de brigada internacional para defender a Hungria. Ele teria reunido 400 voluntários, chegando a 1.200, que partiram em 2 de abril e que foram enviados aos pontos críticos. Ele foi morto em combate em 28 de abril. Dentre os outros voluntários estrangeiros, havia os italianos – Dario Fieramenti e Colombo Menghi. Os estrangeiros voluntários, que habitavam na Hungria, foram organizados num Batalhão Internacional Balcânico, comandado pelo croata Ivan Matuzović.

Desde o nascimento da república húngara dos conselhos, a luta militar tomou a coloração de uma luta entre a revolução e a contra-revolução na Europa central e balcânica. Uma perspectiva parecia próxima e quase tangível: a da junção entre o Exército Vermelho da Ucrânia e o da Hungria Vermelha. Contrariamente ao que foi escrito na época stalinista e por vezes repetido, não somente Rakovsky não era contrário a isso, mas parece que ele se empenhou a fundo nessa perspectiva como prioridade à revolução mundial, que daria todo o sentido à sua missão na Ucrânia. Aliás, provocou, assim, o grande descontentamento de Lenin, que parecia estar cego na época – não sem razão – pela ameaça das tropas de Denikin ao oeste contra o coração do poder vermelho.

O historiador húngaro Miklós Molnar explica num colóquio, em Montreal, que a burguesia internacional levou essa possibilidade muito a sério:

Tanto os meios políticos quanto os militares franceses pareciam estar convencidos (em todo caso, até o mês de maio; até a meia-volta do atamã N. A. Grigoriev na Ucrânia) do perigo ou da eventualidade de uma junção entre o Exército Vermelho soviético e o exército da república húngara dos conselhos. Foi o que levou Foch a insistir perante o Conselho dos Quatro

sobre a necessidade de ocupar Budapeste. Muitos documentos, tanto dos Arquivos do Ministério da Guerra quanto do das Relações Exteriores, confirmam que, além do caso húngaro, era uma eventual investida do Exército Vermelho da Ucrânia que preocupava os militares franceses[18]

Essa possibilidade não se concretizou, muito embora um ataque comum contra as tropas romenas fora decidido entre as forças húngaras e o Exército Vermelho da Ucrânia. Desde os primeiros ataques, o exército húngaro fracassou. Não somente o Exército Vermelho ficou sozinho na batalha, como também – profundamente debilitado pela traição de Grigoriev, que tinha se tornado um de seus chefes – seria ainda mais enfraquecido por três semanas de combates internos, ao término dos quais foi incapaz – como indicamos há pouco – de resistir ao assalto das tropas de Denikin, mais bem armadas e equipadas, bem no início de um impulso que iria empurrá-lo para mais longe. Mas, a queda da Ucrânia tinha agravado a posição húngara. A escolha de Lenin não foi a mesma que fizera em Brest-Litovsk? A questão está aberta. Bela Kun, por seu turno – em que pese uma leal defesa de Lenin –, não parou de acusar Rakovsky de ser o responsável por esses graves revezes.

Entretanto, esse era somente o primeiro deles. Pelo menos uma possibilidade de pausa se apresentou quase imediatamente, logo em seguida aos desacordos entre os Aliados. O general sul-africano Smuts, representando os britânicos, foi a Budapeste com uma proposição de compromisso. Propunha uma linha de demarcação nova, praticamente o restabelecimento daquela cuja modificação provocou a demissão de Károlyi. A *Entente* exigia, em troca, que não houvesse serviço militar e que cessasse a propaganda no exterior. Essas condições teriam que ser aceitas imediatamente, em bloco. Os Aliados se comprometeram a fazer o possível para fornecerem a Budapeste farinha e gorduras. Temendo uma armadilha, pensando que os Aliados queriam obter uma prova de fraqueza, Kun não respondeu e a oferta de Smuts foi em vão. Não haveria Brest-Litovsk para a Hungria. Franchet d'Esperey, o inimigo jurado, vencera. Em alguns dias, suas tropas romenas investiram no *front* e, no fim de abril, se aproximaram de Budapeste. Foi quando, finalmente, surgiu a revolução. Passemos a palavra a Borkenau:

> Foi quando o imprevisto se deu. Os operários de Budapeste se sublevaram. Eles viram que a vitória dos romenos significava a vitória da contra-revolução. Os velhos partidos feudais tinham já começado a se reorganizarem e formaram um novo governo "branco" em Szeged. Os romenos vitoriosos lhes reentregaram o poder. Deste modo, o instinto de classe se combinou com o orgulho nacional, ferido em um esplêndido gesto de heroísmo. Talvez a metade do proletariado de Budapeste foi voluntária no *front*. Como não havia tempo de criar de improviso uma organização militar, organizaram-na em batalhões e companhias de fábrica.

18. Colloque Montréal, 1976, *Situations révolutionnaires en Europe 1917-1922*, comentário de M. Molnar, p. 96.

> Numerosos oficiais de profissão se empenharam na guerra de defesa nacional. E, de uma só vez, foram criados, no mínimo, quatro exércitos.[19]

Sob o comando-em-chefe do líder sindical social-democrata Vilmos Böhm – tendo por chefe do Estado-maior um militar de carreira, o coronel Aurel Stromfeld – o exército húngaro contra-atacou, fazendo recuar os tchecos e os romenos em direção ao seu ponto de partida. A sublevação camponesa no oeste e a greve dos ferroviários quebraram esse impulso.

A revolução húngara transborda suas fronteiras

Bela Kun tentou extrapolar a revolução para além de suas fronteiras. Um chamado aos trabalhadores dos países da *Entente* assegurou-lhes que o futuro da Humanidade repousava sobre seus ombros. Um comitê tchecoslovaco, animado na Hungria pelo ex-prisioneiro Antonín Janoušek, organizou a propaganda revolucionária na Boêmia e na Eslováquia. Uma empreitada aliada provocou o contra-ataque do Exército Vermelho húngaro, que tomou Kožice em 6 de junho e Presov no dia 9 e que proclamou no 16, através da voz do comunista eslovaco Stefan Stehlik, a República soviética eslovaca, com um Conselho de Comissários do Povo presidido por Antonín Janoušek. Organizou-se uma unidade vermelha de combatentes não-húngaros, comandada por Matuzović, que registrou milhares de voluntários.

Foi aí que uma nota de Clemenceau propôs ao governo húngaro a evacuação das províncias ocupadas pelos romenos em troca de Presov, na Eslováquia, onde os húngaros tinham acabado de proclamar, em sua parte oriental, uma "república dos conselhos", animada por seus amigos eslovacos, Antonín Janoušek, Stefan Stehlik, o jovem Hyněk Lenorović, entre outros. No terceiro número da revista da Comintern *Kommunistitcheskii Internatsional*, Rudnyánszký explicava em tom grave: "a Hungria encontrou sua primeira Ucrânia, a República dos Conselhos da Eslováquia". Desta vez, Kun argumentou com o exemplo de Brest-Litovsk para aceitar essa proposição e bater em retirada. Os chefes do exército demissionaram e, no congresso do partido, Kun sofreu uma raivosa crítica de Szamuely, enquanto Kunfi o apoiava. Terrível paradoxo e sinal da confusão dos tempos: contra o "derrotismo esquerdista", como dizia, de seu camarada de partido Tibor Szamuely. Partidário como ele da revolução mundial, recebeu o socorro de um "pacifista", chegando, pelas circunstâncias, às mesmas conclusões que ele.

O governo de Kun terminou por um espetacular fracasso no exterior: a *Bettelheimerei*, como ficou conhecida na história do comunismo, a saber a tentativa de golpe organizada, em Viena, pelo Dr. Ernö Bettelheim, sob as diretrizes de Bela Kun. Foi em meados de maio que esse homem, que até aquele momento se ocupava principalmen-

19. F. Borkenau, *op. cit.*, p. 123.

te da imprensa, chegou a Viena em companhia de seu adjunto Ernö Czóbel, assim como de 20 "especialistas" húngaros, munidos de fundos praticamente ilimitados – segundo todas as evidências, de cédulas austríacas falsas.

O PC austríaco ia então, guardadas as devidas proporções, de vento em popa. Tinha decuplicado seus efetivos desde seu nascimento, atingindo os 40 mil e sofreu positivamente o contra-golpe do sobressalto operário e nacional húngaro. De início, foi preciso convencer seus dirigentes, o que Bettelheim fez com a autoridade de quem falava em nome de uma revolução vencedora. A discussão, entretanto, foi longa e difícil. Finalmente, designou-se uma direção restrita, uma diretoria de três membros, Toman, Koritschoner e Wertheim. Ela foi encarregada da agitação e da propaganda, da parte visível dos preparativos. Os resto era assunto dos húngaros.

Com certeza, o segredo não era possível a respeito de tais preparativos e o Partido Social-Democrata conseguiu mobilizar os próprios conselhos contra a empreitada, que teve que ser cancelada dois dias antes da data prevista. A prisão dos principais dirigentes comunistas e a repressão de uma manifestação fizeram alguns mortos no dia marcado para a insurreição cancelada: 15 de junho de 1919. A empreitada foi unanimemente condenada e tornou-se simbólica de um "*putsch*". Na Comintern, Ernö Bettelheim, mas não Bela Kun, sofreu o peso dessa derrota previsível.

A revolução húngara teve também profundos ecos e prolongamentos na Iugoslávia. Dominique Gros escreveu:

> A greve geral do 1° de maio de 1918, lançada pela Internacional Comunista, foi proibida pelo governo iugoslavo, preocupado com a agitação conduzida pelos comunistas no exército e particularmente em Sarajevo. Os dirigentes comunistas da Bósnia tentaram organizar a greve, apesar da proibição, e foram presos.
>
> Um dos picos da crise revolucionária foi atingido em 20 de julho de 1919, dia marcado pela Comintern para deflagrar a greve geral de solidariedade à Rússia e à Hungria soviéticas. Na maior parte dos países da Europa, essa ação foi um semi-fracasso; em contrapartida, foi tão longa e tão eficaz na Iugoslávia que o historiador Hasanagić pôde considerá-la como o maior sucesso político conseguido pelos comunistas iugoslavos depois da I Guerra Mundial.
>
> Todavia, a direção do partido deixou os militantes sem consignas políticas e não lançou nenhuma ação centralizada para a tomada do poder. Houve somente, sob a influência direta da revolução húngara, dois importantes motins na fronteira norte da Croácia-Eslavônia: grupos de ex-prisioneiros de guerra, repatriados da Rússia, tentaram tomar o poder em Maribor e em Varazdin; a insurreição foi abafada em menos de 24 horas pelas unidades regulares do exército sérvio. Para não falar do apoio dado pela população urbana ao "conselho revolucionário" dos insurgentes, um comunicado oficial do governo atribuiu o evento à ação de uma minoria alemã. De fato, tratava-se para os camponeses e soldados revolucionários de proclamar a "república socialista".
>
> Parece que essas tentativas isoladas de tomada de poder faziam parte de um plano maior, que tomaram relevo pela descoberta de complôs insurrecionais em Osijek, Subotica e

> Zagreb. Um homem chamado A. Diamantstein, delegado dos comunistas croatas em Budapeste, foi preso em Zagreb. Ele confessou ser o responsável pela atribuição de subsídios aos revolucionários iugoslavos e por obter suas instruções de Budapeste. Portanto, parece que se tratou de um pequeno "caso Bettelheim" [*Bettelheimerei*], organizado pelos comunistas húngaros, para precipitar a formação de repúblicas soviéticas nos Bálcãs. Falta ainda estabelecer quais são as ligações entre Budapeste e a direção do novo Partido Socialista Operário Iugoslavo.

Em 5 de agosto, o Executivo da Internacional Comunista dá uma declaração, em que sublinha que: "a sangrenta lição da Hungria ensinou aos proletários do mundo inteiro que não pode haver coalizão; compromisso, com os social-capituladores". A seu modo, Bela Kun se lembraria da lição. Por enquanto, ele medita no castelo de Karlstein, onde fora colocado em residência vigiada e de onde amigos e inimigos conspiravam para tirá-lo.

A revolta dos soldados da *Entente*

Teriam os argumentos, utilizados pelos bolcheviques em sua guerra verbal contra os dirigentes da *Entente*, atingido soldados e marinheiros em sua recusa de obediência, em suas revoltas, em suas "greves de não-combate"? É infinitamente provável, pois eram extremamente incisivos e foram repisados, sobretudo nas situações em que os soldados ainda estavam mobilizados – embora a guerra tivera terminado –, sendo utilizados em operações de manutenção da ordem num país contra o qual o seu próprio país não estava em guerra. Em 31 de janeiro de 1919, começava, em Glasgow, uma greve pelas 40 horas. Eram 70 mil grevistas. Um ataque da polícia, na Sexta-feira Vermelha, fez 40 feridos na St-George's Square. Os dirigentes dos operários em greve foram acusados de incitação à revolta. O Secretário de Estado em Glasgow R. Munro declarou que a palavra "greve" era imprópria para designar esse movimento, que na verdade era "uma sublevação bolchevique".

Estava claro que não se poderia contar com a repressão sobre os soldados e marinheiros. Dez mil soldados se recusaram ao mesmo tempo, em Folkestone, a embarcarem para a França. Quarenta mil manifestaram sua solidariedade para com eles em Douvres. Perante Whitehall, 1.500 soldados, de Osterley Park, foram manifestar. Soldados armados manifestaram na parada dos *Horse Guards*. Vinte mil soldados recusaram-se a obedecer as ordens em Calais e o general Byng negocia com eles. Duzentos soldados uniformizados manifestam perante o n° 10 de Downing Street. Tudo isso em janeiro de 1919. No total, uma centena de motins, dentre os quais alguns muito sérios. Winston Churchill, que era responsável pelo exército e pelo fim da mobilização militar, falará mais tarde de uma "convulsão de indisciplina".

Segundo todas as evidências, há diversas organizações clandestinas na marinha de guerra. A tripulação de um cruzador se amotina no Báltico. Barcos são mandados de volta de Arkhangelsk e de Murmansk, ao passo que outros não partem de Invergordon,

Portsmouth, Davenport, etc. A tripulação de um cruzador se recusa a deixar Rosyth durante diversas semanas e a de uma esquadra de destróieres em deixar Firth of Forth rumo ao Báltico. Em 13 de janeiro de 1919, os marinheiros do HMS *Killbride* hasteiam a bandeira vermelha no mastro principal e telegrafam: "metade da frota em greve. Daqui a pouco, a outra". Como, nessas condições, se espantar que o primeiro-ministro britânico David Lloyd George decepcione seus interlocutores em Versalhes ao assegurar que, em caso de intervenção aberta, "os exércitos de sublevariam"?

A mesma coisa se passa nas tropas de intervenção francesas, nas quais militares, que em sua maioria têm um passado sindicalista ou socialista e são freqüentemente assinantes do jornal *La Vague*, constituem núcleos que se tornarão centros de resistência. As primeiras recusas de obediência se produzem no exército. O 58° regimento de infantaria, sob a iniciativa do núcleo animado pelo ex-marinheiro Arsène Guettier, recusa-se a marchar sobre Tiraspol e será repatriado, o mesmo ocorre com o 2° regimento de artilharia de montanha, o 176° regimento de infantaria, em Kherson, e com o 1° RMA (zuavo)[20]. Na frota francesa do Mar Negro, a organização clandestina dos marinheiros se generaliza e desemboca num estado de revolta generalizado. Em 17 de abril, uma parte da tripulação do encouraçado *France* recusa-se a bombardear as linhas revolucionárias russas. No dia 20, deu-se o motim de uma parte da tripulação, tendo à sua frente o jovem Virgile Vuillemin, 20 anos, além da eleição de delegados e de suas reivindicações apresentadas ao almirante[21]. Em 16 de abril, o oficial mecânico André Marty, do *Protêt* – que planejou um motim nesse torpedeiro para entrar no porto de Odessa, arvorando a bandeira vermelha – é preso e transferido para o *Waldeck-Rousseau*, cuja tripulação, por seu turno, se amotina[22]. Muitos outros motins seguirão. O motim do *Guichen* foi imortalizado pela lindíssima obra do ex-quartel-mestre-mecânico de 21 anos, o amotinado Charles Tillon, *La révolte vient de loin*, tornado, nesse meio tempo, dirigente comunista, chefe dos FTP, ministro e... expulso do PCF.

Durante esse tempo, o governo francês renunciou à aventura ucraniana. O exército do general d'Anselme, que chegou triunfantemente em Odessa, teve que partir bem piedosamente. A entrada dos soldados vermelhos no grande porto apareceu como um evento considerável, a despeito das reservas que Louis Fischer exprime. Os bolcheviques estão impressionados com seu próprio sucesso frente às tropas francesas, não somente por seus motins, mas por suas próprias posições políticas, suas ligações com a clandestinidade russa; a organização de sua própria rede. Nomes, desconhecidos hoje em dia, simbolizam esse trabalho comum: Georges Laysse, marinheiro francês, membro do soviete de Sebastopol, e Ferdinand Leuze, operador de rádio do *Jean-Bart*, que assegura a informação da tripulação dos navios ancorados nesse porto[23]. Os soldados coloniais também têm seu

20. A. Marty, *La Révolte de la mer Noire*, p. 76-94, 135.

21. *Ibidem*, p. 266-295.

22. *Ibidem*, p. 235-263.

23. *Ibidem*.

lugar. Releve-se que um marujo vietnamita, Ton Duc Thang, içou a bandeira vermelha sobre o *Jean-Bart*, o que lhe custou o envio ao campo de trabalho forçado de Poulo-Condore. Voltaremos a falar sobre ele.

Os civis também se mexem

Sob o disfarce de representação da Cruz Vermelha, uma missão bolchevique foi enviada à França: ela compreende Inessa Armand, Manuilsky e Jan Davtian, ficando lá de fevereiro a abril. Em seu retorno, os missionários declaram que os governantes franceses tinham, acima de tudo, medo que seu país fosse "contaminado pelo bolchevismo". Os viajantes ficaram particularmente impressionados com a manifestação parisiense contra a absolvição do assassino de Jaurès, em março, e pelo espetáculo do busto do tribuno, recoberto de enfeites, disputados pelos ex-combatentes, ao mesmo tempo em que o grande escritor Anatole France saúda os manifestantes aos gritos de "Viva a Internacional Revolucionária!".

De janeiro a abril, as greves de sucedem: ferroviários, mineradores de ferro da Lorena; trabalhadores de confecção em Paris. A pressão da base é tal que os dirigentes reformistas da CGT tem que colocar para o 1° de maio – ao lado do aumento de salário e da jornada de oito horas – as palavras de ordem de fim da mobilização militar, de anistia e de condenação da intervenção na Rússia. Em abril, o sindicalista revolucionário Raymond Péricat funda uma seita que batiza de Partido Comunista. Mas, o 1° de maio, com os 500 mil manifestantes de Paris, é impressionante. Soldados manifestam. Há feridos e um morto.

As greves, os motins, as manifestações fazem com que os militantes agrupados contra a guerra dêem um passo decisivo em direção às organizações dos revolucionários. De maneira significativa, o Comitê pela retomada das Relações Internacionais decide, em 8 de maio, se transformar em Comitê da III Internacional. À sua frente, Fernand Loriot, Alfred Rosmer, Pierre Monatte e Marcel Martinet, o velho núcleo de *La Vie ouvrière*, mas também militantes socialistas mais jovens, como o jornalista Boris Souvarine. Na época da desmobilização, em julho, o comitê conta com uma centena de membros. Ainda em maio, cria-se em Paris o grupo *Clarté*, que quer constituir uma Internacional dos escritores e artistas. Henri Barbusse, o escritor pacifista, o anima, juntamente com Souvarine – ainda ele – e o jovem Raymond Lefebvre, um dos ex-animadores da Associação Republicana de Ex-combatentes, fundada em novembro de 1917 e que estava se transformando num forno revolucionário. Em junho, o congresso nacional da Juventude Socialista se pronuncia pela III Internacional, trazendo à causa do comunismo milhares de jovens ardentes.

Os motins do Mar Negro tiveram prolongamento em solo francês. Em 6 de junho, o quartel-mestre Boucher, depois da manifestação dos homens do *Provence*, diz ao almirante Lacaze que os marinheiros recusam que "um só fio de cabelo" de seus camaradas que defenderam a revolução na Rússia seja tocado. Uma delegação da tripulação vai até a Bolsa do Trabalho solicitar o apoio dos sindicatos. No dia 12, os marinheiros manifestam na

rua, apoiados pelos soldados do 112° RI e do 143° regimento de artilharia colonial. No dia 28, ocorre uma verdadeira batalha de rua (em torno da prisão marítima de Toulon), na qual milhares de marinheiros querem libertar seus camaradas. O balanço da repressão é duro. 28 soldados e 102 marinheiros foram condenados a um total de seis séculos de prisão[24]. Aos olhos dos comunistas, são os primórdios da nova revolução francesa. A anulação na França pela direção da CGT da greve internacional de 21 de julho contra a intervenção na Rússia e na Hungria é certamente um golpe no movimento, que a central poderia ter centralizado e lançado adiante. Mas, isso é também um fator de clarificação e de reagrupamento dos militantes: Raymond Lefebvre adere ao Comitê da III Internacional, ao mesmo tempo em que a cisão no seio da Associação Republicana de Ex-combatentes deixa a via livre a pessoas, como Lefebvre, para se juntarem ao redor dos comunistas, os inimigos irredutíveis da guerra, de volta do *front*.

A Espanha não fica para trás. O começo daquele ano foi marcado, na Catalunha, por um combate operário que ficará na memória: uma greve vitoriosa de 44 dias. O objetivo foi determinado com cuidado: é o recentíssimo Sindicato Único dos trabalhadores da água, do gás e da eletricidade da CRT (CNT na Catalunha) quem se choca com a *Ebro Power & Irrigation*, comumente chamada de "Canadense", que fornece eletricidade a todo o complexo industrial de Barcelona. A greve é dirigida por um grande condutor de pessoas e organizador, além de um formidável orador, Salvador Seguí, "*El Noy de Sucre*". Joaquín Maurín o assistiu e – quase meio século mais tarde – ainda estava sob o choque, embalado, como na época, por este orador extraordinário que é também um organizador ímpar, "alto, atlético, de traços enérgicos, que, quando sorria, exalava uma aura de nobreza e de bondade"[25]. A greve resiste vitoriosamente à convocação para a guerra dos grevistas entre 23 e 31 anos; à mais de 45 mil prisões e termina com um sucesso sem precedentes, sendo os termos do acordo final assinados por 25 mil trabalhadores reunidos na Plaza de Toros de las Arenas, em Barcelona.

Na CNT, a corrente simpática à revolução russa é poderosa e a adesão à Comintern possui bastante simpatia. Observa-se, entretanto, que os sindicalistas, partidários da organização, são por vezes menos entusiastas que os anarquistas, para quem a lição da revolução russa se reduzia ao ato de que fora feita na "ponta da baioneta". Salvador Seguí alerta os trabalhadores contra as ações minoritárias ou prematuras, clama pela organização e pela preparação metódica – como um bolchevique qualquer –, embora esteja cético quanto aos resultados econômicos da revolução e convencido da necessidade de confiar o controle aos sindicatos. Em Madri, durante o congresso da CNT, de 10 a 18 de dezembro de 1919, 437 delegados representam 714 mil sindicalizados. Pessoas prestigiosas como Eusebio Carbó, Salvador Seguí, Angel Pestaña, mas também militantes poucos conhecidos como Hilario Arlandis, Jesús Ibañez e Andrés Nin, pendem pela adesão à Comintern. O

24. A. Marty, *op. cit.*, p. 451-485.

25. J. Maurín, "Les Hommes et l'Histoire", In: *España Libre*, Nova York, 19 de fevereiro de 1960, sobre a qual a atenção do autor foi obrigatoriamente chamada por Évelyne Riottot, autora de uma tese sobre Maurín.

congresso decide por uma "adesão provisória" e pelo envio de uma delegação da CNT a Moscou para estudar a questão da adesão.

No congresso do PSOE, também em Madri, de 10 a 15 de dezembro, os *terceristas*, atrás de Daniel Anguiano – reconhecido por seu caráter – e do ex-secretário fundador do partido Pablo Iglesias viram opor uma adesão condicional retardada. Entre os estudantes e os jovens socialistas – em torno de 15 mil membros – delineia-se uma forte corrente pela adesão com o asturiano José Loredo Aparicio, os madrilenos Juan Andrade e Gabriel León Trilla; o valenciano Luis Portela, todos homens de valor. Parece que a chegada e os encontros de janeiro de 1920 com o russo Borodin, que vinha do México, e seu companheiro Ramirez Phillips, um dos fundadores do PC mexicano, desempenharam um papel importante em sua orientação posterior. Não somente a Espanha não está atrasada, mas parece estar bem engajada na via comum dos outros países da Europa.

A situação é bem diferente na Itália[26]. Aqui, não se trata de arrancar uma adesão à Comintern. O PSI, um dos maiores partidos socialistas do mundo, já tinha feito sua adesão em 18 de março de 1919 e vai confirmá-la no congresso de Bolonha em outubro. Em nome do PSI, Oddino Morgari, seu "ministro das Relações Exteriores", anunciou sua chegada em Moscou em uma carta a Lenin, garantindo que vinha "exprimir ao bolchevismo a solidariedade incondicional, o entusiasmo e o reconhecimento do partido e do proletariado italiano consciente"[27]. A situação italiana parece mais a dos países vencidos que a dos vencedores, muito embora a Itália seja, teoricamente, "vencedora". Inflação, queda da produção, greves e manifestações incessantes caracterizam-na. O PSI, à imagem de seu dirigente Serrati, não acredita que os revolucionários possam "fazer história": a revolução virá por si mesma[28]. O partido – que é naturalmente mais inclinado às discussões ideológicas abstratas que às palavras de ordem de agitação mais concretas – pode e deve ajudá-la ao desenvolver sua propaganda.

Em seu XVI Congresso em Bolonha, em outubro de 1919, confirma-se a adesão à III Internacional e, com 65% dos votos, a moção "maximalista" dos amigos de Serrati em favor de um "regime transitório de ditadura de todo o proletariado por meio dos conselhos de operários, camponeses e soldados"[29]. É Vladimir Dëgott – que encontramos diversas vezes – quem representa a Comintern nesse congresso. Ele ficou terrivelmente impressionado com as inscrições de "Viva Lenin, viva Trotsky" em todos os bairros operários[30]. Lenin escreve a Serrati para felicitá-lo sobre essa "vitória explosiva do comunismo" e su-

26. O guia aqui é a obra de Paolo Spriano, *Storia del Partito comunista italiano*, v. 1.

27. P. Spriano, *op. cit.*, p. 23

28. Serrati, em "En vue du congrès de Bologne", In: *Comunismo*, n. 1, 1° de outubro de 1919, escreve: "Nós, marxistas, interpretamos a história, não a fazemos".

29. R. Paris, *Histoire du fascisme en Italie*, I, p. 174.

30. Não conseguimos colocar as mãos no original russo de suas memórias V "*slobodom*" *podpolie* (Em "liberdade" na ilegalidade), mas somente num excerto de revista italiana em forma de "suplemento", em que não figuram nem o título nem a data, mas que tudo leva a crer que se trata de excertos de uma tradução do trabalho de Dëgott.

blinha em particular a importância das resoluções sobre o parlamento burguês e a utilização do parlamento como uma tribuna dos revolucionários. Ao que tudo indica, Lenin está muito satisfeito de constatar que o risco de uma tentativa prematura de tomada do poder não existe do lado da direção do PSI. Ele frisa na mesma carta:

> De pesadas tarefas, está incumbido o proletariado italiano em virtude da situação internacional da Itália. Pode ser que a Inglaterra e a França, com a ajuda da burguesia italiana, esforcem-se em provocar uma sublevação prematura do proletariado italiano a fim de esmagá-lo mais facilmente. Mas, essa provocação não terá sucesso. O brilhante trabalho dos comunistas italianos é a garantia que terão êxito em conquistar o proletariado industrial e todo o proletariado rural, mais o campesinato: desde então, estando a conjuntura internacional bem escolhida, a vitória da ditadura do proletariado na Itália será bem sólida. Isso será também o que garantirá o sucesso dos comunistas na França, na Inglaterra e no mundo inteiro.[31]

As ligações melhoraram consideravelmente. Em Milão, o russo Liubarsky – que encontramos diversas vezes – desta vez sob o nome de Carlo Niccolini, ajudou muito a colocar em pé a revista *Comunismo*, a qual se apresenta como "revista da III Internacional". De algum modo, ela traz a caução da III Internacional à direção maximalista e lembra de bom grado a necessidade da unidade – um agudo problema no partido italiano, já que uma minoria abertamente reformista permanece nele ao redor de Filippo Turati. Na verdade, essa unidade é contestada na esquerda. O napolitano Amadeo Bordiga, em seu jornal *Il Soviet*, e os jovens socialistas de valor, que Bordiga agrupou ao redor de si, colocam a questão da cisão. Eles partiram do "abstencionismo", nascido da "necessidade de cortar todo contato com o sistema democrático do atual período revolucionário". Mas, essa atitude parece-lhes implicar na cisão, a qual permitiria constituir "um partido puramente comunista". Polemizando tanto com a direção maximalista quanto com os jovens teóricos turineses dos conselhos operários, Bordiga afirma claramente: "o problema mais importante é o de organizar um potente partido de classe [comunista] que prepare a conquista insurrecional do poder [para tomá-lo] das mãos do governo"[32]. Em sua carta a Moscou, de 10 de novembro de 1919, faz três perguntas à direção da Comintern: a atitude dos comunistas em relação às eleições, a cisão do PSI e, finalmente, sobre aquela – tática – da constituição de sovietes num Estado burguês e de seus limites.

Em Turim – que era chamada então de "Petrogrado italiana" – aparece, a partir de 1° de maio, uma revista comunista, a *Ordine Nuovo*, animada por jovens intelectuais, então já mais comunistas que socialistas, que estavam inseridos em todas as ações e debates do proletariado turinês nestes anos de luta, de efervescência intelectual e de agitação. O objetivo deles com a revista era o de "traduzir para a língua italiana os principais postulados da doutrina e da tática da Internacional Comunista em 1919-1920 [...], o que quer dizer as palavras de ordem dos conselhos operários e de controle da produção, isto é, dos órgãos de toda a massa dos produtores para a expropriação dos expropriadores, pela substituição do proletariado à burguesia no governo da indústria e, por conseqüência, do Estado"[33]. Ao redor de Antonio Gramsci, jovem intelectual sardo de 28 anos, outros jovens, todos muito brilhantes, como Angelo Tasca, 27 anos, Umberto Terracini, 24, Alfonso Leonetti, 24 e Palmiro Togliatti, 26. Lenin tem muita consideração pela revista, a qual tinha por uma verdadeira revista comunista. Um membro do PCR(b), Chaim Heller, está em Turim desde outubro de 1919 e colabora com o trabalho sob o nome de Chiarini.

31. Lénine, *Œuvres*, t. XXX, p. 86-87, carta datada de 28 de outubro.

32. A. Bordiga, *Il Soviet*, 20 de fevereiro de 1920.

A Grã-Bretanha está atrasada. Entretanto, nela se desenvolvia de maneira confusa e caótica um movimento comunista: são elementos existentes no *Independent Labour Party* (ILP), pacifista e freqüentemente marcado pela religião, no *British Socialist Party* (BSP) – que vai, aliás, pedir sua adesão –, no Movimento dos Comitês Operários, nascido da rede dos *shop-stewards*; antiparlamentarista e partidário da "ação direta", no *Socialist Labour Party* (SLP), implantado principalmente na Escócia, na *Socialist Workers Federation*, de Sylvia Pankhurst, nascida de uma cisão do movimento feminista e na *South Wales Socialist Society*. O ano de 1919 corre com intermináveis discussões de fusão, perpassadas pelas polêmicas sobre o papel do parlamentarismo, sobre o das organizações "unionistas" no lugar de sindicatos, como na Alemanha, e por uma áspera concorrência pelos favores do representante secreto da Comintern, Theodor (Fedor) Rothstein – operando sobre o nome de John Bryan –, vindo para acelerar a unificação e dispondo de fundos importantes. Maclean, outra vez preso e condenado a uma pesada pena de reclusão em 1918 – dezenas de milhares de trabalhadores entoam "Johnny, Johnny!" – certamente foi liberado no fim do ano, mas está doente, próximo do esgotamento, desempregado e cada vez mais cego pelos problemas nacionais da Escócia, dentre os quais uns parecem somente poder ser resolvidos por um PC britânico e em hipótese alguma por um partido comunista escocês – o que é, não obstante, sua convicção.

Uma Torre de Babel política?

Assim, dois tipos de organização hesitam perante a nova Internacional, ou nela entram ou pensam em fazê-lo.

De um lado, há os partidos social-democratas tradicionais – freqüentemente partidos de massa – com fortes correntes revolucionárias, sobretudo em sua base operária ou entre os antigos combatentes engajados contra a guerra e seus grandes massacres, mas também com uma real ligação às formas de ação tradicionais. É um modo de organização que tem por eixo as eleições, uma tática estruturada para a ação parlamentar, tal é o caso do partido italiano, que aderiu – como vimos – no dia seguinte ao nascimento da Comintern,

33. A. Gramsci, "Nosso programa", *Ordine Nuovo*, n. 3-4, 1-15 de abril de 1924.

com seus lutadores antiguerra, mas também com seus social-patriotas e reformistas, como Filippo Turati, que é o símbolo de todos eles.

De outro, militantes, algumas vezes aderentes, aliás, dos mesmos partidos socialistas, mas, sobretudo, muito ligados à prática dita "unionista", na América; "sindicalista revolucionária" ou "anarcossindicalista" na Europa. No impulso que os leva à rejeição completa do parlamentarismo, condenam o princípio mesmo da "ação política", recusam a se pronunciar por um "partido operário", celebram a superioridade absoluta dos sindicatos de indústria sobre os sindicatos de categoria na luta pela transformação do mundo.

Ao mesmo tempo, as formações que se juntam à Internacional Comunista – certamente nascidas num contexto e colocadas no caminho duma história diferente – são de tipos e nuances mais diversos possíveis sob o mesmo rótulo "comunista" e tudo isso por se considerarem êmulos e discípulos do Partido Bolchevique, sob influência direta ou indireta de quem são freqüentemente constituídos.

Em 9 de março de 1919, os militantes vindos da Rússia fundaram a organização ilegal União Comunista Revolucionária Iugoslava. O Partido Operário Socialista (comunista) iugoslavo (de fato, servo-croata-esloveno-bósnio) nasceu no congresso de unificação, em Belgrado, de 20 a 23 de abril de 1919, da fusão das diversas formações socialistas de suas nacionalidades, depois de contatos aprofundados com Kiev, nos quais se encontra Milkić, membro do Birô do Sul. Ele recebe dinheiro depois da viagem de Ivić a Kharkov e um grande relatório preparatório à fusão. No fim do ano, o partido unificado conta então com 50 mil membros, dentre os quais uma forte minoria decidida a não deixar nem o partido, nem a II Internacional e que continua em parte dirigida pelos "centristas". Seus principais dirigentes são Filip Filipović e Zivko Topalović, secretário, Šima Marković e Copić, que vem da Rússia. No 1° de maio, na seqüência de uma greve de 200 mil trabalhadores e de manifestações na Bósnia, a polícia detém os dirigentes comunistas dessa região. Tal repressão provoca manifestações, cuja repressão, por sua vez, provoca graves revoltas, em julho. Mais de mil prisões são feitas. Numerosos militantes comunistas são julgados nos processos que se desenrolaram, então, no tribunal de Niš.

O próprio Partido Comunista Búlgaro nasceu, em maio de 1919, da transformação do partido social-democrata *tesnjak*, tradicionalmente alinhado aos bolcheviques, mas que somente tardiamente aceitou a palavra de ordem da nova Internacional. O PC búlgaro conta então com pouco mais de 20 mil militantes, mas recolherá 20% dos sufrágios nas eleições de 1920, porém tem posições sectárias – o que não o impede, entretanto, de se chocar com uma minoria que o é ainda mais – e reivindica a condenação por princípio de toda ação parlamentar.

O partido social-democrata de esquerda sueco de Höglund e Ström, com seus 17 mil aderentes, junta-se à IC em 14 de junho de 1919, um fato, sem dúvida, menos importante que a adesão, em 8 de abril de 1919, do partido operário norueguês, do pintor da construção civil Martin Tranmael, com trinta mil membros e que pretende, entretanto, conservar sua independência no seio da Internacional.

O comitê executivo do Partido Socialista Suíço preconizou, em 12 de julho, a ade-

são à Comintern, sendo que o congresso de Basiléia decidiu-a em 17 de agosto, mas o referendo de ratificação obteve 8.722 votos que se pronunciaram pela adesão e 14.612 contra. Não há cisão, embora ela esteja sendo preparada por ambos os lados.

Em 22 de junho, o PC polonês confirmou sua adesão. Ele já tinha decidido não participar das eleições quando, no começo de 1919, recusa a se "registrar" conforme a lei, passando à ilegalidade pelo próximo quarto de século que viria. Conta então com seis mil membros. Em agosto, o partido da Galícia oriental solicitou a entrada na Comintern. Há nesta região uma verdadeira insurreição camponesa, cujo chefe, Tomasz Dombal, se juntará ao PC. Seus dirigentes, Brand, Domski, Próchniak estão longe de terem a notoriedade daqueles que ficaram na Rússia e militam no partido de Lenin.

Em agosto de 1919, uma formação de origem SR, influenciada pelos nacionalistas ucranianos, transforma-se no PC ucraniano "borotbista" e requisita sua adesão à Comintern: os borotbistas são mais populares e mais ucranianos que o PC oficial e conta, em suas fileiras, com pessoas de qualidade.

Em setembro, adere o pequeno Partido Comunista da Alsácia-Lorena e a federação ucraniana do Partido Socialista Americano.

Os efetivos do PC austríaco se estropiam ao longo das semanas seguintes à *Bettelheimerei*. De seus dirigentes, perdeu Elfriede Friedländer, totalmente desacreditado, que partiu para a Alemanha, e Rothziegel, morto sob o *front* húngaro. Steinhardt foi preso pelos romenos no dia seguinte ao congresso de Moscou e, depois libertado.

Outros partidos, ditos comunistas, não passam de seitas: o Partido Socialista Operário Grego, que atinge dificilmente dois mil membros com uma tendência pró-Comintern, dirigida por Ligdopoulos e Tzoulatis – ex-dirigentes da Juventude Socialista e da revista *Kommounismou* –; e também o PC suíço "velho comunista", saído do grupo *Forderung*.

Hesitamos em caracterizar o PC mexicano[34] – uma formação sócio-anárquica de menos de mil membros, fundado por militantes mexicanos e emigrados americanos que fugiram da repressão (os *slackers*) –, que requisita sua adesão à IC em setembro de 1919. O PCM já contava em suas fileiras com o indiano M. N. Roy, que lhe representava no II congresso. No começo de outubro, Roy recebe, acompanhado do estudante de direito de Detroit Rafael Mallen, seu "cornaca" Mikhail Markovitch Grusenberg, dito Borodin, colaborador do secretariado da Comintern, que descobre, em algumas semanas, como recrutar um dos jovens generais da revolução, Francisco J. Múgica. Mas, este partido é o reino da confusão.

O caso do *Socialist Party of America*[35] é dramático, com sua cisão, em 1° de setembro de 1919, ao fim do congresso de Chicago, em dois partidos hostis. Dessa cisão, nasce

34. A respeito dos debates do comunismo no México, ver os primeiros capítulos de Arnoldo Martinez Verdugo, *Historia del Partido comunista mexicano* e o de Paco Ignacio Talbo II, *Bolshevikis Historia narrativa de los origenes del Comunismo em México 1919-1925*.

35. T. Draper, *The Roots of American Communism*.

o *Communist Party of America*, que se pretende um partido "americanizado", sob a direção de John Reed, o talentoso autor de *Dez dias que abalaram o mundo*, conquistado pelo espetáculo da revolução em 1917. Ambos não tem mais do que 40 mil membros e ambos solicitam adesão à Internacional Comunista.

Ao mesmo tempo dos nascimentos por fusão, começam a aparecer os nascimentos por cisão nas fileiras da Internacional e dos partidos comunistas. Ninguém se preocupa, em princípio, pois isso está evidentemente situado no plano da dialética do desenvolvimento das organizações. Por outro lado, ao longo deste mesmo mês de setembro, à iniciativa do sindicalista de Chicago John Fitzpatrick, herói de grandes greves, nasce o *National Labor Party*, fundado sob a potência dos sindicatos locais e que federará partidos nascidos em outros Estados[36]. Em 22 de setembro de 1919, com o chamado de um comitê de organização, animado por William Z. Foster, um amigo do núcleo francês de *La Vie ouvrière*, começa a grande greve do aço, levando 365 mil operários a uma luta de três meses. Os choques com os "cossacos" da polícia montada da Pensilvânia farão 22 mortos numa verdadeira guerra civil. O patronado ataca violentamente os trabalhadores que se organizaram não somente com seus *vigilantes* tradicionais, mas também com policiais especializados: os *raides Palmer* – nome do promotor geral que comanda a repressão – tentam, a partir do outono de 1919, destruir toda veleidade de reagrupamento.

De igual modo, diversas reuniões internacionais se pronunciam pela III Internacional. Assim, o faz a Conferência de Ímola, reunida por ocasião do congresso do PSI, de 10 de outubro de 1919, com socialistas franceses e suíços, um esloveno, um austríaco e a inglesa Sylvia Pankhurst. Esta última está também, ao final de dezembro, na conferência de Frankfurt-am-Main, na qual estão representados os partidos russo (Thomas), polonês (Bronski), romeno (Valeriu Marcu), alemão (Zetkin) e austríaco (Karl Frank), uma iniciativa do secretariado de Berlim[37].

Uma das últimas batalhas de classe se desenrola na Bulgária em dezembro[38]. Uma selvagem greve dos ferroviários encontra o apoio de comunistas e socialistas, que convocam a greve geral em 28 de dezembro. Stambolisky mobiliza tudo o que pode para destruir essa greve e o faz alternando ordens de mobilizações militares e prisões. A palavra de ordem de greve é adiada para 5 de janeiro. Os trabalhadores do transporte e os mineradores de Pernik continuam. Sua greve termina em 19 de fevereiro. Stambolisky anula todas as sanções e restitui ao PC Búlgaro seus direitos e a possibilidade de um funcionamento normal. Mas, isso é somente o começo de um longo e trágico conflito.

A era dos debates armados e das guerras civis não está próxima de seu fim na Europa.

36. N. Fine, *Labor and Farmer Parties in the United States 1828-1928*.

37. Ver os textos dessa conferência em P. Broué, ed., *Du Premier au Deuxième Congrès de l'Internationale communiste*, p. 281-305.

38. J. D. Bell, *The Bulgarian Communist Party from Blagoev to Zhivkov*.

O epicentro alemão[1]

Desde sua cela de prisão em Moabit – doravante convenientemente instalada de tal forma que logo pudesse fazer dela um "salão político" –, Radek medita sobre a revolução alemã. Em sua célebre carta ao jornalista Alfons Paquet, em 11 de março de 1919, ele revela seus sentimentos face à situação alemã. Nela, exprime o sentimento que o submerge "nessa hemorragia interminável e sem objetivo claro"[2]. Para ele, é pela falta de um partido revolucionário – o KPD(S) não o era e não poderia ser – que a revolução alemã sofreu essa derrota custosa. Escreve: "a guerra civil será muito mais encarniçada e destruidora na Alemanha do que na Rússia"[3]. Mas, no fim, ele ainda tem esperança: "a partir do momento em que aparecer na Alemanha um governo operário enérgico, os elementos de desorganização serão rapidamente ultrapassados. E precisamente por causa dessas tradições de organização, que chegam hoje a resultados tão diferentes"[4]. Para além dos muros de sua prisão, o partido que ele viu nascer tenta sobreviver nessas condições terríveis.

O KPD(S) depois de janeiro

Os contatos foram cortados depois do assassinato de Rosa Luxemburgo e de

1. A *Illustrierte Geschichte der deutschen Revolution* é evidentemente a fonte documental principal do lado comunista. Falta acrescentar as brochuras, como a de M. J. Braun (o polonês Bronski), das memórias de Kapp e von Lüttwitz, de Noske, de Severing e, do ponto de vista do exército, as obras de Gordon e de Wheeler-Bennett, que esclarecem as entranhas do campo putschista.

2. A. Paquet, *Der Geist der russischen Revolution*, p. XI.

3. *Ibidem*, p. IX.

4. *Ibidem*, p. X.

Liebknecht em Berlim. O KPD(S) está na clandestinidade. Durante os meses que se seguem, os *Freikorps* de Noske percorrem a Alemanha para apagar um após o outro os focos revolucionários, em que os conselhos de operários ou os soldados e marinheiros vermelhos conservam um pouquinho de poder e, sobretudo, de armas. Segundo a lenda, empreendida por alguns historiadores, havia no país uma série de *putschs* comunistas. Na verdade, numerosas empreitadas assim qualificadas eram somente tentativas de resistência a uma ameaçante normalização. Não se deve esquecer que então se saia de uma guerra mundial e que as pessoas que estão em conflito, em ambos os lados, nas ruas das grandes cidades alemães, se enfrentaram inúmeras vezes durante cinco anos nos diversos *fronts* da guerra.

Em janeiro de 1919, houve conflitos armados em toda a aparte e sangue: em Dresden, em Stuttgart (onde todos os dirigentes comunistas são presos por "complô"), em Leipzig, em Duisburg, em Hamburgo; em Halle. Os elementos revolucionários tomam o poder em Düsseldorf e em Bremen, proclamando a "república dos conselhos", que um *Freikorp* retoma em 48 horas, fazendo uma centena de vítimas. Em fevereiro, ocorre a intervenção sangrenta no Ruhr, onde os mineradores exigem a nacionalização das minas de carvão. Sua greve é destruída, com centenas de vítimas. No fim do mês, ocorre a greve geral na Alemanha central, bem organizada e centralizada sobre a direção de um conselho operário regional, mas é destruída em uma semana pelas tropas do gal. Maercker, com métodos tão sumários quanto brutais: o chefe dos marinheiros vermelhos, Karl Meseberg, foi morto "numa tentativa de fuga".

Em março, ocorre a greve geral em Berlim. A violência se multiplica. Os tranques avançam contra a multidão de manifestantes em Spandau. O Marstall é tomado de assalto. No dia 8, na seqüência da morte de cinco policiais, um jornal anuncia que outros 70 deles foram massacrados num imóvel da polícia em Lichtenberg – o que é falso. Noske ordena fuzilar todo indivíduo que for pego armado no local. Há em torno de três mil vítimas e também – na mais pura tradição dos versalheses franceses reprimindo os comunalistas – dá-se a execução à metralhadora de 28 marinheiros prisioneiros, escolhidos "por seu ar inteligente". Em 10 de março, Leo Jogiches, preso, é morto por "tentativa de fuga". Em 19 de maio, os *Freikorps* pegam Eisenach e capturam Heinrich Dorrenbach; o qual sofre o mesmo revés de Jogiches nas mãos do mesmo torturador, no mesmo local e sob o mesmo pretexto e com a mesma impunidade. Vimos, mais acima, o destino da efêmera república dos conselhos na Bavária.

Não há praticamente mais Partido Comunista Alemão, somente militantes e destacamentos esparsos, que lutam com a energia do desespero – sem contato com uma direção que não existe mais – e cujos integrantes perdem a vida. Paul Levi logo realizará um balanço em nome do que resta de seu partido, depois e durante a repressão: "foi um erro acreditar que algumas tropas de assalto do proletariado poderiam cumprir a missão histórica que é de todo o proletariado; Berlim e Leipzig, Halle e Erfurt, Bremen e Munique traduziram nos fatos este putschismo e demonstraram que somente o conjunto da classe proletária da

cidade e do campo podem tomar o poder político"[5]. Existiu uma Central entre janeiro e março, quando Leo Jogiches foi abatido? Podemos duvidar. Em todo o caso, nenhuma proposição pública emanou dela para, por exemplo, a defesa da república dos conselhos da Bavária. Parece bem que o ex-companheiro de Rosa consagrou durante estes meses seu tempo e sua energia à tarefa essencial de revelar a verdade sobre o duplo homicídio. Ele atingiu este objetivo e foi sem dúvida morto por causa dele. A Central, em todo caso, foi reconstituída ao longo de março e seu novo dirigente era incontestavelmente Paul Levi.

Paul Levi

Paul Levi pertence a mais jovem geração dos espartaquistas. Ele chegou tarde às responsabilidades, depois de sua ligação com Rosa, que conheceu quando fora seu advogado. Ele se revela um bom jornalista e excelente orador. Grande burguês de origem – tem muito dinheiro e gostos luxuosos, coleciona jades, é amante das lindas mulheres e, acima de tudo, altivo –, Levi não é muito popular, respeitado, não obstante, no partido por sua coragem e as qualidades de organizador, manifestadas no período em que os *Freikorps* lhe homenageiam involuntariamente ao fixar o preço de sua cabeça em 200 mil marcos. Para os russos, Paul Levi está longe de ser um desconhecido. Ele foi muito ligado a Radek. Conhece bem Lenin e Zinoviev, o qual chama por seu pseudônimo, Paul Hartstein. Lenin dirá que ele era, já durante a guerra, um bolchevique, um elogio raro saído de sua boca em direção a um estrangeiro[6]. Levi, além disso, combatera as posições de Rosa Luxemburgo contra a cisão com o partido independente e se pronunciou desde muito cedo, juntamente com Radek e os IKDs, pela ruptura com o USPD e pela fundação de um partido comunista na Alemanha.

Desde a fundação do KPD(S), Levi estava na contra-corrente de sua maioria esquerdizante, pregando a participação nas eleições e apresentando ao congresso um relatório nesse sentido, que foi rejeitado. Ele fora muito hostil à ocupação das empresas de imprensa – o que lhe parecia uma provocação – e não escondeu suas críticas a respeito da ocupação do *Vorwärts*. Em contato com Radek, enquanto esse se esconde, ele conduz a luta para que o partido critique Liebknecht e suas iniciativas fora do partido para que a Central tente retomar o controle dos militantes, chamando os trabalhadores berlinenses a baterem em retirada. Preso pouco depois de seus camaradas – liberado graças à sua qualidade de advogado e à ignorância daqueles que o detiveram –, também investiga o assassinato de Rosa e consegue recolher testemunhos e documentos decisivos, completando assim a investigação de Jogiches. Em 27 de março de 1919, Paul Levi escreve a Lenin e lhe diz que, perante o mais selvagem dos terrores brancos em Berlim, fora preciso recuar a direção e o jornal para Leipzig[7].

5. P. Levi, "Épuration", *Die Internationale*, n. 15-16, 1° de novembro de 1919, p. 283.

6. Lénine, *Œuvres*, t. XXXII, p. 549.

7. Arquivos Paul Levi, Bonn, p. 55/4.

Levi perante o partido

Paul Levi descreve a situação alemã, os esforços que são necessários para segurar os camaradas – dentre os quais há, insiste ele, muitos "sindicalistas" – para impedir que eles dêem ao governo a chance de realizar uma "nova sangria", impedi-los de "cometer loucuras". Ele indica também que esses mesmos elementos tentam realizar "golpes de Estado dentro do próprio partido". Depois de uma conferência de organização no começo de abril – que reestrutura os cem mil membros do KPD em 22 distritos, sob um secretário –, Paul Levi retoma contato com Radek ainda encarcerado. Os dois homens têm análises freqüentemente bem próximas, mas também divergências, às quais voltaremos mais tarde. Por outro lado, quando da conferência do KPD(S) – que ocorre nos dias 16 e 17 em Frankfurt-am-Main –, Levi tem que enfrentar os assaltos de uma tendência esquerdista, cujo porta-voz, denunciador dos "bonzos do partido", é Willi Münzenberg, que exige da conferência uma condenação definitiva do parlamentarismo, isto é, de toda participação nas eleições.

É provavelmente nesse momento que Paul Levi, que acreditava que a revolução estava totalmente esgotada (e que Radek, aliás, convenceu de não abandonar tudo, como ele queria), decide recorrer a meios extremos para garantir a retomada do partido. A discussão que ocorre dentro do KPD, depois da experiência vivida, convenceu-no, com efeito, de que os defensores das duas posições confrontantes não poderiam permanecer no mesmo partido. A amplitude da luta pela revolução mundial implica em tática e estratégia a longo prazo. Será preciso muito tempo num país como a Alemanha para que se mude radicalmente a consciência das massas, por ora equivocada.

Nessas condições, um PC se choca com dois desvios perigosos, o "sindicalismo" no plano econômico e o "esquerdismo" no político. As massas não dirigem mais seu combate. É preciso um partido que seja sua memória, sua experiência, seu lugar de discussão, mas também sua direção no combate. Ora, a situação alemã é caracterizada pela existência de sindicatos de massa e de dois partidos social-democratas que organizam a esmagadora maioria dos trabalhadores. Para a vitória da revolução, é preciso conquistar a maioria destes últimos. Não os compreender, diz ele, é dar prova de um "sectarismo comunista infantil". É preciso não tomar o fim pelo começo, nem se contentar de esperar a grande reviravolta, ou de proclamar toda hora a "traição" dos outros. É preciso convencer e organizar. E está claro que Levi – assim como Radek e o grupo de Chemnitz, com Brandler, o mais numeroso do país – está convencido de que a primeira tarefa dos comunistas alemães é a de ganhar ao comunismo os trabalhadores que seguem o USPD.

Por sua vez, os elementos "esquerdistas" – com o enfraquecimento do impulso das massas – se dispersam a procura de novas receitas. Grosso modo, entretanto, eles continuam a opor as "massas" aos "chefes" – os "bonzos" –; a "espontaneidade" e a "iniciativa da base" à "burocracia". Alguns preconizam uma nova forma de organização, a "união", acumulando as funções econômicas e políticas, as dos sindicatos e as do partido. Levi crê que isso não passa de uma apavorante "marcha à ré, em direção à aurora do movimento operário", o que é reflexo de uma terrível derrota.

Dissensos entre Levi e Radek

É a partir de agosto que Paul Levi e Karl Radek tiveram, na cela de prisão deste último, discussões de conteúdo. Seu acordo é fundamental sobre a questão da tomada do poder, que não pode ser efetuada a não ser pela base de um acordo da maioria da classe operária. Grosso modo, eles também estão de acordo sobre a necessidade de desvencilhar o partido dos infelizes reflexos "putschistas", que custaram e ainda lhe custam muito. Radek dirá – se bem que bem mais tarde – que estavam de acordo sobre as teses de Paul Levi para o II Congresso, a despeito de "algumas formulações oportunistas". Porém, ainda não estão de acordo sobre o que se deve ou não considerar como um *putsch* e que a discussão deles sobre a república dos conselhos da Hungria e a da Bavária desemboca numa constatação de desacordos, que eles exprimirão nos artigos publicados alguns meses mais tarde, na revista da Internacional e na do partido.

Sobre a república dos conselhos húngara, Paul Levi já se explicou, ao passo que Radek ainda estava na prisão. Num artigo publicado na *Freiheit* de Hanau, em 24 de março, Levi faz uma comparação explícita entre a sublevação fracassada de janeiro em Berlim – quando as massas estavam na rua – e a chegada ao poder dos comunistas em Budapeste, escrevendo:

> A nova revolução húngara, que substituiu a democracia burguesa pelo governo dos conselhos, não foi o resultado imediato de uma batalha vencida pelo proletariado húngaro sobre a burguesia e chupins húngaros. Ela não resulta de um corpo-a-corpo entre o proletariado e a burguesia em que esta tenha sido derrubada. Ela é a simples conseqüência da destruição – não há outra palavra – da burguesia húngara [...] O proletariado é tudo o que resta.[8]

Escreve em seguida um verdadeiro ato de acusação contra a união com os socialistas, realizada pelos comunistas de Kun:

> No começo de nossa revolução, havia também uma "união de todos os socialistas". A canalha que traiu o proletariado húngaro, da mesma maneira que Ebert e Scheidemann traíram o proletariado alemão, se entusiasma agora pela república dos conselhos e a ditadura do proletariado. É um perigo que desde já assombra a revolução húngara e é nosso dever denunciá-lo, tanto para proveito de nossos irmãos húngaros quanto do movimento alemão.[9]

Acrescenta que tudo o que ocorreu era perfeitamente previsível, mas também que não se deve se embrenhar numa estrada na qual se está certo de não poder ganhar. Não obstante, foi o que fizeram os comunistas húngaros, depois de darem as mãos com os

8. Citado por P. Levi em "Les Leçons de la révolution hongroise", In: *Die Internationale*, n. 24, 24 de junho de 1920, p. 32.

9. *Ibidem*, p. 33.

social-democratas por meio de uma aliança. Com certeza, Levi condena com severidade a *Bettelheimerei*, como um verdadeiro *putsch*. No que diz respeito à ação dos comunistas na Baviária em favor da república dos conselhos, ele é indubitavelmente ainda mais severo. Segundo ele, com efeito, os comunistas cometeram na Bavária um erro duplo. O primeiro foi o de ter, sem razão aparente e sobretudo sem explicação, abandonado sua hostilidade irônica com respeito a uma república dos conselhos – sobre a qual sabiam e diziam, ainda na véspera, que não possuía nenhuma base – e de se terem lançado na defesa "desta caricatura de república dos conselhos." O segundo foi que eles aceitaram que essa ação defensiva se transformasse, sem nenhuma razão sólida, em ofensiva – ao chamar o estabelecimento em Munique da ditadura dos conselhos – sem se preocuparem com o que passava no resto da Alemanha. Seu julgamento se dá numa fórmula severa: "uma 'república dos conselhos' independente-majoritário-anarquista, estabelecida sem base suficiente nas massas, substituída por uma república dos conselhos comunista, que comete exatamente o mesmo erro da outra, isto se chama trocar seis por meia dúzia"[10].

Igualmente feroz com relação à *Bettelheimerei* – crítica severa da fusão dos partidos comunistas e social-democratas na Hungria –, Radek não segue Levi sobre o terreno da crítica da ação. Para ele, tanto Bela Kun quanto Léviné tiveram razão em se lançarem ao combate na medida em que uma fração do proletariado esperava dele a salvação, na medida também em que a Hungria e a Bavária não eram o campo de batalha da revolução proletária, mas os postos avançados desta: os combates avançados da revolução européia. Em um texto público posterior, Radek saudará esses dois dirigentes vencidos como verdadeiros combatentes, verdadeiros revolucionários proletários: "Bela Kun, na história da revolução, igual a Léviné, não passará como um aventureiro revolucionário, mas como um dirigente revolucionário tal como Marx o entendia"[11]. Ele ironiza pesadamente – mirando Paul Levi? – a propósito daqueles que não estão prontos a se lançarem numa batalha a não ser que a vitória esteja dada de antemão. Sabemos também por Radek que os dois homens tomaram parte em dois outros desacordos mútuos naquele momento. Radek estava cada vez mais persuadido da importância do trabalho no interior dos sindicatos – "questão de vida ou morte" – e queria uma verdadeira batalha para plantar neles todos os membros do KPD(S). Paul Levi, se recusava a fazer isso por não ter força para tal e se contenta em chamar os comunistas a não deixá-los.

Uma escaramuça significativa, que jorrou também de suas discussões acirradas, se produziu enquanto eco à política de repressão dos comunistas nos marcos do comunismo de guerra e da repulsão que ele inspira em Paul Levi, bom discípulo de Rosa Luxemburgo. À afirmação de Radek de que os revolucionários devem saber erigir cadafalsos, Levi responde, com seu estilo impecável, como um tapa na cara:

10. "Le revers de la médaille", In: *Die Internationale*, n. 9-10, 4 de agosto de 1919, p. 10-11.

11. K. Radek, *Soll die VKPD*, p. 102.

> Elevar a construção de cadafalsos à altura de um método para unificar e soldar o proletariado no momento da constituição do poder dos conselhos, proceder à organização e à consolidação do proletariado, não sobre a base da "vontade clara e inequívoca da grande maioria do proletariado", de seu "acordo consciente com as idéias, os objetivos e os métodos de luta" do comunismo, mas sobre a base de execuções capitais e de enforcamentos, me parece – não gostaria de ser muito duro – um método muito infeliz.[12]

E ele retruca, contra Radek, a experiência russa:

> Pelo que sei, a república russa dos conselhos não colocou o cadafalso entre a foice e o martelo em seu emblema; creio que essa omissão não foi somente o efeito do acaso ou do simples pudor, mas provém do fato de que a república russa é construída também sobre outras bases que não as que recomenda o camarada Radek para a Hungria. O laço que dá a coesão do proletariado enquanto classe não é, certamente, uma guirlanda de rosas, mas em todo caso não é a corda de uma forca.[13]

Desde o mesmo ponto de vista, a escolha das jornadas de julho de 1917 em Petrogrado como exemplo de circunstâncias em que os comunistas russos não lutaram quando as massas – os operários de Petrogrado como os operários muniquenses – assim desejavam e, ao contrário, chamaram a bater em retirada, reforça sua posição. Ele escreve com a desenvoltura de um vencedor moral, mas sem pequenas vaidades: "desde as jornadas de luta em Berlim, em janeiro e em março de 1919, desde o fim de Munique e da Hungria, minha fé nas virtudes gloriosas da derrota está abalada. Eu não acredito que tenhamos razão em passar tão levemente como o faz Radek sobre derrotas tão duras quanto a da revolução húngara..."[14] E é na condição de militante, de dirigente responsável, que, parece-nos, ele acrescenta esta observação, a qual carrega a marca de seu tempo:

> Tenho medo de que, estando as coisas como estão, a situação na Hungria não permita, a curto prazo, ao proletariado desse país desenvolver "esta vontade reforçada e aprofundada" de que fala Radek. Sinto que a Hungria, do mesmo modo que Munique, conduz ao passivo, não ao ativo da revolução mundial e só posso me persuadir que agir na direção comunista é somente conduzir ações como se fosse indiferente que seus resultados sejam em direção ao ativo ou ao passivo. E estou menos ainda disposto a dizer que é preciso provocar um derrota se não podemos provocar uma vitória, sob o pretexto de que a derrota tem um lado bom.[15]

12. P. Levi, "Die Lehren", In: *op. cit.*, n. 6, p. 37.

13. *Ibidem*.

14. *Ibidem*, p. 40.

15. *Ibidem*.

Pontos de encontro, desacordos? Em todo o caso, um outro ponto de encontro aparece sólido no verão de 1919 entre Karl Radek e Paul Levi: os dois homens compreenderam o papel decisivo para a construção de um partido revolucionário na Alemanha, envolvendo os trabalhadores que seguem o partido independente, o USPD.

A esquerda do partido independente

Os resultados das eleições à Constituinte de 19 de janeiro de 1919 mostraram desenvolvimentos e um reagrupamento interessante no eleitorado dos partidos operários. De início, indicam uma forte guinada à esquerda: o conjunto dos dois partidos social-democratas, majoritário e independente, obteve 46% dos votos, ao passo que nas últimas eleições (1912), o Partido Social-Democrata, então unido, levara 34,8%. Mas, o mais importante é a composição desse voto. Nas zonas não-industrializadas, o Partido Social-Democrata majoritário deu um salto adiante. Ao contrário, nas regiões de forte concentração operária, ele sofreu pesadas perdas e foi ultrapassado pelo sucesso dos independentes. Ambos os partidos têm em muitas regiões operárias a maioria absoluta, mas freqüentemente o Partido Independente consegue por pouco a maioria para si. Existiu, portanto, uma verdadeira transferência no eleitorado operário. Os trabalhadores industriais passaram para o lado dos Independentes e foram substituídos, algumas vezes com vantagem, por camadas não-politizadas de operários ou pelos assalariados*.

O Partido Independente passou, ao longo de 1919 de 300 mil para 750 mil membros, ultrapassando de muito longe a influência que tivera no momento da revolução. Ele tem bastiões, cem mil no distrito de Berlim-Brandemburgo, dos quais 45 mil somente em Berlim, 75 mil no de Halle, 62.500 no Ruhr, 45 mil em Hamburgo e Leipzig, etc. Esse partido operário é um partido nacional, um partido de massas, com um aparato. Ao longo da revolução, fora em diversas regiões uma minoria dirigente, o animador dos conselhos e dos órgãos locais e regionais de poder. Em 1919, possuiu uma larga influência, contando com 46 diários, diversos semanários especializados e um serviço de imprensa bem profissional.

O fenômeno essencial é que, ao longo de 1919, aparece no partido uma ala esquerda, cujo objetivo é a adesão à Internacional Comunista. É fácil compreender que o KPD(S) não poderia e não exerceu nenhuma atração sobre a esquerda do USPD, ao lado da qual era ridiculamente pequeno e não era levado a sério: cem mil em face de 750 mil trabalhadores. Mas, tudo ia diferente com relação à Comintern. De início, porque esta gozava do

* Na língua francesa, o termo *employé* (literalmente, "empregado") tem também o sentido de trabalhador não-braçal sem cargo de direção, quando designando uma categoria de profissionais. Ele se opõe, por um lado, a *ouvrier* ("operário", que seria principalmente um trabalhador braçal) e a *cadre* (literalmente, "quadro"), que é quem tem papel de gerência, mas não é proprietário. Acreditamos que a melhor palavra em português brasileiro para designar essa categoria é "assalariado", contudo, algumas vezes, principalmente nas Notas Biográficas que figura no segundo volume desta obra, a tradução direta "empregado" será utilizada. [N. do T.]

prestígio da Revolução de Outubro, da atração que exercia, em numerosos países, sobre os partidos socialistas ou sobre os partidos socialistas de esquerda. Ao mesmo tempo, o papel da Comintern fez-se decisivo na orientação de muitas centenas de milhares de trabalhadores, num país que continuava, apesar de sua derrota, um dos mais avançados do mundo. As massas e seus dirigentes, depois da revolução e da contra-revolução dos *Freikorps*, não poderiam vislumbrar a adesão a uma Internacional na qual se encontravam os homens do partido de Noske. Eles se viraram em direção a Moscou sobre o plano internacional como, ao mesmo tempo, na Alemanha, se viraram para a luta de classes organizada.

Apesar de todas as hesitações e contradições de sua direção, o USPD efetuara avanços consideráveis, principalmente nos sindicatos. No décimo congresso nacional dos sindicatos em 1919, foram dois independentes, ambos metalúrgicos, Robert Dissmann e Richard Müller, que lançaram as bases de uma oposição de "luta de classes" à direção ultra-reformista e ao sólido aparato de Carl Legien, obtendo 181 votos contra 420 ao final do debate sobre orientação. Todo o grupo dos antigos Delegados Revolucionários de Berlim, atrás de Richard Müller, pertenciam à nova equipe dirigente do sindicato dos metalúrgicos que, em Berlim, era o núcleo de uma nova maioria do cartel dos sindicatos da capital, atrás dos antigos Delegados Oskar Rusch e Otto Tost. O sindicato dos trabalhadores da imprensa era um dos bastiões da oposição e seu órgão transforma-se, a partir de 1° de setembro de 1919, no do conjunto da oposição de esquerda nos sindicatos. Todas essas posições eram tanto mais sólidas pelo fato de que não havia ninguém para contestá-las a partir de sua esquerda, tendo os comunistas – como sabemos – abandonado os sindicatos na maior parte do tempo. Mas, foi preciso tempo para que se cristalizasse, fora de Berlim, uma oposição de esquerda no partido independente. No II Congresso, uma minoria de esquerda se encontra ao redor de um projeto institucional bem esquemático e idealista de conselhos operários, elaborado por Daümig.

É ao longo do verão que os primeiros contatos são tomados entre Paul Levi, de um lado, enquanto representante, não do KPD(S), mas da Comintern, e, de outro, os membros de uma "nova vaga" de Independentes, particularmente Walter Stoecker e Curt Geyer. Radek vigia de perto esses contatos, dos quais Paul Levi lhe presta contas. Na brochura que escreve na prisão em 1919, Karl Radek foi um dos primeiros a colocar, como Paul Levi, o problema da conquista pelo comunismo dos operários do partido independente. Explica que não se trata de forçá-los a romper com seus dirigentes, mas de ajudá-los a expulsar os elementos direitistas e centristas dos postos de responsabilidade, para constituir, ao lado do KPD(S), um outro "exército do proletariado". Sua brochura termina com um apelo não somente ao reforço da Internacional Comunista e à defesa da Revolução Russa, mas ao "reagrupamento de todas as tendências revolucionárias da velha Internacional".

Novas tropas se aproximam da Internacional: não são somente os Delegados Revolucionários, mas quadros operários cuja atuação fora importante na guerra e na revolução: os irmãos Bernhard e Wilhelm Koenen, além de Anton Grylewicz, Bernhard Düwell, Paul Böttcher e Hermann Remmele. Organizações regionais e locais, e, portanto, seus jornais,

tornam-se propagandistas da adesão "a Moscou", como se dizia, tais como o *Hamburger Volkszeitung*, dirigido por Wilhelm Herzog, e o *Gothaer Volksblatt*, para falar somente dos primeiros. Na conferência de Iena, Walter Stoecker, em nome da esquerda, coloca o problema da adesão à Comintern em si mesma e o da defesa da URSS.

No congresso de Leipzig, a programa do partido é modificado num sentido que convinha à esquerda e aos russos. A ditadura do proletariado se define pelo poder dos conselhos operários, a ação parlamentar é subordinada à ação das massas. Mas, o congresso prefere à moção de Stoecker de adesão à III Internacional, uma resolução preconizando a união numa Internacional de todas as formações socialistas revolucionárias; seria somente em caso de fracasso que o USPD entraria na III Internacional. Radek saúda no congresso "uma vitória das massas operárias independentes sobre seus dirigentes oportunistas". Para ele, a tática dos comunistas na construção da Comintern deve doravante se apoiar sobre o fato de que as massas do partido independente são comunistas e que existe à frente do partido uma ala esquerda que quer realmente se engajar numa via revolucionária. Os comentários de Lenin são acima de tudo ferozes. Entretanto, falta ainda acertar a questão do KPD(S), fazê-lo superar sua crise, fazer dele um partido de ação dirigido para a formação de um partido de massa e em direção à conquista dos operários independentes. Não é trabalho de Radek, mas exclusivo de Paul Levi.

A cisão desejada do KPD(S)

A conferência de agosto convenceu Levi de que ela não o levaria a ganhar a maioria de seu partido e que o número de seus partidários só poderia, ao contrário, diminuir se ele continuasse no campo de ação dos esquerdistas. Agora, certo de que ele não poderia obter dos militantes a disciplina necessária, ao passo que era absolutamente necessário voltar atrás nas decisões equivocadas do congresso de fundação, Paul Levi prepara, então, o II Congresso do partido na perspectiva de excluir dele, se for possível e necessário, a própria maioria. Ele modifica o modo de representação, que se fazia em detrimento dos grupos mais numerosos, como Chemnitz, que o apóia, dissolvendo assim o refúgio dos elementos mais turbulentos dos esquerdistas, a Liga dos Soldados Vermelhos.

No Congresso de Heidelberg, de 10 a 14 de outubro de 1919, ao qual os delegados foram eleitos antes que os membros do partido conhecessem as teses propostas, Levi ataca por meio de um relatório político, colocando ênfase sobre a questão do papel do partido comunista, a qual divide os "esquerdistas", que de resto estão de acordo em relação a não-participação nos sindicatos e nas eleições. Wolffheim, delegado de Hamburgo, propõe a inversão dos pontos da ordem do dia e Levi se espanta que se proponha discutir a aplicação inicialmente e os princípios em seguida. Nisso o congresso o segue e por 23 votos a 19, depois por 24 a 18, dá-se o direito de voto aos membros da Central, garantindo assim a maioria a Levi. Mas, isso não basta. Ele quer a adoção das teses sobre os princípios e a tática e, para a coesão do partido e a clareza do debate, a expulsão dos que votem contra elas,

os quais, segundo ele, não podem continuar num partido cujos princípios desaprovam. A armadilha se fecha sobre seus adversários. Levi ganha as duas primeiras votações por 25 votos a 23, a terceira por 21 a 20, o conjunto por 31 a 18. Os delegados da oposição, expulsos, partem e não voltam mais.

Levi tem, doravante, as mãos livres, mas o golpe é duro para o partido, que perde mais do que a metade dos 50 mil membros que contava em princípio, incluindo regiões inteiras, como o Ruhr, Hamburgo e, principalmente, Bremen e Berlim. Saem 500 militantes de 800 na capital; em Essen, 43 de dois mil. Radek está descontente, senão surpreso. Ele aprovara as teses de Levi, mas tendo sabido por uma carta de Bronski, levada à sua prisão por Elfriede Friedländer – uma jovem austríaca, emigrada a Berlim e tornada Ruth Fischer –, que Levi se preparava para expulsar a oposição, imediatamente o escreve para tentar dissuadi-lo. Levi não deu-se conta dela. Quanto a Lenin, esse não ficou menos surpreso. Para ele, as teses apresentadas por Levi estavam evidentemente corretas. Mas, a expulsão de uma oposição marcada por sua juventude e inexperiência não o estava. De todo modo, prudente e conhecendo Paul Levi, Lenin lhe propõe, com bastante precaução, em reatar os laços. Numa carta de 28 de outubro de 1919, dirigida à Central de Levi, ele escreve: "se a cisão era inevitável, é preciso que vocês se esforcem para não agravá-la, fazer apelo à arbitragem do comitê executivo da Internacional, forçar os esquerdistas a formular suas divergências em teses ou numa brochura"[16]. Lenin se dirige, no mesmo sentido, aos minoritários.

Uma escaramuça com Lenin

Os "esquerdistas", e não somente os alemães, com efeito, vão rapidamente formular suas divergências. Nesse meio tempo, uma pequena polêmica estoura entre Lenin e a direção do KPD(S), ou mais exatamente Thalheimer, o "teórico" da Central, antigo aluno de Rosa Luxemburgo, um "pequeno" que não tem medo de "jogar na arena dos grandes", pois era assim na época da Internacional nascente. Num texto redigido em 10 de outubro de 1919, intitulado *Saudação aos comunistas italianos, franceses e alemães*, Lenin abordou a questão da cisão do KPD(S) e as relações com os Independentes. Ele lamenta a cisão e, lembrando a história das lutas internas da fração bolchevique, tenta convencer seus leitores de que ela não era necessária. Repete firmemente que a Central está certa e esteve certa no congresso, explica que a oposição está abandonando as idéias do marxismo em favor das do sindicalismo. Os comunistas, afirma ele, devem tomar parte nas eleições parlamentares, militar nos sindicatos reacionários, estar e agir em todo lugar onde houver trabalhadores, em todo lugar onde puderem se dirigir a eles. No mesmo movimento, ele critica severamente o pessoal da esquerda dos Independentes, sobre a qual, ele afirma, que "se une amedrontadamente, sem respeito pelos princípios, os velhos preconceitos da pe-

16. Lénine, *Œuvres*, t. XXX, p. 83.

quena-burguesia sobre as eleições parlamentares ao reconhecimento comunista da ditadura do proletariado; do poder dos operários"[17].

Tal julgamento público incomoda bastante o KPD(S) e a esquerda independente. A direita dos Independentes o retoma e o orquestra. Thalheimer escreve uma resposta que será reproduzida com o texto de Lenin. Ele assinala que Lenin, por seu próprio testemunho, carece de informações sobre a situação alemã e que sua carta fora escrita antes do congresso de Leipzig, o qual criou uma situação nova. Todavia, Thalheimer exprime claramente seus desacordos. Para ele, os Independentes se equivocaram. Os comunistas não devem parar de criticá-los franca e brutalmente. Mas, ele acrescenta, "nós nos recusamos a colocá-los no mesmo saco, em relação ao plano moral e intelectual, que os traidores do socialismo, os fósseis da época da estagnação puramente parlamentar do movimento operário alemão"[18].

Quanto à cisão, Thalheimer garante que os comunistas alemães têm em relação a esse assunto a mesma posição geral que Lenin, mas, quando de Heidelberg, tratava-se de muito mais, a saber, tão simplesmente a sobrevivência do Partido Comunista Alemão, ameaçado, então, de auto-dissolução nas organizações de empresa. Portanto, Thalheimer assume que longe de ser um erro, a cisão de Heidelberg é um exemplo para todos os partidos ocidentais e contesta a universalidade da experiência russa, subentendida na carta de Lenin: "o meio histórico da Alemanha é mais próximo daquele dos países ocidentais que do da Rússia. As experiências alemãs em matéria de tática serão, por conseqüência, de um valor particular para os ocidentais"[19]. É verdade que a construção do Partido Comunista Alemão começa a ser concebida de uma maneira original e nova com a conquista da esquerda dos Independentes e que ela deixa para trás o que era considerado até então como o "modelo" bolchevique.

Ao mesmo tempo, o dirigente operário de Chemnitz, Heinrich Brandler, intervindo no primeiro congresso dos conselhos de fábrica, refletia em voz alta e sublinhava a questão que chamaremos mais tarde de "palavra de ordem da transição", palavras de ordem adaptadas ao estado de espírito e às possibilidades do momento dos trabalhadores mais suscetíveis de lhes fazerem avançar um passo, conscientemente, em direção a outras palavras de ordem que os aproximem da ditadura do proletariado. Assim, a luta e o desenvolvimento do movimento comunista coloca novos problemas. A aparição dos primeiros elementos de uma discussão pública, fraternal, mas sem concessões, não é um dos menores. O outro é aquele das relações entre os comunistas alemães e russos. Thalheimer, o jovem discípulo de Rosa Luxemburgo, discute com Lenin em pé de igualdade. Isso é talvez uma aquisição importante.

17. *Ibidem*, p. 48.

18. Thalheimer, *Der Weg der Revolution*, p. 18.

19. *Ibidem*, p. 18.

O *Putsch* de Kapp[20]

Embora a discussão havia começado somente há pouco tempo (menos de quatro meses depois do Congresso de Heidelberg, no qual todos haviam meio que enterrado o movimento de massa e a primeira fase da revolução), eis que a Alemanha vive a maior greve geral de sua história, a qual começa no seio do movimento operário, uma longa marcha que conduzirá ao comunismo centenas de milhares de novos aderentes. É o exército, ou melhor, sua coluna vertebral, o corpo de oficiais, que faz brotar esta seara. O Tratado de Versalhes reduz seus efetivos, prevê que sejam julgados os crimes de guerra cometidos por oficiais, em suma, os ameaça em seus empregos, seus privilégios e sua segurança. Mas Noske, antigo usuário, não os acompanha em sua reação corporativa contra um tratado desejado pelos vencedores. Verdugo talvez, mas não aventureiro. O retorno à Alemanha dos *Freikorps*, imposto pela *Entente*, complica os problemas dos postos e dos efetivos e joga sobre a cena alemã homens prontos a tudo.

Do lado putschista, encontramos quase todos os nomes dos que, do alto ou *in loco*, combateram as milícias operárias e os Guardas Vermelhos na Alemanha, o Exército Vermelho nos confins orientais. Está lá o general von Lüttwitz, o general Rüdiger von der Golz em pessoa, o tenente de navio Ehrhardt à frente de sua Brigada da Marinha e, com seus Guardas, o capitão Waldemar Pabst, cujos homens detiveram, martirizaram e mataram Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht havia pouco mais de um ano. Toda essa gente fina faz parte de uma conspiração na qual chafurdam também Ludendorff, o antigo quartel-mestre geral do imperador, e os elementos mais reacionários da política alemã, dos quais todos os chefes militares estão informados. Trata-se de derrubar o governo da república e de recusar a assinatura do Tratado de Versalhes. Para presidir seu governo, os generais golpistas escolheram um civil ainda mais reacionário e obtuso que eles próprios, o secretário da agricultura na Prússia, o alto-funcionário Wolfgang Kapp, homem de confiança dos *Junkers*, os senhores feudais do leste.

Os homens de Ehrhardt marcham sobre Berlim na madrugada de 12 a 13 de março de 1920 e se instalam sem resistência. A polícia comum e a polícia de segurança (*Sicherheitspolizei*) são ganhas para o golpe. Os chefes putschistas exigiram a demissão do presidente e do governo, a dissolução do *Reichstag* e um gabinete de técnicos com um general para o Ministério da Guerra. Os generais não-ligados ao complô informaram Noske que eles resistiriam com armas. O general von Seeckt lançou sua célebre frase: "as tropas não atirarão contra as tropas". O governo, com exceção de dois ministros, partiu afobadamente a procura de refúgio em Dresden, depois em Stuttgart. Duzentos deputados tam-

20. A bibliografia é abundante sobre o *Putsch* de Kapp, mas é somente nos últimos anos e, mesmo assim, na RDA, que se começará a se interessar pelos problemas políticos que se sobressaíram. Citemos, entre outros, os artigos de Naumann e Voigtländer, "Zum Problem einer Arbeiterregierung nach dem Kapp-Putsch", In: *BzG*, n. 3, 1963 e Erwin Könneman, "Zum Problem der Bildung einer Arbeiterregierung nach dem Kapp-Putsch, In: *BzG*, n. 6, 1963.

bém partiram, entre eles numerosos social-democratas. Kapp, que se instalou na Chancelaria, mandou hastear a bandeira imperial, proclamou estado de sítio, suspendeu todos os jornais; nomeou o general von Lüttwitz comandante-em-chefe. Acabou? Veremos.

Com efeito, às onze horas do mesmo 13 de março, o velho presidente dos sindicatos, o ultra-reformista Carl Legien, compreendendo que a vitória dos golpistas significaria o fim do movimento operário organizado, reuniu num subterrâneo sua comissão executiva e esta deflagrou a palavra de ordem de greve geral. Otto Wels, um dos raros dirigentes socialistas que continuaram por lá, redigiu uma convocação à greve geral, que assina com os nomes dos ministros em fuga sem lhes consultar. Tal convocação é um apelo a combater a contra-revolução e a defender a república. Os Independentes, de seu lado, chamam à greve, mas não se chegou a um acordo sobre um comitê central de greve único, pois eles se recusam a "defender o governo Ebert-Noske". Há, portanto, dois comitês centrais de greve, com os sindicatos de Berlim se agrupando com o USPD.

O Partido Comunista Alemão só se manifesta no dia 14. Paul Levi está na prisão. Na véspera, à noite, depois de ter ouvido um relatório bem pessimista do responsável da organização fantasmagórica do KPD de Berlim, Friesland (Ernst Reuter), a Central – contra a oposição somente de Walcher – adotou um chamado, o qual a *Die Rote Fahne* publica no mesmo dia. É uma recusa pura e simples de combater o golpe militar, além de uma aprovação aos chamados à greve geral. Os comunistas dizem que eles não têm que defender o governo Bauer, Ebert-Noske e que a classe operária está incapaz no momento de agir.

O poder operário inssureicional

Muito felizmente, os operários alemães não ligam muito para as palavras de ordem do KPD. Em 13 de março, os comunistas de Chemnitz – o principal partido dessa cidade operária, com 14 mil membros –, que é dirigido por Heinrich Brandler, formaram um comitê de ação, que arma uma Guarda Vermelha e toma o poder, começando por desarmar os amigos dos putschistas, depois por se fazer ratificar por uma eleição de um conselho municipal local por meio de votação nas empresas. Sua autoridade se estende por uma circunferência de até 60 quilômetros.

Novamente, toda a Alemanha se cobre de órgãos operários insurrecionais, nascidos, desta vez, da greve contra o *Putsch* de Kapp e compostos, sob pressão da ala mais radical – todos os que chamaram à luta armada contra os oficiais reacionários –, de militantes independentes de esquerda e comunistas. Com efeito, é a milícia operária – o primeiro órgão de combate espontaneamente constituído, cujas primeiras iniciativas consistiram em arranjar armas – que chama a centralizar a autoridade nas mãos dos comitês de ação e, sobretudo, de seus executivos. A questão é saber se os órgãos operários assim constituídos estão prontos a deixarem nas zonas industriais o poder aos braços armados da burguesia alemã, da polícia, da *Sipo* e do exército, sem esquecer dos *Freikorps* – tendo estes se pronunciado ou não em favor dos golpistas. Não se trata disso. Comitês de ação correm o

Ruhr e muitas outras regiões como uma rede de malha fina. Suas milícias, improvisadas, mas habituadas aos combates da guerra civil, atacam as tropas para desarmá-las e caçoam dos dirigentes social-democratas que lhes rogavam respeitar os oficiais "leais". O historiador Eberhard Lucas fala do poder dos conselhos executivos: eles tomavam o poder, seja ao repelir, seja ao prevenir o assalto dos golpistas ou de seus compadres[21].

O mesmo autor descreve minuciosamente os desenvolvimentos no Ruhr nas mãos dos novos "conselhos operários"[22]. Em Hagen, por exemplo, o dirigente sindical independente, responsável do sindicato dos metalúrgicos, Josef Ernst, é ao mesmo tempo dirigente político e chefe militar, levado ao topo pelo movimento para constituir milícias operárias armadas, bem como um executivo local do comitê de ação[23]. Em Dortmund, tal papel de inspirador e porta-voz do movimento é desempenhado pelo jovem comunista Adolf Meinberg, herói dos combates de 1919, libertado da prisão pelos trabalhadores nas primeiras horas do *putsch*[24]. Essas tropas improvisadas tomam a frente aos primeiros sinais de veleidade de intervenção do general von Watter – que efetivamente faz jogo duplo –, surpreendendo em movimento os elementos do *Freikorp* Lichtschlag, que são dizimados por eles. Por sua vez, do regimento de hussardos de Paderborn, eles conseguem documentos que lhes revelam os planos militares dos putschistas. O Ruhr se incendeia e a profundidade do movimento nessa bacia chama a atenção, mas esse movimento não é isolado, pois os trabalhadores resistem em todo lugar, assim como os marinheiros continuam fiéis à sua própria tradição de combate: os da frota do Báltico prendem seu almirante, em Wilhelmshaven, e internam algumas centenas de oficiais. Por todo o canto, há combates e, por todo o lado, há mortos operários que galvanizam a vontade de resistência. Há duros combates na Alemanha central. Cidades caídas nas mãos dos militares, como Halle, são retomadas pelos trabalhadores das cidades vizinhas. Em Leipzig, a polícia começou por atirar contra os manifestantes trabalhadores com granadas e metralhadora.

Chemnitz aparece como uma espécie de modelo de organização e de ação dos revolucionários. O representante da agência *Wolff* telegrafa a seu escritório dizendo que o movimento operário tinha tomado o poder naquele local e descreve prolongadamente as novas instituições: o comitê de ação tricéfalo, com um social-democrata, um independente e um comunista que o co-preside; bem como o desarmamento dos elementos burgueses, o armamento de três mil trabalhadores, a ocupação, logo nas primeiras horas, dos correios, dos bancos, da estação de trem; a proibição dos jornais de direita. Aqui, a votação sancionou a ação espontânea na hora. O conselho operário foi eleito no conjunto das indústrias por 78 mil trabalhadores, com um programa nacional que compreende o desarmamento, a dissolução da polícia, da *Reichswehr*, das formações paramilitares de direita, a segurança garantida pelas guardas vermelhas operárias controladas pelo conselho, a

---

21. E. Lucas, "Die Herrschaft der Vollzugräte", In: *Märzrevolution 1920*, p. 7-30.
22. *Ibidem*, p. 9-30.
23. *Ibidem*, p. 69-73.
24. A. Meinberg, *Aufstand an dem Ruhr*.

convocação de um congresso dos conselhos para o conjunto do país, a eleição de um tribunal revolucionário para julgar os *kappistas* e seus cúmplices, a libertação dos presos políticos; o encarceramento dos patrões que retiveram os salários dos dias de greve. Houve somente duas vozes contrárias a esse programa. Para todos, é assim que os operários ascendem ao poder com suas organizações.

Contudo, condenar-se-á os dirigentes comunistas de Chemnitz – não só Eberhard Lucas, mas também os historiadores SED, Könnemann e Krusch, que fazem eco aos ataques desenvolvidos por Lucas[25] – e, em particular, Heinrich Brandler, o pedreiro – que é o verdadeiro chefe do partido ali –, por não terem sabido utilizar este bastião para atacar em escala nacional e por terem ficado acantonados em seu pequeno espaço, em suma, por terem se alinhado com... a defensiva social-democrata.

Ninguém tem a idéia de repreender ou de reprimir, mesmo se não se está de acordo com o organizador comunista dos desempregados de Ergzgebirge-Vogtland, antigo militante do conselho dos operários e soldados de Falkenstein, Max Hölz, que claramente se diferencia a partir de 15 de março. Max Hölz, com efeito, é o organizador dos desempregados e do lumpesinato numa região pauperizada. Sua guerrilha é a da coleta de produtos de primeira necessidade e de sua distribuição aos pobres. Ele é imensamente popular, mas seu comunismo primitivo de "roubar o que se puder carregar" surpreende os militantes disciplinados. Entretanto, Hölz prossegue sendo um irmão de armas.

O Exército Vermelho do Ruhr

Nos dias que se seguem, numerosas unidades, cujos efetivos variam de algumas dezenas a algumas centenas – a unidade de base (companhia) é de 400 homens –, quiçá um milhar, se unificam no Ruhr em um "Exército Vermelho", comandado pelos militantes independentes Josef Ernst e Karl Wohlgemuth e pelo "sindicalista" Karl Leidner. Os historiadores alemães estimaram esse exército em cem mil homens. O historiador Bock conta três direções centrais rivais. Seus chefes são operários, freqüentemente metalúrgicos, mas também mineradores e ferroviários, nomeados à cúpula pelos comitês de ação, eleitos entre os quadros médios e no local. A maioria deles pertence ao USPD e, bem entendido, à sua esquerda; os outros pertencem ao KPD ou à sua oposição, estejam eles expulsos ou não. Um desses últimos, Gottfried Karusseit, um mecânico de Gelsenkirchen, o único a ser citado nominalmente por Ruth Fischer[26] como um dos "chefes", é,segundo o historiador Eberhard Lucas um agente da *Reichswehr*[27].

Lucas traça interessantes retratos desses chefes provenientes da classe operária, por vezes ex-militares: August Müller, 35 anos, ferroviário, ajustador, ex-suboficial, Hermann

25. E. Lucas, *op. cit.*, p. 163-164 e Könnemann e Krusch, *Aktionseinheit contra Kapp-Putsch*, p. 198-199.

26. R. Fischer, *Stalin and German Communism*, p. 133.

27. E. Lucas, *op. cit.*, p. 183-184. Os historiadores SED Könnemann e Krusch confirmam-no, *op. cit.*, p. 439.

Weidtkampf, 32 anos, ajustador, antigo marinheiro vermelho, ex-amotinado, Hans Ficks, 29 anos, ferramenteiro, antigo membro do Conselho Geral dos Soldados em 1918-1919; o pintor-decorador Karl Leidner, 33 anos[28]. Esses homens são ex-combatentes da guerra mundial, alguns foram suboficiais. Eles têm conhecimentos práticos do manejo de armas e de operações militares em pequena escala e freqüentemente possuem um interesse particular pela coisa militar, o que faz deles verdadeiros especialistas. Com freqüência, no passado, eles comandaram unidades de guardas vermelhos e são, de uma certa maneira, enquanto militantes, especialistas da guerra civil, os equivalentes alemães dos "Frunzes", "Muklevitchs" e de outros jovens trabalhadores tornados generais.

O armamento do proletariado ressurgiu, com seções de metralhadoras (os operários tinham mais ou menos 400 delas), uns 20 canhões leves e morteiros e até mesmo um regimento de carros blindados dos trabalhadores da fábrica Zella-Mehlis, comandado pelo operário Richard Jung. Os fuzis saem de todo o canto, mesmo de certos depósitos da polícia e são trazidos pelos policiais socialistas. E, como em toda revolução, os operários são rapidamente equipados com armas arrancadas ou roubadas do adversário, por vezes trazidas por soldados que não querem combater o povo. Mas, o Exército Vermelho do Ruhr é somente uma das formações operárias armadas que se organizam contra o golpe. Na Turíngia, constitui-se em alguns dias um Exército de Defesa do Povo de mais de cinco mil homens, comandado pelo operário da fábrica de vagões de Gotha, presidente de seu conselho operário e também deputado USPD de esquerda no *Landtag*, August Creuzburg.

A greve geral

Mas, o que de sobremaneira se impõe é a greve geral, silenciosa e terrivelmente eficaz, um pesadelo para os generais. Como sublinha um veterano na RDA, "ela não resolve nada sozinha, mas faz tudo o que é possível". Os putschistas são pegos pelo pescoço. Em 16 de março, dois dias depois de sua chegada ao poder, eles não puderam nem fazer saber, nem dispor de transportes, de abastecimento, nem mesmo de dinheiro, pois os operários da Imprensa Nacional estavam em greve. Kapp pede a Ehrhardt para tomar à força, na *Reichsbank*, os fundos necessários para pagar os soldados e intensificar a propaganda, mas ouve a resposta do oficial de que ele não marchou sobre Berlim para assaltar bancos. A filha de Kapp não encontra nenhum datilógrafo para digitar o texto do manifesto dos golpistas no país e é somente 48 horas mais tarde que a imprensa – ainda, aliás, paralisada pela greve – recebe a declaração de intenções dos *kappistas*. O historiador britânico Wheeler-Bennett escreve: "as engrenagens governamentais pararam de girar, a indústria e o comércio se encontravam parados; todos os serviços públicos – eletricidade, água, transportes – estavam parados"[29].

28. *Ibidem*, p. 73-74.

29. Wheeler-Bennett, *The Nemesis of Power. The German Army in Politics (1918-1945)*, p. 78.

À tarde, ainda em 16 de março, o novo chefe do *Wehrkreis* de Berlim, um general cujo nome nos é familiar, Rüdiger von der Golz, dá ordem de fuzilar todos os "provocadores" e membros dos piquetes de greve. Ele recebera a ordem e, ainda por cima, se lembrava que isso tinha funcionado na Finlândia. Aqui, por pouco, não arrancou gargalhadas[30]. Logo depois dessa ameaça, em todo caso, uma delegação do grande patronado dirá a Kapp que a classe operária está tão unânime contra ele que não se conseguiria separar os "provocadores" dos outros. Das "férias" criadas pela greve provêm o ócio necessário à existência das assembléias populares, em que se discute asperamente e se prepara o reforço e o endurecimento da ação. Em todo o lado, a esquerda do USPD se impõe em detrimento de sua direita. Desde muito cedo, numerosos militantes se organizam para combater os putschistas com armas em punho. Alguns se abstêm. Os comunistas são pelo menos ativos durante a greve, de modo geral. *Die Rote Fahne* corrigiu sua posição absurda do dia 14 e chamou à greve geral. No dia 16, Paul Levi, de sua prisão, envia à Central uma carta terrível[31]. Como ela não pôde ver as possibilidades que a luta contra o *putsch* ofereceria aos revolucionários?

A situação dos putschistas se deteriora rapidamente. Na madrugada do dia 16 para o dia 17, um regimento de engenharia, cujo comando se ligou ao putschistas, se amotina e coloca seus oficiais na prisão. É preciso a intervenção do *Freikorp* Ehrhardt para desarmá-lo. Em diversas cidades, os oficiais têm que afastar, chegando até mesmo a prender, suboficiais e simples soldados que recusam a política dos chefes.

De manhãzinha, a polícia de segurança (*Sipo*) vira a casaca e abandona os putschistas. No dia 17, Kapp foge, deixando a chancelaria de táxi, com um gorro afundado até os olhos, seguido por sua filha aos prantos. Por falta de tempo, suas roupas foram enroladas numa coberta que foi jogada às pressas sobre o teto do veículo e ele chega ao exterior pouco antes do general von Lüttwitz. Ao longo de um conselho dramático, o tenente-coronel von Wetzell disse aos generais, para fúria de Ehrhardt, que as tropas não obedecem mais e que se amotinarão caso os chefes se obstinassem. Ao deixar Berlim, Ehrhardt, cujas tropas são vaiadas e ameaçadas na rua, manda atirar na multidão para abrir caminho. O golpe acabou. Suas conseqüências se desenvolvem e ele ainda mata: assim, o oficial da marinha pacifista, Hans Paasche, traidor da casta militar, foi abatido por seus inimigos de sempre.

O problema do governo operário

Diferentemente de novembro de 1918, a Alemanha – salvo no Ruhr e ao redor de Chemnitz – não está coberta de uma rede de conselhos operários, mas, por toda parte, de comitês de ação formados por representantes dos partidos operários e dos sindicatos, que

30. J. Benoist-Méchin, *Histoire de l'armée allemande*, t. II, p. 102-103.

31. *Die Kommunistische Internationale*, n. 12, 30 de julho de 1920, p. 2145-2148.

de fato tomaram o poder num breve momento de descanso entre a normalidade e a guerra civil. Eles conserva-lo-ão? Transmiti-lo-ão, e a quem? A quem entregarão as armas, se as entregarem? Para numerosos trabalhadores, inclusive partidários do Partido Social-Democrata, é impossível retornar à coalizão parlamentar de antes, véu da realidade política da aliança de Noske e dos chefes do exército: foi tal política que foi à falência junto com o *putsch*. Mesmo o *Vorwärts* escreve: "deve-se remanejar o governo. Mas, não à direita e sim à esquerda. Precisamos de um governo que esteja decidido sem reservas a lutar contra a reação militar e nacionalista e que saiba ganhar a confiança dos trabalhadores o máximo possível sobre sua esquerda"[32].

É Legien quem é o grande vencedor. O velho burocrata sindical, pilar do governo de Ebert em 1918, sentiu perfeitamente o vento e compreendeu os revolucionários autoproclamados, as aspirações e a potência dos trabalhadores unidos. Ele também não chamou à greve geral, contra os putschistas armados até os dentes, a fim de se voltar à situação anterior, uma fórmula governamental que se reduzia a Ebert-Noske. Em 17 de março, Legien convida, ao seu conselho geral de sindicatos, representantes do Executivo do USPD, a saber, Hilferding e Wilhelm Koenen, que o escutam propor a formação de um "governo operário" composto de partidos operários, particularmente dos dois social-democratas, o majoritário e o independente, e de sindicatos. Um comunista, o ferroviário Ottomar Geschke, está igualmente presente, a pedido dos Independentes.

Os majoritários não têm mais nada a fazer que aceitar essa proposição. Independentes de quais sejam suas reservas e a hostilidade de muitos, seu partido não está em condições de endossar as conseqüências que teria de arcar com a recusa dessa proposição sindical. Tudo depende evidentemente dos Independentes. Mas, sua experiência governamental recente constitui para eles uma lembrança amarga e a combatividade manifestada pelos trabalhadores lhes faz temer serem atropelados por sua esquerda. Embora os dois homens que negociaram com Legien, Hilferding e Koenen, fossem partidários de aceitar sua proposição, eles se chocam com a ala direita do partido, que tem medo dessa aventura e se cobre de argumentos "de esquerda". Artur Crispien clama que não se pode governar com "traidores" e "assassinos". É o mesmo argumento que empregou, nos tempos do governo Scheidemann-Haase, a ala esquerda independente de Ernst Daümig e, esse último, garantindo que o governo proposto por Legien seria somente um novo "mais do mesmo" do governo Ebert-Noske, apóia a proposição de recusa de Crispien.

O USPD, portanto, recusa cortesmente a proposição de Legien, muito embora os dirigentes Independentes dos sindicatos berlinenses em torno de Oskar Rusch, habitualmente próximo a Daümig, mas profundamente mergulhados no movimento grevista, tenham se pronunciado firmemente por sua aceitação. Mas, apesar disso, não está tudo perdido. Legien não crê que seria inteligente ou mesmo simplesmente correto chamar o retorno ao trabalho sem que os trabalhadores, que ganharam essa batalha, recebam garantias sérias. Ele prorroga, portanto, a palavra de ordem de greve geral, se declarando em

32. *Vorwärts*, 18 de março de 1920.

pessoa pronto a tomar a frente do governo. Esse governo que, bem entendido, afastara Noske e seus amigos, colocara dirigentes sindicais nos postos-chave e tivera como primeira tarefa expurgar profundamente a polícia e as forças armadas alemãs.

Desta vez, Daümig foi abalado. Ele se diz pronto a aceitar, sob a condição de que o "governo operário" assim que formado convoque a constituição de conselhos operários. Não é compatível com o espírito mesmo da proposta de Legien – que acaba, por causa disso, por renunciar –, formulando para o fim da greve e para o próximo governo os "Nove Pontos dos Sindicatos", que compreendem numerosas reivindicações dos trabalhadores, desde o castigo dos putschistas e a depuração até a reforma democrática do Estado, além da preparação da socialização e de outros pontos do programa que ele pensou em confiar a um governo operário.

Debates públicos

Os dirigentes do KPD(S) estão tão profundamente divididos em relação à essa questão que os independentes. Quando da assembléia do comitê de greve da Grande Berlim, em 21 de março, depois da chegada da notícia de que havia combates encarniçados no Ruhr entre a *Reichswehr* não-golpista e os operários armados desde o golpe, os oradores comunistas, seguidos por numerosos trabalhadores independentes, se pronunciam pelo fim da greve. Pieck e Walcher explicam que a greve deve continuar até que os trabalhadores tenham obtido a única garantia séria que se poderia, segundo eles, lhes oferecer: o armamento do proletariado.

Pela primeira vez, a proposição de "governo operário" sai dos círculos dirigentes políticos e sindicais e é, enfim, mencionada e debatida publicamente numa grande assembléia operária, absolutamente representativa. Ao mesmo tempo em que Ernst Daümig reitera sua exigência de reconhecimento formal da ditadura do proletariado pelo eventual governo operário, os dois dirigentes comunistas presentes, Wilhelm Pieck e Jakob Walcher – que garantem que os comunistas não estão informados – frisam que falam somente em nome de si mesmos, sem mandato de seu partido e têm que improvisar. Ora, a improvisação dos comunistas, nessa situação, não deixa de ser interessante. Contra Daümig, Walcher sublinha, com efeito, que o governo proposto por Legien não seria uma reedição do antigo governo, mas ao contrário, "um governo socialista contra Ebert e Haase", de fato o governo da greve geral contra o *putsch* e contra Noske, mas também contra os ministros em fuga. Em si mesmo, este governo seria um passo adiante, uma conquista do movimento operário. Virando em direção aos representantes dos sindicatos, ele afirma:

> Se vocês levarem a sério seu engajamento, se quiserem verdadeiramente ajudar os trabalhadores e desarmar a contra-revolução, se vocês quiserem realmente depurar a administração de todos os elementos contra-revolucionários, ora, isso significa a guerra civil. Nesse caso, vai de si mesmo que não somente nós apoiaremos o governo, mas que seremos a ponta-de-

> lança neste combate. No caso contrário, se vocês traírem seu programa e se apunhalarem os trabalhadores pelas costas, nós então – e nós temos a esperança de que seremos seguidos, neste caso, por pessoas provenientes de suas próprias fileiras –, empreenderemos a luta mais resoluta, sem reservas e com todos os meios a nossa disposição.[33]

O comitê de greve da Grande Berlim decide finalmente, com o apoio dos representantes do KPD(S), votar pela continuidade da greve enquanto não forem obtidas garantias sobre a "integração dos trabalhadores nas forças de defesa republicanas", reivindicada pelos sindicatos. O governo Bauer – o de Noske, ainda teoricamente no lugar – se compromete de pronto a respeitar as quatro condições que apresentam os sindicatos: retirada das tropas de Berlim, suspensão do estado de sítio reforçado, comprometimento de não realizar nenhum ataque no Ruhr contra os operários armados e, na Prússia, recrutamento de operários, sobre o controle dos sindicatos, nos "grupos de segurança".

À crise do USPD, se junta agora uma crise na cúpula do KPD(S). Não havia nem bem saído a circular de 22 de março de 1920, precisando sua nova posição sobre o problema do novo governo operário, a Central, depois de uma longuíssima e muito viva discussão, decide desautorizar seus representantes no comitê da Grande Berlim em seu voto da véspera sobre as condições de retomada de trabalho e sua tomada de posição sobre o governo operário. Essa declaração é lida no comitê de greve no dia 22, ao meio-dia. Algumas horas mais tarde, a despeito de uma oposição de esquerda com Daümig, Koenen, Geyer e Stoecker, a direção do USPD se declara satisfeita com as novas concessões dos social-democratas. À noite, um texto assinado pelos sindicatos, pelo USPD e pelo SPD chama a volta ao trabalho, levando em conta as novas condições. O KPD(S), que considera essa decisão como uma capitulação, muda mais uma vez de opinião sobre a questão do governo operário. Tomando consciência que o *putsch* significou a ruptura entre a social-democracia e a burguesia, o KPD garante que a luta contra os militares visa o alargamento do poder político dos trabalhadores e explica:

> A etapa atual do combate, em que o proletariado não tem a sua disposição nenhuma força militar suficiente, em que o Partido Social-Democrata majoritário tem ainda uma grande influência sobre os funcionários públicos, os assalariados e outras camadas de trabalhadores, em que o Partido Social-Democrata Independente tem atrás de si a maioria dos operários das cidades, prova que as bases sólidas da ditadura do proletariado ainda não existem. Para que as camadas profundas das massas proletárias aceitem a doutrina comunista, é preciso criar um estado de coisas em que a liberdade política será quase absoluta e que impeça a burguesia de exercer sua ditadura.
> O KPD estima que a constituição de um governo socialista sem o menor elemento burguês e capitalista criará condições extremamente favoráveis à ação enérgica das massas proletá-

33. Citado por J. Walcher, "La centrale du KPD(S) et le putsch de Kapp", In: *Die Kommunistische Internationale*, n. 1, 1926, p. 406.

rias e lhes permitirá atingir a maioria da qual têm necessidade para realizar sua ditadura política e social. O partido declara que sua atividade conservará o caráter de uma oposição leal enquanto o governo não atentar contra as garantias que asseguram à classe operária sua liberdade de ação política e enquanto ele combater por todos os meios a contra-revolução burguesa e enquanto não impedir o reforço da organização social da classe operária. Ao declarar que a atividade de nosso partido "conservará o caráter de uma oposição leal", nós fazemos entender que o partido não preparará nenhum golpe de Estado revolucionário, mas conservará uma liberdade de ação completa naquilo que concerne à propaganda política em favor de suas idéias.[34]

Parece que esta clara tomada de posição – que não se tornará pública antes do dia 26 – influenciou os Independentes, que evidentemente tomaram conhecimento dela. Quando da notícia da retomada dos combates no Ruhr, na manhã do dia 22, os responsáveis das organizações operárias se reúnem de novo, os Independentes renunciam a exigir que um governo operário tome partido em favor da ditadura do proletariado; do poder dos conselhos. Daümig e Pieck polemizam perante o comitê de greve da Grande Berlim. Pieck explica: "a situação não está madura para uma república dos conselhos, mas está para um governo puramente operário. Na qualidade de operários revolucionários, nós desejamos ardorosamente um governo puramente operário"[35]. E lamenta que o USPD não tenha compreendido o interesse do proletariado numa situação favorável.

Uma ocasião perdida

A assembléia aprova a volta ao trabalho. Não houve governo operário. Por outro lado, o fim da guerra civil no Ruhr constituiu a revanche da *Reichswehr*. Como nos tempos de Noske, muitos combatentes vermelhos pereceram em combates perdidos de antemão e perfeitamente inúteis. A quase totalidade dos quadros sobreviventes se encontrava na prisão. Entre os mortos, lembramos do nome do ferroviário do USPD August Müller, o "Dudo", um dos chefes do Exército Vermelho.

Solidário com sua classe e preocupado com a eficácia, o general von Seeckt utilizou, para o restabelecimento da ordem, dois *Freikorps* compromissados até o pescoço com os putschistas, o de Rossbach e o da Brigada de Marinha Ehrhardt. A propósito da situação e do desenrolar geral dos eventos no Ruhr, Brandler exclama tristemente que lá não existe partido comunista. Para ilustrar a confusão que reina no dia seguinte do *putsch* na cúpula do KPD(S), falta acrescentar que o comitê central desse partido decidiu, por sua vez, por doze votos a oito, condenar a "declaração de oposição leal". Decididamente, ninguém engoliria a novidade.

34. *Die Rote Fahne*, 26 de março de 1920.

35. *Freiheit*, 24 março de 1920.

Debate interrompido na Internacional

Em Moscou, mais uma vez se acreditou que a hora da revolução alemã e de sua vitória próxima tinha soado. Na distante Ucrânia, Rakovsky a tinha anunciado com alegria a seu amigo Korolenko. Um manifesto da Comintern, em 25 de março, saudara a "guerra civil na Alemanha", afirmando que os trabalhadores eram os senhores de três regiões importantes; que um exército vermelho regular tinha aparecido[36]. Lenin, em seu discurso de abertura do IX Congresso do partido, em 29 de março de 1920, comparou o *Putsch* de Kapp ao de Kornilov – que precedera de muito perto a insurreição de outubro de 1917 – e assegurava que o momento em que marchariam "de mãos dadas com um governo soviético-alemão"[37] não estava mais tão distante.

Uma vez sendo a verdade conhecida, percebemos que ninguém também engoliu a novidade na Comintern, em que houve um verdadeiro levante. O erro maior do KPD(S), no momento de deslanche do *putsch*, fez dele um alvo fácil. A entrada de dois pesos pesados no debate mostra que a questão foi levada a sério.

Na revista *Kommunismus* de Viena, Bela Kun, a quem todos os comunistas tinham poupado em 1919, descasca os dirigentes alemães, tanto por sua passividade inicial quanto pela declaração de uma oposição leal[38]. Ele ironiza ferozmente, evocando o propósito desta última "revolução honesta" dos democratas burgueses, de quem Marx gostava de caçoar, e que somente é, diz ele, sua irmã-gêmea, nascida de uma utopia reacionária de fraternidade, uma palavra de ordem que desarma a vigilância e impede a preparação para a revolução; que não se deve utilizar em nenhuma circunstância, uma vez que não tem nenhuma chance de se realizar[39].

O ataque de Radek, que acabava de chegar a Moscou e de retomar seu lugar no secretariado da Comintern, é dirigido contra Walcher, Pieck e os outros defensores da "declaração de oposição leal". Mas ela visa, antes de mais nada, Paul Levi, que se contentou, prudentemente, em mostrar como a Central tinha as mãos atadas por sua primeira reação. Radek escreve que a declaração de oposição leal foi um grande erro, que seria falso ignorá-la, como um erro banal. Para ele, a direção do KPD(S) sofre do mal contrário a este putschismo combatido por ela, sofrendo, agora, do que ele chamou de "possibilismo comunista", que deve ser liquidado o mais rápido possível. Bancando o profeta, Radek assegura que se um governo operário chegar a nascer, isto se dará pela traição a todos tão logo for possível e que é um grande erro acreditar na existência de formas intermediárias de governo entre o parlamentarismo burguês e a ditadura do proletariado.

36. *Deuxième Congrès de l'Internationale communiste*, de agora em diante *DCIC*, p. 186.

37. Lénine, *Œuvres*, t. XXX, p. 454.

38. Béla Kun, "Les événements en Allemagne", In: *Kommunismus*, 14, 17 de abril de 1920, p. 403-411.

39. *Ibidem*, p. 407.

Lenin encerra o debate

Tudo isso – que, à primeira vista, parece um grito de guerra contra a direção do KPD(S) – acabou rapidamente com algumas frases de Lenin, acrescidas na última hora a seu trabalho sobre o esquerdismo. Condenando as formulações que considera falsas, por exemplo, sobre a "democracia burguesa que não seria a ditadura da burguesia", ou o emprego da expressão "governo socialista", ao passo que se deveria falar em "governo de social-traidores", Lenin descarta friamente os argumentos de catecismo dos grandes padres e garante que a declaração de oposição leal procedia de uma "tática justa quanto à questão de fundo, perfeitamente justa em suas premissas fundamentais e em sua conclusão prática"[40].

Quando toma conhecimento do artigo de Bela Kun, Lenin escreve, especialmente, que este último "esquece o que é a substância mesma, a alma viva do marxismo: a análise concreta de uma situação concreta". Acrescenta a este severo julgamento, algumas frases à guisa de lição, uma lição na qual coloca em xeque os catequizadores da experiência russa, presos à forma e que não conseguem enxergar os problemas de conteúdo:

> Se a maioria dos trabalhadores das cidades abandonaram os tenentes de Scheidemann em favor dos kautskistas e se no seio do partido kautskista ("independente", mas com relação à justa tática revolucionária), eles continuam a deixar a direita em direção à esquerda, isto é, ao comunismo de fato; se essa é a situação, não será permitido levar em consideração medidas de transição e de compromissos para com estes operários?
> É possível ignorar, é possível não levar em conta a experiência dos bolcheviques, que, em abril e em maio de 1917, conduziram, no que tange aos problemas de conteúdo, tal política de compromisso ao afirmar que era impossível pura e simplesmente derrubar o governo provisório (de Lvov, Miliukov, Kerensky e outros), uma vez que os operários dos sovietes estavam ainda a favor deles; ignorar que era, de início, preciso uma mudança na opinião da maioria ou de uma grande parte deles? Parece-me que não é possível[41].

O problema das palavras de ordem de transição sobre o governo operário, colocado pela vida, deverá reaparecer dois anos mais tarde e tomar assento no arsenal programático da Comintern na ocasião de seu IV Congresso. É uma das maneiras que tem a História de avançar – capengando. Para a história da Internacional, é de uma importância ímpar que ela tenha capengado nestes meses, tanto com sua perna alemã quanto com sua perna russa, mas,de qualquer forma, mais com a perna alemã que com a russa.

Em junho, em todo caso, as eleições ao primeiro *Reichstag* dão resultados que inspirarão modéstia nos comunistas naquilo que diz respeito à Alemanha. Os social-democratas, com 6.104.400 votos, elegeram 102 deputados. Os Independentes, com 5.046.800, conseguiram 84 cadeiras. Os comunistas, por seu lado, obtêm 589 mil votos e conquistaram duas, Paul Levi e Clara Zetkin.

40. Lénine, *Œuvres*, t. XXI, p. 107.

41. *Ibidem*, p. 168.

Novo começo

Foi um sinal de vitalidade a aparição, no seio da Comintern, de preocupações táticas no lugar do credo simplista sobre a tomada do poder na ponta da baioneta. Foram igualmente bons sinais, em que pese o tom pretensioso de Bela Kun e a arrogância de procurador de Radek, o começo de tais discussões; o esforço de criação e de conservação no domínio das idéias, em suma, da dialética da discussão política.

Será que os militantes se deram conta que os comunistas só chegaram decididamente perto do poder nestes anos – tanto em 1920 quanto em 1917 – porque estavam apoiados numa reação defensiva das massas a um golpe de força da reação militarista e de extrema direita? A lição, em todo caso, não foi aprendida na hora. Muito pelo contrário, os adeptos daquilo que se começa a chamar de ofensiva varrem esse importante elemento de experiência coletiva e é essa idéia que sustenta o desenvolvimento deste "esquerdismo", que Lenin batizará de "doença infantil" do comunismo.

Falta, todavia, acrescentar também, se se quer falar de experiência e de balanço, que, menos de um ano depois de sua proclamação numa pequena sala do Kremlin, embora as fileiras da nova Internacional tenham engrossado muito sob a influência de trabalhadores e de jovens da Europa inteira, havia já muitos lugares vazios. Esgotado por seus anos de prisão, desconfiado com os que se esforçam para tomar a frente do partido comunista britânico, ancorado na convicção de que é preciso acima de tudo construir um partido comunista na Escócia, John Maclean tinha deixado o seu posto desocupado. Entre os que fazem mais falta, há, certamente, toda a velha direção alemã, não somente Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, mas também – como conseqüência direta e indireta de seus assassinatos – Leo Jogiches, também assassinado, e Franz Mehring, morto de tristeza. Johann Knief foi morto pela doença dos pobres.

Há vazios gigantescos nas fileiras dos mais jovens combatentes, deixados por aqueles que conduziram as pessoas aos primeiros combates: Rudolf Egelhofer e Heinrich Dorrenbach na Alemanha, o austríaco Leo Rothziegel, o homem da Comintern; Mazin, os húngaros Tibor Szamuely, assassinado, e Ottó Korvin, enforcado; a francesa Jeanne Labourbe, massacrada; os marinheiros, o alemão Max Reichpietsch, fuzilado; o morávio František Raš, enforcado; os amotinados, como o tcheco František Noha, fuzilados; o guarda vermelho finlandês Yukka Rakhia, assassinado por terroristas de seu próprio partido; militares e *tchekistas*, além da "fração revólver".

Todos eles serão substituídos; contudo, eram todos insubstituíveis e foram preciso anos para fazer dos novos as mulheres e os homens que estes foram – por tal razão, estavam mortos. A Comintern nascia, certamente, mas numa interminável sangria. Não fora

ela quem inscrevera sobre seu próprio nome o signo do sangue. Contudo, farão ela carregar o fardo dessa responsabilidade até nossos dias.

Esquerdismo recorrente e oportunismo rompante

Paul Levi acreditou ter efetuado, em Heidelberg, uma intervenção cirúrgica a fim de preservar o organismo – que julgava estar são – do comunismo alemão. Lenin o reprovara por ter recorrido à cirurgia para curar uma doença específica da infância. Em verdade, tanto um como o outro se enganavam. A doença, que Lenin acabara de batizar de "esquerdismo", era bem mais difundida e profunda do que os dois imaginavam. Era um componente orgânico do movimento comunista, um elemento constituinte da Comintern nascente. Lenin foi provavelmente um dos primeiros a perceber e a provocar a exposição dos esquerdistas para, de uma vez só, encerrar-lhes nos marcos de uma discussão e destruir seus postulados numa discussão séria. A ex-feminista britânica, agora ligada ao comunismo, Sylvia Pankhurst, abrira fogo pela primeira vez na direção de Lenin numa carta que este recebeu em setembro de 1919, sendo publicada em *The Call* de 22 de abril de 1920 e que serviu de suporte às primeiras reflexões do dirigente bolchevique sobre essa questão.

Sylvia Pankhurst

Filha da fundadora do movimento das sufragistas pelo voto das mulheres, tornada socialista e fundadora, a partir do movimento feminista *Workers Suffrage Federation*, da *Workers Socialist Federation*, a qual editava o periódico *Workers' Dreadnought*, Sylvia Pankhurst fora a primeira revolucionária britânica a se ligar aos bolcheviques, a partir de maio de 1918, por meio de seu contato com Litvinov em Londres e fora o ponto de chegada dos mensageiros da Comintern nos anos seguintes. Ela assistira, em 1919, ao Congresso de Bolonha do PSI, participara das conferências de Ímola e de Frankfurt, organizadas

pelo Birô de Berlim da Comintern, antes de ir para Moscou, de encontrar Lenin e de participar – quando de seu retorno – da Conferência de Amsterdã, organizada pelo "birô ocidental".

Pankhurst começava por criticar o fato de que a atividade eleitoral prejudicava o trabalho político revolucionário em geral, depois contra o fato de que os eleitos não utilizavam suas posições para apoiar as lutas operárias ou difundir os temas de agitação revolucionária, isso antes de perder definitiva e categoricamente sua posição em 1919, depois de confirmar em sua "Carta aberta a Lenin" sua hostilidade ao princípio de participação nas eleições. Notadamente, sobre isso ela escrevia: "o movimento trabalhista na Inglaterra foi arruinado, na minha opinião, pela política parlamentar e municipal. Tanto os dirigentes como a massa só fazem esperar as eleições e – na preparação de sua campanha eleitoral – esquecem completamente o trabalho socialista. Pior, eles suprimem toda propaganda socialista para não assustar os eleitores"[1].

Paralelamente, ela se opunha resolutamente a que os comunistas britânicos do partido pudessem se filiar ao *Labour Party*, como recomendou Lenin a partir do exemplo do BSP. Lenin, em sua primeira resposta, propôs criar dois partidos comunistas, separados pela questão da participação nas eleições. Logo em seguida, entretanto, ele fará de Sylvia Pankhurst um dos alvos de seu ataque geral contra os esquerdistas e em sua crítica daquilo que chama de "doença infantil".

Os hamburgueses

Os primeiros oposicionistas expulsos do KPD(S) em Heidelberg a reagirem de forma organizada são os hamburgueses, que são animados, desde a época da guerra, pelo professor de história, depois jornalista, Heinrich Laufenberg e o jornalista Fritz Wolffheim, que dirigiram juntos o conselho de operários e de soldados de Hamburgo a partir de novembro de 1918 e animaram a fração comunista no congresso dos conselhos de dezembro de 1918 em Berlim. Desde outubro de 1918, os dois homens defenderam em Hamburgo a idéia da transformação da revolução em guerra popular revolucionária contra os imperialistas da *Entente* e pela aliança da Alemanha com a Rússia. Em maio de 1919, no *Kommunistische Arbeiterzeitung* de Hamburgo, eles condenam a eventual assinatura do Tratado de Versalhes, que qualificam de capitulação perante o imperialismo mundial. Eles não são atacados por Levi nesse terreno, mas somente por suas posições "sindicalistas". Desde o dia seguinte da expulsão de todos os delegados da oposição, eles tentam ligar a eles todos os grupos opositores, chamando-os a tomarem contato com eles:

> Todas as organizações de partido do KPD, que pensam que a ditadura do proletariado deve ser a ditadura da classe operária e não a dos dirigentes de um partido, que pensam, ademais,

1. *Workers' Dreadnought*, 17 de julho de 1920.

> que as ações revolucionárias de massa não devem ser comandadas do alto por um grupo de chefes, mas devem emanar da vontade das próprias massas e devem ser preparadas pela união no plano da organização dos proletários revolucionários nas organizações de massa sobre a base da democracia mais ampla.[2]

Em 3 de novembro, num suplemento de seu jornal, eles publicam um "Primeiro pronunciamento comunista ao proletariado alemão", logo em seguida publicado em separado sob o título *Guerra popular revolucionária ou guerra civil contra-revolucionária?* – "antipartido", como sublinha o historiador Louis Dupeux, mas também, "ponto de ancoragem de um autêntico nacionalismo comunista"[3]. É nas semanas que se seguem que eles tomaram contato, com bastante precaução, com elementos da direita nacionalista, círculos de oficiais em Hamburgo, mas também com o conde Ernst zu Reventlow e não, como a Central do KPD(S) garantiu, com o general von Lettow-Vorbeck. Laufenberg foi preso pouco depois.

Os comunistas de esquerda

Em realidade, as novas perspectivas dos hamburgueses são principalmente malacolhidas na oposição, fortemente influenciada pelos dois teóricos holandeses Hermann Gorter, instalado em Berlim, e Anton Pannekoek, de volta a Bremen. Mestres do pensamento de uma esquerda social-democrata alemã antes da guerra, de volta em novembro de 1918, os dois homens, que não podem aceitar as posições dos hamburgueses, se prestam a clarificar as questões em que há desacordo com a Central. Pannekoek, é preciso frisar, é um marxista convicto, um pensador rigoroso. Lenin, que tem estima por ele, está totalmente convencido de que é possível convencê-lo – ele e muitos outros juntos – ao esclarecê-lo. Pannekoek se debruça no desenvolvimento de suas posições numa série de artigos publicados no *Kommunismus* de Bremen, depois num estudo intitulado *A revolução mundial e a tática comunista*. Ele congrega, ao menos superficialmente, uma boa parte dos esquerdistas.

Reconhecendo com Radek e Levi que a Alemanha viu refluir sua revolução e que a revolução mundial estava condenada a ser um processo bem longo, Pannekoek sublinha que existem claramente duas tendências fundamentais no movimento revolucionário. Dado que a revolução não pode ser a obra de ninguém, em particular de nenhum partido, independente de sua forma, ele explica que o oportunismo se agarrou ao "partido" e que o movimento se dividiu entre uma ala "radical" e uma ala "oportunista". A primeira propõe princípios novos, o sistema dos sovietes e da ditadura do proletariado, a outra utiliza ainda os velhos meios, eleições, parlamento; sindicatos. A raiz de tudo isso se encontra, segundo ele, no fato de que as massas estão ainda, em grande medida, submetidas "ao modo de

2. *Kommunistische Arbeiterzeitung*, Hamburgo, 18 de dezembro de 1919.
3. L. Dupeux, *National-Bolchevisme*, p. 106 e 107.

pensar burguês", que faz com que conservem a crença "nos partidos, nas organizações; nos chefes". O futuro da revolução se situa nos países onde a burguesia é fraca e ainda recente e onde o proletariado está protegido de sua corrupção e de sua influência deletéria.

Nada de surpreendente, nessas condições, que os bremenses Carl Becker e Paul Frölich, primeiramente, não manifestem nenhum zelo por uma cisão e pela criação de um novo partido e conduzam o combate político em dois *fronts*, contra os hamburgueses e contra a Central "oportunista". Encarregados do birô de informação da oposição, eles fazem prevalecer essa linha e manifestam sua moderação em fevereiro de 1920, quando da criação da União Geral Operária da Alemanha (AAUD), sem, entretanto, obterem concessão da Central, que exige a ruptura pública com Wolffheim e Laufenberg antes de pretenderem qualquer readmissão nas fileiras do KPD(S). Já a oposição parece perto de se decompor. Uma ala se desliga abertamente do marxismo, com Otto Rühle, a quem Franz Pfemfert seguirá os passos. Aqui se celebra um "comunismo antiautoritário", próximo do comunismo libertário do anarquismo: opõe-se a liberdade de iniciativa, a espontaneidade e a recusa da disciplina – que se toma por traços "proletários" por essência – à disciplina, à centralização e à organização, "burguesas", por definição.

A conferência de Amsterdã

Até aqui, os debates com Moscou se desenrolam aparentemente numa atmosfera amigável e é somente na Alemanha que tomam, ao menos numa polêmica escrita, um tom áspero e violento. Mas, tudo começa a degringolar na seqüência de uma série de iniciativas tomadas pelo Birô de Amsterdã e seus inspiradores neerlandeses. Partindo do fato de que o Executivo da Comintern em Moscou decidiu adiar, sem fixar imediatamente uma nova data, a conferência internacional prevista na Europa ocidental para o fim de janeiro de 1920, o Birô de Amsterdã convocou sua própria conferência para o dia 3 de fevereiro. Amsterdã difundiu unicamente seus próprios materiais e não os do secretariado de Berlim e convidou com muito atraso os representantes deste último e do KPD(S). Essa leviandade é tanto mais imperdoável, pois o Birô de Amsterdã estava perfeitamente informado da existência de desacordos e de sua amplitude. Seguros do caráter inofensivo de uma polícia que conheciam e tinham por pacífica, os holandeses tratam alegre, barulhenta e ostensivamente seus convidados estrangeiros, os alojam nos maiores hotéis, se fazendo notar, por exemplo, ao entoarem, nos cafés, cantos revolucionários.

Os holandeses designam, aparentemente sem problemas, um birô do qual fazem parte elementos conhecidos por suas críticas ao bolchevismo, particularmente Hermann Gorter. Depois, perante as interpelações policiais que começam, os ataques da imprensa contra a "conferência dos vermelhos", a descoberta de que os primeiros dias dos debates da conferência estavam sendo gravados, eles perdem a cabeça. Seus dirigentes admitem perante os policiais que estavam organizando uma "conferência comunista", tentam barrar Clara Zetkin, que é presa e não gosta nada de tudo isto.

É o fim do Birô de Amsterdã. Haverá somente, resíduo de alguns meses de seu trabalho, um Birô Americano, criado no México, com alguns dos participantes da desastrosa conferência de fevereiro de 1920. Só saberemos mais tarde que os neerlandeses não são os únicos responsáveis. A polícia federal americana, numa operação de fôlego, conseguira colocar um de seus homens na confiança do delegado dos EUA, Louis Fraina. O informante, Nosivitsky, o organizador das escutas, fazia um relatório cotidiano a seus chefes e aos da polícia britânica. Os comunistas "boa-gente" de Amsterdã realmente não estavam à altura de suas tarefas.

O balanço de Amsterdã

É bem difícil compreender o que se passou na Conferência de Amsterdã. Certamente, ocorreu uma acumulação de carências materiais e de tarefas não cumpridas, com decisões unilaterais, autoritárias, arbitrárias, privando de seu direito os comunistas que tinham uma orientação diferente, até mesmo nuances, com os organizadores, retendo seus documentos. Será que os comunistas que tomaram essas iniciativas acreditavam estar agindo numa situação de urgência, estando, portanto, autorizados a tomarem medidas de "saúde pública"? Ou será que eles realmente acreditaram que uma sorte de vacância de poder na Internacional os autorizaria a atalhar discussões que mal tinham sido iniciadas? Pendemos mais para a estupidez e a candura que para o cinismo e a brutalidade como chaves do comportamento dos responsáveis de Amsterdã.

Igualmente, não podemos nos impedir de avaliar a incomensurável incompetência e, ao mesmo tempo, pretensão que os lançaram numa aventura para a qual nada os qualificava e que fez dos holandeses, durante alguns dias, verdadeiros desconhecidos em sua própria casa, incapazes de ver o perigo cotidiano que a polícia fazia pesar sobre um estrangeiro ou sobre um indivíduo considerado como subversivo. O balanço é ainda mais duro se imaginar o efeito produzido por tais "desventuras" sobre um revolucionário profissional do partido russo com alguns anos de trabalho clandestino e o juízo que poderia fazer do "partido mundial da revolução socialista".

Deixemos de lado os enormes erros de segurança. Existem falhas ainda maiores contra a democracia. Muitos dos futuros "delegados" já estavam presentes quando se decidiu convocar os outros. O delegado da oposição alemã foi avisado a tempo, porém nem o partido, nem o Birô de Berlim foram. Os textos preparatórios à conferência, que emanaram do secretariado de Berlim, não foram divulgados pelos organizadores e, no momento da conferência, esses últimos somente comunicaram aos participantes os seus próprios escritos. A conferência acreditou também ser seu direito repartir – sem consultar os interessados, nem os organismos já existentes – os países dependentes dos dois birôs da Europa, reservando para si a Europa ocidental e colocando Berlim na Europa central, tomando assim decisões que eram verdadeiros "golpes de Estado" no seio da Internacional, ou um *diktat* pronunciando anexações. Aliás, os organizadores já tinham decidido, antes mesmo

de sua existência, a composição dos órgãos executivos, que pertenciam todos a um grupo politicamente homogêneo não abertamente declarado. Enfim, se as "decisões" dessa conferência fossem aplicadas em, pelo menos, dois pontos, teriam tolhido gravemente discussões há pouco começadas, por exemplo, aquela da afiliação ao *Labour Party* do futuro PC britânico, defendida pelo BSP e por... Lenin, ou ainda a definição, bem americana, dos sindicatos de categorias como "aristocracia operária", rejeitando nos países ocidentais 16 milhões de sindicalizados nessa categoria!

A fundação do KAPD

A oposição, que se esfarelava durante os primeiros meses de 1920, foi ressuscitada por um choque que a eletrocutou: a explosão do esquerdismo, que se seguiu ao *Putsch* de Kapp e particularmente no Ruhr; as rivalidades entres os grupelhos e seus pequenos chefes para se superarem mutuamente em sua esquerda no extremismo mais suicida depois do fim da greve geral. Aos olhos dos antigos membros da oposição, expulsos em Heidelberg, todos os trabalhadores alemães tinham, daquele momento em diante, "compreendido" a "traição" da "Central Levi" no dia do *putsch*: esse teria, segundo eles, chamado à passividade, depois defendido o respeito aos acordos de Bielefeld, o que levou à deposição das armas dos operários perante o inimigo de classe. É Karl Schroeder, 35 anos, militante de antes da guerra, intelectual ligado a Mehring, depois a Liebknecht e a Rosa Luxemburgo; discípulo de Hermann Gorter, que, de Berlim, tomou a iniciativa de convocar uma conferência da oposição comunista para propor a questão da fundação de um novo partido comunista. Onze delegados de Berlim, aos quais se juntaram outros 24 delegados de organizações da província – representando, garantiam eles, algo em torno de 38 mil militantes – responderam ao seu chamado. O grupo de Bremen que, com oito mil membros, era um dos mais importantes, não compareceu e, chefiados por Carl Becker, solicitaram sua reintegração no KPD(S).

A conferência decidiu fundar o *Kommunistische Arbeiterpartei Deutschlands*, KAPD, ou seja, o Partido Comunista Operário da Alemanha. Supostamente, esse partido teria um estilo novo, livre dos chefes, virando as costas não somente à "Central Levi", devido a sua "traição", mas também ao "velho partido estilo *Spartakus*". O KAPD se proclamava como "carregado dos sentimentos antiautoritários das massas". Seu programa correspondia em todos os pontos às grandes linhas definidas recentemente por Anton Pannekoek, contendo estas frases, copiadas mais tarde por Lenin, com indignação:

> Dois partidos comunistas se encontram hoje em presença.
> *Um é o partido dos chefes* que pretende organizar a luta revolucionária e dirigi-la *do alto*, aceitando o compromisso e o parlamentarismo, a fim de criar situações que permitam a seus chefes entrar num governo de coalizão que deteria a ditadura.
> *O outro é o partido das massas* que espera embaixo a ascensão da luta revolucionária, que conhece e aplica nesta luta somente o método que conduz claramente ao fim, que rejeita todos os métodos parlamentares e oportunistas. Esse método único é o da derrubada resoluta da burguesia a fim de instaurar a ditadura proletária de classe e de realizar o socialismo [...]. Eis ali a ditadura dos chefes; aqui, é a direção das massas! Tal é a nossa palavra de ordem[4].

As condições objetivas da revolução proletária estavam mais do que maduras, mas as condições subjetivas – o estado de espírito do proletariado – ainda não, e era preciso desenvolver "sua consciência de classe", que era o papel do partido: "O KAPD não é um partido tradicional. Ele não é um partido de chefes. Seu trabalho essencial consistirá em apoiar a emancipação do proletariado por fora de toda direção [...]. A emancipação do proletariado por fora de toda política traidora e contra-revolucionária de quaisquer que sejam os dirigentes é o meio mais autêntico para a sua libertação"[5]. Enfim, em meio à solicitação de sua adesão à Internacional Comunista, o congresso do KAPD condenava, sem recurso, como "oportunista" o trabalho nos sindicatos reformistas ou nos parlamentos, anunciando assim sua intenção de desempenhar um papel ativo nas organizações paramilitares ilegais, com os outros partidos operários; as "organizações de combate".

O KAPD praticamente não foi objeto de discussão na ocasião do III Congresso do KPD(S), que ocorreu logo depois de seu nascimento. Por outro lado, o secretariado da Europa ocidental da Comintern em Berlim deu uma declaração sobre seu pedido de adesão à Internacional Comunista. Foi uma verdadeira declaração de guerra, utilizando a fundo a presença de Laufenberg e de Wolffheim no novo partido.

Contra-ataque aos esquerdistas

As primeiras respostas evidentemente foram escritas por Radek e dirigidas contra os piores esquerdistas alemães, Wolffheim e Laufenberg. Ela se dedica notadamente a mostrar quão ilusória é a idéia de se desvencilhar do Tratado de Versalhes ao tentar surpreender o inimigo com uma "ofensiva imediata": "fanfarronadas", "política do café do Comércio", diz ele. E o que é mais perigoso ainda: é que fará o jogo da direita nacionalista na França. Tendo passado o episódio do *Putsch* de Kapp e suas conseqüências, podemos chegar na clarificação que se impõe sobre o conteúdo. Uma resolução de maio do Executivo da Internacional Comunista coloca fim à missão do Birô de Amsterdã:

> Foi unanimemente decidida a anulação do mandato do Birô de Amsterdã, uma vez que esse defende sobre todas estas questões (eleições, sindicatos) um ponto de vista oposto àqueles do Executivo. Suas funções passarão ao secretariado da Europa ocidental. Se forem reunidas conferências parciais de partidos aderentes à III Internacional, suas decisões não poderão

4. Transcrito, efetivamente com indignação, por Lenin em *Œuvres*, t. XXXI, p. 35.
5. Comunicado sobre a dissolução do Birô de Amsterdã, *DCIC*, p. 437.

ter nada além de um caráter preparatório. Somente o congresso internacional convocado pelo Comitê Executivo pode tomar decisões definitivas.[6]

Wolffheim e Laufenberg são desacreditados pela baixeza de seus ataques contra Paul Levi, que eles tratam como o judas que "apunhalou pelas costas" o *front* alemão em 1918, indo mesmo neste sentido a fazer injúrias anti-semitas. No verão de 1920, desaparecem do movimento revolucionário. Mas, como a hidra da lenda, o esquerdismo, sempre decapitado, vê aparecer sobre si mesmo novas cabeças. Bordiga endurece em relação às suas posições abstencionistas e coloca o problema da presença, dentro do PSI, de um Turati que conduz no parlamento uma política de sua própria escolha e caçoa publicamente daquelas do partido. Além disso, Bordiga se dirige por escrito à Comintern. O pequeno partido belga de War van Overstraeten se junta, por sua vez, ao coro dos "anti-parlamentaristas".

Um novo centro de sensibilidade esquerdista surge com o Birô de Viena e, sobretudo, com sua revista *Kommunismus*, dirigida por Krasny, que era próximo a Radek. Somam-se e se combinam, nesse sentido, diversas influências: do sectário PC austríaco e, sobretudo, de Bela Kun e do grupo de emigrados húngaros de Viena, chefiados pelo intelectual Gyorgy Lukács. Este último se esforça para relacionar a participação eleitoral não aos princípios, mas à tática e Lenin o considera tolo. Bela Kun, a este propósito, inventa aquilo que chama de "boicote ativo", "agitação revolucionária tão larga como se o partido participasse dos debates". Lenin tira sarro dele. O historiador Franz Borkenau, de seu lado, pensa que o filósofo, em sua língua especial, estava caricaturando ao exagerar até o absurdo o pensamento de Lenin, fazendo do partido o único e todo poderoso fator da história, portanto da revolução.

Nova intervenção de Lenin

Lenin, com o caso de Amsterdã, decidiu intervir sobre a questão do esquerdismo na discussão internacional, aberta por uma decisão do CE da IC de 1° de setembro e que estava um pouco confusa. Trata-se de elevar ao plano internacional o debate público de idéias. Escreve o longo texto intitulado *O esquerdismo, doença infantil do comunismo* antes de saber da fundação do KAPD e escreve suas últimas linhas em maio de 1920. Será, de sua parte, um desejo de se explicar sobre a validade da experiência russa, que lhe faltou na discussão com Thalheimer? Em todo caso, Lenin começa com uma longa explicação, segundo a qual alguns traços da experiência russa têm uma amplitude internacional, isto é, uma influência sobre todos os países; são os mesmos traços repetindo-se inevitavelmente em escala internacional. Logo em seguida, acrescenta – como se pressentisse o uso prejudicial da utilização dessa idéia esquematizada – que não se trata de nada mais que de traços essenciais e que, depois da vitória da revolução num país avançado, a Rússia tornar-se-á rapidamente, não mais exemplar, mas retardatária do ponto de vista "soviético" e socialista. Ele se detém, em seguida, numa idéia interessante sobre a resistência que encontra o proletariado em sua revolução e o que, segundo ele, se depreende daí:

6. Outro comunicado *DCIC*, p. 436.

> A ditadura do proletariado é a guerra mais heróica e mais implacável da nova classe contra um inimigo *mais poderoso*, contra a burguesia, cuja resistência foi decuplicada pelo fato de sua derrubada e cuja potência não reside somente na força do capital internacional, na força e na solidariedade internacional das ligações da burguesia, mas também na *força do hábito*, na força da *pequena produção*. Pois, infelizmente, ainda resta no mundo uma quantidade muito grande de pequena produção: ora, a pequena produção engendra o capitalismo e a burguesia, constantemente, a cada dia, a cada hora, espontaneamente e em proporções vastas. Por todas essas razões, a ditadura do proletariado é indispensável, sendo impossível vencer a burguesia sem uma guerra prolongada, opiniática, encarniçada; sem uma guerra até a morte, à qual é exigido o controle de si mesmo, a disciplina, dureza; uma vontade una e inflexível[7].

Eis aí o primeiro traço comum que o mundo toma emprestado da revolução russa. É tal tarefa, nessas condições, que exige um partido forte, sólido, disciplinado; forjado a ferro e fogo. Os outros traços são a luta contra o oportunismo e, como se ela fosse seu reverso, a luta contra o "espírito revolucionário pequeno-burguês que passa perto do anarquismo". Sublinhará mais à frente:

> A História, diga-se de passagem, confirmou hoje numa vasta escala, em escala mundial, o que nós sempre defendemos, a saber, que a social-democracia revolucionária da Alemanha era o que havia de mais parecido ao partido de que necessitava o proletariado mundial para vencer. Hoje, em 1920, depois de todas as vergonhosas derrotas, das crises da época da guerra e dos primeiros anos que a seguiram, parece claramente que, de todos os partidos do Ocidente, foi a social-democracia revolucionária da Alemanha quem deu os melhores chefes, os quais se colocaram de pé novamente, se restabeleceram, retomaram a força antes dos outros. Podemos vê-los no partido espartaquista e na ala esquerda proletária do Partido Social-Democrata Independente da Alemanha, que conduz sem fraquejar a luta contra o oportunismo e a falta de caráter dos "Kautskys", dos "Hilferdings", dos "Ledebours" e dos "Crispiens".[8]

Voltando à história bolchevique, Lenin menciona as duas vezes em que o partido sofreu de esquerdismo: em 1908, quando alguns se recusaram a utilizar o parlamento por mais reacionário que fosse e, em 1918, quando outros esquerdistas recusaram o "compro-

7. Lénine, *Œuvres*, t. XXXI, p. 17-18.
8. *Ibidem*, p. 28.

misso", isto é, a aceitação de Brest-Litovsk, o que permitiria a revolução de sobreviver. Ele lembra que os sindicatos marcaram um gigantesco progresso da classe operária no começo do desenvolvimento do capitalismo e marcaram a passagem do estado de dispersão e de impotência aos primeiros esboços do agrupamento de classe. É verdade que é impossível evitar nesses organismos um certo espírito reacionário, pois freqüentemente estão nas mãos da aristocracia operária, mas não se trata de lutar contra ela ou contra alguma outra categoria operária. É preciso conquistá-los ao arrancá-los das mãos dos inimigos: "não trabalhar nos sindicatos reacionários é abandonar as classes operárias insuficientemente desenvolvidas ou atrasadas à influência dos líderes reacionários, dos agentes da burguesia, dos aristocratas-operários ou dos operários aburguesados"[9].

Sobre a ação parlamentar, Lenin retruca aos esquerdistas todos seus argumentos: "a crítica mais violenta, mais implacável e mais intransigente deve ser dirigida não contra o parlamentarismo ou à ação parlamentar, mas contra os chefes que não sabem – e, mais ainda, que não querem – tirar partido das eleições ao parlamento e da tribuna parlamentar enquanto revolucionários e comunistas"[10].

No capítulo consagrado aos comunistas de "esquerda" britânicos, Lenin não é menos severo. A tática preconizada por Sylvia Pankhurst não é, segundo ele, nada além de uma "infantilidade de intelectual". Ele lembra que a revolução só pode vencer quando "os de baixo" não querem mais e "os de cima" não podem mais continuar a viver como antes. Portanto, o partido da classe operária deve, de início, obrigar os pretensos socialistas Henderson e Snowden a combaterem os burgueses Lloyd George e Churchill, depois ajudar a classe operária a compreender que esses burgueses não "servem para nada". Concretamente, isso que dizer construir um partido comunista unificado, propor ao *Labour Party* uma aliança eleitoral, sempre conservando em face dele total liberdade. Em seu conjunto, a demonstração é percuciente. Lenin mostra bem que os comunistas de esquerda tomam seus desejos por uma realidade objetiva, mas que, para ganhar a maioria dos oprimidos, é preciso uma tática: "tudo consiste em *saber* empregar essa tática na *elevação* e não no rebaixamento, no campo do proletariado, do nível geral de consciência, de espírito revolucionário, de capacidade de luta e de vitória"[11].

A resposta de Gorter a Lenin parece curiosamente fora das lutas cotidianas e mesmo da impaciência ativista dos comunistas de esquerda. Falta, segundo ele, ganhar a vanguarda, o que significa arrancar o operário da propaganda burguesa que o envolve via eleições e sindicatos. Isso somente pode ser atingido com um trabalho de propaganda e de educação. Não se trataria hoje de construir partidos de massa, mas de "núcleos puros e sólidos de comunistas"[12].

9. *Ibidem*, p. 48.
10. *Ibidem*, p. 61.
11. *Ibidem*, p. 70.
12. H. Gorter, *Offener Brief an den Genossen Lenin*, p. 108.

O KAPD e a Comintern

Não obstante, o KAPD lutará para se filiar à Internacional Comunista. O grupo de Berlim, em particular, parece ter dado a essa filiação uma enorme importância. No congresso de formação, seu relator sublinha que não se trata para o novo partido de pedir sua adesão à Comintern, mas somente de explicá-la. O pessoal do KAPD explica que há um acordo fundamental entre o programa revolucionário do KAPD e o da Comintern, ao passo que a "Central Levi", cuja política oportunista fora hostil à fundação da Comintern. Foi uma resolução unânime que proclamou que o KAPD se manteria firme no terreno da III Internacional. Não haveria porquê esperar qualquer simpatia do Birô de Berlim, que, como indicamos, havia declarado guerra ao KAPD em seu comunicado de 18 de abril, ao garantir notadamente:

> Ao longo das últimas semanas, a posição do KAP tem sido a seguinte:
> Empreendimento de relações com oficiais *kappistas*, provocando com isso o risco de putschs agenciados por provocadores.
> Em relação com os oficiais *kappistas*, renovou suas concessões ao nacional-bolchevismo e foi mais longe na cumplicidade com ele, que até o momento não passava da existência em suas fileiras do grupo nacional-bolchevista bem conhecido.
> Preconização do terror individual e da sabotagem industrial.
> Acredita ser seu dever combater, inclusive por métodos terroristas, o KPD(S), aderente da Internacional Comunista. É possível imaginar a decisão que tomará a Internacional Comunista, com respeito ao pedido de adesão do KAPD, após a passagem seguinte da resposta do Executivo da IC à carta do USPD concernente à sua adesão:
> *"Nenhuma palavra nas deliberações de seu congresso sobre a unificação com o KPD. A unidade do proletariado revolucionário a exige. Não podemos realmente conhecer a ditadura do proletariado e o poder dos sovietes se não queremos ao mesmo tempo tomar medidas reais, séria e conscientes, para que a vanguarda do proletariado deste país, que provou por uma longa e dura luta (tanto contra os oportunistas quanto contra os sindicalistas e os semi-anarquistas, que se autoproclamam de esquerda) sua capacidade de conduzir a classe operária em direção a esta ditadura, beneficie do apoio de todos os trabalhadores conscientes, para que sua autoridade seja reforçada e a tradição assim adquirida seja cuidadosamente preservada e desenvolvida. A Liga* Spartakus *na Alemanha, que fora fundada por dirigentes como Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht, constitui precisamente uma vanguarda que obteve uma importância internacional e é impossível silenciar perante ela como fazem os Independentes da Alemanha".*[13]

Diante da possibilidade de não serem aceitos, só restava a possibilidade de tentar obter, em Moscou, discussões diretas com os dirigentes da Comintern. Foi esse o objetivo

13. Comunicado do Secretariado da Europa ocidental, *Die Rote Fahne*, 18 de abril de 1920, In: *DCIC*, p. 344.

da viagem aventureira, empreendida pelo marinheiro Jan Appel e pelo jovem intelectual e artista Franz Jung. Partindo em um barco de pesca – que desviaram em alto-mar, obrigando a tripulação a se dirigir para Murmansk –, eles chegaram em Moscou ao 1° de maio e foram amigavelmente recebidos, encontrando-se longamente com Lenin, Zinoviev e Radek. Lenin fez com que eles lessem passagens de seu trabalho, concluído havia alguns dias, mas ainda não publicado. Os dois delegados – como confessariam mais tarde – se sentiram pouco à vontade, pois não tinham conhecimento do programa de seu partido – vivamente criticado por seus interlocutores – antes da viagem e eram pessoalmente hostis à política de Wolffheim e Laufenberg, cuja presença no KAPD estava no centro das acusações contra seu partido.

Depois de um mês de longas entrevistas e sessões de trabalho e de uma reunião especial do Executivo, a resposta foi dada sob a forma de uma carta do Executivo da Comintern datada de 2 de junho. Ela começa com uma afirmação para delimitar os marcos do debate: "nós sabemos que a enorme maioria dos membros do KAPD são trabalhadores sinceros, revolucionários, que estão invadidos pela vontade sagrada de lutar pela emancipação do proletariado, que estão profundamente convencidos de se situarem no terreno da Internacional Comunista. Sabemos igualmente que nosso julgamento sobre a atitude do KAPD os castigará"[14]. O Comitê Executivo tem por tarefa ser "o centro de gravidade político dirigente dos movimentos operários de todos os países" e, no presente caso, deve exprimir-se evidentemente de maneira aberta sobre a natureza das controvérsias. Também, começa por declarar sem rodeios que as concepções do KAPD, diferentemente daquelas do KPD(S), são "um desvio claro do comunismo".

Sobre a questão da palavra de ordem de saída dos sindicatos, que fora lançada pelo KAPD, o Executivo relembra que a maioria dos trabalhadores alemães são sindicalizados e reconhecem, de bom grado, que as acusações contra os burocratas sindicais, feitas pelo KAPD, são justas, todavia garante que é precisamente por isso que a palavra de ordem pela saída "é uma palavra de ordem insensata, que não faz outra coisa que reforçar os burocratas sindicais odiados". Após longas e detalhadas explicações, conclui-se sobre esse ponto: "não sair dos sindicatos, não renunciar menosprezadamente, *aristocraticamente, ao trabalho nos sindicatos, mas trabalhar assiduamente no seio dos sindicatos, formando frações comunistas até nas menores frações dos sindicatos; lutar incansavelmente contra a social-democracia nos sindicatos; realizar trabalho sindical sistemático, a fim de arrancar esse instrumento de submissão dos trabalhadores das mãos dos agentes do capital*"[15].

Sobre a questão do parlamentarismo, o Executivo garante que em nenhum dos casos deve se tratar de motivo de cisão, lembrando também a experiência russa e a de Liebknecht no *Reichstag* durante a guerra, a fim de dizer que se opõe às posições do KAPD.

Consagra, então, um longo desenvolvimento às divergências sobre o papel do partido comunista na revolução. Os comunistas de esquerda "confundem desesperadamente os conceitos de *classe* e de *partido*; eles esquecem que o partido é a *vanguarda* da classe operária, sua *fração* mais avançada. Esquecem que a tarefa da *vanguarda* [...] é elevar o nível de consciência das massas até o nível da vanguarda [...], esquecem que o partido comunista é o *cérebro* da classe operária, seu *estado-maior general*, sem o qual o poderoso inimigo, a burguesia, não pode ser vencido"[16]. Retoma os argumentos bem conhecidos de Lenin sobre a centralização de ferro e a disciplina militar, absolutamente necessárias à vitória, e sobre o mal que causa à classe operária "o menor equívoco, a menor concessão aos anarquistas [...] em relação ao papel do partido comunista na revolução proletária"[17].

Depois de uma argumentação consagrada aos Independentes, sobre os quais retornaremos mais tarde, o Executivo da Comintern aborda a questão da presença, no KAPD, de Wolffheim e Laufenberg, cuja "guerra contra a *Entente* é o alfa e o ômega da política"[18]. O Executivo, particularmente bem-documentado nesse ponto, menciona um artigo de Laufenberg no jornal do KAPD – encharcado, segundo o EC, de "veneno nacionalista" –, o manifesto do 1° de maio de Laufenberg, *Comunismo contra espartaquismo*: "no estilo dos miseráveis escrevinhadores do nacionalismo alemão, Laufenberg e Wolffheim puderam, em nome de toda a organização do seu partido, acusar Paul Levi de haver apunhalado o *front* alemão por sua agitação! [...] o que Laufenberg reprova em relação ao *Spartakusbund*, consiste de fato em sua glória na história da revolução mundial"[19]. Nesse ponto, a atitude do KAPD é inaceitável: apoiar Wolffheim e Laufenberg, garante o Executivo, é finalmente jogar sobre os espartaquistas a responsabilidade do sangue derramado e eximir os carrascos contra-revolucionários do exército, dos *Freikorps* e da social-democracia. Também, sobre esse ponto, dá um veredicto em forma de ultimato:

> O Comitê Executivo da Internacional Comunista declarou aos seus delegados que não se pode considerá-lo um partido comunista revolucionário sério enquanto admitirem em suas fileiras caluniadores infames da gloriosa história do comunismo alemão; enquanto vocês tolerarem nelas pessoas e organizações que atacam os princípios mesmos do comunismo. Seus representantes ficaram constrangidos de terem que reconhecer que deverão exigir, quando de seu retorno à Alemanha, a expulsão de Laufenberg e Wolffheim, assim como das organizações que compartilham do ponto de vista deles.
> Saudamos este despertar da honra proletária e da clarividência proletária de seus delegados e esperamos firmemente que vocês preencham seus deveres solenemente aceitos e que tomem a via em direção à Internacional Comunista.[20]

14. "Lettre ouverte aux membres du KAPD", In: *DCIC*, p. 224.
15. *Ibidem*, p. 230.
16. *Ibidem*, p. 233.
17. *Ibidem*, p. 235.
18. *Ibidem*, p. 236.
19. *Ibidem*, p. 237-238.
20. *Ibidem*, p. 239.

Igualmente parece ao Executivo que é incompatível o pertencimento de um partido como membro da Internacional Comunista que afirma, ao mesmo tempo, ser oposto à existência mesma da Internacional Comunista, como Otto Rühle o fez em 18 de abril no congresso da organização do KAPD em Dresden. Os delegados do KAPD aceitaram reivindicar a expulsão de Rühle e das organizações que compartilham de seu ponto de vista. O Executivo previne: "nós esperamos que vocês cumpram esta tarefa. Vocês devem cumpri-la se quiserem comparecer ao congresso internacional enquanto partido comunista. [...] A condição é uma declaração preliminar afirmando que se submetem às resoluções do congresso da Internacional Comunista"[21].

Depois de uma última observação concernente a uma frase "obreirista" no programa do KAPD, que trata do "ponto de vista absolutamente insensato e demagógico", expressão da "política anarquista pequeno-burguesa", o Executivo termina sua longa mensagem com uma proposição prática que acrescenta às condições citadas a constituição imediata, com a central do KPD(S), de um birô paritário sob a presidência de um membro do Executivo da Comintern.

A conclusão do Executivo é a de um organismo que não hesita em afirmar-se e que pareça convencido de que a discussão séria lhe dará razão:

> Nós lhes dizemos abertamente nossa opinião sobre as questões controversas. Para nós, não existe "neutralidade" na luta pela vitória da revolução mundial. Para nós, não existe "país estrangeiro", onde a Internacional não terá direito de se meter. A Internacional é a pátria dos trabalhadores: ela o foi nas teses escritas por Rosa Luxemburgo, que representava um farol para os melhores trabalhadores revolucionários alemães, na época em que tiveram seu sangue derramado nos campos de batalha pela pátria capitalista. Estamos convencidos de que cada trabalhador revolucionário alemão saudará nossa franqueza de linguagem; quaisquer que sejam suas posições a respeito das idéias que foram expostas aqui. Façam com que nossa carta atinja milhares de exemplares, que se torne objeto de discussões sérias da organização de vocês, que a opinião pública dos membros do KAPD force seus dirigentes a abstrair de todo amor próprio e a levar em conta o que está em jogo para vocês [...] Não tomem uma decisão precipitada. Tomem-na depois de uma reflexão madura e depois de uma discussão motivada. Possa nossa carta fraternal contribuir a unificar os operários comunistas da Alemanha em um *front* de luta resoluto.[22]

Em verdade, a carta demorou muito para atingir o KAPD. No intervalo sem notícias de Appel e de Jung, o KAPD enviou dois novos delegados, August Merges e Otto Rühle, cujos encontros com o Executivo começaram somente em 19 de julho.

21. *Ibidem*, p. 240.

22. *DCIC*, p. 242.

Os Independentes em face de Moscou

Havia na Comintern um desacordo sobre a questão do partido Independente alemão. Lenin falara desse partido com enorme secura. Sob o nome de Arnold Struthahn, por outro lado, Karl Radek escrevera que esse partido constituía "uma guinada na história do movimento operário alemão [...] uma pedra angular no desenvolvimento da revolução proletária mundial"[23]. Lenin, entrementes, continuava a vituperar aqueles a quem chamava de "kautskistas" – Kautsky era membro do USPD.

À carta de Crispien, propondo uma conferência internacional, o Birô de Berlim, a despeito de Paul Levi, reagira desde janeiro de 1920 com uma circular de grande brutalidade, dizendo que faltava ainda aos Independentes demonstrar que eram revolucionários e se desvencilhar dos social-patriotas, precisando, enfim, que só aceitaria discussões públicas. Será a resposta do Executivo da Comintern, datada de 5 de fevereiro, mais positiva? Sim, embora fosse endereçada primeiro "aos trabalhadores alemães", em segundo lugar "à Central do KPD(S)" e só no final "ao Comitê Central do USPD". Sim, embora fosse uma longa lista de acusações contra os dirigentes Independentes por seu comportamento no curso da revolução, seus erros, sua agitação-propaganda e organização "pequeno-burguesa democrática" e não "revolucionária-proletária", reconhecendo somente da boca para fora a ditadura do proletariado e o sistema soviético. Sim, no final das contas, porque no fim do bombardeio há proposições: abrir discussões bilaterais diretas, enviando a Moscou delegados do USPD; estudar um alargamento do programa da Internacional e a fusão com o KPD(S). Bem-entendido, toda colaboração com os "dirigentes da direita do USPD" é rejeitada de início.

E fica nisso por vários meses. Com efeito, é no começo de abril, ou seja, três meses mais tarde, que Mikhail Borodin se apresenta nos escritórios do USPD, carregando a dita carta de 5 de fevereiro de 1920, cuja publicação os dirigentes Independentes – que se dizem espantados com a atraso – só publicarão a partir de 29 de maio em seus jornais, um mês depois de *Die Rote Fahne* (dia 23 e de 26 a 28 de abril). É a arrancada depois da pausa. Borodin insistiu junto a Crispien para o envio a Moscou de uma delegação. Pessoas da esquerda Independente tomam posição de combate, como Wilhelm Herzog, que intitula seu número de *Forum*: "de Moscou a Leipzig: clareza a qualquer preço!". Chliapnikov, que estava em Berlim como representante dos sindicatos russos, foi convidado à uma sessão do Executivo Independente em 7 de maio. Ele desmente que Moscou tenha colocado quaisquer pré-condições às negociações, do tipo expulsão dos membros direitistas ou fusão com o KPD(S). De fato, Lenin tinha mudado de atitude, pois havia se convencido. Já em *Esquerdismo*, concluído um pouco antes do fim de abril, escrevia:

> O USPD tem claramente falta de homogeneidade: ao lado dos velhos oportunistas (Kautsky, Hilferding e verossimilmente, em larga medida, Crispien, Ledebour e outros), que provaram

23. A. Struthahn, "Les Indépendants et l'Internationale", In: *Die Internationale*, 1° de novembro de 1919, p. 299.

sua incapacidade de compreender o significado do poder dos sovietes e da ditadura do proletariado, além de sua incapacidade de dirigir este último. Formou-se nesse partido uma ala esquerda, proletária, que tem uma rápida progressão. Centenas de milhares de membros desse partido (que conta, creio eu, com quase ¾ de milhão) são proletários que [...] marcham com largos passos em direção ao comunismo. [...] Temer um "compromisso" com essa ala do partido seria simplesmente ridículo. Ao contrário, os comunistas devem procurar e encontrar uma forma apropriada de compromisso suscetível a fim de acelerar a completa e necessária fusão com tal ala[24].

Lenin retorna, no anexo do livro, sobre a questão da "declaração de oposição leal" e a justifica, como sabemos, pela necessidade de um compromisso indispensável com os operários Independentes. A seqüência se dará em Moscou e também em todas as cidades operárias alemães. A Internacional vive.

Decepções e esperanças

No momento em que o que estava em jogo começa a efervecer, ainda era a Alemanha, mais uma vez, que estava na frente, desta vez com uma perspectiva surpreendente e grandiosa: um partido comunista contando com centenas de milhares de membros. Contudo, as coisas estão longe de se desenvolver no mesmo ritmo em todos os lugares. E registram-se decepções nos países sobre os quais os bolcheviques tinham nutrido esperanças aparentemente razoáveis.

Na Tchecoslováquia[25], os russos acreditaram que os quadros recrutados nos campos de prisioneiros de guerra operariam, no mínimo rapidamente, sua fusão com os elementos avançados da classe operária da Boêmia e da Morávia. Os tchecos eram os únicos que os russos autorizaram a formar na Rússia um partido comunista, enviando-os de volta a seu país rapidamente, onde o escritor Ivan Olbracht, vindo por conta própria para a Rússia, juntou-se a eles. A decepção é grande. A combatividade operária é real em todo canto, porém as reações nacionais são diversas. A Tchecoslováquia saiu da guerra obscurecida pela fragilidade da independência nacional, finalmente adquirida, e pelo receio de perdê-la, ao passo que as minorias – eslovacos, húngaros e alemães – pensam que foram usados e que estavam pagando dívidas que não eram deles.

Mal tinham retornado ao país, Alois Muna e seus camaradas tornam-se alvo de seus adversários e compatriotas da guerra civil, os "legionários" da ex-Legião Tcheca, motivados pela solidariedade dos combates e pela raiva do comunismo. Os comunistas vindos da URSS estabeleceram-se, em sua maioria, em Kladno, centro operário metalúrgico

24. Lénine, *Œuvres*, t. XXXI, p. 69-70.

25. Utilizamos aqui o livro de Zinner, *The Communist Party Strategy and Tactics in Czechoslovakia, 1918-1948*, assim como o artigo de G. Skilling, "The Formation of a Communist Party in Czechoslovakia".

e minerador, onde estão sob a proteção dos trabalhadores, para quem eles simbolizam, ao mesmo tempo, as aspirações operárias e a revolução russa. A esquerda social-democrata os acolhe de braços abertos. Mas, ela é prudente. O chamado que lhes faz quando de seu retorno sublinha as diferenças que existem entre, de um lado, a Tchecoslováquia e, de outro, a Alemanha ou a Rússia. Para essa esquerda social-democrata, a situação da Tchecoslováquia é excepcional e única, pois o governo nacional, obtido depois de séculos, prometeu satisfazer as reivindicações mínimas dos operários e de responder às aspirações a reformas democráticas do Partido Social-Democrata.

A dificuldade de uma cisão aparece, aliás, no destino pessoal de Muna. Este desenvolve, em seu jornal de Kladno, uma linha comunista, independentemente da esquerda social-democrata. Em Praga, uma outra célula comunista, dirigida por Handlíř, conectada a Moscou por rádio, desenvolve, também, os temas da Comintern. Muna é expulso do partido pelo Executivo em janeiro de 1919, por 25 votos a 20. A medida, entretanto, não é ratificada por nenhum dos escalões inferiores, controlados pela esquerda. Isso não impede que a mesma esquerda, no mesmo momento, mostre que a política bolchevique e espartaquista só trouxe "ruína e catástrofe" para a Rússia e para a Alemanha. Controlando uma parte do aparato – é majoritária em Kladno, mas também em Brno e Ostrava –, ela bem que pretende se apoderar do partido por dentro, porém proclama que se recusa a empregar a violência. Por ora, somente se define no partido como a Esquerda Marxista (*Marxisticka levice*).

O líder da Esquerda Marxista tcheca é Bohumir Šmeral. É um político sagaz que jogou durante a guerra a carta do austro-eslavismo, a obtenção da independência tcheca pela monarquia. Alfred Rosmer passou alguns dias em Praga em maio de 1920. Ele escreve, sem dúvida com uma excessiva severidade, algo puritana:

> A luta esta bem viva no interior do partido; seus dirigentes queriam manter a coalizão realizada durante a guerra entre a burguesia nacional de Masaryk-Beneš e o Partido Social-Democrata, apesar das críticas de uma forte oposição que exigia a ruptura e o retorno à uma política socialista de luta de classes. [...] Fui atingido pela maneira como meus interlocutores falavam de Bohumir Šmeral: era um oportunista seguro, fora deputado no *Reichsrat* sob os Habsburgo e fizera, se podemos dizer, suas provas. Estavam embaraçados, entretanto não poderiam esconder uma certa admiração por sua habilidade de político malandro. Repetiram várias vezes que "não podiam fazer nada sem Šmeral", como que respondendo a uma objeção sempre presente.[26]

Estimamos que a Esquerda podia contar com algo em torno de dois terços a três quartos do partido. Mas, ela não trabalhava para tomar a direção nem expulsar a direita.

Em 1920, a Comintern se impacienta e ordena Bohumir Šmeral a se identificar claramente com o comunismo, a romper com o seguidismo e a parar de brincar, com sua

26. A. Rosmer, *Moscou sous Lénine*, p. 47.

tendência, de ser observador do desenvolvimento político. Šmeral, como o pessoal do Executivo, sabe que um dia será preciso resolver o problema. Ao longo de um encontro em Moscou com Lenin, em 5 de maio de 1920, ele garante que o proletariado tcheco é revolucionário, mas que isso não significa que estão prontos a botar tudo a perder, como fizeram os operários de Viena e de Budapeste. Segundo Hana Majderová, Šmeral se encontrou igualmente com Lenin, Trotsky, Radek e Zinoviev. Todos acreditam nele, todos pensam que sua tática é justa[27]. Ele, em realidade, apenas ganhou tempo, mas isto é particularmente precioso neste período. As críticas e reservas contra ele – enquanto não se decide–, provêm da esquerda tcheca, de Muna e de Olbracht, ambos sobre influência russa, e do dirigente operário de Kladno, Antonín Zápotocký. Vem também dos alemães e de seu líder Karl Kreibich, em Reichenberg, que apoiou a posição de Lenin contra a guerra desde 1914. Há também marxistas eslovacos e húngaros que reivindicam o comunismo, como vimos no imediato pós-guerra. Mas, a questão nacional, para eles, se coloca em grande parte em oposição à Boêmia e aos tchecos, nova "grande nação" que domina o novo Estado chamado "tchecoslovaco".

Na França, no congresso de Estrasburgo, os "longuetistas", ou centristas, tomaram a direção do partido socialista. Na esquerda, o Comitê da III Internacional reagrupa socialistas e sindicalistas combativos. Boris Souvarine logo publicará seu *Bulletin communiste*, graças aos subsídios dados por Dëgott. Grandes esperanças nascem com o que Annie Kriegel chama de uma interpretação de extrema esquerda ao lugar da dominante sindicalista. A greve dos ferroviários de Périgueux, em janeiro de 1920, foi o clarão-anunciador da greve geral dos ferroviários da PLM em fevereiro. Ela resultou de uma mobilização retumbante, em que as massas ultrapassaram os militantes. Como diz a mesma historiadora, o assunto local tornou-se assunto nacional e mesmo enfrentamento de classe. Contrariamente ao que esperavam alguns, esse fato não deslanchou o mecanismo revolucionário. Uma das conseqüências, entretanto, foi a chegada, no comando do sindicato dos ferroviários, de uma equipe sindicalista revolucionária, animada por Gaston Monmousseau, que tinha por conselheiro Pierre Monatte. A prova de força é preparada pelos dois lados, mas ela é melhor do lado das empresas e do governo: fura-greves, União Cívica, guarda pretoriana dos patrões, grupos de ex-combatentes de direita, a exemplo dos americanos. Do lado dos grevistas, entretanto, a tática conhecida como "greve por ondas" se revela desastrosa.

O governo aproveita a deixa. Centenas de exonerações, o movimento operário organizado sofre: dissolução da CGT e numerosas prisões por um suposto complô contra a segurança do Estado. Boris Souvarine, Gaston Monmousseau e Pierre Monatte estão na prisão da Santé. Não somente eles não se afobam mais, como se dirigem para a criação do partido comunista. Jovens como Raymond Lefebvre e Paul Vaillant-Couturier pensam que se entrara num período pré-revolucionário e o emissário da Comintern, Vladimir Dëgott, é seduzido por seu entusiasmo e ardor. O primeiro partirá para Moscou por via

27. H. Majderová, "Die Entstehung der kommunistischen Partei der Tschechoslovakei", In: *Jahrbuch für Kommunismusforschung*, p. 133.

marítima. Alfred Rosmer, delegado pelos amigos de Loriot do Comitê da III Internacional, parte no fim de abril via Itália e chega a Moscou em 20 de junho, sendo precedido por dois dirigentes centristas do PS: Frossard, um pacifista de guerra, e Cachin, um "social-chauvinista", que, partidos em 31 de maio, estimavam chegar em 14 de junho. Está se dando a formação do PC.

Podemos pensar que se saiu de um longo período de dificuldades na Grã-Bretanha. Lá, a ação pela defesa da revolução russa é mais eficaz do que nunca. Em 10 de maio, os estivadores do porto de Londres descobrem caixas de munição com destino à Polônia no cargueiro *Jolly George* e começam a greve. O secretário do distrito de Londres do sindicato dos estivadores, Fred Thompson, apóia os estivadores, afirma que nenhuma caixa de munição deve partir. Finalmente, o movimento se estende até o conjunto dos portos do país sob a impulsão do secretário do sindicato, Ernest Bevin. A federação dos mineiros pede, em 10 de junho de 1920, às outras organizações a preparação de uma greve nacional contra o envio de armas para a Polônia e contra a repressão na Irlanda. O comitê *Hands off Russia* (Tirem as mãos da Rússia) conduz uma campanha, à qual numerosos sindicatos se associam. A publicação no *Daily Herald* de documentos – emanados de um oficial Branco, celebrando a eficácia da ajuda de Winston Churchill aos generais – coloca mais fermento na massa dos adversários da intervenção.

No mesmo período, as intermináveis negociações para a unificação das forças comunistas chegam finalmente a um termo, reunindo ao redor do BSP os diversos grupos militantes de delegados. Sylvia Pankhurst e seu grupo, ainda abstencionistas, não participam da unificação. John Maclean, suspeitando que o representante da Comintern Theodor (Fedor) Rothstein, dito John Bryan, seja um agente do governo britânico durante a guerra, retorna à Escócia. Na convenção de unidade, um comitê provisório comum, presidido por Rothstein, foi criado para o Partido Comunista (seção britânica da III Internacional), o CP (BSTI).

Os trabalhadores da Europa ocidental reagiram, via de regra, como os minerados ingleses. Os estivadores de Dantzig bloqueiam todo o transporte para a Polônia branca. Os ferroviários tchecos revistam todos os trens e desembarcam todo armamento e munição, legalmente transportados ou não. É um combate internacional, uma pré-guerra civil: o exército polonês é aconselhado por uma missão militar francesa, que conta com o general Weygand. Os grevistas podem ter o sentimento de terem colaborado com a derrota dos agressores. Em 26 de abril, Piłsudski anunciou a entrada de seu exército no território soviético. Em 8 de maio, toma Kiev, mas, em 13 de junho, tem que evacuar. Suas tropas são perseguidas pelo exército de Tukhatchevsky, com Smilga e Rakovsky como comissários políticos, em marcha sobre Varsóvia. Voltaremos a isso.

Um conflito amadurece na Itália

Na Itália, a greve de Turim, em abril, pelo reconhecimento dos conselhos de fábri-

ca, inspirada pelo pessoal do *Ordine Nuovo*, é o sinal de uma importante radicalização dos trabalhadores: os metalúrgicos (50 mil) estiveram em greve durante um mês inteiro e os outros trabalhadores, por solidariedade, onze dias, numa parada de trabalho de todas as corporações, que começou em 11 de abril (500 mil grevistas). Não sem razão, Antonio Gramsci, enxerga aí um "campo de batalha entre dois partidos políticos, um oficial, outro formado pelos bonzos sindicais". Um pouco mais tarde, em 26 de junho, as tropas concentradas em Ancona, para uma expedição contra a Albânia, se amotinam.

A faísca de Ancona provoca uma onda de greves nas fábricas de munição: trata-se, dessa vez, de impedir a intervenção contra a Rússia. Os operários, de Roma a Milão, sofrem *lockout* por terem feito greve contra o fornecimento de armas à Polônia; outros operários, em represália, tomam uma fábrica de munição. Gramsci brada literalmente: "aonde vai o Partido Socialista?". A questão está definitivamente colocada. A seção turinesa do PSI, dirigida por Angelo Tasca, adota um texto intitulado "Por uma renovação do Partido Socialista Italiano", que será distribuído a todos os delegados do II Congresso da Internacional Comunista.

Zinoviev abre o jogo

Foi no mês precedente à abertura do II Congresso da Internacional Comunista que seu presidente Zinoviev abre publicamente o jogo num artigo intitulado "O que a Internacional Comunista foi até agora e o que ela deve se tornar"[28]. Ele anuncia desde a primeira frase: "estamos na encruzilhada. A Internacional Comunista deve agora realizar seu trabalho num ritmo totalmente novo"[29]. Explica que antes da fundação da Internacional Comunista, a II Internacional detinha ainda os partidos mais importantes e que somente os grupos audaciosos juntaram-se à III. Hoje, tudo mudou, diz ele:

> De um lado, a III Internacional, para a qual se viraram quase todos os velhos partidos e que já dispõe em todos os países uma sólida base de organização, e de outro, no lugar da II Internacional, um monte de escombros.
> Até agora, a Internacional Comunista foi essencialmente um órgão de *propaganda* e de *agitação*. Ela torna-se agora uma *organização de combate*, a qual se incumbe de dirigir diretamente o movimento em diferentes países. Ao longo do primeiro ano de sua existência, a Internacional Comunista foi somente o *porta-estandarte* do proletariado internacional, que se perfilava para o combate decisivo. Agora, ela se torna a *organizadora prática* desse grandioso combate mundial sem precedentes na história.[30]

28. *DCIC*, p. 464-478.
29. *DCIC*, p. 464.
30. *Ibidem*.

Depreende-se dessa nova situação, novos deveres, mas, antes de mais nada, prudência e precaução quando se trata da filiação à III Internacional de partidos pertencentes ainda à II, que vêm empurrados pela base, com chefes, aparentemente, resignados. Zinoviev insiste: "é preciso, acima de tudo, conseguir que os partidos em questão estejam suficientemente esclarecidos sobre *o que se torna agora a III Internacional e sobre as obrigações que ela impõe a todo partido que nela entre*".[31] Ele precisa:

> A Internacional Comunista insiste, de maneira absolutamente imperativa, sobre a necessidade de ruptura com o reformismo e reformistas, mesmo nos partidos em que nossos simpatizantes são maioria, por exemplo, na Itália, na Suécia, na Iugoslávia e alhures. Que os representantes dos partidos, que acabaram de ser enumerados e que desejam aderir à Internacional Comunista, tenham bem em conta isso.[32]

E, praticamente sem transição, ele acusa: no texto do Partido Independente, não há nenhuma resposta "clara, direta, franca" às questões colocadas e está claro que os dirigentes procuram subterfúgios. A situação não é melhor com o PS francês. Seu órgão, a *Humanité*, cujo diretor é Marcel Cachin, acaba de publicar sem comentários um texto de Pierre Renaudel, "agente da SDN" e um outro de Ignacy Daszyński, qualificado de "camarada", sendo que é o braço direito de Piłsudski que acabara de lançar seu exército contra a Rússia Soviética. No PS suíço, Robert Grimm declara-se partidário da adesão à III IC insistindo sobre o fato de que é preciso, antes, uma revista socialista internacional, exercendo permanentemente influência sobre a ação parlamentar; uma agência socialista internacional. Segundo o testemunho de Serrati, o reformista italiano Modigliani teria dito a Jean Longuet: "qual razão poderíamos ter para não aderir à Internacional Comunista? A que isto nos obrigaria? De fato, a nada além de enviar, de quinze em quinze dias, um cartão-postal com belas vistas e belas paisagens ao Comitê Executivo da Internacional Comunista"[33]. É impossível deixar pessoas como estas sabotarem amanhã o interior da ditadura do proletariado. É preciso à Internacional, não diplomatas, mas combatentes.

Em seguida, Zinoviev chega àquilo que chama de "o movimento instintivamente revolucionário, mas teoricamente ainda muito confuso, dos *shop-stewards* na Inglaterra, dos IWW em diversos países, assim como do setor revolucionário dos sindicalistas e anarquistas".[34] Explica que, sem dúvidas se trata de movimentos confusos, mas sadios, movimentos de transição ao comunismo, nascidos da degeneração dos partidos oportunistas. É absolutamente necessário fazer-lhes entender o papel do partido comunista e, para isso, mostrar na prática outros partidos verdadeiramente comunistas – em suma, da propaganda para a ação. Aqui Zinoviev sublinha a necessidade de constituir, custe o que custar, em

31. *Ibidem*, 465.
32. *Ibidem*.
33. *Ibidem*, 470.
34. *Ibidem*, 471.

face da Internacional amarela de Amsterdã, que acabou de nascer, uma Internacional Sindical Vermelha. Os sindicatos aderentes participarão dos congressos nacionais e internacionais dos sindicatos, mas não à Internacional de Amsterdã? Os comunistas são contra a cisão imediata e geral de todos os sindicatos, sendo a favor de entrar neles, mas, ao mesmo tempo, para conduzir neles uma luta sem misericórdia contra os dirigentes amarelos. O dirigente russo insiste sobre a necessidade de uma reunificação na Alemanha, condenando os desvios esquerdistas do KAPD e os erros do KPD; convida os franceses a vencerem seu ceticismo – uma discreta alusão a Rosmer – e a fundar, custe o que custar, um partido comunista. Pronuncia-se pela unificação britânica e pelo retorno de Sylvia Pankhurst e de seu grupo à tarefa comunista. Espera também pelas "tarefas" confiadas ao PSI. O programa é pesado. O partido de Serrati deverá se purgar dos elementos reformistas, arrancar os sindicatos das mãos desses reformistas que não convocaram um congresso por seis anos. Suecos, iugoslavos e mesmo búlgaros têm deveres análogos.

Algumas palavras sobre a coragem dos proletários submetidos ao terror branco na Finlândia e na Hungria e o presidente termina com um apelo no qual perpassam, igualmente, alguns temas que podemos considerar como um certo esquerdismo do aparato:

> De agora em diante, em quase todo o mundo, a burguesia *só subsiste graças ao apoio dos amarelos social-democratas*. Nunca o papel reacionário dos partidários da II Internacional apareceu assim tão claramente quanto hoje.
> A Internacional Comunista, e todos os partidos que são seus membros, tem diante de si um trabalho gigantesco. A Internacional Comunista deve se tornar o estado-maior efetivo do exército proletário internacional, que ora desperta e se reforça a olhos vistos. O movimento comunista internacional cresce como uma avalanche. A revolução proletária cresce. É preciso que saibamos organizá-la e dirigi-la. É o papel da Internacional Comunista não somente o de preparar a vitória, não somente o de dirigir a classe operária durante a conquista do poder, mas também o de dirigir o conjunto da atividade da classe operária depois da conquista do poder. Ou a Internacional será uma organização internacional de combate, centralizada, disciplinada, homogênea, ou ela será incapaz de realizar sua grande missão histórica.[35]

O Congresso de Moscou vai pegar fogo.

Os socialistas em viagem

As viagens não são fáceis entre o Moscou e o estrangeiro, porém são possíveis. Rosmer contou a sua – e os encontros que teve na Europa operária. Passando por Milão, ele encontra primeiro seu guia russo, que chama de Ivan sendo provavelmente Daniel

35. *DCIC*, p. 478.

Riedel, com quem já cruzamos, e com Amadeo Bordiga, que lhe trata friamente: o sindicalismo revolucionário, ele diz, é uma teoria "errônea, antimarxista e, por conseqüência perigosa". Depois, Rosmer se encontra com Serrati, em que se dá uma reunião informal de viajantes. Ao redor de Serrati e de outros dois italianos, entre eles Gustavo Sacerdote, havia húngaros, austríacos, um russo, N. N. Liubarsky, um romeno, um búlgaro e Fernand Loriot. Sacerdote apresenta uma "espécie de relatório administrativo" sobre a situação italiana. Depois, Serrati fala francamente: "temos conosco a cidade e o campo. Os operários respondem ao nosso chamado; os camponeses não são menos ardentes; em numerosas comunas rurais, substituíram em suas prefeituras o retrato do rei pelo de Lenin. Nós temos a força. Nós a temos de maneira tão absoluta, que ninguém, nenhum adversário, sonharia em contestá-la. O problema para nós é a utilização dessa força".[36] Rosmer encontra Liubarsky. Eles falam sobre *comunismo*. Depois, visita o veterano anarquista Malatesta, muito atraído pela Comintern, mas que se pergunta o que lá fazem os dirigentes reformistas da CGL.

Em Viena, Rosmer passa três dias. A cidade respira pobreza. Ali, a reunião é dominada pelos refugiados húngaros. Ele descobre a *Kommunismus*, "de tendência esquerdista", diz, acrescentando: "sua redação era certamente original, mais pessoal, menos dependente das posições consideradas como oficiais"[37]. Em Praga, não há viajantes: "os comunistas não tinham razão de ir para lá; tinham é de evitar"[38]. Em Berlim, primeiramente, se encontra com Clara Zetkin, "otimista e bem calorosa" e, seguindo conselho de Clara, com Paul Levi, "sombrio e resmungão", tão obcecado, quanto perseguido por seus esquerdistas[39]. Reencontra também Liubarsky, clandestino, sem documentos, e que deixa Serrati indignado pelo fato de se ter marcado um encontro com ele numa rua. Rosmer encontra outros viajantes em rota para Moscou: Angel Pestaña, os romenos e o búlgaro de Milão, outros búlgaros, dentre eles Kolarov, os quais tinham a aparência de "tabeliães ou de ricos comerciantes"[40]. Encontra-se também, com prazer, com Chliapnikov – vindo como delegado fraternal ao congresso dos sindicatos dos metalúrgicos alemães–, que lhe informa que Frossard e Cachin também estão em Berlim, em rota para Moscou. Depois, vai para Stettin*, onde embarca para Reval. O bom Rosmer fica incomodado quando percebe que o inglês Murphy ou o estadunidense Fraina, passageiros clandestinos no compartimento de carvão, tentavam sair sem se fazer notar. Na missão soviética de Reval, durante a espera da partida, ele tem longas conversas com Angel Pestaña, que lhe garante que a situação na Espanha é absolutamente revolucionária.

Jules Humbert-Droz, por sua vez, viajou de Stettin a Reval com alguns viajantes

36. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 38.
37. *Ibidem*, p. 43.
38. *Ibidem*, p. 46.
39. *Ibidem*, p. 48-49.
40. *Ibidem*, p. 50.
* Atual Szczecin, na Polônia. [N. do T.]

"legais", os delegados independentes alemães e Paul Levi, mas também com ilegais, como o suíço Walther Bringolf, o búlgaro Minev, o belga War van Overstraeten e Voja Vujović, um sérvio das *Jeunesses socialistes* francesas, que está lá com Goldenberg. Humbert-Droz escreve: "o mais impressionante eram as pilhas de locomotivas e vagões metralhados, demolidos e parcialmente queimados. [...] Em Petrogrado, a impressão foi decepcionante e dolorosa, as indústrias fechadas, os vidros quebrados e substituídos por placas; todas as vitrines de lojas destruídas e barradas por paliçadas; uma grande parte das ruas despavimentadas, sendo o pavimento de madeira utilizado pela população como lenha para o aquecimento"[41].

O vai-e-vem dos visitantes

Todo esse pessoal chega finalmente em Petrogrado, de onde os delegados e acompanhantes serão transferidos a Moscou, algumas vezes agrupados de forma esquisita. Alguns são recebidos com muito aparato, como os doze italianos, se bem que, em 18 de junho, Bukharin, na *Pravda*, lhes senta o sarrafo, convidando-os, sem mais, a se decidirem, enfim, a colocar francamente sobre suas portas a insígnia do comunismo e a expulsar de suas fileiras os reformistas turatianos.

Evidentemente, os delegados reagem ao espetáculo da rua, das cidades, dos subúrbios e dos campos. Angel Pestaña inicialmente, ao chegar à fronteira, está cheio de entusiasmo, de admiração, de alegria intensa, depois fica impressionado com a tristeza nos rostos: "nenhum sorriso, nenhum sinal de alegria, nem mesmo a menor manifestação de felicidade. [...] E um silêncio impenetrável"[42]. John Reed, por sua vez, conhecia a Rússia e a viu em 1919. Ele fica chocado com a mudança positiva, mesmo que subsista "miséria, doença e desespero". Há progressos reais, mas a partir de um abismo. Pierre Pascal se lembrava com emoção da seriedade da pesquisa realizada por Raymond Lefebvre e seus camaradas Marcel Vergeat e Jules Bretho, dito Lepetit, e de suas críticas apaixonadas a uma causa que lhes entusiasmava. Murphy nota que há por todo lugar "trincheiras, arame farpado, prédios em ruínas, destroços de trilhos"[43].

Em todo caso, os delegados não ficaram isolados, eles puderam ver e interrogar, escutar as pessoas que maldiziam os bolcheviques. Eles comeram muito mal, uma sopa atroz de peixe, na maior parte do tempo, mas todos se alegraram com os italianos que trouxeram vinho e víveres para um regimento. Alguns xingam os camaradas camareiros que não enceraram os sapatos que deixavam em frente às portas. Os delegados colocam muitas questões e criticam os russos, que lhes respondem da melhor maneira possível. Eles informam-se mutuamente e os rumores correm. Rosmer, não sem malícia – lembrando as lágrimas de Cachin em Estrasburgo, durante o discurso de Poincaré, celebrando o retorno da Alsácia à França –, conta que um russo, sentado a seu lado na primeira reunião, quando de sua chegada, lhe diz: "é uma pena que vocês não tenham estado lá quando o seu Cachin e o seu Frossard compareceram perante o Comitê Central do partido. Foi Bukharin que os lembrou de seu chauvinismo, de sua traição nos tempos da guerra; foi muito emocionante: Cachin chorava"[44].

Os delegados são alojados, apresentados e recebem um horário de atividades – raramente respeitado. Mas, igualmente, são escutados e obrigados a escutar. São convidados e interrogados. São pressionados – amigavelmente, com certeza – para que vivam juntos. Lenin insiste em encontrá-los todos, desde sua chegada, e ter com eles uma conversa. Alguns têm um jornal e escrevem imediatamente algumas linhas. Todos, de uma maneira ou de outra, para um público ou para outro, escreverão um dia: "eu conheci Lenin". Mas, eles não publicarão as mesmas recordações. Para alguns até, as lembranças mudarão no decorrer dos anos.

O trabalho do II Congresso começa muitas semanas antes da chegada dos delegados. No fundo, é a própria Internacional Comunista que começa sua existência.

41. Jules Humbert-Droz, *Mon évolution du tolstoïsme au communisme*, p. 433.

42. A. Pestaña, *Setenta dias: Lo que yo vi*, p. 5-14.

43. T. Murphy, *New Horizons*, p. 145.

44. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 60-61.

O congresso das grandes esperanças

O II Congresso reúne, em Moscou, 217 delegados de 37 países e 67 organizações, cuja representatividade é indiscutível. Os testemunhos concordam com isso. Alfred Rosmer escreve:

> Neste mês de junho de 1920, a atmosfera de Moscou tinha qualquer coisa de exaltante: sentia-se, ainda, o arrepio da revolução em armas. Dentre os delegados vindos de todos os países e de todos os horizontes políticos, alguns já se conheciam, mas a maior parte se conheceu lá pela primeira vez. Uma verdadeira camaradagem nascia espontaneamente entre eles; as discussões eram ardentes, pois pontos de divergência não faltavam, mas o que os dominava era a existência neles de uma ligação absoluta à revolução e ao comunismo nascente.[1]

A situação militar e política pode parecer, com efeito, evidentemente favorável.

O Exército Vermelho em direção a Berlim?

A marcha sobre Varsóvia do exército de Tukhatchevsky não é somente para todos o símbolo da guerra civil, da vitória sobre os generais Brancos e sobre as potências que os equiparam e armaram durante todos esses anos. Ela abre uma perspectiva revolucionária na Polônia – e por que não, aos olhos de muitos, nesta Alemanha que ainda se agita, como mostraram os combates da primavera –, sendo talvez o começo tão esperado da revolução européia.

Radek, libertado, retomara suas funções de secretário na Comintern, pegando

1. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 67-68.

como secretária Ilona Duczynska. Em 5 de maio, ele apresenta um relatório que a revista da Comintern publicará. O governo soviético conduz uma guerra defensiva, mas não negociará um tratado a não ser com um governo operário e camponês da Polônia soviética. Radek expõe que o Exército Vermelho é o instrumento da ditadura do proletariado: ele deve libertar os povos da Ucrânia e da Bielo-Rússia oprimidos pelo jugo polonês, ao mesmo tempo em que reconhecerá o direito aos poloneses da independência nacional e libertará as massas trabalhadoras polonesas da opressão de sua própria burguesia.

Perante o congresso, desde a abertura, Julian Marchlewski, que até então não era sabido que tinha secretamente negociado com Piłsudski para fazer a economia dessa guerra, recebe uma acolhida triunfal quando saúda o avanço do Exército Vermelho e os progressos da revolução polonesa – sabemos que, num futuro próximo, ele será o chefe do governo da Polônia vermelha, pois dirige o *Revkom*, comitê revolucionário desse país. De maneira altamente simbólica, é Paul Levi, o líder do PC alemão, quem propõe ao congresso lançar um apelo pela ajuda efetiva da classe operária da Europa contra a Polônia branca. Um pouco mais tarde, o Independente Daümig é aclamado quando garante que cada quilômetro de avanço do Exército Vermelho é um passo em direção à revolução na Alemanha.

No espírito dos dirigentes russos, é a segunda vez, depois da revolução alemã de novembro, que os comunistas russos podem vislumbrar o fim de seu isolamento e, dessa vez, era para valer. Somente Trotsky e Radek fazem reservas. Zinoviev, por sua vez, tem confiança.

O outro fato da situação internacional eminentemente favorável, que eles crêem vivo, é a morte da social-democracia, praticamente alcançada, segundo Zinoviev, com a vinda a Moscou dos representantes de alguns de seus grandes partidos, mesmo se, no que concerne a alguns dentre eles, a única significação dessa viagens é que os ratos abandonam o barco.

Relatório da abertura

Cada delegado encontrou em seu quarto de hotel um importante dossiê, relatório escrito do Comitê Executivo, relatórios de diferentes países, projetos de resolução, o livro de Trotsky contra Kautsky, *Terrorismo e Comunismo*, e o de Lenin sobre *A Doença Infantil*. Alguns têm um choque ao tomar conhecimento de tais livros: por exemplo, Murphy, já abalado por uma discussão na fábrica Putilov, tem a impressão de que o texto sobre o partido equivale a uma verdadeira revolução na concepção do partido de cada delegado. Há também um projeto, preparado por Lenin, de 16 condições de admissão na Internacional Comunista.

Um comitê executivo, seriamente ampliado – notadamente, entram nele Rosmer e Šmeral –, constatando o atraso de numerosos delegados, decide postergar a abertura do congresso em uma semana, o que permitiria um trabalho preparatório em diversos domínios e uma bela festa em Petrogrado. É num ônibus conduzido por Kalinin, ex-secretário do sindicato dos condutores, que os delegados chegam à estação de Smolny, onde fazem uma grande refeição. A sessão de abertura se dá no teatro Uritsky – antigo palácio de Toride – na presença de milhares de operários da antiga capital. Ao final de uma gigantesca manifestação de rua, a massa assiste, a partir de meia-noite, em frente à antiga Bolsa, a uma peça de "teatro das massas", em grande voga na época, intitulada *Espetáculo de dois mundos* (Burguesia sobre o palco, trabalhadores no subsolo), representada por cinco mil atores, cuja descrição minuciosa foi realizada por Willi Münzenberg, John Reed e Alfred Rosmer – com pequenas diferenças e mais de 20 anos de diferença umas das outras. A peça retraça "a marcha do socialismo em direção à vitória, por meio das lutas e derrotas". Parte-se do *Manifesto do Partido Comunista*, cuja frase "Proletário de todos os países, uni-vos" é escrita em letras enormes. Os três tiros são disparados pelos canhões da fortaleza. Cenas evocam a Comuna de Paris, com danças e cantos de *La Carmagnole*; o assassinato de Jaurès, os chefes da II Internacional prosternados, Liebknecht gritando "Abaixo a guerra", ao retomar a bandeira vermelha renegada pela II Internacional. A revolução é representada pela aparição de carros carregados de operários armados e de marinheiros de Kronstadt, que colocam abaixo o edifício czarista. Percebe-se Kerensky, caçado por Lenin e Trotsky. Uma carga da cavalaria de Budionny, resumindo a guerra civil, fecha o espetáculo. Centenas de bandeiras vermelhas tremulam sobre o Palácio de Inverno. Os navios de guerra se iluminam sobre o Neva e uma estrela gigantesca se desenha no céu. Um espectador de hoje pode seguir quatro minutos dessa representação grandiosa – uma corrida da multidão regozijante, com um Zinoviev hilário no primeiro plano – num filme encontrado por Marc Ferro e adicionado em suas *Reportages sur Lénine*.

A primeira sessão, em Petrogrado, é aberta por um interessante relatório do Executivo que presta contas de sua intervenção no cotidiano dos partidos comunistas, indicando que este se ocupa da criação de organizações internacionais de jovens e mulheres. Na passagem, o Executivo declina toda responsabilidade sobre a *Bettelheimerei*, culpa exclusiva do PC húngaro, e pela fixação da data da manifestação internacional de 21 de julho, organizada essencialmente pelo PSI, sublinha, e cujo fracasso é devido à traição dos dirigentes sindicalistas franceses. O relatório insiste sobre o fato de que tal "traição" é tanto mais grave que tropas francesas tomaram parte na ofensiva contra a república dos conselhos da Hungria. O Executivo justifica, de igual modo, muito francamente, a dissolução do Birô de Amsterdã. Relevamos também as explicações que são dadas sobre o envio de delegados junto dos partidos e a ajuda financeira concedida a alguns. Lenin faz, em seguida, uma análise da situação mundial, relativamente detalhada, insistindo sobre a crise do capitalismo, apoiando-se bastante em um relatório de Paul Levi, assim como na crítica do livro recentemente publicado de Keynes. Depois, é concedida aos delegados uma interrupção de três dias, até a retomada dos trabalhos, desta vez, em Moscou.

Com efeito, até 1941– não sabemos ainda – a sede da Comintern estava instalada na capital, na Mokhovaia, e tanto seus colaboradores estrangeiros permanentes como os hóspedes importantes de passagem são alojados no Hotel Lux, localizado no número 36

da Tverskaia, a alguns minutos a pé do Kremlin. Lá, evidentemente, eles são numerosos e estão dispersos pela cidade.

Um verdadeiro congresso

Doravante, a sede do congresso será a grande sala do trono do czar Vladimir, no Kremlin. O estrado do trono foi ocupado pela tribuna. Os cômodos ao redor da grande sala foram remobiliados e cada um teve uma função: sala de leitura, uma para fumantes, secretariado, cantina; cômodo de repouso, com uma cama do czar que podia acolher cinco pessoas ao mesmo tempo. É na sala para fumantes que se encontra o célebre mapa em que se pode acompanhar a cada dia o avanço do Exército Vermelho sobre o *front* polonês. O trono, por sua vez, se encontra na sala de trabalho e serve de mancebo para casacos.

Os documentos são datilografados em quatro línguas, a saber, inglês, francês, alemão e russo. Os tradutores – entre eles Balabanova e Humbert-Droz – protestam vivamente contra as interrupções, que os incomodam muito. As intervenções não são traduzidas simultaneamente, mas somente quando terminam. Certas traduções são somente resumos, salvo as de Balabanova, de quem Jules Humbert-Droz suspeita de enrolação, pois a cada duas ou três falas do orador, ela discorre um bom tempo. O congresso designou uma comissão presidencial, ou birô do congresso, uma comissão de mandatos, além de comissões especiais para cada ponto da ordem do dia. O sistema de vozes nas votações é bem complicado: não são os partidos mais numerosos que têm mais voz e o jogo das necessidades políticas faz com que os britânicos, com seu minúsculo partido, tenham-na mais do que os italianos. Os delegados, geralmente, votam com os braços levantados, com um cartão vermelho para os delegados a título deliberativo, ou verde, se a título consultivo. O voto por chamado nominal é de direito se três delegações o requisitam. Os delegados russos são os mais numerosos, mas raramente todos votam. Nenhuma votação foi contestada.

Os delegados fazem suas refeições no Kremlin, para onde vão a pé do hotel em que dormem e tomam o café-da-manhã. Faz muito calor. Os russos distribuíram camisas coloridas para serem vestidas sobre a calça com uma cinta de couro. Humbert-Droz conta que, para marcar, sem dúvidas, suas reservas para com a política bolchevique, os dois alemães do USPD, Crispien e Dittmann, vestiram suas próprias camisas alemãs, abertas de lado e com uma cinta de seda preta! Todo o Gotha do universo comunista está presente. Mas, falta Bela Kun. Refugiado em Viena, onde fora preso por quase um ano, ele encontrou dificuldades na travessia da Alemanha, que a pressão soviética acabou por amenizar. Ele chegará somente quando o congresso estiver terminado, mas bem a tempo de se juntar à delegação do congresso que irá a Baku.

Quando da sessão de abertura, Zinoviev, bem em forma, dá uma forte impressão, prometendo que o próximo congresso se dará numa grande capital ocidental. Ele garante solenamente: "O III Congresso da Internacional entrará para a história desde o momento

em que se abrir. Lembrem-se deste dia, saibam que ele é a recompensa de todas as nossas privações, de nossa luta corajosa e decidida. Digam, expliquem a seus filhos, que eles entenderão. Guardem bem a marca deste momento"[2].

Os grandes debates: o partido

O congresso começa pelos grandes debates de princípios. O primeiro ponto na ordem do dia diz respeito ao papel e a estrutura dos partidos comunistas. Ele fora comunicado em quatro línguas. Zinoviev, que introduz o debate, impressiona por uma desenvoltura e segurança melhoradas. Ele polemiza com Pannekoek, que opõe "massa" ao "partido": para os comunistas, o partido é somente a fração mais avançada, a mais consciente, portanto a mais revolucionária das massas. Zinoviev insiste sobre o que não deve ser o partido, considerando o que fora demonstrado, segundo ele, pelos da II Internacional. Ele convida os delegados a refletirem seriamente sobre o fato de que os comunistas teriam sido vencidos vinte vezes na Rússia se não tivessem um partido centralizado com uma disciplina militar. De todo modo, todos os partidos deverão enfrentar uma guerra civil e somente os que forem organizados de tal modo são capazes de vencê-la. Ele defende o papel do partido comunista como motor das outras organizações e a necessidade de sua manutenção depois da tomada do poder.

Angel Pestaña, um anarcossindicalista espanhol, não está nada convencido da necessidade de um partido, garantindo que isso não foi necessário à Revolução Francesa (o que fez com que Trotsky lhe gritasse da audiência: "E os jacobinos?"). Os grupos britânicos ficam se atritando, sobretudo devido à vontade do BSP de aderir ao *Labour* para "manter o contato com as massas operárias"[3]. São muito interessantes as intervenções dos delegados, que falam de sua própria experiência de partido comunista. O húngaro Matyas Rákosi atribui a derrota da revolução na Hungria à fusão com o Partido Social-Democrata, o que debilitou o PC. Ele garante sob uma forma dogmática e brutal: "As experiências da república dos conselhos húngara confirmaram em todos os aspectos as idéias dos camaradas russos e, cada vez que nos desviamos dela, sofremos enormes perdas"[4]. Paul Levi volta sobre a questão da distinção entre classe e partido: é, para ele em particular, "a clareza, a cabeça esclarecida, o objetivo claro, a natureza clara e bem-definida e o programa claro e bem-definido" do partido. Porém, uma concha sem seu animal é um ser morto e todo partido que não encontra o caminho das massas está condenado a ser uma seita: eis aí, segundo ele, o problema essencial[5]. Serrati proclama seu acordo total com o relatório

2. *Terceiro Congresso da Internacional Comunista* (ed. alemã), doravante, *DCIC*, p. 14. Nas notas seguintes, que fizerem referência às atas do congresso, contentaremo-nos em indicar a página.

3. p. 78.

4. p. 81.

5. p. 86

de Zinoviev, chama a atenção do congresso sobre a maçonaria, na qual deseja que os comunistas sejam proibidos de entrar. Ele será atendido nesse ponto. Ele critica, também, as concessões feitas pelos russos aos "camponeses medianos" e aos "semiproletários"[6].

Trotsky critica Levi, a quem reprova ter afirmado enfaticamente que a grande massa dos trabalhadores tem consciência da necessidade de um partido, o que não é exato. Para Trotsky, os trabalhadores têm o sentimento de poder escolher entre um partido *à la* Scheidemann e todas as nuances daqueles que rejeitam todo e qualquer partido, estes são, precisamente, aqueles com quem quer discutir neste congresso. Trotsky lembra aos delegados que na França, no começo da guerra, o revolucionário russo que ele era se sentia infinitamente próximo dos sindicalistas Rosmer e Monatte e totalmente oposto a Renaudel e Albert Thomas, membros, por sua vez, do Partido Socialista, como ele. Depois, o revolucionário russo opõe-se a seus amigos sindicalistas revolucionários, que não querem um partido, mas uma minoria revolucionária nos sindicatos, engajando-os na ação. Ele brada:

> Mesmo os sindicalistas franceses não sabem muito bem o que eles entendem por "minoria". Era uma antecipação do desenvolvimento futuro. [...] o que significa para eles essa minoria? Ela significa a melhor parte da classe operária francesa, que tem um programa claro e uma organização que debate todas as questões – mas não somente debate, decide – uma organização ligada por uma certa disciplina [...] Por meio da experiência da luta de classes contra a burguesia, pela sua própria experiência e a de outros países, os sindicalistas franceses deverão formar um partido comunista.[7]

Antes de rejeitar as críticas de Serrati, em nome da necessidade do compromisso, Trotsky responde a Pestaña que o que a Comintern oferece a eles é o "Partido Comunista Internacional, isto é, a unificação dos elementos mais avançados da classe operária, que trazem aqui sua experiência, a intercambiam com os demais, criticam-se mutuamente, deliberam, e assim por diante"[8].

Rapidamente, parece que há uma outra discussão dentro da discussão, aquela que opõe partidários e adversários da afiliação ao *Labour*. Alguns dos delegados não-britânicos se exprimem a respeito. O holandês Wijnkoop propõe que a decisão seja tomada pelos ingleses, em seu partido. Paul Levi pensa que é este congresso que deve deliberar e que o pessoal do BSP deve a todo preço manter sua ligação com as massas, o que significa, na Grã-Bretanha, continuar no *Labour*. Serrati, por outro lado, afirma que a adesão dos comunistas ao *Labour* significa deixar a porta aberta ao possibilismo. Lenin toma a palavra para garantir que os sindicalistas estão, no fundo, bem próximos de aceitar um partido na medida em que aceitarem o papel de uma minoria dirigente. Para Lenin, o congresso deve

6. p. 87 e 86.
7. p. 93.
8. p. 94.

decidir a questão do *Labour Party* e sua opinião é a de que os comunistas devem entrar nele, com a condição de gozar de uma liberdade total de crítica, ao que responde secamente a Serrati: "Serrati fala de colaboração de classe. Eu afirmo que isto não ocorrerá. Quando os italianos toleram dentro de seu partido oportunistas como Turati e companhia, isto é, elementos burgueses, isto sim é colaboração de classe. Neste assunto, naquilo que concerne ao *Labour Party*, trata-se simplesmente da colaboração entre a minoria avançada dos operários britânicos e a grande maioria dos operários"[9].

A conclusão de Zinoviev, a seguir, indica as modificações aportadas às teses sobre um certo número de pontos, uma formulação mais precisa. Para o resto, os braços estão bem abertos:

> Queremos dizer aos nossos camaradas, muito clara e francamente – e isto pode ser para um velho camarada mais trágico do que romper com seus velhos amigos. Mas, não há o que se fazer. Um novo período histórico acaba de começar. Dizemos aos melhores destes dirigentes: "é preciso que compreendam que uma nova época acaba de começar e que vocês devem dizer: nós não tínhamos razão; nós viemos em direção a vocês, queremos continuar a fazer com que a revolução proletária avance.[10]

As teses são adotadas por unanimidade.

Um violento incidente

O percurso, entretanto, não se faz sem obstáculos. Uma comissão foi designada para debater as condições de admissão dos partidos à Internacional Comunista. O holandês Wijnkoop protesta vigorosamente, com argumentos absolutamente formalistas, pois o USPD e o PS francês foram convidados a entrar. Para ele, nenhuma negociação deve ser feita com o USPD, "partido governamental", uma vez que está representado no birô do *Reichstag* (*sic*) e garante que o Partido Socialista francês deve formular, antes de todo convite ou comissão, um pedido de adesão. Henri Guilbeaux o apóia. Certamente, é um acerto de contas em relação ao caso do Birô de Amsterdã, que se esconde atrás das afirmações formalistas, e o tom sobe rapidamente.

Radek explica que o USPD foi convidado em razão do pedido de centenas de milhares de membros operários e o fora feito com o direito de voto consultivo e de participação nas comissões. Ele julga inqualificável, "um ato [...] contra as massas de operários alemães", a proposição de Wijnkoop de voltar atrás nessa promessa e acusa Wijnkoop e Guilbeaux de fazer "radicalismo verbal, atrás do qual não há nenhuma vontade em agir"[11].

9. p. 90.
10. p. 113.
11. p. 131.

Daümig protesta contra as qualificações dadas a seu partido e a seus militantes operários. Wijnkoop retruca, acusando-o de ter se recusado, durante o *Putsch* de Kapp, a chamar os trabalhadores a se armar. Radek o chama de "louco". Wijnkoop denuncia ruidosamente a presença de Daümig e de Cachin. Zinoviev, por sua vez, entra no meio do bolo, julgando as proposições de Wijnkoop de "simplesmente ridículas". É franco: "Seria absurdo e ridículo dar atenção ao camarada Wijnkoop, que fala em nome de um partido que, depois de quinze anos de atividade, tem 1.500 membros e que recusa admitir os representantes de um partido que organiza centenas de milhares de trabalhadores de base, operários que lutam sempre ombro a ombro com os comunistas e que são honestos e revolucionários como são sempre os proletários"[12].

Paul Levi garante que não somente Wijnkoop não está informado, como ele se recusa a fazê-lo. Lembrando das acusações lançadas contra Wijnkoop por Gorter, Levi diz que Wijnkoop é o último a ter o direito a bancar o procurador e lembra que a única ajuda dos holandeses ao KPD(S) foi, no pior momento, a de enviar para a Alemanha Gorter e Pannekoek. Ao Wijnkoop clamar que Dittmann e Crispien não estão no túmulo, Levi retruca: "Você também, você teve a oportunidade de morrer na Alemanha. Centenas de milhares de operários do USPD foram mortos e você continuou nos Países Baixos, sobre seus sacos de café"[13]. Bukharin, na presidência, acaba com a balbúrdia, sem facilitar para o "partido irmão" da Holanda, que solicitara um mandato para o reverendo J. W. Kruyt, dirigente do *Bond van Christen-Socialisten* e membro do mesmo grupo parlamentar de Wijnkoop no Parlamento: "Sou contra fazer tanto barulho por representantes de um partido que é tão revolucionário que deu um mandato suplementar a um membro de um organização de pregadores cristãos. Proponho parar a discussão e passar à ordem do dia"[14].

A proposição da ordem do dia e de composição das comissões é adotada por uma ampla maioria. O incidente, não obstante, fez aparecer por trás da fachada de fraternidade, rancores tenazes, rumores e provavelmente raivas pessoais e intrigas subterrâneas.

O debate sobre a questão nacional e colonial

Lenin anuncia que a comissão adotou suas teses com emendas, inclusive com algumas do indiano M. N. Roy, o que acarretou em uma unanimidade completa sobre as questões importantes. Segundo ele, a idéia essencial das teses apresentadas é a distinção entre nações opressoras e nações oprimidas. A segunda idéia é a de que as relações entre os povos são agora determinadas pela luta de um grupo de nações imperialistas contra a

12. p. 133.

13. p. 135.

14. p. 135. O picante de tudo isso é que nosso leitor reencontrará Kruyt escalado para o serviço do NKVD e finalmente assassinado pelo ocupante durante a guerra.

Rússia soviética. A terceira é a importância do movimento burguês-democrático nos países atrasados, que conduziu a comissão a substituir "burguês-democrático" por "nacional-revolucionário" para qualificar o movimento que a Comintern deve apoiar, ao passo que ela deve combater a burguesia reformista. Ele sublinha, finalmente, que a comissão rejeitou a idéia de que os países atrasados devem obrigatoriamente passar por uma fase de desenvolvimento capitalista para sair de sua condição presente.

Depois da leitura dos adendos, M. N. Roy toma a palavra para falar do desenvolvimento de um movimento de massa dos trabalhadores na Índia, que teve, desde o começo, uma coloração de um movimento de classe e sublinha a importância do nacionalismo-revolucionário, que pode provocar o desmoronamento do imperialismo europeu, o que é de uma importância imensa para o proletariado europeu.

O americano John Reed apresenta o problema dos negros nos EUA sob um duplo aspecto: de movimento sócio-racial, bem como proletário-operário. Ele se pronuncia no sentido de que os comunistas vejam nos negros, antes de mais nada, como operários. Um outro estadunidense, depois dele, Louis Fraina, sublinha que é preciso fazer a distinção entre os trabalhadores imigrados e aqueles das colônias, demonstrando que a América Latina é uma espécie de base colonial dos EUA.

A intervenção de Radek, por sua vez, é um verdadeiro requisitório contra os britânicos:

> Dizemos aos nossos camaradas britânicos que é seu dever apoiar o movimento irlandês com todas as suas forças, fazer a agitação nas tropas britânicas, impedir a política dos operários dos transportes e ferrovias, a qual permite, hoje, que tropas sejam embarcadas para a Irlanda. É muito fácil hoje na Grã-Bretanha se levantar contra a intervenção na Rússia, sobretudo depois que a esquerda burguesa também o é. Porém, é mais difícil para nossos camaradas britânicos se colocarem a favor da independência irlandesa e pela atividade antimilitarista, mas nós temos o direito de exigir este trabalho difícil de nossos camaradas britânicos.[15]

Para Radek, a Internacional Comunista não derrotará o imperialismo com a ajuda somente das massas européias, mas também com a ajuda de suas colônias. Recordando a utilização de tropas africanas, ele diz que a Comintern deve agir. O dever dos comunistas é o de dar uma ajuda direta às lutas de libertação dos povos. Mencionando, na nova época, o que é chamado de "as grandes migrações dos povos", ele brada: "Os comunistas não precisam ter medo do 'perigo amarelo'. Nós podemos estender as mãos a todos os oprimidos. Não é a exploração que levamos, mas a assistência fraternal"[16].

Um novo incidente, sem dúvida muito mais grave que o da véspera, explode então. Serrati exige o encerramento do congresso. Ele alega que este perdeu seu tempo ouvindo os detalhes sobre os negros de Chicago, sem tratar das questões gerais de fundo. Ao que tudo

15. p. 162.

16. p. 164.

indica, a intervenção desagrada tanto que nenhum italiano foi à comissão sobre a questão nacional e colonial. Finalmente, Serrati retira sua moção e o congresso ouve as intervenções dos delegados sobre o Irã, Coréia, China, Turquia e duas intervenções sobre a Irlanda.

O holandês Sneevliet, sob o nome de Maring, fala longamente das Índias Holandesas e do movimento nacional em que militou e explica o desenvolvimento do movimento nacionalista *Sarekat Islam*, que, em parte, sob a influência de alguns militantes marxistas holandeses, adquire cada vez mais um caráter revolucionário. Fala também do trabalho realizado entre os marinheiros e soldados das forças coloniais; da repressão contra os movimentos de protesto e motins. Wijnkoop se recompõe e clama que nenhum partido cumpriu seu dever para com os povos coloniais como o seu partido. Depois de um vivo debate sobre a Palestina e o sionismo, estoura outro novo incidente.

Serrati anuncia que se absterá, uma vez que não está satisfeito com a definição de "povos atrasados", pois acredita que o proletariado tem que conservar sua independência dos burgueses democratas, mesmo que rebatizados de "nacional-revolucionários", além disso, defende que a emancipação do povos será obra da revolução proletária e da ordem soviética. Wijnkoop está na primeira fileira dos que protestam e acusam Serrati de se furtar às críticas e à discussão. Zinoviev acusa o italiano de faltar com as regras da camaradagem, mas confia o julgamento final aos trabalhadores italianos. Serrati retoma a palavra para acusar seus acusadores e dizer que, em hipótese alguma, se deve apoiar uma burguesia. Graziadei, então, se solidariza com ele.

A moção é finalmente votada por unanimidade, salvo três abstenções. Que obscuro combate realizou nesse ponto o líder italiano? Não teria ele procurado pender para a esquerda, sabendo, de todo modo, o que o esperava? Uma última observação, entretanto, ilustra bem a importância da ligação entre a questão nacional e o comunismo: Thomas Darragh, um dos delegados irlandeses do congresso, é, em realidade, o filho de James Connolly, o militante operário dos transportes, ligado ao escocês Maclean, fuzilado por liderar a insurreição irlandesa da Páscoa de 1916.

As condições de admissão: primeira abordagem

O historiador americano David T. Cattell, num estudo sobre a origem das 21 condições[17], destacou a importância dada, quando do II Congresso de Moscou, à derrota da revolução húngara e, por conseqüência, à aliança inicialmente concluída em Budapeste entre os social-democratas e comunistas. Ele vê nessa aliança a origem das preocupações que conduziram à elaboração das famosas 21 condições. O debate sobre as condições de admissão à Comintern começa numa comissão, à qual parece que nenhum delegado italiano tenha comparecido, em nenhuma condição. Ela é presidida por Ernst Meyer, do

17. D. T. Cattell, "The Hungarian revolution of 1919 and the reorganization of the Comintern in 1920", In: *Journal of Central European Affairs*, janeiro-abril de 1951, p. 27-38.

KPD(S). Os primeiros embates ocorreram a propósito da defesa dos dirigentes Independentes, que se diziam de acordo com as teses que lhes foram apresentadas, mas rejeitam boa parte das críticas que lhes são feitas. Os dois delegados franceses – Cachin, principalmente – são mais humildes. É uma característica do congresso o problema, sempre subjacente, do PSI. Respondendo aos alemães, a Crispien e a Dittmann, Zinoviev alega que os dirigentes da Comintern excluirão Turati e os seus partidários.

Na plenária, o relatório de Zinoviev é bem mais que uma informação sobre a comissão e a adição de suas condições, é uma verdadeira explicação política: "Hoje, os velhos partidos querem aderir à III Internacional. Na medida em que os trabalhadores evoluíram em direção ao comunismo, é preciso que admitamos esses partidos. Mas, não podemos esquecer que eles vêm com toda sua velha escória, a velha direção, que, durante e depois da guerra, conduziu uma luta encarniçada contra o comunismo"[18]. Evocando uma alusão de Rákosi num debate geral, Zinoviev o cita também pelo que disse na comissão: "Temos a impressão que numerosos partidos da II Internacional aceitam nossas condições de tão bom grado, como se fosse o caso na república dos sovietes da Hungria"[19]. Ele declara bem claramente, não enquanto relator – ele frisa –, mas em nome da direção do Partido Comunista russo: "Se ocorrer de nossos camaradas italianos solicitarem a manutenção dos vínculos com os elementos de direita, nosso partido estará preparado para continuar inteiramente sozinho, em vez de atar laços com elementos que estima burgueses"[20]. Zinoviev dá alguns exemplos tomados emprestados da imprensa dos socialistas franceses e exclama: "Há os que consideram que a Internacional Comunista é um bom bar, em que os representantes de diferentes partidos cantam a *Internacional* e se felicitam mutuamente, depois se separam e continuam suas práticas como antes"[21] e faz também acusações contra os Independentes, que acusa de estarem marcados pelo kautskismo; de terem escrito, por exemplo, condenações do terror que prejudicam o socialismo sob o pretexto de protegê-lo a longo prazo. O PS italiano não é poupado:

> Trata-se de um dos melhores partidos que deixaram a II Internacional. A classe operária italiana é uma classe operária heróica e nós todos a admiramos devido à sua seriedade para com a revolução e o comunismo. Infelizmente, não podemos dizer as mesmas coisas de seus chefes.
> "Você nos fala sempre de Turati, nos diz o camarada Serrati, isto acaba por ser entediante." Bem, camarada Serrati, nós não pararemos de o fazer enquanto pessoas como Turati estiver em suas fileiras. [...] Neste momento, Turati é membro da Internacional Comunista [...]. Não obstante, ele faz na Itália propaganda contra-revolucionária.[22]

18. *DCIC*, p. 236.
19. p. 241.
20. *Ibidem*.
21. p. 239-240.
22. p. 250.

Radek, primeiro orador, fala sobre o USPD. Como está sua evolução, celebrada por uns, vituperada por outros, que não vêem nada além de uma fachada? Um partido, explica ele, não pode mudar de caráter da noite para o dia ao assinar um documento ou aceitando as condições. É preciso levar em consideração dois fatos: um é a incessante radicalização da classe operária alemã, o outro, os esforços da direção do USPD para frear esse movimento. Ele cita um texto de Crispien, alegando que o caminho de Moscou é o do suicídio e ironiza ferozmente em seu estilo bem pessoal: "Há muitos cadáveres ambulantes na Internacional. Crispien é nosso hóspede e nós estamos muito felizes de vê-lo perambular entre nós. Se ele está aqui, é pelo resultado da pressão dos trabalhadores"[23].

Marcel Cachin lê uma declaração na qual os dois delegados franceses – Frossard e ele próprio – declaram-se de acordo com tudo o que lhes foi pedido e garantem que chamarão seu partido à aderir à IC, aceitando as condições colocadas.

Raymond Lefebvre, impressionado com a conversão súbita dos dois dirigentes franceses, teme que ela se torne muito platônica a partir de seu retorno à França. Evocando a "traição da revolução" pelos dirigentes franceses quando da greve de maio, garante que será preciso mudar tudo no partido, bem como se mostrarem implacáveis.

Boris Goldenberg, da Juventude, votará contra as teses, pois não acredita que o partido socialista, mesmo depurado, possa servir à causa revolucionária. É preciso, segundo ele, romper para poder unificar socialistas de esquerda e sindicalistas.

Por sua vez, Amadeo Bordiga implora calorosamente a construção de "barreiras intransponíveis" para a entrada no partido contra a social-democracia.

Bombacci, recentemente convertido, exige a expulsão de ao menos uns cinqüenta reformistas, incluindo Turati. Hostil à adesão dos Independentes e do PS francês, só se resignará se for decidida uma rigorosa depuração, tendo por base um estudo atento do passado político de cada um.

Luigi Polano, o dirigente da Juventude italiana, alega que é impossível mudar o rumo ou mesmo depurar o PSI se, por outro lado, forem admitidos na Internacional os "Cachins" e os "Crispiens".

Rákosi, firmemente preso a sua comparação com os socialistas húngaros, reclama um endurecimento e se declara pronto a aceitar toda medida nesse sentido.

Ernst Meyer traz ao debate uma posição original. Depois de definir o jogo duplo da direita Independente, ele confessa que, diferentemente de Radek, não acredita que a esquerda seja capaz de escolher uma política clara e de romper com a democracia burguesa. Também propõe que o Comitê Executivo se dirija à base do partido independente para ganhá-lo à Internacional.

Wijnkoop, que decididamente não perde uma, solicita ao Executivo que não haja no congresso representantes do KAPD. Aliás, ele pensa que o Executivo tenta deliberadamente reabilitar os dirigentes da direita do USPD e do partido francês.

Willi Münzenberg, por sua vez, explica que os representantes do KAPD, convidados segundo as regras, deixaram Moscou por vontade própria, recusando-se a tomar parte no congresso: de todo modo, é preciso observar, Wijnkoop fala sem ter lido o dossiê. É evidente.

23. p. 261.

A primeira parte da discussão passa o sentimento de uma extrema confusão, que tentamos reconstruir em nosso resumo acima. Mas, os delegados, que ali intervieram, parecem se perfilar contra a política proposta pelo Executivo e manifestam uma grande hostilidade com respeito aos dirigentes dos partidos que se voltaram para a Comintern. Podemos mesmo nos perguntar se o congresso não teria levado mais longe ainda as condições inaceitáveis se houvesse na sala alguns porta-vozes hábeis do comunismo de esquerda, o que não é o caso nem de Rákosi, nem menos ainda de Wijnkoop, rei da gafe nesse congresso.

As condições de admissão: os tenores

A intervenção de Artur Crispien marca uma guinada no debate. Ele é um dos dirigentes do USPD. Fora espartaquista em 1914, no primeiro núcleo. É muito menos marcado à direita que muitos outros. Ele intervém de forma moderada, quase maleável, tentando responder a questão do porquê está presente e o que espera desse congresso enquanto dirigente do USPD. Sua crítica da vontade do Executivo de "opor as massas aos chefes" é acompanhada de comentários que buscam atingir os ouvidos dos trabalhadores de seu partido, que, segundo ele, o elegeram e não tolerariam que fosse "um traidor". Sua observação *en passant*, concernente ao fato de que Wijnkoop ainda não acusou "os traidores" de serem "policiais", mostra que se dirige também aos delegados indispostos por Wijnkoop. Com certeza, ele não nega a hostilidade de seu partido à fundação da Internacional Comunista em 1919, mas sublinha que o crime não é tão grande se se acredita no relatório de Zinoviev:

> Somente os comunistas russos não foram criticados. Tirando eles, nenhum partido aderente escapou das críticas. E os representantes desses mesmos partidos, assim criticados, pronunciam-se pela condenação à morte desses patifes Independentes na Alemanha. Eles não levam em conta que nós rompemos com os socialistas de direita. Nós não recuamos perante a cisão quando ela nos pareceu inevitável.
>
> Não obstante, é imperativo jamais empreender uma cisão leviana. Eu só posso imaginar uma cisão necessária. A existência do USPD na Alemanha é a prova. Mas, é uma amarga necessidade.
>
> Antes de romper, é preciso tentar ganhar os operários a uma posição clara, de princípio. Para tal, é preciso tempo e paciência. É mais fácil fazer uma cisão dos trabalhadores do que ganhá-los e uni-los para a revolução na Alemanha.
>
> É um dos mais tristes espetáculos na Alemanha a divisão da esquerda entre três ou quatro partidos, o USPD, KPD, KAPD e recentemente fez-se propaganda para qualquer coisa de

novo, a União Operária [...] O que nos é necessário, é uma Internacional capaz de agir e isto exige que nós possamos organizar solidamente os operários na unidade.[24]

Crispien volta ao passado recente: "É verdade. Em Leipzig, me opus à adesão imediata a Moscou. Por quê? Bem, camaradas, no I Congresso em Moscou, decidiu-se destruir o USPD. [...] Nós não estávamos contra afiliações, mas antes éramos por nos desvencilhar de resoluções hostis. Não se pode bater nas pessoas e esperar que elas se tornem suas amigas porque você acabou de bater nelas. É preciso entender todas essas coisas"[25]. Sobre a questão do emprego da força e do terror, ele diz que não é possível afastar o emprego da primeira. "Mas, declarar agora, antes de ter o poder, que nós devemos estabelecer um reino de terror, não é igual dizer que nós não podemos evitar o emprego da força"[26]. Interrompido ao grito de "Kautsky!" e depois de "Ledebour!", quando garantia ter estado sempre a favor dos bolcheviques, ele responde: "Sim, Kautsky fez críticas, mas ele não controla a direção do partido. É um grande erro. Ledebour também não denegriu os bolcheviques. Vocês se equivocam. Ele lutou abertamente e sem medo da morte pela revolução e pensa que vocês não devem fazer do terror um princípio político"[27]. Crispien também responde as acusações sobre o atraso das respostas pelo fato de que a carta de Moscou chegou em pleno *putsch*, seguido de eleições. Ele afirma que seu partido quis dar prioridade a Moscou antes de procurar fazer uma outra conferência:

Não é verdade que Koenen tenha dito na Suíça que nós estamos fundando uma nova Internacional. Nós dissemos que se Moscou nos descartasse, nós examinaríamos em seguida essa opção. Podemos nos permitir ser expulsos da política internacional? Vocês pensam que um movimento da importância do USPD não deve ter atividade internacional? Certamente, vocês, comunistas da Alemanha, nos declararam mortos desde nosso nascimento enquanto partido. Sua esperança em nossa morte próxima não nos perturba.[28]

Sua conclusão é positiva. Depois de um breve apanhado histórico desde o aparecimento do marxismo, conclui:

Formulem sua resposta como quiserem. É nossa aspiração e nosso desejo sincero, estabelecer uma frente comum com a Internacional Comunista. Vocês não podem negar nossa convicção, nossa determinação e nossa atividade revolucionárias. Continuaremos revolucionários, sejam quais forem as acusações de oportunismo contra nós. Independente da maneira

24. p. 315-316.
25. p. 316.
26. p. 317.
27. *Ibidem.*
28. p. 319.

como vocês nos julgam, nós não pararemos de mobilizar todas as nossas forças na Alemanha a favor da revolução proletária mundial. Mas, se vocês responderem que o proletariado alemão em nossas fileiras será recebido com alegria, então, melhor ainda para a construção de uma frente proletária internacional.[29]

É a Dittmann que caberá a tarefa de refutar um certo número de acusações, algumas vezes mesmo bem longamente, como no caso da expulsão da Alemanha da embaixada soviética, em novembro de 1917. Sua conclusão é extremamente ponderada. Ele garante aos congressistas que será impossível que milhões de trabalhadores votem no USPD se as acusações lançadas ali forem exatas. Eles não vêm empurrados pelas massas, mas por seu próprio movimento e pela reflexão de socialistas e combatentes da revolução mundial:

Se vocês quiserem o que nós queremos – a reunião na unidade e na solidariedade dos proletários da Rússia e da Alemanha e, atrás deles, os do mundo inteiro –, então, tentem, com o mesmo tanto de seriedade que nós tentamos e continuaremos tentar, encontrar o caminho para as negociações ulteriores que permitam nos colocar rapidamente em acordo a fim de poder conduzir juntos a batalha contra o capitalismo em benefício do proletariado do mundo inteiro.[30]

Em 30 de julho, Rakovsky abre fogo com seu testemunho sobre a expulsão da Alemanha de Ioffe, cuja sorte compartilhou. Ele nota que Dittmann justamente constatou a impossibilidade para os socialistas de se fazerem ouvir num governo burguês, mas que, por outro lado, não demonstraram um sinal de arrependimento. Para Rakovsky, Dittmann e Crispien não aprenderam, nem esqueceram nada e explica: "Os erros passados podem ter dois sentidos diferentes. Podemos cometer erros – o proletariado os comete forçosamente – mas, devemos tirar lições deles ao invés de vir aqui e fazer longos discursos que têm mais de memória de advogado que de crença na revolução; ao invés de utilizar todos os meios e todos os truques do trâmite parlamentar para tentar justificar o comportamento do USPD"[31]. Ele explica a verdadeira responsabilidade – política – dos Independentes, que escolheram o imperialismo para salvar a Alemanha:

Eles perderam. Eles carregam a responsabilidade de tudo o que pode ser depreendido da colaboração que escolherem desde o início. Eles carregam a responsabilidade da derrota dos movimentos revolucionários proletários que apareceram depois dessa colaboração. Sim, o proletariado alemão estava adormecido e foi abusado pela colaboração dos Independentes e dos majoritários. Eles esperavam que a salvação da Alemanha viesse da *Entente*, de Wilson

29. p. 320.
30. p. 329.
31. p. 334.

e de Versalhes. E agora que está claro que isto conduziu a Alemanha ao desastre, a responsabilidade deve pesar sobre os Independentes e os socialistas de direita.[32]

Depois, Rakovsky se volta para a declaração lida por Cachin, sobre a qual diz que, depois de uma boa primeira impressão, ficou decepcionado com um exame mais atento: "Relendo o texto de Cachin, fiquei surpreso não somente por sua prudência, mas também por suas hesitações, suas omissões e, acrescentaria, suas restrições mentais"[33]. Rakovsky revela que a declaração vê "circunstâncias" nas quais os "interesses nacionais se identificariam com os da plutocracia", o que tende a indicar que há outros onde isto não vale. Para ele, antigo guesdista, foi em 1904, no Congresso de Amsterdã, que o socialismo revolucionário morreu na França. Rakovsky formula em seguida uma interessante crítica contra Bordiga, o qual disse que não se estava preparando a revolução, mas o proletariado para a revolução. Ele explica:

> As condições de adesão à Internacional Comunista não nos dão nenhuma garantia. É preciso considerá-las como um mínimo necessário, fazê-las ainda mais rigorosas. Mas, acredito que a Internacional Comunista encontrará outras garantias. Somente a criação de um centro real para o movimento internacional, a criação de um verdadeiro Estado-maior general da revolução, armado de plena autoridade para dirigir o movimento no mundo inteiro, garantirá a efetivação das condições de admissão. Evidentemente, é vital que esse centro tenha uma grandíssima autoridade.[34]

Serrati tem uma dura tarefa depois da intervenção de Rakovsky. Homem calejado, aproveita uma crítica de Zinoviev, "seu amigo" Zinoviev, para mostrar que os delegados se conhecem tão mal que este último ignora totalmente a diferença entre o tratamento por "tu" e por "vós" da língua italiana. Ele sublinha o caráter extraordinário do congresso:

> Jamais houve tais diferenças num congresso. Não estou falando das línguas e das culturas dos homens, mas de sua força. Quem sou eu comparado a Lenin? Ele é a revolução russa. Quanto a mim, represento um pequenino partido socialista. Sim, eu repito "socialista", pois não conheço outro socialismo que não o comunismo. Mas, se nosso partido italiano é um dos melhores, que são os outros? Não obstante, vocês, camaradas britânicos, vocês têm o mesmo direito de voto que o camarada Lenin. Wijnkoop não pesa muito em relação a Lenin, que tem um grande peso...[35]

Ele explica aos russos que eles estão adiantados e que é preciso seguí-los:

32. p. 335.
33. *Ibidem.*
34. p. 338.
35. p. 340.

> Vocês, caros camaradas russos, vocês não puderam manter seu compromisso. Muito bem. O dever do proletariado inteiro é de seguir vocês, pois, por todo lado, as condições econômicas, políticas e morais permitem lançar a batalha contra a burguesia e fazer a revolução. Para fazer essa revolução, é preciso se valer de todos os meios. Mas, façamos um esforço para não nos comportarmos como professores primários, que atribuem boas ou más notas aos outros. Viemos aqui para avaliar as forças revolucionárias do proletariado internacional. Eu não discuto se os franceses têm mais direito que os alemães de aderir à III Internacional. Digo que suas portas devem estar abertas a todos os partidos que possam fazer a revolução conosco, e discutiremos depois.[36]

De sua parte, Serrati não acredita na ação revolucionária do PS francês, pois a situação na França não é revolucionária e se recorda que os franceses lhe falaram da greve em defesa da revolução russa – diz que ignora se foram sinceros, pois não possuía um "sincerômetro no bolso" –, mas precisa que eles não fizeram a greve. Na Alemanha, a situação é diferente, pois ela é revolucionária e "o partido independente é uma força poderosa nas massas operárias". Ele se volta, enfim, à Itália:

> Permitam-me voltar ao meu assunto, a Itália. Apesar de suas críticas, caros amigos russos, vocês e nós, nós nos admiramos. Vocês bem que gostariam de acertar um soco na nossa orelha de vez em quando, entende-se, mas é somente entre amigos. Melhor do que falar o tempo todo de Turati e de Modigliani, é preciso que façamos a revolução na Itália. Temos lá uma situação revolucionária mais marcada que nos outros países pretensamente vitoriosos. A situação econômica na Itália é ruim, o Estado está falido, os camponeses descontentes. Certamente, nós temos mais dinheiro que antes da guerra, mas ninguém quer mais trabalhar para o patrão. "Quero trabalhar em minha própria fábrica, na minha própria terra", diz o trabalhador. A situação é realmente revolucionária, tanto do ponto de vista econômico quanto do psicológico.[37]

Mas, uma hora ele teria que chegar em Turati. Serrati aborda a questão por círculos concêntricos. *La Critica Sociale* é publica com 953 exemplares. Turati é um homem honesto. Os italianos amam os homens como ele. Ele sempre foi disciplinado. E o ataque se espalha, provavelmente numa alusão a Cachin, cuja visita fez com que Mussolini decidisse passar para o lado dos belicosos: "E, bem no momento em que pedem a expulsão destes homens, vocês se preparam para acolher na Comintern partidos em que há pessoas que percorreram a Europa durante a guerra com os bolsos cheios de dinheiro para corromper a classe operária"[38]. Serrati lembra que Turati votou contra a guerra, enquanto socialista, e, depois, de repente, parece mudar o fogo de seus argumentos: "Não quero fazer disso um assunto pessoal.

36. p. 340-341.
37. p. 342-343.
38. p. 344.

Trata-se somente de uma questão de utilidade. Se Turati nos é útil, vamos conservá-lo, se ele for perigoso para nós, nós o rejeitaremos. Para mim tanto faz, um como o outro"[39]. Interrompido por Lenin, cético, retoma: "Não, minha atitude, vocês o sabem bem, não é a do sentimentalismo. Disse que seria preciso nos libertar desses homens, mas sem perder o contato com as massas. Colocaremos as circunstâncias em benefício. Eu tentei em muitas ocasiões"[40]. E, de novo: "Eu disse e repito: é preciso depurar o partido. Turati deve partir, mas não porque foi expulso. Assim disse ao camarada Lenin, bem como o escrevi. É preciso saber do que se trata, conservar as massas operárias e não perder nem mesmo aqueles que têm um valor decorativo. Além do mais, as teses não dizem outra coisa e é o porquê de as aceitarmos"[41]. Suas últimas palavras parecem uma prece: "Não, caros camaradas, permitam ao Partido Socialista Italiano de escolher o momento para a limpeza. Nós garantimos a todos – e não acredito que haja alguém que possa dizer que nós não mantivemos uma vez que seja a palavra – que a limpeza será bem-feita, mas deixem-nos a possibilidade de fazê-la de uma maneira útil para as massas trabalhadoras, o partido e para a revolução que nós preparamos"[42].

Depois de Serrati, Lenin tem de responder a Crispien e ao italiano. Uma resposta em forma de cutelo para o primeiro, se empenhando em demonstrar, ponto por ponto, que Crispien continuou de ponta a ponta fiel ao espírito e método de Kautsky. Destaquemos simplesmente, a propósito do terror:

> Somos obrigados a recorrer à coerção e ao terror contra as pessoas que se comportam como os oficiais alemães que assassinaram Liebknecht e Rosa Luxemburgo ou pessoas como Stinnes e Krupp que compram a imprensa. É evidente que não é necessário proclamar de antemão que nós recorreremos ao terror, mas se os oficiais alemães e os partidários de Kapp continuarem sendo o que são hoje, o emprego do terror será inevitável.[43]

Lenin é ainda mais seco com Serrati, que, segundo o dirigente bolchevique, nada fez a não ser repetir Crispien. Para o revolucionário russo, é a ruptura: "Devemos simplesmente dizer aos camaradas italianos que a linha dos membros do *L'Ordine Nuovo* é a que corresponde àquela da Internacional e não aquela da atual maioria dos dirigentes do Partido Socialista e de seu grupo parlamentar". Quando Serrati o interrompe para lhe perguntar se ele o confunde de propósito com Turati, Lenin diz simplesmente ao congresso: "Ninguém confunde Serrati e Turati, salvo Serrati, quando defende Turati"[44]. Acabou para Serrati.

Depois de uma polêmica sobre o passado e sobre o Congresso de Leipzig, Paul Levi não esconde seu ceticismo a respeito das condições, que eram então somente 18. Com efeito,

39. *Ibidem*.
40. p. 344-345.
41. p. 345.
42. p. 346.
43. p. 349.
44. p. 352.

segundo ele, elas não permitem às massas do USPD compreender o que está em jogo. Para isso, é preciso um programa de ação e uma atitude – decisiva, segundo Levi – do KPD(S).

O suíço Jules Humbert-Droz deseja que a discussão volte às condições gerais de aceitação e julga inquietante a situação, resumida, por ele, assim:

> Colocados nos marcos da II Internacional e da impossibilidade de reconstruí-la, os velhos partidos socialistas são conduzidos em direção à III Internacional no momento em que não têm o estado de espírito; não adotaram os princípios da Internacional, temendo sua disciplina e vigilância. Para não ficarem isolados, tais partidos aceitarão quaisquer condições, esperando poder trabalhar a partir do interior da Internacional Comunista. [...] ameaçada de ser invadida e contaminada pelos partidos, a Internacional está indefesa. Essas pessoas assinarão tudo o que lhes for apresentado. Mesmo 20 condições não nos permitirão de mantê-los fora de nossas fileiras.[45]

Humbert-Droz faz coro com Bordiga, que pediu que uma das condições fosse a expulsão de todos aqueles que votaram contra o programa da Internacional Comunista. Humbert-Droz pede que ao "direito de trair", que alguns reivindicam ruidosamente, oponha-se o dever de controle e de depuração do Executivo sobre todos os partidos.

Os dois oradores da esquerda dos Independentes estavam sendo muito esperados, mas decepcionam um pouco, pois não apresentaram nenhum argumento novo. Ernst Daümig sublinha que, se não queremos dar razão a Kautsky, que prediz que a Internacional Comunista comportará somente um partido verdadeiro, o russo, e uma multidão de seitas, é preciso admitir verdadeiros partidos e aceitar que eles são, mais do que os outros, discutíveis e criticáveis e insiste sobre as relações entre o USPD e o KPD(S), concluindo que agora se trata não de demandar ou não a adesão, mas de registrar as condições, de explicá-las e de trabalhar para convencer a maioria do USPD a aceitá-las. Os que não serão convencidos, irão embora. Walter Stoecker, por sua vez, se indigna que Ernst Meyer – que diz, aliás, que se tratou de um lapso – poderia ter falado da cisão do USPD. Ele brada, provocando uma verdadeira confusão: "Hoje, nosso partido inteiro apóia a revolução social e a ditadura do proletariado, rejeitando a falsa democracia, muito embora às vezes a ele falte a clareza necessária com relação ao significado e aos métodos da ditadura do proletariado. [...] Agora que os comunistas adotaram uma base marxista clara, qual é agora a diferença entre eles e nós?[46]

Zinoviev conclui

A conclusão de Zinoviev, depois de um debate que teve bons momentos, foi tam-

45. p. 365.
46. p. 375-376.

bém decepcionante. Da discussão propriamente dita, ele não retira nada além de críticas e as distribui. A declaração de Frossard-Cachin é um recuo; as críticas de esquerda, sem interesse. O Executivo, dotado pelos estatutos do poder de expulsar, não tem nada a temer. Para o PSI, o julgamento não pára de se agravar:

> Gostaria de dizer ao camarada Serrati que a situação na Itália é intolerável para a Internacional Comunista. Todo o movimento sindical está nas mãos dos reformistas. E a culpa disso é do partido [...]. Os sindicatos italianos não convocaram o congresso por sete anos e isso é tolerado por um partido que pertence à Internacional Comunista. As pessoas como D'Aragona sabem muito bem que se eles convocarem um congresso, os trabalhadores os expulsarão. Tais concessões são escandalosas [...]. Se os dirigentes do partido italiano tolerarem isso por mais muito tempo, nós convocaremos os operários da Itália por cima de suas cabeças.[47]

No que tange ao USPD, Dittmann e Crispien demonstraram, garante ele, seu "kautskismo". Quanto à esquerda, "ela não está organizada por não saber o que quer, uma vez que não pode se libertar da contração dos oportunistas de direita moribundos"[48]. Zinoviev define claramente a posição dos russos com respeito à Internacional, ao menos da forma como é retirada desse congresso:

> Nós não nos consideramos somente como um partido que governa um grande país, mas também – e é este o nosso orgulho – como um partido comunista, que, com outros, fundou a Internacional Comunista. A Internacional Comunista não é uma organização russa, é uma organização mundial. Estamos orgulhosos que este congresso possa se dar em nosso solo. Com certeza, estamos orgulhosos também que alguns dentre vocês dizem que aqui, na Rússia, algo foi realizado. Contudo, precisamos exigir de vocês para não virem com retórica, mas para nos dizer aberta e claramente quando o movimento sindical italiano, quando a grande classe operária italiana, estará finalmente libertada, quando os partidos comunistas finalmente serão construídos em todos os lugares.[49]

Dois grandes debates de princípio

Faltava ao congresso, depois das condições de admissão, resolver dois grandes debates de princípio, discutidos durante os meses que o procederam: sobre o "parlamentarismo" e sobre os sindicatos, conselhos de fábrica, etc. A primeira questão foi discutida em 9 de agosto. É Bukharin quem apresenta o relatório da maioria da comissão e explica que

47. p. 384-385.

48. p. 385.

49. p. 386-387.

o parlamentarismo – que como muitas outras conquistas ou instrumentos das lutas operárias – fora integrado no aparato do Estado, particularmente durante a época da guerra e do "capitalismo de Estado", tornando-se, agora, um "novo parlamentarismo" na época das crises e das revoluções e que os comunistas devem tomar parte nele. Mas, releva também que o mais comum é que o mais puro oportunismo predomine nas atividades dos grupos parlamentares. De fato, somente um verdadeiro partido comunista, diz ele, pode realizar uma verdadeira atividade revolucionária no parlamento.

O relatório da minoria é apresentado por Bordiga, cuja posição "abstencionista" conhecemos. Para ele, não se trata de uma questão de princípios, porém, é completamente equivocado, na era dos sovietes, se fazer representar numa instituição da democracia burguesa.

O debate fez surgir clivagens já conhecidas. O escocês William Gallacher, o suíço Joggi Herzog e o francês Boris Goldenberg seguem Bordiga. J. T. Murphy e o italiano Luigi Polano – recentemente convertidos – votam a favor das teses de Bukharin, ao passo que o búlgaro Nikolai Chablin faz uma apologia da atividade "parlamentar revolucionária" do PC búlgaro. Serrati parece reencontrar sua verve mediterrânea, quando apostrofa Bordiga: "Não me interrompa, camarada Bordiga. Eu dormi durante seu relatório para não te interromper"[50].

A questão sindical, segundo Rosmer, foi muito mal-tratada pelo congresso, "sem amplitude, nem resultados"[51]. Os debates a respeito dessa questão foram discutidos em comissão dezenas de vezes. De um lado, encontravam-se agrupados atrás de Karl Radek – que não tinha nenhuma experiência sindical – os defensores da concepção social-democrata tradicional do trabalho nos sindicatos. Do outro, os delegados de oficina, os sindicalistas Jack Tanner, mas também Rosmer, assim como seu aliado circunstancial John Reed, horrorizado com a idéia de que se possa pedir a um comunista para militar no seio da AFL, "*boring from within*". A mesma comissão deve tratar da questão dos conselhos operários (sovietes), de sua formação e de sua tarefa, com menos dificuldades que para com os sindicatos. Ela decidirá criar uma comissão preparatória a um congresso dos "sindicatos vermelhos", uma iniciativa de longo prazo e de pesadas conseqüências que, por todas as evidências, não tinham sido previstas por ninguém. Sobre esta questão, desprezando o essencial, o congresso da Internacional somente debaterá insignificâncias.

Contudo, sem negligenciar outras comissões, nos tardaremos sobre a "situação internacional e as tarefas da Internacional Comunista", em que o número de participantes, às vezes, ultrapassava o número de congressistas presentes em seção pública. Lenin participou de ponta a ponta, obrigando Bukharin a segui-lo igualmente. A responsabilidade e o relatório foram delegados – prova de confiança – a Alfred Rosmer. Suas "teses" apresentavam uma espécie de balanço do congresso, de seus julgamentos e de suas decisões. Ele

50. Essa réplica não aparece no *DCIC*, mas na recente edição americana *Workers of the World, Opressed People, Unite!*, na p. 469 da ata.

51. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 107.

condenava mais uma vez o esquerdismo, situando-o mais precisamente no KAPD, no PC suíço de Herzog, na *Kommunismus* – qualificado de "órgão do secretariado do leste europeu da Internacional Comunista em Viena" –, entre alguns camaradas holandeses – o finado Birô de Amsterdã não fora mencionado, na seqüência de uma votação em que Lenin e Rosmer obtiveram a maioria contra Zinoviev e Radek – e em algumas organizações britânicas e americanas.

As condições chegaram a 21, sendo que três delas foram adicionadas depois do debate: obrigação de realizar um congresso sobre a base das resoluções de Moscou, maioria de dois terços nos organismos dirigentes de membros partidários da adesão antes do II Congresso, expulsão dos adversários das condições e das teses da Internacional.

O acerto da questão italiana se deu sobre as posições defendidas pelos russos, mas definidas num texto apresentado por Graziadei, Bombacci e Polano:

> No que concerne ao partido socialista da Itália, o II Congresso da Internacional Comunista considera que a revisão do programa do partido, adotada no Congresso de Bolonha no ano passado, é um passo muito positivo no caminho do partido em direção ao comunismo. As proposições submetidas ao conselho nacional do Partido Socialista da Itália em nome da seção do partido de Turim, tal como publicadas no *Ordine Nuovo* de 8 de maio de 1920, correspondem aos princípios fundamentais da III Internacional.
> Como conseqüência, o II Congresso da III Internacional solicita ao Partido Socialista da Itália convocar seu próximo congresso em conformidade com os estatutos e condições de admissão da Internacional Comunista e de nele discutir, com tais proposições, todas as decisões dos dois congressos da Internacional Comunista, particularmente aquelas que concernem à fração parlamentar, aos sindicatos e aos elementos não-comunistas no partido.[52]

A página estava virada.

O manifesto

Caberia a Trotsky a honra de apresentar o manifesto do congresso. Ele fascina aos espectadores não somente pela qualidade do texto, mas por sua apresentação magnífica, sem a ajuda de nenhuma nota, durante uma hora. Ele descreve, de início, a situação mundial, as relações internacionais após o Tratado de Versalhes, descreve a situação econômica e social marcada pela desorganização da produção e da pauperização da população, bem como as intervenções do Estado, que somente faziam agravar o caos de uma economia cada vez mais devastada por especuladores. Mostra que a burguesia estava renunciando às reformas e que, por todo lado, o aparato do Estado tendia a voltar a ser o destacamento de homens armados, ou seja, sua própria essência. A conclusão era clara: para que

52. *DCIC*, p. 744-745.

a Humanidade viva, era preciso destruir o imperialismo. A revolução russa havia provado isso nos fatos. Então, Trotsky resume, em linhas gerais, as decisões do congresso, mostrando sua significação em escala mundial no oceano de miséria e de desespero em que estava mergulhada a grande maioria da Humanidade, antes de concluir:

> Em toda sua atividade, que seja enquanto dirigente de uma greve revolucionária, enquanto organizador de grupos clandestinos, de secretário de sindicato, deputado, agitador, cooperador ou combatente de barricada, o comunista continua sempre fiel a si mesmo, membro disciplinado de seu partido, inimigo implacável da sociedade capitalista, de seu regime econômico, de seu Estado, de suas mentiras democráticas, de sua religião e de sua moral. Ele é um soldado devotado da revolução proletária e o arauto infatigável da nova sociedade.
> Operários e operárias! Não existe sobre esta terra mais de uma bandeira pela qual seja digno lutar, viver e morrer: a bandeira da Internacional Comunista.[53]

Lenin, tentando um balanço e enumerando as vitórias depois de um ano, escreve: "Maior ainda é nossa vitória sobre os espíritos e os corações dos trabalhadores, das massas oprimidas pelo capital; a vitória das idéias e das organizações comunistas no mundo inteiro"[54].

Uma decepção

Quando termina o II Congresso da Comintern, em 7 de agosto de 1920, podemos crer que o Exército Vermelho estaria a ponto de conquistar uma grande vitória na Polônia. Kamenev comunicou em Londres as condições soviéticas da paz e o governo britânico aconselha Varsóvia a aceitá-las sem demora: as duas delegações devem se encontrar em Minsk, em 11 de agosto. Mas, não será assim. Com certeza, não era somente com o Exército Vermelho que os dirigentes de Moscou contavam e seu objetivo ia para além das fronteiras. A questão foi objeto de estudo e de discussões sérias conduzidas com os dirigentes comunistas poloneses, cuja opinião foi ouvida. De fato, com a exceção de Trotsky e de Radek, que não contavam com uma revolução polonesa, a totalidade da direção, com Lenin à frente, tinha certeza absoluta na sua realização. Seus partidários, como o próprio Lenin, talvez em conseqüência dos comunistas poloneses, reeditaram o antigo erro de Rosa Luxemburgo ao subestimar a questão nacional na Polônia, que conduziu a grande maioria da população a se voltar contra o invasor, tradicionalmente russo, sem se preocupar em saber se ele era comunista ou se seu exército era "vermelho".

Em 5 de maio, o governo soviético criou um conselho especial para estudar os

53. p. 741.
54. *Kommunist*, 3-4, agosto-setembro de 1920 e Lénine, *Oeuvres*, t. XXXI, p. 282.

problemas da guerra com a Polônia.[55] Nessa guerra defensiva, maquinada pelo governo francês, o governo soviético tinha daquele momento em diante dois objetivos: a libertação do jugo polonês das nações ucranianas e bielo-russa e a libertação das massas trabalhadoras polonesas do jugo da burguesia. O conselho adotou uma resolução retomando esses temas, que foi adotada pelo Executivo dos sovietes sob a forma de um "Chamado aos operários, camponeses e soldados da Polônia". Num artigo da época, afirmando que a Polônia decidiria livremente suas relações com a Rússia, Radek precisava: "A Polônia deve parar de ser um muro protegendo a Europa da Rússia e tornar-se uma ponte entre a Rússia e a Alemanha"[56].

No mesmo 5 de maio, um reunião do CC polonês ampliado, ocorrida logo após o conselho sobre a guerra, escutou e aprovou um relatório apresentado por Stanislaw Budzyński que descrevia as tensões entre as classes na Polônia e concluía que o país estava maduro para um levante social. Em suas memórias, Hersh Mendel confirma, ao falar da situação da Polônia naquela época, fim de 1919, começo de 1920:

> A luta para ganhar a alma dos trabalhadores poloneses começou. Os operários das ferrovias, das metalúrgicas – os mais importantes –, dos bondes, da construção e do setor de calçados estavam sob influência comunista. A causa tinha sido compreendida entre os mineradores de Zaglembie e a classe operária passava igualmente para o lados dos comunistas.[57]

Vimos as resoluções entusiásticas do II Congresso em favor da revolução polonesa, mas é preciso acrescentar que nenhuma se pronunciava sobre a alternativa: partilha das grandes propriedades ou nacionalização com vastas propriedades coletivas, deixando os poloneses escolherem por si mesmos. Marchlewski, o futuro dirigente da Polônia vermelha, deu a resposta ao congresso ao garantir que, num país cerealista como a Polônia, não era preciso destruir as grandes propriedades senhoriais, mas fazer delas grandes indústrias estatais de produção de grãos.

Rumo ao poder em Varsóvia?

É em 2 de agosto de 1920, depois da queda de Bialystok, primeira cidade polonesa importante tomada pelo Exército Vermelho, que foi constituído o Comitê Revolucionário Provisório para a Polônia. Marchlewski era o presidente. Dzerjinski[58], Feliks Kon e Unschlicht, seus adjuntos, e Próchniak, seu secretário. O Conselho Revolucionário da Guerra

55. M. K. Dziewanowski, *The Communist Party of Poland*, p. 89-90.

56. K. Radek, "La question polonaise et la révolution internationale", In: *Die Kommunistische Internationale*, n. 12, 1920.

57. H. Mendel, *Mémoires d'un révolutionnaire juif*, p. 215-217.

58. Certos autores "confiam" essa presidência a Dzerjinsky, sem dúvida porque era o responsável da Tcheka!

da URSS juntara ao comitê polonês, enquanto conselheiro, um de seus membros mais brilhantes, o letão Ivar Teunissovitch Smilga, encarregado ao mesmo tempo de aconselhar as autoridades militares soviéticas de ocupação e coordenar as atividades dos comitês revolucionários locais.

O comitê não perdeu tempo. Uma de suas primeiras iniciativas foi lançar de avião, por cima da Polônia, milhares de panfletos chamando os trabalhadores poloneses das cidades e dos campos com o seguinte programa: nacionalização das fábricas e das minas. O poder deveria voltar aos conselhos operários das cidades e dos vilarejos, ser devolvido ao RKP no caso da queda de Varsóvia, precedendo o estabelecimento de um governo socialista da República Soviética Polonesa. Marchlewski preconizou, para "fazer melhor que Lenin", dizia ele, a transição para as cooperativas agrárias de produção, um passo em direção à coletivização. Mas, essa perspectiva estava longe de ser popular entre os camponeses poloneses. Esse programa não teve eco favorável entre eles.

Nas cidades, parece que a classe operária estivera muito descontente com o ataque do exército polonês contra Kiev e a classe operária judia estava enraivecida com os *pogroms** cometidos em sua retirada pelas unidades, agindo sem ordens – sangrentos *pogroms*. O bundista Henryk Erlich exprimiu os sentimentos da "rua judia" numa corajosa intervenção pública. Mas, com o refluxo das tropas polonesas, aparecia o perigo de uma vitória dos russos, opressores seculares. O vento muda de direção. Ao mesmo tempo em que a II Internacional condena Piłsudski e a agressão polonesa, o PPS se situa sob o plano da união sagrada com a Polônia ameaçada dos burgueses e dos magnatas. Em Varsóvia, ele prepara seus grupos de combate para a luta armada contra os russos quando estes entrarem a capital. É no momento da ofensiva que o RKP cria um certo número de organismos, mais ou menos quando do refluxo dos exércitos poloneses: sovietes (conselhos) operários e camponeses nas zonas liberadas antes de tudo. Mas, o RKP se prepara também na zona ainda controlada pelo governo polonês.

É assim que se constitui, em Varsóvia, um Comitê Militar Revolucionário (CMR) clandestino, presidido por Stefan Królikowski, dirigente de 1905, ex-líder do PPS, e compreende, notadamente, Yisroel Gajst, ex-sionista de esquerda, representando os operários judeus, que, preso, será substituído por H. Sztokfisz. Está lá também Karolski, um dos oradores mais populares no meio operário judeu, evidentemente refratário ao chauvinismo polonês. O objetivo desse CMR não é de tomar o poder em Varsóvia, mesmo em caso de entrada do Exército Vermelho na capital. Sua missão era outra. Hersh Mendel precisa-a claramente: "O Comitê Militar Revolucionário deveria organizar as seções vermelhas, tendo por missão combater as seções do PPS e facilitar a progressão do Exército Vermelho em direção à fronteira alemã, onde ele deveria, segundo a expressão de Lenin, 'tomar o pulso da revolução na Alemanha'"[59].

* "Pogrom" é a palavra russa que designa ataque a um gueto judaico com o objetivo de oprimir e assassinar seus membros, sendo conduzido pelo governo local ou tem sua tolerância. [N. do T.]

353. H. Mendel, *op. cit.*, p. 218.

É, finalmente, o estado-maior do XVI Exército Vermelho que faz o CMR varsoviano saber que não é preciso mais fazer nada, pois sua entrada em Varsóvia é iminente, desenvolvendo, então, uma grande atividade. Planos militares para ocupar casernas e comissariados e as principais gráficas. Planos políticos, pois o *Bund* deseja participar do novo governo e reivindicava a pasta dos Assuntos Populares Judaicos: a questão foi adiada para mais tarde. Um "mais tarde" que nunca veio, pois o Exército Vermelho bateu em bonitinho em retirada.

As causas do fracasso

Deveríamos seguir o historiador M. K. Dziewanowski, que se alinhou ao julgamento do PC stalinizado, em 1930, segundo o qual o RKP teria revelado sua fraqueza congênita, sua falta de atividade revolucionária e uma passividade provocada pelas vitórias do Exército Vermelho? As memórias de Hersh Mendel – que este autor não cita – não confirmam tal julgamento. O partido polonês não carecia nem de coragem nem de combatividade, mas estava, indubitavelmente, acima das forças de qualquer partido comunista de lutar contra o sentimento anti-russo das massas, que estavam cansadas de ver as tropas russas cruzarem o Bug. Com efeito, o PC polonês teve que sofrer a campanha acusatória contra os russos de pilhagem e de estupros, trazendo à memória dos poloneses as tristes experiências passadas de ocupação da Polônia pelas tropas russas do czar, bem como os massacres cometidos pelos bolcheviques em seu próprio campo. Talvez também, nas zonas ocupadas, a tutela de fato das autoridades soviéticas sobre os conselhos poloneses apareceu como uma verdadeira anexação. As causas da derrota do Exército Vermelho devem-se em parte ao prolongamento das linhas e da desaceleração do ritmo da ofensiva. Mas, parece que ela foi praticamente decidida pela indisciplina do Exército de Egorov, cujo comissário político era Stalin. Ambos decidiram não obedecer às ordens de Tukhatchevsky de concentração das tropas contra Varsóvia e deixaram a cavalaria de Budionny avançar em direção ao sudeste, a fim de garantir um sucesso pela tomada de Lvov, o que obrigou a cavalaria do Exército de Tukhatchevsky a bater em retirada, salvando Varsóvia[60].

O episódio provocou um sério conflito entre Lenin e Stalin e a demissão deste último do Comitê Militar Revolucionário. Rapidamente, teve que se aceitar o óbvio. Apesar da agitação operária na Europa, as potências, e em particular o governo francês, intervieram de novo. Já havia em Varsóvia uma missão militar – 200 oficiais aproximadamente, dentre os quais o capitão Charles de Gaulle. O governo francês enviou o ex-colaborador de Foch, o general Weygand, convencido de que sua missão era de restaurar, com a Polônia, "a muralha da civilização cristã, do Ocidente"[61].

60. Sobre esse episódio, ver o livro (*Toukhatchevsky*) de uma autora ligada aos serviços de inteligência militar franceses, Sophie de Lastours, e o resumo que ela faz, p. 141-158, do conteúdo das publicações e dos documentos de atividades soviéticas sobre a questão.

O capitão de Gaulle "observou o grau de miséria a que podem chegar os homens [...] a multidão apavorada das periferias" e vê também "a civilização ameaçada": "À nossa civilização, escreve ele, restam bem poucas coisas. Todas as riquezas das quais se orgulhava desapareceram rapidamente sob a lâmina do furor das massas desesperadas".

As tropas polonesas pararam o exército russo diante de Varsóvia e, depois de três dias de confrontos, chamados de "Batalha da Vístula" (alguns dirão, certamente, do "milagre da Vístula"), de 14 a 17 de agosto, começaram a recuar. O armistício foi assinado em 12 de outubro. A revolução não seria exportada pelas armas. O moral dos revolucionários recebia um sério golpe. O RKP estava, em todo caso, convencido e mobilizado na perspectiva revolucionária em curto prazo, como mostram suas análises do verão de 1920 – por exemplo, esta resolução do comitê central quando da 2ª conferência, que afirmava: "O estouro da revolução na Europa será para os regimentos vermelhos da Rússia o sinal da retomada de sua marcha em direção ao Oeste"[62].

O sucesso dos comunistas poloneses

Paradoxalmente, não faltavam elementos para subestimar a importância dos danos e do mal feito ao RKP pelo avanço do Exército Vermelho na Polônia. Os dias seguintes da guerra registraram grandes sucessos para o partido polonês. Na segunda metade de 1920, para começar, um grande número de elementos da esquerda do PPS, enojados pela atitude não somente anticomunista, mas antioperária de seu partido, juntam-se ao RKP, dentre eles, Jerzy Sochacki, advogado e ex-secretário geral do PPS, e um deputado, o ferroviário Stanislaw Łancucki. Outros grupos de socialistas os seguem.

Sobretudo, a partir de 1921, são grupos muito importantes de socialistas judeus – também enjoados pela atitude do PPS e pelo seu alinhamento com os chauvinistas e pogromistas – que se juntam aos comunistas. De início, vem *Kombund*; a ala esquerda comunista do *Bund*, dirigida por Aleksander Minc; Abe Flug, Abe Kantor, depois o pessoal de *Poale Zion*, com Gershon (ou Hershon) Dua, Szaul Amsterdam, Mendel Michrowski e Alfred Lampe, bem como os *Vereinigte* (unificados) com Lestchinsky. H. Mendel pôde escrever que a partir desta data o PC polonês tornou-se "a força principal no movimento operário judeu"[63], um partido judeu de massas, recrutando, igualmente, um dirigente camponês popular, membro do Partido Radical Camponês e deputado no *Sejm*, Tomasz Dąbal, dito Dombal, que se tornará um dos futuros dirigentes da Internacional Camponesa, a Krestintern. O fato dele ser o segundo deputado a se juntar ao PC, depois de Łancucki, traz ao partido uma capacidade de agitação infinitamente superior e que os dois homens a saberão explorar.

61. J. Nobécourt, *Une histoire politique de l'armée*, t. I, 1919-1942, *De Pétain à Pétain*, p. 74.

62. Citado por Dziewanowski, *op. cit.*, p. 95.

63. H. Mendel, *op. cit.*, p. 237.

Em que pese as aparências e a lenda existente no Ocidente, a decepção polonesa no verão de 1920 não é o catastrófico naufrágio de uma grande ilusão. As causas da derrota polaca são perfeitamente compreensíveis com a tentativa de exportar a revolução por meio do Exército Vermelho. O apego dos camponeses à partilha da terra foi enfatizado. Finalmente, os progressos dos poloneses justificam a política da Comintern.

O néctar das ilusões[1]

O II Congresso da Comintern é uma pedra fundamental de sua construção, um marco capital no curso de seu desenvolvimento. No fundo, a Internacional tivera apenas sido proclamada. Eis que estava se construindo, sendo verdadeiramente fundada. Desde este mês de agosto de 1920, ela existe e, neste sentido, o apelo de Zinoviev aos delegados para registrar esse momento em suas memórias era perfeitamente justificado.

Primeiras decepções

Não obstante, os dias seguintes a esse evento considerável não foram os que seus organizadores esperavam. Certamente, os partidos continuaram a solicitar sua admissão nas fileiras da nova Internacional. Certamente, centenas de milhares de mulheres e homens reivindicaram nos meses seguintes o título e o nome de comunistas, bem como seu objetivo e programa; reivindicaram sua nobreza, à qual ofereciam sua própria vida. Mas, já havia, no fruto, um verme que não podia ser visto e que comprometia a colheita. O Exército Vermelho fora barrado às portas de Varsóvia e não houve revolução com seu avanço, nem na Polônia nem na Alemanha.

Os centenas de milhares de grevistas na Itália e na Boêmia, as fábricas ocupadas, as estações tomadas de assalto, a bandeira vermelha tremulando sobre as fábricas italianas, os grandes partidos franceses, o Independente alemão, tcheco, se amontoando na porta, tudo isso com um sabor de vitória e dos jubilosos dias seguintes. A época, no entanto, em que os comunistas se desencantariam não estava distante e, pela primeira vez em sua bre-

1. P. Frank, *op. cit.*, 2ª parte, cap. II, "Premières difficultés", p. 121-152; C. L. R. James, *op. cit.*, passa por cima desse período.

ve história, eles perderiam – sem mesmo uma batalha decisiva ter começado, mas pelo próprio peso de sua própria fraqueza – uma parte das conquistas que acreditavam que estava garantida com o II Congresso, aquele das esperanças, e que fora tornado, retrospectivamente, o congresso das esperanças decepcionadas.

O Congresso de Baku[2]

O II Congresso mal tinha terminado quando um certo número de delegados, dentre os quais Zinoviev, Radek, Tom Quelch, Jansen, Alfred Rosmer e John Reed – aos quais se juntou Bela Kun, que tinha finalmente chegado em Moscou – tomaram um trem em direção a Baku. Lá começaria, em 1° de setembro, o congresso dos povos do Oriente. Bela Kun, Zinoviev e Radek representavam a Internacional; os outros, os partidos dos países que tinham colônias. A iniciativa não era unânime. M. N. Roy – que chamava esse fato de "o circo de Zinoviev" – recusou-se a se juntar a eles, pois não via nisso nada mais do que uma parada propagandística.

O Executivo decidira a realização desse congresso e enviou a carta-convocatória na época da convocação do I Congresso. Nessa carta, explicara aos "operários e camponeses do Oriente Próximo" que era preciso que se organizassem, se armassem e se aliassem ao Exército Vermelho para desafiar os capitalistas franceses, ingleses e americanos e também para se libertarem de seus opressores: "Cada ano, vocês atravessam os desertos para chegar aos lugares santos. Agora, trilhem um caminho através dos desertos, montanhas e rios para se reunirem juntos, para decidirem juntos os meios de se libertarem dos grilhões da servidão, de se unirem numa união fraterna e de viverem como homens livres e iguais"[3].

Um importante trabalho preparatório fora feito pelos militantes, comunistas ou não, dessa região, notadamente aqueles do Azerbaijão. Baku fora escolhida como capital de uma república que se encontrava no cruzamento entre a Rússia e o Oriente. O comitê de organização compreendia os comunistas do Azerbaijão – Nariman Narimanov e M. D. Gusseinov, Said Gabiev, do Daguestão –, o comunista turco Mustafa Subhi e os membros do CC do partido russo: Sergo Ordjonikidze e Elena Stassova. Era, de longe, a maior reunião jamais organizada pela Internacional Comunista: 2.850 delegados, dentre os quais 235 turcos, 192 "persas e parses", 157 armênios, cem georgianos, oito chineses, oito curdos, três árabes, diversos caucasianos, 15 indianos, e coreanos. Alguns viajaram durante meses. Os delegados de Moscou, por sua vez, não levaram mais que cinco dias de trem, com muitas paradas para fazer propaganda. Dois iranianos encontraram a morte próximo a Enzeli, metralhados em seu barco por um avião inglês; dois outros foram mortos na fronteira por guardas iranianos. Os delegados indianos vieram pelo Turquistão, bem como

2. Utilizamos aqui a excelente edição estadunidense sobre esse congresso com seus documentos, *To See the Dawn. First Congress of the Peoples of the East*, doravante *Baku*.

3. *Baku*, p. 40.

alguns desertores indianos do exército britânico, dentre os quais, havia comunistas. Dentre os velhos militantes, podemos citar Narimanov e o iraniano Ahmed Sultanzadeh. Outros eram combatentes nacionalistas, notadamente Ryskulov e, sobretudo, Narbutabekov, porta-voz dos não-comunistas.

Zinoviev, um tribuno que sabia sentir sua audiência, compreendeu que não deveria ser demasiado dogmático. Ele silenciou sobre as palavras de ordem de classe em linguagem marxista e colocou ênfase sobre os sentimentos nacionais e religiosos.

A tradição do *jirad*, a guerra santa contra os infiéis, foi utilizada para a cruzada moderna dos povos oprimidos contra os imperialistas opressores. A sala inteira vibrou:

> Camaradas! Irmãos! Chegou a hora de começarmos a organizar uma verdadeira guerra santa contra os ladrões e os opressores. A Internacional Comunista se volta hoje para os povos do Oriente e lhes diz: Irmãos, nós os chamamos à guerra santa e de início contra o imperialismo britânico (Tempestade de aplausos, ovação prolongada. Os membros do congresso se levantam e brandem suas armas. O orador não consegue durante muito tempo continuar seu discurso. Todos os delegados, de pé, aplaudem. Gritam: "Nós juramos").
> Que essa declaração seja ouvida em Londres, em Paris, em todas as cidades onde os capitalistas ainda têm o poder! Que ela inspire o juramento solene pelos representantes e dezenas de milhões de trabalhadores do Oriente! Que, no Oriente, o peso da opressão britânica, o jugo capitalista que pesa sobre os trabalhadores cesse!
> Viva a união fraternal dos povos do Oriente com a Internacional Comunista! ("Abaixo o capital! Viva o império do trabalho!" [Tempestade de aplausos]. "Viva a ressurreição do Oriente!" [gritos de "Urra!". Aplausos]. Vozes: "Viva a III Internacional Comunista!" [Gritos de "Urra!". Aplausos]. Voz: "Viva a unidade do Oriente, de nossos dirigentes respeitados, do Exército Vermelho!" [Gritos de "Urra!". Aplausos])[4].

Um incidente é evitado por pouco pelo fato da presença do dirigente nacionalista jovem-turco Enver Pacha. Enormes dificuldades de tradução tornam evidentemente difíceis as discussões e os debates de idéias: alguns fazem reserva sobre a exatidão das traduções feitas por Piotr Petroff – aquele que nós encontramos na Grã-Bretanha –, pois mostra um entusiasmo que nada parecia justificar naquilo que era para ser traduzido. Relevemos as discussões sobre o sionismo, o papel das mulheres, as críticas, sobretudo dos muçulmanos do Turquistão, sobre o comportamento "grão-russo" de certos comunistas.

Narbutabekov faz um discurso retumbante. Para ele, as massas operárias do Turquistão têm que lutar sobre dois *fronts*, aqui contra os mulás reacionários, lá contra as tendências estreitamente nacionalistas dos europeus e brada: "Nós dizemos a vocês: desvencilhem-se de seus contra-revolucionários, de seus elementos estrangeiros que semeiam a discórdia nacional, desvencilhem-se de seus colonizadores que trabalham sob a máscara

4. *Baku*, p. 78.

de comunistas!"[5]. Ele se atém também às perseguições desencadeadas contra os muçulmanos privados de preces, de ritos de enterro, o que, segundo ele, significa "semear a contra-revolução nas massas trabalhadoras"[6]. Parece que o aviso não foi realmente ouvido. Contudo, ele será repetido.

Fica-se mais à vontade nas grandes manifestações, gestos e cores: por exemplo, na inauguração de um monumento a Karl Marx ou no enterro solene de 26 comissários massacrados no começo da guerra civil. De resto, o congresso publica dois manifestos e cria um conselho de propaganda e de ação – composto por 47 membros de 20 nacionalidades – e um *Presidium* de sete membros, dentre os quais dois representantes da Comintern. Ele será efêmero. Mas, é do ato que o fundou que depreende a fundação do instituto de propaganda de Tashkent, depois Universidade dos Povos do Oriente, fundada em 1921 com 700 estudantes de 57 nacionalidades e com prolongamentos em Baku e Irkutsk.

Um dos historiadores da IC escreve que "a contribuição do II Congresso e do Congresso de Baku à marcha da maior parte da Humanidade em direção ao socialismo constitui um fato histórico colossal". Evidentemente, isso tem um pouco de papo propagandístico. Contudo, podemos reconhecer que foi lá o começo de um longo desenvolvimento, de uma guinada na história do Oriente, em particular, e de um movimento de nacionalidade que se apoiava historicamente na revolução russa.

Jovens mortos

Os dias seguintes do II Congresso foram marcados por um certo número de perdas humanas, que está diretamente ligado à sua realização e às suas conseqüências. De início, John Reed, "Jack". Ele foi sozinho uma espécie de comitê de acolhimento do II Congresso e foi usado em discussões, as quais julgou demasiado vãs sobre a questão sindical, notadamente com Radek. Estava cada vez mais cansado com esses russos que achavam que tinham sempre razão. Parece que, por causa disso, fora muito hostil com Zinoviev. Depois, ele foi para Baku. Um de seus biógrafos, Robert Rosenstone, conta: "John, vestido com uma camisa listrada, sem colarinho e com calças largas, [...] tentava se fazer compreender por meio de sinais e utilizando meia-dúzia de línguas rudimentares; se maravilhava que a revolução tenha tido uma explosão tão grande e sonhava novamente em selar um cavalo e seguir seus novos amigos pelas montanhas"[7].

Rosmer parece não ter visto mais ninguém além dele nessa viagem. Ele se mostra curioso, entusiasta, tanto com os frutos quanto com os artigos de seda e o mar, no qual mergulhou logo que pôde. Para Rosmer, Reed aparentava tristeza durante a viagem de retorno, que deve lhe ter parecido longa, pois esperava, com uma imensa impaciência,

5. *Ibidem*, p. 107.
6. *Ibidem*, p. 108.
7. R. Rosenstone, *John Reed, le romantisme révolutionnaire*, p. 579.

pelo reencontro, em Moscou, de sua companheira Louise Bryant, que tinha vindo dos EUA se juntar a ele. Estava também incontestavelmente decepcionado. Está bem de saúde quando encontrou Louise, mas ficou doente ao termo de dez dias. Fora hospitalizado, mas foi preciso alguns dias para diagnosticar o tifo. Ainda lutou contra as más traduções de suas intervenções no congresso. Morreu em 17 de outubro de 1920, aos 33 anos. A urna contendo suas cinzas foi colocada no muro do Kremlin. Com ele, desaparecia não somente um incomparável cronista e historiador da revolução russa e um grandessíssimo jornalista, mas também um homem entusiasta, generoso, sincero e desinteressado, convencido do que dizia e pronto a sofrer e morrer por suas idéias – um verdadeiro homem, muito mais que o "revolucionário romântico" visto por Rosenstone.

Quando do enterro de Jack Reed, havia já muitas semanas que tinham morrido três delegados franceses, desaparecidos em alto-mar com seu intérprete, o russo-francês Sacha Toubine e que, portanto, nunca tiveram um funeral. Escritor, socialista, pacifista antes de se juntar aos comunistas, Raymond Lefebvre tinha 27 anos e, segundo a expressão de Victor Serge, "clamava pelos sobreviventes de uma geração enterrada nas valas comuns"[8]. Lefebvre acabara de se juntar em Paris ao Comitê da III Internacional. Marcel Vergeat, 29 anos, torneiro mecânico, responsável pela Juventude Sindicalista nos metalúrgicos parisienses, era modesto, um organizador sindicalista revolucionário. Ele apoiara Zimmerwald e Kienthal e era membro do CDS (Comitê de Defesa Sindicalista). Louis Bertho, dito Jules Lepetit, 31 anos, trabalhador de aterramento, depois motorista de pequenos carros, era anarquista e sindicalista, um verdadeiro "chefe proletário", segundo Victor Serge. Ele pertencera à Juventude Sindicalista, aderira durante a guerra ao Comitê pela Retomada das Relações Internacionais. Alfred Rosmer fala dos três franceses e de seu comportamento na Rússia:

> A escolha era excelente e esta delegação, pequena no número, era bem representativa das tendências atuais do movimento operário francês. Raymond Lefebvre era o mais entusiasta; participava com um ardor juvenil das discussões entre os delegados, questionando; informando-se. "Tudo o que nós fizemos até agora deve ser reajustado", ele me disse um dia. Essa era a conclusão do que ele havia visto e apreendido durante sua estadia. Vergeat, por temperamento e pelo fato de que estava fora do partido, era mais reservado; era um militante sólido que não se pronunciava sem antes refletir; era daqueles sindicalistas que, inteiramente devotados à revolução russa, tinha ainda necessidade de se ajeitar, de examinar entre eles o grave problema que era colocado pela adesão a um partido político. Dos três, Lepetit era naturalmente o mais crítico, entretanto, as cartas que escrevia de Moscou e que eram publicadas no *Le Libertaire* mostravam que suas críticas, mesmo vivas, não destruíam sua simpatia pelo novo regime.[9]

8. V. Serge, *Mémoires d'un révolutionnaire*, p. 115.
9. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 132.

Outros mortos no caminho de retorno

Raymond Lefebvre causou naqueles que o conheceram uma grande impressão. Victor Serge fala de uma espécie de mistura de criança e de gênio. Jacques Sadoul escreve a Paul Vaillant-Couturier que o viu como uma "figura luminosa, jovem homem magnificamente dotado [...], um gênio político prestes a florescer"[10]. Todas essas pessoas o consideravam como o futuro chefe do comunismo na França. Vergeat e Lepetit eram militantes operários de uma grande honestidade, os quais Pierre Pascal qualifica de "revolucionários leais e realistas", convencidos, ganhos ao comunismo por sua permanência e investigação.

As circunstâncias de suas mortes deram lugar à polêmica, às acusações de assassinato pelos russos – normais da parte da direita, mas que nos parecem um verdadeiro anacronismo, pois Lenin não era Stalin e as duas épocas são bem diferentes. Em realidade, o que é indiscutível, é que os três homens estavam apressados em voltar para a França e o caminho normal para um homem que vinha da Rússia, nas condições que eram as deles, passava por Murmansk e pela via marítima. Eles partiram, apesar do mau tempo e não chegaram. Annie Kriegel investigou sem sucesso e teve que reconhecer que nada permite falar em assassinato e que nada permite desmenti-lo, uma conclusão que pode ser aplicada a muitas mortes acidentais! Em suas lembranças, Alfred Rosmer cita longamente Pierre Pascal, que lhes encontrava muito em Moscou:

> Vergeat e Lepetit deixaram a Rússia muito mudados. Aprenderam aqui uma grande verdade que lhes falta na França. Antes, imaginavam, mais ou menos conscientemente, que a nova sociedade de seus sonhos, sem classes nem exploração, poderia ser instaurada de um dia para o outro e suceder – totalmente pronta – o regime capitalista no dia seguinte da revolução. Eles aprenderam na Rússia que esta sociedade deve, ao contrário, se forjar a duras penas e no esforço de longos anos [...] E, depois, sua educação fora completa por Lenin em pessoa, oralmente e por escrito. Eles tiveram com ele uma longa e cordial entrevista; leram a tradução francesa de sua obra *O Estado e a Revolução*. Essa leitura foi para eles uma verdadeira revelação [...]. Seu sentimento do dever foi a causa de sua morte. Pereceram vítimas da precipitação de levar à França a boa palavra do comunismo.[11]

O delegado grego no congresso, o estudante Demósthenes Ligdopoulos, e o representante da Comintern na Grécia há pouco designado, Orion Alexakis, um russo de origem grega, foram provavelmente assassinados pelos pescadores do pequeno barco no qual embarcaram para voltar clandestinamente ao seu país. O desaparecimento de Ligdopoulos – que, antes do congresso, conversou longamente com Rakovsky – foi uma dura perda.

Enfim, para um grupo de militantes turcos, o II Congresso foi também uma de

10. Carta de J. Sadoul a P. Vaillant-Couturier, 19 de novembro de 1920, In: *Bulletin communiste*, n. 16, 21 de abril de 1921, p. 255-260.

11. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 123.

suas últimas atividades políticas. Dentre eles, se encontravam dois militantes do tempo da guerra e do grupo comunista na Rússia, Mustapha Subhi e Ismail Hakki. Regressos legalmente a seu país, foram lá assassinados pela polícia, que se contentou em afogá-los no mar de Mármara.

As grandes greves da Itália[12]

Muitos consideram que a greve com ocupação de fábricas na Itália, em setembro de 1920, marca o apogeu da ascensão revolucionária, a afirmação da vontade da classe operária de se apropriar do instrumento de dominação e do direito de dirigir a sociedade inteira. Ora, a palavra de ordem foi lançada pelos dirigentes moderadíssimos do sindicato dos metalúrgicos, a FIOM, para evitar a greve, a qual julgavam demasiada dura e perigosa. Porém, essa política foi apropriada rapidamente pelos trabalhadores sobressaltados. A ocupação intervém ao termo de quatro meses de negociações intermináveis sob a forma de diálogo de surdos. Antonio Gramsci, o homem do *L'Ordine Nuovo*, foi quem primeiro percebeu a mudança qualitativa que ela trazia:

> Quando os trabalhadores faziam greve, o dever dos grevistas se limitava a ter confiança em seus dirigentes distantes [...]. Se os operários em luta ocupam as fábricas e decidem continuar a produção, a posição moral das massas muda bruscamente e toma força e valor diferentes. Os bonzos [...] não podem mais dirigir tudo [...] a massa deve resolver os problemas da fábrica por seus próprios métodos e por meio de seus próprios homens[13].

A ocupação das fábricas pelos metalúrgicos ocorreu do dia 1° a 4 de setembro de 1920. Conta-se no total, em todo o país, 400 mil ocupantes metalúrgicos, 500 mil com aqueles que manifestam sua solidariedade imitando-os. Os técnicos estão com os operários. Sobre todas as fábricas ocupadas tremula a bandeira vermelha, algumas vezes formando uma verdadeira floresta. Canta-se, dança-se, toca-se bandolim. A ocupação é de uma só vez o trabalho para si e o prazer para todos. Comumente, uma Guarda Vemelha garante a segurança. Uma metralhadora sobre o telhado de uma fábrica Fiat. É o caso em Turim, onde há mais de cem mil ocupantes. Num belo artigo, ainda hoje penetrante, Antonio Gramsci, no *Avanti!* de 5 de setembro de 1920, saudou com entusiasmo o "domingo vermelho" dos metalúrgicos. Mas, todos os observadores da época, de Angelo Tasca a Palmiro Togliatti, sem esquecer dos reformistas e dos maximalistas, sublinham a terrível insuficiência da preparação militar dos operários, que não poderiam passar à ofensiva para fora da fábrica sem uma iniciativa desse gênero. O armamento, quando ele existe, e a

12. Podemos nos reportar à obra já citada de Paolo Spriano, assim como a seu trabalho sobre a ocupação das fábricas e a Angelo Tasca, *Naissance du fascisme*.

13. A. Gramsci, "O domingo vermelho", In: *l'Ordine Nuovo*, 5 de setembro de 1920.

Guarda Vermelha, quando ela está organizada, têm somente significação defensiva e ainda assim uma defesa altamente limitada no tempo pela fraqueza do armamento e a penúria das munições. Os socialistas maximalistas falaram até o esgotamento da revolução, mas não houve um pingo de preparação revolucionária nesse sentido. Também, é com pleno conhecimento de causa que, em 6 de setembro, a direção da CGL interroga os socialistas turineses quando de seu conselho nacional e lhes pergunta se querem passar à ofensiva e se estão preparados para dirigi-la. É Togliatti quem responde: "Não contem com uma ação lançada somente por Turim. Nós não atacaremos. Isso exige uma ação simultânea no campo. E, sobretudo, exige uma ação em escala nacional"[14].

Em 10 de setembro à tarde, ocorre uma dramática reunião comum da direção da CGL e do PSI. Em nome da primeira, D'Aragona declara que, se o partido pensa que o momento para a revolução chegou, sua organização sindical se recusará a lançar o proletariado no suicídio e pedirá demissão, deixando aos dirigentes socialistas a direção do conjunto do movimento. A direção do partido se furta e procura sair bem da situação: dá uma de esperta e pede que a direção seja tomada pelo conselho nacional da CGL. Ali, a moção de D'Aragona obtém 591 mil votos contra 400 mil. A direção reformista vence. Para os vencidos, inclusive para os comunistas partidários de Moscou, ficou para uma próxima. Mas, Giolitti, chefe do governo, se aventura por esta porta estreita. Seu projeto de institucionalização do controle operário encontra a aprovação do patronado e da direção sindical. O acordo é assinado em 19 de setembro e deve ser referendado pelos grevistas. Os reformistas gritam vitória.

Brechas reveladoras

A ruptura de fato entre o partido e Moscou era total. Nem Serrati, nem Bordiga chegaram ainda de sua viagem a Moscou. É somente em 21 de setembro que o Executivo da Internacional discute a situação na Itália e encarrega Zinoviev de lançar um apelo ao proletariado italiano. Nessa data, os chamados à ação – formação de sovietes, insurreição armada, etc. – que vão chover de Moscou, estão tão anacrônicos, que ninguém vai publicá-los. De fato, foi de Paul Levi, numa entrevista ao *Avanti!*, em 14 e 15 de setembro, que veio a primeira crítica comunista do exterior. Para ele, a Itália vive um grande momento revolucionário, mas, não há "nenhum objetivo revolucionário claro". Os riscos são enormes – escreve – "se o partido não tomar imediatamente as rédeas do movimento para dominar os eventos e tornar-se a força motriz". Ele admite que é possível que ainda não tenha chegado a hora de estabelecer a república italiana dos sovietes, mas, em todo caso, é o momento de lançar a palavra de ordem de conselhos operários políticos e de estabelecer um poder operário, criando, assim, uma situação de duplo poder.

14. Citado por J. M. Cammett, *Antonio Gramsci and the Origins of Bolshevism*, p. 118; P. Spriano, *La Occupazione de las fabricas*, p. 96-97.

Serrati chegou no dia 16 e declara no dia 20 que o acordo se trata de um sucesso, pois nele o princípio da propriedade privada foi violado, mas frisa o perigo da instituição de um controle sindical, fonte de colaboração de classes, e diz que esse mesmo acordo é uma vitória política para a burguesia. Os amigos de Bordiga, na Fiat de Turim, conduzidos por Giovanni Parodi, anunciam seu rompimento para formar um partido comunista. As reações são finalmente mitigadas – Bordiga desacredita os turineses – e o referendo organizado pela FIOM dá ao acordo uma aprovação de consolo. Gramsci, em 24 de setembro, num artigo do *Avanti!* de Turim, garante que se deixou passar uma ocasião revolucionária: "Um movimento revolucionário só pode repousar sobre uma vanguarda operária e deve ser dirigido sem consultas prévias e sem o aparelho das assembléias representativas". Ele denuncia a forma "anti-revolucionária" do referendo e não é o único, um operário de Florença explica: "Se a votação der Sim, precisaremos voltar para casa, e se der Não, precisaremos sair"[15].

Ninguém sabe ainda que esse revés é o começo de um profundo refluxo. Sabe-se menos ainda na medida em que os órgãos de imprensa e certos responsáveis da Internacional Comunista deram do movimento uma descrição que tem somente uma relação distante com a realidade. Por exemplo, este relato épico, imaginado de longe por Karl Radek, de uma revolução traída:

> Igual às massas nos metalúrgicos, o têxtil e a química ocupam as fábricas e mostram o caminho da rua aos patrões de ontem, igual às massas dos proletários sem lar que passam à ação, ocupam as quintas e os palácios dos ricos, e neles instalam suas mulheres e suas crianças. O movimento se estende ao campo. A partir da Sicília, depois subindo do sul da Itália em direção a Itália central, os camponeses marcham, bandeiras vermelhas à frente, para tomar as grandes propriedades e formar sua Guarda Vermelha.[16]

Começo da cisão na Tchecoslováquia[17]

É no número 15 da revista *L'Internationale communiste* que é publicado, no começo de 1921, o primeiro relato substancial sobre a Tchecoslováquia: aquele do Congresso de Baku. Também, a notícia de Victor Serge sobre Raymond Lefebvre aparece ali. O artigo é assinado por "Hulla". Trata-se, na verdade, de Bretislav Húla, um ex-prisioneiro de guerra na Rússia, próximo de Muna e membro do primeiro núcleo comunista.

O que está em jogo é considerável. A Tchecoslováquia não é um país atrasado, conta 13,5 milhões de trabalhadores assalariados, dos quais 45% somente na indústria. Os di-

15. Citado por G. A. Williams, *Proletarian Order*, p. 273.

16. K. Radek, *La Via dell'Internazionale comunista*, Roma, 1921 e P. Spriano, *op. cit.*, I, p. 83, n. 4.

17. Voltamos às obras já citadas de P. Zinner, G. Skilling e ao artigo de B. Húla (aqui Hulla), "A cisão na social-democracia tchecoslovaca", *Die Kommunistische Internationale*, n. 15, 1921.

rigentes do Partido Social-Democrata Tchecoslovaco anunciam 700 mil membros. Nas eleições legislativas do começo de 1920, obtiveram 600 mil votos e 74 eleitos. Ora, a conferência da Esquerda Marxista em Praga, em 5 de setembro de 1920, discute a adesão à Comintern, mas somente como possibilidade. Sabemos quanto os dirigentes desse partido – e mesmo aqueles que se dizem de esquerda, como Bohumir Šmeral – são reticentes perante toda postura revolucionária, inclusive perante a perspectiva de cisão de um partido que eles querem conquistar por dentro, sem expulsar ninguém, ou o mínimo possível. Nesse sentido, as aparências são muitas com o partido italiano. Contudo, sob a pressão da Internacional Comunista, a esquerda tcheca acaba por decidir a fazer campanha pela demissão dos ministros social-democratas do governo, em que eles coabitam com ministros burgueses.

Batalha por um congresso

O Executivo – com maioria de direita – decide, então, convocar um congresso extraordinário, de 26 a 28 de setembro, com uma ordem do dia contendo não somente um relatório de atividades, mas a discussão do programa e da tática da Internacional Socialista; dos estatutos. A esquerda, explorando as dificuldades da coalizão no poder e a crise econômica e social, conduz uma campanha com o tema quádruplo: demissão dos ministros social-democratas do governo, ruptura com os partidos burgueses, eleição dos conselhos operários e adesão à III Internacional.

Em agosto, quando de uma reunião do Executivo, este último somente pode constatar que a grande maioria dos delegados no congresso – um para cada mil membros – já foram eleitos e que dois terços dentre eles pertencem à esquerda, tendo esta, portanto, garantido a maioria. Essa perspectiva soa tanto mais inadmissível para a direita do Partido Social-Democrata, dirigida por Antonín Němec, pelo fato de que ela obviamente está informada do que se passa em Moscou, ao mesmo tempo em que os comunistas acabavam, com Bolen, de conquistar o sindicato dos operários agrícolas. Depois de uma discussão com o ministro Eduard Beneš, homem de confiança do presidente Masaryk e verdadeira cabeça política do governo, a direita do PSD decide passar brutalmente à ofensiva. Uma direção restrita toma toda uma série de decisões capitais. De início, os ministros social-democratas deixam o governo, o que retira do pessoal da Esquerda Marxista um dos argumentos que mais haviam utilizado. A direção social-democrata afirma a fidelidade do partido a seu programa e a sua tática e sublinha, à luz das decisões do II Congresso da Comintern, a incompatibilidade absoluta entre "comunismo e "social-democracia", sendo, portanto, expulso do partido automaticamente qualquer um que reivindique o comunismo e, obviamente, laços com a Internacional Comunista. Nessas condições, ela estima necessária a verificação das convicções e do passado de cada delegado eleito e um comprometimento pessoal por escrito de sua parte dizendo que recusa todo vínculo com o comunismo. De igual modo, o congresso foi adiado em dois meses e fixado nos dias 25 e 26 de novembro a fim de permitir essa depuração.

Batalha por um imóvel

Essa decisão desconcertante dos campeões da democracia formal lembra evidentemente a expulsão, em 1916, pelo Partido Social-Democrata Alemão, de sua oposição, que daria a luz ao USPD. Entretanto, existem duas diferenças que devem ser destacadas: primeiro, o processo estatutário de discussão foi interrompido brutalmente a partir do momento em que pareceu que a direção foi colocada em minoria; em seguida, a direção está evidentemente aqui na contra-corrente do sentimento do partido, o que não ocorreu na Alemanha de Scheidemann, como frisa Bretislav Húla. É provavelmente nesse período que a direção do partido realiza uma operação jurídica que faz passar a propriedade dos bens do partido a um grupo dependente dela, sob a presidência de um deles, coisa que a esquerda ignora. Esta, por sua vez, toma disposições para que o comitê de empresa do grande imóvel do partido, a *Lidovy dum*, tome o controle tanto do imóvel, como de sua gráfica e de seu cotidiano em Praga, o *Pravo Lidu*.

Dessa vez, a esquerda aceita a batalha que a direita estava procurando, uma prova de força, mas pela luta pela cisão. Em uma reunião ocorrida em 15 de setembro, no café Zabransky, no bairro operário de Karlin, sob a pressão dos trabalhadores praguenses indignados, a esquerda decide manter o congresso como previsto, se necessário sem os representantes da direita e do centro. Em 18 de setembro de 1920, aparecem dois *Pravo Lidu*, um dirigido por Šmeral e que sai da gráfica da *Lidovy dum*, como de costume, e o outro, sob a direção de Antonín Němec, que foi impresso numa empresa privada. Mas, este último, dirigindo-se à justiça, apresenta uma queixa que lhe rende, a título conservatório, o direito, por meio do serviço de correio, sobre toda a correspondência, o dinheiro, etc. endereçado ao antigo endereço de *Pravo Lidu*. O jornal da Esquerda Marxista terá que mudar de novo e ser rebatizado de *Rudé Pravo*, abandonando à direita o antigo título, que ela considerava seu. Um breve encontro, no qual a Esquerda Marxista esteve representada por Šmeral, Skalák e Zápotocký – que fizeram uma proposição de compromisso notadamente sobre a data do congresso –, acaba não dando em nada: a direita, que tem certeza do apoio do aparato estatal, mesmo sem os ministros, quer ir até o fim. E, é justamente ela quem obtém essa cisão que Šmeral por tanto tempo recusou à Internacional Comunista.

A Esquerda Marxista domina o congresso

Quando o congresso, adiado pela direita, mas rapidamente retomado pela esquerda, se reúne em 26 de setembro, 338 delegados regularmente eleitos (de 537) estão presentes. As delegações dos membros da esquerda social-democrata de diferentes nacionalidades do país estão lá também, não somente os alemães, com Karl Kreibich, mas também os poloneses, os magiares e os judeus – que estão na expectativa, pois o II Congresso lhes pediu para se juntarem a um partido comunista da Tchecoslováquia, bem como que os

tchecos não pisassem em falso nesse terreno.

Bohumir Šmeral, bem seguro de si, faz um discurso que pode parecer acrobático. Ele se proclama comunista, explicando que "comunismo" significa "social-democrata honesto". Se proclama partidário da "revolução", mas sublinha que é preciso escolher seu momento com cuidado e declara:

> É interessante notar que nos dizem que somos agentes de Moscou, ao passo que nós somos os únicos a não ter seguido o exemplo russo. [...] Eu sentia desde o começo que tal tática não serviria aqui. [...] Nós elaboramos nossa própria tática. [...] Quando fui à Rússia, disse que, mesmo que persigamos objetivos revolucionários, nós não podemos aplicar a tática elaborada em Moscou [...] e nós achamos que nossa tática teve mais sucesso que a que foi aplicada em Viena e em Budapeste. Na hora, nosso ponto de vista não foi entendido, mas, no final das contas, creio que os camaradas russos reconheceram a justiça de nossa política, ao menos por ora.[18]

Ele insiste: não se trata da revolução num país ou em outro, mas da revolução na Europa central. Depois dele, Skalák fala do II Congresso e das condições de admissão, da necessidade de um PCT representativo dos comunistas de todas as nacionalidades.

A Esquerda Marxista adota um Programa de Ação, cuja idéia de base é o caráter inelutável do socialismo. A ditadura do proletariado é definida nele como "a etapa intermediária, ao longo da qual, depois da tomada do poder do aparato de Estado, a classe operária começa a construir a ordem socialista" e que desaparecerá com a realização da sociedade sem classes[19]. O programa chama a formação de sovietes e se pronuncia pela autodeterminação nacional, admitindo a participação nas eleições com a condição de que uma luta sem concessões seja travada no parlamento contra os partidos burgueses. Também condena, sem mais, "a política de coalizão e o ministerialismo". É Šmeral quem conclui: "O partido deve colocar a carne e o sangue nas idéias revolucionárias"[20].

O congresso, depois de uma saudação fraternal à III Internacional e ao proletariado russo, elege, no final, uma direção cuja maioria – que Húla garante, em seu relato – comporta uma maioria de operários de indústria. O presidente, frisa, é um operário. Em 7 de outubro, ocorre a cisão no seio do grupo parlamentar. A maioria dos parlamentares vai em direção à direita, com 56 deputados, e somente 18 apoiando a esquerda. Em 16 de outubro, começa a investigação sobre a queixa apresentada por Nemec contra a ocupação ilegal, segundo ele, da gráfica do *Pravo Lidu* e da *Narodni dum*. Falaremos disso mais tarde.

18. Citado por P. Zinner, *op. cit.*, p. 31 e Hula, *loc. cit.*, p. 220.

19. Citado por Hula, *loc. cit.*, p. 221-222.

20. *Ibidem*, p. 221.

Batalha pelo USPD[21]

A batalha pelo USPD se escalona dos últimos dias de agosto até o meio de outubro. Mais do que as outras, ela sofre com as conseqüências do fracasso do exército russo perante Varsóvia. Seus progressos retumbantes, a quase certeza de que os trabalhadores poloneses se sublevariam quando o exército russo se aproximasse, as importantes conseqüências que o evento teria na Alemanha, tudo aquilo causou no congresso um fervor revolucionário nutrido de esperanças a curto prazo. A constituição, em 4 de agosto, do Comitê Revolucionário Provisório da Polônia, presidido por Julian Marchlewski – este *Revkom* de que falamos – acreditava na idéia da proximidade da vitória, pelo menos tanto quanto na discussão sobre a regulamentação da questão agrária na Polônia. Mais dura foi a queda, explorada evidentemente contra os partidários da adesão à Comintern, dentre os quais havia muitos que tinham "contado com o ovo dentro da galinha". Um outro fator atuava igualmente contra os partidários da adesão à IC: a decisão de lutar contra a Internacional Sindical de Amsterdã e sobretudo a criação, às margens do II Congresso, de um Comitê Internacional Provisório, sob a presidência de Lozovsky, a fim de preparar um congresso internacional de sindicatos vermelhos.

Indiferentes a Moscou no meio do congresso, essas iniciativas reeditam na Alemanha os ecos hostis e inquietantes dos meios sindicais, relativamente influentes entre os operários Independentes. Os quatro delegados alemães do USPD retornam à Berlim em 23 de agosto. Em 24, o Executivo decide organizar, em 1° de setembro, uma conferência preliminar – em que fará os relatórios – e começa a organizar a discussão. Em 25, *Freiheit* publica o texto das 21 condições. Em 26, aparece nele a primeira contribuição à discussão, assinada por Daümig. Fica claro imediatamente que a batalha será encarniçada.

Com os Independentes de esquerda, não está mais o solitário Paul Levi, que ficou, aliás, chocado, em Moscou, com procedimentos incorretos e certos ataques desleais; ficou particularmente atingido pelo fato de que, pelas suas costas, Radek e Zinoviev tentaram despedir Ernst Meyer, seu colaborador próximo, por animar contra ele, uma tendência de esquerda. De fato, essa batalha lhes escapa como escapa ao KPD(S), que estava mudando de nome para KPD para se conformar às decisões da Internacional.

A batalha do Executivo

O Executivo participa de algo essencial. Para ele, é o primeiro dos combates, em muitos sentidos decisivos, os quais permitirão eliminar os elementos centristas e tomar a direção dos antigos partidos socialistas de massa. O que está em jogo é considerável: um partido de 800 mil membros com uma base material bem sólida – 54 diários – e, sobre-

21. Existe, a respeito, uma documentação muito importante: Robert Wheeler, *USPD und die Internationale* e David W. Morgan, *The Socialist Left and the German Revolution*, são os mais importantes.

tudo, com quadros operários forjados nas lutas políticas e nos combates da guerra civil. Não é um problema alemão, é um problema internacional, é o Outubro confrontado com os problemas de amanhã de manhã. É a preparação da guerra civil. O Executivo dirige, em 29 de setembro, uma carta aberta aos membros do partido independente, explicando que a Internacional Comunista tornou-se, de uma certa maneira, uma moda e que não podemos aceitar nela todos os que solicitam serem admitidos: "Nós abrimos largamente nossas portas a toda organização proletária de massas, mas nós refletimos mais de dez vezes antes de abrir as portas da Internacional Comunista aos recém-saídos do campo dos dirigentes pequeno-burgueses: os burocratas e os oportunistas, como Hilferding e Crispien"[22].

O Executivo se esforça para justificar o caráter de estado-maior general internacional da Internacional, garante também que em tais circunstâncias a cisão é um "dever sagrado". O historiador britânico David Morgan notou esse estado de mobilização ofensivo, que cimentava o pessoal da esquerda do USPD, unânimes por afirmar, como Stoecker, que se havia entrado numa "guerra civil decisiva e aguda contra a burguesia"; que se precisa de "centralismo". Daümig fala de "disciplina militar" e o velho Adolf Hoffmann de "ditadura, mesmo em nossas fileiras". De resto, a esquerda denuncia o oportunismo, a colaboração de classes, o reformismo, o chauvinismo, o pacifismo e grita: "Viva Moscou!"

A direita, por sua vez, fala de independência, de autodeterminação dos partidos, de liberdade de opinião, de independência dos sindicatos, de respeito à democracia, denuncia os *diktats*, os papas "infalíveis", a "colonização" russa e mesmo a barbárie asiática. Ela grita: "Abaixo a Moscou!"

Quando da conferência preparatória, as forças parecem mais ou menos iguais. A imprensa e os eleitos, assim como a quase totalidade do aparato e os responsáveis sindicais pronunciam-se contra a aceitação das condições de admissão. Mas, a corrente a favor de Moscou cresce a cada dia e a direita, apavorada, abreviará a discussão ao adiantar a data do congresso para 12 de outubro, anteriormente prevista para o dia 20. Dia após dia, entretanto, se sucedem as informações sobre as "assembléias de membros", com debates de opiniões contrárias e votação. No final das contas, de 851.650 membros consultados, 136.665 se pronunciaram pela aceitação das 21 condições e 99.668 contra, o que resultou respectivamente em 225 e 155 delegados.

Do lado dos russos e da Internacional Comunista, é Zinoviev, dessa vez, quem faz a viagem. Ele parte na madrugada do dia 8 para o 9, acompanhado de seu cunhado Ionov e do búlgaro Chablin, assim como de "cinco mensageiros soviéticos", diz ele, dentre os quais alguns anjos da guarda, sem dúvida. Depois de algumas horas de espera em Reval, embarcam em um vapor e desembarcam finalmente em Stettin no terceiro dia. Camaradas alemães os esperam, dentre os quais Curt Geyer, que Zinoviev conhecera no II Congresso e que lhe anuncia: "Temos a maioria". Evidentemente, é o grande convidado da esquerda, com Lozovsky, que chegou primeiro.

22. *Die Rote Fahne*, 12 de outubro de 1920.

A direita convidou Martov, o menchevique, antigo amigo de Lenin; socialistas franceses, o centrista Jean Longuet, neto de Karl Marx, e Salomon Grumbach, "social-chauvinista", célebre na guerra de 1914-1918.

A lista de delegados é uma espécie de Gotha do movimento operário alemão e encontramos nela até mesmo numerosos "delegados revolucionários" de 1918 e dirigentes das guerras civis que ocorreram na Alemanha desde essa data.

O Congresso de Halle

O congresso extraordinário se reuniu na Schlachtfeld de Halle. A sala fora magnificamente decorada de símbolos e cartazes comunistas, pelos cuidados da organização local, ganha para a adesão. Curiosamente, os delegados se agruparam por afinidade política, cada tendência ocupando um dos lados da sala, sem coabitação, nem ombro a ombro. A atmosfera é bem tensa. Os partidários da adesão têm medo de que um incidente possa servir de pretexto para que seus adversários deixem a sala argumentando que não houve verdadeira discussão. Houve somente um incidente que assustou. Cansados do discurso interminável de Lozovsky, os adversários de Moscou o vaiaram e cobriram sua voz até que abandonasse a tribuna. Seus amigos tinham instruções de não revidar. Na mesma preocupação de unidade perfeita antes da cisão, designou-se dois presidentes pertencendo às duas tendências que se opunham, Wilhelm Dittmann pela direita e Otto Brass pela esquerda.

Depois dos quatro delegados e seus relatórios, ocorreu a intervenção tão esperada de Zinoviev, que falou por mais de quatro horas e meia – o discurso mais longo de uma carreira cheia de longos discursos, garante ele – em alemão, um pouco hesitante de início, depois se descontraindo e desprendendo todo seu imenso talento de orador popular. Ele foi apaixonadamente ouvido e se gabará quando de sua volta de não ter sido interrompido em nenhum momento, mesmo por Ledebour, especialista no assunto. Zinoviev discutirá amplamente as questões sobre as quais os Independentes de direita exprimem seus desacordos, a política agrária dos bolcheviques, sua política nacional no Oriente, a questão sindical, a estrutura e papel dos sovietes; o terror finalmente. Em matéria agrária, ele diz que os bolcheviques aplicaram a única política que poderia lhes garantir a vitória. Qualquer outra faria com que se chocassem com as massas camponesas. Aí e na questão nacional, diz que seus adversários exibem a estreiteza de seu horizonte. A revolução não será outra que mundial e, no Oriente, ela será inicialmente nacional e agrária. Quem nega os problemas coloniais, ajuda de fato o imperialismo e manter sua dominação no mundo. Também ironiza, sem piedade, aqueles que se indignam com o "terror vermelho" e a "ditadura" do partido e que não protestaram com a mesma intensidade pelo fim da opressão nos tempos do czarismo ou das barbáries do terror branco, depois resume: "Estamos realizando a cisão, não porque vocês querem 18 condições no lugar de 21, mas porque estamos em desacordo sobre a questão da revolução mundial, da democracia e da ditadura do

proletariado"[23]. A seus adversários, ele reprova por serem inspirados, antes de mais nada, pelo medo da revolução. Ora, é imperativo mostrar que ela está ali: "Estamos em 1847", ela bate à porta em toda a Europa, mas, sobretudo, na Alemanha. A situação lá é revolucionária. A última muralha da ordem é a aristocracia operária, os partidos reformistas e sua burocracia – a dos sindicatos. É preciso destruir este ferro de lança da reação e a adoção das 21 condições por este congresso será o primeiro passo em direção à vitória da revolução proletária na Alemanha.

A resposta do orador da direita, Rudolf Hilferding, é totalmente defensiva. Ele invoca Rosa Luxemburgo para justificar seu distanciamento com relação ao centralismo bolchevique, critica a política do bolchevismo como uma espécie de aposta perpétua – utiliza o termo *va-banco* –, pois acredita na existência de tendências revolucionárias, mas igualmente que a revolução não se decreta, nem pode ser submetida a condições. O debate não alterou muito os votos e sem dúvida Zinoviev exagera ao garantir que ele pessoalmente ganhou 14. O jogo estava feito e continuava como dantes.

O congresso vota a aceitação das 21 condições e o começo das negociações de fusão com o KPD. É, então, que o presidente da direita declara que ao aceitar as 21 condições a conferência acabava de se colocar por si mesma fora do USPD e convida a minoria a deixar a sala e a se reunir em outro lugar.

Nascimento de um grande partido comunista

Sobrava a questão da fusão com o KPD, que a Internacional queria que fosse resolvida rapidamente. Mas, a IC mantinha sua pressão para que essa fusão englobasse também o KAPD, impressionado, aliás, pela operação realizada em Moscou e em Halle. O KAPD, tendo expulso Rühle – que tinha se esforçado para romper com Moscou–, começou as negociações. O USPD e o KPD fusionaram no congresso, que ocorreu de 4 a 7 de dezembro de 1920, e formaram então o Partido Comunista Unificado da Alemanha (VKPD), que contava, na época, com aproximadamente 350 mil membros – uma forte proporção de operários, o núcleo da velha guarda da esquerda e não somente os espartaquistas, mas os militantes e os quadros organizadores dos trabalhadores na época da guerra e da revolução. Simbolicamente, o VKPD conta com dois presidentes, Paul Levi e Ernst Daümig.

A cisão na Tchecoslováquia

No momento em que os comunistas alemães e a direção da Internacional Comunista puderam entoar seu canto de vitória, era a vez de seus camaradas da Tchecoslováquia de sofrer uma repressão severa da parte de uma burguesia, a qual, durante muito tempo,

23. *Protokoll USPD*, p. 156.

agradaram. O movimento começado em setembro na Boêmia havia se generalizado. Em setembro de 1920, a Juventude Socialista da Eslováquia – animada pelo húngaro Mihaly Farkas – se pronuncia pela adesão à Comintern, em direção da qual se dirigem outros grupos. Na Boêmia, no conflito aberto pela cisão de setembro, na qual o governo apoiou politicamente a social-democracia, as autoridades desempenharam um papel decisivo de conselho. Agora, eles intervirão diretamente.

O sinal da resistência e a informação à Europa capitalista foram dados por numerosas declarações oficiais de apoio aos reformistas, notadamente uma do presidente Masaryk. O segundo sinal bem claro foi a presença no "congresso" social-democrata de 26 e 27 de novembro dos três símbolos: Émile Vandervelde, Camille Huysmans e Hermann Müller. No começo de dezembro, os primeiros incidentes estouram com a suspensão pelo governo de numerosos jornais da Esquerda Marxista. A decisão de garantir a posse do imóvel da *Lidovy dum* não foi executada devido à indiferença a esta questão da direção do partido na capital e à impossibilidade de renovar os destacamentos de operários de Kladno.

Em 9 de dezembro, ao chamado do deputado social-democrata Himmelhans, tornado discretamente "proprietário" dos bens do partido, a polícia intervém, varre os poucos piquetes que vigiavam a entrada e recebe imediatamente o reforço de muitas centenas de gendarmes. Diversos deputados ou dirigentes da Esquerda Marxista, que tentavam suscitar movimentos de protesto, são presos e alguns são espancados. No final da tarde, grupos de trabalhadores alarmados pelos rumores se juntam perante a *Lidovy dum*, guardada pelas forças da ordem, com diversas centenas de responsáveis convocados a uma reunião de trabalho. Incidentes ocorrem e a polícia procede uma "limpeza" sumária do local. À noite, Antonín Němec, em meio a seus amigos políticos, retorna ao local o restituído pela polícia. O episódio não deixa de lembrar aquele da tomada do *Vorwärts* na Alemanha imperial.

No dia 10, pela manhã, o Comitê Executivo da Esquerda Marxista e seus deputados se reúnem no *Parlamentsklub*, por falta de lugar. Muitos milhares de pessoas já estavam aglomeradas perante a *Lidovy dum*; muitos chamados à greve geral são lançados de lá, sendo aprovada por aclamação. À tarde, se formam cortejos de protesto e há numerosos feridos nas ruas devido a confrontos entre os manifestantes e as forças da ordem. O Executivo da Esquerda Marxista lança a ordem de greve geral. No final do dia, há dezenas de feridos e cada vez mais uniformes nas ruas.

Greve geral ao chamado da Esquerda Marxista

A greve que começa em 11 de dezembro não é geral. Ela somente adquire um caráter revolucionário em Kladno e Brno, onde conselhos operários assumem o poder, sendo constituídos por voluntários – mas também por meio de recrutamento de jovens trabalhadores – guardas vermelhas, verdadeiras unidades paramilitares. Entretanto, pode-se ver em todo o país uma explosão de reivindicações políticas e econômicas, que vão desde o

confisco das grandes propriedades até o direito ao voto dos soldados, da requisição de alojamentos até a eleição de um novo parlamento ou de sovietes. No dia 12, o governo decretou estado de sítio, o que suspende todas as liberdades públicas e facilita a repressão, inclusive por delito de opinião. Há, por quase todo lado, violentos enfrentamentos entre as forças da ordem e os operários, grevistas ou manifestantes, mas estes últimos são somente uma minoria. Em 15 de dezembro, finalmente, perante a recusa do presidente Masaryk de negociar, o Comitê Executivo da Esquerda Marxista, apavorado pelas perspectivas aventureiras e incapaz de enfrentar a repressão desencadeada, resolve anular a palavra de ordem de greve. Já havia mais de três mil trabalhadores aprisionados – dentre eles, Alois Muna e Antonín Zápotocký, detidos com os dirigentes do movimento em Kladno.

Zinoviev compara a greve de dezembro às jornadas de julho na Rússia e anuncia a vinda próxima do Outubro. O Executivo de Moscou tornou pública sua avaliação somente alguns meses mais tarde, numa severa carta com respeito à direção. Não obstante, o movimento em direção ao comunismo avança. Gordon Skilling escreve:

> Os eventos de dezembro de 1920 demonstraram aos olhos dos comunistas as conseqüências da ausência de um partido proletário revolucionário e de uma direção autenticamente comunista: não conseguimos aproveitar as condições favoráveis para uma revolução social, o que permitiu a restauração da burguesia e a estabilização de sua posição de classe dirigente. Independente de qual seja a verdade contida nessa análise, foi dessas circunstâncias que se desenvolveu o impulso que conduziu em um ano a fundação do PC tchecoslovaco.[24]

Em Moscou, estima-se em 400 mil o número de membros de organizações social-democratas nacionais – tchecas, morávias, eslovacas, alemãs, magiares, etc. – da Tchecoslováquia suscetíveis a se filiarem à Internacional Comunista.[25]

Primeiros ataques fascistas na Itália[26]

É logo após o fim do movimento grevista com ocupação de fábricas que começam na Itália as primeiras "expedições punitivas" lançadas pelos *squadristi* e por Benito Mussolini, ex-socialista, fundador dos Feixes e do "fascismo". A correlação é evidente, não exclusiva. É verdade que a ocupação de fábricas apavorou os donos, humilhou os proprietários e que a divisão dos dirigentes do movimento operário, que ela tornou explosiva, pôde encorajar seus inimigos. O fascismo e seus bandos já existiam, nascidos da guerra e da frustração dos ex-combatentes, da vontade de certos setores patronais de atingir a organização operária, da raiva dos latifundiários perante a revolta camponesa; da colaboração do Estado, que via nele um instrumento útil e bem eficaz contra a ameaça revolucionária. O enfraquecimento visível do adversário foi um fator de encorajamento decisivo.

24. G. Skilling, *loc. cit.*, p. 352-353.

25. H. Majderová dá o número de 600 mil para a Esquerda Marxista.

26. Os trabalhos essenciais são os de Tasca e Spriano.

O historiador do começo do fascismo, Angelo Tasca, frisa a agressão fascista de 21 de novembro de 1920, em Bolonha, onde a chapa socialista, bem marcada à esquerda, obtivera 18 mil contra doze mil das chapas adversárias, mas que os fascistas anunciaram que não tomariam posse. Os socialistas bolonheses disseram que se defenderiam por si só. Os *squadristi*, instalados sem encontrar obstáculos, encurralados no canto da Praça da Prefeitura, atiram contra a multidão quando aparece na sacada o prefeito comunista. Há sete mortos e uma centena de feridos – todos socialistas ou simpatizantes –, tanto pelas balas fascistas quanto pela explosão das bombas que os socialistas agredidos, surpresos, deixaram explodir.

No interior da prefeitura, ocorrem tiros e uma bala disparada das tribunas contra a minoria do conselho mata um vereador da direita, advogado, ex-combatente, nacionalista e anti-socialista. A ira se desencadeia contra os "antinacionais" que, dizem os fascistas, mataram, "numa armadilha", um ex-combatente, herói da guerra. Angelo Tasca comenta:

> O cadáver do ex-combatente é explorado até o delírio; esquece-se a provocação fascista, a ilegalidade armada contra uma administração regularmente eleita, os nove mortos socialistas. [...] Os hesitantes se afastam ou passam para os fascistas. Os socialistas, que não souberam nem utilizar a legalidade, nem organizar a ilegalidade, vêem se voltar contra eles, ao mesmo tempo, os bandos fascistas e a força pública. A era das violências, das represálias e das "expedições punitivas" começa.[27]

O método se generaliza. No Vêneto Juliano, luta-se ao mesmo tempo contra os "estrangeiros" – os eslavos – e contra os socialistas-comunistas. Na província de Ferrara, as organizações sindicalistas revolucionárias anti-socialistas de operários agrícolas dão uma guinada e passam ao fascismo. Em todo lugar, o objetivo é o mesmo. Trata-se de destruir as organizações operárias, partidos e sindicatos, e de os expulsar das posições que conquistaram – municipalidades ou contratos coletivos. Trata-se também de aterrorizar os homens e às vezes, freqüentemente, de suprimi-los. Em face desta contra-revolução, guerra de classe, guerra civil itinerante, não se vê nenhuma política geral ser organizada do lado do PSI. Os socialistas, com os maximalistas na primeira posição, estão em pleno desajuste e deixam isso bem claro. Os comunistas pensam que é preciso se preparar para a resposta armada e Antonio Gramsci se põe a demonstrar que a revolução ainda está para ser feita e que não estava se vivendo num período de reação.

De semana em semana, entretanto – em que pese o heroísmo dos militantes –, prefeituras, casas do povo, câmaras de trabalho, prédios sindicais e políticos são incendiados, gráficas e empresas de imprensa são saqueadas e militantes tombam. Os fascistas não param de se reforçar; em julho de 1920, há uma centena dos *fasci*, sendo que alguns esta-

27. A. Tasca, *op. cit.*, p. 127-128.

vam em vias de constituição. Em outubro, eles dobram, chegando a 800 ao fim do ano; é apenas o começo. Do movimento operário, Angelo Tasca conta-nos que, depois da greve de setembro, "ocorre a queda ininterrupta". Ainda não se sabe nada em Moscou e prossegue-se, antes de qualquer coisa, o esforço, por todo tipo de pressão, para conseguir que o Partido Socialista Italiano expulse seus reformistas, Turati e outros. Para Bordiga, o fascismo e a social-democracia são duas faces do mesmo inimigo: a Internacional Comunista discutirá o fascismo em congresso somente dois anos depois de suas primeiras expedições punitivas e dois meses depois de sua chegada ao poder...

De Berna a Tours[28]

O estonteante sucesso em Halle deixou um pouco nas sombras aquele em Berna, onde a saída da minoria de esquerda do PS suíço foi o fiador tão esperado do nascimento de um PC suíço. Foi a Jules Humbert-Droz que coube a apresentação e a defesa das 21 condições, episódio picante, pois o ex-pastor teve que justificar o uso da violência e mesmo do terror, o que ele fez com muita franqueza. O voto deu a maioria o Comitê Central por 350 votos contra 213. Conhecido o resultado, um porta-voz da minoria declarou que esta estava mais do que nunca decidida a construir uma seção suíça da III Internacional, aceitando as 21 condições e mais de 200 delegados deixaram a sala. Humbert-Droz já tinha recebido a missão do representante da IC, Abramovitch, de trabalhar pela fusão de sua minoria com o PC da Suíça Alemã e dispunha até mesmo, desde já, de um salário e de um fundo para publicações[29].

O partido socialista francês era uma outra história. As coisas estavam bem entre os jovens com a orientação dos Estudantes Socialistas Revolucionários que adoravam Jean de Saint-Prix, morto aos 22 anos, bem como o servo Voja Vujović. Nomes de pessoas muito jovens, Jacques Doriot, Gabriel Péri, Henri Lozeray, Marie Wiarczag (Rosa Michel), Maurice Honel, apareciam. A decisão da Juventude Socialista, em 31 de outubro de 1920 – numa sessão de congresso presidida por Vital Gayman – de tornar-se Juventude Comunista, era de bom augúrio. Foi em 23 de dezembro de 1920 que se abriu nessa cidade, na *Salle du Manège*, o X Congresso do Partido Socialista Unificado da França, que reuniu 285 delegados, representando 4.575 mandatos. Os jogos estavam feitos desde o início, pois 3.200 mandatos foram ganhos em favor da aceitação das 21 condições, 1.236 eram contra e havia 150 abstenções. Não veio a esse congresso nenhum delegado russo oficial, por falta de visto. Zinoviev se manifestou somente por uma carta, batizada de "telegrama", al-

28. Existe uma abundante literatura sobre o congresso de Tours: o livro de Annie Kriegel e o das Éditions sociales, de volume diferente, portando o mesmo título, e o começo do primeiro capítulo do tomo I de Ph. Robrieux, *op. cit.*, "Le parti de Tours".

29. Encontraremos um bom resumo da situação geral e dos desenvolvimentos políticos ao final do primeiro volume das memórias de Jules Humbert-Droz, *Mon évolution du tolstoïsme au communisme*.

tamente espetacular. A chegada de Clara Zetkin e o jogo de luzes que se apagaram na sala para proteger sua saída foi uma bela performance para uma velha senhora de cabelos brancos, que acabara, ainda por cima, de atravessar clandestinamente a fronteira franco-alemã sob a proteção do operário francês de Longwy Auguste Mougeot, um amigo de Rosmer.

O Congresso de Tours assemelhou-se pouco ao de Halle, do qual era, em princípio, a seqüência ou a reedição. Na cidade industrial alemã, a fronteira do partido tinha passado entre o centro e a esquerda. Foi preciso tempo para perceber na tribuna um jovem orador, ex-combatente, o advogado Paul Vaillant-Couturier, que falava em nome da esquerda. Esta, como sabemos, estava já particularmente fraca no seio do próprio partido, mas quase desapareceu no congresso. De início, pela trágica morte de Raymond Lefebvre – ele teria sido um porta-voz incomparável da "geração das trincheiras" – que tinha muito peso entre a minoria. Em seguida, dois de seus principais dirigentes, Fernand Loriot e o jovem Boris Souvarine, estavam em prisão preventiva na prisão da Santé, esperando serem levados aos tribunais por seu pretenso "complô". Em verdade, com o retorno à França de Cachin e Frossard, estes últimos conseguiram – com seus camaradas do comitê da III então na Santé e com aqueles que estavam em liberdade – realizar um acordo para uma preparação em comum do congresso. Igualmente, chegou-se a um acordo sobre a necessidade ou a possibilidade de levar em conta as concessões prometidas por Zinoviev a Daniel Renoult, em Halle, e sobre a possibilidade de retirar Jean Longuet e Paul Faure da lista de homens a serem expulsos *a priori* e sem discussão.

Jean-Louis Panné, o biógrafo de Souvarine, indubitavelmente tem razão quando escreve que a cisão da SFIO, em Tours, foi, em grande parte, obra de Boris Souvarine, que não se encontrava, contudo, lá. A ligação estava, de fato, garantida entre sua cela e a de Loriot na Santé, de uma parte, e a *Salle du Manège* de outra, por André Le Troquer e René Reynaud. Evidentemente, isso não apareceu muito ao público, para quem os dois defensores da adesão eram centristas de volta de Moscou. Cachin e Frossard, retornados, como dizia Dunois, "reencarnados, não mais como mandatários do partido, mas como mandatários de Moscou". Não faltaram as "concessões" feitas pelos partidários da adesão. A primeira concernia aos sindicatos e precisava "a cooperação dos sindicatos com o partido" no lugar de sua "subordinação". De resto, passemos a palavra a Souvarine:

> O Comitê fez algumas concessões de importância secundária e selou, assim, a aliança das duas tendências contra a aprovação das 21 condições: a modificação daquela que tratava das relações dos partidos com os sindicatos, o adiamento da troca do nome do partido, o abandono pelo comitê do direito a dois terços das cadeiras dos organismos diretores, a transformação das expulsões *a priori* de certos elementos centristas em expulsão *a posteriori*, provocada pela recusa de aceitação da resolução do congresso.[30]

30. Citado por J.-L. Panné, *Souvarine*, p. 90.

Tais concessões, em princípio, deveriam ir mais longe ainda, pois Daniel Renoult retornava de Berlim trazendo um garantia de Zinoviev sobre a possibilidade de admitir Jean Longuet e Paul Faure tendo como base esta última concessão. Ora, um golpe teatral coloca fim à operação, a qual uma mensagem de Riga – batizada de "telegrama de Zinoviev" – qualificava de "compromisso embaraçado" e "ruinoso", que se tornaria para o partido "um verdadeiro peso morto" e garantia que a Internacional Comunista não poderia ter nada em comum com os autores da moção Longuet e outros. É o que ficou conhecido como a exclusiva de Zinoviev contra Longuet[31]. Ela foi aceita por uma boa parte do centro. Numa carta a Lenin, Clara Zetkin protesta a propósito do "telegrama" e das intervenções do Executivo em geral, contra o caráter "de uma intervenção brutal e autoritária, na ausência de um conhecimento exato das circunstâncias reais que se deve levar em conta" das intervenções do Executivo. Ela acrescenta detalhes sobre as vivas reações assim inutilmente provocadas no congresso; a irritação provocada notadamente pelo emprego de injúrias[32].

Não podemos falar do Congresso de Tours sem mencionar a intervenção no debate de Léon Blum, defensor dos "resistentes", isto é, daqueles que não queriam de forma alguma as condições, nem a adesão à Internacional Comunista. Falando muito bem, ele explicou que o PS era um partido popular, controlado por seus militantes, um partido de recrutamento amplo, de liberdade de pensamento, gozando de uma representação proporcional das tendências, conduzindo uma ação de educação popular e de propaganda pública, um partido socialista, portanto revolucionário. Quer-se substituí-lo, diz ele, por um partido com segmentos ilegais e clandestinos, com um comitê diretor oculto. Garante-se que o reformismo não existe mais, que é preciso um partido socialista, com uma ruptura de continuidade pela conquista do poder político sobre essa base. Ora, os bolcheviques queriam uma tomada de poder de tipo blanquista, uma ditadura, diz ele. Blum garante que não há posição de princípio a favor ou contra a defesa nacional e conclui que nenhum voto da maioria abafará seu "grito de consciência". Ele impressiona seus adversários, mas a batalha continua!

É, finalmente, Charles Rappoport quem deu o melhor resumo do balanço do Congresso de Tours na *Revue communiste*:

> A moção de Tours, agrupando uma maioria devastadora, foi um compromisso. Os pingos não foram colocados nos 'is'. As "vinte e uma" não foram aceitas tais quais, mas foram "reconstruídas" segundo o velho método diplomático das concessões mútuas. [...] O novo comitê diretor e a nova *L'Humanité* se encontram nas mãos dos antigos reconstrutores, convertidos – para a maior parte deles de boa fé – ao comunismo revolucionário.[33]

31. Chamou-se de "telegrama de Zinoviev" uma mensagem ao congresso do Executivo da Comintern, "sob forma de ultimato", conforme escreve Robrieux, exigindo a eliminação de Jean Longuet. Tal texto era assinado não somente por Zinoviev, mas por outros membros do Executivo, como Lenin, Bukharin, Trotsky e Rosmer.

32. Citado por G. Badia, *Clara Zetkin, féministe sans frontières*, p. 220.

33. C. Rappoport, "Le début d'une ère nouvelle communiste en France", *Revue communiste* n. 11-12, 1921, citado por J.-L. Panné, *op. cit.*, p. 93.

A votação decisiva foi conquistada por 3.247 mandatos contra 1.308. O Partido Comunista, Seção Francesa da Internacional Comunista (SFIC), nasceu.

Os outros partidos

Outros partidos, no mais das vezes, infinitamente menores, nasceram durante esse período e entrarão de uma maneira ou de outra na Internacional Comunista.

Em 7 de novembro de 1920, se constitui o Partido Socialista de Esquerda, logo em seguida Partido Comunista Dinamarquês, de acordo com as 21 condições de início, contando mais ou menos com 2.500 membros.

Em agosto de 1920, é fundado o *Communist Party of Great Britain* (CPGB), com mais ou menos dois mil membros, que toma o lugar do CP (BSTI) e aceita as 21 condições. Johnny, ou John Maclean, não está no congresso de unificação. Ele fora expulso. Sua hostilidade com respeito ao emissário de Moscou, Theodor (ou Fedor) Rothstein, sua convicção de que era preciso um partido comunista na Escócia e o fato de ter recusado empreender a viagem ilegal para Moscou aparentemente colocaram uma barreira entre a Internacional e ele. Depois de novos combates e novas condenações; de novas greves de fome, ele morre em 1923, aos 44 anos.

Foi no verão de 1920 que foi fundado o PC da Irlanda. Um dos últimos amigos de Maclean, ex-combatente e jovem herói – o *boy commander* – da insurreição de Dublin em 1916; um ex-combatente do IRA, o grande orador Sean McLoughlin, é seu secretário.

Em novembro de 1920, o Partido Comunista da Sérvia, Croácia e Eslovênia, que excluiu, em junho, seus centristas em Vukovar, consegue um estrondoso sucesso nas eleições, com 200 mil votos e 54 deputados. No começo de dezembro, os mineradores da Bósnia fizeram uma greve duríssima, que culmina com uma insurreição armada na região de Tuzla, a partir da cidade mineradora de Husina, cuja deflagração foi celebrada todo dia 22 de dezembro desde 1944 até 1996 como um evento histórico, glorioso aniversário. Mas, em 29 de dezembro, talvez para chegar ao fim da greve dos mineradores da Bósnia, o governo invoca um complô comunista e realiza um verdadeiro golpe de Estado estabilizante, conforme diz o dirigente comunista Šima Marković, "a ditadura aberta de um grupelho militarista-banqueiro", com um exército de 150 mil homens e uma gendarmaria de 50 mil, financiados, pelo governo francês. O golpe dissolve o PC, fecha as dependências sindicais e as casas do povo, as bibliotecas e livrarias operárias, proíbe a imprensa, suspende a liberdade de reunião e de organização e abole a imunidade parlamentar. O PC passa à ilegalidade.

O partido socialista grego de Ligdopoulos, privado de seu dirigente principal, torna-se "comunista" em seu II Congresso em abril de 1920, sem aparentemente suscitar, em Moscou, um grande interesse. Sua direção manifesta grandes reticências sobre a adesão às 21 condições.

Por outro lado, há novidades no *front* espanhol. Com efeito, um delegado do PCE – o partido fundado pela JS, que é considerado, em Moscou, como um pequeno partido

com tendências sectárias –, Ramón Merino García, vai ao II Congresso. Ele chega somente em 27 de agosto e não encontra Zinoviev. Perante o Executivo, defende seu partido, reclama o dinheiro que lhe fora prometido por Borodin, depois visitará o *front* sul, de onde ele retorna entusiasmado com o moral do Exército Vermelho. Ele consegue, pouco antes de sua partida, se encontrar com dois dirigentes do PSOE que chegaram em 18 de outubro: um deles, Fernando de los Ríos, é adversário das 21 condições, mas Daniel Anguiano é partidário. Mas, tanto um como o outro estão muito longe daquilo que os bolcheviques esperam dos comunistas e Bukharin foi o encarregado de explicar isso a eles de maneira bem pedagógica. Os dois homens retornam com as mesmas posições com que vieram. Seu partido resolverá o imbróglio, muito embora com atraso.

Na CNT, em que pese a reação negativa de Pestaña às proposições de Moscou, a idéia da adesão progride: consta-se a ascensão de jovens quadros, que começam a ser chamados de "comunistas sindicalistas". Joaquín Maurín e Andrés Nin, que escapa por pouco de um assassinato em novembro de 1920, aparecem em primeiro plano. Mas, o enorme erro da campanha de terrorismo desencadeada pelos anarquistas contra os patrões provoca represálias. O general Severiano Martínez Anido, governador militar da Catalunha, decide acabar com a agitação social e vai, evidentemente, com os meios do Estado, combater os anarquistas com um joguinho de assassinato e capangas. Apoiando os sindicatos ditos *libres*, dispondo dos pistoleiros patronais, bem como dos *libres*, ele lança uma campanha de exterminação dos quadros da CNT, assassinados um após o outro.

A Internacional decidira utilizar toda sua autoridade para fazer com que os comunistas dos EUA acabassem com suas querelas fracionais para se unificarem num único partido comunista. Em abril de 1921, uma minoria do *Communist Party* – dominada pelas federações de língua estrangeira –, dirigida por Charles Ruthenberg, se revolta e reclama a unificação com o *Communist Labor Party*. A ocasião foi dada por um panfleto da direção de seu partido que convocava os ferroviários em greve a... começar a insurreição armada. A Internacional reage com o envio de uma delegação de três responsáveis que conheciam bem os EUA: Charles Scott, Louis Fraina e Katayama. A minoria Ruthenberg e o *Communist Labor Party* fundem-se em de maio. É apenas um pequeno passo.

Na América Latina, o PSI de Penelón adota as 21 condições e torna-se o Partido Comunista da República da Argentina, mas que está em conflito com uma minoria esquerdista que conta com militantes operários de valor, como Héctor Raurich, Angelica Mendoza, os irmãos Juan e Rafael Greco, além de Miguel Contreras – que encontraremos entre os "chispistas". Mas, o PC argentino recebe um reforço importante com a adesão da minoria do PS favorável "a Moscou": os "terceristas" – agrupados em torno de *Claridad* –, alguns antigos – dentre os quais o prestigioso Enrique del Valle Iberlucea – e jovens militantes que decidem sua adesão no congresso da sala Roma, em Avellaneda. Dentre eles, um Prosper Olivier Lissagaray, homônimo perfeito do veterano historiador da Comuna de Paris.

Logo em seguida, o partido operário socialista do Chile, sob a impulsão de Recabarren, se junta aos argentinos ao tornar-se partido comunista e ao aderir à Comintern, da mesma forma ocorre com o partido uruguaio, nascido do PCRA.

Estes últimos vão também ao sul do Brasil e criam um grupo comunista em Porto Alegre, de onde sairá, em março de 1922, o PC do Brasil, com alguns dos maiores dirigentes do movimento de 1917-1918, notadamente o ex-anarquista Astrojildo Pereira e o tipógrafo João da Costa Pimenta. O primeiro-secretário do PCB é um barbeiro sírio de Porto Alegre, Abu Nakt, tornado-se Abílio de Nequete.

Em Cuba, o antigo companheiro de José Martí e dirigente do PS de Cuba, Carlos Baliño, funda a *Agrupación Socialista de La Havana* que é presidida pelo líder sindical da Federação Operária de Havana, José Peña Vilaboa.

Outros grupos aparecem, núcleos de futuros PCs: no Panamá, o Grupo Comunista fundado pelo jornalista espanhol Blázquez de Pedro e outro no Peru, com Alfredo Goldsmith.

A Internacional Comunista coloca o pé na Ásia, onde já existia o Partido Socialista Coreano de Djishun Pak (grafado na época Pak Din Shun), com homens que vinham de Petersburgo ou da Coréia.

Turcos que viveram em Berlim e que se dizem "espartaquistas" juntam-se aos amigos de Subhi e fundam, em Ancara, em junho de 1920, um partido comunista turco clandestino. Eles fazem sombra suficiente em Mustafa Kemal para que seu chefe, Nethem, o circassiano, seja obrigado a fugir pelas linhas do inimigo grego.

Em julho de 1920, em Enzeli, é fundado, como continuação do Partido Social-Democrata Alâdat, o Partido Comunista da Pérsia, cujo um dos iniciadores, Kaferzadeh, acabava de ser executado.

O PKI, o Partido Comunista da Indonésia, fora fundado, em maio de 1920, na seqüência e sobre a base do ISDV (Associação Social-Democrata das Índias), ela mesma fundada por dois militantes holandeses em 1913: Baars e Sneevliet. Esse partido, dirigido pelos javaneses Semaun e Darsono, junta-se à Internacional Comunista em dezembro. O grosso de seus militantes, jovens, saiu da organização nacionalista *Sarekat Islam*.

A fundação do Partido Comunista da Índia, a despeito das reticências de Lenin, foi decidida numa reunião – ocorrida em Tashkent, com a iniciativa de M. N. Roy, em 17 de outubro de 1920 – que contava, então, com sete membros, dentre os quais duas companheiras européias de militantes indianos. Atinge o efetivo de 13 ao fim de dezembro do mesmo ano. A Internacional teve a lucidez de reconhecê-lo somente enquanto grupo. Voltaremos a esses partidos num capítulo particular mais à frente.

O fim da guerra civil

De fato, durante o tempo em que o primeiro plano do palco fora ocupado pelos congressos, moções e resoluções, comissões e compromissos, a guerra civil prosseguia e estava quase terminando. As forças do último dos generais brancos, o barão P. N. Wrangel, criatura dos franceses e refugiado na Criméia, foram ressuscitadas pela ofensiva polonesa; depois pela guerra. Ajudado financeiramente, bem-equipado, o general-barão tinha recu-

perado numerosos oficiais do exército de Denikin, formados na guerra civil e forjados nos mais duros combates: suas tropas estavam em situação calamitosa, de costas para o mar, na Criméia. Eles avançaram no tempo da Batalha da Vístula, depois tiveram que recuar perante o Exército Vermelho, o qual desviara, por outro lado, forças importantes do *front* polonês na esperança de liquidar, junto com elas, o último dos abscessos. Os Vermelhos – 175 mil homens, o dobro de Wrangel – dispunham de muitos trunfos novos – blindados, canhões, aviões e, até mesmo, trens blindados –, espólios de guerra dos exércitos em fuga de Denikin e de Koltchak.

Frunze, que comandava o Exército Vermelho, tentou tomar o istmo de Perekop, "o gargalo da garrafa", para impedir o acesso de Wrangel à Criméia, mas fracassou depois de uma batalha encarniçada de sete dias. As tropas de Wrangel puderam encontrar asilo na "garrafa". Não obstante, sua sorte estava selada. Em 10 de novembro, toda a península estava nas mãos do Exército Vermelho; Wrangel e uma parte de seus homens embarcaram em seus navios e nos de seus aliados – perfazendo uma centena no total – e emigraram definitivamente. Muitos deles iriam se fixar em Constantinopla, nos Bálcãs e mesmo no Ocidente, constituindo-se em um viveiro de escolha para os agentes soviéticos à procura de recrutas amantes da aventura, do risco e do dinheiro. Depois do Congresso de Baku, Bela Kun fora designado como comissário político junto à uma divisão do exército de Frunze.

Uma lenda tenaz, segundo as alusões de Levi aos "turkestaner" e relançada por Victor Serge, diz que, na condição de governador militar da Criméia, no dia seguinte à vitória, Kun mandou executar prisioneiros brancos a quem Frunze e ele mesmo prometera deixar viver se se rendessem. Fala-se de 13 mil vítimas. Lenin, revoltado com tal deslealdade, teria de início exigido que Bela Kun fosse fuzilado, depois, rendendo-se aos argumentos de velhos camaradas, teria se contentado com um exílio no Turquistão, de onde seus amigos o livrariam rapidamente. Victor Serge conta: "Encontrei muitos testemunhos horríveis dessas matanças, por meio das quais um revolucionário fraco de caráter e de inteligência, vacilante, tivera estupidamente tentado posar-se de 'homem de ferro'".[34] Borsanyi, o biógrafo húngaro de Bela Kun, é bem reservado sobre essa questão, da qual não dissimula, contudo, que tenha agitado, e muito, o universo comunista na época. Segundo Borsanyi, ninguém duvida que a Criméia reconquistada tenha sido submetida ao terror vermelho e ao tratamento de choque dos tchekistas, mas acrescenta que aquilo não teve nada de excepcional. Não obstante, assinala, sem citá-los, que podemos encontrar documentos nos arquivos, nos quais Frunze acusa Bela Kun de abuso de poder e de medidas arbitrárias. Por outro lado, a designação ao Turquistão, por sua vez, parece bem atestar a lenda.

34. V. Serge, *Mémoires d'un révolutionnaire*, p. 147-148. Será que podemos dizer que Victor Serge, fino retratista, não parece ter bem-visto Bela Kun?

O fel ou o infantilismo burocrático[1]

Poderíamos esperar que o fim da guerra civil, ao atenuar as tensões, provocasse uma certa descontração. Não foi assim. Provocou, decerto, uma aspiração à melhora de vida, ao fim das restrições, à descontração – por assim dizer –, mas que não poderiam ser satisfeitas, se transformando em seu contrário. Os trabalhadores estimavam que tinham direito de comer e que nenhuma ameaça da parte dos Brancos vencidos lhes impediria, agora, de defender suas reivindicações elementares. Os camponeses, que não tinham mais medo de que os generais czaristas viessem lhes tomar as terras, recusavam-se, agora, a entregar suas colheitas para alimentar as cidades ou o exército, ou exigiam, no mínimo, ser pagos. Os bolcheviques no poder foram pegos pelo turbilhão de seus problemas internos, de suas dificuldades econômicas, de suas divergências partidárias.

A situação da Rússia no começo de 1921

Um historiador favorável aos bolcheviques pinta este quadro econômico da Rússia no começo de 1921:

> O país [...] parece se decompor. Regiões inteiras vivem num estado de anarquia próximo da barbárie, sob a ameaça de bandos de malfeitores. Toda a estrutura econômica parece desmo-

1. Além de todas as obras antigas e do menos recente, mas ainda útil, trabalho de Andress, *Stillborn Revolution*, é preciso, evidentemente, dar um lugar importante ao livro de Sigrid Koch-Baumgartner, *Aufstand der Avantgarde*.

ronar. A indústria produz somente 20% do que produzia antes da guerra, 13% em valor. A produção de ferro representa 1,6%, a de aço, 2,4%. A produção de petróleo e carvão, setores menos atingidos, representa respectivamente 41 e 27%, somente, em relação à situação anterior à guerra; nos outros setores, a porcentagem varia entre zero e 20%. Os bens de produção foram atingidos; 60% das locomotivas estão fora de uso, 63% das vias férreas inutilizáveis. A produção agrícola baixou tanto em quantidade, quanto em valor. A superfície cultivada reduziu 16%. Nas regiões mais ricas, as culturas específicas desapareceram e deram lugar a pobres culturas de subsistência. As trocas entre as cidades e o campo foram reduzidas ao mínimo: da requisição, ao escambo.[2]

A situação social é uma verdadeira tragédia: "o nível de vida das populações urbanas é bem inferior ao estrito mínimo vital. Em 1920, os sindicatos estimam que as despesas absolutamente necessárias representam somas que são de dois e meio a três vezes superiores aos salários. [...] Também, as cidades, famintas, se esvaziam [...]. Em três anos, Petrogrado perdeu 57,5 e Moscou 44,3% de sua população. Em relação ao pré-guerra, uma perdeu a metade e outra um terço de seus habitantes"[3]. Seguindo a expressão de Bukharin, há uma verdadeira desintegração do proletariado. Não há mais uma verdadeira classe operária e *a fortiori*, não mais vanguarda da classe operária, pois os que a compunham estão no aparato do partido, do exército, do Estado, da Tcheka, dos "comandantes de operários". E isso tudo num país que enfrentará, em 1921, o reaparecimento da fome, que atingirá duramente o campo.

Ao mesmo tempo, concebe-se a necessidade vital e a terrível dificuldade da construção de uma Internacional em torno do Partido Bolchevique, principalmente, no momento em que o fim da guerra civil, bem como da dos blocos, permitirá a retomada das relações internacionais. Ora, o partido conhece, devido a essa situação e à urgência de um reajuste, uma crise muito séria por meio daquilo que ficou conhecido como a "discussão sindical". No começo, há as proposições de Trotsky, que, em vão, apresentou, alguns meses antes, medidas de apaziguamento – que foram rejeitadas – e, desde então, procurou medidas nos marcos do "comunismo de guerra". Nomeado Comissário aos Transportes, ele emprega métodos que obtiveram sucesso quando estava à frente do Exército Vermelho e tira daí a conclusão de uma verdadeira "militarização dos sindicatos", que provoca não somente os protestos dos sindicatos, mas de uma fração do partido, em que é Chliapnikov quem anima a Oposição Operária. Lenin o segue no começo e aceita a criação de "exércitos de trabalho", depois se convence de que a situação é perigosa e recua. Trotsky será colocado em minoria, enquanto Zinoviev faz campanha contra a militarização do partido e pelo retorno à democracia soviética de 1917. Greves e manifestações de descontentamento se multiplicam, a agitação camponesa toma a forma de verdadeiras revoltas. A esperança renasce entre os emigrados brancos.

2. P. Broué, *Le parti bolchevique*, p. 148.

3. *Ibidem*, p. 148-149.

O trunfo alemão

Nessas condições, compreende-se a importância que revestia as primeiras vitórias internacionais conseguidas após o II Congresso da Internacional e, em particular, a conquista da maioria do Partido Social-Democrata Independente Alemão. Certamente, a totalidade dessa maioria não se juntou ao novo partido comunista unificado, pois o antigo USPD foi, na verdade, dividido em três partidos: um que se juntou ao KPD, outro que se organizou à parte e o terceiro, dos antigos membros que abandonaram, ao menos pelo momento, toda afiliação e que, segundo os desenvolvimentos tradicionais deste tipo de crise, não estavam, sem dúvida, longe de constituir uma maioria silenciosa e impotente. É o próprio Paul Levi quem o sublinha: o nascimento do VKPD é um evento alemão da revolução mundial, "a formação do primeiro membro importante e constituído sobre o plano da organização, da Internacional dos oprimidos, lado a lado com a Rússia soviética"[4].

O novo partido tem entre 300 e 350 mil membros, o que faz dele uma força considerável. Os representantes da Internacional se colocam rapidamente ao trabalho para ajudar a construir o aparato necessário, os departamentos especializados – questões sindicais, questões camponesas, imprensa e *agit-prop*; quadros e formação –, sem falar do necessário aparato clandestino, militar, mas também de inteligência. Um historiador da revolução alemã escreve sobre esse ponto:

> No seio do novo partido unificado encontram-se pessoas da velha guarda dos radicais do pré-guerra, o núcleo dos fiéis de Rosa Luxemburgo, mas também os social-democratas da esquerda de sempre, os Ernst Daümig, Friedrich Geyer, Adolf Hoffmann, Emil Eichhorn, de quem Lenin dizia que eram "os elos viventes, que ligavam o partido às largas massas operárias, de quem gozavam da confiança". Com eles, vieram os militantes operários, os quadros organizadores da classe, os dirigentes das grandes greves de massa de Berlim durante a guerra, os construtores dos conselhos operários, o núcleo dos Delegados Revolucionários berlinenses da guerra e da revolução, Richard Müller – o próprio – e os Wegmann; Paul Eckert, Paul Scholze, Heinrich Malzahn e Paul Neumann. Sobre eles, Lenin dizia que "são pessoas como essas que formam as largas colunas de fileiras sólidas do proletariado revolucionário" e que "é sobre sua força indomável que tudo repousa nas fábricas e nos sindicatos". Todos esses homens encontram-se com a velha guarda espartaquista – que coabita, de agora em diante, o novo partido com os militantes de todas as regiões da Alemanha e que dirigiu, desde 1917, os combates revolucionários: Erich Wollenberg – salvo do exército dos conselhos da Bavária –, Hermann Remmele – o metalúrgico de Mannheim –, os irmãos Bernard e Wilhelm Koenen – de Halle –, o tipógrafo saxão Paul Böttcher; Bernhard Düwell, de Zeitz, o estivador Ernst Thälmann, de Hamburgo, o metalúrgico de Remscheid Otto Brass e, finalmente, Curt Geyer, ex-presidente do conselho operário de Leipzig em 1919[5].

4. P. Levi, *Rapport sur la fusion USPD-KPD*, p. 38.

5. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 432-433.

No momento do debate em Moscou e antes da retirada do Exército Vermelho (que destruiu bastante as esperanças), a maioria da direção russa estava dividida. Se deixarmos de lado aqueles que, como Trotsky e Radek, não acreditavam que o avanço do Exército Vermelho pudesse provocar um levante operário na Alemanha, duas tendências estavam constituídas: uns pensavam que uma vitória militar levaria à destruição da ponta de lança do capitalismo alemão, de sua força militar reduzida, e que a via se abriria para que a revolução alemã agisse por suas próprias forças. Outros, pensaram, ao contrário, numa investida nos Bálcãs, localizado na Europa do sudeste, a qual poderia fornecer, tanto à revolução alemã quanto à revolução italiana, uma retaguarda. O adiamento da revolução para mais alguns meses, quiçá um ano – pois é provavelmente numa encruzilhada dessa ordem que foram feitos os prognósticos dos dirigentes da Internacional – conduziu a outras divergências.

Lenin, como sabemos, foi um dos primeiros que apontou no debate o esgotamento do movimento de massas. Porém, para a maioria dos outros dirigentes da Internacional – tal qual no período antecedente, o que explicava as derrotas da revolução era a ausência de um partido revolucionário –, agora, era justamente a existência de um verdadeiro partido comunista alemão o fator decisivo para a revolução. Zinoviev proclamava: "Um grande partido comunista nasceu na Alemanha. Isso provocará eventos de uma significação histórica sem precedentes"[6]. Na verdade, para ele, a cisão continha, em si mesma, o gérmen da reunificação. Como um partido comunista de centenas de milhares de membros poderia não acabar com a aristocracia operária e não seria capaz de conquistar a direção da esmagadora maioria da classe operária?

A posição original de Paul Levi

Paul Levi pensa como Lenin, mas tem de fato uma posição original sobre dois pontos capitais. De início, ele não acha que a revolução alemã, que já tinha se desenvolvido de maneira altamente original, pudesse se desenvolver no mesmo ritmo e sob as mesmas formas que a revolução russa. Sempre reconhecendo que Lenin teve razão contra Rosa Luxemburgo sobre a fundação do partido e que o KPD deveria ter sido constituído bem antes, ele continua a afirmar que o proletariado consciente é mais importante que o partido em si. Levi não retorna à crítica formulada por Clara Zetkin, numa carta a Lenin, concernente às somas de que dispunham os enviados especiais do Executivo ao exterior e o uso discutível que faziam delas, mas assinala o perigo para a Internacional que nasce do papel desempenhado na Rússia pelo partido e do risco, por seu intermédio, de uma pressão das necessidades diplomáticas do Estado soviético sobre a política do partido alemão. Enfim, por ora, a linha de Levi é, por todos os indícios, ganhar pelas ações comuns as massas operárias que não vieram ao partido e que se encontram a sua direita; trabalhar

6. Zinoviev, *Zwölf Tage in Deutschland*, p. 57.

para recompor, antes do assalto final, o *front* dos proletários alemães.

Às vésperas do Congresso de Halle, Zinoviev se opõe claramente a ele, quando explica que não basta um partido comunista, mas que "é preciso um partido fortemente centralizado, com uma disciplina de ferro e uma organização militar"[7]. Atrás de Zinoviev também se amoitam os adversários de Paul Levi, como um jovem militante alemão de origem russa, Arkadi Maslow, que critica a ausência do KAPD na unificação e deseja acrescentar à linha correta do KPD "um pouco de impulso revolucionário". Também é o caso, sobretudo, de Radek que faz acrescentar à resolução do congresso de unificação um parágrafo claramente orientado contra Levi: "Ao passo que um partido, que tem somente a audiência de dezenas de milhares de homens, recruta seus aderentes, antes de qualquer coisa, pela propaganda, um partido, cuja orientação reagrupa centenas de milhares e cuja audiência está na casa dos milhões, deve recrutar, acima de tudo, pela ação. O VKPD tem força suficiente para passar sozinho à ação lá onde as circunstâncias permitem e a exigem"[8].

Em seu comentário do congresso, Levi persiste e assinala: "A tarefa dos comunistas [...] é de conquistar os corações e os cérebros da classe proletária e de todos seus órgãos que, hoje, mantêm com a burguesia frações da classe operária"[9]. Os marcos das divergências estão assim colocados. Sem dúvida, são poucos os comunistas que têm realmente consciência ou que têm, ao menos, uma idéia da maneira brutal com que essas discordâncias serão resolvidas: por meio de uma catástrofe para o jovem grande partido.

A "Carta Aberta"

Será que a primeira iniciativa do VKPD no sentido da política preconizada por Levi veio realmente da base, ou melhor, teria vindo da base por intermédio do partido? Os testemunhos sobre esse ponto são contraditórios. Em todo caso, os fatos são simples. No ponto de partido público, há uma iniciativa dos militantes comunistas no sindicato dos metalúrgicos de Stuttgart – que é dirigido por um deles, Erich Melcher. Na seqüência de uma assembléia geral, em que os metalúrgicos comunistas conseguiram colocar em minoria o líder do sindicato (o DMV), o independente Robert Dissmann, em pessoa, os metalúrgicos e o cartel local da ADGB retomam as reivindicações apresentadas: redução do preço dos produtos alimentares, inventário da produção, aumento do seguro-desemprego, diminuição dos impostos sobre os salários e instituição de um imposto sobre as grandes fortunas; controle operário sobre o fornecimento e sobre a repartição da matéria-prima e do abastecimento; desarmamento dos bandos reacionários e armamento do proletariado. Os operários reivindicam às direções sindicais DMV e ADGB o empreendimento imediato de uma luta de conjunto para satisfazer as reivindicações concretas.

7. Zinoviev, *Kommunistische Rundschau*, n. 1, 1° de outubro de 1920.

8. Rapport sur le congrès d'unification, p. 232.

9. Paul Levi, "Le congrès d'unification", In: *Die Rote Fahne*, 4 de dezembro de 1920.

A central do KPD publica o chamado dos metalúrgicos na *Die Rote Fahne* e o acompanha de uma "carta aberta" – que é dirigida, ao mesmo tempo, em 7 de janeiro, a todas as organizações operárias, partidos e sindicatos –, na qual propõe a organização de ações comuns sobre pontos precisos, mencionando, nessa carta dirigida a todas as organizações políticas e sindicais que reivindicam a classe operária, a defesa do nível de vida dos trabalhadores, a organização da autodefesa armada, a campanha pela libertação dos prisioneiros políticos operários e a retomada das relações comerciais com a União Soviética. Nessa carta aberta, a direção do VKPD exprime que não renuncia a seus objetivos revolucionários, mas que propõe uma ação verdadeira, conduzida em comum e exige um comprometimento: "Desde hoje, o Partido Comunista Alemão Unificado (VKPD) se dirige a todas as organizações proletárias do *Reich* e às massas agrupadas em torno delas, chamando-as a proclamar nas assembléias sua vontade de se defender juntas contra o capitalismo e a reação, de defender em comum seus interesses"[10].

A "Carta Aberta" não obteve nenhuma resposta positiva das organizações em escala nacional, mas teve um imenso eco nas empresas e sindicatos, a ponto das direções terem que ameaçar de expulsão os membros sindicalizados que a fizessem coro, fato que se deu em Chemnitz, onde o sindicato da construção civil expulsou Heckert e Brandler, assim como Bachmann, secretário da união local. Por outro lado, essa mesma carta se chocou com uma imensa crítica no interior do VKPD e da Internacional. Na sessão do Comitê Central de 27 de janeiro, críticas altamente vivas foram levantadas contra ela e contra sua orientação, qualificada de "oportunista". A direção do VKPD do distrito de Berlim-Brandemburgo, com seu secretário, Friesland – o novo nome de Ernst Reuter –, Ruth Fischer – que conhecemos com o nome de Elfriede Friedländer – e seu companheiro Isaak Tchemerinsky – sob o pseudônimo de Arkadi Maslow – avançam por todos os lados contra Levi, que é acusado também de "nacional-bolchevismo" devido a um chamado que ele lançou ao *Reichstag* pela aliança com a Rússia soviética. Mais grave ainda, no pequeno birô da Internacional, a "Carta Aberta", vivamente criticada por Zinoviev e apoiada por Bukharin, foi condenada. É a intervenção de Lenin que obriga a voltar atrás sobre essa decisão – como no caso do "governo operário". Ele escreverá, em junho, que se tratava de uma "iniciativa política modelo".

É preciso aqui reservar um lugar à parte à crítica que emana de *Kommunismus*, na medida em que os homens que a animam acabaram de ser integrados ao aparato da Comintern, em que suas críticas são justificadas, segundo eles, por uma nova teoria, que batizaram de "teoria da ofensiva". Sigrid Koch-Baumgarten deu uma pertinente análise dessas teorias, exposta numa série de artigos de Bela Kun, tanto sobre o *Putsch* de Kapp como sobre os eventos ulteriores. Trata-se, ao mesmo tempo, de uma concepção mecanicista e idealista, que liga a crise econômica do capitalismo à necessidade da reação operária, mas faz da determinação da ação contra-revolucionária, e não mais da consciência de

10. "Lettre ouverte du KPD", In: *Die Rote Fahne*, 7 de janeiro de 1921.

classe dos trabalhadores, o motor da revolução.[11] Do lado dos revolucionários, é uma teoria ativista da provocação: a iniciativa ofensiva de grupos de pessoas armadas para o combate é que permite lançar palavras de ordem sempre mais avançadas e mobilizar no combate camadas cada vez maiores. O conjunto do mecanismo pode perfeitamente ser colocado em funcionamento pela provocação.

Por ora, as coisas se situam num outro terreno. Um relatório confidencial de Curt Geyer – representante do VKPD, em Moscou, junto ao Executivo da Internacional – garante que Zinoviev e a maioria do pessoal do Executivo estão extremamente hostis a Paul Levi e Daümig – aparentemente antes do fim de janeiro.[12] Curt Geyer garante que Zinoviev disse que a Internacional Comunista deixara entrar muita gente em suas fileiras e que seria melhor não admitir mais ninguém e se concentrar na eliminação dos "Serratis". Segundo Geyer, Zinoviev dava, então, todo seu apoio aos elementos de esquerda berlinenses, que criticavam o "oportunismo" de Levi e de Daümig. Efetivamente, é o caso Serrati que servirá de primeiro revelador.

O Congresso de Livorno[13]

O Congresso de Livorno do Partido Socialista Italiano se reuniu de 15 a 21 de janeiro, no momento em que se amplia a onda dos ataques terroristas dos *squadristi*, as "expedições punitivas" que visam este partido enquanto tal e particularmente seus elementos socialistas muito mais do que seus elementos comunistas. Poderíamos supor que a amplitude e a gravidade da onda de terror fascista contra o movimento operário provocasse, senão correção, ao menos nuances na aplicação estrita das 21 condições num novo contexto, em que o fator essencial não havia sido levado em conta pelas resoluções do II Congresso. Aceitou-se, como um fenômeno normal, que Francesco Misiano, condenado à morte pelos fascistas, tivesse que se apresentar ao congresso entornado de guardas armados. Gramsci parece bem ter sido o único responsável italiano a compreender que se produzia um fenômeno grave e novo. Bordiga, por sua parte, continuava fechado em sua lógica de classe, consistindo em sublinhar que a social-democracia e o fascismo eram, em realidade, tanto um como o outro, diferentes facetas da reação burguesa. Ninguém aparentemente viu razão para refletir seriamente sobre a aplicação das condições aos camaradas particularmente visados – e mesmo aos mais que visados –, pois eram mais conhecidos, que os que os expulsavam.

Indicado isso, a situação parecia não ter outra saída que a aplicação mecânica da decisão da cisão. A tendência de Serrati, que tomara o nome de "comunista unitária", representava cem mil membros, cujos delegados tinham o total controle do partido. Ela

11. Sigrid Koch-Baumgarten, "L'offensive sous forme de provocation", In: *Aufstand der Avantgarde*, p. 79-81.

12. *Ibidem*, p. 114-116.

13. P. Spriano, *op. cit.*, t. I.

aceitou as 21 condições, mas queria escolher o momento de sua aplicação. Bordiga – com Bombacci e Graziadei – representava uma esquerda de 50 mil membros aproximadamente, reunindo comunistas e anarcossindicalistas, que aceitavam, sem reservas, as 21 condições. Finalmente, havia os 14 mil membros da direita turatiana, que não tinham ido a Moscou e cuja expulsão Moscou exigia sem mais.

É absolutamente possível que Paul Levi, que tinha ido a Livorno enquanto representante do VKPD, teria pensando que o sinal verde dado à "Carta Aberta" era, finalmente, um sinal de que se encontraria um acomodamento com o PSI. Depois de tudo, nós o encontraremos com os centristas franceses, que não tinham o mesmo histórico de honestidade e de luta contra a guerra; nem mesmo a ligação que Serrati e seus amigos tinham pela III Internacional. Não foi nada assim. Os dois delegados do Executivo eram Khristo Kabaktchiev, um búlgaro, e o húngaro Matyas Rákosi, dois soldados de exércitos vencidos, que o chefe de Estado-maior do Grande Exército, o presidente da Internacional, enviara com um mandado imperativo: Serrati e os seus deveriam submeter-se ou se demitir. Essa experiência ensinou como o húngaro poderia ser destrutivo e brutal, tanto em sua argumentação quanto no tom utilizado. E, ele o foi particularmente em Livorno, pois falava com toda sua autoridade de representante plenipotenciário do Executivo e estava convencido de julgar de maneira justa os dois "oportunistas": Serrati e Paul Levi! Ainda não havia certeza na época, mas a seqüência de sua carreira o provará. Rákosi foi um dos mais limitados e mais brutais indivíduos produzido pelo movimento comunista.

Levi e o KPD sobre a cisão

A Central do VKPD discutira a situação no seio do PSI na véspera de seu congresso, antes da partida de Levi. Este último considerava que uma cisão era inevitável. Entretanto, desejava que ela não ocorresse entre os partidários de Serrati e os partidários de Bordiga – como ocorreu na França –, mas o mais perto possível do coração dos centristas, englobando o maior número possível das centenas de milhares de operários revolucionários que continuaram a seguir Serrati quando seus tenentes o abandonaram. Ele temia, antes de tudo, a formação na Itália de um partido comunista de esquerdistas, que fecharia por muito tempo toda possibilidade revolucionária ao desencorajar as massas que estavam até o momento fiéis a Serrati e que não compreenderiam uma cisão sob os ataques fascistas.

A Central aceitou que Paul Levi fizesse o possível em Livorno a fim de convencer Serrati a expulsar Turati e seus amigos reformistas. De resto, deseja um compromisso que permitisse guardar o grosso das tropas serratianas e seus chefes no partido. Radek, consultado, aprovou essa linha, e os dois homens chegaram a um acordo para evitar um conflito agudo no caso em que os enviados do Executivo tivessem uma linha diferente. Mas, no dia seguinte chegou um telegrama de Moscou a Berlim prescrevendo a condução "do mais duro dos combates" contra Serrati. O Executivo, por suas hesitações e depois por suas crises de autoridade, piorara uma situação já bem difícil.

Desde sua chegada, Levi constata que a atitude dos representantes do Executivo não está nada conforme o objetivo. A moção Bordiga, que prepara a cisão com todos os serratistas, é aprovada e se recusa qualquer modificação. A intervenção de Kabaktchiev é totalmente dirigida contra Serrati. Paul Levi tem muitos encontros com este último, sendo um com mais de duas horas, mas sai com a convicção de que o Executivo está mal-informado: Serrati lhe contou que Bombacci beijara Turati em pleno parlamento. Levi está cada vez menos de acordo com a aplicação mecânica das condições aos italianos, na atual situação do país, depois das enormes concessões feitas aos franceses, infinitamente mais direitistas que Serrati.

A cisão do PC da Itália

Mas, os delegados do Executivo continuaram inflexíveis e Rákosi acusará Paul Levi de ter encorajado Serrati a resistir às exigências de Moscou ao lhe confiar sua opinião pessoal. Levi se contenta em fazer uma intervenção puramente formal. O resultado da votação é de 98.028 votos para os "centristas", 58.783 para os "comunistas" e 14.695 para os "reformistas". Logo em seguida, os homens da esquerda, em torno de Graziadei, Bombacci, Bordiga e Gramsci, se retiram e fundarão num lugar um pouco mais afastado de Livorno, no teatro Goldoni, o Partido Comunista da Itália.

Não parece que Levi esteja particularmente inquieto nem que considere a situação irreversível, pois o resultado lhe parece – a justo título – absurdo. Ele não tem nenhuma estima pelos enviados do Executivo e pensa que não cumpriram com suas instruções ou as aplicaram estupidamente, com demasiado rigor, e que o Executivo arranjará as coisas. É o que ele explica nas entrelinhas da *Die Rote Fahne* de 23 de janeiro: a cisão era inevitável, mas não da forma como foi realizada, colocando para fora das fileiras da Internacional a elite dos trabalhadores italianos. Radek, três dias mais tarde, responde cruamente: os operários que continuaram com Serrati não eram partidários da Internacional a não ser da boca para fora, a elite dos trabalhadores italianos está hoje no PC.

A crise

É aí então que a querela aparece em toda sua gravidade. Na reunião do dia 25, perante as acusações de Radek, Paul Levi bate a porta atrás de si. No dia seguinte, Radek se desculpa e o diálogo pôde ser retomado. Levi lembra a Radek sobre seu acordo, a chegada depois da batalha das diretivas de Moscou, se defende de ter atacado o Executivo, exige saber se ainda tem a confiança de Radek. No 29, ocorre uma nova reunião da Central em que Radek apresenta um relatório sobre os problemas internacionais. Explica que é pessoalmente opositor aos "esquerdistas" (o pessoal do sudeste) e pensa que o centro da revolução hoje está na Alemanha e na Itália. Reconhece os esforços do Executivo para "ativar" o

partido alemão, nega que haja lá uma relação com a situação russa ou mesmo uma preocupação de diversão. Explica sua explosão contra Levi pela sensação de que teve de uma ausência de solidariedade para com o Executivo – que reconhece que possui fraquezas –, mas contra as quais exige críticas construtivas. Levi parece novamente sereno, mas se preocupa em ser bem claro. Notadamente, garante:

> Minhas relações com Zinoviev melhoraram igualmente desde sua estadia na Alemanha, mas devo repetir aqui: nós nos encontramos perante uma certa desconfiança e toda tentativa de nosso partido de criticar os erros será interpretada somente como um ato de oposição à Internacional Comunista. [...] Esta discussão me abriu os olhos: o camarada Max [Radek] se alterou durante a discussão e vimos surgir temas que são vigorosos e vivos em Moscou. Em função de todos esses fatos, creio que nós pioramos a doença no lugar de favorecer a cura ao exprimir aquilo que se conhece por críticas positivas.[14]

Depois de numerosas reviravoltas, aparentemente, encontrou-se de novo um terreno de entendimento, dessa vez sobre a proposição de Clara Zetkin, que exprime o desejo da fusão do PCI com os comunistas que ficaram com Serrati e aborda a questão das dificuldades com o Executivo do ângulo "das diferenças entre as tarefas do partido comunista de um proletariado vitorioso e daquelas dos partidos comunistas que estão nos países onde é preciso, em primeiro lugar, lutar pela ditadura do proletariado"[15]. Ela também consegue que se aprove um texto que prevê viagens de informação de membros do Executivo, dentre os quais dois do partido russo, para se familiarizarem com as condições de trabalho.

Nova reviravolta

Entretanto, ocorre de novo uma reviravolta. Jacques Mesnil, na *Humanité*, prestando contas do Congresso de Livorno, escreve, com efeito, que a forma da cisão foi devido, em parte, à crença do Executivo na "iminência da revolução". Depois, se associa às críticas formuladas por Serrati contra as "eminências pardas" – os enviados do Executivo – e "sua crença cega nas virtudes da centralização"[16]. Serrati vai a Berlim e se encontra com Paul Levi. Na volta, pára em Stuttgart para se encontrar com Clara Zetkin. E dá-lhe os membros do Executivo e os esquerdistas alemães, denunciando o "complô direitista"... Rapidamente, Rákosi chega a Berlim para lá fazer campanha, menos para ele mesmo, sem dúvida, do que para o Executivo. Na Central, consegue fazer com que Thalheimer e Stoecker mudem de opinião, mas não consegue mudar a votação precedente.

14. Arquivos Levi, p. 50 a 5.
15. C. Zetkin, *Die Rote Fahne*, 2 de fevereiro de 1921.
16. J. Mesnil, *L'Humanité*, 25 de janeiro de 1921.

Então, Rákosi retorna ao Comitê Central e ataca furiosamente, desmentindo todas as afirmações de Levi e de Clara Zetkin. Certamente, não repete o que confiou reservadamente a Clara Zetkin: que o partido alemão é demasiado numeroso, que é preciso querer numerosas saídas, que Livorno é um bom exemplo e que não é preciso temer romper dez vezes se preciso for. Levi e Clara Zetkin começam a pensar que o Executivo tem algo perfeitamente arquitetado contra eles. E o golpe teatral se produz. O Comitê Central adota por 19 votos contra 23 a moção Thalheimer-Stoecker que se perfila ao lado de Rákosi.

No mesmo local, em sessão, os dois presidentes do partido, Levi e Daümig, pedem demissão, assim como três membros da Central, Zetkin, Brass e Hoffmann. Marcando suas distâncias em relação a Serrati, eles se delimitam também de Rákosi, o qual visa, segundo eles, a "criar partidos cada vez mais sólidos e mais puros pelo método das cisões mecânicas"[17]. A crise estava aberta e Zinoviev; no congresso do partido russo, se regozija que Paul Levi tenha sido finalmente "desmascarado"[18]. Levi, por sua parte, crê numa discussão que teria preferido evitar, mas que se tornou indispensável.

Na boa tradição marxista, Levi tenta levá-la para o terreno da luta de classes. Sublinha, em particular, a contra-ofensiva burguesa, que se traduz notadamente na Alemanha pelo sucesso dos social-democratas nos sindicatos, no aumento do número de seus votos e na expulsão dos comunistas. Ele delimita suas diferenças com os dirigentes russos da Internacional. Para começar, estes não tem, em nenhuma conta, os milhões de trabalhadores organizados nos sindicatos, uma situação que nunca conheceram e cuja importância subestimam. Em seguida, recordando a derrota da Marcha sobre Varsóvia, lembra que a revolução só pode resultar da vontade consciente dos trabalhadores. Todos esses erros foram encontrados concentrados na Itália, onde a cisão com Turati era necessária, mas que o pessoal do Executivo batalhou para que ocorresse com Serrati. A tarefa na Alemanha, depois da vitória de Halle, não é a de educar os novos aderentes por meio de novas cisões, mas de lhes educar, "de viver com eles o tempo, a revolução e as coisas, e de chegar assim a um nível superior, nas massas e com elas"[19]. É, sublinha ele, evidentemente absurdo fazer de Serrati, por dois anos, um porta-estandarte da Internacional e crer – como fez o Executivo – que se possa "desmascará-lo" em algumas semanas via "cartas abertas". Tais práticas estranhas ao movimento operário ocidental provêm incontestavelmente do partido russo. Levi se diz consciente do papel desempenhado pelo isolamento do dirigentes, mas também a raridade de seus contatos, seu distanciamento, a dificuldade que têm de fazer uma idéia da situação exata e também a influência que exerce sobre seus pensamentos e suas práticas o fato de que estão à frente de um Estado que tem de enfrentar tantas dificuldades. Ele acredita que a discussão é possível. O Executivo mostrará que não é.

17. Déclaration des présidents, In: *Die Rote Fahne*, 28 de fevereiro de 1921.
18. Primeira publicação no Ocidente em *Freiheit*, 10 de abril de 1921.
19. "Nous et l'exécutif", 6 de fevereiro de 1921.

O agravamento da crise russa

Até onde os dirigentes russos – fora Zinoviev e seu grupo de colaboradores, cuja ocupação é justamente esta – estão, em medida, consagrando seu tempo à demissão de Levi e seus camaradas? Em que medida eles podem levar a sério a agitação à frente de um partido irmão, num país que não conhece nem greve, nem combate armado? Já mencionamos a áspera luta ocorrida na "discussão sindical", que desaparece, ultrapassada pelos novos problemas por ocasião do X Congresso do partido, de 8 a 16 de março. Mas, este, perante a catástrofe econômica e a crise social, à iniciativa de Lenin, altera a rota, abandona a política do "comunismo de guerra" em proveito de uma nova política econômica, chamada de NEP. Por outro lado, a nova tendência, chamada de Oposição Operária, animada por Aleksandr Chliapnikov e Aleksandra Kollontai não é desarmada, muito pelo contrário.

A NEP, elaborada pelo Comitê Central do partido ao longo dos primeiros meses de 1921, é um recuo no terreno econômico, marcado pela supressão do sistema das requisições e pela introdução, no nível mais elementar, de um embrião de mercado. Espera-se, assim, o retorno às trocas e à economia monetária, o encorajamento à economia privada, até mesmo o recurso, sobre controle, aos investimentos estrangeiros. Seu objetivo é duplo: reagrupar as massas camponesas e desenvolver por meio da indústria as bases econômicas e sociais do novo regime. É por isso que Lenin a define como "um compromisso entre o proletariado, que exerce sua ditadura e tem em suas mãos o poder de Estado, e a maioria da população camponesa"[20]. A Oposição Operária denuncia esse recuo que joga na classe operária o peso da crise e da revolução.

O contexto dessas decisões é o de um imenso descontentamento que abala todo o país e, em particular, as massas camponesas e operárias. Foi provavelmente no verão de 1920 que começaram os primeiros problemas sérios no campo, logo agravados pelo fim da guerra civil e pela desaparição do espectro dos Brancos. Foi a partir de lá, em todo caso, que se delineia e se desenvolve o grande levante camponês da região de Tambov, dirigido pelo socialista revolucionário A. S. Antonov. Os SR, aqui, se apoderaram da União dos Camponeses Trabalhadores e formaram milícias armadas, que são estimadas em 20 mil combatentes, contra as quais será preciso, definitivamente, enviar um exército, comandado por Tukhatchevsky, numa missão de pacificação[21], que será rigorosa. O movimento torna-se mais sério a partir do momento em que a agitação ganha as cidades e as fábricas. Em Moscou, os operários estão enraivecidos pela penúria do reabastecimento. Reuniões nas fábricas reivindicam o fim do comunismo de guerra e o direito dos trabalhadores de se reabastecerem no campo. Os dirigentes do partido são mal-recebidos, alguns mesmo chegaram a serem expulsos da tribuna. Logo, se sistematizarão as reivindicações econômi-

20. Citado em P. Broué, *Le Parti bolchevique*, p. 155.

21. O relatório de Antonov-Ovseenko a Lenin sobre o levante camponês de Tambov se encontra em *Trotsky's Papers*, v. II, p. 485-523.

cas – liberdade do comércio, aumento das rações, fim das requisições –, depois políticas – direitos e liberdades públicas; algumas vezes eleição de uma constituinte. Algumas manifestações de rua são contidas, sem brutalidade. Em Petrogrado, a situação é mais grave. Não havia mais nem abastecimento nem combustível já há algumas semanas. Os habitantes sofrem de fome e de frio. Como em Moscou, todas as questões são levadas às assembléias de fábricas: reabastecimento, privilégios, política camponesa. Reivindica-se a distribuição de calçados e de roupas, o aumento das rações alimentares. Uma fábrica chama à manifestação, tendo o apoio dos estudantes da famosa Escola de Minas.

Na véspera ainda, Zinoviev, patrão do partido e do soviete da capital, reclamava a restauração da democracia operária de 1917, mas entra em pânico. Constitui-se, em cada distrito, uma *troika*, batizada de comitê de defesa e dotada de plenos poderes. As fábricas em que os manifestantes protestaram são fechadas. A fábrica Putilov entra no movimento. Ao que tudo indica, a influência dos antigos partidos socialistas se faz sentir novamente – SR, certamente, mas também mencheviques – e reclama-se a libertação daqueles dentre eles que estão aprisionados, assim como "eleições livres". Zinoviev, que não é mais o campeão da democracia, manda prender cinco mil "mencheviques" e quinhentos "provocadores".

É nesse contexto que estoura o que ficou conhecido como a Insurreição de Kronstadt. Aqui, a crise acerta o coração da lenda. É que a campanha de Zinoviev pela democracia operária – em realidade contra a administração política da frota, a qual depende de Trotsky – dá frutos inesperados a ele. Os rumores que circulam sobre a representação de manifestações operárias em Petrogrado ateiam fogo no barril de pólvora, com a assembléia da tripulação a bordo do encouraçado *Petropavlovsk* e a adoção de uma resolução de dez pontos, "salva de tiros contra a política do comunismo de guerra"[22], escreve o historiador Paul Avrich, que simpatiza com os insurgentes.

Kronstadt: A repressão

Conhece-se a seqüência, a insurreição, o fracasso das negociações, a decisão dos bolcheviques de atacar enquanto o gelo ainda não tivesse se fundido e antes que o mar liberado protegesse de novo a ilha e a frota de guerra – o que constituiria, então, um perigo mortal e uma base possível para qualquer intervenção exterior. É o comitê de defesa instituído por Zinoviev – e não por Trotsky, como se diz freqüentemente – que emprega a ameaça história de disparar nos insurgentes "como em codornas"[23]. A ofensiva é assassina, pois os canhões de Kronstadt atiram sobre o gelo, pelo qual avançam os soldados do Exército Vermelho: dez mil de 50 mil são mortos. Os vencedores são impiedosos. Kronstadt cai em 18 de março.

22. Paul Avrich, *La Tragédie de Kronstadt, 1921*, p. 77.

23. A ameaça, odiosa é verdade, foi atribuída a Trotsky e continua sendo!

O X Congresso do Partido Comunista da Rússia, que acabara de votar as medidas concernentes à NEP e do qual uma centena de delegados foram combater os marinheiros rebeldes, termina seu trabalho com decisões que marcarão a história do partido. Ao chamado de Lenin, que se inquieta, nas circunstâncias dadas, sobre a atividade da Oposição Operária – ele a considera fruto de um desvio anarcossindicalista –, o partido proíbe as frações e adota uma série de medidas que restringem seriamente a democracia. Além disso, a eleição de membros do Comitê Central, via voto proporcional sobre a base das tendências que se enfrentaram na questão sindical, desemboca na saída de numerosos camaradas de Trotsky – menos autoritários do que afirmavam seus adversários – e a entrada com toda força de *apparatchiki* silenciosos – ligados a Stalin – pelas costas de Lenin e Zinoviev, e que começam a constituir uma força dentro do aparato.

O contexto internacional da situação alemã

Numerosos autores desejam, absolutamente, mostrar que a Ação de Março na Alemanha decorre diretamente pela decepção provocada por Kronstadt na cúpula do partido de Lenin. Lembremos brevemente as datas. As greves começam em Petrogrado em 23 de fevereiro, a Insurreição de Kronstadt, em 28 de fevereiro. O congresso que adota a NEP ocorre de 8 a 16 de março. A insurreição é esmagada em 18 de março. Na Alemanha, a missão do Executivo chega em fins de fevereiro e começo de março, tem reuniões com os dirigentes do KPD, assiste a seu Comitê Central em 16 e 17 de março, faz lançar a palavra de ordem de greve geral em 24 e começa combates que duram até o 30 de março.

É preciso acrescentar a todos esses elementos uma particular tensão das relações internacionais durante os três primeiros meses de 1921. O conflito sobre as reparações entre a Alemanha e os Aliados chega a um impasse. As negociações, abertas no 1° de março, param no dia 7, com a rejeição, pelo governo alemão, do ultimato aliado. No dia 8, em represália, o exército francês ocupa Duisburg, Düsseldorf e Ruhrort. O referendo sobre a Alta Silésia deveria ocorrer em 20 de março. Muitos dos responsáveis acreditavam na retomada da guerra com a Polônia, dentre os quais Thomas, o homem do Birô de Berlim, que garante que ela estava no centro de sua perspectiva: "Estávamos persuadidos de que a guerra seria retomada de uma hora para a outra. Nossos homens de confiança estavam em contato com os marinheiros de Stettin e de Hamburgo. Em Dantzig, fizemos explodir motores de avião, e, em Stuttgart, um trem francês inteiro de munições. Muitos outros planos desse gênero estavam em preparação"[24]. Tudo isso, entretanto, não bastou para amparar certas demonstrações.

24. "Récit du camarade Thomas", In: *Contributions*, p. 24-25.

A missão de Bela Kun: em Moscou

Foi mais ou menos no fim de fevereiro ou no começo de março que chegou, em Berlim, uma delegação do Executivo, enviada em seguida a demissão de Paul Levi e de seus camaradas, e que compreende Bela Kun e muito provavelmente, sob o nome de Berger, Jószef Pogány, um outro húngaro do aparato da IC, assim como um dos colaborados próximos de Zinoviev, Haifisz, dito Guralsky, ele também *apparatchik* da Internacional. Nenhum desses homens conhece bem os problemas alemães. Todos os três, por outro lado, aparecem ligados ao grupo esquerdista de *Kommunismus*, cuja linha Lenin fizera condenar quando do II Congresso da Internacional.

Existe toda uma literatura e toda uma tradição oral ao redor daquilo que se chama "a missão de Kun em março de 1921". Contentemo-nos de resumi-la: ela seria tão-somente uma maneira desesperada de forçar a revolução no Ocidente a fim de enfrentar na Rússia a economia da NEP, esse recuo que os esquerdistas desaprovam sem ousar combatê-lo. Certos autores chegaram mesmo a atribuí-la o valor de um contra-Kronstadt, muito embora a insurreição dos marinheiros tenha-se produzido bem depois de sua partida. Reuniões pessoais, encorajamentos por meias palavras, subentendidos e, porque não, piscadelas na rua, vasos de flores nas janelas, linguagem codificada nos birôs, sondagem psicanalítica dos rins e do coração do húngaro, nada faltou na tentativa de determinar quem era o inspirador de Bela Kun, e se deveríamos fazer retroceder a responsabilidade, o conteúdo de sua missão, até Lenin ou parar no meio do caminho em Zinoviev. Digamo-lo francamente, parece-nos que Bela Kun tinha, ao mesmo tempo, a pretensão e os limites intelectuais suficientes para acreditar que seria capaz, nas circunstâncias, de bancar o salvador da pátria. Ele se apresenta em Moscou como o pai da teoria e da estratégia da ofensiva e Alfred Rosmer conta que Kun chegara mesmo no começo do ano a tentar converter Trotsky a ela, que a acolhera bem friamente. Trotsky confirma que Bela Kun tentou diversas vezes convencê-lo de que a revolução estaria perdida na Rússia se ela não fosse, logo em seguida, exportada para outro país. Além disso, é uma antecipação que inspira essa investigação, uma concepção que militariza, ainda mais do que já estava na época, a Comintern. Todos os elementos de que dispomos – e talvez o fato de que não dispomos de outras informações – indicam que a missão de Kun chegou na Alemanha com a única inspiração – para tirar da crise o partido alemão – de "ativá-lo" conquanto a receita esquerdista, ou, se preferirmos, conquanto à doutrina e à moda dos birôs.

A natureza mesma da questão colocada, em todo caso, exclui qualquer intervenção de Lenin. O mais verossímil é que Bela Kun tenha tomado, em sua missão alemã, iniciativas inspiradas por sua concepção de ação revolucionária nos marcos de um acordo geral com Zinoviev e Bukharin, inspiradores da IC na época. As únicas atas ou relatos concernentes a essa missão, aos quais tivemos acesso durante muito tempo, são os da reunião de 22-23 de fevereiro do Comitê Executivo da Internacional. Curt Geyer faz lá um ataque à admissão do KAPD na Internacional, a política dos representantes do Executivo no congresso de Livorno e defende a "Carta Aberta". Os grandes chefes agiram com muito desprezo. Zinoviev

caçoa dessa "estupidez literária" e se surpreende de que se possa propor "aos operários pactuarem com outros partidos operários". Bukharin está, sem dúvida, ainda com os nervos à flor da pele por debaixo do bom humor – ou o que ele toma por tal –, pois teria dito: "Nós queremos a ditadura do proletariado, é isso que é preciso dizer. Porém, esta carta diz: nós queremos que o proletariado viva. É cômico. Viveremos para um novo capitalismo?"[25].

Sobre a situação do partido, é sobretudo Guralsky e Radek que falam. Eles o estimam muito doente, devido à sua direção direitista. Pensam que é preciso mudar seu rumo e soldá-lo ao eliminar Levi e os seus. Em todos as intervenções, se exprime a idéia da necessidade urgente de uma ação dura na Alemanha, por toda evidência, para aliviar a pressão que pesa sobre a Rússia e, talvez, para eliminar a retirada empreendida. Alguns indicam que um ataque da extrema direita poderia cristalizar uma oposição frontal da classe operária: tem-se a impressão de que a idéia da provocação está subjacente aqui. Bela Kun está lá. Ele só é citado quando propõe a criação de um comitê de ação de cinco membros para a Alemanha, dois do VKPD e dois do KAPD, presididos por um representante do Executivo: ele acaba de traçar sua própria via e – para dizer a verdade – deve, desde já, saber para aonde vai, mesmo se se contenta em deixar os outros fazerem sugestões.

Bela Kun em Berlim

Temos toda uma série de informações sobre a atividade de Bela Kun em Berlim nos meios dirigentes, em que aparece com o pseudônimo de Spanier (que Thomas escreve Spanior). Durante as duas primeiras semanas, ele se alojou com seus dois camaradas de missão num apartamento ao norte da Friedrichstrasse, em Berlim, sob a proteção de um homem do *M-Apparat* – o aparato militar clandestino –, Karl Retzlaw. Kun se encontra, em pequenos grupos e individualmente, com os camaradas que pesam na direção do partido, notadamente Clara Zetkin e Paul Levi. Parece que, a todos, ele explica a necessidade de ajudar a Rússia com um sucesso revolucionário externo, e, para fazê-lo, sugere o emprego da provocação para fazer com que a classe operária alemã vá ao combate.

Ele diz a Clara Zetkin que o partido tinha membros suficientes para lançar 150 mil dentre eles ao assalto do governo e trazer à classe suas primeiras vitórias. A velha senhora marxista fica escandalizada que a Internacional esteja representada por esse medíocre apostador, que joga com a vida das pessoas e de seu partido. Daquele momento em diante, ela se recusa a se encontrar com ele sem testemunhas. Dessa entrevista, Clara Zetkin escreverá a Lenin: "B. tinha a opinião de que as massas se mobilizariam se a contra-revolução se mostrasse agressiva. Precisaríamos, por meio de provocações, levar a contra-revolução a desencadear sua hostilidade"[26].

25. *Protokoll* da reunião do Executivo, encontrado nos arquivos alemães, M. L. Goldbach, *Karl Radek*, p. 135-143, aqui, p. 141.

26. C. Zetkin a Lenin.

Paul Levi, por sua vez, deixa a Alemanha depois de seu encontro e parte, em princípio, para a Itália, em férias. Mas, pára em Viena, observatório cômodo para um homem que espera a catástrofe e não renunciou em intervir. Ignoramos totalmente se ele fez alguma tentativa para organizar a resistência ou se simplesmente esperou a inevitável batalha contra Kun da parte daqueles que acabavam de desacreditá-lo.

Thomas, em suas memórias, fala sobre Kun em Berlim:

> Imediatamente, Bela Kun se pôs a trabalhar, tomou a palavra e se encontrou diretamente com os comunistas alemães. Pelo tom de suas proposições, rapidamente me dei conta que se tentaria a grande aventura. Estava na cara que se tratava de uma provocação. Ele não me colocava a par de seus verdadeiros planos, mas o sentido geral estava claro. Propus-lhe uma reunião comigo e com dois outros comunistas – que lhe apresentei como velhos camaradas poloneses, que tinham uma longa experiência com os problemas políticos – para examinar o conjunto da situação. Esses velhos camaradas eram Warski e Łapiński. Kun aceitou.
> A reunião ocorreu em Charlottenburg. Durou muitas horas e depois degenerou em discussão tempestuosa. Mesmo lá, Bela Kun não precisou seus planos, mas sua natureza era claramente visível. Tanto Warski, quanto Łapiński se pronunciaram categoricamente contra o levante e contra toda aventura em geral. No fim, Bela Kun disse palavras bem duras: "Sie haben Ihr Herz in den Hosen" (Vocês têm seus corações nas calças). "Vocês não analisam a situação como bolcheviques", disse. Ele entendia mais: os operários estavam preparados para se insurgir, os chefes os impediam. A reunião terminou num fracasso.[27]

Na verdade, Bela Kun já tinha parcialmente obtido sucesso. Seus planos, sua autoridade, a da Central, sua maneira de alterar o rumo de seus camaradas, de lembrar a cada instante a necessidade da ação, da coragem, da devoção, abalaram e depois colocaram à sua mercê a maioria dos dirigentes do partido. Em duas semanas, o enviado do Executivo colocou em seu bolso a maioria do Comitê Central do VKPD e se dará ao luxo de deixá-lo funcionar fora de sua presença e da de seus adjuntos, a fim de que se tome, em 16 e 17 de maio, as decisões que são impostas. Kun obteve o reforço de homens que são considerados, em Moscou, como excelentes especialistas militares: o letão Rose, dito Skoblevsky, mas também o húngaro Ferenc Münnich, o romeno Manfred Stern e o ex-oficial de Estado-maior austro-húngaro – que combateu no exército vermelho húngaro e serve os serviços de inteligência do Exército Vermelho – Otto Steindrück. Não podemos imaginar que o deslocamento de especialistas militares dessa dimensão tenha sido uma simples rotina e parece difícil conceber que Bela Kun tenha tido recurso a eles sem o sinal verde de Zinoviev, não forçosamente para uma insurreição, mas "para o caso de"...

O Comitê Central se abre em 16 de março com um relatório de Brandler, que começa por uma longa enumeração das tensões e das crises em escala mundial: trata da conferência de Londres, do próximo plebiscito na Alta Silésia, dos planos contra-revolu-

27. Thomas, *loc. cit.*, p. 25.

cionários do grupo ultranacionalista *Orgesch* e do armamento dos agrupamentos "brancos" na Baviária. De todo modo, chega, de maneira um pouco inesperada, à afirmação de que há 90% de chances de se chegar a conflitos armados, e que, em todo caso, uma guerra anglo-americana é quase inevitável. O objetivo, ele não o esconde, é o de "colocar as massas em movimento". Brandler vai até mesmo cifrá-las, escrevendo: "Sustento que temos hoje no *Reich* de dois a três milhões de operários não-comunistas que podem ser influenciados por nossa organização comunista e que combaterão sob nossa bandeira [...] mesmo numa ação ofensiva. Se eu tiver razão [...], basta que intervenhamos com ações que podem mudar em nosso favor o rumo das coisas"[28].

Na discussão, relevemos uma intervenção quase histérica de Paul Frölich. Falando das relações entre a *Entente* e a Alemanha, garante: "Devemos fazer todo o possível para que se produza uma ruptura por meio de nossa atividade e, se preciso for, por uma provocação"[29]. Trata-se, garante ele, de uma ruptura completa com o passado: "Até aqui, nossa tática consistia em deixar as coisas virem e, numa situação tal, tomar as decisões nesses marcos. Hoje, devemos nós mesmos forjar o destino do partido e da revolução"[30].

A concretização desses discursos, contudo, se choca com um obstáculo objetivo: a semana que se aproximava era a do recesso de Páscoa, quando as fábricas fechavam de 25 a 28 de março, inclusive. Para que isso não ocorra, ter-se-ia uma semana de preparação da ação.

A Ação de Março (*Märzaktion*)

É então que, quase no fim da sessão, chega a notícia que abala todos os "planos da revolução". A "contra-revolução", ela também, de seu lado, fez seus planos. O *Oberpräsident* da Saxônia Prussiana, o social-democrata Otto Hörsing, acabara de anunciar que ocuparia diversas regiões industriais, entre elas o setor minerador de Mansfeld-Eisleben, a fim de "higienizá-los". Oficialmente, trata-se de acabar com o banditismo de grupos organizados, de delitos de direito comum, indo desde o roubo à sabotagem e às agressões contra os vigilantes das fábricas. De fato, trata-se, provavelmente, de desarmar os trabalhadores que continuam armados desde a resistência ao *Putsch* de Kapp. O historiador americano Werner Angress comenta pertinentemente: "A ocasião que a Central tanto havia esperado chegou, mas de maneira prematura e numa região inesperada. Os comunistas tinham subitamente que enfrentar uma situação inesperada, na qual foram seus adversários que tomaram a iniciativa"[31].

Certamente, com a intervenção na operação de Hörsing do comissário prussiano à

28. Arquivos Levi, p. 83/9.
29. *Ibidem*, p. 23/9.
30. *Ibidem*.
31. W. Angress, *Stillborn Revolution*, p. 126.

Ordem Pública, o Dr. Weissmann, é permitido se perguntar se não se tratava somente de uma operação local ou se, informados da espera dos dirigentes comunistas pelos serviços de segurança, os dirigentes prussianos decidiram lhes oferecer numa bandeja a ocasião que tanto sonhavam, como pretexto para acertá-los. A operação local torna-se uma operação apoiada pelo Estado bem no dia seguinte ao da explosão de uma bomba contra uma venerável coluna da Vitória em Berlim, um atentado cometido por um comunista *free-lance*. Em 19 de outubro, as forças da polícia a serviço de Hörsing, com o patrocínio do ministro do Interior da Prússia Severing, entram na zona de Mansfeld-Eisleben. Seu objetivo proclamado é "o desarmamento" dos bandos armados. O Comitê Central fora informado ao fim dos seus trabalhos. Radek conta que Frölich "sobressaltou-se como um tenente de cavalaria" e imediatamente afirmou: "A partir de hoje, nós quebramos com a tradição do partido. Até esse momento, nós havíamos esperado, mas agora nós tomamos a iniciativa, nós forçamos a revolução"[32].

Podemos entender o entusiasmo dos neófitos da ofensiva. O distrito de Halle-Merseburg – que cobre a região – é um bastião do VKPD. Nas eleições do *Landtag* de 20 de fevereiro de 1920, ele obteve 197.113 votos, o SPD, 70.340, e o USPD, 74.754. Na mesma região, o VKPD conta com 66 mil membros, o SPD, menos de seis mil, o USPD, menos de 15 mil, e o KAPD, 3.200. Dentre os 22 mil trabalhadores da Leuna, o coração da grande indústria química da região, existem 2.500 membros do VKPD e uma união operária de oito mil aderentes. Os dirigentes de Halle-Merseburg recebem instruções precisas: proclamar greve geral a partir da primeira ocupação de fábrica pela polícia e preparar-se para a resistência armada. A operação de Hörsing torna-se o bom pretexto, no lugar da crise internacional. No dia seguinte, soam os clarins da guerra civil nas colunas da *Die Rote Fahne*, denunciando o bando de socialistas majoritários, mas também a *Entente*, a *Orgesch* – organização terrorista nacionalista, armada até os dentes, enquanto os trabalhadores têm as mãos e os peitos nus – e a Bavária, que torna-se um ponto de apoio forte dos Brancos. O texto, escrito por Bela Kun, comporta uma frase célebre: "Que cada trabalhador simplesmente ignore a lei e empunhe um fuzil onde quer que ele possa arranjar um".[33]

Em 20 de março, a *Die Rote Fahne* escreve na manchete: "Hörsing manda seu bando de assassinos entrar!". O mesmo número comporta um editorial extraordinário, intitulado: "Quem não está comigo, está contra mim – Mensagem aos operários social-democratas e Independentes". Ele enumera tudo o que os comunistas exigem dos outros para lhes aceitarem no combate comum, um texto de uma tal estupidez que Paul Levi o qualificará de "declaração de guerra à quatro quintos dos operários alemães no começo da ação", ao mesmo tempo em que o *Vorwärts* social-democrata publica a manchete "Moscou precisa de cadáveres".

A partir do momento em que a ação é deslanchada, é uma direção restrita quem toma as rédeas, com os três membros do CE da IC, Hugo Eberlein, enquanto chefe do

32. Radek, *Protokoll des III. Kongress*, p. 463.
33. *Die Rote Fahne*, 20 de março de 1921.

partido clandestino, Frölich e Walcher, que garantem a ligação com a imprensa, bem como passar a linha dessa direção. Guralsky, que é chamado de "o camarada Schmidt do Executivo", está na Saxônia e Pogány – tornado Berger–, em Hamburgo. Bela Kun continuou em Berlim à frente de um comitê de ação, que compreende dois membros do KPD e dois membros do KAPD. Alguns indícios nos levam a crer que os dois membros do KPD eram Stoecker e Thalheimer, mas é impossível afirmá-lo. Desde 18 de março, o distrito de Halle-Merseburg foi encarregado de organizar a resistência a Hörsing: é deles que deve partir a mobilização na ação. O VKPD encarregou, em Halle, dois de seus dirigentes locais: o quarto-secretário, encarregado das questões agrárias, A. Lemck, chefe aqui do aparato militar, e Paul Bowitsky. Numa conferência no local, no dia 19, com base no relatório de Fred Oelssner – que lhes repreende de marchar sem se preocupar em ter as massas atrás de si –, pergunta-se sobre os meios de provocar, enfim, a faísca revolucionária, o que aparentemente não é evidente. Panfletos começam pelo chamado a resistir à polícia e terminam pelo chamado a construção da ditadura do proletariado. Stefan Weber – sem dar a referência – nos informa da presença, nesse momento, na região de Mansfeld, de um "especialista militar" da Internacional Comunista, vindo de Moscou, Manfred Stern. Talvez ele já estava no local. O fim de semana é calmo, mas, no dia 21, o VKPD publica um chamado aos trabalhadores pedindo-lhes que se lancem na greve geral e para "estar prontos a todas as eventualidades", pois a greve progride lentamente.

Em 22 de março, Hugo Eberlein, o dirigente do *M-Apparat*, chega em Halle para tomar o controle da situação. Para ganhar o apoio das massas, propõe sucessivamente a seus camaradas estupefatos toda uma série de iniciativas de natureza provocadora, as quais poderiam criar o ódio – por exemplo, o seqüestro de Lemck e Bowitsky ou a explosão de um trem de munições numa aglomeração, o que permitiria acusar a polícia de ser a responsável pelas vítimas dessa explosão. Ele fracassa em todas essas tentativas, por falta de dispor, aqui, de um material conveniente, dirá.

A intervenção de Max Hölz

Mas, a ação é salva pela provocação verdadeira: a reaparição na região, de armas em punho, de Max Hölz, herói da luta contra o *Putsch* de Kapp, que reedita lá a ação de seu personagem de "Robin Hood" alemão do século XX, "*condottiere* com consciência social e temperamento de um rebelde, que luta pelos pobres e oprimidos"[34]. Desde o dia 22, ele está nas entradas dos poços, arrasta jovens trabalhadores nos mercados, em que desarmam e batem nos policiais. Na noite do dia 22 ao 23, por sua impulsão, a greve se transforma em começo de insurreição. Hölz dirige um *commando* de 200 a 400 homens. Margarete Buber-Neumann descreve, em suas memórias, quanto os corações dos jovens comunistas alemães se incendiavam por esse herói. Os comunistas conseguiram formar

34. E. Anderson, *Hammer or Anvil*, p. 80.

seus próprios destacamentos armados e colocam junto a Hölz um "controlador", o jornalista Josef Schneider, que, aliás, não pode fazer nada além de seguí-lo, não sem dificuldades. A região em seu conjunto está entregue a Hölz e a seus partidários, que pilham, roubam, limpam os bancos – 20 mil marcos no *Kreditanstalt* –, extorquem os industriais e os comerciantes, abrem as prisões e libertam os prisioneiros, explodem prédios e trens, distribuem seu butim aos desempregados e equipam o KAPD. Os excessos de Hölz – desaprovados por numerosos quadros comunistas – e as fricções permanentes entre o KAPD e o VKPD criam uma confusão extrema. A situação foge totalmente do controle dos dirigentes comunistas locais do VKPD e os fatores essenciais modificam Hölz e seu bando, assim como os grupos armados, que organizam um outro "guerrilheiro urbano", saído, por sua vez, do KAPD e especialista em "expropriações", Karl Plättner. Não vai demorar muito e as indústrias Leuna, com 22 mil trabalhadores – o farol proletário da região –, entrarão em greve. O comitê de greve, presidido pelo membro do KAPD Peter Utzelman, dito Kempin, é praticamente dividido em dois.

Finalmente, os dois mil trabalhadores que lá estão armados continuam na fábrica com as armas aos pés ao passo que os mais combativos partem para guerrear com Hölz ou Plättner.

A agitação ganha Hamburgo, para onde a direção enviou Paul Frölich. A invasão dos estaleiros de Bohm, Voss, Vulkan e Deutsche Werft pelos desempregados, conduzidos pelo pessoal do VKPD, abre um novo *front*. Violentos enfrentamentos com a polícia deixam mais de 20 mortos e centenas de feridos. A batalha é dirigida no local pelo presidente distrital do VKPD, o estivador Ernst Thälmann, e pelo secretário, o professor Hugo Urbahns. O estado de sítio é decretado em Hamburgo.

O KPD convoca a greve geral

A Central responde, em 24 de março, lançando a palavra de ordem de greve geral em escala nacional. Dessa vez, há fortes resistências. Uma das mais explosivas é a do metalúrgico Heinrich Malzahn, operário revolucionário e velho responsável sindical, secretário sindical do VKPD, que prediz que os comunistas, com tal palavra de ordem, se isolarão totalmente. Derrotado na votação, ele se inclina e parte para organizar a greve geral no Ruhr. De fato, não poderia haver lá greve geral em tais condições, sobretudo quando ela é lançada por um partido minoritário, que, deliberadamente, se isolou até aquele momento.

> Nesta quinta-feira, 24 de março, os comunistas tentarão, por todos os meios, inclusive pela força, desencadear a greve geral. Destacamentos de militantes tentam ocupar as indústrias de surpresa a fim de impedirem a entrada nelas daqueles que eles chamam de "amarelos", a enorme massa dos trabalhadores não-comunistas. Alhures, são os desempregados que acusam os trabalhadores que não pararam ou que foram trabalhar. Incidentes ocorrem, em

Berlim, em muitas grandes empresas. No Ruhr e em Hamburgo, os desempregados e estivadores que ocuparam os cais são expulsos, depois de uma violenta chacina. O balanço de conjunto é magro: 200 mil segundo os pessimistas, meio milhão segundo os otimistas. Algumas derrotas são cortantes, como a de Sült, que não chega a convencer seus camaradas das centrais elétricas. A manifestação comum dos dois partidos comunistas, VKPD e KAPD, não chega a reunir quatro mil pessoas em Lustgarten, muito embora o VKPD tenha recolhido 200 mil votos nas eleições algumas semanas antes. A greve é praticamente inexistente em Berlim.[35]

O velho Daümig insulta os membros da Central que jogam os proletários uns contra os outros. Mas, os jornais comunistas, por seu turno, abundam em frases de efeito. O editorial do jornal que convoca a greve termina assim: "Os batalhões de proletários da Alemanha central estão prontos para combater. Operários alemães, manifestem sua solidariedade revolucionária, juntem-se a seus irmãos, varram suas diferenças, liberem-se de seus dirigentes covardes e traidores e combatam – ou vocês morrerão"[36].

Entretanto, desde já, os chefes dos destacamentos comunistas armados, como O. Bechstedt, em Mansfeld, negociam um cessar-fogo local. A Ação de Março vive seus últimos dias. Um encontro entre o "comandante" Lemck, cotejado pelo "comissário político" Bowitsky e Max Hölz, para liberar as fábricas de Leuna não chega a um acordo. Leuna é bombardeada – conta-se mais ou menos 30 mortos entre os defensores sitiados –, ocupada pela polícia e pelo exército, e seus defensores quase todos encarcerados em condições apavorantes. Com a cabeça colocada a prêmio de 185 mil marcos, Hölz é preso, escapa e é recapturado. Ele será condenado à prisão perpétua. Na Central, em 30 de março, Paul Franken, que chega da Renânia, exige o fim da ação. Brandler, Stoecker, Thalheimer e Heckert o seguem. Mas, a decisão é suspensa para consultar os sete ausentes. Em 30 de março, a *Die Rote Fahne* escreve: "É uma vergonha o trabalhador que até agora se manteve afastado; é uma vergonha aquele que até agora não sabe seu lugar".

É somente no 1° de abril que a Central dá a ordem de colocar fim à greve, uma ação desde há muito sem esperança, mas que um punhado de homens conduziu com coragem e tenacidade. Na véspera, um dos mais populares militantes operários do Partido Comunista, o eletricitário Wilhelm Sült, preso em uma reunião comunista de delegados de empresa em Berlim, fora morto numa pretensa "tentativa de fuga", como antes dele Liebknecht, Dorrenbach e Jogiches. Bela Kun e seus adjuntos conseguirão, sem dificuldades, chegar a Moscou, pelo menos o primeiro de avião. Não sabemos se Kun pensou ou disse que os operários alemães tiveram, como os operários húngaros antes deles, falta de consciência ou de coragem, mas sabemos que defendeu até o fim suas iniciativas e sua política, bem como que teve a possibilidade de o fazer. Depois do III Congresso e da condenação de sua prática no PC húngaro, Kun é transferido para os Urais e não dá as caras até 1924.

35. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, *op. cit.*, p. 484.

36. *Die Rote Fahne*, 24 de março de 1921.

Março em abril em Moscou

A imprensa russa seguiu com entusiasmo e com o atraso habitual os combates na Alemanha. Em 30 de março, no instante do fim, a *Pravda*, com a manchete "A Revolução Alemã", saudava o proletariado alemão que se lançava ao assalto "sob a palavra de ordem da aliança com a Rússia soviética, sob a direção dos comunistas, a fim de ajudar o poder soviético" – uma interpretação interessante –, vendo lá "a combinação de greve e de levantes armados, que constituem a forma mais elevada de luta conhecida pelo proletariado" e espraiava seu regozijamento: "Pela primeira vez, o proletariado alemão se levanta, à frente de seu combate, com um partido comunista de meio milhão de membros".

A mentira não podia durar. Nem cinco dias mais tarde, nas *Izvestia*, Steklov perguntava se os comunistas alemães não teriam cometido um grave erro ao se lançarem prematuramente ao assalto do poder e se não eram, assim, os responsáveis por uma grave derrota[37]. Pelo menos por enquanto, pão é pão e queijo é queijo, e estava claro que um balanço seria realizado.

A história das guerras e dos conflitos armados conduz freqüentemente o historiador a colocar, lado a lado, a coragem e o espírito de sacrifício dos soldados e dos oficiais de fileira, frente à estupidez e a ambição dos chefes políticos e militares. Mas, foi a primeira vez que semelhante constatação deu-se no curso dos combates da classe operária e com certeza não foi uma glória para a Internacional Comunista recém-fundada.

37. *Izvestia*, 4 de abril de 1920.

A pele de onagro

A Ação de Março de 1921 foi para o VKPD um verdadeiro tornado – um ciclone tropical –, deixando destroços por onde passou. De 17 de março, data da entrada das forças policiais do *Oberpräsident* Hörsing na região de Mansfeld, a 1° de abril, quando a Central do Partido Comunista lançou o chamado do emissário do Executivo, assistiu-se a liquidação de muitos anos de esforços de construção. Há pouco nascido, o sonho do partido de massas na Alemanha estava devastado, vilipendiado; acabado. A Internacional tornou-se uma pele de onagro, encolhendo de combate em congresso.

Repressão e rupturas

As forças da ordem e a direção dos comunistas alemães partilham a responsabilidade a esse respeito. Os *Schupos* e os *Sipos* não foram delicados na Alemanha central e deixaram muitos mortos com sua atuação, além de prisioneiros abatidos depois de serem rendidos e até mesmo mortos na prisão. Uma comissão do *Landtag* lançou luz sobre esse assunto, mas nenhum responsável desses "excessos da ordem" teve que prestar contas. O dirigente sindical Wilhelm Sült, morto na prisão por um guarda por "tentativa de fuga", agonizou longas horas, sem cuidados. Seu assassino, identificado e preso, foi finalmente libertado. As perdas em combate são difíceis de avaliar. Para a Alemanha central, uma estimativa dá 145 mortos e 3.470 prisioneiros.[1] Não temos nenhuma estimativa que permita uma avaliação do número de feridos. Uma fonte oficial do governo da Prússia estima que quatro mil insurrectos foram condenados a mais ou menos três mil anos de prisão e de penitência. Houve quatro condenações à morte e oito prisões perpétuas. Segundo os

1. Trata-se da estimativa do policial W. Drobnig, citada por S. Weber, *Ein kommunistischer Putsch?*, p. 179.

comunistas, seis mil insurrectos foram presos, 1.500, libertados ao termo de algumas semanas, 4.300, julgados pelos tribunais especiais, que libertaria 500 e condenaria os outros[2]. Mas o grosso dos condenados o foi antes mesmo do fim de junho: quatro foram condenados à morte, 400 pegaram 1.500 anos de reclusão, 500 receberam 800 anos e oito, reclusão perpétua[3]. Brandler, presidente do partido, foi condenado por "alta traição" a cinco anos de reclusão.

Temos as mesmas dificuldades para avaliar o número de trabalhadores que foram para o olho da rua por sua participação na greve. Há somente cifras esparsas e algumas vezes incertas: 459 em Remscheid, de 500 a 1.500 em Hamburgo e dois mil em Leuna. Mas, sabemos que muitos patrões aproveitaram as circunstâncias para "fazer a faxina" e se livrar de agitadores inoportunos. Há também – e, talvez, principalmente – aquilo que Sigrid Koch-Baumgarten chama de "êxodo de militantes". Um veterano conta que em sua fábrica de Barmen, em que trabalhavam 100 pessoas, o partido contava com 35 a 40 membros. No dia da greve geral, eles eram somente três na rua. Quanto aos efetivos globais, se nos apegarmos às cifras oficiais, passaram, da véspera da Ação de Março ao fim de 1921, de 359.613 para 180.443, sendo que este último número é considerado pelos especialistas como superior a realidade, devendo girar, de fato, em torno de 135 mil a 150 mil. De todo modo, o VKPD perdeu nas semanas que se seguiram à Ação de Março aproximadamente a metade de seus membros. As proporções variam evidentemente de uma região para a outra: o partido perde a metade de seus membros no distrito de Hamburgo, dois terços na Alemanha central, e entre essas duas cifras na Renânia-Westfália, com picos como em Remscheid, onde perde doze mil e conserva somente quatro mil.

Talvez, para permitir ao leitor melhor apreender a ferida em longo prazo e o golpe no moral – que acertou os comunistas alemães por meio de uma mão vinda secretamente de Moscou – seja preciso lembrar aqui que os militantes de base e a maioria dos quadros não entenderam em nada a Ação de Março como descrevemos. Eles ignoravam a presença de Bela Kun e de seus tenentes, o papel dirigente do comitê de ação e dos organismos clandestinos. Acreditaram naquilo que lhes foi dito, nos crimes perpetrados contra eles, nas vitórias que teriam, na proximidade dos perigos que os ameaçavam e nos objetivos que lhes foram assinalados, enfim, na causa pela qual combateriam em curto prazo: na defesa da Rússia soviética em perigo e pelo avanço, em marcha acelerada, da revolução mundial. A revelação da verdade foi para eles um golpe muito duro, tão duro que alguns não a enxergaram nem a escutaram e a negaram, proibindo-se toda reflexão pelo resto de suas vidas. Outros a escutaram e sentiram somente a imensa dor de descobrir que fora o adversário, o inimigo social-democrata que a tinha feito. Muitos deixaram de acreditar em tudo e em todos, pelo resto de seus dias. Todos esses combatentes corajosos – que cumpriram um dever, o qual acreditaram compreender um combate que julgavam necessário – sofreram feridas incuráveis.

2. *Ibidem*, p. 177.

3. *Ibidem*.

Acrescentemos, não obstante – em homenagem a nosso objeto principal –, que foi finalmente graças à Internacional que ocorreu uma discussão que lhes permitiu aproximarem do conhecimento do que realmente ocorreu, do papel que realmente fizeram com que desempenhassem, a única consolação possível para os combatentes enganados.

O apelo a Lenin

A direção, no começo, tenta se esquivar de suas responsabilidades. Em uma assembléia de responsáveis de Berlim, em 7 de abril, Friesland apresenta uma versão mamão-com-açúcar. Os combates, garante ele, estouraram na Alemanha central contra a vontade e as consignas da Central. Houve mal-entendidos e formulações equivocadas na *Die Rote Fahne*, sem falar de métodos terroristas e provocações do KAPD. Entretanto, conclui, mais ou menos, da mesma forma que Bela Kun concluíra a revolução húngara, jogando a responsabilidade dos desastres sobre os trabalhadores: "o erro cabe à falência das massas operárias, que não compreenderam a situação e não deram a resposta que deveriam dar"[4].

Paul Levi tinha partido, como sabemos, convencido de que nada aconteceria antes da Páscoa. É em Viena que descobre o curso desastroso, aberto alguns dias depois de sua demissão, e volta precipitadamente para Berlim, onde conduz uma investigação para saber o que se passou. Levi foi violentamente atingido pelas informações que obteve, confirmando aquilo que temia: o emprego da provocação de Kun e de seus partidários para "forçar" a revolução. Clara Zetkin explicará mais tarde à Lenin quais foram suas reações: "Levi revoltou-se até o âmago por essa infeliz Ação de Março, se convencendo de que ela colocou inadvertidamente em perigo a existência do partido e desperdiçou aquilo pelo que Rosa, Karl e Leo e tantos outros deram a vida. Ele chorou. Literalmente, chorou de dor com a idéia de que o partido estava perdido"[5].

O primeiro reflexo de Levi foi se virar em direção a Lenin e lhe enviar todos os elementos informativos de que dispunha. Faz-lhe o relato das conversas de Bela Kun – consigo mesmo e com Clara Zetkin – sobre a necessidade de "aliviar" a Rússia por movimentos no Ocidente e de provocar a queda do governo. Faz em seguida um relato da ação, sublinhando que não houve ações parciais do proletariado alemão, mas somente "empreitadas privadas do partido". Para ele, a vida do partido está em perigo e é por isso que pede a intervenção de Lenin, sobre o qual ignora se está informado ou não dos detalhes da política da Comintern. Lenin lhe pede para refletir e eventualmente de agir com conseqüência. Paul Levi garante a Lenin que, de seu lado, se manterá na posição de absoluta neutralidade, exposta anteriormente a Radek; e escreverá talvez uma brochura, na qual garante não formular críticas das novas instâncias do partido ou da Internacional.

4. Arquivos Levi, p. 83/9.

5. C. Zetkin, *Souvenirs sur Lénine*, p. 43.

Choques dentro do aparato

O Comitê Executivo da Internacional se reuniu durante os dias em que Paul Levi redigia sua brochura e é marcado por uma séria ofensiva de Radek, que aparece como um "ultra" da luta contra os "levitas", uma vez que propõe uma "guerra preventiva" contra o que chama de direita. Procura apresentá-la como responsável pela derrota, denuncia com violência os cinco demissionários e seu estado de espírito menchevique reformista. Wilhelm Koenen aprova a resolução da maioria, ao passo que Brass e Curt Geyer fazem uma declaração rejeitando todas as acusações contra Levi e seus camaradas. O Executivo escreve um texto solene aos proletários alemães, garantindo-lhes que "agiram bem" e "viraram uma nova página na história da classe operária alemã". Datada de 6 de abril, esse texto aparece na *Die Rote Fahne* no 14.

Nesse intervalo, Paul Levi não fora convocado ao Comitê Central – que se reuniu clandestinamente em 6 de abril –, mas é informado por Clara Zetkin. Ora, ele ainda era seu membro, pois havia somente se demitido da Central, como Clara Zetkin, que, por sua vez, fora convocada. Mas, não fora um erro. Devidamente repreendidos pelos emissários, os dirigentes do partido deliberadamente afastaram aquele de quem tinham tudo a temer e que lhes fora apresentado como o inimigo da Internacional, o porta-voz dos oportunistas. É verdade que, com relação às regras e estatutos de seu próprio partido, eles não estão mais próximos da ilegalidade. Sabem, sem dúvida, que têm a temer a cólera de Lenin, certamente. Mas Radek lhes garantiu que este estava totalmente atolado pelos problemas da política russa e sem condição alguma de acompanhar as questões da Internacional e mesmo a situação alemã. Assim, recusam, então, em convocar Levi, não somente quando lhes pedem, mas também em sessão no Comitê Central, quando é Clara Zetkin quem faz a proposição – e eles sabem que isso deixará suas marcas.

A velha senhora, por sua vez, está decidida a brigar. Depois de um relatório defensivo de Brandler, garantindo que a linha estava certa, ela ataca com todo seu vigor a utilização de palavras de ordem extremistas e inadaptadas, denuncia a "ginástica revolucionária", à qual se propôs a direção. Ela conclui pela entrega de uma moção que culpa a Central e decide a convocação de um congresso extraordinário. A discussão é breve: é mais uma execução. A moção de Clara Zetkin é rejeitada por 43 votos a seis e três abstenções. Por outro lado, uma moção da direção é adotada por 26 votos contra 14, a qual afirma que a situação exigia a iniciativa revolucionária do proletariado, a ação independente e um contra-ataque. A política da Central era justa, mas fracassou diante da "passividade das massas", atingidas pelo desemprego e desviadas do bom caminho pela demagogia dos social-democratas. Por falta de guerra civil no país, o Comitê Central se prepara para fazer uma no partido, pois sua moção condena a oposição passiva e ativa de "certos camaradas" e confia à Central a missão de colocar a organização em pé de guerra máxima ao adotar todas as medidas necessárias nesse sentido, a começar pelo direito de expulsão. Um de seus membros, Max Sievers, é expulso do CC por indisciplina.

Há pouco informado do resultado dessa reunião do Comitê Central, Paul Levi faz

exatamente aquilo que prometera a Lenin não fazer: ataca a direção e o Executivo, sem o citar, ao longo de uma assembléia de quadros, em 7 de abril. O caso, garante, diz respeito não somente ao partido alemão, mas à Internacional. A Ação de Março viu se oporem duas concepções, a de Marx, que Levi compartilha e segundo a qual é o proletariado o fator da revolução, e a de Bakunin, segundo a qual o partido pode agir segundo suas próprias forças. Foi esta última que prevaleceu. Paul Levi explica que é falso que um partido possa "fazer a revolução" por cima da cabeça do proletariado. A Ação de Março elevou um muro de desconfiança entre os comunistas e o resto da classe operária no momento em que a burguesia, como evidencia o caso do fascismo italiano, começa seu contra-ataque.

O debate em público

Foi entre 2 e 4 de abril que Levi redigiu a brochura da qual falara a Lenin. Clara Zetkin – a quem ele a mostrou – achou-a "excelentíssima", mas é difícil admitir que esta não comporte nenhum ataque contra a direção. Levi parece estar decidido a torná-la pública após o Comitê Central e seus resultados políticos. sendo publicada em 12 de abril. Seu título é *Unser Weg – Wider den Putschismus* (Nosso caminho – Contra o putschismo). Essa denúncia apaixonada é também uma exposição do conjunto da concepção do autor sobre a revolução. Para Levi, as "condições objetivas" da revolução, dentre as quais ele classifica a existência da Internacional Comunista, estão dadas. Porém, o mesmo não ocorre com as condições subjetivas: o Partido Comunista não é nada mais do que uma minoria no seio do proletariado. Levi lembra que Lenin considerava que uma revolução nessas condições era impossível e enumera as condições que faltavam na Alemanha, lembrando que, durante estes anos, o trabalho do Partido Comunista foi o de criar situações de combate "por meio da clareza e da decisão de suas intervenções, d*o vigor e da audácia de seu trabalho de agitação e de propaganda*; da influência intelectual e organizacional que exerce sobre as massas, em resumo, por meios políticos"[6].

É essa a tradição que é atacada hoje por aqueles que chamam a romper com o passado, a abandonar a "passividade", etc. Eles têm a idéia de que se pode criar também condições de combate por métodos policiais, pela provocação. Depois de multiplicar de maneira anônima os exemplos mais escandalosos, a seus olhos, de declarações ou de iniciativas de dirigentes nessa linha, Levi explica "que não se dirige um partido de massas como Ludendorff dirigia o exército imperial e que não se pode dirigir militantes operários sem levar em conta o que sentem, os sentimentos que compartilham com a maioria de sua classe, os laços que os unem com o resto dos trabalhadores com quem vivem e lutam"[7]. Sua conclusão é: "A Ação de Março é o maior *putsch* bakunista da história"[8]. Ora, não cabe à

6. P. Levi, *Unser Weg*, p. 33.
7. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 494.
8. P. Levi, *Unser Weg*. p. 29.

direção alemã sozinha a responsabilidade, pois a iniciativa não veio dela: "Ao Comitê Executivo da Internacional Comunista cabe, sem que seja possível entrar em detalhes, ao menos uma parte da responsabilidade".

O essencial foi dito. Levi fala das dificuldades das comunicações com Moscou, da utilização de emissários, que não somente não são os melhores, mas, no melhor dos casos, medíocres. Numa alusão, transparente para os iniciados, no breve exílio de Bela Kun, Paul Levi fala desses homens, chamando-os de "*Türkestaner*". Numa acusação severa, recolhendo os elementos disponíveis, mostra que "falta uma direção política emanando do centro": "O Executivo não age diferentemente de uma Tcheka projetada por cima das fronteiras da Rússia: uma situação impossível. Reivindicar precisamente uma mudança – e que as mãos incompetentes de delegados incompetentes cessem de se apropriarem da direção nos diferentes países –, reclamar uma direção política e protestar contra uma polícia do partido, não é reivindicar a autonomia"[9]. É claro que, ao menos sobre um ponto, Paul Levi tem razão: ele não coloca em discussão os princípios sobre os quais a Internacional foi fundada, ao contrário. O Executivo, por seu lado, tem o sentimento de defender sua pele, ou, se preferirmos, sua autoridade. Para ele, a brochura de Levi mostra que as razões de sua demissão, que chama de "deserção", não estavam em seu desacordo sobre a política italiana, mas em suas "vacilações oportunistas sobre a política alemã e internacional".

Encorajada, a Central expulsa Levi do partido em 15 de abril, não por suas críticas, diz ela, mas por seu "apoio aberto ao inimigo"[10]. Desde o dia seguinte, oito dirigentes importantes do VKPD se declaram solidários a Levi. São eles: Ernst Daümig, Clara Zetkin, Otto Brass, Adolf Hoffmann, que deixaram a Central com ele, Curt Geyer, representante do partido em Moscou, e três metalúrgicos, veteranos dos Delegados Revolucionários e responsáveis pelo departamento sindical, Heinrich Malzahn, Paul Neumann e Paul Eckert. No mesmo dia, Lenin termina de escrever sua resposta a Levi e a Clara Zetkin. Ele confessa sua ignorância, mas não seu ceticismo quanto as revelações: "que um representante do Executivo da Internacional tenha proposto uma tática imbecil, esquerdista, de ação imediata, 'para ajudar os russos'; eu não custo a acreditar, pois esse representante se encontra freqüentemente demasiado à esquerda"[11]. Ainda, ele reprova a demissão de seus correspondentes:

> Demitir da Central é, em qualquer um dos casos, um erro enorme! Se fosse preciso admitir o hábito dos membros responsáveis da Central de pedirem demissão quando fossem colocados em minoria, jamais os partidos comunistas se desenvolveriam, nem mudariam de rumo. No lugar de demissão, é infinitamente mais válido discutir a questão litigiosa com o Executivo. Agora, o camarada Levi escreverá uma brochura. É, ao meu ver, um grande erro. [...] Por que não esperar? Em 1° de junho, haverá um congresso aqui. Por que não uma conversa privada aqui, *antes* do congresso?

9. *Ibidem*, p. 55.

10. *Die Rote Fahne*, 16 de abril de 1921.

11. Citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 498.

> Sem polêmica pública, sem demissões e sem brochuras sobre as divergências. Temos tão poucas forças experimentadas que, de minha parte, me oponho a que os camaradas se demitam, etc. Fazer todo o possível e mesmo o impossível, mas, custe o que custar, evitar as demissões e não agravar as divergências.[12]

Mas, já é tarde demais. Levi publicou uma brochura e foi expulso. Foi provavelmente no mesmo momento em que Bela Kun – que tinha se trancado em um apartamento em Berlim para redigir com Frölich e Thalheimer uma brochura de justificativa sobre a "teoria da ofensiva" – foi chamado, por instruções de Lenin. Thomas, que tinha pedido em vão sua chamada de volta, parece rejubilar-se ao contar: "partiu num avião para Moscou. Lá ocorreu um belo espetáculo. Não conheço, mas sei que Lenin soltou fogo pelas ventas. Kun teve uma crise cardíaca. Depois de sua sabatina com Lenin, ele caiu em plena rua. Levaram-no para casa, carregado por uns homens e teve que ficar de cama. Moscou pediu a prestação de contas. Todos os que estavam implicados no caso foram convocados"[13]. Era o começo de uma punição que não seria terrível.

Confrontação: qual é o crime?

A direção alemã, pressentindo as dificuldades, faz uma pequena concessão e admite que Paul Levi venha apresentar, em pessoa, perante o Comitê Central, seu apelo contra sua expulsão. Ele o faz em 4 de maio com seu talento habitual e publica sua intervenção numa brochura que leva o título *Was ist das Verbrechen? Die Märzaktion oder die Kritik daran?* (Qual é o crime? A Ação de Março ou sua crítica?) Segundo nossa opinião, esse texto apresenta um interesse particular, pois diversos comentadores repetiram até a exaustão que a ruptura do VKPD com Paul Levi fora uma ruptura com um representante da tradição luxemburguista. É verdade que Paul Levi era, até então, fiel ao pensamento e à tradição de Rosa Luxemburgo, mas também soube, nos últimos dias da grande militante, mostrar a originalidade de seu pensamento e de sua personalidade. A defesa da tradição revolucionária que fez no CC contra seus acusadores é também uma defesa da tradição bolchevique vilipendiada por eles. Todas suas explicações sobre o caráter formalista da disciplina que queriam lhe impor – e pela qual se procura justificar sua expulsão – foram, com efeito, tomadas emprestadas da história da corrente bolchevique, depois comunista.

Ele é reprovado por ter publicado textos tomados das atas das reuniões internas do partido. Lenin fizera isso – e com razão – em sua polêmica com Zinoviev e Kamenev na véspera e no dia seguinte do Outubro de 1917. Levi lembra que, para não ferir seus camaradas da Central, não quis que fosse publicada a carta feroz, que escrevera de sua prisão,

12. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 498.

13. P. Levi, "Récit du camarade Thomas", In: *Contributions*, p. 26.

depois da afirmação da parte deles de que a classe operária não teria mexido um dedo em 1920 contra o *Putsch* de Kapp. Mas, a carta foi publicada, a sua revelia, pelo Executivo, sob proposição de Zinoviev, na revista *Internacional Comunista*, ao passo de que se tratava de uma crítica interna da direção. Levi também é reprovado por ter denunciado a política aventureira da Central em 1921 e de ter se calado diante dos erros de Rosa Luxemburgo em janeiro de 1918. Ele responde que, na ocasião, grandes massas se equivocaram e que não foi um pequeno cenáculo pretensamente infalível que havia precipitado as massas berlinenses em direção ao massacre. De resto, quando é acusado de ter atacado em público seus camaradas em sua brochura publicada em 8 de abril, ele pôde se contentar – contrariamente à acusação – em citar os jornais russos, repetindo as colocações de Zinoviev no X Congresso do PC russo: "na Alemanha, nós travamos a luta contra Levi"[14].

As idéias que Levi desenvolve, em seguida, sobre a crítica mútua e a publicação de tal crítica, são a defesa e a ilustração do que foi a tradição bolchevique no assunto: quando um partido está em perigo, o dever supremo é o de falar, de dizer a verdade para lhe proteger. Seria absurdo se explicar aos comunistas e se esconder dos trabalhadores, que precisamente têm muito a aprender com as críticas mútuas. E ele lembra a seus juízes que o "partido existe por causa do proletariado e não o inverso"[15]. Ele afirma: "se há algo a ser aprendido com essa Ação de Março, isto só poderá ser feito com a condição de que as massas reconheçam e discutam os erros nos marcos mais amplos e mais livres"[16].

Finalmente, é na mais pura tradição marxista que define o tipo de partido necessário, agora, em países como a Alemanha e que não é aquele que foi necessário na Rússia czarista:

> Sob a democracia, isto é, sob aquilo que se deve entender por democracia sob a dominação da burguesia, a organização dos trabalhadores toma outra forma que não a que tinha sob o Estado do feudalismo agrário, sob o absolutismo. Assim, na Europa ocidental, a forma de organização somente pode ser aquela de um partido de massas aberto, desses *partidos de massas abertos* que não podem, portanto, jamais se moverem, a não ser no fluido invisível em que se banham; na interação psicológica com o resto da massa proletária. Eles não se movem por meio de comando; se movem no movimento dessas mesmas classes proletárias de quem em seguida devem ser os dirigentes e os condutores no movimento. Eles dependem delas tanto quando elas deles, e é por isso, camaradas, que foi um erro fatal, da parte da Central, sua tentativa, de forma alguma revolucionária, de liquidar, em alguns instantes, o conjunto de questões que eram colocadas.[17]

Um breve lembrete indica o perigo – que existe na prática do Partido Comunista

14. *Was ist das Verbrechen*, p. 43.
15. *Ibidem*, p. 44.
16. *Ibidem*, p. 29.
17. *Ibidem*, p. 21.

– em vê-lo evoluir em direção à forma de um partido operário, dividido verticalmente segundo fatores de diferenciação social. De maneira geral, Levi, bem à vontade, marca pontos, colocando até mesmo seus adversários em posições ridículas. Assim, cita longamente um autor, o qual garante que não se pode conduzir a vanguarda numa luta decisiva antes de que as largas massas tenham manifestado ao menos sua simpatia e precisa que não se trataria lá de uma loucura, mas de um crime. Depois, acrescenta: "O homem que escreveu isso não teve a sorte ainda de não ter sido tratado de 'levita' por vocês. Ele é Lenin".[18]

Delírio verbal sobre a ofensiva

Num primeiro momento, tudo se passa como se a teoria da ofensiva estivesse, de algum modo, santificada pela derrota que havia provocado. Ela torna-se uma espécie de fé nova, um dogma revelado. Friesland, dizendo que o Executivo tinha expulsado Levi por seus atos de indisciplina, declara que a lamenta: "é toda uma concepção de mundo que nos separa dele"[19]. O problema começa a partir do momento em que se trata de defini-la em termos simples. Os esquerdistas, velhos ou novos, se ultrapassam mutuamente pela estupidez de suas generalidades nesse plano. Maslow: "um partido na defensiva é um partido social-democrata"[20]. Ruth Fischer: "um partido de cinco mil membros, que não combate, não será nada mais do que um atoleiro e é nisso que esse partido se transformou"[21]. Arthur Rosenberg: "é uma insurreição quando nós ganhamos e um *putsch* quando perdemos"[22].

Embora um pouco mais sofisticadas, as teses de Thalheimer não dizem outra coisa, pois descrevem a situação como resultado de uma crise da burguesia alemã, obrigada ao mesmo tempo a reforçar a contra-revolução "branca" e seus vínculos com a social-democracia a fim de travar um compromisso com a *Entente* às expensas do proletariado. Donde há necessidade deste último, para não ficar passivo, de se mostrar ativo... na ofensiva. Segundo essas teses, a Ação de Março, apesar de fracassada, esclareceu todas as forças presentes, mostrando sua verdadeira natureza, e, sobretudo, o dever do partido, que é o de "continuar firmemente na linha da ofensiva revolucionária, que estava na base da Ação de Março, e de avançar com determinação e confiança nessa via"[23].

Kun, em sua reclusão berlinense, contribuiu, sob o pseudônimo de Max Richter, com a redação de uma brochura intitulada *Taktik und Organisation der revolutionären Offensive. Die Lehren der März-Aktion* (Tática e organização da ofensiva revolucionária. As lições da Ação de Março), em que explica que os dois sucessos da Ação de Março foram

18. *Ibidem*.
19. *Die Rote Fahne*, 10 de maio de 1921.
20. Arquivos P. Levi, p. 83/9.
21. R. Fischer, "L'Action de mars était-elle une *Bettelheimerei*?", In: *Die Internationale*, n. 6, 1921, p. 470.
22. Arquivos Levi, p. 83/9.
23. "Thèses sur l'action de mars", In: *Die Internationale*, n. 4, 1921, p. 126.

o de desmascarar a oposição direitista na cúpula do partido e de revelar a incapacidade de seus chefes de dirigirem as massas. Mas, a seus olhos, a Ação tem o mérito de ter permitido uma "depuração orgânica" no partido e mostrado a necessidade absoluta de reforçar consideravelmente a centralização e disciplina. Queimando de paixão tecnicista, Kun opõe seu modelo de partido de massas em países ocidentais ao de Paul Levi: trata-se de fazer um partido integralmente dirigido sob uma disciplina militar por um aparato de "revolucionários profissionais". Em outros termos, é preciso um partido de funcionários em período integral – que, sobretudo, não possuam nenhum vínculo com as organizações locais ou atividades e que sejam suscetíveis a transferências, da noite para o dia, para outras tarefas – e depurado freqüentemente, a fim de expulsar todo o elemento hesitante.

Por uma dessas ironias caras à história, essa receita perfeitamente absurda para preparar uma revolução por meio de um partido de massas se tornará a maneira de se tratar a questão numa seita que vive segundo essa própria receita e fornecerá para a revolução essa tática pronta e acaba, tantas vezes copiada desde então! Ficamos, aliás, estupefatos que não somente o próprio Bela Kun, mas muitos outros que estudaram esses eventos acreditaram ver nessa posição uma espécie de ultra-leninismo, sendo sua única desculpa, talvez, que os exageros sobre a disciplina – lançados no momento do II Congresso e das 21 condições – tenham deformado os que pediriam para sê-lo.

Prudência do Executivo

O que se passou no Executivo? A correspondência de Radek com a Alemanha mostra a prudência manifestada por seus responsáveis, Zinoviev à frente. Os documentos enviados por Levi e Zetkin foram desconcertantes para a direção do KPD e para seus emissários. Em 7 de abril, Radek indica que o Velho (Lenin) tem esperança que o pessoal vá se recompor e que o Executivo espera que "a direita se desmascare". Mas, tudo indica também sua inquietude: o congresso do PSOE ocorreu de 9 a 13 de abril e a adesão às 21 condições foi rejeitada. A minoria forma um novo partido, o Partido Comunista Operário da Espanha, cujos dissidentes não parecem morrer de amor por Moscou: nenhum delegado do Executivo estava no congresso.

O Executivo em retirada

Quando o Executivo se manifesta, em 16 de abril, ou seja, no dia em que Lenin responde a Levi e Zetkin, é para precisar numa declaração solene, assinada pelos nomes mais prestigiosos, de que não há dúvida que Paul Levi se comportou enquanto inimigo ao falar de "provocação" pelos dirigentes do VKPD, bem como para dizer que ratifica a expulsão de Paul Levi do partido. Por outro lado, o Executivo não toma nenhuma posição sobre a Ação de Março. Invocando a amplitude das divergências que se manifestam sobre

essa questão, argumenta que lhe parece necessário e preferível realizar a discussão nos marcos do próximo congresso da Internacional.

Em 10 de maio, um artigo de Radek mostra a amplitude da retirada efetuada pelos inimigos de Levi, cuja primeira fileira ele deixou de se posicionar com uma raiva particular e, ao que parece, pessoal. Evidentemente, Radek retoma os argumentos contra Levi a partir de sua hostilidade ao KPD, isto é, àquilo que chama de"a fração insurrecional do proletariado" e fala de traição. Contudo, com relação à defesa da Ação de Março, está menos à vontade. Não é um *putsch*, afirma ele, e centenas de milhares de operários combateram com toda consciência, compreendendo "que se tratava para eles de se defender contra uma nova ofensiva do capital".

A direção cometeu erros: passar sem esforço da propaganda da passividade à ação; não ter controlado os operários, não ter determinado se se tratava de uma ação de greve ou de uma ação armada e, enfim, de falar de "ofensiva" quando se tratava –sem pilhérias – de "defensiva ofensiva". Igualmente, Radek não se esquece de assinalar para o aspecto internacional das lições de março, a importância do fato de que "os intelectuais" tiveram medo e recuaram[24]. Pode-se achar repugnantes tais palinódias – é meu caso –, mas é preciso bem admitir que, por trás das caretas e gesticulações, Karl Radek batia, precipitadamente, em retirada diante de Lenin.

A questão no partido russo

Lenin estivera à frente dos otimistas e até mesmo dos grandes otimistas na ocasião da Marcha sobre Varsóvia no verão de 1920, mas fora também um dos primeiros, desde o começo de dezembro de 1920, a sublinhar uma desaceleração do ritmo da revolução européia e o erro que haveria se se contasse com uma retomada rápida. Absorvido pelas questões russas, ele não olha os papéis que concernem à Internacional Comunista até o envio dos documentos por Paul Levi e Clara Zetkin, contentando-se, em 21 de fevereiro, em parar a chuva de anátemas que caía, por demais ruidosamente, para seu gosto, contra a política da "Carta Aberta" na Alemanha: em realidade, uma das primeiras fases do ataque massivo contra Levi. Mas, Lenin entende a importância da questão, sonda um pouco seus camaradas da direção e logo se dá conta de que está mais próximo, sobre essa questão, de Trotsky do que de todos os outros, mesmo que a questão sindical tenha provocado entre eles certas fricções. Trotsky, de seu lado, sonda Radek e Lenin, sabendo disso, pede a Trotsky que o viesse ver. Os dois homens entram em acordo.

Para fazer economia na discussão de congresso sobre semelhante questão, que julga difícil, Lenin a acerta de antemão, fazendo cooptar, no Birô Político, Kamenev – que compartilha de seus pontos de vista –, garantindo, assim, a maioria no BP contra Zinoviev,

24. Esse artigo foi largamente difundido na imprensa das seções: ver *Bulletin communiste*, n. 24, 8 de junho de 1921.

Bukharin e Radek, que se ocupa das questões alemãs. As negociações entre as duas frações ocorrem entre Trotsky e Radek, a quem Zinoviev acusará de ter "largado tudo". Finalmente, o acordo se faz sob uma posição intermediária: Levi é condenado por sua indisciplina, a Ação de Março não pode ser considerada como um *putsch* e a teoria da ofensiva revolucionária é boa para a lixeira da história. Além disso, Lenin exigiu que além de Clara Zetkin, a oposição levita também tenha representantes no congresso, sendo composta de três operários: Heinrich Malzahn, Paul Neumann e Paul Franken.

Um outro evento importante se produz. Brandler, preso enquanto presidente do partido, repensou a Ação de Março tal como a viveu e começa a se fazer perguntas que o desviarão radicalmente de sua entusiasta conversão à ofensiva para voltar a seu velho problema das palavras de ordem de transição e escreve à Central em 17 de junho, remetendo seus camaradas a leitura dos textos de Lenin às vésperas de Outubro de 1917[25].

Quando August Thalheimer chega a Moscou trazendo as teses puras e duras de glorificação da ofensiva e de autojustificação da direção alemã, compreende rapidamente que o enfrentamento direto é impossível e que será preciso manobrar. Está na cara que os russos não aceitarão suas teses. Depois de discussões com Bela Kun – aqui patrão de todos os "ofensivistas" e especialista do serralho –, decide proceder diferentemente do previsto e propõe emendas, que vão no sentido das teses do KPD, àquelas que Radek apresentará em nome do partido russo[26].

O compromisso de Lenin

A operação parece próxima do êxito, mas Lenin está extremamente irritado. Em uma carta a Zinoviev, em 10 de junho, escreve que as teses de Thalheimer e de Bela Kun são "radicalmente falsas" e que as emendas aceitas por Radek são "exemplos clássicos da mediocridade de espírito de Thalheimer e Bela Kun, assim como da complacência apressada de Radek"[27]. No fundo, é categórico: é falso dizer que o período da propaganda terminou e que o da ação começa. Um partido não deve jamais parar de lutar para ganhar a maioria da classe operária e lança ameaças totalmente inabituais, mas bem significativas de sua exasperação: "todos aqueles, que não entenderam que a tática da 'Carta Aberta' é obrigatória, devem ser expulsos da Internacional num prazo máximo de um mês depois do congresso"[28].

Sobre a Ação de Março, por sua vez, Lenin – doravante convencido tanto pelos elementos fornecidos por Levi e Clara Zetkin quanto pela brochura de Brandler – estima

25. A carta de 17 de junho de Brandler foi publicada por Levi em *Sowjet*, 5, 1921, p. 172-174.

26. A. Reisberg, "Ein neuer Brief V. I. Lenin über die Taktik der KI", In: *BzG* 1965, 4, p. 687.

27. "Bemerkungen zu den Entwürfen der Thesen über die Taktik für den III. Kongress der KI Brief an G. J. Sinowjew", In: *ibidem*, p. 687-691.

28. *Ibidem*.

que os clamores que a apresentam como uma ação ofensiva são absolutamente estúpidos e que os dirigentes alemães, ao chamarem a greve geral, caíram na provocação governamental. É preciso sancionar Levi, que falou de *putsch*, pois isso é falso, mas é preciso condenar, definitivamente, a teoria da ofensiva. O compromisso, assim rascunhado – que salva os partidários da provocação e aqueles que a empregaram e a impuseram – pega mal no partido russo.

Em seu relatório à Conferência do PC russo sobre as tarefas do III Congresso, Radek explica que a raiz da doutrina da crise reside na convicção de dirigentes como Serrati e Levi, de que a revolução mundial está em refluxo. Contrariamente ao que pensam e explicarão Lenin e Trotsky, Radek explica não somente que a crise revolucionária tornou-se mais ameaçadora depois da derrota russa perante Varsóvia, mais ainda que, se a revolução estiver em refluxo, é preciso riscar da ordem do dia a luta pelo poder.

Uma acolhida fria, acima de tudo

Não obstante, aparece rapidamente que tanto os esforços de Radek quanto os de Thalheimer e de Bela Kun, apoiados por Zinoviev por de baixo dos panos, se chocarão com a resistência decidida de Lenin, Trotsky e de sua guarda próxima. Os delegados da oposição levita chegam sem a massa de documentos recolhida por Lenin, que foram confiscados pela polícia alemã na fronteira. Eles explicam que correram esse risco com todo conhecimento da causa, acreditando que seria impossível confiá-los ao correio clandestino da Internacional. Entretanto, a posição de Lenin não mudou e recebe os delegados alemães com toda sua força de convicção e muita pugnacidade.

Um dos primeiros a serem recebidos, Fritz Heckert, vindo com Rákosi e contando sem dúvida com sua proteção, diz que saiu completamente aniquilado do escritório de Lenin, que acusou ambos de não proferir nada além de inépcias. Os primeiros encontros, sempre no escritório de Lenin, tornam-se uma catástrofe para a delegação alemã, que acabara de chegar e cujos porta-vozes são ridicularizados pelo sarcasmo do dirigente russo. Quando eles lhe explicam que os trabalhadores alemães puderam se instruir sob os golpes da repressão e do desemprego, Lenin os interrompe e pergunta como se deu concretamente essa operação. Wilhelm Koenen lhe responde textualmente: "Seus estômagos comunicam a seus cérebros a energia revolucionária"[29]. Azar dele, pois Lenin concluirá todas suas críticas contra a posição alemã por essa observação assassina: "Com certeza, tudo isso provem de vocês por meio da energia que o estômago comunica ao cérebro"[30].

É ainda Heckert que conta que, numa reunião ulterior, sarcástico e veemente, Lenin lhes diz:

29. F. Heckert, "Mes rencontres avec Lénine", In: *Lénine tel qu'il fut*, p. 804.

30. *Ibidem*.

A provocação era clara como o dia. E, ao invés de mobilizar com intuito defensivo as massas operárias, a fim de rechaçar os ataques da burguesia e de provar assim que vocês tinham o direito em seu favor, vocês inventaram sua "teoria da ofensiva", teoria absurda, que oferece a todas as autoridades policiais e reacionárias a possibilidade de apresentar-lhes como os que tomaram a iniciativa da agressão, contra a qual tratava-se de defender o povo.[31]

Em seus ataques, Lenin não se esquece de Bela Kun e não poupa as vísceras dele, em que pese a primeira experiência no dia seguinte ao retorno do emissário a Moscou. Para qualificar suas iniciativas, Lenin forjou um neologismo que podemos traduzir livremente por "kuneiras"*, ridiculariza aquilo que chama de "maquiagem teórica, histórica ou literária" ou ainda os "devaneios de poeta"[32] de Kun. Às vezes, Bela Kun se defende asperamente, o que duplica a severidade de Lenin, por exemplo, no Executivo de 17 de junho.

Fritz Heckert testemunhou não somente o desconcerto, mas também a rabugice contra Lenin dos majoritários alemães. Num primeiro momento, eles foram recebidos friamente e certamente não imaginavam que seria assim. Em seguida, são ridicularizados perante as outras delegações, ao mesmo tempo em que o homem que inspirou a política que vinham glorificar, e não para defender, era tratado de cretino em toda ocasião, seu sobrenome era utilizado como substantivo comum, sinônimo de besteira e humilhado ao ponto de os redatores das atas – como nos informa Victor Serge – atenuaram algumas vezes o vocabulário de Lenin para não arruinar moralmente o dirigente húngaro. É, sem dúvida, de forma deliberada que Lenin esmaga os dirigentes do partido alemão. Trata-se para ele de uma maneira urgente de "torcer o pescoço", como diz a Clara Zetkin, dessa teoria da ofensiva, que constitui um perigo mortal para a Internacional e seus partidos. Mas, Lenin não quer a morte do pecador e aceita bem conceder algumas migalhas àqueles que, finalmente, foram vítimas de um Executivo que escapa desta melhor do que eles. Também, nas conversas que Trotsky e Lenin tiveram com Clara Zetkin, explicam-na a necessidade de um compromisso. A parte deles no compromisso é aceitar que sejam tomadas sanções contra Levi pela maneira como ele brutalmente agrediu os militantes e o partido no dia seguinte da ação, e que foi duramente sentida.

O desenrolar do congresso

O III Congresso é aquele que reúne o maior número de delegados: 605, de 103 organizações e – um salto quantitativo – 52 países. O ordenamento mesmo da ordem do dia manifesta a existência de um compromisso entre Lenin-Trotsky e Zinoviev-Radek. O congresso começará pelas teses redigidas por Trotsky e Varga sobre "a situação mundial" – que constituirá, portanto, os marcos do debate posterior.

Tanto o relatório de Trotsky como as teses que apresenta com Varga recordam as grandes etapas da vaga revolucionária mundial, aberta pela revolução russa. As teses continuam: "Entretanto, essa poderosa vaga não conseguiu derrubar o capitalismo mundial, nem mesmo o capitalismo europeu. Durante o ano que correu entre o II e o III Congressos da Internacional Comunista, toda uma série de levantes e de lutas da classe operária terminaram, ao menos parcialmente, com derrotas"[33]. À questão de saber se é preciso adaptar a linha da Internacional à mudança constatada, é categoricamente respondido: "Hoje, pela primeira vez, vemos e sentimos que não estamos tão próximos do objetivo, a saber, da conquista do poder, da revolução mundial. Em 1919, nós dizíamos: 'É uma questão de meses'. Hoje, nós dizemos: 'É uma questão de anos'"[34].

Não é a Zinoviev, presidente da Internacional e autor do relatório de atividades do Executivo, que cabe apresentar o balanço da Ação de Março. Ele se contenta em rejeitar a apreciação segundo a qual tratar-se-ia de um "*putsch*" e garante: "temos a opinião de que o partido alemão, em seu conjunto, não deve se envergonhar desta luta. Muito pelo contrário"[35]. Não diz mais nada, mas aparentemente tenta resolver a questão de esguelha ao apresentar, ao fim de seu relatório, uma resolução geral que aprova notadamente as sanções tomadas ao longo do ano pelo Executivo. Ninguém, evidentemente, pode impedir Clara Zetkin de protestar com real indignação contra essa maneira de resolver o caso Levi, antes mesmo de que ele tenha sido discutido. E, ao mesmo tempo, ela responde assim às proposições de compromisso de Lenin: "Se Paul Levi deve ser duramente punido por sua crítica à Ação de Março e pelo erro incontestável que cometeu nessa ocasião, que punição, então, merecem aqueles que cometeram os próprios erros? O golpismo que nós colocamos em acusação [...] estava no cérebro da Central, que conduzia as massas na luta dessa maneira"[36].

Foi no debate sobre a tática que se examinou a Ação de Março. Assim, se manifesta claramente a vontade do Executivo de não acertar as contas – a não ser com Levi – com o passado, mas de preservar o futuro ao varrer a teoria da ofensiva. Radek detona a direção alemã, que, segundo ele, foi surpreendida por Hörsing e não compreendeu que era preciso defender os mineradores de Mansfeld sem lhes permitir acreditarem que poderiam vencer. De mais a mais, essa mesma direção agravou a situação ao convocar a greve geral e mostrou, aos olhos de todos, sua fraqueza. Finalmente, ao invés de reconhecer seus equívocos, ela contribuiu para forjar a teoria da ofensiva. Em que pese a ironia com que Radek

31. *Ibidem*.

* A tradução que o autor deu para o neologismo de Lenin é *kuneries*. Trata-se de um trocadilho com a palavra francesa *conneries*, plural de "besteira", "estupidez", num registro bem informal. Sendo impossível reproduzir fielmente o trocadilho, optamos por misturar o sobrenome *Kun* com o sufixo *-eiras*, de "besteiras". [N. do T.]

32. C. Zetkin, *Souvenirs sur Lénine*, p. 35.

33. *Bulletin communiste*, n. 29, 14 de julho de 1921, p. 480.

34. *Protokoll des III. Kongress*, p. 90.

35. *Ibidem*, p. 42-43.

36. *Ibidem*, p. 295-298.

detona os dirigentes do VKPD – visto a "santa" indignação com que manifesta contra Levi, culpado de ter falado de *putsch* –, é preciso admitir que o relatório de Radek é uma triste peça de política policialesca, um espantalho destinado a salvar os verdadeiros responsáveis da aventura e da catástrofe alemã, o pessoal do Executivo – do qual ele faz parte – e o homem que eles enviaram para a Alemanha, Bela Kun. Esse relatório, tão venenoso quanto desonesto, provoca a discussão que merece: lavagem de roupa suja, acusações recíprocas e injúrias entre os partidários da Central e os amigos de Levi e Zetkin – cada um acusando o outro de ter tomado parte na elaboração da teoria da ofensiva. Nenhum dos problemas de fundo, concernentes ao funcionamento do Executivo da Internacional e a natureza dos vínculos com a Central alemã, são abordados.

A guerrilha esquerdista

Bela Kun, protegido pelo imenso guarda-chuva do "compromisso" concluído no partido russo, parece se enraivecer. Ele fica quieto, intervindo – e, ainda por cima, durante a ordem do dia – somente para se queixar, com rabugice, que Trotsky tenha atacado nesse debate a "pretensa esquerda", da qual Kun lembra que este faz parte. A guerrilha nos corredores entre Trotsky e ele, que são acusados de terem se tornado "direitistas", as incessantes recriminações de Zinoviev e Radek contra o discurso de Trotsky e suas teses, a acusação mil vezes repetida contra Kun de ter violado o compromisso, o irritam ao grau máximo, mas ele espera sua hora, que chega quando do momento da discussão das emendas às teses apresentadas pela delegação alemã, com o apoio das delegações italianas e austríacas e a aprovação tácita dos alemães da Tchecoslováquia e da maioria húngara do partido polonês, dentre os quais um delegado inocente, que acabara de dizer à tribuna que dizem que Lenin e Trotsky se tornaram direitistas.

Entretanto, a grande batalha somente começa com a intervenção de Lenin que, com Trotsky, decidiu correr o risco de ser posto em minoria, porém quer evitar esse final. A guerrilha nos corredores contra Trotsky e ele, que são acusados de terem se tornado "direitistas", as incessantes recriminações de Zinoviev e Radek contra o discurso de Trotsky e as teses, a acusação mil vezes repetida contra ele de ter rompido o compromisso, o irritam ao extremo, mas ele espera sua hora chegar. E ela chega quando são discutidas as emendas às teses apresentadas pela delegação alemã, com o apoio das delegações italiana e austríaca, e a aprovação tácita dos alemães da Tchecoslováquia, da maioria húngara e do partido polonês, da qual um delegado cândido tinha acabado de dizer na tribuna que se dizia que Lenin e Trotsky tinham virado "direitistas".

Heckert começa a batalha atacando diretamente Lenin com uma apologia inflamada da Ação de Março e da direção alemã. Thälmann, que dirigiu a ação em Hamburgo, ataca Trotsky no mesmo sentido. O jovem italiano Terracini se indigna que se possa crer que a fraqueza dos efetivos de um partido comunista possa ser um obstáculo à vitória da revolução. Ele dá o exemplo do partido bolchevique em outubro de 1917. Bem antes dele,

Appel, delegado do KAPD, atacou com violência a "Carta Aberta", afirmando que esta era e não poderia ser nada além de oportunista.

Lenin enfeza-se

Lenin, durante toda a intervenção de Terracini, tentou acalmá-lo, sussurrando-lhe, em francês, que se mostrasse flexível. Mas, decididamente, chegou para o revolucionário russo o momento de colocar os pingos nos *is*. Ao homem do KAPD, Lenin diz, de início, que, para seu "grande arrependimento e vergonha", já havia escutado privadamente opiniões semelhantes, mas que é "uma vergonha e uma infâmia" qualificar de oportunista a "Carta Aberta": "A 'Carta Aberta' é uma iniciativa política exemplar. É o que dizem nossas teses. É absolutamente necessário apoiá-la. Exemplar porque é o primeiro método prático visando conquistar a maioria da classe operária". Seu veredicto cai como uma guilhotina: "Aquele que não compreende que na Europa, onde quase todos os operários estão organizados, devemos conquistar a maioria da classe operária, estará perdido para o movimento comunista e não aprenderá nada se até agora não aprendeu, depois de três anos de grande revolução"[37].

Ele ataca em seguida Terracini e todos os comunistas de esquerda que alardeiam a experiência bolchevique como modelo e escudo: "O camarada Terracini não entendeu muita coisa da revolução russa. Nós éramos, na Rússia, um pequeno partido, mas tínhamos a maioria nos sovietes de operários e camponeses no país inteiro. Onde vocês a tinham? Nós tínhamos pelo menos a metade do exército, que contava com milhões de homens!"[38]. E lança este aviso: "Se as idéias do camarada Terracini são compartilhadas por três delegações, então há alguma coisa podre na Internacional. Então, deveremos dizer: 'Alto lá! Luta sem misericórdia! Logo a Internacional estará perdida!'"[39].

Depois dele, Trotsky dispara, reprovando os alemães de reclamarem, ao invés de estudar e analisar. Qualificando a teoria da ofensiva de "crime político", lança esta bela crítica: "Olhem ao redor de vocês! Não existe somente oportunistas neste mundo, mas também classes"[40]. Diz que não irá muito além das teses, concessão à tendência esquerdista "representada aqui por numerosos camaradas, Thälmann inclusive".[41]

O III Congresso – depois do triunfo do compromisso que permitiu não apontar claramente as responsabilidades da tragédia de março e o enfraquecimento dramático do VKPD – lança aos partidos da Internacional um apelo para se dirigirem às massas, para conquistá-las e ganhá-las ao comunismo. Lenin se preocupa com um partido dilacerado,

37. *Protokoll des III. Kongress*, p. 511.

38. *Ibidem*, p. 512.

39. *Ibidem*.

40. *Ibidem*, p. 650.

41. *Ibidem*, p. 638.

no qual se manifestam antagonismos pessoais, rancores e ciúmes. Os argumentos foram baixos, notadamente entre os alemães, e Radek, por seus ataques contra Levi, merece o prêmio no quesito "incômodo".

Uma das realizações do congresso foi a votação de duas resoluções sobre os princípios e a organização da Internacional, as quais insistem fortemente sobre a disciplina que deve ter uma organização de combate e sobre a necessidade do trabalho ilegal. Definem, claramente, o princípio de dupla subordinação dos Comitês Centrais dos partidos: aos congressos, nos quais foram eleitos, e ao Executivo da Internacional. O Executivo foi ampliado e compreende doravante cinco membros do partido russo, dois dos outros grandes partidos e um do resto. O pequeno birô de sete membros foi oficializado. Ele tornar-se-á, em agosto, no "*Presidium*": compreende por ora Zinoviev, Bukharin, Heckert, Gennari, Radek, Kun e Souvarine. É nos meses que se seguem que se experimenta pela primeira vez a prática das sessões do "Executivo ampliado", verdadeiro pequeno congresso que ocorrerá, doravante, duas vezes por ano.

O Congresso da Profintern

O II Congresso decidira a constituição de uma comissão preparatória à fundação de uma Internacional Sindical Vermelha (ISV, Profintern), cuja responsabilidade Alfred Rosmer, permanecido em Moscou depois do congresso, assumira até o III Congresso. A atração exercida pela revolução russa estava ainda muito vigorosa sobre toda a corrente libertária. Tanto mais os comunistas russos – e com eles o Executivo da Internacional – estavam determinados em organizar a cisão nos partidos socialistas para fundar partidos comunistas, tanto mais se recusavam a considerar cisões sindicais para a constituição de sindicatos revolucionários.

A idéia subjacente à fundação de uma Internacional Sindical Vermelha era a criação de um centro sindical internacional, concorrente da Internacional Sindical de Amsterdã e suscetível de receber, como esta última, adesões de sindicatos inteiros, até mesmo de cartéis regionais e locais ou, eventualmente, de minorias, mas sempre respeitando a unidade das organizações existentes. Tal construção era perfeitamente lógica da perspectiva do desenvolvimento revolucionário em termos de meses, que era o caso quando do II Congresso. Por outro lado, se tornava francamente contraditória a partir do momento em que, como se deu no III Congresso, pensa-se que se trata, doravante, de anos, pois as burocracias sindicais dispunham então de todos os meios de proteção e de polícia interna, inclusive, como o provava a experiência da CGT francesa: a de organizar a cisão para conservar a direção.

A situação era, aliás, bem diferente no III Congresso. De início, a União Sindical Italiana, de Armando Borghi, indisposta por aquilo que chamava de "controle" do Partido Comunista, decidira se manter afastada. A CNT, destruída na Catalunha enquanto organização de massa pela campanha de assassinatos do general Martínez Anido, afastou-se

em direção às teses libertárias e não voltou mais. Ainda se ignorava isso e Rosmer falava com admiração da "nova geração de sindicalistas", prontos a compreender o Outubro russo. Victor Serge deixou esboços inesquecíveis de Andrés Nin e Maurín, o primeiro "sob os óculos cercados de ouro, com uma expressão concentrada que a alegria de viver atenuava", o segundo com "um ar de jovem cavaleiro, como desenhavam os pré-rafaelistas [...]. Eles eram somente entusiasmo"[42]. Os russos que dirigiam este trabalho, com exceção de Lozovsky, manifestavam um grande desconhecimento dos meios sindicais do Ocidente, dentre os quais muitos membros importantes nunca puderam fazer o estilo das proclamações *à la Zinoviev* e, sobretudo, suas propensões à injúria.

O congresso de fundação, inicialmente previsto para o 1° de maio de 1921, foi adiado para julho, logo após o da Internacional, e foi convocado em comum pela comissão de preparação e pelo Executivo da IC. O convite foi enviado a todos os sindicatos hostis à Internacional de Amsterdã, "esta última barricada da burguesia internacional", dizia Zinoviev. Trezentos e oitenta delegados – dentre os quais 336 com direito a voto, representando 41 países e, dizia-se, 17 milhões de sindicalizados de um total mundial de quarenta milhões – estavam presentes. O debate, bastante vivo, deu-se sobre dois pontos. O americano Bill Haywood, o herói do IWW, foi o porta-voz daqueles que queriam a ruptura com todos os sindicatos existentes e opôs-se tanto a Lozovsky como a Zinoviev. A guerrilha dos franceses, dos espanhóis e de outros sobre a questão da independência dos sindicatos desembocou num texto, redigido pelo inglês Tom Mann e igualmente assinado por Rosmer, prevendo um contato orgânico; estreito entre os diferentes movimentos operários revolucionários, antes de tudo com a Internacional Comunista e com a ISV. Esta fórmula foi adotada por 282 votos contra 25, vindo a contribuir poderosamente para o fracasso da ISV. Os inimigos do comunismo evidenciaram a existência daquilo que correspondia freqüentemente à atitude prática dos comunistas russos, a saber, a vontade, de sua parte, da subordinação dos sindicatos. Mas, é do cisionismo que eles os acusam com mais sucesso.

O congresso da KIM

Ninguém esperava que o congresso da Juventude, da KIM, ocorresse em Moscou no rastro daquele do partido. Tal iniciativa, rompendo com uma tradição, pode ser tida, no mínimo, como uma precaução da parte do Executivo inquieto. A Internacional da Juventude Comunista (KIM), nascida independentemente – seu estatuto a definia como independente – da Comintern, a partir da organização internacional dos Jovens Socialistas de Willi Münzenberg, tinha-se desenvolvido muito, mas aparentemente sem o controle da Comintern desde sua fundação no congresso de Berlim, em novembro de 1920, com delegados de 49 países, representando 800 mil jovens.

Seus dirigentes eram então jovens militantes experimentados: ao redor de Willi

42. V. Serge, *Mémoires d'un révolutionnaire*, p. 152.

Münzenberg, o russo Lazar Chatskin, os alemães Leo Flieg e Alfred Kurella; o austríaco Richard Schüller. Alguns cogitaram oporem-se? Incontestavelmente, há um conflito de princípio. Münzenberg era favorável, como Lenin o fora com relação à Juventude *vis-à-vis* do partido, à independência da KIM. Lazar Chatskin, o delegado do *Komsomol*, era partidário da subordinação[43]. O conflito está aberto e é público na primeira reunião plenária do birô, de 9 a 13 de junho de 1920. Münzenberg, em seu relatório, ataca vivamente o WES, que se recusa até, diz ele, a garantir as comunicações com Moscou. O WES é defendido por seus dois representantes presentes, Albrecht (Abramovitch) e Felix Wolf.

A prova de força ocorre em 1921, na crise crescente logo após a Ação de Março. Uma carta da Comintern, datada de 1° de abril, convida a direção do KIM a considerar nulas as eventuais decisões de seu congresso, que fora convocado para Iena para 7 de abril, e adiar a seqüência de seus trabalhos a Moscou, logo após o III Congresso da Internacional. Contrariamente ao que escreve Willi Münzenberg[44], a verdadeira causa dessa iniciativa não é a repressão que se abate sobre a Alemanha e as seqüelas da "Ação de Março", mas a determinação de Zinoviev de submeter a KIM a seu controle. Parece que alguns dirigentes da KIM quiseram de outra forma: a publicação da carta num jornal "levita" de Berlim resulta evidentemente de um "deslize" proposital. Entretanto, finalmente, perante as dificuldades que a cometiam, em particular a ausência de diversas delegações dentre as quais a dos *komsomols* russos, os dirigentes da KIM cedem – depois de terem, contudo, realizado três sessões do congresso – e transferem a seqüência dos trabalhos para Moscou.

É, portanto, em 14 de julho de 1921, que se abre, em Moscou, na Sala do Trono do Kremlin, depois de uma grande festa de abertura na Ópera de Moscou, o congresso da Internacional dos jovens comunistas, assim, involuntariamente, transferido três meses antes. Este congresso foi recebido com a mais alta consideração, a recepção oficial sendo confiada a Kalinin – chefe de Estado – e Trotsky, levando a saudação da Internacional, com uma brilhante defesa e ilustração das decisões de seu III Congresso. Lenin tomou lá igualmente a palavra. Não obstante, a realidade política era que a Internacional dos jovens (KIM) perdia formalmente sua independência ao aprovar uma resolução cuja conclusão era: "A Internacional da Juventude Comunista faz parte da Internacional Comunista e, enquanto tal, obedecerá todas as resoluções dos congressos da Internacional Comunista e as de seu Comitê Executivo"[45].

Willi Münzenberg, que a dirigiu desde o começo e tendo manifestado freqüentemente tendências esquerdistas, foi designado a um posto importante numa organização de auxílio, a MOPR. Essa decisão, assim como a obrigação de realizar o congresso em Moscou, seria um meio de garantir a dependência da organização, como foi dito e repetido? Isso parece mais que verossímil, mas nenhum documento apareceu até o presente momento para apoiar claramente esta hipótese, com exceção da nota da *Grande Enciclopédia Soviética* de 1938, que fala de uma "luta encarniçada" na véspera do congresso e também da "correção dos erros cometidos nas relações com a Comintern".

43. W. Münzenberg, *Unter dem rote Banner. Bericht über den I. Kongress der Kommunistischen Jugendinternationale*, Berlim, n.d., p. 42-44 e L. Chatskin, *Die Aufgaben der Kommunistischen Jugendorganisationen nach der Übernahme der Macht durch das Proletariat*, Berlim, n.d., p. 10.

44. W. Münzenberg, *Der Dritte Front*, p. 343-344.

45. Citado por E. H. Carr, *The Bolshevik Revolution*, III. p. 403.

Terror e a violência fascista

Razões para se preocupar, entretanto, não faltam. Como uma das mais importantes, é preciso colocar a situação italiana, com a ofensiva furibunda do terror fascista e as expedições punitivas contra o movimento operário organizado daquele país. Com efeito, é mais ou menos entre o fim de 1920 e início de 1921 que os *squadri* fascistas generalizam o método das expedições punitivas, que vão, em alguns meses, destruir aquilo que alguns chamavam então de "o império socialista" ou "o império maximalista", que são as posições conquistadas pelo PSI e pelos sindicatos nos decênios de luta eleitoral e parlamentar. Em sua obra já citada sobre o fascismo, Angelo Tasca descreve o mecanismo fascista:

> No vale do Pó, a cidade é, em geral, menos "vermelha" do que o campo, pois na cidade se encontram os senhores agrários, os oficiais das guarnições, os estudantes da universidade, os funcionários públicos, os rentistas, os profissionais liberais e os comerciantes. É nessas categorias que se recrutam os fascistas e são elas que fornecem os quadros das primeiras esquadras armadas.
>
> Assim, a expedição punitiva parte quase sempre de um centro urbano e se irradia para o campo circundante. Montados em caminhões, armados pela Associação Agrária ou pelas lojas dos regimentos, os "camisas-negras" se dirigem para o lugar que é o alvo de sua expedição. Uma vez lá, começa-se a espancar com bastões todos que são encontrados nas ruas e que não se descobrem quando da passagem das bandeirolas, ou que usam uma gravata, um lenço ou um bustiê vermelhos. Se alguém se revolta, se há um gesto de defesa, se um fascista é ferido ou um pouco atordoado, a "punição" se amplifica.
>
> Precipitam-se em direção à Bolsa do Trabalho, do sindicato, da cooperativa, da Casa do Povo; arrombam as portas, jogam nas ruas a mobília, livros, mercadorias e derramam galões de combustível: alguns minutos depois, tudo está pegando fogo. Quem é encontrado no local é espancado selvagemente ou morto. As bandeiras são queimadas ou levadas como troféu.
>
> Na maioria das vezes, uma expedição parte com um objetivo preciso: o de "limpar" a localidade. Os caminhões param, então, perante as sedes das organizações "vermelhas" e elas são destruídas. Grupos fascistas vão a procura dos "chefes", prefeitos e conselheiros da comuna, secretário da liga, presidente da cooperativa: obrigam-nos a se demitirem, são "banidos" para sempre do país sob pena de morte ou de destruição de suas famílias [...]. Ou o chefe cede ou a violência se sucede à persuasão. Quase sempre se cede. Se não, quem fala são os revólveres. Quando o dirigente local resiste, apesar de tudo, ele é suprimido [...]. É morto

> sobre a soleira ou então se deixa levar e os fascistas lhe conduzem a um local onde é reencontrado morto [...], algumas vezes depois de lhe fazerem sofrer as piores torturas.[46]

É preciso acrescentar todas as humilhações possíveis, principalmente contra as mulheres. Elas são estupradas, publicamente ou não, coletivamente ou não. Fazem com que elas engulam óleo de rícino para que produzam um espetáculo degradante. Algumas vezes elas têm a cabeça raspada. O terror é acompanhado de avisos e ameaças, datadas e assinadas, que nenhum policial ou tribunal nunca leva em conta. Aliás, quase por todo lado, os carabineiros são cúmplices da empreitada, escoltando os *squadristi*, impedindo quem quer que seja de entrar ou de sair do lugar onde eles operam, fornecendo-lhes munição e meios logísticos. A superioridade dos fascistas deve-se certamente a seu armamento e a sua mobilidade; a possibilidade que têm de se deslocar e de se concentrar.

Cada vila ou pequena cidade continua em seu lugar, concentrada ao redor de sua casa do povo. Os centros socialistas "punidos", um após o outro, são isolados uns dos outros, e não há resistência coletiva nem mesmo solidária, sobretudo com a cisão do partido e as ásperas lutas que se seguem. Analisando a configuração das forças e as multidões reunidas pelos socialistas maximalistas frente às colunas de caminhões dos *squadristi*, Angelo Tasca escreve esta frase terrível: "O formigueiro à mercê da legião".

Do vale do Pó, a peste negra se alastra em direção ao resto da Itália, Bolonha e Mântua. Seguindo o mesmo roteiro, Florença e a Toscana são particularmente atingidas. E o movimento continua, às vezes aumentando. Há verdadeiras operações militares. Em Siena, os fascistas recorrem à artilharia para destruir os muros da casa do povo. Na Câmara dos Deputados, fascistas eleitos, com revólveres em punho, atacam Francesco Misiano, deputado comunista, e lhe impedem de tomar assento, sob pena de morte.

Cegueira face ao fascismo?

Ficamos um pouco confusos perante a fleuma do jovem Partido Comunista da Itália, no momento – é verdade –, em que os socialistas, já que mais fortes, recebem os golpes mais duros. A declaração do PCI de 2 de março de 1921 é uma verdadeira fanfarronada: "O proletariado revolucionário da Itália não cede sob os golpes do método reacionário, inaugurado há alguns meses pela classe burguesa, por meio de bandos armados de Brancos"[47]. Será que teremos que concluir que, ainda com a Rússia na cabeça, não perceberam a mudança de cor do inimigo e que os Brancos são os que o comum dos mortais chama de camisas-negras? Seria abusivo. Mas, este "seguidismo" no vocabulário, esta linguagem de seita é significativa, tendem a fazer deles exilados voluntários dentro de seu próprio país. Em 1° de maio, Amadeo Bordiga, que é o dirigente do PCI, faz, infelizmente,

46. A. Tasca, *Naissance du fascisme*, p. 129-130.

47. Citado por P. Spriano, *op. cit.*, p. 133.

apostas estúpidas e prognósticos de perdedor na forma de uma questão que considera pertinente: "quais são as forças sociais que têm interesse na Itália em voltar atrás: do regime liberal em direção a formas ultrapassadas de absolutismo?"[48].

O balanço é muito pesado para que possamos esperar que um dirigente comunista pense seriamente e constate que se trata de um movimento novo, de uma nova arma que as classes detentoras utilizam para conjurar o progresso dos revolucionários. Nos primeiros seis meses de 1921, registramos a destruição de 17 gráficas e empresas de imprensa operárias, de 59 Casas do Povo, de 119 Bolsas do Trabalho; de 83 ligas camponesas, de 151 círculos socialistas e de tudo o que lhes pertencia; de 151 círculos culturais. Sem falar do número de mortos, de feridos, de homens e mulheres destruídos pela violência, pelo medo, humilhação, ruína e sentimento de impotência.

Não obstante, no povo italiano, classe operária e camponeses, há quem esteja pronto para lutar. O PSI está de joelhos, grogue de tanto apanhar, pronto a se agarrar à primeira perspectiva de alívio. Em 3 de agosto, assina com Mussolini – que teve temporariamente necessidade – um "acordo de pacificação". O PCI, por causa de sua política, se privou dos meios de explorar esse erro enorme do partido de Serrati. Depois de tudo, em novembro de 1921, os efetivos dos *Fasci* mais que decuplicaram em um ano. De 22 mil, eles chegaram a 320 mil, aproximadamente. Se as organizações operárias não organizarem a resistência, estarão perdidas.

O caso dos *Arditi del Popolo*

Vamos medi-lo com o aparecimento dos *Arditi del Popolo*. No começo, um grupo de oficiais, ex-combatentes, que lutaram com Gabriele D'Annunzio, rompem com os *Fasci* e decidem fundar uma organização de defesa do povo, dos operários e dos camponeses humilhados e massacrados pelos capangas dos poderosos. O grupo inicial compreende também alguns anarquistas, desejosos de combater com armas, e talvez alguns aventureiros. Mas, a adesão de homens tão diferentes que querem combater será bem numerosa. Não somente entre os jovens socialistas, como o deputado G. Mingrino, ou como Guido Picelli, que fará de Parma um bastião contra os fascistas e mostrará concretamente que se pode barrá-los em seu próprio terreno, mas também entre os comunistas, os sem-partido e mesmo entre os simples democratas. Em muitas localidades, começam já a enfrentar a violência fascista, depois colocam os agressores em fuga e abrem, assim, uma perspectiva em face do terror. O Partido Comunista proíbe seus membros de se juntarem aos *Arditi del Popolo*, cuja criação constitui, diz ele, uma "manobra da burguesia". Em 7 de agosto, O PCI declara num comunicado:

> Os *Arditi del Popolo* se propõem, ao que tudo indica, a traduzir a reação proletária contra os

48. A. Bordiga, "Vieille fixation", *Il Comunista*, 1° de maio de 1921, citado por P. Spriano, *op. cit.*, p. 135.

excessos dos fascismo, para restabelecer a "ordem e a normalidade da vida social". O objetivo dos comunistas é totalmente diferente: eles fazem questão de conduzir a luta proletária até a vitória revolucionária, se colocam, do ponto de vista da antítese, implacáveis entre a ditadura da reação burguesa e a ditadura da revolução proletária.

Angelo Tasca, membro dirigente do PCI em 1921, escreve a sua história sobre o nascimento do fascismo: "Tudo isso não é nada além de demagogia sectária e impotente: os comunistas lutaram em alguns lugares, darão alguns tiros em algumas localidades, participarão, apesar do veto do partido, nos agrupamentos dos *Arditi del Popolo*, mas o Partido Comunista, enquanto tal, continuará praticamente ausente da luta e facilitará, sensivelmente, por sua tática a vitória do fascismo"[49]. É um veredicto que a história não desmentirá, em que pese a criação de uma organização concorrente, o *Arditi Rosso*, sentido como um ato de divisão pelos *Arditi del Popolo* e os combatentes. O historiador do PCI Paolo Spriano indica que Vorovsky, embaixador da Rússia em Roma, criticou severamente, num relatório a Moscou, o comportamento sectário dos dirigentes italianos nessa questão[50] e menciona também um relatório enviado por Ruggero Grieco ao Executivo da Internacional em 7de novembro de 1921.

O dirigente do PCI relata rumores infames envolvendo o chefe dos *Arditi del Popolo*, mas admite que o proletariado, em toda a Itália, se agrupou em torno dessa organização, "particularmente nas regiões onde as ações dos guardas brancos [vestidos com camisas negras – PB] eram mais violentas". Finalmente, enumera um certo número de más razões, invocadas pelos dirigentes do PC para justificar esta abstenção: a superioridade técnica das unidades comunistas e as dificuldades provocadas por uma "dupla disciplina"[51]. A resposta do Executivo da Internacional, cujo redator não conhecemos, é absolutamente cortante:

> Está claro que no começo estávamos envolvidos com uma organização de massa proletária e, em parte, pequeno-burguesa que se rebelou espontaneamente contra o terrorismo [...]. Onde estavam então os comunistas? Estavam ocupados em estudar minuciosamente este movimento para decidir se era suficientemente marxista e de conforme ao programa. O PCI deveria ter penetrado de pronto, energicamente, nos movimentos dos *Arditi* e lá reunir ao redor dele os operários de maneira a fazer os elementos pequeno-burgueses seus simpatizantes, denunciar os aventureiros e eliminar postos da direção; colocar à frente do movimento homens dignos de confiança. O partido comunista é o coração e o cérebro da classe operária; não é o movimento no qual tomam parte as massas operárias que são para ele demasiado baixas e demasiado impuras.[52]

49. A. Tasca, *op. cit.*, p. 182.

50. P. Spriano, *op. cit.*, p. 149.

51. *Ibidem*, p. 149-150.

52. *Ibidem*, p. 150.

Mas, era tarde demais. Spriano repete, aliás, uma crença enraizada no partido italiano e mais que verossímil segundo a qual Lenin teria também pessoalmente intervindo em vão para que o PC mudasse de opinião sob essa questão crucial[53].

O fim com Šmeral

É impossível, no fim do capítulo, não sublinhar que o Executivo da Internacional, depois de alegremente ter feito o luto – para não dizer outra coisa – de dirigentes como Serrati e Paul Levi, bem como de dois partidos de massa decisivos, como o PSI e o VKPD, continuou a manifestar uma longa paciência para com um homem que estava do outro lado durante a guerra – o dos social-chauvinistas –, o tcheco Bohumir Šmeral. As resoluções do congresso sobre a questão tcheca tinham um objetivo comum: o nascimento de um partido à escala da Tchecoslováquia. A greve de dezembro, a radicalização operária e a ação nesse sentido da juventude permitiram se aproximar desse objetivo lentamente.

De início, nos dias 9 e 10 de janeiro de 1921, a conferência de distrito do Partido Social-Democrata de Reichenberg (Liberec), dirigida por Alois Neurath e Karl (Karel) Kreibich, reuniu 73 delegados e três representantes da Esquerda Marxista tcheca. Reivindicando a convocação de um congresso extraordinário do partido e se pronunciando pela aceitação das 21 condições, é expulsa do partido no 17. Em 12 de março, em marcha acelerada, a conferência se reúne em congresso e adota o nome de Partido Comunista da Tchecoslováquia, seção alemã.

Durante o mesmo mês de janeiro, a esquerda do partido na Eslováquia convoca, em Lubochna, um congresso anual, ao qual assistiram 149 delegados, dentre os quais 88 eslovacos, 36 húngaros, 15 alemães, seis rutenos e quatro representantes de um grupo judeu. O congresso foi presidido por Marek Čulen. Ivan Olbracht representava a Esquerda Marxista tcheca e Karel Kreibich, os comunistas alemães. O congresso eslovaco aceita as condições de admissão, com exceção da 17ª. Seu nome será estudado para o futuro, se contentando, por ora, em se chamar Partido Socialista da Eslováquia. Em 6 de janeiro de 1921, ocorreu a fusão de todas as organizações de juventude comunistas do país, que reunia 40 mil membros. A JC tcheca, representada por Josef Guttmann e Maria Švabová, já tinha anunciado que não esperaria a fusão no nível dos partidos.

A Comintern acentua sua pressão. Em abril, Bela Kun, regressado da Alemanha, e Gyula Alpari vêem secretamente para Dresden. Eles têm dificuldades com os tchecos. O partido alemão da Tchecoslováquia enviou Karl Kreibich, mas Šmeral não veio e compôs a delegação de dirigentes de segundo plano. A tensão é grande. Bela Kun, que estava um pouco queimado pelos resultados da "Ação de Março", não pôde não ver lá uma espécie de desafio. Šmeral e seus partidários se recusam a ter a mesma sorte de Paul Levi e dizem, alto e claro aos próximos, que é preciso evitar a adesão à Comintern se for para serem

53. *Ibidem*, p. 151.

expulsos na primeira ocasião. Na verdade, Šmeral procura ganhar tempo. Perante o X Congresso do PC russo, Zinoviev já tinha criticado sua "tática hesitante", afirmando que seria preciso criar um partido comunista na Tchecoslováquia sem ele, se preciso fosse, e, se necessário, contra ele. A mensagem dirigida ao congresso pelo Executivo é, antes de mais nada, severa:

> A greve de dezembro mostrou não somente a audácia e a energia dos operários revolucionários tchecoslovacos, mas também as lacunas organizacionais e políticas, as quais têm suas raízes no partido da esquerda socialista, que eles fundaram. Na greve de dezembro, não havia absolutamente nenhuma direção, nem organizacional nem política [...]. À cúpula do partido, não faltaram elementos que, conscientemente ou não, sabotaram o movimento comunista.
> Temos esperança de que o congresso adote o nome de Partido Comunista, não somente para se distinguir exteriormente dos social-democratas, mas também para aceitar a tática e os princípios da III Internacional.[54]

A carta conclui afirmando que a era das meias-medidas acabou e que é somente em certos limites que se pode fazer concessões a indivíduos e tradições.

Šmeral continua, ao mesmo tempo, firme e conciliador. No congresso da Esquerda Marxista, que ocorre em Praga-Karlin, de 14 a 16 de maio de 1921, ele explica lealmente suas posições, inclusive suas hesitações, relatando que pesquisou os meios de levar à consciência do caráter revolucionário da época "não um pequeno grupo ou uma seita, mas um grande partido de massas proletárias"[55]. Para ele, esse objetivo foi alcançado, pois o partido que nasce contará com 300 mil membros de início, mas não esquece, entretanto, de continuar com a polêmica contra a "impaciência revolucionária", o esquerdismo e o putschismo. Está claro, como mostrou brilhantemente Hana Majderová, que Šmeral e, atrás dele, os comunistas tchecos, estão bem decididos a não se juntar à Internacional se, por infelicidade, seu próximo congresso não condenar claramente o esquerdismo[56]. A grande diferença de sua situação com a da Rússia em 1917 é que, neste país, não havia partido social-patriota de massas, ao passo que na Tchecoslováquia trata-se de arrancar as massas das garras dos oportunistas e não livrá-las por uma cisão precipitada e por aventuras como na Alemanha.

O resultado da votação é esmagador: 562 delegados contra sete decidem pela formação de um partido comunista único, que solicita entrar na Comintern ao aceitar as 21 condições. Mas, as convocações ao III Congresso já tinham sido enviadas ao KP da Alemanha e da Boêmia, ao PS da Eslováquia, à Esquerda Marxista dos socialistas tchecos e ao

54. "L'exécutif de l'Internationale communiste au congrès de la Gauche tchèque", In: *Die Kommunistische Internationale*, n. 17, 1921, p. 415-417.

55. Relatório de Šmeral ao I Congresso do PCT, p. 107.

56. H. Majderová, *op. cit.*, p. 137-138.

Partido Socialista Internacional, da população rutena. Todas estas organizações enviarão, ao total, 19 delegados a Moscou.

A questão tcheca no III Congresso

Debate dentro do grande debate, mas de uma certa maneira retardatária, a questão continua. Zinoviev critica os tchecos, acusa a direção de passividade, de frieza revolucionária, de insuficiência no que se refere à formação marxista de seus militantes. Edmund Burian, em nome dos comunistas tchecoslovacos, responde com vivacidade, desmente a existência de desacordos entre Šmeral e os dirigentes operários encarcerados – Muna, Húla, Zápotocký. Afirma que não há nenhum direitista entre os comunistas da Tchecoslováquia, desmente a existência de uma "direção Šmeral"; reprova ao Executivo sua impaciência e sua incompreensão – o que não pode ser compreendido fora do contexto internacional marcado pela Ação de Março.

Šmeral, com suas centenas de milhares de aderentes, está igualmente em posição confortável. Poder-se-ia massacrar o partido tcheco depois de ter gravemente ferido o partido alemão? Lenin, no debate da comissão tchecoslovaca, sugere que Šmeral dê dois passos à esquerda e aos críticos alemães do russo, como Kreibich, um passo em direção aos tchecos. Ambos respondem a seu apelo. Ao longo do debate em comissão, Lenin fez alusão, aliás, ao refluxo da vaga revolucionária do pós-guerra e afirma a necessidade de construir partidos comunistas de massa para um novo período revolucionário, o que não está assim tão longe da posição defendida por Šmeral. De todo modo, a linha do congresso é, incontestavelmente, a de apoiar a política de Šmeral. O PC tcheco nascerá, finalmente, em outubro de 1921, com algo em torno de 420 mil membros, além de uma sólida reputação de direitista e de grandes desacordos, notadamente sobre a questão sindical. Mas, aparentemente, foi por pouco que a brincadeira do massacre não passou de Serrati e Levi a Šmeral, cujo currículo, entretanto, não podia ser comparado ao dos dois dirigentes expulsos naquele ano.

Maus presságios

Foram meses sinistros os que se passaram na Internacional depois do começo de 1921. A política, "esquerdista" talvez, mas, sobretudo irresponsável – e não somente dos enviados do Executivo, de Rákosi e Kabaktchiev até Bela Kun, Pogány e Guralsky –, literalmente dinamitou as duas grandes conquistas da Internacional Comunista tão celebradas por seus chefes e por seus cânticos. O Partido Socialista Italiano, primeiro florão da Internacional em 1919, foi expulso como um leproso por um Rákosi mandatado pelo Executivo e foi Bela Kun, por sua vez emissário da IC, que fez explodir na Alemanha uma parte da velha guarda espartaquista e o VKPD, do qual todos estavam tão orgulhosos. Ao

mesmo tempo, a direção da Internacional continuou a manifestar a mais extrema paciência com relação aos comunistas tchecos, como se Šmeral merecesse receber os mesmo esforços que, ao mesmo tempo eram recusados em favor de Serrati e Paul Levi.

Podemos pensar que, finalmente, tanto na Itália como na Alemanha, a intervenção de Lenin – de igual modo contra a Ação de Março e na luta contra o fascismo nas fileiras dos *Arditi del Popolo* – foi demasiado tardia. Porém, como compreender que Bela Kun, depois da destruição alemã, tenha sido reeleito para o Executivo da Internacional? Que Rákosi, depois do III Congresso, tenha sido de novo utilizado como emissário do Executivo numa missão junto aos socialistas italianos? Que Bela Kun não tenha finalmente sido expulso dos cargos da Comintern depois dos incidentes ocorridos no partido húngaro – com o retorno dos militantes à Hungria – e depois da deserção de Rudnyánszký, que se tornou joalheiro em Timişoara? Por isso, a designação de Kun a Ekaterimburgo e a sua estadia lá de um ano não mudaram a prática da Comintern. Os PCs, inspirados por Zinoviev, se extirparam da massa de trabalhadores e o fenômeno "fascista" caminhava, precisamente, por de baixo do nariz dos partidos dos quais o Executivo se ocupava. Não havia mais ninguém na Internacional suscetível a substituir Bela Kun ou Rákosi? Ou, então, Lenin teria somente força suficiente para convencer seus camaradas a mudarem sobre o plano político, mas não – ou não mais – para impor homens em quem se poderia confiar, ou simplesmente descartar os incapazes e os idiotas? Em todo caso, quão miseráveis aparecem nesse contexto os argumentos contra a "indisciplina" de Levi! E, mesmo que haja muitas mortes inúteis nos combates estupidamente procurados, parece-nos que as perdas políticas são excepcionalmente graves naquele ano de 1921.

Seja pelas perdas espetaculares – como a de Paul Levi, certamente o mais próximo discípulo e companheiro de armas de Rosa Luxemburgo e um dos mais capazes dirigentes comunistas mundiais, ou a do grosso dos Delegados Revolucionários, que dirigiram os combates dos operários berlinenses durante a guerra e desempenharam um papel decisivo em seus combates a partir da revolução de novembro – ou mesmo pelas perdas silenciosas que esquecemos de comentar e mesmo de tratar melhor – como a de John Maclean, humilhado pelos homens de Moscou, que não valiam a sola de seus sapatos –, o balanço é impressionante. A questão é a seguinte: certamente Lenin, certamente Trotsky, certamente seu "bloco" no III Congresso. Mas, excluindo estes dois homens, que dirigente da Internacional tem a envergadura, a cultura, o senso da medida, o prestígio e também a independência de espírito e de coração necessários? Alguns, com certeza, mas são bem mais indispensáveis nas funções que exercem em outros lugares. Por falta de não ter formado outros, continuar-se-á a trabalhar na Internacional com essas bengalas tortas. Como gostava de dizer Paul Levi, forjado de cultura latina, "*Hic Rhodus, hic salta*". Lá estava o xis da questão.

Uma outra concepção

Numa comunicação num congresso, o historiador polonês Feliks Tych tratou da-

quilo que chamou de "o eixo político" KPD-KPP. Ele mostra o quanto se juntaram, nesse período, os críticos dos próximos de Rosa Luxemburgo – Clara Zetkin e Paul Levi, Marchlewski, Warski e também Kostrzewa –, contra a concepção do partido de Lenin e o método de construção da Comintern, política aventureirista promovida por Zinoviev. Ele escreve:

> Em uma de suas cartas escritas a Lenin no final de janeiro de 1921, Clara Zetkin acusava os emissários do Comitê Executivo da Comintern de terem apoiado a cisão no PSI em Livorno. Ela garantia que tinham agido assim para estabelecer um partido comunista sectário, pequeno, mas incondicionalmente leal a Moscou, ao invés de ganhar à Internacional Comunista a maioria do PSI, com um dirigente tão popular como Giacinto Serrati. Nessa mesma carta, ela pedia a Lenin para "examinar seriamente a política do Executivo, pois suas recomendações eram freqüentemente acompanhadas de uma intervenção senhorial, brutal, desprovida do conhecimento real das condições verdadeiras.[57]

Ela fez a Lenin uma questão crucial: o que é mais importante para a IC, o movimento ou a tarefa de se entrincheirar numa seita estéril? "Nas condições italianas, o erro foi infinitamente maior e infinitamente mais sério do que aquele que se cometeu na Alemanha, quando nos constituímos em partido separado em dezembro de 1918. Diga-se de passagem, Leo (Jogiches) Tyszka sempre compartilhou comigo, até sua morte, dessa minha opinião."[58] Apesar de que o "eixo político" frisado por Feliks Tych tenha sido perfeitamente informal, não podemos deixar de imaginar que havia nele uma chance muito séria de reajustar a política dos dirigentes da Internacional e, por conseqüência, salvá-la.

57. Carta de C. Zetkin a Lenin, 25 de janeiro de 1921, *RTsKhIDNI*, 5/3/204.

58. *Idem, ibidem*, 5/3/283. A citação acima é de Feliks Tych, "The KPD-KPP political 'Axis' against Zinoviev-Stalin and the Communist Intenational 1919-1924", In: *Centre and Periphery*, p. 85.

O fim da época de Lenin

O III Congresso constituiu um reposicionamento difícil. Foi por pouco que Lenin e Trotsky conseguiram dominar a situação. A autoridade de Lenin entre os comunistas não tem o punho que os anticomunistas sistemáticos imaginam e descrevem. Ela é feita acima de tudo por seu prestígio e por sua força de persuasão; mas possui limites. Confessamos nossa surpresa por Bela Kun ter sido mantido no Executivo depois de suas "kuneiras", que alguns poderiam considerar crimes. Uma anedota permitirá se surpreender um pouco mais com a margem de tolerância de que ele se beneficiou. Contatado pelos anarquistas, Boris Souvarine, membro do Executivo, foi à uma prisão de Moscou investigar as queixas a respeito dos tratamentos infligidos a seus camaradas. Ele o fez abertamente, com as autorizações requisitadas. Seu intérprete o denunciou. O caso chegou ao pequeno birô da Internacional. Bela Kun propôs, nada mais nada menos, prender o francês. Coube a Lenin, escreve Jean-Louis Panné, o biógrafo de Souvarine, "colocar Bela Kun em seu lugar"[1].

Os dias seguintes ao III Congresso Mundial

A tarefa que aguarda a direção da Internacional Comunista é imensa. Raros são os partidos que não foram abalados pela crise a partir de março de 1921 e alguns ainda conheceriam, com algum atraso, essa mesma crise e refariam o debate de Moscou. Trata-se, de maneira geral, de uma normalização, no sentido estrito do termo, um retorno a uma atividade normal, não de tomada de poder, mas de conquista das massas, com investimento nas organizações de massa, como os sindicatos; a participação nas eleições, mas tam-

1. J.-L. Panné, *Boris Souvarine*, p. 103.

bém com respeito aos compromissos incluídos nas 21 condições, como o apoio aos povos coloniais e a atividade antimilitarista. Além disso, trata-se de garantir a unidade do partido por todo lado, de conservá-la ou de conquistá-la. E, na prática, isso se revela extremamente difícil.

Espanha

Dissemos que a Internacional não estava muito interessada na Espanha e que deixara ocorrer, sem a presença de um representante do Executivo, o congresso do PSOE em abril de 1921, sobre o qual foram informados quando da estadia de delegados desse mesmo partido em Moscou, no fim de 1920. Depois de um debate acalorado, entrecortado por injúrias e ameaças *à la espanhola*, foi o ponto de vista apresentado de maneira bem didática por Fernando de los Ríos que ganhou, por 8.068 votos contra 3.652, a adesão às 21 condições, defendida por Daniel Anguiano e pelo jovem tipógrafo Ramón Lamoneda. Os *terceristas* (partidários da III IC) decidem, então, pela constituição imediata de um partido comunista, que eles batizaram de Partido Comunista Operário da Espanha.

Com certeza, o PCOE se chocou com o PCE, fundado em 1919. O contato é brutal. Comunistas um tanto quanto esquerdistas – Juan Andrade dizia então que nunca lera nada tão abominável quanto *A doença infantil do comunismo*[2] –, o pessoal do PCE considera os recém-chegados como centristas e reivindicam expulsões, notadamente aquelas dos dois terços dos membros dos CC – os russos conhecem o roteiro –, porém, não podem encenar sua peça em Moscou: não há mais lugar no cartaz. As duas delegações vão, portanto, coabitar, pacificamente e em silêncio, o III Congresso como uma terceira tendência, aquela dos "comunistas sindicalistas" – dos professores Nin e Maurín. Somente o delegado do PCOE tem a palavra.

Ora, a situação muda bruscamente devido ao desenvolvimento inesperado da Guerra do Marrocos, na qual Abd el-Krim sublevou o Rife* e detém, desde alguns anos, importantes forças espanholas. As tropas comandadas pelo general Manuel Fernández Silvestre – governador de Melilla e amigo pessoal do rei Alfonso XIII – foram, com efeito, esmagadas pelos rebeldes rifenhos na batalha do Monte Annual, em 21 de julho de 1921: o chefe espanhol, demasiadamente seguro de si, manobrou e os soldados marroquinos alistados em suas unidades se sublevaram. Foi uma terrível derrota para o exército espanhol, que teve ao menos oito mil mortos, dentre os quais o general em pessoa, e 1.500 prisioneiros, frente a três mil guerrilheiros aos quais foi abandonada uma grande quantidade de armas modernas. Radek, no Executivo de 14 de setembro, fala, a esse respeito, de

2. Carta a Geers de 28 de julho de 1920.

* Região montanhosa do norte do Marrocos que se estende desde cabo Spartel e Tânger, a partir do oeste, até cabo Três Forcas e Melilla a leste. Ao norte é delimitado pelo Mediterrâneo e ao sul pelo rio Ouargha. É a região da África que mais se aproxima da Europa. [N. do T.]

uma "derrota do imperialismo espanhol" e mesmo da "possibilidade de aparecimento de uma situação altamente revolucionária"[3].

Jean Meyer escreve: "Annual foi uma ocasião perdida para lançar na Espanha um verdadeiro movimento revolucionário. O partido socialista se mostrou incapaz de canalizar a agitação das massas num vasto movimento popular, tendo como objetivo principal a destruição do sistema, da monarquia; de toda ordem política e social".

Nos anos que se seguiram, greves estouram contra o envio de tropas ao Marrocos e há uma reaparição da agitação. O PCE lança a palavra de ordem de greve geral em Biscaia, em 23 de agosto. No mesmo dia, soldados do regimento de Garellano, vindos de Bilbao, se sublevam, em Málaga, alguns dias antes da data marcada para o embarque em direção a Melilla, no Marrocos. Preso como "provocador", o sargento José Sánchez Barroso é condenado à morte, depois agraciado. A UGT organiza em Santander, em 23 de agosto, uma greve geral para o dia 10 de setembro contra a guerra do Marrocos. Os protestos aumentam: incidentes ocorrem em Sevilha e em Granada. O PSOE desautoriza o orador da Juventude Socialista, Francisco Ruano, em um ato em Madri em 27 de agosto[4]. A terrível maldição de Juan Andrade, vindo de sua prisão, contra Alfonso XIII está se realizando: o "rei cretino", que ambicionava ser o "rei africano", tornou-se o "rei surrado"[5]. Os jovens dirigentes do PCE – Andrade, Ugarte e Portela – crêem que o momento chegou para a insurreição preparada em ligação com os jovens operários de Biscaia e das Astúrias. Acusados de quererem repetir a Ação de Março de 1921 da Alemanha, eles acabam por renunciar e estimam terem sido abandonados quando estavam no caminho certo.

A unificação comunista, de todo modo, se realizará em novembro, graças ao bom trabalho do enviado do Executivo, o italiano Antonio Graziadei, que se revela um diplomata experiente e chega mesmo a fazer com que se leve em conta, no texto de acordo, os sentimentos antiparlamentares de um grande número de trabalhadores e explorados espanhóis. Incidentes ulteriores provocaram um começo de cisão com a extrema esquerda – Andrade, Portela e Ugarte –, mas a crise foi superada, dessa vez, graças a firmeza e a flexibilidade de outro emissário do Executivo vindo em abril de 1922, o suíço Humbert-Droz.

Pode-se dizer que um partido comunista nasceu na Espanha dos esforços do Executivo. Acrescente-se que nasceu muito tarde e que a diferença é chocante entre sua quantidade de membros – pouco mais de seis mil – e as centenas de milhares de trabalhadores que fizeram duras batalhas durante o *biênio bolchevique*. Definitivamente, podemos pensar que uma ocasião histórica perdeu-se sem que o Executivo tenha, aparentemente, se dado conta, muito embora Maurín, gentilmente, lembre um pouco mais tarde que, naquela época, "o Partido Comunista era mais conhecido em Moscou que na Espanha"[6].

3. G. Meaker, *The Revolutionary Left in Spain*, p. 408.

4. *El Socialista*, 28 de agosto de 1923.

5. JAR, "Notícias da Espanha", In: *Corr. int.*, n. 18, 1° de abril de 1925.

6. J. Maurín, *El Bloque Obrero y Campesino. Origen, actividades, perspectivas*, 1932, p. 7.

A confusão sobre a Alemanha

A coisa é diferente na Alemanha, onde o Executivo não pára de intervir desde o *Putsch* de Kapp, em março de 1920, e onde se pode dizer que seu papel, depois do III Congresso, é o de recolher os cacos que ele mesmo quebrou. A unidade do partido alemão é, depois desse congresso, uma das principais preocupações de Lenin, que tentou desesperadamente, com a ajuda de Clara Zetkin, obter um compromisso melhor com Paul Levi e seu retorno às atividades. Porém, este está persuadido de que Lenin e Trotsky vão, por seu turno, ser condenados pela Internacional – como ele foi – e não fará nem um pingo de concessão para que uma porta aberta pudesse lhe ser mantida, como desejava Lenin. Há, portanto, uma verdadeira cisão à direita, em dois tempos. A primeira é conseqüência direta da Ação de Março e dos congressos ulteriores. Levi e Daümig partiram e fundaram uma "Comunidade de Trabalho Comunista", a KAG. Em fins de dezembro, a publicação pela imprensa social-democrata dos documentos roubados pela polícia prussiana da bagagem de Clara Zetkin provoca outras partidas. Friesland, secretário geral do partido e ex-grande adversário de Levi, aparentemente acabava de descobrir o papel de Eberlein e o lugar da provocação na política aplicada pelo Executivo. Ele vai embora.

À esquerda, o KAPD está se decompondo. Lenin não se preocupa mais nem um pouco com a unidade com ele e teme mais que, no KPD, uma esquerda já inquieta venha a ser reforçada. Essa esquerda é a dos dirigentes responsáveis pelo distrito de Berlim-Brademburgo, com Ruth Fischer e Arkadi Maslow, pelos quais Lenin não tem nenhuma simpatia e dos quais desconfia enormemente, e não somente por causa de seu esporte favorito, serem responsáveis por essa "caça aos centristas", a qual desaprova.

De fato, a confusão é grande sobre a questão alemã, inclusive no Executivo da Internacional: o Congresso de Iena, em agosto, não recebeu menos que três documentos oficiais: uma carta de Lenin, uma de Radek e outra do Executivo, manifestando entre si sérias nuances. A proposição de Lenin – de convidar, por algum tempo, Maslow, que é de origem russa, a Moscou – é denunciada com violência pela esquerda, que vê lá um meio dos russos intervirem na política do partido alemão. Os primeiros meses do "compromisso" e da "paz" são, decididamente, trabalhosos.

Crise incubada na França

A situação na França não pára de se deteriorar depois do Congresso de Tours. Está muito claro que os dirigentes centristas do Partido Socialista, tornado Seção Francesa da Internacional Comunista (SFIC), não têm intenção de operar, em seu modo de organização e de funcionamento, as transformações radicais reclamadas pela Internacional e a favor das quais eles próprios votaram sem dar muita atenção. Foram por diversas vezes agredidos e, pelo menos uma vez, insultados no III Congresso pelos delegados dos partidos que defendiam a ofensiva revolucionária. Interpelados por Bela Kun, depois por Radek, chegaram a deixar a sala, no mais puro estilo parlamentar! O mesmo roteiro foi utilizado no congresso de fundação da ISV. Desde o dia seguinte ao congresso, começa-se a exercer sobre a direção do SFIC uma pressão bem amigável, mas firme, do Executivo, conduzida ao mesmo tempo por grandes textos públicos, geralmente assinados por Trotsky, encarregado do trabalho do partido francês pela Internacional, e por Boris Souvarine, que era então membro do Secretariado em Moscou. As exigências vindas da IC não têm nada de exorbitante. Os dirigentes franceses evidentemente as consentiram por suas votações no Congresso, mas opõem agora a força da inércia aos pedidos de mudança.

Trotsky pede mais clareza na atividade parlamentar, uma reorganização que reaproxime o Comitê Central do partido das massas e que a direção seja composta de camaradas que consagrem o essencial de suas forças a sua atividade política, além do controle da atividade jornalística de seus membros. Insiste num melhor conhecimento dos problemas sindicais, numa imprensa mais viva e legível; em contatos regulares. Quando se lê suas cartas, nos parece mesmo discutível falar, a seu propósito, de "bolchevização", devido ao sentido pejorativo dado a esta palavra em geral, mesmo se qualificada de "suave". Para justificar sua resistência, os dirigentes franceses denunciam ruidosamente o "autoritarismo", o "centralismo oligárquico" oposto ao "centralismo burocrático" e, sobretudo, a ação e a própria pessoa de Boris Souvarine, a quem acusam de lhes dar ordens, de lançar "ucasses" num tom inadmissível, etc.

No congresso do partido em Marselha, em dezembro de 1922, o Executivo da Internacional está representado por Bordiga, pelo jovem alemão Heinz Neumann – que a polícia francesa chega a prender – e pelo dirigente do partido polonês clandestino Walecki. Uma sórdida manobra faz com que Souvarine não seja eleito ao comitê diretor, o que interrompe, sem que o assunto esteja resolvido, sua missão na direção da Internacional. Essa votação causa um escândalo e ninguém assume a responsabilidade. Os eleitos da esquerda se demitem e, finalmente, Souvarine, depois de passar pela "repescagem", pôde assumir seu mandato internacional. Mas, o copo está cheio e a "crise francesa", oficial e espetacularmente aberta. Trotsky larga a mão de ser bonzinho.

O sectarismo do PCd'I

A situação geral continua a se agravar na Itália e o Executivo volta a se atritar com um partido cujo nascimento ele quis e forçou, e que, agora, se volta contra ele, num passe particularmente perigoso para o proletariado e o movimento operário. O PCd'I está, com efeito, persuadido de que a revolução é inevitável, mesmo se foi um pouquinho adiada. Entre seus dirigentes – com exceção de Gramsci, cujas análises são freqüentemente contraditórias e algumas vezes luminosas –, o principal, Amadeo Bordiga, tem, no fundo, a idéia de que o fascismo – essa "contra-revolução branca", como ele teima em dizer – destruirá a social-democracia e assim desobstruirá o caminho, acelerando o resultado final – pois, de todo modo, a revolução deverá passar por cima do cadáver do PSI. Ciumento de

suas prerrogativas, não vê com bons olhos as opiniões "intermediárias", que tendem em direção ao comunismo. Já no III Congresso, Lenin atacara vivamente o italiano Terracini ao reprová-lo por não ter nenhuma preocupação além de "caçar, perseguir e desmarcar centristas e semicentristas"[7].

Tanto Lenin quanto o PCd'I se obstinam nessa via. Os representantes do PSI no III Congresso – Lazzari, Maffi e Riboldi – foram bastante assediados, paparicados, aconselhados e voltam convencidos da necessidade de uma reunificação rápida, fundando, em seu partido, uma nova tendência, que ficará conhecida como *terzinternacionalisti*, rapidamente transformada em *terzini*. Bordiga manifesta sua hostilidade ao envio de uma delegação da Comintern ao XVIII Congresso do PSI, que ocorre em Milão, em novembro. Clara Zetkin – que aparece e desaparece na escuridão, como em Tours, depois de uma viagem disfarçada de velha atriz – e Walecki são os dois delegados da Comintern, que voltam impressionados com a crise e a confusão que se abatem sobre o PSI, mas, sobretudo, com o desacordo fundamental e profundo entre a direção do PCd'I e o Executivo, germe de graves crises.

A luta contra a guerra e o PC grego

A Grécia foi terrivelmente abalada. A delegação enviada a Moscou foi recebida por Rakovsky, que a tratou com grande severidade, exigindo, antes de conceder uma ajuda material, a adesão clara e límpida às 21 condições. As primeiras medidas de repressão contra o partido por sua campanha contra a guerra com a Turquia provocam pânico em sua direção. A conferência extraordinária de fevereiro de 1922 chegou até mesmo a dizer que o PC grego "precisava de um longo período de existência legal", garantindo que era devotado às instituições democráticas e parlamentares. O partido reagiu por si mesmo, sem mesmo consultar a direção. Um grupo animado por Fragkiskos Tzoulatis, cuja base estava entre os trabalhadores do Pireu, constitui, ao redor da revista *Kommounismos*, uma "fração comunista" contra os oportunistas da direção. Stinas indica a extensão do trabalho no exército:

> Os membros convocados do partido [...] desenvolveram um movimento antimilitarista e antiguerra bem sério e responsável. Existia uma célula comunista em quase todas as unidades do *front*. Essas células estavam interligadas e sua atividade era coordenada por um comitê central, cuja autoridade todos reconheciam. [...] Pantelis Pouliopoulos foi o cérebro e a alma dessa organização comunista no exército. Tudo se desenvolveu sem que o Comitê Central o soubesse e contra sua vontade.[8]

7. *Protokoll des III. Kongress*, p. 512.
8. Stinas, *Mémoires*, p. 48.

A crise do exército estoura no *front* da Ásia Menor, culminando com a investida no *front* pelas tropas turcas em agosto de 1922. Para o partido, o mais importante é que seus militantes convocados, sem a menor diretiva da direção, tomaram iniciativas que contradisseram sua orientação. O Conselho Central dos soldados comunistas do *front* tomou medidas organizativas para uma verdadeira greve dos soldados com a tomada do sistema militar de comunicações, tendo em vista seu bloqueio. Eles justificavam seu "derrotismo" pelo fato de que a Turquia era, na época, aliada da União Soviética.

As algumas centenas de ex-combatentes, que chegaram da Europa na Grécia, depois desta "greve militar", agrupados em torno do advogado Pantelis Pouliopoulos, fazem o partido dar uma guinada para a esquerda e não é uma surpresa ver a maioria aprovar as 21 condições, depois de uma conversa claramente tranqüila com Rakovsky. A esquerda, ainda por cima, é reforçada por novos elementos. Os quadros da organização irmã dos IWW estadunidenses, a União Pan-operária Internacional; os *Panergatiki* – com Serafim Maximos–, expulsos, chegam da Turquia: um precioso reforço. O primeiro emissário da Comintern, Pestkovsky, passa um período em Atenas.

Nos EUA, o fim do "esquerdismo"?

Nos Estados Unidos da América, começa-se a perceber um real reajuste na linha comunista. O II Congresso tornou obrigatório o trabalho nos sindicatos, como a AFL, e não somente sua destruição a partir do interior. É com um ano de atraso que os comunistas estadunidenses tomam conhecimento do trabalho de Lenin sobre o esquerdismo, que marcará muitos dentre eles. O estadunidense Agency, designado à Moscou colocou-se ao trabalho, e seu representante, o letão dos EUA Karlis Jansons, está trabalhando no local sob o nome de Charles E. Scott. Em dezembro de 1921, a guinada na atividade comunista americana se concretiza em dois eventos importantes. De um lado, criam um partido "legal", uma fachada compatível com as leis estadunidenses, o *Workers Party* (Partido Operário), dirigido por um veterano dos IWW e do *Socialist Party of America*, James P. Cannon. De outro lado, esse mesmo partido recebe a adesão de um grupo importante de socialistas, em ruptura com as duas federações de língua alinhadas com o velho *Communist Party*, e, sobretudo, de um pequeno grupo de sindicalistas, a TUEL, dirigida por uma personalidade de envergadura nacional, a única, no final das contas, com que conta o partido americano. Trata-se de William Z. Foster, que militou no interior da AFL e fez-se o campeão da luta por dentro (*boring from within*). Foi ele o homem da sindicalização dos trabalhadores de abatedouro; do amálgama dos sindicatos das siderúrgicas e dirigente da grande greve dos trabalhadores do aço de 1919, em suma, um dirigente de lutas de massas.

Aparece muito claramente, depois de vários meses, que nada foi realmente arrumado pelo veredicto do III Congresso e que os desacordos subsistem ou ressurgem. Nos comentários de textos intermináveis – aos quais um certo número de dirigentes começa a se consagrar quando se trata de interpretar uma realidade cambiante – é facilmente evi-

denciável que, com um pouco de fanatismo e de estupidez, pode-se fazer aparecer duas linhas perfeitamente contraditórias, secretadas em Moscou: uma linha oportunista e uma linha esquerdista. Com efeito, nesse congresso, Lenin e Trotsky agiram somente como bombeiros. Apagado o fogo – mesmo se ainda existirem focos entre as cinzas – era preciso agora que eles fossem pedreiros e colocassem os fundamentos tanto de uma tática como de uma estratégia. É o que fazem.

A grande guinada

A partir de 1921, com efeito, os dirigentes do partido russo tomaram consciência de que se encontravam numa situação sem precedentes. Antes da guerra, por duas vezes, a cisão fora uma maneira de construir o partido russo, porém não quista pelos "liquidadores". A partir de 1914, os dirigentes russos se restringiam a chamar a cisão dos partidos social-democratas – passados para as fileiras da ordem burguesa com a guerra –, a fim de fundar novos partidos. E é este o problema candente que se colocaram desde 1919. Para eles, a revolução começou com a Rússia e é iminente em toda a Europa. Certamente, a cisão é brutal e destruidora, mas é o único meio a seu alcance para dar, nos menores prazos, uma direção revolucionária às massas, as quais eles pensam que a procuram às apalpadelas. Tal é o sentido das 21 condições, medida de urgência, destinada a evitar uma catástrofe final do tipo húngara.

Somente a partir do fim de 1920, fica claro para Lenin e Trotsky que a revolução não está mais na ordem do dia imediata, mesmo se o grosso de suas tropas, Zinoviev à frente, levado pela vitória conquistada, cante todo dia o mesmo refrão – enfim, um fenômeno bem conhecido de "conservantismo" do partido ou do aparato, que lhes faz resistirem às guinadas da situação objetiva, como se se tratasse de guinadas subjetivas e controláveis. Ora, a descoberta da desaceleração do ritmo da marcha à revolução coincide com a constatação dos primeiros resultados da cisão organizada; a existência paralela e ao mesmo tempo concorrencial de partidos comunistas e de partidos reformistas, socialistas ou social-democratas, isto é, numa perspectiva racional, a divisão do conjunto do movimento operário em dois: uma série de organizações revolucionárias e uma série de organizações reformistas, de Internacionais, partidos e de sindicatos.

Para os comunistas russos, a perspectiva revolucionária, mesmo se ela fosse, de agora em diante, uma questão de anos, não desapareceu. Todavia, ela tem novas exigências. Para conquistar a maioria do proletariado e uma ampla simpatia nas camadas sociais oprimidas – o que é indispensável à vitória revolucionária –, é evidentemente necessário que, num primeiro momento, a corrente de idéias e as organizações revolucionárias ganhem-nas definitivamente de seus homólogos reformistas. Tal conquista não resulta de uma mudança de convicção por meio de argumentos e de lições de história e de filosofia, de educação, de agitação ou de propaganda. Ela depende da capacidade dos revolucionários em convencer as massas na ação, bem como por meio de sua própria experiência.

A unidade para a vitória

É lá que se localiza o nó dos novos problemas, que deve ser resolvido a qualquer preço. Os trabalhadores somente se lançam à ação quando pensam que possuem uma chance razoável de vencer. Nas condições produzidas pela cisão internacional, aparece bem claramente, por quase todo lado, que essa chance não pode se concretizar nos combates que não forem unitários, isto é, que não reunirem, sob o mesmo objetivo, organizações reformistas e organizações revolucionárias.

Evidentemente, existe aí uma contradição que parece incontornável. Ao propor ações comuns aos reformistas – mesmo que eles continuem a lhes qualificar de "traidores" em toda ocasião, o que não facilita o acordo –, os revolucionários contribuem para reabilitá-los ou para lhes fornecer ocasiões de recusar toda ação comum. Procurar-se-á, principalmente, obter a execução de ações em comum, na qual os trabalhadores, esclarecidos pelos revolucionários, farão a experiência da "traição dos reformistas". Não entraremos, aqui, na questão de saber se lá se tratava de uma "tática" ou de uma "estratégia". Trata-se, em todo caso, de uma política já implícita nos chamados dos bolcheviques aos outros partidos operários para que rompessem, em 1917, a coalizão com os "partidos burgueses" e unissem forças nos sovietes.

A "frente única operária"

A própria expressão "frente única" nunca fora usada antes de 1921 e podemos nos lembrar que Bukharin, em 1921, a propósito da "Carta Aberta", caçoava daqueles que creditavam na possibilidade de pactuar com os outros partidos operários. Escrevendo em 1971 de maneira um pouco mais sumária sobre essa questão, eu concluía:

> Nada permite afirmar que, ao formular essa nova política, os bolcheviques tenham realmente querido, definitivamente, dar as costas à política precedente, aceitando definitivamente a idéia de coabitação, no seio de uma mesma organização, de reformistas e de revolucionários. Tampouco, nada permite afirmar que as proposições de Lenin para superar as conseqüências da divisão operária fossem as únicas fórmulas propostas, em 1921-1922, para definir a linha da frente única. A doença não lhe deixaria tempo para ir mais longe nessa via se ele tivesse a intenção, mas, de todo modo, as necessidades da luta interna no seio do partido russo corriam o forte risco de bloquear a discussão no estágio em que tinha chegado. As resistências à política da frente única, encontradas no seio dos diferentes partidos da Internacional, tanto da parte dos esquerdistas impenitentes quanto dos elementos ditos "direitistas" e "oportunistas", mostram que a Internacional Comunista já havia secretado sua própria ideologia e que o homem que a havia fundado e inspirado tinha que levar em conta sua ro-

tina, seus reflexos adquiridos. Em uma palavra, sua conservantismo.[9]

Na verdade, o problema da frente única já tinha sido colocado pelos comunistas alemães com sua "Carta Aberta" de janeiro de 1921, depois recolocado por Paul Levi em toda sua crítica da prática do Executivo. A ironia dos desenvolvimentos políticos fez com que fosse Zinoviev, enquanto presidente, quem tivesse que explicá-lo à Internacional, em seu relatório de 4 de dezembro e nas teses apresentadas quando da sessão do Executivo, depois em toda uma série de artigos, cujo mais difundido foi "Velho objetivo, novas vias"[10]. Trata-se de explicar como se pode contribuir para retomar da burguesia a iniciativa que ela novamente tomou. Temas novos aparecem. Assim, o apego dos operários à unidade, faz com que "sintam fisicamente, por assim dizer, que sua força resida em sua massa e em seu número". Essa tendência à unidade é para eles uma "aspiração natural". E é preciso, portanto, reconsiderar o problema a partir da idéia de que os social-democratas reprovam aos comunistas serem contra a unidade e pela divisão, na medida em que são os próprios social-democratas quem tomaram a iniciativa da cisão. Para superar esse sentimento, é preciso que os comunistas consigam "organizar e impor a luta unitária de todos os trabalhadores". É nessa perspectiva que, em 1° de janeiro de 1922, a Internacional Comunista lança um apelo aos trabalhadores do mundo. Ela recorda os princípios comunistas, seu apego à revolução proletária e à ditadura do proletariado, sua vontade de preservar seu direito de crítica e a independência de sua organização, mas acrescenta que os comunistas querem "com paciência e fraternidade" marchar junto com todos os outros proletários, "mesmo aqueles que se localizam no terreno da democracia capitalista". Ignoremos aqueles que hoje riem na surdina e os que depois de meio-século já sabem sobre tudo. Tratava-se lá de uma linguagem muito nova e que poderia abrir um período novo.

Debate na Comintern

Na Internacional, em todo caso, essa tática provocou reações muito diversas, da recusa pura e simples à descoberta de novas possibilidades de aplicação ao renascimento de oposições sobre esse terreno novo. Encontramos, de início, uma concentração nos debates do Executivo ampliado de 21 de fevereiro a 4 de março, cuja convocação respondia precisamente às dificuldades encontradas. A oposição lá foi animada pelos franceses, que defendiam a curiosa tese, segundo a qual, ao menos na França, a frente única não tinha o menor sentido, na medida em que "os dissidentes" reformistas praticamente não existiam mais, sendo apoiados pelos italianos – em particular Terracini –, que prezavam, acima de

9. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 536-537.

10. "Anciens buts, nouvelles voies (sur le front unique prolétarien)", In: *Die Kommunistische Internationale*, n. 19, 1921, p. 1-18.

tudo, a pureza do partido, e pelos espanhóis, que viam, evidentemente, nessa situação um problema muito maior, pois eram eles que não eram nada.

O Comitê Executivo ampliado teve também a surpresa de se encontrar na presença de uma carta emanada da Oposição Operária russa, lhe pedindo seu apoio contra "as forças coligadas da burocracia do partido e dos sindicatos" e contra os métodos de "carreirismo e servilismo" do partido russo. O relatório da comissão sobre o chamado declarou a crítica "infundada", mas foi aprovado por uma pequena margem de diferença[11]. Chliapnikov, um dos queixosos, diz a seu velho camarada Alfred Rosmer – tornado circunstancialmente um de seus "juízes" – quão lhe enojava a escolha como relator de um homem, tão desprezível para um velho bolchevique como ele, como Marcel Cachin[12].

A conferência das três Internacionais

A União Internacional dos Partidos Socialistas agrupava os partidos que não eram aderentes nem da II nem da III Internacional. Não tinha por objetivo ser uma Internacional, mas somente "o meio de construir uma" e era chamada comumente de "União de Viena", mas os comunistas a ridicularizavam como a "Internacional duas e meia". Na primeira conferência em Viena, de 22 a 27 de fevereiro de 1921, a União Internacional decidiu retomar as proposições feitas por Radek, em nome do Executivo da Comintern, numa carta a seu secretário, Friedrich Adler, em 12 de dezembro de 1921. Ela propunha, então, a organização de uma conferência de cúpula das organizações internacionais do movimento operário, retomando as proposições de Moscou para a ocorrência de duas conferências – uma das Internacionais e outra dos partidos comunistas e socialistas do Ocidente sobre a questão das reparações de guerra. Tal proposição respondia inteiramente ao desejo do Executivo de Moscou e o KPD colocou a conferência das Internacionais no centro de sua campanha pela frente única. A II Internacional aceitou. A única negativa veio da Internacional Sindical de Amsterdã, que se recusava a sentar na mesma mesa ao lado dos representantes da Internacional Sindical Vermelha, a qual acusava de querer organizar a cisão em suas fileiras.

Os trabalhos se abrem em 2 de abril pela manhã numa vasta sala de que dispunha no *Reichstag* o grupo parlamentar do SPD. Os delegados tomam seu lugar numa grande mesa em forma de T. Fritz Adler, ao centro da barra do T, preside a sessão, tendo ao seu lado o francês Bracke, velho guesdista, o alemão Crispien e três mencheviques russos exilados: Martov, Dan e Abramovitch. Os delegados da II e da III Internacional estão frente a frente, de um lado e do outro do tronco do T. De um lado, Émile Vandervelde, "Senhor Ministro", escreve Victor Serge, cáustico, com seus próximos – de Brouckère e Huysmans, o georgiano Tseretelli, ex-ministro do Governo Provisório russo de Kerensky, James Ram-

11. Ver um relato prudente desse debate em A. Rosmer, *op. cit.*, p. 208.

12. *Ibidem*. A expressão empregada por Chliapnikov para designar Cachin é "bunda-mole".

say MacDonald, líder do *Labour Party* britânico e Otto Wels, o homem forte do SPD desde o *Putsch* de Kapp, o qual combatera. Do lado comunista, há Radek, pelo Executivo da Internacional, Bukharin, pelo partido russo, Rosmer pela ISV, o sérvio Voja Vujović pela Internacional dos Jovens, além de Clara Zetkin, Bordiga, Frossard e Šmeral. Serrati está lá também, representante do PSI por sua própria conta.

Depois do relatório introdutório de Adler, Clara Zetkin abre fogo com uma declaração preliminar do Executivo, sublinhando que a conferência suscitou muitas esperanças, mas que não se trata absolutamente de reunificação e que a responsabilidade da cisão está inteiramente nas mãos daqueles que escolheram fazer a política da burguesia. A Internacional Comunista veio para tentar estabelecer uma coordenação das lutas necessárias por vir. Ela propõe acrescentar à ordem do dia a luta contra a guerra, contra o Tratado de Versalhes, a organização do socorro à Rússia, atingida pela fome, e a reconstrução das regiões devastadas pela guerra. Vandervelde e Ramsay MacDonald colocam a questão da utilidade da conferência. Denunciando o gosto dos comunistas pela "manobra", exigem garantias de que a III Internacional renuncia aos ataques contra os outros dirigentes, ao "roubo" de aderentes e à "nucleotagem" nos sindicatos*. Os representantes da social-democracia falam das liberdades suprimidas na Rússia e dos social-democratas e socialistas revolucionários que estão aprisionados lá. Wels e Vandervelde se opõem mutuamente ao debate sobre a revisão de Versalhes, a fim, dizem eles, de não "fazer o jogo de Stinnes", esse magnata alemão, que encarna a extrema direita nacional-revanchista alemã.

A polêmica está lançada. Radek faz cara de quem se enveredará por esse terreno, lembra agosto de 1914, o assassinato de Liebknecht e Rosa Luxemburgo, os 26 bolcheviques fuzilados em Baku. Depois, guina bruscamente: os comunistas, diz ele, não vieram como acusadores, contrariamente aos social-democratas que procuram, assim, sabotar a conferência. Radek explica: "se vocês lutassem, não pela 'ditadura [do proletariado]' – isto nós esperamos de vocês –, mas por um pedaço de pão, contra a agravação da ruína do mundo, então o proletariado se uniria a esta luta e nós não os julgaríamos em função do terrível passado, mas em razão de fatos novos"[13]. Depois dessa dura confrontação, vem o momento dos acordos. Rosmer conta:

> Radek redigiu sozinho a resposta definitiva de nossa delegação às diversas moções submetidas à conferência. Parecia que não poderia haver desacordo entre nós. Ele nos reuniu para ler o texto a nós antes de submetê-lo a Fritz Adler. Vimos, com espanto, que, por meio desse

* Os termos "roubo" e "nucleotagem" aqui traduzem apenas aproximativamente dois conceitos importantes, respectivamente o de *débauchage* e o de *noyautage*. *Débauchage* significa incitar alguém a abandonar seu posto, seu trabalho. *Noyautage* é a ação de infiltrar um *noyau*, "núcleo" de militantes numa determinada organização rival, mas que disputa igualmente a filiação de trabalhadores, ou seja, é sabotar esta segunda organização. Optamos por criar um neologismo e evitar o uso do termo infiltração, que nada revela sobre os objetivos da organização que a realiza. Não confundir "nucleotagem" com "entrismo", cujos objetivos não são a sabotagem do funcionamento interno da outra organização, mas a conquista de seus militantes. [N. do T.]

13. *Compte rendu de la conférence des trois Internationales*, p. 51.

> texto, nós nos comprometíamos com uma questão que não era de nossa alçada. [...] Sobre a condição concernente aos socialistas prisioneiros, cabia somente ao governo soviético decidir. Foi o que nos fez notar Bukharin. Era evidente; apoiei sua observação, mas rapidamente Radek se alterou e se dirigindo grosseiramente a Bukharin que, de sua parte, fora bem amistoso, lhe disse jogando o dossiê sobre a mesa: "Já que você não está satisfeito com o que eu fiz, faça você mesmo!". Acalmamos Radek, que retomou seu texto.[14]

Na verdade, havia milhares de problemas: os representantes da Internacional Comunista aceitavam o envio de uma comissão de investigação à Geórgia – ocupada no mês precedente pelo exército russo –, se comprometiam a que os acusados do processo dos SR fossem defendidos por advogados de sua escolha, sob controle das duas outras organizações internacionais, e, sobretudo, se comprometiam de que não houvesse condenações à morte – decisão que, em princípio, cabia ao tribunal. Assim, eles se colocam no lugar das autoridades do Estado soviético, seu governo e seu tribunal. Em troca dessas concessões, obtiveram a formação de um comitê permanente de nove membros para cuidar da aplicação das decisões comuns e a organização, em 1° de maio, de manifestações de massa pela jornada de oito horas, contra o desemprego, pela defesa da revolução russa e da Rússia atingida pela fome; pela reconstituição da frente única do proletariado.

Os resultados da conferência não foram um sucesso para os negociadores comunistas. Lenin os criticou publicamente num artigo intitulado "Pagamos muito caro"[15]. Contudo, ele manteve os compromissos feitos pelos negociadores e a Rússia recebeu os advogados – Vandervelde e Theodor Liebknecht – para o processo dos SR, que não foram condenados à morte. Os outros compromissos não foram mantidos pelos partidários. Um passo, de todo modo, fora dado: os trabalhadores foram familiarizados com a idéia de ações comuns e os social-democratas teriam no futuro mais dificuldades em recusar sistematicamente a abordar essa questão.

A crise francesa

Colocada numa situação desconfortável por suas deslizadas perpétuas, a direção francesa pegou a questão da frente única no ar e aproveitou para fazer parecer que tinha uma "verdadeira" divergência com a Internacional. Em 18 de janeiro de 1922, o Comitê Diretor do PCF, por unanimidade – não há mais eleitos de esquerda depois das demissões em Marselha –, rejeita a política de frente única e, para justificar tal decisão, julga esta política como contraditória com os princípios políticos enunciados no momento da cisão. Uma conferência nacional, em 22 de janeiro, ratifica seu Comitê Diretor, sendo que a frente única foi rejeitada por 46 secretários federais e aprovada somente por doze dentre eles. Entretanto, ao longo da discussão, um militante da esquerda, Albert Treint, profes-

14. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 218-219.

15. Lénine, *Œuvres*, t. XXXIII, p. 336-340.

sor primário, conhecido também como "capitão", faz uma intervenção que Rosmer classifica de "verdadeira catástrofe", pois nela explica que "a frente única permitirá aos comunistas "depenar a galinha" socialista, uma fórmula utilizada, por outro lado, para fazer a fortuna e a alegria de todos os anticomunistas ao ponto de aparecer ainda hoje nos debates contemporâneos.

A "questão francesa", durante um ano inteiro, não abandonará a ordem do dia dos comitês executivos sucessivos. Na seção de fevereiro-março, Trotsky apresenta as teses sobre a frente única – votadas por unanimidade, inclusive pelos franceses. Faz também um relato, ao mesmo tempo rigoroso e ponderado, sobre o começo da crise do PCF, se atendo a um certo "confusionismo", cujos traços principais enumera: tendência a restabelecer a unidade com os reformistas, a formar um bloco com a ala radical da burguesia, a substituir o antimilitarismo revolucionário pelo pacifismo humanitário, a recusar a centralização e a substituir a disciplina internacional da ação por uma federação solta de partidos nacionais. Em abril, o Comitê Diretor do partido reintegra em seu seio os demissionários da esquerda em Marselha – o que é um passo à frente –, mas critica a validade das decisões do Executivo sobre a frente única em ausência de decisão de congresso, o que Moscou só pode considerar como "picuinha parlamentar".

Em maio, ainda sob a proposição de Trotsky e tendo o Comitê Diretor ainda não realizado as medidas prometidas por Cachin e outros em fevereiro, o Executivo decide a expulsão do jornalista Henri Fabre, símbolo da "boemia intelectual anarco-jornalística", que não tem, garante o Executivo, lugar num partido operário. As resoluções e mensagens do Executivo de junho, igualmente redigidas por Trotsky, são muito duras e exigem uma "modificação radical na política interior do partido francês", bem como reclamam da parte do Comitê Diretor um "manifesto solene", explicando que o partido entra numa nova era. Uma carta especial à Federação do Sena, dirigida pelo poeta Georges Pioch, explica o que é o "centralismo democrático". A questão foi resolvida no IV Congresso pela capitulação sobre toda a linha dos centristas, que não tinham realmente nada de sério a opor às proposições do Executivo. Cachin continua, Frossard vai embora, Pierre Monatte adere. A crise é resolvida, Trotsky fica feliz e aliviado, pois outras tarefas se anunciam no horizonte.

A aplicação da Frente Única na Alemanha

A situação é bem diferente na Alemanha. Não que não haja oposição à política de frente única, muito pelo contrário, mas, em verdade, porque os problemas não são novos e a Alemanha já tem uma certa experiência. Para começar, os alemães possuem isto que o jargão comunista chamará de "os órgãos da frente única", a saber, os organismos permanentes que reagrupam todos os trabalhadores de uma empresa ou de uma localidade, independentemente de suas filiações.

É o caso, por exemplo, dos conselhos de fábrica, com os quais os alemães ainda se

preocupam e que tentarão organizar, se livrando da tutela do controle da burocracia sindical: no fim de 1922, dispõem de uma rede sólida de comunistas implantados dentro dos conselhos semelhantes, nos quais conduzem, de ponta a ponta, um congresso nacional em novembro de 1922. É essa mesma política de constituição da classe em seus próprios organismos eleitos e controlados que conduz o KPD a multiplicar e desenvolver a ação dos comitês de controle dos preços e de luta contra a especulação, freqüentemente eleitos em assembléias *ad hoc* pela iniciativa dos conselhos de fábrica, nos quais as mulheres desempenham um papel particular. Os comitês de desempregados constituem, naquela época, um terreno particularmente favorável às idéias comunistas, ganhando, por exemplo, em Hamburgo, um organizador de desempregados já conhecido na Alemanha inteira como valente combatente: Edgar André. Os comunistas tentam, assim, utilizar a política da frente única nas greves, se fazem conhecer pelas proposições e atitudes unitárias, entre os ferroviários, os metalúrgicos e os operários da construção civil, e conseguem, graças a eles, conquistar posições sindicais suplementares enquanto campeões da unidade.

O assassinato de Rathenau

Porém, a grande experiência de frente única sobre os problemas políticos, em escala nacional, é tentada pelo KPD no dia seguinte ao assassinato do político e empresário judeu Walter Rathenau por terroristas, ex-oficiais da Organização Cônsul, grupo terrorista de extrema direita. É certamente um adversário dos comunistas e do movimento operário em geral, mas é também odiado pelos ultranacionalistas. As cumplicidades de que gozaram os assassinos e o grito de vitória dado pelos nacionalistas e anti-semitas provocam, em todo caso, uma onda de indignação e de cólera contra a passividade face à extrema direita, características de todos governos que se seguiram ao *Putsch* de Kapp.

O KPD agarra a ocasião. Duas horas depois do atentado, se dirige aos dois partidos social-democratas, propondo-lhes um encontro para definir as medidas a serem tomadas, citando a proibição de toda reunião nacionalista, a dissolução das organizações monarquistas e nacionalistas, a exoneração de todos os oficiais monarquistas do exército e da polícia; dos altos funcionários e magistrados conhecidos por seus vínculos com essa extrema direita. Exige a demissão do ministro da *Reichswehr*, Gessler, e a demissão do general von Seeckt; a prisão de Ludendorff, padrinho de todos os grupos de extrema direita, e de Escherich, fundador e dirigente da *Orgesch*, além da anistia para os "trabalhadores revolucionários", da proibição da imprensa, que clama pelo assassinato; pela luta contra a república e formação de tribunais especiais de trabalhadores, assalariados e responsáveis sindicais, para mandar prender e condenar os monarquistas culpáveis de atos graves contra a república. O KPD propõe, além disso, a convocação de um congresso nacional dos comitês de fábrica, encarregado de velar pela aplicação do programa e propõe a palavra de ordem de greve geral, a ser lançada em comum.

A situação está tão tensa que o Partido Social-Democrata aceita o encontro pro-

posto e, sem delongas, de chamar uma manifestação de massa em 25 de junho, ao passo que a ADGB, em seu congresso, decide meia-jornada de greve. Já é para o KPD e sua política um enorme sucesso, uma grandessíssima vitória. Com certeza, os outros partidos se declaram contrários à greve geral ilimitada, aos comitês de controle e à perspectiva de um governo operário. A ADGB pede que as reivindicações não sejam infladas e o KPD aceita, com a condição de que as reivindicações recusadas sejam poucas e que todos os meios sejam empregados para realizá-las: o acordo é selado. Pouco tempo mais tarde, no dia 26, as negociações são feitas com o governo, que apresenta um projeto e aceita emendá-lo.

Os social-democratas tentam romper a frente única ao jogar a responsabilidade sobre o KPD. Usando como pretexto um cartaz que acham injurioso, os representantes do SPD exigem do KPD o compromisso de não realizar nenhum ataque contra a república, tampouco contra seus aliados no momento. A recusa dos comunistas coloca a reunião à beira do fracasso. Finalmente, a manifestação do dia 27 se faz sobre as palavras de ordem com relação às quais o KPD emitiu reservas: anistia, proibição das ligas, reuniões, emblemas, desfiles e das cores monarquistas; dissolução dos grupos armados anti-republicanos e depuração do aparato de Estado e do exército. As manifestações são grandiosas. Um ultranacionalista, a quem não falta talento literário, as viu assim: "as multidões, massificadas sob as bandeiras que se desfraldavam, avançavam, muralhas vivas de corpos cerrados. Elas enchiam o ar das cidades com o martelar de seus passos e faziam vibrar o ar com o grunhido de sua surda cólera"[16].

Os comunistas atingiram seu limite. Eles não irão mais longe e a ruptura do acordo se fez em 8 de julho. No *Reichstag*, votam contra o texto governamental, com a extrema direita, tendo o SPD conseguido, como queria, romper a frente única com o KPD para se integrar a uma coalizão parlamentar ampliada a sua direita. O Executivo acha que os resultados foram insuficientes e a campanha do KPD demasiadamente em "defesa da república", mas é, entretanto, moderado. Não é o caso da esquerda berlinense, que se rebela, acusa a Central de ter isolado o KPD das massas e fustiga a social-democracia e sua política. Na mais pura seara da teoria da ofensiva, a direção do distrito de Berlim-Brademburgo organiza, aliás, em 15 de outubro um ataque contra um ato de extrema direita. Há um morto e 50 feridos do lado do KPD. Nos dias que se seguem, o governo manda prender em torno de 50 responsáveis nacionais – dentre os quais Brandler e Thalheimer –; revistar a sede da *Die Rote Fahne*, etc. O Executivo condena essa iniciativa à esquerda. O que está claro, é que, em que pese incontestáveis sucessos, a aplicação da política da frente única na Alemanha fez reaparecer, naquilo que foi a "maioria" de 1921, as antigas clivagens de esquerda e de direita, sob uma forma nova, e que a direção do partido está ameaçada em sua própria estabilidade.

16. E. von Salomon, *Les Réprouvés*, citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 588.

Frente à ascensão do fascismo

Certamente, o PCd'I – um dos partidos mais esquerdistas da Internacional, graças aos responsáveis que enviaram Rákosi a Livorno – está, também, resolutamente hostil à política de frente única. Curiosamente, entretanto, adota em face da Internacional Comunista a mesma tática de seu partido irmão, o mais oportunista, o partido francês, um comportamento sobre o qual seu historiador Paolo Spriano notou submissão formal à disciplina e desacordos políticos abertos. Em seu II Congresso, em março de 1922, se submete e aceita as teses sobre a frente única, com as quais está majoritariamente em desacordo, mas que lhe são apresentadas pelos delegados do Executivo – o búlgaro Kolarov e o suíço Humbert-Droz. É uma tomada de posição que não faz evidentemente mais sentido que a de Cachin e Frossard, mas que é, de todo modo, de longo alcance, pois é devido ao perigo fascista – que cresce a cada dia – que a direção do Partido Comunista joga esse jogo de esconde-esconde.

Na Itália, a política comunista, aplicada pela ala sectária – que adotou em Livorno o nome de "comunista" –, tem conseqüências catastróficas. A direção do partido está em acordo com Bordiga, que não acredita que o fascismo exista enquanto tal: para ele, trata-se somente de uma série de manipulações destinadas a forçar a conclusão de um pacto entre populares (cristãos), social-democratas e fascistas, permitindo o isolamento, depois o recuo e a destruição do comunismo. Não existe, para eles, autonomia do fascismo, nem diferença de natureza de classe entre os fascistas e o PSI e fala-se correntemente dos "três partidos burgueses" italianos.

Não obstante, a hora de verdade de aproxima no país por meio do jogo complexo e tumultuoso de Mussolini, sua alternância de brutalidade e de grandes ardis para dividir, desviar e surpreender o adversário, seu endeusamento entre os financiadores e os extremistas, seus nacionalistas exaltados e seus plebeus, seus idealistas pouco numerosos e seus tubarões agitados. E a hora chega com a greve geral, decidida pelas centrais sindicais e que Turati batizou de "a greve legalitária": essa iniciativa, destinada a barrar o fascismo, permitiu, na verdade, que ele deglutisse tudo o que ainda não fora transformado em pedaços, como posições operárias ou camponesas, nesse país assolado por seus bandos assassinos. Os fascistas deram ao governo 48 horas para acabar com essa greve, anunciada para 31 de julho; depois desse prazo, eles mesmos se encarregariam de lhe colocar um termo, pois, agora, conhecem bem o terreno: se livraram dos raros policiais ou altos funcionários hostis ou prontos a resistir ou lhes colocar dificuldades. De resto, sua técnica de terror está no pronta.

Realizações locais da frente única

Entretanto, toda vez que teve oportunidade de se organizar, o proletariado, e, ao seu redor, o povo italiano, resistiu. O contra-ataque fascista provoca verdadeiras batalhas

de exércitos organizados. Em dois lugares, nos subúrbios operários de Bari e em Parma, os fascistas – comandados neste último por Italo Balbo – são vencidos. Os operários vencem, demonstrando que a resistência era possível – e mesmo a vitória – a quem quisesse e soubesse lutar. Mas, não é uma vitória deste partido que se autoproclamou vanguarda e que alia – numa hora decisiva para os destinos de tantos homens e mulheres da Itália – a estupidez ao sectarismo e dogmatismo, mas tem, entretanto, se podemos dizer, a desculpa de se encontrar perante um fenômeno novo. Nada esclarece melhor que o relato dos combates de Parma, feitos pelo dirigente local – deputado maximalista! –, destes *Arditi del Popolo* desprezados pelos comunistas, Guido Picelli.

> No nascer do sol, a população operária desce a rua com picaretas, pás e outras ferramentas, para ajudar os *Arditi del Popolo* a despavimentar as ruas e calçadas; a arrancar os trilhos dos bondes, a cavar trincheiras, a construir barricadas com carros, bancos, vigas, chapas e tudo o que lhes cair nas mãos. Homens, mulheres, velhos, jovens, de todos os partidos e sem partido, estão lá, unidos por uma só vontade de aço: combater e resistir.
> Em algumas horas, os bairros populares das cidades tomam o aspecto de um forte entrincheirado. A zona ocupada pelos defensores é dividida em quatro setores. Cada grupo era composto de oito a dez homens, armados de fuzis modelo 1891, de mosquetões, de revólveres antiquados e de bombas SIPE. Somente a metade dos homens puderam ser armados com fuzis ou mosquetões. A entrada das praças, das ruas e das ruelas foram barradas por construções defensivas. Em certos pontos, as barragens foram reforçadas por diversas linhas de arame farpado. Os campanários foram transformados em observatórios. Em toda a zona fortificada, os poderes passaram aos comandos dos *Arditi del Popolo*. Os comerciantes simpatizavam com os insurgentes e colocaram a sua disposição material e víveres.[17]

Isso era, evidentemente, a frente única, no seio da qual os comunistas de Parma combateram como os outros, esta mesma frente única que as teses comunistas expunham em seu politiquês, mas que seus partidos não foram capaz de reconhecer. No conjunto do país, a greve geral foi uma catástrofe – nosso "Caporetto", diz um socialista. De agora em diante, a porta estava escancarada.

A vitória fascista

E a famosa "Marcha sobre Roma" aconteceu. A concentração de unidades fascistas – enquadradas e acompanhadas, algumas vezes colocadas atrás dos oficiais uniformizados – ameaçava com, segundo seus chefes, um avanço que varreria tudo. A *Rassegna comunista*, órgão comunista, chegou até a escrever que nenhuma defesa era possível contra forças tão potentes. Mas, Umberto Terracini escreveu, sem espantar seus camaradas, que a Mar-

17. Citado por A. Tasca, *op. cit.*, p. 250.

cha sobre Roma fora somente uma "crise ministerial movimentada". Vindo de Milão a Roma em vagão-leito, Mussolini, que, por mais de 20 anos, tornar-se-ia *Il Duce*, uma vez obtida a demissão do governo, aceitou o poder que o rei lhe ofereceu. Isso feito, ele acolheu a entrada a pé, na Cidade Eterna, de seus *squadristi*, que tinham viajado bastante até as portas da capital, precedendo, como escreveu um autor espirituoso, "essa marcha sobre Roma que não ocorrera".

Em seguida, o despedaçamento do infeliz Partido Socialista, bem como o retorno em direção ao PCd'I e à Internacional de seu antigo chefe Serrati, mais infeliz ainda, mas figura heróica de combatente sincero e leal, além do mau humor dos dirigentes comunistas – que não o queriam, nem a seus irmãos de armas – não são, no fundo, nada além de anedotas. Em 28 de outubro, surpreendido, em Roma, em sua mesa de trabalho na redação do jornal *Il Comunista*, Palmiro Togliatti assume que é o seu redator-chefe. De início, ele seria fuzilado, mas, na confusão, consegue escapar e fugir pelos telhados. Será que os comunistas italianos começaram a entender o que é o fascismo? Em uma correspondência a Moscou, Umberto Terracini explica como o patronado, de agora em diante acobertados pelos fascistas, pôde realizar seu sonho, despedindo maciçamente os dirigentes sindicais e, freqüentemente, os simples militantes, privando os sindicatos de seus melhores elementos e fazendo reinar o medo no lugar de trabalho, em conforme com as diretivas das federações patronais da indústria e da agricultura[18].

Em Moscou, quando do IV Congresso da Internacional, Lenin se aproxima da delegação italiana e a interroga, querendo saber o que se passou. Bordiga, que teria preferido lhe dar seus argumentos batidos sobre a frente única, faz ainda um esforço e lhe explica que não há diferença verdadeira na dominação de classe da burguesia, que o fascismo não é nada de novo e que não poderia durar. Conta-se que Lenin parecia estupefato.

Entretanto, a idéia de que "o fascismo", em si mesmo, constituía um perigo mortal parece ter progredido nas fileiras dos partidos comunistas com a preocupação de encarar a realidade. Na *Inprekorr*, boletim de imprensa da Internacional de 30 de dezembro de 1922, sob o título "O começo do fascismo alemão", Hans Tittel fala daqueles que ainda não eram chamados de "nazistas", o Partido Operário Nacional-Socialista Alemão: descreve sua ideologia, sua insígnia – a cruz gamada –, tanto seu caráter paramilitar quanto sua demagogia, o apoio que ele recebe da polícia e a proteção dos juízes para sua logística e para a cobertura de suas "operações punitivas", concluindo que o perigo é real e garante que a idéia de uma organização armada para a resistência operária a esse tipo de formação está trilhando seu caminho. Não parece, em todo caso, que alguém no movimento comunista tenha seriamente refletido sobre a catástrofe italiana, bem como o lugar que ocupou em sua rota a cisão de Livorno. Pela primeira vez na história do comunismo, a política sectária de um partido comunista estava privando o movimento operário de toda reação possível contra um perigo mortal. Desta vez, a Internacional estava consciente, mas o partido concernido – o PC italiano – continuava cego, emparedado em seu ódio contra a social-democracia.

18. U. Terracini, *Correspondence internationale*, n. 91, 25 de novembro de 1922.

Todos os tipos de problemas continuavam a aparecer nos partidos comunistas e é mais ou menos nessa mesma época que veremos se efetuar os primeiros passos sérios nos EUA e que um dos primeiros partidos aderentes, o da Noruega, deixa a Internacional.

A resistência nos EUA

As doenças esquerdistas não desapareceram da Internacional e o partido dos EUA continua sendo seu terreno predileto. Desde o começo de 1922, se produz uma nova cisão. Os oponentes, membros do UCP, estão descontentes com a moderação de objetivos do *Workers Party*, que não menciona nem os sovietes nem a ditadura do proletariado, e se contenta com a fórmula "organização da classe operária para o estabelecimento do capitalismo por uma república de trabalhadores". Uma nova crise se produz quando Charles Ruthenberg, com base na experiência dos primeiros meses de funcionamento do *Workers Party*, constata que este último – já controlado pelos comunistas, que são seus membros e dirigentes – é também, de algum modo, controlado pelo partido ilegal – um desperdício de forças e uma fonte de impotência. Uma nova batalha começa entre os "Gansos", defensores do aparato clandestino, e os "Liquidadores", que não o querem mais. Estava-se em dois partidos e três frações. O partido legal, seis meses depois de sua criação, não ultrapassava os oito mil membros. Era raquítico.

O Executivo da Internacional decidiu falar grosso. Uma nova delegação, formada desta vez por Walecki, o polonês, pelo húngaro Pogány e pelo estadunidense residente na Rússia Boris Reinstein, vai aos EUA. As qualidades de político e diplomata de Walecki fazem mais uma vez maravilhas. O congresso de unificação, que deveria ocorrer em Bridgman, Michigan, em agosto de 1922, é destruído pela polícia, todavia, os delegados da Internacional conseguem escapar. A questão da dualidade partido clandestino-partido legal será resolvida no IV Congresso Mundial no fim daquele ano. James P. Cannon e Max Bedacht conseguem convencer Trotsky de que, entre eles, o aparato ilegal é o refúgio do esquerdismo, do aventureirismo e da irresponsabilidade. Trotsky, por seu lado, ganha o apoio da direção russa para eles e o Executivo dá instruções para uma fusão rápida, a ser realizada no verão de 1923. Podemos pensar que o *Communist Party* sai finalmente da infância. Incontestavelmente, o mérito cabe à Internacional.

A saída do DNA

Por outro lado, o Partido Operário da Noruega, o DNA (*Det Norske Arbeiderpartie*) deixa a Internacional. Esse partido era certamente de um tipo original: reagrupava, ao mesmo tempo, social-democratas de tipo clássico, responsáveis sindicais e sindicalistas próximos aos "unionistas". Nele, se encontravam as três tendências clássicas. O centro, de Martin Tranmael, que o dirigia, era muito mais afastado das concepções comunistas que

a esquerda de Arvid Hansen. Entretanto, incontestavelmente, Tranmael pôde ter até 1920 o sentimento de que a adesão à Comintern não atrapalhava a liberdade de ação da direção do DNA. Os primeiros conflitos aparecem no II Congresso e dizem respeito, essencialmente, às 21 condições. Fundado a partir de organizações sindicais, o DNA não tem nem mesmo a alternativa de se reformar para se conformar ao modelo de um partido de tipo totalmente diferente. Zinoviev bem que quer negociar sobre a base da criação de adesões individuais, mas a querela ricocheteou em Halle com a questão da revolução, que Tranmael vê como um gigantesco levante espontâneo. Em que pese as reais concessões de uma parte e de outra, a tensão não pára de crescer entre o Executivo e a direção do DNA. Apesar de que a maioria do Comitê Central tenha aceitado introduzir no nome do partido a palavra "comunista", a maioria presente no congresso de novembro de 1921 do DNA se recusa. E o conflito ricocheteia para a aplicação da frente única, a qual Martin Tranmael é resolutamente oposto por questões de política norueguesa. O DNA e Tranmael se acusarão mutuamente de oportunismo e de fazer alianças sem princípios. Não demorou muito, retornou ao debate a afirmação dos noruegueses, que se recusam a um controle internacional, visto como uma ingerência.

Na sessão do Comitê Central de janeiro de 1923, na qual Radek representa o Executivo, e no congresso de março, com Bukharin, o Executivo da Comintern faz certamente mais concessões ao DNA do que jamais fizera a outro partido membro, tanto sobre os prazos de aplicação quanto sobre as modificações de estatuto. Não obstante, finalmente, deu-se a ruptura. O Executivo da Comintern recusa-se a retirar as condições que os noruegueses qualificam de "chantagem" e ultimato, sendo assim o congresso do DNA, em outubro de 1923, decide rejeitá-las por 169 votos contra 103. A minoria, conduzida por Arvid Hansen e Olav Scheflo, deixa a sala cantando a *Internacional*. Ela fundará o Partido Comunista Norueguês, o NKP.

Historiador do comunismo norueguês, Trond Gilberg, depois de percorrer esses longos meses de conflitos e negociações, conclui por um julgamento, que nos parece, ao mesmo tempo, um contra-senso e um anacronismo ao afirmar que a ruptura foi devida à vontade russa de generalizar a "bolchevização", que, sabemos, aparecerá somente mais tarde[19]. O que é preciso dizer, ao contrário, é que o importante, a determinação de não romper levianamente e a busca por compromissos viáveis caracterizam, ao longo desses anos, os negociadores do Executivo da Internacional. Dentro de alguns anos, certamente, excluir-se-á escancaradamente, mas esse momento ainda não chegou. Esta Internacional é ainda a de Lenin e não a de Stalin.

Uma crise que não pára de repercutir

Temos outro exemplo na Tchecoslováquia. Lá, sob a direção de Bohuslav Jílek, efê-

19. T. Gilberg, *The Soviet Communist Party and Scandinavian Communism. The Norvegian Case*, p. 57.

mero secretário em 1921, auxiliado por Václav Bolen e Václav Šturc, desenvolve-se uma oposição "de esquerda", oposta à política de frente única, sendo expulsa do PC tcheco em setembro de 1922. Ora, tal expulsão é anulada pelo Executivo da Comintern e Jílek e seus camaradas são reintegrados. O real problema na época é a questão sindical, na qual, em que pese a direção, os dirigentes sindicais comunistas caminham rumo à cisão: os químicos com Josef Hais, mas também os do transporte, calçados e os trabalhadores madeireiros. Em outubro de 1922, os sindicatos expulsos se agrupam numa nova central, que adere à Profintern, a MVS, que não ultrapassará, jamais, os cem mil aderentes.

A questão tcheca é discutida no IV Congresso, no qual Zinoviev, Bukharin e Radek dão um golpe no cravo e outro na ferradura em suas intervenções e impõem um compromisso, mas não um alinhamento em relação às posições do Executivo. Rapidamente, entretanto, a interpretação tcheca da frente única, elaborada pelo novo bloco Šmeral-Kreibich-Zápotocký e próxima daquela da direção de Brandler na Alemanha, será colocada em pauta no PCT por uma "esquerda" renovada com Alois Neurath e Fried.

Novo congresso, novo programa?

Faltava ainda um passo na via da teorização da política da frente única. Como passar da luta cotidiana para a luta pelo poder? Em outros termos, como coroar o edifício dessa política com uma palavra de ordem de transição em direção à ditadura do proletariado? A questão já tinha sido feita em diversas ocasiões. Uma vez, quase afobadamente, por Brandler, numa discussão pública sobre o balanço dos movimentos revolucionários de 1919. Uma segunda vez, pelo debate em torno do "governo operário", proposto por Legien no dia seguinte ao *Putsch* de Kapp. Era, agora, a conseqüência normal de uma política de frente única, sobre a qual era inconcebível que não houvesse uma seqüência governamental e que dera, na Alemanha, pela mesma via, maiorias parlamentares em alguns *Landtag* aos deputados social-democratas e comunistas juntos. Portanto, é uma possibilidade concreta de formar um governo de partidos operários, desde que fossem majoritários desde o início, como era o caso na Turíngia e na Saxônia. Imediatamente na seqüência, se colocou também o problema da formação de um governo operário em escala nacional.

A questão foi abordada pelo partido, para o qual o problema se colocava de maneira mais imediata na Alemanha. Uma comissão do programa – formada por Brandler, Koenen, Ludwig, Zetkin e Thalheimer – apresenta, em outubro, um projeto de programa para ser discutido no partido e na Internacional,, que é adotado por uma pequena margem. Lembrando os princípios, esse texto sublinha que os comunistas têm por missão dirigir a classe operária de maneira a soldar sua frente contra a burguesia e a ganhar sua maioria ao comunismo, utilizando para isso todas as possibilidades oferecidas pela democracia burguesa. O objetivo político último é a república dos conselhos.

"A palavra de ordem do governo operário"

Porém, como passar à fase na qual esse problema se coloca quando ainda se está em uma situação em que as massas não querem sair dos marcos da democracia burguesa? O projeto do programa responde: "A palavra de ordem de governo operário constitui o meio apropriado para atingir uma nova etapa da separação das amplas massas proletárias da burguesia e um novo ponto de partida, mais elevado, para seu movimento, em direção à ditadura do proletariado"[20]. O programa acrescenta ainda que a essa reivindicação propriamente política deve-se ligar uma parte do programa econômico necessário: conquista de valores reais ou participação majoritária do Estado em todas as empresas, sindicalização ou trustificação das empresas – sob controle operário pelo intermédio dos comitês de fábrica –, suspensão do sigilo bancário, do segredo de fabricação e do segredo comercial, monopólio do Estado no reabastecimento e racionamento, mantido sob controle operário, exercido notadamente pelos bancários. Trata-se de uma espécie de capitalismo de Estado, que não sai, portanto, dos marcos capitalistas, mas que constitui um potente fator de mobilização operária. Para sobreviver, o governo operário terá que destruir o velho aparato de Estado e fazer dos conselhos operários os detentores do poder.

O Executivo da Internacional intervém neste momento, propondo colocar no centro do programa a "conquista dos valores-ouro", reivindicada pela ADGB, e abrir a perspectiva de um governo operário, que colocaria essa reivindicação em primeiro plano no seu programa. Se um governo se comprometesse a agir para desarmar os grupos armados contra-revolucionários e a organizar a *Reichswehr* sob controle dos sindicatos, o Executivo acredita que os comunistas devem apoiá-lo. A Central se deixa convencer e propõe aos outros partidos socialistas um governo com um tal programa. Estes lhe perguntam então se ela está preparada para conduzir o Partido Comunista nesse sentido. Sua resposta é negativa e tudo vai por água abaixo. A direção do KPD se imobiliza em suas contradições. Como propor um governo ao qual se recusa a participar?

É de novo o Executivo que dá o impulso necessário. Uma carta de Radek, datada de 7 de novembro de 1921, definia, com efeito, o governo operário como "o único meio praticável e real de conquistar a maioria da classe operária à idéia da ditadura do proletariado"[21]. Ele crê que é preciso um programa de transição, o qual concretize a tática da "Carta Aberta" e seja a realização da palavra de ordem do III Congresso; a conquista das massas. A continuidade seria assim restabelecida por cima dos erros esquerdistas desde 1921. Radek escreve: "Pode-se chegar ao governo operário tanto pela força numa revolução contra o governo burguês quanto na luta dos operários pela defesa do governo socialista criado por via democrática, mas somente se ele defender com honra os interesses da classe ope-

20. *Inprekorr*, 7 de outubro de 1921.

21. *Die Rote Fahne*, 16 de novembro de 1921.

rária contra o capital"[22]. O mais importante é, entretanto, que se demonstre que, agora, os comunistas devem participar de um governo operário – "como em qualquer governo disposto, de início, a lutar contra o capitalismo"[23] – e que tudo depende das condições concretas. Radek acrescenta, entretanto, prudentemente, que ele não pôde discutir com Zinoviev a respeito, mas que falou com Lenin, que, por sua vez, parecia de acordo, mas estava mal-informado e não tinha ouvido opiniões contrárias[24].

Em 8 de dezembro de 1921, uma circular da Central escreve sem ambigüidade:

> O KPD deve dizer aos trabalhadores que está preparado para convocar a formação de um governo operário socialista com todos os meios parlamentares e extraparlamentares e que está igualmente preparado a entrar em tal governo, se tiver a garantia de que este representará os interesses e as reivindicações da classe operária contra a burguesia e de que conquistará valores reais, perseguindo os *kappistas*, libertando da prisão os trabalhadores revolucionários, etc.[25]

Depois da aprovação do Executivo, em 25 de dezembro de 1921, das teses sobre a frente única, o Comitê Central adota, em janeiro, uma tese que afirma:

> Partindo da compreensão de que o governo operário representa uma possibilidade de ampliação do poder político do proletariado (por exemplo, a dissolução dos grupos contra-revolucionários legais ou ilegais, a transformação da polícia e da justiça em órgãos de classe do proletariado, a libertação dos revolucionários condenados, o aumento dos direitos dos conselhos de empresa, etc), o KPD está pronto, em certas condições, a entrar num governo operário, tanto no *Reich* como nos governos operários regionais. A entrada dos comunistas nesses governos operários depende tanto da vontade de luta das massas operárias e partidos que se apóiam sobre elas quanto das possibilidades reais que existem de reforçar e aumentar o poder operário.

O delicado problema dos governos operários nos *Länder* acaba de ser colocado abertamente.

Nova estratégia ou ardil de guerra?

Contudo, uma vez que se aceite essa idéia, a discussão prossegue e se aprofunda. Os

22. A. Reisberg, "Zur Genesis der Lösung der Arbeiterregierung in Deutschland", In: *Beiträge zur Geschichte der deutschen Arbeiterbewegung*, n. 6, 1965, p. 1035.
23. *Ibidem*, p. 1036.
24. *Ibidem*.
25. Citado por A. Reisberg, "Zur Genesis...", *loc. cit.*, p. 1038.

tchecoslovacos pensam que o governo operário deve ter uma certa duração. Resumindo a interpretação da conferência do PCT de setembro de 1922, o historiador tcheco Miloš Hájek escreve:

> O Partido Comunista da Tchecoslováquia [...] entendia a palavra de ordem de governo operário como um programa que deveria, pouco a pouco, minar o aparato de Estado burguês e substituí-lo por novos órgãos populares. O PCT falava da hipótese de que, se o partido operário fosse o mais numeroso e o mais forte, ele deveria ter a responsabilidade principal neste governo e lhe fixar tarefas específicas: refletir ao menos sob a solução parcial da questão nacional e modificar a política exterior. Tal conferência se pronunciou, assim, em favor da possibilidade de utilizar a maioria parlamentar, supondo a condição de que ela "complet a ação da frente única operária no exterior".[26]

O IV Congresso

O IV Congresso (dezembro de 1924) contou com 504 delegados de 60 organizações. O delegado brasileiro Antônio Canelas, anarquista recentemente convertido, escolhido por seu partido por motivos econômicos (já estava na Europa nessa data), provoca um escândalo ao criticar as proposições de Trotsky acerca da incompatibilidade entre pertencer a um partido comunista e a maçonaria, ao fazer a apologia desta última.

No centro dos debates do congresso, se encontra a política de frente única. Desde o começo, constata-se a oposição resoluta do PC italiano, que se exprime por um silêncio obstinado. A realidade política italiana, entretanto, pesa sobre o congresso e Radek vai abordá-la. No próprio congresso, duas correntes se opõem. Para Zinoviev, o governo operário é, de algum modo, um pseudônimo da ditadura do proletariado. Para a esquerda de Ruth Fischer, é uma recaída no oportunismo parlamentar. Radek vira o teórico e o porta-estandarte do "governo operário". Não é certo, mas mesmo assim é possível, diz, que a revolução empregue essa via: "Seria falso dizer que a evolução da Humanidade, do macaco ao comissário do povo, deve obrigatoriamente passar pela fase de ministro do governo operário"[27].

A resolução final desenvolve:

> Um governo deste gênero só é possível se nascer da luta das próprias massas e se se apoiar sobre os organismos operários capazes de combater, criados pelas camadas mais amplas das massas operárias oprimidas. Um governo operário resultante de uma combinação parlamentar pode igualmente fornecer a reanimação do movimento operário revolucionário. Mas, nem é preciso dizer que o nascimento de um governo verdadeiramente operário e a

26. M. Hájek, *Historia de la Tercera Internacional*, p. 63-64.
27. *Protokoll des IV. Kongress*, p. 102.

manutenção de um governo promotor de uma política revolucionária deve conduzir à luta mais encarniçada e, eventualmente, à guerra civil contra a burguesia. Somente a tentativa do proletariado de formar um governo operário se chocará, desde o começo, com a resistência mais violenta da burguesia. A palavra de ordem de governo operário é suscetível de concentrar e de desencadear as lutas revolucionárias.[28]

E o congresso distingue, na sua seqüência, diferentes tipos de "governo operário" com, na cúpula, "um verdadeiro governo operário proletário que, em sua forma mais pura, não pode ser encarnado por ninguém mais além dos comunistas"[29]. Miloš Hájek comenta – e, com algumas nuances, notadamente acerca da seqüência do *Putsch* de Kapp, bem como da outra revolução do Entreguerras, a espanhola, temos tendência a concordar com ele:

A palavra de ordem de governo operário representa a procura por formas mais vantajosas de acesso à revolução socialista: sobre sua necessidade, Lenin havia lançado um aviso em *A doença infantil do comunismo* em abril de 1920. A necessidade de procurar uma fórmula nova de acesso à revolução era a conseqüência de notáveis diferenças entre a estrutura política e social da Rússia de antes da revolução e a dos outros países da Europa. Ela se depreendia também da consciência de que a tomada do poder seria uma tarefa muito mais difícil para o proletariado da Europa ocidental que para os operários russos de 1917. Os comunistas viam bem a dificuldade de uma insurreição armada com a palavra de ordem de ditadura do proletariado nas condições de paz, sobretudo nos países com forte tradição parlamentar. É por isso que, logicamente, procuravam uma forma que facilitasse a entrada na via da guerra civil: a perspectiva de um governo operário, imposto por via pacífica (eventualmente parlamentar) e que realizasse o armamento do proletariado era bem atraente e se apoiava numa situação em que aquele que iria começá-la não seria o partido revolucionário, mas, inversamente, a contra-revolução. E isso, de um ponto de vista militar e político, significava uma situação tão favorável quanto possível: a contra-revolução não seria somente contra o proletariado em armas, mas também contra a autoridade de um governo legal, a palavra de ordem da paz estaria nas bocas de todos os revolucionários, como ocorrera em 1917 na Rússia, ao passo que, em todos os combates de 1919, na Alemanha, ela estivera na boca de Ebert e de seus aliados monarquistas.[30]

Por um momento, chegaremos a acreditar, ao longo da crise alemã de 1923, que a palavra de ordem de governo operário, fruto de uma longa elaboração coletiva dolorosa, enfrentaria, enfim, na pátria de Marx, o julgamento da história. Mas, a história, como veremos, faltou com seu dever.

28. *Ibidem*, texto da resolução, p. 1016.
29. *Ibidem*, p. 1017.
30. M. Hájek, *op. cit.*, p. 69.

A Internacional sem Lenin[31]

Foi uma nova prova inesperada que atingiu, com efeito, a Internacional naquele fim de 1922, no momento em que se impunha, enfim, a política de frente única. De um lado, Lenin está doente e não pode lhe consagrar nenhuma atenção. De outro lado – o que é infinitamente mais grave –, sua doença o impedirá de intervir como seria necessário na crise que abalou o partido e se transformou, pouco a pouco, numa verdadeira crise da revolução. Em 26 de maio de 1922 – menos de dois meses depois da ascensão ao novo cargo de secretário geral de Iossif Vissarionovitch Djugachvili, conhecido sob o nome de Stalin, dirigente de segundo plano, homem de birôs e de rancores, que durante muito tempo gozou da confiança de Lenin –, este último sofre seu primeiro ataque. Lenin deverá lutar para retomar parcialmente o trabalho em julho e totalmente em outubro, mas, nesse intervalo, seu afastamento forçado lhe permite descobrir aquilo que nunca tinha até então percebido: a toda-potência da burocracia no partido e no Estado, a russificação dos povos não-russos; o caráter demasiadamente russo impresso à Internacional e a seus partidos. Ninguém nega mais hoje o que foi durante muito tempo negado pelos dirigentes do partido submetidos a Stalin e ao mesmo tempo pela quase-totalidade dos historiadores. Descobrindo a gravidade do mal burocrático que rondava o par partido-Estado, compreendendo o papel que desempenhava, nessa cristalização, uma hierarquia de secretários organizados e submetidos ao secretariado geral, bem como o papel nessa operação do birô de organização, controlado por Stalin, Lenin propôs a Trotsky a conclusão de um "bloco contra o burocratismo".

Juntos, combateram, de início, questões econômicas, impedindo a supressão do monopólio do comércio exterior e lutando pela ampliação dos poderes do Comitê Estatal de Planejamento, o Gosplan. A questão das nacionalidades passou rapidamente para o primeiro plano, através do caso georgiano. É praticamente pelas costas da direção que Stalin e seu velho associado da guerra civil Ordjonikidze lançaram, no começo de 1921, a operação militar que desembocaria na derrubada do governo dos mencheviques na Geórgia e na transformação desta última em república soviética. Porém, é precisamente por causa desse contexto que os choques se produzem quase imediatamente entre Stalin-Ordjonikidze de um lado e os dirigentes comunistas georgianos – Mdivani, Kavtaradze e Okudjava – de outro. Mal informado por Stalin, Lenin começa por condenar os georgianos. Tendo se informado em agosto por Rakovsky sobre os violentos acordos que dividiam a comissão preparatória da Constituição da URSS, Lenin não se deixou mais, desde então, se levar pelas informações truncadas e fez designar, em setembro, uma comissão de investigação. Dela, ele tirou a famosa carta sobre a questão das nacionalidades, na qual se dizia gravemente culpado com respeito aos povos da Rússia, entregues ao chauvinismo

31. P. Broué, *Trotsky*, p. 319-335 e 352-360, fez um relato que as publicações documentárias desde a época da *perestroika* confirmaram e algumas vezes completaram. Encontrar-se-á detalhes suplementares em *Rakovsky* para o papel desempenhado por este último.

grão-russo sob o poder dos sovietes. Depois, completa seu ataque com dois artigos consagrados à Inspeção Operária e Camponesa, domínio de Stalin, que o permitem designar este último como o principal responsável dessa reação, não somente enquanto "milico grão-russo", mas também como encarnação da velha cultura pré-burguesa burocrática. Rakovsky aproveita o ensejo e lança no partido ucraniano uma discussão sobre a análise e as posições de Lenin.

Este último fora ao IV Congresso Mundial da Internacional, no qual seu discurso parecia também bem uma declaração autocrítica. Falando da resolução sobre a estrutura, os métodos e o trabalho dos partidos comunistas, ele ressalta:

> O texto é excelente, mas essencialmente, ou quase, russo; isto é, tudo é retirado das condições da vida russa. Tem lá seu lado bom, mas também seu lado ruim. [...] Lado ruim porque estou persuadido de que quase nenhum comunista estrangeiro pode lê-lo [...], pois é muito russo [...], está inteiramente impregnado do espírito russo [...]. Com essa resolução, cometemos um grande erro, cortando a nós mesmos o caminho em direção a novos progressos. [...] Tudo o que foi dito na resolução é letra morta [...]. Os estrangeiros, é preciso que compreendam o que nós escrevemos sobre a estrutura orgânica dos partidos comunistas e que assinaram sem nem ler nem compreender [...]. O mais importante, no período que vem, é o estudo [...]. Deve-se estudar num sentido particular, para compreender realmente a organização, a estrutura, o método e o conteúdo da ação revolucionária. Se isso ocorrer, estou persuadido que então as perspectivas da revolução mundial serão excelentes.[32]

Lenin teve ainda tempo de escrever sua carta ao congresso, conhecida posteriormente como seu "testamento", na qual recomenda afastar Stalin do posto de secretário geral. Em 7 de março, sofre um novo ataque que lhe manteria afastado de toda atividade intelectual até sua morte.

A ofensiva da burocracia

Desde então, os eventos no seio do partido russo se desenrolaram nos marcos não somente da ausência de Lenin, mas da batalha de eliminar Trotsky e seus próximos, como Rakovsky. Ocorrência de reuniões fracionais de direção na ausência de Trotsky, preparação burocrática do XII Congresso com delegados submissos ao Secretariado, escamoteação da discussão sobre pontos cruciais e depuração do partido ucraniano de todos os elementos que apoiavam Rakovsky: a energia da direção é totalmente voltada para a luta contra Trotsky.

A Internacional, de novo, passa para o segundo plano, torna-se novamente uma instância secundária, em que as decisões são comandadas não pela própria situação e pela

32. *Protokoll III*, p. 230-231.

relação de forças entre as classes, mas pela relação de forças no interior do partido russo. E, nas relações com o Oriente, um novo perigo – que era esperado em outro lugar – surgiu: a confusão entre o Estado soviético e a própria Comintern.

Oriente, América Latina

Até agora, tratamos somente de maneira ocasional do vasto mundo extra-europeu, à parte algumas exceções notáveis, como a Argentina, que foi em todos os sentidos, para a Comintern, uma porta aberta em direção a esta *terra incognita* que era então para Moscou a América Latina.

Os primeiros contatos se deram através de viagens individuais que parecem pertencer à categoria das expedições de Marco Pólo devido a seu aspecto de exploração e seu ar de exotismo. Borodin foi o primeiro enviado aos EUA, em 1919. No meio do ano, ele estava no México e em dezembro chegou a Madri. Encontraremos o relato bem vivo que ele fez desta aventura e de sua busca pelos dólares perdidos em lembranças tardias[1]. Em fevereiro de 1920, ele assistiu à Conferência de Amsterdã, depois voltou a Moscou via Berlim[2]. Deve-se a ele o encontro do indiano M. N. Roy com o comunismo e também os primeiros passos dos comunistas mexicanos sobre uma base, ao mesmo tempo, anarquizante e nacionalista.

Depois, houve o russo Abramson, provavelmente membro do Executivo dos sovietes e não do CC do Partido Bolchevique, como o garantem nossas fontes. Vindo de Vladivostok, ele entrou no continente latino-americano aproximadamente em 1921; ganhou Lima, atravessou o continente de oeste a leste e passou um tempo em Buenos Aires; depois no Rio de Janeiro. Mesmo que ele tenha partido do nível zero dos conhecimentos, seu relatório está longe de ser desinteressante. Um segundo personagem aparece nos documentos da contra-espionagem ocidental. Trata-se de um homem que é de início chamado de "o viajante de comércio", que carregava um prato de couro. Ele aparece no Brasil – onde se

1. M. Gomez, "From Mexico to Moscow", In: *Survey*, 53, outubro de 1964, p. 33-47.

2. L. e V. Kheyfetz, "Michael Borodine, The First Comintern-emissary to Latin America", In: *The International Newsletter*, II, p. 145-149.

espanta por não encontrar um partido comunista – como um emissário do birô de propaganda sul-americano da III Internacional e será conhecido em seguida sob os nomes de Ramison e de Ivan Subirov, "representante da Internacional Comunista". Ele encontra o anarquista Edgard Leuenroth, que o coloca em contato com Astrojildo Pereira e será apelidado, ao final, devido à brevidade de sua estadia, "o cometa de Manchester"[3]...

Estes homens não estavam minimamente preparados para esse tipo de missão em países dos quais eles ignoravam tudo. No máximo, eles encontraram na Argentina condições mais familiares e pensaram que esse país deveria constituir o "centro" no novo continente. Eles tinham com relação aos latino-americanos os mesmos preconceitos que tinham os pequeno-burgueses brancos da Europa para com os "negros". Depois de relevar como traços gerais desses países o caráter inacabado de suas nações; a ausência de consciência e classe; a tendência a imitar a Europa, um deles explica em seu relatório de viagem que "a condição social da população é tão primitiva que não podemos não compará-la com a dos negros".

Sabemos que os russos organizaram uma terceira viagem, na África Oriental desta vez. O homem designado foi o ex-terrorista SR, assassino do conde von Mirbach, Iakov Blumkin. Convertido ao bolchevismo em sua cela e condenado à morte por Trotsky em pessoa. Agraciado, tornou-se secretário de um comissário do povo, depois um importante agente do IV Birô do Exército Vermelho; ele aceitou, durante a guerra civil e seus dias seguintes – é o caso aqui –, as missões mais perigosas. Contudo, ignoramos o relatório que ele fez ao final.

O interesse de Lenin

Não parece que Lenin tenha se interessado alguma vez realmente pela América Latina, ou pela maior parte dos países da Ásia, com exceção dos maiores. Em seu último artigo, datado de 2 de março de 1923, ele sublinha entre as conseqüências importantes da I Guerra Mundial: "Precisamente pela seqüência desta primeira guerra imperialista, o Oriente entrou definitivamente no movimento revolucionário e foi definitivamente inserido no turbilhão do movimento revolucionário mundial".[4] Ele recorda algumas linhas mais à frente: "O Oriente inteiro, com suas centenas de milhões de trabalhadores explorados, reduzidos à última extremidade, foi colocado em condições cujas forças físicas e materiais não podem de forma alguma serem comparadas com as forças físicas, materiais e militares de qualquer Estado, mesmo que seja muito menor, da Europa ocidental".[5] Para Lenin, a saída da luta depende finalmente do fato de que a Rússia, a Índia e a China, etc. formam a imensa maioria da população do mundo. Ele precisa, entretanto, que é necessário que esta maioria tenha tempo de "se civilizar" – o que a própria Rússia ainda não pôde fazer –, a saber, "banir todos os traços dos excessos que enormemente lhe deixou a Rússia czarista, seu aparato capitalista e burocrático".[6] Reencontramos aqui as preocupações de Lenin sobre o perigo burocrático e o começo da crise do partido.

3. Documentos e depoimentos citados por P. S. Pinheiros, *Estratégias da Ilusão*, p. 29-32 e 334-335.

4. "Mieux vaut moins mais mieux" (5 de março de 1923), *Œuvres*, t. XXXIII, p. 514.

5. *Ibidem*.

O "colonialismo soviético"

As questões levantadas pelo comportamento freqüentemente "colonialista" das novas autoridades soviéticas nos territórios asiáticos das repúblicas soviéticas retornam freqüentemente sob as plumas de Rakovsky, Lenin e Safarov. Uma zona nevrálgica neste sentido foi o Turquistão, sobre quem Georgi Safarov escreveu em 1921, depois de ter evocado "as matanças, as pilhagens e os insuportáveis e intermináveis excessos dos soldados do Exército Vermelho":

> Cavou-se um abismo intransponível entre a cidade dominada pelo sovietes e as massas indígenas. A atitude destes últimos para com o poder soviético pode ser definida por esta breve fórmula: "Quando finalmente estaremos livres da liberdade russa?". Pois, para eles, a liberdade russa significa a fome e a morte, os ataques da cavalaria dos guardas vermelhos, os massacres sem critério, os confiscos massivos, as requisições arbitrárias.[7]

Um conflito político aberto estoura sobre a questão do Turquistão, em 1921. As decisões do II Congresso conduziram o Pequeno Birô da IC a se interessar de mais perto à Ásia e não somente através do Congresso de Baku. Criou-se um posto avançado, um Birô Central da Ásia, mais particularmente encarregado do trabalho em direção aos países do Oriente Médio até a Índia. De início, ele foi colocado sob a direção de Sokolnikov, chefe do exército do *front* do Turquistão, de Georgi Safarov, que acabamos de citar, na época, considerado como um dos "jovens prodígios" do partido, e do indiano M. N. Roy. Ele se instalou em Tashkent. Safarov rapidamente se opôs a Tomsky, que dirigia o partido, e a Peters, o chefe da Tcheka. Ele estava preocupado com o destino do campesinato pobre indígena, vítima das conseqüências da NEP e da arbitragem da burocracia. Pressionado para intervir, Lenin enviou Ioffe como "árbitro" depois de se ter assegurado que ele agiria em favor de Safarov. Ele escreveu a Ioffe em 13 de setembro de 1921:

> Estou suspeitíssimo de que a "linha Tomsky" esteja revelando o chauvinismo grão-russo ou, mais exatamente, de pender para este lado. Para toda nossa *Weltpolitik*, é estupendamente importante ganhar a confiança dos autóctones e ganhar ao triplo ou ao quádruplo, provar que nós não somos imperialistas, que não sofremos nenhum desvio neste sentido.

6. *Ibidem*, p. 526.

7. *Kolonial'naia Revolioutsiia – opyt Turkestana*, Moscou, 1921, p. 125.

É uma questão mundial, e eu não exagero, mundial.

É preciso agir com um extremo rigor. Isto terá repercussões na Índia, no Oriente.[8]

Organismos especializados

Sabemos que havia chineses no congresso de fundação da Internacional Comunista, quase curiosidades. Entretanto, o trabalho comunista em direção à Ásia já tinha começado há muito tempo, de fato, desde a organização do trabalho em direção dos trabalhadores estrangeiros presentes no território soviético. Desde seu nascimento, em maio de 1918, a Federação dos Comunistas Estrangeiros se ligou ao desenvolvimento deste setor todo novo, concretizando seu esforço em dezembro pela criação de um birô central das organizações comunistas das nações do Oriente. O trabalho da Internacional Comunista nascente nesse terreno, com a participação ativa de intelectuais especializados que eram também militantes de longa data, conhecendo este tipo de trabalho, Mikhail Pavlovitch e Vladimir Vilensky-Sibiriakov, desembocou na criação de um organismo especializado, o secretariado da Internacional Comunista para o Extremo-Oriente, que foi estabelecido em Irkutsk, a partir de janeiro de 1921, sob a direção de Chumiatsky. Mencionamos o Birô do Turquistão. Um pouco mais tarde, em 1924, criou-se, para dirigir o trabalho colonial nos velhos países imperialistas, um "birô colonial" que não durou mais que um ano, sob a direção do indiano M. N. Roy.

Os primeiros partidos comunistas do Oriente

Como era de se esperar, apesar dos conselhos de prudência dos comunistas russos, os recém-chegados estavam muito apressados para constituir seus próprios partidos comunistas e muitos o fizeram a partir dos refugiados vivendo em território russo ou protegidos por tropas russas. De início, os turcos, que tinham em seu país uma tradição socialista. Já em junho de 1918, um estudante parisiense, militante socialista turco em 1908, na Rússia durante a guerra e convertido ao comunismo, Mustafa Subhi conseguiu organizar em Kazan uma conferência socialista de internacionalistas turcos cuja maior parte fora recrutada entre os prisioneiros de guerra. Em setembro de 1920, ele fundou o Partido Comunista Turco como partido legal no próprio país. A aventura terminou mal: como vimos, Subhi e 16 de seus camaradas foram mortos pela polícia turca e jogados ao mar ao largo de Trebizonde. Sabemos que o partido comunista nascente seria decapitado por uma repressão selvagem da polícia turca, que afogou pura e simplesmente os dirigentes presos. Tudo fica mais claro quando notamos que, pouco tempo antes, Subhi se permitiu aspirar ao poder, pois, dizia ele, os *kemalistas* turcos prefeririam deixar o poder aos operários e

8. Lénine, *Œuvres*, t. XLV, p. 284-285.

camponeses de seu próprio país ao invés de deixar aos imperialistas britânicos. As relações entre o Kemal e os soviéticos ficaram um pouco difíceis por um tempo. Não obstante, o comunismo continuaria na Turquia. De início, porque os outros grupos comunistas foram constituídos, notadamente a partir do grupo *Spartakus* formado durante a guerra em Berlim. Seus animadores, Şefik Hüsnü, que será Farouk – um ex-parisiense ligado ao grupo *Clarté* –, e Ethem Nejat, formado em Berlim, constituirão o Partido Socialista Operário, mais tarde Partido Comunista. Este partido estava ligado a outro "partido comunista", "A Maçã Verde", organizador de destacamentos de guerrilheiros do "Exército Verde", e animando uma Associação Operária da Turquia, ligada à Profintern, mas duramente atingida pela repressão. É preciso acrescentar aí os grupos clandestinos, partidos "socialistas" ou "comunistas" que apareceram em Ancara, em 1920. Salih Hacioğlu emerge.

Os militantes do Irã tinham um modelo, o Partido Socialista Turco Edalet (Adâlat); fundado em 1916, na clandestinidade. O animador aqui também foi um grupo de militantes iranianos na Rússia animados por Ahmed Sultan Zadeh (Sultanzadeh), que vivia na Rússia havia anos e era membro do partido russo. O quadro era fora do comum. A província de Ghilan era governada por Mirza Kütchik Khan, um veterano constitucionalista, chefe do movimento nacional-revolucionário, veterano da década de 1910 e das lutas em comum com Sergo Ordjonikidze. Shaqueiri o descreve como um chefe provincial antibritânico reconhecido por Moscou e M. N. Roy o qualifica de mulá, "bandido pintado de vermelho". Foi lá, depois da chegada ao porto de Enzeli de uma pequena frota soviética dirigida pelo famoso marinheiro de Kronstadt F. F. Raskolnikov, membro do Birô Oriental da Comintern, acompanhado de sua mulher, a escritora e jornalista comunista, a bela Larissa Reissner, que se constituiu a República Socialista Soviética do Ghilan. Foi no Ghilan, em Enzeli, em 20 de junho de 1920, que ocorreu o congresso constituinte do PC do Irã, pelo essencial o antigo partido Adalet, que mudou de nome e onde se enfrentam os novos comunistas de obediências diversas. Duas tendências se enfrentam, a de Sultanzadeh, para quem a revolução agrária era a condição absoluta de vitória, e a de Haidar Khan Amugli, apoiado por Stalin, escreve Cosroe Shaqueiri, que precisa que "ela iria tão longe quanto dizer: Se os *khans* [grandes proprietários] servem para alguma coisa, eles terão nosso apoio"[9]. A crise foi séria. Stalin acreditou ser possível designar um novo comitê central no dia seguinte ao Congresso de Baku, mas o Executivo da Comintern recusou-se a reconhecê-lo como representante do PC iraniano. A aventura – condenada anos mais tarde, na época stalinista, pela direção –termina, depois do misterioso assassinato de Haidar Khan Amugli, com a chegada ao Ghilan das tropas do novo ditador Reza Khan; a ocupação da província com o acordo dos soviéticos e o enforcamento de Kütchik Khan como "rebelde". O Executivo da Comintern conseguiu então somente reunificar o partido ao fazer entrar Sultanzadeh, Javadzadeh e os seus no seio do segundo CC.

O comunismo nasceu na Palestina pela ação de militantes socialistas emigrados

9. Encontraremos um resumo da história do PC neste período em C. Shaqueiri, "La social-démocratie en Iran", In: *Mazdek*, tirado à parte, p. 3.

que se voltaram para o bolchevismo, renegando o sionismo. Estes homens – Wolf Auerbukh, Yehel Kossoi, Yozef Barzilay, Eliahu Teper, N. Leschchinski, N. List – têm quase todos uma experiência revolucionária. Muitos deles desempenharam um papel importante na organização comunista no Oriente Médio, onde eles – paradoxo de hoje, mas realidade de ontem – encarnaram a Comintern durante anos. Foi em janeiro de 1922 que elementos da esquerda do partido *Poale Zion* fundaram o PKP (*Palestinishe Komunistishe Partey*), que iria conhecer a cisão com o nascimento, no ano seguinte, do KPP (*Komunistishe Partey fun Palestine*). Os dois partidos juntos tinham algo como 100 a 150 membros e contaram rapidamente com uma pequena fração operária no interior da central sindical Histadruth.

O Egito passou, em 1919, por uma verdadeira revolução, passada despercebida na época e ainda hoje pouco conhecida, pois os autores ocidentais aguerriram-se em falar somente de "revolução", as aspas estando carregadas de seu ceticismo e talvez de um certo desprezo. Foi uma verdadeira explosão social de cólera – onda gigantesca cujas mulheres, como a heroína Hoda Charaui, ocuparam algumas vezes o primeiro lugar. Ela foi provocada pela prisão dos dirigentes nacionalistas e seu exílio à Malta, dentre eles Saad Zaghlul, que acabava de fundar o partido *Wafd* ("delegação" em árabe) pela independência egípcia. O historiador Anuar Abd el-Malek escreve a respeito:

> O ano de 1919 viu os felás entrarem em ação por regiões inteiras, cortar as vias de comunicação, se apossar das terras e, ao redor de advogados e intelectuais revolucionários, proclamar em diversos lugares "repúblicas" efêmeras, ao exemplo da República de Ziftah, a uma hora do Cairo, a do deputado *wafdista* Yussef el-Guindi. [...] União entre os muçulmanos e coptas [...], união entre os trabalhadores – cujos sindicatos tomam um conteúdo ao mesmo tempo reivindicativo e político, sob a ação dos jovens advogados *wafdistas*, mas também de socialistas, notadamente de Antun Marun, que se tornará secretário geral da Federação dos Sindicatos – e da pequena-burguesia.[10]

Será preciso um grande esforço militar; a intervenção enérgica e generalizada do exército britânico para retomar a calma depois de dois meses de luta. Os dirigentes judeus da Rússia e os comunistas da Palestina mencionados anteriormente desempenharam um papel importante na criação e funcionamento inicial do Partido Comunista do Egito, constituído como "Partido Socialista-Comunista", em 1920, em Alexandria; tornado "comunista" em 1922; atingindo mais ou menos 150 membros. Aderentes à Comintern pela "filial grega", eles entraram em contato com Katayama em Moscou, aceitaram as 21 condições e foram admitidos na Comintern em 1923, ano em que eles recebem um emissário chamado Zamansky, em quem o historiador Ilyos Yannakakis acredita reconhecer F. F. Raskolnikov. Seus "pais fundadores" mais conhecidos são um judeu alemão germano-russo de nacionalidade italiana, Joseph Rosenthal, que morreu na Rússia aproximadamente

10. A. Abd el-Malek, *Égypte, société militaire*, p. 28.

em 1923; Yehel Kossoi que, segundo alguns, milita lá sob o nome de Mahmud Hosni el-Arabi – o que explicaria o desaparecimento deste último, se bem que Laqueur garante tê-lo reencontrado na Alemanha nos anos 1930, professor de línguas.

A célebre insurreição camponesa da Mesopotâmia, em março de 1920, chamou a atenção dos dirigentes da Comintern, que procuraram estabelecer contatos com o Iraque. Em fins de 1920, existia lá o círculo marxista de Nassíria. Foi feito um contato e dirigentes do levante deportados procuraram, em dezembro de 1922, a Comintern, que lhes respondeu por intermédio de Zinoviev dizendo-lhes a admiração que existia em Moscou por sua "luta heróica", mas criticando-lhes também pelas ilusões que eles nutriam quanto à SDN. Em 1924, um jovem professor de Bagdá, ex-estudante que viveu a revolução alemã de 1918-1919 em Berlim, Hussein Ar-Rahhal, e seu amigo Yussuf Zeinal, docente, fundaram um círculo marxista e um bimestral, proibido ao fim de um ano. Perante a repressão, eles mudaram de tática e fundaram um clube que chegou a organizar grandes manifestações antibritânicas. Parece que eles cessaram toda atividade depois de serem presos, em 1928.[11]

Problemas não faltaram entre a Internacional e esses partidos comunistas que não sabiam nada do comunismo e representavam países onde as camadas propriamente proletárias eram insignificantes, o que não impedia seus dirigentes de reclamar para si uma pureza doutrinal e um esquema obreirista rigoroso na revolução que eles acreditavam próxima. É notadamente para convencê-los que Lenin se empenha, no II Congresso na via da adoção e da inserção de emendas das teses "complementares" de M. N. Roy, o que tinha por objetivo provocar a discussão entre eles e a correção facilitada, num debate franco daquilo que o historiador russo Persitz chama de "esquerdismo" dos coloniais. Uns e outros, sobretudo turcos e iranianos, fundaram grandes esperanças sobre a força militar vermelha. Sultanzadeh escreve, em 1920, durante o II Congresso: "A revolução social não virá do Oriente para libertar a Europa, mas ao contrário, a Internacional Comunista deve vir em socorro às massas trabalhadores do Oriente para lhes facilitar o processo de revolução social".[12] Um pouco mais tarde, o comunista turco Mustafa Nafi escreve: "Os infelizes operários e camponeses turcos e todo o proletariado esperam o Exército Vermelho Bolchevique [...] que vai livrá-los do despotismo, da tirania e das intrigas dos paxás turcos que são mais capitalistas e imperialistas que os ingleses".[13]

É preciso dar um lugar à parte para os comunistas do Magreb, desde o Congresso de Tours, membros de "federações" da Argélia e da Tunísia do PCF. "Indígenas", como se dizia, aderem, mesmo que em pequeno número. Alguns serão enviados a Moscou para lá receberem uma formação militante. É o caso de Ahmed Bellarbi; de Ben Ali Bukort; de Ben Lekhal; de Ali Menuer; de Latrache, que se tornarão quadros, e de muitos outros.

11. Z. al-Dahoodi, "The Communist Movement in Irak, 1924-1945", In: *Amsterdam 1992*.
12. M. A. Persitz, *Revolutionaries of India in Soviet Russia*, p. 144.
13. *Ibidem*, p. 232.

Os comunistas indianos

A Índia fica muito longe e a conhecemos mal. Falou-se muito dela em abril de 1919, quando do massacre de Amritsar, chamado também de Jallianwallah Bag. Lá, o general britânico, Reginald E. H. Dyer, depois de cercar um ato ao ar livre não-autorizado de muitos milhares de pessoas, deu a seu soldados ordem de atirar, fazendo em algumas salvas 400 mortos e dois mil feridos. Em 5 de agosto de 1919, Trotsky, depois de ter constatado o fracasso temporário da revolução na Europa, dirigiu ao Comitê Central um memorando secreto. Ele preconizava a criação na região do Turquistão de uma Academia Revolucionária, que ele definia como "o quartel-general político e militar da revolução asiática, que poderia bem, no período que vem, se revelar mais eficaz que o Comitê Executivo da III Internacional". Ele propõe, além disso, a reunião nos Urais de forças militares importantes, notadamente de uma poderosa cavalaria de 30 mil a 40 mil homens. Ele explica a necessidade de um verdadeiro plano: "Toda a situação internacional está mudando de tal modo que a estrada em direção a Paris e Londres passa de agora em diante pelas cidades do Afeganistão, o Punjab e Bengala [...]. A preparação de um ataque contra a Índia para ajudar a revolução indiana pode somente ter um caráter preliminar e preparatório".[14] Este projeto não terá continuidade, salvo para servir mais tarde para acusar Trotsky de "esquerdismo" e de "aventureirismo".

De fato, mais ainda que os iranianos e os turcos, os indianos, cuja importância mundial todos estão de acordo, – fundamento da dominação britânica, pensam –, são para os bolcheviques um verdadeiro quebra-cabeça. De início, porque aqueles que vêm em direção a Moscou e à Internacional têm quase todos um passado político com idéias nacionalistas cristalizadas e também conflitos políticos ou pessoais que deixaram marcas em suas relações. Os nacionalistas indianos emigraram em massa antes da guerra e se espalharam pelo mundo ocidental, na Alemanha, na França, nos EUA. Alguns conheceram socialistas russos como Pavlovitch, em Paris. Os dos EUA fundaram lá o partido Ghadar. Porém, 1914 vai reuni-los em Berlim: onde seria melhor, pensam eles, prosseguir a luta de emancipação nacional que ao lado do adversário mais determinado do imperialismo britânico; quem é o pior inimigo? Lá está Mohammad Barakatullah, ex-professor em Tóquio, Virendranath Chattopadhyahya, cujo Comitê Revolucionário Indiano procura atingir os soldados indianos alistados no exército do Império Britânico, todas atividades que o governo alemão subvenciona de bom grado. Em 1915, uma missão partida de Berlim se instala em Cabul, no Afeganistão, e funda um governo provisório da Índia com Acharya. A partir de 1917, a maior parte dos líderes nacionalistas começa a se voltar para o socialismo e, depois da Revolução de Outubro, em direção aos bolcheviques, em quem Abdur Rabb Barq vê os inimigos da Grã-Bretanha e os partidários do princípio da autodeterminação. Mohammed Shafiq e Barakatullah, que sonham, para a Índia, uma "marcha de libertação de fora para dentro", vão para Moscou. Homens de retorno de Moscou, como

14. Trotsky, nota ao CC do PCR, 5 de agosto de 1919, *The Trotsky Papers*, v. I, p. 621-627.

Abdur Rabb Barq, fundam em Cabul a *Indian Revolutionary Association*, que começa a agrupar partidários em Tashkent. Mas, na mesma cidade, sob a proteção do birô da Internacional, Mohammed Ali e Mohammed Shafiq dirigem uma "seção indiana" desde abril de 1920.

O aparecimento de M. N. Roy

Então, um dos principais personagens entra em cena. Manabendra Nath Roy, 31 anos, nascido Narendra Nath Bhattacharya, é um ex-nacionalista e terrorista, que trabalhou com o governo alemão durante a guerra, depois passou um tempo nos EUA. Refugiado no México depois de uma prisão, ele se liga aos rebeldes apelidados de *slackers*, que serão o núcleo comunista neste país; depois é convertido ao comunismo por Borodin. A caminho de Moscou, ao fim de 1919, ele pára em Berlim e se liga de maneira durável com Brandler e Thalheimer, que lhe ensinam muito. Ele finalmente chega a Moscou com sua mulher, e sem dúvida inspiradora, Evelyn, dita também Sanda Devi, que ele conheceu em Stanford, e Abani Mukherji, 29 anos, que fora ganha ao comunismo pelos revolucionários indonésios e neerlandeses. M. N. Roy desempenha um papel importante no II Congresso da Internacional Comunista, onde ele participa da comissão colonial e representa o México. Sabemos o papel que ele desempenhou com a apresentação das "teses" às quais Lenin fez adendos suplementares adotadas ao mesmo tempo em que as dele.

É também lá o começo de uma luta fracional aguerrida entre pequenos grupos indianos – dos quais M. A. Persitz fez um relato detalhado – pelo reconhecimento exclusivo da Internacional, na qual M. N. Roy acredita ter ganhado a primeira batalha ao proclamar a formação em Tashkent, em 17 de outubro de 1920, de um "partido comunista" de uns 20 membros[15]. Moscou faz grandes esforços para unificar as frações indianas em luta. Convoca-se em Moscou uma conferência onde Chattopadhyahya, que anima o grupo rival de Berlim, vem escoltado por sua musa inspiradora, Agnes Smedley, então no começo de um longo percurso entre os dirigentes comunistas da Ásia, que fará dela uma próxima de Mao Zedong. Todavia, o resultado não é nada além de novas e violentas polêmicas fracionais[16].

Roy e o Partido do Congresso

Em contrapartida, a radicalização da situação na Índia leva o debate para o terreno. Ao longo de uma campanha de desobediência civil lançada por Gandhi, a multidão, em 4 de fevereiro de 1922, atacou o posto da polícia de Chauri Chaura, incendiou-o e linchou

15. Overstreet e Windmiller, *Communism in India*, p. 35.

16. *Ibidem*, p. 37.

muitos policiais: Gandhi suspende a campanha, interrompendo brutalmente uma radicalização crescente. M. N. Roy, num primeiro momento, enviou emissários indianos para a Índia, Shaufat Usmani e Nalini Gupta. Depois de seus primeiros fracassos, ele obtém do PC britânico o envio de um deles. Charles Ashleigh, que, mesmo preso, consegue estabelecer contato antes de ser expulso. Finalmente, os vínculos são estabelecidos. O contato é feito em Bombaim com o estudante Shripat Amrit Dange, autor de um livro intitulado *Gandhi e Lenin*, que um mecenas, o milionário algodoeiro Lotelawala, financia abundantemente. Os enviados de Roy descobrem em Bombaim um hotel e uma biblioteca para os estudantes do marxismo; um cotidiano em marati (*Induprakash*); um hebdomadário em inglês (*Socialist*). Um dos novos contatos, Ahmed Muzzaffar, publica em Calcutá um hebdomadário em bengali (*Janavani*). Ghulam Hussein, ex-professor, ex-emigrado em Cabul, publica em Lahore um jornal em urdu, *Inquilab*.

Pode-se dizer que, neste momento, M. N. Roy dispõe de elementos para a construção de uma organização comunista em escala nacional. Ele vai tentar utilizá-los, como o Executivo o aconselha a fazer, e, contrariamente a sua opinião pessoal, para uma operação de entrada no partido nacionalista, o Partido do Congresso. Seu livro *India in Transition* lhe serve de introdução. O plano de Roy consiste em se ligar de início à ala esquerda deste partido e àqueles dentre seus dirigentes que se opõem a Gandhi depois dos incidentes de Chauri Chaura e a parada brutal da campanha de desobediência civil. Ele conta muito com o presidente do partido, Chitta Ranjan Das, que se declarou em favor da "revolução, a mudança completa" e do *swaraj* (autogoverno) pelas massas. Os dois outros aliados importantes no Partido do Congresso são homens diferentes: Sampurnanand é um "nacionalista revolucionário" sincero e Singaravelu Chettiar se considera como um comunista e difunde neste partido de massas o jornal de M. N. Roy, *Advanced Guard*, tornado *Vanguard* em outubro de 1922. Finalmente, um jovem quadro do Congresso, bastante à esquerda, Subhas Chandra Bose, aceita um convite ao IV Congresso da Internacional Comunista.

Para a discussão do Partido do Congresso, que ocupa o verão e o outono de 1922, Roy elaborou um programa, que ele vai difundir amplamente: ele reivindica a independência nacional; o sufrágio universal; a abolição da grande propriedade; a nacionalização dos serviços públicos; os direitos de organização operária; salários mínimos; a jornada de oito horas; a instrução obrigatória; a abolição do exército permanente e o "armamento do povo inteiro para a defesa da liberdade nacional". De maneira um pouco surpreendente, Roy confia por escrito a Dange que ele não espera nem um pouco conseguir que o partido adote seu programa, mas somente provocar sua rejeição pela direção do Congresso que, assim, "iria se desmascarar".

O IV Congresso da IC saudou os resultados obtidos pelos comunistas indianos através de Radek, que citou a canção inglesa, *It's a long way to Tipperary*, de maneira mais reservada que Zinoviev, que fala de "grande passo avante". Não obstante, é um sucesso para Roy obter 120 mil libras esterlinas da comissão colonial para o trabalho na Índia. O debate de Gaya do Congresso indiano vai se desenvolver de maneira menos favorável. A

agência *Reuters*, alguns dias antes da abertura, publica o projeto de programa precisando que se trata de um trabalho preparado para este congresso pelo bolchevique Roy: compreende-se as inquietudes e o recuo daqueles que ele contava como aliados. C. R. Das vai fixar claramente suas distâncias com relação ao comunismo. O programa de Roy não encontra nenhum eco favorável, ao menos em público, e é objeto de escárnio por causa do recurso à violência que ele preconiza num país que, desde Gandhi, deseja-se o próprio templo da não-violência. É um grave revés para Roy e para seus camaradas, que logo em seguida sofrem uma nova explosão de querelas fraccionais.

Depois de sua derrota política no Congresso de Gaya, os comunistas vêem seus projetos brutalmente freados pela repressão. Esses revolucionários não parecem muito preparados para as técnicas da clandestinidade. Um dos homens de Roy, Shaufat Usmani, foi preso em 31 de maio de 1923 ao ir... ao correio procurar uma ordem de transferência que ele se enviou, de um montante de 25 libras! Outras prisões se seguem. Todo o trabalho político, desorganizado, desmorona. No começo do ano seguinte, algumas dezenas de dirigentes comunistas, dentre eles S. A. Dange, Ahmed Muzzaffar, Shaufat Usmani, vão responder perante o tribunal de Meerut à acusação de "conspiração" no caso conhecido como "de Cawnpore".[17] É o fim da primeira época do comunismo indiano. Serão precisos anos para que ele se recomponha parcialmente e as lutas fraccionais continuam seus estragos. Isto não impede que os dirigentes russos do partido e da Internacional invoquem, em primeiro lugar, durante anos, a Índia quando se trata da revolução no Extremo Oriente[18].

O começo do comunismo chinês: na China

A China foi sacudida pela Revolução de Outubro, enquanto revolução e despertar nacional. Ela vivia, havia muitos anos, logo depois de sua primeira revolução, um extraordinário movimento intelectual e cultural em que se exprimiam as profundas aspirações a uma sociedade democrática e livre rompendo com a China rotineira e subserviente que se acreditava o "Império do Meio" e que alguns clamavam ainda a grandeza e a superioridade. Os meios intelectuais conheciam a maior efervescência. Mais do que os outros, eles permitem medir o retardamento do país, a amplitude da tarefa de reajuste. O grande professor Chen Duxiu dirige a revista *A Jüventude*, depois *A Nova Juventude* (*Xing Qingnian*). Este último é o verdadeiro criador da nação chinesa reencontrada, o pai da China moderna, o homem que permitiu, por seus trabalhos, a utilização por escrito da língua vernacular e assim a abertura a todo o povo da instrução e da cultura. Ele serve de centro à reunião de todos os elementos esclarecidos e progressistas, democratas e inimigos dos privilégios, partidários de uma educação aberta e de uma instrução científica.

17. Overstreet e Windmiller, *op. cit.*, p. 46-67.

18. *Ibidem*, p. 39-45.

Jovem professor tornado diretor da biblioteca da Universidade de Pequim, o historiador Li Dazhao, engajado no mesmo movimento, do qual ele é um dos cabeças, funda com seus estudantes os primeiros círculos de estudos marxistas do país. Ele tem 30 anos quando publica, em 15 de novembro de 1918, em *Xing Qingnian*, um artigo intitulado "A vitória do bolchevismo". No outono de 1919, ele avança um passo com uma série de artigos retumbantes intitulados "Meu ponto de vista marxista".

Nesta data, era possível contar nos dedos aqueles que, na China, conheciam a existência de um teórico chamado Marx. Li Dazhao é o primeiro chinês a se enveredar pelo caminho do marxismo. Peng Shuzhi, um jovem comunista de quem ele gostava muito, pinta um retrato atraente daquele que ele chama amigavelmente de Shuchang, este homem que o atingiu pela "simplicidade de todas suas atitudes e por uma espécie de candura que evoca mais uma grande criança que um intelectual de alto vôo":

> É um homem de grande altura. Sua barba é bem espessa. Seus olhos têm um brilho brando, mas sob grossas sobrancelhas [...] 35 anos. Um grande calor luminescente, o de sua generosidade [...]. Somente por sua presença, ele dissipa a tristeza e faz calar as querelas. Mas, o que me fascina nele é esta mistura de filósofo racionalista e de poeta lírico que raramente encontramos".[19]

É dentre os estudantes, com o apoio direto e o incentivo da autoridade moral dos intelectuais – dos quais Chen Duxiu, 40 anos, é a alma – que explode e depois se dissemina a humilhação do Tratado de Versalhes, que subordina ao Japão as legítimas aspirações chinesas, o famoso Movimento de 4 de Maio. Este orgulhoso movimento da juventude eletriza a China. Chen Duxiu já era o maior intelectual chinês do século. Peng Shuzhi nos dá assim um retrato afetuoso:

> É um homem já de idade madura: tem pouco mais de 40 anos. Altura mediana, testa grande, pequeno bigode, dentes bem alinhados, descontraído, alerta no mais alto grau, olhos fervilhantes de inteligência, ele é a própria vida, ele tem uma presença absolutamente extraordinária. Grande intelectual, extremamente seguro de si, seu desembaraço é tal que, ele chega perto da desenvoltura. Falador dos mais brilhantes, cativando imediatamente seus interlocutores em conversas de caráter informal, ele não deixa de rechear o que conta com piadinhas, traços de espírito, anedotas engraçadas. Ele se diverte com tudo, arrebenta de rir por um sim ou por um não e faz chorar de rir todos nós que os escutamos. É um verdadeiro piadista. Entretanto, ele parece menos à altura quando se trata de uma discussão política, seu discurso partindo um pouco então em todos os sentidos. E ele consterna seus amigos quando fala em público. É um péssimo orador.

No começo atrasado em relação a Li Dazhao, Chen Duxiu lhe alcançou rapidamente. Peng Shuzhi descreveu essa "perseguição" à sua maneira:

> Não contente em ter proclamado que o "militar-estatismo" e o "plutocracismo" devem "ser eliminados agora" em razão dos "crimes inumeráveis que evidentemente eles cometiam por todo lado", não contente de ter descrito o mundo futuro como aquele em que não regeria nem a lei do mais forte, nem a lei do lucro, ele preconizara a criação de um "movimento popular pela transformação da sociedade" ao declarar que ele "rompia definitivamente com todos os partidos e frações políticas de ontem e de hoje" no começo de dezembro de 1919. Não satisfeito, dizendo de outra forma, de ter denunciado as desfeitas do imperialismo e do capitalismo e de ter exaltado os méritos de uma sociedade socialista, ele percebera a necessidade da construção de uma formação revolucionária de um tipo inteiramente novo, menos de sete meses depois do 4 de maio.[20]

Dezenas de jovens sensíveis e entusiastas vão se engajar na via para a qual lhes chamam Li Dazhao e Chen Duxiu: a maioria morrerá jovem e de maneira atroz.

O começo do comunismo chinês: com Moscou

Na época, o comunismo era a Rússia. O movimento operário chinês nasceu comunista do Movimento de 4 de Maio, ao mesmo tempo em que aparecia o marxismo sob a forma que lhe deram os bolcheviques russos, através de trabalhos como *Os partidos políticos na Rússia e as tarefas do proletariado*, de Lenin, de abril de 1917, e *O Manifesto da Internacional Comunista aos proletários do mundo*, de março de 1919, que tinha o título de *Manifesto do novo Partido Comunista*. Uns 20 outros textos foram publicados em seguida, entre 1919 e 1921 pela primeira editora, clandestina, do PC chinês, *Renmin Chubanshe*. Sobre a primeira floração provocada por estes textos, Trotsky iria dizer em 1924, num discurso aos estudantes da Universidade dos Povos Oprimidos do Oriente:

> A força e a significação do bolchevismo consiste em que ele faz apelo às massas exploradas e oprimidas e não às camadas superiores da classe operária. É por isto que o bolchevismo é assimilado pelos países do Oriente, não por causa de suas teorias, que estão bem longe de serem inteiramente compreendidas, mas por causa de seu espírito de liberdade e de emancipação. Seu jornal nos diz que o nome de Lenin é conhecido não somente nos vilarejos do Cáucaso, mas nas partes mais recônditas da Índia. Vocês sabem que os operários da China, que provavelmente nunca leram nada de Lenin, são irresistivelmente atraídos para o bolchevismo. Tal é a poderosa influência de um grande movimento histórico! Eles sentem no mais profundo de seus corações que é um ensinamento que se dirige aos oprimidos e aos explorados, às centenas de milhões para quem ele é a única salvação. É por isto que o leni-

19. Peng Shuzhi, *L'Envol du communisme en Chine*, p. 307.

20. *Ibidem*, p. 361.

nismo encontra um eco apaixonado entre as mulheres trabalhadoras que são a parte mais explorada da sociedade.[21]

Entretanto, o fato de que o marxismo tenha penetrado na China sob a forma do bolchevismo do pós-1917 tinha, além disso, outras conseqüências de longo prazo: tratava-se então de um *corpus* teórico que integrava a teoria de Trotsky da "revolução permanente", à qual Lenin se ligou depois de fevereiro de 1917. O historiador russo A. V. Pantsov, especialista no estudo comparado do comunismo na Rússia e na China, insiste em sua comunicação inédita ao Congresso Internacional dos Historiadores em Montreal, em 1995 sobre o fato de que a idéia central dos primeiros marxistas chineses é a da revolução socialista nos países atrasados: "A *intelligentsia* progressista chinesa somente reteve, dentre as diferentes correntes socialistas, aquele do bolchevismo, no coração da qual se encontrava na época o conceito trotskista de revolução permanente". Ele explica assim a forma tomada então pelo movimento: "Depois de ter aceitado a idéia da revolução permanente, os trotskistas chineses começaram sua penetração no seio do movimento operário. [...] Em que pese as incríveis dificuldades, os primeiros membros do PC chinês, no começo dos anos 1920, tentavam preparar os operários avançados chineses para a organização do Outubro chinês".[22]

Os primeiros contatos

Para a realização desse objetivo, são precisos contatos entre os russos e os chineses em revolta. Eles vão se produzir. Os russos dizem entre eles e dirão aos chineses que foi Lenin em pessoa que pediu que se tome contato com estes professores respeitados que desempenharam um papel tão importante no Movimento de 4 de Maio (Li e Chen). Será trabalho do birô da Internacional instalado havia pouco em Irkutsk.

O primeiro emissário na China é um ex-professor de russo da Universidade de Pequim, Gogonovkin. Ele coloca a questão brutalmente a Li Dazhao, de início, depois a Chen Duxiu. Chamando-os de "camaradas", ele lhes diz que eles devem fundar o Partido Comunista Chinês. Inicialmente, espantados e incrédulos, os dois homens hesitam antes de responder positivamente: eles chegam a conclusão de que, com efeito, é a única saída. Gogonovkin volta com seu acordo de princípio. Pode-se, então, enviar à China um político[23]. O Birô de Irkutsk designa então o jovem comunista desconhecido de 27 anos, que estudou nos EUA, depois combateu na Sibéria durante a guerra civil, Grigory Zarkhin,

21. Trotsky, "Perspectives et tâches en Orient", discurso pronunciado em 21 de abril de 1924, na KUTV, publicado em *Zapad i Vostok, Voprosy Politiki i mirovoi revokiutsii*, Moscou, 1924, p. 3, trad. inglesa, *Leon Trotsky speakers*, p. 198-208; aqui p. 205-206.

22. A. V. Pantsov, *Rapport au congrès de Montreal, op. cit.*, p. 11-12.

23. Peng Shuzhi, *op. cit.*, p. 163-166.

dito Voitinsky, pronunciado em chinês como Wu Tingkang, e que assina Bisheng. Ele fala somente russo e inglês. Também, além de sua mulher, ele vai acompanhado em sua viagem por seu intérprete, um chinês que viveu na Rússia uns dez anos desde sua adolescência, Yang Mingzhai, que vai desempenhar um verdadeiro papel militante. Todos os três chegam em fins de março-começo de abril de 1920[24].

Como seu predecessor, Voitinsky encontra de início Li Dazhao em Pequim; depois vai a Xangai, onde Chen Duxiu ocupou-se com a direção do ensino. Voitinsky é um militante entusiasta, convicto e eficaz. Ele é estimado e amado pelos militantes chineses que o entornam e que ele ajuda. Estes militantes chineses, são homens do 4 de Maio, professores primários e estudantes, para quem Chen Duxiu se volta para lhes propor continuarem o que eles empreenderam juntos, ao construir um partido comunista chinês, que seria, assim, a continuação de uma outra forma desse grande movimento. Em meados de julho, Voitinsky cria em Xangai a Liga Socialista dos Jovens, que permitirá enviar estudantes ao seio do movimento Trabalho e Estudo, na França e na Alemanha, para se familiarizar com o movimento operário, o marxismo, os partidos e a Internacional Comunista. Cria-se também um clube de pesquisa marxista em Pequim, bem amplo e bem aberto, e um círculo de estudos marxistas de alto nível em Xangai, assim como uma escola de línguas dirigida por Yang Mingzhai. O grupo inicial se dissemina. Xangai ainda publica a revista de Chen Duxiu, *Xin Qingnian*, um jornal para os operários, *Laodong je* (O mundo operário), difundido de início a muitas centenas de operários e o jornal clandestino *Gongchandang* (Comunismo). Depois, Chen Duxiu vai a Cantão dirigir pessoalmente o trabalho[25].

As trocas se fazem de agora em diante em dois sentidos. Qu Qiubo, um estudante avançado, tornado jornalista, discípulo e colaborador de Chen Duxiu, passa por Irkutsk e toma contato com o Secretariado da Internacional para o Extremo Oriente antes de ir parar em Moscou. Depois, é a partida de Peng Shuzhi e de um pequeno grupo[26]. Peng Shuzhi escreve que, no caminho para Moscou, onde ele vai cursar a faculdade, ele encontra Viktor Dalin, dirigente dos *Komsomols*, membro do Birô de Irkutsk, um jovem historiador da Revolução Francesa que é também membro do Birô da IC depois de ter sido clandestino em Odessa, em 1918, onde já o encontramos[27]. Sem dúvida, há aqui uma confusão da parte de Peng entre Viktor e Serguei Dalin, ambos da direção da JC, ambos futuros oposicionistas. Serguei tendo sido um dos dois que teve contatos seguidos com a China e foi para lá por diversas vezes. No começo de 1921, chega um próximo de Chen Duxiu, intelectual revolucionário, dirigente da juventude socialista da China, Zhang Tailei, 23 anos, intérprete de alto nível, que passa por Irkutsk antes de chegar a Moscou[28]. Ao chegar, ele diz que acabou de participar em Xangai, com Chen Duxiu e outros, de uma reunião

24. *Ibidem*, p. 173.

25. *Ibidem*, p. 206-211.

26. *Ibidem*, p. 287-290.

27. *Ibidem*, p. 257.

28. *Ibidem*, p. 287-288.

onde fora debatida a questão de saber se era preciso ou não criar um partido comunista apesar das parcas forças – algumas dezenas de homens – que estavam disponíveis no momento para tal objetivo. Peng apreciou bastante esse "grande rapaz dos mais convictos e dos mais convincentes". Muitos estudantes já partem, nos marcos de Trabalho e Estudos, para a França, onde eles poderão estudar o marxismo ao mesmo tempo em que trabalham na fábrica. Entre os viajantes, encontramos nomes que se tornarão célebres: Liu Shaoqi, Peng Shuzhi, Cai Hesen, Li Lisan, Zhu Enlai. Em Berlim também existem estudantes chineses, dentre os quais Deng Xiaoping, depois Zhu Enlai.

Fundação do Partido Comunista Chinês

O Birô do Extremo Oriente da Internacional forçou a proclamação formal de um partido comunista? Parece provável, apesar de que a decisão não seja indiscutível. As condições de sua tomada foram precárias. Os principais dirigentes, Li Dazhao e Chen Duxiu, não puderam participar. Seus debates foram interrompidos pela ameaça da vinda da polícia francesa do bairro da Concessão Internacional e eles terminaram num barco[29]. Tratava-se, aqui, da constituição na China de um núcleo comunista organizado, em ligação com a Internacional, tarefa dificílima nas condições da época nesse país dividido pelas rivalidades das Potências e dos grupelhos militaristas dos senhores da guerra. Os que a empreendiam parecem estar convencidos de sua urgência, em que pese a terrível fraqueza de seus meios e de seus efetivos: 70 membros, no máximo, nos grupos ao redor de Chen Duxiu na região de Xangai. Somente a Juventude Comunista conhece um desenvolvimento rápido e Serguei Dalin vem estudá-la e apoiá-la.

Peng Shuzhi, em suas memórias, ironiza vivamente as falsificações cometidas a respeito do congresso de fundação no tempo de Mao Zedong, de quem ele afirma que todo o mundo sabia de que se tratava. Sigamo-lo: o congresso ocorre no começo e não no fim de julho, ele contava com 13 delegados e não com doze. Seu papel principal não foi desempenhado, como queriam os autores da época de Stalin e Mao, por Mao Zedong e Dong Biwu, mas pelos tenentes de Chen Duxiu, Li Da e Li Hanjun. Peng Shuzhi insiste muito. Este congresso não foi, para ele, nada além de um momento no processo de constituição do partido tal como havia começado em Xangai e prosseguiria em Pequim, Cantão e alhures.

Missão de Maring

Um outro emissário da Internacional, o neerlandês Henk Sneevliet, chamado Maring, 38 anos, que trabalhou e militou muito tempo na Indonésia, partiu para Pequim em

29. *Ibidem*, p. 226-227.

abril de 1921 e vai condicionar o futuro próximo do PC chinês. Ele constata, com efeito, que o Birô de Irkutsk somente trabalha com quem ele conhece, a China do norte, de quem se espera que o senhor da guerra da Pequim, o general Wu Peifu, vá reconhecer a república russa de Tchita. Para o pessoal de Irkutsk, Sun Zhongshan (Sun Yat-Sen), o chefe do governo de Cantão, nacionalista e reformador, não é nada além de um sonhador. É verdade que seu governo, cuja autoridade repousa sobre o acordo dos diversos senhores da guerra, é suficientemente precário para ser expulso de Cantão duas vezes em três anos. Ora, Maring descobre o governo de Cantão, Sun Zhongshan, o pai do nacionalismo chinês, e seu partido, o Guomindang. Ele sabe pouca coisa sobre a atividade dos comunistas e fica chocado com o caráter grupuscular de sua organização. Ele vê a China com suas lentes indonésias. Ele escreve em seu relatório para o Executivo.

> Em julho de 1921, representantes dos grupos locais se reuniram em Xangai e decidiram formar um partido comunista e se ligarem à Comintern, mesmo que fosse preferível continuar como um grupo de propaganda. O partido deveria trabalhar na ilegalidade. Pediu-se ao camarada Chen Duxiu que largasse seu trabalho em Cantão e tomasse a direção política do partido. O partido publicou uma revista comunista mensal, regularmente, e uma propaganda regular para a organização sindical foi encomendada nos centros de Xangai, Cantão e Pequim. [...] Algumas brochuras comunistas foram traduzidas para o chinês. A Conferência de Xangai em julho foi interrompida brutalmente por causa das medidas que a polícia francesa estava realizando. O camarada Chen [...] veio a Xangai no final de agosto, depois que os representantes do Komintern o convidaram a se ocupar do trabalho político na pequena seita comunista. Um secretariado operário foi fundado em Xangai [...]. Já que o Partido Comunista trabalhava somente na ilegalidade, ele não teve nenhum sucesso notável [...]. Nas instruções que o camarada Nikolsky recebera de Irkutsk, dissemos a ele para assistir a todas as conferências da direção do partido. Os camaradas chineses não aceitaram; eles viam nisto uma tutela e tivemos dificuldades.[30]

O resto da estadia de Maring na China foi consagrado a uma grande viagem ao sul, que foi realizada com Zhang Tailei, e que foi, para ele, por todas as evidências, a parte mais importante de sua viagem à China. Ele explica: "Em Xangai, eu tive uma idéia bem pessimista do movimento na China e de suas possibilidades. Descobri no Sul que um trabalho frutífero é possível e podemos alcançá-lo".[31] Seu relatório ao Executivo sobre o Guomindang é particularmente interessante, em que pese que singularmente parcial numa descrição destinada, evidentemente, a puxar a brasa para a sardinha de suas proposições. Ele distingue no partido nacionalista quatro tipos de membros:

30. O texto do relatório de Maring sobre a China foi apresentado em *China Quartely* por H. R. Isaacs, que nos autorizou a reproduzir os excertos mais importantes deste texto datado de 11 de julho de 1922. A referência está nos *Cahiers Léon Trotsky*, n. 15, p. 77-88, setembro de 1983, aqui p. 81-82.

31. *Ibidem*, p. 83.

1. A *intelligentsia* dirigente. São principalmente homens que participaram da Revolução de 1911. Muitos deles conheceram o socialismo no Japão ou na França e se dizem socialistas. Sun Zhongshan é um deles: ele me disse pessoalmente que se considera um bolchevique. Um grupo de três de seus colaboradores publicou durante algum tempo em Cantão uma revista marxista mensal. Este trabalho só foi interrompido quando a expedição do Norte foi organizada. Encontrei igualmente muitos oficiais entre os contatos que tive, que manifestaram um grande interesse pela Revolução Russa e a organização do Exército Vermelho.
2. Os emigrantes. São os elementos capitalistas no Guomindang. Esses chineses sempre financiaram o partido: eles esperam que ele realize a unificação da China; o estabelecimento da lei e da ordem; a eliminação da influência dos senhores da guerra que combatem entre si e a defesa da independência da China da dominação estrangeira. A burguesia chinesa instalou-se nas colônias do exterior e começou só recentemente a fundar na própria China sociedades capitalistas. Ela não tem objetivos políticos próprios claros. Os dirigentes do Guomindang não podem realmente exprimir as necessidades deste grupo.
3. Os soldados do Exército do Sul. Esses elementos desclassificados, que vivem em condições desfavorabilíssimas, juntaram-se parcialmente ao partido, mesmo que alguns generais sejam contra a organização política dos soldados. Os jovens oficiais que pertencem ao Guomindang fazem propaganda entre os soldados e o próprio Sun Zhongshan, depois de sua chegada a Guilin, discutiu os objetivos da organização Guomindang em muitas reuniões e citou expressamente o exemplo do Exército Vermelho russo em suas entrevistas.
4. Os trabalhadores. Sun Zhongshan há muito tempo tem contato com os trabalhadores, principalmente da província do Guangdong e entre os emigrantes; os dirigentes deste partido apoiaram a organização dos sindicatos em Cantão e, durante as greves, ficaram ao lado dos operários. Vi claramente, ao longo de uma grande greve de marinheiros em janeiro deste ano, quão estreito era o vínculo entre os operários e o Guomindang. A greve toda foi dirigida por membros desta organização política; os grevistas participaram das manifestações deste partido e toda ajuda financeira provinha do Guomindang. Ao passo que o Partido Comunista em Cantão não tinha a menor ligação com os marinheiros em greve e não apoiavam a greve, porque o partido, lá, pensava que só poderia militar na ilegalidade, os vínculos entre o Guomindang e os grevistas eram tão estreitos que aproximadamente doze mil marinheiros de Cantão, Hong Kong e Shantou tornaram-se membros deste partido.[32]

Os trabalhadores se sublevam

O encontro entre Maring e Sun Zhongshan abriu ao menos, inicialmente, horizontes a este último. Em 28 de agosto de 1921, apresentando-se como o chefe do governo nacional, ele escreve a Tchitcherin:

32. Relatório Maring, *loc. cit.*, p. 84.

Estou extremamente interessado em sua obra, em particular na organização de seus sovietes, de seu exército, de sua educação. Gostaria de conhecer tudo o que você mesmo e outros podem me ensinar, em particular sobre a educação. Como Moscou, gostaria de implantar profundamente os alicerces da República da China nos espíritos das jovens gerações que são os trabalhadores de amanhã. Com os meus melhores votos para você, para meu amigo Lenin e para todos os que tanto trabalharam pela causa da liberdade humana.[33]

Nos meses que se seguiram à fundação do Partido Comunista Chinês, assistiu-se a um desenvolvimento tempestuoso do movimento operário, marcado por uma série de grandes greves em cujo Secretariado do Trabalho, criado pelo PCCh e confiado a Zhang Guotao e Li Qihan, desempenha um papel considerável, mas cujo apoio massivo do Guomindang, que organiza numerosas greves, é o fator principal. A greve dos marinheiros de Hong Kong, apoiada pelo Guomindang e pelo governo de Sun Zhongshan, dura de 12 de janeiro a 5 de março de 1922. A vitória dos grevistas dá um impulso ao movimento operário que se concretiza pela realização, de 1° a 6 de maio, do I Congresso Panchinês do Trabalho, aberto a todas as organizações operárias da China. Os meses que se seguem vêem aparecer numerosas organizações sindicais ou parassindicais, dentre as quais o célebre Clube Operário de Anyuan, nas zonas hulheiras[34]. O movimento de organização toca as diferentes corporações, trabalhadores das estradas de ferro, dos metalúrgicos, de têxteis. Uma impetuosa ascensão sacode o país.

O impulso vai ser temporariamente abalado pela feroz repressão desencadeada, em 7 de fevereiro de 1923, pelo senhor da guerra de Pequim, Wu Peifu – até lá considerado como um aliado em potencial por Moscou – contra a greve dos ferroviários do Jinghan. O ataque do exército fez naquele dia dezenas de mortos. O dirigente sindicalista Lin Xianqiang é decapitado na frente da estação depois de ter recusado mais uma vez dar a ordem de retomar o serviço. O jovem advogado – comunista – dos grevistas, o notável Shi Yang, foi condenado à morte e fuzilado em 15 de fevereiro[35].

Maring e o Guomindang

Nesta data, que marca evidentemente o fim das ilusões que o Birô de Irkutsk tinha quanto às possibilidades de um acordo limitado com Wu Peifu, a situação dos comunistas chineses já tinha mudado muito. É Maring ainda quem explica porque, em seu relatório ao Executivo:

Deixei Xangai em 24 de abril (1922), depois de algumas conversas com os membros do CC do

33. Citado em Lénine, *Œuvres*, t. XLV, p. 747, n. 545.
34. Jean Chesneaux, *Le mouvement ouvrier chinois de 1919 à 1927*, p. 262-273.
35. *Ibidem*, p. 553-554.

Guomindang. Sugeri a nossos camaradas abandonar suas reservas com respeito ao Guomindang e começar sua atividade política no interior dele pelo intermédio do qual poderíamos mais facilmente ter acesso aos operários do Sul e aos soldados. O pequeno grupo não teria que renunciar à sua independência; muito pelo contrário, os camaradas devem decidir o conjunto da tática que eles utilizarão no interior do Guomindang. Os dirigentes do Guomindang me disseram que eles autorizam a propaganda comunista no interior de seu partido.
Nossos camaradas eram contra esta idéia. As perspectivas da propaganda para esses pequenos grupos são particularmente magras enquanto eles não quiserem se unir ao Guomindang.[36]

Anos mais tarde, tornado novamente Sneevliet, tendo deixado o PC e a Comintern, ele explica a Harold R. Isaacs como ele chegou a idéia da entrada dos comunistas no Guomindang por sua própria experiência em Java e a entrada dos social-democratas no movimento *Sarekat Islam*:

O *Sarekat Islam* era a primeira forma de organização de massa em Java. Ela fora constituída em 1911 e tinha um caráter misto, econômico, social e religioso. Ela era dirigida contra a exploração dos javaneses pelos proprietários europeus açucareiros. Esta organização de massa tinha, como sua ala esquerda (centrada em Samarang), uma formação que aceitava a propaganda da associação social-democrata das Índias que eu tinha ajudado a organizar e a desenvolver sua própria propaganda sobre a linha da luta de classes. Tal propaganda tinha um forte apoio do *Sarekat Islam* e isso principalmente durante os anos de guerra de 1914-1918. O resultado foi que, no congresso de 1918, a declaração de princípios aceitou a idéia da luta contra "o capitalismo cheio de pecados".
O contato com a esquerda do *Sarekat Islam* criava a possibilidade de organizar os sindicatos operários sob a direção de nossos homens, cujo mais importante era o dos ferroviários. Os elementos puramente nacionalistas, que se opunham à influência crescente de nossa propaganda socialista, seguiam o exemplo do desenvolvimento de sindicatos e criavam os seus. A forma solta de organização do *Sarekat Islam* permitia um crescimento rápido da influência de nossos social-democratas indonésios, javaneses e malaios. A tal ponto que os sindicatos foram criados até no exército, no tempo da guerra.[37]

Numa época em que ele poderia ser tentado a jogar sobre outros ombros a responsabilidade dessa operação, ele comenta, destruindo a lenda de um "plano" da Comintern para investir o Guomindang do qual ele seria somente o executor: "O risco que corríamos não era grande. A forma de organização do Guomindang era solta e existia a possibilidade de avançar nossas idéias no movimento nacionalista e de desenvolver um movimento de massas revolucionário e antiimperialista".[38] De volta a Moscou via Marselha, Maring se

36. Relatório Maring, *loc. cit.*, p. 88.
37. "La question chinoise", In: *CLT*, p. 89-94, aqui, p. 91.
38. *Ibidem*, p. 92.

encontrou longamente com Radek, que lhe pareceu mais interessado pelas questões militares e diplomáticas que pelas que concerniam o Partido Chinês. Ele volta para a China com a missão diplomática de A. A. Ioffe.

Em agosto de 1922, o Comitê Central do PC chinês, reunido em Hangzhu, decidiu a entrada individual dos membros do partido no Guomindang. Ela é apresentada como uma decisão tomada sob pressão da Comintern. Numerosos são os militantes em desacordo: Peng Shuzhi, mas, sobretudo, Zhang Guotao. Provavelmente, sem se dar conta, o emissário do Executivo acabava de abrir um novo capítulo na história da Comintern, onde se confundem abertamente as exigências da construção de um partido comunista e as da diplomacia soviética.

A colaboração sino-russa

Para os soviéticos foi um sucesso estrondoso. Doravante, eles vão desempenhar o papel de aliado privilegiado do governo de Cantão – para onde Sun acaba de voltar –, em suma, um retorno ao palco mundial. Ele é, do ponto de vista revolucionário, tão carregado de conseqüências que ninguém parece tê-las percebido então. A declaração comum declara sobre o terreno dos princípios:

O Dr. Sun Zhongshan pensa que o sistema comunista, e mesmo o dos sovietes, não pode ser introduzido na China, onde não existe condição favorável à sua aplicação. Tal sentimento é inteiramente compartilhado pelo Sr. Ioffe, que pensa que o problema mais importante e mais urgente para a China é o de sua unificação e o de sua independência nacional. Ele garantiu ao Dr. Sun Zhongshan que a China tem toda a simpatia do povo russo e pode contar com o apoio da Rússia nesta grande empreitada.[39]

Mas, ao mesmo tempo, não estaria a política do Partido Comunista Chinês seriamente limitada? O comunismo chinês entra em uma nova etapa de sua história. Seu III Congresso, em junho de 1922, aprova a colaboração com o Guomindang. Zhang Tailei acompanha o general Jiang Jieshi (Tchang Kai-Tchek) em suas negociações em Moscou sobre a colaboração militar de setembro a novembro de 1923. Em setembro de 1923, Mikhail Borodin – que já encontramos diversas vezes – chega na qualidade de conselheiro de Sun Zhongshan, enviado pelo Partido Russo. Ele é o conselheiro de uma comissão de nove membros para a reorganização do Guomindang, de que participam também Li Dazhao e Tan Pingshan. Zhu Enlai torna-se responsável político da escola de cadetes do exército de Sun dirigida por Jiang Jieshi, a Academia Militar de Huangpu (Whampoa). Na primavera

39. A versão original da declaração em inglês apareceu em *North China Herald*, 3 de fevereiro de 1923, p. 189. A primeira versão chinesa datava de 15 de janeiro de 1923. A primeira edição nas *Izvestia* censurou a frase segundo a qual a China não estava madura para o comunismo.

de 1924, vão chegar os conselheiros militares dirigidos num primeiro momento por uma das esperanças do Exército Vermelho, o jovem Pavel Andreievitch Pavlov.

Um certo número de notáveis nacionalistas, e Jiang Jieshi em particular, começam a se preocupar com o lugar que ocupam os comunistas, e com suas possíveis conseqüências. Antes e durante o congresso do Guomindang de janeiro de 1924 – cujo relato muito vivo nos deixou o conselheiro soviético Tcherepanov –, dá-se no Guomindang um conflito duríssimo entre a direita, cujo porta-voz mais freqüente é Hu Hanmin, e os partidários da aliança russa, cujo defensor é Liao Zhongqai. Contudo, sua morte, em março de 1925, e o assassinato de Liao Zhongqai pela instigação da direita, em agosto, vão revelar a fragilidade do sistema.

O nascimento do partido no Japão

Sendo bons marxistas, os dirigentes da Internacional estavam infinitamente mais preocupados com o Japão, potência industrial e Estado moderno onde uma revolução proletária parece-lhes ter chances razoavelmente próximas de vencer, à diferença do oceano rural, que era a China desmembrada. Aliás, é provavelmente no Japão que apareceram os primeiros intelectuais marxistas asiáticos, de quem os comunistas chineses e indianos foram discípulos. Para além do mercado, a Comintern dispunha, com relação ao Japão, de um trunfo particularmente precioso na pessoa de um veterano do socialismo nesse país, Katayama Sen, que tinha 57 anos no momento da Revolução de Outubro.

Mais militante que teórico, ele fora um dos principais organizadores dos primeiros sindicatos no Japão no final do século XIX, depois um agitador socialista bem conhecido. Todos os socialistas sabiam que no congresso da Internacional em Amsterdã, em 1904, ele se pronunciou vigorosamente na tribuna contra a guerra russo-japonesa e se lembravam do aperto de mão que ele e o delegado russo Plekhanov, símbolo do internacionalismo dos socialistas contra a guerra, trocaram. O Japão encontrara em Amsterdã muitos homens que, logo em seguida, trilhariam caminho em direção à III Internacional, a começar pelos tribunistas holandeses, dentre eles S. J. Rütgers e, evidentemente, Rakovsky. Finalmente, ele emigrou para os EUA em 1914. Lá, chamado por Rütgers para Nova York, ele se encontrou no centro da tendência de esquerda do SPA com Louis Fraina, de quem ele foi bem próximo, o próprio Rütgers e os refugiados russos, Trotsky, Kollontai, Bukharin. A revolução russa o havia preenchido de entusiasmo e chamava-se de "os bolcheviques" o grupo de uma quinzena de jovens japoneses que eles ganharam entre os emigrantes de Nova York e para quem ele era, simples e respeitosamente, "Rojin" (o Velho). Todos se convenceram rapidamente da necessidade de se construir no Japão um verdadeiro partido comunista.

Foi assim que, em maio de 1919, aquele dentre seus discípulos que ele julgava o melhor, Kondo Eizo, embarcou para São Francisco sobre o *Korea Maru* em direção a Tóquio, a fim de estabelecer contatos para preparar a fundação em seu país de um verdadeiro partido comunista. Katayama continuou em Nova York, intermediário necessário para

as ligações que poderiam ser feitas diretamente entre Tóquio e Moscou e que ele logo fará passar pelo intermédio do Birô de Amsterdã da Internacional Comunista de seu velho camarada Rütgers.

Não parece que naquela época a Comintern houvesse encontrado de seu lado contatos japoneses. O primeiro japonês que aparece em sua história, independentemente do grupo de Katayama-Kondo, é o único delegado japonês no Congresso de Baku, em setembro de 1920, membro de seu *Presidium*, Yoshikawa Gentaro, um ex-IWW na América cuja biografia ulterior não pôde ser reconstituída, mesmo que o localizemos em seguida em diversos encontros internacionais. A tarefa de Kondo no Japão não se revela fácil. Ele briga, numa clandestinidade rigorosa, com outros indivíduos ou grupos que se recusam a dar espaço a uma formação nova e ambiciosa. Alguns, evidentemente, conhecem Katayama há muito tempo. Os principais são o anarcossindicalista Osugi Sakae; o socialista avançado Sakai Toshihiko; o teórico marxista Hitoshi Yamakawa, ambos condenados à prisão em 1908, e Arahata Kanson, anarquista de origem. Não obstante, perspectivas aparecem com a possibilidade de uma ajuda material da Internacional Comunista. No verão de 1920, estes homens se colocam de acordo para se unificar numa Liga Socialista em que cada um será livre para defender seus pontos de vista.

No outono de 1920, Osugi vai a Xangai para participar de uma conferência socialista do Extremo Oriente na qual Voitinsky está presente. Ele é bem crítico com respeito aos bolcheviques e a sua política russa, mas aceita participar, com o dinheiro que lhe remete Voitinsky, na criação de um jornal japonês cujo redator-chefe será Kondo. No começo de 1921, com efeito, aparece o jornal *Rodo Undo* (Movimento Operário). Este primeiro passo acarreta outros. Na primavera de 1921, Kondo consegue fazer muitos socialistas de esquerda e seus grupos se interessarem pela formação de um partido comunista: Sakai, Yamakawa e Arahata aceitam lhe mandatar para que ele vá procurar fundos junto aos emissários da Internacional. Ele parte para Xangai. Lá, é recebido por uma comissão especial da Comintern, composta por doze chineses e coreanos e presidida por Djishun Pak. Ele apresenta um relatório sobre a situação do movimento no Japão, seus projetos e suas necessidades. A comissão lhe remete 6.300 ienes (aproximadamente três mil dólares), para as despesas de organização e de propaganda no Japão. Além disso, ela o convida – com um camarada de sua escolha – a representar seu país no III Congresso da Internacional. A prisão de Kondo, quando de seu retorno ao Japão, complica as coisas, ainda mais pelo fato de que ele levava consigo uma grande soma e que a situação está tensa entre marxistas e anarquistas, ao ponto que a Liga Socialista explodiu e a polêmica pública pegava fogo. Finalmente, aparece uma nova formação, o Partido Comunista Operário (literalmente, Partido Comunista "das pessoas do amanhecer"), sobre o qual Kondo, sem ilusões, vai fazer o comentário seguinte: "Enquanto nebulosa informe, este partido era o produto de uma mistura confusa de socialistas, anarquistas e social-democratas [...], uma etapa inevitável no desenvolvimento do movimento revolucionário no Japão".[40]

40. Citado por S. Langer, *Red Flag in Japan*, p. 12.

O Congresso dos Povos do Oriente

Pouco depois chega clandestinamente ao Japão o chinês Zhang Tailei – que já encontramos em Irkutsk e em Xangai. Ele leva dinheiro e os convites para os grupos revolucionários, solicitando-os que eles enviem seus mais jovens elementos ao congresso dos povos do Extremo Oriente, que deve ocorrer em breve. O primeiro delegado que deixa o Japão é um discípulo de Katayama, o jurista Kyushi Tokuda. Esse congresso é também a hora da glória de Katayama, que vai a Moscou de trem, vindo de Paris via Berlim, em 14 de dezembro de 1921. Ele é acolhido com as solenidades devidas aos chefes e a afeição devida aos velhos lutadores, por uma multidão entusiasta que conta com muitos asiáticos e também velhos amigos, uma guarda de honra do Exército Vermelho, um discurso fraternal de Trotsky em pessoa e uma delegação de dirigentes em que figuram Zinoviev, Kalinin, Lunatcharsky e Radek. É, sem dúvida, sua apoteose. Em todo o caso, é uma de suas últimas viagens. Ele morreu na URSS em 1933. Curiosamente, Moscou trata Katayama como jamais tratou Chen Duxiu, personagem de uma envergadura completamente diferente, entretanto, e, sobretudo, de uma significação totalmente diferente em seu país.

O Congresso dos Povos do Oriente ocorre em dois tempos: uma sessão preliminar, em Irkutsk, ao final de 1921, depois o congresso propriamente dito, que se abre em Moscou em 21 de janeiro de 1922 e dura dez dias. O grosso dos delegados são os chineses (42), os japoneses (14) e os coreanos (52). Mas, há também mongóis, javaneses, filipinos, em menor número é verdade. Considerado como a seqüência do Congresso de Baku, ele seria melhor classificado como seu equivalente do Extremo Oriente. Dentre os delegados chineses, a título do Guomindang, o cantonês Huang Liangshuang. Os dois principais oradores russos são Zinoviev e Safarov, que Peng Shuzhi, um dos cinco delegados chineses, qualifica em suas memórias de "estrela ascendente do mundo intelectual soviético, muito erudito e muito cortês", apelidado "Bukharin II".[41] Ambos insistem no papel central do Japão na revolução mundial. Zinoviev explica que "a resposta para a questão do Extremo Oriente está no Japão"; o que Marx disse sobre uma revolução européia sem a Grã-Bretanha vale para o Extremo Oriente: uma revolução sem o Japão é uma tempestade numa taça de chá. Três milhões de operários industriais e cinco milhões de camponeses sem-terra responderão às questões colocadas pela história, mesmo se hoje os elementos conscientes dentre eles fossem contados em centenas".[42] Safarov o repete ao falar da China: "É preciso ganhar para o campo da revolução as massas camponesas. O movimento operário chinês ainda está aprendendo a andar. Nós não construiremos castelos nas nuvens para um futuro próximo, nós não esperamos que a classe operária chinesa tome essa posição de comando que os japoneses, por seu lado, são capazes de conquistar num futuro próximo".[43]

41. Peng Shuzhi, *op. cit.*, p. 297.

42. *The First Congress of the Toilers of the Far East*, p. 21 e seguintes.

43. *Ibidem*, p. 166.

Dois dos delegados japoneses que tomam a palavra são jovens elementos: Kyushi Tokuda e Takase Kyoshi. Porém, a verdadeira discussão, segundo Peng, ultrapassa os delegados orientais e continua confinada aos russos. Katayama é eleito para o Executivo, onde será encarregado das questões do Extremo Oriente. A delegação inteira é recebida pelo Comissário às Nacionalidades, Stalin. Alguns dos delegados, tanto japoneses como chineses, continuam em Moscou para fazer o curso da Universidade Comunista dos Povos do Oriente, os outros voltam por um longo périplo em estrada de ferro que os conduz, via Baikal, até Vladivostok.

No intervalo, a situação mudou. A difusão de um panfleto antimilitarista desencadeou a repressão. Kondo e muitos outros estão presos. Os jovens, que retornaram entusiasmados do congresso, não se desencorajam. Encontram os antigos um por um e conseguem finalmente o consentimento de Sakai, Arahata e Yamakawa. Em 5 de julho de 1922, criou-se o Partido Comunista no Japão. No dia 15, seu primeiro congresso numa casa de Tóquio, elege um comitê central de sete membros, mistura de velhos e jovens.

O começo do PC japonês

O começo do jovem partido promete. De início, em *Zen-ei* (Vanguarda), Yamakawa explica a necessidade de uma guinada no movimento operário. É preciso agir pela defesa cotidiana dos oprimidos. Os comunistas japoneses se empenham resolutamente na ação sindical e alguns jovens militantes operários como Nabeyama Sadakashi, de Osaka, e Watanabe Masonosuke, que acabavam de organizar o sindicato *Nanka* em Tóquio, tornam-se dirigentes conhecidos. Eles obtêm também um sucesso sem precedentes nos meios intelectuais, particularmente na juventude estudante. Uma de suas figuras de proa é o economista Sano Manabu. A federação estudantil é dirigida pelo jovem comunista Yoshio Shiga. No IV Congresso, em seu relatório, Zinoviev se mostra otimista: "Temos no Japão um pequeno partido que, com a ajuda do Comitê Executivo, se unificou com os melhores elementos sindicalistas. É um partido jovem, mas é um núcleo importante, e o partido comunista japonês deve agora escrever um programa."[44]

De fato, o partido japonês era um partido frágil. Militares e policiais o atacarão com um golpe de terror – particularmente brutal, é verdade. Aproveitando a ocasião do pânico que se sucedeu ao terremoto de Tóquio de 1° de setembro de 1923, eles deslancham, em nome da ordem, uma operação criminosa sem precedentes contra os "indesejáveis", na primeira fileira da qual eles colocavam os sindicalistas e os comunistas. Há milhares de prisões. Uma dezena de dirigentes sindicais são fuzilados sem julgamento. Osugi, preso, é estrangulado em sua cela por um capitão da polícia militar. E, finalmente, os dirigentes, abalados pela repressão que se abateu sobre seus camaradas e pela espera de sua

44. *Protokoll des IV. Kongress*, p. 51.

vez que sob a angústia e o medo, decidem, em março de 1924, a autodissolução do Partido Comunista – um gesto sem precedentes.

Outros partidos do Oriente

Não sabemos muita coisa do Partido Socialista Coreano, que fora fundado em Vladivostok, em abril de 1919, e que enviou ao II Congresso da Internacional três delegados, entre eles Djishun Pak. É deste partido que nasceu, em 1920, o Partido Comunista Coreano, cuja adesão a Comintern aceitou e que Djishun Pak representou por diversas vezes em suas instâncias. Provavelmente, não existiu partido comunista propriamente dito, somente comunistas sem partido, na Coréia dominada. Em emigração, seus quadros se encontravam em parte em Irkutsk, em parte em Xangai, onde eles estabeleceram um "governo no exílio". Não podemos dar explicação para o número extremamente elevado de delegados coreanos no congresso dos povos do Oriente, de janeiro de 1920; sabemos somente que havia entre eles numerosos camponeses e, podemos supor, também trabalhadores emigrados.

Mais anteriormente, foi tratado da fundação do PKI, o Partido Comunista Indonésio, através da organização nacionalista *Sarekat Islam*. É em março de 1920, sob a impulsão do comunista neerlandês Baars, camarada de Sneevliet-Maring, que ele se constitui sob a direção de dois javaneses, Darsono e Semaun. Ele é formalmente admitido na Internacional no mês de novembro seguinte. Ele será, então, a União Comunista das Índias (*Perserikatan Komunist di India*) e se tornará *Partai Komunis Indonesia* em 1924, sem mudar as iniciais.

No IV Congresso da Comintern, um de seus delegados, Ibrahim Tan Malakka, distingue-se de início ao se recusar a ter seu tempo de fala limitado depois de uma viagem que durou 40 dias. Ele garante, em seguida, que a denúncia do pan-islamismo, sob a forma como foi feita no II Congresso, é equivocada e que ela permite isolar os comunistas e os boicotar em seu país. Sua conclusão é clara: "O significado do pan-islamismo nas Índias sob o jugo das potências imperialistas mundiais, é isto que nós propagamos. [...] Nós queremos apoiar a guerra nacional, queremos também apoiar a guerra de liberação de 250 milhões de muçulmanos muito agressivos e ativos, contra as potências imperialistas. E, faço novamente a pergunta: devemos apoiar o pan-islamismo neste sentido?"[45]

Ocorreram no PKI fortes tensões depois do retorno aos Países Baixos de seu dirigente, Semaun, que, influenciado pelos comunistas neerlandeses, explica que não é preciso forçar a barra naquilo que concerne à luta pela independência, o que é entendido por muitos como uma renúncia a tal luta. O Partido Comunista tem uma real influência sobre os trabalhadores. Em outubro de 1921, constituiu-se em Java um "centro sindical revolucionário" que anunciou sua adesão à ISV. Os delegados dos sindicatos dos ferroviários indonésios estão em Moscou quando da III Conferência dos trabalhadores do transporte do comitê internacional de propaganda. Os ferroviários de Java fazem greve em maio de 1923 para protestar contra a prisão de seu presidente, Semaun, que é também dirigente do PKI. Os comunistas têm também forte posicionamento entre os trabalhadores do mar.

45. *Protokoll des IV. Kongress*, p. 189.

A verdadeira guinada da pré-história do PKI se situa, entretanto, em fevereiro de 1923, com a cisão do *Sarekat Islam*, de onde se separa – em que pese a reprovação do Executivo da Comintern – uma organização controlada pelo pessoal do PKI, o *Sarekat Islam* vermelho, "*Sarekat Rakjat*", dirigido notadamente por Hadji Misbach, um muçulmano religioso e anarquizante. O PKI se encontra, portanto, na contra-corrente na Internacional.

O primeiro comunista do Vietnã é também o mais conhecido, Nguyen Tat Thanh, tornado célebre sob o nome de Ho Chi Minh. Partindo aos 21 anos para uma volta ao mundo, chegou a Paris na época da Revolução de Outubro e ficou entusiasmado com ela. Tentou reivindicar no Congresso de Paz de Versalhes a igualdade de direitos para os vietnamitas. Delegado no Congresso de Tours, ele tornou-se comunista. Em fevereiro de 1922, participou do congresso dos explorados do Extremo Oriente em Petrogrado, com um outro vietnamita, ex-mecânico da marinha francesa, amotinado, que cumpriu dois anos de trabalhos forçados, Ton Duc Thang, já mencionado precedentemente, que lhe sucedeu em 1960 à frente da República Democrática do Vietnã. Em 1923, ele está em Moscou, delegado no I Congresso da Krestintern, membro de seu Executivo, passa um ano estudando na Universidade dos Povos do Oriente de Tashkent e é nomeado plenipotenciário do Executivo junto ao Birô do Extremo Oriente de Xangai da Comintern, fundado em 1922.

Relatórios dos serviços ocidentais apontam a existência de dois Thais pertencendo à sua rede que desempenham um papel na Comintern, em 1923. Um delegado das Filipinas toma parte, em 1922, no Congresso de Petrogrado. Em 1924, um emissário da Comintern vai estabelecer contatos lá.

Outros países e continentes atingidos

Para a África, os contatos foram buscados essencialmente nas metrópoles dos impérios coloniais, particularmente em Londres e em Paris, onde se encontram depois da guerra estudantes e trabalhadores originários das colônias. Durante o primeiro período, eles são pouco numerosos: contudo, vemos aparecer verdadeiros quadros saídos das colônias ao longo do trabalho de fraternização no Ruhr, com o argeliano Ben Lekhal e o senegalês Lamine Senghor, dois jovens homens ambos chamados para desempenhar um papel importante num movimento ainda embrionário. Lembremos também, sem poder dar mais indicações, que uma série de contatos parece ter sido tomada na África Oriental pelo famoso Iakov Blumkin, agente do IV Birô do Exército Vermelho, ex-secretário de Trotsky e emissário da Comintern. Ignoramos se foi por ele que o sudanês Matar integrou bem cedo o movimento comunista, o que o permitiu desempenhar um papel importante quando da Revolta do Rife – ou se foi pela Suíça.

Balanço de uma arrancada

Os cinco primeiros anos da Internacional Comunista viram-na ser obrigada a inovar enormemente e de improvisar na Ásia. Diferentemente da Europa, sobre onde até então havíamos consagrado nossa atenção, a Comintern encontrava-se na Ásia, num terreno novo, virgem de toda tradição social-democrata certamente, mas também de toda tradição propriamente operária e isto não era forçosamente mais fácil. Os "esquerdistas" dos partidos turco e iraniano, simpáticos em seu ardor de neófitos, os nacionalistas da véspera que vêm das Índias e pedem armas e soldados que eles bem negociam junto do Império Alemão, são também elementos simpatizantes de Moscou, mas, na realidade, nacionalistas saídos da sociedade antiga e que não conseguiram uma implantação demasiado nova para nascer de um transplante.

Os desenvolvimentos no Japão são infinitamente mais surpreendentes. Sem adotar os raciocínios marxistas mecanicistas de um Zinoviev, é preciso admitir que pessoas como Safarov e ele tinham razão em acreditar num futuro revolucionário para os milhões de operários e de camponeses pobres do Japão. Além disso, a Era Meiji já tinha permitido aos japoneses obter acesso a idéias relevantes do socialismo através dos homens de uma certa estatura, Katayama Sen, até mesmo o reformista Suzuki Bunji. A ascensão de um jovem partido japonês entre os intelectuais e, sobretudo, a juventude, o desenvolvimento tempestuoso dos sindicatos operários, o caráter decidido e duro das greves de empresa, tudo parecia de início justificar as esperanças colocadas no Japão pelos dirigentes da Internacional. Porém, existe a rachadura brutal do fim: os dirigentes comunistas que se recusam a se expor e a expor muito tempo seus camaradas a uma repressão cuja selvageria literalmente os nocauteou. É preciso, sem dúvida, recorrer a uma análise profunda dos traços culturais japoneses para compreender esta pane trágica que atingiu tão profundamente a Internacional num terreno onde ela esperava de tudo, menos o que aconteceu.

Para a Comintern, em todo o caso, é a destruição de uma concepção de mundo através de uma de suas partes, de um plano que parecia natural, de uma ordem das coisas, e o convite a improvisar em condições pouco favoráveis. Ora, parece-nos que a direção da Internacional – basta ver Radek, "especialista da China", conversar com Maring – ficou acima de tudo confusa com esta carta chinesa que ele não esperava. Ela vê bem que, neste imenso país, pode-se com proveito manobrar sobre o plano político militar, mas é preciso, de agora em diante, elaborar uma política e improvisar uma linha sobre uma idéia de Maring a partir de uma experiência feita em Java e que todo o mundo ignorava. Acrescentemos sómente que a confusão que ameaçava desde então de se produzir entre a política do Partido Comunista Chinês e a do Guomindang, entre a política exterior da URSS e as exigências da revolução chinesa expressas pela Comintern, não foi abertamente revelada – que ela não o foi para ninguém, mesmo que depois das declarações de Sun-Ioffe, independentemente da explicação que demos a elas, fora exposta em praça pública.

Uma enorme contradição

Esta confusão torna-se particularmente grave se fizermos o balanço dos primeiros anos de poder soviético nas regiões orientais. Ela aparece, sobretudo, nos escritos de Safarov, incontestável especialista das questões orientais, mestre de seu objeto, membro do Executivo, um dos primeiros a ter dado o alarme da gravidade da questão nacional nos territórios ligados ao poder de Moscou. Ao contrário das realidades orientais, Safarov é, sem dúvida, um dos primeiros com Rakovsky a descobrir a nova maneira com que se colocava a questão nacional nos territórios conquistados pelo Exército Vermelho e a combater os "colonizadores socialistas", que ele acusa de proclamar que "todas as particularidades nacionais são preconceitos contra-revolucionários e que não reconhecem os preconceitos nacionais das nações dominantes". Ele desenvolve, em 1921, num artigo sobre "A evolução da questão nacional", uma linha original, muito clara:

> Nossos colonizadores russos não se diferenciam em nada dos socialistas burgueses da Internacional amarela. Combatê-los é combater a influência burguesa sobre o proletariado, burguesa, tão radicais quanto sejam as formas sob as quais ela se manifesta. Se transportarmos tal e qual a revolução socialista para os países atrasados, obteremos somente um resultado: unir as massas exploradas com seus explorados numa luta comum pela liberdade do desenvolvimento nacional. Nestes países, as nacionalizações e as socializações têm quase tanto fundamento quanto poderia ter a nacionalização da minúscula lavoura dos pequenos camponeses ou a sola dos sapateiros.[46]

Para ele, as massas do Oriente têm, como principal inimigo, as classes ricas que lhes impedem de dispor livremente de seu trabalho, reduzindo-lhes a uma semi-servidão de trabalhadores da terra, privando-lhes de seus parcos ganhos, mantendo solidamente fora de seu alcance seu próprio privilégio de instrução:

> Para os trabalhadores dos países atrasados, a democracia burguesa não pode representar nada além de um reforço da dominação tradicional e desta semifeudalidade, semiburguesia. [...] Contra todos estes males, o único remédio são os sovietes de trabalhadores que, ao agrupar os explorados, devem colocar fim à ilegalidade das classes, dar a terra aos pobres, livrar o artesão dos usurários intermediários, libertar os trabalhadores das corvéias e dos impostos, empreender a instrução das massas e o melhoramento radical de suas condições de existência, tudo isto às expensas do Estado. Todo este programa não comporta nenhum caráter comunista. É somente depois que ele puder ser realizado que poderá começar a preparação comunista entre os povos atrasados.[47]

46. G. Safarov, "L'évolution de la question nationale", cópia datilogafada de um artigo do *Bulletin communiste*, p. 4.

47. *Ibidem*, p. 5.

Ele volta sobre esta questão em 1921, num estudo intitulado "O Oriente e a Revolução". Seu ponto de partida, desta vez, é não somente a experiência das repúblicas nacionais sobre o território do ex-Império Russo, mas "o despertar revolucionário dos povos coloniais e das nacionalidades oprimidas do Oriente: Índia, China, Pérsia, Turquia, etc."[48] Esses países, explica ele, tiveram a via de seu desenvolvimento histórico cortada pelo imperialismo europeu e foram colocados fora da revolução técnica. O capitalismo europeu não revolucionou lá os meios de produção: "Ele não fez nada além de erigir sobre o regime feudal-patriárquico que tinha se constituído ao longo dos séculos sua própria superestrutura na forma de burocracia imperialista, de uma agência comercial do capital europeu e de uma indústria de 'importação européia'".[49] Ele colocou as mãos nas melhores terras, reforçando a exploração da população agrícola; matou a indústria artesanal local pela introdução dos produtos manufaturados, religando à terra os sem-trabalho através de imigrações com taxas de mortalidade apavorantes.

Vindo à história recente, Safarov constata que a guerra mundial restringiu os fundamentos da economia mundial e, sob a máscara hipócrita de "mandatos", reforçou a tendência à ocupação militar das colônias atrasadas. A explosão da Revolução Russa fez aparecer aos olhos dos povos do Oriente a possibilidade de uma aliança: "A larga via da história mundial viu a colisão entre o capitalismo e seus herdeiros direitos, os proletários revolucionários e seus bastardos, os povos oprimidos. O capitalismo dividiu a Humanidade em nações dominantes e nações oprimidas. A revolução realizou a união dos trabalhadores das nações dominadoras com a maioria das nações oprimidas".[50] Estudando o desenvolvimento do movimento dos sovietes através das lutas nacionais no ex-Império Russo, o autor conclui que a questão nacional termina por se colocar como uma questão de desigualdade de classe e que somente a organização soviética é capaz de responder – igual a Comuna para a população parisiense, de 1871, "forma estatal extremamente flexível", como sublinhou Karl Marx – às necessidades da autonomia nacional e da diferenciação de classes.

O problema era que, em 1923, o movimento soviético não estava no primeiro plano dos objetivos da luta, nem mesmo na URSS, onde os sovietes foram esvaziados de todo conteúdo e onde se assistia ao progresso dos "colonizadores socialistas"; nem nos países do Oriente, como na China, onde a declaração comum de Sun Zhongshan e de Ioffe tinham precisamente acabado de excluir a forma soviética como forma estatal possível neste país. Por outro lado, a Comintern sentia a necessidade de controlar de mais perto o que se passava no Oriente próximo ou distante. Mustapha Haikal mostrou como ele se deu os meios institucionais, ao criar, no dia seguinte do IV Congresso, um órgão especializado, o Departamento do Oriente, freqüentemente chamado *Ostburo*[51]. Seu primeiro responsável foi

48. G. Safarov, "L'Orient et la révolution", In: *Bulletin communiste*, n. 17, 28 de abril de 1921, p. 286.

49. *Ibidem*.

50. *Ibidem*, p. 287.

51. M. Haikal, "Das internationale Kolonialbüro der Komintern in Paris", In: *Jahrbuch für historische Kommunismusforschung 1993*, p. 126-130.

Radek, que será substituído em 1924 por Voitinsky, depois por Raskolnikov (Petrov). Ele se compõe de três seções: África do Norte-Oriente Próximo (Turquia, Egito, Síria, Palestina, Marrocos, Tunísia, Argélia, Pérsia), Ásia do Sul e do Sudeste (Índias Britânicas, Índias Neerlandesas, Indochina) e Extremo Oriente (Japão, Coréia, China e Mongólia). Há uns 20 colaboradores[52].

A Comintern e a América Latina

Ao mesmo tempo em que se dão estes eventos, o movimento comunista nasce e se desenvolve na América Latina. Para dizer a verdade, é um processo quase independente da Comintern, para quem a América Latina é, sem dúvida, uma terra de luta nacional, todavia contra forças imperialistas secundárias – salvo para Trotsky, os EUA ainda não suplantaram, aos olhos dos dirigentes, o imperialismo britânico como inimigo número um – e, certamente, não uma terra da revolução social. Ora, a América Latina estava sendo conquistada pelo imperialismo dos EUA e, por outro lado, ele entrou, com a Revolução Mexicana – e não somente as imagens burlescas de Pancho Villa e Emiliano Zapata –, na era das revoluções. Estes dois homens, cujas mortes marcavam a derrota momentânea da revolução mexicana, não esperaram – mas foi por pouco – o nascimento dos partidos comunistas no mundo. Até 1928, os partidos comunistas na América Latina surgem e se desenvolvem não somente independentemente uns dos outros, porém, sobretudo, independentemente da órbita da Comintern que, em atraso com sua informação sobre o mundo, ignora toda a realidade econômica, social e política que os cerca e com a qual eles se alimentam.

Os partidos da América Latina que, a partir de 1920, dirigem o olhar em direção a Moscou, são bem diferentes daqueles que fazem a mesma coisa a partir da Europa. Certamente, em países onde se desenvolve uma certa indústria, o Chile, a República Argentina e, numa certa medida, o México e o Brasil, existem grupos operários, por assim dizer, "importados" da Europa pelos imigrantes, que podem alimentar seus aderentes de idéias democráticas e socialistas. Não obstante, são forças secundárias ao lado daquelas fomentadas pelo populismo – no sentido primitivo e normal, latino-americano – e do aventureirismo atrás de um *caudillo*. Tais forças populares, principalmente no campo, vêem na revolução russa uma irmã mais velha: o general revolucionário mexicano Francisco J. Múgica, então ministro, dirigindo em 1940 uma mensagem a "Don León" (Trotsky), não garantia que se colocaria às ordens deste último quando estourasse a revolução permanente? Bem próximos destes últimos estão os que chamamos, como na Espanha, os "anarcossindicalistas", por falta de um vocábulo melhor, forças de choque, que sabem por vezes exprimir a cólera das massas e seus objetivos imediatos com uma vontade de vencer mesmo que custe a morte. Tudo isto junto não faz um partido e ainda menos um partido comunista, que era o que importava quando a questão era a Comintern. Com certeza, pode-

52. RTsKhIDNI, 495/154/131 e 495/54/226.

mos falar de "enxerto", como alguns disseram a propósito do bolchevismo sobre o movimento operário social-democrata da Europa ocidental, mas, trata-se aqui de um enxerto de natureza completamente diferente, a de um aparato, já seriamente burocratizado, sobre massas relativamente primitivas, politicamente falando, em que há, entretanto, pontos de apoio como o prestígio do *caudillo* ou a resolução dos problemas com o argumento da pistola. Provocadores, José Allen, no México, começaram a trabalhar bem cedo.

Há, entretanto, nos partidos dos países mais desenvolvidos, operários socialistas e intelectuais de vanguarda que se desenvolveram independentemente, enquanto grupos marxistas, esforçando-se para alimentar o marxismo da realidade latino-americana e que enfrentam, por vezes, os debates europeus ao pesar cada argumento numa balança teórica de precisão. O que acabou de ser dito vale para um punhado de homens que tentaram, no isolamento com relação ao mundo, desenvolver-se em força revolucionária ao assimilar a experiência russa sobre a base de seu próprio contexto e embasamento. É o caso do tipógrafo chileno Luis Emilio Recabarren, que se suicida em 1924. Ele conduzira seu partido ao comunismo e, depois de sua morte, foi apresentado para o pessoal da Comintern como um "pequeno-burguês". É também o caso do peruano José Carlos Mariátegui, que militou na Itália, latino-americanizador do marxismo, do argentino José Penelón, ele também criador de um partido autêntico, que se voltou contra a união sagrada e a guerra mundial. Porém, os que partem não chegam. Depois dos malabarismos da Comintern, que manda ao México, por exemplo, encarregado incompetente atrás de encarregado incompetente, as direções que se estabilizam no meio dos anos 1920 são as dos "bolchevizadores": o agente de execução Vittorio Codovilla toma, na Argentina, o lugar de José Penelón, que reivindica a liberdade de discussão e o direito de divergência.

Mudança de objetivo

Ao passo que as seções da América Latina se ligam cada vez mais à Comintern, em que aparecem novas seções, produz-se um fenômeno de assimilação que desempenha o papel de "revelador". A atividade impulsionada pelo Birô Sul-Americano que começa a desempenhar um papel, através do enviados da Comintern, em particular o suíço Jules Humbert-Droz, permite precisar o papel que este último designa para os partidos comunistas deste continente, que não são para ela partidos de vanguarda. Contudo, é uma tendência geral que se esboça já através das ordens e das diretivas transmitidas pelo Executivo: procura-se calcar a política da Comintern sobre a da diplomacia soviética, ou mais exatamente de adaptar-se a ela e de lhe dar um apoio objetivo. É nos anos que se seguem, a partir de 1924, que este fenômeno atingirá toda sua amplitude, em escala mundial.

Enquanto isto não chega, podemos sonhar: é neste movimento comunista em plena crise permanente, mas audacioso e vivaz, que aparecem poetas cujas reputações sobreviverão a suas mortes: os brasileiros Otávio e Laura Brandão e, sobretudo, o turco Nazim Hikmet.

A crise do Ruhr

O ano de 1923 é um ano de crise. Crise na URSS, com as primeiras dificuldades sérias desde a instauração da NEP. Crise internacional, com a decisão dos governos da França e da Bélgica de ocupar a região do Ruhr, em 10 de janeiro de 1923, e o com o chamado do governo alemão à "resistência passiva". Crise econômica e social sem precedentes na Alemanha. E durante todo esse tempo, crise do Partido Comunista Alemão. Crise do Partido Bolchevique. E, para terminar, crise da própria Internacional. No ponto de partida, encontra-se o problema das reparações devidas pela Alemanha aos Aliados em virtude do artigo 231 do Tratado de Versalhes.

A questão das reparações

A justificação das reparações se encontra nas destruições da guerra, notadamente nas regiões ocupadas e naquelas que serviram de campo de batalha, e no direito dos vencedores. São os argumentos martelados pelos governos francês e belga. Os governos inglês e americano não compartilham deste ponto de vista. Os governos alemães sucessivos tentaram se furtar ao duro fardo que atinge a atividade econômica, fragiliza, segundo eles, a situação social e faz da Alemanha um vassalo de seus vencedores, principalmente seu credores mais importantes e mais impacientes, os governos francês e belga – e são estes que vão provocar a crise.

Diversas conferências internacionais já tinham atacado o problema sem nunca resolver a questão de fundo. Vimos a primeira conferência de Londres decidir, em represália ao atraso de um pagamento, pela ocupação temporária de Düsseldorf e de Duisburg. Uma renegociação, na segunda conferência de Londres, fixou as reparações – sem levar em conta a substituição dos valores destruídos – em 132 bilhões de marcos-ouro, pagáveis em

anuidades de dois bilhões, acrescidas de uma indenização igual a 26% das exportações alemãs. O governo alemão solicita, desde 1922, uma moratória, que o governo francês recusa, e Poincaré, em 10 de janeiro de 1923, decide, junto com o chefe do governo belga, aquilo que eles chamam de "a tomada de uma caução produtiva", a ocupação do Ruhr. O que está em jogo é considerável. Os grandes bancos franceses, a *Union Parisienne*, o Banco de Paris e dos Países Baixos e a *Société Générale* tocam a música. Os enormes envios de carvão impostos à Alemanha são destinados às indústrias da região norte da França que estão sendo reconstruídas e às fundições adquiridas na Lorena. Ao mesmo tempo, a Grã-Bretanha não vende mais seu carvão. Os franceses insistem muito para receber coque metalúrgico e a indústria alemã está em falta de minério. É a uma verdadeira hegemonia francesa sob um bloco econômico franco-alemão que poderia se chocar com a Grã-Bretanha, que perderia, dessa maneira, importantes mercados externos para sua metalurgia. Esse projeto encontra firmes partidários em todos os postos-chave da política francesa, a começar pelo líder da direita parlamentar, o ex-presidente da República, o loreno Raymond Poincaré.

Ele tem para a Alemanha um plano político que ele chamará de "separatismo renano". Desde 1919, as autoridades supremas da ocupação na Alemanha, o presidente da alta comissão interalida na Renânia, Paul Tirard, e o general Demetz, comandante das tropas do Palatinado, encorajam a criação de um Estado renano, separado da Alemanha, que seria a base territorial de um Estado vassalo, concretização política de um truste franco-alemão dominando a Europa. É nos meios empresariais, com o banqueiro Hagen, o industrial Otto Wolff, que se recrutam seus principais partidários, dentre eles, Gilbert Badia designa o prudente prefeito de Colônia Konrad Adenauer. Mas seus projetos se chocam com a resistência britânica e, sobretudo, estadunidense.

O governo dos EUA, proclamando que era preciso "salvar a Alemanha", faz pressão sobre o governo francês para que ele reduza suas exigências e renuncie a todo desmembramento da Alemanha que fragmentasse seu mercado. As grandes empresas estadunidenses estão totalmente dispostas a investir na Alemanha, onde há uma mão-de-obra qualificada, ao fornecer matérias-primas; uma "salvação" que seria fonte de lucros. Talvez, o governo francês superestime suas próprias forças. Em fins de 1922, apresenta um plano de ajustes, uma verdadeira submissão tutelar da Alemanha. Para estabilizar o marco – evitar a inflação que, segundo ele estima, é um roubo organizado às suas expensas –, ele preconiza medidas orçamentárias rigorosas, uma "comissão de garantias" sediada em Berlim, que dispusesse de poderes ampliados, garantias em divisas, uma vigilância no local da produção carbonífera, a requisição das reservas alemães. Será que a Internacional Comunista exagera ao afirmar que a Alemanha corre o risco de ser reduzida ao *status* de uma semicolônia?

A ocupação do Ruhr

Em 23 de dezembro de 1922, a Comissão Interalida das Reparações dirige ao governo uma nota especificando o montante dos atrasos devidos pela Alemanha em matéria

de madeira de alvenaria e carvão: o texto deixava entender que havia, da parte da Alemanha, uma tentativa deliberada de recusar a entrega. A nota ameaçava o governo alemão com eventuais represálias. A nota do governo francês, de 10 de janeiro, por sua vez, apoiava-se sobre aquela da Comissão Interaliada de 23 de dezembro. Ela especificava que, devido à não-execução de seus compromissos por parte do governo alemão, em virtude dos artigos 17 e 18 da seção VII, apêndice II do Tratado de Versalhes, o governo francês dera ordem ao general Degoutte de entrar na região do rio Ruhr e ocupá-la militarmente. Seis divisões francesas e uma belga participaram da operação. Em 20 de janeiro, o governo do empresário alemão Cuno dirige às autoridades alemãs da zona ocupada o seguinte apelo:

> A ação dos governos francês e belga no distrito do Ruhr constitui uma grave violação da lei internacional e do Tratado de Versalhes. Por tal razão, toda ordem e instrução dada a um funcionário alemão na execução dessa ação ficam legalmente sem efeito. O governo nacional [...] ordena que somente as ordens de nosso governo sejam executadas e que aquelas das potências ocupantes seja ignoradas.[1]

É o começo oficial daquilo que se chamou de a política alemã de "resistência passiva", reivindicada pelo *Reichstag* desde 13 de janeiro de 1923. Trabalhadores, assalariados, funcionários públicos alemães não deveriam cooperar com as forças de ocupação e deveriam se recusar a obedecer às suas ordens e injunções. Todo pagamento estava estritamente proibido. A violência vinha depois da recusa. Os incidentes se multiplicaram rapidamente, com greves ou operações-tartaruga. As autoridades da ocupação respondem com a prisão de altos responsáveis, o burgomestre de Dortmund, em 19 de janeiro; Fritz Thyssen Jr., em 27, e lhes aplicam multas por não ter contribuído ou efetuado as entregas. Na maior parte do tempo, os empregados se declaram solidários a seus empregadores assim atingidos, fazem greve e se manifestam. O governo fica feliz com aquilo que chama "a greve patriótica"; a grande imprensa faz apelo aos sentimentos chauvinistas e deixa entender que é uma traição trabalhar sob a ocupação estrangeira.

Em 27 de janeiro, como as estradas de ferro estão paradas, as autoridades franco-belgas afirmam que imporão a retomada da atividade ferroviária. Será preciso, de início, expulsar da zona de ocupação 1.400 ferroviários alemães, uma medida sem precedentes. Eles serão substituídos por ferroviários franceses ou belgas, convocados ou voluntários. É a escalada. Em 2 de janeiro, as autoridades de ocupação proclamam estado de sítio reforçado (*verschärfter Belagerungszustand*) na região. No dia 30, o governo alemão dá ordem de parar todo trem transportando carvão com destino à França e à Bélgica. Prisões e expulsões se multiplicam. As autoridades francesas respondem ao endurecimento da resistência popular alemã com violência e brutalidade. O ódio explode. O governo francês exige o pagamento das reparações e o fim da resistência passiva. O governo alemão exige a evacuação do Ruhr. No plano diplomático, há um impasse total.

1. Citado por W. Angress, *Stillborn Revolution*, p. 281-282.

Numa situação como esta, tal como os romanos já haviam constatado, as togas cedem lugar às armas. O governo Cuno, pronto para usar o pretexto do perigo para a fronteira oriental, vai afrouxar as rédeas do general von Seeckt para que ele negocie com as formações paramilitares existentes, ajude na criação, no equipamento e no controle de novas unidades secretas e ilegais. Em 30 de janeiro, Cuno e von Seeckt se colocam de acordo sobre as grandes linhas de um tal programa e sobre um acordo com a *Orgesch*. Em 31, o general encontra um aventureiro, especialista em sabotagem, de quem não sabemos nada, alguém chamado Jahnke, com quem fala a respeito da sabotagem de ferrovias. Com Stinnes, em seguida, fala sobre o financiamento. Envia o tenente-coronel Joachim von Stülpnagel à zona ocupada a fim de coordenar as ações de sabotagem. Trata-se de organizar a passagem à "resistência ativa". Em 13 de fevereiro, ele obtém do *Reichsbank* a promessa de 300 bilhões de marcos para a compra de armas por intermédio de Mussolini. Ele encontra a *Orgesch* no dia 15 e, no dia 20, na casa de Stinnes, Ludendorff em pessoa; para precisar as formas de colaboração entre a extrema direita nacionalista e a *Reichswehr*. O exército se põe a organizar, ele mesmo, grupos de *Zeitfreiwillige* (voluntários a curto termo) ou *Arbeitskommando* de ex-combatentes.

Assiste-se também à reativação dos *Freikorps*, mais ou menos desaparecidos nos dias que se seguiram ao *Putsch* de Kapp, mas que se reconstituem: assim, os homens de Rossbach, de Peter von Heydebreck, voltam ao trabalho atrás de seus chefes. Eles conhecem seu trabalho e as operações de que eles se encarregam são verdadeiros atos de sabotagem. Em 5 de março de 1923, um destes grupos, pertencente ao *Freikorp* Organização Heinz, explode a ponte da ferrovia entre Düsseldorf e Duisburg. O tenente Albert Leo Schlageter, que dirigiu a operação, é pego, julgado por um tribunal militar francês e fuzilado em 26 de maio de 1923. Esse medíocre aventureiro vai se tornar um símbolo e herói nacional. Entramos realmente num conflito sangrento.

Os comunistas na crise

O congresso da Internacional terminara alguns dias antes da explosão da crise no Ruhr. Mas, nem por isso os comunistas alemães estão preparados. Um dos delegados franceses, Marcel Cachin, fez uma alusão rápida à possibilidade de uma ocupação francesa, nada mais. A resolução do congresso sobre a tática sugere duas saídas para a questão das reparações: a *Entente* renunciaria às reparações, o que aceleraria a crise na França, ou se chegaria a um bloco franco-alemão, o que aceleraria a crise britânica. A eventualidade que se deu não foi examinada e nada foi dito sobre as conseqüências eventuais de uma ocupação do Ruhr. Contudo, não se pode dizer que os comunistas foram surpreendidos. Uma conferência comum dos partidos interessados, em Essen, preparou o terreno para uma luta que seria conduzida, ao mesmo tempo, contra Poincaré e contra Cuno, contra Stinnes e contra o Comitê das Fundições. Mas o governo francês não dorme em serviço e a repressão corre solta: muitos dirigentes do partido são presos durante o retorno de Essen. Além

disso, os comunistas alemães estão mais uma vez divididos. Já a realização antes do IV Congresso da Internacional de uma conferência da esquerda em Berlim colocara os relatórios no terreno da luta fracional aguerrida durante o congresso, notadamente, como vimos, sobre a questão do governo operário.

Entenda-se bem, tudo estoura no Congresso de Leipzig do KPD, que ocorre de 28 de janeiro a 1° de fevereiro, no momento em que a crise do Ruhr se agrava e se aprofunda. A Central, através da voz de Pieck, começa por rejeitar o exame da situação que permitiria abordar a questão da ocupação do Ruhr, a fim de não bagunçar a ordem do dia. O debate não traz nada além de generalidades e muita retórica. As esquerdas têm na boca somente organização, ação, iniciativas, armamento dos operários. Brandler, em seu relatório, insiste sobre o fato de que há uma luta "contra o fascismo" e que é preciso conduzi-la através da frente única: "A tática da frente única não é somente uma simples palavra de ordem propagandística, mas decididamente uma tática de combate"[2]. Ele garante: "Sob a pressão das massas, os dirigentes social-democratas estarão finalmente prontos a se dissociar da esquerda da burguesia para se tornar a direita dos trabalhadores"[3]. Ruth Fischer, cáustica e menosprezante, critica a Central e a acusa de oportunismo, de passividade e de revisionismo! Maslow explica que as condições de criação de um governo operário são, antes de tudo, materiais, a saber, a existência de unidades proletárias armadas. As duas tendências se enfrentam em votação sobre textos diferentes e o da Central ganha por 118 votos contra 59. O congresso está de novo próximo da cisão quando a maioria dá a lista de suas proposições para o Comitê Central, que não prevê nenhum membro da esquerda. É Radek, presente de maneira clandestina, que parece ter usado toda sua autoridade de enviado do Executivo para obter um compromisso: a entrada no Comitê Central de membros da esquerda que, aliás, não são seus dirigentes, um veto mantido pela maioria contra Fischer e Maslow.

A direção do KPD, desde 11 de janeiro, claramente manifestou sua intenção de lutar ao mesmo tempo contra o governo francês e contra o governo alemão. *Die Rote Fahne*, no dia da ocupação, acusa Cuno e seu governo de dividir a responsabilidade da situação no Ruhr com o governo Poincaré. No dia 13, no *Reichstag*, Paul Frölich pronunciou uma intervenção extremamente violenta contra a política de resistência passiva: "Estamos em guerra e Karl Liebknecht nos ensinou como a classe operária deve conduzir uma política de guerra. Ele chamava a luta de classe contra a guerra! Esta será nossa palavra de ordem"[4]. Em 23 de janeiro, *Die Rote Fahne* desenvolve esta linha que consiste, como diz o editorial, em "atingir Poincaré e Cuno no Ruhr e no Spree"[5]. A luta, explica, é um conflito entre capitalistas franceses e alemães sobre os ombros de suas classes operárias. A França quer 60% da empresa comum, deixando aos "Thyssens", "Krupps" e "Stinnes" so-

2. *Rapport sur le IIIe congrès*, p. 318.
3. *Ibidem*, p. 328.
4. Frölich, ata esteno do *Reichstag*, v. 357, p. 9417.
5. A fórmula vai aparecer em todo lugar: panfletos, cartazes, livros.

mente 40%. O proletariado deve, portanto, lutar em dois *fronts*, contra os "invasores" no Ruhr e contra os exploradores em todos os outros lugares. Paul Frölich o explica de maneira um pouco mais nuançada quando escreve: "É preciso conduzir a luta contra Poincaré pela sabotagem sistemática no Ruhr, por ações proletárias e pela penetração revolucionária do exército imperialista. Contra Cuno, ao combater o nacionalismo enquanto ideologia, ao utilizar a situação atual para dirigir a classe operária em suas lutas defensivas e mobilizar as massas para a greve geral"[6].

Mas, concretamente, a aplicação se mostra difícil. A Internacional estabelece uma coordenação para a intervenção antimilitarista dos comunistas com dirigentes internacionais: o russo Lazar Chatskin, a franco-polonesa Marie Wiarczag e o argeliano Mahmud Ben Lekhal. A ação antimilitarista conduzida por jovens comunistas franceses não dá resultados, apesar da coragem e devoção. O sentimento antialemão continua muito vivo na população francesa, inclusive entre os trabalhadores. O muito jovem dirigente da JC, Gabriel Péri, 20 anos, foi preso em março, acusado de alta-traição. Um grupo de militantes dirigido por Robert Lozeray, 22 anos, instalado no Ruhr, difunde a propaganda antimilitarista entre os soldados das tropas de ocupação. O caso termina com prisões e pesadas condenações, entre elas as de Lozeray e do argeliano Ben Lekhal, que os comunistas, para defendê-los, chamarão o "herói de Mayence". Os militantes têm a dura tarefa de se dirigir à população civil e aos soldados. O muito jovem Albert Vassart, que difundia panfletos veementes, conta em suas memórias que os policiais impediram que ele fosse lapidado.

As dificuldades não são menores para os comunistas alemães. Em 31 de janeiro, por exemplo, unidades francesas penetraram sem mais numa fábrica Krupp para confiscar caminhões. Ao saber que os caminhões seriam usados para o abastecimento das tropas, os operários se colocam em greve contra o ocupante. Incidentes estouram. Os militares franceses disparam, deixando 13 mortos e 41 feridos. A imprensa comunista denuncia ao mesmo tempo os provocadores nacionalistas, "loucos", e os "carrascos" franceses. Além do mais, a desconfiança e mesmo a hostilidade não cessam de crescer entre as duas tendências. Um texto do delegado do KPD ao Executivo da Internacional, Edwin Hoernle, que tenta nuançar as teses majoritárias e operar uma reaproximação com a esquerda, não encontra eco algum. Guralsky, representante do Executivo, explode contra a fala e a atitude de Ruth Fischer com respeito ao Executivo.

Os comunistas alemães em crise

A situação se deteriora rapidamente e o KPD vai de novo se encontrar à beira da cisão, a propósito do Ruhr, para onde Ruth Fischer vai desde o fim do Congresso de Leipzig e de onde ela traça novas perspectivas. Diante da agressão imperialista e da estupidez da "resistência passiva", nova forma de união sagrada, ela preconiza, a partir das minas e das fábricas que os operários devem tomar posse, a perspectiva da "República Operária", que fora uma das aspirações do movimento de 1920 na seqüência do *Putsch* de Kapp. Encontrando um eco real no exterior do partido, notadamente nas uniões, particularmente entre os mineradores, ela tem também uma base real no interior do partido, em particular na Média Renânia, com o secretário de distrito Eugen Eppstein, que ela convenceu. Mas, os partidários da Central contestam suas análises e seus métodos e o debate torna-se público.

Ele é particularmente vivo no Congresso do distrito da Renânia-Westfália, em Essen. Ruth Fischer ataca a Central, somente interessada, segundo ela, nas perspectivas que acabavam de se abrir na Saxônia de formação de um governo operário socialista-comunista. Ela propõe um programa de ação para o Ruhr com a tomada das fábricas; a construção de um controle operário sobre a produção; a formação de centúrias proletárias. Pensa que é preciso lançar a palavra de ordem de derrubada do Governo Cuno e qualifica Brandler e seus amigos, que se recusam a isto, de "amigos da democracia", acusação gravíssima, intolerável para um comunista.

A Central se revolta; começa a falar de perigo de cisão. Brandler lança no congresso da Juventude Comunista um aviso solene contra aqueles que tentariam mais uma vez, diz ele, "se opor às palavras de ordem práticas do partido em curso de ação": "Não podemos tolerar a reedição de semelhantes incidentes"[7].

Eppstein é destituído e substituído por Peter Maslowski, um moderado da mesma tendência. Ao mesmo tempo, alguns elementos importantes da esquerda, Arthur Ewert e Gerhardt Eisler, membros da Central, e o jovem Heinz Neumann, rompem com Ruth Fischer e preconizam num texto interno "a concentração do partido": no distrito de Berlim-Brademburgo, ele reagrupam quase dois terços da esquerda.

É neste momento que Zinoviev – que talvez quer algo com este chamado – coloca à disposição os serviços do Executivo para obter a "união" desejada.

A mediação do Executivo

A tensão é grande na URSS nos primeiros meses de 1923. Trotsky contou que Kamenev saiu pálido de uma conversa com Lenin sobre a questão georgiana. A discussão aberta por Rakovsky sobre um artigo de Lenin se desenrola publicamente no *Kommunist* do PC ucraniano. Podemos imaginar, nesse momento, que a ofensiva do "bloco" Lenin-Trotsky está para acontecer e que na cúpula alguns colocam a cabeça no lugar. Trotsky, em todo caso, está otimista e conciliante. Em 6 de março, acalma Kamenev: ele exige um reajuste sobre a questão nacional, uma política inspirada pelos princípios de Lenin, mas não reivindica nenhuma sanção, nem modificação dos órgãos dirigentes. Aqueles que come-

6. Frölich, "La guerre de la Ruhr et les communistes allemands", In: *Inprekorr*, n. 24, p. 183-184, 8 de março de 1923.

7. *Die Rote Fahne*, 1° de abril de 1923.

çam a ser chamados de *troika*, os três conjurados do Birô Político, Zinoviev, Kamenev e Stalin, podem respirar. No dia seguinte, Lenin sofre seu segundo ataque.

Neste clima, ninguém dá muita atenção para a situação na Alemanha e a crise do KPD. Radek estava oculto, clandestinamente no Congresso de Leipzig, e apoiou a Central, talvez menos que Ruth Fischer, em seu livro tendencioso, tenta fazer crer. O debate toma uma outra dimensão com uma contribuição de Thalheimer na revista da Internacional. Nela, ele explica, com efeito, que, mesmo que representando fundamentalmente a mesma sociedade de classes, as burguesias francesa e alemã não têm posições idênticas e exercem papéis diferentes. Por seu chamado à resistência passiva, a burguesia alemã desempenha, escreve ele, mesmo que contra sua vontade, "um papel objetivamente revolucionário em sua política exterior, como foi o caso com Bismarck". A derrota do imperialismo francês, que não era, em 1914-1918, um "objetivo comunista", o é agora no Ruhr. "A Alemanha hoje não é mais o sujeito, mas o objeto da política imperialista". A luta dos comunistas vai coincidir durante um tempo, até a capitulação da burguesia alemã, com o combate desta última[8].

O estupor é grande na Internacional, onde se considera Thalheimer como o cérebro, o pensador e o teórico da Central alemã. Uma das respostas mais percucientes emana de um dirigente dos comunistas alemães da região dos Sudetos, membro da direção do PC tchecoslovaco, Alois Neurath. Ele escreve:

> Está bem claro a quais conseqüências tais teses devem conduzir. Será que proletariado alemão deve, de início, apoiar a luta da burguesia alemã contra "o imperialismo francês"? Será que ele deve, por conseqüência, concluir "temporariamente" um acordo de paz civil com Cuno, Stinnes e consortes, talvez não de maneira explícita, mas de fato [...]. É um perigoso início trilhar a via dos sentimentos destas frações da classe operária que começam a serem influenciadas pelas correntes nacionalistas e chauvinistas.[9]

Ruth Fischer afirma que Thalheimer fora influenciado por Radek e que a resposta de Neurath fora inspirada por Zinoviev. Nenhum documento confirma tal possibilidade. O que é verdade, é que a posição de Neurath e do autor de um outro artigo, indo no mesmo sentido, Winternitz, dito Sommer, era, ao menos neste terreno, próxima daquela da esquerda alemã.

As últimas semanas de preparação do XII Congresso do PC russo estão cheias de barulho, de furor escondido e de rumores envenenados. Pela primeira vez, o aparato do partido seleciona, quase exclusivamente, delegados submetidos a seu total controle. Rakovsky combate valentemente isso, mesmo que ele tenha sido impedido de falar da

8. O artigo de Thalheimer, "Algumas questões táticas na guerra do Ruhr", apareceu de início em *Die Rote Fahne* de 15 de fevereiro de 1923, p. 97-102. Depois, foi reproduzido com sua assinatura e a data de 13 de fevereiro em *Kommunistitcheskii Internatsional*, n. 25, p. 6857-6864, 7 de junho de 1923.

9. A. Neurath, *Die Internationale*, p. 110-113, 1° de março de 1923.

questão georgiana e a despeito dos esforços do aparato de calar as críticas feitas contra Trotsky. A propósito deste último, e concernindo os resultados desse debate, que se desenrolaram de 17 a 24 de abril e cuja saída foi, sem dúvida, decisiva para os problemas da revolução alemã, o último biógrafo de Trotsky escreve: "Trotsky votou a favor de todas as resoluções do XII Congresso e assim avalizou a direção ampliada que sai dele. Sua abstenção na batalha sobre a Geórgia fez dele prisioneiro daqueles que agiram, enquanto ele esperava de braços cruzados"[10].

Portanto, é a mesma direção mais ou menos garantida e reconfortada que vai finalmente abordar, pela primeira vez depois de meses, a questão alemã com seriedade e atenção e ao tomar o cuidado de se cobrir da autoridade do Lenin impotente. Ignoramos em quais exatas circunstâncias foi tomada a iniciativa de convocar a Moscou os dirigentes das duas tendências do partido alemão para uma discussão em busca de um compromisso de partido. Muitos autores sugeriram – mas sem documentos precisos – que o Executivo, que teme antes de tudo complicações internacionais, foi amedrontado pelas revoltas de Mülheim. Nesta cidade operária do Ruhr, em 18 de abril, milhares de desempregados que se manifestavam perante a prefeitura tomam-na de assalto e, sob a impulsão de anarcossindicalistas e de comunistas membros das uniões, designam um conselho operário. Este ordena a distribuição de víveres e a constituição de uma guarda armada. As autoridades de ocupação, que não são diretamente concernidas, autorizam a entrada da polícia, que retoma, à força, a prefeitura depois de um combate que fez dez mortos e 70 feridos.

Zinoviev lança seu convite em 22 de abril. O encontro ocorreu em fins de abril, começo de maio. Brandler e Böttcher representam nele a Central; Maslow, Ruth Fischer e Thälmann, a esquerda; e Gerhardt Eisler, os dissidentes desta última. Eles têm à frente Bukharin, Radek, Trotsky e Zinoviev. Chega-se, depois de quase uma semana de ásperas discussões, a uma longa resolução de compromisso datada de 4 de maio, buscando colocar no mesmo nível os protagonistas da crise interna. Caracterizam-se como erros oportunistas certas formulações empregadas em Leipzig, como a de Brandler sobre a esquerda da burguesia e a direita dos trabalhadores. Estas frases erradas, partindo do legítimo desejo de convencer os trabalhadores não-comunistas, despertaram a desconfiança da parte de "elementos sadios do partido inclinando em direção ao esquerdismo". Relevemos uma passagem correspondendo a uma idéia nova, que vai ter uma grande importância. A resolução sublinha que a burguesia alemã é incapaz, na luta contra a *Entente*, de se apoiar nas massas populares: "É por isto que os sentimentos nacionais e nacionalistas que ela desencadeou devem em longo prazo se retornar contra ela. O Partido Comunista Alemão deve dizer claramente às massas nacionalistas da pequena burguesia e aos intelectuais que somente a classe operária, depois da vitória, poderá defender a terra alemã, os tesouros da cultura alemã e o futuro da nação"[11]. Ao mesmo tempo, a resolução chama a atenção contra toda ação prematura no Ruhr; recomenda a abertura de um debate público;

10. P. Broué, *Trotsky*. p. 360.

11. *Die Rote Fahne*, 13 de maio de 1923.

preconiza a cooperação no Comitê Central dos elementos de esquerda, mantidos afastados em Leipzig.

Em direção a uma crise mundial?

A unidade do partido, que ocupa uma posição mundial estratégica naquela primavera de 1923 está sendo oportunamente reconstruída. A situação internacional se agrava rapidamente. Uma viagem à Polônia do marechal Foch, que passa solenemente em revista, em 3 de maio, unidades do exército polonês, é considerada em Moscou como uma simbólica ameaça. O secretário de Estado do *Foreign Office* britânico, lorde Curzon, envia em 8 de maio, um ultimato ao governo de Moscou, forçando-o a colocar um fim na atividade de seus agentes na Pérsia, Índia e Afeganistão. Em 10 de maio, em plena conferência internacional em Lausanne, Vorovsky, que fora um dos primeiros secretários da Internacional, é assassinado por um franco-russo branco. Zinoviev garante, na *Pravda* de 16 de maio de 1923, que se trata de "elos de uma mesma corrente". No mesmo dia, Severing, ministro prussiano do Interior, proíbe as centúrias proletárias, formações operárias armadas, sobre o território prussiano, inclusive no Ruhr.

No dia 13, dá-se, em Berlim, uma gigantesca manifestação contra o assassinato de Vorovsky, o ultimato de Curzon e a expulsão dos deputados comunistas do *Landtag* da Prússia. Há mais de 100 mil manifestantes. No dia 16, uma nova manifestação de 150 mil pessoas se reuniu no Lustgarten e acompanhou com círios à noite o caixão de Vorovsky. Victor Serge viu lá o começo de uma mobilização revolucionária. Atrás do caixão, marcham o presidente do Conselho dos Comissários do Povo da URSS, Aleksei Rykov, o embaixador em Berlim, Krestinsky, e Karl Radek, que escreveu para a *Die Rote Fahne* do dia uma necrologia cercada de negro intitulada "A última viagem de Václav Vorovsky". Alguns metros atrás deles vinham os dirigentes do KPD. Zinoviev escreve na *Pravda*: "Os eventos do Ruhr, o ultimato de Curzon, o assassinato de Vorovsky, a viagem triunfal do marechal Foch à Polônia" são "elos de uma mesma corrente"[12].

O Comitê Central se reuniu em 16 e 17 de maio e debate acerca da situação na Alemanha. A principal intervenção é a de Brandler, que convida os comunistas a distinguir entre os capangas fascistas e os pequeno-burgueses sinceramente nacionalistas. A ênfase é colocada na gravidade da situação internacional, mas nenhum elemento novo foi avançado e nada indica em seu discurso que a situação tomou um caráter revolucionário. Ao contrário, escrevendo no dia seguinte do CC em *Die Rote Fahne*, Radek garante: "Não estamos hoje em medida de instaurar a ditadura do proletariado porque as pré-condições, a vontade revolucionária da maioria dos proletários ainda não existem"[13].

12. *Pravda*, 16 de maio de 1923.

13. *Die Rote Fahne*, 18 maio de 1923.

Uma greve inoportuna?

Será que os dirigentes comunistas são incapazes de pressentir os desenvolvimentos no interior da Alemanha, o encaminhamento dos sentimentos e das explosões de cólera que formam a trama da história das revoluções? Com efeito, na tarde de 18 de abril, os magnatas da indústria alemã – faltando com a palavra que eles haviam dado ao governo – fizeram na Bolsa de Valores compras massivas de divisas estrangeiras, provocando uma primeira queda dramática do marco, elemento capital novo da situação alemã. Um mês basta para provocar uma cólera amarga contra a alta dos preços e a queda do poder de compra.

Em 16 de maio – dia da manifestação Vorovsky em Berlim – estoura a primeira grande greve, a dos mineradores da Kaiserstuhl, perto de Dortmund, pedindo 50% de aumento para as duas primeiras semanas de maio e ajustes periódicos em seguida. O KPD fica surpreso: é uma greve selvagem, provocada pela miséria brutal. Este reage somente ao final de quatro dias com um congresso improvisado de 200 delegados de comitês de fábrica, retomando as reivindicações dos grevistas, chamando à ampliação, ameaçando com uma eventual greve geral. A greve se espalha, atinge Bochum, Gelsenkirchen, Hamborn, Essen, finalmente, em 27 de maio. Mas ainda não é uma greve geral, é uma greve limitada à zona de Dortmund e Essen e que não chegou a reagrupar mais de 310 mil grevistas. É somente em 26 de maio que se constitui um Comitê Central de greve cuja missão é claramente colocar um fim a um movimento no impasse, mas passível de sobressaltos perigosos. As revoltas e os combates de rua que estouram em Gelsenkirchen convencem o KPD a colocar um termo a ela. O comitê central da greve, tendo obtido na negociação uma alta dos salários de 52,3% chama pelo fim da greve.

Esta terá um imenso mérito, o de inspirar ao *Regierungspräsident* de Düsseldorf, o Dr. Lütterbeck, uma carta ao general francês Denvignes de um interesse tão excepcional que gostaríamos de comentá-la. Trata-se de convencer este militar estrangeiro de deixar a polícia prussiana intervir na zona de ocupação contra os operários. Ele escreve:

> Eventos como os de Gelsenkirchen são de natureza a encorajar os elementos hostis ao Estado. Novos problemas se produzirão e a ordem, que é a base necessária da cultura e da produção, está ameaçada de ser abalada por um tempo muito longo [...]. A região industrial é por demais complexa para que uma fagulha partida de uma cidade não possa se transformar numa chama [...] tal que nem o Reno, nem as fronteiras da Alemanha possam pará-la. Esta ameaça paira sobre o mundo. E se o comando francês espera na inação que a rebelião se volte contra ele, parecerá que a França deseja a derrocada da autoridade alemã [...] mesmo ao preço de uma levante que ameaçaria a civilização européia ao colocar o Ruhr nas mãos do populacho.
>
> Este jogo é perigoso para a própria França. O exército de ocupação não é constituído somente de material inanimado, fuzis, metralhadoras e tanques: homens que têm olhos e ouvidos carregam essas armas. Eles correm o risco de levar do Ruhr uma semente perigosa,

> chamada a germinar em território francês. Na presença destes perigos, eu me permito sublinhar as pesadas responsabilidades que o comando francês corre ao se mostrar indulgente pela anarquia. Não se trata dele mesmo, seu dever é o de deixar ao menos às autoridades alemãs as mãos livres para cumprir com seu dever [...]. Permito-me lembrar a esse propósito que, quando do levante da Comuna de Paris, o comando alemão fez o seu melhor à frente das necessidades das autoridades francesas agindo em vista da repressão.[14]

Este texto emanando de um alto responsável alemão com clara consciência de classe, no exercício de suas funções, é não somente uma extraordinária justificação da ação daqueles que se esforçam nesta época para construir uma Internacional, mas também o testemunho de um homem para quem a revolução mundial em sua cidade era uma real possibilidade. A condenação a duras penas de prisão dos jovens comunistas Lozeray, Ben Lekhal, depois a do ferroviário Marcel Rouffianges, responsável pelo trabalho "anti" da JC, por um tribunal militar, mostram que o recado foi dado.

Uma crise sem precedentes

A queda do marco fora contínua desde 1921. Persuadidos de que era o déficit das exportações que condicionava em definitivo a queda da moeda, os dirigentes alemães pensam que ela reduz seus encargos, facilita as exportações e pode criar as condições de uma retomada. Os magnatas da indústria estão dispostos a substituir seu crédito pelo do Estado, a garantir, por exemplo, o pagamento das reparações, mas exigem garantias como a supressão da jornada de oito horas; o fim do pagamento das horas extras e a proibição das greves, um risco que os políticos no poder não querem correr. Vimos que em abril eles afrouxaram o marco, e tudo degringolou, impossível de controlar desta vez. Alguns números bastarão para se ter uma idéia. O dólar estava a mil marcos em abril de 1922; 56 mil no meio de janeiro de 1923; 96 mil no meio de maio; um milhão no fim de julho; 6,5 milhões em 7 de agosto; 20 milhões em 5 de setembro; 60 milhões no dia 7. Um ovo custa 300 marcos em 3 de fevereiro de 1923; 30 mil em 8 de agosto.

De fato, o marco serve somente, com cotação forçada, para o pagamento de salários e, se possível, das dívidas. O comércio e os negócios são feitos em divisas e em ouro. As taxas de juros atingem níveis astronômicos, 100% por 24 horas. Os valores reais, imóveis, estoques, etc. estão na origem de fortunas imensas. Aqueles que os têm pouco, estão certos que irão perdê-lo. Aqueles que têm muito, irão centuplicá-lo. Stinnes, que adquiriu 1.300 empresas, não sabe o que lhe pertence. As indústrias exploradoras obtêm lucros fabulosos com base em preços muito baixos e de venda em divisas. Um capitalista prudente ganha em dólares e paga suas dívidas, seus impostos e salários com papel sem valor.

Por outro lado, a Alemanha dá um espetáculo de fantástica pauperização. A pequena-burguesia está completamente arruinada, independentemente se se trata de rentistas, aposentados, proprietários de imóveis de locação, de maneira geral proprietários de renda fixa; casas, imóveis, lançados num mercado saturado, são vendidos a preço vil. Os assalariados, que recebem por mês, vêem seu nível de vida deteriorar de 50 a 90%. Os operários são relativamente privilegiados, pois, pagos semanalmente, podem arrancar reajustes. Um metalúrgico, que ganha 300 marcos no fim de 1922, ganha quatro milhões em julho. Na realidade, seu salário passou de 30 a 14 dólares, uma baixa de 50%. As estatísticas mostram que no mês de agosto de 1923, em comparação com agosto de 1914, os salários aumentaram 87 mil vezes e os preços 286 mil vezes. Além do mais, o desemprego se estende.

14. *Die Rote Fahne*, 29 de maio de 1933.

A Alemanha parece ter se tornado o império da miséria com o aumento fantástico do número de desabrigados, o desaparecimento dos transportes urbanos, inacessíveis, das duchas, de tudo o que era espetáculo popular. Os "atentados à propriedade" se multiplicam e com ela a sanha "securitária" das pessoas que não têm mais nada. O recorde de suicídios não pára de ser batido todos os meses. Mas há conseqüências sociais e políticas importantes deste grande nivelamento. As condições de vida dos trabalhadores são igualadas por baixo. Não existe mais aristocracia operária, mais nenhuma hierarquia de salário, somente uma massa uniformemente pobre. Sindicatos e mútuas têm os caixas cheios de papel-moeda sem valor, mais nenhum meio, salvo o de pagar salários que não valem nada. Os jornais desaparecem um atrás do outro, assim como as revistas – *Die Neue Zeit* – e os livros.

Toda a prática de décadas de reformismo tornou-se impossível. A organização social-democrata, o mecanismo sindical, não podem mais funcionar como antes e os trabalhadores lhes dão as costas. O Estado perdeu toda autoridade e, de início, porque os funcionários públicos – inclusive a polícia, os juízes e os oficiais – são vítimas da mesma pauperização que todos os trabalhadores, tendo alguns, entretanto, possibilidade de corrupção cujas conseqüências são incomensuráveis. Nenhum dos valores sobre os quais a sociedade alemã repousava sobreviveram a este gigantesco naufrágio. Que é a ordem? A lei? A cédula do voto? A democracia? Um regime parlamentar?

A ascensão da extrema direita

Para os observadores estrangeiros, o mais chocante não é o progresso do Partido Comunista – que veremos num próximo capítulo –, senão o espetacular desenvolvimento das formações extremistas nacionalistas, que os comunistas começam, nesse momento, a chamar uniformemente de "fascistas". Da mesma forma que indicamos nas páginas consagradas à ocupação do Ruhr, esta última contribuiu à reaparição de movimentos que eram tidos por definitivamente desaparecidos. É que a ocupação do território nacional não somente por tropas francesas, portanto estrangeiras, mas por unidades formadas por norte-africanos, até mesmo negros – notadamente senegaleses –, é sentida por todo um

setor político como uma "vergonha nacional", um sentimento, enfim, bastante difundido entre o povo, inclusive entre os trabalhadores.

O chamado à resistência passiva fez com que se reconstituíssem unidades e grupos perigosos de malfeitores, atrás dos chefes que combateram nas revoluções russa e alemã de 1917 a 1920, o pessoal do Baltikum e dos *Freikorps*, os famosos Rossbach, Ehrhardt e outros aventureiros militares. Eles reaparecem todos: "os briguentos dos *Freikorps*; aventureiros exaltados; xenófobos; anti-semitas; predadores incapazes de viver sem uniforme, sem armas, sem ódio, sem violência; cabeças duras e lumpemproletários, tristes produtos de quatro anos de guerra e de um longo adestramento"[15]. Porém, desta vez, eles não estão mais sozinhos. Certamente, eles continuam a constituir o núcleo ativista do movimento nacionalista, mas ao redor deles começam a se juntar os elementos que dão a este movimento uma coloração menos militar e mais popular e plebéia.

O símbolo desta mudança é, evidentemente, o espetacular desenvolvimento, ao longo do ano de 1923, do Partido Operário Nacional-Socialista Alemão, os "nacional-socialistas" – ainda não se dizia "nazistas" – de Adolf Hitler. Neste ano fatídico, começa na Alemanha a era dos demagogos de direita e da ação de grupos de choque:

> A Alemanha de 1923 é o terreno ideal para eles. Aos milhões de pequenos burgueses desclassificados, aos proletários sofredores, eles designam os responsáveis: os capitalistas da *Entente*, os estrangeiros, os judeus, os marxistas, os "criminosos de novembro" que "apunhalaram pelas costas o glorioso exército invicto", os "políticos", os "bonzos" dos sindicatos e os partidos operários. [...] Desde o começo da crise, a passividade do governo Cuno oferece um alvo cômodo: eis aí o governo parlamentar, a democracia, a República, a impotência e as divisões, em definitivo, a traição. A Alemanha traída tornou-se a "nação proletária" humilhada, vilipendiada, maltratada pelo erro daqueles que a dirigiram, desde a derrota que eles desejaram e provocada pela sede de poder. É preciso, para sair do abismo, um governo forte e uma vontade única, a "ditadura do chefe" (*Führer*), uma vontade alemã, uma ideologia alemã, uma disciplina militar, a violência salvadora e purificadora.[16]

Hitler conseguiu juntar ao nome do grupúsculo de 1920 o termo "nacional-socialista", que vai lhe ajudar a dar ao nacionalismo alemão aquilo que na época faltava aos *Freikorps*, a saber, um caráter propriamente fascista de movimento de massa. A crise do Estado e da sociedade lhe traz recrutas em grande número, um espaço em que ele pode concretizar sua propaganda, preparar e aguerrir suas tropas, encontrar, ao mesmo tempo, proteções e cumplicidades necessárias num Estado tornado acessível aos aventureiros como ele. Aos proprietários que têm medo dos "vermelhos", ele oferece uma força de ordem da qual eles têm tragicamente necessidade.

Os progressos dos nacional-socialistas são muito rápidos. Ao fim de 1922, o partido contava com 15 mil membros e suas Seções de Assalto, as SA, suas tropas de choque, seis mil. O capitão Röhm, antigo malfeitor dos *Freikorps*, traz-lhe o apoio dos chefes da *Reichswehr* da Baviária e possibilidades concretas de desenvolvimento dos SA, tomando apoio nas casernas, sob o comando de um ás da aviação alemã durante a guerra, o capitão Hermann Göring. Em 1° de maio, ele faz desfilar dez mil homens armados, perto de Munique, mas em 1° de setembro eles já são 70 mil em Nuremberg e Hitler lhes passa em revista lado a lado com o símbolo do nacionalismo, o general Ludendorff. Com a crise que se agrava, inspirado pelo exemplo de Mussolini, ele deixa se falar em "Marcha sobre Berlim". Em 12 de setembro, ele clama, num ato, ameaças que a imprensa reproduz: "Não existe mais de uma alternativa: a cruz gamada ou a estrela soviética, o despotismo universal da Internacional Comunista ou o Santo-Império da nação germânica". Os SA não são a única força paramilitar com a qual eles contam em 1923. Um ex-oficial dirigente da *Orgesch*, o comandante Buchrucker, conseguiu constituir, nas principais cidades do Brandemburgo, unidades da "*Reichswehr* negra", dotadas de armamento considerável e formadas de voluntários efetuando curtos períodos de serviço: uns vinte milhares de homens superiormente equipados, herdeiros direitos dos *Freikorps*.

15. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 386.

16. *Ibidem*.

A Comintern em face dos nacionalistas

O KPD e a Comintern assistiram com inquietude à marcha ao poder de Mussolini e relevaram as características que faziam dele um fenômeno diferente do nacionalismo paramilitar. É de Moscou, onde ele representa o KPD, que Karl Becker lançara o primeiro aviso concernente ao "perigo fascista" na Alemanha. Ele mostrava que ele mesmo correspondia à necessidade de neutralizar uma parte do proletariado e encontrava um terreno favorável nas desilusões operárias devido à política social-democrata. Igualmente assinalamos um artigo de Hans Tittel, escrito no dia seguinte da Marcha sobre Roma e sua descrição do Partido Nacional-Socialista. Sua conclusão: era preciso organizar uma resistência operária armada a "este partido determinado, provido de dinheiro, militarizado, garantido pela simpatia das classes dirigentes"[17].

Porém, logo seria preciso se preocupar com o eco popular encontrado pelo nacional-socialismo. Paul Böttcher garante que ele se enraiza na classe operária: ele tem eleitos nos conselhos de fábrica. Num artigo para a *Die Rote Fahne* de 25 de março, sob o título "Alemanha impotente", Radek deplora que os comunistas tenham podido passar o sentimento de não "defender todo o povo", o que poderia, segundo ele, a influência que certos nacionalistas de direita gozam nos setores não-proletários da população pauperizada[18]. No fim de maio, um chamado redigido em comum pelo KPD e pelo Comitê Nacional dos delegados de fábrica explica: "Estamos absolutamente convencidos de que as

17. *Corr. Int.*, 101, 30 de dezembro de 1922, p. 763.

18. *Die Rote Fahne*, 25 de março de 1923.

massas nacionalistas no povo são em sua grande maioria pessoas de convicção sincera e honesta, mas que estão desgarradas e não compreenderam que a *Entente* não é seu único inimigo"[19].

Porém, é ainda de Radek e de uma intervenção no Executivo de junho que vem a impulsão decisiva de uma guinada que fez muito barulho e ainda hoje é objeto de vivas controvérsias. Na discussão sobre o relatório de Zinoviev, sobre a situação internacional, ele afirma que "colocar a nação no primeiro plano é, na Alemanha, como nas colônias, fazer um ato revolucionário"[20]. Ele intervém também por diversas vezes ao longo do debate sobre seu próprio relatório a respeito da situação internacional e, toda vez, ele sublinha a importância da questão nacional. Ele explica dentre outras coisas, que as massas pequeno-burguesas foram desclassificadas pelo capitalismo: "Se queremos ser um partido operário capaz de empreender a luta pelo poder, é preciso que encontremos uma via que nos aproxime dessas massas ao afirmar que somente a classe operária poder salvar a nação"[21].

É ao longo do debate sobre o fascismo, introduzido por Clara Zetkin, que ele vai jogar a "bomba". A velha militante acabava de explicar que o fascismo não é somente, como os comunistas acreditaram, uma das variantes do terror branco, mas um fenômeno historicamente novo, "o castigo que se abateu sobre o proletariado por não ter continuado a revolução começada na Rússia"[22]. É, para ela, um instrumento da burguesia com um programa radical, adaptado às aspirações das massas e caracterizado pelo emprego sistemático da violência. O enorme erro dos comunistas italianos foi de não ver nele nada mais do que um movimento reacionário de terrorismo militar, sem compreender sua carga social. A vitória sobre o fascismo não será o resultado somente do emprego da força militar, mas da conquista ou da neutralização política de uma parte de suas tropas.

É ao longo do debate sobre este último relatório que Radek intervém sobre o destino do nacionalista Schlageter, recentemente fuzilado pelas tropas francesas por ter explodido uma ponte ferroviária. Ele explica que, durante o relatório de Clara Zetkin, não parou de pensar em Schlageter e em seu destino trágico:

> Devemos nos lembrar dele, aqui, onde tomamos posicionamento político contra o fascismo. O destino deste mártir do nacionalismo alemão não deve passar em branco, nem ser honrado de forma enviesada. Pois, ele tem muito a ensinar, a nós e ao povo alemão. Não somos românticos sentimentais que esquecem sua raiva perante um cadáver, nem diplomatas que dizem que, perante um túmulo, é preciso se calar ou fazer elogios.
> Schlageter, o valente soldado da contra-revolução, merece de nossa parte, soldado da revolução, uma homenagem sincera. [...] Se aqueles dentre os fascistas alemães que querem lealmente servir seu povo não compreendem o sentido do destino de Schlageter, então este morreu em vão e eles podem escrever sobre seu túmulo: Peregrino do Nada.[23]

19. *Ibidem*, 29 de maio de 1923.

20. *Protokoll* (Executivo ampliado, 12-23 junho de 1923), p. 67.

21. *Ibidem*, p. 148.

22. *Ibidem*, p. 692.

Depois de lembrar a vida e o combate de Schlageter, Radek prossegue:

> Combateremos por todos os meios aqueles que, por incompreensão, se aliaram aos mercenários do capital. Porém, acreditamos que a grande maioria das massas que estão agitadas por sentimentos nacionalistas pertence não ao campo do capital, mas ao campo do trabalho. Queremos procurar e encontrar o caminho para atingir essas massas e nós conseguiremos. Faremos tudo para que esses homens que estavam prontos, como Schlageter, a dar sua vida por uma causa comum não se tornem peregrinos do nada, mas os peregrinos de um porvir melhor para a Humanidade inteira, para que eles não derramem seu sangue generoso para o benefício dos barões do ferro e do carvão, mas pela causa do grande povo trabalhador alemão, que é um membro da família dos povos lutando por sua liberação.[24]

Nenhuma dúvida é possível. Não se trata de forma alguma de uma iniciativa pessoal. Antes de fazer essa intervenção, Radek a submeteu a Zinoviev, que a aprovou. Todavia, não se trata igualmente de uma guinada qualquer da parte do Executivo, ou até mesmo da parte de Radek pessoalmente. Essa intervenção não foi considerada, nem ressentida como insólita. A discussão prosseguiu sem que ninguém fizesse alusão a ela. E é preciso bem admitir que, por outro lado, os adversários dos comunistas, particularmente os socialistas franceses da época – Salomon Grumbach, como em 1914 – e, desde então, os anticomunistas permanentes, tinham todas as razões de deformar esta intervenção, ou melhor, de distorcer seu escopo para fazer dela um índice de uma espécie de proximidade permanente e por assim dizer congênita entre comunistas e fascistas. A linha que ficou conhecida deste então como "linha Schlageter" foi desenvolvida novamente um certo número de vezes por Radek sem reajustes nem supressões e ele repetiu nela sob formas diversas os mesmos argumentos e afirmações.

O discurso de Radek serve de ponto de partida a polêmicas cuja publicação tem, para os comunistas, o mérito de colocar sua prosa sob os olhos dos nazistas. O conde Reventlow, Arthur Möller van den Bruck e Radek discutem nas colunas da *Die Rote Fahne*, depois é Paul Frölich quem debate com Reventlow. Revistas de direita também publicam os debates. O tema de Schlageter e da discussão aberta a seu respeito permite aos oradores comunistas tomar a palavra nas universidades, algumas vezes perante auditórios nazistas. É menos evidente que eles tenham atacado-os. Entretanto, nesses debates, os comunistas freqüentemente marcam pontos. Assim, Remmele, em Stuttgart, apostrofando os nazistas: "Outra vez disseram a vocês que os comunistas lhes tirariam tudo. Foi o capitalismo quem lhes tirou tudo"[25].

23. *Protokoll* (12-23 junho de 1923), p. 140.

24. *Ibidem*, p. 244.

25. Citado por R. Albert (Victor Serge), *Bulletin communiste*, 41, 11 de outubro de 1923, p. 625.

Teriam os comunistas algumas vezes comido o traçado, cometido alguma derrapagem? A imprensa social-democrata o afirma mais de uma vez, acusando Hermann Remmele, por exemplo, de ter dito que estaria pronto a combater ao lado dos assassinos de Rosa Luxemburgo e de Karl Liebknecht – o que o concernido vai desmentir com vigor –, ou ainda, ao atribuir a Ruth Fischer falas anti-semitas que ela não vai desmentir, mesmo que, décadas mais tarde, ela faça coro com os promotores contra Radek e sua iniciativa. Se é verdade, isso estava longe de ser determinante. Parece, de todo modo, que foram os nacionalistas, temendo uma pinçada de seus efetivos, que colocaram um fim nos debates abertos.

Por outro lado, a linha Schlageter foi clara e limpidamente interpretada por muitos, particularmente na França, como uma guinada social-patriótica. Tal foi o caso de Pierre Monatte e talvez, numa certa medida, de Rosmer que, 40 anos depois, qualifica o discurso de Radek de "incrível declaração"[26], que muito ajudou, garante ele, os chefes social-democratas a denunciar a colusão entre comunistas e nacional-socialistas.

Ninguém, finalmente, parece ter percebido o aspecto, tacitamente aceito pelos comunistas em princípio, mas nunca colocado em relevo, de que a revolução proletária era a das massas oprimidas conduzidas pela classe operária e não somente a da classe operária, como excelentemente notou Louis Dupeux,[27] que, para apoiar sua demonstração, cita longamente um discurso de Radek sobre a "bancarrota alemã e as tarefas do KPD"[28]. Para ele, indo além da "frente única operária", a Comintern tenta ganhar a pequena burguesia pauperizada: não é nem um ardil, nem uma tática, mas a segunda parte de uma estratégia. Fora Hans von Hentig, de quem se falou muito, um ex-chefe de *Freikorp*, "Beppo" Römer, começa nessa época o caminho que vai conduzi-lo até o KPD.

O caso da jornada antifascista

Seria um erro crer que a linha Schlageter teria, mesmo por um breve lapso de tempo, interrompido a campanha de denúncia do "fascismo" pelos comunistas. Podemos medi-la através da leitura das manchetes da *Die Rote Fahne*, que colocam por vezes a ênfase nas greves, nos assuntos internacionais, na ameaça fascista, mas se determinam sobre este plano com relação à atualidade.

No dia seguinte do Executivo de junho, quando do retorno dos delegados alemães, são as reivindicações econômicas que voltam à superfície. No país inteiro estouram greves selvagens pelos salários, que os sindicatos e social-democratas combatem, denunciam nelas a mão dos comunistas, nem sempre presente, aliás, mesmo que cresça o papel do Comitê dos 15, comitê de ação, para o *Reich*, dos conselhos de fábrica dirigidos pelo comunista Hermann Grothe. Um manifesto deste, datado de 16 de junho, descreve a catástrofe alemã,

26. A. Rosmer, *op. cit.*, p. 270.

27. L. Dupeux, *National-bolchevisme*, I, p. 221.

28. *Die Rote Fahne*, 2 de agosto de 1923.

chama dos trabalhadores a formar conselhos de fábrica, comitês de controle dos preços e centúrias proletárias que formarão a base do governo operário que será a saída positiva da crise. As ações operárias se fundem por todo lado. Greve de 100 mil mineradores e metalúrgicos da Alta Silésia, com um comitê central de greve, no começo de junho. Começo de uma greve de 100 mil trabalhadores agrícolas na Silésia, depois de dez mil em Brandemburgo; greves dos marinheiros mercantes nos portos do Báltico, sob a impulsão da Federação do Pessoal do Mar, principalmente comunistas. Greve de 150 mil metalúrgicos berlinenses, apesar das resistências das direções sindicais, em 10 de julho. São seguidos pelos operários da construção civil e das madeireiras. Os comunistas são quase por toda parte majoritários nas "assembléias operárias" que eles obrigam os dirigentes sindicais a convocar.

É nesta atmosfera de luta cotidiana, de tensão, de denúncia, de medo de reações violentas, de ameaças, que Brandler redige um "Chamado ao Partido" que lhe fora inspirado pelo relato de uma reunião nacionalista em que o ex-comunista Fritz Wolffheim falou de fuzilar os comunistas e de recolocar a Alemanha ao trabalho fuzilando um grevista de cada dez. Esse texto[29], inteiramente redigido por Brandler, foi adotado por uma Central estupidificada. A descrição que ele faz da situação é apocalíptica: o governo Cuno está à beira da falência; o separatismo prestes a ganhar na Renânia; a Bavária à beira da secessão sob um governo de extrema direita; a *Reichswehr* negra e os SA planejam atacar a Saxônia e a Turíngia, pois os socialistas de esquerda no poder nos governos dos *Länder* encorajam os comitês de fábrica e toleram as centúrias proletárias.

Brandler está persuadido de que a ofensiva fascista pode se produzir de uma hora para outra, que os fascistas utilizarão, para vencer, "a brutalidade furibunda e a violência mais resoluta". Ele propõe à Central aprovar a organização de uma jornada antifascista em 29 de julho, com manifestações em todas as grandes cidades alemães: trata-se, em sua mente, de medir a força do partido e eventualmente de acelerar o desenvolvimento político em direção aos comunistas, que não podem deixar de produzir o sentimento de aproximação do enfrentamento. O tom é apaixonante e mobilizador:

> Se os fascistas, armados até os dentes, fuzilam nossos combatentes proletários, eles nos encontrarão decididos a lhes aniquilar. Se eles botam no paredão um grevista de cada dez, os trabalhadores revolucionários fuzilarão um fascista de cada cinco. [...] O partido está pronto a combater ombro a ombro com todo aquele que aceitar sinceramente combater sob a direção do proletariado. Avante, serremos as fileiras da vanguarda proletária! No espírito de Karl Liebknecht e de Rosa Luxemburgo, ao combate!

A iniciativa tem o mérito de permitir a reunião dos filhos esparsos dos combates, de centralizá-los sobre a direção do partido e de retomá-lo em mãos. Não obstante, ela é criticada na direita do KPD, em que alguns, lembrando-se da atitude de Brandler no dia seguinte de março de 1921, perguntam-se se ele não ficou louco de novo. A grande imprensa se

29. *Die Rote Fahne*, 12 de julho de 1923.

esbalda: Brandler e seu partido acabam, segundo ela, de dar a prova de que eles estariam preparando a guerra civil e que eles seriam mais perigosos que os ocupantes da Renânia e do Ruhr. Certamente, o partido desmente, mas a mobilização para a jornada carrega a atmosfera, pois chamados se sucedem a chamados, cada vez mais solenes e alarmistas.

Freqüentemente, o KPD tem aliados, cada vez mais freqüentemente organizações social-democratas e uma massa operária desorganizada quer agarrar a ocasião de se fazer escutar. É neste ambiente sobrecarregado que estouram incidentes ao longo de uma manifestação comum SPD-KPD em Frankfurt: os manifestantes fecham à força lojas; obrigam os transeuntes a carregar cartazes ou gritar palavras de ordem; pararam os ônibus, ameaçaram os passageiros com aparência burguesa, maltrataram um alto magistrado que morreu devido aos golpes. A burguesia tem o seu pretexto. Gustav Noske, que se tornou *Oberpräsident* de Hanôver, é o primeiro, enquanto especialista em manutenção da ordem sem dúvida, a tomar a iniciativa de proibir toda manifestação exterior em 29 de julho. Severing proíbe a manifestação central na Prússia prevista para Potsdam. Todos os outros *Länder* vão imitá-los, com exceção, obviamente, da Saxônia e da Turíngia. Pode-se imaginar que se irá para a prova da força.

Por ora, é no seio da direção do KPD que ela se desenrola. É preciso se curvar? Ou manter a manifestação, o que significa talvez o começo de um enfrentamento que não está preparado? Brandler propõe manifestar na Saxônia e na Turíngia, principalmente onde a polícia não tem força para impedi-la, no Ruhr e na Alta Silésia. Ele insiste: as manifestações devem ser protegidas pelas centúrias proletárias armadas. Ruth Fischer diz que não se pode capitular e que é preciso manter a manifestação de Berlim. Para Brandler, o risco é grande demais. Os comunistas são minoritários em Berlim e ele não pode confiar em seus dirigentes para evitar provocações. Ele responde que aceitaria uma manifestação em Berlim somente no caso de os dirigentes locais do partido puderem garantir uma proteção armada suficiente. Ruth Fischer, encurralada, chama-o de "fascista" e "aventureiro". De fato, o desconcerto é total na cúpula do partido alemão. Resta somente a Brandler consultar Moscou.

O Executivo aconselha recuar[30]

Moscou está vazia. O XII Congresso acaba de terminar. Rakovsky, depois de uma preparação minuciosa pelo aparato de Stalin, acaba de ser arrancado da cabeça do governo da Ucrânia, em que Lenin o havia instalado em 1919. Ele foi designado como embaixador na Grã-Bretanha, um verdadeiro exílio, para lhe afastar do caminho do Secretariado Geral, cujo rancor não é o menor dos defeitos...

30. Começamos, de agora em diante, a utilizar os documentos provindos dos arquivos de Moscou que serão publicados numa coletânea sobre o Outubro Alemão, na Alemanha. Contribuímos modestamente com sua preparação e seu responsável, o Dr. Bernhard Bayerlein, nos autorizou a mencionar e, num pequeno número de casos, citar os documentos em questão com a menção "documentos Bayerlein" se nosso livro aparecer primeiro. Caso a coletânea saia antes, as referências serão feitas ao livro e com as páginas correspondentes.

As circunstâncias são sobretudo sinistras. Os comunistas búlgaros acabam de recomeçar aquilo que eles fizeram em 1918 e o que a Central alemã fez no momento do *Putsch* de Kapp. Eles estimaram que o proletariado búlgaro não estava interessado no golpe de Estado militar de extrema direita de Tsankov contra os agrários democratas de Stambolisky e quase comemoraram a vitória do primeiro sobre o segundo, torturado até a morte, um acidente na "luta entre duas frações burguesas". A notícia chegou a Moscou em 12 de junho, no momento em que Zinoviev pronunciava seu discurso. Sabe-se que o golpe de Estado foi lançado na alvorada do dia 9 e que o czar Boris reconheceu o governo Tsankov no final da manhã. O destacamento enviado para prender Stambolisky falhou. O chefe do governo fez um chamado a um oficial comunista, Anastas Búrzakov, para a organização do novo Exército Popular. Este último começou imediatamente a organizar a resistência armada.

Contudo, o Comitê Central do PC búlgaro, reunido em 9 de junho, tomou conhecimento da derrubada do governo da "burguesia camponesa" e proibiu os membros do partido de ir à sua ajuda. Búrzakov abandonou, portanto, toda idéia de garantir sua missão e debandou suas tropas. Todor Lukanov, o secretário do partido, fez aplicar a decisão estritamente e em todo lugar... Kabaktchiev anunciou no Executivo que as massas haviam acolhido o golpe de Estado militar com indiferença e até mesmo com um pouco de alívio[31]. *Inprekorr* falou, de maneira bem deslocada, de "revolução de opereta". De fato, capturado depois do recuo dos comunistas, Stambolisky cai nas mãos dos insurgentes: ele é selvagemente torturado e depois decapitado. Não era uma opereta.

No Executivo, em 15 de junho, mencionando a contra-ordem dada a Búrzakov pela direção do partido, Zinoviev fala de "grande erro"; garante que era preciso se aliar a Stambolisky contra Tsankov, como fizeram os bolcheviques com Kerensky contra Kornilov[32]. Em 23 de junho, Radek é mais completo. Ele diz que o 9 de junho foi "a maior derrota jamais sofrida por um partido comunista", um "avanço vitorioso da reação mundial" sofrida por um partido que reagrupa um quarto dos eleitores, o mais potente partido de massa. Ele acusa o sectarismo do PC búlgaro que não soube ver que "o governo camponês da Bulgária era o único corpo estranho entre os governos burgueses nos Bálcãs"[33]. Explica que, pela primeira vez, um grande partido comunista não somente perdeu uma batalha sem se dar conta, mas além disso, não procura compreender sua derrota, mas somente embelezá-la. Ele ridiculariza os argumentos dos búlgaros e acrescenta que o Executivo é culpável de não ter intervindo na política do partido-irmão búlgaro, que paga caro tal abstenção[34].

Zinoviev, por seu lado, em um artigo intitulado "Lições de um golpe de Estado",

31. K. Kabaktchiev, *Corr. Int.* 51, 25 de junho de 1923, p. 323-324.

32. G. Zinoviev, *Protokoll* (Executivo ampliado, 12-23 de junho de 1923), p. 103.

33. Radek, *Ibidem*, p. 267-268.

34. *Protokoll* (12-23 de junho de 1923), p. 273-274.

escreve que os eventos da Bulgária ultrapassaram os prognósticos mais sombrios, que o dogmatismo doutrinário – muito tempo considerado como uma "bizarrice" – e a temporização tornada capitulação transformaram-se em "uma tragédia para o partido". Ele exclama: "Que grave erro! Que imensa decepção!"[35]. Kolarov já tinha sido enviado a Sofia para se juntar ao partido e ajudar a organizar a luta contra o regime "fascista" de Tsankov. No intervalo, o CC do PCB rejeitou, por 42 votos contra dois, a linha da Comintern, garantindo que ele seguiu a "única política possível", o que equivale a um verdadeiro desafio a autoridade do Executivo. Foi um golpe bem duro para o Executivo, uma derrota cuja responsabilidade ela carregava, e em condições que provavam a qual ponto ela se interessava pouco pelas questões búlgaras. No dia seguinte da vitória de Mussolini, depois dos debates sobre o fascismo na Alemanha, era, da parte dos dirigentes búlgaros, era um verdadeiro afronte essa ligação de fato a um regime fascistizante. No Executivo, encontravam-se somente Radek e o secretário geral Kuusinen. Os outros estão de férias. Kuusinen se queixa, numa carta de 27 de julho, a Zinoviev: "Como o senhor vê, para a segurança da direção internacional, não é bom que o presidente do Executivo esteja ausente de Moscou durante duas semanas. Estou certo de que se o senhor e o camarada Bukharin estivessem aqui, não haveria nem sombra de desacordo entre o camarada Radek e o senhor"[36].

A decisão a respeito da jornada antifascista é difícil de ser tomada num contexto como esse, pois os responsáveis da Internacional não se recomporiam nunca de um desastre alemão em tais circunstâncias. Trotsky foi consultado via telegrama por Radek. Ele não responde. Ele o explicará numa carta datada de 6 de agosto que não tinha nenhum dos elementos concretos que permitissem responder sim ou não a um questão desta importância. Zinoviev e Bukharin, por seu lado, que também estão em férias em Kislovosk, na mesma casa de campo, pensam que se deve ignorar a proibição se não se quer ver se repetir "a lamentável experiência da Itália e da Bulgária". É preciso se antecipar[37]. Stalin é de opinião diametralmente oposta e a exprime por carta. Para ele, "é preciso segurar os alemães e não estimulá-los", pois eles não têm nenhum trunfo que os permita tomar o poder[38]. Finalmente, Radek telegrafa que o Executivo desaconselha a manutenção: a decisão fora tomada por Stalin e ele. O secretário geral do PCR(b) é uma garantia suficiente.

Entretanto, Bukharin e Zinoviev escrevem a Brandler e se dizem chocados que uma iniciativa de combate do KPD tenha sido desacreditada pelo Executivo[39]. Para Bukharin, que se exprime numa carta pessoal, esta decisão é catastrófica e Radek erra sobre a linha, joga fora os ensinamentos das derrotas italiana e búlgara e rouba dos comunistas a ocasião de se colocar a frente da luta contra o fascismo. Além do mais, ele o acusa de atentar gravemente ao prestígio não somente do partido, mas da Comintern[40]. Não obstante, a Central do KPD seguiu o conselho de Radek e renunciou a peitar a proibição. As manifestações que ocorreram em salas mostram a extraordinária mobilização que se efetua apesar de tudo, pois centenas de milhares de trabalhadores assistem aos atos substitutos em sala. Com certeza, é Radek quem vai explicar a posição de Moscou. Ele escreve:

> Os bolcheviques puderam tomar o poder com 70 mil membros, pois a burguesia não era organizada. Nosso partido alemão deve ter no mínimo um milhão de membros – e rápido! Nossa organização não deve ser uma máquina eleitoral, mas um punho fechado, unido não somente pelo ideal comunista, mas ainda pela armadura de ferro de nossos batalhões de choque, as centúrias proletárias. É bem possível que o KPD seja obrigado a agir antes de ter atingido seus objetivos. Contudo, ele deve dar tudo de si, para se garantir, em caso de sucesso, e, de todo modo, o máximo de chance.[41]

Lembrando o que é necessário à revolução na Alemanha, os órgãos da frente única, a constituição de um governo operário e camponês com a retomada de valores reais e certamente a conquista de largas camadas da pequena-burguesia, ele conclui:

> Não permitamos a nossos inimigos nos infligir derrotas parciais [...]. Ofensivas mal-preparadas podem acarretar derrotas nos momentos mais propícios à ação. Se o adversário toma a ofensiva, ele se engana em todos os seus cálculos: estejamos prontos neste caso a lhe opor uma resistência vitoriosa, de início, e a vencê-lo em seguida. Mas, não procuremos decisões prematuras. Tal é a situação na Alemanha. Tais são os deveres do partido comunista. Eles exigem deste os maiores esforços, a fé em suas próprias forças, em sua energia e em seu entusiasmo, mas também sangue-frio, calma e bom cálculo estratégico. Depois, chegará a hora em que os comunistas alemães poderão se dizer: "Audácia, audácia e mais audácia".[42]

Porém, segundo o porta-voz do Executivo, a hora da audácia não tinha ainda chegado. É muito certamente com um real alívio que os homens da Central relançaram mais uma vez seu partido na ciranda das reivindicações transitória, pelos órgãos de frente única e governo operário, rotina no fundo reconfortante, pois familiar. Certamente, não eram as certezas dos excitados permanentes, como Ruth Fischer, e outros, como Maslow, para quem a revolução despontava todas as manhãs na esquina da rua, que poderiam abalar esses hábitos retomados depois do alerta vermelho, mas há uma questão que a História nos coloca e que não sabemos se ela colocou a eles: e se o movimento revolucionário decisivo já tivesse começado naquele momento por fora deles e em parte apesar deles todos? E se eles não reconheceram o rosto desta revolução que eles tão freqüentemente acredita-

35. *Inprekorr*, 115, 9 de julho de 1923.
36. Documentos Bayerlein.
37. Documentos Bayerlein.
38. *Ibidem*.
39. *Ibidem*.
40. *Ibidem*.
41. *Die Rote Fahne*, 2 de agosto de 1923.
42. *Ibidem*.

ram ver e que sempre lhes escapou? E se ela estivesse já lá, sem que eles tivessem se dado conta? Curiosamente, é na imprensa burguesa que apareciam quase todas as palavras-chave que evocavam, com a revolução de amanhã, a da véspera: "*Novemberstimmung*", o estado de espírito de novembro. O *Kreutz Zeitung*, de 26 de julho, escreve que o país está "nas vésperas de uma revolução" e o *Germania* do dia 27, que "reina o estado de espírito de 9 de novembro".

E o CEIC recomenda audácia para depois de amanhã. Seria um trajeto tão longo realmente necessário para tal resultado.

Rumo ao poder?[1]

É interessante notar que depois de vários anos em que eles acreditaram uma vez por ano na revolução, com todas as conseqüências que isto continha – dentre elas o recurso às armas e uma derrota geralmente custosa –, os comunistas alemães somente se decidiram de novo a admitir a existência em seu próprio país de uma situação pré-revolucionária quando seus camaradas russos lhes disseram que ela existia e que eles prepararam com eles e na casa deles a vitória desta revolução.

É a razão por que, antes de ir às circunstâncias nas quais os russos fizeram esta descoberta de uma situação revolucionária e como eles tentaram juntos transformá-la em revolução vitoriosa, nos parece necessário olhar um pouco mais de perto este partido a respeito do qual todos os comunistas do mundo repetiram desde 1918 que era a única ferramenta que faltara aos revolucionários alemães para garantir a vitória da revolução.

O Partido Comunista de "massa"

O KPD que se encontrou, em janeiro de 1923, confrontado com a Crise do Ruhr, não é mais o grupúsculo de 1918, mesmo que ele não seja ainda o grande partido de massa anunciado no dia seguinte do Congresso de Halle. Depois da cisão do USPD, ele não recuperou imediatamente todos os membros que poderia almejar e não atingiu jamais os 450 mil membros proclamados por alguns de seus dirigentes. Por outro lado, perdera aproximadamente dois terços de seu efetivo no dia seguinte da Ação de Março de 1921. Ao fim

1. Fora o trabalho de Angress, Broué e Wenzel, é o trabalho documentário do Dr. Bernhard Bayerlein que será, a seguir, o pilar de nossos conhecimentos sobre este episódio muito tempo desconhecido da história da Comintern.

de 1922, estava em plena retomada e tinha reganhado algo em torno de 100 mil membros desde a catástrofe de 1921. Podemos pensar que seus efetivos giravam em torno de 220 mil, dentre eles 26 mil mulheres somente. Esta implantação é muito desigual, refletindo os acasos da construção e da destruição que precederam à assimilação da massa dos antigos Independentes: os bastiões do KPD são as regiões onde os grandes batalhões do USPD foram ganhos, seja em 1919, em Erzgebirge-Vogtland, ao redor de Chemnitz, seja em 1920 na Alemanha central, ao redor de Halle e no Wasserkante, o distrito de Hamburgo.

Faltam estatísticas para precisar a composição social e etária. Porém, todos os observadores estão de acordo em reconhecer que o KPD era, então, um partido operário e mesmo provavelmente um partido da juventude operária. Ninguém sugere que possa ter havido neste partido menos que 90% de operários, mesmo que ninguém confirme os 99% lançados por Zinoviev. São operários qualificados, notadamente na metalurgia. São jovens, vindos à ação política com a Revolução de Novembro, na vaga da Revolução de Outubro russa, mesmo se seu enquadramento é o dos adversários da união sagrada e dos combatentes contra a guerra, que têm a idade dos *montagnards* durante a Revolução Francesa.

Alguns jovens aparecem, entretanto, na direção dos distritos. Certamente, as mulheres são pouco numerosas, mas algumas estão entre os quadros e os dirigentes, o que faz do partido alemão uma exceção no universo comunista. A Central de 1923 conta com 24 membros: 14 operários, três assalariados, somente sete jornalistas ou permanentes. Quatro membros têm menos de 30 anos, todos os outros entre 30 e 40. Nota-se, por outro lado, a juventude de numerosos jornalistas do partido também de membros responsáveis pelo aparato clandestino. Alguns intelectuais vêm diretamente do movimento antiguerra. Todos começaram muito cedo a militar numa organização operária, entre 16 e 20. Os membros do partido pagam uma cotização importante, para os que recebem salários ao menos uma hora de trabalho semanal. Cada membro pertence a duas organizações: o grupo local e a fração de empresa.

Os responsáveis são eleitos sobre essa dupla base, sobre-representando as empresas e, a partir de 1923, Walter Ulbricht é encarregado de supervisionar e de impulsionar a criação de células de empresa. Diversos níveis completam a pirâmide: subdistritos, distritos, arquidistritos, verdadeiras regiões. Todos os quadros são eleitos e revogáveis pelo organismo que os elegeu. O funcionamento é o do centralismo democrático: congresso anual, com votação na base e liberdade de tendência, que podem ser representadas em todas as assembléias de base. Entre os congressos, sua autoridade é delegada a um Comitê Central, formado ao mesmo tempo pela Central, eleita diretamente no congresso, e por outros eleitos do congresso, mas representando os distritos.

A Central é organizada sob o modelo bolchevique, com um Birô Político e um Birô de Organização e dispõe de um aparato técnico com departamentos especializados, para o trabalho entre as mulheres, os jovens, a política comunal, as cooperativas, o trabalho rural e, sobretudo, o departamento sindical, de longe o mais importante. Ela tem igualmente serviços: a formação, a imprensa e o escritório jurídico. Em fins de 1922, o aparato

contava com 53 responsáveis políticos e 117 permanentes "técnicos" para as diversas tarefas materiais. Um corpo de "comissários" permite reforçar temporariamente os distritos.

Como a social-democracia de onde saiu, o KPD tem suas tradições, sua vida social. As pessoas se tratam por "camarada" (*Genosse, Genossin*). Há as manifestações rituais, em janeiro para "Karl e Rosa", como ficou conhecida, o 1° de maio, a Jornada Internacional das mulheres e a da juventude. O canto, o teatro, o coro falado têm um lugar importante nas cerimônias e nas festas. O partido tem seu próprio coral, de qualidade, verdadeiros destacamentos de *agit-prop*. A Juventude Comunista reúne jovens entre 14 e 25 anos, em grupos locais e algumas vezes de empresas; eles são mais ou menos 30 mil. Ela se ocupa dos lazeres dos jovens trabalhadores; organiza encontros, marchas, festas. Para o partido, ela é, ao mesmo tempo, a escola superior e a escola fundamental. Desde muito cedo, os jovens aprendem aqui grandes responsabilidades e fazem dela um verdadeiro viveiro de quadros.

O partido dispõe de 38 cotidianos, dentre eles, 17 são de fato edições regionais, que têm um total de 340 mil assinantes. Alimentados pelo serviço de imprensa, eles utilizam os mesmos despachos, freqüentemente os mesmos editoriais e artigos. A revista teórica *Die Internationale* publica somente três mil exemplares. Há uma revista para as frações sindicais, um semanário para as mulheres, um para os camponeses e um para os assuntos municipais. A Juventude Comunista tem o seu órgão de combate, mas há também revistas para crianças e adolescentes. É preciso notar, entretanto, que a imprensa comunista não é muito lida fora do partido e das organizações próximas.

Os eleitos constituem um apoio considerável. Há somente 14 deputados comunistas no *Reichstag*, sendo que doze partiram com Levi: são quase todos ex-USPD. Porém, há 72 deputados nos diferentes *Landtag*, doze mil conselheiros municipais em 420 cidades, a maioria absoluta em 80 conselhos municipais e relativa em 170. Os eleitos, na pura tradição do SPD, são submetidos a uma disciplina de fração estrita que faz deles agitadores e diligentes na população operária.

É nos sindicatos que o progresso e a influência do KPD são mais sensíveis. Ele controla mais ou menos no Ruhr a União dos Trabalhadores Manuais e Intelectuais, nascida da tradição das uniões e das greves de 1919, que conta com 80 mil membros. A Profintern registrou sua adesão, a da União dos Carpinteiros da Marinha e, sobretudo, a do Sindicato do Pessoal do Mar, capital para o trabalho clandestino. É preciso acrescentar aqui os sindicatos nascidos da expulsão de seus dirigentes da ADGB, como os seis mil trabalhadores da construção civil de Chemnitz que seguiram Brandler e Heckert.

O mais importante é, entretanto, que os comunistas fizeram enormes progressos no seio dos sindicatos reformistas. Em que pese um sistema de delegação pouco favorável, eles têm delegados em todos os congressos, 90 (dentro eles 40 metalúrgicos) de um total de 694 delegados do Congresso da ADGB em 1922, 46 de 216 entre os ferroviários, 33 de 305 no dos transportes, 41 de 305 entre os comunais. Eles dirigem 60 comissões locais e numerosas organizações locais ou de empresa.

Igualmente, eles têm agora posição entre os professores de todos os níveis, recru-

tam entre os assistentes das universidades e constroem frações significativas entre os estudantes, as *Kostufra*. Finalmente, grandes esforços foram feitos para a formação, com duas escolas centrais, dentre elas uma de três meses, para 74 militantes. Sete distritos fundaram "escolas do militante" e quatro instrutores itinerantes atendem as outras sob demanda.

O KPD é, de longe, o partido mais importante da Internacional se não levarmos em conta, evidentemente, o partido soviético. Mas, sua fraqueza principal reside em seu isolamento do resto da classe operária. Certamente, ele conseguiu se ligar a outras camadas militantes, notadamente nos sindicatos por ocasião dos conflitos econômicos e graças à sua política de frente única. Não obstante, ele é muito dependente da esquerda social-democrata, composta de ex-Independentes, que é de algum modo a ponte entre ele e o Partido Social-Democrata e lhe dá a esperança de poder concretizar num dia próximo a palavra de ordem de "governo operário", ao menos nos *Länder* onde ela é influente, a saber, na Saxônia e na Turíngia, onde a maioria socialista-comunista é possível no *Landtag*.

Conseqüências políticas da crise

Ninguém sonha negar os progressos realizados pelo KPD ao longo da crise de 1923. Não obstante, a polêmica é acirrada. Numerosos autores, e não somente comunistas, consideram que os comunistas progrediram a ponto de influenciar no verão a maioria da classe operária alemã. O historiador americano Werner Angress, que não compartilha deste ponto de vista, se deixa ir por vezes a excessos polêmicos. Globalmente, o KPD aumentou seus efetivos, mas não de maneira esmagadora: 70 mil aderentes suplementários aproximadamente. É um aumento que é somente por pouco inferior ao ritmo do período precedente (1921 a 1922) e isto parece um pouco curto para um período em que muitos proclamaram que era um período revolucionário. Na verdade, a falta de maturidade do partido se exprime ainda de uma certa maneira através de um crescimento desigual. Erzgebirge-Vogtland passou de 15 mil a 25 mil membros (um aumento de dois terços), o distrito de Bremen dobrou. Berlim recrutou oito mil militantes; o Ruhr, três mil somente; Halle, cinco mil. Um dos resultados mais espetaculares é o da Juventude Comunista, passada em menos de um ano de 30 mil a 70 mil membros em 500 organizações locais e reunindo centenas de milhares de jovens em suas manifestações e marchas.

Falta-nos cruelmente o termômetro das eleições – e isto se compreende. Somente uma possibilidade de comparação: as eleições ao *Landtag*, de maioria rural, de Mecklenburg-Strelitz, que ocorrem em julho de 1923. Nas últimas eleições, em 1920, os partidos burgueses obtiveram 18 mil votos; eles caem para onze mil. Os social-democratas tiveram 23 mil votos; reunificados com os Independentes; mesmo assim eles caem a 12,8 mil. Os Independentes, por seu turno, recolheram 2.200 votos. Os comunistas, que de algum modo tomam seu lugar, tomam-no mais que amplamente, pois obtêm 10.800 votos, não muito distante dos social-democratas reunificados.

Para o resto, apesar da tiragem e venda das publicações comunistas aumentarem

também consideravelmente, os números mentem em razão da crise, e é em direção ao trabalho sindical que é preciso olhar para obter números confiáveis. Aqui, os progressos são espetaculares. O número de "frações" comunistas nos sindicatos reformistas passa de três mil a seis mil. A partir de julho, os progressos são tais que é preciso se reorganizar e criar no plano local "cartéis vermelhos", agrupando todos os responsáveis de frações e de sindicatos. Há 1.100 deles em julho, 2.100 em outubro, e o departamento sindical está relacionado com 3.460 localidades. Muitas evoluções vão ao mesmo sentido. No Executivo ampliado de junho, Walcher estima que 2,4 milhões operários são influenciados pelos comunistas, diretamente colocados sob sua responsabilidade nos sindicatos. Independentemente dele, Heckert faz uma avaliação similar; fala de dois terços, o que corresponde ao total de 2,5 milhões. No sindicato da construção civil, os comunistas têm 525 frações para 749 centros; são maioria em 65 grupos com 67 mil trabalhadores e estão de igual para igual em 230 grupos com 330 mil trabalhadores. Duzentos e sessenta mil operários da construção civil seguem, portanto, o KPD. Dentre os 1,6 milhão de membros do sindicato dos metalúrgicos, o DMV, há 500 frações. Elas conseguiram a maioria nos centros como Stuttgart, Halle, Suhl, Solingen, Remscheid, Iena, 260 mil sindicalizados no total. Finalmente, os comunistas crescem seu apoio a 720 mil entre os metalúrgicos. Em julho, quando das eleições, as listas apoiadas pelo KPD obtêm um terço dos mandatos e a maioria absoluta dos votos, 54 mil votos em Berlim contra 22 mil das listas apoiadas pelo SPD. A perspectiva é realmente a conquista dos sindicatos do interior.

Um outro instrumento de medida dos progressos da influência comunistas consiste no estudo daquilo que eles chamam de "os órgãos de frente única". Os conselhos de fábrica são instituições legais em virtude do Artigo 165 da Constituição e da lei de 4 de fevereiro de 1920. Eles se desenvolveram em uma velocidade impressionante. São organismos bem flexíveis, sem permanentes nem aparato, todos próximos do velho sistema social-democrata dos "homens de confiança", até mesmo dos "delegados", e acumulam funções que o imobilismo sindical lhes abandona e funções políticas das quais os comunistas se encarregam. Estes últimos afirmam possuir a maioria em dois mil deles. Particularmente, eles estão à frente daquele da grande indústria química Leuna de Halle, onde o comunista Bernhard Koenen obteve 60% dos votos dentre doze mil trabalhadores votantes.

O congresso dos conselhos de fábrica, que deslancha a grande greve contra Cuno, se diz representativo de 20 mil conselhos de fábrica. Seu organismo dirigente, o Comitê dos 15, cujo nome verdadeiro é "Comitê de Ação dos Conselhos de Fábrica do *Reich*", é presidido por um membro do KPD, um chaveiro de 35 anos, Hermann Grothe, ex-Delegado Revolucionário da guerra, espartaquista de 1917, que militou muito entre os desempregados, é membro do KPD e da esquerda em Berlim. Os comitês de fábrica possuem a mesma estrutura, com dois conselhos em cada empresa: o dos operários, que tem voz preponderante, e o dos assalariados. De início, organizado somente no plano local, eles criam para si órgãos distritais e regionais ao longo do ano. Deles, Zinoviev, escreverá que eles "tornam-se a alavanca principal que amadurece sob nossos olhos".

É, na maior parte do tempo, por iniciativa dos conselhos de fábrica, animados pelos

comunistas, que se criam e se desenvolvem os comitês de controle. Eles se encarregam de controlar o preço dos víveres e das vestimentas, dos aluguéis, e do combate à especulação, o mercado negro e os tráficos diversos. Ao redor de um núcleo operário de homens e mulheres, eles tentam agrupar artesãos e pequenos comerciantes, em verdadeiras redes de vigilância. Fazem muita agitação, mobilizam para operações os elementos femininos da classe operária.

Todavia, um dos mais notáveis órgãos da frente única e certamente a instituição militar das centúrias proletárias. Depois da Revolução de Novembro, a palavra de ordem de armamento da classe operária sempre esteve – e isto se compreende – no primeiro plano das reivindicações avançadas pelos comunistas. Com certeza, é a ocupação do Ruhr e a retomada da atividade dos grupos terroristas de extrema direita que lhe deram atualidade e esclareceram sua necessidade.

As primeiras centúrias proletárias apareceram no mês de março em Halle, Chemnitz, Gera e Zella-Mehlis. Em Berlim, em 1° de maio, são só homens das centúrias proletárias, 25 mil de braçadeiras vermelhas, que abrem a marcha da manifestação operária. As centúrias são um organismo de frente única, mas o KPD dá a elas uma importância particular, controlando-as com uma comissão que vai se tornar seu conselho militar sob a direção de Ernst Schneller. A tarefa torna-se difícil quando Severing, logo imitado em todo lugar, salvo na Saxônia e na Turíngia, as proíbe. As centúrias proletárias somente se desenvolvem em larga escala na Turíngia e na Saxônia, onde os governos às subvencionam. Oficialmente, elas não são exércitos, como explica o dirigente comunista Paul Böttcher: "As centúrias não podem ter nenhuma tarefa militar antes que as condições elementares sejam realizadas nas fábricas."[2] A imprensa e os dirigentes repetem, em toda ocasião, que o KPD é absolutamente oposto às centúrias de partido; seu objetivo é a constituição de centúrias de classe, de centúrias proletárias. Não obstante, é incontestavelmente os comunistas quem as organizam.

Um relatório do fim de julho de 1923, assinado por Helmuth Wolf – o oficial soviético Rose, dito Skoblevsky, segundo o testemunho de Retzlaw (Karl Erde) –, dá elementos precisos sobre as centúrias proletárias alemãs, perfazendo 900 na data de 27 de julho de 1923, fortes na Saxônia e na Turíngia, mas também em Berlim e no Ruhr. Cinqüenta por cento de seus membros são comunistas, de 30 a 35% não tem partido; de 20 a 25%, social-democratas. Os homens têm entre 25 e 30 anos e são quase sempre ex-soldados. Os jovens são aceitos depois dos 17 anos. As mulheres servem como motoristas ou enfermeiras. Os quadros militares são geralmente comunistas e ex-suboficiais. O relatório precisa, além disso, que, naquela época, 160 "grupos de cinco" para as operações de sabotagem foram constituídos, sobre um total de 280 estimados necessários. Cada um é munido de uma metralhadora, de quatro revólveres e de 15 granadas de mão[3].

2. P. Böttcher, *Corr. Int.*, n. 49, 19 de junho de 1923.

3. Tudo o que sabemos do relatório Wolf provêm dos documentos Bayerlein.

Abaixo Cuno!

Será que os comunistas gozavam da confiança da maioria da classe operária alemã no verão de 1923? É difícil hoje e provavelmente impossível responder a esta questão. Na melhor das hipóteses, tentaremos responder a uma outra questão, mais surpreendente ainda, a respeito da parte que eles tomaram na provocação depois na tentativa de parar a irresistível vaga de greves partida de Berlim que varreu o país inteiro e derrubou o governo Cuno, abrindo os olhos do Executivo e lhe "revelando" a crise revolucionária que a direção alemã ainda não tinha tido oportunidade de conhecer no curso a História!

Em 8 de agosto, abre-se uma sessão no *Reichstag*. O chanceler Cuno, que é também um poderoso empresário, pronuncia um discurso – chamando ao trabalho, à disciplina, à poupança, ao sacrifício – e pede um voto de confiança. Os deputados comunistas estão furiosos, interrompem-no, atacam-no. Os socialistas, por sua vez, estão hesitantes. Eles pedem e obtêm uma suspensão da sessão até o dia seguinte. Antes de partir, o deputado comunista Wilhelm Koenen lança a seus colegas: "Abaixo Cuno! Eis o grito que cresce em nossa direção de todos os lados!"[4] Que ele quer dizer? Anunciaria que é preciso derrubar o governo? Queria ele simplesmente traduzir o sentimento geral dos trabalhadores? Não se sabe.

A crise que derruba o governo

A sessão é retomada no dia 9. A sala do *Reichstag* está literalmente sitiada pelas delegações operárias que ninguém quer receber. Elas trazem reivindicações, sempre as mesmas: eles não conseguem mais viver. A mesma história se reproduz o dia inteiro. Cento e cinqüenta mil operários desfilam em Chemnitz pedindo a demissão de Cuno. Aqueles são os primeiros. Por todo lado, o trabalho parado, assembléias gerais, debates sobre a ação de urgência. No dia 10, será a votação. Os deputados social-democratas anunciam que se absterão. Wilhelm Koenen toma a palavra. Ele diz, com certeza, que os comunistas recusam a confiança em Cuno e compreende-se sua frase da véspera como um chamado ao engajamento na batalha. Ele exorta o "movimento de massa dos trabalhadores" a "vir, por cima do Parlamento, formar um governo operário revolucionário"[5]. É praticamente um chamado à insurreição, como poder-se-ia imaginar na véspera. Mas, quem tomou tal decisão? Aparentemente ninguém; o deputado comunista improvisa? Parece que sim. Porém, compreende-se: o barômetro está em tempestade e como, nesta tormenta, não procurar uma saída na qual se pensa há muito tempo?

O historiador Werner Angress escreve que naquele dia a capital alemã era um "hos-

4. Citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 710.

5. *Die Rote Fahne*, 11 de agosto de 1923.

pício"[6]. É em geral o que dizem perante o espetáculo da revolução aqueles que não gostam dela. Contudo, de fato, há um encaminhamento, uma significação claríssima a esta desordem, a saber, a procura por uma nova ordem. São os operários de reparação do metrô que entraram primeiramente em greve, no amanhecer. O sindicato dos gráficos da AGDB decide a greve pelos salários. Somente as edições e os jornais operários devem escapar. Os dirigentes da ADGB gostariam também preservar a gráfica do *Reich*, onde funciona, como se diz, "a prancha de cédulas". Não obstante, os militantes comunistas tomam o controle do assunto; opõem-se, denunciam, convencem finalmente os oito mil da Imprensa Nacional. Não há mais cédulas: o governo está encurralado.

Os emissários do Comitê dos 15 percorrem Berlim chamando por todo lado a cessar o trabalho. É provavelmente sua ação que faz os trabalhadores da eletricidade entrarem em greve. Ela vai seriamente perturbar o fornecimento de corrente elétrica e acelerar as paradas de trabalho. Os grandes bastiões de trabalhadores agem por sua vez. Os operários da Siemens se colocam em greve. Os da Borsig os seguem. Os transportes municipais param. Há greve nos hospitais. Os trabalhadores dos canteiros de obra de Hamburgo entram em greve. Manifestações operárias em Crefeld e Aix-la-Chapelle. A polícia dispara e deixa mortos. Ainda não é uma greve geral.

Todos os grevistas exigem a renúncia do governo. Numerosas assembléias de grevistas reivindicam também um governo operário. O governo de Cuno baixa um decreto que permite a apreensão de todo material impresso que preconize "a derruba violenta da forma de Estado existente"[7]. É um pouco ridículo. Os jornais da metade do dia anunciam o fechamento iminente do *Reichsbank*, por falta de cédulas. O *Vorwärts* pede calma aos trabalhadores. *Die Rote Fahne* publica um chamado do Comitê dos 15, redigido num tom exaltadíssimo, contra os "comerciantes falidos e os usurários": "Pão aos que trabalham! Controle do abastecimento! Repartição pelos sindicatos e as organizações operárias! Por um governo operário e camponês! Trabalhadores, é preciso sair dessa! O governo Cuno conduz vocês à ruína! Selem a frente única de todos os explorados na luta por suas existências! Formem nas empresas seus grupos de defesa operária!"[8]

São os sindicatos que tomam a iniciativa de uma consulta entre organizações. A comissão de Berlim dos sindicatos, consciente da gravidade da situação, convida os responsáveis sindicais e representantes do SPD, do USPD e do KPD para uma reunião comum de concentração à noite. Poderíamos imaginar que estamos de novo na época do *Putsch* de Kapp, salvo que essa reunião ocorre em plena ofensiva operária. O SPD é representado por Otto Wels, flanqueado por Breitscheid e Hertz, o KPD, por Ruth Fischer, Ottomar Geschke e Fritz Heckert. Iremos em direção ao governo operário proposto por Legien em 1920? Será que o KPD quer um tal governo? Mas, para começar, os sindicatos devem chamar esta greve que já está se desenrolando?

6. W. Angress, *Stillborn Revolution*, p. 370.

7. W. Angress, *Stillborn Revolution*, p. 140.

8. *Die Rote Fahne*, 10 de agosto de 1923.

Ruth Fischer, em nome do KPD, faz uma proposição. Ela sugere uma greve de três dias com os objetivos seguintes: salário mínimo horário de 0,6 marcos-ouro; derrubada do governo Cuno e estabelecimento de um governo operário e camponês. A proposição foi escutada com atenção, discutida com seriedade por numerosos responsáveis sindicais. Por outro lado, ela é vivamente combatida por Wels e por seus camaradas social-democratas, que julgam a greve perigosa, sublinhando as iniciativas que acabaram de lhes ser anunciadas por uma delegação recebida pelo governo: um crédito de 50 milhões de marcos-ouro, garantidos por grandes sociedades, para a importação de víveres, 200 milhões obtidos nas mesmas condições para estrangular a inflação, o aumento, adquirido, dos impostos sobre a renda e as grandes sociedades. A miragem de um milagre. Os sindicalistas hesitam. Muitos sentem que isto não pode mais continuar. Não obstante, a aventura os amedronta. Além disso, Ruth Fischer não está decidida nem a lhes convencer nem a lhes acalmar. Suas últimas palavras em sua direção são para dizer que o movimento se fará com eles, sem eles ou contra eles. Eles rejeitam sua resolução.

O PC pega o bonde andando para se colocar atrás do Comitê dos 15, este "órgão de frente única" que ele controla. Durante toda a madrugada, os militantes se mobilizam, carregam mensagens, chamados, convocações. É preciso tomar o governo, fazê-lo adotar uma plataforma que os sindicatos recusaram, generalizá-lo e lhe empurrar para frente. À noite, o *Polburo* enviou uma circular aos distritos informando-os da importância do movimento grevista em Berlim, recomendando aos organismos do partido reunir estes movimentos e tomar sua frente. Ele recomenda que a greve seja decidida pela iniciativa ou com a cobertura da ADGB, mas, se não for o caso, que não se perca tempo e se faça o chamado aos conselhos de fábrica para desempenhar o papel de direção. Ele indica que é possível que Cuno demissione e que um novo governo com os social-democratas seja formado para frear o movimento.

O 11 de agosto é um feriado, festa da Constituição de Weimar. Mais ou menos às dez horas da manhã, começam a chegar, em carros ou motos decorados com as bandeirolas vermelhas e se dirigindo para as salas vizinhas de *Neue Welt* e *Kliems Festsäle*, algo como dois mil trabalhadores, delegados dos conselhos de fábrica da aglomeração berlinense convocados durante a madrugada e de manhãzinha pelo Comitê dos 15. A polícia não me mexe, apesar da aglomeração que esta reunião provoca no bairro. Em nome do Comitê, Hermann Grothe propõe uma greve de três dias e um programa de nove pontos: demissão do governo Cuno; formação de um governo operário e camponês; confisco dos víveres e sua distribuição sob controle das organizações operárias; reconhecimento oficial dos comitês de controle; suspensão da proibição das centúrias proletárias; salário horário mínimo de 60 *pfennigs*-ouro; emprego para todos os desempregados; suspensão do estado de urgência e da proibição das manifestações; libertação dos prisioneiros políticos operários. Não há praticamente debate e a decisão é tomada por unanimidade.

O objetivo primeiro deste chamado – que a *Die Rote Fahne* publica à tarde, mas sem a passagem sobre o governo "operário e camponês", censurada em virtude do decreto recente – é generalizar a greve para todo o país. Ela se estende, efetivamente, é há sérios

conflitos em muitas grandes cidades, fuzilamentos em Hanôver, Lübeck e Neurode. Grothe redige, para o Comitê dos 15, diretivas tendo em vista a greve geral: eleição de comitês de greve; organização de comitês de controle e de centúrias proletárias, chamados aos partidos e sindicatos operários para uma frente única preparando um governo operário e camponês; desarmamento dos grupos fascistas pelas centúrias proletárias; propaganda de fraternização em direção aos militares e aos agentes de polícia.

Parece bem que o movimento de massas se encaixa no esquema montado para ele pelo Partido Comunista e pelo Comitê dos 15. A greve é, por toda evidência, alimentada pelo desejo dos trabalhadores de acabar com o governo Cuno, acusado de ser o responsável pela miséria generalizada. Alguns dirigentes social-democratas tomam consciência disto e compreendem que a posição que eles tomaram na reunião do dia 10 é extremamente perigosa na medida em que ela pode fazer com que os trabalhadores os associem ao governo Cuno e à sua política. Eles darão, portanto, um passo em direção aos trabalhadores anunciando que o Partido Social-Democrata recusa, de agora em diante, seu apoio ao governo Cuno e que ele está pronto para entrar em um governo de "grande coalizão" com os partidos de centro, com a condição de que estes promovam uma ação séria para melhorar as condições de vida dos trabalhadores e sair da crise. É Otto Wels que preconiza esta guinada perigosa; 49 deputados social-democratas se recusam a endossar este retorno aos erros passados. Os social-democratas não perdem tempo. Uma delegação de seu grupo parlamentar anuncia sua decisão a Cuno, que reconhece, então, que é desesperante a situação de seu governo e apresenta sua demissão.

Stresemann no governo

O chanceler Ebert consulta, então, discretamente, e confia a formação do novo governo ao populista Gustav Stresemann, industrial saxão e político hábil. Os socialistas impõem condições à sua participação: medidas fiscais contra as grandes sociedades, vigilância e eventual repressão contra as organizações de direita. Stresemann concorda. Quatro social-democratas entram no governo em postos-chave a fim de acalmar os trabalhadores: Robert Schmidt é vice-presidente, Rudolf Hilferding nas Finanças, Sollmann no Interior e Radbruch na Justiça. O governo explicita suas intenções: é preciso negociar com a França e estabilizar o marco por meio de uma reforma fiscal que faça os ricos pagarem. Quanto à ascensão operária, Stresemann pensa que ela vai se apaziguar e a entrada dos social-democratas lhe daria, ao menos, o tempo de conduzir uma negociação e de encontrar um alívio para a crise econômica.

Efetivamente, essa mudança começa a provocar sinais de enfraquecimento do movimento. A saída de Cuno estava no centro das aspirações de todos no mundo do trabalho. Sua partida aparece como uma vitória e seus sucessores, com suas promessas, têm uma linguagem bem diferente das dele. Com certeza, a greve não pára do dia para a noite. No dia da saída de Cuno, há ainda choques, em Hanôver e Gelsenkirchen (30 mortos). No dia

13, conflitos armados estouram quase em todo lugar (mais de uma centena de mortos no total). Centúrias operárias confiscam gado no campo e distribuem a carne em diversas cidades operárias.

Isto significa que é preciso continuar a greve e que esta, com seu avanço, baterá Stresemann e dará nascimento ao governo operário? Não é óbvio e os responsáveis vêem se acumular os signos indicando que a partida de Cuno é considerada como uma conquista importante e que não é preciso forçar para continuar. Há mesmo desacordos no *Polburo*, onde Pieck, Heckert, Böttcher teriam se mostrado "extremistas". Finalmente, a título de experiência, decide-se se prolongar por mais um dia. O Comitê dos 15 chama a ampliação da greve e a luta contra a grande coalizão. Contudo, os sinais são claros. Assim, ao passo que na manhã do dia 14 a *Die Rote Fahne* tinha como manchete "Milhões nas ruas, o combate continua", ela publica uma edição especial ao longo do dia chamando à "interrupção da greve, todos juntos". Mesmo a esquerda não se opõe à retomada e Ruth Fischer defendeu sua necessidade perante os delegados dos conselhos de fábrica.

A greve que derrubou Cuno guarda, a justo título, um lugar importante na história contemporânea, como exemplo de greve selvagem derrubando um governo. Parece-nos que ela foi, acima de tudo, uma afirmação, ao mesmo tempo em que um desmentido explosivo dado por milhões de homens fartos de seus sofrimentos e de uma política de classe pesando injustamente sobre seus ombros. Desmentindo não somente as análises dos grandes deste mundo, mas também aqueles do estado-maior internacional que se colocou como tarefa abatê-los. Os primeiros, ainda em 10 de agosto, continuavam a aprovar a política do pior de Cuno em face das exigências francesas e lhe faziam confiança para manter a ordem entre aqueles que pagavam o pato. Dois dias depois, eles foram obrigados a virar a casaca, a satisfazer os trabalhadores ao expulsar Cuno e ao solicitar aos franceses que queriam negociar.

Mas o estado-maior do KPD não estava menos enganado em sua apreciação do momento e da relação de forças. A revolução estava infinitamente mais próxima que eles imaginavam, apesar de suas proclamações, suas promessas e sua espera, e talvez mesmo o momento fora somente atrasado em algumas semanas pela guinada de Wels, no dia 11. O KPD não tinha os aliados que ele estimava necessários para formar o "governo operário" e ele estava longe de ter alguma força militar para se opor num curto prazo às forças policiais, à *Reichswehr* e aos grupos paramilitares. Será que a revolução caminhou mais rápido que a cabeça dos dirigentes do KPD?

De volta a Moscou

Zinoviev, no Executivo de junho, resumira, à sua maneira, a situação na Alemanha: "A Alemanha está às vésperas da revolução. Isto não significa que a revolução chegará em

um mês ou um ano. Talvez será preciso mais tempo."[9] A greve contra Cuno deveria, evidentemente, destruir estas tranqüilas certezas imobilistas. Com certeza, uma certa calma social retornou à Alemanha, como se os trabalhadores dessem ao governo uma pausa temperada com um estado de graça. Por outro lado, a situação parece se agravar em dois *fronts*: desemprego e inflação. Naquele da inflação, as cifras são chocantes: a taxa de câmbio do dólar, que havia atingido no dia 13 de agosto a cifra exorbitante de 3,7 milhões de marcos, estava em seis milhões uma semana mais tarde. Em 1° de setembro, ela atingirá 98 milhões de marcos. Depois de uma breve esperança de pressão britânica sobre os franco-belgas, o governo Stresemann pôde somente constatar um endurecimento do governo Poincaré, que exigia antes de qualquer negociação uma renúncia solene da Alemanha à resistência passiva. A autoridade do *Reich* se choca nesta data a sérios obstáculos em três *Länder*, Bavária, em face da extrema direita, Saxônia e Turíngia em face dos social-democratas de esquerda. A Bavária abriga tropas e bandos de terroristas a quem ela serve de refúgio. A Turíngia de August Frölich autorizou a formação de centúrias proletárias. Mesma situação na Saxônia onde, por baixo dos panos, o presidente Erich Zeigner, também social-democrata de esquerda, ataca a *Reichswehr* e seus cúmplices, preconiza métodos socialistas para sair da crise.

Podemos imaginar as discussões acirradas sobre a Alemanha, das quais Ruth Fischer, bem posicionada para o saber, garante que elas iam de vento em popa entre Zinoviev, Radek, Bukharin e Piatnitsky, no próprio local em Moscou, depois por correio e por telefone, com as férias. Muito tempo hesitante, Zinoviev acaba igualmente por se decidir. Tudo indica a seus olhos que o momento de se lançar em direção ao poder chegou à Alemanha. Neste sentido, ele redige teses cujo primeiro projeto parece ter sido concluído em 15 de agosto. Trotsky está em tratamento na Criméia, em Kislovodsk. Ele não recebe nenhuma informação do Executivo, nenhum desses elementos que alimentam os debates entre Zinoviev, Bukharin, Safarov, Clara Zetkin e Souvarine, que moram juntos numa outra casa de campo em Kislovodsk, pois o ostracismo continua. Stalin sai em férias não muito longe dali, em Essentuki, e vem quase todos os dias de dresina passar o dia com Zinoviev e os outros. Não obstante, Trotsky lê todos os dias a imprensa. Informado da presença em Moscou de Walcher e Enderle, dois dirigentes operários comunistas alemães estimados por Trotsky, ele os chama ou pede que alguém os chame para vir até ele. Ele lhes faz perguntas e os escuta longamente. Também se convenceu rapidamente de que o momento chegou, se já não passou. Para ele, a greve contra Cuno é a prova da determinação da classe operária alemã de acabar com o estado de coisas. Para ter mais segurança, ele pede a Walcher que complete sua informação desde seu retorno a Berlim, o que não será necessário, já que as coisas vão tão rápido. Ele se manifesta por sua vez. Os dados estão lançados. O *Politburo* vai se reunir para debater a revolução alemã. Para os russos, é a regra. O *Politburo* vai resolver de início determinando a posição do partido russo. O Executivo se reunirá depois sobre esta questão, se ela ocorrer. É aí, na Internacional, um organismo que, no fundo, não

9. *Protokoll* (Executivo ampliado, 12-23 de junho de 1923), p. 101.

pára de crescer, que transporta ainda seu passado nas solas dos sapatos e cujo funcionamento reflete a história.

Em 9 de agosto, ao fim de uma reunião do Birô Político de que participaram igualmente Rakovsky e Piatakov, Stalin telegrafa a Trotsky, Zinoviev e Bukharin dizendo que o BP deseja a presença deles para uma discussão sobre a situação na Alemanha[10]. Trotsky responde que pode interromper seu tratamento e estar em Moscou no dia 15. No dia 12, portanto, quando a greve contra Cuno atinge seu ápice, Radek telegrafa a Brandler dizendo que uma reunião do *Presidium* da Internacional foi marcada para o dia 19 e que ele é esperado. No dia 13, ele pede para trazer consigo Thälmann "ao invés da Ruth" e dá sua opinião: se os social-democratas aceitam uma grande coalizão, será a destruição de seu partido[11].

Não temos a ata da reunião do *Politburo* em que foram tomadas as decisões cruciais, pela primeira vez desde a revolução na ausência de Lenin, ao passo que, para os homens que dela participam, é o destino da revolução mundial que está em jogo. Para a circunstância, o *Politburo* foi ampliado a militantes russos, Piatakov e Tsiurupa, a representantes do Executivo, Radek e Kuusinen e, enfim, aos representantes alemães que se encontravam em Moscou, Edwin Hoernle, que representa o KPD e Jakob Walcher, que viera para uma reunião da Profintern.

Os participantes têm sob os olhos um texto de mais ou menos 26 páginas, em alemão, datado de 15 de agosto, um "Projeto de Teses" de Zinoviev[12], que ficou desconhecido até a abertura recente dos arquivos da Comintern. Num estilo que evita, no conjunto, o politiquês, Zinoviev responde claramente a algumas das questões que os comunistas lhe colocaram ao longo dos meses precedentes. Certamente, ele sublinha a significação internacional da revolução que vem, a NEP dos Estados proletários que ela vai tornar possível. Sublinhando que todas as condições da revolução proletária estão dadas na Alemanha, ele não reconhece menos o perigo de se engajar prematuramente na batalha decisiva. O essencial, entretanto, é que, ao que tudo indica, a revolução bate à porta. Um procurador foi linchado em Frankfurt por manifestantes social-democratas. Os operários ocupam as fábricas onde estão em greve. Todas as soluções intermediárias estão destinadas ao fracasso e o governo Stresemann anuncia somente o fim de todos os seus componentes. É em direção aos comunistas que se dirigem os operários, ao passo que uma fração da pequena-burguesia se liga ao fascismo. O fato de que os comunistas tenham hoje conquistado a maioria da classe operária faz deles a única força suscetível de bater o fascismo, à condição de que eles compreendam e apliquem as lições do Outubro Russo: na Alemanha, hoje, isto significa a formação de conselhos operários, e antes de todos o conselho operário de Berlim. Além do mais, a cisão que se anuncia nas fileiras da social-democracia, o nascimento de uma esquerda social-democrata, é um evento considerável, rico de promessas.

10. Documentos Bayerlein.

11. *Ibidem*.

12. *Ibidem*.

Zinoviev enumera, em seguida algumas, das tarefas dos comunistas alemães, insistindo naquelas que são novas, não tradicionais, sublinhando a necessidade de um poder forte; da aliança dos operários com os camponeses; a recusa de nacionalizar tudo; a necessidade de conservar um espaço à iniciativa privada; a proposição de organizar uma greve geral de ação conta o fascismo para situar o KPD em seu lugar, à frente do povo contra os fascistas. Pois se trata, segundo ele, em última análise, do combate entre o fascismo e o comunismo.

Relevemos com grande interesse o que ele chama de tarefas do PC russo, que deverá alimentar o proletariado alemão, enviar-lhe grãos, arranjar-lhe armas ou com o que comprá-las no local, fornecê-lo imediatamente 50 especialistas em guerra civil, reforçar seu Exército Vermelho, melhorar as relações internacionais com a URSS. Da Internacional, espera-se que ela mobilize seus partidos, e em primeiro lugar o PC francês. Dirigir-se-á também à II Internacional, à Internacional Sindical de Amsterdã, ao sindicato dos transportes desta última, para lhe pedir ajuda. As teses de Zinoviev terminam por um apelo que, somente por ele, constitui a metade do que era conhecido delas antes de sua abertura dos arquivos: "A crise amadurece. O que está em jogo é imenso. O momento se aproxima quando será necessário audácia, mais audácia, sempre audácia."[13]

Do debate propriamente dito, citaremos uma reconstituição com base em muitos depoimentos que até hoje não foram corrigidos ou autenticados:

> O primeiro relatório teria sido apresentado por Radek, que teria partido da amplitude da greve Cuno para mostrar a passagem da revolução alemã a uma fase superior. Nada permite indicar que ele tenha insistido na necessária prudência que constituía ao longo das semanas precedentes a teses centrais de suas intervenções; sem dúvida, ele estava, de todo modo, impressionado pelo acordo que fora realizado, na apreciação desta questão capital, entre Trotsky e Zinoviev. Depois do relatório de Radek, Trotsky interveio com vigor: para ele, não havia nenhuma dúvida que se aproximava na Alemanha do momento da luta decisiva e direta pelo poder, o Outubro Alemão. Dispõe-se somente para sua preparação de algumas semanas e tudo deve ser subordinado a esta tarefa prioritária. Zinoviev, embora mais nuançado, vai no mesmo sentido; preferindo contar em meses do que em semanas, ele pensa, com Bukharin e Trotsky, que se trata agora de preparar a insurreição. Stalin é mais reticente e manifesta algum ceticismo: ele não acha que se possa vislumbrar a vitória da revolução alemã antes da primavera de 1924, mas ele não insiste.[14]

As conclusões desta reunião capital são levadas ao conhecimento do Executivo. De início, o projeto de teses de Zinoviev, que foi adotado, é difundido às direções dos partidos. Por sua parte, o partido russo decide constituir uma comissão encarregada de supervisionar os preparativos. Ela compreende Radek, Piatakov, o *tchekista* Unschlicht e o dirigente sindicalista Vassili Schmidt[15], sem dúvida alguma, para aqueles que o escolheram, o antigo Nicolai, chefe das formações paramilitares em Petrogrado em 1927 – o que, até agora, nenhum historiador tinha notado, ao que parece. Alguns dias antes, enviou-se à Alemanha, um dos mais brilhantes dirigentes da Juventude Comunista, Lazar Chatskin, 21 anos, que deve tomar a direção do conjunto do trabalho antimilitarista na Alemanha em nome da Internacional Comunista dos Jovens, de quem ele é um dos dirigentes. Prepara-se para enviar técnicos militares e especialistas, inclusive *tchekistas*. Um destes últimos é um dos melhores, em que pese sua juventude, Semion Grigorievitch Firin[16].

13. Documentos Bayerlein.

14. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 720.

Os preparativos políticos

O Executivo, por sua vez, convoca para Moscou, "no mais tardar para 20 de setembro", uma conferência extraordinária cuja realização é mantida em segredo. Além dos representantes do KPD junto ao Executivo, Clara Zetkin e Edwin Hoernle, o próprio Brandler, ele deve compreender os representantes da esquerda, dentre eles Ruth Fischer, Maslow e Thälmann[17], Radek se esforçando para separar este último dos dois berlinenses. Ela começa em 21 de setembro. Brandler chega a Moscou mais ou menos no fim de agosto e a Central decidiu em 12 de setembro a partida de Ruth Fischer, Maslow e de outros representantes do KPD para Moscou, dentre eles dois militantes operários da esquerda, Max Hesse e Anton Grylewicz. Eberlein está igualmente presente, o mesmo para Kuusinen e Piatakov. Trotsky, Zinoviev e Radek, também obviamente.

Com certeza, os dirigentes russos não disseram perante o mundo sua intenção de preparar a tomada do poder na Alemanha e as medidas que eles adotaram para esse objetivo. Todavia, era necessário mobilizar o partido e os trabalhadores russos, e é o que eles fizeram, sempre dizendo que não tinham a menor intenção de intervir. Em algumas semanas, a Alemanha torna-se o tema principal das intervenções públicas dos dirigentes soviéticos, de seus discursos nos congressos, sindicais ou outros, o centro, a atenção da imprensa soviética. Além do mais, um certo número de campanhas *ad hoc* chamam a atenção sobre o papel central que este país ocupa de agora em diante na cena mundial, ou melhor, para falar a língua dos comunistas, na marcha em direção à revolução mundial.

Os muros das cidades se cobrem de cartazes chamando a juventude a apreender o alemão para melhor aproveitar a revolução que vem. Nas fábricas, nas universidades, nas escolas, ocorrem cotidianamente conferências, reuniões, atos de mobilização em prol da ajuda a este combate decisivo. Bukharin é aclamado pelos estudantes aos lhes aconselhar – não é nada banal neste país apaixonado pela instrução e pela especialização técnica – de

15. Documentos Bayerlein.

16. A. Vaksberg, *Hôtel Lux*, p. 23, de fato, o chefe militar.

17. Documentos Bayerlein.

jogar longe seus livros e empunhar fuzis e partir para o combate[18]. Nas fábricas, aprovam-se resoluções em que os operários declaram renunciar a seus aumentos, até mesmo aceitar diminuições se necessário, para garantir a vitória da revolução na Alemanha. Unidades do Exército Vermelho se dirigem aos jornais comunistas alemães para declarar sua determinação de desempenhar um papel de vanguarda na revolução que chega. Zinoviev, Trotsky, Radek e muitos outros menos conhecidos explicam na imprensa como vai se desenrolar a revolução alemã e que ela vira definitivamente uma página na história do mundo. Criaram-se fundos especiais para a Alemanha, um em ouro, para o qual até mesmo as mulheres russas são chamadas a doar suas alianças, e outro, em cereais, 60 milhões de libras garantem o Comissário do Comércio. Sob instruções do Birô Político, recenseiam-se os membros do partido que conhecem alemão a fim de se preparar para constituir uma reserva militar se tal intervenção se mostrar necessária.

Na primeira fileira das demonstrações de entusiasmo combatente se encontram evidentemente a Juventude Comunista, a geração pós-Outubro, que vai, enfim, ter sua própria revolução. Celebra-se a união do bate-estacas alemão e do pão soviético, fala-se em "conquistar o mundo", celebra-se a força do bloco de 200 milhões de homens contra o qual nenhuma guerra será possível. Comunista chinês estudante em Moscou nesta época, Peng Shuzhi se recorda:

> De meados de setembro aos últimos dias de outubro de 1923, não se fala outra coisa em Moscou a não ser da vitória próxima da revolução na Alemanha. O entusiasmo que a certeza desta ofensiva da classe operária acende de uma ponta a outra no país dos sovietes, no partido, na juventude e nas massas, é imenso. Com efeito, há muito tempo que se acalenta a esperança de ver a chama da Revolução de Outubro se propagar finalmente para o Velho Continente, tanto tempo que se nutre a esperança de uma explosão social salvadora no coração do coração da Europa!
>
> Por todos os lados, ao nosso redor, os atos se multiplicam, ao ar livre ou em lugares cobertos, notadamente nos teatros, nas escolas, nos circos. Os oradores, como que iluminados por uma Anunciação, formulam os prognósticos mais inebriantes sobre a Grande Revolução Alemã que acaba, afirmam, de se colocar em marcha e que nada poderá pará-la. Eles se gabam deste país extremamente avançado que é a Alemanha, a potência de sua indústria, seus 30 milhões de trabalhadores já organizados, a audácia e a dinamismo de seu partido comunista. Brandler, o número um do comunismo alemão, é aqui alçado às nuvens. Ninguém duvida que ele será, que ele já é o Lenin da Alemanha. Mesmo Radek e Piatakov, os enviados da Comintern na Alemanha, transformam-se, nos clichês soviéticos, nos arautos do advento de uma Europa socialista.
>
> Levados por uma corrente de fervor antecipadora, um grande número de jovens soviéticos e de comunistas estrangeiros residentes em Moscou se queimam de impaciência para partir para Berlim, para Hamburgo ou para Dresden a fim de contribuir ao prosseguimento e ao

18. Ruth Fischer pinta um quadro muito vivo deste movimento em *Stalin and German Communism*.

> relance da revolução mundial. E eu sou um deles. Um curso de iniciação acelerado à língua alemã foi criado na Universidade Comunista do Oriente. Fez muito sucesso. Eu o freqüento, naquilo que me concerne, com assiduidade.[19]

Os debates estiveram marcados por muito tempo com o carimbo *sekretno*. Contudo, estamos suficientemente bem informados pelas recordações daqueles que participaram deles – e por outros documentos – para reconstituir de maneira bem precisa seu conteúdo, desde as perspectivas políticas até os detalhes técnicos. Não houve desacordos no começo. Ruth Fischer, que havia anos proclamava que a Hora H da Grande Noite estava chegando, não podia se desmentir no momento em que todo o mundo pensava que ela acabava de chegar, desta vez para valer. Em que pese a reputação de prudência por oportunismo que lhe fora feita, Brandler era um revolucionário e não há motivos para duvidar de sua sinceridade no empenho à preparação da insurreição, mesmo que ela o tenha surpreendido desde o primeiro contato com as conseqüências visíveis da guinada de Moscou que ele descobriu quando de sua chegada à capital da URSS.

Divergências na cúpula

Porém, as divergências apareceram ao longo do trabalho. Uma das mais importantes era sobre a questão de saber se era necessário chamar, antes da tomada do poder, à constituição de conselhos operários, sobre o modelo dos sovietes. Zinoviev já tinha respondido positivamente a esta questão, chegando mesmo a designar em suas teses como tarefa prioritária a constituição desses conselhos, e, particularmente, o conselho operário de Berlim, único esqueleto possível a seus olhos do novo Estado operário. Stalin, sem dúvida por uma fidelidade exibicionista às lições da Revolução de Outubro, sustenta esta posição sem maiores argumentos numa nota do dia 20 de setembro. Trotsky, apoiado por Brandler, retruca que eram os conselhos de fábrica que estavam desempenhando e continuariam a desempenhar, antes da insurreição o papel dos sovietes na Rússia, pois eles tinham se tornado efetivamente "os pontos de concentração das massas revolucionárias". A criação dos sovietes neste período iria resultar somente em formas sem conteúdo. Ele explica, por escrito, numa nota ao *Politburo* e num recado a Brandler, ambos datados de 29 de setembro[20]. A maioria o segue, de Brandler a Ruth Fischer passando por Radek: ela estima, com efeito, que a formação de sovietes apresentaria o risco de desviar os militantes das tarefas de preparação da insurreição e de fazer dele alvos para um governo à procura de uma provocação. Com Trotsky, ela estima, portanto, que o trabalho preparatório da insurreição poderia ser feito sob a autoridade reconhecida dos conselhos de fábrica e que os sovietes seriam construídos somente mais tarde, depois da vitória da insurreição.

19. Peng Shuzhi, *op. cit.*, p. 331-332.

20. Documentos Bayerlein.

A segunda divergência era sobre a fixação de uma data. Trotsky, Zinoviev e a esquerda alemã eram partidários da fixação de uma data precisa para a insurreição, assim como o Birô Político do PC russo havia decidido desde o começo dos eventos. Contudo, agora, a oposição era dirigida por Radek e Brandler, que invocavam evidentemente os múltiplos riscos possíveis no desenvolvimento concreto que o levante revolucionário poderia levar à paralisia do partido, levando este último a correr o risco de se encontrar prematuramente compromissado com uma data. Trotsky desenvolvera publicamente seus argumentos, sem mencionar diretamente a Alemanha, num artigo na *Pravda* onde ele lembrava que os golpes contra-revolucionários se produziam em data marcada. Ele garantia que o dever de um partido comunista seguido pela maioria dos trabalhadores era determinar um prazo preciso num futuro imediato, excluindo-se toda mudança brusca da situação e concentram, em seguida, seus esforços sobre o objetivo militar em vista[21]. Ele propôs a data de 7 de novembro, que daria o tempo necessário e beneficiaria do prestígio do Outubro Russo.

Os alemães preferiam o 9, por causa de sua própria tradição. Brandler foi inelutável. Para ele, somente a direção alemã, no local, poderia determinar com o mínimo de erros a data na qual dar o golpe decisivo. Era também uma maneira bem legítima para a direção do KPD de reivindicar suas responsabilidades próprias. Apoiado por Radek, Brandler ganhou neste ponto, e ficou combinado que a escolha da data seria deixada aos dirigentes da revolução no local[22].

Os outros desacordos eram a respeito de pessoas. Brandler, que tinha grande admiração por Trotsky, propôs seu envio à Alemanha para dirigir a insurreição; ele acha que ele já tinha passado nos testes. Era evidentemente inaceitável para Zinoviev, que se opôs vivamente e respondeu que essa responsabilidade cabia a ele enquanto presidente da Internacional. Brandler se dirigiu, então, ao *Politburo* do partido russo propondo formalmente e no nome da Central o envio à Alemanha de Trotsky, Piatakov e Radek. Stalin explicou que não se poderia enviar nem uns, nem outros. O *Politburo*, reunido no mesmo 4 de outubro, que lhe era rigorosamente impossível, por razões de segurança, o envio à Alemanha de Zinoviev ou Trotsky. Ele propôs, por outro lado, o envio de Radek e Piatakov, membros da comissão que conheciam todos os preparativos do Outubro Alemão e o envio de Rudzutak e Kuibychev como seus acompanhantes.[23] Os dois primeiros aparecem desde então nos documentos de arquivo sob seus pseudônimos respectivos de Andrei e Arvid.

Um problema delicado é lembrado por Brandler a respeito da esquerda e, particularmente, de Ruth Fischer e de Maslow. Temendo suas iniciativas fracionais habituais, ele pede, com efeito, que eles sejam mantidos afastados do partido e de sua direção durante o período decisivo. Ele propõe, portanto, em conforme com uma proposição de Lenin con-

21. "Peut-on fixer un calendrier précis pour une contre-révolution ou une révolution?", In: *Pravda*, 23 de setembro de 1923.

22. Documentos Bayerlein.

23. *Ibidem*.

cernindo Maslow feita em 1921, deter-lhes em Moscou. Trotsky, cuja hostilidade pessoal a Ruth Fischer e a seus métodos não diminuíra na época e que quer absolutamente proteger Brandler, que ele estima, apóia vigorosamente esta proposição que Bukharin e Radek combatem.

Finalmente, é Zinoviev quem faz adotar o compromisso. Maslow ficara definitivamente em Moscou para uma investigação sobre um assunto menor. Ruth Fischer será autorizada a retomar seu lugar na Alemanha, mas sob a vigilância de uma camarada russo, membro da comissão, Vassili Schmidt, tornado assim de algum modo o "controlador" russo do distrito de Berlim-Brademburgo e de seu respeito à disciplina do KPD nestes momentos decisivos! Ruth Fischer, a propósito de Schmidt, que ela acha "um bom rapaz" e "agradável", escreve que ele foi seu "conselheiro pessoal", mas se gaba também de ter conseguido instalá-lo confortavelmente num lugar do partido de onde ele não sairá muito durante sua estadia em Berlim. Não acreditamos nisso[24].

Em 12 de outubro, em seu relatório à Central sobre as discussões de Moscou, Brandler não é tão loquaz. Ele indica somente que não houve divergências, salvo no que diz respeito às datas. Talvez, tenha sido mais razoável[25].

Os preparativos militares

Ruth Fischer se queixou bastante do espaço, excessivo, segundo ela, dado nos preparativos à questão militar. Trotsky evidentemente se faz de surdo a esse tipo de crítica e respondeu em seu artigo na *Pravda* por uma das fórmulas cujo segredo ele possuía: "A revolução tem um imenso poder de improvisação, mas ela nunca improvisa nada de bom para os fatalistas, os amadores e os imbecis."[26]

O chefe da organização militar clandestina é, como vimos, Helmuth Wolf, e podemos afirmar, graças à existência de um documento emanando dele e datado de julho de 1923 nos arquivos, assim que pelo testemunho, em suas memórias assinadas Retzlaw, de Karl Erde, responsável no seio do *M-Apparat*, que ele identifica formalmente como o major-general soviético Rose, dito Skoblevsky, também dito Goriev e Aleksandr. Juntos eles fizeram uma viagem pela Alemanha, encontrando os responsáveis pelo aparato militar, freqüentemente ex-oficiais, amigos e colaboradores de Erde-Retzlaw. Este menciona seu *alter ego* Wolfgang von Wiskow, ex-*Oberleutnant*, Joseph Gutschke, Otto Steindrück, ex-oficial de estado-maior no exército austro-húngaro, tornado membro dos serviços secretos soviéticos, reivindicado pelo KPD, Gustl Mayer, um bávaro que entrou no KPD em 1918, passado para seu aparato militar, Ernst Günther e Erich Wollenberg, ex-tenentes que foram o Exército Vermelho como ele. Hermann Weber menciona também, entre os

24. R. Fischer, *op. cit.*, p. 324.

25. Documentos Bayerlein.

26. Artigo citado anteriormente, *Pravda*, 23 de setembro de 1923.

homens importantes do *M-Apparat*, Rudolf Margies e Rudolf Podubecky, igualmente um veterano da Bavária e, principalmente, Hans Kippenberger, tenente durante a guerra.

Eles vão organizar tudo aquilo a partir da fundação do *MP-Apparat* (Organização político-militar), colocado sob a autoridade do *Revkom* (comitê revolucionário) dirigido por Guralsky-Kleine. O comandante supremo (*Reichsleiter*) é Helmuth Wolf, assistido por um "conselho militar" presidido por Ernst Schneller, onde se encontram os membros da Central. O território alemão é dividido em seis comandos militares regionais que correspondem às regiões militares. Cada um deles está sob as ordens de um *MP-Oberleiter* cotejado por um conselheiro enviado pelo Executivo. Abaixo deles, comandantes de distrito e de grupos de combate. A quase totalidade dos quadros militares são comunistas, ex-oficiais durante a guerra: citemos Erich Wollenberg e Wilhelm Zaisser, Albert Schreiner – dito Baumann –, Hans Kippenberger, Theodor Neubauer, Artur Illner, Albert Gromulat, Hans Kahle, jovem oficial tornado espartaquista em 1918, Ernst Wollweber, Otto Steindrück, que serve no IV Birô do Exército Vermelho e que os alemães reivindicam por tê-lo visto em 1920[27]. O aparato é reforçado por especialistas civis da organização: assim, para a segurança (*Ordnerdienst*, ou OD), Wolfgang von Wiskow, um oficial comunista passa a ser auxiliado por Otto Bulian, do mesmo modo que ascendem a outros postos o metalúrgico Anton Grylewicz, o ferroviário Geschke tornado Eisbär, o metalúrgico Melcher tornado Martin.

Os instrutores estrangeiros desempenham tão discretamente seu papel que ignoramos a identidade real da maioria deles. Conhecemos somente Stein, pseudônimo de Manfred Stern, já encontrado; Georg, pseudônimo, segundo Wollenberg, do russo Aleksei Stetsky, um próximo a Bukharin, e um pessoal do IV Birô do Exército Vermelho, dentro eles Ludwig, o polonês Ignacy Poretski, que será encarregado da segurança dos membros da comissão do Executivo na Alemanha, como atestam as memórias de sua mulher Elsa, *Os nossos*. Arkadi Vaksberg é o único a mencionar Semion Firin. Larissa Reissner, a companheira de Radek; transporta as mensagens disfarçada de mulher de luxo entre a Central e os delegados da Comintern, e aproveita para escrever reportagens de alta qualidade[28].

Relevemos que não encontramos aqui muitos dos oficiais da *Reichswehr* que os comunistas tentaram ganhar e que seus adversários garantem que eles conquistaram para a causa "nacional-bolchevique" a fim de se servir dele para os projetos de insurreição. Ruth Fischer atribuiu tal papel a Hans von Hentig, que era, aliás, somente um oficial da reserva. Louis Dupeux foi quem a seu sujeito esclareceu as coisas. Universitário e criminologista, Hans von Hentig era um desses homens da direita que esperavam do "bolchevismo" a ressurreição de sua nação. Ele tomou contato com Brandler no final de 1922 e se colocou à disposição do *M-Apparat*. Em 1923, ele trabalhava efetivamente na organização das centúrias proletárias na Turíngia na qualidade de conselheiro técnico de seu chefe militar, o comunista Theodor Neubauer. O ex-chefe dos *Freikorps*, Beppo Römer, trabalha

27. Documentos Bayerlein.

28. A. Vaksberg, *Hôtel Lux*, p. 23.

também com os comunistas na Turíngia. É provável que ele tenha tido contatos clandestinos com jovens oficiais, notadamente para sua ajuda no armamento ao dia D, mas não dispomos de nenhum elemento preciso.

A organização das centúrias foi unificada. A base de cada uma é uma localidade ou uma empresa; são subdivididas em grupos de seis correspondendo a uma oficina ou a um bairro. Dois grupos de seis formam um grupo de doze combatentes; três grupos, uma coluna de 36 combatentes. Uma centúria compreende três colunas, um destacamento de batedores, um grupo de ajuda médica. Os chefes são eleitos em todos os escalões, inclusive o chefe da centúria, que é obrigatoriamente auxiliado por um adjunto técnico, eleito também, mas tendo uma competência militar. Nos *Länder*, onde elas foram proibidas, e notadamente na Prússia, as centúrias funcionavam disfarçadas de serviço de ordem ou ainda de sociedades de prática esportiva ao ar livre, o que lhes permitia praticar marcha e exercícios – inclusive a aprendizagem de armas – em lugares afastados.

A questão do armamento é evidentemente uma das mais difíceis de resolver. Instalado num cargo de diplomata na embaixada russa de Berlim, Aleksandr Lazarevitch Abramov é o correspondente do OMS, o serviço de ligação clandestino do Executivo, em contato com o Birô de Organização da Central e Leo Flieg, assim como com a WUMBA, comissão especial de compra de armas e munições – elas não faltam, nesta Alemanha arruinada, para qualquer um que tenha divisas. Conhecemos uma nota de protesto de Unschlicht ao general Berzin por conta de uma compra de muitas centenas de fuzis, de metralhadoras, pesadas e leves, e de morteiros que não pode ser efetuada por causa de amadorismo – "falta de espírito conspirativo" – de alguns de seus colaboradores[29].

No conjunto, essa organização militar, que, teoricamente, em face das forças do Estado e dos fascistas alemães não é nada, representa um esforço enorme para o partido alemão. Contudo, conta-se com o levante da massa dos trabalhadores, na desintegração da *Reichswehr*, na lassidão da polícia, para garantir a vitória militar.

O enredo da insurreição

O plano elaborado pela comissão alemão de Moscou foi aprovado pelos organismos responsáveis, levando em conta as particularidades alemãs; o aspecto triangular do conflito; a inferioridade militar do proletariado e a lei das revoluções, que nos leva a se sublevar para se defender e atacar por estarmos ameaçados.

O ponto de partida deveria ser a constituição na Saxônia e na Turíngia de bastiões sob governos operários de coalizão com os social-democratas de esquerda, quando se aproveitará para armar massivamente os trabalhadores, fortificar suas posições. A partir daí, a extrema direita bávara e o governo do *Reich* serão obrigados a tentar destruir os postos avançados assim construídos. Um congresso dos conselhos de fábrica no *Land*

29. Documentos Bayerlein.

ameaçado chamará à greve geral dos trabalhadores do conjunto do *Reich* e desta greve geral jorrará a insurreição que imporá o governo operário.

A explosão da social-democracia será ao mesmo tempo a causa e a conseqüência; ajudará em todo caso de maneira determinante a construir o alicerce de classe que será o fundamento do novo poder. Ficção política? Nada disso! O enredo se desenrolará até o meio de sua trama, o congresso dos conselhos de fábrica encarregado de lançar na Saxônia o apelo à greve geral e de desencadear o turbilhão libertador detonador da insurreição final. Porém, nós veremos, não haverá mais ninguém para agir com os comunistas, que não previram agir sozinhos: mecanismo em pane, fracasso. É o fiasco, trágico depois de uma preparação ao que tudo indicava aparentemente minuciosa.

O grande fiasco

Os trabalhos da comissão de Moscou capricharam no plano de insurreição da preparação revolucionária, política e técnica com uma minúcia sem precedentes e com meios financeiros – 400 mil dólares para a compra de armas – dos quais, até então, somente os partidários da contra-revolução tinham podido se beneficiar. Dezenas de milhares de proletários alemães se prepararam e se esforçaram para preparar seus colegas de trabalho ou de desemprego, seus vizinhos e suas famílias a desempenhar seu papel no enredo quase minucioso cujas rebarbas foram aparadas nas salas da Comintern.

O espetáculo da Itália, onde, desde o mês de janeiro, milhares de detenções concorreram para paralisar a atividade dos comunistas, proibir de fato sua atividade, sua imprensa, sua agitação e propaganda, em resumo, toda possibilidade de explicar suas idéias e de convencer, estava aí para mostrar os riscos. O "fascismo" era a grande ameaça no horizonte. Seria realmente a revolução proletária que estava na ofensiva na Alemanha durante as sessões de trabalho de Moscou? Ou procurar-se-iam, ao contrário, os meios radicais de barrar o perigo cada vez mais ameaçador dos regimes que desafiavam as mais elementares conquistas e os direitos democráticos sem os quais o comunismo não poderia se desenvolver?

Durante o grande mês de preparação, em todo caso, a classe operária européia sofreu duas derrotas importantes: uma na Espanha, onde o Partido Comunista desempenhava somente um papel menor; outra na Bulgária, onde um partido tão antigo quanto o Partido Bolchevique, de grande reputação e aparentemente calejado, era o segundo partido do país. Mas, de início, precisamos falar da farsa dos EUA, que também um grave fracasso.

EUA: A farsa

Os comunistas americanos estão muito atrasados na política de Frente Única, pois

eles começam por virar as costas ao movimento que se desenvolve, em particular de *Labor Parties* se apoiando nos sindicatos. Lenin tomou a iniciativa sobre esta questão com os delegados do III Congresso. O CPA começou por lhe opor a resistência que poderíamos esperar de sua parte, isto é, uma resistência passiva obstinada; depois terminou por adotar a palavra de ordem de *Labor Party* de maneira abstrata. É finalmente com o impulso do húngaro Pogány, que ficou nos EUA sob a identidade de John Pepper – provavelmente sem missão precisa da Internacional – e que se tornou secretário do Birô Político, que ele se engaja nesta política de aliança com o *Chicago Labor Party* animado por um velho camarada de Foster, o dirigente operário que fez de Chicago o bastião do sindicalismo democrático, John Fitzpatrick. O homem está ligado a uma equipe notável de jovens comunistas que têm responsabilidades sindicais, à frente Arne Swabeck, mas também Earl Browder.

Porém, as relações são rapidamente deterioradas pelas intervenções autoritárias e dogmáticas de Pepper na imprensa comunista, sua insistência no papel dirigente do Partido Comunista. O grupo de Fitzpatrick se assustou com tanta segurança em si e arrogância. Assustou-se também e, sobretudo, com o afastamento das relações de cúpula com o Partido Comunista dos homens de Chicago que ele conhecia havia anos e em quem ele tinha confiança. Nova York, atrás de Pepper, continua cegamente uma política de divisão contra a qual Cannon tenta em vão chamar atenção.

A tentativa de fundar, a partir de um congresso geral, um *Farmer Labor Party* acaba logo em desastre. O congresso certamente a aprova, mas neste momento ele é composto somente pelos delegados comunistas que investiram nele, todos os outros grupos ou correntes, inclusive a de Fitzpatrick, tendo neste momento, e por razões diversas, batido a porta. O PC capta a si mesmo e arruína o capital de confiança que alguns de seus militantes sindicais permitiram-lhe acumular. É grave, mas há coisas ainda mais graves nesse ano de 1923.

Ditadura militar na Espanha

Três longos anos de terrorismo e de assassinato político sistemático sob a proteção do carrasco da Catalunha operária, o general Martínez Anido, tendo praticamente eliminado todo movimento de massa, encontraram na primavera o coroamento com o assassinato de Salvador Seguí, excepcional dirigente operário. De Moscou, Andrés Nin lembrava que esse ex-anarquista havia se pronunciado em 1919 pela "tomada do poder". Adversário determinado do terrorismo, ele hesitou durante muito tempo; todavia acabava de decidir "ir para a Rússia a fim de trabalhar na mudança de rumo do movimento operário revolucionário espanhol orientando-o em direção a Moscou", tornando-se assim "completamente um dos nossos", escreve Nin[1]. Os comunistas espanhóis não carregam a responsabilidade daquela derrota. Contudo, a razão não é nada honrosa. Mergulhados em suas divisões já tradicionais e suas querelas fracionais, eles se mostraram, em alguns anos, incapazes de se inscrever realmente no combate dos proletários espanhóis.

1. A. Nin, "Salvador Seguí", In: *Corr. int.*, 29, p. 201-202, 11 de abril de 1923.

A ditadura militar, não o fascismo, era então sua punição. O golpe de Estado do general Miguel Primo de Rivera, governador militar da Catalunha, em 12 de setembro de 1923, com a cumplicidade do rei Alfonso XIII, joga a Espanha para a última posição do *ranking* das nações. O rei proclama que ocupará todas as cidades que são "centros de propaganda comunista ou revolucionária" e "procederá à detenção dos elementos suspeitos". Ele tem em mente, aliás, Mussolini, "essa grande figura", muito embora diga que não quis imitá-lo. De fato, as prisões espanholas valem tanto quanto as prisões italianas, elas se encherão rapidamente e serão as duras universidades dos comunistas espanhóis. Um dos primeiros comentários são, aqui, também, de Andrés Nin. Sublinhando as dificuldades do general em assentar as bases de um movimento fascista, ele exprime uma idéia que era então pensada por muitos: "Se o proletariado alemão conseguir abater o capitalismo, não resta nenhuma dúvida de que este fato terá uma repercussão enorme no proletariado espanhol. O pessimismo e o desencorajamento atuais, fruto de três anos de terror branco, de erros de tática, de *débâcles* sucessivas, serão então lançados longe por uma grande rajada de ar purificador".[2]

O desastre búlgaro

A outra derrota, a do Partido Comunista Búlgaro em face de Tsankov, diz respeito diretamente à Internacional, pois ela empenha sua direção e, a este título, é parte integrante de sua história. É a sangrenta derrota de uma de suas seções, por que ela guarda uma pesada responsabilidade, pois se trata de uma insurreição decidida pelo Partido Comunista Búlgaro para se conformar à linha, depois das reprimendas que lhe foram feitas por sua passividade frente ao golpe de Tsankov em junho. Ficamos, aliás, confusos, não somente pelo sectarismo e esquematismo do pensamento dos dirigentes búlgaros, que já pudemos apreciar desde o tempo do motim de Radomir, contudo que, finalmente, deve ser chamado de sua besteira. Em última análise, são as pessoas que afirmaram no mês de junho que os trabalhadores não tinham nenhum interesse em defender o regime de Stambolisky, que impediram a resistência operária ao golpe de Estado militar com argumentos que o próprio Executivo classificou de fracos, que, de fato, sabotaram a defesa e partilharam a responsabilidade da execução – decapitação após tortura – do popular líder camponês e da morte de numerosos de seus partidários, e que, como se não tivesse acontecido nada, se sublevam por sua vez menos de três meses mais tarde e pedem ajuda aos amigos daqueles que eles deixaram morrer em junho.

Tão logo foi conhecida a desastrosa e desonrosa abstenção de junho em face do

2. A. Nin, "La dictature de Primo de Rivera", In: *ibidem*, n. 85, p. 651, 26 de outubro de 1923.

golpe de Estado, o Executivo enviara à Bulgária Vassil Kolarov. Ora, este, vindo de barco, sem documentos regulares, fora preso no caminho em 24 de junho. No intervalo, o Comitê Central do PC búlgaro mantivera sua posição, rejeitando, por 41 votos contra dois, as críticas do Executivo. Kabaktchiev fora encarregado de justificá-la junto a Moscou, com argumentos que, aliás, causaram lá uma indignação justificada. O Executivo tornara públicos os textos de Sofia. O partido búlgaro se encarregou de obter a liberação de Kolarov – o que foi feito no começo de agosto. Ao mesmo tempo, entretanto, Tsankov perseguia 94 comunistas de Plevno que participaram na resistência ao golpe, apesar das diretivas do CC. No Comitê Central, reunido de 5 a 7 de agosto em Sofia, Kolarov, sobre quem podemos nos perguntar se ele também não sofria de alguma fraqueza de espírito, consegue certamente, embora por pouco, contra o secretário Todor Lukanov, obter uma maioria condenando a absurda e criminosa política de junho e faz votar uma resolução que garante: "O golpe de Estado de 9 de junho abriu uma crise sobre a questão do poder que somente pode ser resolvida por uma insurreição armada das massas em nome de um governo operário e camponês".[3]

Não se trata, como podemos imaginar, de uma perspectiva histórica, mas de uma guinada de curto prazo, a respeito da qual o governo é rapidamente informado, mas que as massas operárias e camponesas não podem compreender depois da atitude do PC em junho e que ninguém se dá o tempo nem o trabalho de lhes explicar. Em 6 de agosto é formado um comitê militar. Nos dias seguintes, os procedimentos dos dirigentes comunistas em vista de encontrar aliados fracassam, salvo em direção à extrema esquerda do partido de Stambolisky. Em 12 de setembro, a polícia de Tsankov, perfeitamente informada, faz uma operação e prende dois mil responsáveis do partido, entre eles Kabaktchiev e Blagoiev. Os outros dirigentes, que conseguiram evitar a prisão, lançam um chamado a uma greve geral de protesto para o dia 14 que, sem a menor preparação, é evidentemente um fracasso. No dia 15, o Comitê Central se reúne para reexaminar a situação e decide enviar emissários a todas as regiões para testar as possibilidades e as chances de sucesso da ação armada prevista. A decisão sobre a manutenção ou anulação da insurreição é confiada a um comitê de quatro membros, dentre eles Dimitrov e Kolarov, que se encontram sozinhos, no dia 17, na reunião decisiva.

Um novo "acidente" precipita então as coisas sem as simplificar: no mesmo dia, com efeito, as organizações comunistas de três vilarejos se sublevam, na seqüência de um mal-entendido, depois de terem recebido ordens de se prepararem. Kolarov e Dimitrov decidem, então, começar a insurreição na madrugada do dia 22 ao 23 de setembro, sob a dupla palavra de ordem: "Abaixo a ditadura fascista! Por um governo operário e camponês". Previu-se antes que ela deveria estourar primeiro no interior, poupando Sofia enquanto se esperava que as tropas deixassem a capital para ir reprimir o movimento nas províncias. Em 20 de setembro de 1925, o Comitê Central se reúne clandestinamente em Sofia num laboratório de química. Todor Lukanov, que fora um dos responsáveis pela

3. Citado por J. D. Bell, *op. cit.*, p. 36.

posição "neutralista" do PC em junho, pede a anulação da insurreição. Ninguém o segue. O Comitê Central designa, então – igualmente no último minuto –, um Comitê Revolucionário Supremo de três membros para dirigir a insurreição. São eles, Georgi Dimitrov, Vassil Kolarov e Gavril Genov, e dois representantes dos camponeses de esquerda que são aguardados. O comitê se instala no dia 21 na fronteira na cidade de Ferdinandovo (Mikhailovgrad).

No mesmo dia, a polícia búlgara prende os dirigentes da insurreição em Sofia, o ex-secretário dos metalúrgicos Anton Ivanov e o dirigente ferroviário Nikola Penev, e coloca as mãos sobre os planos do conjunto. Todo o resto se desenrola na mais total desordem. Os comunistas de Stara Zagora, cujos todos os dirigentes foram presos no dia 15, se lançam prematuramente, na madrugada de 19 ao 20. Em algumas localidades, em Russe e Burgas, por exemplo, os dirigentes, em desacordo, prevendo o desastre, não dão a ordem de sublevação. Por outro lado, os insurgentes vão mantê-la no distrito de Vratsa, em Ferdinandovo, e na cidade vizinha de Berkovitsa, retomadas respectivamente nos dias 23 e 24 de setembro. No campo, grupos de camponeses, freqüentemente recrutados por professores primários comunistas, lançaram-se ao assalto armados de foices e de machados.

O Comitê Revolucionário – Kolarov, Dimitrov e Genov – cruza a fronteira iugoslava em 28 de setembro e os dois primeiros vão instalar um birô do partido em Viena. Com eles, chegam de 20 mil a 23 mil combatentes que se beneficiam na Iugoslávia do estatuto de refugiados políticos. Outros – digamos, um milhar – vão se refugiar na Romênia.

A repressão, notadamente contra os camponeses, fora conduzida com uma particular ferocidade pelo exército, com destacamentos de macedônios autonomistas bancando os mercenários e, sobretudo, ex-soldados de Wrangel, refugiados de 1920, fortemente organizados e armados, treinados para a guerra civil. Os comunistas falam de 20 mil combatentes do seu lado, quase sem armas nem equipamentos. Eles tiveram cinco mil mortos, a maior parte depois dos combates. O historiador John D. Bell reduz a cifra à metade. O jovem comunista Petko Enev, dirigente da insurreição em Stara Zagora, foi morto na prisão por "tentativa de fuga". O dirigente comunista de Plevna, Katatchev, dois membros da Central, Enio Makovsky e Boris Sitorov, têm o mesmo destino. As mulheres são estupradas, os homens torturados e massacrados. Os apelos que vêm da Bulgária são chocantes.

O erro político cometido em dois tempos custa caro seu preço em vidas humanas. Não obstante, Zinoviev, num artigo da *Inprekorr*, de 16 de outubro de 1923, intitulado "O significado dos eventos da Bulgária", aprova no atacado essa iniciativa, abrigando-se, entretanto, atrás da versão do PC búlgaro segundo a qual ele começou a insurreição para barrar a ameaça de destruição revelada pelas prisões de 12 de setembro. Ele escreve:

> Quando das primeiras notícias da insurreição de setembro, pareceu que os comunistas búlgaros que demoraram muito a agir em junho [*sic*] se apressaram demasiado a agir em setembro. Sabemos agora qual dilema se impunha: ser destruídos sem combate ou arriscar uma

> séria derrota, mas não se recusar a combater no momento em que o governo fascista decide destruir o Partido Comunista. Nosso partido irmão da Bulgária optou pela segunda solução e, até onde podemos julgar, ele teve razão. Ele não obteve a vitória, ele sofreu pesadas perdas, mas ele não se entregou sem combater.[4]

A Internacional, contudo, ainda não se calou. No número seguinte da *Inprekorr*, sob o modesto título de "Problemas atuais do movimento comunista", o velho bolchevique Vladimir Miliutin, especialista em questões camponesas e que, como conselheiro da Internacional na Bulgária, não foi muito ouvido, formula suas críticas numa forma moderada, escrevendo:

> Em 9 de junho, o Comitê Central do PC búlgaro deixou escapar a iniciativa e perdeu momentaneamente a partida. Desde então, a situação mudou na Bulgária; a despeito das dificuldades da situação do PC, é preciso esperar por longas e ásperas lutas. O governo de Tsankov não satisfaz nenhuma classe no país; um movimento de massas pode varrê-lo. E a revolução proletária só pode ser uma revolução de massas. Teremos sucesso somente pelo reforço e organização das massas e passando das palavras aos atos. *Na experiência búlgara, um velho partido comunista se mostra incapaz de manobrar e de dirigir o movimento de massas.*[5]

Eis aí um veredicto eqüitativo. Mais uma vez, milhares de combatentes deram suas vidas para um comunicado ao chamado de dirigentes incapazes. A insurreição búlgara de setembro de 1923 é apresentada como uma página heróica da história do comunismo e, como ela teve uma cobertura "operário-camponesa", isto vai conduzir os comunistas búlgaros a uma reabilitação da memória de Stambolisky. Quanto a Georgi Dimitrov, depois desta derrota devida ao partido que ele dirige e que, por sua irreflexão, seu dogmatismo, despreparo e irresponsabilidade, aparece como uma das seções mais medíocres e mais nefastas da Internacional, ele vai, depois de um período de obscuridade, tornar-se um responsável, depois um herói nacional, mais ainda que Bela Kun antes dele.

A greve geral grega

Talvez seja a Grécia que apresente o painel clássico de uma crise total. O aniquilamento dos gregos na Ásia Menor, as responsabilidades esmagadoras ocorridas nesta guerra por um governo reacionário e incapaz, justificam a tomada de poder dos militares, mas não trazem nenhuma solução. Stinas escreve:

> O país está em ebulição. Por todos os lados se exprime cólera e indignação. As estradas estão

4. Zinoviev, "La signification des événements de Bulgarie", In: *Inprekorr*, 16 de outubro de 1923.

5. V. Miliutin, "Problèmes actuels du mouvement communiste". In: *Corr. Int.*, n. 88, p. 634-635; aqui, p. 635.

> cheias de soldados armados que não obedecem mais a ninguém. Milhares e milhares de refugiados, pauperizadas e famintos, invadem os portos, as estradas, as praças. As autoridades, paralisadas, não têm mais existência real. Em Rodosto, o poder é abolido, as bandeiras vermelhas fazem sua aparição nas manifestações. O governo "revolucionário", como uma presa agonizante, tenta desarmar os soldados, lhes prometendo a liberação em troca de suas armas. Os apelos às massas e aos soldados se multiplicam em favor da ordem, da disciplina e da união nacional.[6]

O drama é que a direção do PC grego, que já tremia diante de uma orientação revolucionária, treme ainda mais diante da realidade e, como diz ainda Stinas, tenta "carregar a bandeira da luta de classes". No momento em que, em Moscou, prepara-se a revolução de outubro em Berlim, os comunistas gregos desmoronavam. Os operários, por sua vez, vão o mais longe que conseguem sem uma direção:

> Uma vaga grevista se espraia sobre o país. Os refugiados reivindicam pão e um teto. Muitas greves violentas desembocam na greve geral de agosto de 1923; em todos os centros industriais, milhares de operários vão às ruas. Há choques com a polícia por toda parte. Combates selvagens no Pireu provocam onze mortos e centenas de feridos. O birô militar da praça é sitiado pelas massas sublevadas. Uma parte da tropa fraterniza com os grevistas.[7]

A repressão acabará vindo ao mesmo tempo em que se desenvolve em Atenas e, sobretudo, no Pireu uma oposição da esquerda que publica a revista *Tribuna communista*. É um evento que passou despercebido. Provavelmente secundário, certamente.

Alemanha: As esperanças

Para melhor compreender a dimensão das esperanças que animam então o mundo operário fora da Alemanha, parece-nos bom fazer referência à descrição do ato internacional do PCF em Paris, à Rue de la Grange-aux-Belles, em 4 de setembro de 1923, graças às páginas magistrais que nos deu sobre este assunto Philippe Robrieux. O gigantesco orador, que é Marcel Cachin, o delegado belga Adhémar Hennaut, o veterano Charles Rappoport, com seu inimitável sotaque russo, são aclamados ensandecidamente. Contudo, isto não é nada em comparação ao clamor de amor selvagem que acolhe a aparição na tribuna desse homem que é o "representante da Alemanha comunista". O jovem homem é Heinz Neumann. Ele tem somente 21 anos, é magro, tem olhos azuis fascinantes e cabelos castanhos desgrenhados. Ele fala um excelente francês. Ele agrada porque é jovem, porque está lá por sua conta e seu risco, ilegalmente, porque ele fala da revolução mundial com uma fé con-

6. A. Stinas, *op. cit.*, p. 64-65.

7. *Ibidem*, p. 65.

vincente, porque ele disse aos trabalhadores franceses que eles são seus irmãos e que ele se sente em casa, em família, rodeado de trabalhadores parisienses.

Ele passa à demonstração política com um vigor no raciocínio e na expressão que embalam a sala. Denuncia a aliança de fato entre militaristas alemães e franceses, a calúnia dos social-democratas franceses que, a partir do "discursos Schlageter", apresentam os comunistas como aliados dos nacionalistas. Ao evocar os comitês de fábrica, as centúrias proletárias nos bairros operários, ele faz passar pela sala o sopro da revolução alemã.

Orador consumado, conhece igualmente bem a história do movimento operário francês e, por duas vezes, tem fórmulas que acertam no alvo. Uma primeira vez quando ele clama que se Poincaré lançar contra a revolução alemã os soldados franceses, estes últimos se lembrarão dos bravos soldados do 17º – o regimento que se recusara a marchar contra os produtores de vinho em Béziers, em 1907. Uma segunda vez, ele toca na alma: "Se vocês não querem que o povo alemão inteiro seja colado ao Mur des Fédérés*, ajudem-nos!" E Robrieux mostra a sala "agitada, emocionada, tensa, que vibra e se exalta". O secretário da JC, Guilleau (Jacques Doriot), encerra o ato de combate internacionalista, provavelmente único na França na história do PC, ao evocar André Marty, Badina e "os heróicos marinheiros do Mar Negro"[8].

Alemanha: O plano se aplica[9]

Esse plano que Brandler combateu, pois acreditava que ele se apoiava demais para o seu gosto nos social-democratas da Saxônia, que ele acha hesitantes, é resumido por Radek assim:

> O proletariado toma a iniciativa na Saxônia, a partir da defesa do governo operário no qual nós entramos e ele vai tentar utilizar na Saxônia o poder de Estado para se armar e para construir nessa pequena província proletária da Alemanha central um muro entre a contra-revolução bávara e o fascismo do norte. Ao mesmo tempo, em todo o *Reich*, nosso partido trabalha para mobilizar as massas.[10]

Em 29 de setembro, a Central se dirige a todos os secretários de distrito uma circular que não deixa dúvida alguma sobre o que pode significar a mobilização das massas:

> Nas empresas e localidades, será preciso imediatamente construir comitês de ação formados por representantes do SPD, do USPD, do KPD, do cartel dos esportistas, dos conselhos de fábrica, dos sindicatos e outras organizações operárias. A tarefa dos comitês de ação é empreender a luta contra o estado de sítio e contra a ditadura de Gessler-von Kahr [respectivamente, ministro da *Reichswehr* e primeiro-ministro da Baviária] apoiados pelo governo. O meio essencial é a preparação da greve geral em todas as empresas e localidades. Ao mesmo tempo em que a preparação da greve geral, os comitês de ação devem elaborar um plano de mobilização das massas operárias para os combates que virão.[11]

Em 1° de outubro, enfim, diante as ameaças que pesam sobre a Saxônia operária feitas pelo general Müller em nome da *Reichswehr*, Zinoviev envia a seus camaradas alemães – Brandler está no caminho do retorno a Berlim – o telegrama decisivo:

> Como estimamos que a situação é tal que o momento chegará em quatro, cinco ou seis semanas, julgamos necessário ocupar imediatamente toda posição intermediária utilizável. Esta situação nos obriga a colocar sob um ângulo prático a questão de nossa entrada no governo Zeigner. Com a condição de que o pessoal de Zeigner esteja realmente preparado a defender a Saxônia contra a Bavária e os fascistas, nós devemos entrar nele. Realizar imediatamente o armamento de 50 a 60 mil homens. Ignorar o general Müller. Mesma coisa na Turíngia.[12]

Desde então, começa em todas as cidades alemães a espera, descrita nas páginas magníficas de Victor Serge, então colaborador da *Inprekorr* em Berlim sob o pseudônimo de R. Albert. Dela, ele escreve:

> *Losschlagen!*
> *Losschlagen* quer dizer dar o golpe que estávamos segurando, desencadear a ação. Esta palavra está em todos os lábios, deste lado da barricada. Do outro também, me parece. Na Turíngia, na saída das reuniões na semiclandestinidade onde um militante comunista vai falar, os operários que ele não conhece se colocam em sua frente. Um ferroviário lhe pergunta sem preâmbulo: "Quando vamos lutar? Quando?"

* Muro dos Federados: muro do cemitério Père Lachaise contra o qual foram encurralados e fuzilados os últimos resistentes da Comuna de Paris em 1871. [N. do T.]

8. Ph. Robrieux, *Histoire intérieur du PC*, t. 1, p. 157-160.

9. Sobre este período decisivo da história que tratamos, a documentação foi durante muito tempo lacunária. O trabalho de base foi durante muito tempo uma tese não-editada de Otto Wenzel, *Die Kommunistische Partei Deutschlands im Jahre 1923*, a quem vieram se juntar W. Angress, *Stillborn Revolution. The Communist Bid for Power in Germany 1921-1923* e Pierre Broué, *Révolution en Allemagne 1919-1923*. É uma "première" à publicação em breve pelo Dr. Bernhard Bayerlein e seus colegas russos de um volume de documentos sobre o Outubro Alemão graças à abertura excepcional de muitos depósitos de arquivos russos. Não tendo ainda sido publicado este livro, ele será assinalado aqui, como já indicamos, por seu título abreviado: Bernhard H. Bayerlein, *Die Deutsch Oktoberrevolution fand nicht statt. Der revolutionsplan der Komintern und der Russischen Kommunistischen Partei für Deutschland im Jahre 1923. Eine wissenschaftliche Dokumentation anhand der Moskauer Archive* (Documentos Bayerlein).

10. Radek em *Die Lehren der deutschen Revolution*, p. 5.

11. Citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 751.

12. *Die Lehren...*, p. 160-161.

Às considerações de tática e de oportunidade, este operário, que caminhou 20 léguas de madrugada para fazer esta pergunta, não presta muita atenção. "Meu pessoal, diz ele, já estão fartos. Andem logo!"

O jovem comunista que encontramos na rua nos diz em tom confidencial: "Acho que é para a próxima semana" e ergue na direção de vocês sua testa quadrada, seu olhar duro, que não sabe mentir.

O outubro é frio. Brumas, chuva, ruas cinzas, onde se pára por longos períodos, nas periferias operárias. Motoristas, donas de casa, sem-trabalho que também são sem-camisa e sem-sobretudo conversam. Xinga-se um estudante nacionalista. Nestes grupos nervosos, amontoados nos bairros sombrios, longe dos bulevares iluminados onde a polícia vela pelo bem-estar dos *Schieber* absortos pelas combinações do câmbio, escuto freqüentemente se falar obstinadamente da Rússia: "Lá, diz ele, lá..." E, quando ele retoma o fôlego, eu imagino que no céu negro desta pobre gente, uma estrela ao menos apareceu. Mulheres falam freqüentemente nestes atos improvisados. Escutei uma apostrofar um estudante nacional-socialista: "Ah! Você quer marchar sobre Berlim! É mais fácil, né, que expulsar os franceses do Ruhr! Você vai me trazer o pão?" O homem com quepe decorado com uma fita verde e branca de sua corporação erudita se explica em vão. "Vamos jogar em cima de vocês todas as telhas dos telhados", gritava-se.

Que fazer quando a fome empurra as massas para fora do respeito às leis? A polícia tem medo. Ela também tem fome. Mas, ela não é feita para dar o pão. Ela tem, para resolver os problemas sociais colocados nas ruas, somente baionetas, balas e algemas...

Não é mais possível fazer a conta dos assassinatos do dia ao ler os jornais. Eles são muitos, a informação fica confusa. O camarada encontrado conta: "Acabo de ver saquearem uma padaria". "Na fábrica C, os salários não puderam ser acertados. A polícia chega em caminhões". "Parece que acabaram de atirar em Neukölln". Os padeiros baixam suas grades de ferro. Outros, hipocritamente precavidos, escrevem em suas vitrines: "Fazemos doações para desempregados". A filantropia do cliente é convidada a pagar o pão que eles dão: garantia contra a pilhagem, às expensas do vizinho. Todos os dias, mais ou menos, os preços dobram, o salário da semana é fixado na terça segundo um índice oficial; pago em duas vezes, uma parcela na terça, acerto todas as sextas. Da terça a sexta, ele perde três quartos de seu valor.

Depois destas cóleras, destas desesperanças, esses nervosismos de rua e de casa, é bom encontrar por vezes reunidos ao redor de uma mesma mesa alguns rostos de homens que sabem o que há por trás das coisas e, neste sofrimento do povo, retemperam cada dia sua vontade ao contato de uma esperança ilimitada. É-se uma meia-dúzia numa noite, mas um volta de longe: policiais verdes, no Ruhr, detiveram-no ali algumas horas. Uma jovem voz calma, contida: "Já temos divisões inteiras..." Falta, é verdade, armamento; ir-se-á buscá-lo nas casernas. O mapa da Alemanha está presente em todos os espíritos: "Saxônia, Turíngia, Berlim, Hamburgo chegarão... à Rússia!", "Radek escreveu". Notei que os intelectuais – sou um deles – são os mais desconfiados com relação à sorte. Durante muito tempo, eles pesam, ponderam as dificuldades, com uma razão raciocinante, algumas vezes com um efeito bem dissolvente. Um amigo corta pela raiz nossas glosas. "Acredito, diz ele, na revolução porque

a quero, porque a vejo com homens que a querem". É um organizador de seção. Ele trabalha noite e dia.

Losschlagen! Losschlagen![13]

Aplica-se o plano. Os social-democratas de esquerda saxões aceitam o plano governamental apresentado para a Saxônia pelo KPD: armamento dos operários; desarmamento das formações burguesas; controle operários sobre a produção; medidas de urgência para o reabastecimento; chamado a um governo operário para o *Reich*. Em 10 de outubro, Zeigner forma um novo governo, com três ministros comunistas: Brandler vai para a Chancelaria de Estado, com direito de controle sobre a polícia; Böttcher para as Finanças; Heckert para a Economia. A Central explica o sentido deste governo: "A constituição na Saxônia de um governo de defesa proletária é um sinal para toda a classe operária alemã"[14].

No dia 13, três comunistas, dentre eles o chefe das centúrias proletárias, Neubauer, entram no governo da Turíngia, presidido pelo social-democrata Frölich. Stalin, em nome do PC russo, do qual ele é secretário geral, coloca os pontos nos "*is*" numa carta à *Die Rote Fahne*:

> A revolução que se aproxima na Alemanha é o evento mundial mais importante de nosso tempo. A vitória da revolução alemã terá ainda mais importância para o proletariado da Europa e da América que a vitória da revolução russa seis anos atrás. A vitória da revolução alemã fará com que o centro da revolução mundial se desloque de Moscou a Berlim.[15]

A aplicação do plano é também a mobilização dos militantes. Para alguns, no nível da empresa e da localidade com as assembléias gerais cotidianas, a formação de comitês de ação. Porém, para outros, talvez dezenas de milhares, é o mergulho na clandestinidade, o abandono do trabalho, do domicílio, a mudança de identidade. Nas grandes cidades, apartamentos transformados em dormitórios acolhem os desenraizados que são também membros dos estados-maiores ou de grupos de choque. Esses homens são a alma da insurreição em marcha. Victor Serge descreveu suas vidas:

> Não existe uma cidade sequer no país onde não se seja conscientemente preparado para a batalha com a preocupação minuciosa de homens decididos a dar tudo de si. Nenhum dia sequer sem áspero labor, nenhuma madrugada sem tarefa especial, nenhum problema negligenciado. Sei de camaradas que, durante longas semanas, não dormiram uma madrugada completa. Vi rostos devastados pelo excesso de trabalho. Os olhos, cheios de vontade, guardam uma chama intensa.[16]

---

13. V. Serge, *Clarté*, n. 52, 1° de fevereiro de 1924.
14. Citado em *Bericht* (Relatório sobre o X Congresso), p. 276.
15. *Die Rote Fahne*, 10 de outubro de 1923, com um fac-símile.
16. V. Serge, *Clarté*, n. 53, 15 de fevereiro de 1924.

Obnubilados por seus preparativos, eles são assombrados pelo medo de ações prematuras, de cair numa provocação, adjuram seus camaradas a não fazer nada, a se manter em grupos, a frear toda iniciativa e vão criar uma prejudicial espera passiva da Grande Noite de que não abusam as autoridades, mas usam seus próprios nervos e abalam a coragem daqueles que foram feitos esperar através da palavra.

Os social-democratas de esquerda

Durante essas semanas decisivas, os observadores competentes escrutam com atenção a situação no interior do Partido Social-Democrata Unificado (VSPD) e o desenvolvimento em suas fileiras de uma ala esquerda que se agrupa, evidente e forçosamente, num primeiro tempo, ao redor dos antigos Independentes que se juntaram ao SPD, em 1922, mas conhecem um largo desenvolvimento a partir da formação do governo de grande coalizão.

As crônicas de Victor Serge, assim como alguns correspondentes alemães de *Inprekorr*, seguem esse caso com atenção. Desde o mês de agosto, nota-se que a conferência do Partido Social-Democrata de Brunswick tomou posição contra a entrada de ministros do partido no governo Stresemann. O fenômeno se acelera com o desenvolvimento a todo vapor da "Saxônia Vermelha" e as tomadas de posição de Erich Zeigner a respeito da *Reichswehr*. Mesmo *Inprekorr*, sob a pluma de Heinz Neumann, releva uma declaração bem clara sob Paul Levi, tornado deputado social-democrata da Saxônia, em 7 de setembro:

> Sob o abrigo do governo de coalizão, o capital afia seu punhal contra o trabalho. A questão se coloca evidentemente à social-democracia alemã: ditadura do proletariado ou ditadura dos outros? Os social-democratas, sob as aparências de um governo de coalizão, consentiram àquela dos outros.
> A ditadura do proletariado é necessária. O poder político não consiste na ocupação de cadeiras e na obtenção de votos para o parlamento, mas na atividade das massas populares. Os comunistas constituem um dos elementos mais ativos nas massas operárias. Somos, conseqüentemente, a favor da colaboração com os comunistas.[17]

A crise se agrava. No mesmo dia, depois de ter escutado dois relatórios contraditórios de Severing e de Crispien, os quadros da organização social-democrata de Berlim aprovam uma moção condenando a grande coalizão, exigindo a ruptura com a política de colaboração de classes, a eliminação dos dirigentes que são partidários dela e a formação de um governo socialista. Victor Serge comenta: "Eles estão bem, os 'mencheviques' berlinenses [...]. Sua atitude não nos surpreende. Esses militantes estão em contato com as

17 H. Neumann, "La gauche de la social-démocratie allemande", In: *Corr. int.*, n. 74, 18 de setembro de 1923, p. 559-560.

massas e a rua. E a correnteza que carrega as massas e a rua é irresistível. Alhures, social-democratas saxões pedem a expulsão do partido do cidadão... Ebert. Eles estão corretíssimos. Mas, quem acreditou neles?"[18] Ele assinala também a aparição no *Vorwärts*, de 25 de setembro, de uma resolução que dá conta da falência da política social-democrata na grande coalizão emanando do congresso regional social-democrata de Berlim, que aprovou igualmente uma ordem do dia de simpatia por Zeigner e sua campanha contra as maquinações da *Reichswehr* e dos grupos nacionalistas.

Com a proclamação do estado de sítio e as primeiras medidas do general Müller na Saxônia, Victor Serge descreve uma situação que nenhum social-democrata honesto poderia aceitar: as liberdades operárias suprimidas; o direito de greve suprimido; a imprensa comunista suprimida; as centúrias operárias desarmadas, ao passo que o matador *kappista* é libertado da prisão. Até o último momento, os comunistas têm esperança na vitória dos social-democratas de esquerda no SPD. Eles esperam muito do congresso de Berlim, em que, com efeito, o deputado Franz Künstler, metalúrgico e ex-Independente, foi levado à direção da organização berlinense.

Será que os social-democratas de esquerda são a força em que muitos acreditaram, que alguns exaltaram como uma nova força histórica? Por toda evidência, eles são de uma grande heterogeneidade, de uma fraqueza de organização agravada pela crise, pois eles não têm como dispor de uma imprensa que lhes permitiria unificar suas fileiras, de fixar objetivos a sua tendência e mesmo simplesmente de informar. Victor Serge, que é um observador de uma acuidade excepcional, caracteriza a situação nova na social-democracia como um retorno a uma situação antiga devida à regressão ou à estagnação da história: "A social-democracia em decomposição conserva, nos marcos de sua unidade formal, dois partidos inimigos condenados a se matarem entre si qualquer dia. Este partido encerra novamente, lado a lado, espartaquistas e os soldados de Noske". Ele tenta uma explicação:

> Os social-democratas de esquerda são somente revolucionários apesar deles mesmos; eles ainda consideram freqüentemente demais os "Eberts", os "Wels", os "Robert Schmidts", os "Sollmanns", não como trânsfugas infinitamente perigosos para a classe operárias, mas como camaradas de partido pertencendo a uma ou outra tendência [ao passo que eles] são desde muito tempo contra-revolucionários.

Ele acrescenta sobre os social-democratas de esquerda: "Para tomar consciência deles mesmos, para se tornar autênticos revolucionários, [eles] têm ainda que varrer a influência das tradições da velha social-democracia, o fetichismo da unidade, algumas ilusões republicanas"[19].

Nossa testemunha se cala por ignorância ou por disciplina sobre aquilo que encon-

18. V. Serge, *Corr. int.*, n. 73, 14 de setembro de 1923, p. 551.
19. V. Serge, *Corr. int.*, n. 86, 30 de outubro de 1923.

tramos nos documentos de arquivo, esta hostilidade irredutível dos homens do aparato, podemos até mesmo dizer a raiva que alguns destes últimos exprimem a seu respeito e que é impossível que ela não tenha agido de maneira negativa na evolução dos social-democratas de esquerda? Dois textos do começo de outubro esclarecem a concepção de "frente única" e a falta de respeito, para não dizer outra coisa, de certos burocratas para com os homens a quem eles, contudo, estendem a mão. Uma emana do secretário do partido russo e braço direito de Stalin, Molotov, que sabemos que é suficientemente limitado para dizer o que é preciso calar. O outro é um relatório da Alemanha de uma das eminências pardas do Executivo, cuja rigidez e brutalidade, assim como a mentalidade de um *apparatchik* absoluto, já tivemos a oportunidade por diversas vezes de constatar, o húngaro Matyas Rákosi. Molotov escreve, com efeito, em 9 de setembro, numa circular dirigida às organizações do partido russo e aos comitês centrais dos partidos comunistas, que os dirigentes da oposição social-democrata não têm nem programa claro, nem mesmo vontade de luta e garantem simplesmente que estes "novos" dirigentes conduzem "a velha política do Partido Social-Democrata"[20]. Matyas Rákosi vai mais longe num relatório dirigido a Zinoviev, de 10 de outubro. Depois de ter garantido que doravante a social-democracia estava liquidada, ele ataca a esquerda social-democrata num reflexo bem significativo de burocrata para quem a única coisa importante é o aparato, o "partido":

> As esquerdas são ainda piores que a direita e nos será preciso combatê-las ainda mais. Todas as especulações sobre a esquerda social-democrata são histórias que se contam por aí e que só podem conduzir a consolidação da social-democracia já falida. Eles são a favor do governo operário, mas por um governo operário que se apóia sobre os trabalhadores armados e sobre os conselhos operários.[21]

E, para entender bem qual é o objeto de sua raiva, ele cita em seu relatório uma interpelação numa assembléia, evidentemente uma injúria enorme para o *apparatchik*, que ele é e tem orgulho de ser: "Bonzo, você também é empregado da Central"[22]. É uma preciosa indicação para nossa história da Comintern a confissão da raiva de um burocrata da Internacional para a revolução enquanto tal, aquela que não é nem pode ser obra nem propriedade exclusiva do "partido", o aparato, de que este homem é ao mesmo tempo senhor e servo e que ele já deifica. Chegaremos mesmo a afirmar que, caso estivéssemos influenciados por aqueles que, decididamente, não vêem na Alemanha, em 1923, nenhuma ascensão revolucionária e nem mesmo sombra de uma revolução, o faro indiscutível do burocrata Rákosi teria nos convencido do contrário.

20. Documentos Bayerlein.
21. *Ibidem*.
22. *Ibidem*.

O fracasso do plano

Com certeza, o fracasso do plano não provém das iniciativas do general Müller, a quem os poderes são incumbidos, em virtude da decisão do presidente Ebert e de seu governo Stresemann, em 27 de setembro, de proclamar estado de sítio. O general toma medidas de gravidade progressiva: proclamação de estado de sítio reforçado, proibição da imprensa comunista, dissolução das centúrias proletárias, submissão da polícia saxã a seus próprios serviços, ordem aos bancos de lhe dirigir os fundos requisitados oficialmente por seus ministros. Depois ele passa à fase superior ao exigir do chefe do governo saxão, Erich Zeigner, que desautoriza esta ou aquela iniciativa ou este ou aquele discurso de um ou de outro de seus ministros comunistas.

Um argumento suplementar nos é fornecido por uma carta de Stalin a Thalheimer, datada de 20 de setembro de 1923, publicada na *Die Rote Fahne*, de 10 de outubro. Ele explica nela que a vitória da revolução alemã terá para a Europa e para a América a mesma importância que teve aquela da revolução russa e afirmava: "A vitória do proletariado alemão transferiria com toda a certeza o centro da revolução mundial de Moscou para Berlim"[23]. Tudo o que ficamos sabendo de Stalin posteriormente não faz outra coisa que nos reforçar na idéia de que esta perspectiva era inadmissível para ele: o aparato russo não queria a vitória do Outubro Alemão.

O dispositivo agüenta firme. Não somente Erich Zeigner continua firme em suas posições, mas a solidariedade é anunciada como uma ameaça de greve da ADGB em Berlim se o general intervier na Saxônia e na abertura das negociações na capital para a constituição de um comitê de ação compreendendo o VSPD. Único *senão*: Zeigner não dá armas para as centúrias proletárias. Ele estava guardando uma outra carta na manga e se recusa a destruir completamente as pontes com seu partido, na esperança de que este faça um arranjo com Berlim. É uma aposta estúpida, mas ele ainda não sabe disso.

No dia 14, a Central adota um programa de ação que deve ser apresentado na conferência dos conselhos de fábrica da Saxônia convocada para Chemnitz, nos dias 21 e 22 de outubro, a fim de ser apresentado em seguida na conferência dos conselhos de fábrica de toda a Alemanha, prevista para o dia 9 de novembro. No dia 20, o *Revkom* se reúne em Dresden na presença de Helmuth Wolf. Tudo é confirmado. O plano se desenrolará como previsto. No dia 21, Brandler proporá à conferência de chamar à greve geral para os dias 22 e 23 e, nos marcos desta greve, a insurreição estourará. Os secretários do distrito e os membros da Central presentes aprovam a decisão que o *Revkom* propõe, a saber, a aplicação do plano.

É no dia seguinte, na própria conferência, que se produziu o rompimento fatal de que alguns até mesmo devem ter ouvido os ruídos anunciadores durante as horas precedentes. Os comunistas alemães prepararam as coisas com seu gosto pelo decoro, os fastos da tradição operária: os 498 delegados foram acolhidos por uma floresta de bandeiras

23. Carta de Stalin, *Die Rote Fahne*, 10 de outubro de 1923.

vermelhas e jovens homens ostentando a estrela de cinco pontas das centúrias proletárias, que os controlam e os patrulham na cidade. Todavia, a *Reichswehr* não tem necessidade de dar o ar de sua graça.

Brandler faz seu relatório e sua proposição de greve geral e de chamado ao país nesse sentido, com uma ponta não de hesitação, mas de resignação antecipada. Pois a resposta dos social-democratas de esquerda, pela boca de Georg Graupe, ministro do Trabalho, é um: "Não. Fora de questão". O congresso não tem que tomar uma tal decisão, que cabe ao governo e ao *Landtag*. Se Brandler se obstina a apresentar esse texto, Graupe, por sua vez, deixará o cargo e chamará os delegados que estão de acordo com ele a abandonar o recinto também. Os social-democratas de esquerda se furtam, portanto, no momento crucial. Contudo, não há nenhum plano B e Brandler cede. Na mesma noite, a Central toma a decisão de anular a insurreição.

Ignoramos durante muito tempo porque esta última estourou, mesmo assim, em Hamburgo, onde os dirigentes comunistas terão que conduzir, logo em seguida, uma retirada difícil. O relatório enviado imediatamente a Zinoviev por seu amigo Chklovsky (Babuchkin), na época cônsul geral da URSS em Hamburgo, menciona as instruções recebidas no domingo à noite por Remmele. Quando Hugo Urbahns chega de Chemnitz, com a contra-ordem, na madrugada do dia 22 ao 23, tudo já está acontecendo. Ele estima que a única coisa que lhe resta é conduzir com prudência uma retirada inevitável em condições morais detestáveis, pois os comunistas de Hamburgo foram os únicos a se sublevar[24].

Testemunho sobre Hamburgo

Sobre a insurreição de Hamburgo, Larissa Reissner, a jovem e bela companheira de Karl Radek, deixou um testemunho de grande qualidade, intitulado *Hamburgo sobre as barricadas*. Sobre o fim dos combates, ela escreve esse belo relato:

> Os insurgentes de Hamm se vão pelas ruas vazias, ao longo dos rios opacos e das fábricas mortas, fechadas como monastérios, ao longo das casas com janelas fechadas que parecem cerrar as mandíbulas. Nos cruzamentos, eles se dividem. Nesse vazio singular ressoa, enfim, um pesado barulho de rodas. É somente um veículo carregado de jornais.
>
> Esquecendo o perigo, os insurgentes avançam nas folhas recentemente imprensas. Eles procuram, sem encontrar, os mortos, as notícias com mais ansiedade e sofrimento que sua própria vitória: o anúncio da revolução alemã, a proclamação da nova república dos sovietes. Roth amassa brutalmente um jornal e arranca um outro. Ele lê e empalidece. Estes jornais obviamente mentem, pois não dizem nada de insurreição, certamente vitoriosa em Berlim, na Saxônia, em outros lugares. Não pode ser de outro jeito.
>
> Então, eles derrubaram sobre o asfalto esses fardos de papel impresso e lhe deitaram fogo. O

24. Documentos Bayerlein.

> vento levou as folhas em chama. Algumas caíram nos canais, onde elas flutuaram como pássaros, como cisnes com asas de fogo.
>
> Nas ruas vizinhas, salvas. Um grupo de insurgentes recuou lentamente no clarão vermelho do braseiro que os soldados tentam, em vão, apagar com golpes de bota e de cajado.[25]

Relevemos também, por meio da mesma pluma, esta análise dos mesmos combates de rua:

> A velha barricada romântica já era. Não se vê mais nelas as virgens coradas com os gorros frígios, desfraldando uma bandeira furada por balas. Os versalheses não fuzilam mais os "Gavroches" heróicos. A barricada-muralha erigida entre os fuzis da revolução e os canhões do governo não é nada mais que um fantasma. A barricada de hoje não serve de muralha a ninguém. Ela é somente um obstáculo. É uma ligeira barreira feita de árvores derrubadas, de pedras, de charretes tombadas; é uma barreira que protege a trincheira cuja destinação principal é impedir a passagem dos carros blindados, os inimigos mais perigosos da revolta. A trincheira é sua razão de ser.
>
> Jogadas de atravessado na rua, as barricadas não permitem ao inimigo discernir bem o que se passa atrás em suas galerias impressionantes. Ela concentra toda a atenção, pois ela é o único objetivo visível. [...] É um traço novo das novas formas de guerra civil: os operários insurgentes tornaram-se invisíveis, intocáveis, quase invulneráveis. [...] Eles não combatem mais nas ruas. Sua verdadeira barricada é a cidade operária inteira, com suas milhões de passagem secretas, de pátios, de buracos, de esconderijos seguros, de porões, de sótãos, de estalagens. Cada janela do primeiro andar é uma ameia, cada sótão, uma bateria e um posto e observação. [...]
>
> A polícia toma barulhentamente a estação. Seus destacamentos correm ao longo das vias férreas, procurando o adversários embaixo, nos declives. Dois amoitados os deixam passar. Depois, dirige-se a eles um fogo mortal. Dois atiradores instalados nos sótãos vizinhos os tomam por alvos. Do alto dos telhados, atiradores dominam os cruzamentos e as ruas inteiras.[26]

Por ora, em todo caso, acabou. Não há mais insurreições na ordem do dia para o Outubro Alemão. A expulsão pela força dos ministros comunistas da Saxônia e da Turíngia pelos destacamentos da *Reichswehr*, o procedimento de expulsão *manu militari* do próprio Zeigner, são somente episódios anedóticos, mesmo se eles foram dolorosamente sentidos.

Não faltam relatórios, cartas, discussões e acusações concernentes ao fracasso do plano ou, se preferirmos, o fiasco do Outubro Alemão. Não obstante, este conjunto documentário está longe de esgotar a questão na medida em que ele se limita à atualidade, ao momento do fracasso e aos meses que o precederam. É preciso bem admitir, de início, que

25. L. Reissner, *Hamburg auf den Barrikaden*, p. 81-82.

26. L. Reissner, *op. cit.*, p. 33-35.

os comunistas subestimaram seus adversários e que, apesar dos pesares, o governo Stresemann conseguiu passar através das gotas da tempestade, mesmo que seus preciosos salvadores e mucamas social-democratas não tenham perdido poucas penas nessa história toda.

É preciso admitir também que os comunistas em geral superestimaram os golpes dados na social-democracia e subestimaram sua capacidade de causar prejuízos através da cobertura "democrática" que um presidente e muitos ministros social-democratas dão à legalidade das medidas de exceção tomadas contra os comunistas e contra o movimento operários em geral. Depois de tudo, quando os chefes da *Reichswehr* prenderam e depuseram pela força os social-democratas chefes de governo ou ministros da Saxônia e da Turíngia, eles encontraram outros social-democratas que aceitaram ocupar seus lugares e manter seu poderes na *Reichswehr* – o que até mesmo Noske se recusou a fazer no tempo do *Putsch* de Kapp. Será que houve uma superestimação da importância e da determinação dos social-democratas de esquerda? Não há a menor dúvida. Assim, na conferência de Chemnitz, que marca o fracasso do plano, é o ministro do Trabalho Georg Graupe que deu o sinal de retirada quando ele era considerado, pelos comunistas, não somente um social-democrata de esquerda, mais ainda, segundo Chatskin, muito próximo deles, "quase" comunista, dizia-se nos meios dirigentes.

Deixemos de lado a pista das fraquezas individuais e admitamos também que a resistência inesperada do aparato social-democrata tenha talvez permitido o recuo de sua minoria de esquerda. Admitamos também que o grosso dos social-democratas de esquerda tenham fraquejado quando a única perspectiva era a da derrota. Chklovsky, que acompanhou o desenrolar da crise de seu posto de observação de Hamburgo, é categórico: para ele, os social-democratas de esquerda eram incapazes de ir até uma aliança parlamentar, de preferência num *Landtag*, com os comunistas, mas eles não o eram para se engajarem numa luta até o fim contra o capital, a *Reichswehr*, a direção de seu partido e os fascistas juntos.

Acrescentamos que os sentimentos manifestos a seu sujeito por pessoas como Molotov e Rákosi não estavam limitadas a circulares e relatórios a Moscou, mas se exprimiam forçosamente no local, ao menos nos comportamentos, até mesmo nas simples atitudes, e devem ter feito recuar mais de um, ao lhe dar da revolução uma imagem no mínimo desagradável.

Todas essas observações nos levam novamente ao Partido Comunista Alemão. O jovem Lazar Chatskin, revelou, ele também, nos primeiros tempos, uma verdadeira passividade da classe operária. Separada de numerosos de seus animadores, mergulhada na clandestinidade, privada da imprensa comunista, a camada dos simpatizantes não sabe nada do que ocorre nas fábricas vizinhas, não se vê conviver em nenhuma ação parcial, é somente condenada, na inatividade e na miséria ambiente, a uma espera que ela julga interminável. É, segundo ele, de inteira e total responsabilidade do partido que não somente está na origem de uma tal situação, mas além disso, não seu deu conta a tempo e tornou os operários responsáveis[27].

27. Documentos Bayerlein.

O húngaro Evžen Varga, observador em Berlim por sua própria conta, mas correspondente de Trotsky, indica também a este último, com os perigos da clandestinidade indicados mais anteriormente e as subestimações e superestimações que são freqüentemente sua conseqüência, que, de maneira geral, o partido abusou de sua própria influência sobre os trabalhadores e, conseqüentemente, sobre os social-democratas de esquerda[28].

Um relatório de Arvid – pseudônimo de Piatakov – endereçado no dia 13 de novembro a Stalin (Querido "Koba"), é particularmente interessante pela responsabilidade que ele atribui ao partido alemão. Ele sublinha que, mesmo que ele tenha feito análises corretas, lançado excelentes palavras de ordem e bem manobrado sobre o plano da tática nas operações preliminares, não soube nem pôde desempenhar o papel decisivo de *organizador da revolução* (é Arvid quem sublinha) e concretizar assim os resultados esperados. Ele acrescenta que, para conseguir isto, não deve somente bem preparar o levante armado, mas também aprender a dirigir a classe operária nos combates do dia-a-dia[29].

Todo o mundo está de acordo em dizer que o aumento fantástico do número de desempregados, passando de 60% nas grandes cidades, dentre elas a capital, tenha sido uma causa de desencorajamento e de enfraquecimento moral dos trabalhadores. Quanto aos dirigentes, muito parecem particularmente terem sentido a falta de armas, ao passo que houvera muito dinheiro para sua compra. Helmuth Wolf, o "chefe militar", e o próprio Brandler reconhecem este fato e deixam entender que não foram poucos os incapazes, dentre eles os russos, encarregados deste trabalho capital. Neste terreno, a situação foi particularmente catastrófica em Berlim.

Antes de deixar a Alemanha por um bom lapso de tempo, não é inútil reencontrar Victor Serge para compreender como a vanguarda operária alemã, por seu turno, viveu esta tragédia do recuo sem combate depois de uma longa espera:

> Estávamos na soleira da revolução. A vigília de armas foi longa, a hora H não soou... Drama quase silencioso, quase inverossímil. Um milhão de revolucionários, prontos, esperando pelo sinal de partir para o assalto: atrás deles, milhões de sem-trabalho, de famintos, de desvalidos, de desesperados, todo um povo dolorido, murmurando "Nós também, nós também", os músculos dessa multidão já tensionados, os punhos já serrados sobre as Mauser que iriam ser opostas aos automóveis blindados da *Reichswehr*...
>
> E nada aconteceu, somente a sangrenta bufonaria de Dresden, um cabo seguido de quatro cavaleiros expulsando de seus ministérios os ministros operários que fizeram tremer a Alemanha burguesa, algumas poças – 60 mortos ao total sobre os paralelepípedos das cidades industriais da Saxônia –, a jubilação de uma social-democracia à beira da bancarrota, saída da aventura massiva e passiva, pesadamente fiel a suas velhas renegações...[30]

28. *Ibidem*.

29. *Ibidem*.

30. V. Serge, *Clarté*, *op. cit.*, p. 52.

A revolução ainda arde na Europa

Tudo demonstra, entretanto, que o fogo revolucionário ainda arde sob as cinzas na Europa. Uma explosão na Polônia vai surpreender todo o mundo, inclusive os comunistas. Em outubro, uma greve por salários, corroídos pela inflação, embala empregados dos correios e ferroviários. Os governo coloca os grevistas sob autoridade militar e os conselhos de guerra os condenam a partir de 2 de novembro[31]. Em Cracóvia, Boryslav e Tarnow, a lei marcial desencadeia a fúria operária. A proibição de um ato em Cracóvia, no dia 6, provoca gigantescas manifestações. O exército recebe ordem de atirar. Um batalhão inteiro se recusa e se deixar desarmar pelos operários. Soldados passam com suas armas ao lado dos manifestantes e atiram sobre os ulanos*. Um ataque a cavalos acaba em derrota. Há 32 mortos, dentre eles 14 militares; o governo retira as tropas deixando nas mãos dos operários as armas que eles tomaram: cinco mil fuzis, algumas metralhadores e carros blindados, um tomado pelo grevistas, outro conduzido a seu lado por sua tripulação.

O governo leva a juízo em conselho de guerra o delegado e o general que deixaram Cracóvia na mão dos operários[32]. Sob pressão dos parlamentares do PPS, o governo recua e faz importantes concessões econômicas, enfraquecendo, assim, a vaga de greves e de manifestações que se anunciava. O Partido Comunista Operário Polonês não fez nada – o que é grave –, mas denuncia "a traição social-democrata".

Confusão geral na Rússia

O fracasso do movimento na Alemanha não constituía, no fim de outubro, uma verdadeira derrota. Ele vem a termo sob o impacto do pânico no Executivo – particularmente de Zinoviev, que se sentia, como seus aliados, particularmente ameaçado em sua posição à frente do partido russo e da Internacional. Mas a ligação entre a crise russa, que já estava se aproximando na primavera, recuou na época dos preparativos para a Alemanha e ressurgiu na seqüência de uma carta confidencial de Trotsky e de uma declaração de 46 militantes – todos velhos – bolcheviques, dentre eles Preobrajensky, Piatakov, Muralov, Belobodorov, Sosnovsky, I. N. Smirnov, Sapronov – e as conseqüências da retirada, decidida em Chemnitz, está longe de ser artificial, mesmo nas coincidências de data.

A revolução alemã e sua popularização na URSS durante meses constituíram para a sociedade russa e para o Partido Comunista, em particular uma verdadeira comoção. Os jovens da geração do pós-Outubro acreditaram bem que a hora de sua própria revolução, da vitória alemã, com tudo o que ela significava para o futuro da revolução mundial, tinha

31. Diagamma. "La grève générale en Pologne", In: *Corr. int.*, n. 90, 13 de janeiro de 1923.

* Soldado de cavalaria armado de lança ou sabre que, a partir do século 16, foi adotado pelos exércitos de uma série de países da Europa (Polônia, Hungria, Áustria, Prússia, Alemanha, França etc.). [N. do T.]

32. X. "Les événements de Cracovie", In: Corr. int., n. 91, 17 de novembro de 1923.

chegado, que a realização da grande tarefa histórica, que lhes era incumbida desde 1917, estava enfim lá, e eles se mobilizaram de mil e uma maneiras, em particular por sua reflexão e expressão de suas exigências. Eles vão, ao contrário, jogar toda sua energia revolucionária no grande debate, ocorrido em novembro de 1923, no seio de seu partido, para a restauração da democracia operária vilipendiada pelo poder ilimitado do aparato e da hierarquia dos secretários.

Não obstante, os patrões destes últimos não dormem em serviço. A *troika* formada por Zinoviev, Kamenev e Stalin, que estava se constituindo, já havia conseguido se livrar de alguns opositores audaciosos, a começar por Khristian Rakovsky, retirado de suas funções à frente do governo ucraniano e exilado em Londres como embaixador. Seu crime foi não somente ter enfrentado Stalin abertamente sobre a questão nacional e sobre a política de russificação sistemática, mas também de ter organizado no partido ucraniano a defesa das idéias exprimidas por Lenin contra Stalin em seus últimos escritos. Agora, é atrás de Trotsky que eles vão, o mesmo Trotsky que eles tentaram, como vimos, manter o mais afastado possível dos assuntos alemães.

Eles têm, enfim, seu pretexto com a carta confidencial ao Birô Político enviada por Trotsky a respeito da degenerescência do regime do partido e da crise de suas ligações com os trabalhadores, demonstrada no Comitê Central por um relatório de Dzerjinski, e a carta dos 46 velhos bolcheviques que apóiam Trotsky. Vimos se dirigir contra eles a aliança dos conservadores, defensores dos privilégios e do absolutismo do aparato, que são encarnados, como mostraram suas reações na Alemanha, por Molotov e Rákosi.

Num primeiro momento, a vaga que sustenta Trotsky parece irresistível. Carregada por uma juventude ardente, a oposição de esquerda parece perto da vitória, ela está, em todo caso, na frente da juventude. A Alemanha não foi imediatamente motivo de discussão neste grande debate que se prossegue todos os dias, desde 7 de novembro, nas grandes cidades e que ocupa grandes espaços na *Pravda*. O que, acima de tudo, se discutiu foi a questão da retirada. Zinoviev aprovou aqueles que a decidiram e, num primeiro momento, não sofreu críticas sobre este ponto no partido russo. Para ele, "a decisão de não começar uma batalha decisiva estava inevitavelmente na circunstância". Assim também o é uma discussão normal e até calma que se desenrola ao longo das primeiras semanas do pós-Chemnitz entre os membros do Executivo e da Central alemã. Absolutamente nada de trágico; nada de acusações graves, uma confrontação de pontos de vista entre especialistas.

Contudo, em breve, muitas "bombas" vão explodir com a discussão no partido russo. Radek voltou da Alemanha. Contrariamente a uma lenda repercutida por excelentes historiadores, ele não se ligou à oposição de esquerda, diferentemente de Piatakov, que é, ele próprio, signatário da Declaração dos 46. Ele intervém quando das assembléias gerais de militantes ocorridas em Moscou, em 11 de dezembro, em que a resolução de Preobrajensky, o iniciador da Declaração dos 46, perdeu por muito pouco a maioria. Ele tenta ocupar uma posição mediana, criticando tanto Trotsky como seus adversários, mas emprega para atacar estes últimos o tom sarcástico que lhes é costumeiro e garante seus sucessos de oratória.

É somente dois dias mais tarde, numa outra assembléia, que, talvez ganhado pela euforia nascida dos processos muito rápidos da oposição e o entusiasmo que a carrega na capital, Radek vai se deixar dizer, o que em parte é verdade, que os dirigentes de alguns dos mais importantes partidos da Internacional, os partidos francês, polonês e alemão, estão ao lado de Trotsky e dos 46.

A *troika* entra na guerra

Nada permite dizer se ele queria fazer desta declaração uma ameaça ou um simples alerta. A *troika*, em todo caso, leva-a a sério, considera-a como uma declaração de guerra: é o ponto de partida para confundir as duas discussões. Zinoviev conhece os laços de amizade que existem entre Radek e Brandler. Ele pôde constatar a solidez da aliança entre Trotsky e Brandler na preparação da insurreição: ele se crê, provavelmente, muito ameaçado. Senão perdido, em todo caso, atacado sobre o terreno, difícil para ele, da derrota alemã. Ele reage, com a violência geralmente inspirada pelo medo, bancando o acusador. Sua carta, de 5 de novembro de 1923, atesta-o:

> Nós considerávamos em Moscou a entrada dos comunistas no governo como uma manobra de estratégia militar. Vocês a transformaram num bloco com a social-democracia de esquerda que atou suas mãos. Nós pensávamos que a entrada dos comunistas equivaleria à conquista de uma base de operações sobre a qual nossas forças armadas poderiam começar a se movimentar. Vocês conseguiram transformar a participação ministerial dos comunistas em uma banal combinação militar com os social-democratas. O resultado foi nossa derrota política.[33]

Ele garante que os dirigentes da Central não tomaram nenhuma medida enérgica, nenhuma iniciativa revolucionária e que eles se fizeram ridicularizar. De seu lado, Trotsky aborda a questão pela primeira vez numa contribuição à discussão do partido russo, intitulada *Novo Rumo*, que é publicada na *Pravda* dos dias 28 e 29 de dezembro. Para ele, o partido comunista não compreendeu a modificação da situação a partir do mês de maio, "o prazo de seis meses que lhe concedeu a História". Havia pouco tempo: "Ele deu à sua preparação uma aparência febril, a massa não pode segui-lo, a falta de garantia do partido se comunicou ao proletariado e, no momento decisivo, o proletariado recusou o combate"[34].

Assim é colocada, por Trotsky, a questão do Executivo – que acordou muito mais tarde – e rejeitada a solução fácil que faz de Brandler o bode expiatório da derrota. As duas discussões sobre o novo rumo do partido russo e a derrota do Outubro Alemão são dora-

33. Zinoviev, citado por P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 779.

34. Trotsky, *De la révolution*, p. 58.

vante somente uma e a mesma. Porém, é tarde demais para que ela possa ser um verdadeiro debate de idéias.

O aparato tomou a discussão em mão, interrompeu o debate na *Pravda*. Ele começa as manipulações para a designação sistemática de delegados submissos e a falsificação de votos nos centros mais importantes. A derrota da oposição de esquerda está agora inscrita nas reações dos *apparatchiki* que defendem asperamente suas posições e utilizam ao máximo as alavancas de comando que eles já têm em mãos, falsificando os votos quando eles estimam necessários.

É a XIII Conferência do Partido Comunista Russo, às vésperas da morte de Lenin, que consagra a derrota da oposição de esquerda no partido soviético, sua qualificação de "desvio pequeno-burguês" e "menchevique", e a condenação da "direita" do partido alemão, ou, para utilizar o jargão, dos "brandlerianos" e dos "trotskistas", designados como responsáveis pela derrota alemã. A deplorável tentativa de Brandler e Thalheimer de se distanciar de Trotsky para garantir sua proteção não lhes servirá de nada.

Derrota e a volta à normalidade

Em sua correspondência de Hamburgo, datada de 27 de outubro de 1923, Chklovsky colocava em causa, a propósito da derrota alemão, aquilo que ele chamava "o charlatão político", o "moleque Guralsky", que ele reclamava que fosse chamado de volta[35]. Contudo, este era o capanga de Zinoviev no partido alemão e na Internacional. E é ele, um dos emissários de março de 1921, quem dá o tema e o tom da ofensiva do Executivo, braço do aparato soviético no conjunto dos partidos. Pessoas como ele, severamente condenadas por seu comportamento no tempo de Lenin, falavam agora como mestres em nome do Executivo: "A aliança entre Brandler-Thalheimer e Radek-Trotsky sobre a questão alemã não é acidental. Ela toca em questões fundamentais: desbolchevização do Partido Comunista Russo e dos partidos europeus ou manutenção da tutela bolchevique do Partido Comunista Russo e a bolchevização dos partidos europeus"[36].

Qualquer um que tenha estudado com um pouco de seriedade a discussão russa do chamado "novo rumo" de 1923 pode, sem muito trabalho, se dar conta de que é a tradição bolchevique de debate e discussão antes da decisão, o caráter democrático do centralismo bolchevique, que a oposição de esquerda defende contra o aparato, e que este está impaciente para se livrar das amarras que lhe foram herdadas do passado, particularmente do tempo da revolução[37]. As reflexões de Molotov e Rákosi na agitação revolucionária alemã demonstram essa irritação dos burocratas perante a iniciativa das massas e sua sede de

35. Documentos Bayerlein.

36. *Die Internationale*, n. 4, 31 de março de 1924, p. 161.

37. Sobre isto, leia-se o artigo do jovem historiador russo Aleksei Gussev, "Crise de la Révolution Russe, 1923", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 54, 1994, p. 5-39, seguido dos documentos revelados pela abertura dos arquivos.

controle: mais de uma intervenção de *apparatchik* no debate russo demonstra a impaciência e irritação daqueles para quem "dirigir" é "comandar" e para quem a autoridade não pode ser outra que absoluta e a democracia forçosamente "limitada".

Não obstante, a necessidade de se colocar, para vencer, sob a bandeira de Lenin e do Outubro os obriga a reivindicar a tradição dos dois. Dela, eles se apropriam daquilo que lhes serve, o centralismo, a disciplina de ferro, uma concepção perfeitamente militarizada do partido que eles conseguiram fazer prevalecer sistematicamente desde 1921 e a proibição de frações e que eles apresentam, com todos os meios de agitação e propaganda que possuem, como a essência do "bolchevismo". Sua luta contra o "brandlerismo" e o "trotskismo", sua campanha para esmagar críticas e resistências em todas as seções da Internacional e para estabelecer nelas direções todo-poderosas com relação à base militante, mas sob as suas ordens, é, portanto, apresentada como uma "bolchevização" da Internacional e de seus partidos, ao passo que ela os afasta – para sempre – da perspectiva e mesmo da possibilidade de tornar, mesmo que somente em grandes linhas, organizações conformes ao modelo bolchevique.

Não seria tão grave se numerosos historiadores, seja por conformismo, seja deliberadamente –conforme sua concepção de "Guerra Fria" do comunismo –, antes de tudo, desejosos de apagar o passado revolucionário e de identificar bolchevismo e stalinismo, tenham justamente os afiançado ao falar, como Zinoviev, Stalin e outros, em 1923, e nos três quartos de século seguintes, de "bolchevização" sem aspas.

É que o Executivo de Zinoviev crê-se infalível e luta com unhas e dentes para continuar como tal, ou, ao menos, fazer acreditar que ele continua. Em caso de derrota, é obrigatoriamente o partido nacional implicado o responsável, em nenhum caso o Executivo. Medíocre filosofia burocrática de caserna, certamente, mas também lei da selva. É ela que dá a chave de que precisamos para compreender a história da Comintern.

Pois Zinoviev, que Trotsky tratava de "epígono", é apenas um desastrado precursor.

Cinco anos depois

Nesses primeiros meses de 1924, quando o Executivo prepara a grande depuração e a grande lavagem dos cérebros independentes sobre o pretexto de "bolchevização", já havia cinco anos que um punhado de militantes haviam proclamado numa pequena sala de Smolny, em Petrogrado, o nascimento da Internacional Comunista. Partidos comunistas, grandes ou pequenos, existiam agora em todas as regiões do mundo. Todos os comunistas pensam que ainda virão mais e mais, que todos os seus partidos crescerão mais e mais e que, no final das contas, num futuro razoável – coisa de alguns anos –, a revolução mundial triunfará no planeta Terra.

Crise ou doença?

Numerosos dentre aqueles que a revolução russa despertou à consciência e à ação políticas e que se lançaram impetuosamente e sem reservas aos combates revolucionários sentem mais ou menos dolorosamente o que se passou e o que se passa na Rússia. Eles têm consciência de desenvolvimentos que eles não compreendem, de oposições que eles não aceitam, de discussões que eles não imaginam.

Nos primeiros meses de 1924, eles sabem que existe um sério conflito na cúpula da Internacional. Porém, o caso de Boris Souvarine, este homem lúcido que tenta, mas não consegue compreender, demonstra que, em última análise, mesmo os melhores entre eles e os intelectualmente melhores equipados não têm nenhuma compreensão do que está se produzindo na capital de sua revolução, na cabeça do primeiro país que a viu vencer.

Perdas severas

Com certeza, os soldados e mesmo algumas vezes os generais morrem na guerra. Com certeza, como o repetem à saciedade os vendedores de lugares comuns "politicamente corretos", a revolução devora suas crianças. Mesmo assim, mas que apetite! A história da Internacional começou, como vimos, pela perda – três assassinados e um morto de tristeza – de quatro de seus pais fundadores, Rosa Luxemburgo, Karl Liebknecht, Leo Jogiches e Franz Mehring. Cinco anos mais tarde, ela perde Lenin, que fora o combatente mais constante, o mais lúcido e o mais aguerrido por sua proclamação e por sua construção. Será que nos damos conta? Ela foi literalmente decapitada. Imaginemos, para medir a amplitude da mutilação, que Karl Marx e Friedrich Engels tivessem morrido alguns anos depois da publicação do *Manifesto do Partido Comunista*. Que seria desse sistema de pensamento, esse "marxismo" que marcou de tal modo as idéias políticas e sociais do século 19? Quem teria garantido depois deles seu desenvolvimento e sua floração? Trata-se, de fato, da destruição de toda uma primeira linha.

Igualmente, como não compreender, pois é preciso, que a morte desses marxistas calejados, dessas "cabeças" teóricas indiscutíveis, têm o significado inelutável da explosão de uma crise do pensamento marxista se desenvolvendo paralelamente à crise da revolução? Longe de nós de subestimar a importância e o caráter percuciente do pensamento de Trotsky, incontestável gigante do pensamento político deste século. Como não ver que a morte de Rosa Luxemburgo e a de Lenin lhe avariaram, de algum modo, as asas, ao lhe impor uma defesa de algum modo conservadora do pensamento revolucionário dos finados? No momento em que suas capacidades criadoras eram indubitavelmente mais necessárias, eis que a águia de Trotsky se condena a si mesma – será que ele poderia agir de outra maneira? – a mostrar que ele era o mais "bolchevique" e o mais "leninista" de todos. Ele estava ao mesmo tempo condenado a desempenhar, no sentido estrito do termo, o papel de conservador de um *corpus* teórico ameaçado a exaltar as velhas ferramentas veneráveis e que esgotaram seu papel, no lugar de lhes aperfeiçoar ou de forjar outras novas a partir delas.

Dirigentes perdidos

Atrás destes pioneiros que partiram, havia uma segunda linha, chamada sem dúvida a tornar num dia próximo a primeira, a dos homens convocados a lhes suceder. Eles ainda não haviam desenvolvido todas as ricas virtualidades de sua inteligência e de sua consciência. Mas, eram homens que de todo modo já haviam encarnado, num momento ou em outro, em nível mundial, uma etapa da consciência operária socialista, da consciência humana. E esses faziam falta também neste começo de 1924, mesmo que eles não estejam mortos, ou melhor, mesmo que eles ainda não tenha sido mortos.

John Maclean, o mestre de escola e professor primário marxista, fora o organizador em plena guerra dos trabalhadores da construção civil do Clyde, o amigo do povo da Irlanda oprimida. Ele acaba de morrer sozinho, de ser pobre e minoritário, sem ter feito a viagem de Moscou, sem ter pertencido à Internacional, esgotado pela prisão e pelas repetidas greves de fome, incapaz de convencer seus camaradas ingleses e os da Internacional Comunista que era preciso na Escócia um partido comunista.

John Reed, "Jack", era bem mais que o revolucionário romântico que se habituou a dizer. Um revolucionário *tout court*, com uma imensa inteligência, uma coragem a toda prova, uma lucidez que lhe fazia respeitado por todos. O tifo o matou em algumas semanas, o tifo, isto é, o esgotamento, depois a miséria, a conseqüências do embargo sobre os corpos humanos.

Raymond Lefebvre, como vimos, seduzira todos que ele havia conhecido. Escritor, pensador, orador, ele morreu afogado, isto é, ele foi, também, morto pelo embargo dos Aliados ditos "democráticos". O "chefe do amanhã" não seria nunca o chefe – e ele era sem dúvida insubstituível.

Lev Davidovitch Trotsky, falamos de seu futuro. Porém, que passado já tem esse jovem homem! Ele presidiu, em 1905, o soviete dos operários de São Petersburgo, apresentou perante o tribunal uma defesa que era uma acusação histórica contra um regime atrasado e autocrático. Ele dirigiu a insurreição de Outubro em Petrogrado, criou a partir de peças isoladas e comandou o Exército Vermelho até a vitória. Ele está diagnosticando a crise da revolução, o mal do qual sofre a pátria dos oprimidos. Ele começou o combate contra o aparato.

Khristian Georgevitch Rakovsky era um outro desses homens alados. Este grande intelectual do movimento operário europeu tornado membro do Birô da II Internacional reatara em plena guerra as relações internacionais, colocara os alicerces da Internacional Comunista antes de lançar e ganhar a pior das guerras civis à frente do governo da Ucrânia soviética. Antes mesmo de Trotsky, sempre temerário, diz este último, ele começara o combate, com Lenin, contra o aparato. Estes dois últimos ainda não estão mortos – não ainda. Mas, eles foram afastados. Ele foi exilado com Bredis e Andreytchin e não pode participar da direção desta Internacional cujos chefes não chegam nem a seus pés.

Como Paul Levi fora afastado, discípulo de Rosa e também seu talentoso sucessor, o homem que protegeu a duras penas seu jovem partido contra os matadores de Noske e seus homens enraivecidos, de quem Lenin reconheceu que havia uma "cabeça", o que era raro. Como será Heinrich Brandler, sólido operário da construção civil, calmo e prudente; o jovial Serrati, chefe de um partido de massa que fundiu como a neve sob o sol? Como será o eloqüente Bordiga? Como será o penetrante Boris Souvarine? Como serão Pierre Monatte e Alfred Rosmer, símbolos respeitados destes sindicalistas franceses que o movimento comunista ganhou somente para melhor perder? Como Willi Münzenberg, este condutor de homens que mostram como um homem de negócios? Como o fora Louis Fraina, largado no México em nome da Internacional. Como o são os poloneses Marchlewski, Warski, Kostrzewa, que remastigam a discussão que Rosa Luxemburgo quis abrir sobre a política dos bolcheviques depois de Outubro, e que nunca aconteceu. Em uma palavra, como este "eixo político KPD-KPP", germano-polonês visto por Feliks Tych sob o

signo de Rosa Luxemburgo, no qual Levi não acreditou e o qual Clara Zetkin, depois da renúncia de Levi, não pode tomar a frente?

Os novos dirigentes

Quem, afinal, dirige esta Internacional? Onde estavam estes homens quando, com uma lanterna na mão, os revolucionários se procuravam uns aos outros na calada da noite do começo da guerra mundial? Os dirigentes da Internacional Comunista são os do Partido Comunista Russo, os que são conhecidos em Moscou como a *troika*, Zinoviev, Kamenev e Stalin. Dos três, Kamenev nunca se ocupou muito da Internacional. Stalin apenas começa a colocar o nariz nos seus assuntos. Zinoviev a preside desde sua fundação. Não se trata aqui de minimizar a personalidade, o papel, a importância destes homens, que, incontestavelmente, estão acima do comum. Porém, eles estão longe de serem comparados aos antecedentes.

Zinoviev fora o devotado tenente de Lenin na emigração, o talentoso popularizador de seu pensamento, o executor também de seus trabalhos sujos nas lutas fracionais, o que lhe valeu um bom tanto de inimigos. É um escritor razoável, apesar de possuir algumas vezes um estilo exagerado, um tribuno, por outro lado, de uma força de convencimento excepcional, um homem que, aliás, gosta apaixonadamente de convencer e de conduzir atrás de si. Contudo, por diversas vezes, ele fracassou na hora do perigo e das grandes decisões, e ninguém esqueceu alguns de seus grandes pânicos, como quando da ofensiva do general Iudenitch contra Petrogrado, em 1919. Ele se tornou presidente da Internacional porque viveu muito tempo no Ocidente e conhece muita gente lá, e porque fala fluentemente alemão. Mas é preciso dizer também que ele estava disponível neste mês de março de 1919 porque sua terrível fraqueza – a denúncia pública da insurreição que estava sendo preparada para outubro de 1917 – havia o afastado de todos os postos-chave durante o primeiro ano do poder soviético. Certamente, ele obtivera no Congresso de Halle, em 1920, um estrondoso sucesso de oratória e feito um grande sucesso político. De todo modo, é pouco para fazer dele o dirigente incontestável da Internacional, que é o que ele quer, que é o que ele crê ser. E para fazer esquecer seu autoritarismo e seus métodos expeditivos.

Seu compadre Iossif Vissarionovitch Djugachvili, dito Stalin, até agora brilhara somente na Internacional por sua discrição. Delegado do partido russo no congresso de fundação, ele não usou da palavra. Há zonas obscuras no seu passado político antes de 1917. Lenin o apreciava enquanto grande trabalhador. Mas é um homem do partido, de nenhum modo da Internacional, que viveu pouco no exterior, não conhece nenhuma língua ocidental e poucos militantes estrangeiros. Ele tornou-se todo-poderoso como secretário geral do partido, organizador de um aparato que ele racionalizou, rigorosamente centralizado, homogeneizado e submisso, em 1922. Os que o conhecem dizem que ele é dissimulado, vingativo e brutal. Ainda não sabemos – o povo russo terá que esperar 40 anos para saber – que Lenin, antes de morrer, rompera com ele todas as relações pessoais

depois de ter condenado sua brutalidade e mentalidade de "milico", e que o *post-scriptum* de seu testamento preconiza seu afastamento do secretariado, em que ele concentrara em suas mãos um "poder excessivo". Neste ano de 1924, ele dá com prudência seus primeiros passos no terreno da Internacional, que ele aprende a conhecer.

Falaremos dos outros somente *en passant*.

O problema da direção formal

As dificuldades de dotar a Internacional Comunista de uma estrutura própria eram imensas. Os partidos não estavam entusiasmados para enviar a Moscou por um período importante aqueles que eles consideravam como seus dirigentes. Às vezes, eles chegavam a aproveitar o pretexto da necessidade de ter um representante em Moscou para se livrar de um incômodo ou de um simples resmungão. Aqui também o desenvolvimento se faz de maneira muito empírica. O primeiro Executivo ficou no papel, o trabalho de direção sendo efetuado por um punhado de dirigentes russos.

A partir do II Congresso, algumas regras foram adotadas, mas uma direção restrita real, o "pequeno birô", posterior *Presidium*, se destacou do Executivo. A instituição dos "Executivos ampliados" – muitas centenas de presentes – permite conciliar a representação dos partidos com uma direção permanente emanando do congresso internacional e não dos partidos enquanto tal. Sobretudo, o aparato central é fortemente reforçado pela reforma dos estatutos ocorrida no III Congresso. A direção política se apóia doravante sobre um verdadeiro aparato burocrático.

O grosso do poder do Executivo é garantido por seu Secretariado, em número reduzido, e por um certo número de departamentos. O mais importante é o de organização, o *Orgburo*, dirigido por um membro do Executivo e que se ocupa de resolver os problemas de organização que aparecem nas seções. O departamento de *agit-prop*, igualmente dirigido por um membro do Executivo, tem a responsabilidade de animar e de controlar notadamente a imprensa mundial dos partidos comunistas. Acrescente-se um departamento do Extremo Oriente, para o trabalho na Ásia e o trabalho "colonial" em geral, o departamento de informação e de estatísticas, o importantíssimo departamento sindical e o secretariado feminino internacional. Começam-se os preparativos para se constituir uma comissão de controle internacional. A regra era que todo comunista que vivesse sobre o território soviético era membro do partido soviético, os refugiados políticos e mesmo os delegados temporários, membros do partido, são submetidos à sua disciplina e, por conseguinte, à autoridade do todo-poderoso secretário geral.

A força dos burocratas stalinistas

O que faz a força desse pessoal que dirige a Internacional depois de cinco anos de

existência? Não é uma forma de gênio, nem qualidades de teóricos ou de condutores de homens, nem seu papel na revolução e na sobrevida do Estado operário vitorioso. É simplesmente um sistema, o sistema burocrático, a doença da degenerescência que atingiu o partido russo depois destes terríveis anos de isolamento e de sofrimento indizíveis que foram constituídos pelo embargo e pela guerra civil com a intervenção estrangeira. É um sistema eficaz, no qual um Stalin, depois de algum esforço, consegue se livrar de um Trotsky. No qual também um operário revolucionário, como Ivan Nikititch Smirnov, que Lenin chamava de "a consciência do partido", deixa seu lugar a Molotov "cabeça dura", o homem que, segundo suas próprias palavras, não tinha gênio algum, mas perseverança.

Este sistema, que triunfou no partido russo e endureceu sua dominação na batalha sobre o novo rumo do fim de 1923, começou a ser projetado na Internacional a partir de seu aparato, construído sobre o mesmo modelo, freqüentemente a partir de homens cuja única gradação vinha das derrotas que a classe operária de seus países sofreram sob suas direções e que lhes obrigaram ao exílio. São homens com o temperamento de suboficiais, homens duros, executantes e executores, os "Guralskys" e os "Rákosis" formados na escola daquilo que Lenin chamava de "kuneiras". É Bela Kun também, tal como vimos em 1919 e em 1921, que, depois do exílio nos Urais, volta justamente neste momento, depois da morte de Lenin.

Não obstante, o que faz a força destes homens, naquela época, é que eles não aparecem pelo que são, mas pelo que eles dizem ser, não como defensores de uma nova ordem burocrática, mas como revolucionários profissionais, representando a revolução russa e o partido que a conduziu a vitória. Pois estes dirigentes comunistas, que se tornaram burocratas, são ainda numa certa medida comunistas, desejando verdadeiramente a vitória da revolução – com a condição, evidentemente, de que ela não os incomode muito. Quanto aos homens que os seguem, eles aceitam o que, entretanto, não compreendem, nem aprovam algumas vezes.

Os historiadores dos partidos comunistas trazem para este problema elementos de compreensão. Falando do alinhamento do Partido Comunista Francês em 1924, Philippe Robrieux aponta a colocação à disposição da nova direção do "tesouro de guerra" colhido no ano passado para a revolução alemã e a "profissionalização" de uma série de militantes dentre eles muitos, de Jacques Duclos a Benoît Frachon e François Billoux, serão os chefes na época stalinista. Descrevendo os militantes franceses frente à pressão daqueles que são para eles os "gigantes de Outubro", ele afirma:

> O meio de continuar firme quando se está dilacerado, atormentado entre sentimentos e idéias contraditórias: de uma parte a admiração devota à alta figura de Trotsky e a ligação da Internacional, de outra parte, sentimentos de artista, pensando inicialmente em atos, povo, Internacional, revolução, antes de proceder a um exame crítico para poder ponderar as coisas em política. [...] Como conceber que se poderia, a alguns, ter razão contra todos esses homens e o que representam uns e outros? Como resolver abandonar um posto de militante profissional para retornar à fábrica? Não é fácil trocar a atmosfera exaltante dos atos e das

> reuniões pelo ambiente deprimente das oficinas com seus gestos sempiternos e fastidiosos. É, enfim, bem difícil se resignar ao anonimato.[1]

Mais geralmente, todos vão cedo ou tarde tomar consciência de que o capitalismo se estabilizou, que o plano Dawes permitiu colocar um fim à crise alemã, que é agora, como dizia Trotsky no III Congresso, "uma questão de anos". Mas a revolução não desapareceu da ordem do dia em razão disso. Os trabalhadores alemães ainda estão lá, os operários austríacos, com suas milícias operárias, os trabalhadores italianos que, logo, no dia seguinte do assassinato do socialista Matteotti, parecerão estar a dois dedos de derrubar Mussolini abalado, e os espanhóis que, por sua vez, numa dúzia de anos, farão uma revolução de uma profundidade comparável a da Rússia, mais profunda ainda, segundo Andrés Nin, que conhece as duas. O próprio Trotsky crê, até 1933, no provável sobressalto daquilo que ele chama de "o núcleo operário do Partido Bolchevique"... Aliás, não é somente a Europa que está em jogo. Outras perspectivas se abrem, algumas vezes completamente inesperadas, suscetíveis de revolver tudo. Vimos Ioffe pactuar com Sun Zhongshan, Borodin chegar à China, na vanguarda de numerosos diplomatas, militares e outros conselheiros comunistas.

A guinada obscura

É, não obstante, uma história completamente diferente, que começa neste momento particular que Victor Serge chamou de "a guinada obscura". A Internacional Comunista, a Comintern, não é mais o que ela era – e não o será nunca mais. Da Internacional do tempo de Lenin, passamos obscuramente àquela de Stalin. Podemos chamá-la Komintern, se quisermos, isto não tem mais importância, mesmo se os *cominternianos* – horrível neologismo – transformam-se em *kominternianos* – mais um, pior ainda – antes de receber uma bala na nuca nos porões da Lubianka*, o que, diga-se de passagem, não acontecia no tempo de Lenin e poderia bem sinalizar uma mudança de endereço, mesmo aos historiadores mais míopes.

Uma história das idéias, que requereria décadas de trabalho em equipe, permitiria talvez desvendar os mecanismos e as etapas de uma transformação há pouco aparecida em 1923. Passava-se, com efeito, da concepção que fazia do partido o instrumento indispensável para conduzir o movimento de massas que fazem a história à do partido-Estado que caracteriza o regime burocrático e que, já constituído enquanto tal antes, deve ser colocado no lugar pela insurreição. Toda uma escola, com Victor Serge, localiza o começo da mutação em 1920. É, segundo nossa opinião, confundi-la com o começo da acumulação que vai transformar, em torno de 1923, a quantidade em qualidade.

1. Ph. Robrieux. *Histoire intérieure...*, *op. cit.*, p. 210-211.

* Nome da praça onde se localizava a sede da Tcheka e, posteriormente, do KGB. [N. do T.]

A centralização internacional

O centro da Internacional Comunista, seus organismos dirigentes são, incontestavelmente, a imagem do partido, uma organização fortemente centralizada, um aparato de profissionais estritamente enquadrados. Todavia, é menos o resultado de uma vontade política que se afirma com os anos de uma política empírica, do dia-a-dia. É difícil seguir Karel Svátek quando ela faz da esquerda de Zimmerwald o ancestral das instituições da Internacional. O ancestral da Internacional, sem dúvida, mas não o de seu aparato, pois a esquerda reunia somente os chefes.

Vimos aparecer os primeiros homens da Internacional no birô de propaganda revolucionária no exterior junto ao Comissariado dos Assuntos Estrangeiros. Foi deste birô que dependeu a federação dos grupos comunistas da Rússia, que existiu formalmente até 1920, fortemente centralizado à imagem do partido.

Os homens deste aparato foram, de início, russos, poloneses ou letões que conheciam o exterior por ter vivido nele e trabalhado no exílio. No começo, eles eram metade diplomatas e eles voltaram a ser a partir de 1920-1921. Fazemos aqui alusão a três dos primeiros secretários da Comintern, V. V. Vorovsky, Jan Berzin, Mikhail Kobetsky. Abramovitch, Bratman, Bronski, Karakhane se encontram em embaixadas e consulados. Walecki continua no aparato da Comintern e é um dos raros: tem-se necessidade dele enquanto se negocia.

Dentre os que ficavam ou tomavam seus postos, há poucos russos, e ainda por cima eles são reservados aos postos de confiança ou técnicos exigindo uma especialização: por exemplo, os jovens secretários de Zinoviev, Richard Pikel e A. Tivel, um orientalista que desempenhou um papel importante no Turquistão. Ao lado do russo Piatnitsky, o todo-poderoso patrão do OMS, que garante a ligação e o controle financeiro, encontram-se dois adjuntos, igualmente russos, o ex-ferroviário Peter Wompe, que se ocupa das ligações, e Aleksandr Abramov, que garante os movimentos de fundos. O *tchekista* Meyer Trilisser (Moskvin) vigia todo esse pessoal.

O resto são emigrantes, revolucionários que precisaram fugir de seu país depois da derrota da revolução e foram transformados em peregrinos ou controladores internacionais, executores de diretivas ou inspetores de sua aplicação. Há bálticos, Zigmas Alexas, um lituano, e Jan Anvelt, que é o homem de Zinoviev. Há comunistas finlandeses, Otto Kuusinen de início, que é um dos quatro primeiros secretários da IC depois de 1922, de quem Lenin escreve que tem um pensamento, o que é raro entre os revolucionários. Mauno Heimo é um dos grandes práticos do aparato, de algum modo seu secretário administrativo. Tuure Lehen se ocupa da formação de oficiais, de cursos de ensino militar para os quadros, em suma, é o especialista da Comintern para as questões militares. Há os húngaros, Rudnyánszký, que desaparece com uma grande soma de dinheiro em 1921, mas reaparece; Bela Szántó, ex-Secretário para a Guerra em seu país, e certamente, Bela Kun, que não apresentamos; Matyas Rákosi, que, ele também, é um dos secretários, e Jószef Pogány, que se distinguiu por suas bobeiras sob o nome de Pepper. Há também Ilona Duczyńska,

que não durará muito mais tempo do que Levi, com quem ela compartilha as análises. O búlgaro Kolarov vai e vem, continua, contudo, no aparato com um número de seus compatriotas não menos importante. Kabaktchiev paga com uma séria retrogradação sua defesa da política do PC búlgaro em junho de 1923.

Uma lenda contada conjuntamente nos anos 1930 por stalinistas e pelos porta-penas mais anticomunistas das classes dirigentes, faz de Georgi Dimitrov um gigante da luta revolucionária cujo papel será capital, ao passo que ele não passa de um exilado incômodo cuja transferência para um outro serviço tenta-se sempre realizar, razão: ele bebe muito e assedia as secretárias...

Continuamos confusos e não foram poucos os comunistas da época que ficaram também, de ver que estes homens, cujo principal resultado enquanto revolucionários e de não terem sabido vencer e que ainda por cima acumularam em suas funções "internacionais", aquilo que Lenin chamava de "kuneiras", continuaram no lugar e visivelmente não foram submetidos a nenhum controle sério da parte de suas organizações internacionais, nem dos partidos de que elas emanam.

A Internacional Comunista, que sai do período das revoluções, não fora capaz de fazer ler e refletir seus militantes responsáveis, como Lenin havia, contudo, aconselhado-a. Sua transformação estrutural, o papel executivo de um aparato que doravante resolvia tudo, de fora e pelo alto, faz o resto. De nada mais serve ser inteligente, instruído, experimentado nos combates operários para se tornar um quadro comunista. É preciso somente ser disciplinado. O abuso da comparação "militar" multiplica ao excesso o número de adjuntos sem horizonte e de soldados de segunda classe com a cabeça vazia.

Tudo ainda era possível?

Não obstante, tudo continua teoricamente possível depois do grande fracasso alemão de 1923. Seria necessário, obviamente, discuti-lo no varejo, colocar tudo em causa, dar a palavra aos humildes e aos militantes de base. No lugar disso, os métodos dos ucasses do movimento russo vencem no decorrer dos debates. Se as derrotas foram terríveis, os dias seguintes à derrota foram ainda piores.

Depois dos passos em falso vieram a queda e a degringolada, a saber: a inaptidão em suportar a contradição e a crítica; a incapacidade de apreender o caráter novo de uma situação; o pensamento "catequizado"; o mandamento como meio universal de reunir. Quantos jovens homens e jovens mulheres, nos anos que virão, vão quebrar a cara? Quantos vão morrer em estéreis aventuras de encomenda? Quantos vão desviar da Comintern os olhos e este coração que eles estavam prontos a dar? Enfim, quanto acreditarão que esta servidão que Moscou exige deles é o preço a pagar para se livrar deste "fascismo" a respeito do qual todo humano digno deste nome sabe doravante que é a lepra e a peste dos tempos modernos?

Pois, ao olhar para trás e considerar esses seis anos, sentimo-nos irresistivelmente

obrigados a repetir para *todos* os combatentes operários do período estudado a apresentação e também as palavras de respeito e admiração pronunciadas por Antonio Gramsci a propósito da última das greves de abril dos trabalhadores da Fiat, em 1921. Apresentando este texto, Gwyn Wiliams escreve essas linhas que desejaríamos ter escrito:

> Há um outro patrimônio que deve ser herdado. Não foi a "história" quem criou o movimento dos conselhos. Foram os homens que fizeram tudo aquilo [...], trabalhadores e trabalhadoras simples, homens e mulheres extraordinários, que tentavam viver como comunistas numa época rude. Sua conduta faz parte da memória do movimento operário, que tem necessidade de todas aquelas que ele pode encontrar. É preciso memória para vencer a morte.

Gramsci escreveu:

> Os trabalhadores da Fiat voltaram ao trabalho. Traição? Renegação do ideal revolucionário? Os trabalhadores da Fiat são homens de carne e osso.
> Eles agüentaram um mês.
> Eles sabiam que combatiam e resistiam não somente para eles; não somente para o resto da classe operária de Turim, mas por toda a classe operária da Itália.
> Eles agüentaram um mês.
> Eles estavam psicologicamente esgotados porque, durante longas semanas, longos meses, seus salários foram reduzidos e não eram mais suficientes para permitir a suas famílias viver.
> Contudo, eles agüentaram um mês.
> Eles estavam completamente isolados de uma nação mergulhada na morosidade, na indiferença, na hostilidade.
> Contudo, eles agüentaram um mês.
> Eles não podiam sonhar com a ajuda do exterior. Eles sabiam que, para a classe operária italiana, seus tendões foram cortados. Eles sabiam que eles estavam destinados à derrota.
> Contudo, eles agüentaram um mês.
> A classe operária italiana foi esmagada pelo rolo compressor da reação capitalista. Por quanto tempo? Nada está perdido se subsistem intactas a consciência e a fé, se são os corpos que se rendem, não as almas. Os trabalhadores da Fiat lutaram duro durante anos e anos. Eles banharam as ruas com seu sangue. Tiveram fome e frio. Eles continuam, com seu glorioso passado, a vanguarda do proletariado italiano. Eles continuam soldados fiéis e devotados da revolução. Eles fizeram tudo o que fora possível a homens de carne e osso.
> Nós nos descobrimos perante sua humilhação, pois, para homens sinceros e honestos, existe aí alguma grandeza.[2]

Neste gesto, há também alguma grandeza. Nenhum dirigente do PC imitará Gramsci neste gesto.

2. G. Williams. *Proletarian Order*, p. 340 e A. Gramsci. *L'Ordine nuovo*, 8 de maio de 1921.

Como fazer uma revolução?

Tudo o que acabamos de passar em revista, ousamos pouco dizer o lado humano das coisas – mas, não está justamente lá o fundamento mesmo da luta revolucionária? –, não desapareceu. Ao contrário. Podemos dizer que uma verdadeira tradição revolucionária homogênea nasceu em países onde ela era ainda, no começo de nosso período, um feixe de impulsos e iniciativas individuais diverso. A questão posta aos comunistas no fim do ano de 1923, mesmo se eles não a colocam ainda, é uma questão terrível, pois coloca em controvérsia suas identidades mesmas, a escolha de suas vidas e de suas mortes, sua razão de ser e de ser comunista, o que para eles é a mesma coisa.

Todo sabem que a revolução russa nasceu, de início, de um gigantesco motim, de deserções em massa, da recusa do grande massacre de uma geração sangrada até a última gota. O ano de 1917 fora, antes de tudo, a revolta contra a guerra, a Grande Guerra, a guerra mundial, como se dizia. Não há mais guerra, ou pelo menos Grande Guerra. Os últimos sobressaltos que se seguiram foram dirigidos contra sua prolongação ilegal, o envio ao combate de soldados e de marinheiros depois da paz, como no Mar Negro, seu objetivo, de colocar fim à política de intervenção contra a revolução na Europa central e oriental. Os governos Aliados, conscientes de que suas iniciativas reavivavam o incêndio que eles queriam apagar, perigavam de provocar novas explosões revolucionárias, fizeram a parte do fogo e retiraram suas tropas, contentado-se, por ora, depois do embargo, de um cordão sanitário e de uma ofensiva econômica.

Pode-se dizer que, depois de 1923, as extorsões das tropas de ocupação, a execução de "terroristas" e "sabotadores" indignam somente o mundo de suas vítimas e um punhado de comunistas ou de libertários nos países agressores. As denúncias que começam a chover contra a exploração colonial, depois contra a repressão tão ilegal quanto feroz que atinge os colonizados revoltados, foi por água abaixo. As massas francesas não se perfilarão amanhã nos canteiros de obras e nas fábricas da França para defender rifenhos e drusos com quem os soldados franceses não "fraternizam", e a maioria dos quadros comunistas se interrogando para saber se seu partido não lançou palavras de ordem demasiado audaciosas... Por todo lado, os resultados eleitorais confirmam que existe uma influência comunista, desigual, limitada, mas real. Entretanto, estamos muito longe dessa "maioria da classe operária" que foi acordado para se considerar como a condição primeira da tomada do poder.

Como indicamos, esta mudança da situação, o fim do período revolucionário aberto pela vitória da revolução de outubro de 1917, foi anunciado por Trotsky quando ele dissera ao III Congresso que não se tratava mais de dias ou de semanas, mas "de anos". A vitória que se acreditou ver em linha reta tinha novamente se afastado. E começávamos a conhecer o preço que era preciso pagar. Com certeza, a resposta pronta está nos lábios dos comunistas: "é preciso construir o partido", "é preciso um partido como na Rússia". Será preciso para isto duas décadas? Pode-se construir um partido revolucionário de massas fora dos gigantescos combates de classe? Mas tem coisa pior. Esses combates – os de mar-

ço de 1921, por exemplo – não se revelam sempre úteis à construção do partido e alguns até mesmo contribuíram à destruição das forças reunidas neste sentido. Em 1923, quando o KPD mal começava a ser reconstruído, ele teve que abortar a insurreição minuciosamente preparada, recuar sem combater.

A unidade operária, o poder e a revolução

Foram essas questões que foram colocadas à Comintern e às suas seções, por meio do partido alemão e do russo, depois ao Executivo, a partir dos dias seguintes à catastrófica "Ação de Março" de 1921 e até a adoção, em dezembro de 1922, da linha da frente única. Naquele momento, os organismos haviam dado suas respostas: tratava-se de realizar a política assim concebida depois de uma discussão que foi, sem dúvidas, de uma amplitude sem precedentes em tal escala: frente única operária, governo operário ou operário e camponês. É preciso se lembrar aqui, para compreender as motivações e os deslocamentos de idéias, do contexto que revestira aos olhos dos bolcheviques à cisão do movimento operário tal como quisera Lenin, mesmo quando a impulsão decisiva viera de seus adversários social-democratas e reformistas, como freqüentemente foi o caso.

A partir da perspectiva da revolução mundial em curto prazo, que era então a dos bolcheviques, essa cisão tinha por objetivo primeiro expulsar do partido operário, antes do momento decisivo da luta pelo poder, os dirigentes oportunistas e traidores em potencial. Mas ela deveria rapidamente definhar depois da vitória que reuniria todas as forças atrás da bandeira da vitória. Encontramos essa mesma concepção como pano de fundo da discussão sobre a frente única operária: ela permitiria aos operários se desvencilhar de seus dirigentes de direita, os "mencheviques", de vencê-los e, ao fazê-lo, de refazer sua unidade. Apesar de que ele não tenha se exprimido até o fim sobre esta questão, parece-nos que é aí que se situa o eixo do pensamento de Lenin sobre esses problemas capitais.

Lenin não tinha em vista uma cisão do movimento operário, partidos e sindicatos, chamada a se prolongar, não digamos meio século, nem mesmo somente alguns anos. Em sua idéia, a frente única operária, caminho da vitória nos países avançados, era também o fio que conduziria à reunião das forças operárias que lhe tornaria possível.

O fracasso alemão de 1920, depois de 1921, como vimos, exigira uma nova elaboração sobre as palavras de ordem de transição em direção à ditadura do proletariado, em particular aquela de "governo operário". Não houve ocasião de utilizá-la com todo o projeto descarrilando no pior momento e desembocando num recuo sem combate. A morte de Lenin, a crise da revolução, impediram todo debate real.

Tudo se passa como se os sucessores de Lenin fizessem responsáveis do fracasso revolucionário suas audácias, suas inovações teóricas – Stalin dirá ainda mais em 1943 – repousando sobre uma má apreciação da situação. Ao mesmo tempo, as teorizações de Zinoviev para preservar sua autoridade e seu poder coincidem plenamente com o conservantismo de Stalin e dos homens de seu aparato, como Molotov e Rákosi e com o medo

que eles tinham da revolução, vislumbrada novamente no verão de 1923, na Alemanha, nas assembléias agitadas nas quais os "bonzos" eram vaiados, com complicações internacionais no horizonte.

Em suma, os homens que se apossaram do poder na URSS com Stalin jogaram para o alto não somente as conclusões de Lenin sobre o aparato e a burocracia, a questão nacional e a russificação, mas também suas reflexões sobre a unidade operária a visar através da frente única operária, primeira etapa da rota moderna da revolução num país avançado.

Frente a eles, como já assinalamos, Trotsky, compreendendo a gigantesca empresa de falsificação que começa, vai se fazer o guardião do templo e defender a herança das idéias de Lenin, evitando ir mais longe que ele para não dar espaço para novas acusações e não criar o sentimento de que ele utiliza o pensamento de Lenin em sua própria defesa. Assim, ele não irá mais longe, contentado-se com uma rica análise dos fenômenos novos, o stalinismo e o fascismo.

A Comintern no impasse?

Em 1921, alguns pensaram em bombas e seqüestros, provocações para fazer o papel da guerra e de atrocidades a fim de encolerizar os trabalhadores e ajudar a reconstituição do contexto em que a revolução deita suas raízes, quando, embaixo, não se pode mais. Mas isto era somente um expediente derrisório, perigoso, e, de todo modo, difícil de reeditar. Doravante, a Comintern não lançará mais a palavra de ordem de insurreição num país avançado. A rejeição da frente única se revela, aliás, uma atitude mágica com múltiplos usos. Os partidos social-democratas, que também não querem, vão tirar enorme proveito da política dos PCs, denunciando seus chefes e tentando "roubar suas tropas", assim como ataques sistemáticos contra eles, que se utilizam para justificar sua inação em face do poder.

Melhor ainda, o ardor dos comunistas a denunciar os social-democratas permite a estes últimos desviar em seu próprio proveito as aspirações unitárias e apontar os comunistas como os "divisores". Contudo, trata-se aqui de pequenos lucros e perdas. Há ainda mais, e mais sério ainda.

A rejeição da frente única pela direção comunista, a recusa mesma de se encontrar com os dirigentes socialistas, significa em definitivo pesar em favor do *status quo*, de uma rivalidade entre partidos, com seus altos e baixos, mas numa realidade que é a impossibilidade de avançar em direção a uma mudança definitiva enquanto subsistirem dois partidos operários opostos e mesmo inimigos.

Esta divisão operária garante a proteção do capitalismo, de novos conflitos entre os partidos operários, o fastio dos militantes, a perda de confiança, a passividade. E a tentativa sempre renovada, mesmo quando ela é somente sonhada, de tomar o poder por via de uma aliança com uma coalizão burguesa. Nos anos que vão de 1923 a 1933, mesmo se se

fala, na Comintern, da "revolução", sua perspectiva não cessa de recuar. O inimigo de classe, mas também a social-democracia, descrevem-na como obsoleta, ultrapassada, vencida, uma utopia sangrenta que custa muito mais caro que os sofrimentos dos quais ela pretende livrar os povos. E os soviéticos os respondendo por "contos de fadas" ou insultos.

Como ser revolucionário sem revolução? Parece que, no final das contas, o inimigo de classe tem muito medo da revolução e acredita muito nela. E voltamos aos mesmos termos do problema colocado em 1921 a Lenin, segundo Miloš Hájek: a revolução pode ainda ser desencadeada por um golpe contra-revolucionário que visa impedi-la. É talvez porque, em sua luta preventiva, Hitler garantiu para si o poder de Estado antes de lançar sobre a classe operária e seus partidos suas forças de guerra civil. Em todo caso, a contra-revolução não provocou nenhuma revolução: o stalinismo, ao mesmo tempo, está perante o tribunal da história, com a social-democracia, por deixar os bandos hitleristas se apoderar do Estado sem combate.

O "socialismo num só país"

É no dia seguinte à revolução, abortada de 1923, na Alemanha, que Stalin avança uma justificação teórica que se tornava necessária à sua política. Foi a teoria sobre a possibilidade e, finalmente, a necessidade de "construir o socialismo num só país". Ele aborda a questão por meio do prefácio de seus escritos de 1917, intitulado "A Revolução de Outubro e a tática dos comunistas russos". Ele explica aqui a derrota alemã pelo fato de que o proletariado não tinha o apoio do campesinato, diferentemente do que ocorreu na Rússia, em 1917. Ele quer demonstrar que as perspectivas da revolução mundial de Trotsky deixam somente ao povo russo a perspectiva de "vegetar em suas próprias contradições e de apodrecer ainda no pé esperando 'a revolução mundial'". Apoiando-se numa citação de Lenin, que ele teve que manipular para utilizar, ele garante: "A vitória do socialismo num só país é evidentemente possível e provável, mesmo se este país é menos desenvolvido do ponto de vista capitalista e mesmo se o capitalismo subsiste em países mais desenvolvidos do ponto de vista do capitalismo". O historiador americano R. V. Daniels comenta: "Trata-se do começo de um longo processo de reinterpretação e de reconstrução cujo efeito era de colocar o que se representava como o marxismo-leninismo em conforme com a evolução real do Estado soviético".

O benefício da operação é claro. Batizado "socialismo" e mais tarde "comunismo", o regime burocrático stalinista torna-se, retrospectivamente, o objetivo das lutas operárias passadas e o que era preciso defender hoje e amanhã. Não se trata mais da hipotética e longínqua revolução mundial, mas do socialismo que está se construindo, desta Rússia que deu o exemplo e que é o assunto de todos. Ao mesmo tempo, são garantidas as hegemonias principais dos russos e de seu partido na Comintern, a subordinação desta à política exterior e à defesa do "socialismo" de Stalin. Trotsky, Zinoviev e Kamenev e os outros *oppositsionneri* não se enganam mais a esse respeito. Em seu combate contra a política de

Stalin, eles mostram como esta pseudoteoria não era nada além da justificação de uma atitude que se desinteressava da revolução mundial e se preparava a combatê-la. A luta que eles começaram neste terreno, em 1924, prolongou-se sob as formas mais diversas até 1933, isto é, a data em que a revolução alemã, a saber, a causa revolucionária no coração mesmo da Alemanha proletária, foram derrotada sem combate. Não obstante, ela foi longa e dura e faria ainda muitas vítimas.

Segunda parte

A queda

1924-1943

Com o fiasco alemão e o acerto de contas que se segue no PCR(b) e na Comintern, um período bem diferente da história destas duas formações políticas começa.

A Internacional Comunista nascera da iniciativa e sobre o modelo da obra realizada pelo Partido Bolchevique. Por uma dessas ironias costumeiras da História, é por um processo original sem verdadeiras relações com o bolchevismo, chamado, contudo, de "bolchevização", que começa sua longa doença mortal, uma agonia que alguns tomarão por um desenvolvimento normal e que outros ainda hoje se empregam a fazer passar por tal. Em 1933, os bandos nazistas tomaram o poder sem combate. A causa primeira da ausência de resistência da parte do KPD, a seção alemã da Comintern, encontra-se na política de sua direção, ela mesma determinada pelos dirigentes russos e a profunda transformação de seu partido, tornado o instrumento de uma burocracia onipresente. A derrota alemã encerra um período. Revela-se tão profunda, tão durável que mesmo os sobressaltos da França e da Espanha, ao fim dos anos 1930, não conseguirão dar uma saída positiva às iniciativas dos trabalhadores e ao ódio universal contra o "fascismo".

Mas ela é também, ao que tudo indica, antes de tudo, não somente a derrota, mas a falência da Comintern. Não somente ela foi incapaz de barrar a rota ao fascismo, mas ele carrega a responsabilidade principal da vitória deste último. E não se trata unicamente, como se não bastasse, do abandono da perspectiva revolucionária, mas do abandono da bússola da luta de classes, que prova que, na vida, os comunistas não se comportaram como antifascistas eficazes: eles não puderam barrar a maré na Alemanha. Aliás, seria preciso, um verdadeiro balanço para que eles pudessem contribuir nesse sentido.

A Comintern não é capaz. Para ela, Stalin está certo e foram todos os outros que cederam a passagem a Hitler. A idéia de uma cisão desta Internacional impotente veio à ordem do dia, reencontrando até mesmo eco na esquerda social-democrata e na juventude. Trotsky combateu, durante muito tempo, essa perspectiva, mas ele aderiu a ela na seqüência da catástrofe alemã.

A Internacional Comunista, privada de seus melhores combatentes, todos os espíritos independentes –, estreitamente submissos à polícia política soviética que lança seus tentáculos a todo seu aparato, não é nada além de um instrumento da política de Estado stalinista, muito mais do que o instrumento de sua política externa, o que alguns viram. Salvo para os militantes avisados e os veteranos mais lúcidos, ela apareceu, contudo, sempre como uma organização prestigiosa e vai atrair para si trabalhadores e jovens que aspiram a transformar o mundo.

A bolchevização[1]

Mencionamos, de passagem, ao tratar da discussão de 1923 no partido, em Moscou, uma intervenção, que fez grande barulho, em que Karl Radek afirmou que os três principais partidos da Internacional, o partido alemão, o francês e o polonês, estavam do lado de Trotsky e da oposição.

Colocando os partidos em seus devidos lugares

A tendência, recorrente entre os historiadores, à adoração, senão à ilustração, do fato terminado, o fato de que esta situação, concretamente descrita por Radek neste momento preciso, foi rapidamente mudada na seqüência, levou um historiador tão sério quanto Carr a estimar que se tratava ali somente de uma das fanfarronadas de que Radek era costumeiro. Dito de outro modo, no contexto de 1923, ele teria cometido uma gafe retumbante, preocupando sem razão Stalin, que reagiu com sua brutalidade costumeira. É preciso rever esta apreciação demasiado apressada.

Os dirigentes desses três partidos não se deixaram imediatamente convencer ou constranger. A iniciativa de alguns efetivamente tendeu a romper conscientemente a ofensiva desencadeada na Comintern por Zinoviev e seus aliados contra Trotsky e os seus. A "bolchevização" não fora uma má nota dada a alunos dissipados e desatentos. Ela foi um bloqueio infligido a partidos que tinham ainda a pretensão de pensar por si mesmos. Ela foi, portanto, o regime disciplinar imposto pela burocracia de Moscou aos partidos cujo nascimento foram varridos pelo sopro do bolchevismo e os ventos tempestuosos da revolução, mas que estavam longe de ter adquirido desde então a força necessária

1. Ver *Bericht über die Verhandlungen des IX Parteitages, passim.*

para sobreviver vitoriosamente a uma tal prova.

Colocando o KPD no seu devido lugar

O primeiro que foi colocado no lugar em que Moscou queria foi o próprio partido alemão. Do ponto de vista dos burocratas, era uma necessidade absoluta. Primeiro do partido da Internacional, depois do partido russo, ele é o único a ter se aproximado a tal ponto do poder que chegou a queimar os dedos. E era, enfim, o partido dos dois grandes mártires e símbolos, "Karl e Rosa", Liebknecht e Luxemburgo. Contudo, a tarefa era relativamente fácil, pois os militantes e os quadros sofreram terrivelmente no plano moral a derrota, perderam numerosas certezas e mesmo a confiança em si. Ora, todos sabem que os doentes graves acreditam de bom grado nos remédios milagrosos. As coisas foram certamente facilitadas pela derrota de Brandler e Thalheimer. Levados ao banco dos réus, eles eram incapazes de compreender e, *a fortiori*, de demonstrar o mecanismo que lhes sacrificava em favor do prestígio daqueles que lhes haviam dirigido. Do começo ao fim, eles pensavam estar protegidos. Em todo caso, estávamos longe do Thalheimer audacioso que esgrimia com Lenin, no fim de 1919!

Stalin começava a desempenhar um papel importante a partir do momento em que a luta se desenrola dentro de um aparato, seu terreno de predileção. Mas ele se prepara também com um cuidado extremo. Assim, ele aproveita a ocasião da estada forçada de Maslow em Moscou para operar com ele uma aproximação pessoal, fazer-lhe falar e escutá-lo, observá-lo para aprender, também, quando o momento chegar, como utilizá-lo.

Em 3 de novembro, o Comitê Central do KPD adota uma resolução segundo a qual o fascismo venceu a república de novembro e a democracia burguesa. Ele acusa a social-democracia de cumplicidade com o fascismo e exige dos social-democratas de esquerda o rompimento com seu partido, tornado cúmplice e instrumento do fascismo. Depois de discutida, ela é aprovada por 40 votos a 16. Está claro que será preciso fazer uma discussão, ainda mais, como sabemos, porque ela se desenrola na URSS sem concessões e que não é mais possível dissimulá-la.

Começo da discussão

A discussão é aberta no partido por Brandler, em 7 de novembro. Seu primeiro resultado é de fazer aparecer rapidamente uma diferenciação na antiga maioria. Três textos vão se enfrentar.

A esquerda, fiel a ela mesma, com Ruth Fischer, que vê se aproximar sua hora, e Ernst Thälmann, cuja lenda de dirigente operário começa-se a construir ao se apagar oficialmente sua "quedinha" pelo álcool, que havia até então freado sua promoção. Os militantes alemãs têm o hábito de lhes ouvir se repetir. Desta vez, há em seus textos uma nova

idéia: era preciso, segundo eles, empreender a luta, mesmo se decididamente se caminharia para a derrota.

Brandler e Thalheimer, com alguns camaradas, dentro eles Clara Zetkin, Pieck e Walcher, não têm nada mais ao redor de si que um punhado de dirigentes. É tudo o que resta da antiga maioria. Como poderíamos esperar, ele tem uma crítica cerrada de uma política que lhes é imposta. O eixo de seu texto é que a retirada de outubro era não somente inevitável, mas justificada. Os trabalhadores alemães não estavam prontos para lutar "pela ditadura dos conselhos e pelo socialismo". As causas da derrota são de natureza objetiva e não se deve procurar os responsáveis.

O terceiro grupo é a "fração do centro", que compreende o grosso dos membros da antiga direção, homens que não a defendem e os que freqüentemente a criticaram ao longo do ano de 1923, como Ernst Meyer. Mas estes ficam enojados só de pensar em dar razão à Ruth Fischer, que eles execram, em que pese os favores de que ela goza perante Zinoviev. É Guralsky, tornado na Alemanha o homem de Zinoviev, cooptado ao Comitê Central sob o nome de Kleine, quem reagrupou o centro. Este último será por ora a fração de Moscou, na medida em que ele aceita as críticas de Zinoviev ao mesmo tempo em que continua a se manter afastado de Ruth Fischer e de seus associados. Não falta habilidade ao texto do centro. Ele reafirma o caráter revolucionário da situação na Alemanha e garante que o partido impôs a derrota a si mesmo por meio de seus próprios erros, nascidos de uma "concepção teórica errada" e de uma "interpretação falsa do papel do partido". Ele enumera os erros cometidos; seu atraso em compreender o caráter da situação; a insuficiência de seus preparativos militares; seus esforços para frear o movimento de massa no outono; as ilusões que ele semeou sobre os social-democratas de esquerda; a passividade de seus ministros no governo saxão; sua recusa em organizar ações parciais; sua superestimação do armamento e sua subestimação do moral operário; a rigidez de seu plano sobre a base de um cálculo errado. Enfim, para ele, a retirada sem combate foi um erro e não foi entendida nem pelo partido, nem pelos trabalhadores.

Brandler e Thalheimer denunciam nas teses do centro o retorno à velha "teoria da ofensiva": esquerda e centro se esbaldam contra a social-democracia, falando de sua "fascistização" e colocando em causa a frente única. O historiador tcheco Miloš Hájek acredita mesmo que o traço comum entre os três textos é o abandono de fato desta tática. Mas o vento mudou para valer. Em dezembro, quando da votação dos textos na Central, o de Brandler-Thalheimer obtém dois votos, o de Ruth Fischer, seis, e o do centro, 17.

Assim como Miloš Hájek sublinhou, Zinoviev não parece de forma alguma decidido num primeiro tempo a romper a velha direção alemã. Em novembro e dezembro, ele explica incansavelmente que a retirada era inevitável em outubro. O *Politburo* do partido russo, em 27 de dezembro de 1923, e seu Comitê Central, em 15 de janeiro de 1924, exprimem a mesma opinião. Em 7 de dezembro, Zinoviev está de acordo com Radek para estimar que não tinha como mudar a direção do KPD e afirma na XIII Conferência que não se deve exagerar os erros cometidos por Brandler e seus camaradas. Por outro lado, ele vai além do centro alemão com sua recusa da política da frente única. Mais grave ainda, numa crítica às

teses do KPD, ele afirma, em dezembro, que não somente von Seeckt, mas também Ebert e Noske, são "variedades de fascismo". Na XIII Conferência do partido russo, ele dá mais um passo em seu relatório, garantindo que a social-democracia tornou-se, na Alemanha, uma ala do fascismo e que se poderia esperar um fenômeno parecido no plano internacional.

Zinoviev teme Trotsky

O que aconteceu para que o presidente da Comintern iniciasse uma guinada? É simples: ele se sente ameaçado. Os eventos que precedem imediatamente a reunião do *Presidium* da Internacional, em janeiro, mostram que é seu poder, sua posição dirigente no partido e na Internacional Comunista que Zinoviev defende doravante, absolutamente consciente disso, na discussão dos assuntos alemães. Pois está claro que o caso alemão vem agora se integrar na discussão geral aberta na URSS a propósito do Novo Rumo.

Trotsky já havia protestado contra o fato de que o projeto de teses fora elaborado sem a participação de alemão algum, o que não lhe parecia garantia de trabalho sério. Sabemos que ele é muito crítico quanto às responsabilidades da direção internacional para com a Alemanha. Ele crê que foi ela que transmitiu ao partido alemão suas próprias hesitações e lembra o colapso moral de Zinoviev na véspera da decisão pela insurreição de outubro de 1917. Em 19 de dezembro, ele se dirige ao *Politburo* e exprime em termos severos suas críticas das teses de Zinoviev sobre os eventos alemães. A posição de Zinoviev sobre a experiência na Saxônia lhe parece "inaudita", elaborada não a partir de um critério revolucionário, mas de um critério de parlamentarismo formal. O que foi escrito sobre a frente única é absolutamente abstrato e completamente falso. Ele os adverte contra a adoção do texto, que poderia, garante ele, se revelar perigosíssima não somente para o KPD, mas para toda a Internacional. Em 24 de dezembro de 1923, depois de uma conversa com Radek, que lhe leu seu texto por telefone, Trotsky aceita assiná-lo: é a resolução, já assinada por Radek e Piatakov, que deve ser apresentada ao Executivo de janeiro, *A derrota de outubro e a continuação da luta do proletariado alemão contra a ditadura*[2].

Este texto explica que a linha geral da política do KPD e da Comintern estava correta, mas que sua aplicação foi superficial. Ele indica três grandes erros cometidos. O primeiro foi o de não ter colocado, no centro da perspectiva de todas as lutas parciais desde a crise do Ruhr, a necessidade de tomar o poder. O segundo foi o de não ter concentrado a atenção nos conselhos de fábrica, reforçando-lhes com quadros organizativos, colocando em primeiro plano da agitação e da propaganda o reforço, a generalização e a centralização em escala nacional destes organismos revolucionários. O terceiro é ter construído a força militar das centúrias proletárias por fora do movimento de massas, numa clandestinidade, aliás, ilusória, no lugar de fazer dela uma vanguarda armada, onipresente, garantido a proteção dos trabalhadores em todas as lutas parciais.

2. Documentos Bayerlein.

As teses dos três explicam que a queda do governo de Cuno marcou o começo de um período novo. O KPD não o entendeu. Ele não entendeu tampouco nem a importância, nem a iminência do perigo fascista, a necessidade das lutas de massas para mobilizar o proletariado em sua resistência ao fascismo ameaçador. Ao não se fazer "delegar" ao governo por um congresso dos conselhos de fábrica da Saxônia, os ministros comunistas deixaram os social-democratas de esquerda afogar aos olhos das massas, o que era a razão de sua entrada: o duplo objetivo da realização concreta da frente única, com a chegada ao poder e a construção de um exército vermelho alemão a partir da Saxônia. Finalmente, eles cometeram o erro supremo de negociar com os social-democratas de esquerda nos corredores e nas instâncias governamentais, sem lhes obrigar a conduzir esta negociação sob a pressão direta das massas e em plena luz do dia. Ora, neste caso, como em muitos outros, a única garantia de vitória está aí. As teses, depois de indicar as perspectivas próximas, termina por um apelo à unidade do partido.

Zinoviev começa a batalha contra Radek por um motivo que nos parece tão formal quanto fútil. Este último, com efeito, argumentando que ele recebeu um mandato da Internacional – o que é correto –, apresenta essas teses ao Executivo sem passar pelo partido russo, o que parece aqui ser lógico. Mas Zinoviev lembra que Radek, membro do partido russo, deve de início, e acima de tudo, prestar disciplina a ele. Sob sua requisição, em 27 de dezembro de 1923, o birô político do PC russo condena a atitude de Radek como "fracionista". O resultado é importante; este texto, um dos mais interessantes elaborado no debate em curso, não foi publicado pelo Executivo. De fato, Zinoviev tem tanto medo do conteúdo que se prende exageradamente à forma.

O Executivo de janeiro de 1924 e a conferência russa

Em 11 de janeiro se abre a sessão do Executivo da Comintern. Radek é o relator, em nome do Executivo. Ele reconhece os erros de que sabemos, lembra que esses problemas não foram examinados pelo Executivo ampliado de junho de 1923, sublinha que todas as decisões foram tomadas por unanimidade, inclusive a de entrar sem preparação no governo saxão de Zeigner, em conformidade com o que propunha Brandler. Ele sublinha também que é inaceitável que Zinoviev, principal responsável enquanto presidente da Internacional Comunista, fuja de suas responsabilidades e procure bodes expiatórios. Sobre o problema de fundo, ele faz esta interessante observação: "Bom partido operário, não somos de forma alguma um bom partido comunista. Eis o traço maior da situação."[3]

Este relatório poderia provocar uma verdadeira discussão, mas isto era precisamente o que a direção da Internacional não queria. Uma comissão foi designada, sob a presidência de Kuusinen. Ela compreende os alemães Thälmann, Remmele, Koenen e Pieck. A proposição, que parece elementar, de Clara Zetkin de incluir Brandler e Radek foi

3. K. Radek. *Die Lehren...*, p. 13.

rejeitada. Os jogos estão feitos. No *Presidium*, somente Zetkin e Radek votam contra o relatório da comissão.

No intervalo, Piatakov, um dos três enviados da Comintern à Alemanha, interveio no Comitê Central do partido russo em 14 de janeiro. Lá ele lembrou que a missão confiada a Radek e a ele mesmo era somente velar pelas boas condições da preparação e do correr da insurreição. Ele consagra o resto de sua intervenção a uma crítica feroz de Ruth Fischer e da esquerda alemã. A principal reprovação que ele faz a Brandler é de não ter sido capaz de agir com o pulso firme em uma direção bolchevique para corrigir a tempo essas irresponsabilidades. O Comitê Central cai na gargalhada[4].

Na XIII Conferência, que vai condenar a oposição russa como um "desvio menchevique", Zinoviev abre fogo contra a social-democracia:

> A própria social-democracia se tornou fascista. [...] Os social-democratas estão do outro lado da barricada. Rompamos com eles. O que há de novo no movimento operário internacional é que a social-democracia tornou-se um elemento fascista. O fascismo é um amálgama de negra reação e de demagogia social. Mussolini e muitos outros o provam. A social-democracia se junta e se associa facilmente com ele.

Depois ele prossegue, para que ninguém ignore quem é o inimigo.

> O Executivo decidiu orientar o KPD contra o desvio de direita representado – e não por acaso – lá por Radek, que algumas vezes é apresentada no Rússia como "à esquerda". [...] Com Piatakov, eles fizeram todo seu possível para transportar para a Internacional a luta das "frações". [...] Trotsky, Radek e Piatakov redigiram teses insuficientemente trabalhadas, que eles enviaram aos camaradas alemães sem mesmo as comunicarem ao CC do partido russo. [...] Contudo, estou feliz de lhes dizer que, em que pese a grande autoridade de que gozam perante os camaradas alemães os camaradas Trotsky e Radek, acabamos de estabelecer os termos de uma moção comum à maioria do CC do KPD e à esquerda.[5]

Zinoviev tem consciência ou ele cobre a operação? Na seqüência da sessão do Executivo, procedeu-se a designação de uma nova direção provisória do KPD que esperaria um voto de congresso. O centro e a esquerda dividiram entre si a direção. Remmele é o presidente do partido e Ernst Thälmann, vice-presidente. A nova Central, como podemos imaginar, alinha-se com a XIII Conferência do partido russo, condena as tendências "mencheviques" e "antileninistas" da oposição de esquerda. O KPD, pela primeira vez desde a adesão do USPD depois do Congresso de Halle, acaba de cair abaixo do nível de 100 mil membros.

4. Documentos Bayerlein.

5. Excertos do relatório de Zinoviev em *Bulletin communiste*, n. 8, 22 de fevereiro de 1924, p. 205-210.

Vitória da esquerda no KPD

No congresso que o partido prepara clandestinamente, e que ocorre de 10 a 14 de maio em Frankfurt-am-Main e Offenbach, há um verdadeiro *tsunami* da esquerda. Uma resolução chama a "extirpar os vestígios do brandlerismo", preconiza a saída dos revolucionários dos sindicatos e rejeita em bloco a tática aplicada desde o III Congresso como estando totalmente centrada na conquista "dos elementos mais atrasados do proletariado". Clara Zetkin protesta por carta contra o fato de que o Executivo não tenha dado ao partido alemão, como panacéia, nada além de uma caça às bruxas. Alguns dizem – o que é verdade somente em parte – que é a revanche dos tenentes da ofensiva, vencidos em 1921, depois da Ação de Março, por Lenin e Trotsky no III Congresso. Em todo caso, Ruth Fischer é a porta-estandarte dos vencedores – ela será colocada à frente do partido em junho em substituição a seu companheiro Arkadi Maslow. Eleita deputada em maio de 1924, ela chega com estardalhaço à Câmara dos Deputados e, depois de ter tratado a instituição de "teatro de comédia" e os deputados de "marionetes do capitalismo", proclama: "Nós, comunistas, estamos prontos a cometer atos de alta traição", como assinala Gilbert Badia em sua biografia de Clara Zetkin[6], e que podemos compreender porque ela, normalmente séria e comedida nos debates públicos, emprega a propósito de Ruth Fischer a palavra "provocação".

A "dešmeralização" do PC tchecoslovaco

A pretensa "bolchevização" foi a ocasião longamente esperada da "dešmeralização", dito de outro modo do fim do "šmeralismo", a linha moderada de Bohumir Šmeral à frente do PC tchecoslovaco. Teria-se perdoado tudo a este homem que, depois de tudo, conseguira constituir um PC de massas, se ele não tivesse fica tanto tempo calado diante dos debates abertos e das questões levantadas. Ora, mais grave ainda, ele exprimiu reservas perante a violência da campanha contra Trotsky quando do Congresso de Brno, em maio de 1924. A ofensiva do Executivo não deixava mais dúvidas, e uma solene, mas tardia declaração de guerra do PCT a Trotsky, em 13 de dezembro de 1924, não poderia mais mudar o rumo das coisas.

O PC tchecoslovaco contava então com mais de 130 mil membros, dentro eles quase 90% eram operários da indústria. O Executivo está apressado em torná-lo "ativo" e "ofensivo" e se indignava que os dirigentes de um grande partido burguês, socialista nacional, de Beneš e Masaryk, pudessem pensar em oferecer aos comunistas a participação num governo a fim de evitar "um governo fascista". A crise se incubava desde o IV Congresso da Comintern. Os quadros devotados a Moscou e jovens esquerdistas pressionavam fortemente, inclusive nos sindicatos, em nome da disciplina internacional, e as resistências eram potentes na cúpula.

6. Gilbert Badia, *Clara Zetkin*, *op. cit.*

Seis semanas mais tarde, ocorre o V Congresso da Comintern. Estão presentes 504 delegados de 60 PCs vindos de 49 países. De início, Zinoviev ataca criticando fórmulas "oportunistas", garantindo que o partido tchecoslovaco precisa de "forças proletárias frescas" em sua direção. Ele faz um paralelo implícito entre Šmeral e Brandler. Evidentemente, ele é apoiado por Ruth Fischer. Šmeral se defende, mas com muita prudência e comedimento. Kreibich, por sua vez, mantém suas críticas contra os métodos do Executivo, abstendo-se, apesar das investidas de Ruth Fischer, de falar da situação do partido russo, portanto, de vituperar Trotsky. Em sua conclusão, Zinoviev reprova a Šmeral e Kreibich sua "diplomacia", sua "falta de franqueza", seu "oportunismo". Não obstante, ele reconhece abertamente "a influência preponderante" da que goza Šmeral no PC tchecoslovaco. Muna e Šmeral são eleitos para o Executivo assim como Neurath, seu adversário de esquerda. Kreibich torna-se membro da Comissão Internacional de Controle.

No II Congresso do PCT em Brno, de 31 de outubro a 2 de novembro de 1924, a linha de Moscou sobre a análise e a organização passa integralmente, mesmo que tenham se ouvido ranger de dentes sobre a questão sindical, a "independência" e a "transferência" dos membros, que consolidaria a nova central vermelha, mas também reforçaria a cisão. Um dos sinais dos tempos foi o tumulto provocado pela candidatura ao CC de Kreibich, pioneiro do partido, culpável de ter criticado os métodos autoritários do Executivo e a política de "bolchevização". Sua iniciativa foi denunciada não somente pelos amigos de Ruth Fischer, mas sobretudo pelos representantes do Executivo da Comintern, Manuilsky e Katz, como uma "manifestação contra a Internacional", o que fez com que ele a retirasse!

Além disso, mesmo que a comissão *ad hoc* tenha se pronunciado pela renovação da antiga direção, foi sob pressão – uma verdadeira chantagem – de Manuilsky que foi decidido eleger ao CC 14 membros da direita e 18 da esquerda. Um dos representantes da direita, Josef Bubník, denunciou, na intervenção em questão, uma "ingerência do exterior"[7]! Ele explica um pouco mais tarde: "O representante da III Internacional, Manuilsky, apoiado pelo camarada Katz, da Alemanha, exigiu que o novo CC tivesse uma maioria de esquerda. [...] Ele nos ameaçou, garantindo que, caso a maioria não se submetesse, a discussão seria prolongada e um congresso extraordinário sob os cuidados da Internacional seria convocado nos próximos três meses."[8]

Da velha guarda, restava somente na direção Šmeral, Zápotocký, Muna, Skalák. Poderíamos perguntar se o verdadeiro poder à frente do partido não estava nas mãos do enviado da Comintern, Amsterdam, conhecido aqui sob o nome de Henrykowski. Um relato de Viktor Stern, um homem de Zinoviev, conclui-se bizarramente assim: "É por convicção e não disciplina que a nova direção do PCT aplicará as decisões da Internacional Comunista e de nosso congresso. Ela será, portanto, o primeiro passo em direção à bolchevização."[9]

7. Citado por E. H. Carr, *Socialism in one Country*, v. 3, p. 181.
8. Citado por Paul Zinner, *op. cit.*, p. 40.
9. Viktor Stern, "Après le congrès du PCT", In: *Corr. int.*, n. 79, p. 895.

Da ativação à repressão interna

A partir de fevereiro de 1925, manifestam-se, portanto, na Tchecoslováquia os primeiros sinais daquilo que fora chamado na Alemanha "a ativação", muito próxima da "ofensiva". A linha do PCT é de organizar ações gerais, greves e manifestações contra a carestia, e de impedir os patrões de combater as greves dos mineradores, região por região. Em 10 de fevereiro, a polícia dispara, em Praga, em uma manifestação contra a carestia chamada pelo PC. Este último toma, em 13 de fevereiro, a decisão de organizar uma grande manifestação de protesto em Praga. A direção regional de Praga, julgando o prazo de preparação muito curto e os riscos de confronto sangrento muito grandes, arroga-se o adiamento da manifestação para o dia 18 e negocia o percurso para evitar os confrontos. É um escândalo no seio da direção. O birô político, reunido em sessão extraordinária, dia 18, exclui Josef Bubník, secretário geral da capital e membro da direção, por seu comportamento "oportunista e prejudicial". O resultado são 18 votos contra onze, Šmeral e Zápotocký tendo votado contra. Mas há resistências em Praga, em Kladno e Brno, os três grandes centros operários. O comitê regional de Brno, dirigido por Jaroslav Rouček, protesta contra a expulsão de Bubník e redige sobre o assunto um "memorando" cuja difusão no partido ele organiza. É a crise.

A Comintern entra em campo ao convidar ao IV *Plenum* ampliado de março de 1925, em Moscou, a direção dos centros de Praga, Kladno e Brno. Manuilsky apresenta o relatório em sessão plenária. Ele ataca não somente Bubník, que ele denuncia como "menchevique", mas também os oponentes do PCT, particularmente Kreibich, que ele identifica com Monatte, Rosmer e Paul Levi. Ele caçoa grosseiramente dos intelectuais praguenses que, diz ele, choram nos bares, mas tem diarréia com a menor apreensão. Ele cita o texto de Brno, que afirma: "Alguns de nossos camaradas, dizendo-se de esquerda, julgam que não podemos fazer a revolução. Pensamos que a tarefa do Partido Comunista não consiste em excitar um movimento revolucionário artificial, mas simplesmente utilizar um movimento existente."[10]

Ele coloca assim no banco dos réus aqueles que ele chama de novos mencheviques, que ele acusa de negar o papel do partido e da vanguarda. Além disso, ele se ocupa em ridicularizar aqueles que falam de "pressão" e de "ingerência" do Executivo na vida dos partidos:

> A minoria nos diz: "A Internacional deve simplesmente nos dar conselhos, mas não pesar sobre nós com seus representantes. Que significar "pesar"? Será que a Internacional tem à sua disposição meios mecânicos? Nossos conselhos já são uma pressão moral. Eu afirmo que os conselhos da III Internacional serão sempre aceitos pelos operários tchecoslovacos, porque temos atrás de nós a autoridade da revolução russa, a de todo o movimento comunista internacional que se desenvolveu no sopro de nosso Outubro.

10. Citado por Manuilsky em sua intervenção no Executivo ampliado de abril de 1925, *Corr. int.*, n. 45, 28 de abril de 1925, p. 350-354, aqui p. 352.

Ele afirma: "Queremos [...] na Tchecoslováquia um partido vivendo de uma política intensa e lutando sem piedade contra todo desvio político, um partido como Lenin criou na Rússia e como vemos se forjar no Ocidente. Não precisamos de um partido que se reúna num bar ao redor de garrafas de cerveja, não precisamos de um partido que seja um deserto político sem vida."[11]

Stalin dá o veredicto

A verdadeira batalha ocorreu na "comissão tchecoslovaca". Desta vez, Šmeral responde, com prudência, mas também com firmeza. Ele garante que não há verdadeiras divergências políticas – mesmo que ele releve divergências no Executivo com as resoluções do IV Congresso –, mas graves problemas sobre a intervenção do Executivo. Ele afirma que a intervenção de Manuilsky no último congresso criou no partido uma atmosfera de pânico, o medo da expulsão e um "sistema de espionagem" pela direção. Ele mostra que pode ter a língua afiada ao concluir: "Estou totalmente consciente de que não podemos dirigir o partido contra a vontade e sem o apoio e a confiança total do Executivo. Mas, os camaradas que formam hoje a direção são incapazes de dirigir o partido, mesmo com o apoio do Executivo."[12]

Em 27 de maio de 1925, Stalin em pessoa intervém e a *Pravda* reproduz, em seguida, sua intervenção, semanas antes das dos outros. Trata-se, para ele, de enunciar leis gerais adequadas à aplicação numa situação dada: "Quando as ilusões revolucionárias do período de ascensão se dissipam e que o perigo de esquerda aparece como o principal, começa inversamente o período das ilusões social-democratas, reformistas, e é o perigo de direita que é o principal perigo". Ele dá uma lição sobre a maneirade dirigir os partidos ao indicar que existem momentos em que não se pode ter medo de "se separar de alguns de seus membros a fim de preservar o partido das doenças crônicas, dos males e da decomposição". Ele chega a precisar: "Naturalmente, os partidos têm sua autonomia interna, naturalmente, os congressos são livres e os comitês centrais devem ser eleitos pelos congressos. Mas concluir disso que a Comintern não tem o direito de dirigir e, por conseqüência, também se imiscuir significa fazer o jogo do inimigo"[13]. Três dias mais tarde, ele retoma a palavra para uma declaração que retrospectivamente não deixa de ter um certo humor negro: "Não sou um adepto do método repressivo. Eu penso que a luta ideológica e a vitória ideológica sobre a direita são o fator principal. Mas, oponho-me a que excluamos de nosso arsenal as medidas de repressão."[14]

11. *Ibidem*.

12. *Inprekorr*, n. 67, 24 de abril de 1925, p. 903-905.

13. Stalin, "A situação internacional e as tarefas da IC", In: *Pravda*, 29 de março de 1925, *Inprekorr*, n. 54, 10 de abril de 1925 e de novo *ibidem*, n. 70, 28 de abril de 1925, p. 940-942.

14. Esta intervenção de Stalin, de 30 de março, não foi publicada nem na *Pravda*, nem no *Inprekorr*, mas somente em *Kommunistitcheskii Internatsional*, n. 4, 1925, p. 45-47.

A resolução final apresentada por Manuilsky retoma as posições de Stalin, condena o comportamento do comitê regional de Brno assim como a atitude de Kreibich, e chama à unidade do partido. O sentido deste chamado é dado pela maneira como ele é apresentado: Manuilsky diz a Šmeral que depende dele o PCT continuar um partido de massa ou se dividir. É a prova de que a influência de Šmeral continua decisiva no partido. A delegação tchecoslovaca, com a única exceção de Rouček, vota a favor da resolução. Este último, de volta a Praga, alia-se a Bubník, e os dois antigos responsáveis publicam junto *Hlas Pravdy* (A Voz da Verdade), "órgão comunista independente". Por outro lado, um dos colaboradores próximos de Rouček em Brno, Chabera, alinha-se às decisões de Moscou. Depois de um retumbante fracasso nas eleições, os "comunistas independentes" vão voltar à social-democracia. A Comintern chama os membros do PCT a combater "a direita". O III Congresso do PCT se reuniu em setembro de 1925. O CC é completamente modificado. Šmeral não foi reeleito. Ele será enviado à Mongólia Exterior e em outras missões. Josef Haken, um professor primário, filho de operários, ganha a presidência, e Bohuslav Jílek, o secretariado geral do partido. A nova direção, sob o controle estreito da Comintern, vai se empenhar em "calejar" os jovens eleitos de esquerda – os que eram chamados de "os rapazes de Karlin" – e a extirpar, por exemplo, as tendências "trotskistas" de Jan Šverma. Josef Bubník e seu aliado Rouček juntam-se, por sua vez, ao Partido Social-Democrata.

A resistência dos comunistas poloneses

O Partido Operário Comunista Polonês estava, como os outros partidos da Comintern, seriamente dividido com relação à política da frente única, desde sua adoção no fim de 1921, assim como em relação às palavras de ordem de aplicação adotadas no IV Congresso em 1922. Havia na cúpula sérias reticências não somente com respeito à política de Zinoviev e de seus amigos, contra as aventuras como março de 1921, contra as loucuras búlgaras, contra o apoio da esquerda alemã, mas também contra o regime do partido a partir de 1922, a intervenção julgada excessiva da Tcheka, etc. Feliks Tych chegou mesmo a falar do "eixo político KPD-KPP" durante os primeiros anos da década de 1920, até 1924[15]. A direção do KPP – aqueles que eram chamados então os "Quatro W", Warski, Walecki, Wera Kostrzewa (cujo verdadeiro nome era Marianna Koszutska) e Weber, cujo verdadeiro nome era Edward Próchniák[16] – parecia ter se consolidado seriamente depois do II Congresso, ocorrido em agosto de 1923 numa casa de campo de Bolchevo, perto de Moscou, com 49 delegados. A maioria, apoiada firmemente por Dzerjinski e Radek, mantivera, com efeito, sua posições contra uma minoria dirigida por Leński, próxima da es-

15. É o título de um artigo cuja referência foi feita precedentemente em nota.

16. A maioria dos autores fala em "Três Ws", não incluindo Próchniák-Weber. Seguimos aqui Pavel Samus, "Die politische Aktivitäten des polnischen Kommunisten im Exekutivkomitee der Kommunistischen Internationalen (EKKI) in den Jahren 1921-1924", In: *Jahrbuch für historische Kommunismusforschung*, 1996, p. 84-105.

querda alemã, adotando notadamente este texto claríssimo: "O II Congresso do KPP, em nome de centenas de milhares de trabalhadores que marcham sob suas bandeiras, dirige-se a todos os partidos nos quais estão reagrupados operários e camponeses pobres, antes de tudo o PPS e a Liberação, com um chamado por uma frente comum de luta pelos objetivos imediatos das massas do povo polonês, a fim de salvá-lo do assalto da reação."[17]

Ao mesmo tempo, um jovem dirigente da maioria, Henryk Brand, dirige-se à imprensa com uma proposição semelhante às organizações piłsudskistas que, para a direção do KPP, representavam a pequena burguesia. A resposta da minoria é imediata: em *Nowy Przeglad*, Domski denuncia a tática de frente única na cúpula como incompatível com o bolchevismo e qualifica Warski e Wera Kostrzewa de "neomencheviques" por conta das proposições que eles fizeram aos socialistas. Ora, o Comitê Central do Partido Operário Comunista Polonês, o KPP, severamente criticado por sua inexistência quando da revolta de Cracóvia, em outubro, efetivamente tomou posição, como anunciara Radek, em favor de Trotsky, em dezembro de 1923, garantindo que excluiria toda solução que o colocasse fora da direção do partido russo e da Internacional[18]. O birô político polonês confirma esta tomada de posição no mês de janeiro. Os preparativos já tinham começado então para reajustá-lo na ocasião do próximo congresso da Comintern, "quebrar-lhe as pernas", diz Zinoviev.

A campanha contra a direção polonesa

A campanha será conduzida ao mesmo tempo de Berlim e de Moscou, por iniciativa de um grupo de militantes poloneses ligados à esquerda alemã e ao aparato do partido russo. Seu animador é Julian Leszcziński, dito Leński, responsável da seção polonesa do PC russo. Ele faz campanha por meio do órgão de Moscou desta seção, *Trybuna Kommunistyczna*, que denuncia ao mesmo tempo a "passividade" do partido frente ao levante de Cracóvia e ao apoio do Comitê Central a Trotsky. Um segundo *front* se abre em Berlim com o "grupo dos quatro", onde encontramos Leński, decididamente dotado de ubiqüidade, Domski, Sofia Osinska, a irmã de Unschlicht, e um diplomata, ele também dirigente da "seção polonesa do PC russo", Ludwik Prentki (Danovski ou Abramski).

A direção polonesa não tem intenção de preparar artimanhas. Ele põe as cartas na mesa. Numa carta de dezembro de 1923, dirigida ao Executivo da Internacional Comunista e ao birô político do PC russo, ela exprime sua grande inquietude com respeito à guinada operada pelo KPD depois de outubro e de sua aprovação pelo Executivo. Ela lhe parece ao mesmo tempo "demasiado extrema e demasiado perigosa": não pode aceitar jogar no lixo a tática da frente única, das palavras de ordem democráticas e a do "governo operário e camponês", adotadas em congresso e hoje abandonadas no meio da estrada. A passagem decisiva é esta:

17. Manifesto citado por E. H. Carr, *op. cit.*, p. 188.

18. O documento está agora acessível numa reedição de 1959 de *Nowy Przeglad* 1924-12, p. 238-242.

> O ponto central da crise atual no interior do RKP [PCR] consiste nas divergências entre a maioria do RKP e o camarada Trotsky. Sabemos que estas divergências estão ligadas a problemas complicados da construção do socialismo e não estamos em medida de julgar tais divergências no que concerne à política econômica. Mas uma coisa somente é completamente clara para nós: o nome do camarada Trotsky está para nosso partido, para toda a Internacional, para todo o proletariado revolucionário mundial indissoluvelmente ligado à vitória da Revolução de Outubro, ao Exército Vermelho, ao comunismo e à revolução mundial.
> Não podemos admitir a possibilidade de que o camarada Trotsky possa ser colocado fora das fileiras dos dirigentes do Partido Comunista Russo e da Internacional. Contudo, estamos incomodados pela idéia de que as discussões possam transbordar os limites dos problemas concretos em discussão e que alguns exageros públicos de dirigentes responsáveis do partido justifiquem nossas piores ansiedades.[19]

Em janeiro de 1924, numa carta de Moscou a seus camaradas do CC do KPP, Wera Kostrzewa, membro do Executivo, escreve que é impossível aos comunistas poloneses "fazer silêncio sobre o que se passa na Alemanha" à instigação dos dirigentes da Comintern[20]. Por sua vez, o jovem Brand, igualmente membro do Executivo, escreve igualmente ao CC que é preciso continuar solidário a Radek e Trotsky, pois estes dois homens "representam na Rússia a Europa e o movimento operário europeu"[21]. A delegação polonesa está presente no Executivo ampliado de janeiro de 1924. Parece que Warski interveio brevemente no debate para defender Trotsky e endossar a responsabilidade da carta de dezembro. Em sua ausência, a delegação polonesa – que vota a favor da resolução final – remete uma declaração escrita. Ela assume, de início, que vota pela resolução por conta de sua identificação com a tática da Comintern, que a pretensa esquerda alemã se esforça para recolocar em questão, mas ela denuncia ao mesmo tempo "a agitação irresponsável" contra os dirigentes da direita alemã, o núcleo mais antigo, o mais testado e o mais experiente do partido. Ela garante:

> Um ponto de grande importância do ponto de vista internacional, mas diretamente ligado ao destino do partido alemão, é o perigo que nasce da crise de autoridade tanto da Internacional quanto do KPD.
> Desde que Lenin, o maior e o mais prestigioso dirigentes do proletariado revolucionário mundial, deixou de tomar parte na direção da Internacional Comunista, e desde que a autoridade de Trotsky, um dos dirigentes reconhecidos do proletariado mundial, foi colocada em questão pelo Partido Comunista Russo, o perigo de que a autoridade da Internacional Comunista possa ser abalada apareceu.

19. Citado por J. A. Regula, *Historia KPP*, p. 105-109. O documento está agora acessível numa reedição de 1959 de *Nowy Przeglad* 1924-12, p. 238-242.

20. RTsKhIDNI, 495/123/36.

21. *Ibidem*.

> É, portanto, nosso dever comum, não somente consagrar nossa energia a preservar a autoridade do comitê executivo e de seu *Presidium*, mas também evitar toda iniciativa que possa tornar esta tarefa difícil.
> Nessas condições, consideramos, portanto, a acusação de oportunismo levada contra Radek, um dos dirigentes que prestou grandes serviços à Internacional Comunista, não somente como injustificada, mas também danosa no mais alto grau à autoridade de todos os dirigentes da Internacional Comunista.
> Não vemos nenhuma base para tal acusação, pois, apesar da importância de saber a quem ela coube na Alemanha em outubro, é claro que nenhum campo é culpável de ter tirado conclusões oportunistas. As divergências de opinião que apareceram sobre a questão alemã entre alguns dos melhores dirigentes da Internacional Comunista são as que são inevitáveis num partido revolucionário vivo, sobretudo numa situação difícil. Apareceram outras vezes semelhantes no interior do comitê executivo sem provocar acusações mútuas de oportunismo [...][22]

Em 3 de fevereiro, Stalin responde oficialmente à carta de dezembro em nome do comitê central do PCR(b). Ele acusa os comunistas poloneses de terem se colocado ao lado de Brandler e, por conseguinte, do lado da oposição russa[23]. Os dirigentes poloneses começam a compreender o perigo de sua posição. Quando de uma reunião do Comitê Central, em março de 1924, eles admitem sérios erros e insuficiências, o prosseguimento da "frente única a qualquer preço", a incapacidade de utilizar o levante de Cracóvia e o despreparo do proletariado polonês à idéia mesma da luta armada. Os Quatro W atacam Domski e os seus, que eles tratam por "desorganizadores"[24]. Eles mantêm a maioria.

O V Congresso resolve a questão polonesa

A questão será resolvida "*à la* Stalin" – é uma estréia nesses marcos – no V Congresso da Internacional Comunista. Dentre os delegados vindos da Polônia, alguns, como Franciszek Grzelszczak e Stanislaw Mertens (Skułski), do GPU, já se juntaram aos "quatro de Berlim". Numerosos outros, como Krajewski, vão se aliar ao longo do congresso. É Zinoviev quem abre fogo, atacando em seu relatório a direção polonesa, considerada em outras épocas uma das seções bolcheviques da IC, mas que, garante ele, se compraza "num excesso de diplomacia sobre a questão mais importante – a determinação da tática da Comintern, as questões alemã e russa"[25].

22. Declaração da delegação polonesa ao *Presidium* do Executivo, 21 de janeiro de 1924, *Die Lehren der deutschen Ereignisse*, p. 91-94.
23. *Nowy Przglad*, 1924-1925, p. 242-246.
24. *Ibidem*, p. 246-249.
25. *Die Lehren...*, *op. cit.*, p. 74.

A questão polonesa é mandada para uma comissão especial que vai trabalhar durante três dias. Ela é presidida por Stalin, sua verdadeira entrada no palco da Internacional: ao seu lado, como vice-presidente, Molotov. Ele dá o tom garantido, de início, que os Quatro W são as esperanças do *nepmen* e a filial da Oposição Russa. Os urubus vão voar na carniça. Eles estão todos lá, o pessoal da "esquerda", alemães e poloneses, Ruth Fischer e Leński – vindo da delegação francesa. Bom diretor de teatro, Zinoviev fez com que o assunto parecesse um conflito entre duas tendências polonesas, e é, portanto, Leński que desempenhará o papel de promotor. Warski e Wera Kostrzewa não recuam um centímetro sequer sob sua apreciação da política do Executivo na questão alemã e sobre Trotsky. Wera Kostrzewa vai longe contra Stalin: "Trotsky é o único que, hoje, na Rússia, poderia se tornar o objeto de veneração das massas. Agora que Lenin está morto, é preciso achar um tal homem. A tradição russa e o espírito do tempo o exigem."[26]

Zinoviev e Stalin respondem. É a estréia do secretário geral do partido russo nos conflitos da Comintern e ele não pode sonhar em perder um tal desafio à sua autoridade. A resolução final condena severamente os Quatro W como uma direção oportunista incapaz de aplicar a linha da Internacional e os suspende de suas funções dirigentes, em outros termos, destitui-os. Wera Kostrzewa faz um comentário lúcido:

> Na seqüência de algumas de nossas críticas [...] contra as decisões do Executivo, o camarada Zinoviev contentou-se em nos dizer: "Se vocês procurarem a se opor a nós, nós quebraremos suas pernas" [...] Vocês sabem muito bem que, nas condições dadas, nos é impossível combatê-los. Se amanhã vocês pedissem aos operários poloneses para escolher entre nós e a Comintern, vocês sabem que nós seríamos os primeiros a lhes pedir que sigam vocês [...]. Na nossa Internacional, as pernas quebradas podem se consertar. É outra coisa que temo: apesar de seus privilégios, os que são perigosos não são aqueles, como nós, a quem se pode quebrar as pernas, mas aqueles a quem não se pode de forma alguma. [...] Estou persuadida que com o sistema de vocês, vocês vão desacreditar todos os dirigentes do partido, uns após os outros. Tenho medo que, no momento decisivo, o proletariado não tenha mais, à sua frente, homens experientes. A direção da revolução poderia cair nas mãos de carreiristas, dirigentes de ocasião e aventureiros.[27]

Como os Quatro W têm ainda a maioria no que resta do CC, as funções deste são atribuídas a uma comissão de seis membros da esquerda, sob o comando de Leński. Stalin, candidamente, explica que não se deve designar as direções pelo alto e que o próximo congresso do partido elegerá seu CC!

Ele acaba de dar a demonstração da maneira como pode se desvencilhar daqueles que foram "uma das seções bolcheviques" da Comintern – e que, aliás, havia finalmente

26. M. Koszutska, *Pisma i prwzemówiena*, II, p. 290.
27. *Kwartalnik historyczny*, 1982, n. 1, p. 393-394, citado por F. Firtsov, "Stalin i Kommunistitscheskii Internacional", In: *Istoriia i stalinizm*, p. 137.

provado que ela era mais calejada que muitas outras. O conteúdo de sua política e de sua concepção daquilo que estava em jogo aparece numa "carta aberta" ao partido polonês que ele faz o *Presidium* adotar:

> O partido polonês, contra toda a tradição revolucionária, apoiou a direita *oportunista* do *comunismo*. Pior ainda, o grupo Warski, Kostrzewa, Walecki tentou transferir suas tendências *antibolcheviques* para o terreno da URSS e tentou golpear sua zona da influência numa conjuntura difícil na qual *Lenin nos deixou e na qual a Oposição Russa se esforça para abalar os fundamentos do Partido Comunista Russo*. O grupo dirigente do KPP no exterior jogou na balança a influência da oposição russa contra o Partido Comunista Russo, *isto é, contra o poder soviético*.[28]

Tanto o pensamento quanto o estilo de Stalin marcam esta resolução que conclui a primeira intervenção do *Gensek* russo contra a direção de uma outra seção. Seu primeiro resultado é dividir a maioria dos Quatro W ao trazer para o lado de Stalin um grupo de estrangeiros com Krajewski e Skulski. Ela introduz o reinado de uma equipe efêmera de que, depois da prisão de Leński, em outubro de 1924, na Polônia, Domski, Skulski e Purman são os dirigentes. Eles serão sancionados por seus erros "ultra-esquerdistas" e, em dezembro de 1925, uma conferência ocorrida na clandestinidade em Varsóvia dá novamente a maioria a Warski, que domina de novo o CC. Será que tudo teria que ser refeito?

O partido francês frente à crise

Uma das características do partido francês que enfrentará esta crise é o enorme prestígio de que nele goza Trotsky. O historiador americano Robert Wohl escreve: "Não existia fração trotskista na França no começo de 1924. Mas existia um culto de Trotsky cujas raízes remontavam à guerra. [...] Trotsky captara a imaginação do movimento operário francês. Ele tornara-se dele, e seu engajamento nos assuntos do Partido Comunista fizera do dirigente o mais conhecido na França."[29]

Os eventuais defensores de Trotsky na direção do PCF, admiradores ou amigos, são, como escreve Philippe Robrieux, "bolcheviques à francesa". Pierre Monatte e Alfred Rosmer são os mais prestigiosos dos militantes que ousaram dizer "não" à guerra, os animadores do famoso "núcleo" de *La Vie ouvrière* que manteve em Paris a chama internacionalista sob as cinzas da união sagrada. Monatte é o grande homem do sindicalismo revolucionário, anarquista ligado ao sindicalismo no início, ao comunismo em seguida. "Sindicalista operário, autêntico homem de terreno [...] dotado de uma grande cultura [...], personalidade carregada de história, lendária, forte, dentre as mais direitas, as mais

28. Documentos Bayerlein.

29. R. Wohl, *French Communism in the Making, 1914-1924*, p. 369.

sinceras e as mais discretamente desinteressadas", quem um JC chama "nosso Lenin francês"[30], é assim que o historiador Philippe Robrieux apresenta aquele que é ligado a Trotsky por uma confiança e uma estima recíprocas profundas. Alfred Rosmer é conhecido por seu rigor moral, sua retidão. Ponderado, discreto, reservado, muito culto, ele encarna, segundo Robrieux, "o tipo mesmo de intelectual militante operário do começo do século"[31]. Além do mais, para Trotsky, ele é o amigo pessoal, ou melhor, um amigo duplo, com sua companheira Marguerite Thévenet. Ele fora membro em Moscou do "pequeno birô" antes mesmo do nascimento do PC francês.

Boris Souvarine pertence à geração seguinte e é dela um dos elementos mais brilhantes. Ele conheceu Trotsky tarde, devido à sua glória, e contribuiu sem dúvida para sua lenda na França ao apresentá-lo como uma das maiores figuras da Rússia e da revolução mundial. Este pequeno homem combativo de espírito vivo e incisivo, grande jornalista, é também, nesta época, um verdadeiro dirigente político cuja penetração será, entretanto, levada à destruição pela rapidez da degenerescência das relações políticas na Internacional e no partido. Para submeter o partido francês, o homem a ser abatido era ele. Alvo da direita do PC francês, que o odeia, ele operou um ajuste espetacular em 1923. Ele foi o grande vencedor do Congresso de Lyon, descartando o "capitão" Albert Treint, cuja autoridade quase militar fora rejeitada pelos militantes. Ele tornou-se novamente membro do Executivo e do *Presidium* da Comintern e trabalhou muito neles – eficazmente. Ele não tomou posição que permitiu isolá-lo na questão alemã.

Boris Souvarine, fundador e diretor do *Bulletin communiste*, ex-membro do pequeno birô da Comintern, fora um dos primeiros a compreender o que se passava e as grandes linhas da crise da revolução. Informado dos "problemas" russos por Radek, que ele encontra em Berlim em seu retorno a Moscou, tenta manter a balança igual entre os protagonistas, critica e defende ao mesmo tempo Trotsky, quer persuadir seu partido de adotar uma atitude "por cima da confusão", não tomar parte nos assuntos russos, salvo para impedir agressões e calúnias. Em 4 de janeiro de 1924, ele escreve a Zinoviev: "Atentar contra a autoridade de Trotsky é diminuir o prestígio da revolução russa. Para os operários franceses, Trotsky é o bolchevismo, é a revolução, é a Internacional Comunista."[32]

Este homem inteligente e fino, político de uma competência excepcional, vai, entretanto, como demonstra excelentemente sua biografia de Jean-Louis Panné, receber golpes terríveis e se ver jogado para escanteio antes mesmo de entender o que lhe aconteceu. Seu desejo de "não-intervenção" o conduz a exprimir profundas reticências perante os ataques contra Trotsky que vêm de Moscou, o que lhe custará a hostilidade do pessoal de Zinoviev – a professora primária Suzanne Girault, que muitos suspeitam que pertence aos "serviços" soviéticos; Albert Treint, o "capitão", brusco e autoritário, impopular, mas que está se transformando, na falta de melhor candidato, o homem de Moscou, por algum

30. Ph. Robrieux, *Histoire intérieure du PCF*, v. 1, p. 201.

31. *Ibidem*, p. 195.

32. Citado por J.-L. Panné, *Boris Souvarine*, p. 136.

tempo no mínimo, e o ferroviário Pierre Sémard. No Executivo de fevereiro, ele conserva a maioria sobre a questão russa.

O pessoal do Executivo em Paris

O Executivo envia então a Paris uma delegação cuja missão é acabar com ele e com os amigos de Trotsky ao respaldar o duo de candidatos à sucessão, Treint e Suzanne Girault. Lá estão Manuilsky e Lozovsky, ambos companheiros de Trotsky em Paris em *Naché Slovo*, *a priori* simpáticos e estimados, portanto ouvidos, e sobretudo Guralsky-Kleine, que se chama aqui Lepetit, o homem que fez curvar o KPD e o russo Blinovsky. Eles conquistarão o partido passo a passo, sempre encurralando Souvarine com gestos que exploram contra ele. Sancionado por ter feito reservas contra um artigo de Treint, ele é excluído da direção do *Bulletin communiste* e lança uma arrecadação de fundos para publicar uma nova revista. Sancionado, demissionário do birô político, publica por meio de outra assinatura os textos de Trotsky que o partido lhe havia confiado para uma nova edição limitada para o uso dos dirigentes e que ele decidira tornar públicos sob o título de *Novo Rumo*. A direção do partido só o persegue quando fica claro que o Executivo da Comintern decidiu destruí-lo.

Os enviados de Moscou, com a atividade de captação de um Guralsky, isolam-no, ganham uns após os outros os homens que eles estimam úteis – o jovem Maurice Thorez, por exemplo, que o seguira um momento. É ainda mais fácil quando ele foi novamente para Moscou como representante do partido. Em junho de 1924, anulando de fato as decisões dos militantes em seu congresso, os homens de Zinoviev ganharam a maioria, e Treint, considerado como "terminado" alguns meses antes, retoma a direção do partido. Souvarine, de uma certa maneira, coroa a vitória deles com muita pompa pessoal. Ele apresenta sua defesa à sua maneira no XIII Congresso do PCR(b), garantindo que "Trotsky é sinônimo de revolução" e que os ataques feitos contra ele são um rude golpe contra o partido e a Comintern inteiros. Uma comissão especial, criada no V Congresso da Internacional, relata ao Executivo, que propõe sua expulsão por seus artigos, seus chamados a assinaturas e seu prefácio a *Novo Rumo*. É expulso.

O "social-fascismo" aparece

Citamos no começo deste capítulo alguns dos exageros de Zinoviev com respeito à social-democracia, proferidos no fim de 1923. Em 4 de outubro de 1924, apoiando-se num artigo de Stalin publicado no mês precedente – o célebre texto em que explica que a social-democracia e o fascismo são irmãos gêmeos –, Zinoviev proclama no *Presidium* do Executivo: "O papel da social-democracia é cada vez mais claro. É uma ala do fascismo."[33] As

33. Citado por F. I. Firtsov, *op. cit.*, p. 74.

teses preparadas para o congresso do PCF preconizam a utilização dos termos de "social-fascistas" e "anarco-fascistas". Elas garantem: "A fascistização da social-democracia e da anarquia na França não é mais uma questão do futuro. É preciso considerá-la como um assunto resolvido". Zinoviev, assim como Humbert-Droz, apóiam estas teses e sublinham o que ele chama de desenvolvimento extremamente rápido da social-fascistização: "O Partido Socialista Francês está se transformando rapidamente em organização fascista ou semifascista". Uma carta do *Presidium* do Executivo ao birô político do PCF lhe pede para "estudar o processo de fascistização do socialismo, do anarquismo e dos elementos pretensamente esquerdistas".

Souvarine esperou que a tempestade passasse. Ele ficou quase um ano em Moscou enquanto Treint, na França, entregava-se aos prazeres da bolchevização e da caça à "direita Souvarine, Rosmer, Monatte" – aos trotskistas, como será dito em breve. Em outubro de 1925, de retorno à França, ele retoma a publicação do *Bulletin communiste* e nele apresenta muitos elementos de informação sobre a Rússia. Ele pôde então compreender o que outros puderam compreender antes dele e que outros ainda jamais compreenderão. Não se trata mais da vitória da revolução, mas de salvaguardar o poder na Internacional e em seus partidos. O Executivo de Zinoviev e de seus partidários considera-se infalível e luta com unhas e dentes para continuar assim ou, pelo menos, fazer acreditar que continua.

Em caso de derrota, é obrigatoriamente o partido nacional implicado que é o responsável, em nenhum caso o Executivo. Uma filosofia burocrática de caserna, certamente, mas uma lei da selva. É ela que nos dá a chave de que precisamos para compreender, a partir de 1924, a história da Comintern. Não uma essência imutável que se chamaria "o comunismo".

Um novo partido: o PC cubano

O movimento que começou no tempo de Lenin pela constituição de partidos comunistas ou pela adesão à Comintern de partidos existentes prossegue, com certeza, a partir de 1924. Mas o controle de Stalin e de seus homens muda evidentemente os dados do problema. Ao passo que, no período precedente, os partidos comunistas eram fundamentalmente partidos social-democratas de esquerda evoluindo em direção ao comunismo, os de hoje são partidos "bolchevizados", para empregar este termo inexato, ou melhor, "pré-stalinizados", em que a democracia desaparece e são estreitamente submetidos a um aparato dependente de Moscou. Muito característico neste sentido é o exemplo cubano. Grupos comunistas se implantaram na ilha no começo dos anos 1920, notadamente em Havana. Alguns criaram e animam os sindicatos combativos. Relevamos a chegada, na qualidade de comerciante, de um homem que pertence incontestavelmente ao aparato internacional, sem que possamos indicar com certeza de que se trata. Alguns jovens intelectuais aparecem através da luta continental pela reforma universitária. Estes elementos se juntam para criar um partido em 1925.

É em 16 de agosto de 1925 que se reúne este congresso de fundação, com 13 delegados, dentre eles dois têm dois mandatos. Três grupos comunistas estão representados: o de Havana, que é o mais numeroso com 27 membros, o de Guanabacoa e o de San Antonio de los Baños – o de Manzanillo não pôde vir, por falta de dinheiro –, mais a seção judia do grupo da Cidade do México, a Juventude Comunista judia. O PC mexicano delegou Enrique Flores Magón[34]. O grande homem deste congresso é, evidentemente, o muito jovem Julio Antonio Mella, o dirigente reconhecido dos estudantes da capital, o organizador do sindicato dos operários do tabaco, o fundador da universidade popular José Martí, o inimigo número um do ditador Machado, orador, polemista e condutor de homens, uma magnífica esperança do comunismo mundial, o homem que entusiasmou todo um povo indo a nado – apesar dos tubarões – encontrar os marinheiros do navio soviético *Vorovsky*, a quem as autoridades cubanas negaram a entrada, e saudar neles a Revolução de Outubro e a revolução mundial...

Ao lado deste superdotado que encarna a juventude e o entusiasmo revolucionários, um homem da geração de José Martí, desses *libertadores* que conquistaram a independência, Carlos Baliño, que foi em seguida o fundador do primeiro Partido Socialista em Cuba. Entre os dois, um operário de 41 anos, Alejandro Barreiro, do sindicato dos *tabaqueros*, um dirigente sindical de grande autoridade, Sandalio Junco, o padeiro, fundador da CNOC [...], e um professor, menos conhecido, o canarino José Miguel Pérez. Em segundo plano, aquele que as fontes cubanas chamam de Yunger Semjovich (algumas vezes alhures Abraham Simkovitz), de nacionalidade polonesa, chamado no partido Fabio Grobart, por todas as evidências o homem de Moscou doravante.

O congresso aceita as 21 condições, pede sua adesão à Comintern e designa um comitê central de nove membros, dentre eles José Miguel Pérez, secretário geral, Julio Antonio Mella, Carlos Baliño e Alejandro Barreiro. Mas, Fabio Grobart, o homem da sombra, é somente suplente[35]. Tais dados serão brutalmente modificados por um regime que entende o perigo e não recua perante nada. De início, o próprio Mella é eliminado na seqüência de uma evidente provocação cujos autores não são talvez somente as autoridades e os capangas de Machado, e que alguns crêem ver também a mão de seus adversários na direção do partido, ou melhor, dos serviços soviéticos. No início, uma operação em dois tempos: uma bomba no teatro Payret de la Havana, ao mesmo tempo em que uma mensagem dirigida à polícia indica que o atentado é obra de Julio Antonio Mella, imediatamente preso e inculpado em 27 de novembro. Machado manda prender também uma parte do estado-maior do partido comunista: Junco, Barreiro, López, Baliño, Penichet e 34 outros. As reações não estão à altura daquilo que Mella esperava perante a enormidade da acusação. Ele decide então dar um grande golpe e se lança numa greve de fome. É severamente criticado pelos dirigentes do partido e notadamente por José Peña Vilaboa e Grobart, que vêem nela uma atitude "individualista e pequeno-burguesa", um

34. M. Rosell, *Luchas obreras contra Machado*, p. 14-16.

35. M. Rosell, *op. cit.*, p. 15-16 e 66-68.

ato de indisciplina. Baliño retruca que sua greve fez dele um herói[36].

Já existe no partido cubano um núcleo de fiéis de Mella: Alejandro Barreiro, o peruano Jacobo Hurwitz, o tipógrafo Alfredo López, Antonio Penichet, dirigente da CNOC e grande intelectual, advogado e poeta Rubén Martínez Villena. Em alguns meses, em todo caso, os dados iniciais da existência do PC são abalados. De início, o secretário geral é expulso do país como estrangeiro e substituído por José Peña Vilaboa, um operário cujos méritos não são resplandecentes e que pede rapidamente para se retirar. Uma campanha terrorista da polícia de Machado elimina diversos dirigentes operários comunistas: Enrique Varona, em 1925[37]; Alfredo López, em 1926[38]; ambos assassinados, o segundo afogado na baía, bloco de concreto aos pés. Contudo, é impossível discernir a natureza das divergências entre o grupo de Mella e a direção oficial. Um pouco mais tarde, quando um de seus camaradas de exílio, Jorge Vivó, ocupa o cargo de secretário geral em Havana, ele entra quase imediatamente em conflito agudo com Grobart, que acusa de procurar ditar ao Comitê Central uma política decidida em Moscou. Já entramos aqui numa história diferente daquela do partido comunista antes de 1923.

A "bolchevização"

A palavra que designa a empreitada foi fabricada quando ela já havia sido iniciada. Teria sido Treint quem inventou a palavra "bolchevização" para se opor à tentativa de "desbolchevização" de que ele acusava Souvarine, Rosmer e seus adversários no partido francês?[39] Por que não admitir a hipótese? Ele havia, depois de tudo, inventado uma outra fórmula célebre ao definir a política de frente única como o meio de "depenar a galinha" social-democrata. Entretanto, o prato deve ter sido preparado na mesma cozinha, pois num número de *Die Internationale*, datada de alguns dias mais tarde, Guralsky retoma a mesma oposição mais claramente ainda, dizendo que as questões fundamentais eram "a desbolchevização do RKP(b) e dos partidos europeus, ou a manutenção da tutela bolchevique do RKP(b) e a bolchevização dos partidos europeus"[40]. Sua voga volta no V Congresso, onde ela foi a palavra-chave dos grandes excessos de Ruth Fischer. Sua aplicação generalizada desembocando em uma Internacional e em partidos comunistas de tipo novo, data, por sua vez, do V *Plenum* ampliado do Executivo. A bolchevização é, no começo, o rótulo da luta contra o trotskismo. A derrota da direção alemã, o apoio que ela encontrou nos partidos franceses e poloneses se explica por seus partidários pelos resíduos de menchevismo depositados nestes partidos pelos ex-social-democratas. Uma fórmula de Stalin

36. E. Poniatowska, *Tinísima*, p. 31.

37. *Ibidem*, p. 101-102.

38. *Ibidem*, p. 115-117.

39. *Bulletin communiste*, n. 13, 28 de março de 1924, p. 322.

40. *Die Internationale*, VII, 4, 31 de março de 1924, p. 161.

que, aliás, explica que a bolchevização é, em última análise, "o processo de formação final de partidos verdadeiramente bolcheviques no Ocidente"[41].

Heinz Neumann, em teses sobre a bolchevização, dá uma definição absolutamente nova do partido: vanguarda, minoria revolucionária entre os operários conscientes, ele dirige toda a classe em seus combates e tem por missão organizar a revolução. Porém, trata-se aqui, sem dúvida, de uma interpretação demasiado ligada ao passado revolucionário dos partidos. Ela é precisada, e na realidade modificada, ulteriormente por uma carta de Zinoviev publicada na *Pravda*, de 18 de janeiro de 1925. Não se trata mais verdadeiramente de "tomar o poder", mas principalmente de "cerrar as fileiras". No V *Plenum*, um discurso de Zinoviev traz para a bolchevização e seu conteúdo um pouco de informação nova: "A palavra-chave de bolchevização nasceu na luta contra a direita. Ela será principal e naturalmente dirigida contra ela, mas também, bem entendido, contra os desvios ultra-esquerdistas e contra o pessimismo que aqui ou ali pesa sobre nós."[42]

Ao longo do debate, Kuusinen fala de recrutamento de operários, de responsáveis operários de um novo tipo revolucionário, e Kreibich denuncia aí os "métodos de comissários" aplicados aos partidos estrangeiros. Zinoviev tenta uma síntese da qual retemos esta afirmação: "Entendemos por bolchevização o fato de que os partidos retomam o que era geral, internacional no bolchevismo", antes de enumerar "a raiva inconciliável para com a burguesia e os chefes traidores social-democratas, a vontade de combater pela hegemonia do proletariado contra a burguesia, os traidores social-democratas, os pacifistas e os semipacifistas, centristas e semicentristas", etc., também a idéia que em oposição ao "trotskismo", que é por definição a essência da oposição ao bolchevismo, a bolchevização é o símbolo da lealdade à linha da Comintern.

Na Alemanha, em ligação com a luta contra a direita, a condenação feita contra o trotskismo é ampliada ao "luxemburguismo". Concretamente, o acento é colocado sobre a ortodoxia doutrinal e sobre a "disciplina de ferro" que devem se combinar em "monolitismo" e, por aí, como diz Zinoviev, "extirpar todos os resíduos e as sobrevivências da social-democracia, do federalismo, da autonomia", etc. O comitê executivo da Comintern recebe todos os poderes para aplicar sem fraqueza a disciplina mais rigorosa. Stalin sublinha com muito vigor que a bolchevização é também o apoio sem falha ao poder soviético e a luta contra as maquinações imperialistas, a consciência de que a União Soviética é "o bastião dos movimentos revolucionários de todos os países" e que sua salvaguarda significa a aproximação da vitória da classe operária sobre a burguesia mundial".

A nova estrutura

A partir de 1924, a Comintern é, portanto, dotada de um aparato de militantes

41. E. H. Carr, *Socialism in one country*, p. 293.

42. *Ibidem*, p. 206.

profissionais único, centralizado e disciplinado, reproduzido sobre o modelo soviético, dirigido de Moscou e em conformidade com a política exterior soviética. Esta coorte de ferro tem por primeira missão garantir a defesa do "país do socialismo". A teoria da "construção do socialismo num só país" e o novo regime interno dos partidos estrangulando toda democracia são as duas fontes do stalinismo.

Mais significativo ainda talvez são as mudanças no caráter, na composição e na direção dos partidos comunistas. É em nome da "bolchevização" que será conduzida em toda sua amplitude a depuração dos elementos dirigentes que, originários da esquerda ou da direita, não se alinham incondicionalmente com a equipe dirigente da Comintern em Moscou. Saem daí partidos de tipo novo. Não são mais os partidos social-democratas de esquerda que eles foram pela força das coisas e pelo peso da história. Não são ainda os partidos stalinistas que eles se tornaram com o alinhamento a este grande modelo do Leste, de quem eles são os auxiliares na luta pelo "socialismo num só país".

É somente por um abuso de linguagem dos propagandistas stalinistas que esta transformação, completamente oposta tanto à letra como ao espírito do bolchevismo, pode ser chamada de "bolchevização". É somente mais chocante que a maioria dos historiadores ocidentais dêem seu aval e façam dessa palavra um conceito científico. Eis uma magistral contra-senso histórico, mas parece bem que os que o cometem não se importam.

Ziguezagues e hesitações

O saudoso Pierre Frank, cuja *História da III Internacional* constituiu uma síntese útil, deixou-se algumas vezes levar por uma certa tendência à esquematização, malgrado o parapeito que constituía para ele, em matéria de periodização, as obras de Trotsky, muito atento a esta questão, e que ele, felizmente, utilizou amplamente.

A Comintern não avança nem em linha reta, nem sozinha

É assim que o capítulo que aparece em seu livro depois do Outubro alemão, intitulado "O socialismo num só país", começa pela Insurreição de Reval, sobre a qual parece bem que é preciso dizer, em algum lugar, que ela se inscreve numa linha de aventureirismo esquerdista – no mesmo ano de 1924, quando milhões de italianos saem às ruas, esperando por uma palavra de ordem de combate depois do assassinato de Matteotti e não ouvem nada da parte do PCI, salvo a denúncia de um crime. Tratava-se de um comportamento principalmente passivo, mesmo que ele seja o resultado direto da concepção "esquerdista" da frente única na base. Igualmente, Pierre Frank intitula seu capítulo 6 de "O curso direitista dos anos 1925 e 1926". Não discutiremos esse qualificativo aplicado em geral à política da Comintern para o ano 1926, mesmo que seu comportamento quando da Insurreição de Java coloque problemas a este respeito. Contudo, o ano 1925 não corresponde de forma alguma a tal critério. O ano de 1925 é o ano de um dos mais importantes atos terroristas conhecidos da história da Comintern e de um partido comunista, o da bomba na catedral de Sofia, que Pierre Frank evacua ao lhe colocar na seqüência dos eventos da Bulgária, em 1923.

No que diz respeito a nós mesmos, acreditamos que assistimos, na realidade, a um comportamento aparentemente contraditório em ligação com seus problemas maiores e

as situações que ela herdava. Por exemplo, ela precisa ser de início esquerdista para eliminar na Polônia uma direção ligada a uma tática de frente única na cúpula, que ela reprova como um crime de alta traição aos partidários daquilo que chama de "a direita internacional", de fato a oposição de esquerda de Trotsky. Ao mesmo tempo, na Itália, ela deixa o PC patinar na impotência de uma política de "frente única na base" para preservar um novo "centro", uma equipe que substitui Bordiga, que ela teme menos por seu esquerdismo que por seu, nas questões essenciais, apoio a Trotsky.

Apanhamos aqui, através daquilo que Pierre Frank e numerosos comunistas de sua geração, mesmo opositores, não entenderam, a saber, as razões desta coabitação contraditória e aparentemente incoerente de linhas de direita e linhas de esquerda partindo do Executivo. Preferimos as fórmulas de Trotsky. Este define as aventuras esquerdistas como "explosões de desespero nascendo de uma orientação errada" e "tentativas de forçar o processo histórico por métodos putschistas". Além disso, ele vê no curso à direita "uma tentativa de se adaptar à metade, às cegas, de maneira puramente empírica e tardia, atrasada em relação ao desenvolvimento da revolução criada pela derrota de 1923"[1]. A confusão é introduzida por um novo fator capital na luta de classes mundial, a camada social nova que constitui a burocracia soviética – que solda a linha do Executivo e da diplomacia da URSS, e dá prioridade à caça a seus adversários no seio do movimento operário.

Estimamos que Pierre Frank comete um grande erro quando, depois do ano 1924, crê ver, da parte dos dirigentes da Comintern, a eliminação de dirigentes de direita ou de esquerda. As lutas neste momento se desenrolam quase inteiramente no seio do aparato e se eliminam homens não porque estão à direita ou à esquerda, mas porque eles se opuseram em tal ou tal momento, porque eles não inspiram confiança aos serviços secretos, porque elas não são suficientemente maleáveis ou servis, até mesmo porque eles não são capazes de segurar as rédeas de seus partidos. Como, por exemplo, aceitar falar, como Pierre Frank, da eliminação nestes anos de "resíduos ultra-esquerdistas"? Certamente, acreditou-se na época que era daquilo de que se tratava, mas não temos mais o direito depois de tanto tempo. O chefe do KPD, esse Ernst Thälmann que eliminou tantos destes "resíduos", não era ele mesmo também o belo florão dos *apparatchiki* do aparato dos partidos de Stalin?

As idiotices de direita: a Krestintern

Mas eis que nesta época em que se acusa mais uma vez Trotsky de ter "subestimado o papel do campesinato", a atenção de Moscou se volta para este mesmo campesinato, até então deixado bastante de lado pelas teses e diretivas da Comintern, apesar do papel decisivo desempenhado em 1917 pelos camponeses russos na queda da autocracia. Certamente, havia as massas camponesas do Oriente próximo e extremo, mas seus problemas estavam no âmago daquele da libertação nacional. Era somente na Europa central e oriental que regiam condições bastante próximas às que correspondiam às condições russas e vimos líderes camponeses – Stambolisky, por exemplo – chegar ao poder.

1. Arquivos Trotsky, Harvard, T 3117, p. 106, 112.

A iniciativa essencial vem no verão de 1923 de Tomasz Dąbal, dito Dombal, um ex-líder do Partido Camponês Radical, partidário de Piłsudski, passado para o comunismo quando ele ainda era deputado. Condenado à prisão em 1922, fora trocado por prisioneiros russos assim como outros comunistas poloneses. Propôs a criação de uma Internacional Camponesa, a Krestintern. O acaso ajudou este projeto, pois uma exposição agrícola soviética ocorreria no verão de 1923, e recebeu numerosas delegações estrangeiras, o que facilitou a publicidade deste projeto.

De 10 a 16 de outubro de 1923, 158 delegados representando 40 nações se reuniram num "congresso da primeira Internacional Camponesa"[2]. Dentre as delegações, a Liga Camponesa Mexicana, representada pelo comunista Úrsulo Galván, que é uma das raras organizações camponesas "revolucionárias" reais. O papel essencial foi desempenhado de ponta a ponta por Dombal. Há alguns convidados de renome: Zinoviev, Zetkin, Teodorovitch, Comissário do Povo da URSS para a Agricultura, Evžen Varga. Decidiu-se criar um Conselho Camponês Internacional (nome que foi empregado indistintamente do nome da Internacional Camponesa) e de reunir um congresso a cada dois anos. O Conselho elegeu presidente o russo A. P. Smirnov e Dombal foi seu secretário geral.

O caso Radić

O grande evento da história da Krestintern foi o caso Radić. Em 1924, a Comintern descobre na Iugoslávia Stjepan Radić, chefe do Partido Camponês Republicano Croata, um democrata burguês. Convidado a Moscou, ele viaja para lá em junho-julho de 1924 com seu colega August Kosutić. Zinoviev exulta na *Pravda*: "Dão-se agora importantes deslocamentos no seio do campesinato. Vocês com certeza ouviram falar do Partido Camponês Croata de Radić. Radić se encontra neste momento em Moscou. É um verdadeiro chefe popular. Ele é seguido unanimemente por todos os camponeses pobres e medianos da Croácia". Depois ele anuncia a grande nova: "Radić, em nome de seu partido, decidiu aderir à Internacional Camponesa". Consideramos que se trata de um evento capital. A fundação da Internacional Camponesa é da mais alta importância. Alguns camaradas quiseram acreditar que ela não se firmaria como uma grande organização. Agora, uma grande massa auxiliar vem ao nosso encontro, o campesinato[3].

De fato, a Comintern e o PCR(b) se ridicularizam ao amarrar o PC iugoslavo atrás do Partido Camponês Croata. Victor Serge, que assina como R. Albert, poderá, um ano mais tarde, escrever a este respeito sob o título "O fim de uma comédia":

2. E. Bauer, "Ein Beitrag zur Geschichte ihrer Entstehung und Wirksamkeit 1923 bis 1931".

3. *Pravda*, 22 de julho de 1924.

> O partido de Radić fingiu por um momento que era o partido da revolução. Stjepan Radić, de volta de Moscou, parece o árbitro da situação, o chefe de uma república camponesa a ponto de nascer. [...] Basta aos ministros de Belgrado lhe jogar numa prisão para determinar um "esvaziamento" tão imediato quanto piedoso do poderoso partido croata. A chantagem do Sr. Pašić foi de uma clareza resplandecente: os chefes do partido de Radić tiveram que escolher entre a anulação de seus mandatos na Câmara, o processo de alta traição, a prisão por longa data, ou a genuflexão perante o rei, o retorno ao seio da ordem, das pastas ministeriais e das sinecuras. Eles escolheram; eles detinham quatro de 16 pastas. [...] Radić, saído da prisão [...] esbaldou-se em demonstrações de fidelidade à monarquia.

O *Inprekorr* não tem, entretanto, palavra alguma para indicar a responsabilidade da Comintern nisso que Victor Serge chama em suas colunas de "uma das comédias mais vergonhosas e mais patéticas da política balcânica"[4]. Será preciso esperar quase dois meses para se ver a publicação de uma declaração do *Presidium* da Krestintern qualificando de "traição", de "capitulação completa" e de "deserção" a política de aliança com o partido de Pašić. Ela dá, do passado recente, uma interpretação que mostra a incapacidade dos chefes da Comintern a fazer a crítica de seus próprios atos: "Não são os políticos vis como Stjepan Radić e sua clique, aderindo por oportunismo ao movimento de libertação croata, que nós admitimos na Krestintern, a grande família internacional dos camponeses, mas o conjunto do povo camponês croata."[5]

Essas frases ocas não dissimulam o odioso erro.

A Krestintern e o grande proprietário chinês

Ainda sob a direção de Dombal, mas agora escoltado por Filip Filipović – sob o nome de Bosković – ex-secretário geral do PC iugoslavo, a Krestintern se ativa um pouco no verão e no outono de 1925. Na seqüência, ele não teve muita atividade, com exceção de recepções e manifestos sem conseqüências reais. Destaque-se, entretanto, em maio de 1926, a visita a Moscou de Hu Hanmin e a acolhida que ela reserva a este homem, membro do Conselho Camponês ao mesmo tempo em que a do comitê central do Guomindang. Dombal e dois outros responsáveis assinam uma longa carta a Hu Hanmin, uma espécie de programa de trabalho partindo da "aliança dos bandidos estrangeiros e nacionais [que] pese fortemente sobre os camponeses":

> Sua tarefa urgente é de explicar às largas massas camponesas o vínculo entre o fornecedor, o explorador local, os militaristas nacionais e o imperialismo estrangeiro, de organizar a classe camponesa sobre uma plataforma compreensível às massas camponesas [...]. Ao defender realmente os interesses das massas camponesas, vocês conseguirão trazê-los para a luta revolucionária; assim, vocês encontrarão todo o apoio das massas camponesas. [...] A garantia do sucesso do movimento nacional-revolucionário é a criação de um centro único de organização camponesa. Tal centro de organização somente pode ser um partido político forte capaz de realizar as reivindicações das massas camponesas. [...] O movimento camponês que se desenvolve atualmente passará como um furacão sem atingir o objetivo final, caso não o organizemos, caso a classe operária e as camadas intelectuais avançadas não o ajudarem a se organizar. [...] É preciso mostrar realmente aos camponeses que vocês são seu partido, que vocês lutam em união com eles pela terra e liberdade, a abolição do jugo fiscal, a supressão da exploração dos camponeses, a redução do preço dos arrendamentos, a anulação das dívidas de sucessão e das dívidas atrasadas, a participação na administração local e nacional, a edificação de um futuro melhor para a nova geração e contra a violência e o arbítrio.[6]

Poderíamos, se não fosse tão trágico, rir destes conselhos dados pela Krestintern ao chefe mais reacionário da ala direita do partido de Jiang Jieshi (Tchang Kaichek) e de Wang Jingwei que iria, ao longo do ano, afogar em sangue o movimento camponês chinês.

A guerra do Rife

A Guerra do Rife reuniu dois chefes militares de duas gerações diferentes, um general espanhol de 33 anos e um marechal francês septuagenário, que se encontraram em 1939: Francisco Franco e Philippe Pétain. Indubitavelmente, o ministro das Finanças de Sua Majestade britânica tinha razão, de seu ponto de vista, ao afirmar: "Não é precisamente sua própria causa que a França defende no Marrocos, mas os interesses superiores da civilização."[7] Em todo caso, encontramos nas trilhas do Marrocos e nas montanhas rifenhas todos os chefes militares que se distinguirão ao fim dos anos 1930 na Espanha e na França nos campos de batalha ou nos conselhos governamentais. Do lado francês, os tenentes-coronéis Georges, Laure, Catroux, Giraud, os comandantes Juin, Lattre de Tassigny, La Rocque, Dentz, o tenente de Hauteclocque (futuro Leclerc), sem se esquecer do indispensável Bonhomme. Do lado da Espanha, além de Franco, os tenentes-coronéis Emilio Mola, Manuel Goded, Juan Yagüe, o *requete* José Enrique Varela, Antonio Aranda, o cavaleiro Queipo de Llano.

Esta confluência de chefes rivais se explica pelo lucro em armas que a vitória de Anual de Abd el-Krim lhe proporcionou: 20 mil fuzis, 400 metralhadoras, 200 canhões e mesmo dois aviões, para 75 mil partidários, dentre os quais ele não utiliza mais que 30 mil

4. R. Albert (Victor Serge), "La fin d'une comédie", In: *Corr. Int.*, n. 72, 22 de julho de 1925, p. 599.

5. "La question croate"; declaração do *Presidium* da Internacional Camponesa, In: *Corr. Int.*, n. 90, 16 de setembro de 1925, p. 753.

6. "Lettre ouverte du Conseil paysan international au camarade Hu Hanmin", In: *Corr. Int.*, n. 69, 2 de junho de 1926, p. 794-795.

7. Citado em *Adb el-Krim et la république du Rif*, p. 106, n. 25.

de uma vez. A duração desta guerra faz dela para os oficiais uma fonte de promoções. Para não dizer mais, o governo francês alinhou 800 mil homens sob o comando de Pétain – um martelo para os pernilongos.

A Guerra do Rife agitou bastante o mundo político e o mundo comunista. Jacques Doriot, em nome do Partido Comunista, tomou algumas iniciativas espetaculares. Seu biógrafo, Jean-Paul Brunet, crê que, contrariamente à lenda, não foi se encontrar com Abd el-Krim. A memória coletiva conservou o episódio do "telegrama" de Doriot a Abd el-Krim, em verdade um telegrama publicado na *Humanité*, de 4 de setembro de 1924, assinado por Doriot e Pierre Sémard: "O Grupo parlamentar, o comitê diretor do PC e o comitê nacional da Juventude saúdam a vitória do povo marroquino sobre os imperialistas espanhóis. Felicitam seu valente chefe Abd El-Krim. Esperam que depois da vitória definitiva sobre o imperialismo espanhol ele continuará, com o proletariado francês e europeu, a luta contra todos os imperialismos, inclusive o francês, até a libertação completa do solo marroquino. Viva a independência do Marrocos! Viva a luta internacional dos povos coloniais e do proletariado mundial!". É Doriot quem rouba a cena na agitação da Comintern sobre o Rife. Num discurso a *Krasnaia Presnia*, em 11 de junho de 1925, Zinoviev vai até chegar a proclamar:

> O Partido Comunista Francês [...] mostrou-se digno nesta ocasião da Internacional Comunista. [...] Um jovem camarada, há pouco saído das fileiras da Juventude Comunista, representante típico da nova geração de chefes revolucionários forjados no fogo da ação dos últimos anos, o camarada Doriot, tomou a palavra em nome do Partido Comunista e pronunciou na Câmara francesa um discurso notável. Depois do discurso de Doriot, o órgão central do KPD publicou um artigo sob este justíssimo título: "Liebknecht não morreu". Sim, é verdade, ele ainda vive na jovem geração operária.[8]

O historiador britânico Laqueur observa a este respeito: "Comentando a vitória de Abd el-Krim, Zinoviev e Ioffe relevavam que esses eventos não eram sem importância, pois eles davam um impulso novo à revolução mundial. Por si só, tais movimentos coloniais não avançariam, contudo, em cooperação com o movimento operário internacional, eles conseguiriam."[9] Contatos foram tomados. Por quem? Mustapha Haikal assinalou a passagem por Abd el-Krim do comunista sudanês Ahmed Hassan Matar, jornalista, encarregado da defesa, no exterior, dos insurgentes do Rife e da Cruz Vermelha rifenha[10]. Roger Faligot e Rémi Kauffer, que puderam consultar os arquivos de alguns serviços de inteligência, escrevem que os dois comunistas tártaros, Sherif Mulay Hassanov e Namber

8. Zinoviev, "Marroc et Shanghaï", In: *Corr. Int.*, n. 64, 25 de junho de 1925.

9. W. Laqueur, *The Soviet Union and the Middle East*, p. 44. Ele se refere a *Novyi Vostok*, n. 10-11, p. XXXIX, que não pudemos consultar.

10. Mustafa Haikal, "Für eine Internationale der Völker? Zur Tätigkeit arabischer Antikolonialisten und der Liga gegen Imperialismus und für nationale Unabhängigkeit", In: *Asien, Afrika, Lateinamerika*, p. 848-850.

Mahmudov, foram enviados clandestinamente ao emir pela Comintern, para lhe levar seu apoio político e lhe propor um apoio material[11]. Segundo a mesma fonte, Jean Cremet, dirigente do PC, e Paul Valière, ex-dirigente da JC, alistado pelo OMS, encontraram na Argélia emissários de Abd el-Krim[12], lhe deram dinheiro e os colocaram em contato com vendedores de armas. É uma das raras circunstâncias, em todo caso, onde se manifestou o birô oriental da Comintern em Paris. Ele, com efeito, lançou um apelo à fraternização com os rifenhos, assinado por seus "membros" – na verdade, responsáveis que, por razões diversas, acreditava-se que se poderia dar seus nomes: Pierre Sémard e Andrés Nin (cujos nomes são evidentemente capitais, pois trata-se de dirigentes do PCF e do PCE), Sen Katayama, Giuseppe Berti e Vassil Kolarov[13]. Quase um ano mais tarde, é o jovem Gabriel Péri que, em nome dos comunistas, escreve o epitáfio da insurreição rifenha: "Abd el-Krim representava algo que não morreu consigo. Ele representava a revolta dos oprimidos sobre um setor de um mundo imenso, o Islã. Sua rendição deixa intacta a vontade de libertação dos escravos d'além-mar."[14] Qual foi o balanço da ação dos comunistas franceses? Zinoviev pronuncia um julgamento equilibrado e a resolução do Executivo de fevereiro de 1926 critica os erros "esquerdistas", sobretudo na aplicação da frente única garantindo, entretanto, que a "bela e corajosa campanha do partido e da CGTU, a greve histórica de 24 horas ressuscitaram as melhores tradições revolucionárias da classe operária francesa".

Estudou-se pouco a "fraternização", somente alguns raros casos. Conhece-se o caso Klems, um suboficial alemão da Legião Estrangeira francesa que se aliou ao rifenhos, converteu-se ao Islã sob o nome de Sliman e ficou conhecido sob o nome de El-Hadj Allemane, formou seus canhoneiros de maneira notável e, capturado pelo exército francês, foi evidentemente fuzilado. Um desertor francês, Placide Goux, desempenhou também um papel entre os rifenhos[15].

Por outro lado, parece que a grande imprensa minimizou sistematicamente os movimentos de descontentamento nas casernas e, sobretudo, nos transportes militares, notadamente nos navios que transportavam tropas. Mesmo para quem não segue os dados publicados pela imprensa do PC, Georges Oved parece dar provas de uma excessiva moderação a propósito daquilo que o PC chama as "revoltas" dos marinheiros sobre o *Courbet*,o *Strasbourg*, o *Paris* e o *Provence* ao escrever: "A ausência de fontes de informação não permite precisar perfeitamente estes fatos a respeito dos quais o Ministro da Marinha declara que são 'atos isolados', 'voluntariamente exagerados'"[16]. E um quartel-mestre do *Courbet*, G. Dumoulin, é condenado como responsável a quatro anos de prisão. Pois a questão são, evidentemente, as razões da "ausência de fontes de informação para amparar o julgamento do

11. R. Faligot e R. Kauffer, *As-tu vu Cremet?*, p. 158.

12. *Ibidem*, p. 158-159.

13. Chamado do Birô Oriental da IC contra a guerra do Rife, *Corr. Int.*, n. 61, 13 de junho de 1925.

14. *Ibidem*, n. 70, 5 de junho de 1926.

15. G. Oved, *La Gauche française et le nationalisme marocain*, t. I, p. 394-395.

16. *Ibidem*, p. 288.

ministro". Parece-nos, por outro lado, que a cifra dos marinheiros dada perante os conselhos de guerra, algo como 200[17] e 1.500 em espera no começo de 1925, não pode ser tomada por desprezível. A mesma coisa para a greve de 12 de outubro de 1925, a respeito da qual Georges Oved demonstra muito bem que está longe de ser um fracasso[18], pois de todo modo ela totalizou mais de um milhão de grevistas. O assassinato, nos marcos da greve, do operário comunista André Sabatier mobilizou 15 mil pessoas em Puteaux, no dia 17. O comitê central de ação contra a Guerra do Rife e a da Síria, presidido pelo jovem Maurice Thorez, anima o movimento mais que o dirige. Em novembro de 1925, há 165 militantes na prisão, 263 perseguidos e os tribunais distribuíram um total de 320 anos de prisão[19].

Dentre as vítimas da repressão, podemos destacar os nomes do ferroviário Robespierre Hénault, prefeito comunista de Saint-Pierre-des-Corps, condenado a seis meses de reclusão por um chamado à fraternização; do jovem ajustador-ferramenteiro da JC mobilizado, Lucien Monjauvis, condenado a seis meses de prisão, e do conscrito Raymond Guyot, a quem a condenação a dois meses de prisão militar e a dura punição a que ele teve que se submeter fizeram-no começar uma brilhante carreira no aparato. No plano da estratégia revolucionária, pegamos emprestado ainda de Gabriel Péri uma das "lições" da Guerra do Rife: "Infelizes os proletários do Ocidente se eles não compreenderem a necessidade de unir solidamente suas lutas parciais às lutas dos oprimidos coloniais. [...] Nasceu algo de novo no mundo: o Oriente veio em socorro ao Ocidente, os escravos coloniais vieram em ajuda aos trabalhadores metropolitanos".

A Revolução Síria

A Guerra do Rife terminou em maio de 1926. Muitos tenentes de Abd el-Krim, Ahmed Khereiro, assassinado em dezembro do mesmo ano, os irmãos Mohammed e Abdeslam Temsamani, continuam seu combate, saudados no boletim da Internacional por Juan Andrade[20]. A "revolução síria" – as autoridades francesas e numerosos historiadores falam da "Revolta dos Drusos", de que ela foi a ampliação – segue-se a ao 18 de julho. A independência do Jabal al-Druze* foi proclamada, nos marcos da política de despedaçamento do "mandatário" francês, por seu alto-comissário, o general Gouraud. Sob seu sucessor, incidentes se produzem e diversos chefes drusos são presos. Sultan al-Atrach – segundo as confidências que ele fez a Yussef Ruissi[21] – passa então à revolta aberta. Ele

17. Robert Charvin, "Le PCF et la guerre du Rif", In: *Abd el-Krim et la République du Rif*, p. 227.

18. G. Oved, *op. cit.*, I, p. 275.

19. R. Charvin, *op. cit.*, p. 226.

20. JAR, "La capitulation d'Adb el-Krim et l'impérialisme espagnol", In: *Corr. Int.*, 16 de junho de 1926, n. 73.

* Literalmente, "montanha dos drusos" com 1.803m e localizada no sul da Síria. Atualmente, chama-se Jabal al-Arab. [N. do T.]

21. Yussef Ruissi, *op. cit.*, p. 510

recebe com metralhadora os 200 legionários e *spahis** enviados para prendê-lo. Sultan al-Atrach não é o grande senhor feudal freqüentemente apresentado por alguns historiadores. Como sublinha Lenka Bokova, este chefe de aldeia é somente "um chefe secundário no que diz respeito à genealogia e à distribuição tradicional do poder". Sua personalidade, sua ação passada na revolta árabe o empurraram em direção a um papel de chefe militar, depois político[22].

Em 3 de agosto de 1923, uma coluna francesa de três mil homens, comandada pelo general Michaud, encarregada de retomar o controle da situação, é feita em pedaços pelos drusos: 700 soldados ficam no local, um oficial se suicida e o próprio general parece ter deixado precipitadamente sua coluna abandonando importantes materiais – armas e munições – nas mãos dos insurgentes. O chefe druso vira lenda ao matar, a cavalo e na ponta da espada, os ocupantes de um tanque que deixará sua escotilha aberta[23].

Desde o 19 de agosto, diversos emissários dos partidos e grupos nacionalistas de Damasco ao redor de Nasib al-Bakri vêm ao Jabal al-Druze para negociar uma aliança e coordenar a ação militar. O movimento rapidamente se amplia, o Dr. Abdur-Rahman Chahbandar, principal dirigente do partido nacionalista sírio, o Partido do Povo, chamando a adesão ao movimento com as palavras de ordem de união síria, de tratado franco-sírio, de independência e de democracia. O levante se generaliza, ao norte com as tropas de Ihsan al-Jabiri, um chefe de imenso prestígio, ao centro com os guerrilheiros, dentro os quais Fawzi al-Qawuqji, o mais conhecido.

Os comunistas apóiam drusos e sírios

Parece que os comunistas reagiram com mais presteza perante a ascensão revolucionária no Oriente Médio do que no Magreb. Talvez a experiência tenha ajudado. O Partido Comunista da Síria e do Líbano acabam de nascer. Seus dirigentes, operários como Fuad Chimali ou semi-intelectuais como Yussef Yazbek, não têm experiência revolucionária direta. Mas não é esse o caso dos comunistas judeus do PKP que, por sua vez, perceberam imediatamente a amplitude dos eventos sírios, integraram rapidamente um deles, Eliahu Teper ("Elie, o russo", como dizem os agentes ingleses), ao CC do PCSL, sob o nome de Shami e alertaram a Internacional e os partidos-irmãos concernidos. Se fosse preciso, o programa de Sultan al-Atrach, chefe dos revoltados drusos, traria sozinho a resposta a todas as hesitações: ele conta em primeiro lugar com a palavra de ordem de "federação nacional agrupando os árabes da Síria, da Palestina e de toda a Arábia".

O movimento se desenvolve num ritmo rápido com a tomada de posição do chefe

* Soldados nativos do corpo de cavalaria organizados pelo exército francês na África do Norte. [N. do T.]

22. L. Bokova, "Les Druzes dans la révolution syrienne de 1925 à 1927", In: *Guerres mondiales et conflits contemporains*, 183, janeiro de 1989, p. 96, n. 20.

23. N. Alamuddin, *Turmoil*, p. 137-138.

nacionalista sírio, o Dr. Chahbandar, mobilizando as camadas mais amplas, lançando reivindicações e organizações e reivindicações autônomas. Fuad Chimali consegue rapidamente tomar contato com os chefes do movimento por intermédio de um nacionalista druso, que ele chama em suas memórias de "bei", o jornalista Ali Nasreddin[24]. Os dois homens conseguem organizar, perto de Jericó, um encontro entre os chefes autorizados do movimento e um representante da Comintern que se faz chamar de Ernest, muito provavelmente Gerö, que trabalhara nas questões do Magreb em Paris sob este pseudônimo um ano antes. Nathan List, que assistiu a este encontro, garante que Ernest prometeu armas e material, mas que, por razões, que ele ignora, não chegaram a seu destino[25].

Para melhorar o ritmo e a qualidade da campanha mundial de defesa dos trabalhadores sírios, Yazbek, fixado em Paris depois de sua libertação, volta às pressas. Quando ele chega, Teper e Chimali já foram presos. Pior ainda, em 26 de janeiro de 1926, a polícia francesa ganha uma bolada: no domicílio de Ali Nasreddin, em Beirute, ela prende os dirigentes comunistas Madoyan, Boyadjian, o próprio Yazbek, um francês e um palestino. Temer-se-á, por um instante, o pior para estes homens, mas o governo francês, recuando diante da aventura, prefere para eles a residência vigiada que o campo de trabalhos forçados. Eles escapam em definitivo do conselho de guerra[26]. É que, depois do começo do levante armado em Damasco e na região ao sinal do chefe nacionalista Hassan al-Kharrat, discípulo de Chahbandar, o perigo de incendiar ainda mais a Síria é grande. A polícia do mandatário está possessa à procura do herói da luta antimilitarista do Ruhr, este Ben Lekhal que ela acredita que está na Síria e que não chegará a pegá-lo.

A luta contra a guerra se organiza. Em Paris, o PCF e, sobretudo, a Estrela Norte-Africana, em Berlim, o KPD e, sobretudo, o Socorro Operário Internacional são seus motores. Paris cria uma União Sírio-Árabe em vista de um Comitê Sírio-Palestino; Berlim cria um Comitê contra os Abusos Imperialistas na Síria e lança as bases da Liga Antiimperialista. Os comunistas Messali Hadj e Hassan Matar tomam contato com as formações nacionalistas, pequenas ou grandes, o Partido Nacional e o Partido Nacional-Radical egípcios, com Muhammad Hafiz Ramadan e Ibrahim Yussuf, com o Congresso Nacional Sírio e o Congresso Nacional Palestino, com Djamal al-Husseini. Homens novos aparecem, como o palestino Hamdi Husseini, que encarna aos olhos dos comunistas a esquerda do movimento nacional[27]. O tunisiano Khairallah é condenado e expulso da França por conta de um artigo contra os bombardeios da aviação francesa, o que lhe vale, em compensação, uma grande reputação no mundo árabe como combatente antiimperialista.

Durante esse tempo, a guerra se ampliou na Síria. O herdeiro de Joffre, o general Gamelin, fora encarregado de reduzir os drusos: ele sofreu uma severa derrota. Encorajada, a população civil de Damasco se subleva com uma energia e um entusiasmo revolucionários. Damasco é, então, pulverizada por bombas: o primeiro bombardeio desta capital pela aviação francesa[28], por uma decisão pessoal do general Sarrail, em 20 de outubro de 1925, provoca uma viva reação internacional. Relevemos apenas que, enquanto Damasco queima graças aos canhões dos tanques e dos bombardeios aéreos, o general Gamelin garante que "a maior parte [dos estragos] é imputável aos incêndios provocados pelos revoltosos e saqueadores".

Será preciso ainda um ano para que o exército francês consiga extirpar toda resistência: Chahbandar só vai se exilar no Iraque em dezembro de 1926[29]. Um governo revolucionário provisório, presidido por Sultan al-Atrach do qual faz parte Chahbandar, foi designado: ele se reúne em plena luz do dia no Jabal al-Druze; mas um comitê revolucionário clandestino dirige os combates na Ghuta, sob a autoridade de um ex-oficial otomano, militante nacionalista, Mustafa Wasfi al-Samman. Contudo, uma das conseqüências dos bombardeios de Damasco é a iniciativa tomada por Münzenberg e pelo Socorro Operário Internacional de criar um comitê "contra as atrocidades na Síria", agrupando intelectuais e outros cidadãos oriundos dos países coloniais, cuja filiação seguiremos mais adiante.

Não parece que o Executivo da Comintern ou uma de suas seções tenham se preocupado nesta época com a guerrilha que seguia então na Líbia desde 1912. A historiadora Rosalba Davico faz emergir Omar al-Mukhtar, que ela chama de "o grande líder libertário do Jabal". Ela garante que o líder rifenho e ele "parecem ter sido conscientes do papel catalisador possível de um movimento revolucionário de emancipação coletiva"[30].

No intervalo, não obstante, muito rápido, com os eventos da China, o Extremo Oriente substitui o Oriente Médio na tela da atualidade revolucionária.

As oscilações do partido grego

Devido à sua extraordinária fraqueza anterior, o PC grego servia admiravelmente a uma operação de "bolchevização" com uma condenação simétrica de aventureiristas e de oportunistas e a promessa de aplicar o centralismo democrático. Uma vaga de dirigentes novos foi consagrada quando da eleição do CC no congresso de dezembro de 1924: o pessoal do trabalho antimilitarista com Pouliopoulos, o da União Pan-Operária de Constantinopla, com Serafim Maximos. Os delegados a esse congresso preparado por fora do partido elegeram nele, de olhos fechados, dirigentes que eles não conheciam. Isto limita seriamente a afirmação de Stinas de que ele foi "o verdadeiro congresso de fundação do Partido Comunista Grego" – se queremos admitir que um partido comunista não é o tipo

24. J. Coulaud, *Le Mouvement syndical au Liban, 1919-1946*.

25. N. List, "A Comintern tinha razão" (em hebreu), In: *Kéchet*, n. 30, 1966, p. 86-87, citado por Alain Greilsammer, *Les communistes israéliens*, p. 46.

26. Para os parágrafos precedentes, ver J. Coulaud, *op. cit.*, p. 98 *sq*.

27. W. Laqueur, *op. cit.*, p. 100-101.

28. A. Raymond, "La Syrie du royaume arabe à l'indépendance (1914-1946)", In: *La Syrie d'aujourd'hui* (1980), p. 70-71.

29. *Ibidem*, p. 72-74.

30. *Abd el-Krim...*, *op. cit.*, p. 436, 434.

de partido "bolchevizado" que foi introduzido pelos instrutores da Comintern.

Os rumores mais inquietantes correram a propósito da atitude do PC grego para com a ditadura do general Pangalos, que se apresentava ao povo como o inimigo da corrupção e o campeão da limpeza; ele teria qualificado o golpe de Estado do general de "revolução democrática *sui generis*". E parece bem que em 9 de setembro de 1926, quando de sua derrubada pelo general Kondylis, alguns dirigentes pensaram em "*putsch* comunista". A imprensa comunista o convida a instaurar um "democracia verdadeira". Sabemos somente que os "instrutores" vindos de Moscou criticaram as "ilusões democráticas" e as relações demasiado estreitas com oficiais.

O único acréscimo da Comintern ao PC grego neste período foi a exigência de seu alinhamento com a palavra de ordem de "Macedônia e Trácia independentes", assim substituída arbitrariamente àquela de "livre determinação". A partir disto, os comunistas foram perseguidos como "separatistas" e somente a magnífica defesa de Pouliopoulos em seu processo pode limitar um pouco os estragos. Esta linha foi generalizada ao conjunto dos PC e deve ser ligada à palavra de ordem de república negra, que provocará uma crise no partido sul-africano, e à diretiva da Comintern ao PC canadense de se declarar partidário da Independência de Quebec, o que ele poupou-se de fazer. Com o III Congresso do PC, encabeçado por Remmele, em março de 1927, Pouliopoulos, secretário do CC, partidário da oposição de esquerda, acusado de "oportunismo", foi expulso, seguido pouco tempo depois por Serafim Maximos.

As idiotices de direita: o sonho "operário e camponês"

Nos EUA, o ridículo ganha de longe do odioso na experiência "operária e camponesa" inspirada pela política chinesa e pelo papel assinalado ao Guomindang. Lá, é sob a impulsão de um representante da Comintern, vindo em 1922, o húngaro Jószef Pogány, dito Pepper, permanecido no país quando seus camaradas voltaram, tornado secretário do comitê político do partido, que se faz a aliança com o *Labor Party* de Chicago, fundado pelos militantes operários da AFL ao redor do dirigente e combatente sindicalista John G. Fitzpatrick – que trabalhava até então no plano sindical e político com os jovens comunistas sindicalistas Arne Swabeck e Earl Browder.

Mas a invasão dos quadros do PC, as lições de política de Pepper, como o afastamento dos militantes mais abertos à colaboração com eles, indispõem os amigos de Fitzpatrick. Como desejavam, os comunistas se apoderam do *Labor Party* criado por Fitzpatrick, mas, na realidade, eles próprios se "capturam", pois são os únicos que continuaram nesses novos marcos. Isto não impede Pepper de proclamar que está à disposição do movimento operário mundial, "o primeiro partido de massas dos operários e camponeses americanos", que ele vê com centenas de milhares de aderentes[31] nascido em 3 de julho de 1923, em Chicago. Ele escreve: "O movimento do *Labor Party* é um terremoto político de primeira magnitude. [...] O dia da declaração da independência da classe operária americana será o dia de fundação de seu partido político independente."[32] No V Congresso da Comintern, Kolarov explica gravemente: "Nos EUA, os pequenos fazendeiros formaram um partido de fazendeiros e de camponeses, que se radicaliza cada vez mais, que se aproxima dos comunistas e é penetrado pela idéia da criação de um governo operário e camponês nos EUA."[33] Esta severa lição não bastará e a catastrófica experiência Radič recomeça, desde setembro de 1923, ainda nos EUA, com a exaltação do caráter avançado do *Federated Workers and Farmers Party*.

31. J. Pepper, "Le premier parti de masses...", In: *Corr. Int.*, n. 63, 7 de agosto de 1923, p. 472.

A exaltação de LaFollette

Mas tem um escorpião por baixo da pilha de telhas. O senador "progressista" do Wisconsin, Robert LaFollette, pensa seriamente, com efeito, numa candidatura à presidência em nome de um terceiro partido que poderia ser aquele e que procura, em todo caso, o apoio dos sindicatos. Não é uma candidatura fantasiosa. Contudo, o apoio dos comunistas a este candidato "burguês", através de Pepper, é absolutamente excêntrico. Pepper acredita nela chegando mesmo a delirar:

> A revolução está aí. A história mundial está num dos seus movimentos mais decisivos. A América está frente à sua terceira revolução [...], a revolução LaFollette, a dos fazendeiros e dos explorados, dos pequenos empreendedores e dos operários. Ela abarcará elementos da Grande Revolução Francesa e da Revolução Russa de Kerensky. Haverá em sua ideologia elementos do jeffersonismo, das cooperativas dinamarquesas, do Ku Klux Klan e do bolchevismo. É depois da vitória da revolução Lafollette que começará o papel independente dos operários e dos fazendeiros explorados e que começará então a quarta revolução americana, a do período da revolução proletária.[34]

Não iremos mais adiante na apresentação das pirações políticas de Pepper, que teve de todo modo o bom senso, de seu ponto de vista, de, a partir de janeiro de 1924, se engajar a fundo contra o "trotskismo" e de apoiar com todo o seu ardor "os velhos bolcheviques". Chamado aos EUA pelo pedido urgente dos dirigentes do partido americano, tendo sua falta sido chorada por seus partidários, que o qualificavam de "exilado político", ele iria receber, como antes dele Bela Kun e Guralsky, seus companheiros de 1921, importantes responsabilidades na Comintern, tornando-se secretário do Departamento de Informação.

32. J. Pepper, *The Liberator*, julho de 1923.

33. *Pravda*, 6 de julho de 1924.

34. J. Pepper, *The Liberator*, agosto de 1923.

Impotência na Itália: o caso Matteotti

O assassinato do deputado socialista Giacomo Matteotti, em 10 de junho de 1924, pelos Camisas Negras, as tropas de assalto de Mussolini, provocou uma indignação e uma cólera ilimitada entre os trabalhadores italianos e para além deles, na pequena-burguesia. Havia, lá, uma ocasião extraordinária para um partido comunista determinado e capaz de lutar, mesmo se o assassinato de um social-democrata por fascistas dificultasse um pouco a defesa da "teoria do social-fascismo"! A despeito de sua disciplina, e mesmo que seu novo dirigente, Antonio Gramsci, tenha aprovado todas as decisões do V Congresso da Comintern, o PCI somente demonstra no episódio sua impotência política e prática. Podemos, aliás, dizer o mesmo do conselheiro da Comintern, o suíço Humbert-Droz, presente nos momentos decisivos.

É provavelmente nas duas semanas que se seguem ao assassinato do corajoso deputado reformista que se situa o momento crucial. Em 27 de junho de 1924, foi decidido em Roma, por iniciativa dos socialistas e de seus aliados democratas, uma grande manifestação pacífica de protesto contra o homicídio e o desaparecimento do cadáver da vítima. O PCI tinha lançado no mesmo dia um chamado à greve geral, que não encontrou eco. A respeito da manifestação de Roma, uma testemunha escreve:

> A revolta estava no ar, em todas as cabeças. O menor incidente teria bastado para tê-la feito explodir nas ruas. A oposição parlamentar anunciara que ela deixaria o parlamento, Filippo Turati falara do homem assassinado perante os 126 eleitos do povo. Palavras imortais foram pronunciadas. Bastava ver as ruas de Roma para se convencer de que se esperava uma ação decisiva. Todas as ruas que conduziam ao rio Tibre estavam lotadas de pessoas, todos esperavam que os membros da oposição parlamentar deixassem a Câmara em grupo e fossem para o Lungo Tevere Arnaldo de Brescia, onde Matteotti fora seqüestrado.[35]

Os deputados da oposição não saíram para irem a esse local onde, desde o homicídio, dezenas de milhares de trabalhadores, operários e camponeses principalmente, vieram depositar um pequeno ramalhete e algumas vezes fazer uma prece. O socialista Pietro Nenni explica: "O grupo parlamentar do partido pensava que a luta deveria continuar nos marcos da lei, esta mesma lei que o governo pisoteava."[36] Não havia nada de surpreendente nessa atitude do PSI. Podemos, por outro lado, perguntar-nos sobre a do PC italiano. No V Congresso, os dirigentes da Comintern obtiveram dos representantes do PCI a condenação de Bordiga por suas posições "esquerdistas", na verdade, por sua solidariedade com Trotsky. Tendo assim descartado a única personalidade capaz de lhes enfrentar, o pessoal do Executivo formou um novo "centro".

Que propuseram em Roma os homens que, em Moscou, acabavam de condenar "a

35. Pietro Nenni, *Ten Years of Tyranny*, p. 171.

36. *Ibidem*.

direita internacional" ao redor de... Trotsky? A primeira iniciativa mencionada por Paolo Spriano em sua *História do Partido Comunista Italiano* é a decisão dos comunistas, tomada em comum acordo com os partidos de oposição a Mussolini, inclusive os "populares" (democrata-cristãos), em 14 de junho, de deixar a Câmara dos deputados para se reunir à parte, o que ficará conhecido mais tarde como "a retirada ao Aventino". Em 14 de junho, no monte Aventino, Gramsci propõe aos partidos que deixaram a Câmara decidir uma greve geral, uma iniciativa que não é evidentemente de forma alguma uma proposição de frente única operária. No dia 15, ele passa à imprensa comunista a diretiva de denunciar sistematicamente o governo e os fascistas assassinos. Nos dias que se seguem, o PCd'I pede a demissão do governo, a dissolução da milícias fascistas e novas eleições; os comunistas têm em mente chamar a uma greve geral com as palavras de ordem "Abaixo o governo dos assassinos! Desarmamento da guarda branca! Governo operário e camponês! (ignoremos o exotismo deliberado e persistente que existe em chamar de "guarda branca" os Camisas Negras quando se pretende sensibilizar milhões de trabalhadores). Os grupos do Aventino recusam a greve geral e o PCd'I deixa então o Aventino. Em 24 de junho, este último convoca uma parada de trabalho de dez minutos para apoiar a manifestação do dia 27. O PCd'I, de seu lado, chama à greve geral para o dia 27. Não acontece nada. Somente um pequeno número de trabalhadores faz greve. Pode-se imaginar que a massa operária italiana aspirava a uma ação unida de suas organizações e que ela não estava de forma alguma disposta a seguir uma palavra de ordem lançada por um partido que acabava de decidir que iria bancar o cavaleiro solitário.

A seqüência será o longo relato das vãs iniciativas do partido de Gramsci para promover uma "frente única pela base", seu retorno à Câmara na esperança de utilizá-la como tribuna contra o regime dos assassinos. O catecismo de congresso continua inoperante e é no curso do contra-ataque que Mussolini consegue consolidar seriamente sua ditadura, a de seu partido e a de seus capangas e a promover e a generalizar seu terror. Não temos nem o direito de refazer a história, nem a pretensão de dar *post mortem* conselhos ao Partido Comunista Italiano. Anos mais tarde, em 1935, Jules Humbert-Droz evocará sem pudor a política de frente popular *avant la lettre* que ele inspirou, garante, em 1924, no PC italiano. Não podemos contradizê-lo. Com a condição, certamente, de precisar que esta política foi toda de passividade e de adaptação à recusa de combate e que ela salvou Mussolini, à beira da catástrofe, e pôde, assim, retomar a situação.

É preciso de igual modo lembrar aqui como foi tratada a direção polonesa depois da Insurreição de Cracóvia, que ela não soube explorar oito meses antes. O critério do Executivo para apreciar as direções dos partidos não era, portanto, mais sua capacidade de mobilizar as massas ou de explorar sua mobilização contra os crimes capitalistas, mas a firmeza de sua diferenciação com "o trotskismo" e sua servidão em face das decisões de Moscou.

O aventureirismo: a Insurreição de Reval

A Insurreição de Reval (Tallinn), na Estônia, foi descrita e analisada num célebre

livro assinado por um A. Neuberg, *A Insurreição Armada*. Os únicos elementos de que dispomos sobre a identidade de seu autor foram dados numa "nota de apresentação" redigida para a reedição deste livro, em 1970, por Erich Wollenberg, comunista alemão e ex-oficial do Exército Vermelho e ligado ao aparato militar internacional. Ele escreve:

> O relatório sobre a Insurreição de Reval foi escrito ao estado-maior do Exército Vermelho por uma equipe dirigida pelo general Unschlicht.
> A base deste relatório fora constituída entre outras pelos testemunhos oculares de comunistas estonianos que estavam refugiados na União Soviética depois da repressão da insurreição. A descrição da organização e do desenrolar dos combates correspondem, em linhas gerais, à verdade histórica.[37]

Qual a origem desta insurreição? A versão oficial da Comintern e do partido estoniano ilegal oscilou entre o levante espontâneo provocado pelo horror da repressão e uma decisão nesse sentido tomada pelo PC estoniano sem consultar a Comintern. Radek, num relatório conservado nos arquivos de Trotsky[38], confessava que ignorava tudo sobre o caso, sua origem, a origem da decisão de lutar. Victor Serge, por seu turno, não duvida da responsabilidade de Zinoviev, cujo colaborador mais próximo todo o mundo sabe que é o comunista estoniano Jan Anvelt, quem, por muito, está associado à decisão:

> Como pôde Zinoviev lançar esta estúpida aventura? Zinoviev nos amedrontava. Ele se recusava a admitir a derrota na Alemanha. A insurreição estava somente, a seus olhos, atrasada, o KPD continuaria sua marcha em direção ao poder. As revoltas de Cracóvia levaram-no a anunciar a revolução na Polônia. Eu pensava que o erro de apreciação, aliás inteligente, que lhe conduzira a se pronunciar em 1917 contra a insurreição bolchevique em preparação pesava sobre ele e o levava agora a um otimismo revolucionário autoritário e exagerado. "Zinoviev, dizíamos, é o maior erro de Lenin..."[39]

Wollenberg, muito bem posicionado por ter sido informado, foi o primeiro a propor uma resposta à questão das origens. Para ele, trata-se de uma decisão de Zinoviev que queria reforçar sua posição contra Stalin e viu a ocasião na vontade dos dirigentes do PC da Estônia de se sublevar contra um regime de terror. Este não era discutível. Em janeiro, depois em agosto, houvera prisões massivas de comunistas: 149 dentre eles foram levados em 19 de novembro de 1924 perante o tribunal de Reval (Tallinn) sob a acusação de alta traição. No dia 19, um deles, um dirigente sindical de 29 anos, Jan Tomp, atacou violentamente o juiz. Ele foi fuzilado na mesma madrugada. Em 27 de novembro, praticamente todos os acusados foram condenados a penas que iam de quatro anos de prisão à prisão perpétua.

37. E. Wollenberg, "Note de présentation", In: A. Neuberg, *L'Insurrection armée*, p. III.
38. Relatório anônimo, Papéis Trotsky, Arquivos de Harvard T 857.
39. V. Serge, *Mémoires d'une révolutionnaire*, p. 197.

É nessas condições que se produzirá "a conspiração de Zinoviev", que Wollenberg conta assim: "Ao longo de reuniões secretas entre ele e os chefes do PC estoniano, a decisão foi tomada, pelas costas do CC do Partido Bolchevique e sem informar os colegas da Comintern, de uma insurreição em Reval, capital da Estônia, e a data foi fixada."[40] Ruth Fischer acrescenta detalhes: a amizade entre Kobetsky, embaixador soviético em Reval, e Zinoviev, a participação no complô do general Berzin, a participação no levante de uns sessenta oficiais soviéticos, o objetivo de Zinoviev, que queria, segundo ela, limitar a ascensão de Stalin. Contudo, sempre pouco viável, ela coloca no número de vítimas Viktor Kingisepp, efetivamente um colaborador próximo de Zinoviev, mas que fora fuzilado... em 1922.

A questão estava resolvida. Igor Jankowski e Olaf Kuuli, que tiveram acesso aos arquivos do partido comunista estoniano (EKP) em Tallinn, escrevem:

> Na primavera de 1924, o comitê central do EKP mudou de tática. Ele começou os preparativos para tomar o poder através de um levante armado. Os comunistas estonianos sabiam que a idéia de dar um golpe de Estado sem o apoio [exterior] era irreal. Em 1924, os preparativos para um levante na Estônia foram examinados no comitê executivo da Comintern e também no comitê central do Partido Comunista da Rússia. Sem a aprovação e o apoio destas organizações, o EKP não teria certamente tentado tomar o poder.
> Ao longo dos preparativos para o levante, numerosos comunistas estonianos da União Soviética (principalmente oficiais do Exército Vermelho) foram enviados ilegalmente à Estônia para ajudar o EKP em seus preparativos. Segundo os planos, grupos armados deveriam se apoderar dos objetivos mais importantes em Tallinn, depois pedir socorro ao governo soviético. Nas fronteiras da Estônia, milhares de soldados do Exército Vermelho (na maioria estonianos) deveriam esperar para levar esta ajuda.[41]

O relato da comissão do estado-maior é simples. O PC dispunha de mil homens armados, dentre eles 400 em Reval; dispunha de uma centena de revólveres, 60 carabinas e fuzis com poucos cartuchos; três metralhadoras, algumas dezenas de granadas e 20 bombas grandes. Ele contava com numerosas defecções de soldados da guarnição, onde ele havia ligações. As primeiras operações, na manhãzinha de 1° de dezembro, fracassaram contra a caserna dos *Junkers* e da polícia. O contra-ataque foi rápido. Em menos de quatro horas, a insurreição foi esmagada. Houve uns 20 mortos durante os combates, 500 "proletários, dentre eles muitas dezenas de soldados fuzilados" e o mesmo tanto foi condenado a penas de prisão. Os responsáveis desta insurreição, inteligentemente criticados, aliás, pela comissão do estado-maior, quando sobreviveram, não tiveram que prestar contas, ou pelo menos nada foi dito a esse respeito, nem àquele da implicação de um ou diversos dirigen-

40. E. Wollenberg, *loc. cit.*
41. I. Jankovski e O. Kuuli, "The Estonian Communist Party and the Comintern 1920-1940", p. 4, comunicação ao colóquio de Amsterdã.

tes da Comintern. Aino Kuusinen indica somente que seu marido estava a par, que, com certeza, Mauno Heimo, seguira de perto todo o caso e que Yrjö Sirola estava presente em Reval para supervisionar o conjunto da operação[42]. Até o momento, os arquivos de Moscou não trouxeram revelações sobre esta insurreição. Mas que mais temos a esperar?

A demência terrorista: a bomba na Catedral de Sofia

Uma insurreição completamente desconectada das massas e da qual nem mesmo o partido estava informado, já é assombrosa da parte de um partido que se reivindica marxista e bolchevique, que, como sabemos, tanto combateu o blanquismo e sua forma moderna, o "putschismo". Mas um atentado à bomba organizado por um partido de mesma origem, durante muito tempo considerado como um modelo no universo comunista, portanto inacessível à tentação terrorista, é ainda mais gritante se nos lembramos da hostilidade dos marxistas ao terrorismo individual. E é ao mesmo tempo significativa a gravidade da crise da revolução nos partidos burocratizados e das reações de cólera e desespero que nutriam a situação até às esferas dirigentes.

Foi o que aconteceu em Sofia, ao longo da feroz repressão ("terror branco") que se seguiu ao esmagamento do levante de 1923 e que continuou sem se enfraquecer. No começo de abril de 1925, o czar Boris, "o matador de búlgaros", como dizem os comunistas, escapa por pouco de um atentado. Em 14 de abril, é o general Kosta Georgiev, deputado de direita no *Sobranie**, próximo do czar, que tomba sob as balas de um terrorista desconhecido. É uma das garras da armadilha. No dia 18, toda a elite social e política do regime búlgaro, os mestres do país, estão reunidos na Catedral dos Sete Santos de Sofia para o funeral do general. Uma bomba explode, provocando o desmoronamento de uma cúpula. Serão retirados 120 mortos dos escombros, dentre eles três deputados, 13 generais, oito coronéis, oito altos funcionários públicos. Não há nenhuma vítima dentre a família real e o governo; o chefe da polícia e o prefeito de Sofia fazem parte dos 500 feridos.

A polícia incrimina os membros da organização militar do BKP. Dois de seus dirigentes, seu chefe, o tenente-coronel Kosta Iankov, e Ivan Minkov, são mortos ao resistir, de armas na mão, aos policiais que vieram lhes prender. Centenas de comunistas são presos, torturados, mortos sem julgamento, em condições atrozes: assim, Nikolai Chablin, que vimos em Kharkov com Rakovsky e em Halle com Zinoviev, foi queimado vivo dentro de uma fornalha. O secretário do sindicato dos mineradores, Temelko Nenkov, foi abatido. Três comunistas são condenados à morte e enforcados perante 50 mil sofiotas, em maio, por terem plantado os explosivos: são eles, o tenente-general Koev, um oficial superior da reserva, que abrigara Minkov, Petür Zadgorski, o sacristão da catedral, que "confessa" que um desconhecido lhe deu a bomba, e sobretudo Marko Friedman, advogado, ex-oficial,

42. Aino Kuusinen, *Der Gott stürst seine Engel*, p. 85.

* Abreviatura de *Narodno sabranie*, o parlamento búlgaro. [N. do T.]

militante comunista, magnífico perante seus juízes, que nega toda implicação e tenta até o fim proteger seu partido. Um dos colaboradores de Friedman, Ivan Manev, suicida-se para evitar a tortura.

De fato, os dirigentes comunistas estavam implicados. Depois de ter durante décadas acusado a polícia de ter ela própria cometido o abominável atentado para incriminar os comunistas, Georgi Dimitrov, o líder histórico do BKP, garantiu, em 19 de dezembro de 1948, perante o V Congresso de seu partido, que este estava em sua origem e que foram bem os homens de sua organização militar, agindo sob suas ordens, que plantaram a máquina infernal. Ele explicou que se tratou de um "desvio ultra-esquerdista [...], ato de desespero"[43]. Um ex-membro do comitê central emigrado para Israel, Petür Semerjeev, que teve acesso aos arquivos de polícia na Bulgária, apresenta uma versão diferente. Segundo ele, a decisão foi tomada em Viena por Georgi Dimitrov no começo do ano de 1925, transmitida oralmente a Stanke Dimitrov, chamado de Marek, importante dirigente que, em pessoa, comunicou ao comitê central em março. A versão do emigrado não difere muito do testemunho dado por Aino Kuusinen, de que todo o mundo sabia na Comintern que a responsabilidade deste atentado cabia a Georgi Dimitrov[44]. Ele diz ter encontrado todas estas informações nas confissões feitas à polícia pela responsável do BKP, Tsolia Dragoicheva, que foi igualmente condenada à morte, mas foi salva devido ao fato de que estava grávida e, na seqüência, agraciada. Ela foi membro do birô político de 1944 a 1946 e de 1976 até sua aposentadoria, em 1984. Ela publicou, em 1980, memórias que dão muitas informações sobre a organização militar do BKP, mas não menciona o caso do atentado da catedral.

Arkadi Vaksberg, que teve amplo acesso a fontes sérias, mas infelizmente não as cita nunca, acusa diretamente os serviços soviéticos, pois ele escreve que "a dinamitação da catedral de Sofia no momento em que o rei da Bulgária e todo o corpo do governo se encontravam dentro" faz parte das "numerosas ações organizadas e realizadas pelos agentes [da Tcheka] colocados sob a direção de Trilisser". É uma pena que nenhum "explorador de arquivos" tenha colocado a mão em tais documentos, provavelmente marcados com o selo *Sekretno*.

Uma repressão à faca

A repressão foi feroz, "à faca", escreve Victor Serge. Parece bem que Friedman fora somente designado como culpável pelos policiais porque ele fora o único comunista importante que lhes havia escapado – por pouco, aliás – e que depois eles conseguiram apanhar. As cifras oficiais indicam 3.557 pessoas presas, dentre elas 300 condenadas à morte.

43. G. Dimitrov, *Selected Speeches and articles*, p. 202-203 e L. Wishart, *Politicheski otchet na RSK na BRP(k) pred V Kongres na bVRP(k)*, 1948, p. 28.

44. Aino Kuusinen, *op. cit.*, p. 85.

A oposição fala de cinco mil execuções, e não se leva em consideração aqui os assassinatos e os desaparecimentos, dentre eles Tsankov admite que houvera 47 deputados e centenas de professores. Evocando a emoção internacional perante a execução de Francisco Ferrer, 16 anos antes, e a quase indiferença geral perante o enforcamento de Marko Friedman que, diz ele, não era "menos inocente" que o outro, Victor Serge medita sobre os problemas de fundo: "Cuidemos para não perdermos o costume de sofrer duramente quando tombam camaradas. O proletariado internacional precisa de uma sensibilidade ardente para estofar, para apaixonar sua solidariedade, sagrada porque necessária."[45] Seguem frases que mostram que o comentador aperta o isolamento dos comunistas mas não obtêm como conclusão nem mesmo uma verdadeira explicação:

> Friedman é maior que Ferrer pela clareza de sua consciência de classe. Ele morre no silêncio de milhões de espectadores porque uma classe inteira, internacional, sente-se ameaçada por homens de sua cepa. Ninguém na burguesia, ninguém nas classes médias superiores, que fazem cortejo com a burguesia, não poderia culpar os carrascos de Sofia sem trair as classes possuidoras. [...] Bem. Nossos mortos, nós os choraremos, nós os enterraremos, nós os vingaremos, sozinhos. A emancipação dos trabalhadores será obra somente dos próprios trabalhadores.[46]

Contudo, a questão da influência do terrorismo cego sob a consciência de classe está feita, e resta que seu emprego era contrário a todas as tradições de luta operária coletiva, desde um século, e parecia até então incompatível com a própria idéia comunista.

A Insurreição de Java, um partido dividido

O PC indonésio, o PKI, resolveu seus problemas com o *Sarekat Islam* com a cisão deste último. Ele retomou relações privilegiadas com o *Rajkat Islam*, nascido desta cisão, que ele controla de fato e que constitui, de certa forma, para ele um Guomindang onírico: um autêntico partido nacionalista de massa controlado por uma fração, solidamente organizada, de comunistas. Ele tem uma base camponesa ardente. O V *Plenum*, em 1924, aconselhou os comunistas a separar bem as organizações do PKI das do *Rajkat Islam*, sempre continuando a fazer aderirem a ele seus militantes e conservando a direção[47]. Em 1925, o PKI realiza grandes progressos no seio da ínfima classe operária num trabalho realizado em ligação com a Profintern, cujo secretariado se instalou em Surabaia. Os marinheiros, estivadores e operários dos transportes se organizam. Os das *plantations* começam a fazê-lo: há 35 mil operários sindicalizados em agosto de 1925.

45. R. Albert (Victor Serge), "Trois pendus", In: *Corr. Int.*, n. 62, 17 de junho de 1925, p. 516.

46. R. Albert (Victor Serge), *loc. cit.*

47. A. B. Reznikov, *Comintern and the East*, p. 112 e Joop Mörrien, colóquio de Amsterdã, p. 6.

O PKI pensa numa insurreição e seu CC a discute em 25 de dezembro de 1925, em Prambanan. O princípio é decidido. De fato, o PKI e o *Rajkat Islam* são apanhados pelo pescoço ao passo que as autoridades coloniais procuram um terreno de acordo com o *Sarekat Islam*. O levante é um sobressalto para sobreviver. Dois delegados do PKI, Musso e Alimin, partem oficialmente para encontrar Tan Malakka, que se instalou nas Filipinas. Ele vai lhes esperar muito tempo em Singapura, onde deveria se dar o encontro. Eles continuaram sua viagem em direção a Moscou, onde chegam em junho ou julho de 1926. A historiadora Ruth McVey tem a candura de acreditar num único testemunho[48] sobre os encorajamentos que os delegados indonésios teriam recebido de Zinoviev para seu plano.

O PKI está, na verdade, profundamente dividido e é uma autorização ou uma proibição que os dois dirigentes vão buscar em Moscou, onde ficarão retidos por meses a fio para uma "formação teórica" que parece ter tido como objetivo afastarem-nos do "trotskismo". A verdade é que Tan Malakka é categoricamente oposto a um projeto que, nas condições gerais do país e nas condições específicas do partido, não poderia ser outra coisa, segundo ele, que um *putsch* em que os comunistas agirão sem as massas, em seu nome. Ele recusou dar seu aval ao projeto, pois pensa que a revolução vem ao termo da ação das massas sobre todas as formas. Ele reprova, além disso, os camaradas que o convocaram a Singapura de terem dissimulado sua posição no partido e de esperar dele não uma participação no debate sobre a insurreição, mas uma diligência em Moscou para apoiar uma decisão já tomada.

Um Executivo oscilante

Em Moscou, a discussão ocorre na Comissão do Oriente e o mínimo que podemos dizer é que Roy e Murphy levantam numerosas objeções, sem se oporem verdadeiramente de frente. A conclusão é uma resolução do *Presidium* que dá ao partido a tarefa de "derrubar a tirania imperialista e feudal, de estabelecer um governo dos explorados sob a forma de uma república popular, de formar um governo nacional-revolucionário e de garantir a hegemonia do proletariado" neste bloco[49]. Joop Morriën observa com muita justeza[50] que nada é dito sobre os meios, mas que o programa da Comintern não conhece outro meio que a insurreição armada. Imediatamente depois, os dois emissários dão, de uma maneira ou de outra, o sinal verde a seus camaradas, que decidem a insurreição na Conferência de Soro. Eles são presos no caminho de volta, em Singapura e, depois de sua libertação, só restará a eles voltar para Moscou.

48. R. McVey, *The Rise of Indonesian Communism –up to 1927*, p. 337.

49. A. B. Reznikov, *op. cit.*, p. 130 e Mörrien, colóquio de Amsterdã, p. 9.

50. J. Morriën, *Indonesië los van Holland*, p. 57.

Uma insurreição desastrosa

Em 13 de novembro de 1926, com efeito, grupos armados – vestidos de branco para mostrar que estão entregues à morte, escreve *Inprekorr*[51] – atacam em Batávia o palácio do governador, as prisões e as casernas. A luta armada começa e se espalha, em Surabaia, no interior de Java, depois em Sumatra. Um manifesto do Executivo da Comintern, datado de 21 de novembro de 1926, dá seu caução ao movimento insurrecional: "Sob a hegemonia do proletariado, uma unidade de frente para a libertação do país da dominação imperialista foi constituída. Esse exército revolucionário unificado compreende a maioria esmagadora da população, proletariado, campesinato, intelectuais e pequena-burguesia." O manifesto assinala a proibição e a repressão que atingem o PKI e o *Rajkat Islam* e garante que "a onda crescente das massas revoltadas não pode ser repelida". Depois, retomando o tom de epopéia, proclama:

> A Internacional Comunista saúda do fundo de seu coração a luta revolucionária da Indonésia e a apóia completamente. [...] Povos oprimidos do mundo! Os indonésios insurgentes são sua vanguarda e eles proclamam sua vontade de liberdade como todos vocês. Façam tudo que está ao seu alcance para apoiar seu combate! Abaixo o terror imperialista! Viva a frente única antiimperialista dos operários e dos povos oprimidos do mundo! Viva o povo livre da Indonésia![52]

Com certeza, a "revolução" de que se trata para a Comintern na Indonésia é então uma revolução de tipo chinesa, revolução nacional-democrática feita por um "bloco" de classes. Porém, a realidade é outra: não se trata de uma "política direitista". De todo modo, a insurreição em Java pode conduzir somente a repressão rápida mais feroz. Ela é esmagada em algumas horas em Batávia, arrasta-se por algumas semanas na região de Surabaia antes de se extinguir. O PKI é proibido, há 13 mil detidos, 4.500 prisões e 1.308 internamentos[53] nos terríveis campos de concentração, na Nova Guiné Ocidental, de onde poucos retornam.

Em 1928, no VI Congresso da Comintern, o delegado indonésio, Darsono, que toma a palavra sob o nome de Samin, diz que o PC contava com na época nove mil membros e o *Sarekat Rakjat*, cem mil. A respeito da insurreição, ele acrescenta: "O plano era organizar uma greve geral de ferroviários que deveria ser o ponto de partida de um levante em Sumatra e Java. Mas este plano não pode ser realizado direito porque os camaradas experientes foram todos presos. [...] Em Batávia, os insurgentes tentaram tomar de assalto a prisão, mas foram repelidos. Durante algumas horas, eles ocupam a central telefônica. Na capital, o movimento não durou mais que uma semana."[54]

---

51. G. Vanter, "L'insurrection à Java", In: *Corr. Int.*, n. 128, 28 de novembro de 1926, p. 1569.
52. "Manifeste de l'exécutif de l'IC sur les événements en Indonésie", In: *ibidem*, p. 1560.
53. R. McVey, *op. cit.*, p. 353.
54. *Inprekorr*, p. 1245-1246

O órgão do PC holandês, *De Tribune*, não devia imaginar que estava no rumo certo da história quando escreveu: "Que os valentes combatentes que acabam de desfraldar a bandeira da insurreição ajam como as alcouceiras contra o regime de terror de Alba [alusão à luta dos Países Baixos e das mulheres do povo contra a Espanha – o Duque de Alba – e por sua independência]. Que suas balas lhes atinjam em cheio o coração! Que os combatentes consigam caçar os carrascos holandeses que, sob a máscara da cristandade, sacrificam tudo a seu Deus único, Mammon*."[55] Semelhantes declarações servem somente para evidenciar o isolamento de seus autores. Assim falava a Comintern...

Centralização internacional

Deste modo, a centralização internacional rigorosa – que não é de forma alguma o "centralismo democrático", que, por sua vez, implica uma consulta democrática precedente à exigência da disciplina – impôs-se tanto pelos princípios novos inerentes à pretensa "bolchevização" quanto pela necessidade de melhor disciplinar as iniciativas intempestivas. Grant Adibekov e Eleonora Chakhnazarova escrevem:

> A autoridade da Comintern foi consideravelmente aumentada. Ela recebe o direito de destituir ou de modificar as decisões dos organismos centrais e também dos congressos das seções e de adotar decisões obrigatórias. Os órgãos centrais das seções da Comintern eram agora subordinados tanto a seus congressos quanto ao Executivo, e o CEIC recebia o direito de confirmar os documentos programáticos das seções. Segundo os novos estatutos, os congressos não deviam ser reunidos num espaço menor de tempo que de dois em dois anos, o que aumentava a influência do *Presidium*, do Birô de Organização e do Secretariado. O número de membros do CEIC aumentou de 37 para 72.[56]

Isso se traduz pela construção de um verdadeiro aparato internacional, a partir de 1926, e pelo seu aperfeiçoamento contínuo, bem resumidos pelos trabalhos de Peter Huber como pelos de Brigitte Studer. Em 1926, este aparato contava com 346 funcionários e seu centro estava em Moscou. De seu primeiro período, a Comintern herdara diversos organismos técnicos: o Departamento dos Negócios, encarregado de todas as questões orçamentárias e financeiras; o OMS, encarregado das relações internacionais e, por conseqüência, em grande parte das relações clandestinas entre o centro e as seções e cujo um dos dirigentes, Sirotinsky, que pertence ao GPU. Eis dois organismos importantíssimos,

---

* Personificação da riqueza nos textos bíblicos: "Ninguém pode servir a dois senhores, pois sempre amará um e odiará o outro. Não se pode servir ao mesmo tempo a Deus e a Mammon", Mateus 6:24. [N. do T.]
55. Citado por *Corr. Int.*, n. 129, 1° de dezembro de 1926, p. 576.
56. G. Adibekov e E. Chakhnazarova, "Reconstructions of the Comintern organizational structure", In: *The International Newsletter of Historical Studies on Comintern, Communism and Socialism*, p. 27-34, aqui p. 28.

estritamente controlados pela direção. Em 1926, o primeiro emprega 97 pessoas e o segundo, 33. Os organismos de direção designados pelo *Presidium* são conformes ao modelo do partido soviético: são o *Presidium*, o Birô de Organização (*Orgburo*), até 1926, e o Secretariado, que se torna, em 1927, o Secretariado Político. O *Presidium* tem cada vez mais poderes, que desembocam em definitivo no Secretariado. Os grandes partidos estão cada vez mais estreitamente submetidos aos organismos dirigente da Comintern, na ocorrência, forçosamente, à direção russa.

Duas comissões auxiliam o Secretariado, a "pequena comissão", ou ainda, "comissão restrita", e a "comissão permanente", que se ocupa dos recursos humanos. Peter Huber aponta que, em 1929, visando à depuração do aparato, é a comissão restrita que designa uma comissão formada por Piatnitsky, Vassiliev, Mirov (Birô das Células), Heimo e Abramov. O trabalho é, em seguida, organizado nos departamentos, criados uns atrás dos outros – indicamos entre parênteses o número de pessoas que trabalham neles –: o de Organização (16), que retoma o trabalho corrente do *Orgburo*, o de *Agit-prop* (18), dirigido por Bela Kun, que retornou em 1924 e controla a imprensa do conjunto das seções, os departamentos de Informação (27), e das Edições (63), os do Oriente (33), das Mulheres (seis), das Cooperativas (oito), o Secretariado da KIM, a Internacional dos Jovens Comunistas (29), e o do Executivo (17). A partir de 1928, há onze [oito?] secretariados regionais: Europa central, Bálcãs, Anglo-Saxão, Escandinavo, Latino, Latino-Americano, Polaco-Báltico, Oriental[57]. As estatísticas fornecidas por Peter Huber mostram que há 45,4% de soviéticos nesse aparato, 17,6% de alemães, 6% de franceses, 4,2% de britânicos, 4,2% de suíços, 3,7% de húngaros, 3,2% de norte-americanos e 2,3% de poloneses. Numa comunicação interessantíssima no congresso dos historiadores de Montreal, em 1995, a historiadora suíça Brigitte Studer sublinhou as duas principais conseqüências daquilo que alguns chamaram de "russificação" da Comintern. A primeira é a concentração crescente de poder na cúpula, e, a segunda, a passagem do poder dos organismos públicos aos organismos secretos, com o papel do GPU que é utilizado a todo momento, mas que não aparece diretamente nos documentos que nos são abertos. Eis aí as duas principais características do stalinismo.

O abandono da política de frente única

É no V Congresso, ao longo da "bolchevização", que a Comintern, dizendo-se combater o oportunismo, condenou definitivamente de fato a política da frente única operária elaborada e adotada depois da derrota da Ação de Março sob a impulsão de Lenin. Contudo, Radek apresentou uma notável defesa e ilustração: "O sentido de nossa tática de frente única repousa no fato de que nós somos real e fielmente prontos a caminhar juntos com todo o partido operário que quer lutar, uma caminhada que esse último queira fazer

57. RTsKhIDNI, 495/3/79/430-431

conosco."[58] Respondendo a Bukharin, que se espanta que nada indica nessa concepção o momento onde se "desmascarará" os dirigentes da social-democracia, ele precisa: "Nossos discursos sobre 'desmascarar' fazem com que seja mais difícil que a social-democracia se desmascare. Eles permitem que se diga: os comunistas não querem uma frente comum, eles fazem somente manobras táticas. E os operários traduzem esse grego em termos muito simples: picuinhas entre partidos."[59] Ele alerta para o perigo que se consiste em esquecer que é preciso, ao menos na Europa ocidental, propor fórmulas de transição em direção à ditadura do proletariado e caçoa daqueles que empregam pseudônimos e dizem justamente que se trata de um pseudônimo!

O V Congresso adota a formulação de Zinoviev sobre o "governo operário e camponês" como pseudônimo da ditadura do proletariado e garante que somente o levante armado pode lhe dar à luz. A "bolchevização" se traduz assim desde o começo pelo abandono do patrimônio teórico por que, no fim da vida de Lenin, os comunistas tentaram tirar as lições de seus primeiros fracassos. Assim como no domínio do regime interior do partido, este nosso começo é uma regressão.

58. *Protokoll des V. Kongress*, 1, p. 173.

59. *Ibidem*, p. 175.

O sonho sindical

"Eventos gigantescos estão sendo preparados na Grã-Bretanha"[1]. Tal é o título de um chamado do Executivo da Internacional Comunista publicado em 1° de maio de 1926, por *Inprekorr*, o órgão de imprensa da Comintern. O texto lembra que a "crise britânica" e sua ligação com o problema do carvão e das minas, descreve o enfrentamento inevitável entre o império em decadência e o movimento operário em plena ascensão, que termina por vigorosas exortações: "Viva a Internacional do proletariado mundial! Viva a classe operária inglesa, a vitória dos mineradores britânicos, a frente única da classe operária do mundo inteiro!"[2].

O manifesto da Comintern

Uma semana mais tarde, um manifesto modificado repete e acentua os avisos pré-citados:

> A importância deste conflito para a Grã-Bretanha é imensa. [...] A vitória ou a derrota dos mineradores significa a vitória ou a derrota do conjunto do movimento operário britânico. A greve dos mineradores significa a greve geral e a greve geral não pode permanecer uma greve econômica, ela se transformará imediatamente em luta política. Não serão somente os mineradores que se oporão aos magnatas das minas, mas o proletariado à burguesia, classe contra classe. E neste conflito entre a classe operária e a burguesia, esta mobilizará naturalmente seu governo e toda a potência do Estado. [...] A luta pelos salários, pela duração e

1. "Des événements gigantesques se préparent en Grande-Bretagne", In: *Corr. Int.*, n. 56, 1° de maio de 1926.
2. *Ibidem*.

pelas condições de trabalho, conseqüência da brutalidade da burguesia e de seu governo, colocam cada vez mais claramente perante a classe operária a questão do poder.

O Executivo da Internacional Comunista dá em seguida sua análise das relações no nível das direções do movimento operário:

O Movimento Nacional Minoritário e o Partido Comunista Britânico mostraram-se dignos da situação. Eles chamaram os operários à resistência, tentaram organizar a luta e lançaram a palavra de ordem de unidade de luta do movimento sindical na Grã-Bretanha e nos marcos internacionais. Contudo, o Movimento Minoritário e o Partido Comunista não podem conduzir a lutar sozinhos [...] A vitória só será alcançada se o conjunto do movimento operário britânico se colocar na linha de combate e se todos os sindicatos, inclusive o conselho geral do Congresso dos Sindicatos (TUC) inglês, entrarem em luta.
A Internacional Comunista está convencida de que, se o conselho geral do TUC britânico se colocar à frente do movimento, todo o movimento internacional demonstrará pelas ações sua solidariedade. Se o conselho geral fugir da batalha e tomar o caminho do compromisso nefasto, ele o incumbirá de uma grande responsabilidade histórica.

Depois de ter afirmado que "somente a união do proletariado internacional, somente a edificação dos Estados Unidos Socialistas da Europa trarão uma verdadeira solução para o proletariado", o manifesto convoca "os operários de todos os países a uma luta de solidariedade" e a se prepararem a um vasto plano de ações neste sentido[3]. O leitor fica sedento para saber se o que se prepara na Grã-Bretanha é uma revolução ou somente um grande conflito de classes que se delineia no horizonte.

Um enfrentamento de classes

A greve geral, a primeira da história britânica, que começou em 4 de maio de 1926 foi, com efeito, um gigantesco enfrentamento entre as classes. O comunista britânico R. Palme Dutt escrevia no dia seguinte de seu começo:

Quatro milhões de operários, as forças organizadas de toda a classe operária inglesa que constitui a maioria esmagadora da população estão em luta contra todo aparato de Estado e da classe capitalista no poder. De um lado, todas as "ligas cívicas", as forças militares e policiais mobilizadas pelo governo. De outro, as organizações proletárias com a solidariedade e a disciplina de uma classe que sabe que pode se defender enquanto classe somente por sua potência. Dos dois lados, damo-nos conta de que se trata de uma luta que só pode se resolver pela força.

3. "Manifeste", 8 de maio de 1926, In: *Corr. Int.*, n. 58, p. 571.

O mesmo autor sublinhava igualmente que era a burguesia britânica que falava de revolução e se preparava para a guerra civil:

O governo [...] declara a guerra engajada entre o sistema soviético e o sistema parlamentar. Compara-se a situação atual com a de agosto de 1914 ou com a guerra civil. O *Times* declara que "a situação atual constitui a mais séria ameaça desde a queda dos Stuarts". O *Daily Telegraph* declara que se trata de uma luta para o poder e que a greve geral é a guerra civil. Na Câmara dos Comuns, Baldwin declara – ao longo da discussão do 3 de maio: "O governo foi provocado por um outro governo. Encontramo-nos atualmente mais próximo da guerra civil que não estivemos desde séculos. Não são os salários que estão ameaçados, mas a liberdade da Constituição".[4]

Não encontramos declarações de revolução do lado do Partido Comunista Britânico. Pelo contrário. Em 30 de abril de 1926, na véspera do começo da greve geral, um de seus dirigentes, J. T. Murphy, sublinha no *Worker's Weekly* que aqueles que dirigem o movimento não têm perspectiva revolucionária e que recuarão rapidamente, apavorados, caso tenham. Aqueles dentre eles que estão decididos a não recuar são, por outro lado, incapazes de conceber uma ofensiva, "totalmente incapazes", escreve ele, "de avançar para aceitar todas as implicações de um desafio ao Estado da classe operária unida". Ele conclui que seria maluco "ser animado por idéias exageradas sobre as possibilidades revolucionárias desta crise e das visões de uma nova direção "surgindo espontaneamente na luta"[5].

É preciso voltar um pouco para compreender porque e em que condições gerais e particulares se desenvolveu o conflito que conduziu a Comintern à frente de uma nova grande prova da luta de classes, a primeira desde o Outubro alemão, de 1923.

A pré-história da greve geral

São as minas e os mineradores de carvão que constituem o centro do conflito. Uma longa exploração deixou-as velhas, tanto em sua estrutura econômica – sua dispersão entre numerosos pequenos proprietários – quanto em seus equipamentos. Os mineradores, os primeiros conscientes da necessidade de modernizá-las, reivindicam sua nacionalização desde o fim da guerra. Conscientes da importância do que está em jogo, concluíram aquilo que foi chamado de a tríplice aliança entre o sindicato dos ferroviários e o dos transportes, dirigidos respectivamente por Thomas e Bevin, porém estes dois últimos, na famosa jornada da *Black Friday*, a sexta-feira negra, 15 de abril de 1921, quebraram seus compromissos para com eles.

4. R. Palme Dutt, "La première grève générale en Grande-Bretagne", In: *Corr. Int.*, n. 59, 12 de maio de 1926, p. 580.

5. J. T. Murphy, *Worker's Daily*, 30 de abril de 1926.

Em 1925, o patronado mineiro tentou a prova de força com uma importante baixa dos salários. O sindicato dos mineradores obteve sobre este ponto o apoio do *Trade-Unions Congress*, o TUC, e de sua direção reformista. Finalmente, o governo conservador de Stanley Baldwin – que não se sentia capaz de enfrentar a frente sindical – decidiu, em 31 de julho de 1925, a *Red Friday*, a sexta-feira vermelha, ganhar tempo ao conceder aos mineradores uma indenização compensando sua perda salarial, ao esperar as conclusões de uma comissão presidida por Herbert Samuel, encarregado de estudar a situação na indústria mineradora. A indenização é prevista até o dia 1° de maio de 1926, o relatório da comissão iria permitir posteriormente determinar uma nova política. De fato, o governo Baldwin comprou um prazo e ganhou um sursis. Ele pôde dispor do tempo necessário para uma preparação séria da prova de força com os sindicatos.

O governo se prepara contra a greve geral

O governo – seus membros mais reacionários, particularmente Winston Churchill, ministro das Finanças, e o ministro do Interior, William Joynson-Hicks, comumente chamado de Jix – começou imediatamente a preparação da luta contra a greve geral, constituindo sob sua autoridade direta comissões especiais para fazer frente, em todos os domínios, à eventualidade de uma greve geral; dispondo para tal de crédito importantíssimos, dividindo o país em seis distritos com seus próprios QGs e estados-maiores, sistemas de comunicação e de transportes e pessoal permanente de urgência. Em seu relatório de outubro de 1925, citado pelo historiador Patrick Renshaw, o ministro do Interior se mostra já bem otimista com essas realizações. O historiador o resume:

> Os seis distritos tinham sues próprios QGs e estados-maiores [...]. Reuniões destes últimos ocorreram e os comissários civis passaram um tempo nas zonas que lhes foram indicadas. Nomearam-se quatro quintos de mão-de-obra de urgência e estava-se muito próximo de concluir o último quinto. Nas conferências bimensais, funcionários de diversos ministérios trabalharam sobre os detalhes como as melhores rotas de urgência para o abastecimento e os transportes, a repartição dos voluntários qualificados para ocupar os postos-chaves nas centrais elétricas e a segurança das armas e dos explosivos. Eles tinham muitos veículos motorizados; os estoques de combustível estavam bons e os estoques alimentares mais que adequados. Em fevereiro de 1926, Jix poderia dizer ao governo que "faltava pouca coisa a ser feita para se encarregar de uma possível greve geral".[6]

Eram medidas formais, mais ou menos mantidas secretas. Outras, por outro lado, iriam gozar de uma grande publicidade. Assim, a *Organization for the Maintenance of Supplies* (Organização para a Manutenção do Fornecimento), oficiosa, mas patrocinada

6 P. Renshaw, *The General Strike*, p. 130.

por grandes personagens como o ex-vice-rei das Índias, lorde Hardinge, e o ex-almirante da frota do Báltico, lorde Jellicoe. Destinado oficialmente a garantir a manutenção de todos os serviços públicos – abastecimento, água, luz, energia, transporte e, com certeza, "a lei e a ordem" –, ela permitia alimentar de homens a operação destinada a romper a greve. Os voluntários entravam na qualidade de policiais auxiliares, auxiliares da função pública, funcionários públicos, mensageiros, motoristas de automóveis, de caminhões, até mesmo condutores de trens ou de bondes.

Eles deviam ser formados e treinados, mas, neste nível, os resultados foram medíocres, pois numerosos entre eles, com relação às tarefas manuais e técnicas em que eles eram necessários, era somente pés tenros cujo endurecimento custaria meses. A população trabalhadora falava com muita ironia destas pessoas que estavam, dizia-se, dispostas enfim a trabalhar, pela primeira na vida. O governo teve a seu propósito inquietudes perante as veleidades locais ou regionais de independência: estava combinado que, em caso de utilização oficial, eles deveriam ser diretamente religados ao ministro do Interior. Houve protestos contra o uso, por estes voluntários, de dependências públicas, como a Hampstead Town Hall, em Londres, onde as autoridades foram interpeladas a respeito de assuntos deste gênero, notadamente pelo *Daily Herald* trabalhista. De fato, o controle do ministro do Interior sobre estes grupos estava longe de ser total.

Entre a *Red Friday* e o começo da greve – um espaço de nove meses –, a OMS recrutou aproximadamente cem mil voluntários, cuja maioria pertencia às classes médias e aos "trabalhadores de colarinho postiço", e um número bastante elevado de estudantes, que não eram muito habilidosos quando descarregavam os barcos no lugar dos estivadores, para não falar da condução dos trens, para que eram vistos principalmente... engenheiros. Ela atraía também numerosos membros de grupos fascistas, que já tinham se mostrado por ataques contra as dependências e os responsáveis comunistas: seu engajamento em massa provocou reações diversas. Durante a greve geral, eles se fundiram nas fileiras da organização governamental antigreve e tomaram parte na repartição dos fornecimentos às populações.

O *National Minority Movement*

Fundado no momento em que os comunistas acreditavam num desenvolvimento rápido e em sucessos próximos da revolução mundial, a Profintern, a Internacional Sindical Vermelha, não conhecera os sucessos esperados. Não obstante, representava, em 1923, uma força de idéias e de influência dispondo de grandes meios materiais. Sua fusão na Grã-Bretanha com o movimento operário industrial dos *Shop Stewards* e dos comitês de operários deram à luz uma formação original, sem equivalentes alhures, o *National Minority Movement*, o Movimento Nacional Minoritário.

A Profintern era dirigida na época por uma equipe internacional que tinha a confiança ou, ao menos a estima, de numerosos sindicalistas de esquerda; seu secretário geral

Lozovsky, um russo que militara na França, seus secretários Mikhail P. Tomsky, secretário dos sindicatos russos, e o catalão Andreu Nin, ex-secretário da CNT na Espanha. Ela tinha se ramificado, criando no mundo quatro birôs estrangeiros semiclandestinos, o Birô Central Europeu, em Berlim; o Birô Latino em Paris; o Birô Balcânico na Bulgária e o Birô Britânico (*British Bureau*) em Londres. Este último, animado por John T. Murphy, financiado por Moscou, era então somente uma pequena engrenagem deste aparato mundial. Talvez favorecido pelo fato de que o *Labour* recusara a adesão dos comunistas, que foram assim empurrados para os sindicatos, ele consegue organizar, nele e ao redor dele, no impulso geral da atração da revolução russa, o que restava da ala militante do movimento dos *Shop Stewards* e dos *Workers Committees*, organizados, para aqueles que não tinham se juntado ao CPGB, em comitês locais sob a autoridade de um comitê de ação nacional, o NAC.

Em 1921, deu-se a aliança entre o NAC e o CPGB, desembocando na constituição do *National Worker's Committees Movement*. Ao mesmo tempo, o *British Bureau* chamava os sindicatos a se ligarem à Profintern e a romperem com a Internacional amarela de Amsterdã, e começava através dessa campanha a exercer uma real influência. É a fusão dessas duas organizações próximas, mas com origens diferentes, que dará nascimento ao *National Minority Movement* como expressão, ao mesmo tempo em que órgão de frente única nos sindicatos. Os comunistas britânicos, que tinham sido, até então, uma pequena seita, lançaram-se nele com entusiasmo, como Lozovsky o explicou aos delegados do IV Congresso da Comintern: "Compreendemos perfeitamente que seria um desastre se o partido se contentasse em organizar suas forças somente nas pequenas células de nosso partido. É preciso que nossos grupos comunistas tornem-se um ponto de cristalização que concentrará todos os elementos de oposição."[7]

No começo de 1923, depois de uma investigação conduzida no local por um dos "especialistas" da Comintern, Borodin, a fim de determinar as causas do fracasso dos comunistas em suas tentativas de implantação no seio dos sindicatos, duas conferências sucessivas conseguem definir as funções do *British Bureau*. Trata-se não de organizar sindicatos revolucionários independentes ou de fazer a cisão ao fazer partirem os elementos revolucionários das organizações existentes afiliadas ao TUC [...], mas de converter a minoria revolucionária em cada fábrica em uma maioria revolucionária."[8] Nesta linha, os progressos foram estonteantes no setor operário mais ameaçado e mais combativo: depois de diversos fracassos, uma conferência nacional lança o *Miner's Minority Movement* e o publica o jornal *Miner's Weekly*. No intervalo, o NMM obteve um grande sucesso, pois um dos seus, Arthur J. Cook, um ex-membro do CPGB, que continuou simpatizante, agitador algo instável, mas grande orador dotado de um grande carisma, foi eleito secretário da federação dos sindicatos dos mineradores.

Os progressos, contudo, são ainda lentos quando se reúne finalmente em 24 de

7. 4[th] *Congress*, p. 226-227.

8. R. Martin, *Communism & the British Trade-Unions 1924-1933*, p. 29.

agosto de 1924, no Memorial Hall de Londres, a conferência nacional dos movimentos minoritários, 270 delegados representando 200 mil sindicalizados, que decidiram criar uma organização nacional agrupando as minorias dentro dos sindicatos. Tom Mann é seu porta-estandarte. O jovem ferroviário Harry Wicks tomou parte e saúda neste movimento "os esforços da base, um desenvolvimento espontâneo e não somente por instigação do Partido Comunista [...], uma espécie de retorno da base com as velhas idéias sindicalistas que não pararam de existir na Grã-Bretanha desde mais ou menos 1910."[9] O movimento assim criado não tinha suficientemente recursos com relação ao número de seus membros para se dotar de uma estrutura burocrática, como o afirmam alguns comentadores que acreditam, aliás, ver no "centralismo democrático" uma estrutura burocrática por definição. Mais importante para sua história é o vínculo orgânico que ele tem com o CPGB e a Comintern, via Profintern, e, notadamente, mas não somente, sua dependência financeira para com elas.

Roderick Martin, um dos melhores historiadores do NMM, coloca ênfase sobre o papel de seu secretário geral, Harry Pollitt, um ex-caldeireiro, membro do CPGB em 1920, e muito apreciado. Ao seu lado, "mais eminente", escreve ele, "mas menos importante", o veterano Tom Mann, figura de proa do movimento. O terceiro homem, Murphy, vem dos *Shop Stewards* e junta-se ao movimento comunista em Moscou. Com estes dirigentes trabalham três outros permanentes em tempo pleno: Nat Watkins nos mineradores; George Hardy, marinheiro, nos transportes; Wal Hannington entre os metalúrgicos. Nas organizações sindicais propriamente ditas, outros homens, mais jovens, trabalham o terreno: Arthur Horner entre os mineradores; William C. Loeber entre os ferroviários; o metalúrgico Jack Tanner, que não é membro do CPGB. Eles são bem representativos dos quadros do NMM, dirigentes de algum modo naturais de sua classe, aparecidos nas lutas, treinadores de homens que trabalham com confiança.

Em 1924, a ausência no conselho geral dos responsáveis sindicais mais direitistas, que se tornaram ministros no primeiro governo do *Labour* dirigido por James Ramsay MacDonald, abriu a porta aos dirigentes que se reivindicam "de esquerda". Alonzo (Lon) Swales, seu novo presidente, A. A. Purcell, George Hicks, falam com gosto de mudar as estruturas capitalistas e construir um Estado operário, dizem-se partidários da unidade sindicam internacional com os russos e têm simpatia pelo NMM. Eles se apóiam no seio da Internacional Sindical de Amsterdã, na corrente de esquerda que se delineou com seu ex-presidente; o holandês Edo Fimmen, que dirige a Internacional dos Operários dos Transportes, e que condena o nacionalismo, o reformismo e a colaboração de classes e quer a colaboração com os sindicatos russos. O NMM aproveita desta conjuntura. Duzentas e setenta e uma organizações estão filiadas a ele em 1924; 443 em agosto de 1925; 547 em março de 1926, com cinco sindicatos nacionais e nove comitês de distrito. As cifras oficiais passam, entre 1924 e 1926, de 200 mil a 954 mil, um total inflado pelo método de contagem, um mesmo sindicalizado podendo ser contado três vezes. Os bastiões do NMM

9. H. Wicks, *Keeping my Head*, p. 51.

estão entre os mineradores, na metalurgia e, num grau menor, nos transportes. Dispersados geograficamente, eles estão em Londres, entre os mineradores de Gales do Sul e da Escócia, os metalúrgicos do Clyde, de Glasgow, Sheffield, Bradford, Birmingham. Os mineradores tomaram posição pela adesão da TUC à Profintern.

No plano dos sindicatos, os progressos foram espetaculares entre os ferroviários e os metalúrgicos, mesmo que num nível mais baixo que entre os mineradores e entre os estivadores. O NMM tem posições sólidas e algumas vezes dominantes nos *trades-councils* (uniões locais), nas grandes cidades como Londres, Manchester, Sheffield, Coventry, Birmingham, Leeds e numerosas cidades operárias, mais de 50 dentre elas enviaram delegados à conferência do NMM de 1926, o *London Trade-Council*, sendo oficialmente aderente ao NMM durante cinco meses depois de junho de 1925 e aplicando até os dias que se seguiram à greve geral sua orientação.

Estes sucessos do NMM, entre 1924 e 1926, eram incontestavelmente encorajadores e tanto os dirigentes da Profintern como os da Comintern estavam certos ao considerá-los como sinais de "radicalização" da classe operária britânica, que eles desejavam conquistar. O movimento minoritário não era, contudo, a única carta nas mãos da Comintern, e é preciso agora se debruçar sobre as relações com os sindicatos soviéticos e a questão da unidade sindical internacional, que dominaram o período de 1924-1926.

Diplomacia sindical internacional

Fora Khristian Rakovsky, então embaixador em Londres, quem selou uma reaproximação com os dirigentes da esquerda dos sindicatos britânicos. A. A. Purcell e seus amigos o ajudaram seriamente a arrancar do governo Ramsay MacDonald o tratado anglo-russo, em agosto de 1924. O conselho geral do TUC apoiou sua ação e fez campanha para a ratificação de um tratado que ele estimava favorável aos interesses econômicos dos trabalhadores britânicos. Foi assim que a direção dos sindicatos britânicos entrou na linha das preocupações da diplomacia soviética. Em janeiro de 1925, Rakovsky declararia numa conferência em Moscou que essas negociações permitiram estabelecer relações estreitas entre a diplomacia soviética e os sindicalistas e trabalhistas de esquerda, o que ele considerava uma "aquisição importante no balanço político dos soviéticos em 1924", que permitia "agüentar um Ramsay MacDonald"[10].

Aparentemente, a idéia nascera na Comintern de uma nova política na Grã-Bretanha, passando pelo abandono a seu destino do grupuscular CPGB. Zinoviev o diz claramente quando do IV Congresso, ao longo da discussão sobre os sindicatos, em que ele deixou entrever a possibilidade de abrir "uma outra porta"[11] em direção ao poder na Grã-Bretanha que não a do CPGB – o que lhe custou, aliás, uma severa interpelação de Trotsky

10. *Times*, 30 de janeiro de 1925.

11. *IVe Congrès de l'IC* (ed. alemã.), p. 879.

em *Lições de Outubro*. Ao longo do debate do mesmo congresso, o dirigente da Profintern, Lozovsky, propôs a formação de "comitês bilaterais" nacionais para avançar na via da unidade sindical internacional entre a Profintern e a Federação Internacional de Amsterdã. Esta questão da aproximação entre Amsterdã e a Profintern foi asperamente discutida no seio do congresso da Profintern, quando uma corrente se opôs bastante contra aquilo que ela considerava uma "liquidação". Não obstante, os dirigentes argumentaram em favor de uma campanha de unificação das internacionais sindicais, nas condições da Profintern, via um congresso mundial sindical comum. M. P. Tomsky, o secretário dos sindicatos russos e membro do birô político do Partido Comunista, num discurso retumbante, preconizou "a iniciativa revolucionária" que constituiria uma tal campanha, tomando o exemplo de Cook e de Purcell para demonstrar que havia, entre as esquerdas britânicas, verdadeiros lutadores de classe a chamando ao assalto da "cidadela reformista".

É então que começa a era dos contatos diretos. Uma delegação russa conduzida por Tomsky foi convidada ao Congresso de Hull, em setembro de 1924,que evita, por pouco, o ridículo de se apresentar fantasiada de "operário", um marinheiro sindicalizado lhes disse que os trabalhadores britânicos vão preferencialmente a seus congressos com roupa de domingo. Todavia, ela foi recebida com um entusiasmo e um calor extraordinários. Tomsky pronuncia um discurso unitário e aberto. Purcell responde descrevendo os olhos dos trabalhadores da Europa fixados na conferência. Decidiu-se que uma delegação do conselho geral fará uma visita à URSS. Esta visita se dará em novembro e dezembro de 1924. A delegação britânica, conduzida pelo secretário geral Fred Bramley, compreende notadamente A. A. Purcell, que vai se distinguir pelo impacto de suas declarações inteiramente "revolucionárias" ou totalmente pró-soviéticas. É assim que ele saúda a Rússia Soviética: "a brilhante jóia da coroa da classe operária mundial". Tomado por um revolucionário, ele é nomeado membro honorário do soviete de Moscou.

As conseqüências desta visita que se desenrolou no entusiasmo e no calor fraterno são sérias: é, com efeito, o começo de uma grave crise no seio da Internacional Sindical de Amsterdã, com críticas acerbas contra os britânicos, acusações anticomunistas contra os russos. A atitude de Purcell causou escândalo. O neerlandês Oudegeest e Purcell polemizam ruidosamente e alguns dirigentes de Amsterdã chegarão a preconizar a ruptura de relações com os russos. E estes últimos se deram bem e pode-se considerar credível a hipótese não-confirmada de que é com o dinheiro vindo da Profintern que Purcell, Hicks e Edo Fimmen publicam o jornal *Trade-Union Unity* cujos títulos eles justificam escrevendo que a unidade é o poder, e que o poder será a emancipação dos trabalhadores e a destruição do capitalismo.

No final das contas, na crise provocada no seio da Internacional de Amsterdã por este caso, os ingleses agüentam firme. Em 6 de abril de 1926, abre-se uma conferência anglo-russa em que Tomsky garante que os russos procuram um acordo particular com os ingleses porque eles são, como os primeiros, partidários da unidade mundial dos sindicatos. Coloca-se de acordo para garantir a necessidade de uma aproximação gradual ditada pela situação mundial e se decide a criação de um comitê consultivo comum anglo-

russo. Mais ainda que o Manifesto da conferência, a respeito de que o NMM garante que se trata de uma "magnífica declaração de guerra de classe"[12], a criação do Comitê Sindical Anglo-Russo provoca uma rebelião na direita cujo tom podemos imaginar se sabemos que o *Times* de 11 de abril de 1925 vê aí "o começo da bolchevização do movimento operário britânico".

O NMM foi, nesse caso, o cavaleiro da unidade, mesmo que as "esquerdas" do conselho geral o ignorem totalmente. Ele lutou com constância pelo crescimento dos poderes do conselho geral, mas também para uma preparação séria da greve, a criação de comitês de ação locais, de corpos de defesa operários, da organização dos serviços de urgência em tempo de guerra. Não há, por outro lado, nenhuma preparação, nenhum traço de preparação de greve do lado dos dirigentes sindicais, particularmente dos de esquerda, que, aliás, não sofreram nesse terreno nenhuma crítica. O mal-entendido é bem engajado. O *Times* explica que a diplomacia soviética, pela boca de Litvinov, deu-se o trabalho de salientar diretamente aos dirigentes dos sindicatos soviéticos a importância que constituía para ela o comitê anglo-russo, que era preciso a qualquer custo preservar.

Em direção a um enfrentamento em ordem dispersa?

De fato, aliás, a influência do pessoal da esquerda diminuiu no conselho geral. Quando da conferência do TUC, em Scarborough, em setembro de 1925, os ex-ministros, todos direitistas, retomaram suas cadeiras no conselho; o novo presidente, Arthur Pugh, que substitui Swales, é um moderado; o secretário geral Fred Bramley e seu adjunto Walter Citrine são funcionários competentes e eficazes, pendendo para a direita. Finalmente, um direitista de choque, homem de valor, o *boss* da TGWU, o sindicato dos transportes, Ernest Bevin, é um novato lá. Hesita-se muito no conselho geral sobre a conduta a exercer quando da entrega do relatório da comissão Samuel sobre a questão das minas e dos mineradores. A prisão, em outubro de 1925, de Harry Pollitt e de onze outros militantes comunistas assustou: eles chamavam a se preparar para a greve, portanto, à luta contra a repressão, e são inculpados de "incitação ao motim". As fanfarronadas de Cook o impedem de considerar seriamente as medidas a serem tomadas: ele se gabava de agüentar o tempo que fosse preciso em caso de greve total com uma lata de conserva de salmão. Walter Citrine confia suas dúvidas a seus diários: ele compara a minuciosa preparação governamental e as poucas iniciativas dos dirigentes operários, os discursos de Cook e de outros como ele próprio.

O relatório da comissão Samuel foi tornado público em 6 de março de 1926. Ele recolheu 80 depoimentos, mas nenhum de mineradores ou de proprietários de minas. Ele recusa, diz ele, a jogar nas costas dos mineradores sozinhos a crise carbonífera, se pronuncia contra a nacionalização das minas de carvão, por um novo acordo nacional, contra todo prolongamento da subvenção aos salários, sendo que seu objetivo era uma reorganização de cabo a rabo do conjunto das explorações que não pode evidentemente ser feita sem a redução dos salários de alguns mineradores, por ora, no mínimo. A resposta dos mineradores também não deixa muita brecha para discussão: "Nem um centavo a menos, nem um segundo mais!" – mais ritmado e rimado em inglês: "*Not a penny off the pay, not a second on the day!*". Há, no campo sindical, divergências enormes e ódios ferozes: por exemplo, o inimigo número um dos mineradores, sua verdadeira ovelha negra, é J. H. Thomas, o dirigente ferroviário que os "traiu" quando da *Black Friday*. Pode-se, efetivamente, julgar o estado de espírito deste último, encarregado de negociar em nome dos trabalhadores, e que confidencia a Walter Citrine: "Contra quem, essa greve? Se ela não é contra os proprietários, ela deve ser contra o Estado. Não há dinheiro nessa indústria. Então, a greve é contra o Estado. Baldwin diz que o Estado está acima de tudo, e ele tem razão."[13]

12. *Final Agenda of the NMM Conference 1925*, p. 6.

Mas os comunistas e seus aliados estão completamente determinados. O NMM, em seu bastião de Battersea, realiza, em 21 de maio, uma conferência de ação em que participam 547 organizações representando 957 mil membros. Seu presidente, o comunista John Clancy, chama: "Devemos estar preparados imediatamente, melhorar nossas relações, manter nossa máquina industrial pronta para agir. O organismo central por meio de que nós devemos funcionar é o conselho geral do TUC. Todos os sindicatos devem ser leais a ele e com ele colaborar". Seu programa de ação é resoluto:

> Cada conselho sindical deve se constituir em conselho de ação reunindo todos os trabalhadores da localidade.
> É preciso, sob os auspícios do conselho sindical, estabelecer uma força de defesa operária contra o fascismo.
> É preciso organizar os trabalhadores no local por meio de comitês de fábrica e de poços.
> É preciso exigir para os soldados e marinheiros o direito de se recusar a dissolver uma greve.[14]

Há também divergências no seio do governo. Como sempre, o anticomunista visceral Winston Churchill, ministro das Finanças, quer briga; Joynson-Hicks vê vermelhos embaixo de todas as camas e Neville Chamberlain – ele será menos esquentadinho com Hitler – garante que o melhor e o mais agradável a fazer é "bater agora, rápido e forte". Stanley Baldwin, por sua vez, conta até o fim com a ação do conselho geral para evitar a greve geral.

Contudo, a lógica do conflito vai arrastar todos os conciliadores para cantos diferentes. Em 29 de abril, no Memorial Hall, reúnem-se os executivos de 141 sindicatos: trata-se, para eles, de delegar seus poderes ao conselho geral a fim de que este último possa decidir, para o dia 3 de abril, uma greve nacional (está-se de acordo em evitar a palavra "geral"). Todas as reservas são varridas por uma vaga de solidariedade irresistível em dire-

13. Conversa citada por P. Renshaw, *op. cit.*, p. 153.
14. H. Wicks, *op. cit.*, p. 58-59.

ção aos mineradores. A assembléia vota a greve por 3,5 milhões de votos contra 50 mil e confia todos os poderes ao conselho geral. A assembléia, de pé, canta *Red Flag* (Bandeira Vermelha). De seu lado, antes mesmo da votação dos sindicatos, o governo pediu ao rei a proclamação de estado de urgência e que convocasse reservistas, voluntários e auxiliares. Um novo encontro ocorre a pedido do conselho geral e os patrões das minas aceitaram a fixação de um salário mínimo nacional com a condição de que a jornada de trabalho passe a oito horas. Esta proposição de "compromisso" é considerada pelos mineradores como uma provocação.

Os membros do executivo dos mineradores deixam Londres para se dirigir para as regiões mineradoras; o governo dá sinais de pânico. Aí, os operários da gráfica do *Daily Mail* se recusam a imprimir um editorial intitulado "Pelo rei e pelo país", "atentado à liberdade de expressão"[15], que é denunciado com estardalhaço por Baldwin que, por sua vez, decide-se pelo enfrentamento, apresentando a questão como um atentado à Constituição e aos direitos dos cidadãos britânicos. Do mesmo modo que Noske utilizara, para esmagar o proletariado berlinense, a ocupação pelos revolucionários da gráfica do *Vörwarts*, oito anos antes. O conselho geral se encontra, assim, numa situação delicada. Ele não pode recuar sem se desacreditar. Ele está condenado a tomar a frente de uma greve que não preparou, de que tem medo e que não sabe como terminá-la; o que constitui aparentemente sua única preocupação.

O 1° de maio é uma gigantesca demonstração da força operária. Harry Wicks ainda vibra, um século mais tarde, com a emoção de todos:

> O 1° de maio amanheceu com os mineradores já parados. Foi o maior primeiro de maio da história da Humanidade. Em todas as cidades, grandes ou pequenas, por meio de centenas de reuniões e de manifestações, os operários afirmavam sua solidariedade com a causa dos mineradores. Em Birmingham, a base conservadora dos Chamberlain, há mais gente na rua que houvera na recente visita do rei; milhares marchavam.
> O primeiro de maio de Londres foi a coroação. A partir das 29 cidades metropolitanas, desde o meio do dia até tarde da noite, as ruas estavam vivas de manifestações. Bandeiras sindicais, que não tomavam ar havia anos, desfraldavam-se ao vento: por todas as pontes do Tâmisa; os marchadores iam a Hyde Park. Aqueles de seu contingente, cujo itinerário passava perante o Memorial Hall, onde ocorria a conferência dos executivos sindicais, foram informados pelos delegados excitados que o começo da greve geral fora fixado para o 3 de maio à meia-noite. Aos sindicalistas de base, parecia, enfim, que as negociações estéreis tinham terminado e que o movimento estava pronto para ação.
> Em Hyde Park, sobre uma dezena de tribunas, um estado de espírito militante se espalhava sobre esta multidão imensa. Lá estava a verdadeira medida dos sentimentos dos trabalhadores. Em todas as fábricas e todos os empregos, cada um sentia profundamente que, desta vez,

15. P. Renshaw, *op. cit.*, p. 161.

> a derrota dos mineradores seria somente o prelúdio de um ataque brutal contra o conjunto da classe operária.[16]

A greve

Na manhã de 4 de maio de 1926, é o silêncio, dizem as memórias, que choca. Tudo parou, trens e bondes, ônibus e caminhões, minas e fábricas. As zonas industriais estão silenciosas. A amplitude e o vigor da reação de solidariedade operária para com os mineradores surpreendeu tanto o governo quanto o conselho geral. A palavra de ordem de greve geral fora escalonada no tempo: era a "greve por vagas", como a CGT tentou fazer na França, em 1919, um prelúdio de um fracasso memorável. Estavam concernidos, naquele dia, pela palavra de ordem de greve geral do TUC, os operários dos transportes e os ferroviários, os estivadores, gráficos, metalúrgicos, siderúrgicos, químicos e eletricistas: três milhões de grevistas, além de um milhão de mineradores parados. As dependências do TUC estavam inundadas pelas mensagens de solidariedade e de apoio entusiastas. Tudo mostrava a extrema solidariedade desta greve, a profundidade da solidariedade de homens que aceitavam, neste período de desemprego massivo, o risco de perderem seus empregos. O conselho geral não falava de "greve geral", mas, ainda e sempre, de greve nacional. Sabia-se que havia sindicatos importantes reservados para a segunda vaga: operários dos estaleiros, das indústrias têxteis, madeireiras, trabalhadores dos correios e da distribuição.

Somente alguns sindicatos recusaram a greve: o sindicato direitista dos marinheiros, dos jornalistas, uma associação de engenheiros da energia elétrica. Principalmente, milhões de trabalhadores não sindicalizados, de colarinho branco, mulheres não estavam concernidas. Além disso, o sucesso da greve dependia em parte da manutenção em atividade de alguns serviços. Seus organizadores precisavam absolutamente da atividade dos correios e dos bancos: era preciso que eles pudessem enviar telegramas às organizações de bases e sacar seus fundos de greve. Eles também não podiam tampouco prescindir do telefone. Os dirigentes sindicais também se defrontavam com o problema dos serviços essenciais. Eles haviam decidido conceder "permissões", por exemplo, aos hospitais, pois era preciso não atingir os mais fracos, velhos, crianças e doentes. Mas o governo recusou a colaboração proposta neste terreno. A confusão foi permanente entre o fornecimento de eletricidade para a luz e para a força.

O conselho geral se recusara a preparar a greve para não dar espaço a acusações e, de repente, foi obrigado a improvisar com três milhões de grevistas. Reunia-se toda manhã ao redor de Citrine e decidia as questões de orientação. Outras comissões, cuja mais importante era a de organização da greve, de que Ernest Bevin era responsável, encarregavam-se de resolver o resto. Havia outras cinco, dentre elas a comissão política, que contava com J. H. Thomas, A. A. Purcell e o secretário do *Labour* Arthur Henderson.

16. H. Wicks, *op. cit.*, p. 60.

Uma das decisões mais chocantes foi a espetacular recusa da ajuda de solidariedade enviada pelos sindicatos russos: o primeiro cheque de 200 mil libras foi retornado no momento em que o governo tomava medidas para proibir esta ajuda inoportuna aos grevistas. Em si mesmo era uma injúria grave, para os milhões de trabalhadores russos que contribuíram generosamente, deixar ou fazer supor que eles fizeram somente obedecer a uma das diretivas governamentais e que sua "solidariedade" era a máscara de uma política de potência. De maneira geral, era uma injúria ao internacionalismo operário e à sua tradição. Nos marcos da campanha governamental contra os "vermelhos", era também uma garantia.

Bevin impusera, através dos punhos, nas primeiras horas, a proibição aos conselhos locais de constituir seus próprios comitês de greve. Mas o centro, por sua vez, fazia de tudo para tentar exercer um controle centralizador. A emergência dos conselhos de ação sobre o modelo aparecido em 1920 deu aos dirigentes do TUC um arrepio de medo "soviético" que reforçou suas tendência à centralização. Uma das piores dificuldades provinha da ausência de ligação entre o conselho geral e os mineradores, que lhe delegaram o poder de negociar antes, durante e depois da greve. Isto incluía o direito de reabrir as negociações durante a greve? Tal fora a interpretação do conselho geral, mas evidentemente não a do sindicato dos mineradores, que acusaria o primeiro de "traição" quando ele empreendeu novas negociações.

A ordem de greve era particularmente impressionante, como frisa Patrick Renshaw, por meio do exemplo de Tredegar, em que o conselho de ação era presidido pelo jovem minerador socialista Aneurin Bevan, que chega mesmo – graças à ameaça da retirada das equipes de segurança – a persuadir a polícia de se afastar![17] Um dos aspectos mais impressionantes da greve foi, sem dúvida, o que Patrick Renshaw chama de "a parada quase total dos serviços de transporte da nação": 3,5% dos trens de passageiros circulavam e somente 2% ou 3% das mercadorias. Numa das mais importantes redes, contava-se somente 208 não-grevistas de 15 mil mecânicos de locomotiva. Mesmo os chefes das estações fizeram greve.

Os fura-greves

Neste domínio, os fura-greves foram ineficazes: dos 3.300 ônibus de Londres, nenhum circulou no primeiro dia. No último dia, havia 500, principalmente "piratas", por fora da companhia. Mesmo resultado para os bondes. Os melhores resultados dos fura-greves foram obtidos no metrô, onde eles conseguiram fazer circular 71 trens de 315; seu principal sucesso foi que Winston Churchill pegou o metrô pela primeira vez na vida e se perdeu dentro dele, por falta de prática. Certamente, todas essas atividades foram possíveis porque não houve falta de energia elétrica devido às instruções confusas do conselho geral sobre os fornecimentos chamados "essenciais".

17. P. Renshaw, *op. cit.*, p. 178-179.

Por outro lado, no que tange o tráfego rodoviário, a greve se revelou muito rápido um sério fracasso: não faltavam motoristas entre os voluntários e não era preciso uma grande qualificação ao pessoal da alta sociedade ou aos estudantes que afluíam como "voluntários". A circulação de veículos a motor e a vontade dos piquetes de greve de controlar os veículos estiveram na origem de numerosos acidentes. Mas, no conjunto, quem se deu bem foi o governo, que pôde realizar ações decisivas graças às rodovias.

A organização de urgência governamental repousava sobre um certo número de "comissários" regionais geralmente escolhidos dentre os militares dispondo de um estado-maior de técnicos, de militares e de policiais. Foram eles que organizaram o transporte por rodovia, através dos voluntários da OMS, que foi um dos sucessos governamentais. Foi a OMS que forneceu a maior parte dos motoristas; 1.300 para os caminhões, a mesma quantidade para os carros; 144 para os ônibus; 351 mecânicos; 1.200 técnicos eletricistas; 250 condutores de *vans*; 64 ferroviários; 115 marinheiros de água doce e 92 operários dos bondes. Patrick Renshaw releva que a cidade de Westminster – pouco proletária – forneceu a maior parte dos voluntários, 880, ao passo que Leeds forneceu somente 400, Manchester e Liverpool, nenhum. Estes voluntários da classe média permitiram, garante o historiador, ao governo vencer.

Violências e repressão

Em todo caso, eles freqüentemente estão na origem de numerosos incidentes que acarretaram choques violentos entre grevistas e "forças da ordem", passando, às vezes, à rebelião. Em muitos casos, a polícia ataca as reuniões ou os atos que ela julga ilegais: há, por exemplo, numerosos feridos em Poplar, na seqüência da agressão de uma reunião de estivadores depois da invasão de um local sindical por policiais superexcitados. Houve uma grande manifestação e brigas severas em Leeds, uma marcha sobre as fábricas em Nottingham, detida pelas forças da ordem depois de duros enfrentamentos. Contudo, das 3.149 perseguições judiciais começadas devido à greve, 1.760 não o foram por causa de atos de violência, mas por "incitação", em virtude da lei sobre os poderes excepcionais.

Os tribunais foram severos: cinco libras de multa para um varredor de trem de Lambeth por ter gritado que era preciso uma revolução, um mês de prisão a um grevista de Farnworth por ter rasgado um cartaz do governo, dois meses de trabalho forçado e 200 libras de multa por ter escrito sobre a calçada, com giz, palavras de ordem "sediciosas", três meses para um secretário do sindicato que chama os cidadãos a não se juntar aos fura-greves. O deputado comunista S. D. Saklatvala foi condenado a dois meses de prisão por um discurso do 1° de maio chamando soldados e marinheiros a proteger o povo. Estas condenações nuançam singularmente as declarações do governo sobre a defesa da liberdade de expressão.

Sem dúvida, os membros do CPGB e do NMM foram as principais vítimas dessa repressão. Os historiadores citam muitas localidades onde eles foram as únicas pessoas

atingidas. Alguns dos militantes, condenados ao mesmo tempo em que Harry Pollitt, foram liberados ao fim de sua pena, pouco antes do começo da greve geral. Porém, cinco dos principais dirigentes revolucionários, dentre eles o próprio Pollitt, continuaram na prisão durante sua duração. A direção substituta do CPGB durante a greve funcionou sofregamente numa semiclandestinidade precária e sob uma perseguição incessante.

A batalha da informação

A informação foi um campo de batalha encarniçado. Apresenta-se geralmente o caso como uma luta exclusiva entre a *British Gazette*, organizada por conta do governo por Winston Churchill, e o *British Worker* do conselho geral. De fato, outros jornais continuaram a ser publicados, como o *Times* com somente uma folha, ou órgãos regionais. O governo pôde se beneficiar das instalações do *Morning Post* e conseguiu arranjar enormes estoques de papel, descentralizar a tiragem e garantir uma distribuição bem ampla, ao passo que o jornal dos grevistas chegou a Newcastle somente depois de uma semana de sua criação.

Esta difusão bem ampla dava crédito às afirmações do governo sobre a fraqueza do movimento grevista e deu o sentimento de inelutabilidade da vitória da ordem. Ele difundiu a prepotência de falcão de Winston Churchill, inclusive um texto particularmente provocador sobre uma missão do exército que iria provocar a reprovação do rei George V. O jornal do conselho geral era, por outro lado, tudo menos mobilizador, e a polícia destruiu as máquinas sobre as quais foi impresso o único número do *Worker's Daily*, do CPGB, que não conheceu depois somente, devido à perseguição policial, uma publicação dificílima sob a forma de folha mimeografada com difusão limitada.

O rádio dava então seus primeiros passos. Stanley Baldwin soube utilizá-lo para conversas ao pé do fogo onde ele se esforçava em persuadir os britânicos que se tratava de um combate pela Constituição e as liberdades. Seus argumentos tiveram tanto mais poder devido à monopolização da BBC pelo governo e porque os defensores conservadores da "democracia" se recusaram a dar a palavra à oposição trabalhista e mesmo ao arcebispo de Canterbury, Randall Davidson, cujo desejo de ver reabertas as negociações era conhecido.

Constata-se, então, que o sucesso do governo nas rodovias – a circulação praticamente livre, sob proteção policial e militar, dos veículos a motor – foi o fator mais poderoso de mudança da relação de forças tal qual ele fora manifesto no começo da greve com a excepcional participação que conhecemos. Ao darem-se os meios de "informação", isto é, a capacidade de passar o sentimento sobre a relação de forças que ele desejava ao país, o governo conseguiu persuadir o meio de campo dos hesitantes, mas também numerosos grevistas, que ele controlava sempre melhor a situação dia após dia – o que era, evidentemente, a principal condição para que um tal desenvolvimento fosse possível. O refluxo disto que os historiadores chamam de opinião pública foi um dos fatores que conduziram os dirigentes da greve à capitulação.

A capitulação

Já em 1919, o primeiro-ministro David Lloyd George declarara, sem rodeios, aos dirigentes sindicais: "Se aparece dentro do Estado uma força superior ao próprio Estado, ele deve estar pronto a tomar funções do Estado ou renunciar. [...] Vocês refletiram, senhores, e, se vocês o fizeram, vocês estão prontos?"[18] Esta questão foi o conjunto da situação que a recolocou no conselho geral. Depois de uma semana de greve, todo o mundo – e de início o governo – compreendeu que o TUC não tinha a menor intenção revolucionária e que não existia perigo de revolução. Esta convicção o encorajava a exigir dos dirigentes sindicais uma capitulação pura e simples, a anulação do movimento de greve sem a menor concessão aos grevistas. De seu lado, a direção do TUC temia, doravante, que uma prolongação da greve abrisse as portas à violência de parte à parte e fizesse vítimas no terreno dos grevistas, o que poderia favorecer a tomada das direções locais pelos "extremistas" do CPGB ou do NMM. Seu desejo mais caro era evitar perder a moral, ou seja, obter dos proprietários e do governo concessões que os mineradores não teriam como dizer que não significavam nada e que sua aceitação seria uma traição.

A iniciativa veio de Sir Herbert Samuel, o homem da comissão do carvão, que voltava da Itália e chegou a Londres em 7 de maio. O governo deixou suas mãos livres para negociar com o TUC, sempre lhe informando dos detalhes, afirmando ao mesmo tempo sua determinação de não negociar ele próprio enquanto as ordens de greve fossem mantidas. Essas discussões, que permitiam ao governo saber o estado de espírito dos dirigentes sindicais sem se engajar pessoalmente, começaram secretamente na residência de um banqueiro milionário da África do Sul, amigo pessoal de J. H. Thomas. Os mineradores ficaram sabendo no dia 8 e protestaram com indignação. Dir-se-lhes-á que eles delegaram seus poderes ao conselho geral e o mecânico de trem John Bromley – o sindicato, de que ele era secretário, e o dos ferroviários, em geral, estavam profundamente engajados – sublinhou que não era somente a luta dos mineradores: "Estou disposto a combater com eles, mas não vou me deixar estrangular por meus amigos."[19]

Os mineradores, doravante, foram colocados de lado e não foram mais informados. Não obstante, apareceu rapidamente que a idéia de Samuel era de ligar baixos salários para os mineradores ao começo imediato de uma reorganização das minas correspondendo a que eles queriam. J. H. Thomas garantiu aos representantes dos liberais e dos proprietários de minas que uma tal situação seria aceita pelos mineradores. O único resultado foi que Baldwin compreendeu a que ponto o conselho geral desejava chegar a um acordo para colocar fim à greve.

18. Citado por Renshaw, *op. cit.*, p. 171.

19. *Ibidem*, p. 217.

O medo dos representantes sindicais

Patrick Renshaw insiste bastante no fato de que os dirigentes sindicais tinham ainda mais medo de uma ampliação da greve que de seu fracasso. A radicalização dos grevistas era manifesta, seu espírito ofensivo se manifestava todos os dias nas ruas. Os comitês de greve locais exigiam controlar as "autorizações". Os relatórios eram bem otimistas e os sindicatos da segunda vaga – não se agüentando de impaciência – pediam, mais que tudo, sua entrada na greve. J. H. Thomas, forte de suas relações no mundo dos negócios, soprava o pânico no ouvido de seus colegas, o conselho geral se encontrou colocado perante a escolha de aceitar o relatório de Samuel com base num retorno ao trabalho ou da seqüência da greve. A discussão foi acalorada e a decisão difícil a tomar, mesmo que J. H. Thomas tenha informado Baldwin de que a ordem de greve geral fora adiada, ao passo que nenhuma decisão tinha sido tomada. Na madrugada de 11 a 12, Walter Citrine prometeu ao secretário privado do primeiro-ministro um encontro com os representantes do conselho geral no dia 12. Bevin tentou convencer os mineradores, na manhã do dia 12, sobre a base da anulação da ordem de greve, de um acordo para a retomada organizada do trabalho e de um começo de discussões a partir do memorando de Samuel. Não conseguiu.

Porém, quando a delegação de que ele fazia parte se apresentou, o mesmo foi informado de que o primeiro-ministro somente a receberia se ela trouxesse a notícia da anulação da ordem de greve, a que J. H. Thomas respondeu que era precisamente isto que eles vinham fazer. Podemos imaginar o estupor de Bevin. Foi, com efeito, uma rendição incondicional – contrariamente às garantias dadas aos mineradores – que Arthur Pugh anunciou ao primeiro-ministro, que, aliviado, apressou-se a lhes dizer que ele agradecia a Deus por aquela decisão. Nenhum dirigente sindical chegou a mencionar o memorando de Samuel. Somente Bevin tentou em vão arrancar de Baldwin a promessa de que não haveria represálias contra os grevistas. Ao deixar o número dez da *Downing Street*, ele diz a seus camaradas: "Nós nos suicidamos. O resultado deste dia será que milhares de sindicalizados serão atingidos pela repressão."[20] Patrick Renshaw comenta: "Fora uma *débâcle* total. A delegação não recebera nenhuma garantia sobre nenhum dos pontos sobre os quais eles discutiram e sobre os quais eles tinham negociado durante meses e semanas."[21]

A longa agonia dos mineradores

Os mineradores ficaram sozinhos. Certamente, os protestos foram vigorosos e barulhentos. A capitulação não foi imediatamente entendida por meio dos comunicados sindicais. E, quando foi, e quando recaíram sobre os grevistas as primeiras sanções, foi uma enorme cólera. Em Swansea e em muitas outras localidades, comitês de greve proibiram a

20. P. Renshaw, *op. cit.*, p. 225.

21. *Ibidem*, p. 224.

difusão do *British Worker*. Em Londres, pacotes de jornais foram jogados na cabeça dos responsáveis. Em Glasgow, os grevistas desfilaram pela rua atrás de uma imensa placa trazendo a inscrição "Abaixo Thomas". O comitê de greve de Hull declarou solenemente: "Alarme-Medo-Desespero – um exército vitorioso desmobilizado e entregue a seus inimigos". O conselho geral foi inundado de telegramas denunciando, no mínimo, sua "timidez" e mais freqüentemente sua "traição". Quarenta e oito horas depois da decisão da retomada, contavam-se... cem mil grevistas a mais. Há também muita dificuldade a propósito da reintegração dos grevistas considerados como locautados, a propósito do pagamento dos dias de greve.

Sobre o primeiro ponto, houve importantes manifestações de rua que o venceram em definitivo. Em Hull, ferroviários, condutores de bonde e estivadores se recusaram a retomar o trabalho enquanto a reintegração de 150 condutores de bonde ameaçados não fosse garantida. Trinta mil ferroviários manifestaram-se, em Manchester, em favor da readmissão de todos os grevistas. Nesta última cidade, aliás, o telegrama sindical anunciando a retomada foi tido por falso. Em Swindon, uma manifestação de mulheres bloqueou a garagem dos bondes para impedir a retomada. Uma testemunha, Leslie Paul, conta que em Lewisham uma batalha entre manifestantes operários e policiais se transformou em briga generalizada, e se recorda: "Nós começávamos a nos perguntar se, depois de tudo, as coisas não iriam continuar e não iria se desenvolver uma batalha de soldados agora que os generais haviam deixado o campo de batalha para falar entre si. Assim, nós pensávamos mais em reforçar que enfraquecer nossos conselhos de ação."[22] Archibald Fenner Brockway garantiu que a combatividade em Manchester era considerável e que ninguém queria voltar ao trabalho. "Parecia que o fim da greve poderia ser o começo de uma revolução."[23]

É, portanto, falso fazer crer – como o fazem numerosos bons autores – que a retomada do trabalho se deu sem dor e que a disciplina foi respeitada na volta tanto quanto o fora na ida. Por outro lado, a greve dos mineradores continuou durante longos meses de sofrimento e de misérias terríveis. Patronado e governo estavam de acordo para colocá-los de joelhos. Eles conseguiram. Chegou-se mesmo a ver os dirigentes dos mineradores aceitarem impedir a expressão nos sindicados do TUC das críticas contra a direção, inclusive aquelas que eles próprios haviam formulado.

Os mineradores jamais obtiveram aquilo que eles reivindicaram insistentemente: uma taxa obrigatória sobre os sindicalizados para ajudá-los a sobreviver e a recusa dos sindicatos de estivadores e de operários do transporte de transportar carregamentos de carvão. Os mineradores e suas famílias tiveram que sobreviver de uma solidariedade que mais parecia caridade. Eles não estiveram longe de morrer de fome. As somas que recebiam, por mais importante que fossem, não eram menos irrisórias com relação a seu número e, portanto, a suas necessidades: da Grã-Bretanha, 450 mil libras, dentre elas 276 mil

22. Citado por Farman, *The General Strike*, p. 295.

23. *Ibidem*.

de origem sindical, e da União Soviética, onde tudo leva a crer que houve, como anteriormente na Alemanha, um real e poderoso impulso de solidariedade internacionalista; eles receberam 1.223.800 libras, ou seja, 90% da ajuda exterior total. O governo gostaria de ter proibido também o envio de dinheiro russo aos mineradores, mas se chocou neste ponto com o rei.

De concessão inútil em concessão inútil, de retirada em recuo, os mineradores viram suas fileiras se desfazerem sob o impacto da fome e da desmoralização: mais de 200 mil já tinham retomado o trabalho no meio de outubro, e, no começo de dezembro, todo o mundo estava pronto para voltar. O efetivo dos desempregados cresceu vertiginosamente em que pese a baixa de salários e a "reorganização". O bastião proletário do CPGB e do NMM vencera, depois de um interminável drama particularmente doloroso que afetou toda uma população operária.

A Comintern excomunga

Com certeza, não é possível fazer coro com Pierre Frank, que garante que os dirigentes soviéticos "estavam se iludindo" com os dirigentes sindicais britânicos[24]. Esta explicação pela estupidez e incapacidade não permite compreender as razões da derrota de milhões de trabalhadores em luta. Os primeiros rumores de derrota desencadearam a máquina de propaganda da Comintern, ansiosa de exonerar desta derrota. Seu presidente, Zinoviev, compara o 13 de maio de 1926 ao 4 de agosto de 1914, que significa "a aliança do Estado-maior da classe operária com a burguesia contra as amplas massas da classe operária". Na Grã-Bretanha, frisa ele, o perigo principal foi, desde o começo, a direção do conselho geral, que não queria essa greve cujos participantes, as massas operárias, "manifestaram um espírito de organização verdadeiramente maravilhoso" e que terminou por traí-la ao capitular "da maneira mais vergonhosa". Depois de ter desmascarado com muita violência verbal – o que nunca fora feito antes em Moscou – os chefes da "falsa esquerda" do conselho geral e qualificado Purcell de "traidor", ele conclui:

> Depois do 4 de agosto, Rosa Luxemburgo qualificou a social-democracia alemã de "cadáver fétido". Isto não significa que ele não represente uma força. O cadáver fétido da social-democracia alemã, mesmo depois de 4 de agosto, envenenou a atmosfera por mais de dez anos. Pode ser que a mesma coisa ocorra, por algum tempo, com o conselho geral atual. Agora que a classe operária em luta sabe que o conselho geral é um cadáver, os operários ingleses saberão se desvencilhar dele e enviar, a seu conselho geral, verdadeiros líderes operários revolucionários.[25]

24. P. Frank, *op. cit.*, I, p. 483.

25. Zinoviev, "Le 4 août du conseil général des trade-unions", In: *Corr. Int.*, n. 76, p.855-858.

Stalin, num discurso em Tíflis (Tbilisi), em 8 de junho, é igualmente brutal, se não mais. Ele termina sua intervenção sobre a greve geral britânica proclamando:

> A classe operária da Inglaterra deve antes de tudo se liberar de seus dirigentes atuais: não podemos marchar contra o capitalismo com chefes como Thomas, MacDonald, etc. É impossível ter esperança na vitória se na retaguarda há traidores como Henderson e Clynes. A classe operária inglesa deve aprender a expulsar a golpes de pau os Thomas e os MacDonald, de outro modo, ele verá a vitória como vê a suas próprias orelhas.[26]

Seria um acaso que o secretário geral do partido cite aqui somente Thomas como representante do conselho geral e enumere, por outro lado, quatro representantes do partido? Pode-se suspeitar. Alguns dias antes, com efeito, o birô político do partido russo rejeitara categoricamente a resolução de Trotsky de saída dos sindicatos soviéticos do comitê sindical anglo-russo e o fim de toda colaboração com ele, como recusa de avalizar durante mais tempo este organismo que o presidente da Comintern acabava de chamar de "cadáver fétido". E, alguns dias mais tarde, os próprios sindicatos russos solicitam a reunião de urgência do comitê anglo-russo.

Bukharin teoriza

O comportamento da Comintern e do CPGB era relativamente difícil de ser explicado aos militantes – dentre eles, muitos acreditaram que lhes fora anunciado em começo de maio a revolução proletária na Grã-Bretanha –, na medida em que ele estava em contradição flagrante com a experiência bolchevique na Rússia, até então apresentada com o bê-á-bá da tomada do poder revolucionário. A tarefa de explicar coube a Bukharin, novo teórico da equipe dirigente no partido e na Comintern. A peça fundamental neste sentido é uma conferência pronuncia por ele perante o *aktiv* – a assembléia geral dos militantes – de Moscou, em 8 de junho de 1926, em que explica notadamente:

> *A classe operária inglesa se aproxima igualmente, sob uma forma original, das questões do poder de Estado, isto é, da revolução*; esta forma é totalmente diferente daquela sob a qual nós abordamos tais questões entre nós, na Alemanha; ela é muito especial e depende das particularidades do movimento operários inglês. Já indiquei que a greve toda foi conduzida pelos sindicatos. [...] Os comitês de ação, que eram órgãos sindicais, estavam de fato à frente de muitas pequenas cidades, isto é, o poder estava em suas mãos.

26. Staline, "La grève générale britannique et la situation en Pologne", discurso em Tiflis, dia 8 de junho de 1926, In: *Corr. Int.*, n. 75, 23 de junho de 1926, p. 850.

Ele prossegue apoiando-se nas palavras de ordem lançadas pelo CPGB, isto é, sobre a política conduzida pela Comintern:

> Quando se lançou em algumas localidades a palavra de ordem "Todos os poderes aos comitês de ação locais", isto fez com que tais organizações sindicais se assemelhassem, por suas funções, às nossas organizações de sovietes no período que precedeu imediatamente a luta pelo poder. Nosso Partido Comunista lançou a palavra de ordem "Abaixo o governo Baldwin, que defende o capitalismo!" E, em seguida, "Todos os poderes ao conselho geral dos sindicatos". [...] À medida que os eventos transbordavam os limites da luta econômica, à medida que o movimento profissional se transformava, durante a marcha mesma da greve, na luta política de toda a classe operária contra o aparato governamental da burguesia, esta palavra de ordem, *objetivamente*, fazia-se a si mesma obsoleta e se transformava em uma outra análoga: "Todos os poderes aos sovietes".

Ele formula então a questão a que já respondera quanto aos fatos e dá uma resposta teórica geral:

> Por que, então, na Inglaterra organizaram-se comitês de ação e não sovietes? Por que não houve palavra de ordem "Todos os poderes aos sovietes"? Porque a classe operária na Inglaterra – o que a distingue de outros países – marcha por uma outra via. Em razão de toda sua história, da importância enorme de suas organizações profissionais, de suas tradições históricas, o proletariado inglês abordou a questão do poder *não por fora dos sindicatos, mas por meio do sindicatos* [...]. Uma das maiores lições da greve geral inglesa é que a classe operária se aproxima da questão do poder por seus sindicatos.[27]

Esta idéia, como sabemos, fora já uma vez enunciada por Zinoviev ao longo do IV Congresso da IC e criticada por Trotsky em *Lições de Outubro*. Todavia, o essencial não está provavelmente aí. Pois é pouco provável que alguém, à frente da Comintern, tenha-a levado verdadeiramente a sério. O papel de Bukharin e dos outros "teóricos" da Comintern neste período, ao lado de Stalin, foi, com efeito, o mais freqüentemente, de vestir de marxismo e de pintar com cores revolucionárias uma política exterior estatal de grande potência.

O sentido de uma política

Será preciso voltar ao comitê anglo-russo nos marcos do capítulo sobre a oposição de esquerda, que, considerando como um gesto necessário a ruptura dos sindicatos russos com os dirigentes sindicais organizadores da derrota dos trabalhadores britânicos, reivindica sua dissolução. A obstinação de Stalin e dos seus em defender a manutenção e o funcionamento deste organismo é revelador da importância que lhe fora atribuída e do papel que lhe estava designado na política exterior stalinista. Por toda evidência, Isaac Deutscher não entendeu Stalin quando se espanta com o paralelo feito por este último entre a atitude de Trotsky em Brest-Litovsk e sua solicitação de dissolução do comitê anglo-russo, duas expressões, garante o *Gensek* (secretário geral), de uma política de "gestos espetaculares". Para o biógrafo de Trotsky, trata-se de uma comparação "grotesca". Ora, a chave do raciocínio de Stalin se encontra nas páginas que se seguem. O que há de comum entre as duas atitudes de Trotsky, segundo ele, é que elas criam o risco de beneficiar aos inimigos da Rússia soviética, ao fazer do partido, "um joguete entre as mãos de seus inimigos".

Com efeito, não se trata de forma alguma, para Stalin, de preparar as melhores condições para a revolução inglesa ou o desenvolvimento do CPGB em partido de massa, mas antes de tudo de garantir a defesa da União Soviética nos marcos da estratégia imposta por sua política de "construção do socialismo num só país". O comitê sindical anglo-russo é considerado uma ferramenta que permite à URSS lutar contra as ameaças de guerra do imperialismo britânico. É a mesma idéia que o alemão Remmele expõe à Comintern: o comitê sindical anglo-russo é o porta-voz através de que os operários russos podem falar ao proletariado britânico e incitar à luta contra a reação mundial e o perigo da guerra. Karl Radek, durante a greve geral, encontrou em Moscou o aristocrata Robert Boothby, futuro secretário de Churchill, vindo como turista, e lhe aconselho de voltar para casa, onde, disse-lhe, estava "mais interessante", precisando: "Não se engane. Não é uma revolução. Somente um conflito salarial."[28] Será que algum dia saberemos de quem ele caçoava? Pois não há dúvida de que ele caçoava de uma política bem distante daquela que havia sido formulada por Lenin.

27. Conferência de Bukharin, 8 de junho de 1926, "La lutte révolutionnaire internationale", In: *Corr. Int.*, n. 82, p. 9097-9098.

28. R. Boothby, *I fight to live*, p. 81.

O sonho nacionalista

Bem no momento em que começava a greve geral britânica, o grande intelectual progressista chinês Li Dazhao, publicando na revista comunista de Pequim *Cheng-chih sheng-huo* (Vida Política) o artigo de Marx, "A revolução na China e na Europa", comentava-o nestes termos:

> Ao longo dos dois últimos anos, o desenvolvimento dos partidos políticos do proletariado chinês e do proletariado inglês deu-se verdadeiramente a passo de gigante. Na competição entre os movimentos revolucionários dos proletariados de todos os povos do mundo, foram eles que mais progrediram. Hoje, no momento em que o movimento nacional revolucionário se estende por todos os lados na China, os operários ingleses acabam de convocar uma grande greve sem precedente de que participam muitos milhões de homens. É verdadeiramente, como se diz, "a montanha de cobre desaba a leste e o sino lhe responde a oeste". Não é, deste modo, que a "ordem" trazida à China pela classe capitalista inglesa, por intermédio de seus barcos de guerra, é mandada de volta pela China sob a forma de agitação? Não é deste modo que a centelha da revolução chinesa já penetrou na mina sobrecarregada do sistema industrial europeu, o que dará à luz uma gigantesca explosão? É a revolução iminente que demonstrará este fato histórico.[1]

Uma luta mundial

Assim, de uma só vez, o dirigente comunista chinês revelou como ele percebia a unidade da luta das classes mundiais e como as informações e os comentários da Internacional puderam convencer um homem como ele de que a revolução inglesa começava por

1. Citado por S. Schram e H. Carrère d'Encausse, *Le Marxisme et l'Asie*, p. 314.

meio da revolução chinesa e com ela neste começo de 1926. Aliás, basta folhear o *Inprekorr*, o boletim de imprensa da Comintern, para se dar conta de que se trocou seis por meia dúzia e que o sonho da revolução que daria todo o poder aos sindicatos deu lugar, na nova ciência política matutada em Moscou, à idéia da revolução nacional por meio de um movimento unindo todas as classes. A Grã-Bretanha foi trocada pela China, ao menos no papel.

A idéia de China e a de revolução não estavam ligadas na cabeça dos dirigentes russos, que preferiam acreditar na revolução no Japão ou na Índia. A China dos senhores da guerra foi, de início, para a diplomacia soviética, somente um vasto campo de manobras em que a aliança com um senhor da guerra dava ao Estado soviético um ponto de apoio e um mercado, mas de onde não se esperava mais nada. Porém, eis que surgiram no primeiro plano Sun Zhongshan (Sun Yat-Sen) o governo nacionalista de Cantão – precária formação que ele dirigia por intermitências por meio de um jogo complexo entre os senhores da guerra – e a organização nacionalista que ele inspirava, o Guomindang.

O partido chinês e o Guomindang

A decisão de fazer os comunistas entrarem no Guomindang, pela proposta de Sneevliet-Maring, retomada por sua conta pelo Executivo da Comintern, surpreendeu o partido chinês e suscitou muitas questões. Na hora, a direção foi quase completamente oposta. Chen Duxiu o explica:

> A razão principal de nossa oposição é a seguinte: Entrar no Guomindang seria introduzir a confusão na organização de classe, entravar nossa política e se subordinar a ela. O delegado da IC diz textualmente: "O período atual é um período em que os comunistas devem efetuar um trabalho de cules para o Guomindang". A partir deste momento, o partido não seria mais um partido do proletariado, ele se transformaria na extrema esquerda da burguesia e começaria a degringolar no oportunismo.[2]

A declaração dos comunistas, quando de seu congresso, a respeito da entrada no Guomindang que, não obstante, iria se dar, manifestava a existência de diferenças e de importantes reservas:

> O Guomindang deveria ser a força central da revolução nacional e garantir sua direção. Infelizmente, entretanto, ele padece freqüentemente de suas concepções equivocadas. Em primeiro lugar, conta com as potências estrangeiras para ajudá-lo na revolução nacional chinesa. Tais apelos, tais recursos ao inimigo, não somente lhe custam a direção da revolução nacional, mas ainda colocam o povo na dependência das potências estrangeiras, destruindo sua confiança e o espírito de independência nacional; em segundo lugar, concentra todos os seus esforços no terreno militar; negligenciando o trabalho de propaganda no seio do povo. Como conseqüência, o Guomindang perde sua direção política, pois um partido nacional revolucionário não pode jamais vencer contando somente com a ação militar, sem ganhar a simpatia popular em escala nacional.
>
> Esperamos ainda que todos os elementos revolucionários de nossa sociedade se juntem ao Guomindang. [...] Ao mesmo tempo, esperamos também que o Guomindang abandone suas antigas concepções. [...] O PCCh não se esquece nunca, mesmo um instante, de apoiar os interesses dos operários e camponeses. É nossa tarefa particular desenvolver um trabalho de propaganda e de organização em meio aos operários e camponeses. Mais central ainda é a de conduzir os operários e camponeses a aderirem à revolução nacional. Nossa missão consiste em libertar a nação chinesa oprimida, por uma revolução nacional, e a fazer avançar à revolução mundial, libertando os povos oprimidos e as classes oprimidas do mundo inteiro.[3]

De fato, os dirigentes chineses cederam perante a "disciplina internacional" evocada por Maring. Infelizmente, a situação foi muito rapidamente, com sua participação ativa, a mesma que eles haviam previsto. Houve um amplo debate no I Congresso do Guomindang, em janeiro de 1924, a respeito do qual Tcherepanov nos deixou um relato muito útil, e este partido foi reorganizado segundo as proposições do enviado do partido russo, Borodin[4]. A adesão dos comunistas, fortemente criticada nos bastidores pela direita e pelos caciques, que parecem ter conseguido abalar, por um instante, Sun Zhongshan, fora defendida com emoção por Liao Zhongqai. Li Dazhao tomou finalmente a palavra para explicar a adesão dos comunistas pela necessidade de um "partido revolucionário forte" e a preocupação de "não dividir"[5].

O congresso elegeu comunistas a cargos importantes de direção: Li Dazhao e Tan Pingshan, assim como Mao Zedong, suplente, entraram no Executivo do Guomindang, e Zhu Enlai fora encarregado da animação política da Escola de Cadetes de Huangpu. Mas os primeiros podiam somente, devido à sua responsabilidade, construir o Guomindang, não o PC, e o segundo deveria proibir formalmente a constituição de células comunistas na Escola de Cadetes e no exército. Os comunistas de Moscou, os quadros enviados à Universidade dos Povos do Oriente, tiveram consciência, com a leitura da imprensa comunista, da existência em seu partido deste problema que Peng, em suas memórias, chama de "o lado ao mesmo tempo confusionista e ronronante da maior parte dos artigos" e, entre os dirigentes, "a tendência cada vez mais marcada de dar provas do espírito mais conciliador em direção do inimigo de classe"[6].

2. Chen Duxiu, "Lettre à tous les camarades du PC chinois", 10 de dezembro de 1929, In: *La Question chinoise dans l'Internationale communiste*, p. 441-465.

3. Manifesto do III Congresso do PC chinês (junho de 1923), In: *La Question chinoise dans l'Internationale communiste*, p. 41-43.

4. Tcherepanov, *As Military Adviser in China*, p. 50-78.

5. *Ibidem*, p. 64.

6. Peng Shuzhi, *op. cit.*, p. 364-365.

Evocando o depoimento de alguns quadros e dirigentes em visita a Moscou, dentre eles Li Dazhao, ele escreve:

> Desde o III Congresso de nosso partido, que foi o congresso do triunfo da colaboração orgânica com o Guomindang, a esmagadora maioria dos membros do partido foi literalmente aspirada pelo Guomindang e, conseqüentemente, colocados na impossibilidade material e política de prosseguirem com o duplo esforço de construção de nosso partido e do relançamento ou da expansão do movimento operário, que, de todo modo, foi a única coisa que eles foram obrigados a nunca parar de fornecer sob pena de perder sua qualidade de militantes comunistas.[7]

De início oposto, depois sinceramente partidário da entrada no Guomindang, Li Dazhao confia a Peng que ele está absorto por tarefas sem grande interesse e parece mais uma personalidade nacional que um dirigente comunista em Pequim. Peng Shuzhi conta os debates consecutivos dos comunistas de Moscou, "referindo-me explicitamente ao que Shuzhang [Li Dazhao] me contou, indicando notadamente que ele julga muito alarmante a estagnação dos efetivos de nosso partido, a regressão de sua influência e a redução a estado vegetativo de suas atividades, mas ele não vê muito como nós poderemos começar tudo de novo, após ter recuperado o terreno perdido, em razão da extrema penúria de quadros de que sofremos"[8].

A conseqüência é que os militantes chineses de Moscou decidem se ocupar, desde seu retorno, de suscitar uma verdadeira discussão para "colocar um fim às tendências reformistas e oportunistas que começaram no nível da direção de nosso partido", e operar um verdadeiro ajuste. Peng Shuzhi acrescenta, resumindo sua moção: "Nenhum de nós aceitará se inscrever no Guomindang, nem de trabalhar para ele, seja como for; nós nos daremos, como tarefa exclusiva, fazer de nosso partido uma organização tão sólida quanto bem estruturada e recolocar no rumo certo o movimento operário"[9].

Peng Shuzhi e o congresso do despertar

É em julho de 1924 que Peng Shuzhi, que fora delegado ao congresso por um grupo comunista chinês de Moscou sobre a base explicada anteriormente, volta para a China. Suas impressões de Pequim e Xangai – onde ele encontra Mao Zedong – deixam-no muito pessimista. Para ele, os comunistas da China abandonaram seu partido, e este se atrofia em benefício do Guomindang. Em Pequim, não há mais organização comunista. Ele o diz, sem rodeios, aos dirigentes que encontra, e, de início, a Cai Hesen. Ele descobrirá cedo que

7. *Ibidem*, p. 365.

8. *Ibidem*, p. 366.

9. *Ibidem*.

o Guomindang toma medidas a fim de melhor controlar o trabalho dos comunistas em suas fileiras – isto é, terminar de acorrentá-los – e que Qu Qiubo, em acordo com Borodin, apóia a posição repressiva do Guomindang. Ele se decide, então, abrir-se a Chen Duxiu e Cai Hesen. Ele conta sua primeira conversa com este último:

> Eu lhe disse que nós não aprovamos a orientação atual de nosso partido, expliquei-lhe que não compreendemos porque nosso partido estima que é indispensável investir todas as suas forças vivas nas atividades do Guomindang, indispensável de se colocar quase inteiro e sem contrapartida a serviço do Guomindang [...] nós temos o sentimento de que nossos camaradas que continuaram na China têm cada vez mais tendência a se desinteressar da vida de nosso partido [...].[10]

Cai Hesen aprova: os melhores militantes do PC foram absorvidos pelo aparato do Guomindang e não fizeram nada por seu partido, que foi golpeado pelo imobilismo. Ele ouve Peng esboçar um programa de reanimação do partido. Quando se vêem novamente, Cai Hesen confia a Peng sua inquietude acerca do grave conflito que acabara de estourar na direção do Guomindang, de que Qu Qiubo, apoiado pelos russos, posta-se ao lado dos dirigentes do Guomindang contra Chen Duxiu e ele.

> Esclarecido pelos contatos e conversas que tive [...], sinto-me agora capaz de formular inequivocamente, ao uso de nossa direção, minhas observações sobre o estado atual dos assuntos do partido, sobre seu estado atual em Xangai, por exemplo. Desde que tive a ocasião de rever Cai Hesen, eu lhe coloquei a par destas observações, cuidando para revesti-las de precauções oratórias. Digo-lhe que estou triste de ter de constatar que a quase totalidade dos membros do PC deixaram-se absorver pelo Guomindang e que eu estou atordoado com o fato de que o PC, ao mesmo tempo, tenha pura e simplesmente perdido a qualidade de um verdadeiro partido. Declaro-lhe que suplico ao "centro" repensar de ponto a ponta, o mais rápido possível, um problema que me parece se colocar cada dia de maneira mais angustiante: o da existência própria, isto é, da existência mesma do PC chinês.[11]

Convidado ao CC por Chen Duxiu, que Cai Hesen acaba de informar, Peng Shuzhi se explica, e é então que Chen Duxiu, por sua vez, explica a Peng o que se passou durante o ano passado, como ele aceitou as derrapagens e, finalmente, a política oportunista do partido chinês ao se adaptar totalmente ao Guomindang. Os três homens estão de acordo para dar a batalha pelo reajuste do partido em seu hebdomadário, *Xiangdao* (O Guia).

Entrementes, Peng tornou-se professor na Universidade de Xangda e se encontra em medida de começar a segunda etapa da batalha a que eles se propuseram, a reconstrução do movimento operário. Ela passa pela abertura de uma escola noturna para adultos

10. *Ibidem*, p. 378.

11. *Ibidem*, p. 393.

em Xiaoshuda, um dos bairros operários de Xangai, a partir da qual é construído o clube operário de mesmo nome, do seio de que emerge o jovem operário comunista Liu Hua, e que é principalmente o cadinho da formação de numerosos sindicatos, notadamente nas fábricas algodoeiras.

É o assassinato de um dos seus, o operário Gu Zhenghong, em 15 de maio de 1925, o detonador da explosão revolucionária de 30 de maio de 1925. A guerra que explode entre os senhores da guerra ao norte, os esforços do governo de Cantão e do Guomindang para se inserir nele e tirar proveito, o desenvolvimento em Cantão de milícias mercantis – formações abertamente contra-revolucionárias – agravam a distância entre o Guomindang e o PC. No *Xiangdao*, Peng Shuzhi analisa este movimento de "Voluntários Mercantis" como um fascismo à moda oriental, a pequena-burguesia que se apóia nos compradores. Cai Hesen critica a política hesitante do governo do Guomindang. Chen Duxiu lança a palavra de ordem de depuração do Guomindang de seus elementos direitistas e pró-fascistas: "Vamos limpar a casa".

O Partido Comunista Chinês – que contava então somente com mil membros – se lança numa batalha política. Seu jornal *Xiangdao* enumera as reivindicações mínimas: ab-rogação dos tratados ilegais; soberania aduaneira; liberdades democráticas; dissolução das tropas dos senhores da guerra; melhoria da vida dos trabalhadores e dos pobres; igualdade dos sexos. Ele prepara uma grande campanha pela eleição de uma Convenção Nacional; publica, também, um programa de ação operário enumerando a reconstrução dos sindicatos destruídos em 1923, a reintegração dos milhares de mineradores recentemente despedidos, o julgamento de Wu Peifu e de outros assassinos de operários, em 1923. O número de dezembro de 1924 de *Xin Qingnian* conclui o que parece ser um verdadeiro reajuste teórico. Peng Shuzhi, num artigo intitulado "Quem dirigirá a revolução nacional na China?", faz uma análise rigorosa da sociedade chinesa e conclui que existe somente uma classe qualificada para conduzir a revolução nacional na China, o proletariado. São as mesmas conclusões que Chen Duxiu, no mesmo número, tira de seu estudo sobre "As lições a tirar de 27 anos de movimento nacional popular na China".

Compreende-se que, nestas condições, Peng Shuzhi possa falar do IV Congresso do PC chinês, que se abre em 24 de janeiro de 1925, como o "congresso do despertar". Há uns 20 presentes, mas nem Qu Qiubo, nem Mao Zedong, os dois mais engajados no Guomindang, estão lá. O congresso segue o comitê central em suas recentes análises e, depois de ter ouvido o relato do trabalho recentemente efetuado em Xangai, coloca no centro de suas preocupações a reconstrução do movimento operário, decidindo reunir, em 1° de maio, em Cantão, o II Congresso do sindicato geral panchinês. A questão camponesa, prevista na ordem do dia, é escamoteada por falta de relatório e de relator e a questão feminina suscita um debate bem medíocre, segundo Peng. Porém, o debate sobre a questão operária coloca o partido na reta dos desenvolvimentos que se preparam. Uma direção de nove membros foi eleita: Chen Duxiu, Cai Hesen, Qu Qiubo, Peng Shuzhi, Zhang Guotao, Li Dazhao, Li Weihan e o minerador Zhu Jingtang. Os cinco primeiros são membros do

"comitê permanente do CC". Esta direção conduzirá o Partido Comunista durante a segunda revolução chinesa.

O movimento de 30 de maio: a revolução na China

O assassinato numa fábrica, por um contramestre, do operário Gu Zhenghong, provocara manifestações cada vez mais numerosas de operários e estudantes. Uma delas, em 30 de maio de 1926, na Nanking Road, chocou-se com a polícia britânica, que dispara sem aviso prévio, fazendo lá mortos e deixando mais de 50 feridos, quase todos operários. É a faísca. No dia seguinte na câmara de comércio, uma reunião de mil e quinhentas pessoas presidida pelo dirigente da Federação Estudantil decide uma greve geral de operários, estudantes e comerciantes, assim como o boicote aos bancos estrangeiros, exigindo também a punição dos responsáveis pela matança. Por iniciativa de Liu Hua, o clube operários de Zhabei reivindica o direito de greve, o direito sindical, a proibição dos castigos corporais nas fábricas, a melhoria das condições de trabalho e a expulsão dos policiais estrangeiros localizados nas fábricas.

Na mesma noite, por iniciativa do clube operário de Zhabei, ocorre uma reunião dos delegados operários que constitui o Sindicato Geral de Xangai, cujos dirigentes são comunistas: Liu Hua, Li Lisan, Liu Shaoqi, Suang Langhui e a estudante Yang Zhihua. O Sindicato Geral, com o apoio dos estudantes, constitui um comitê de ação unificado a que aderem, depois de um tempo, os comerciantes da câmara de comércio, cuja pachorra e mentalidade de traição são denunciadas por Chen Duxiu, e que, efetivamente, rompem com a greve. Mas os sindicatos se multiplicam com as greves. Somente em Xangai, há mais de 200 mil trabalhadores sindicalizados ao término de algumas semanas. O movimento perde fôlego, mas continua durante meses com explosões periódicas.

Cantão-Hong Kong toma o bastão, em condições novas, pois Sun Zhongshan morreu no mês de março e o Guomindang constitui, em 13 de junho, um governo presidido por Wang Jingwei, líder da "esquerda". Lá, uma greve prevista desde 30 de maio e dirigida, antes de tudo, contra os britânicos, num protesto contra os assassinatos de 30 de maio, começa em 19 de junho nos setores sindicalizados – marinheiros, telegrafistas e tipógrafos – tendo por palavras de ordem contratos coletivos, jornada de oito horas, seguros operários, redução dos aluguéis, liberdade de residência, igualdade para com os estrangeiros, direito de voz e de associação. Uma manifestação visando a aproximar os trabalhadores de Cantão dos grevistas de Hong Kong termina com um sangrento fuzilamento (52 mortos e mais de uma centena de feridos devidos às polícias inglesa e francesa). O resultado é a extensão da greve e a instauração de um boicote total dos barcos e mercadorias com destino a Hong Kong.

A greve-boicote é poderosamente organizada, com um comitê de greve, um executivo de 13 pessoas presidido pelo marinheiro comunista Su Chaozheng e um congresso dos delegados dos grevistas de 800 pessoas (um delegado para cada 50 grevistas) que se reúne três vezes por semana. Constitui-se um sólido aparato, com seções especializadas,

dormitórios, mais tarde um colégio operário para os quadros grevistas e escolas para seus filhos. É um "verdadeiro poder operário", escreve Jean Chesneaux. De fato, é um soviete, o primeiro soviete chinês[12].

Seu caráter estatal (ou pré-estatal) imprime-se em seus meios e métodos, no papel de sua força armada que, sobre a base de esquadrão de 20, compreende cinco regimentos de 540 homens cada um. As "seções de vigilância", piquetes de greve se se preferir, controlam a circulação de mercadorias e de homens. Os contraventores são julgados por um tribunal grevista nomeado pelo comitê de greve, que inflige multas e mesmo penas de prisão em suas próprias celas.

Como podemos imaginar, os longos meses desta greve-boicote exigem uma solidariedade ativa no país inteiro. Eles mudam também profundamente sua fisionomia, com a sindicalização de massa que conhece todo o sul sob a égide do Sindicato Geral e de seus pioneiros comunistas das lutas operárias. Mas é, evidentemente, um fator político novo a existência de um sindicato geral, reagrupando mais de um milhão de trabalhadores, aproximadamente a metade dos trabalhadores chineses e um partido comunista que passou, em alguns meses, de 900 para 20 mil membros.

A resistência contra-revolucionária: Jiang Jieshi

Mais de um burguês comprador na China, mais de um banqueiro, mais de um chefe de bando começaram então a se preocupar seriamente com as conseqüências de uma política que eles deixaram a cargo de Sun Zhongshan. O cavalo de Tróia do comunismo está agora em suas fileiras. As massas criam cada vez mais confiança nelas mesmas, elevam-se cada vez com mais vigor. Os próprios camponeses começam a se movimentar um pouco.

Falta somente um salvador. Ele próprio vai ser oferecer, pois tem capacidades e uma feroz ambição, uma ausência total de escrúpulos, necessária para a aventura em que decide se lançar neste ano-chave da história da China. É Jiang Jieshi, que a historiografia e a imprensa francesa continuam a chamar de Tchang Kaichek. Aluno-oficial em Tóquio, em 1911, de volta a seu país, encontrou Sun Zhongshan, mas também alguns personagens da burguesia chinesa com o braço longo e a carteira cheia: o comprador Yu Xiaqing, uma das grandes fortunas do país; o famoso banqueiro Zhang Jingqiang; mas principalmente o chefe da sociedade secreta Bando Verde, o "padrinho" Du Yuesheng, chefe da prostituição e da droga, com sua alma penada, Huang Jingrong, dito Huang Cicatriz, chefe dos inspetores chineses da concessão francesa. Estes homens vão protegê-lo e o utilizar numa carreira que, de modesto "doleiro" a serviço de grandes patrões, vai fazer dele, no começo dos anos 1920, um jovem general no exército de Sun, depois comandante da Escola dos Cadetes e chefe do I Exército, um dos raros generais do exército do sul que não sai das fileiras dos "senhores da guerra".

12. Ver tudo o que se segue sobre o comitê de greve de Cantão-Hong Kong como organismo "soviético" no livro de J. Chesneaux, *Le mouvement ouvrier chinois de 1918 à 1927*, p. 412-414.

A via se abre bruscamente perante ele no momento da greve-boicote de Cantão-Hong Kong. Uma direita está se reagrupando depois da morte de Sun, tanto em Cantão como em Xangai. Um dos homens que mais o preocupam, um dos "elefantes" do Guomindang, diretor político da Escola dos Cadetes, Liao Zhongqai, grande figura da esquerda do Guomindang, que parece o sucessor perfeito de Sun Zhongshan, é assassinado em 20 de agosto de 1925. A investigação mostra que dois personagens importantes do partido e do Estado estão envolvidos com o caso, Hu Hanmin, um outro elefante do Guomindang, e o chefe do exército, o general Xu Zhongzhi. Esses dois grandes personagens da direita do Guomindang têm que se exilar. Ao mesmo tempo, Jiang Jieshi se encontra no lugar certo. Não há sombra de dúvida que ele é apoiado por baixo dos panos pelo pessoal da direita e seus mecenas, seus velhos amigos de Xangai. Por outro lado, ele se mostra como oficial da esquerda, invocando freqüentemente a "revolução mundial" em seus discursos e proclamações. Enfim, soube ganhar a confiança de Borodin, que se estima capaz de manipulá-lo para os interesses soviéticos e que fez dele seu principal candidato na luta pela sucessão.

A questão da sucessão é resolvida através de um julgamento de Salomão. Wang Jingwei, político "de esquerda", fraco e versátil, toma a frente do partido e do Estado, e Jiang Jieshi torna-se chefe do exército: ele está com as rédeas nas mãos e se assegura de tudo rapidamente. Sem jamais desmentir sua orientação à esquerda, entra em relação com Dai Jitao. Este antigo "teórico" do Guomindang, um líder intelectual, esforça-se então para reconciliar e unificar as frações de direita: na Conferência das Sete Colinas da direita do partido, ele lança a palavra de ordem "Com Jiang para derrubar Wang". Jiang retoma também contato com seu mentor Zhang Jingqiang, provavelmente o coordenador das operações capitais do ano de 1926, e se liga, se já não estivesse antes, ao poderoso manufatureiro de tabaco Jiang Zhaonan.

Rapidamente, ele passa à ofensiva contra os comunistas. Tradicionalmente, neste tipo de empreitada, acusam-se as futuras vítimas de terem planejado tomar o poder. Parece que Jiang Jieshi não foi o único a ter preparado uma operação em que os comunistas deveriam ser as vítimas ao mesmo tempo em que os culpados declarados. O estadunidense Harold R. Isaacs, com uma penetração e um senso de humor que não falham nunca, escreve:

> Jiang Jieshi e a ala direita fabricaram seus rumores de complô comunista a partir da lógica lhes oferecida pela situação. Foram eles, e não os comunistas, que perceberam que os operários, com suas organizações em pleno desenvolvimento, seus piquetes armados, seu militarismo e sua força, eram capazes de se apoderar do movimento revolucionário. Foram eles, conseqüentemente, e não os comunistas, que compreenderam que já era hora de ir às vias de fato.[13]

13. H. R. Isaacs, *The Tragedy of the Chinese Revolution*, p. 137.

O "pequeno golpe de Estado" de 20 de março de 1926

É na madrugada do dia 19 ao 20 de março de 1926, em Cantão, que o general deslancha sua operação militar-policial. Tomando por pretexto a atitude pretensamente hostil da canhoneira *Chungshan*, que vieram lançar âncora em Huangpu, ele lança suas tropas sobre um certo número de homens e de lugares precisos. De início, são presos uns 50 comissários políticos de suas próprias unidades, na maioria comunistas. O quartel-general do comitê de greve de Cantão-Hong Kong é revistado – "saqueado", diz um historiador. Armas são apreendidas. O sucessor de Liao Zhongqai, figura popular da esquerda do Guomindang, Deng Yenda, é preso. Reunida em pandarecos, o Executivo do Guomindang estima que provavelmente a hora de partir chegou, mas espera. Wang Jingwei, de seu lado, não espera e parte em viagem turística para a Europa. Muitos observadores da época ficaram intrigados com a ausência de resistência, tanto da parte dos políticos quanto das massas, que tanto apavoraram nos últimos meses. É que eles não compreenderam que os trabalhadores consideravam verdadeiramente – por causa das garantias de seu partido e de sua Internacional – que este general e seu exército era o general *deles*, o exército *deles*.

Em 15 de maio, uma sessão plenária do Executivo do Guomindang, cujos elementos de sua direita vieram de toda a China, aceita as novas condições ditadas aos comunistas pelo general Jiang Jieshi. Eles vêem proibidas "críticas e dúvidas" sobre os princípios de Sun Zhongshan. O PC deveria enviar a lista de todos os seus membros que participavam também do Guomindang. Os comunistas não poderiam ser mais que 33% nos comitês municipais, ou provinciais, e no Comitê Central do Guomindang. Eles não deveriam mais exercer funções na direção dos departamentos do partido e do governo. Por outro lado, os membros do Guomindang são proibidos de aderir a um outro partido, isto é, ao Partido Comunista, sem serem, *ipso facto*, expulsos do Guomindang. As diretivas da Comintern, assim como as instruções do CC a seus próprios militantes, deveriam ser submetidas a uma comissão paritária especial do Guomindang em que estariam presentes os elementos mais determinados da direita.

Há muitos fatos intrigantes na história da Comintern. Durante meses, o golpe de 20 de março de 1926 não existiu em seus órgãos e em sua imprensa; fora desmentido de todas as maneiras, e muito raivosamente. A razão disto é simples. Havia meses, as maiores autoridades da Comintern afirmavam que o Guomindang era "o partido operário e camponês" que dirigia a revolução. Em janeiro de 1926, Stalin e o *Presidium* telegrafaram aos chineses: "É ao nosso partido que cabe a grandiosa tarefa histórica de desenvolver a primeira revolução proletária do mundo. [...] Estamos convictos de que o Guomindang conseguirá desempenhar o mesmo papel no Oriente, e, deste modo, destruir os fundamentos da dominação imperialista na Ásia"[14].

14. H. R. Isaacs, *op. cit.*, p. 120.

Apoio a Jiang Jieshi

Todos os historiadores mostraram que, no dia seguinte do golpe de Estado de 20 de março, nas semanas e nos meses que se seguiram, as organizações operárias, os sindicatos e também o Partido Comunista colocaram ênfase na necessidade da disciplina com relação ao governo e ao apoio ao exército revolucionário – o de Jiang Jieshi – no *Beifa*, a Expedição do Norte para derrotar os senhores da guerra e unificar a China. Ora, Borodin trouxe a Jiang Jieshi, como presente, um advento, cuja verdade lhe pertencia amplamente, a promessa de apoio militar da União Soviética no *Beifa*. Conselheiros militares chegaram à China sob o comando do general Pavlov depois do general Blücher, que se faz chamar de Galin ou Gallen, um ano depois de uma missão que fora enviada para enquadrar as tropas de Feng Yuxiang, o "general cristão", que agora quer aderir ao Guomindang. O Partido Comunista Chinês, sua direção e seus militantes de Xangai não se renderam sem combate. Chen Bilan, responsável feminina, contou que o comitê central, no dia seguinte do golpe de Estado de Cantão, pronunciou-se a favor de uma linha nova, adaptada à guinada da situação criada pela iniciativa do general e de seus "militaristas". Ela, por seu lado, participou da assembléia geral dos comunistas de Xangai, em 21 de março. É Peng Shuzhi quem apresentou o relatório em nome do comitê central e o acordo que se firmou em vista de um reexame das relações com o Guomindang e a definição de relações novas.

A posição do CC, definida no relatório que ele dirigiu à IC e a seus representantes na China, explica que é preciso continuar com a cooperação com o Guomindang, não mais "por dentro", mas "de fora". Para melhor garantir suas posições, o PC chinês deve desenvolver a unidade militar que controla por um dos seus, o general Ye Ting, que deve completar este esforço pelo armamento sistemático dos operários e camponeses. Tal proposição corre o risco de se combinar com a proposição de Trotsky de dar ao PCCh sua independência, autorizando-o a deixar o Guomindang. Evidentemente, é uma perspectiva perigosa[15]. Peng Shuzhi é encarregado de defender as duas primeiras posições perante Borodin e recebe do CC a autorização de apresentar, a título pessoal, sua proposição de retirada dos comunistas do Guomindang de uma colaboração de partido a partido. Claro, Peng fica isolado. O texto que ele leva é transmitido a Moscou e, evidentemente, o Executivo o rejeita, caracterizando a política inspirada pela resolução do CC chinês de "aventureirismo" porque tendia a "ultrapassar a etapa da revolução nacional"[16]. Fazem-se soar os grandes órgãos da *agit-prop* dirigidos pelo especialista Bela Kun e o Executivo decide reenviar à China, junto a Chen Duxiu, um homem com quem ele sempre se deu bem e que talvez fará com que engula a pílula, ainda mais porque ele fora, também, oposto à entrada no Guomindang, Voitinsky, de volta, portanto, à China para sua última estada.

15. Chen Bilan, "Looking back over my years with Peng Shuzhi", In: Peng Shutse, *The Chinese Communist Party in Power*, p. 13-47, aqui p. 18.

16. *Ibidem*, p. 21.

A direção da Comintern, com Stalin e Bukharin, teria realmente se alinhado com a política menchevique da revolução por etapas que serviram à oposição à Revolução de Outubro? A realidade é menos ideologizada. Como havia cultivado a aliança com Wu Peifu e Feng Yuxiang, Stalin cuidava da de Jiang Jieshi, os dois últimos sendo apoiados por alguns dos melhores generais soviéticos. Não se trata mais de debates teóricos da Comintern, mas de necessidades do Estado russo, cujos comandos estão nas mãos de Stalin. Militantes e revolucionários profissionais, Maring como Ioffe, sentiram a qualidade política de Sun Zhongshan, as possibilidades de seu partido. E, curiosamente, é prosseguindo com sua idéia de um partido operário num país semicolonial que o primeiro acorrentou o jovem Partido Comunista a um aparato e, por meio dele, a um regime militar e policial que já mostrava os primeiros traços de um "fascismo oriental". Era preciso uma "teoria" para justificar uma política suicida. Ela não poderia ser formulada senão sob a forma de um dogma. Stalin iria bem cedo o lembrar com seu estilo inimitável:

> O futuro poder revolucionário na China terá [...] a vantagem de ser um poder antiimperialista. Não se trata somente do caráter democrático burguês do governo de Cantão, que é o embrião do futuro poder revolucionário de toda a China, trata-se, antes de tudo, do fato de que este poder é e não pode ser outro que um poder antiimperialista, de que cada passo adiante deste poder é um golpe dado no imperialismo mundial, isto é, um golpe que beneficia o movimento revolucionário mundial.[17]

A expedição do Norte

Na verdade, a Expedição do Norte tinha necessariamente um impacto bem diversificado. Na instância do governo de Cantão, ela servia evidentemente de pretexto a uma manutenção severa da ordem e notadamente a uma disciplina de trabalho imposta pela necessidade. A partir do momento em que ela foi decidida, os poderes de Jiang foram aumentados e a liberdade de ação dos sindicatos limitada. Ela começou em 7 de julho de 1926. Em 29 de julho, Jiang Jieshi declarou lei marcial e proibiu toda greve "para não atrapalhar a campanha do norte". O governo negociou ele mesmo o fim da greve e proclamou como "grande vitória" um acordo que não dava nenhuma satisfação aos grevistas. Alguns meses mais tarde, os últimos vestígios do poder dos sindicatos e do comitê de greve foram erradicados. O novo patrão de Cantão, o general Li Jishen, fazia reinar ali a ordem militarista. O outro aspecto maior da Expedição do Norte é que, independentemente da vontade de seus chefes militares e políticos, ela se constituiu num enorme encorajamento para o movimento popular, os operários e os camponeses. Harold R. Isaacs escreve: "Enganados por seus próprios dirigentes, que lhes fizeram crer que uma vitória do Guomindang traria

17. Stalin, "Les perspectives de la révolution en Chine", (nov. de 1926), In: *La Question chinoise dans l'Internationale communiste*, p. 51-83, aqui p. 57.

uma grande melhoria para si, as massas populares, como um *tsunami*, levaram o corpo expedicionário até as margens do Yangzi (Yangtsé)"[18].

O mesmo autor emprega, a despeito de sua simpatia pelo movimento operário, o termo "terrificante série de greves", descreve também a explosão, precedendo a chegada do "exército revolucionário", de levantes camponeses que começam freqüentemente com a recusa de pagamento do aluguel e continuam pela tomada pura e simples da propriedade do "*landlord*". O historiador francês Jean Chesneaux explica que os quadros comunistas tiveram que se esforçar consideravelmente para "canalizar o movimento" de criação e de entrada em ação dos sindicatos, "nascidos como cogumelos depois da chuva" durante este período. Membro do PCF na época da redação de sua tese e ligado a uma certa ortodoxia com relação à versão maoísta da história, ele indica, sem escrever a palavra que esclareceria a questão, o caráter "soviético" do "poder operário" realizado pelos sindicatos da província de Hubei e da de Hunan, falando notadamente da existência, acima de seus organismos dirigentes, de "serviços governamentais com plena autoridade sobre seus próprios membros. Eles promulgavam éditos e regulamentos, prendiam, puniam, julgavam"[19].

Muitos responsáveis do Guomindang tiveram medo, e os representantes da Comintern compartilhavam sua preocupação, pois é a unidade daquilo que eles chamam de "bloco revolucionário" que está ameaçada. Num primeiro momento, não se opõe frontalmente ao movimento, mas se operam distinções entre os "bons" e os "maus" proprietários de terras: está fora de questão que os camponeses se apoderem das terras que pertencem aos oficiais do Exército Nacional Revolucionário de Jiang Jieshi, fora de questão também as reivindicações excessivas dirigidas aos pequenos patrões que fazem parte, como seus assalariados e operários, da "pequena burguesia" e do "bloco popular". É sob a sugestão de Borodin e com o apoio dos dirigentes do partidos e dos sindicatos que o governo vai chegar mesmo a decretar o arbítrio obrigatório para os conflitos do trabalho, o que permite ao patronado descartar o que os políticos chamam de "reivindicações excessivas".

A importância de Xangai

A etapa decisiva da Expedição do Norte era evidentemente Xangai. Não somente porque esta metrópole constituía a cabeça do capitalismo chinês ao mesmo tempo em que o principal enclave do imperialismo, mas também devido ao seu papel enquanto bastião do movimento operário chinês, fortaleza em que os comunistas conseguiram efetuar sua primeira penetração nas camadas mais profundas da classe operária. Já em 5 de outubro de 1925, Peng Shuzhi exprimira em *Xiangdao* o sentimento de numerosos comunistas, e notadamente os de Xangai, ao escrever: "O sucesso da revolução nacional chinesa somen-

18. H. R. Isaacs, *op. cit.*, p. 149.

19. J. Chesneaux, *op. cit.*, p. 451-454.

te é possível se os operários chineses se sublevarem e combaterem. Xangai é Petrogrado. O Fevereiro e o Outubro russos foram dirigidos pelos operários de Petrogrado"[20]. Ele afirmava que os trabalhadores de Xangai poderiam desempenhar esse papel histórico e que eles aspiravam a ele.

Efetivamente, encontravam-se reunidos no grande porto todos os elementos da tragédia, e é lá que se desenrolaria seu ato decisivo. No fim de 1926 e no começo de 1927, Xangai é o centro de todas as manobras e intrigas. Todos os homens que fazem diferença no meio econômico e político chinês – exceção feita aos distantes senhores da guerra – estão lá: o banqueiro Yu Xiaqing, porta-voz da burguesia compradora, que já retomou contato com Jiang; o pessoal da direita do Guomindang, com Wu Zhihui, aqueles da escória da sociedade com Huang Cicatriz e o patrão local do Guomindang Niu Yangjian. Há o senhor da guerra Sun Chuefang, o comandante local da guarnição, o general Li Baozhang, e mesmo Yang Yutin, que representa o poderoso senhor da guerra do norte, Zhang Suolin. Todos sabem muito bem que não existem para Xangai 36 soluções.

Ou os comunistas, que são uma extraordinária força organizada, tomarão o poder, ou então as tropas do general Jiang Jieshi entrarão na cidade e nela instaurarão uma ordem militar rigorosa. Um correspondente que assina Junior escreve no *Inprekorr*, em outubro de 1926: "200 mil operários de Xangai apóiam em fileiras cerradas o Partido Comunista. O PC da China fez de Xangai uma cidade vermelha"[21]. E, para fazer boa medida, ele acrescenta que a maior parte do programa do PC foi tomada pela seção política do quartel-general de Jiang Jieshi! Harold R. Isaacs, sempre cheio de humor, comenta: "Em fevereiro, quando as tropas de Jiang penetraram na província de Zhejiang, a situação ficou clara para todos, salvo para os operários e dirigentes comunistas, que continuavam a apresentá-lo como o general-herói da revolução"[22].

Tais ilusões farão em algumas semanas correr muito sangue. Quando as primeiras unidades do Exército Nacional Revolucionário de Jiang Jieshi chegaram a uns 30 quilômetros, a União Geral do Trabalho de Xangai lançou uma ordem de greve que foi imediatamente seguida por 350 mil operários, aproximadamente. As reivindicações tradicionais vão lado a lado com a reivindicação de liberdades democráticas. Mas trata-se de estabelecer qual poder? O chamado à greve menciona uma "assembléia de delegados de cidadãos" que poderia ser utilizada como um órgão de poder revolucionário, uma forma "soviética". Porém, ela não nasceu e não houve mais nada neste sentido. Trata-se de apoiar o avanço do exército nacionalista. De fato, a União Geral se contentou em constituir um comitê provisório revolucionário que começou imediatamente a negociar com as diferentes formações burguesas para a organização do poder municipal depois da vitória.

20. Citado por Chen Bilan, *loc. cit.*, p. 23.

21. Junior, "Les groupements au sein du GMD et les efforts du PCC", In: *Corr. Int.*, n. 108, 6 de outubro de 1926, p. 1187.

22. H. R. Isaacs, *op. cit.*, p. 173.

Xangai: primeira insurreição

O general Li Baozhang tinha outros objetivos além daqueles e, apoiado pela polícia internacional das concessões, lançou contra os grevistas uma campanha de terror. Os depoimentos que possuímos coincidem ao demonstrar a ferocidade da empreitada. As imagens mais conhecidas difundidas pelas agências de imprensa mostraram ao mundo o terrível espetáculo dos jovens difusores de panfletos e grevistas presos, conduzidos aos cruzamentos das ruas de maior circulação, colocados de joelhos e decapitados, e o sinistro desfile de cabeças cortadas e enfiadas em bambus, de um lugar de execução a outro, no sangue. Os dirigentes comunistas – Zhu Enlai, Luo Yinong, Wang Shuhua – decidiram lançar a palavra de ordem da insurreição, que eles pensavam que poderia coincidir com a chegada das primeiras unidades do exército nacionalista, esperadas para o 22 de fevereiro de 1927. Mas o exército de Jiang pára, com as armas descansadas. É Jiang Jieshi que tomou pessoalmente esta decisão, depois de um telegrama de seu compadre de Xangai, Niu Yangjian, que prossegue suas negociações com os comunistas e só pode aproveitar os golpes que recebe. Isaacs comenta: "Segundo todas as evidências, aceitou-se dar a Li Baozhang o tempo de matar o máximo possível de condutores da greve"[23]. O mesmo autor cita sobre este ponto sensível à *China Weekly Review*: "O general Li tenta se inscrever no partido nacionalista e o general Jiang Jieshi aceitou alistá-lo. [...] Há também rumores correndo sobre a imensa satisfação dos membros conservadores do Guomindang depois da fúria sangrenta do general Li, pois ela deu tanto um golpe no poder quanto nos cabeças da ala radical e comunista do partido"[24].

Este levante durará somente dois dias, de 22 a 24 de fevereiro de 1927, e foi principalmente uma retirada protetora bem conduzida quando se compreendeu que os "salvadores" não chegariam. Comentando esses eventos, três colaboradores de Voitinsky iriam escrever em 17 de março: "O poder estava nas ruas. O partido não soube como pegá-lo. Pior: ele não o queria. Ele tinha medo de pegá-lo"[25]. Em 6 de março de 1927, Peng Shuzhi aponta, num artigo, que se desenvolve no seio do exército um compromisso com o inimigo e contra as massas: "Um grupo que quer parar o processo revolucionário para unificar todos os compradores, burocratas e grandes proprietários, assim como todos os inimigos da revolução, imperialistas e senhores da guerra, para golpear as massas operárias e camponesas"[26]. À perspectiva de "ditadura militar pessoal" encarnada por Jiang Jieshi, Peng Shuzhi opunha o regime de que a revolução tinha necessidade, "um regime revolucionário de ditadura democrática" em que as massas controlam e golpeiam elas mesmas os contra-revolucionários[27]. Em 18 de março, comentando um discurso de Jiang Jieshi de 21

23. *Ibidem*, p. 176.

24. *Ibidem*.

25. *Ibidem*, p. 177; para o texto integral desta famosa "Carta de Xangai", ver *La Question chinoise...*, p. 85-113.

26. Citado por Chen Bilan, *loc. cit.*, p. 22.

27. *Ibidem*.

de fevereiro, Peng Shuzhi analisa a política do general e garante: "A luta que se delineia na China é uma luta até a morte entre as forças da revolução e as forças contra-revolucionárias representadas por Jiang Jieshi"[28]. O mesmo problema se recolocou com acuidade em 20 de março, quando a marcha em direção ao norte das tropas nacionalistas conduziu a Lunghwa, na periferia próxima de Xangai, as unidades comandadas pelo general Bai Chongxi.

Xangai: segunda insurreição

O nó da espera foi enfim desatado para valer com o apelo lançado pela União Geral do Trabalho à greve geral e à insurreição simultânea, em 21 de março, ao meio-dia, para abater o poder militarista sobre a cidade. De 500 mil a 800 mil homens estão nas ruas na hora marcada, em grupos de 20, organizados, com pistolas para todos e uma multidão armada com machados, bastões, facas e coragem. Desta vez, a vitória está à vista ao termo de algumas horas. Policiais e soldados chegam em massa, alinham-se do lado dos trabalhadores sublevados ou lhes dão suas armas. Seus chefes pensam em fugir ou encontrar uma proteção junto ao exército nacionalista. Em menos de vinte e quatro horas, Xangai está nas mãos de sua população de trabalhadores, esgotada, exangue, mas entusiasta, agora armada de milhares de fuzis e de dezenas de metralhadoras. A entrada do exército nacionalista é também uma vitória operária. Os homens do general Bai Chongxi não se moveram. Mas os da I Divisão, comandados pelo jovem general de 31 anos, Xue Yue, foram convencidos pelos agitadores vindos de Xangai. Apesar das ordens de Jiang, eles marcharam sobre Xangai, arrastando seu general e entrando, depois da batalha, na grande cidade ensangüentada e vitoriosa.

O golpe traiçoeiro

É difícil fazer o relato dos eventos que se seguem. Quem são os assassinos: os que massacram o movimento das massas, atiram sobre a multidão, executam os prisioneiros? Ou os que, até o último momento, garantiram às vítimas que os matadores eram amigos delas? Esta cumplicidade é somente "objetiva"? Pois é praticamente de maneira aberta que se prepara o enfrentamento entre Jiang e seus aliados, antigos ou novos, de um lado, e as forças policiais, sindicato e partido, de outro. O combate não é desigual. Jiang não dispõe de um aparato sólido. Ele tem somente três mil homens, cuja fidelidade pode ser colocada em dúvida, e que são sensíveis à pressão popular. Defronte a ele, a organização sindical se consolidou. As seções de vigilância, as milícias operárias, contando dois mil e setecentos homens armados de fuzis e mesmo de metralhadoras, dispondo de munições. A municipalidade saída da insurreição, o Comitê Provisório, conta com cinco comunistas de um total de 19 membros. A superioridade de Jiang é devida ao fato de que ele é um matador, decidido a suprimir seus inimigos, ao passo que estes últimos não sabem nem mesmo quais são os seus e o tomam por um amigo.

28. *Ibidem*, p. 23.

Desde sua chegada a Xangai, em 26 de março, quatro dias depois da entrada do exército de Bai Chongxi, Jiang retoma contato com seus antigos amigos e procura novos. Seus primeiros encontros são com Huang Cicatriz, do Bando Verde, Patrick T. Givens, secretário político da polícia da cidade internacional e homem do *Intelligence Service*. Ele encontra também os outros, todos que se agruparam aqui, o "teórico" Dai Jitao, Yu Xiaqing, que representa agora os algodoeiros; Wu Zhihui, da direita de seu partido. Em 29 de março, constitui-se, sob impulsão de Yu Xiaqing, uma federação patronal que lhe dá apoio total. Estas pessoas lhe fornecem capangas e dinheiro. Ele encarrega Wu Zhihui de formar uma nova municipalidade, e a antiga, preocupada com a unidade, inclina-se. Jiang pede dinheiro – milhões de dólares – aos banqueiros, aos algodoeiros e aos outros. Em alguns dias, recebe três, depois cinco, e depois 15. Os homens de que ele precisa são disponibilizados pelo Bando Verde: gângsteres que é preciso pagar. Ele tem os meios. Harold R. Isaacs, a propósito destes últimos, escreve: "O que havia sido um sindicato do crime reunia agora os traços dos Cem Negros russos e da Sociedade do 10 de dezembro de Louis Bonaparte"[29].

Os planos de Jiang Jieshi não são difíceis de serem adivinhados. Podem-se lê-los com um mapa numa mão e um calendário na outra. Um homem como Peng Shuzhi denunciou-os com toda sua força, tanto aos responsáveis da Comintern como aos seus camaradas da direção do PC e na imprensa deste último, que deixava ainda a seus membros uma boa medida de democracia. Porém, ele se choca contra um muro, e a Chen Duxiu que invoca uma "disciplina" que conduz ao desastre. No começo de fevereiro, o dirigente sindical de Ganzhou, Chen Canxian, é assassinado, os sindicatos colocados fora da lei pelo exército. Em 9 de março, um dos principais dirigentes dos operários de Xangai, Wang Shuhua – conhecido sob o nome de He Songling – convidado à casa de Du Yuesheng, desaparece. Seu cadáver é encontrado: ele foi enterrado vivo[30]. Em 17 de março, em Nanchang, o exército dissolve a seção local do Guomindang e os sindicatos. No mesmo dia, em Jinjiang, malfeitores ligados ao Bando Verde atacam as dependências dos sindicatos e do Guomindang; abatem seus defensores; prendem em massa. O mesmo roteiro se desenrola em Anjing e Wuhu. A lei marcial é proclamada em 28 de março. Os homens de Huang Cicatriz formam uma "Aliança Operária", um pseudo-sindicato destinado aos golpes duros da guerra civil. Em 30 de março, tais homens atacam o quartel-general dos sindicatos em Hangzhou.

E depois Jiang Jieshi dá o grande golpe, desta vez contra Xangai, em seus trabalhadores, suas organizações. A partir das quatro horas da manhã, na madrugada de 11 a 12 de abril de 1927, desenrola-se um ataque combinado dos homens de Huang Cicatriz, em

29. H. R. Isaacs, *op. cit.*, p. 184.

30. R. Faligot e R. Kaufer, *Kang Sheng et les services secrets chinois*, p. 60.

uniforme azul com ombreiras, contra as sedes, as dependências sindicais, os clubes, o quartel-general das milícias, etc. Eles prendem em massa, notadamente, os responsáveis dos sindicatos; disparam sobre tudo o que resiste e abatem um monte de detidos. Contam-se uma centena de mortos. Depois que a primeira surpresa passou, comunistas e sindicatos tentam responder por meio de manifestações pacíficas. É desconhecer o inimigo, que, entretanto, mostra agora sua cara. No dia 13, em Zhabei, eles ainda são 100 mil manifestantes, aproximadamente. As forças de Jiang os recebem à metralhadora, fazem, de cara, 100 mortos e centenas de feridos. Eis que chegou o tempo dos assassinos impunes. Milhares de comunistas e sindicalistas são abatidos sem julgamento, em Xangai, em Cantão e, finalmente, na China inteira. Citemos, dentre outros, Chen Yannian, um dos filhos de Chen Duxiu, morto em Xangai; Wang Shuhua, executado, como dizemos; depois Liu Hua, ele próprio fuzilado um ano antes, e o grosso dos dirigentes que permaneceram em Cantão. O exemplo de Jiang encoraja os outros senhores da guerra e seus matadores, e Zhang Suolin, com o sinal verde dos diplomatas ocidentais, manda prender Li Dazhao e uns 20 outros militantes refugiados desde quase um ano na legação soviética. Li Dazhao e seus companheiros são estrangulados em suas celas.

A esquerda depois da direita

Foi preciso uma longa semana para que os responsáveis da Comintern reconhecessem o que eles chamaram depois de a "traição" de Jiang Jieshi, tendo permanecido durante esse tempo em silêncio com a cumplicidade ativa de testemunhas visuais, não somente seus próprios militantes no local, mas também os dirigentes comunistas estrangeiros em viagem, M. N. Roy, Jacques Doriot, Earl Browder e Tom Mann, como o descrevera perfeitamente Isaacs. É que não se tratava de operar uma guinada e era preciso tempo para descobrir um outro "centro revolucionário". A revolução continuava, certamente, e Isaacs tem, provavelmente, razão de afirmar que o levante camponês em Hunan e Hubei tinha, indubitavelmente sozinho, a força de esmagar Jiang e seu exército, profundamente desmoralizado e dividido em razão do trabalho que eles tiveram de realizar e que ele sabia que teria de desempenhar novamente.

Os políticos da esquerda do Guomindang sofreram um revés e temiam ainda mais o movimento revolucionário que Jiang Jieshi. Mas eles tinham seus próprios interesses e *lobbies*. Seu governo, instalado em Wuhan e apoiado sobre um certo número de chefes de guerra da China central, contestava a legalidade da autoridade de Jiang. É com ele que os comunistas chineses receberam de Moscou – o Executivo da Comintern e, por trás dele, Stalin – a diretiva de se alinhar ao reconhecê-lo como o "centro revolucionário" na China, a expressão política e governamental do "bloco dos operários, camponeses e da pequena burguesia".

A jornalista Anna Louise Strong conta em suas lembranças que, encontrando-se em Hankou nessa época, teve uma conversa com Borodin, a quem ela diz que, se os civis

continuassem firmes, os militares capitulariam. Borodin morreu de rir e lhe respondeu que o pessoal da esquerda e do governo de Wuhan estavam igual ao coelho face à serpente, tremendo, paralisados pelo medo de serem devorados, mas, mesmo assim, fascinados[31]. Todos, em todo caso, estavam revoltados de indignação e de nojo perante o movimento revolucionário no campo. Todas as testemunhas concordam em frisar que somente Deng Yenda, chefe político da academia militar, estava fiel às concepções avançadas pelo Guomindang. Como iria dizê-lo alguns meses mais tarde um lúcido responsável russo, a burguesia chinesa abandonara a revolução, mas o governo de Wuhan, por seu lado, não tinha abandonado a burguesia.

A nomeação de dois ministros comunistas, Tan Pingshan para a Agricultura e Xu Chaoren para o Trabalho, simbolizam a política do governo de Wang Jingwei, que conta com eles para manter a ordem e fazer com que as reivindicações fiquem dentro dos limites do que ele chama de "razoáveis". Eles permitem limitar a tomada de terras, impor o arbítrio obrigatório nos conflitos de trabalho. O desconcerto das massas operárias e camponesas, que vêem se voltar contra elas seu governo e seus partidos, começa a crescer e inspirar uma passividade que é o fruto da desorientação. Em maio, o exército dito "nacional-revolucionário" pode passar ao ataque contra as organizações operárias e camponesas no Hunan, onde ela começa com sangrentos massacres, em Changsha, em 21 de maio, que prosseguem em toda a província nos dias que se seguem.

Uma tentativa de formar um exército camponês para resistir é enfraquecida pelos dirigentes do PC de Wuhan, com os ministros à frente, com o apoio de Borodin. O exército restabelece a ordem no campo por meio da metralhadora e do cadafalso. Em junho, o "general cristão", Feng Yuxiang, senhor da guerra qualificado de "patriota" por Moscou (que, por sua vez, desde muitos anos, lhe concede uma ajuda militar e principalmente conselheiros), resolve a questão do destino do governo de Wuhan. Ao passo que este último contava com a aliança que teria feito dele a espada do Guomindang de esquerda, ele se alia com Jiang Jieshi para denunciar o "comunismo" como o inimigo número um da China. Nos últimos dias de junho, o exército do "governo de Wuhan", de joelhos perante os marechais, toma de assalto as dependências sindicais e liquida os focos de resistência. A ditadura de Jiang Jieshi começou banhada com o sangue dos operários e camponeses que lhe traçaram o caminho em direção ao poder.

Uma cegueira obstinada e voluntária

A catástrofe na China, em 1927 – 547 mil mortos do lado dos operários e camponeses é a estimação mais baixa – rompe por muitas gerações as capacidades de combate de uma classe operária que despertava. A chave deste desastre não deve ser procurada na política nacional chinesa, mas na política integralmente ditada e controlada pela direção

31. Citado por Isaacs, *op. cit.*, p. 243.

da Comintern, isto é, a direção do partido russo tal como ela se conformava na época: Stalin, seguido de Borodin. Esta política foi vigorosamente criticada, muito embora nem o público – nem mesmo partido – tiveram conhecimento. Possuímos hoje o conjunto dos documentos que emanaram de Trotsky e da Oposição de Esquerda. Para evitar uma enumeração cansativa, nós reproduziremos as tomadas de posição mais importantes de parte a parte, a partir do começo do mês de abril, quando os preparativos do golpe de Estado – que se deu em 12 de abril – estavam evidentes para todos.

Tadeusz Mandalian, um jovem colaborador de Bukharin, indica que as instruções dadas aos comunistas chineses, em 31 de março de 1927, quando se acumulavam as suspeitas de ataque da parte do general, chamavam a uma "denúncia" política da "direita", mas sem incluir nela Jiang, e aconselhavam a esconder as armas ao invés de colocá-las nas mãos dos trabalhadores. Chen Duxiu escreve que a direção do PC chinês recebeu um telegrama que lhe prescrevia "esconder ou enterrar as armas dos operários a fim de evitar um conflito militar entre os operários e Jiang Jieshi". Bukharin justifica estas diretivas perante o Executivo da Comintern: "Não seria melhor esconder as armas, recusar a batalha e não permitir que sejamos desarmados?"[32]. Os fatos se acumulam com a aproximação da iniciativa contra-revolucionária. Em 3 de abril, Trotsky, absolutamente convencido de que os comunistas deveriam deixar o Guomindang e retomar toda sua liberdade de ação, submete um artigo que não será publicado. É um alerta contra Jiang Jieshi e os perigos criados pela aliança da burguesia com ele: "Conduzir os operários e camponeses ao campo política da burguesia e manter o Partido Comunista como refém, é fazer uma política que equivale objetivamente a uma traição"[33]. Stalin lhe responde em 5 de abril:

> Jiang Jieshi se submete à disciplina. O Guomindang é um bloco, uma espécie de parlamento revolucionário, com sua direita, sua esquerda e os comunistas. Por que dar um golpe de Estado? Por que rejeitar a direita quando ela nos escuta? [...] Quando a direita não tiver mais nenhuma utilidade, nós nos livraremos dela. Mas, por ora, precisamos dela [...]. Jiang Jieshi talvez tenha pouca simpatia pela revolução, mas ele está à frente de um exército e ele não pode fazer nada além de conduzi-lo contra os imperialistas. [...] É preciso utilizar ao máximo o pessoal da direita, espremê-los como um limão e depois jogá-los fora.[34]

Em 3 de abril, torna-se público que Jiang impede seus aliados de dividir com os comunistas as cadeiras da comissão municipal de Xangai. No dia 6, uma medida de ordem pública prescreve: "Todos os piquetes sindicais devem ser colocados sob a autoridade do quartel-general do comandante-em-chefe, sob pena de serem considerados organizações

32. Citado por Isaacs, *op. cit.*, p. 207.

33. Trotsky, "Les rapports de classes de la révolution chinoise", In: *La Question chinoise...*, p. 121-135, aqui p. 133.

34. Stalin, discurso citado por Isaacs, *op. cit.*, p. 206. Ele nunca foi publicado, mas foi longamente citado por Vuyović, presente com Stalin no Executivo da IC. Conhecemos somente esses excertos.

de conspiradores que se verão recusado o direito à existência"[35]. Na véspera do dia 12, a I Divisão do general Xue Yue recebe a ordem de deixar Xangai, onde ela será substituída pela tropas oriundas do norte, menos influenciáveis pelos trabalhadores de Xangai. O general Xue Yue em pessoa pede aos dirigentes do PC e ao emissário do Executivo, Voitinsky, se ele deve ou não obedecer a esta ordem que muda totalmente a relação de forças local. A resposta é dilatória. Quando ele é encurralado por seus superiores, retorna e, desta vez, a resposta é negativa: o Executivo não quer enfrentamento. O resultado de sua política é que a batalha foi assustadoramente desigual, pois a divisão de Xue Yue obedece e se afasta de Xangai.

Ao mesmo tempo, a polícia de Jiang prendeu um certo número de oficiais e comunistas responsáveis no Guomindang. Sua libertação foi pedida pelo estado-maior do departamento político do exército, o que provoca 19 prisões de responsáveis sob acusação de "contatos com as forças reacionárias". Em 16 de abril ainda, quatro dias depois do golpe, quando já havia centenas e talvez milhares de mortos em Xangai, o *Inprekorr* publica um artigo do dirigente do KPD, Ernst Thälmann, caçoando dos imperialistas que esperavam pela defecção de Jiang! É somente no dia 21 que o órgão de imprensa da Comintern anuncia a "traição" de Jiang Jieshi. Stalin vai assegurar neste 21 de abril que os eventos tinham "confirmado total e inteiramente a justeza da linha" da Internacional Comunista[36], e, no dia 23, o *Inprekorr* deixará até mesmo que um de seus homens escreva que "a traição de Jiang não era inesperada".

Podemos continuar ainda acumulando os textos mais atordoantes dos dirigentes da Comintern a respeito do episódio do "centro revolucionário de Wuhan". Contentemonos de citar uma afirmação de Stalin, em 7 de maio, quando tudo mostrava que Wang Jingwei e seus esbirros iriam se prostrar frente aos generais, tanto Feng Yuxiang como Jiang Jieshi:

> O golpe de Jiang Jieshi significa que há doravante na China do sul dois campos; dois governos, dois exércitos, o centro da revolução em Wuhan e o da contra-revolução em Nanquim. Isto quer dizer que o Guomindang revolucionário em Wuhan, perfeitamente determinado a lutar contra o militarismo e o imperialismo, vai se transformar de fato em um organismo da ditadura do proletariado e do campesinato. [...] Isto implica que a política de estreita colaboração entre a esquerda e os comunistas no interior do Guomindang adquire uma força e uma significação particulares e que, sem esta colaboração, a vitória da revolução é impossível.[37]

Como explicar a posição das esferas dirigentes da Comintern durante a segunda revolução chinesa, o apelo à teoria menchevique da "revolução por etapas", a ausência da

35. Citado por Isaacs, *op. cit.*, p. 217.

36. *Ibidem*, p. 236.

37. Stalin, citado por Isaacs, *op. cit.*, p. 237.

análise da natureza específica da burguesia colonial, certamente, mas, de maneira mais prosaica, os contra-sensos na análise das relações de força, os erros políticos grosseiros, a tagarelice insípida, a linguagem batida à potência *x*, as mentiras grosseiras, a camuflagem da política real, a procura de bodes expiatórios? Será que podemos levar a sério a hipótese máxima que vem ao espírito depois de tomar consciência desse dossiê: a sabotagem deliberada da revolução na China pelos dirigentes da Comintern, cuja vocação era de ajudar sua vitória em todos os países? Francamente, esquecê-mo-la.

De fato, a realidade é muito mais rica. Vimos anteriormente o desenvolvimento e a dominação na URSS de uma poderosa burocracia de partido e de Estado, apoiada sobre uma polícia amedrontadora. Todos os fios do poder terminaram nas mãos de Stalin, o "maravilhoso georgiano" que faz de si "o coveiro da revolução e do bolchevismo". Ora, este homem não tem a cultura séria, a formação marxista exigida pela direção, neste grau de concentração de autoridade, dos partidos comunistas do mundo inteiro. Ele não conhece línguas estrangeiras; conhece pouco o mundo exterior. Este "comunista" desconfia de tudo e de todos, mas principalmente das massas e não acredita na revolução. Talvez, até mesmo tenha medo dela, pois não manipula seus mecanismos, não sabe manipulá-la como manipula um congresso através de uma máquina disciplinada e cegamente obediente. Além do mais, ele tem medo, pois a revolução é uma força que vai, que desestabiliza do dia para a noite as posições mais sólidas, as combinações melhor tecidas. Obviamente, Stalin é obrigado a falar em "revolução". Foi ela que fez do ex-seminarista o potentado que o era então. Mas ele é o chefe de um Estado, de uma máquina, e sabe que, para segurar firme os comandos, o que conta é o número de divisões, são os homens e as armas que se manipula, os soldados que obedecem. Stalin não somente não gosta da revolução, mas desde muito tempo mostrou que tinha medo dela: não acredita que ela seja um fator de progresso na causa que ele defende.

O álibi de Cantão

Nada mostra melhor seu cinismo que a organização, em plena derrocada do movimento operário e camponês na China, que uma insurreição suicida em dezembro de 1927, em Cantão, destinada somente a lhe fornecer um argumento, um abrigo contra a "esquerda", ao mostrar que ele não hesitou em chamar, na China, uma insurreição operária armada para o poder de um soviete, obviamente arranjado por nomeação nos escritórios do partido. O caso é redondamente conduzido em nome da Comintern por dois de seus favoritos, o georgiano Lominadze e o alemão Heinz Neumann. Milhares de comunistas chineses – a cifra de 25 mil foi avançada pela oposição comunista – pereceram aqui pelo comunicado, e entre eles Zhang Tailei, chefe nominal da insurreição, ainda um jovem dirigente disciplinado que pagou com sua vida a obediência ao absurdo. A repressão é de uma selvageria excepcional. A revelação por diferentes obras do absurdo suicida da política stalinista na China provocou freqüentemente profundo espanto entre os comentadores informados em princípio, mas um pouco preocupado com os detalhes e que não compreenderam a *agit-prop* stalinista – e, ao mesmo tempo, muito freqüentemente, as agências de notícias dos países capitalistas – deu uma descrição inexata e uma análise errada da revolução e da contra-revolução na China.

Por exemplo, numerosos comentadores pensam que a "questão chinesa" foi objeto, durante os anos 1926-1927, de uma violenta polêmica entre Trotsky e os porta-vozes da política stalinista acerca do tema da "revolução permanente", caro a Trotsky. Mas isto é somente verdade a partir de 1928. Pela insistência, não somente de Zinoviev, de Kamenev e da oposição de Leningrado, mas também de Karl Radek, "especialista chinês" da Oposição de esquerda, Trotsky renunciara a incluir na plataforma desta última a palavra e o meio de análise em questão. E ele manteve a palavra. Por outro lado, Peng Shuzhi, que não tivera até então nenhum vínculo com a oposição trotskista na URSS, invocou naturalmente a "revolução permanente" e suas implicações em sua crítica da revolução por etapas *à la* Stalin-Bukharin. Assim, em que pese a auto-restrição voluntária de Trotsky, o debate no seio do partido chinês foi conduzido nos termos do debate fundamental no seio do partido russo desde 1923: "stalinismo" contra "trotskismo".

Os partidos operários e camponeses

O mais absurdo, entretanto, é que a política circunstancialmente aplicada na China foi, até a catástrofe final e mesmo até um pouco depois, cuidadosamente transposta para ser aplicada em outros lugares de maneira mecânica. Desde 1924, Stalin propusera o novo modelo do partido nacional-revolucionário, aliando operários, camponeses e pequena-burguesia. No V Congresso da Comintern, o relatório de Manuilsky definia o Guomindang, o *Sarekat Islam* e a cisão do *Rajkat Islam* como "partidos operários e camponeses tendo um programa de luta contra o imperialismo". Em dezembro de 1925, representando a Comintern, Ernest (o húngaro Gerö) explica aos comunistas franceses que eles devem, na África do norte, "criar um partido nacionalista e fazer entrar nele os elementos nativos [...] como fizemos com sucesso na China"[38].

A experiência síria permitira aos dirigentes tomarem consciência da importância e da experiência dos movimentos nacionalistas nos países coloniais. Também, numa carta ao Socorro Vermelho em Moscou, Münzenberg explicava a decisão tomada em Moscou de transformar o Comitê contra as Atrocidades na Síria em Comitê de Ação contra a Política Colonial Imperialista, sua idéia antiga. Ele já havia agrupado, em torno de si, algumas organizações alemães não-comunistas, a Liga dos Direitos do Homem da Alemanha e da Bavária, os Médicos Socialistas, a Liga dos Ex-Combatentes Pacifistas. Ele explicava que era preferível abrir amplamente suas portas sem perder o controle. A Liga contra a Opressão Colonial, que nasceria deste trabalho, era de fato o ancestral da Liga contra o Imperia-

38. Citado por Kamel el-Hocine Souidi, *Nationalisme et communisme en Algérie*, p. 99-100.

lismo, o instrumento da aliança com a burguesia colonial[39]. Os resultados desta política foram algumas vezes burlescos.

Para a Indonésia, o representante do PKI nos Países Baixos, Semaun, tomou contado com os nacionalistas do *Perhimpunan Indonesia*, de Mohammed Hatta, e as duas formações se encontravam no seio da Liga Antiimperialista.

Mas, na Argélia, procuraremos em vão pessoas representativas de classes sociais privilegiadas – "feudais inclusive", precisa Gerö – para promover esta política e constituir um "Guomindang argelino". O único disponível possível, o emir Khaled, o sobrinho-neto de Abd el-Kader, guarda distância. Termina-se assim numa organização popular essencialmente operária repousando sobre a emigração argelina na França, a Estrela Norte-Africana, dirigida por militantes comunistas cujo mais conhecido é Messali Hadj.

O Executivo da Comintern desenha, a partir de fevereiro de 1926, uma política mundial de criação nos países coloniais de partidos nacionalistas a partir do modelo do Guomindang. A composição "operária e camponesa" do Guomindang inspira igualmente o chamado em numerosos países a partidos "operários e camponeses". As aventuras nesse rumo são variadas. No Egito, o *Inprekorr* manifestava, em 1925, certo desprezo a respeito do "movimento nacional-revolucionário"; o *Wafd* de Zaghlul Pacha, "dirigido por uma burguesia oportunista" e "demasiado fraco para combater seriamente o imperialismo britânico" sublinhando seu medo perante os operários e os camponeses, numa palavra, perante a revolução[40]. Em 1926, o mesmo boletim considera o resultado das eleições que deram a vitória ao *Wafd* como uma "manifestação imponente da vontade nacional revolucionária dos egípcios" e garante: "O desenvolvimento político ulterior do Egito dependerá em grande parte da fração que possuirá a supremacia no interior do grande partido nacional: a direta capitalista ou a ala esquerda radical; pequeno-camponesa"[41]. O *Wafd* se viu assim promovido ao *status* do Guomindang. O tom muda radicalmente a seu respeito e os comunistas, descobrindo os méritos de Saad Zaghlul, praticamente desaparecem.

O FKI do Irã é dilacerado por lutas fracionais – uma das duas frações é controlada por *Sovkavkaz*, o birô do Cáucaso de Ordjonikidze, ainda próximo dos assuntos persas e que desconfia das tendências esquerdistas de Sultanzadeh. Ele naufraga sob os golpes da monarquia restaurada pelo xá Reza.

Na América Latina

Com a descoberta da América pelos comunistas, como disse um historiador irônico, acreditou-se ter encontrado o aliado ideal. Curiosamente, num primeiro momento, não será o movimento dirigido por Luis Carlos Prestes, notadamente durante a odisséia de sua

39. M. Haikal, *Münzenberg*, *op. cit.*, p. 120.

40. "Le drame du nationalisme égyptien", In: *Corr. Int.*, n. 40, 22 de abril de 1925, p. 40.

41. "La Victoire électorale de Zaghloul", In: *Corr. Int.*, n. 69, 2 de junho de 1926, p. 794.

coluna através do país, em 1924-1926, e o eco que ela suscitou nas massas camponesas. A Comintern não parece estar interessada: tanto para ela, como para o partido brasileiro, o movimento dos *tenentes* é um movimento tipicamente pequeno-burguês, cuja importância é somente anedótica, e é somente em 1927, quase um ano depois da aventura, que o PCB se pergunta se ele não fora "demasiado sectário" e que Moscou, que começa a sonhar com um "Guomindang brasileiro", convida Prestes: é o começo de uma longa história que transborda amplamente este capítulo, nem que seja somente por seu desenvolvimento inicial. De fato, nessa época, o objeto essencial de suas tentativas de sedução na América Latina é o APRA, organização criada e animada pelo peruano Haya de la Torre, com suas seções nacionais, que teoriza a aliança "operária e camponesa em vista da luta antiimperialista e da revolução por etapas". Para o dirigente *aprista*,

> as três classes oprimidas pelo imperialismo, nosso jovem proletariado industrial, nosso numeroso e ignaro campesinato e nossas classes médias oprimidas serão as forças sociais que orientarão o novo Estado. [...] Antes da revolução socialista, que conduzirá o proletariado ao poder, nossos povos devem passar por etapas prévias de transformação econômica e política, e talvez assim, por uma revolução social que realizaria a emancipação nacional do jugo imperialista e a unificação econômica e política indo-americana. A revolução proletária viria em seguida.[42]

Pepper, mais uma vez, delirou, garantindo que rapidamente a América Latina seria a China do Extremo Ocidente e o México, o Cantão da América Latina[43]. Se deixamos de lado a orientação política, essa declaração revela evidentemente mais a ausência de conhecimento, mesmo de geografia elementar, que perspectivas políticas claras. Em numerosos países, os comunistas são convocados a entrar, quando podem, no movimento nacionalista, ou, quando não, a não lhes opor obstáculo. Algumas vezes, é menos a revolta dos camponeses que o Exército Nacional Republicano da China que parece ser objeto de reprodução, ao menos em imaginação. Assim é o comportamento a respeito da revolta de Sandino.

A epopéia de Sandino

Uma das grandes epopéias dos anos 1920 na América Latina foi o levante e o combate na Nicarágua do "exército fantasma", os guerrilheiros comandados pelo ex-oficial Augusto César Sandino, a partir de 1926. Victor Alva resume:

> Durante seis anos, de 1926 a 1933, com armas tomadas do inimigo, granadas fabricadas com latas de conserva, eles resistiram aos *marines*, à aviação ianque e à guarda nacional do presi-

42. V. Alba, *Histoire des Républiques espagnoles*, p. 147.

43. P. S. Pinheiro, *Estratégia da desilusão. A revolução mundial e o Brasil*, p. 156.

> dente submisso aos EUA. [...] Sua personalidade despertou um imenso entusiasmo em toda a América Latina. Pela primeira vez, operários sem partido se interessavam, através das proezas de Sandino, à luta antiimperialista. Milhares de dólares foram coletados em benefício de seu exército, centavo por centavo; numerosos voluntários chegaram às serras onde ele lutava e, no mundo inteiro, seu nome virou um símbolo.[44]

Campeão da luta antiimperialista – contra os EUA –, desejando ser o porta-estandarte de seu país e de todos os da América Latina, "o general dos homens livres", como o batizou Henri Barbusse, foi alçado às nuvens durante muitos anos, celebrado no mundo inteiro pela *agit-prop*, e seus "companheiros de estrada", particularmente os da Liga Antiimperialista, que criaram o comitê "Tirem as patas da Nicarágua", de Romain Rolland ao mexicano José Vasconcelos, passando pelo jornalista peruano César Falcón e o *free-lancer* norte-americano Carlton Beals, Gustavo Machado e Diego Rivera... Dezenas de voluntários de todos os países afluíram para combater ao seu lado. Alguns foram seus "generais", como o salvadorenho José León Dias, o hondurenho Simón González, o guatemalteco Manuel Jirón Ruano e Frederico Restrepo à frente do batalhão Colômbia[45]. O "general Abud" é Salim Abbud, um comunista palestino-argelino, Mahmud al-Atrach, mais tarde membro do CE da IC[46]. O salvadorenho Agustín Farabundo Martí, comunista, membro do birô do Caribe da Comintern, junta-se a Sandino desde 1927; foi seu secretário e recebe dele o grau de coronel. Ele combateu ao lado de Sandino antes de o deixar em razão de desacordos políticos claramente exprimidos. Martí, enquanto colaborador próximo, teria podido constatar que Sandino e sua propaganda, com Froylan Turcios, mantinha-se no terreno da independência nacional e da emancipação do continente latino-americano, declinando toda inflexão no sentido de uma revolução social. Veio também Manuel Gómez Rosovsky, já encontrado aqui sob seu verdadeiro nome, Philips, membro do Birô nova-iorquino do Caribe. A propaganda sandinista fez, enfim, uma grande publicidade da passagem às fileiras dos insurgentes, em 19 de fevereiro de 1929, de um sargento dos *marines* norte-americanos, James A. Davidson.

A partida de Martí marcou a ruptura da aliança entre Sandino e a Comintern, que fora mais sonhada que realizada, e que se transformou rapidamente, ao lado da Comintern, em briga de família não resolvida. Ao mesmo tempo, o México, até então uma espécie de base de retaguarda do exército sandinista, lançou-se na repressão anticomunista e o amálgama, prendendo com os dirigentes do PCM, em 1929, o enviado sandinista Estebán Pavletic, o capitão José de Paredes. Sabe-se que a retirada dos *marines*, em 1933, apareceu a todos como a vitória de Sandino. De fato, a troca dos soldados americanos fora garantida com a formação e o treinamento dos pretorianos da Guarda Nacional de Anastasio Somoza. A paz

44. V. Alba, *op. cit.*

45. G. Selser, *Sandino, General de Hombres Libres, passim.*

46. É em todo caso igualmente a opinião de Kamel el-Hocine Souidi, que o conheceu numa prisão argelina depois da queda de Ben Bella.

foi assinada em 2 de fevereiro de 1933. Convidado pelo presidente Sacasa, Sandino, com o irmão dele e seus dois colaboradores mais próximos, Francisco Estrada e Juan Pablo Umanzor, caiu numa armadilha e foi abatido, incontestavelmente vítima de suas ilusões[47].

As veleidades brasileiras

A idade subjacente às relações com o APRA e à procura de alianças com Sandino foi evidentemente, como dirá o brasileiro Fernando Lacerda, em 1928, "constituir uma organização de mesmo tipo" que o Guomindang. Não obstante, a linha do "Guomindang brasileiro" não era fácil de ser aplicada. Ela se manifestou, de início, através da glorificação dos *cangaceiros*, estes camponeses pobres e bandidos tradicionais que se sonhava transformar em *partisans*. José Caetano Machado, o panegirista da proletarização, garantiu que o Brasil seria o país das guerrilhas camponesas[48].

Os comunistas se colocam principalmente a questão do "prestismo", este movimento da pequena-burguesia, particularmente implantado entre os oficiais (os tenentes), que reivindica o herói da cavalgada da coluna que levava seu nome, Luis Carlos Prestes, batizado por eles de "Cavaleiro da Esperança". Astrojildo Pereira, à procura da "ampliação" desejada, vai até a Bolívia para se encontrar com Prestes e lhe propõe "uma aliança entre o proletariado revolucionário, sob influência do Partido Comunista, e as massas populares, principalmente camponesas, sob a influência da coluna e de seu comandante"[49]. Em 6 de julho de 1929, *A Classe Operária* propõe a Prestes, que ela chama de "o heróico general", ser o candidato do PCB à presidencial sob a bandeira da "união da classe média e do proletariado".

O PCB lança-se, ao mesmo tempo, como todos os outros partidos comunistas, numa política de formação de "blocos operários e camponeses" em diferentes estados. Tal política não parece ter dado o menor fruto, e, de todo modo, ela é desacreditada tão logo foi lançada. Guralsky, que sucede a Humbert-Droz à frente dos assuntos latino-americanos, não tratou, com a ira do rigor, Luis Carlos Prestes de "Jiang Jieshi brasileiro"?

"Partidos operários e camponeses" no resto do mundo

No mundo, os comunistas engajaram-se à procura da aliança "camponesa", o que significa, no mais das vezes, concretamente, uma aproximação de sua parte com as formações nacionalistas. Na Indonésia, o pessoal do PKP entrou no *Sarekat Islam*, provoca nele uma cisão que o Executivo da Comintern lhes pedira com insistência para evitar nos co-

47. G. Selser, *op. cit.*, p. 196-197.

48. J. F. W. Dulles, *Anarchists and Communists in Brazil*, p. 502.

49. *Ibidem*.

mecinho de 1923. A cisão, não obstante, ocorreu em fevereiro de 1923 e numerosas seções locais do *Sarekat Islam* seguem o Partido Comunista e se reagrupam no *Sarekat Islam* Vermelho, rapidamente rebatizado de *Rakjat Islam* (União do Povo), que conta no começo com 31 mil membros, na maioria, camponeses. Os dirigentes comunistas indonésios resistem à pressão do Executivo e procuram absorver em suas fileiras o pessoal do *Sarekat Rakjat* ao invés de marchar em direção a um partido operário e camponês como o quer a Comintern. O caso acaba aqui com a insurreição de 1926 e a repressão que se segue.

Nas Filipinas, os elementos operários em torno do líder nacionalista, o operário impressor Crisanto Evangelista, ganharam o líder camponês Jacinto Managan. Um e outro estão entre os florões da Profintern e da Krestintern.

Na Tunísia, os comunistas entraram no *Destour*, o Partido Nacionalista da Independência, em 1926.

Na Indochina, o *Than Nien*, formação nacionalista fundada e dirigida pelo comunista Nguyen Tat Thanh, tornado Nguyen Ai Quoc (Ho Chi Minh), que se abriga em Cantão sob a proteção do Guomindang, faz sua corte ao partido nacionalista VNQDD. São os militantes comunistas que fundam em Paris, em 1926, o Partido Anamês da Independência (*Vietnam Doc Lap Dang*), animado pelo jovem Ta Thu Thau. Ele toma a palavra no congresso de Frankfurt da Liga Antiimperialista em julho de 1929[50].

O trabalho em direção à África negra é revestido tanto de cores mais nacionalistas e algumas vezes "racistas" – sem significado pejorativo – que comunistas, como é o caso com a Liga de Defesa da Raça Negra criada neste período pelo militante comunistas senegalês Lamine Senghor, um ex-atirador tuberculoso já citado.

Na Índia, o atraso se agrava com relação aos sonhos nutridos. O desaparecimento do partido sob os golpes da repressão, o interesse de personalidades "de esquerda" do Partido do Congresso em se juntar aos militantes combativos se combina com a linha do Executivo para uma orientação "Guomindang" adaptada. Sem dúvida, a desconfiança para com M. N. Roy e seus fiéis, o Executivo confia as operações ao CPGB, que envia diversos emissários sucessivos, o minerador George Allison, Philip Spratt e o deputado do parlamento britânico Shapurji Saklatvala. Segundo Spratt, tratava-se de constituir um "partido operário e camponês" que deveria conquistar posições no seio do Partido do Congresso. Mas quando da fundação formal deste partido com todos os elementos comunistas da Índia, o fim desta política já estava próximo por razões "moscovitas".

A Liga Antiimperialista

Vimos as origens da Liga contra o Imperialismo com a campanha internacional contra a guerra na Síria. O aparato é controlado por Willi Münzenberg, seu "inventor", e

50. D. Hémery, "Tha Thu Tau, l'itinéraire politique d'un révolutionnaire vietnamien", In: *Histoire de l'Asie du Sud-Est*, 1982, p. 193-222, aqui p. 208-209.

por sua equipe, notadamente o húngaro Gibarti e o tchecoslovaco Katz. De 10 ao 15 de fevereiro de 1927, ela faz em Bruxelas seu congresso constitutivo, que reúne todas as organizações nacionalistas e antiimperialistas, desde o indiano Nehru até o indonésio Hatta passando pelo APRA, o Guomindang, o VNQDD e praticamente todas as organizações nacionalistas, e não somente, como se disse, aquelas que eram manipuladas ou infiltradas pelos comunistas. Da América Latina vieram não somente o peruano Raúl Haya de la Torre, fundador do APRA, mas também o mexicano José Vasconcelos, intelectual de grande reputação. A África e o Oriente estão bem representados. Além dos argelinos Messali Hadj e Hadj Ali, o tunisiano Chadly Khairallah, o sírio Mazhar al-Bakri, irmão de Nasib, os egípcios Muhammad Hafiz Ramadan e Ibrahim Yussuf, o sudanês de Genebra Hassan Matar, o palestino Djamal al-Husseini, encontramos também o sul-africano do ANC Josiah T. Gumede e Jimmy A. La Guma, que, por sua vez, é comunista. O comunista senegalês Lamine Senghor pronuncia um discurso retumbante, proclamando e celebrando a entrada dos negros da África na história do mundo como combatentes e não como mercadorias.

Este congresso, o maior encontro político anticolonialista do Entreguerras, é politicamente o coroamento da política mundial de tipo "Guomindang", ao mesmo tempo em que sua última etapa, que se aproxima, com efeito, de seu fim. O jovem dirigente "de esquerda" do Partido do Congresso indiano, Jawaharlal Nehru, foi feito ao Executivo, no qual entra igualmente Hafiz Ramadan. Um dos três secretários é o comunista indiano Virendranath Chattopadhyahya, "Chatto" para seus camaradas[51]. Mas o nascimento da Liga é também seu canto do cisne, em que pese o delírio verbal de Marcel Cachin, que compara o Congresso de Bruxelas ao de Baku, confrontando assim o fim e o começo.

Vãos esforços de reconstrução no Japão

No Japão, era preciso construir sobre os escombros amontoados, depois do tremor de terra de 1923, em todos os sentidos do termo, e a derrocada do PC japonês[52]. Desde 1924, chegam os primeiros reforços provenientes dos EUA, que trazem a experiência dos últimos anos em seu país e no Canadá. Ali, depois da derrocada inicial dos partidos comunistas há pouco criados, sob os golpes da repressão, a situação foi reajustada graças aos esforços do enviado da Comintern, o letão de Massachusetts Karlis Jansons. Nos EUA e no Canadá, com efeito, os esforços desse enviado especial da Agência Americana criada no II Congresso da Comintern desembocaram na formação de um *Worker's Party*, fachada legal do PC clandestino. É em 1925 que Karlis Jansons chega ao Japão. Ele foi chamado de Karl Jansen, depois Charles Johnson. Por ora, ele é Charles E. Scott. Sua missão japonesa, para

51. "Für eine Internationale der Völker? Zur Tätigkeit arabischer Antikolonialisten und der 'Liga gegen Imperialismus und für nationale Unabhängigkeit'", In: *Asien, Afrika, Lateinamerika*, p. 848-850.

52. Seguimos aqui os livros mencionados sobre o PC japonês, mas principalmente a comunicação sobre a história do PCJ nos texto do Amsterdã 1992, através da pena de Tosio Iwamura.

os pesquisadores que não conhecem a língua japonesa, foi revelada pelo historiador Toshio Yamakawa, ao longo de um colóquio em Amsterdã, em 1992.

Antes mesmo de sua chegada, já havia homens da Comintern no local. Seu líder, Sanzo Nosaka, tornado comunista na Grã-Bretanha pelo BSP, chegou armado da linha do fim de 1922 para a frente única. Apoiado sobre a resolução do IV Congresso, dava ênfase na inclusão no programa, ao lado da abolição da monarquia, do "sufrágio universal" e da "liberdade total dos partidos operários". O mérito de duas iniciativas importantes cabe a este grupo. A associação de ajuda para a autoproteção nasceu da experiência dos americanos nos tempos dos ataques de Palmer, e o Instituto de Pesquisa Social de Tóquio permitiu o arquivamento, portanto a consulta, dos documentos da Comintern. Parece que Karlis Jansons compreendera imediatamente os problemas colocados no Japão com o encontro destes dois militantes bem diferentes que eram o tipógrafo Sentaro Kitaura e o advogado Kyushi Tokuda. Mas se ele compreende o problema, isso não quer dizer que o resolve. Ele compreende que é preciso reconciliar as duas frações presentes e, para tal, ganhar para sua causa um homem que tinha autoridade sobre todos, Hitoshi Yamakawa. Contudo, ele não tem tempo. Antes mesmo de sua chegada, os comunistas japoneses, inspirados por aqui que eles acreditaram terem entendido dos objetivos da Profintern, engajaram-se na via da cisão sindical. Assim, este partido, antes mesmo de renascer, está à beira da cisão. Fukuo Fujumoto, o homem da esquerda, ataca publicamente Yamakawa, em setembro de 1926, e inspira a fundação, em dezembro, do partido comunista japonês. Para combater esta iniciativa, Karlis Jansons financia o grupo direitista de Kitaura, que está na linha de um "partido operário e camponês" – para esquematizar, de um Guomindang japonês –, e este consagra a cisão ao fundar, em 1927, a Fração Operária e Camponesa.

O historiador Toshio Yamakawa distingue nos dois grupos presentes uma fração "de direita", bukharinista, inspirada por Jansons, e crê que a fração Fujumoto é "trotskista-zinovievista" devido a suas tendências "de esquerda" – o que não constitui uma prova da existência de vínculo de organização. De fato, com o desnível entre Moscou e Tóquio e as especificidades japonesas, tudo termina bem mal para o comunismo no Japão. Fukuo Fujumoto descobre em Moscou o que é o futuro imediato do trotskismo, ao passo que se constitui em Tóquio um Partido Operário e Camponês "legal", no momento em que Moscou vira as costas a essa concepção e se pronuncia de novo em favor dos PCs puros e duros. É provavelmente aqui que reside o segredo do desastre histórico do comunismo, nascido demasiado tarde no Japão, no momento em que o stalinismo já se consolidou em Moscou e quando toma o controle de todos os PCs por meio da Comintern, estando a via de todo desenvolvimento organizacional apoiada sobre o movimento social, doravante barrada.

Uma guinada mundial

A guinada na China no dia seguinte da derrota é, com efeito, uma guinada mundial. Ela anuncia uma reviravolta total, o advento de uma política sectária de isolamento

sistemático, que seus idealizadores chamam de maneira redondamente equivocada de "classe contra classe". Por outro lado, um outro período da história da Comintern começa no fim de 1927 com a expulsão de Trotsky e de seus camaradas da Oposição de Esquerda, culpados de terem previsto e denunciado uma derrota próxima. Ele é marcado pelas deportações massivas de velhos bolcheviques, por uma nova depuração nos partidos; em resumo: pela "caça" aos trotskistas, tornada uma preocupação central. Desta vez, problemas e debates políticos passam ao segundo plano. Trata-se, doravante, de obedecer. E em todos os partidos.

A Oposição Unificada Internacional de 1923 a 1928

A história da Comintern é inseparável da história das oposições que se desenvolveram em seu seio. A Oposição de Esquerda teve uma existência real durante dez anos; ela funcionou não somente como uma tendência no começo, mas, em seguida, como uma fração no interior da IC, e deixou sua marca em todos os momentos importantes de sua história até 1933. Nascida mais tarde, a Oposição de Direita foi principalmente uma federação de grupos, nem sempre teve posições claras e desapareceu pouco a pouco. Os documentos de arquivo sobre a Oposição de Esquerda são abundantes, mas estão dispersos: os arquivos da Comintern e os do partido russo são evidentemente os mais ricos, mas os do KGB estão inacessíveis, salvo às grandes fortunas. Os de Trotsky, em Harvard, e de Sedov, em Stanford, são evidentemente de uma grande riqueza.

A oposição russa

Nascida do prestígio e da inspiração de Leon Trotsky, ela esteve de início a seu reboque, e alguns de seus grupos eram somente suas "caixas postais". A Oposição de Esquerda russa é a mais conhecida. Nasceu em 1923, da "Carta dos 46" (recentemente publicada na URSS[1]), em realidade do grupo dos próximos de Trotsky informados de suas preocupações sobre o regime do partido. Funcionou até a XIII Conferência do PCR(b) como uma tendência, abstendo-se de todo comportamento fracionário, o que facilitou a tarefa do aparato, notadamente a fraude de urnas. A vontade de Trotsky de respeitar a legalidade do partido no dia seguinte de uma conferência nacional com votos vergonhosamente falsificados impediu o golpe de Estado militar em favor da "democracia do partido", proposto ao

1. *Izvestia TsK KPSS*, n. 6, 1990.

mesmo tempo por S. V. Mratchkovsky e V. A. Antonov-Ovseenko.

Depois de sua derrota de 1923 e até o dia seguinte do "debate literário", a oposição de esquerda era somente uma rede de ligações pessoas, "gerida" pelo secretariado de Trotsky, que se reconstituiu sob forma de tendência, com traços de fração, somente a partir da "Declaração dos 13" e da aliança com Zinoviev e Kamenev no seio da oposição unificada, na primeira metade de 1926, tornando-se, em seguida, uma verdadeira federação de frações opositoras.

Ainda hoje não é possível traçar um panorama completo da organização opositora. As sondagens efetuadas nos arquivos em Moscou e em Kharkov mostram no conjunto, no entanto, uma organização formada antes de tudo por jovens operários implantados nas principais fábricas destas duas cidades, enquadrados por velhos bolcheviques em Moscou e, em Kharkov, pela geração da luta clandestina sob Denikin e contra a ocupação francesa de Odessa. Os trabalhadores constituem três quartos de um efetivo que inclui também militares, oficiais e alguns *tchekistas* – ou melhor, ex-*tchekistas*, pois a Tcheka fora depurada. Há entre eles quadros sindicais de nível nacional, como Krol e Ichtchenko, mas principalmente quadros locais. Os membros da Juventude Comunista são numerosos em suas fileiras: a oposição controlou a JC criada por ela mesma, na Ucrânia, por exemplo[2].

Uma geração de quadros que combateram em 1917 e nos anos seguintes, entre 1923 e 1927, operários como Maliuta, Vorobiev, Novikov, mas também jovens diplomados dos institutos dos partidos de origens sociais diversas, Stopalov, Gevorkian, o historiador Iakovin e mulheres como Mussia Magid, Tatiana Miagkova, Olga Smirnova. Não há oposição internacional, somente uma rede de simpatias e de correspondentes: Rosmer, Souvarine e Paz, na França; Herclet e Tommasi, em Moscou; o austríaco Josef Frey; os espanhóis Joaquín Maurín e Gabriel León Trilla, mas principalmente Andrés Nin, durante algum tempo.

Trotsky e a crise britânica

Trotsky escrevera, no período imediatamente precedente à greve geral, uma obra intitulada *Aonde vai a Inglaterra?*, análise séria da "crise britânica" e das relações anglo-americanas. Ele acompanhara de bem perto os eventos decisivos, tomando notas que deveriam ser publicadas nos dias 19 e 20 de maio, na *Pravda*. Claro que ele não tinha nenhuma ilusão sobre as pretensas "esquerdas" britânicas, particularmente à frente dos sindicatos, tendo escrito a esse respeito em 25 de dezembro de 1925:

> Em oposição à palavra de ordem de armamento dos operários, os sábios da esquerda se puseram a juntar todos os preconceitos e superficialidades dos séculos passados: a superioridade do fator moral sobre a força, as vantagens das reformas graduais, a idéia anarcopacifista da greve geral que eles queriam não como um meio de lutar, mas como um argumento contra a insurreição, e o fato de que eles se dispuseram heroicamente... a autorizar a violência no pretenso "caso extremo em que ela nos seja imposta". Por toda evidência, isto significa quando o inimigo tiver surpreendido vocês e que ele já estiver os esmagando sem armas contra um muro.[3]

2. Apresentei, no congresso mundial dos historiadores em Montreal, em 1996, num "painel" do professor William Pelz, uma comunicação sobre esta questão.

Além do mais, num discurso pronunciado no congresso dos trabalhadores têxteis, em 29 de janeiro de 1926, Trotsky garantia que a situação britânica dava sinais de uma radicalização profunda do movimento operário:

> O operário britânico proletarizou-se politicamente. Ele procura uma nova fonte de apoio e não é absolutamente por acaso que ele a encontrou de início e antes de tudo nos sindicatos soviéticos. O Comitê Sindical de unidade anglo-russo é a expressão mais avançada da mudança da situação que está ocorrendo sobre nossos próprios olhos em toda a Europa e sobretudo na Grã-Bretanha, e conduzirá a revolução proletária. Não há outra saída.[4]

Em suas notas de 12 de janeiro, publicadas em maio de 1926[5], Trotsky atacava a esquerda dos sindicatos britânicos e ao erro que consistia em superestimar a influência de um grupo que, dizia ele, se distinguia pelo caráter informe de sua ideologia e que, por tal razão, era incapaz de consolidar ao redor de si a direção do movimento sindical. Ele escrevia: "Pensar que os personagens que dirigem em Scarborough poderiam se tornar os dirigentes de uma derrubada revolucionária do poder seria se cobrir de ilusões. [...] É preciso entender bem: este tipo de esquerdismo só pode subsistir durante muito tempo se ele não tiver nenhuma obrigação prática. Desde que a questão de agir é colocada, as esquerdas entregam respeitosamente o poder às direitas"[6]. Em 5 de maio, numa carta a um de seus camaradas próximos, colocava a questão sobre um plano mais geral:

> Tanto as direitas quanto as esquerdas, inclusive, claro, Purcell e Cook, temem acima de tudo o começo do fim. Mesmo quando eles admitem, em palavra, o caráter inevitável da luta e da revolução, eles têm esperança no fundo de si mesmo que algum milagre lhes poupará de tal perspectiva. [...] Toda a "superestrutura" atual da classe operária britânica – em todas as suas nuances e grupos sem exceção – representa um mecanismo de frenagem da revolução. Isto permite vaticinar um período de forte pressão de um movimento espontâneo e semi-espontâneo contra os quadros das velhas organizações e a formação de novas organizações revo-

3. *Pravda*, 25 de maio, *Trotsky's Writings on Britain*, 2, p. 133.

4. Reproduzido *ibidem*, p. 49.

5. Estas notas foram publicadas na *Pravda* dos 25 e 26 de maio. Encontramo-nas nos escritos britânicos de Trotsky, p. 127-147.

6. *Trotsky's Writings on Britain*, p. 138-139.

lucionárias sobre a base desta pressão. [...] *Há numerosos elementos inibidores no aparato da classe operária britânica*. Pode-se resumir toda a situação no fato de que a preocupação, o descontentamento e a pressão das massas operárias britânicas se exercem sobre a linha da luta conta as barreiras organizacionais e ideológicas do conservadorismo do aparato.[7]

E precisa sua preocupação quanto à política da Comintern:

Certamente, mesmo com um enraizamento revolucionário firme, isto é, ativo, do Partido Comunista e dos melhores elementos "de esquerda", pode-se somente supor que o proletariado vai chegar ao poder como resultado de uma primeira grande vaga. Mas a questão é: será que essa esquerda passará pela primeira fase da revolução como nós passamos em 1905, à frente da revolução? Ou será que ela vai deixar passar toda uma situação revolucionária como o fez em 1923 o partido alemão? Este último perigo é absolutamente real. Pode-se somente atenuá-lo, ajudando a esquerda (a *verdadeira* esquerda, não Lansbury ou Purcell) com uma orientação efetiva. E, para realizar essa tarefa [...], é preciso entender claramente que todas as tradições, os hábitos de organização e as idéias de todos os grupamentos que já existem no movimento operário sob formas e com palavras de ordem diferentes os predispõem ou à capitulação direta ou ao compromisso, ou ainda à contemporização e à passividade para com aqueles que fazem compromissos e a queixas acerca dos traidores.[8]

No prefácio à segunda edição de seu livro *Aonde vai a Inglaterra?*, datado de 6 de maio, Trotsky se ocupava de reflexões que iriam se revelar de uma grande pertinência e atualidade:

O vazio sem esperança do reformismo britânico atual não o deixou outro recurso que de tomar parte na greve de massa do proletariado. Isto revela a força da greve – mas, também sua fraqueza [...]. É preciso encarar os fatos: os principais esforços dos chefes oficiais do *Labour Party* e de um número considerável de líderes sindicais não tinham por objetivo paralisar o Estado burguês por meio da greve, mas, muito pelo contrário, paralisar a greve geral em nome do Estado burguês. O governo, na figura de seus elementos conservadores mais duros, quer, sem nenhuma dúvida provocar uma guerra civil em miniatura para ter a possibilidade de tomar medidas de intimidação antes do desenvolvimento da luta.[9]

Abordando por sua vez a questão da direção da greve, ele afirmava, em oposição aos dirigentes da Comintern e do CPGB:

É preciso se dar conta de que a vitória é possível somente na medida em que a classe operária

7. *Ibidem*, p. 141.

8. *Ibidem*, p. 142.

9. *Ibidem*, p. 144-145. Tais notas, inclusive esta, de 6 de maio, foram colocadas à guisa de prefácio.

britânica, ao longo do desenvolvimento e do reforço da greve geral, conseguir mudar seus chefes. Um provérbio americano diz que não se deve trocar de cavalo quando se atravessa uma correnteza. Mas esta sabedoria prática somente é válida em certos limites. Não se conseguiu nunca atravessar uma correnteza revolucionária sobre um cavalo reformista. [...] Eles apoiarão por todos os meios a unidade de ação de massa, mas eles não permitirão nenhuma aparência de unidade com os chefes oportunistas do *Labour Party* e das *trade-unions*.[10]

Relevemos, para terminar este ponto, que Harry Wicks, que se tornou trotskista alguns anos mais tarde, levanta-se contra toda afirmação tanto de trotskistas como de stalinistas segundo a qual Trotsky teria falado de situação revolucionária na Grã-Bretanha. Ele escreve:

O que Trotsky tinha razão em salientar, nesta época, eram as ocasiões oferecidas pela greve ao Partido Comunista para tomar a iniciativa política, sob a condição de bem compreender o que se passava. Ao invés disso, o PC tornou-se um dos elementos da confusão, elogiando por vezes os dirigentes de esquerda e por vezes alertando contra aqueles que não eram dignos de confiança. Assim, seus membros compartilharam bastante da experiência do resto da classe para quem, como bem disse Dutt, a traição de 1926 atingiu como um raio.

Bukharin contra Trotsky

É a Bukharin que caberia a tarefa de responder longamente às idéias formuladas por Trotsky em suas "notas" publicadas na *Pravda*. Podemos notar que a polêmica permaneceu relativamente morna e que o nome de Trotsky não aparece no discurso de Bukharin, ao menos tal qual ele apareceu na imprensa. Certamente, depois da capitulação sem mais da esquerda, sempre falando da "traição dos chefes reformistas" em geral, Bukharin opera uma distinção entre a direita e a esquerda: uns são traidores conscientes, os outros são culpados de terem capitulado: "É principalmente a ala esquerda que deve ter a maior responsabilidade: em razão de seu esquerdismo, tinha mais influência sobre os operários mais revolucionários e, se ela tivesse querido, teria podido ter a maioria no conselho geral"[11]. Frisemos simplesmente que, sobre este ponto, Bukharin evita criticar Trotsky, que, por sua vez, não esperava a capitulação da esquerda para alertar contra suas tendências à capitulação. Não podendo defender o silêncio dos dirigentes da Comintern sobre as esquerdas antes de sua capitulação, Bukharin se contenta em não dizer nada. Ele posa, por outro lado, como o defensor do CPGB contra Trotsky, quando escreve:

10. *Ibidem*, p. 145.

11. Bukharin, conferência à assembléia dos militantes de Moscou, 8 de junho de 1926, In: *Corr. Int.*, n. 81, 10 de julho de 1926, p. 901.

> Uma idéia foi emitida num dos artigos publicados na *Pravda* segundo a qual o movimento operário inglês possui um aparato de organizações com um caráter de "superconstrução" (superestrutura) e que este aparato, sob todas as suas formas em absoluto – nas *trade-unions*, nos sindicatos, nos partidos, inclusive no Partido Comunista –,desenvolveu-se como "um aparato de frenagem revolucionária". Parece-me que este ponto de vista foi completamente refutado pelos fatos. [...] Além do mais, eles estão em contradição com as decisões antigas e recentes da Internacional Comunista. [...] Nosso partido comunista, [...] ainda jovem, foi colocado perante problemas formidáveis e saiu deles com honra. Por tal razão, nós o defendemos energicamente contra todos que dizem que ele constitui uma peça do "aparato de frenagem".[12]

Ele acrescenta, não sem uma ponta de arrogância: "Nesses últimos tempos, uma tendência a falar mal daquilo que não está em conforme com o ponto de vista de tal ou tal camarada nasceu entre nós, sem se preocupar em conhecer a situação efetiva". Essa tendência se manifestou antes de tudo no desejo de declarar que o Partido Comunista Inglês era um "elemento de frenagem revolucionária"[13]. Depois de anunciar sua intenção de combater os argumentos dos ultra-esquerdistas alemães, Trotsky volta ao ataque:

> Uma tal política visa a abrir fogo contra a Comintern e indiretamente contra nosso partido. Para atirar na Comintern, é preciso atirar de través, e para atirar de través, se não se tem argumentos, inventa-se. A apreciação do CPGB como um "aparato de frenagem revolucionária" contradiz, antes de tudo, os fatos, sem falar de muitas outras considerações que eu não menciono. [...] Em nossa imprensa foi emitida a opinião de que, se todas as formas exteriores do movimento operário inglês são somente um aparato de frenagem revolucionária, é preciso, portanto, procurar "novas formas revolucionárias".[14]

Este argumento e o da saída do Comitê Sindical Anglo-Russo lhe aparecem, portanto, um encorajamento à "tendência nefasta a sair dos sindicatos"[15].

A Oposição e o Comitê Anglo-Russo

Uma das primeiras iniciativas da Oposição Unificada, depois da "Declaração dos 13", foi uma crítica da política da Comintern na Grã-Bretanha, em particular a batalha pela ruptura com o Comitê Sindical Anglo-Russo. De volta de Berlim, onde ele se tratava, em Moscou, depois do fim da greve geral e da capitulação do Conselho Geral dos TUC, Trotsky está convencido da necessidade da ruptura dos sindicatos soviéticos com o Comitê Sindical Anglo-Russo. Ele se abre tanto aos seus camaradas quanto aos novos aliados da Oposição de Leningrado. As respostas diferem. Radek não concorda com esta proposição. Por outro lado, Zinoviev, depois de um tempo de hesitação, alinha-se. Ambos vão defender juntos esta iniciativa no birô político. Trotsky lembra em sua intervenção no Birô Político, em 3 de junho, que ele dirigiu, em 3 de maio, ao BP um alerta contra a atitude demasiado contemporizadora e hesitante do CPGB[16]. Quando do *Plenum* do Comitê Central de julho, a Oposição de Esquerda apresenta, sobre a questão inglesa, uma resolução assinada por Zinoviev, Trotsky, Kamenev, Piatakov e Krupskaia[17].

O texto da Oposição começa com o que eles chamam de fatos incontestáveis: a traição da greve geral pelo conselho geral, que se prepara para trair a greve dos mineradores, a tentativa do conselho geral de se esconder por trás da aliança soviética graças à manutenção formal do Comitê Anglo-Russo. Eis as razões por que ele pede que o comitê seja reunido rapidamente. É preciso apresentar todos os problemas, acusar de traição os traidores e deixar o comitê fazendo barulho. Para a Oposição, a maioria do Birô Político realizou uma política profundamente errada. "Era preciso romper sem hesitação com o conselho geral sobre a questão de sua traição e no momento de sua traição, sob os olhos das massas. Não se podia permitir aos traidores de se mostrarem como nossos aliados, nem sequer por uma hora, depois que eles furaram a greve"[18]. A Oposição denuncia como um erro imperdoável ter permitido ao conselho geral preparar para o futuro uma ruptura com base em questões secundárias ou fazer do Comitê Anglo-Russo um organismo sem conteúdo. O erro não reside, segundo ela, no fato de ter constituído este comitê, mas de não se ter sabido usá-lo nos marcos de uma política revolucionária: "Estávamos inteiramente certos em concluir essa aliança quando nós a fizemos, mas seu objetivo de retorná-la contra os oportunistas, era empurrar para frente o máximo possível esses dirigentes hesitantes, denunciá-los, depois romper com eles no momento em que eles nos traíssem"[19].

O texto sublinha que a política conduzida pela maioria do Birô Político sobre a questão do Comitê Anglo-Russo não tem nada a ver com a linha comunista tal como ela foi definida, garantindo mesmo que ela é uma "transgressão nos termos da *essência revolucionária* da política de frente única"[20]. Ela constitui, em outros termos, o abandono da tática criada pela Comintern através de Lenin nos últimos anos de sua vida. Enfim, o texto coloca em causa a prática da direção do partido russo, neste caso, e propõe ao *Plenum* declarar que "ele considera totalmente injustificada a ação de camaradas que levam discussões que ocorrerem no Birô Político sobre a questão do Comitê Anglo-Russo à imprensa e às reuniões fora do BP, deformando gravemente as posições dos membros da minoria do

12. *Ibidem*, n. 82, 14 de julho de 1926, p. 908.
13. *Corr. Int.*, n. 82, p. 908.
14. *Ibidem*, n. 83, 17 de julho de 1926, p. 920.
15. *Ibidem*, n. 84, 21 de julho de 1926, p. 931.

16. Papéis de Trotsky, Harvard, T 881, tradução inglesa em *Trotsky's Writings on Britain*, p. 187-189.
17. *Ibidem*, p. 189-195.
18. *Ibidem*, p. 190.
19. *Ibidem*, p. 191.
20. *Ibidem* (grifado por Trotsky).

BP, partindo para ataques pessoais brutais, etc."[21]. E acrescenta: "Os membros do BP que estão em minoria sobre esta questão, que não foi de forma alguma aprovada (nem sequer simplesmente discutida) de antemão no XV Congresso do partido, não tiveram a possibilidade de afirmar suas idéias reais a respeito. O resultado é que ocorreu uma 'discussão' deformada e unilateral, que envenena a atmosfera do partido"[22].

Desta forma, aparecem estreitamente ligadas as questões sobre as quais estavam enraizados os desacordos no seio do BP: a Oposição Unificada exprimia-se tanto sobre as questões políticas concernentes à Comintern quanto sobre aquelas que diziam respeito ao funcionamento do PCR(b) enquanto organização.

Organização e começos da Oposição Unificada na URSS

A Oposição Unificada leva um certo tempo para nascer no nível da União. Ao longo do verão 1926-1927, com a adesão dos "*decistas*" (centralistas democráticos), da Oposição Operária e da oposição georgiana, ela se torna, de fato, um cartel de oposições, cada uma sendo representada no órgão da Oposição Unificada correspondente aos escalões do partido. A "organização militar", dirigida por oficiais superiores, notadamente Mratchkovsky e Okhotnikov, era encarregada de todas as operações que requeriam uma intervenção centralizada e clandestina. É na primavera de 1926 que se constituem os grupos reivindicando a Oposição Unificada. Num primeiro momento, decidiu-se que seus membros que ocupassem cargos de responsabilidade, nas células ou nos comitês de cidade – há uma quinzena em Moscou –, não se mostrariam como opositores, deixando seus camaradas da base, ou militantes, muito conhecidos e protegidos por seu passado, defender os temas da Oposição. O aparato e a Tcheka assediam os opositores conhecidos. Dois deles, pelo menos, o ex-chefe militar Lachevitch e o velho bolchevique Belinsky, secretário do zonal operário moscovita de Krasnaia Presnia, são atingidos por suas atividades "fracionárias".

Em setembro, tendo já instalado sua rede e garantido suas conexões, a Oposição decide passar à ofensiva nas principais células operárias e notadamente em todas aquelas onde há homens que participam da direção, se não do secretariado, como na célula dos ferroviários de Riazan Uralsk ou na fábrica de aviação Aviopribor, em Moscou. Passado o sucesso das primeiras operações-surpresa, essas "saídas" foram um fracasso, tendo o aparato do partido, dirigido em Moscou por Riutin, enviando "bate-paus" que impediam os oradores de falar, intimidavam ou assustavam os trabalhadores que mantinham uma prudente neutralidade e não ousariam votar publicamente contra a direção.

A crise explodiu no seio da Oposição Unificada, cujos dirigentes zinovievistas – Zinoviev fora derrotado ao longo de uma votação na fábrica Putilov, de Leningrado – começavam a temer serem expulsos. Em que pese a recusa dos *decistas* e da Oposição Operária,

21. *Ibidem*, p. 194.

22. *Ibidem*.

os dirigentes negociaram juntos um acordo de paz com o aparato, em que eles declaravam condenar toda atividade fracionária e passada e renunciar a elas no futuro. Este acordo, de 16 de outubro, estabelecia no partido uma paz precária. Houve ainda algumas expulsões, mas também reintegrações. As frações desapareceram realmente, os contatos se deram o máximo possível sobre as linhas normais de encontro por membros do partido. Algumas defecções enfraqueceram a frente opositora: Aleksandr Chliapnikov, mas também e principalmente, Krupskaia, a viúva de Lenin, Klavdia Nikolaieva, de Leningrado, alguns veteranos ou veteranas, cansados.

Retomada da atividade com a China

O reagrupamento iria se dar com a China. Parece que a iniciativa aqui vem de Radek, que se manteve afastado da batalha acerca do conselho geral das *trade-unions* britânicas e consagrara o grosso de sua atividade a seu trabalho como reitor da Universidade Sun Zhongshan, de Moscou. É, sem dúvida, por meio de seus estudantes chineses que Radek descobre esses eventos, que não foram corretamente interpretados em Moscou, por exemplo, "o pequeno golpe de Estado de Cantão". Preocupado, ele consultou Zinoviev e Trotsky e, com a aprovação de ambos, dirigiu ao CC uma solicitação de informação, que não obteve resposta. Mantido afastado por Stalin, que Radek exasperava por suas contínuas brincadeiras provocadoras sobre o "socialismo num só país" – todo o mundo conhece seu "socialismo num mictório" –, mostrada a dedo depois de uma polêmica numa conferência na Academia Comunista, em 27 de setembro de 1926, criticada por Stalin em pessoa, acabando de perder, em novembro de 1926, sua jovem e bela companheira Larissa Reissner; realmente preocupado com os desenvolvimento na China, Radek retoma o sendeiro da guerra fracionária.

Ele era certamente, em Moscou, um dos raros, devido a suas funções universitárias, que poderia resolver os problemas de informação que deixavam terrivelmente e cada vez mais a desejar. No outono de 1926, sob o pretexto de uma missão por conta da Universidade Sun Zhongshan, Radek enviou à China Serguei Dalin, ex-dirigente da Juventude Comunista, ex-membro do Birô de Irkutsk da Comintern e oposicionista de esquerda em 1923, que já tinha ido duas vezes à China e conhecia os dirigentes do partido de lá. Dentre eles, Peng Shuzhi, que nós sabemos, estava na oposição e escrevera artigos denunciando os preparativos contra-revolucionários de Jiang Jieshi e de sua clique. O Secretariado do partido se preocupou demasiado tarde com a partida de Dalin.

Dalin volta no começo de 1927 com uma massa de informações alarmantes, sobre o rumo à direita do Guomindang, a repressão do movimento operário e camponês, a preparação de um "golpe", a política da Comintern. Radek descobriu também, ao conversar com ele, que as cartas que ele tinha enviado foram interceptadas e uma delas apreendida. Ele se deu conta de que os artigos propostos por Dalin aos jornais de Moscou não encontravam comprador e que ele era obrigado a usar de artimanhas para sugerir nesses o conteúdo quando alguém aceitava um de seus textos. Ele escreveu então a Trotsky, em 3 de

março de 1927, para lhe dizer que, em sua opinião, a Oposição Unificada deveria colocar a questão chinesa no centro de sua atividade. Depois de uma discussão cerrada, a Oposição decidiu fazê-lo. Radek, com efeito, apoiado por Zinoviev, opunha-se a que a teoria da revolução permanente fosse invocada para criticar a política de Stalin na China. Zinoviev redigira teses que tentavam conciliar os dois pontos de vista e que iam ser apresentadas em nome da Oposição no CC de abril.

Radek, que não era membro do CC, decidiu levar a guerra para seu terreno ao participar, em 18 de maio, de um debate na Academia Comunista. O coração de sua intervenção foi a denúncia da preparação, por Jiang Jieshi, de um golpe militar para esmagar o Partido Comunista e os sindicatos, cuja iminência Peng Shuzhi já havia mostrado dentro da própria China. Como vimos mais anteriormente, Stalin lhe respondera arrogantemente numa reunião dos militantes de Moscou[23].

Evidentemente, podemos pensar que uma declaração tão fanfarrônica, estúpida e irresponsável só poderia arruinar na hora a posição política de quem a fez. A única condição, obviamente, era que ela fosse conhecida. A de Stalin não foi publicada, somente transmitida de memória e no boca a boca, citada nas reuniões pelos militantes presentes, como o iugoslavo da KIM Voja Vujović.

Zinoviev sobre a revolução chinesa

As teses de Zinoviev foram apresentadas no BP, de 14 de abril de 1927, dois dias depois do "golpe" de Jiang Jieshi em Xangai, que visivelmente o autor ignora. O texto é pesadamente revestido de citações tomadas de Lenin. Zinoviev começa por sublinhar a importância da revolução chinesa, semelhante, segundo ele, àquela da Alemanha, em 1923, e merecendo a mesma atenção. Ele frisa: "A história da revolução demonstrou que toda revolução democrático-burguesa, se não se transforma em revolução socialista, enveredase inevitavelmente pela via da reação burguesa. Se não avança, recua, mas não fica jamais no lugar"[24]. Zinoviev lembra que os comunistas não apóiam indistintamente todo movimento nacional. Este é sempre contraditório: "Quanto à China atual, seria preciso dizer: o Guomindang de direita foi e continua sendo até o momento o Guomindang governamental. Ele apóia com uma mão o movimento nacional, ao passo que com a outra ele se une aos imperialistas americanos, japoneses e ingleses contra as classes revolucionárias, os proletários e camponeses"[25]. Ou a revolução chinesa vencerá sob a direção do proletariado, ou ela será vencida: "Ou o proletariado a dirigirá ou a burguesia, tomando as rédeas da situação, entender-se-á de uma fração ou de outra com o imperialismo [...] e conduzirá

23. Citado por Vujović, intervenção ao VIII *Plenum* do Executivo, anexo de *Problems of the Chinese Revolution*, p. 389-390.

24. Teses apresentadas ao BP, In: *La Question chinoise*, p. 140.

25. *Ibidem*, p. 143.

por um tempo a China através da via burguesa, não sem reprimir o movimento de vanguarda mais cruelmente que o fizera Kemal Pacha"[26].

Lembrando as teses de Lenin sobre os sovietes nos países coloniais, Zinoviev insiste na importância que há em formular, desde já, para a China, a palavra de ordem dos sovietes. Um outro ensinamento essencial de Lenin sobre a revolução mundial é a necessidade de independência do movimento proletário, portanto, nos países atrasados e coloniais, a formação de partidos proletários independentes. Na China, a burguesia chinesa torna-se um fato contra-revolucionário com o desenvolvimento do movimento operário e camponês. O governo nacional-revolucionário não pode ser outro que o governo dos trabalhadores e dos pobres ou dos proprietários e da burguesia, da aliança com o imperialismo. Ora, no momento presente, o Guomindang é dirigido pela minoria burguesa apoiada no comando do exército, graças ao qual a direita do Guomindang governa ainda o território ocupado pelas tropas sulistas. Zinoviev lembra os princípios do Guomindang que, representam, diz ele, "o socialismo brumoso da pequena-burguesia"[27]. Seu exército é formado em sua maioria por mercenários e quadros reacionários:

> O comandante-em-chefe Jiang Jieshi é um direitista aliado dos elementos burgueses do Guomindang, que se mostrou diversas vezes como um inimigo do movimento proletário, um homem capaz de trair a revolução chinesa. [...] O governo nacional ataca freqüentemente o movimento operário e camponês, reprime as greves, sufoca por vezes o movimento camponês, trava-o, dissolve as sociedades e as ligas, prende militantes, empenha-se em confundir o movimento camponês com o banditismo, apóia contra os operários as reivindicações dos amarelos, rejeita as reivindicações elementares dos camponeses.[28]

Segue-se uma análise mais concreta mostrando a repressão promovida em nome da "paz social na retaguarda", a formação de bandos armados, a submissão de organizações do Guomindang onde se sente a influência da esquerda. Zinoviev destaca: "Nossa imprensa, e a de nosso partido da URSS mais particularmente, infelizmente, até agora, dissimulou a verdadeira natureza do Guomindang" Dissemos e dizemos entre nós que o governo do Guomindang é o governo do "bloco das quatro classes", etc. Nossa imprensa da URSS não disse uma palavra do golpe de Estado de 20 de março de 1927"[29]. Criticando as definições de Stalin sobre o "Bloco", o "Parlamento", ele pergunta: "Se o Guomindang é um parlamento revolucionário, a luta dos partidos dentro dele é inevitável e necessária". Por que então o Partido Comunista não gozaria dentro desde parlamento de uma completa independência de organização?"[30].

26. *Ibidem*, p. 145.

27. *La Question chinoise*, p. 156.

28. *Ibidem*, p. 157-158.

29. *Ibidem*, p. 162.

30. *Ibidem*, p. 164.

Citando o *Times* de 6 de março de 1927, que se pergunta se "a China vai seguir o exemplo da Turquia de Kemal Pacha ou o de Lenin e da revolução bolchevique", ele afirma que há realmente um perigo de vitória da direita do Guomindang e de um acordo entre seu chefe, Jiang Jieshi ou um outro, e o imperialismo, o que deixaria as mãos livres para uma agressão contra a URSS ao mesmo tempo em que estabilizaria o capitalismo. Que papel o partido chinês deve desempenhar? Zinoviev frisa que é impossível se submeter, como ele parece tê-lo feito, ao compromisso de não criticar o Guomindang. Ele escreve nestes termos as atividades do PCCh:

> Na agitação entre as massas, é quase sempre em nome do Guomindang e não de seu próprio partido que os comunistas falam. O PC perde assim sua fisionomia própria em seu contato com as massas. A despeito da imensa amplitude dos eventos, o PCCh não tem ainda um órgão cotidiano, nem imprensa bolchevique difundida um pouco que seja [...] A ausência de um órgão cotidiano significa em realidade a ausência de um centro de organização. Em resumo, o PCCh torna-se de fato um anexo do Guomindang. Isso é tão verdade que há mesmo no PCCh "homens que não acreditam ser possível se desenvolver no campo, pois eles temem que a participação dos camponeses na revolução provoque a ruptura da frente antiimperialista" (Stalin ao VII Executivo ampliado). A dependência do PCCh *vis-à-vis* do Guomindang coloca nosso partido na impossibilidade de cumprir com seu dever para com os operários e camponeses.[31]

Duas realizações impõem-se de urgência: a legalização do PC nos territórios ocupados pelo exército nacional e a criação de uma imprensa comunista de massa. No que diz respeito às relações entre o PC e o Guomindang, Zinoviev sublinha que a adesão a qualquer preço do PCCh ao Guomindang é contrária às teses de Lenin adotadas no II Congresso da Comintern. O raciocínio pode ser resumido assim: "Façamos de início com a burguesia a revolução burguesa, e então o proletariado agirá como classe independente por meio de seu próprio partido", etc.[32] E afirma: "É uma concepção profundamente menchevique"[33]. Ele visa, em seguida, às condições sob as quais os comunistas chineses poderão entrar no governo nacional:

> Independência completa do PCCh em matéria política e de organização. Inteira possibilidade para nosso partido de fazer sua agitação, sua propaganda e seu trabalho de organização, e de prosseguir o armamento dos operários, etc.
> Inteira possibilidade conferida aos comunistas de criticar, perante as massas, as meias medidas e os erros do Guomindang.
> Controle rigoroso do PCCh e da Comintern sobre seus representantes no governo nacional.

31. *La Question chinoise*, p. 164.
32. *Ibidem*, p. 168.
33. *Ibidem*.

> Inteira possibilidade para os comunistas chineses de formular a palavra de ordem dos sovietes e de defendê-la, perante as massas, no momento em que eles julgarem oportuno.
> Plataforma governamental não contendo nada contrário à educação e à organização dos camponeses e das amplas massas exploradas, num espírito revolucionário.[34]

Com relação aos problemas imediatos, isto é, à filiação do PCCh ao Guomindang, a respeito da qual é possível que ele saiba que alguns responsáveis chineses condenam, Zinoviev escreve:

> O PCCh pode e deve, na situação política e militar atual, continuar no Guomindang, mas somente a fim de reunir suas forças, de convocar as massas para o seu lado, de combater sem misericórdia a direita e de obter sua expulsão, sua aniquilação. Nossa palavra de ordem não é hoje a saída do Guomindang, mas a proclamação e a realização, sem prazo nem condições, da independência de organização do PCCh *vis-à-vis* do Guomindang.[35]

Depois de um longo desenvolvimento nutrido de textos de Lenin sobre os sovietes, Zinoviev se pronuncia a favor de que o PCCh comece uma propaganda a favor da idéia de sovietes que seria a conquista de sua independência. Finalmente, ele ataca de frente a questão de Jiang:

> Enquanto o comando supremo continuar nas mãos de Jiang Jieshi, enquanto as funções governamentais continuarem nas mãos dos direitistas do Guomindang, enquanto estes últimos forem fortes no Comitê Executivo do Guomindang, a revolução corre constantemente perigo. A traição no interior, aberta ou dissimulada, lenta ou rápida, é, neste momento, muito mais perigosa para a revolução chinesa que o bombardeio de Nanquim e que a presença em Xangai das tropas de ocupação. Chen Jiongming, ex-companheiro de armas de Sun Zhongshan, passou, há pouco, para o lado da contra-revolução. Por que Jiang Jieshi, que já se mostrou um inimigo dos operários e dos camponeses, sobre quem toda a imprensa imperialista funda esperanças, e de quem se diz que negocia secretamente com Zhang Suolin, por que ele faria diferente? [...] Aceitar a menor responsabilidade política por aquilo é, para os comunistas, entrar numa estrada escorregadia da qual é preciso sair sem perder um instante.[36]

Concluindo, ele se esforça em mostrar concretamente como a defesa e o desenvolvimento da revolução chinesa condiciona de maneira prática a defesa da URSS contra o imperialismo.

34. *Ibidem*, p. 170.
35. *Ibidem*, p. 173.
36. *La Question chinoise*, p. 185.

A vez de Trotsky

Alguns dias mais tarde, em 17 de maio, Trotsky conclui um texto sobre *A Revolução Chinesa e as teses de Stalin*. Ele estabelece o vínculo entre a política quando da greve geral na Grã-Bretanha e aquela *vis-à-vis* da revolução chinesa, cuja base é a teoria do socialismo num só país. Ele intervém também no Executivo da Comintern, em 24 de maio, e começa por atacar as afirmações de Stalin:

> Stalin mais uma vez se exprimiu aqui contra os sovietes de operários e camponeses apresentando como razão o fato de que o Guomindang e o governo de Wuhan são meios e instrumentos suficientes para a revolução agrária. Desta maneira, Stalin endossa e quer que a Internacional endosse a responsabilidade política do Guomindang e do governo de Wuhan, da mesma forma que ele quis, mais uma vez, endossar a responsabilidade política do antigo "governo nacional" de Jiang Jieshi. [...] Nós não temos nada em comum com essa política. [...] A revolução chinesa, burguês-democrática, avançará e vencerá sob a forma soviética ou não vencerá. [...] Destruir os grandes proprietários fundiários, aniquilar os agentes do imperialismo e de Jiang Jieshi, edificar os conselhos, é justamente nisso que consiste a revolução agrária, a autêntica revolução nacional.[37]

Recordando a repressão que está se abatendo sobre os militantes da oposição, o banimento de seus dirigentes, a calúnia com que se persegue uns e outros, ele protesta:

> Fraternizar com Purcell e atacar furiosamente Zinoviev, embelezar e elogiar os chefes burgueses do Guomindang e atacar furiosamente a Oposição de Esquerda no PC da União Soviética e em outros países, isto está estreitamente ligado. É um rumo determinado. Contra esse rumo, nós lutaremos até o fim. Stalin disse que a Oposição formaria uma frente única com Chamberlain, com Mussolini e Zhang Suolin. A isto, eu respondo: ninguém facilitou tanto o trabalho de Chamberlain que a política equivocada de Stalin, em particular na China. Não se pode perder a revolução somente pela metade.[38]

A Oposição Internacional: os soviéticos

Deixemos de lado o caso particular da Polônia, que não se encaixa aqui em nenhuma categoria. Os quadros comunista poloneses ligados à oposição unificada, Domski, Regina Budzyńska, Sofia Unschlicht, foram chamados de volta à URSS desde que eles se posicionaram e sua história não se distingue mais das dos russos. Os zinovievistas, como Leński, têm aqui um lugar particular.

37. *Ibidem*, p. 329-331.

38. *Ibidem*, p. 335.

A Oposição Internacional, no começo, dependia estreitamente da oposição russa, de seus enviados, de seus mensageiros, de suas necessidades políticas e mesmo de seus meios materiais. São os russos no exterior que tomam os contatos, atuam como árbitros, sugerem, aconselham, dirigem de fato, até o fim de 1927. Conhece-se bem Leon Trotsky. Conhece-se menos os militantes que foram chamados, na URSS, de "oposicionistas" *(oppositsionneri)* e menos ainda os que se consagraram ao trabalho na Internacional. Junto a Trotsky, seu chefe de estado-maior em Alma-Ata depois em Prinkipo, seu representante na Europa, seu filho Lev Lvovitch Sedov, exilado voluntário aos 23 anos. A diferença de geração é flagrante, como a das duas formações respectivas. Bastante russo, Sedov é também bastante europeu e trata informalmente seus camaradas, o que seu pai não faz. O mais importante dos outros *oppositsionneri* no exterior é Rakovsky, amigo de Trotsky – eles se tratam informalmente –, ex-militante de sete partidos da Europa, ex-responsável político do Exército Vermelho, ex-chefe do governo da Ucrânia, embaixador em Londres, depois em Paris, onde mantém relações amigáveis com numerosos militantes comunistas.

Outros exilados que trabalhavam no consulado, na missão comercial ou na embaixada, desempenharam no nascimento da Oposição francesa um papel considerável: Aussem, Chliapnikov, Budu Mdivani, Preobrajensky, Piatakov. Mas há exilados por todo lado. Assim, em Viena, N. I. Ufimtsev e sua companheira Aleksandra Simachko, "Sacha", reuniram os primeiros opositores no PC austríaco[39]. Jakob Frank, da delegação comercial da URSS, desempenha um papel importante. Raissa Epstein, colega de estudos de Trotsky e esposa do psicanalista Alfred Adler, é durante um tempo um elo com a URSS. Nos anos da Oposição Unificada, a embaixada de Berlim foi o quintal dos zinovievistas, que Ruth Fischer enumera, com Chklovsky, que os supervisiona[40]: a oposição de 1923 gozou lá da beneficência do embaixador de Krestinsky, ao menos até 1928. Safarov, ocupando um cargo em Istambul, freqüentou os meios comunistas de Berlim. Bessonov, veterano do IPR, manteve lá alguns anos de atividade clandestina[41]. Em Praga, o zinovievista Kanatchikov foi embaixador e influenciou fortemente os comunistas críticos. Seu sucessor, Arossev, casou-se com a irmã do oposicionista Harry Freund. As coisas, aqui, passam-se em família[42].

Dois itinerantes desempenharam um papel importante: E. B. Solntsev e N. N. Perevertsev. São dois homens jovens, da geração de Outubro. O primeiro é um dos brilhantes sujeitos do IPR; historiador e economista; ocupa diferentes cargos na Europa antes de ser transferido para os EUA, em Amtorg. Apesar de Trotsky[43], ele escolhe retornar à URSS no final de 1928 e pula de prisão em prisão. Ele morrerá em janeiro de 1936, em Novossibirsk,

39. H. Schafranek, *Das kurze Leben des Kurt Landau*, Viena, 1988, p. 138.

40. R. Fischer, *Stalin and German Communism*, p. 587; o manuscrito das memórias de Ruth Fischer está na Houghton Library, Harvard.

41. Depoimento de P. Naville.

42. Memórias de R. Fischer e depoimento de J. Kopp.

43. Carta de Trotsky (1929) a Kharin, Stanford, Arquivos Hoover.

de uma greve de fome de protesto contra uma condenação "administrativa"[44]. Quanto a N. N. Perevertsev, trabalhou em Genebra na Organização Internacional das Ferrovias. Aquele que é chamado de "Pierre" esteve em contato com os alemães do grupo Urbahns e com os grupos franceses, que disputavam para receber sua "investidura". Preso quando de seu retorno à URSS, desmascarado como destinatário de instruções de Trotsky, morre igualmente na prisão[45].

Stalin não ignorou o papel desses exilados. Porém, ele os infiltrou seja ao "retornar" homens em suas fileiras, seja enviando agentes. A primeira categoria pertence Salomon Kharin, dito Joseph, ele também veterano do IPR e da delegação comercial de Paris, que negociou sua capitulação, mas não pôde pagar o preço. Chamado de novo, desaparece[46]. Conhecemos outros infiltrados: empregado no consulado de Berlim, Lepoladsky milita sob o nome de Melev. A discussão ainda está aberta a respeito de Jakob Frank, que se juntou a Stalin ao fim de dois anos de atividade oposicionista[47]. Dentre os outros pontos de apoio de nacionalidade soviética, podemos mencionar Manulis na Argentina, militando sob o nome de Dvorkin, Kuroiedov na Noruega, antes de sua morte prematura, Tsiurupa, filho do velho bolchevique, que trabalhava na delegação comercial de Londres[48], um diplomata, igualmente com cargo em Londres, que assinava com o nome de "Tensov"[49], e um misterioso militante, tradutor de Aragon sob o nome de Jacques Reynaud, chamado de "o francês" e nomeado Iakov Kotcherev[50]. Todos foram deglutidos pela repressão.

A Oposição Internacional: os pioneiros

Os núcleos dos oposicionistas nos países capitalistas são igualmente militantes comunistas: ex-socialistas ou anarcossindicalistas, pertencem à geração dos pioneiros dos PCs e da IC. Alguns se juntaram à Oposição quando ainda estavam à frente de seus partidos. É o caso na Bélgica. Os líderes da Oposição são War van Overstraeten, secretário geral do PCB; Adhémar Hennaut, secretário de organização; Léon Lesoil, ganhado ao comunismo em 1918, em Vladivostok, onde desembarcou com um contingente Aliado, dirigente dos Cavaleiros do Trabalho entre os mineradores de carvão de Charleroi[51]. Na Grécia, Pantelis Pouliopoulos, secretário do partido, faz circular os materiais da oposição russa e

44. *Biulleten Oppositsii*, n. 50, maio de 1936.

45. R. Fischer, *op. cit.*

46. P. Broué, "Un capitulard à Paris, l'affaire Kharine", In: *CLT*, 7-8, 1981. Encontrou-se seu cadáver em uma vala comum de Butovo: ele fora executado sem julgamento, em 1936.

47. O ponto sobre J. Frank em Schafranek, *op. cit.*, p. 138-140.

48. Depoimento de Harry Wicks.

49. Dossiê "Tensov", papéis Sedov, Arquivos Hoover.

50. Dossiê "Vetter", Stanford; indicações biográficas na carta de Serge, *CLT*, 8, 1981.

51. N. de Beule, *Het belgisch Trotzkisme*, 1980.

reivindica sua publicação. É expulso no corrente do ano 1929 e funda um grupo de oposição que começa a publicação de *Spartakos*.

Outros não são dirigentes do partido quando se juntam à oposição, seja porque seus respectivos foram destruídos pela repressão, seja porque eles já foram afastados. Moscou foi um foco ativo da constituição da organização comunista chinesa da oposição. As memórias de Wang Fanxi[52] e o estudo de A. V. Pantsov[53] sobre os estudantes chineses em Moscou, nos anos 1920, nos deram todos os elementos desejáveis sobre o recrutamento para a oposição destes jovens quadros ligados aos oposicionistas russos. Alguns destes últimos, Bella Epstein, Mikhail Petrovitch Jakov, Abram Grigorievitch Prigojin, que lecionavam história do movimento revolucionário; Serguei Dalin, que conhecemos e que lecionava economia; E. A. Dreitser, instrutor militar, eram, aliás, seus professores.

Uma dezena dentre eles desfraldavam perante as tribunas, em 7 de novembro de 1927, bandeirolas com as palavras de ordem da Oposição de Esquerda. Expulsos da universidade, foram assim reenviados a seus países. A importância do que Pantsov chama de "o primeiro grupo trotskista chinês" está evidentemente longe de ser comparada àquela do grupo nascido ulteriormente da antiga direção do PC chinês e dos dois adversários da linha stalinista da Comintern, Chen Duxiu e Peng Shuzhi. Mas a carta de 10 de dezembro de 1929, de Chen Duxiu – o mestre de uma geração –, anunciando seu alinhamento com Trotsky pertence a um período que será tratado num capítulo ulterior[54].

A França era a casa dos oposicionistas. Lá as condições da construção de uma oposição eram ao mesmo tempo favoráveis e terrivelmente difíceis. Não somente Trotsky viveu lá durante anos e conservou vínculos pessoais e políticos sólidos, mas também foi encarregado pela Comintern nascente de velar sobre os primeiros passos do movimento comunista na França. Três homens emergem aqui: Boris Souvarine, Alfred Rosmer e Albert Treint constituem uma "velha guarda" que se recusa a caluniar Trotsky e de enterrar, assim, a democracia dentro do partido, mas não renunciam nunca às velhas querelas.

Boris Souvarine, o fundador do *Bulletin communiste*, que foi membro do pequeno birô da Comintern, foi um dos primeiros a compreender o que se passava e as grandes linhas da crise da revolução. Boris Souvarine foi, sem dúvida, o único comunista estrangeiro que, em 1923, se identificou plenamente com o combate dos oposicionistas russos. Em 4 de janeiro de 1924, como vimos, ele escrevia a Zinoviev que Trotsky era o bolchevismo, a revolução, a Internacional Comunista. Publica, em 1924, os textos de Trotsky sobre a discussão russa sob o título de *Novo Rumo*. A direção do partido o segue... até o momento em que o Executivo da Comintern decide destruí-lo. Num primeiro momento, a direção do *Bulletin communiste* lhe é retirada, ele é isolado. Em junho, os zinovievistas têm a maio-

52. Wang Fan-hsi, *Memoirs of a Chinese Revolutionary*, trad. francesa, Wang Fanxi, *La Marche de Wang*.

53. A. V. Pantsov, "La naissance de l'opposition de gauche dans le PC chinois", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 57, 1966, p. 5-76.

54. Lee Feigon, *Chen Duxiu*, Princeton, 1983 e Wang Fan-Hsi, *Chinese Revolutionary*, Oxford, 1980. D. Durand, *op. cit.*

ria e Treint, considerado como "acabado" alguns meses antes, retoma o comando do partido. Souvarine vai defender sua posição e Trotsky no V Congresso da Comintern, o que lhe custará a expulsão. Ele continua quase um ano em Moscou enquanto Treint, na França, entrega-se aos prazeres da "bolchevização" e da caça aos trotskistas. Em outubro de 1925, de volta à França, retoma a direção da publicação do *Bulletin*, que dá muitos elementos de informação sobre a Rússia.

Alfred Rosmer, velho *alter ego* do sindicalista Pierre Monatte, membro junto com ele do núcleo *La Vie ouvrière*, também foi membro do pequeno birô da IC, antes mesmo do nascimento de um partido comunista na França. Ele é para Trotsky um amigo pessoal bem seguro e querido, e, com sua companheira Marguerite, seu "homem de confiança". Depois de sua expulsão, em dezembro de 1924, ele e seus camaradas sindicalistas expulsos com ele ou que saíram por solidariedade, fundam *La Révolution prolétarienne*, que batizam de "revista sindicalista comunista". A geração Rosmer-Monatte, Souvarine e outros foi afastada dos postos de comando do PC francês por aqueles que eles chamavam de "Capitão", o docente Albert Treint. Autoritário e ríspido, foi o grande caçador dos oposicionistas trotskistas, batizados de "direitistas" no tempo da "bolchevização". Depois, na seqüência de Zinoviev, veio à Oposição Unificada, não encontrando ninguém a quem se unir devido aos rancores recentes.

Em 1926, Souvarine separa-se de Loriot, velho aliado de Lenin, de Dunois e Paz. Ele anima um Ciclo Comunista Marx-Lenin que atrai, sem poder segurar muito tempo, militantes e quadros comunistas, como o responsável da CGTU David Barozine (Pierre Gourget). Publica no *Bulletin communiste*, além dos documentos da Oposição russa, correspondências, notadamente de Pierre Pascal, e textos de discussão. Ele reprova a Trotsky sua aliança "contra a natureza" com Zinoviev e se mantém afastado da Oposição Unificada. Recusa obstinadamente todo contato com Treint e Kharin. "Este bloco 'enkharinado' não diz nada que preste", escrevia ele[55].

Monatte e Rosmer, com *La Révolution prolétarienne*, retornam pouco a pouco para um sindicalismo revolucionário que lhes fora o ponto de partida. Trotsky crê ser obrigado, por razões táticas, a desacreditá-los, fato que faz dele ainda hoje ser criticado por muitos.

Os zinovievistas, Treint, Suzanne Girault, uma ex-professora primária na Rússia, que muitos suspeitam pertencer aos "serviços", consideram todas as outras frações comunistas como "oportunistas". Treint, com uma pequena fração zinovievista, consegue permanecer no seio do Partido Comunista, de onde será expulso somente em 1928. Ele trará novamente de Moscou os documentos sobre os quais ele colocou as mãos na URSS para publicá-los na França, como a famosa "Carta de Xangai", destruidora para a política de Stalin-Bukharin. Com eles, encontram-se na *Unité léniniste* o metalúrgico Henri Barré, o tipógrafo Gaston Faussecave. O conjunto constitui uma "velha guarda", desunida e dividida por rancores, mas que se recusa a caluniar Trotsky e a revolução e de enterrar, assim, da democracia dentro partido.

55. *Bulletin communiste*, n. 32-33, 1929.

Uma oposição propriamente dita existe durante algum tempo, animada pelo advogado Maurice Paz. Ele conta em suas fileiras com um certo número de operários parisienses, defende, também, a democracia interna no PC russo e protesta contra as medidas que atingem Trotsky. Mas um certo oportunismo, uma verdadeira languidez em face das questões coloniais – notadamente a respeito da Guerra do Rife – afastaram dela os elementos mais jovens e mais combativos.

Dois dos jovens homens que deram uma volta no PC depois de terem militado nas fileiras dos surrealistas, Pierre Naville e Gérard Rosenthal (Francis Gérard), tomam *Clarté*, em 1927, e fazem dela *La Lutte des classes*, que dão a palavra, ela também, a Trotsky e a seus camaradas, notadamente Victor Serge.

É nestes anos que aparece, em meio aos pequenos grupos que se formam no seio do PC, aquele animado pelos irmãos Henri e Raymond Molinier e o engenheiro químico Pierre Frank: estes homens, totalmente desconhecidos até então, desempenharão mais tarde um papel importante. Enfim, se o grupo Paz pareceu, em 1925, ir de vento em popa para reunir e representar a oposição no tempo em que ele redigiu com Fernand Loriot a "Carta dos 250", ele sofreu do conflito com Treint.

Em 1927, não obstante, é Maurice Paz quem apresenta na conferência do PC da região parisiense uma resolução reivindicando em vão a publicação na França das teses da Oposição de Esquerda russa. É igualmente ele que, em novembro de 1927, com, ao que parece, dinheiro vindo dos oposicionistas exilados em Paris[56], funda o periódico *Contre le courant*, que vai se tornar a caixa postal da oposição unificada, no lugar do *Bulletin communiste*. A reação contra a política "classe contra classe" prepara uma nova leva de recrutas para a oposição de esquerda. Expulso do secretariado, do BP do CC por causa de suas críticas, Alfred Bernard vai rapidamente se juntar a alguns outros.

Na Alemanha, a esquerda, levada à frente do partido, em 1924, pelas graças de Zinoviev, formou-se na hostilidade contra Trotsky. O desenvolvimento da preparação do Outubro alemão agravou suas relações. Tendo-a por "esquerdista", Trotsky apoiou contra ela a direção do KPD em torno de Brandler, dirigente operário que lhe inspira confiança. Entretanto, depois de outubro, aterrorizados pela ofensiva dos dirigentes contra Trotsky, Brandler e os seus se apressam a desacreditá-lo e, exilados em Moscou, orientam-se com o apoio à direita soviética de Bukharin e Rykov[57]. Somente alguns isolados, como Hans Weber, da oposição berlinense de Wedding; a meia-russa Sacha Müller; o militante do Palatinado Max Frenzel; nosso velho conhecido Karl Retzlaw (Karl Erde) e dois ou três indivíduos da esquerda alemã manifestam alguma simpatia por Trotsky na época do "debate literário" sobre as *Lições de Outubro*.

A esquerda zinovievista, por sua vez, não conserva muito tempo a direção que lhe foi entregue pela Internacional em 1924, estando expulsa desde 1925[58]. Werner Scholem

56. Depoimento de Maurice Paz, nomeando Piatakov.

57. P. Broué, *Révolution en Allemagne 1918-1923*.

58. P. Broué, "Gauche allemande et Opposition russe (1926-1928)", In: *CLT*, n. 22, 1985.

aderira ao USPD em 1917, é preso por ter organizado uma manifestação contra a guerra; deputado, passa para o KPD, aparentemente excepcionalmente hábil neste domínio; foi durante um ano seu secretário na organização. A Oposição Unificada na Alemanha é, em sua maioria, zinovievista, não somente por suas concepções, mas por seus próprios métodos: pois não é ela que apresenta a Oposição Unificada russa como a seqüência da Nova Oposição de Leningrado à qual Trotsky; conhecendo seus erros, teria se aliado?[59] Ela nasceu da junção de Urbahns, saído da prisão, de Maslow e de Ruth Fischer, de retorno da URSS, e de longas conversas em que se perfez seu acordo com Zinoviev. Informado desses encontros fracionais, o CC tomou a frente e expulsou Ruth Fischer e Maslow.

É na base do protesto contra o estrangulamento da democracia e a repressão das críticas que se elabora a primeira manifestação da Oposição Unificada alemã: condenação da teoria e da perspectiva de construção do socialismo num só país, reivindicação da informação e da publicação de todos os textos emanando da oposição russa, condenação dos métodos burocráticos que ameaçam o partido de cisão, anulação de todas as sanções disciplinares. Assinado por 700 responsáveis e militantes conhecidos, quadros do Partido Comunista, este texto veio a público em 11 de setembro de 1926: tudo foi feito de cabo a rabo por baixo das barbas do aparato do partido por Werner Scholem[60]. Ponto de partida possível de uma organização sólida, este texto apresenta a fraqueza de ser exclusivamente consagrado às questões russas. Ora, na mesma época, a derrota da tentativa de "saída" da Oposição de Esquerda na Rússia no começo de outubro, a "declaração pacífica" de 16 de outubro por que os dirigentes da Oposição Unificada, a fim de evitar sua expulsão ou a explosão de suas fileiras, reconhecem o erro de todos, eles inclusive, que tiveram uma atitude fracional, e lhe confere um duro golpe. O número elevado de votos obtidos pela Oposição nas assembléias do partido não pôde impedir as expulsões, a começar por aquelas dos signatários da carta dos 700: mais de mil e trezentos em 1927, no total.

A oposição alemã batalha para romper seu isolamento e o da Oposição Unificada. Grylewicz, um ex-metalúrgico dos *Revolutionäre Obleute* de Berlim, outrora adjunto do comissário de polícia da revolução, encontra em Praga Zápotocký e Viktor Stern, dirigentes do partido, e toma contato com a Oposição em torno de Neurath e do dirigente da JC Michalec (Karel Fischer). Ruth Fischer é recebida em Paris por dois secretários do partido francês, Paul Marion e Roland Dallet. Ele se encontra longamente com Treint. Rakovsky, quando de sua viagem de retorno à URSS, em 1927, encontra Frenzel e Baumgartner, delegados da oposição de Wedding, velha oposição operária de Berlim ampliada ao Palatinado, componente da unificação. De fato, em que pesem as reticências de Trotsky, a oposição alemã se engaja no caminho que na época é o dos amigos de Zinoviev, a proclamação de uma "fração pública": a candidatura de "comunistas de esquerda" às eleições municipais de setembro de 1927, em Altona, que é sua a concretização, um fracasso. Parece, entretanto, que se caminha na Alemanha, sob a pressão de Safarov, em direção a um

59. "Manifeste des 700", In: *CLT*, n. 22, 1985.

60. P. Broué, *CLT*, n. 22, 1985.

"segundo partido" no momento em que a explosão da Oposição Unificada, no fim de 1927, muda os dados do problema e porque, de todo modo, os zinovievistas russos se separam da oposição.

Na Espanha, é a primeira geração de comunistas que vem à Oposição. Andrés (em catalão, Andreu) Nin, ex-secretário da CNT, foi secretário da ISV, junta-se em Moscou à Oposição de Esquerda e trabalha em sua comissão internacional. Colaborador da IC, redator do *Inprekorr*, ele se junta a ela em 1923, mas a renega em 1925, levando consigo dois outros militantes sindicais, o francês Herclet e sobretudo Joaquín Maurín e Gabriel León Trilla. Desses quatro, somente Nin, que deixa a União Soviética apenas em 1930, depois de sua expulsão, volta à Oposição. Durante sua estada em Moscou, recrutou Francisco García Lavid, dito Henri Lacroix, um pintor da construção civil, que emigrou para Luxemburgo e Bélgica. Juan Andrade, dirigente da Juventude Socialista, depois do primeiro PC, o PCOE, simpatiza sem ter contato direto já que está em Madri e que o núcleo está em Moscou e em Luxemburgo. O ex-dirigente da JC, Luis García Palacios, causou escândalo em Moscou quando, em 1927, foi o único a aplaudir Trotsky quando de uma intervenção perante o Executivo ampliado da Comintern[61].

A Tchecoslováquia choca-se também com uma fragmentação que provém de sua história recente. Co-fundador do PC eslovaco, orador de massa, tuberculoso, Hyněk Lenorović, encarna a tradição revolucionária no PCT. Ele não vê com bons olhos a fração zinovievista dirigia por Alois Neurath, também ex-secretário da Comintern, vindo ao Partido Comunista com a maioria dos social-democratas da região dos Sudetos. A oposição unificada no partido, animada pelo ex-dirigente da JCT e da KIM, Michalec (Karel Fischer) e por Neurath, é zinovievista. O grupo do segundo, na região alemã dos Sudetos, é impressionante pelo número de quadros que reúne. Mas Lenorović recrutou, por sua vez, jovens militantes cujo papel será essencial nos anos 1930: Wolfgang Salus, Jiří Kopp, e principalmente Jan Frankel, vindos da Juventude Comunista e que todos os três se colocam a serviço de Trotsky no exílio. Ele fez também contatos com os operários húngaros. De Moscou volta, ganhado a Trotsky, Vlada Burian.

Condições particulares

Certamente, a todos estes dirigentes "históricos" do movimento comunista, é preciso acrescentar os homens mais jovens, que são politicamente seus produtos puros: a segunda geração é também feita de pioneiros. A Oposição de Esquerda internacional teve dificuldade para nascer, tanto para razões políticas quanto materiais. Foi somente pouco a pouco, através de cartas e encontros na rede ao redor de Trotsky, que ele tomou forma como tendência comunista internacional. Tanto a militarização introduzida por Zinoviev sob o pseudônimo de "bolchevização" quanto a vigilância do GPU tornaram difíceis os

61. P. Pagés, *El movimiento trotskista em España (1930-1935)* e L. Trotsky, *La Révolution espagnole*, Paris, 1975.

contatos internacionais. Algumas experiências políticas originais conduziram responsáveis às posições de Trotsky e da Oposição de Esquerda.

É assim que o espetáculo na Alemanha, às vésperas da revolução de 1923, valeu a Trotsky dois partidários de valor: Maurice Spector, que parou em Berlim quando de sua viagem a Moscou, no verão de 1923, e o búlgaro Dimitar Gatchev, que foi para lá no mesmo ano para servir no aparato militar, de que ele iria se tornar o responsável em seu país[62]. Outros militantes comunistas ao redor do mundo simpatizam com a oposição russa sem se juntar a ela. São eles que desejam criar um novo partido, que é freqüentemente o caso quando o partido "oficial" mostra sua fraqueza. Mencionemos o veterano neerlandês Henk Sneevliet, que conhecemos sob o nome de Maring, o homem que implantara o socialismo nas Índias Holandesas, representou a IC na China e que dirigia então um importante sindicato[63].

Sabemos que a unificação na URSS dentro da Oposição de seus dois principais componentes, o "trotskista", dito "de 1923", e o de Leningrado, ou "Nova Oposição" zinovievista, foi longe de ser tranqüila. Do lado "trotskista", houve reticências e mesmo resistências, sobretudo em Leningrado, onde os trotskistas foram os primeiros a fazer a experiência com o punho de Zinoviev. Foi preciso longas negociações, muitas promessas e, sobretudo, uma boa vontade determinada entre os dirigentes das duas frações, a quem tal política era ditada por seus interesses imediatos e a longo prazo.

Não era assim fora da Rússia Soviética. "Zinovievistas" e "trotskistas" não dispunham geralmente de segmentos do aparato nem de um apoio, mesmo limitado, dentre os trabalhadores comunistas: eram pequenos grupos com muitos traços de seita, obedecendo a suas próprias leis, suas motivações e notadamente seus rancores. Ora, sua breve história é bastante rica. Os "zinovievistas" perseguiram, caluniaram, expulsaram os "trotskistas" durante os anos de "bolchevização" e encarnavam aos olhos de suas vítimas o mal e o regime burocrático assassino da democracia do partido. De seu lado, os zinovievistas não se incomodavam em reivindicar sua política passada, denunciar o oportunismo freqüentemente real de seus adversários, suas tendências à conciliação com os social-democratas, suas concessões aos sindicalistas, etc.

A Oposição, entretanto, não recrutou somente nos partidos em que ele já tinha pontos de implantação. Vínculos foram estabelecidos durante este período por ocasião da estada de militantes estrangeiros em Moscou. Vimos o tcheco Vladimir Burian, ganho à Oposição de Esquerda em Moscou, onde ele trabalha na Profintern. Sandalio Junco, padeiro comunista cubano, negro, foi convencido por Andrés Nin, que o encontrou também na Profintern, sem dúvida na mesma época de Julio Antonio Mella. Os contatos do peruano Mariátegui com Pierre Naville não darão em nada, mas as relações que Naville estabelece com o crítico de arte brasileiro Mário Pedrosa deram origem ao nascimento da Oposição de Esquerda no Brasil[64].

62. Depoimento de D. Gatchev e arquivos do SI da IV Internacional.

63. F. Tichelman, *Henk Sneevliet*, Paris, 1988.

64. Centro Mário Pedrosa (CEMAP), São Paulo.

Além do mais, o clima propício do aparato clandestino explica também adesões, no final das contas, surpreendentes. Homens importantes do aparato da IC juntaram-se assim secretamente à Oposição de Esquerda. Victor Serge cita em suas memórias o búlgaro Minev – dito Lorenzo Vanini, Chavaroche e Stepanov – que foi, garante ele, membro de sua comissão internacional, o que mesmo assim não explica tudo. Sabe-se que um dos mais ativos nas fileiras da Oposição Unificada – ele fora na Comintern um dos homens de Zinoviev – foi Haifisz, mais conhecido sob o nome de Guralsky, August Kleine ou Lepetit. É provavelmente nesta data que um permanente da Internacional dos Jovens Comunistas, a KIM, Abraham Golod, cuja nacionalidade ignoramos, mais que vinha da URSS, adere à Oposição de Esquerda no México onde se encontra – sob seu novo nome de A. González – com o cubano Julio Antonio Mella, que será assassinado.

Mudança qualitativa

Trotsky relatou que depois dos eventos da China, onde eles predisseram juntos, corretamente, a catástrofe que conduzia a política de Stalin, Zinoviev e seus amigos acreditaram que essa demonstração lhes garantiria a vitória dentro do partido. Ele não acreditava neles. Para ele, a força do stalinismo repousava sobre as derrotas da revolução no mundo e sobre a desilusão dos trabalhadores soviéticos, à qual contribuía poderosamente a derrota da revolução chinesa. Era Trotsky quem tinha razão. Os meses que seguem na URSS à vitória de Jiang Jieshi na China são os de uma luta encarniçada no Partido Comunista, que passa pela expulsão dos dirigentes da Oposição da URSS da Comintern e se concluiu pelas expulsões deles do partido com milhares de seus partidários, depois por seu envio ao exílio em condições precárias que assegurariam seu isolamento e tornariam extremamente difícil o contato entre eles e a difusão de suas idéias. É também, em dezembro de 1927, a explosão da Oposição Unificada e, sobretudo, a capitulação de Zinoviev e de Kamenev, contendo o "reconhecimento de seus erros" que vai caracterizar agora, na URSS e na Comintern, o ritual de humilhação dos vencidos.

A Oposição de Esquerda, os "bolcheviques-leninistas", como eles próprios se chamavam, contudo, não abandonam em razão disso o combate na Comintern. Em que pese sua condição de exilados, seus membros conseguiram, em 1928, manter, por escrito, discussões coletivas. Rakovsky, numa carta a Valentinov, pergunta-se sobre a burocratização, a natureza do Estado soviético e os "perigos profissionais do poder" fazendo também referência à Revolução Francesa. O texto redigido por Trotsky sobre o projeto de programa da Internacional Comunista foi comunicado aos delegados do VI Congresso da Comintern e deu lugar a discussões entre os delegados, acerca das quais Trotsky, em seu exílio em Alma-Ata, foi mantido informado.

Stalin e sua aparato desencadearam então uma nova onda de repressão, tornada ainda mais necessária pela crise na cúpula. Depois de meses de um severo embargo postal, acompanhado de uma ofensiva para roubar os elementos mais frágeis da oposição, ele bate

forte, exilando Trotsky do território soviético. Esta expulsão gera para a Oposição de Esquerda novas condições. Ela contribuiu também para alterar profundamente o caráter da Comintern ao jogar na ilegalidade toda oposição e crítica política e ao substituir pela polícia – o GPU – o voto dos militantes para as arbitragens e as decisões políticas. Uma situação que, do partido russo, vai em breve se estender à Comintern.

A stalinização da Internacional

O ano de 1926 é um marco na história da Internacional Comunista. Numa organização que repete incessantemente aos seus membros as virtudes do "centralismo democrático", Stalin mostra o desprezo que ele tem por este velho princípio de organização ao varrer da direção da Comintern, ao fim de uma longa batalha, de início surda depois aberta, seu antigo aliado, tornado seu adversário no partido russo depois na Comintern.

A eliminação de Zinoviev

Zinoviev lançou o ataque no plano da política interior, contra o aprofundamento da NEP e o desenvolvimento de tendências burocráticas, ao longo do ano de 1925. Esmagado no XIV Congresso, ele perdeu posições no partido russo e, em particular, o secretariado de Leningrado. Em seguida, alia-se com Trotsky na Oposição Unificada, em março de 1926, desvendou manobras do aparato que permitiram vencê-lo quando da discussão de 1923, apoiou suas críticas da política do PCR(b) e do Executivo frente à greve geral britânica. Sem se preocupar com decisões de congresso – que, aliás, não existiam quando no caso era invocada a "indisciplina" –, Stalin simplesmente o depõe da presidência da Comintern para satisfazer um pedido expresso numa carta assinada pelos membros do *Presidium* do Executivo da Comintern. A declaração é apresentada ao *Plenum* de outubro da Comintern. Ela foi assim redigida:

> Dada a linha antileninista do bloco da Oposição no PC da União Soviética; dado o papel dirigente desempenhado por Zinoviev como presidente do Comitê Executivo da Internacional na defesa desta linha política incorreta, considerando o trabalho fracional da desorganização jamais vista no Partido Bolchevique conduzida pelo bloco da Oposição, considerando

a extensão por Zinoviev destes atos fracionais à Internacional Comunista, a delegação do Comitê Executivo da Internacional no *Plenum* do CC e da Comissão de Controle do Partido Comunista da União Soviética, de acordo com a decisão das seções mais importantes da Internacional, estima impossível a presença ulterior e o trabalho de Zinoviev à frente da Internacional Comunista.[1]

Abaixo do texto figuram as 31 assinaturas, dentre elas relevamos as de Geschke, Remmele, Heinz Neumann e Clara Zetkin, Treint, Ercoli (Togliatti), Šmeral e Zápotocký, Pepper em pessoa, Katayama, M. N. Roy, Kuusinen, Anvelt, etc: são representantes estrangeiros presentes em Moscou quando da votação desta declaração, em 25 de outubro de 1926. Alguns, assim, renegaram seus protetores, outros – mais grave ainda – seus próprios princípios.

Crise na Esquerda alemã

Vimos que Stalin tentou, durante a investigação sobre Maslow, fazer dele seu homem no partido alemão; uma tentativa que não deu frutos, mesmo que ele tenha desempenhado um papel importante em sua defesa.

Segundo Ruth Fischer, em 1924, Manuilsky, vindo para a Alemanha como representante do Executivo, não conseguiu obter êxito nessa empreitada e teria retornado convencido de que o KPD estava se afastando da Comintern e, sobretudo, de sua direção – do *Gensek* do partido russo, Stalin.

Por tais razões, a vitória da Esquerda no Congresso de Frankfurt não era bem vista por este último. Ruth Fischer garante que ela compreendeu, quando Maslow e ela rejeitaram os avanços de Stalin, que eles tinham entrado no meio da tempestade. Ela viu uma confirmação de seus temores quando Maslow, viajando sob a proteção de emissários da Comintern, foi preso pela polícia alemã quando de sua partida do V Congresso.

De fato, Stalin decidiu descartar Ruth Fischer, demasiado ligada a Zinoviev segundo suas informações, para substituí-la por "melhores camaradas", com ela explicou numa carta a Bukharin, Manuilsky e Piatnitsky, datada de 23 de julho de 1925.

Stalin tentava construir sua fração e consegue juntar um número significativo de homens prontos a lhe servir. Ele literalmente enfeitiçou o jovem Heinz Neumann, poliglota precioso na Comintern para os contatos diretos, e, enquanto homem prático e pouco fraseador, produziu uma grande impressão em Ernst Thälmann, que, além do mais, odiava Zinoviev, em quem ele via o responsável pela derrota alemã de 1923. Ele teve um vivo incidente com Maslow na seqüência de uma entrevista sobre a situação alemã dada ao jornalista comunista independente Wilhelm Herzog. Maslow achou que ele tinha sido profundamente oportunista e lhe escreveu. Stalin respondeu-lhe em uma longa carta. Estava claro que ele tinha resolvido a questão de seu ponto de partida na Alemanha: ou ele ganharia Maslow ou ele destruiria a Esquerda.

A eleição presidencial dividiu profundamente a direção. De sua prisão de Moabit, Maslow, desde que ele soube da candidatura do velho marechal Hindenburg, viu nela o esboço de uma tentativa de restauração imperial e – nas condições de "estabilização" e, em muitos aspectos, de reação prevalecendo na Alemanha – propôs uma "política de defesa republicana". Foi muito criticado por Scholem e por seus camaradas que continuaram à esquerda, que o acusavam de procurar a aliança com a social-democracia, cujo candidato, depois da morte de Ebert, seria Otto Braun, o primeiro-ministro da Prússia. Para os comunistas, depois da rejeição da candidatura de Clara Zetkin, foi Thälmann quem foi escolhido. Maslow pediu sua retirada em benefício do candidato social-democrata. Zinoviev apoiou essa proposta. Entretanto, ela foi rejeitada em Berlim, em grande parte graças à luta enérgica de Thälmann, um homem rude, devido à sua natureza, convicto e convincente, que acreditava profundamente em sua eficácia por seu partido no papel de candidato. Ao redor dele se constituiu o que se chama o "grupo operário" – Max Schütz, Wilhelm Florin, Artur König –, discretamente apoiado por baixo dos panos pelo secretariado geral do PCR(b), para quem ele desempenha o papel de novo núcleo. Em 26 de abril de 1925, o marechal Hindenburg foi eleito com 14,6 milhões de votos contra 13,7 milhões para o candidato do centro, o Dr. Marx, apoiado pelo SPD, e 1,9 milhão (7%) para Thälmann.

O X Congresso aparece aos observadores pouco informados como o triunfo de Ruth Fischer. Ele se comprazia em sublinhar que era a primeira vez na história do partido que uma direção era renovada de um congresso ao outro. Rosa Léviné-Meyer, que estava presente, conta: "O evento foi celebrado por um espetáculo magnífico do qual ela foi a estrela indiscutível, entrando na sala de reunião escoltada por um destacamento da Frente Vermelha em elegante uniforme, que a escoltou solenemente até a tribuna coberta de cartazes e de bandeiras e tomo posição atrás dela"[2]. Era, contudo, acrescenta, o "canto do cisne de Ruth Fischer".

Quando da sessão a portas fechadas sobre as comunicações do Executivo, o presidente da sessão, o operário Ottomar Geschke, recusou-se a dar a palavra a Manuilsky, apresentado sob o nome de Samuely, que a reclamou quando o presidente acabava de chamar um delegado à tribuna. Geschke, um bom presidente de reuniões operárias, indignou-se com este comportamento burocrático que ele nunca tinha visto e achava inaceitável num partido comunista. Manuilsky, arrogando-se o direito de tomar a palavra quando quisesse, e ilimitadamente, em nome da Internacional que representava, provocou um escândalo e denunciou "o espírito antibolchevique" do partido e do congresso. Este último, pressionado para riscar da lista dos candidatos aos organismos dirigentes Werner Scholem e Arthur Rosenberg, "ultra-esquerdistas" denunciados por Manuilsky como antibolcheviques, agüenta firme, ainda a portas fechadas, e eles foram mantidos. Mas, ao longo desta

1. "Le présidium du CE de l'IC contre la présence de Zinoviev à la tête de l'IC", In: *Corr. Int.*, n. 116, 30 de outubro de 1926, p. 1304.

2. R. Léviné-Meyer, *Inside German Communism*, p. 84.

sessão memorável, delegados gritaram "Para Moscou!" em direção a Manuilsky, o homem de Stalin. Em algumas semanas, a ofensiva foi desencadeada do lado de Stalin: investigação sob as finanças do partido e a preparação, por Heinz Neumann, de uma brochura contra seu antigo líder, Maslow, denunciando seu "comunismo ocidental".

Fischer-Maslow eliminados

Zinoviev, que se sente ameaçado, mas não está pronto a combater, aceita convocar a Moscou uma delegação do KPD. Ruth Fischer, declarando-se de acordo com todas as críticas de Zinoviev, este último submete à delegação um projeto de carta aberta do Executivo ao KPD, ao qual ele dá seu acordo e que o Executivo enviou alguns dias depois a Berlim. Este texto exigia a perseguição da direção de esquerda do CC alemão com um acordo com a direita e o centro, mas exigindo ao mesmo tempo a eliminação de Maslow e de Ruth Fischer da direção. Era a intromissão de Ernst Thälmann. A operação não foi muito difícil: Maslow fora condenado pelo tribunal alemão que o julgava e sua pena de prisão foi prolongada; Ruth Fischer aceitara assinar a carta aberta. Alguns meses mais tarde, ela aceitou ir para Moscou, onde, com seu passaporte confiscado, teve que passar longos meses, inquilina do Hotel Lux, praticamente sob vigilância constante, e escreveu, sem contatos com a Alemanha. A partir desta data, Thälmann vai desempenhar um papel considerável, de modo ativo e passivo, na história do KPD. Observadora penetrante, Rosa Léviné-Meyer fez uma descrição sedutora de "Teddy"[3], apelido afetuoso que lhe foi dado em Berlim. Ela acrescenta:

> Revolucionário devotado, com um grande instinto para sentir o pulso dos trabalhadores, era um excelente médium para expor teorias e idéias estabelecidas pelos outros. Seu pensamento era pobre, pouco voltado para a abstração e faltava-lhe autodisciplina mesmo para poder atingir o nível teórico e cultural de um membro médio do partido. Ele não era particularmente estável, como mostravam [...] seu hábitos. Algumas vezes, ele bebia mais do que podia absorver. [...] Fazer dele um dirigente incontestável do comunismo alemão era decapitar o movimento e transformar ao mesmo tempo uma personalidade capaz e bastante atraente em um simples fantoche.[4]

O ajuste de contas da direita "polonesa"

O III Congresso do RPKP ocorreu em março de 1925, perto de Brest-Litovsk, e fora

3. Registremos que houve um autor que acreditou que Teddy era um pseudônimo do partido e garantiu que teria desvendado esse "segredo", que era conhecido por milhões de pessoas e que todo leitor sério de trabalhos sobre o comunismo alemão conhece. Esse autor, tão ignorante quando louvado chama-se Stephen Koch.

4. R. Léviné-Meyer, *op. cit.*, p. 126.

o congresso da "bolchevização", a respeito da qual ele adotara uma resolução especial rigorosa indo da definição de célula de empresa como unidade de base do partido à absoluta proibição de "tendências fracionais", fazendo efetivamente dele um partido "de tipo novo". Os Quatro Ws fizeram declarações de arrependimento e de submissão e foram conservados na direção. Domski escreve: "Todas as teses foram adotadas por unanimidade depois de discussões aprofundadas. A adoção pelo RPKP de uma política verdadeiramente revolucionária fez desaparecer dele as frações. Cumprindo assim uma das condições fundamentais da bolchevização, o PKP deu prova de maturidade política"[5].

Mas a esquerda polonesa era, pra valer, uma verdadeira extrema esquerda que se lançou numa série de ações duras, propaganda pelo boicote dos impostos e taxas assim como dos regulamentos administrativos, a sabotagem das instalações militares e, mais grave, das atividades terroristas contra policiais ou informantes. A loucura sectária que sacode o partido coincide com a brutalidade de uma polícia odiosa e sádica. Caindo, por sua vez, na armadilha em que caíram alguns anos antes os anarcossindicalistas espanhóis, os comunistas poloneses atacaram, com revólveres ou cutelo em punho, os "provocadores" e os "alcagüetes". As "unidades especiais de combate" dos comunistas constituídas para essas tarefas sofreram duras perdas. Comemorar-se-á na Comintern os antigos Kniewski e Hibner, heróis da revolução de 1918-1919, mas também Naftali Botwin, ainda uma criança, todos executados por "homicídio" em operações deste gênero. O RPKP denunciava indistintamente os "fascistas" no poder e os "social-fascistas" de Piłsudski, o ex-chefe de Estado, na oposição.

As relações tornaram-se rapidamente ruins com Moscou, não devido a esse "esquerdismo", mas simplesmente porque a nova direção polonesa passeava pelo pátio da Internacional como um elefante na loja de cristais, condenando o KPD por ter trabalhado para a divisão quando da candidatura de Thälmann à presidência, reprovando os búlgaros por suas alianças com as formações democráticas, em suma, parecendo se opor em todas as circunstâncias contra a política da Comintern.

O antigo roteiro foi retomado, os dirigentes recentemente promovidos foram convocados a Moscou, severamente repreendidos e afastados à sua vez. Por falta de algo melhor, admite-se que Warski retorne ao leme, desta vez com uma política de defesa da independência econômica da Polônia por uma orientação em direção à União Soviética e à aliança operários-camponeses no interior. Em dezembro de 1925, ele obtém, sem maiores problemas, como vimos, o consentimento da IV Conferência do partido. Contudo, a tempestade se aproximava. O governo de direita dirigido por Wincenty Witos teve que enfrentar, em 1926, uma situação dramática, marcada notadamente pela existência de 300 mil desempregados – um terço da força de trabalho –, que seus predecessores tentaram reduzir com uma política de aumento de impostos e de taxas, de aumento dos preços e de diminuição das despesas, a começar pelos salários. Incapaz de enfrentar nos marcos institucionais, Witos anunciou sua intenção de reformar a Constituição dando ao Executivo

5. Domski, *Corr. Int.*, 15 de abril de 1925, p. 44.

poderes que a oposição julgou ditatoriais. Os partidos de esquerda lançaram um aviso solene contra esse "desafio" ao conjunto dos democratas poloneses.

Corriam rumores – que seriam confirmados bem rápido – de que o marechal Piłsudski, na reserva desde 1923, que considerava Witos como seu inimigo pessoal, estava supervisionando preparativos no exército em vista de um eventual golpe militar. A crise econômica não parava de se agravar. As manifestações de massa dos desempregados se sucediam. Em 1° de maio, em Varsóvia, houve três mortos – sete, segundo os comunistas – quando o serviço de ordem do PPS se pôs a disparar contra os manifestantes que gritavam "Viva a Comuna! Viva a revolução soviética!"[6]. A Comintern recomeçava a fazer previsões otimistas, ao passo que Domski, o "esquerdista", alertava o Executivo contra a eventualidade de um golpe de Estado "fascista de esquerda" realizado por Piłsudski e propunha adotar uma política correta de frente única para desmascará-lo. Zinoviev, por sua vez, garantia: "Se existe um país no qual uma situação revolucionária pode se cristalizar num prazo relativamente breve, esse país é a Polônia"[7]. A linha do partido fora definida por Warski da seguinte maneira: "Apoio à luta dos elementos democráticos, inclusive dos partidários de Piłsudski, desde que eles lutem ativamente pela defesa das instituições republicanas e democráticas e as reivindicações operárias e camponesas"[8]. Nada indica que a menor reserva tenha sido expressa do lado do Executivo da Comintern ou pelo *Gensek* do partido russo, de Zinoviev ou de Stalin, tanto um como outro em posição de expectativa. Na realidade, o golpe de Estado de Piłsudski passou na frente deles.

O golpe de Estado de maio de 1926

As tropas aliadas do marechal saíram de suas casernas ao seu chamado em 13 de maio de 1926. O PPS e o KPP convocaram a greve geral para apoiá-lo e os ferroviários foram instruídos para deixar passar os comboios com tropas. Houve combates nas ruas de Varsóvia e um destacamento de militantes comunistas tomou parte nele. Em 14 de maio, o partido lançou o chamado à frente única na luta "contra o governo fascista de Witos". Os combates, entretanto, não tinham nem terminado – eles duraram até o 17 de maio – quando já numerosos militantes comunistas estavam detidos para serem internados até a pacificação completa. O marechal anunciava à imprensa que ele não era a favor nem da direita, nem da esquerda, mas do equilíbrio social. Estava claro que, se o partido polonês tinha escolhido o menor dos males sob pressão de sua base, era preciso que ele compreendesse que esta não tinha sido a boa escolha. As primeiras reações de Moscou não foram particularmente severas a seu respeito. O primeiro artigo, datado de 27 de maio, assinado por Karl Radek, é intitulado "Napoleão IV". É um análise do "bonapartismo" de Piłsudski, "último

6. T., "Un 1er Mai sanglant à Varsovie", In: *Corr. Int.*, n. 60, 15 de maio de 1926, p. 592.

7. Ata do Executivo ampliado, In: *Inprekorr*, 4 de março de 1926, p. 254.

8. Citado por Dziewanowski, *op. cit.*, p. 117.

cartucho vazio do romantismo polonês" cuja ditadura seria inevitavelmente, segundo ele, "uma ironia de curta duração da história mundial"[9].

Será preciso ainda uma semana para que Radek, sempre ele, sob o título "O segundo ato da tragicomédia na Polônia", escreva:

> No momento da aparição de Piłsudski, largas massas operárias e camponesas viram nele o porta-estandarte da luta contra a reação dos capitalistas e dos latifundiários.Isso explica, mas não justifica a tática do Partido Comunista, que, em sua luta correta contra o regime da reação polonesa, não soube traçar claramente a linha de demarcação entre ele e Piłsudski. [...] Quanto mais rápido o Partido Comunista começar a corrigir enérgica e resolutamente este erro, mais rápido ele conseguirá mostrar o verdadeiro caminho da luta aos operários e camponeses da Polônia.[10]

O KPP tentava efetivamente corrigir o erro cuja responsabilidade compartilhava com muitos outros quando, pouco mais de uma semana mais tarde, o raio caiu mais uma vez sobre ele. Num discurso pronunciado em Tíflis sobre a greve geral inglesa, Stalin ataca a situação polonesa, explicando: "Acontece atualmente na Polônia uma luta entre duas frações da burguesia – a grande e a pequena –, que tem por objetivo o reforço, a estabilização do Estado burguês e não os interesses dos operários e dos camponeses, nem os das nacionalidades oprimidas"[11]. Ele lançou como conclusão:

> Uma questão se apresenta ao Partido Comunista Polonês. Como pôde acontecer que o descontentamento revolucionário de uma grande parte dos operários e camponeses tenha lhes feito se dirigir a Piłsudski e não ao Partido Comunista Polonês? Foi assim porque o Partido Comunista é fraco. Ainda por cima ele se enfraqueceu ao longo do último conflito devido à posição equivocada que adotou com relação às tropas de Piłsudski e é por isso que ele não pôde se colocar à frente das massas com um estado de espírito revolucionário. Li recentemente em nossa imprensa soviética um artigo do camarada Thälmann, membro do CC do KPD. Nesse artigo, o camarada Thälmann examina a posição dos comunistas poloneses que lançaram, num determinado momento, a palavra de ordem de apoio às tropas de Piłsudski. Ele critica essa posição como não revolucionária. Devo reconhecer, para minha grande tristeza, que a crítica do camarada Thälmann é absolutamente correta. Digo que os camaradas poloneses cometeram o erro mais grosseiro.[12]

"O erro de maio" perseguiria os comunistas poloneses até a morte. Claro, a política

9. K. Radek, "Napoléon IV", In: *Corr. Int.*, n. 70, 5 de junho de 1926, p. 800-801.

10. K. Radek, "Le deuxième acte de la tragi-comédie en Pologne", In: *Corr. Int.*, n. 72, 12 de junho de 1926, p. 820.

11. Stalin, discurso em Tíflis em 8 de junho de 1926, In: *Corr. Int.*, n. 75, 23 de junho de 1926, p. 850, *Zarya Vostoka*, 10 de junho, Stalin, *Sotch.*, VIII, p. 155-172.

12. Stalin, *loc. cit.*

de Warski e de seus camaradas teve durante muito tempo a bênção da Comintern, que reproduzia em sua imprensa, sem os criticar, seus artigos e resoluções. Pôde-se crer por um instante que eles sairiam bem através de uma crítica e autocrítica dentro dos limites razoáveis. Um artigo da revista da Comintern, *Kommunistitcheskii Internatsional*, de agosto de 1926, "O levante fascista na Polônia e o Partido Comunista Polonês", atacara violentamente os dirigentes poloneses, reprovando-lhes particularmente terem esquecido os perigos que correria a União Soviética se chegasse ao poder Piłsudski, que a nova minoria polonesa de Leński chamava agora de "fascista". Eles o haviam esquecido em sua revista *Nowy Przglad* de agosto-setembro.

Trotsky mostrou, à comissão polonesa do Executivo que se seguiu, que o movimento de Piłsudski, partido do descontentamento da pequena-burguesia, estava se transformando em fascista. Obviamente, não foi escutado. Stalin preferiu recorrer à teoria do "social-fascismo", cujo inventor era ele – transformando ao mesmo tempo em crime o erro cometido pelos comunistas poloneses. Tal era, daquele momento em diante, a regra do jogo na Internacional stalinista. Warski e seus próximos foram expulsos do CC, Manuilsky e Kuusinen foram encarregados da supervisão da direção polonesa. Poder-se-ia ainda, numa tal situação, falar de um "partido"? No *Plenum* do CC, de abril de 1929, dois enviados da Comintern, o búlgaro Nikolai Popov e o letão Wilhelm Knorin, vieram garantir a passagem às alavancas de comando de uma minoria que Stalin estimava mais confiável que a "maioria" e instalaram uma nova direção ao redor de Alfred Lampe, de Henrykowski e de Leon Purman.

O começo das aventuras chinesas

O período que se abre em 1927, depois da dupla ruptura com a direita e com a esquerda do Guomindang, é, para o PC chinês, um período de aventureirismo desenfreado. Evidentemente, não seguimos Franz Borkenau, que o chama "de período dos sovietes chineses", estando dado o pouco de semelhança entre os organismos construídos pelo Partido Comunista e os sovietes tal qual foram conhecidos na Rússia. Na seqüência de numerosos seguidores de Mao Zedong, em todos os campos, prevaleceu a concepção de que teria havido ao longo da revolução chinesa enfrentamentos entre idéias e planos estratégicos diferentes; a primeira vaga revolucionária chinesa, esmagada em 1927, fora apoiada nos trabalhadores das cidades, ao passo que a segunda, animada por Mao Zedong e sua experiência no movimento camponês, escolheram a via da revolução camponesa. É uma pura visão de espírito, uma serenata propagandística que atraiu muitos ingênuos. Não obstante, desde 1938, em algumas páginas notáveis e pouco conhecidas, Harold R. Isaacs soube mostrar o vínculo entre os dois períodos da revolução chinesa e o contexto em forma de ruínas em que germinou a pretensa revolução camponeses. Ele escrevia:

> Foi precisamente o fracasso do Partido Comunista na tarefa de reagrupar as classes oprimi-

> das das cidades e do campo, e de uni-los em torno de um programa revolucionário corajoso, que abrira a via à contra-revolução. Quando o movimento proletário fora derrotado, a revolta camponesa encontrou-se sozinha, milhares de responsáveis estavam mortos, vítimas do terror que se abateu sobre o campo. O Partido Comunista perdera, o que era mais grave ainda, a direção do proletariado urbano que era somente quem poderia dar à insurreição camponesa a ossatura político-econômica com a qual os camponeses poderiam tomar a posse da terra e controlá-la enquanto novas forças produtivas se desenvolviam com seu concurso.[13]

Ele descrevia a situação concreta em que se desenvolveram as primeiras iniciativas comunistas de luta armada no campo:

> Em razão desse fracasso, um movimento que soubera por um breve período unir milhões de camponeses, estava aniquilado. Bandos dispersos passaram à luta armada, formando grupos de *partisans* prontos a se juntar aos batalhões e aos regimentos Guomindang que se amotinaram e encontraram refúgio nas montanhas. Fugindo das cidades onde eles eram perseguidos pelos capangas de Jiang Jieshi, comunistas, alguns operários e muitos intelectuais ganharam o campo para se colocar à frente desses bandos de guerrilheiros. Da fusão de todos esses elementos deveria surgir, em 1928, "exércitos vermelhos", jurando fidelidade ao Partido Comunista, muito embora em diversos locais a revolta camponesa continuava pegando fogo sem nenhuma participação comunista.[14]

A guinada dos comunistas se situa em agosto de 1927, quando Lominadze e Heinz Neumann, enviados da Comintern, convocam uma reunião em que participam somente uma parte do CC. Ela afasta de suas responsabilidades Chen Duxiu e Peng Shuzhi e reconstrói uma direção ao redor dos três que tinham, de fato, detido o poder ao longo dos últimos meses: Qu Qiubo, 29 anos, de Xangai, que entrou no aparato na qualidade de intérprete, depois homem de confiança dos russos, conhecido sob o nome de Strakhov; Mao Zedong, 31 anos, filho de camponeses abastados do Hunan, ex-colaborador de Li Dazhao na Universidade de Pequim, tornado especialista do movimento camponês; Li Lisan, 38 anos, um intelectual originário da classe média baixa.

No momento em que esses homens se reuniam em Kiukiang (Jiujiang) acabava de estourar na capital do Jiangxi, em Nanchang, um levante militar que parece ter sido decidido por Lominadze a partir da IV Divisão, a divisão de ferro do general Ye Ting, comunista chinês formado em Moscou. A preparação foi garantida por um "comitê de frente" dirigido por Zhu Enlai. Uma contra-ordem, decidida por iniciativa da Comintern e levada a Nanchang por Zhang Guotao, chegou tarde demais. Os conjurados beneficiaram do apoio do general He Long, um ex-bandido ganho ao comunismo, um homem de guerra notável, e do chefe do birô da segurança pública de Nanchang, Zhu De, de volta da Alema-

13. H.R. Isaacs, *op. cit.*, p. 380.

14. *Ibidem*, p. 380-381.

nha onde fazia estudos militares. Os insurgentes, depois de terem composto afobadamente uma espécie de governo batizado de "comitê revolucionário", recuaram frente às tropas superiores a fim de encontrar, na costa, um porto onde poderiam receber armas e materiais russos. Porém, eles tiveram que abandonar essa cabeça de ponte de Shantou sob pressão dos ingleses e americanos, que apoiavam o exército regular de Jiang. Zhu De, cortado do grosso da tropa, consegue, graças à cumplicidade de um amigo oficial, encontrar-se à frente do XVI Exército do Guomindang sob o pseudônimo de Wang Kai e é somente em 1928 que, à frente de seus homens, ele pode se aliar às tropas de Mao Zedong.

A reunião do dia 7 de agosto decidira também a organização de "revoltas da colheita de outono" e confiara a responsabilidade da principal deles a Mao Zedong, à frente de dois mil homens saídos, em sua maioria, das milícias camponesas. Sua missão era de marchar sobre Changsha. Ele teve que desistir dela bem rapidamente e, uma dezena de dias depois do começo do levante, em 7 de setembro, a tropa de Mao Zedong começou a recuar em direção à zona montanhosa de Chingkangshan (A Crista dos Poços), que foi a primeira base dos exércitos vermelhos chineses. A única região onde a revolta conheceu sucessos duráveis foi o Guangdong, onde o poder dos "sovietes" – na realidade do Partido Comunista – durou de outubro de 1927 a fevereiro de 1928, sob a direção do dirigente camponês Peng Pai. É nas semanas que se seguem a estes levantes que estourou a Insurreição de Cantão, seguida de uma terrível repressão, e que contribuiu mais ainda a reforçar os comunistas no coração da montanha. A responsabilidade desta pavorosa aventura de que falamos anteriormente cabe, ao que parece, a um dos representantes da Comintern na China, Heinz Neumann, que foi um dos raros que conseguiu escapar dela.

A "nova vaga revolucionária" na China

A história dos guerrilheiros chineses é a história dos dias seguintes de derrota cinicamente explorados e manipulados por uma direção internacional sem escrúpulos. O primeiro núcleo nas montanhas, tendo a sua frente Mao Zedong e Zhu De, conta com dez mil homens com talvez doze mil fuzis, terrivelmente isolados dos camponeses, apáticos ou hostis. Em janeiro de 1929, eles se mudam com alguns milhares de homens, mal armados, famintos, morrendo de frio. Eles são algo mais de dois mil a se instalar no Kiangsi (Jiangxi), no sul, onde eles se intitulam "distrito soviético central".

A Comintern vê nesses grupamentos camponeses o signo da iminência de uma "nova vaga revolucionária". O Executivo, em outubro de 1929, fala de "corrente anexa ao longo da qual uma gigantesca vaga do movimento revolucionário vai crescer em todo o país". "Um levante revolucionário não se manifesta somente por um movimento operário em plena ascensão, mas essencial e fundamentalmente pelo movimento camponês, a revolução agrária é a fonte da nova vaga revolucionária"[15]. Em julho de 1930, é a Comintern

15. H. R. Isaacs, *op. cit.*, p. 384.

mais uma vez que chama à "derrubada do poder do bloco dos *landlords* e dos burgueses, estabelecer uma ditadura dos operários e dos camponeses, multiplicar as manifestações e as greves políticas de massa, estender a guerrilha e transformar a guerra militarista em guerra de classe"[16].

Li Lisan, encarregado da aplicação desta política, vale-se do *Tewu*, a polícia do partido, dirigida por um jovem operário talentoso colocado em seu posto por Zhu Enlai, em 1927, Gu Shunzhang, que se diz um ex-Bando Verde. Li Lisan toma-se, diz-se, pelo "Lenin chinês". Seu grande sucesso vai ser a tomada de Changsha, onde um "exército vermelho chinês" proclama "o poder dos sovietes dos operários, dos camponeses e dos soldados" perante 500 mil habitantes impassíveis: nenhum soviete foi eleito, custosamente alguns milhares de curiosos assistem aos atos de massa. A única conquista foi uma multa aplicada à câmara de comércio de Changsha: 400 mil dólares que ela vai recuperar em cima dos trabalhadores e, mais discutível, a partida, com o exército vermelho, de três mil operários que escolhem a vida de guerrilheiros.

Em 16 de novembro, o Executivo exige, por carta, uma mudança de direção. Em 7 de janeiro de 1931, Li Lisan é deposto com instruções do responsável da China pelo Executivo, Pavel Mif, e de seu representante pessoal, Wang Ming, sob a proteção dos homens de Gu Shunzhang, sob um programa de "devoção incondicional à linha da Internacional Comunista". A Comintern preconiza agora o estabelecimento de um governo soviético central num dos distritos "vermelhos" e a concentração das melhores tropas a fim de formar nesta base, para um novo assalto, um verdadeiro exército operário e camponês. O resultado é que as greves operárias tornam-se operações anexas da guerrilha e as cidades em geral a base de retaguarda dos exércitos das montanhas. Uma verdadeira catástrofe vem, além do mais, atingir a atividade do partido: preso pelos serviços secretos do Guomindang, Gu Shunzhang – "o Belo Garoto" – volta graças a seus amigos do Bando Verde, e dá a polícia especial tudo o que ele sabe. Ora, ele sabe quase tudo.

Centenas de militantes são assim massacrados pelos torturadores de Jiang, na primeira fileira dos quais se encontra seu filho adotivo Chen Lifu. Dentre as vítimas, o efêmero secretário geral do PC, Deng Zhongxia. A diretiva da Comintern é, contudo, realizada com a proclamação, em 7 de novembro de 1931, da "República Soviética de Kiangsi", cuja capital foi estabelecida no vilarejo de Juichin. Pouco depois chega um homem da Comintern, encarregado de representá-la. É o alemão Otto Braun, dito Tai Leh, um aventureiro que parece ter mais informado Moscou que influenciado o curso dos eventos. Talvez, a instalação sobre território da nova república soviética da jornalista Agnes Smedley tenha mais importância: ela provoca com sua aventura com Mao uma querela de chefes que termina com seu exílio e a ascensão de uma nova companheira, Jiang Qing, que conhecerá a celebridade com o poder quando ela for "a viúva de Mao Zedong".

De 1932 a 1933, apogeu da "República Soviética Chinesa", esta se constitui em seis zonas separadas onde a Comintern clama que controla até 80 milhões de habitantes, ao

16. *Ibidem*, p. 387.

passo que não há nela mais de três. Os efetivos totais em 1932 são, segundo Isaacs, de 151mil homens, dentre os quais 97.500 somente têm fuzis, ao passo que a imprensa da Comintern fala de 350 mil homens.

A Longa Marcha

Ao término de seis campanhas terríveis, em 10 de novembro de 1934, as tropas de Jiang Jieshi entram no Juichin. Uma coluna militar de 130 mil homens, dirigida pelos comunistas, que partiu algumas semanas mais cedo, dirigia-se nesse momento em direção aos confins nórdicos do país, que iriam atingir, dois anos mais tarde, alguns sete mil sobreviventes. A Longa Marcha, gigantesca mudança, interminável e esgotante retirada, epopéia, turnê de propaganda heróica, suficientemente conhecida para que não nos estendamos aqui a seu respeito, redistribuiria as cartas ao colocar os exércitos comunistas em contato com os invasores japoneses e ao fazer deles os defensores dos camponeses. Mas quem, na Comintern, se preocupava ainda verdadeiramente do levante que fora para eles o "sinal" e "a vanguarda"?

A morte dos comunistas indianos

Os sinos vão dobram por M. N. Roy e para os comunistas indianos, cujos chefes tinham acabado, havia pouco, de sair da prisão, com a visita a Moscou, em abril de 1927, de Soumyendranath Tagore, líder do Partido Operário e Camponês de Bengala que, ao longo de um encontro com Piatnitsky, lhe explica que Roy blefa sobre os efetivos e a força dos comunistas indianos e que ele desviou uma boa parte dos fundos destinados às atividades do partido clandestino. Roy sente o vento da bala. Ele que, depois de sua missão na China, convenceu-se definitivamente de que a presença dos comunistas no Guomindang era um erro, escolhe proclamar sua fidelidade a Stalin e acusar os dirigentes do PC chinês. Essa iniciativa política desonesta permitirá que se prolongue durante alguns meses uma inacreditável confusão.

A Comintern, conforme o velho reflexo "colonialista", segundo os comunistas dos povos colonizados, encarregou o partido britânico da tutela dos comunistas indianos. M. N. Roy denuncia nos documentos internos o fato de que se faz de Londres e do CPGB "uma agência para os assuntos indianos", de que os indianos não tomam parte. A linha de Londres é um partido comunista ilegal, um partido operário e camponês como fachada ilegal e o trabalho no Partido do Congresso. De seu lado, o pessoal da ala esquerda do partido nacionalista, Jawaharlal Nehru, Subhas Chandra Bose e Srinivasa Iyengar, que encontrou Stalin em Moscou, fundam, em fevereiro de 1928, a Liga para a Independência da Índia, que eles planejam aderir à Liga Antiimperialista.

Para a Comintern, é o esquema de uma política que ela condena. Não obstante, é

aparentemente somente em dezembro de 1928 que as diretivas da Comintern chegam aos dirigentes indianos por intermédio de G. M. Adhikari. É preciso se livrar dos "partidos operários e camponeses" que continuaram se multiplicando e colocar todas as forças na construção de um partido comunista sólido. Num plano mais geral, a Comintern condena a concepção mesma do Partido do Congresso: para ela, o maior perigo provém das "organizações e grupos de intelectuais" como a Liga para a Independência da Índia. Dá-se uma guinada.

É, sem dúvida, um bom momento para a polícia britânica: em 20 de março de 1930, ela prende 30 pessoas, dentre eles todos os responsáveis importantes do Partido Comunista Indiano. Eles serão condenados a duras penas de prisão. A política da Comintern se exprime muito claramente. Uma "carta aberta" publicada em janeiro de 1930, afirma: "O Congresso Nacional, em realidade, atrasou o movimento nacional [...]. Ele traiu desde muito tempo os interesses do povo indiano e não pode conduzir sua luta contra o imperialismo britânico. [...] Cortem o contato com o Congresso Nacional e a Liga pela Independência, denunciem seus mentiras e suas traições. Mostrem o que eles são: agentes do imperialismo. Expulsem os fraseadores de suas fileiras"[17].

A virada foi completa e não deve ter surpreendido pouca gente. A organização sindical panchinesa coloca os pingos nos *is* em uma mensagem de julho de 1930: "O partido nacionalista indiano, sob a direção de Gandhi é exatamente como o Guomindang chinês. São dois instrumentos do imperialismo. Não devemos nutrir por Gandhi a menor ilusão. Pelo contrário, é preciso nos opor a ele para garantir a vitória da revolução"[18]. A mensagem foi passada. A plataforma de ação do PC da Índia, de 1930, afirma: "A mais grave ameaça contra a vitória da revolução indiana é o fato de que as grandes massas do país alimentam ainda ilusões sobre o Congresso Nacional e ainda não perceberam que ele representa uma organização de classe dos capitalistas obrando contra os interesses fundamentais das massas trabalhadores de nosso país"[19].

As ligações melhoraram com a criação de um secretariado, em Berlim, com Virendranath Chattopadhyahya e as viagens de emissários de Moscou, dos quais o único eficaz parece ter sido o iraniano Amir Haidar Khan, rapidamente descoberto e preso. O desconcerto nas fileiras comunistas é visível numa "Carta Aberta", enviada em junho de 1932, pelos comitês centrais de diversos partidos, que explica que o partido indiano isolou-se a si mesmo, o que criou confusão em suas fileiras, e que os comunistas devem "tomar a parte mais enérgica na luta pela independência"[20]. De fato, os dirigentes comunistas erram no escuro. Em todo caso, desde já, é certo que nenhuma seção da Comintern fará neste país a revolução que se esperou, em Moscou, no começo dos anos 1920.

17. Carta aberta da KIM, In: *Inprecorr*, 9 de janeiro de 1930, p. 25.
18. "Message aux masses laborieuses d'Inde", In: *Inprecor*, 31 de julho de 1930, p. 666.
19. "Projet de programme du CPI", In: *Inprecor*, X, 18 de dezembro de 1930, p. 1218.
20. "Lettre ouverte aux communiste indiens", 1° de junho de 1932, p. 347.

Na Ásia do sudeste

Claro que Nguyen Ai Quoc, que passou os anos da revolução na China como intérprete de Borodin, repatriado ao Vietnã, foi obrigado, em fevereiro de 1930, a fundar um partido comunista que ele desejava "vietnamita", mas do qual o Executivo fez o Partido Comunista da Indochina, reconhecido em Moscou, em abril de 1931, como seção independente. Seu recrutamento, importante em certas províncias dentre os camponeses, faz atribuir aos comunistas a criação, aqui também, de "sovietes camponeses". Depois da destruição do NQVD pela repressão dos motins de Yen-Bay, em 1930, o movimento retoma, notadamente na Cochinchina, com a publicação em comum entre "stalinistas" do PCI e trotskistas de Ta Thu Thau do jornal *La Lutte*, órgão de defesa dos operários e camponeses que efetua um trabalho considerável. Segundo o historiador Huynkh Kim Khanh, o sinal verde para esta colaboração foi dado por um plenipotenciário do PCF, o jornalista e deputado Gabriel Péri[21]. A experiência é evidentemente acobertada no plano internacional.

Os primeiros comunistas aparecem no Camboja com uma célula agrupada em torno de um pintor de caracteres chineses, com sobrenome de Nien, um evadido da Insurreição de Cantão: reúne-se na casa de um barbeiro de Kampot em ligação com o pessoal do PC chinês. Um pouco mais tarde, a polícia descobre a atividade clandestina de um pequeno grupo, o do "cule" Ben Krahom – "Ben, o vermelho" –, e de todos os jovens que pregaram bandeirolas nas árvores à glória de um "governo operário". Em maio de 1931, um pescador se dedica ao trabalho comunista: Tak Choen nasceu no delta do rio Mekong, aderiu ao PC indochinês em 1932, depois fugiu para a Cochinchina. Será que é a ele que devemos um destes milagres do exotismo da Comintern, a distribuição, em 14 de janeiro de 1934, de panfletos à glória dos "Três Ls", (Lenin, Liebknecht, Luxemburgo) em razão do aniversário de suas mortes[22]?

Na Tailândia, "redes comunistas dos mares do sul" trabalhando nos subterrâneos, sob a impulsão de Nguyen Ai Quoc e de Tan Malakka, surgem, em 1930, com um texto assinado pelo Comitê Comunista dos Operários do Sião e parece ser o prelúdio da criação de um partido[23].

Na Birmânia, há no ponto de partida um estudante de nome Oo Kyav, que vai estudar direito em Londres, conhece a Liga Antiimperialista, percorre a Europa e envia para todos os cantos materiais marxistas a amigos, que os devoram. Um pouco mais tarde, é a influência dos comunistas indianos que começa a agir sobre um pequeno grupo, cujo líder se chama Thakin Than Tun.

Um grupo aparece na Malásia, em 1925, desaparece e renasce em 1930 sob a forma de um "Movimento"; conduz uma agitação operária e camponesa[24].

21. Huynkh Kim Khanh, *Vietnamese Communists*, p. 200.

22. Amsterdã 1992: B. Kiernan, "The Comintern in South-East Asia", p. 7-8.

23. *Ibidem*, p. 9-10.

24. *Ibidem*, p. 11-12.

Nas Filipinas, o movimento dá seus primeiros passos sob impulsão do comunista americano Harrison George, que visita o país em 1924. O dirigente nacionalista Crisanto Evangelista funda um partido operário no mesmo ano. O movimento se desenvolve sob a impulsão do indonésio Ibrahim Tan Malakka. Os filipinos encontram Zhu Enlai e Earl Browder, afiliam-se à Liga Antiimperialista. O PC das Filipinas, o PKP, nasce finalmente em agosto de 1930[25]. Pouco depois, recebe uma longa visita clandestina de um instrutor vindo de Moscou, o americano Gene Dennis, que aqui é Tim Ryan.

"Classe contra classe"

O VI Congresso da Comintern, o mais longo de sua história, acontece alguns meses depois da expulsão da oposição unificada no partido russo e na própria Internacional, com 532 delegados representando 57 partidos comunistas. Ele começa com um golpe de agitação genial, verossimilmente idéia de Münzenberg. Sob a direção de Pierre Degeyter[26], a *Internacional* é cantada em coro em todas as línguas do mundo. Leôncio Basbaum, expulso do partido brasileiro, escreve que foi um dos mais importantes espetáculos de sua vida. O congresso não tem outra importância que pela negação. É o momento em que Bukharin decidiu, ao que parece, começar o combate contra Stalin, sem não ter escolhido ainda nem o terreno, nem o momento, o que vai permitir a Stalin se adiantar. A ruptura das relações diplomáticas com a Grã-Bretanha acentuou entre os dirigentes soviéticos a psicose da guerra, o medo da "agressão imperialista" e reforçou um isolamento já doloroso sentido quando da ruptura com a China do Guomindang. Sinais de guinada à esquerda, suscitados pelo Executivo, apareceram em diferentes partidos. No Congresso de Essen do KPD, no começo de 1927, Thälmann, contra Ewert, que denuncia somente os social-democratas de direita, garante que os dirigentes da esquerda social-democrata devem ser desmascarados em primeiro, pois eles são os mais perigosos.

O PCF, nas legislativas de 1927, para as quais acabava de ser instituído o escrutínio uninominal de dois turnos, essencialmente para reduzir a influência comunista, decidira propor à SFIO acordo de desistência para o segundo turno em favor do candidato melhor colocado, em conforme com uma tradição já antiga. O Executivo, de 2 de abril de 1927, responde por uma carta em que incita o partido a não concluir aliança alguma com a SFIO. A direção do PCF se divide em três troncos: Treint e Thorez apóiam a proposição do Executivo, combatida por Louis Sellier e Renaud Jean, enquanto que Doriot, Bernard e Barbé aceitam a recusa, mas desejam exceções. A discussão é longa e difícil. Finalmente, o

25. B. Kiernan, *loc. cit.*, p. 12-14.

26. Parece que foi Adolphe Degeyter (1859-1916) quem compôs a música da *Internacional* com base num poema de Eugène Pottier. Em todo caso, ele ganhou o processo movido por seu irmão *Pierre Degeyter* (1848-1932), que afirmava ser o autor verdadeiro. Mas Adolphe já estava morto há muito tempo quando Pierre foi convidado a Moscou.

CC aprova, em 9 de janeiro de 1928, a tática eleitoral preconizada pela Comintern, por 23 votos a 13, segundo as modalidades imaginadas por Humbert-Droz e Togliatti (Ercoli). O PC vai propor a SFIO um acordo geral em que os dois partidos se proibirão outras alianças, notadamente as dos socialistas com os radicais. Os acordos só poderão ser concluídos nesses marcos, que os socialistas vão recusar. Se não há acordo, não haverá desistência, mesmo se a vitória de um candidato de direita estiver garantida. As exceções deverão ser aprovadas pelo Executivo.

De fato, nas circunscrições onde eles se mantiveram, os candidatos comunistas perderam no segundo turno a metade de seus votos. É esta tática em seu conjunto, incluindo a pressão para obrigar os socialistas a escolher entre os radicais e os comunistas, que foi chamada de "classe contra classe" por um de seus idealizadores, Jules Humbert-Droz. Porém, a expressão será usada em seguida – e de maneira, em nossa opinião, absolutamente imprópria – ao conjunto da política chamada a partir do VI Congresso, a política do "terceiro período" da Comintern, que começa em 1928 e que Trotsky batizou seu "terceiro período de erros".

Os sindicatos vermelhos

Dois outros eventos marcam o período precedente ao VI Congresso: o endurecimento da linha de combate contra os sindicatos reformistas, com uma guinada em direção à criação e ao apoio de "sindicatos vermelhos" e, sobretudo, na Alemanha, a fissura do centro entre o grupo atrás de Thälmann, inteiramente devotado a Stalin, e os que eles chamam de "conciliadores" com Arthur Ewert – segundo eles, "conciliadores" com respeito à direita –, responsáveis que, mesmo não simpatizando com a direita, queriam tomar distância tanto da nova política quanto do regime interno da Internacional e de seus partidos. A outra face da política sectária, batizada de "classe contra classe", é a construção pelos comunistas de sindicatos independentes dos sindicatos tradicionais geralmente controlados pelos social-democratas, os sindicatos chamados "vermelhos". Não esqueçamos a insistência de Lenin no trabalho dos comunistas no interior dos sindicatos reformistas, sua luta aguerrida para impedir os comunistas de se desgarrar na construção de sindicatos "revolucionários", ou de um tipo novo, como as "uniões" alemãs. Não obstante, ele deu o sinal verde à instituição que nutriria o nascimento e a multiplicação dos sindicatos "vermelhos", a Internacional Sindical Vermelha, a Profintern.

Esta última etapa não fora concebida como devendo concorrer frontalmente com a Internacional Sindical de Amsterdã. No lapso de tempo – estimado, na época, breve pelos comunistas – que os separava da revolução, ela deveria constituir um pólo que permitisse ao mesmo tempo a destruição da Internacional de Amsterdã e a reunião de sindicatos conquistados à perspectiva revolucionária. O atraso, depois o recuo da revolução, a resistência aguerrida de Amsterdã também impediram a aplicação desse plano. A expulsão por ter aderido à central "vermelha" significa, por vezes, a morte de um sindicato assim separado de uma parte de seus recursos, como foi o caso para os mineradores da Nova Escócia, em 1923. Aliás, enquanto a pressão da base em movimento se fez sentir, as burocracias sindicais demonstraram nos países avançados a maior prudência possível com respeito à política de repressão das minorias de esquerda. Com a estabilização, eles começaram a expulsar. Pode-se dizer que, grosso modo, até 1923, na Alemanha, e até 1926, na Grã-Bretanha, as minorias revolucionárias, sem exceção, podiam agir no seio dos sindicatos reformistas e mesmo pertencer à Profintern. Isso acabou em seguida.

Mais ou menos no final de 1929, à parte os EUA, onde os comunistas estavam engajados na via do "trabalho interior" e do sindicalismo duplo, o movimento sindical se desenvolveu segundo dois esquemas. Nos países até então desprovidos de estruturas sindicais, são muito freqüentemente – ver o caso da China ou da Indonésia – os comunistas que tomam a iniciativa ao criar diretamente sindicatos vermelhos que são, então, os únicos sindicatos verdadeiros. Nos outros, eles são uns após os outros expulsos, depois, finalmente, vão embora por si mesmos para se instalar na cisão que eles não queriam de início. A cisão sindical seguira-se, na França, em 1921, e na Tchecoslováquia, em outubro de 1922, à cisão entre socialistas e comunistas. O exemplo da CGTU na França é o caso-limite dos sindicatos expulsos e que se constituíram em central chamada "unitária" para mostrar que não foram eles os cismáticos. Na CGTU e na MVS tchecoslovaca deram-se muitas grandes batalhas, nelas mesmas e também em paralelo com as discussões e os conflitos no PC russo e na Comintern. O delegado do birô sindical do partido tchecoslovaco, Rudolf Kohn, campeão da luta contra a independência sindical, é execrado pelos partidários desta última. A questão da estrutura centralizada imposta por Josef Hais à MVS é colocada em questão.

Um dos grandes momentos da história da Profintern foi seu IV Congresso em 1927, na Sala das Colunas da Casa dos Sindicatos em Moscou, com a intervenção, que nenhuma testemunha esqueceu, de Andrés Nin, secretário da Profintern, reivindicando mais influência para os trabalhadores soviéticos e uma orientação à esquerda. O próprio stalinista David Alfaro Siqueiros o evoca em suas memórias[27]. É lá que Nin encontra os cubanos, Sandalio Junco, que ele ganharia à causa da oposição, e Julio Antonio Mella, a respeito de quem não podemos garantir que ele ganhou, mas que é certo que influenciou[28]. Às vésperas do IV Congresso da Profintern, seu secretário geral, A. Lozovsky, apresentou os problemas de sua organização aos leitores de *Inprekorr*[29]. Nada falta para um inventário de problemas de sua organização, nem a informação de que a Profintern registrou, desde a adesão dos sindicatos chineses, aquela dos sindicatos da Colômbia, da Mongólia e da união dos ferroviários de Serra Leoa.

Quanto aos problemas aparecidos nos países onde existiam sindicatos reformistas

27. D. Alfaro Siqueiros, *Me llamaban coronelazo*, p. 236.

28. A. Galvez Cancino, "Julio Antonio Mella: un Marxista revolucionario", In: *Criticas de la economía política*, p. 30, 1986, p. 101-151, aqui p. 117.

29. A. Lozovsky, "A la veille du IV[e] congrès de la Profintern", In: *Inprekorr*, n. 23, 23 de março de 1928, p. 383-384.

antigos e poderosos, o secretário geral da Profintern escreve: "A palavra de ordem do III Congresso: 'Luta pela unidade do movimento sindical' será também a palavra de ordem do IV Congresso da ISV. Mas agora está mais claro que nunca que a unidade só pode ser criada sem e contra os chefes da Internacional de Amsterdã, somente sem e contra aqueles que estão na mesma frente única com os patrões e com o Estado burguês contra a ala revolucionária do movimento operário"[30]. Como realizar a unidade sem e contra os chefes dos sindicatos reformistas? Como chegar até ela, segundo a análise que faz deles inimigos de classe, "social-fascistas", e pelo método da "frente única pela base" com os trabalhadores contra os dirigentes que lhes se deram ou que aceitaram? Nem Lozovsky, nem mesmo Stalin deram a resposta a essas duas questões decisivas, que eram, na verdade, somente uma. Não obstante, Stalin, dá um primeiro elemento perante o *Presidium* do Executivo, ao final de 1928, ao dizer: "Podemos absolutamente conceber uma situação em que poderá ser necessário criar associações de massa paralelas da classe operária contra a opinião dos bonzos sindicais que se venderam ao capitalismo. Já temos uma situação desse gênero na América. É bem provável que as coisas caminhem nesse mesmo sentido na Alemanha igualmente"[31].

A resposta vem enfim quando, no final de 1929, depois da eliminação em Moscou dos dirigentes sindicais pertencendo à direita, como Tomsky, a decisão de constituir na Alemanha a RGO (*Revolutionäre Gewerkschaftopposition*), presidida por Paul Merker. Logo em seguida surgem, no interior dos sindicatos "vermelhos", oposições, como na França, dentro da CGTU, a Oposição Unitária cujo mentor é Alfred Rosmer, e na Tchecoslováquia, onde ela se apóia na direita do PCT. Mesmo que a posição não seja nunca determinada com clareza, é evidente que, quando existem dois sindicatos, sendo que um deles é dirigido por "social-fascistas" e o outro por comunistas, é pelo segundo que os comunistas devem combater, recrutar, organizar, lutar. De pronto, as perspectivas fundamentais são profundamente alteradas.

Os espanhóis estão na primeira fileira do *front* do fracasso. Em junho de 1930, um enviado da Profintern, o francês Octave Rabaté, vem para assistir, assim ele espera, à fundação de uma "CNT unitária". Mas,os espanhóis, não querem ir assim tão rápido e se contentam com um Comitê Nacional de Reconstrução da CNT que agrupa somente os comunistas expulsos da central anarcossindicalista. Em junho de 1931, os comunistas duplicam essa casca vazia com uma outra, o Comitê Nacional pela Unidade Sindical. Obstinando-se no impasse, sob a pressão dos "instrutores" de Moscou, eles criam, em junho de 1932, uma outra casca vazia que se intitula Comitê de Organização da CGT Unitária, o "sindicato vermelho" espanhol em que ninguém acreditava mais, constituído em abril de 1934, com, aparentemente, 100 mil membros.

Os holandeses e os belgas foram pelo mesmo caminho. Por todos os lados onde eles existiam, os "sindicatos vermelhos" não somente contribuíram para a divisão das fileiras operárias, mas também constituíram um poderoso fator de isolamento dos comunistas

30. A. Lozovsky, *loc. cit.*

31. Stalin, *Works*, XI, p. 315.

em relação aos trabalhadores sem partido, facilitando em última análise a repressão patronal: os nomes de seus membros preenchiam as "listas negras" do patronado. Mesmo que a questão não tenha jamais ocupado a primeira fileira das grandes discussões públicas, parece possível garantir que se trata aqui de uma questão-chave, verdadeiro revelador. A instalação na cisão sobre todos os planos, na classe operária, é também a instalação na resignação e na renúncia à luta para criar as condições da revolução, até mesmo das reformas. Isto ficará claro em todos os países, particularmente na Alemanha.

O desenrolar do VI Congresso

Os congressos da Comintern começaram a perder seu interesse depois de seu espaçamento e, sobretudo, depois do desaparecimento de verdadeiras discussões, transportadas doravante, no melhor dos casos, para as seções a portas fechadas do Executivo. Porém, o VI Congresso causa uma impressão particular de irrealidade quando se trata dos fatos e dos gestos dos tenores. Assim, Bukharin continua a ocupar a frente do palco e a apresentar os relatórios ao passo que ninguém o escuta de verdade e que os corredores fervilham com uma discussão permanente, entretida pelo baixo clero de Stalin, sobre a proximidade de sua eliminação e os nomes daqueles que provocarão essa queda. Assim, as expressões "terceiro período", "classe contra classe", até mesmo "social-fascismo", encontram-se na boca de homens de quem sabemos que estão o exato momento de acertar as contas definitivas, "na ponta da faca", sobre seu conteúdo verdadeiro "e suas implicações".

Entretanto, alguns traços se desprendem. Um dos mais importantes e mais significativos é que a expressão – é ao mesmo tempo a política que ela justifica – de "social-fascismo" volta com força, mesmo que Bukharin tenha insistido sobre a necessidade da frente única "pela base", sempre aceitando reforçar os métodos de luta contra a social-democracia. Alguns oradores, Arthur Ewert e Ercoli (Togliatti), em particular, criticam com prudência a noção de "social-fascismo", sublinhando a base operária da social-democracia, para o primeiro, e distinguindo a composição social e os métodos, para o segundo. Dengel, Pierre Sémard e Angelo Tasca vão no mesmo sentido, com o apoio discreto de Bukharin. Thälmann, sempre sumário e brutal em suas afirmações, é aplaudido ao clamar que a social-democracia desenvolve-se em direção ao fascismo e que o fato pode ser provado. Dimitrov e Leński seguem-no no mesmo caminho, empregando como ele o termo "social-fascismo", como se ele pertencesse normalmente ao vocabulário político. Ewert, porta-voz dos "Unitários" alemães fantasiados com o chapéu de "conciliadores", pronuncia-se por outros métodos no partido que não os que terminam por criar "grupos" na direção, propõe "uma política que garanta a inserção do PC em novas camadas, em particular em direção aos trabalhadores social-democratas e que dirija a luta da classe operária a formas de luta mais elevadas"[32].

32. *Protokoll VI[e] congrès*, 27 de julho de 1928 e A. Ewert, p. 352, 354.

Walter Ulbricht responde realmente como se fosse um policial. Para ele, "a fração de direita" é quem impede o trabalho do partido e a ação dos "conciliadores" impede a direção de controlar a direita. Depois ele desfere seu argumento batido: "A delegação russa estabeleceu que *o perigo principal no partido alemão é o perigo de direita*, mas que é preciso também *combater energicamente a corrente conciliadora*"[33]. Pierre Frank escreve que "nesta troca de amenidades [...], considerou-se somente a mecânica interna do Partido Comunista"[34]. A observação é particularmente pertinente com respeito a Ulbricht e a todos os partidários de Thälmann. Ela nos parece absolutamente injusta se dirigida a Ewert. Por outro lado, era correto, como o fez Pierre Frank, relevar a observação espirituosa, mas pouquíssimo enigmática lançada por Bukharin em sua conclusão[35] e talvez sonhar com seu significado, mas com a condição de não omitir, como o fez Pierre Frank, a passagem da página 598 que reproduzimos logo anteriormente em itálico: "A disciplina é nosso comandante supremo. Contudo, eu devo, camaradas, mencionar uma carta inédita que o camarada Lenin endereçou a mim e a Zinoviev. O camarada Lenin nos escrevia: 'Se vocês expulsarem todos os que não são particularmente obedientes, *mas que são inteligentes*, a fim de conservar somente os idiotas obedientes, vocês conduzirão certamente o partido à sua ruína'"[36].

Entretanto, obedientes idiotas ou não, todos os dirigentes de todos os partidos, desde o dia seguinte ao VI Congresso, empregaram correntemente como um só homem este termo de "social-fascista" que não fora votado em si por ninguém. Comentando os debates do VI Congresso, Miloš Hájek observa de maneira pertinente que os pretensos "conciliadores", os comunistas unitários, deram uma batalha determinada pela defesa da democracia nos partidos comunistas e na Internacional e que eles tiveram que enfrentar aqueles que, um ano antes, foram os perseguidores da Oposição de Esquerda e formavam a guarda pretoriana de Stalin e dos partidários da nova linha que fazia do "social-fascismo" o inimigo número um[37]. O mesmo autor pensa que Ewert e seus próximos procuravam voltar nas expulsões dos oponentes de esquerda[38]. Esse era um projeto ameaçador do poder de Stalin, que investiu contra Ewert, tornando-se, assim, o inimigo número um ao longo do congresso. Uma frase foi, de maneira significativa, censurada da intervenção de Togliatti: "A vanguarda do proletariado não pode combater na obscuridade. O Estado-maior da revolução não pode se formar numa luta de fração sem princípios"[39].

Nos dia seguinte do VI Congresso, deram-se as sangrentas trocas de tiros de 1° de maio de 1928, em Berlim. O KPD anunciara ruidosamente sua intenção de peitar a proi-

33. *Ibidem*, p. 414.

34. Pierre Frank, *op. cit.*, p. 597.

35. *Protokoll VI*, p. 552.

36. Citado por P. Frank, *op. cit.*, II, p. 598.

37. M. Hájek, *Storia dell'Internazionale comunista 1921-1935*, p. 167.

38. M. Hájek, *op. cit.*, p. 161.

39. Tasca ao Secretariado do PCI, 18 de outubro de 1928, In: *Annali Feltrinelli*, 1966, p. 522.

bição de toda manifestação de 1° de maio. Sua imprensa desafiava as autoridades, afirmando que a rua devia estar livre para o proletariado, que imporia sua vontade de combate ao ministro dos trustes[40]. Por sua vez, o chefe de polícia social-democrata Zörgiebel avisava que manteria a autoridade do Estado e lançava um aviso àqueles que, dizia ele, sob ordens de Moscou, queriam cadáveres. No final das contas, a polícia de Zörgiebel dispara contra os manifestantes que *Die Rote Fahne* convocou a descer "à rua" para este "começo da vaga ascendente da revolução proletária", fazendo 32 mortos e 194 feridos graves, produzindo 1.228 prisões. A polícia varre sem mais as poucas barricadas erguidas pelos membros da Juventude Comunista e por jovens desempregados. Um recente estudo de Thomas Kurz convenceu-nos plenamente de que os dois campos presentes queriam sangue para obstruir a unidade e a seus partidários em seus próprias fileiras: eles ganharam[41]. O KPD queria demonstrar que os social-democratas eram realmente "social-fascistas" e Zörgiebel que os social-democratas podiam manter a ordem. Nos dois casos, trabalhadores deveriam morrer. O 1° de maio de 1928 cavou um fosso entre trabalhadores comunistas e social-democratas. A palavra "social-fascista", com seu conteúdo e alcance, adquirira visto de permanência no universo dos partidos comunistas, consagrando a divisão.

Do "caso" Wittorf a Thälmann[42]

Um caso comum de roubo, de cumplicidade de roubo, de corrupção talvez, era nada mais do que isso o caso Wittorf, um caso comum de direito comum em que Thälmann estava implicado, pelo menos por seu silêncio e sua não-denúncia do malfeitor. Não obstante, foi esse medíocre "caso" que impeliu Stalin, para reforçar seu poder ameaçado, a ir mais longe – realmente mais longe que o possível – no reconhecimento estampado de sua dominação pessoal de chefe de bando sobre a Comintern e seus partidos.

A caso situa-se em Hamburgo, feudo de Ernst Thälmann, onde circulavam há anos rumores sobre os negócios corruptos em que estariam implicados os colaboradores próximos do chefe do KPD. Ora, é por iniciativa de Thälmann que o secretário político do distrito de Wasserkant, Rudolf Lindau, um homem de sua tendência, fora afastado de suas funções, em março de 1927. Ninguém ignorava que não havia entre Thälmann e ele divergência política no plano geral, mas sabia-se que Thälmann estava muito descontente com os ataques lançados por Lindau contra a moral de clique e a corrupção da camada superior dos burocratas do partido de Hamburgo e do Wasserkant. Na seqüência desses incidentes, Rudolf Lindau fora substituído por John Wittorf – um homem do círculo estreito de ami-

40. *Die Rote Fahne*, 20 de março de 1929.

41. T. Kurz, "Arbeitermörder und Putschisten. Der Berliner 'Blutmai' von 1929 als Kristallisationspunkt des Verhältnissen von KPD und SPD von der Katastrophe", In: *IWK*, setembro de 1986, n. 3, p. 197-318.

42. A documentação é importante sobre o caso Wittorf. Seguimos Hermann Weber, *Wandlung der deutschen Kommunismus*.

gos de Thälmann. Esse ex-estivador era confundido com seu cunhado; freqüentava assiduamente boates e círculos de jogo e vivia numa boa. Rumores repetidos o acusavam de pegar dinheiro do caixa do partido.

O caso vai por um rumo perigoso para ele quando tentou aparentemente cobrir os rastros de suas malversações ao acusar o tesoureiro do distrito, Dehmel, simpatizante da Oposição de Esquerda, segundo Hermann Weber. Wittorf consegue fazer com que Dehmel fosse expulso como ladrão por ter pegado dinheiro do caixa. Realmente, não era uma boa maneira de fazer ele se calar. Uma auditoria atestou a inocência do tesoureiro do distrito e revelou ainda um desvio de 1.850 marcos efetuado por Wittorf. Ignoramos se Thälmann perdeu a paciência ou se, pelo contrário, ele estava absolutamente convencido de sua inocência que ele acreditou ser possível abafar tranqüilamente o escândalo. Tampouco sabemos se sua reação foi ditada por uma solidariedade de baixa qualidade ou por medo de ser atingido pessoalmente pelo escândalo e ser acusado de cumplicidade. Era um homem grosso e brutal que sua posição de chefe o tornara megalomaníaco e violento.

Deu-se ainda que ele ameaçou os controladores financeiros e, ao longo de uma reunião ocorrida em 23 de maio de 1928, juntamente com seus colaboradores e próximos, John Schehr, Willi Presche e Joseph Ries, decidiram dissimular o caso, inclusive aos organismos dirigentes do partido, de guardar a seu respeito um silêncio absoluto e de deixar Wittorf com suas funções. Entretanto, o Partido Comunista Alemão, mesmo em Hamburgo, não era ainda um monólito. Restavam ainda os partidários da Esquerda de Hugo Urbahns, dirigida muito tempo por ele, que fora, ainda, o herói da insurreição de 1923. Restavam também militantes honestos que não aceitavam o estilo de vida de um burocrata como Wittorf, nem que um dirigente nacional, por mais importante que fosse, pudesse lhe garantir impunidade por seus roubos. As bocas se abriram o suficiente para que o órgão do *Leninbund* de Urbahns, *Volkswille*, fosse capaz de revelar o escândalo ao tornando público os principais elementos que o constituíam.

A direção não podia mais ignorar o caso. Ele decidiu, então, realizar uma investigação e despachou para Hamburgo, para uma auditoria, o tesoureiro do partido, Artur Golke, e o veterano Hugo Eberlein, membro do *Polburo*. Os dois homens parece que não tiveram nenhuma dificuldade em estabelecer a verdade sobre o desvio de fundos e a responsabilidade de Wittorf. Eles tiveram ao mesmo tempo a confirmação da existência do "pacto de silêncio" ligando Thälmann, Schehr e os outros. Em 23 de setembro de 1928, a direção do distrito de Wasserkant expulsou Wittorf do partido. Schehr, Presche e Ries confirmam perante Eberlein que Thälmann esta a par de tudo e foram por sua vez suspensos de suas responsabilidades.

O "caso Thälmann"

Com o retorno de Eberlein e de Golke a Berlim, começava o grande "caso Thälmann". O *Polburo* ouviu, em 25 de setembro, um relatório de Eberlein, extremamente duro

para com Thälmann, interpelando-o mesmo num certo momento, dizendo para que ele desse um último gosto ao partido ao sair dele. Thälmann estava arrasado. O *Polburo* preparou para o CC uma resolução em que ele propunha afastá-lo de todas as suas funções e de começar o processo para afastá-lo daquelas – como no caso da Comintern – que não concerniam ao KPD. O CC se reuniu, em 26 de setembro, sob a presidência de Ernst Schneller com o "caso" na ordem do dia. Não houve abalos e as coisas pareciam simplesmente acontecer. Thälmann, que teve medo principalmente de ser expulso, declarou-se de acordo com a posição do *Polburo*. Somente um jovem militante operário, suplente do CC, Erich Hausen, pediu sua expulsão. Ele foi apoiado somente por dois outros suplentes; declarou então se alinhar com a proposição do *Polburo* e, com o número de *Volkswille* nas mãos, fez uma intervenção para precisar tudo o que lhe parecia adquirido: o fato de que Thälmann, informado do desvio desde maio, guardara segredo; que ele havia deixado expulsar Dehmel por um desvio de que ele era inocente e cujo autor – ele o conhecia – era Wittorf; que, sabendo que Wittorf tinha roubado o partido, ele o havia dissimulado a todos os responsáveis do partido; enfim, que ele tivera com Schehr e os outros uma reunião de caráter fracional ligado a um caso de roubo e de corrupção e que tudo isso merecia expulsão.

A maior parte dos oradores inscritos na discussão falaram em favor da resolução do *Polburo*. Somente Lenz e Leo Flieg – seu colaborador de longa data – defenderam Thälmann e, sobretudo, opuseram-se à publicação de uma eventual resolução de condenação na imprensa do partido. A resolução do *Polburo* foi aprovada por unanimidade no CC. Margarete Buber-Neumann garante que Walter Ulbricht estava no banheiro no momento da votação, que não tomou parte e partiu na mesma noite para Moscou. No dia seguinte, 27 de setembro, *Die Rote Fahne* publica a resolução que provocou os estragos de uma bomba, com esta passagem crucial:

> O Comitê Central desaprova do modo mais firme o fato de que o camarada Thälmann tenha guardado o segredo *vis-à-vis* das instâncias dirigentes do partido a respeito daquilo que se passava em Hamburgo. O CC estima que isto é um erro político absolutamente prejudicial ao partido. A pedido do camarada Thälmann, este caso foi transmitido ao Executivo da Comintern. Até sua conclusão, o camarada Thälmann está desencarregado de suas funções. O CC aquiesce, deste modo, ao desejo do camarada Thälmann, a fim de lhe permitir se explicar perante o Executivo de Moscou o pesado erro que ele reconheceu.[43]

Petrovsky-Bennett, enviado pelo Executivo, que veio pedir em nome de Stalin a não-publicação da resolução, chegou tarde demais para impedi-la. Ela já tinha sido publicada quando Remmele chegou de avião de Moscou, também encarregado de dizer que Stalin queria que Thälmann fosse mantido em seu cargo. De mafioso no Wasserkante, o caso tornava-se político na cúpula da Comintern.

No KPD, é o grande abalo. Sem dúvida, os militantes se dividiram em função de seu

43. *Die Rote Fahne*, 27 de setembro de 1928.

pertencimento às tendências e o pessoal das oposições viam ou acreditavam ver aparecer para eles uma chance, mas pode-se constar que a tendência anti-Thälmann é mais forte na base do que na cúpula burocrática. Assim, testemunha Schneller em uma assembléia geral em Hamburgo, em que a direção do distrito defende Schehr e seus acólitos, assim como o presidente suspenso, ao passo que os funcionários dos escalões inferiores, mais sensíveis à pressão da base, exigem justiça e a punição dos cúmplices do ladrão. Teddy não tem muitos defensores. O aparato dos combatentes da Frente Vermelha, o RFB, contudo, defende-o, e é em nome da organização que seu dirigente Willi Leow telegrafa a Moscou para pedir a manutenção de Thälmann em seu cargo. O texto da resolução uma vez publicado, não obstante, numerosos membros do KPD se resignam: a verdade seria de todo modo conhecida e seria melhor surpreender o inimigo ao fazer a faxina e varrer em frente a própria porta.

Stalin mata o assunto na Comintern

Stalin raciocina de uma maneira completamente diferente. Thälmann é um de seus seguidores no grupo dirigente da Comintern. Mexer com Thälmann, é mexer com a direção, atentar contra Stalin, que é quem detém sozinho a faculdade de julgar os homens e seu lugar tanto nos partidos, quanto na Comintern. É para ele uma questão sobre a qual não ousaríamos dizer que é de princípio, mas pura e simplesmente de força. É de sua autoridade absoluta, sem limites, que se trata e não de moral pessoal ou de honestidade elementar. Ele está, portanto, decidido a curvar a direção alemã e os "conspiradores" que dela abusaram, uma vez que fizeram com que ela se voltasse contra ele. Ulbricht, sem dúvida, já está em Moscou, assim como Neumann, que estava lá enquanto o caso era discutido em Berlim. Remmele foi chamado de novo, Thälmann, ainda convalido, Ewert, Dengel, Eberlein e Pieck são convocados a Moscou. Stalin não mede suas palavras. Todos entendem que é preciso "se submeter ou se demitir".

Seu comportamento em face de Moscou, já de longa data, sua situação pessoal e a dependência material de seu partido para com Moscou conduziram-nos a nos submeter. Passo ante passo, o KPD dá marcha à ré. Em 2 de outubro de 1928, um resolução do *Polburo*, aprovada por dez votos a três, declara que ele estima que, apesar do pesado erro que cometera, Thälmann deveria continuar à frente do partido. Em 6 de dezembro, *Die Rote Fahne* publica uma declaração assinada pelos 25 membros do CC que declaravam voltar em seu voto, de 26 de setembro, "reparar esse erro" e solicitam a anulação da votação. É no mesmo dia em que se reuniu o CEIC. Stalin não encontra resistência alguma. Bukharin, que, num primeiro momento, pronunciou-se pela destituição de Thälmann da presidência do KPD, mudou também seu voto... decidindo ir de férias para o Mar Negro. O texto foi publicado no dia seguinte na *Pravda*, em 7 de outubro de 1928, e na *Die Rote Fahne* do dia 9. Ele estava datado de 3 de outubro de 1928, apresentado na *Correspondence internationale* sob um título que não deixa de ser picante: "Resolução, sobre os *incidentes* na organização do partido de Hamburgo". Ele aprova o CC do KPD pela decisão da expulsão de Wittorf e critica Thälmann por não ter imediatamente informado o CC, fazendo parecer que não se tratava, para ele, de proteger Wittorf, mas de ganhar tempo para refletir sobre a maneira por meio da qual proteger o partido.

Depois, ele ataca com extrema violência os membros do CC que se comportaram como divisores ao tomar uma decisão (e, posteriormente, ao torná-la pública) sobre a questão Thälmann sem ter consultado a Comintern, "tendo assim adotado uma atitude incompatível com a disciplina internacional do partido comunista mundial". Eles comentaram principalmente "um erro altamente perigoso" ao publicar a resolução, isto é, ao se deixar levar por "ações inconsideradas pelos clamores do renegado Urbahns e dos apoios social-democratas da burguesia". Para o CEIC, o caso Wittorf não fora nada mais do que "uma empreitada fracional contra Thälmann enquanto representante da linha do VI Congresso"[44].

Sobre as manobras e contra-manobras da cúpula da Comintern, possuímos um depoimento. Jules Humbert-Droz, então em tratamento numa casa de repouso para dirigentes em Sotchi, com Bela Kun e Manuilsky, conta:

> Nesta calma repousante, um trovão pressagiou a tempestade próxima. A *Pravda* anunciava que o CC do PC alemão decidira por unanimidade destituir Thälmann de sua função de presidente do partido. Manuilsky, Bela Kun e eu nos colocamos rapidamente a desvendar o mistério que se escondia sob essa destituição. [...] Para falar a verdade, ficamos os três felizes com essa queda espetacular de um chefe fabricado em Moscou, que não tinha nenhuma das capacidades requeridas para ganhar a confiança das massas e conduzir a revolução alemã: cada um sabia que seus artigos e discursos eram preparados por Heinz Neumann, eminência parda do CC.
> Nossa alegria, entretanto, foi de curta duração, pois, pouco depois, em 7 de outubro, a *Pravda* comunicava que o *Presidium* da IC, reunido em Moscou, condenara a decisão do CC e reabilitara Thälmann à frente do partido. Novo mistério! A maior parte dos membros do *Presidium* estava em férias e nenhum de nós recebeu convocação. Portanto, somente alguns membros presentes em Moscou se reuniram para tomar essa decisão plena de conseqüências. Bukharin, em férias no Cáucaso, certamente não fora também consultado. Então... só pode ter sido um golpe de Stalin de volta de férias![45]

A validade desse depoimento é garantida por aquilo que ele diz de Bukharin, partido em férias em pleno período de revelação do "caso". Pode-se notar, aliás, a esse sujeito que Stephen Cohen, o biógrafo de Bukharin, não menciona uma vez sequer em seu livro o nome de Wittorf nem mesmo o de Thälmann. Humbert-Droz, contudo, explica, dessa maneira, porque Stalin ditou suas condições sem encontrar nenhuma resistência. Clara

44. *Die Rote Fahne*, 9 de outubro de 1928 e *Corr. Int.*, n. 121, p. 1314-1315.
45. J. Humbert-Droz, *De Lénine à Staline, 1921-1931*, p. 319.

Zetkin e o italiano Tasca, entidades negligenciáveis, votaram contra. No começo do *Plenum*, de novembro, do partido russo, Bukharin pediu, em vão, a volta à ordem do dia de Thälmann e o afastamento de Heinz Neumann. Em dezembro, quando o *Presidium* da Comintern condenou a posição de Humbert-Droz, que se exprimira por escrito – e a quem Piatnitsky propusera fazer desaparecer sua carta de protesto –, Clara Zetkin foi a única a votar contra, Tasca se absteve. Nesta data, Manuilsky e Bela Kun estavam, desde há muito, alinhados e Humbert-Droz nos mostrou em suas memórias o segundo "cochichando" temerosamente para falar de Thälmann[46]. Uma carta de Manuilsky a Humbert-Droz esclarece a mentalidade dos homens de Stalin que se inclinaram:

> O escopo político dos últimos eventos no partido alemão tornam-se cada vez mais claros. O caso de Hamburgo era somente um episódio que desempenhou o papel de um caso Dreyfus* no partido alemão. A história de Wittorf caiu num meio de paixões políticas nutridas por diferentes grupamentos do partido. Ela foi explorada de uma maneira única pelos direitistas e também por um grupo de Ewert para abrir uma luta contra as decisões do VI Congresso. A grande blablablá sobre a corrupção nada mais é do que um blefe da direita. [...] O crime reside no fato de que se transportou para o partido a moral das lutas do parlamentarismo apodrecido.[47]

Teremos que voltar a esse episódio da história da Comintern no capítulo sobre a oposição de direita. Contentaremo-nos de mencionar aqui que vimos nele principalmente escaramuças no interior da Comintern preliminares à eliminação de Bukharin. Em 31 de agosto de 1928, Stalin, numa carta a Piatnitsky, propôs a designação pelo congresso de um secretariado político do Executivo que estivesse protegido contra as tendências de tipo Šmeral, acrescentando: "Para uma melhor ligação com o Comitê Central [do PC russo], proponho designar o camarada Molotov como membro do secretariado político do CEIC"[48]. Em 19 de dezembro de 1928, no *Presidium* da Comintern, Stalin denuncia "os direitistas" que enfrentaram a disciplina e combateram a Internacional e exige a expulsão deles[49]. Ele visa aos próximos de Bukharin – ausente –, Humbert-Droz, Tasca – que não se

46. *Ibidem*, p. 321.

* Em 1894, o serviço de inteligência francês descobre na embaixada da Alemanha um dossiê contendo segredos militares franceses. O oficial Alfred Dreyfus aparece rapidamente como o suspeito ideal: além de trabalhar no Estado-Maior e pertencer à artilharia (seção de onde provinham os documentos), era judeu e vinha da Alsácia, região limítrofe entre a França e a Alemanha, trocada de mãos várias vezes. Ele foi rapidamente culpado e punido a despeito da ausência de provas concretas. A crise militar torna-se política e personalidades importantes da França vêm em defesa de Dreyfus, notadamente o escritor Émile Zola e o líder socialista Jean Jaurès. Sua reabilitação será longa e difícil. O caso Dreyfus expôs aos olhos de todos o forte anti-semitismo e chauvinismo de certos setores da sociedade francesa da *Terceira República* (1875-1840) e tornou-se sinônimo de injustiça. [N. do T.]

47. *Ibidem*, p. 323-324.

48. G. I. Firtsov, "Stalin i Kommunistitcheskii Internatsional", In: *Istoria i stalinizm*, p. 166.

49. *Ibidem*, p. 167-168.

inclina –, Togliatti, que capitula. Stalin tem os votos de Molotov, Piatnitsky, Lozovsky, Purman, Strakhov (Qu Qiubo).

Bukharin não participa do X *Plenum* do Executivo de 3 a 19 de julho de 1929, mas as cartas já estão dadas. Sua desgraça torna-se pública em 21 de agosto, quando a *Pravda* publica a resolução do CC do partido russo que o afasta de todas suas funções na Comintern[50].

A stalinização do PC tchecoslovaco

É ao longo do mesmo ano de 1928 que a Comintern conseguiu alinhar o Partido Comunista Tchecoslovaco, em que subsistiram zonas de resistência à stalinização. O PCT se revela, com efeito, ineficaz em responder efetivamente à ofensiva governamental. A polícia de Praga, depois o ministro do Interior tomam a iniciativa ao proibir pura e simplesmente, por razões de ordem pública, a manifestação esportiva das Espartaquíadas, para a que numerosíssimos atletas eram esperados. O PC decide então responder vigorosamente organizando uma "Jornada Vermelha", em 6 de julho, que também, por sua vez, é proibida. Em que pesem os chamados voluntaristas, os candidatos a se manifestar são pouco numerosos e a manifestação é anulada, esse segundo recuo agrava evidentemente o fracasso.

Uma resolução adotada sobre esta questão pelo CC alguns dias depois, por grande maioria, garante: "A ação da Jornada Vermelha foi necessária em razão da situação política; a derrota sofrida pelo partido foi agravada pelo fato de que o partido, depois de ter durante semanas proclamado energicamente que uma ação era extremamente importante e necessária para os interesses vitais do proletariado, não tentou uma vez sequer realizar efetivamente esta ação no último momento"[51]. Mesmo que ele tenha acrescentado que as causas eram profundas e que era preciso procurá-las no estado de coisas em todo o partido, ela foi rejeitada com indignação e severamente criticada em Moscou.

O CEIC e seus porta-vozes se apoderaram rapidamente do caso, que mostrava, segundo eles, que o partido tchecoslovaco tinha "perdido o contato com as massas". A esquerda, dirigida por Gottwald, lançou ao ataque da "direita histórica", os Kreibich, Šmeral, que estavam longe de Praga, mas cujo estado de espírito de passividade teria, segundo eles, prevalecido.

Bohuslav Jílek, o secretário geral do partido, aborda a questão na tribuna do VI Congresso; para ele, a linha geral era correta e a análise, boa. Porém, não se tentou apoiar-se na frente única, não se empenhou em mobilizar as largas massas, foi um erro fixar a data, muitos dirigentes hesitaram e numerosos militantes não compreendiam. Nada foi tentado para salvar a situação. Ele explica em que linhas os dirigentes se dividiram. Zápotocký pensa que as palavras de ordem estavam mal colocadas, que a situação mal estava

50. *Pravda*, 21 de agosto de 1929.

51. Citado por Jílek, *Corr. Int.*, n. 79, 9 de agosto de 1928, p. 30.

mal-apreciada, que havia uma idéia romântica da situação. Rudolf Slanský, por sua vez, fala dos erros oportunistas repetidos, da fraqueza da luta contar o perigo da direita, a ausência de formação dos militantes e de decisão entre os dirigentes, que é preciso renovar. Para Jílek, é preciso fazer uma reorganização da base até a cúpula e mudar de métodos. Mas para Gottwald – que intervém sob o nome de Graham –, é a direção inteira que é preciso mudar. A carta aberta aprovada pelo Executivo, de 3 de setembro, o diz sem meias-palavras, garantindo que a "Jornada Vermelha" fora preparada longe das massas, que os operários não a reconheceram, mesmo porque o partido estava vacilante. A carta do Executivo afirma:

> O que completou o fiasco da Jornada Vermelha é que não foi feita a menor tentativa para realizar a manifestação e que os seis mil operários revolucionários que se reuniram nas ruas de Praga, dos quais três mil vieram do interior, ficaram como uma tropa abandonada no último momento por seus chefes. Ora, dentre os seis mil operários revolucionários e, em particular, dentre os militantes dirigentes, não se encontravam camaradas corajosos suficientes para tomar a iniciativa e começar eles mesmos a manifestação. É assim que esta ação ampla, mas preparada distante das massas, terminou-se sem glória.[52]

A conclusão é evidentemente que é preciso mobilizar o partido numa luta resoluta contra o perigo da direita, promover jovens trabalhadores à direção, eliminar as influências deletérias do passado e se reaproximar dos trabalhadores. O inimigo não é mais "a direita clássica", mas a direita Jílek. A Comintern fez sua escolha: seu CE a diz claramente numa carta dirigida ao congresso, trata-se do "camarada Gottwald". Klement Gottwald, carpinteiro, é eleito secretário geral por unanimidade ao fim do congresso de fevereiro de 1929. Ele tem 33 anos. A seu lado, outros jovens, um intelectual de 27 anos, Josef Guttmann, que é sua cabeça teórica e freqüentemente sua pluma, Rudolf Slanský, homem forte de 28 anos, e os seus, o camaleão Jaromir Dolanský, mas também os homens de Karlin, Alexandr Bubeníček, Václav Nošek, Emanuel Klima, Jan Šverma, Václav Kopecký, Bruno Köhler e alguns outros.

A vitória de Gottwald e do CE internacional é total. De fato, o PC tchecoslovaco, de forte composição proletária, muito ligado à tradição operária de seu país, jamais convencido da teoria do social-fascismo e considerando o PS como um partido-irmão, vai dar, da base à cúpula, muito trabalho aos stalinizadores. A batalha, contudo, desferiu-lhe um golpe rude: ele cai de 100 mil membros aproximadamente a menos de 30 mil, perde 14 senadores de 20, 25 deputados de 41 e uma fração da MVS, com Josef Hais, junta-se aos sindicatos reformistas. Gottwald é, sem dúvida, o homem de quem Stalin precisa em Praga. Ele tem muitos pontos em comum com Thälmann em suas maneiras rudes e freqüentemente brutais. A esse respeito, Jacques Rupnik cita a resposta que ele deu ao parlamento àqueles que acusavam o PCT de ser manipulado por Moscou: "Somos o partido do proletariado tchecoslovaco e nosso Estado-Maior se encontra em Moscou. Vamos a Moscou para aprender com os bolcheviques russos como estrangular vocês. E, como vocês sabem, os bolcheviques são mestres no assunto"[53].

52. "Lettre ouverte" do CEIC ao PCR, In: *Corr. Int.*, n. 116, 6 de outubro de 1928, p. 1251.

Os marcos estão fixados

A eliminação da direita e dos conciliadores na Alemanha, a submissão da "direita histórica" eram eventos de primeira importância. Sem dúvida, tudo se passou como se Thälmann e Gottwald, estes dois ex-operários que adoravam se fazer passar por operários e se esforçavam para se parecer como tal, pertencessem a uma espécie mais "proletária" do que a de seus adversários que usavam colete e terno, chapéu ao invés de boné. No Brasil, diz-se francamente que se expulsariam "todos os intelectuais" da direção e tornar sua vida impossível no partido. Assim, Astrojildo Pereira foi eliminado e a valsa dos secretários-gerais recomeçou em nome da "proletarização", sob a égide de "proletários" incapazes. Não obstante, a realidade era outra. A diferença estava em outro lugar. Com os velhos "históricos", discutiu-se, e era um direito, mesmo se ele era usado cada vez menos. Com os novos "proles" de Hamburgo e de Karlin, estava acabado. Eis aqui uma diferença importante que todo o mundo, mesmo hoje, aparentemente ainda não compreendeu.

53. Citado por J. Rupnik, *Histoire du Parti communiste tchécoslovaque*, p. 78

O "terceiro período"

Todo o mundo, mesmo os especialistas, esqueceram sem dúvida a fórmula completa por que o relatório de Bukharin no VI Congresso caracterizara o período que se abria como o "terceiro período". O termo, entretanto, continuou graças a uma palavra polêmica de Trotsky, que a pegou no pulo para falar doravante de "terceiro período de erros da Internacional Comunista".

Medo e mentira

Talvez, se fosse necessário caracterizar brevemente, poderíamos pegar um comentário de Ercoli (Palmiro Togliatti) e da confidência que ele fez, quando do VI Congresso da Comintern, a um correspondente partidário de Trotsky, o jovem Bolotnikov:

> A tragédia é que é impossível dizer a verdade sobre os problemas atuais mais importantes, mais vitais; É-nos impossível falar. Se disséssemos a verdade, na atmosfera que reina aqui, seria uma bomba, a explosão de uma bomba. Não seria nada mau se uma grande parte dos que estão neste congresso desaparecessem da face da Terra. Estou terrivelmente ansioso. Não sei nem o que fazer, nem o que dizer, nem como fazer para mudar a situação.[1]

Assim, um dos que primeiro iriam, na Comintern, lançar as bases do culto a Stalin e serem seus celebrantes confessa a um militante russo desconhecido dele que o medo e a mentira eram os dois úberes do stalinismo.

1. Arquivos Trotsky, Harvard, 15665.

Os postulados "teóricos" da direção

A literatura política da época é notável por suas fórmulas repetidas à saciedade e pelo começo do triunfo do politiquês com a transformação em catecismo inatingível da análise ou da caracterização circunstancial. Tudo começa no que chamamos "a radicalização das massas", que é ilustrada pelo número de greves, de choques com a polícia, de palavras de ordem políticas ao lado das reivindicações econômicas. Esta "radicalização" implica a compreensão da aproximação de uma "ascensão revolucionária das massas" e, como garante Molotov, o mundo "entre com os dois pés" nos eventos mais revolucionários cujo progresso, as "conquistas", na URSS, não são elementos sem importância. As armas que devem ser preparadas para o uso são "a greve geral política", "a conquista da rua", e a chave da vitória é "a recusa de toda aliança com os reformistas".

Trotsky, comentando esses objetivos, escreve que o terceiro período repete os erros zinovievistas de 1924-1925, porém num plano histórico superior e que este período "devasta as organizações e os homens" porque ele implica um combate com perspectivas falsas em condições imaginárias. Ele é, portanto, a garantia certificada de derrotas cruéis. Um dos traços mais chocantes a esse respeito é a interpretação dada à social-democracia, que se apóia em análises já antigas de Bordiga, que custaram caro ao PC italiano e realmente facilitaram a vitória do fascismo italiano; sobre as fórmulas polêmicas de Zinoviev e sobre uma citação de Stalin apresentada como uma descoberta teórica de primeira grandeza, a luz vinda do céu: "A social-democracia é objetivamente a ala moderada do fascismo. [...] Eles não são antípodas. São gêmeos". Trata-se da análise da social-democracia como um "social-fascismo", isto é, um destacamento do inimigo de classe com que nenhuma frente comum é aceitável. Vimos a expressão reaparecer no VI Congresso da Comintern e vimos que os próximos de Bukharin, inclusive Togliatti, ainda têm a coragem de combatê-la. Isso não pode mais ser dito quando do X *Plenum* do Executivo ampliado, que se abre em 3 de julho de 1929.

O X *Plenum*

É a verdadeira guinada e a entrada "com os dois pés", como poderia ter dito Molotov, nas loucuras do "terceiro período". A ruptura é efetiva entre Stalin e Bukharin e é durante o X *Plenum*, em 9 de julho, que ocorreu o encontro em Bukharin e Kamenev, e que o primeiro faz ao segundo confidências sobre Stalin, que ele encara como um verdadeiro Gêngis Khan. O *Plenum* é presidido por Molotov, cujo punho de ferro, na falta de amplitude de horizonte, conhecemos. Stephen Cohen, o biógrafo de Bukharin, resume seus trabalhos e seu local nestes termos:

> O terceiro período foi redefinido para significar o fim da estabilização capitalista, uma ascensão do militantismo proletário, a certeza de situações revolucionárias no Ocidente. Os partidos socialistas, realmente reformistas de uma maneira geral, foram designados como o inimigo principal – e se dizia que sua "fascistização" estava completa. Através da eliminação cada vez mais profunda dos moderados da Comintern, os partidos comunistas estrangeiros receberam diretiva de romper seus vínculos com os sindicatos rivais, de cindir o movimento operário europeu. Assim começou a infeliz viagem da Comintern em direção ao extremismo.[2]

Depois de ter lembrado a brutal mudança do ritmo econômico, a aceleração brutal da industrialização e a alta dos índices do Plano, Cohen sublinha o começo das resistências camponesas que iriam obrigar Stalin a acelerar vertiginosamente a coletivização de então até o fim do ano. O *Plenum* era controlado não somente por seu presidente Molotov, mas também por Manuilsky, Kuusinen, Piatnitsky, Thälmann: de uma centena de presentes, havia somente 36 vozes deliberativas. Ao longo dos debates, Pierre Frank enfatizou corretamente "uma espécie de auto-excitação coletiva", que se manifesta a propósito da decisão de organizar uma Jornada Internacional de Luta contra a Guerra e o Fascismo, cuja data fora fixada para o 1° de agosto de 1929, pelo *Presidium*, e que correspondia ao 15° aniversário do começo da Primeira Guerra Mundial. Os relatórios sobre a situação internacional, apresentados por Manuilsky e Molotov, celebram assim "o espírito ofensivo das lutas proletárias de massa", o instinto das massas que entendem que "a luta revolucionária é possível", "a greve geral política como a arma mais importante do proletariado atualmente", a aproximação de "formas mais elevadas da luta de classes"[3].

O *Plenum* é, sem dúvida, uma extraordinária compilação de pérolas políticas sobre a social-democracia. Martynov, ex-menchevique aliado de Stalin, feroz adversários dos trotskistas, explica que "'o fascismo do primeiro período' deu lugar a formas novas de fascismo"[4]. Kuusinen explica "o processo da fascistização da burocracia sindical reformista e dos partidos da II Internacional": "O social-fascismo se desenvolve a partir do reformismo e da social-democracia. [...] Ao longo de nosso último congresso mundial, falamos de 'germens' do desenvolvimento fascista da II Internacional. Hoje, eles cresceram consideravelmente"[5].

A conclusão do *Plenum* é que é preciso reforçar a luta contra a social-democracia, "em particular contra a ala 'esquerda', que é o inimigo mais perigoso do comunismo no movimento operário e o principal obstáculo a uma elevação da atividade militante das massas operárias"[6]. O *Plenum* condena "a frente única na cúpula", confirma que a essência da frente única consiste em incitar os operários socialistas a romper com sua direção. Manuilsky prediz que os responsáveis de base nas empresas se fascistizarão. Lozovsky prediz a esse respeito "a fascistização de camadas inteiras, com exceção de alguns grupos

2. S. Cohen, *Bukharin, and the Bolshevik Revolution*, p. 329-330.
3. *Protokoll des VI.*, p. 43, 45, 75, 418.
4. *Ibidem*, p. 228.
5. *Ibidem*, p. 39-40.
6. *Thèses sur la situation internationale et les tâches à venir*, p. 898.

insignificantes"[7]. A lógica desta política é também a denúncia dos sindicatos reformistas, a recusa de reforçá-los ao chamar a adesão a eles, a necessidade de criar novos sindicatos e, por conseqüência, lutar para disputar com a burguesia e com seus homens o controle dos trabalhadores organizados. Enfim, uma política imposta tão brutalmente tanto a quadros quanto a militantes comunistas, uma ruptura decisiva com todas suas concepções e práticas, não poderia ocorrer sem uma disciplina reforçada, portanto, com expulsões espetaculares.

A resolução final garantia: "Sem uma depuração dos partidos comunistas dos elementos oportunistas, abertos ou escondidos, sem vencer as concepções que preconizam a conciliação com eles, os partidos comunistas não poderão avançar vitoriosamente no caminho da realização das novas tarefas impostas pela luta de classes aguda nesta etapa nova do movimento operário"[8].

Autocríticas e expulsões

Palmiro Togliatti alinha-se, no próprio *Plenum*, e ataca "os elementos oportunistas, os direitistas, aos semeadores do pânico". Philippe Robrieux escreve que ele "acabava, talvez mesmo sem se dar conta, de virar prisioneiro perpétuo nas mãos de Stalin". Muitos outros vão segui-lo nesse caminho ao longo das semanas que se seguem; Clara Zetkin, nas lágrimas e na dor de uma velha e sem mais força alguma. Na França, Maurice Thorez, que, ao VI Congresso, não temia exprimir sua preocupação nos bastidores, homens tão diferentes quanto Marcel Cachin, eterno preocupado, e Jacques Doriot, à beira da desmoralização, Pierre Sémard que, aparentemente, não agüentava mais a pressão do cargo, muito forte para ele, de secretário geral. Bohumir Šmeral, um dos grandes oportunistas que Lenin quisera ganhar para fundar sua Internacional, sabe que não é mais interessante a todo custo e escolhe, ele também, calar-se, no vasto mundo que percorre doravante em nome da Comintern. Menos privilegiado, talvez, Karel Kreibich, que fora o único austríaco a tomar, em 1914, a mesma posição de Lenin sobre a guerra, mas que, desde então, apreendera a se calar, sem, contudo, conseguir se fazer esquecer.

No mesmo movimento, outros serão expulsos, fora mesmo dos oposicionistas de esquerda, que já o estão, direitistas e "conciliadores", cujas fornalhas se multiplicaram. O italiano Angelo Tasca se recusa a se autocriticar e mesmo a fazer a autocrítica nas costas dos outros, o que é mais grave. Aquele que, nestes anos, sob o nome de Serra, representou o PCI na direção da Comintern, conseguiu sair da URSS. Ele foi expulso um pouco mais tarde; já havia rompido em sua cabeça. Os comunistas que militam nos sindicatos têm mais força para resistir aos delírios verbais de um X *Plenum*: na França, Alfred Bernard, que trabalha nos correios e combate abertamente a linha do "terceiro período", Louis

7. *Ibidem*, p. 391.
8. *Ibidem*, p. 898.

Bouët, Maurice Dommanget, Gilbert Serret, os dirigentes da Federação Unitária do Ensino, agüentam firme e são expulsos.

As direções "renovadas" dos partidos

Stalin quer controlar de todo modo a Comintern, no atacado e no varejo, isto é, até e inclusive através da atividade de cada uma de suas seções, como demonstrou seu comportamento no caso Wittorf. Trata-se de introduzir homens novos. A experiência demonstrou que os homens que já haviam lutado contra a burocracia social-democrata ou sindical tinham reservas de energia, uma experiência, que lhes permitiam compreender e agüentar quando o aparato procurava fazer com que eles se alinhassem ou lhes atingir. Ora, precisa-se de dirigentes nacionais flexíveis, disciplinados, que não fossem cheios de nove horas. O modelo ideal de homem é aquele que jamais teve – ou somente por pouco tempo – uma profissão, que não estudou e devora com paixão ou zelo tudo o que o partido lhe envia como alimento intelectual e, finalmente, um homem que dependa sentimental, intelectual e materialmente do partido. Para resumir, em torno dos anos 1930, um homem com trinta anos, da geração que fora deslumbrada pela Revolução de Outubro em sua adolescência – época em que as emoções são inesquecíveis –, quem foi por algum tempo trabalhador, depois organizador da Juventude Comunista, aquele que aprendeu a comandar, tendo, enfim, um curso de estudos comunistas, seja na KUTV ou na KUNMZ, ou ainda – o que é melhor – na Escola Lenin.

Nestas condições, a escolha dos novos dirigentes mais parece uma loteria. Entre os jovens, o "poder" funciona algumas vezes como revelador. Há os ingênuos que acreditam na verborragia dos dirigentes internacionais e tentam "injeções de cimentos", como se diz nesse meio, ou "castigar o mar com correntes", como dizia Lenin, para, enfim, ver de perto essa famosa "radicalização das massas" que se anuncia desde todos os minaretes. É assim que se explica, sem dúvida, o roteiro que se desenvolveu freqüentemente em dois tempos, mesmo que haja longos interregnos em que a direção do partido é simplesmente garantida tão direta quanto discretamente pelos instrutores da Comintern. A "primeira" nova direção – ou sua forma "prefácio" – instalou-se, em geral, depois da derrota e da expulsão da Oposição de Esquerda. Os novos "homens" que não passaram por outras provas que as do aparato e freqüentemente não parecem aptos a trabalhar juntos.

Novas direções na Europa

Na Bélgica, onde a eliminação da oposição, "a cesura de 1928", segundo a expressão de José Gotovitch, não foi feita sem dificuldades, pois, como frisa Bernhard Bayerlein, "a oposição conseguira não somente se defender contra a política de expulsões em vigor nos outros partidos, como soube também marcar, como decisão final, uma conferência nacio-

nal do partido"[9], em que os partidários de Moscou venceram por 74 votos a 34. O período que começa, "stalinização tardia", segundo Bayerlein, abre-se com um ínterim de dois anos, com Thonet e os jovens De Boeck e Willems, mas principalmente Félix Coenen, que garante a transição de que emerge Joseph Jacquemotte, patrão do partido até sua morte, em 1936.

Na Espanha, com a queda de Primo de Rivera, aconteceu, em Bilbao, a conferência do partido, chamada de Pamplona. A direção – os três homens que eram chamados, *à la* russa, à *troika*, José Bullejos, Gabriel León e Etelvino Vega, designados na época da "bolchevização", foram confirmados. Junto a eles, os "instrutores" da Comintern, Jacques Duclos e Octave Rabaté, eram encarregados de obter a aplicação da política do "terceiro período" de que uma das conseqüências foi a ruptura definitiva com a Federação Catalano-Balear, dirigida por Joaquín Maurín. Em dezembro de 1930, Jules Humbert-Droz vem se juntar a Duclos e o suíço Edgar Woog (Stiner).

Juntos, eles impõem a política que vai isolar por anos, na Espanha, o PC, em particular a recusa de combater pela república. O partido é reprovado por não ter lutado para constituir sovietes, um tribunal revolucionário e milícias operárias e camponesas. A Comintern reitera sua proibição de todo pacto e de toda aliança, mesmo momentânea. O Congresso de Sevilha, em março de 1932, reelege a direção, muito embora não tenha conseguido levar até o fim da política da cisão sindical prescrita.

A mudança se dá com a chegada de uma nova equipe de instrutores, o ítalo-argentino Codovilla (Medina) e o húngaro Gerö (Pedro). No momento do *pronunciamiento* de agosto de 1932 do general Sanjurjo, alguns meses depois da chegada deles, ao passo que as massas se sublevam para combater e que o governo toma medidas militares para resistir, José Bullejos acredita que é possível contornar a oposição dos instrutores e convocar em nome do partido "a defesa revolucionária da República". O Executivo considera essa decisão como "oportunismo de direita", ao mesmo tempo em que os instrutores tentam arrancar a condenação dessa iniciativa no BP convocado por eles, sem que Bullejos fosse informado.

Para além das numerosas peripécias que revestem esta demissão de uma direção recém-confirmada por um congresso, indicamos somente que é em Moscou, ao fim de longas negociações conduzidas com o CEIC, em presença notadamente dos estudantes da Escola Lenin e outras escolas, notadamente militares (Jesús Hernández, Juan Modesto e Enrique Lister, notadamente), que um compromisso foi aparentemente encontrado, com Bullejos mantendo seu cargo e os outros membros da *troika* partindo para Moscou, para onde León Trilla já tinha sido transferido. É então que, em Moscou, Bullejos, León Trilla, Adame e Vega descobrem que o BP de seu partido decidiu expulsá-los do CC e do BP. O Executivo, por sua vez, também, expulsa-os. Eles são informados disso por Jacques Duclos, que os avisa que eles são passíveis das leis penais da URSS e que elas lhes serão aplicadas com rigor caso tentem alguma manobra, como tomar contato com a delegação espanhola

9. Arquivos Humbert-Droz, v. III, *Les partis communistes et l'Internationale communiste dans les années 1928-1932*, introdução de B. Bayerlein, p. XXXV.

que vinha para o aniversário da Revolução de Outubro. Eles terão muita dificuldade em retornar à Espanha, chegando lá, sem dúvida, somente graças à insistência de Piatnitsky.

É, portanto, em Moscou que é designada então a oitava direção do PCE em doze anos, que vai durar até o desastre de 1939 e o exílio. Seu secretário geral é o andaluz José Díaz, um ex-anarquista sevilhano. Tirando o jovem Jesús Hernández, que se torna secretário de *agit-prop*, são homens ou mulheres – como Dolores Ibárruri – que seguiram Bullejos até o momento em que o Executivo os condenou e quem chegou mesmo a apoiá-lo contra os "instrutores". De fato, o verdadeiro dirigente do PC é Vittorio Codovilla.

Na França, a mudança da direção ocorre igualmente em dois tempos. Em 1929, Manuilsky organizou de maneira fracional a promoção à frente do PCF do grupo de dirigentes da JC, que Moscou esperava que revigorassem a direção e aplicassem a linha sem má vontade. Dois anos mais tarde, na seqüência de uma manifesto secreto do Executivo[10] e de alguns episódios, como uma nova demissão de Thorez, Manuilsky vem a Paris denunciar a existência de "grupos" e de um "sistema de grupos", primeiro passo no caminho que vai conduzir o CEIC a exigir a eliminação desta direção, qualificada de "grupo", acusada de ter se instalado à frente do partido através de métodos "fracionais". Esse pretenso "grupo" foi denunciado, diz ele, por alguns de seus membros como Raymond Guyot, que "confessou tudo". Outros vão se seguir – como Ferrat e o jovem Coutheillas[11] – e finalmente quase todos os acusados.

Em 25 de outubro, numa sessão do *Presidium* da Comintern em que estarão presentes como acusados Barbé, Célor e Lozeray, denuncia-se a existência "do" grupo responsável, que é acusado de ter vínculos com os conspiradores do "Partido dos Industriais" e do "Centro dos Mencheviques" e também com a oposição de Lominadze na URSS, que ele tentou "copiar". Seus malfeitos: sua abstenção em face dos inimigos internos da URSS, a dissimulação de sua própria existência e de sua atividade, seu caráter conspirativo para tomar o poder no partido, sua hipocrisia, etc[12].

Finalmente, Barbé e Célor, que foram isolados dos outros, encontraram-se em Moscou, onde Manuilsky e seus colaboradores tentaram lhes opor um ao outro. Os russos lhes afirmam que é preciso, de início, eliminar o "grupo" e que se poderá, em seguida, desmascarar o "provocador policial" que se esconde atrás de todo o caso. De fato, a única provocação é a que Manuilsky realizou em dois tempos em nome do Executivo. Os que denunciaram o grupo, como Raymond Guyot; os que se confessam "culpados", como Barbé, que surta, e os que resistem, como Pierre Célor, são assim atingidos de uma maneira ou de outra. O CEIC atinge seus fins: entroniza uma nova direção de que Maurice Thorez é o número um, com, em seu entorno, Jacques Duclos, Benoît Frachon, Marcel Cachin, André Marty. Porém, ao mesmo tempo, e é lá sem dúvida seu objetivo número um, instala em Paris uma de suas agências, sob a forma de uma delegação dirigida pelo húngaro-tchecos-

10. RTsKhIDNI, 495/4/121.
11. *Ib.* 432/25/8
12. *Ib.* 571/1/1049.

lovaco Evžen Fried, dito Clément, auxiliado em certos períodos por Anna Pauker, Ernö Gerö, G. Kagan e Mauno Heimo, que fica somente por pouco tempo. Com o tempo, o partido francês será dirigido por Maurice Thorez, em duplo comando com Fried, os outros, com exceção de Kagan, partindo um após o outro.

Na Grã-Bretanha, a gênese do CPGB foi longa e difícil. A greve geral e as reações esquerdistas que se seguiram a ela abalaram duramente a direção e seus quadros, pois 30% dos membros foram embora. No X *Plenum*, Manuilsky ataca: o PC britânico não tem vida política alguma e sua direção, é somente "uma sociedade de grandes amigos" cujos velhos do Clyde, MacManus, Campbell e Tom Bell, com o reforço dos novatos como Andrew Rothstein e Arthur Horner, controlam o partido encobertos por seu secretário incolor, Albert Inkpin. Na mesma reunião, o ataque é conduzido pelo dirigente da JC, William Rust, convidado pelo Executivo. Ele é o homem de Moscou com Dave Springhall e Wally Tapsell; ataca os dirigentes, reprovando-lhes notadamente de ter afastado Gallacher e Murphy. Manuilsky o apóia inteiramente, condena os "elementos oportunistas da direção", que é preciso "desmascarar". Para o XI Congresso, o Executivo dirige ao CPGB uma carta assinada somente por Thälmann, Garlandi e Sémard – a fim de que ela não tenha o ar de ter sido escrita em russo –, retomando os mesmos termos de Manuilsky no *Plenum*. Finalmente, Inkpin, Rothstein, Horner, Tom Bell não são reeleitos para o CC. Harry Pollitt é eleito secretário geral. William Rust, em que pese sua inexperiência jornalística total e sua juventude, torna-se o redator-chefe do *Daily Worker* cotidiano e anuncia a que veio: "O *Daily Worker* deve denunciar os planos reacionários da burocracia sindical e as escroquerias dos trabalhistas e pseudomembros da esquerda". A Grã-Bretanha tem, enfim, um partido stalinista e uma direção de "velhos amigos" que durará com o apoio de jovens raposas.

Na Grécia, a eliminação de Serafim Maximos, de Pantelis Pouliopoulos e de seus camaradas foi realizada em 1927, no III Congresso, sob a supervisão de Remmele, delegado da Comintern, por uma equipe que reunia os ex-alunos de Moscou, os *kutvianos* (veteranos da KUTV) e os "hóspedes" da capital soviética, os "hadjis" dirigidos por Andronikos Khaitas. Pouliopoulos depois Maximos, líderes da Oposição de Esquerda, são expulsos depois do congresso. Dois anos mais tarde, em novembro de 1931, Andronikos Khaitas, brutalmente afastado de suas funções pelo Secretariado do CEIC, é proibido de retornar para a Grécia. Ele vai permanecer na URSS com outros dirigentes que lá se encontravam e foram destituídos. O CC eleito no IV Congresso do PC grego foi deposto. A direção da Comintern designa outro, dirigido pelo *apparatchik* Nikos Zachariades, formado em Moscou, veterano da Escola Lenin, delegado no VI Congresso, tão obediente quanto autoritário, que se toma indubitavelmente pelo Stalin da Grécia e foi um dos secretários-gerais mais odiosos e odiados do partido comunista. Todos os ex-membros do CC sofrem a imposição de uma declaração de "condenação de sua participação à luta fracional e de obediência à decisão da Internacional. Somente um recusa, Stinas, que sai da prisão e é imediatamente expulso do partido, decisão tornada pública por *Rizospastis*, em fevereiro de 1932. O V Congresso do partido é adiado *sine die*.

Na Noruega, no estado de crise permanente deste partido, cuja minoria que continuou fiel à Comintern reconstituiu o NKP, é o menos pior dos diplomados da Escola Lenin, o bem jovem Henry Kristiansen, com menos de 30 anos, possuindo uma boa experiência de jornalista político, é nomeado secretário geral. Ele fica por quatro anos, depois é substituído por um homem de 64 anos.

Na Iugoslávia, o terceiro período começa com um grave fracasso, o da primeira equipe de direção que ele designa em torno de Jovan Mališić, montenegrino, veterano da KUNMZ e diplomado de uma academia militar. Entronizado sob o nome de Martinović, ele é inocente a ponto de acreditar que é preciso dar uma forcinha à radicalização das massas e à ascensão revolucionária e se lança numa política aventureirista, tingida de terrorismo pseudo-insurreicional. Seu adjunto, o secretário do partido Djuro Djaković, um operário saído da Escola Lenin, que voltou clandestinamente ao país, é morto pela polícia em 1929. A repressão, facilitada pelas iniciativas irresponsáveis, é feroz e coloca a existência do partido em perigo. Depois de um ano dessa deplorável experiência, o Executivo decide a destituição de Mališić e a nomeação à frente do PCY de um dos principais dirigentes da KIM, Milan Gorkić. Essa decisão abre um período de relativa estabilidade na direção. Esse homem jovem – 26 anos – fora um dirigente da KIM próximo de Bukharin, depois se aliou a Manuilsky. Sob o nome de Sommer, enquanto secretário geral, ele toma as rédeas do partido no exílio, em Viena.

Novas direções nos outros continentes

Na América Latina, os PCs há pouco formados se encontrando brutalmente colocados perante uma ofensiva da Comintern contra os "direitistas" e os "conciliadores". Em Moscou, colocou-se na frente do departamento da América Latina um oficial de grande qualidade, sinólogo competente, G. B. Skalov, que combateu na China sob o nome de Sinani. Até o momento, os partidos comunistas da América Latina tinham sido deixados por conta própria, numa deriva freqüentemente caótica. Porém, chegou a hora da "descoberta da América". Os burocratas que dirigem o trabalha cotidiano a golpes de "cartas abertas" e de *diktats* são pessoas medíocres.

Pior ainda são seus colaboradores, russos ou assimilados: Guralsky, que não é mais nem a sombra do que fora antes, Mirochevsky, Pestkowski, Dutlinger dito Marianski, e o homem das "escolas" no local, Fritz Glaubauf, dito Diego. É o ex-pastor Jules Humbert-Droz, substituindo Mike Grollman, aqui sob o nome de Oswaldo, que é o braço secular de Moscou.

Sob sua égide se firma a autoridade dos novos dirigentes, o italiano Vittorio Vidali (Sormenti) e o pintor David Alfaro Siqueiros no México, mas principalmente os Vittorio Codovilla, Rodolfo Ghioldi, Paulino González Alberdi, Esteban Peano, Miguel Nin, Davide Maggioni, que abandonam a segunda fileira para se tornarem os dirigentes-executores em escala continental, os homens da stalinização dos PCs nascidos ou por nascer.

Os homens de pensamento independente, como Julio Antonio Mella, em Cuba, ou

os próximos de Mariátegui, no Peru, são afastados, devido à sua atitude reservada. O atual dirigente do PC mexicano, Martínez Verdugo, dá uma pincelada importante nesse quadro: "No começo de junho de 1929, ocorre em Buenos Aires a primeira conferência comunista latino-americana em que David Alfaro Siqueiros manifesta concepções *putschistas*, que, mesmo que não representassem a linha oficial do partido, refletiam os estados de ânimo e posições que tinham grandes repercussões em diversos setores do partido"[13].

O alvo é de início o PC da Argentina, que controla a chave da América Latina, o Secretariado Sul-americano, cujo chefe, José Penelón, não esconde sua hostilidade à política de Stalin e ao tratamento dispensado aos partidos na Comintern. Já há expulsos, os *chipistas*, como Mateo Fossa e Angelica Mendoza, que fundaram, em 1926, um efêmero "Partido Comunista Operário". A campanha contra os "penelonistas" será o curso elementar de comunismo das jovens formações revolucionárias vinda em direção a essa Internacional que lhes parece encarnar a Revolução de Outubro! É dela que sai aquele que será por décadas o homem de Stalin, o ítalo-argentino Vittorio Codovilla.

Formam-se, em Moscou, na Escola Lenin, homens como Guillermo Hernández Rodríguez que, depois de ter descartado aqueles que eram chamados de "os *putschistas*", dirige o PC da Colômbia, de 1930 a 1933, antes de ser, por sua vez, também descartado. Denuncia-se também aqui o dirigente do PC da Bolívia, Carlos Mendoza Mamani, um próximo de Mariátegui.

No Brasil, Plínio Gomes de Melo, expulso do país por sua atividade militante, assiste, em maio de 1930, a uma reunião do Birô Latino-americano da Comintern em Montevidéu e combate vigorosamente a política do terceiro período. Ele é expulso quando volta para o Brasil. Depois de uma negociação com o governador do Estado de São Paulo, João Alberto, ele obtém a autorização para criar um partido comunista legal, o que ele faz – segunda razão para expulsá-lo. Ele se junta à Oposição de Esquerda.

O Chile constitui um caso particular[14]. É um dos mais antigos, ancorado numa tradição de organização operária já antiga, fundado por homens de grande qualidade, como um Luis Recabarren, que não tem nada a ver com um burocrata. O Birô de Montevidéu da Comintern, na ocorrência Rodolfo Ghioldi, choca-se lá com uma resistência real que não consegue superar na época da ditadura, quando as prisões vêm a todo instante reembaralhar as cartas. Os homens do Birô dão o passo que acreditam decisivo, no dia seguinte da queda de Ibañez, ao designar um Comitê Central, cujo primeiro ato é a expulsão de todos os dirigentes nacionais e da região de Santiago, que eles consideram como seus adversários; e o segundo é a recusa a convocar um congresso nacional para resolver as diferenças. O resultado é a cisão imediata de fato seguida da construção paralela e ferozmente concorrente de dois partidos igualmente comunistas, proclamando-se igualmente os dois "seção chilena da Internacional Comunista". Ir-se-á, para distingui-los, cha-

13. Martínez Verdugo, *op. cit.*, p. 108.

14. Seguimos essencialmente o livro de nosso velho amigo Luis Vitale, *Interpretación Marxista de la Historia de Chile*.

má-los pelo nome de seu principal dirigente, PC-Hidalgo, para o velho núcleo santiaguista; PC-Lafferte, para a organização stalinista; dois homens que são veteranos do tempo de Recabarren.

Em Cuba[15], o caso Mella continua, tornando-se internacional. Depois de sua libertação, Mella vai a Honduras, onde cumpre 15 anos de prisão; ganha Guatemala de barco; depois recebe um visto mexicano graças aos esforços de seu amigo comunista mexicano, Enrique Flores Magón. Ele realizará, no México, uma enorme atividade. De início, encarregado da direção da Liga contra o Imperialismo, depois da *agit-prop*, ocupando-se do jornal *El Machete*, é-lhe confiado pelos mexicanos o Secretariado temporário de seu partido, que ele garante com o nome de Juan José Martinez. No dia seguinte dos congressos da Comintern e da Profintern, em 1928, ele se encontra no México com outros militantes importantes do PC cubano a quem o governou proibiu o retorno ao país depois de sua estadia na URSS. Um é seu velho camarada *tabaquero*, Alejandro Barreiro; o segundo, um dos mais importantes responsáveis sindicais de Cuba: o operário padeiro negro, depois *tabaquero*, Sandalio Junco, grande orador, muito popular, secretário internacional da CNOC, que se ligou a Nin em Moscou quando do congresso da Profintern e teria dito na cara de Stalin o que ele pensava de sua política, em geral, e da perseguição aos *oppositsionneri*, em particular. O terceiro, Antonio Penichet, é um dos dirigentes da CNOC. Com eles e outros, como o boliviano Gustavo Navarro, o jovem comunista cubano Rogelio Teúrbe Tolón, Mella funda no México uma associação de emigrados recentes, a ANERC (Associação dos Novos Emigrados Revolucionários Cubanos), que o deixa, com a Liga, independente do PCM e, mais ainda, da Comintern.

Ele prepara entre outros – talvez em ligação com Sandino, com quem ele tem contatos –, o que Fidel Castro realizará anos depois dele: o desembarque em Cuba de um destacamento de homens armados que forneceria, pensa ele, a faísca para o levante popular e a derrubada de Machado. Ele vai para os EUA à procura de meios financeiros, o que será invocado pelos dirigentes cubanos para expulsá-lo, pois se trata de uma distorção da linha do momento e alguns dirigentes cubanos gritam "provocação". A verdadeira razão está em outro lugar. Apesar dos muitos esforços dos amigos de Stalin para dissimular esse fato, os três homens, assim como o secretário geral do PC do Panamá, Alfredo Goldsmith, foram influenciados por Andrés Nin em Moscou.

Os homens de Stalin, Vittorio Codovilla, Ricardo Martínez, depois Edgar Woog, inquietam-se e ameaçam, visto que Mella, depois do congresso da Profintern, é um dos que desejam a criação no México de uma central sindical unitária independente do aparato de Estado e que ele encontra um certo eco[16]. Ele tem uma enorme atividade porque as suas atividades políticas e conspirativas se juntam à revista cultural que ele chama de *Tren blindado*, o que agrava seu caso, dando consistência à sombra de Trotsky a seu lado.

É durante esse período que Mella se apaixona loucamente pela modelo e fotógrafa,

15. Seguimos aqui os primeiros capítulos do livro de Aguilar, *Cuba 1933*.

16. Relatório de Stirner, RTsKhIDNI 495/79/24A e carta de Codovilla, 503/1/19.

Tina Modotti, de origem italiana, membro do PCM, em 1926, que fora a companheira notadamente do dirigente comunista mexicano Xavier Guerrero. Depois da partida para Moscou deste último, ela ficou amiga do instrutor da Comintern no México, um homem do GPU, Eneas Sormenti, nascido em Trieste, e cujo nome verdadeiro é Vittorio Vidali, sobre quem pesa uma reputação de homem de "serviços" e de matador. Ao retorno de Julio, Tina – que ele chamava de Tiníssima – e ele começam a viver juntos em setembro de 1928. Juntos, eles dirigem o comitê "Tirem as mãos da Nicarágua". Ele a deixa para participar do congresso da Liga em Bruxelas e da Profintern em Moscou. Suas relações amigáveis com Nin, que dão uma grande impressão no congresso da Profintern, colocam o aparato em estado de alerta, visto que os homens, como o panamenho Goldsmith e Ismael Martínez, dos sindicatos de Tampico, estão ao seu lado. Os dois amantes reencontram-se com paixão e Vidali, tornado um próximo, está freqüentemente na casa deles. Pode-se imaginar a origem de tal interesse.

Julio faz parte, no México, de um círculo de opositores de esquerda animado pelo estadunidense Rosalio Negrete, dirigente da JC mexicana, o russo Abraham Golod, delegado da KIM, e que compreende igualmente os mexicanos Manuel Rodríguez e Félix Ibarra, o muito jovem José Revueltas, futuro grande romancista, o boliviano Gustavo Navarro, em outras palavras, um círculo de onde vão sair os primeiros quadros trotskistas da América Latina[17]. Mella é de novo expulso por indisciplina do PC cubano nesta época, uma informação mantida em segredo depois de sua morte[18] e regularmente negada pelos historiadores ligados a Moscou ou à Havana, muito embora tenha sido corroborada por testemunhas e pesquisadores[19]. Sabe-se que os ataques contra ele se sucederam ao longo do ano de 1928 e que ele foi expulso do CC do PCM em setembro, depois de denúncias de Edgar Woog (Stiner), instrutor da Comintern. Com este último, havia Vittorio Codovilla, o homem que abatera Penelón. Pino Cacucci cita – sem dar a referência – um episódio em que Vidali, dirigindo-se a Mella, diz que se poderia sair da Internacional "por expulsão ou pela morte"[20]. Ao mesmo tempo, ele obtém uma grande vitória nos mesmos marcos com a decisão de criar uma nova central sindical, a CSUM, que ele e seus amigos haviam reclamado.

Os enormes problemas que ele deve enfrentar pesam duramente sobre os ombros desse jovem homem. Em abril de 1928, em Moscou, depois no CC do PCM, de setembro de 1928, atacado violentamente, muito embora ele entreveja a vitória no plano da política sindical, ele aceita, "para conservar sua posição dirigente no partido", segundo Russell Bla-

17. A. Gálvez Cancino, *op. cit.*, ver no mesmo número 26 dos *Cahiers Léon Trotsky*, p. 59-60, a entrevista de Felix Ibarra feita por Olivia Gall, acerca das relações de Mella e dos opositores mexicanos.

18. A. Gálvez Cancino, "L'auto-absolution de Vidali et la mort de Mella", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 26, junho de 1986, p. 30-53.

19. Carta de Codovilla a Humbert-Droz, RTsKhIDNI, 503/1/19

20. P. Cacucci, *Tina, ou la beauté incendiée*, p. 92. Alejandro Galvez Cancino cita igualmente as ameaças de morte de Vidali.

ckwell[21], condenar a Oposição de Esquerda e a política que ela preconiza. Nos últimos meses do ano, ele surta, mas desta vez vai no sentido inverso depois de uma investida de Vidali e Díaz Ramirez, que vieram exigir sanções contra seu "comportamento criminoso", e dirige ao CC do PC mexicano uma carta de demissão, que Rafael Carrillo considera como "insultante"; ele a justifica pela impossibilidade de todo trabalho em comum, o que lhe vale a expulsão imediata. Uma semana mais tarde, em 3 de janeiro, ele reconhece o erro cometido e pede sua reintegração. Ela seria decidida sob a condição de seu afastamento de todo tipo de responsabilidade durante três anos[22]. Alguns dias mais tarde, ele é assassinado e o PCM, apoiado mais tarde pelos historiadores cubanos, esforçar-se-á para apagar o episódio de sua expulsão.

Em 10 de janeiro de 1929, com efeito, Julio Antonio Mella, que caminhava de braços dados com Tina pela rua, é morto pelas costas. Crime do ditador Machado? Essa é a opinião geralmente aceita, pois Mella sabia que era ameaçado, como atesta Tina Modotti, Rogelio Teúrbe Tolón e como clamam os dirigentes do PCM. Seu amigo Fernández Sánchez havia-lhe falado dos matadores que estavam seguindo sua pista. Mas seu guarda-costas Gallardo estava ausente. Crime de Stalin, cujo braço teria sido Vidali, que nunca houvera dissimulado sua hostilidade política para com Mella e pôde controlá-lo diretamente e através de Tina? É o que garantem os dirigentes trotskistas mexicanos que estavam em contato estreito com ele, o que garante também Claraval, comunista arrependido, ex-membro do CC da JC, próximo dele nessa época[23]. O ex-agente secreto José Vives vê no atentado de La Havana e no assassinato de Mella a mão do agente stalinista Fabio Grobart (Abraham Simkovitz ou Yunger Semjovich), membro da direção do PC cubano[24], e, para o segundo, o resultado de um acordo feito entre o matador de Machado por um homem de Vidali, Aurelio Randulfo Garcia[25]. Muito recentemente, o historiador mexicano Enrique Arriola Woog, no dia seguinte de uma pesquisa nos arquivos da Comintern, garante que não se pode excluir que Mella tenha sido assassinado sob ordens de Moscou[26]. Tina foi detida por um certo período por ter dado um depoimento contestado por testemunhas, que no final das contas foram descartadas por serem demasiado jovens. Expulsa do México, ela vai para a URSS, torna-se amante de Vidali, depois sua companheira por anos. Não estamos convencidos nem de sua culpabilidade nem de sua cumplicidade no assassinato de Mella. Ou será que ela viu e decidiu se calar, por razões que podem ter existido? Podemos esperar que os arquivos da KGB tenham a chave para esse caso.

A defesa do PCM sobre esse ponto, por seu secretário Martínez Verdugo, que dispõe ao menos dos arquivos de seu partido, é de uma fraqueza insígnia: ele escreve que a

21. R. Blackwell, "Mella", In: *The Militant*, 15 de janeiro de 1931.

22. Artigo inédito de Christine Hatzky para o *International Newsletter*, janeiro de 1997.

23. B. Claraval, *Cuando fui comunista*, México DF, 1944, notadamente p. 31-70.

24. J. Vivès, *Les maîtres de Cuba*, p. 62-65.

25. *Ibidem*, p. 62-63.

26. E. Arriola Woog, "Entrevista", In: *El Financiero*, México DF, 20 de fevereiro de 1995.

tese do assassinato de Mella por "trotskismo" foi defendida por "alguns renegados que trabalharam no Secretariado Latino da IC, sobre a base da falsificação dos fatos reais"[27]. O fato de não citar os "renegados" em questão é bem ruim para sua causa. Uma última observação: pesquisadores honestos, mais inocentes, rejeitaram a versão do assassinato de Mella, realizado direta ou indiretamente por Stalin, afirmando que na época "ele não empregava tais métodos". Curioso dogmatismo. Evidentemente, é preciso responder que Stalin teve bem que começar um dia e que, no período brutal guinando em direção ao terceiro período, não há nada de impressionante no fato de que ele tenha também dado uma guinada brutal no campo dos "métodos". Depois do assassinato, a imprensa se esbalda com as fotos de Tina nua, chamando-a abertamente de puta, enumerando seus amantes ou pretensos amantes, publicando sua correspondência.

Apesar de sua importância, o caso Mella não resume toda a história do PC cubano. De retorno da URSS, e mesmo que estivesse num estado muito mal de saúde, o escritor e poeta Rubén Martínez Villena guardou todo seu pique, que alimentava o movimento de massas. Uma nova crise explode em 1933, quando o dirigente comunista da greve geral contra Machado, César Vilar, aceita proclamar o fim da greve a pedido do ditador acuado, na esperança de um acordo com ele. Os homens da IC o encorajaram. Rubén Martínez Villena, o homem que, antes da revolução, havia chamado Machado de "burro munido de garras" e protegido Mella contra os burocratas, ataca os homens de Moscou que quiseram este compromisso, que ele considera uma traição. Ele se choca nesse sentido com o novo secretário geral, o advogado Jorge A. Vivó, antigo companheiro de exílio de Mella, que, ele também, se voltará finalmente contra Grobart e os seus. Martínez Villena esgotou-se nos combates internos. Sua tuberculose o leva em janeiro de 1934. É o obscuro Blas Roca – banalmente Francisco Calderio, que escolheu o nome de um rochedo, provavelmente para imitar o aço staliniano – que se tornará por décadas o secretário do partido sob a proteção de Fabio Grobart. A stalinização do PC cubano está completa.

No México, a confusão parece total ao longo dos anos 1928-1930, os últimos dos secretariado geral de Rafael Carrillo Azpeitia e o PC parece oscilar da política direitista de aliança com um dos blocos burgueses ao extremismo insurrecional. É em janeiro de 1929 que Mella foi assassinado. O delegado da IC, Grollman dito Oswaldo, chega um mês mais tarde. Em julho passado, o venezuelano Ricardo Martínez, de retorno de Montevidéu, lançara contra Mella a acusação de "trotskismo".

Em 5 de março de 1929, na seqüência de um levante militar apoiado pela direita clerical, sob o comando do general Escobar, o PCM adota um manifesto em que exige o armamento das organizações operárias e camponesas para permitir que elas participem da luta e "garantam a defesa das regiões e cidades ameaçadas pelas tropas reacionárias". Ele exige ao mesmo tempo a depuração imediata do exército e do aparato administrativo e a substituição dos suspeitos depurados por homens designados pelas organizações operárias. Tomada e repartição dos latifúndios e de seu material, controle operário das empresas

27. Martínez Verdugo, *op. cit.*, p. 108.

industriais, constituição de comitês de fábrica são algumas das palavras de ordem lançadas. O manifesto exige também do governo os meios de impressão de que dispõem os jornais "reacionários". Ele conclui de maneira claríssima: "Somente um governo de operários e de camponeses poderá garantir a paz e o pão, a terra e a liberdade"[28]. É impossível detectar se alguns, na direção do PCM, tinham segundas intenções insurrecionais, como garantiram pessoas tão pouco suspeitas do ponto de vista do stalinismo, como David Alfaro Siqueiros. Não obstante, é mais provável que a impulsão vinha de Moscou, onde se preparava a linha do "terceiro período". Alguns acusaram o homem da Comintern, o suíço Woog (Stiner), de volta desta vez sob a identidade de Martin, de estar a origem dessa tentativa de luta armada. Não é de todo impossível.

Nas semanas que se seguem, na seqüência de sua vitória contra a *asonada* – o levante militar – dirigido contra o presidente Portes Gil, o governo mexicano se volta contra o PC mexicano, que, ao que tudo indica, tentou pegar em armas e tomar o poder aproveitando o ensejo. Ele é proibido, em 6 de junho, e jogado assim, como todas as organizações de massa que ele controla, numa clandestinidade que durará até 1935. Foi enquanto insurgentes que foram executados em 14 de maio, em Durango, 15 comunistas, dentre eles o líder camponês José Guadalupe Rodríguez, depois, em 15 de julho, em Acuyacán, o dirigente sindical camponês e guerrilheiro Hipólito Landero. Sob impulsão dos "instrutores", começa então uma vaga de expulsões massivas de "oportunistas de direita" dentre eles o dirigente camponês Úrsulo Galván e muitos de seus tenentes[29], o pintor Diogo Rivera, o economista Fritz Bach[30] e um pouco mais tarde o próprio David Alfaro Siqueiros. Esses expurgos dobram os sinos para muitas esperanças. Martínez Verdugo, na *História* de seu partido, escreve: "A política de 'depuração' dos pretensos elementos direitistas empreendida pela IC" fez com que "o PC perdesse uma grande parte dos dirigentes políticos, intelectuais e de massa que ele tinha conseguido juntar"[31]. Não podemos impedir o sentimento que, em torno deste ano de 1929, estavam acumuladas, no México, as condições de uma explosão revolucionária e que a iniciativa de Moscou consistia em expulsar das fileiras do partido todos os "homens de massa" que ainda restavam e isto sob os mais diversos pretextos.

Em todo caso, é na Conferência de Buenos Aires, de 1° a 12 de julho de 1929, que a nova linha foi exposta ao PC mexicano e as primeiras medidas tomadas. Em 2 de dezembro, Rafael Carrillo, que não é mais desejado pelo Executivo, demissiona por razões de saúde, sendo substituído no Secretariado Geral por Hernán Laborde, um ferroviário, membro do partido desde 1925, conhecido por ter dirigido duras greves. Mais ou menos no mesmo momento em que se livrava da direita, livrava-se da Oposição de Esquerda. Sob a proteção do canadense Rosendo Gómez Lorenzo, a direção da JC mexicana foi profun-

28. *El Machete*, 19 de setembro de 1929.

29. RTsKhIDNI; F/495/108/102, 7-9.

30. *Ibidem*, F/495/108/102/138-142.

31. Martínez Verdugo, *op. cit.*, p. 125.

damente depurada, Negrete expulso, com a maioria da direção, depois de ter sido severamente espancado – gravemente ferido – pelos dirigentes e por seus capangas.

No Brasil, vimos que Astrojildo Pereira fora substituído e seu substituto terá rapidamente sua vez. O PCB sofre um intenso vai-e-vem de dirigentes apresentado como "proletarização". Ela dura anos – quatro secretários sucessivos somente no ano de 1932 –, o que prejudica enormemente o partido, de onde se afastam os elementos formados que repugnam as aventuras gratuitas.

No resto do mundo, um dos partidos mais abalados é o Partido Comunista da África do Sul, cuja eliminação da velha direção de Sidney Bunting, um branco, campeão desde sempre da africanização, faz-se em nome da... africanização[32]. Em fins de 1929, de início, o CEIC, exige a dissolução da LAR (*League of American Rights*), que reagrupa as organizações de negras para a defesa de igualdade dos direitos e proíbe ao CPSA qualquer contato com a ANC. Bukharin e o dirigente negro da África do Sul, La Guma, colocam-se de acordo para estabelecer que o objetivo imediato da luta revolucionária na África do Sul deve ser a criação de uma "república negra, independente e democrática". Essa posição não consegue nada além de adversários no CPSA, mesmo entre os negros.

Depois é o ataque inédito conduzido por um medíocre que, aparentemente, não é nada além de um passante pelo movimento comunista: Douglas Wolton, de retorno da Escola Lenin. Ele fala em nome da Comintern e com seu apoio. Na IX Conferência, em presença de James Ford e de G. I. Safarov, ele impõe a votação numa lista fechada pelo CC, o que elimina Bunting e cinco outros velhos dirigentes em nome da luta contra "o oportunismo de direita e o chauvinismo branco". Em setembro de 1931, Bunting, tornado a encarnação do "*buntingism*", qualificado de "bebedor de sangue imperialista", é expulso com outros velhos militantes, dentre eles Bill Andrews, fundador do partido. As tradições do CPSA, sua organização democrática, são vilipendiadas. Os que protestam contra as expulsões são expulsos a seu turno, como Jimmy La Guma, que era um dos campeões da africanização. Em 1933, Wolton deixa a América do Sul sem autorização e não reaparecerá.

O CPSA, por sua vez, está num estado de desmoralização e de isolamento difícil de ser imaginado. Será que a Comintern joga cara ou coroa com esses aventureiros, com a condição de que eles se digam, ou melhor, clamem submissos? Em seu trabalho, *O Comunismo e o Nacionalismo Negro*, George Padmore, no dia seguinte de sua ruptura, descarrega todo o estoque de sua ironia contra esse projeto, saído, diz ele, da imaginação de Kuusinen e igualmente patrocinado por Bukharin, de uma "República Negra" na América do Norte, no cinturão negro que vai da Virgínia ocidental até o Texas, com a esperança de satisfazer assim este "sionismo negro" que respondera com entusiasmo às promessas de Marcus Garvey para o "retorno à África". Os melhores militantes negros, garante ele, foram expulsos por terem se oposto a esta reivindicação de uma "reserva indígena", uma Bantu-

32. Para esses parágrafos sobre a África do Sul, utilizamos a comunicação do colóquio de Amsterdã de Pieter Van Duin, "Class struggle, race emancipation or national liberation? The communist movement in South Africa and the Comintern, 1919-1943", assim como a obra de Hosea Jaffe, *Africa*.

lândia *avant la lettre*[33]. Essa proposição de *apartheid* reivindicada pelas vítimas, rapidamente retirada, teve, segundo Padmore, o tempo de provocar o desmoronamento durável do PC na África do Sul. Pode-se imaginar que ela foi um dos fatores da afirmação nacionalista suscitada pelo PC, mas finalmente desencorajada por ele, como o mostra o caso de Messali Hadj na Argélia.

Nos EUA, a eliminação de Jay Lovestone e dos seus não foi coisa fácil. O homem é um guerreiro, ardiloso como uma raposa. Além do mais, ele tem ligações com o OGPU, se não for, ele próprio, seu agente. Enfim, a maneira por que foi expulso e a campanha de roubo e violência contra a Oposição de Esquerda mostram que ele conhece muito bem os métodos do gangsterismo político e não tem muita coisa a aprender com Stalin.

Theodore Draper, como um grande escritor, deixou-nos, da derrota de Lovestone, um relato extraordinariamente vivo e colorido. O líder americano sabe o que estão tramando contra ele, conhece o plano de seus adversários. Ele se informou das comunicações em código com Bertram D. Wolfe, em Moscou. Ele prepara perfeitamente seu congresso, trancado, onde obtém 95 delegados de 104, não se afasta um milímetro de seu respeito e admiração por Stalin, conseguindo até mesmo o golpe de mestre de obter dele uma resposta a um chamado da sala do congresso por "um grupo de proletários delegados" para modificar as proposições de organização do Executivo que acabaram de ser ditadas pelo alemão Philip Dengel e Harry Pollitt. Deste modo, ele obtém de seu congresso a aprovação de uma resolução de organização que lhe permite preservar suas posições e livrar a cara do Executivo.

Entretanto, mesmo assim ele perde, pois cai na armadilha do convite a Moscou, contido já nas proposições de reorganização do Executivo. Se ele recusar, trata-se de insubordinação. Mas o que acontecerá com ele caso o for? Num primeiro momento, a única coisa que lhe acontece é uma extraordinária demonstração de modéstia de Stalin reprovando aqueles que se dizem "stalinistas", pregando a amizade, contra o fracionalismo, e bancando o modelo de todas as virtudes. Porém, como essa tentativa de sedução encontrou resistência, ela é logo seguida de verdadeiras sessões de violência verbal e de ameaças: "Por ora, você ainda tem formalmente a maioria. Mas, amanhã, você não mais a terá e você estará totalmente isolado se você tentar começar a combater as decisões do Executivo"[34]. E, pouco depois: "Mas quem você acha que é? Trotsky me desafiou. Você sabe onde ele está? Zinoviev me desafiou. Você sabe onde ele está? Bukharin me desafiou. Você sabe onde ele está? E você? Quando você voltar para a América você não terá ninguém além de suas mulheres", concluindo, "Há muito espaço nos nossos cemitérios"[35]. Quando Lovestone volta depois de se comprometer, para sair da URSS, com tudo o que era exigido dele e chega aos EUA, é para descobrir que a previsão de Stalin se confirmou: no partido, de onde é verdade que muitos comunistas já haviam partido, a campanha stalinista, com a utilização

33. G. Padmore, "Communism and Black Nationalism", In: *Pan-Africanism or Communism*, p. 232-234 e 332.

34. Citado por T. Draper, *American Communism and Soviet Russia*, p. 419.

35. T. Draper, *op. cit.*, p. 422.

de todos os meios possíveis, transformou a maioria de 90% numa minoria de 2%. Violência nas reuniões, ameaças permanentes, nas ruas, no domicílio dos membros. Ameaças sobre o emprego, corrupção aberta. Está tudo bem. Lovestone está derrotado e bem derrotado. Da direção coletiva instalada em seu lugar, o Executivo vai ajudar Earl Browder a se livrar através das responsabilidades que ele atribui aos outros. Ele ganha oficialmente o título de secretário geral, em 1932, e dirige o partido por muitos anos.

Novas direções asiáticas

Na Indonésia, é a direita que está na mira na pessoa de Darsono, atacado com furor por Musso, que recapitula em toda ocasião seus pecados oportunistas. Em 26 de dezembro de 1930, o *Presidium* do Executivo o expulsou por oportunismo, tentativa de aliança com nacionalistas burgueses, esforços de recrutamento entre os estudantes ao invés de entre os operários[36]. Musso é agora o dirigente incontestável do PKI.

No Japão, depois da dissolução e do desabamento do segundo partido, da expulsão de Fujumoto, suspeito de "trotskismo", a repressão foi feroz. Watanabe suicida-se. Entre os dias 27 e 28 do mesmo mês foram presos não somente Arahata, mas também Hakamada, Ichikawa, Kasuga, Kitaura, Nabeyama, Shiga, que podemos seguir nas notas biográficas. Alguns vão perder a razão, outros ficar na prisão por dezenas de anos. A combinação de desespero e de afirmações sobre o caráter revolucionário do período dão resultados discordantes, mas não surpreendentes[37]. Seigen Tanaka, jovem quadro do PCJ, que militou entre os camponeses e depois, após sua adesão ao segundo PC, dirigiu uma greve de seis mil estivadores e, preso, fugiu, é o principal protagonista. Tomando o lugar dos dirigentes presos, ele decidiu, em abril de 1929, reunir os destroços do PC japonês e introduzir os métodos da luta armada, algumas vezes simplesmente o caratê, para que seus grupos interviessem nas greves e mesmo nas manifestações públicas para contribuir com a "radicalização". Ele é apoiado pela organização da JC de Tóquio. Evidentemente, foi preso em julho de 1930. O episódio é típico e significativo do aventureirismo da política da Comintern interpretada por jovens impacientes. O novo dirigente, escolhido dentre os *kutvianos*, mais seguros do ponto de vista de Moscou, é um jovem homem de menos de 30 anos igualmente que morou muitos anos em Moscou. Jokishi Kazama trabalhou na Comintern durante anos, quando de sua saída da KUTV, em Moscou de início, depois no Birô de Vladivostok. Ele foi convocado a uma reunião do Birô Oriental que o informa de sua promoção.

Paralelamente a esses esforços de reorganização, ele redige as "teses de 1931" de que pensa que reflete "a linha" e que chamam a revolução proletária imediata, sem período de transição. Ele tomba em outubro de 1932. Alguns quadros escapam um tempo do desastre.

36. RTsKhIDNI 495/2/37.

37. Utilizamos para essa parte a comunicação em *Amsterdam 1992*, de Tosio Iwamura, *The Japanese Communist Movement*, e a obra de Langer.

Nobumichi Ukai, que estuda na Escola Lenin de 1930 a 1933, não é enviado ao Japão, mas transferido ao secretariado sindical pan-pacífico. Ele será mais tarde um denunciador sob o nome de Joe Koide. Há ainda na Comintern e haverá ainda mais até o fim das querelas de homens, dos choques de ambições e de rivalidades pessoais; mas são por todos os lados aparatos que baniram ou que querem a qualquer custo banir toda luta de tendências, todo debate político real e nos quais começa, imitando o partido russo, o que se chamará mais tarde de "culto à personalidade", a celebração dos méritos, da firmeza, da superioridade, mas principalmente, da infalibilidade do "Chefe".

Liquidação de setores inteiros

Um dos fatos mais chocantes desta guinada é que todos os setores de atividades foram atingidos. Alguns são vítimas de uma verdadeira liquidação (que vai se prolongar ao longo do "terceiro período") dos resíduos da época precedente, independentemente de serem militantes ou organizações. No mais comum das vezes, aliás, a depuração, as condenações, as denúncias, as expulsões se revelam remédios piores que os próprios males, provocando destruições, rupturas irreparáveis. Vimos que a experiência chinesa inspirara uma política que a Comintern tentou generalizar.

A Estrela Norte-Africana (ENA) fora fundada pelo Partido Comunista Francês, agindo sob instruções da Comintern, para se tornar um "Guomindang argelino", que ele teria por missão controlar. Os militantes argelinos, que foram ganhos na França nos primeiros anos da década de 1920, dentre eles alguns estudaram em seguida na KUTV ou na Escola Lenin, foram investidos aqui. Seu presidente, Hadj Ali, e seu secretário geral, Messali Hadj, eram membros do Partido Comunista Francês. A política do terceiro período vai definitivamente afastar Messali Hadj da Comintern. Ele retoma por sua própria conta a idéia da construção, na França, de um partido nacionalista e popular, fortemente matizado de marxismo e de comunismo, certamente, mas também ancestral do movimento nacionalista argelino, que rejeita de sua construção os militantes comunistas que não seguem Messali. A preparação acabará com a ruptura e a guerra aberta.

Uma crise idêntica se prepara com os militantes encarregados do trabalho nos marcos da Liga Antiimperialista e do Comitê Internacional dos Operários Negros da Profintern, que o historiador Dewitte chama de "Internacional Negra", constituída em julho de 1928, cuja missão é de "trabalhar para a instauração de uma ligação entre os operários negros do mundo inteiro e para a união de amplas massas do proletariado negro sobre o terreno da luta de classes". Em 1930, em seu Congresso de Hamburgo, o continente africano foi representado por delegado da Libéria, da Gâmbia, do Senegal, de Serra Leoa. Quatro africanos foram eleitos para o Executivo. Seu principal animador é George Padmore[38], originário

38. Para além dos trabalhos de J. Liauzu e P. Dewitte (*cf.* Bibliografia), usamos principalmente a biografia de James R. Hooker, *Black Revolutionary. George Padmore's Path from Communism to Pan-Africanism.*

da ilha de Trinidad, cujo verdadeiro nome é Malcolm Nurse, enorme trabalhador, líder carismático, mas principalmente um organizador dos negros americanos, um comunista que lecionou em seguida um ano na KUTV, viajou por todos os países negros do mundo, recrutou Johnston Kamau (Jomo Kenyatta) – que vai participar do congresso da Liga em Frankfurt – mas não seu amigo de infância C. L. R. James. Seu quartel-general fica em Hamburgo, num bairro degradado perto do porto, atrás de uma fachada de clube de marinheiros. Ele tem muitos amigos, dentre eles um muito querido, o líder comunista Edgar André.

Ele fica descontente com sua transferência para Viena, em 1930, onde se sente isolado do resto do mundo. Contudo, escreve lá um livro notável, *Life and Death of Negro Toilers* (Vida e Morte dos Trabalhadores Negros), fica amigo de Nancy Cunard. Ele se cansou dos controles, dos empecilhos, das suspeitas, da estupidez e, talvez, finalmente, de um certo racismo. Foi preso muitos meses antes da tomada do poder por Hitler, mas descobre, ao sair da prisão, que não fora informado da dissolução da organização dos operários negros. Evidentemente, não pode aceitar esse ato político que vê como um favor às potências imperialistas. Sua decisão será tomada com seu amigo, o sudanês (maliano) bambara Tiemoko Garan Kouyaté que tem, diz-se, um charme excepcional. Ele tomou a frente na França do "trabalho negro" – o "Comitê de Defesa da Raça Negra" –, começado, nos anos 1920, pelo senegalês Lamine Senghor, morto desde então de esgotamento, de privações e de tuberculose. Aqui também os comunistas stalinistas não têm ninguém para substituí-lo. Mas será que eles estão preocupados com isso?

Extremo Oriente do Sul

Nas Filipinas, a ruptura entre nacionalistas e comunistas, obrigatória para estes últimos, ocorreu no *Congreso Obrero* que até então eles tinham controlado juntos. Depois da cisão de maio de 1929, o comunista Crisanto Evangelista, toma a frente da central sindical KAP. O Partido Comunista deita suas raízes mas é rápida e severamente atingido pela repressão.

Na Indonésia, como vimos, o PKI, o partido indonésio, rompe com o partido nacionalista de Mohammed Hatta em que tentara se apoiar no tempo da Liga Antiimperialista. Ele entra num período de duros anos de isolamento com a expulsão de seus "direitistas", a maior parte, como na América Latina, elementos implicados nas lutas de massas e nos combates sindicais. O peso de sua derrota de 1926 continua forte e se fará sentir ainda muito tempo não somente no nível das relações entre dirigentes, mas na consciência dos militantes que não entenderam o desenrolar desta "revolução" tão esperada que descambou para a aventura e o pesadelo. Dos militantes, lá também, a direção passa a chefes improvisados: Alimin, depois dos cursos da Escola Lenin, e aparentemente sob influência de seu "amigo" chinês Kang Sheng, dirigiu-se ao GPU, onde ele vai estar até 1934, quando ele se refugia no Yannan, um agente eficaz no mundo inteiro.

Na Índia, o PC tomou seu néctar. Gangadhar Adhikari chega de Moscou à Índia em

dezembro de 1928 – mais de três meses depois do fim do VI Congresso –, trazendo, enfim, as instruções para a nova política[39]. O CPI descobre, assim, que ele deve, doravante, atacar não somente Gandhi mas sua esquerda, de Jawaharlal Nehru a Subhas Chandra Bose, e a *Independence League*, esse "pessoal da esquerda" sendo mais perigoso que o Partido do Congresso. A Comintern lhe ordena também romper com o *Workers and Peasants Party* e estabelecer sua própria organização, independente. O PC indiano resiste com flexibilidade, não quebra nada. Contudo, ele se reconstitui em dezembro de 1928 e espera conseguir dar, sem choque catastrófico, a guinada prescrita.

Porém, o processo é brutalmente interrompido com a prisão, em 20 de março de 1929, de 31 dirigentes do partido e dos sindicatos, sob acusação de estarem envolvidos numa conspiração para privar o rei e o imperador das Índias de sua soberania. É a acusação dita contra "a conspiração de Meerut". As condenações, ao final de três anos e meio de instrução e portanto de detenção, são pesadas. Muzzaffar Ahmed é condenado à prisão perpétua; S. A. Dange a doze anos. As conseqüências sobre o partido são tão catastróficas quanto a política imposta pela Comintern, que provocou, entre os quadros, uma viva hostilidade, inclusive a respeito dos métodos da direção da Comintern. Em 1934, o CPI não tem muito mais que 140 membros. Um "núcleo de comitê central provisório", embrião de direção, foi reconstituído por Adhikari, em novembro de 1933 somente.

É preciso colocar também na coluna das perdas a do Partido Comunista no Japão inteiro, depois das teses ultra-esquerdistas de 1932 e a prisão de Jokishi Kazama e de seu CC, em outubro de 1932. Ele morre por não ter sido nunca autorizado a viver, amadurecer, combater por si mesmo e para si mesmo, de ter sido submetido a dirigentes impostos e incapazes, guinadas brutais e diretivas absurdas. Mais ou menos em 1933, é atingido pela pior das doenças mortais: o medo e a suspeita que atingem os clandestinos sem perspectivas. As frações opostas chamam-se mutuamente de "alcagüetes" e os verdadeiros alcagüetes não precisam fazer mais nada além de sentar e esperar. Depois da queda de Einaro Noro, em 1934, e, sobretudo, a de Satomi Hakamada – mais um *kutviano* que não fazia milagres –, em 1935, a cortina cai sobre este partido.

A Liga Antiimperialista

Um outro falecimento importante é o da Liga Antiimperialista, cuja política parecia já condenada mas cujo o conjunto de sucessos acumulados foi saqueado pela brutalidade da ruptura e o abuso dos ultimatos. As violentas polêmicas comunistas contra a APRA romperam evidentemente as possibilidades imediatas de uma frente antiimperialista. Junte-se a isso a denúncia de Sandino como "nacionalista pequeno-burguês" e, depois que ele procurou refúgio no México, a ruptura pública com ele do PC mexicano, que o acusa de "fazer aliança com o governo contra-revolucionário do México" e de se opor assim a uma

39. Overstreet e Windmiller, p. 128.

"frente antiimperialista". Sem esquecer o desaparecimento de Mella, que era seu farol na América Latina. Gibarti, o secretário geral da Liga Antiimperialista, muito provavelmente homem do GPU, vigia lá de bem perto os membros do PC. É assim que o indiano Virendranath Chattopadhyahya que, enquanto comunista, fora colocado em postos de responsabilidade, é descartado por conta de suas simpatias pelos "conciliadores" do KPD e da Comintern. A ruptura é violenta como nacionalista de esquerda palestino Hamdi Husseini, que não aceita, evidentemente, as diretivas. Como diz Walter Laqueur, por falta de se aliar com ele, que era a esquerda do movimento nacionalista, decide-se de o fazer com sua esquerda, mas ela não existe... Münzenberg, em 1930, impede, por pouco, a expulsão de Sandino e da APRA no Congresso de Frankfurt, o que fora uma confissão retumbante da natureza da Liga Antiimperialista; o processo de decomposição, assim freado, é, contudo, inelutável.

Além do mais, as briguinhas constantes dos birôs, do controle e sempre da suspeita. Mustapha Haikal, que trabalhou nos arquivos da Liga de Münzenberg, em Moscou, resume muito bem sua lenta agonia através da atividade e da moral do homem que a criou e animou, no tempo de uma outra política. Ele escreve:

> Münzenberg, que não participara em novembro [1927] das discussões do Secretariado Político do CEIC [...] sentiu rapidamente os efeitos da nova linha política. Ela se manifesta de início nos violentos diferendos com o emissário da Comintern, Codovilla [...]. Em diversas cartas, Münzenberg queixa-se do fato de que Codovilla riscara [nomes da] lista de convidados para a sessão do conselho geral, o que colocava em questão a participação de personalidades importantes. [...] Em Bruxelas [...], começava assim o processo de desintegração que conduziria até o começo de 1930 todos os grupos não comunistas importantes a deixar a Liga, eventualmente serem afastados pelos comunistas. Este episódio reflete a política do "terceiro período" da Comintern e constituía um elemento que a traduzia [...].
> Nos meses seguintes, ele foi cada vez mais exasperado em seu trabalho. A própria Liga não era nada mais do que uma agência da Comintern, o que conduzia, no Secretariado Político, a se perguntar se não valia mais a pena dissolver a organização inteira sem outra forma de processo. Nada mostra mais claramente a que ponto o trabalho da Liga estava paralisado que o fato de que, em 1933, uma grande parte do material do Secretariado caiu nas mãos dos nazistas, e isto pelo simples motivo de que o Secretariado da Liga na época não fora autorizado a passar esse material de Berlim a Paris sem o acordo anterior de Moscou.[40]

Uma guinada na Palestina[41]

A guinada foi particularmente brutal na Palestina que, com os judeus, fora o núcleo do desenvolvimento inicial do comunismo no Oriente Médio. Ora, tratava-se, doravante, de combater o sionismo e arabizar o partido. Bohumir Šmeral, enviado pelo CEIC em missão de estudos, em agosto de 1929, chegou depois de alguns dias após a explosão das revoltas árabes antijudaicas de 22 de agosto, com os primeiros massacres de judeus. O Secretariado do PCP, em sessão, interpreta essas violências como o resultado da influência do líder integrista e ultranacionalista, o grande mufti de Jerusalém, Hadj Amin al-Husseini. As resoluções foram muito hostis ao movimento e Šmeral, antes mesmo de ser evacuado, fez adotar uma emenda que diz da "influência destruidora e perigosa dos elementos clericais no movimento nacionalista" e afirma a impossibilidade de um acordo com o mufti e os seus.

De fato, os comunistas ficaram abalados com o massacre de operários e de judeus pobres perfeitamente inocentes e, além disso, convencidos da existência de raízes revolucionárias no campesinato pela iniciativa das massas árabes. O Executivo, depois do relatório – pouco claro – de Šmeral, condena a posição do PC, que fala de "*pogroms* antijudeus" e qualifica as revoltas como uma parte de um "levante árabe conta o sionismo e o imperialismo britânico".

A sentença política da Comintern foi pronunciada, se não imposta, como garante Hon-Tov, por Georgi Safarov, desde há pouco integrado e encarregado do Oriente Médio. A posição da Comintern está bem clara: para ela, a comunidade judia na Palestina é uma vanguarda do imperialismo britânico. A arabização do partido palestino, imediatamente empreendida num ritmo acelerado, deixou completamente desamparados os veteranos judeus vindos à Palestina do sionismo ao comunismo. Eles se consideravam como uma vanguarda e devem admitir que não são mais e que é preciso abandonar o posto. Numerosos deles não se recomporão[42]. O Partido Comunista Palestino e as seções que ele ajudara a construir em todos os países árabes tampouco se reerguerão.

O "caso" chileno[43]

O conflito no Chile entre a direção e a oposição expulsa em 1931 parece, no começo, desigual. Lafferte tem atrás de si o Secretariado de Montevidéu, isto é, o aparato da Comintern, seus recursos financeiros, materiais em geral, e também homens. Além disso, todos os meios lhe são bons para destruir o adversário – e seus capangas não recuarão perante o assassinato, aquele, por exemplo, de um de seus adversários comunistas *hidalguistas* no sindicato da construção, Luis López Caceres. Porém, os outros são apavorantes. Manuel Hidalgo é um homem da região – seus camaradas o apelidaram "índio", pois tem o tipo físico e a astúcia deles. Ele foi sucessivamente carpinteiro, permanente sindical e advogado. É um grande orador, um homem de massas, verdadeiro condutor de homens e

40. *Willi Münzenberg*, Aix, M. Haikal, p. 126-127.

41. Ver o relato feito, notadamente sobre a base dos arquivos conservados em Israel, de Jacob Hon-Tov, em *Communism and Zionism in Palestine*, p. 118-125.

42. J. Hon-Tov, *op. cit.*, p. 122-125.

43. Utilizamos ainda aqui a obra de Luis Vitale.

também um dirigente leal, respeitador da democracia. É um dirigente popular, que será durante anos senador, sempre reeleito por sua personalidade – seu "carisma", como dizem alguns. Ele tem ao seu redor quadros operários e camponeses de grande valor, como Emilio Zapata, Pablo López e outros, formados na tradição do bolchevismo antes do aparecimento do stalinismo.

Numa situação social tensa devido à crise mundial, os comunistas *laffertistas* não terão, na hora, possibilidade alguma de se empenhar com resultados nas errâncias do "terceiro período", o que vale a seus adversários o dobro de raiva de sua parte. Além do mais, essa situação desvia do "comunismo" muitos outros elementos em via de radicalização no momento em que, por diversas vezes, explosões espontâneas, notadamente no exército e entre os camponeses, parecem poder abrir a porta ao desenvolvimento de uma crise revolucionária. A primeira ocasião se situa no mês de setembro de 1931. O governo decidiu uma baixa de 10% dos soldos, os marinheiros da frota de guerra, a partir do cruzador *Almirante Latorre*, sublevam-se, prendem seus oficiais e exigem a substituição dessa medida por um imposto especial sobre as grandes fortunas. Seu comitê de greve, dirigido pelo suboficial Ernesto González, toma contato com partidos e organizações operárias, mas sempre rejeitando todo parentesco comunista ou socialista. A oposição a Hidalgo se põe rapidamente na construção de um Comitê Revolucionário da Frente Única Operária ao qual se unem os anarquistas, alguns grupos sindicais e o Partido Socialista Marxista, que decidem preparar uma greve geral. O partido de Lafferte menospreza os avanços do Comitê Revolucionário. Ele não faz nada quando a oposição consegue organizar uma manifestação, rapidamente dispersada, é verdade, pela polícia. Algumas semanas mais tarde, ao passo que outras organizações se engajam na defesa dos marinheiros atingidos pela repressão, na madrugada de Natal, o PC de Lafferte organiza um ataque a duas casernas com um punhado de militantes. O PC de Hidalgo estigmatiza essa iniciativa como "um grupo que assassina sistematicamente a revolução" através de "provocações", "ajudando, assim, a burguesia".

Uma nova ocasião surge, de maneira, para dizer a verdade, tipicamente latino-americana, com a agravação da crise econômica e a enorme impopularidade da política presidencial. Em 4 de junho de 1932, com efeito, um certo número de oficiais dão um golpe de Estado militar em ligação com pequenas formações social-democratas. O homem forte da junta que eles estabelecem é o diretor da Escola do Ar, o popular coronel Marmaduke Grove. A junta anuncia a instauração de uma "república socialista" e adota medidas populares como a restituição dos objetos penhorados e a moratória das dívidas e dos aluguéis. Assim começara a Comuna de Paris. Ela promete também nacionalizações, a proteção dos camponeses, medidas para os assalariados e a educação, mas precisa: "Os membros do atual governo abraçaram a causa da revolução, precisamente para evitar a ditadura comunista à qual nos conduz fatalmente o regime capitalista".

Desta vez, duas organizações comunistas se encontram no começo no seio do Conselho Revolucionário dos Operários, Camponeses, Soldados e Marinheiros, que se reúne na universidade controlada pelos *hidalguistas*. Contudo, eles tomam posições opostas. O

pessoal de Lafferte reivindica uma oposição total à junta, o de Hidalgo se pronuncia por um "apoio crítico" e, para lhe fazer valer, reivindica o armamento do proletariado. Vencidos na votação das organizações do Conselho Revolucionário, que dá a maioria aos *laffertistas*, os comunistas de Hidalgo o deixam e constituem um outro grupo, a *Alianza Obrera*, que retoma sua política – apoio crítico e armamento do proletariado. Porém, finalmente, não há nem debate, nem revolução: em 12 de junho, um golpe de Estado militar da direita derruba a junta, coloca fim à "República Socialista". A *Alianza Obrera*, sob iniciativa dos comunistas-Hidalgo, lança a palavra de ordem de greve geral revolucionária: três dias durante os quais todos os trens ficaram parados, assim como numerosas atividades.

Nas eleições que se seguiram, o PC-oposição elegeu dois dos seus, Hidalgo para o Senado e Zapata para a Câmara. Na presidencial, ele apoiou Grove, explicando: "O PC luta pela unificação do proletariado e da ação revolucionária unificada por ele, e, em certos momentos, Grove constitui, para além de seus camaradas de um esquerdismo infantil, um sólido centro possível de união política que pode ser transformado em ação revolucionária efetiva para a tomada do poder". O resultado da presidencial é significativo: Alessandri, candidato da burguesia, obtém 187 mil votos e Grove mais de 60 mil, Lafferte não passa de 4.128 votos. No Chile, o terceiro período não levou ao desastre sangrento, mas aniquilou o Partido Comunista ao dar nascimento a um grande Partido Socialista.

O nascimento, em 19 de abril de 1933, pela fusão de diferentes grupos socialistas existentes, de um Partido Socialista de tipo novo, uma vez que ele rejeita o oportunismo e a colaboração de classe da II Internacional e o aventureirismo e o sectarismo da III, afirma que o socialista só pode nascer de uma transformação do capitalismo pela evolução, traz um elemento novo de reforço da organização operária: o PC stalinista tem agora, em face de suas empreitadas provocadoras e destruidoras, um sério obstáculo. Ele não poderá transformar em aventura sangrenta os levantes camponeses do desespero de 1934.

Novas posições frágeis: no Oriente Médio

Não se desmobiliza impunemente uma vanguarda num país sem tradições operárias, sem experiência da luta de classes. O Egito fornece um outro exemplo. Em 1939, o governo egípcio de Ismail Sedky, aliás, presidente da federação das indústrias, a soldo da ocupação britânica, retoma, sem precisar combater, as conquistas da revolução, abole a Constituição de 1923 e instaura o terror contra as organizações operárias. Não obstante, novos núcleos comunistas aparecem. As posições se precisam no Oriente Médio, mesmo que elas sejam ainda terrivelmente frágeis. Do PC sírio-libanês, no Líbano, Fuad Chimali é afastado em 1932. Sobra Madoyan. Dois dirigentes bem jovens aparecem na Síria: Mustafa Aris, um tipógrafo que será feito prisioneiro, ao passo que o professor primário Khaled Bakdach é, por sua vez, exilado de fato durante três anos. O árabe Sadi está brevemente à frente do PKP.

Os primeiros traços de uma organização comunista se delineiam no Iraque. Os

primeiros fios remontam a jovens que foram estudar na KUTV no final dos anos 1920 e no começo dos anos 1930. Células e círculos assim constituídos se reúnem em 1933. É somente mais tarde, em junho de 1935, que nascerá o próprio partido. Há que se guardar dois nomes aqui: o de Petros Vassili, nascido em Tíflis, que fala todas as línguas do Oriente Médio e da Europa ocidental. É um operário talhador; o outro é Fahd, o Pantera. Esse jovem, contador depois eletricista, foi seu aluno em 1927 e aprendeu com ele os rudimentos do marxismo. Ele criou, posteriormente, no sul iraquiano, células comunistas em 1927, apoiando-se nos ex-*kutvianos* que ele reuniu em Bagdá, em 1933. Em seguida, ele parte para a URSS. Os progressos nessa região do mundo saltam aos olhos, mas são limitados. E os grupos vão de alguns membros a algumas dezenas. Eles não têm passado e isto é ao mesmo tempo uma deficiência e um alívio. Mas será que eles têm um futuro?

Uma política suicida

Não descreveremos agora em detalhes a política da Comintern durante o "terceiro período". Mostramos seus postulados com a teoria do "social-fascismo" e a análise que o X *Plenum* do Executivo fez dele. Acabamos de ver como suas exigências e, sobretudo, as resistências que ele encontrou, tanto entre os homens como frente à realidade, conduziram o Executivo a impor em todas as seções um regime de subordinação aos verdadeiros procônsules que ele envia como "instrutores" e, como dizia Bullejos, que sabia alguma coisa disso tudo, aos "lacaios" que ele introduzia. As necessidades da composição de um trabalho complexo nos obrigaram a deixar para tratar mais à frente da política do terceiro período num país-chave da época, a Alemanha de Weimar, ameaçada pela "maré marrom", mas também a forma específica da qual ele se revestiu na China. E acabamos de ver um certo número de traços dessa política num país como o Japão. Ir mais longe e examinar a política do "terceiro período" em todos os países importantes levar-nos-ia, sem dúvida, muito mais longe. Contentaremo-nos com alguns exemplos.

Primeiramente, a Itália, cujo PC – por motivos óbvios – foi quem melhor resistiu à introdução das novas análises fantasmagóricas das formas "novas" do fascismo. Deixando de lado as análises gerais, que são as da Comintern, e particulares, em que Togliatti introduz freqüentemente suas próprias nuances e sutilezas de análise, interessar-nos-emos pelo balanço político e humano. Ele é seco e brutal e, como frisa Giorgio Amendola, "enquanto 'guinada', ligada no plano internacional a uma orientação esquerdista, sectária e esquemática". Em que pese o caráter "de iniciativa concreta unitária" que este último atribui a ele, não tinha muito como ser diferente. Luigi Longo apresenta um plano de "grupos de defesa" formados "de toda a massa operária que se põe em movimento", quando *L'Unità* escreve em março de 1930: "Devemos nos preparar para chumbar o fascismo e o capitalismo que, já faz sete anos, nos oprimem, nos esfomeiam e nos sangram: é o problema atual, urgente e capital". Quando *Avanguardia* escreve em seu número de março-abril do mesmo ano: "Em 1° de maio devemos começar a luta violenta nas ruas contra os inimigos de classe",

nada mais natural que os militantes que voltavam ao país devem provas de um pouco de "impaciência revolucionária". Os comunicados anunciam triunfalmente cinco mil recrutas, mas o fato é que, menos de um mês depois de sua chegada ao país, a maioria dos dirigentes designados para constituir o "centro interno" estão nas celas, presos ao lado da preparação da jornada do 1° de agosto contra a guerra e o fascismo, evidentemente anunciada aos quatro ventos por panfletos e cartazes.

A pressa com que a direção designa como "traidor e alcagüete" o jovem Vecchi, cujo pai passou para o lado dos fascistas, é em si mesma suspeita e, de sua prisão, Camilla Ravera alerta contra essa explicação. A seqüência é abjeta, mais ainda que essa política doida. O jovem Eros Vecchi consegue, com um falso passaporte fornecido pelo partido, voltar à França. Convocado a Sartrouville nas dependências do "Centro exterior", ele é condenado à morte. Porém, resiste com todas as suas forças a seus "executores" – ao mesmo tempo dirigentes e juízes – consegue escapar, ferido, é encontrado numa rua, desacordado, por um carteiro. É o pretexto, depois da descoberta pela polícia de numerosos documentos, para a prisão na França de uma centena de comunistas e para uma campanha de imprensa contra os "tchekas" comunistas. Os anos de prisão continuar a chover, assim como os golpes.

Os comunistas italianos não se renderam sem combate às loucuras stalinistas do "terceiro período". O CC de março de 1930 atinge duramente aqueles que serão conhecidos como "os Três", os ex-dirigentes do Centro Clandestino emigrados a Paris: Pietro Tresso, dito Blasco; Alfonso Leonetti, ex-colaborador de Gramsci; e o militante sindical Paolo Ravazzoli. Esses três militantes respeitados se voltaram, com efeito, abertamente contra a nova política e suas conseqüências, catastróficas para o partido. Eles serão expulsos rapidamente.

O terceiro período na Grécia foi descrito de maneira bem viva por A. Stinas. Depois de lembrar as declarações da *Pravda* sobre a radicalização das massas e a iminência da revolução, ele escreve:

> Era preciso que a ação dos partidos comunistas desse a ilusão de que tal era bem a situação. E se as revoluções e as greves gerais não podem ser encomendadas, podia-se ao menos inventar "manifestações combativas". Em Atenas, por exemplo, nos lugares mais movimentados (em Haftia ou na praça Syntagma) e nos horários de pico, um orador do partido subia numa cadeira e lançava o opróbrio do alto dessa tribuna sobre os social-fascistas, os agrarofascistas, os archeiofascistas, os trotskistas-agentes-da-polícia-secreta e concluía com um chamado inflamado à greve geral e às incursões armadas dos camponeses nas cidades.
> Alguns membros do partido e da JC que o entornavam aplaudiam depois metiam sebo nas canelas com a chegada da polícia e chovia porrada nos passantes inocentes. Uma vez, em Haftia, quando a cortina tardava a se levantar sobre essa comédia vergonhosa, no que diz respeito aos princípios do movimento operário, o chefe dos policiais, que já há muito tinha tomado posição e esperava, gritou a Klaras, o orador permanente das reuniões ilegais: "Fala aí, Thanassis, quando é que a gente começa?"[44]

44. A. Stinas, *Mémoires*, p. 137.

Comunistas contra trabalhadores?

Em alguns casos, a nova política levou os comunistas a se voltar com violência contra a massa dos trabalhadores, o que toma formas alucinantes, como na Polônia. Hersh Mendel (Sztokfisz) voltou a Varsóvia, vindo da URSS, em 1930. Ele escreve: "Nosso naufrágio era tão moral quanto político. Era uma época em que o Partido Comunista queria resolver tudo a facadas"[45]. Ele explica o que se passava então na "rua judia".

> Numerosos sindicatos sofreram cisões. Anteriormente, as greves eram preparadas e conduzidas de maneira unitária. Porém, desde que se começou a chamar de fascistas os sindicatos do *Bund*, não se podia mais esperar a unidade! Decidimos começar as greves, depois, de revólver em punho, íamos encontrar os operários dos outros sindicatos. Seguiam-se lutas horrendas nas fileiras operárias. Fazia-se a mesma coisa nas fábricas polonesas[46].

Depois de ter contado o sinistro episódio do assassinato de um operário padeiro *bundista* pelo operário padeiro comunista Luxemburg, um iletrado, e o massacra deste último pela polícia, ele prossegue:

> Não se passava uma semana sem que chamássemos à greve geral. Somente alguns jovens judeus participavam delas. Éramos obrigados a atuar nessa comédia para aplicar a tese de Stalin segundo a qual a primeira greve geral que ocorresse poderia se transformar em insurreição armada. A Polônia tinha que ter também suas greves gerais! Como elas não eram seguidas por ninguém, éramos acuados a ponto de cometer alguns excessos! Fazíamos manifestações cada dois ou três dias. Nem um operário polonês seguia nossas manifestações; os próprios operários judeus acabavam por se cansar, com exceção de alguns jovens. E mesmo assim, poucos. A polícia não fazia nenhum esforço para dispersá-las. Cada manifestação terminava com vítimas. Em vez de botar um fim nesta sinistra aventura, o partido queria concluí-las com alguns assassinatos! Se as massas se abstinham, era porque não lhes era dada a ocasião de combater de armas na mão! Portanto, nós íamos armar os manifestantes. O partido chegava mesmo a fazer um estratagema para orquestrar enfrentamentos armados.[47]

Num último ponto, ele traz também um depoimento sobre a nova política: "Um capítulo particularmente vergonhoso: a organização dos roubos nas lojas. O partido queria demonstrar que uma fome horrenda se abatia sobre a Polônia. Para que isso fosse verossímil, era preciso mostrar roubos nas lojas de alimentação por mortos de fome. O partido organizava, então, saques..."[48] A conclusão do veterano polonês resume a trágica situação

45. H. Mendel, *Mémoires d'un révolutionnaire juif*, p. 300.
46. *Ibidem*, p. 301.
47. H. Mendel, *op. cit.*, p. 302.
48. *Ibidem*, p. 303.

criada pelas diretivas stalinistas e as reações dos comunistas dos primeiros tempos:

> Ao passo que o PC organizava roubos nas lojas, lançava uma greve geral por semana e comandava manifestações armadas, grupos de *hooligans* anti-semitas deixava a cada dia algumas vítimas judias sobre o asfalto. Os *bjuwkees* do *Bund* freqüentemente os perseguiam e os ameaçavam de fazer de suas vidas um inferno. Dirigimo-nos ao partido para que ele colocasse a nossa disposição nem que fosse uma dezena de operários poloneses que, em nome da solidariedade proletária, nos ajudariam a combater esses *hooligans*. O partido nos respondia que ele não podia satisfazer nosso pedido porque não existiam operários do tipo que procurávamos! A situação era revolucionária, estávamos às vésperas da guerra civil... mas o partido não tinha dez operários para nos dar para nos ajudar a caçar os *pogromistas*![49]

Aventuras sanguinárias

Para abordar a mesma questão sob um outro ângulo, é bom para a América Latina dar uma olhada nos textos que fundam o terceiro período nesse continente. A resolução do *Plenum*, de julho de 1929, do PC mexicano afirma:

> A passagem no México da burguesia e da pequena-burguesia para o lado do imperialismo, longe de atenuar as contradições capitalistas, agrava-as. Abrem-se hoje para o movimento revolucionário dos trabalhadores e dos camponeses grandes perspectivas da luta pelo poder. Hoje, no México, a luta contra o capitalismo, inclusive contra esse chamado de nacional, é a luta contra o imperialismo, e a luta contra o imperialismo é a luta pelo socialismo, ligada à luta contra o latifúndio no campo. A burguesia e a pequena-burguesia perderam todo seu caráter antiimperialista. Elas adquirem um caráter claramente fascista. [...] A revolução pequeno-burguesa e democrática de 1910, agora terminada, não resolveu nenhum dos problemas colocados pelas massas trabalhadoras que tomaram parte nela e ela acabou como contra-revolução [...]. A iminência de uma nova revolução se deduz da ausência de solução a esses graves problemas que são a libertação do país do jugo imperialista, a questão agrária e o problema operário.
> [Por seu significado], ela será uma parte da revolução proletária mundial, uma revolução operária e camponesa latino-americana, uma revolução antiimperialista, que será em seu começo, no campo, uma revolução pequeno-burguesa democrática para destruir o latifúndio, e nas cidades uma revolução socialista. Sua força motora serão os operários, os *peones*, os fazendeiros subjugados e os pobres *ejidatarios*, os camponeses sem-terras, as massas pauperizadas que se sublevarão contra o imperialismo, conta a burguesia, contra o reformismo e o anarcossindicalismo.[50]

49. *Ibidem*, p. 304.
50. Citado por A. Martínez Verdugo, *Historia del Comunismo en México*, p. 131-132.

Nós poderíamos continuar com a hegemonia do PC e o estabelecimento do governo operário e camponês. Mas vamos parar. Não foi nem a Revolução Russa, nem o nascimento da Comintern; foi o terceiro período que viu a mundialização do politiquês. Contudo, compreende-se como ela pode fazer correr inutilmente sangue com sua questão milenarista e messiânica, particularmente entre as populações mais miseráveis e menos instruídas, portanto, mais crédulas. O terceiro período traduziu-se, com efeito, por verdadeiras aventuras e muito sangue derramado. Trata-se de uma greve, talvez a que mais custou vidas humanas na história da Humanidade, a dos *bananeros* de Santa Maria, na Colômbia, em novembro de 1928, contra a *United Fruit.*

A greve dos *bananeros*

A companhia americana fazia uma exploração vergonhosa dos trabalhadores, apoiando-se no "exército de reserva" dos colonos instalados às margens das *plantations* e a quem ela havia deixado alguns palmos de terra. Uma turnê de agitação e de propaganda, de chamado à organização e ao combate, foi empreendida pelo grupo comunista colombiano, com a imensa oradora de massa que era María Cano, revelação da campanha de solidariedade com Sandino. Os comunistas são dirigidos por um ex-*bananero*, Ignacio Torres Giraldo, e por Raúl Mahecha, um ex-anarcossindicalista. Eles tomaram a frente do movimento cujas reivindicações essenciais, desde a conclusão de convenções coletivas até a organização dos serviços médicos, não eram nada mais do que a aplicação da lei. Augusto Durán, o chefe do grupo e dos instrutores estrangeiros; Octave Rabaté, o francês; e o estadunidense Kornfeder, estavam igualmente no local. Depois da rejeição das reivindicações e a recusa patronal de negociar, a greve foi decidida dia 11 de novembro, quando já havia mais de 400 operários encarcerados. Contra os grevistas se desencadeou uma campanha denunciando as violências, o "terror comunista". O historiador Ricardo Sánchez escreve: "Cortés Vargas falava de um soviete na região e o governo dizia que não havia greve, mas uma insurreição"[51].

Victor Alba garante que os comunistas, tomando a direção da greve, "converteram-na em greve política, atacaram as tropas e provocaram assim uma feroz repressão"[52]. Será que a direção do movimento comunista não soube evitar a armadilha ou será que ela fez a política do "quanto pior melhor", como será acusada mais tarde no partido, ao se falar de seu "putschismo"? Em todo caso, é em massa que os grevistas vão para a praça de Ciénaga, onde eles iam saudar o governador. Pode-se, evidentemente, duvidar de sua docilidade e de seus sentimentos pacíficos ao descobrirem que lá estão reunidas as tropas comandadas pelo general Cortés Vargas, que, depois de ter lido um decreto sobre "o problema contra a ordem pública", ordena aos soldados disparar: centenas, talvez milhares de grevistas tom-

51. R. Sánchez, *Historia política de la clase obrera en Colombia*, p. 79.

52. V. Alba, *Le Mouvement ouvrier en Amérique latine*, p. 160.

bam. Os soldados fazem a caça ao homem, matam os feridos. O balanço final é atroz: 1.004 mortos, 3.068 feridos e 500 condenações a trabalhos forçados[53]. Isso não impedirá o grupo comunista, tornado Partido Socialista-Revolucionário, de se lançar, já no ano seguinte, numa nova insurreição... que falhou. Quando de sua transformação em PC, é um ex-aluno da Escola Lenin, Guillermo Hernández Rodríguez, que se torna secretário geral, com o apoio dos "instrutores" da Comintern, antes de se lançar numa carreira política "comum".

A insurreição salvadorenha

A mesma coisa ocorre com a insurreição salvadorenha de 19 de janeiro de 1932, desencadeada contra o golpe de Estado militar, do dia 2 de dezembro, do general Maximiliano Hernández Martínez, por um partido comunista cujos dirigentes eram artesãos, camponeses, estudantes, num país que Roque Dalton chama de "cemitério de pobres"[54]. A alma dessa insurreição foi um extraordinário combatente, Agustín Farabundo Martí, dito "El Negro". Ele tinha, segundo Thomas Anderson, o autor de *Matanza*, a reputação de ter sido e de ser ainda um admirador de Trotsky, de quem ele conservava consigo a fotografia na forma de cartão postal. Este homem, que foi o único em El Salvador a deter absolutamente todos os contatos com os militares simpatizantes[55], era talvez o representante clandestino da Comintern e de um "serviço" – provavelmente o IV Birô do Exército Vermelho – sob a fachada do Socorro Vermelho, dirigido por ele no Birô do Caribe. Ele tinha então 39 anos e tinha sido expulso de seu país, quando militava entre os estudantes, e de muitos outros, militou em muitos lugares; foi preso novamente, libertado por uma greve de fome apoiada por manifestações estudantis. Ele fora um dos responsáveis da Liga Antiimperialista em Nova York; depois, em maio de 1928, como vimos, juntou-se ao combate de Sandino, que lhe concedera a patente de coronel em seu exército. Quando de seu retorno, duas vezes ainda, como Rakovsky antes dele, fora expulso *manu militari* de seu próprio país e voltado a ele. A insurreição foi cuidadosamente preparada sobre o plano técnico, muito embora sua data tenha sido muitas vezes adiada. Seus chefes contavam com o apoio de diversos regimentos da capital: previu-se a eleição de sovietes nos vilarejos, com a insurreição camponesa que deveria se seguir.

O plano foi arruinado, desde o começo, pela descoberta dos preparativos e dos conspiradores nas casernas, o massacre sistemático pelos quadros do exército dos responsáveis e dos quadros, depois o deslocamento de unidade para romper toda ligação. A insurreição obteve algum sucesso inicial no oeste do país. Mas a ferocidade da repressão petrificou os trabalhadores. Como iria escrever o poeta Pedro Geoffroy Ribas: "Do

53. V. Alba, *op. cit.*

54. R. Dalton, *Miguel Mármol*, p. 312.

55. *Ibidem*, p. 270.

primeiro soviete da América, eles fizeram uma papa de merda com suas balas"[56]. Uma vez tombadas as posições erigidas pela insurreição, deu-se o massacre sistemático, apoiado na alcagüetagem, de todos os quadros das organizações operárias e democráticas, como na Espanha de Franco, quatro anos mais tarde, na hora do levante militar, quatro mil mortos nas primeiras 24 horas. Mais de 15 mil mortos, ou seja, mais de 25% da população de então, no final de um mês. Agustín Farabundo Martí fora executado com dois dirigentes estudantes, desde 1° de fevereiro. A celebração dos "mártires" não diminui a responsabilidade daqueles que decidiram de longe enviar todos esses coitados ao massacre.

A Marcha do Bônus nos EUA

A estratégia comunista nos EUA com a Marcha sobre Washington dos ex-combatentes foi menos sangrenta em seus resultados, mas idêntica em sua inspiração ofensiva. Em 1932, o descontentamento dos ex-combatentes cristalizou-se, com efeito, ao redor e através dessa marcha. Tratava-se, para eles, de ir a Washington exigir o depósito imediato, devido à crise, do prêmio especial para os ex-combatentes: o *Bônus*.

Aos 36 mil desempregados saídos das trincheiras de 1917-1918, que acampavam na capital e ao seu redor, separados do resto do país, os agitadores do PC repetiam que somente a ação de massa permitiria ganhar essa batalha, que eles eram a vanguarda revolucionária investida da missão de ganhar. Os incidentes se multiplicam, como um ataque-surpresa ao Capitólio.

Em 28 de julho, o exército entra em ação. Sob o comando do general Douglas MacArthur, tropas selecionadas, em que servem o major Dwight Eisenhower e o capitão George Patton, lançam-se ao assalto: tanques, armas automáticas, gás lacrimogêneo, ataques bem conduzidos: os infelizes desempregados que escaparam da I Guerra são violentamente expulsos de suas barracas. Há dois mortos, um ex-combatente e um transeunte, numerosos feridos e muitos detidos. A ordem é restabelecida ao redor do Capitólio. O PC ganhou os comunicados barulhentos contra Wall Street nesta batalha onde brilharam contra seus homens os futuros grandes chefes militares dos exércitos aliados da próxima guerra...

Os motins nas frotas

O rastro da ação dos comunistas e de seus serviços especializados se encontra também nos espetaculares motins na frota, cujas condições de vida, como se sabe, tornam todas as reivindicações explosivas. Eles estavam no motim da frota chilena? Somente notamos a presença e a intervenção, no local, de um militante de origem argentina, o instrutor Carlos Dukhovne. No congresso internacional do pessoal do mar, em Altona, em 1931, em todo caso, é o famoso agente George Mink, responsável pelo pessoal do mar para o continente americano, que redige o relatório sobre esse motim.

56. *Ibidem*, p. 232.

O motim da Home Fleet, em Invergordon, ocorreu mais ou menos no mesmo momento. Estamos absolutamente certos da presença a bordo de um agente da Comintern, Len Wincott, responsável das redes na frota de guerra britânica. O movimento começa depois do anúncio feito por Chamberlain de redução dos soldos, com assembléias gerais, em terra nas cantinas, depois em todos os barcos, que elegem comitês de greve e um comitê de ação, sendo que a maior parte dos oficiais ficou em terra firme. É o encouraçado *Rodney* que abre o caminho, representado pelo marinheiro Bond. O governo britânico cede imediatamente nas reivindicações e modera a repressão às condenações dos "instigadores". Len Wincott, refugiado em Moscou, será alguns anos mais tarde condenado na capital soviética e passará anos no *gulag*.

Um outro motim é o do encouraçado *Zeven Provicien*, na Indonésia. Há um motim em Surabaia onde 85 marinheiros são encarcerados. Sobre o encouraçado, há uma célula do aparato militar e um comitê de ação de militantes holandeses. O organizador do caso, o chinês Liao Chengzhi (Leo Chang), quer reeditar a epopéia do *Potemkin*, em que ele trabalhou bastante. Aproveitando a ausência da maior parte dos oficiais, a tripulação se amotina, elege seus delegados e depois levanta âncora, em 5 de fevereiro de 1933. Uma longa perseguição começa e o governo holandês está bem decidido a não recuar um só centímetro. Ele exige a rendição incondicional. Finalmente, envia a aviação. Seus hidroaviões bombardeiam o encouraçado, deixando 25 mortos e numerosos feridos. Desta vez, os amotinados decidem se render. A repressão é severa e um tribunal militar de Surabaia condena 189 javaneses e cinco holandeses a pesadas penas de trabalho forçado[57]. Esses motins, que, para alguns, assinalam a reaparição dos problemas revolucionários, foram somente aventuras sem continuação: o motor não conseguia engatar!

É em junho de 1932, sob o controle do instrutor da Comintern, que foi criada sobre os navios de guerra portugueses a Organização Revolucionária da Frota (ORA), que expulsava todo civil. Trata-se de uma organização bem fechada, com uma organização de ferro. Ela é formalmente criada sobre o *Vasco da Gama* por comunistas e publica, a partir de 1934, o mensal *Marinheiro Vermelho*, órgão das células do PCP da Frota. O terreno, a motorização, a introdução da artilharia conduziram ao recrutamento de jovens de origem operária possuindo uma função de técnico, mecânico e armeiro.

Não há, então, motins na frota portuguesa, mas uma vigilância incrível, prisões e condenações incessantes.

57. R. Faligot e R. Kaufer, *Kang Sheng et les services secrets chinois*, p. 113-114, propõe um relato estabelecido com a ajuda dos arquivos do II Birô. Encontramos também alusões no famoso livro de Jan Valtin, *Sans patrie ni frontière*.

Um movimento privado de sua substância

Antes mesmo da derrota decisiva da Alemanha, em 1933, à qual conduz tudo o que a precede, somos tentados a esboçar um balanço. A revolução não venceu em lugar algum e, o que é pior, os melhores revolucionários se perderam em combates contra o inimigo exterior, as classes dirigentes, ou nos conflitos internos. Trotsky está no exílio, fora da União Soviética. O homem que formalmente fundou a Comintern, Rakovsky, está exilado na gélida Sibéria. Seus dois últimos presidentes, Zinoviev e Bukharin, foram afastados, como Radek, cujo papel foi considerável, e para quem a Comintern está proibida.

Chen Duxiu, o pai do comunismo chinês, e Peng Shuzhi, sua esperança, foram expulsos. Foram igualmente expulsos os companheiros e os próximos de Rosa Luxemburgo: Thalheimer, o teórico, e Brandler, o pedreiro; Clara Zetkin sobrevive, mas como elemento decorativo, Paul Frölich, Paul Böttcher e Jakob Walcher, todos os ex-delegados revolucionários, a começar por Anton Grylewicz, e os intelectuais da nova geração, Ruth Fischer e Maslow, Urbahns. Expulsos Voja Vujović, o sérvio que dirigia a JS da França, um dos fundadores da Juventude Comunista, os pioneiros do partido francês; Alfred Rosmer e Boris Souvarine, ex-membros do "pequeno birô"; Amédée Dunois; Fernand Loriot; Maurice Paz. Expulsos o catalão Andrés Nin, ex-secretário da Profintern, como Juan Andrade, ex-dirigente do PCOE, com Luis Portela; Luis García Palacios, ex-dirigente da Juventude; o aragonês Joaquín Maurín, líder da federação catalano-balear.

Expulsos também o ex-dirigente da JC austríaca, o talentoso jornalista austríaco Willi Schlamm; os belgas van Overstraeten, Hennaut; o operário Lesoil; o holandês Sneevliet, que conhecemos melhor sob o nome de Maring. Citemos ainda de maneira um pouco misturada, Albert Treint, que seguiu aqueles que foram expulsos, os "três"; os italianos, Alfonso Leonetti, Pietro Tresso e Ravazzoli; colaboradores de Gramsci, ele mesmo em quarentena na prisão; Angelo Tasca e Secondo Tranquilli (Ignazio Silone). Expulsos, ainda na Europa, os suecos Karl Kilbøm e toda a velha guarda assim como a da Noruega, atrás de Martin Tranmael, Alois Muna, o primeiro dos comunistas tchecos; Bohuslav Jílek; Josef Hais e seu filho Arno; Bretislav Húla; os gregos Pantelis Pouliopoulos, ex-secretário do partido, Serafim Maximos. No continente norte-americano, cassou-se Maurice Spector, que foi presidente do partido canadense, e seu antigo adversário Jack MacDonald; James P. Cannon; Martin Abern; Max Shachtman; Arne Swabeck, do primeiro núcleo comunista estadunidense, mas também Lovestone; Bertram D. Wolfe; Ben Gitlow, que estiveram à sua frente graças a Moscou.

Nos PCs latino-americanos, expulsou-se Sandalio Junco, o operário-padeiro negro que foi um dos primeiros comunistas cubanos; Julio Antonio Mella cujo assassinato levou a encobrimento de sua expulsão. Foram expulsos também o jovem anamês Ta Thu Thau, ex-líder do PAI (Partido Anamês da Independência) – mais um pequeno "Guomindang" que não deu certo –, os "negros" enfim, como se dizia de maneira deliberadamente provocadora, George Padmore e Garan Kouyaté, e também Jimmy La Guma, na África do Sul, assim como o branco Sidney Bunting. Até mesmo Pepper acabou por ser expulso.

Há também mortos da luta de classes no mundo, alguns comunistas búlgaros selvagemente massacrados ao mesmo tempo que Nikolai Chablin, queimado vivo em uma caldeira em 1925; as inumeráveis vítimas chinesas; o grande Li Dazhao estrangulado em sua cela; Zhang Tailei; Chen Yannian; Luo Hua, e alguns dos quadros chineses fuzilados em Cantão. Viktor Kingisepp foi fuzilado perto de Tomp. A. A. Ioffe, que se suicidou em protesto contra Stalin; o comunista polonês Leon Purman, que se suicidou depois de uma "missão". O alemão Ernst Meyer; o panamenho Blázquez de Pedro; o senegalês Lamine Senghor e muitos outros foram mortos da doença dos pobres, essa tuberculose que indubitavelmente fez mais vítimas que o poste de execução. Três grandes símbolos praticamente desconhecidos. Agustín Farabundo Martí, fuzilado em El Salvador, com milhares dos seus. Antun Marun morto numa greve de fome no Egito. E o grande Julio Antonio Mella!

Acrescente-se o medo testemunhado pelos homens que foram a Moscou com os olhos abertos, os estragos morais, o efeito destruidor que essa experiência teve sobre os militantes estrangeiros – tanto Harry Wicks como Hersh Mendel que, por suas vezes, deixaram memórias. Esse medo existe também entre os quadros da Comintern: ele não é somente o revelador da servidão daqueles que sonham em "ascender". Com o desaparecimento do KPD, os partidos restantes numericamente mais importantes na Comintern – o PC tchecoslovaco e o francês –, não chegam a atingir 40 mil militantes e os outros são seitas de alguns milhares de membros no máximo. Os novos promovidos à direção deram talvez garantias no combate interno ao aparato no enceramento das botas dos dirigentes, mas, por todo lado, se vê dirigentes aprovados cassados para dar espaço aos jovens da Escola Lenin, cujas recomendações não poderiam ser, para alguns, mais claras.

As razões da stalinização da Comintern

Pierre Frank se interroga acerca das razões que explicam a stalinização dos partidos da Internacional. Ele sublinha a justo título a diferença entre o processo na União Soviética e nos PCs dos países capitalistas e tem razão igualmente em lembrar que os trabalhadores que fundaram um partido ou viveram para ele não o jogam fora como se joga fora uma roupa usada. Contudo, acreditamos que, em seu exame dessa questão, ele subestima – e isto é surpreendente vindo de uma materialista – o peso dos fatores materiais, a corrupção dos homens pelo aparato, que nem sempre se reveste da forma crua do dinheiro, mas pode se valer de outras; o emprego, o poder e o prestígio, mesmo em marcos limitados. Acima de tudo, é errado raciocinar como se os membros dos partidos e da Comintern fossem os mesmos desde a origem dessas formações, renovando-se somente pelo envelhecimento e o rejuvenescimento dos recrutas. O exemplo do KPD, apesar de seus aspectos caricaturais, está aí para quem quiser ver.

São as gerações sucessivas que construíram os partidos comunistas e nas quais estão selecionados os mais aptos a se tornarem o pessoal do aparato, capazes de aceitar as

guinadas e de aplicar sem vacilar a política de Moscou. São os militantes formados na época da frente única que aceitaram aplicar a política do terceiro período. São os que formaram no terceiro período que serão encarregados de aplicar a política de frente popular. O aparato, que é o instrumento internacional de transmissão e de aplicação da política que passa pela Comintern, é tanto o fator principal da continuidade, como o das guinadas de seus partidos. Ele não teria podido desempenhar esse papel sem os meios materiais que lhe vinham de Moscou e dos dirigentes da burocracia soviética que o empregavam e o retribuíam. Não estaria aí a chave para compreender a corrupção dos responsáveis dos partidos comunistas que, no começo, não queriam privar seus partidos da cornucópia que lhes permitiria lutar contra o capitalismo com meios materiais efetivos e úteis? Voltaremos a isso.

Nesse meio-tempo, a mediocridade intelectual deita e rola. Como dirigentes mundiais, depois de terem praticamente destruído eles próprios a seção sul-africana, puderam imaginar que se iria acreditar em seu remédio, um "secretariado bicolor", com o negro Nzula e o branco Roux?

Não obstante, o que é realmente importante não é em que eles acreditam, mas aquilo em que eles fazem os outros crer. Nesse sentido, a máquina de propaganda está perfeitamente ajustada: a prisão dos agentes do OMS Rudnik e Tatiana Moisseienko torna-se, aos olhos de milhões de homens e mulheres, o "caso Rüegg", perseguição de inocentes sindicalistas suíços. E ainda virão outros.

Eles entregaram a cidadela

A revolução mundial que começou na Rússia foi brutalmente freada pela repressão que golpeou, em janeiro de 1919, a revolução alemã, iniciada em 9 de novembro de 1918. Contrariamente ao que os bolcheviques esperavam, o tempo de um verão, ela não fora relançada em 1923 nesta mesma Alemanha onde viveu então um retumbante fiasco. As trombetas soaram uma terceira vez, de 1930 a 1933, aos pés da muralha do capitalismo alemão.

O ano de 1933 sela o destino da Comintern ao mesmo tempo em que o da Alemanha: nada de revolução proletária, senão ditadura nazista. Pois não era mais em direção à revolução que a Humanidade se dirigia depois destes anos decisivos, mas, mais uma vez, em direção a uma guerra mundial. Para a Comintern, foi a prova fatal. Ela não a superou. Estreitamente dependente de Stalin num momento em que a União Soviética atravessava uma crise terrível, e quando o poder desse último vacilava terrivelmente, ela se encontrou acorrentada de fato a uma política conservadora de prudência que o historiador britânico E. H. Carr resumiu ao escrever: "Agora, uma explosão revolucionária na Europa central provocaria a intervenção francesa, nutriria a hostilidade contra a URSS e reforçaria a tomada das potências imperialistas pelo regime burguês alemão. O mundo tinha se tornado um lugar demasiado perigoso para as aventuras revolucionárias"[1].

Um campo de ruínas

É a segunda vez que uma crise capitalista se abate sobre este grande país industrial, provocando uma grave crise social. Conta-se mais de cinco milhões de desempregados oficiais inscritos em 1932, o mesmo tanto de desempregados parciais, dois milhões de

1. E. H. Carr, *Twilight of the Comintern*, p. 44.

não-inscritos. Em setembro do mesmo ano, segundo a central ADGB, de cada 100 trabalhadores, 44 estavam completamente desempregados; 22 trabalhavam em tempo parcial. Gilbert Badia indica que, ao longo do inverno de 1930-1931, a metade das famílias operárias, ou seja, 18 milhões de pessoas, sobreviviam somente com os salários reduzidos à metade. Independentemente de sua origem social, a maioria dos jovens – 1,5 milhão de sem-trabalhos têm menos de 25 anos – não somente não têm trabalho, como também nenhuma perspectiva de obtê-lo antes de longos anos. Os diplomados não saem bem tampouco: em 1931, mil novos engenheiros, de um total de oito mil, encontram trabalho, e 900 de 22 mil mestres. Freqüentemente, os jovens vivem, em bandos errantes, de pequenos roubos ou da mendicância. Arruinados pela terrível inflação galopante de 1923, a pequena e a média burguesia exasperam-se com sua pauperização, com esta "proletarização" que lhes atinge e lhes humilha, como também, pensam eles, sua nação através do *diktat* de Versalhes. Os pequenos patrões do comércio e da agricultura foram igualmente atingidos. Vinte mil empresas agrícolas apreendidas são leiloadas somente no ano de 1930. Trotsky descreve esse espetáculo dantesco, com sua melhor pena:

> Uma histeria epidêmica de desespero entre as classes médias: os pequenos comerciantes arruinados, os artesãos e os camponeses em parte também, os proletários no desemprego, os assalariados e os ex-oficiais da Grande Guerra que ainda carregam suas condecorações mas sem ganhar soldo, os trabalhadores dos escritórios fechados, os contadores dos bancos em falência, o engenheiro sem emprego, o jornalista sem salário, o médico cujos clientes estão ainda doentes, mas não sabem como pagá-lo.[2]

A crise explode em outubro de 1930. Ela vem dos EUA, duramente atingidos, que repatriam os capitais e não renovam mais os empréstimos a curto prazo. As exportações afundam. As demissões se sucedem ao fechamento das empresas, à baixa de salários. O mercado interior encolhe como a pele de Onagro nesse ciclo infernal. A burguesia exige dos governos, inclusive dos social-democratas, medidas de rigor, de redução do seguro-desemprego em primeiro lugar. O católico Brüning, do Partido do Centro, que chega ao poder em março de 1930, está obnubilado pelas questões financeiras, não pensa em nada além de evitar o *deficit* orçamentário e decide aliviar os "custos" dos capitalistas ao esmagar os trabalhadores com os impostos, com a baixa de 10% dos salários dos funcionários públicos, com a criação de um imposto para os solteiros, etc.

O Partido Nacional-Socialista

O Partido Nacional-Socialista de Adolf Hitler apareceu no primeiro plano durante a crise de 1923, quando ele se implantou na Bavária e foi utilizado como espantalho contra os comunistas. Abandonado por seus *patrocinadores* depois do desaparecimento do "perigo vermelho", ele conhecera, por sua vez, a repressão devido a seu *putsch*, de 7 de novembro de 1923, que valera a seu chefe um ano de cárcere durante a qual supostamente escreveu sua obra programática, *Mein Kampf* (Minha Luta). Ele volta ao primeiro plano agora com as tropas de assalto, os SA (*Sturmabteilung*, seções de assalto). Hitler fez um progresso alucinante nas eleições de setembro de 1930, quando passou de 809 mil votos e 13 deputados para 6.401.000 votos e 105 deputados. Ele atingirá outros picos de votação, obtendo 11,3 milhões de votos no primeiro turno da presidencial, em março de 1932; 11.750.000 nas legislativas de novembro de 1932, que revelavam, entretanto, um certo achatamento de sua progressão e constituíram, nesse sentido, um indício de uma guinada.

Progressos tão espetaculares se explicam, certamente, pela crise e por suas conseqüências psicológicas. Porém, ela pressupõe também uma organização moderna de campanhas eleitorais, um aparato eficaz, fundos para as reuniões, os atos, a utilização de transportes aéreos pelo estado-maior, um aparato numeroso de funcionários permanentes, as tropas de choque – que passaram de algumas dezenas de milhares a 400 mil ao fim de 1932 – cujos membros eram uniformizados, alimentados, freqüentemente alojados, portanto, tendo meios materiais consideráveis.

O NSDAP começou com a ajuda de pequenas empresas (o fabricante de pianos muniquense Blechstein, o editor Bruckmann são os mais conhecidos). O construtor de locomotivas Borsig, o magnata da eletricidade Siemens começaram a contribuir. O magnata do aço, Fritz Thyssen, reconhece ter contribuído com 100 mil marcos-ouro. O magnata do carvão, Emil Kirdorf, membro do partido, não pode não ter dado. A partir de 1930, quando o poder se torna uma perspectiva, a paisagem financeira se modifica mais uma vez. Os nacional-socialistas têm os seus homens nos meios do grande capital: o banqueiro Georg von Stauss; Hjalmar Schacht, ex-presidente da *Reichsbank*; "oficiosos" dos meios de negócios, como o jornalista Walter Funk e von Löwenstein, que representa os patrões da minas. Em setembro de 1931, Hitler fez uma visita aos magnatas do Ruhr. Em outubro de 1931, é com os patrões da indústria que ele discute as perspectivas em Bad Harzburg. No outono de 1932, ele encontra dificuldades reais e, por exemplo, a IG Farben pára de contribuir. O encontro de 4 de janeiro de 1933, com Franz von Papen, na casa do banqueiro Schröder, em Colônia, liga novamente uma fonte que estava se secando.

Uma vez no poder, Hitler mantém para com os grandes capitalistas uma linguagem que o realista Hjalmar Schacht traduz claramente: "Senhores, aos seus bolsos!". A classe dirigente fornece também aos nacional-socialistas uma ajuda material considerável, mas que não se apresenta em cifras. A indulgência dos juízes, escandalosa em numerosos casos, protege-os em seus choques de rua com seus adversários "marxistas". A polícia fecha os olhos quando eles estão em causa e somente muito raramente encontra culpados dentro de suas fileiras. Quanto ao exército, nos anos decisivos, contribui com sua logística, oferece-lhe uma retaguarda e locais seguros para armazenar suas armas. Deste ponto de vista, está claro que a classe dirigente alemã – tanto os banqueiros e industriais como os grandes proprietários do leste e os chefes do exército – compreende perfeitamente que ela precisa

2. L. Trotsky, "Je prévois la guerre avec l'Allemagne", In: *The Militant*, 26 de julho de 1932.

de uma milícia para a defesa da ordem social e encara sua atividade e seu progresso como uma espécie de garantia contra os riscos revolucionários, mesmo quando nem sempre ela está segura da moralidade e dos escrúpulos de seus temíveis servidores.

É inútil perder tempo com a doutrina social e a demagogia dos nacional-socialistas, que combinam um chauvinismo agressivo nutrido das "humilhações" nacionais, como o *diktat* de Versalhes, e a denúncia dos imperialistas estrangeiros e dos capitalistas judeus. Seu desprezo para com os social-democratas, valetes do imperialismo ocidental e que "apunhalaram o exército alemão pelas costas", não está muito afastado da hostilidade de numerosos trabalhadores a esses "bonzos" que os traíram. Ele é somente ultrapassada por sua denúncia e a raiva mortal que eles nutrem pelos comunistas, valetes da "Internacional Judia", traidores da pátria alemã.

Onde o Partido Nacional-Socialista recruta? Por todas as evidências, nas pequenas cidades. Antes de 1930, conta com poucos operários, mas um grande número de pequeno-burgueses motivados por seu medo de "proletarização" e, segundo a excelente expressão de Michael Kater, por um "anti-semitismo *prêt-à-porter*", uma importante proporção de membros das classes dirigentes, sobretudo estudantes. No período de 1930-1933, recruta mais operários, mas não arranca grandes fatias; a pequena-burguesia aflui devido aos temas do anticomunismo e do anti-semitismo; o partido progride na grande burguesia concomitante e paulatinamente à sua chegada ao poder. Não é um partido de jovens (a média de idade está em torno de 30 anos), nem de mulheres (máximo de 7,8%, em 1932). Michael Kater traz interessantes elementos acerca dos quadros do NSDAP:

> M. Kater se levanta com força e com sólidos argumentos contra alguns aspectos da lenda nazista: os dirigentes não são vítimas da crise social, nem "marginais" querendo a revanche. A realidade dos quadros nazistas é o recrutamento pequeno-burguês dominante, com [...] atitudes ideológico-políticas características desta camada: ódio da inteligência, simpatia para com o pretenso neodarwinismo, uma filosofia da desigualdade, do anti-semitismo e da xenofobia, um sistema de valores antiemancipatórios, antimoderno, uma ambiente propício ao desenvolvimento das "personalidades autoritárias" que vê se multiplicar os chefinhos, os arbitrários, a corrupção e o roubo: o butim, no final da missão, era a justa recompensa destes quadros caracterizados em sua vida cotidiana pelo gosto da caça sexual, o álcool e os grandes carros.[3]

A luta "militar"

O verdadeiro programa dos nacional-socialistas não era exatamente aquele que eles explicam ao povo para arregimentá-lo. É o que eles propõem à burguesia alemã de

3. P. Broué, "Faut-il récrire l'histoire de la montée de nazisme au pouvoir?", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 36, dezembro de 1988, p. 90-106.

realizar por sua conta se ela os ajudar a tomar o poder. Para resolver a crise na Alemanha, preconizam recolocar em questão as vantagens adquiridas, os direitos sociais, o resultado das lutas dos trabalhadores. O caminho que permitirá chegar a isso passa pela destruição do movimento operário alemão organizado, partidos e sindicatos. É a isso que eles se empregam conscienciosamente e não somente verbal, mas concreta, praticamente, na vida cotidiana, esforçando-se para aterrorizar seus adversários através de uma espécie de guerra civil permanente criando uma terrível insegurança. Nesse sentido, vale tudo: agressões preparadas contra os militantes responsáveis, até mesmo os da base se a ocasião se apresenta; ataques sistemáticos; contar os vendedores de jornais e panfletadores; sabotagem das reuniões políticas com gritos e urros, depois o assalto das tribunas, golpes e ferimentos sobre os participantes. O objetivo é de aterrorizar os curiosos, os simpatizantes, os militantes idosos, os chefes de família, e de reduzir os partidos operários à sua mais simples expressão ao separá-los de sua substância nutriente, ao isolá-los da massa aterrorizada, ao reduzi-los a uma inatividade impotente em seu medo permanente. Duas testemunhas competentes, já encontradas muitas vezes, Peter e Irma (Hellrich) Petroff, escrevem: "A polícia, cujos chefes eram social-democratas, não toma nenhuma medida séria contra os bandos marrons, ao mesmo tempo em que despendem muita energia contra os comunistas. Ela tenta impedir os combates de rua [...], porém nunca tomou nenhuma ação séria contra os Camisas Marrons. Se esses bandos marrons encontraram alguma resistência séria e foram reduzidos à defensiva, eles teriam sido rapidamente dispersados"[4].

A historiadora Eva Rosenhaft estudou minuciosamente a maneira como os nacional-socialistas, ou melhor, seu "exército marrom", conquistaram os bairros proletários, particularmente em Berlim, quando da conquista da capital pelo Dr. Goebbels. A infiltração nas fortalezas operárias vai se dar através da implantação de *Sturmlokale*. Mistura de *clubhouse* com boteco, freqüentemente equipado com camas e colchões, sob o controle inconteste dos SAs, o *Sturmlokal* era uma base operacional, uma fortaleza em território inimigo. Entre 1928 e 1933, sobretudo depois de 1930, os *Sturmlokale* não somente se multiplicaram mas se aproximaram cada vez mais dos bairros vermelhos, chegando mesmo a suceder os comunistas nos lugares que eles tradicionalmente freqüentavam"[5]. A historiadora estudou de muito perto o exemplo de uma taberna no bairro operário de Neukölln, que, sob a direção de H. Böwe, tornara-se um foco de atividade política de esquerda. Contudo, com a crise, o proprietário foi ameaçado de rápida ruína, ninguém pagava mais o que consumia. Ele aceitou então a proposição dos SA, que lhe garantiriam o consumo de um mínimo de 150 litros de cerveja e 30 refeições quentes por dia. A taberna, que dispunha de uma sala para 100 pessoas, tornou-se um *Sturmlokal*. Tal foi o esquema geral da progressão dos SA; apoiados, antes de tudo, como vimos, em sua potência financeira, nestes bairros pauperizados, para construir seus bastiões e progredir ao caçar o ad-

4. P. e I. Petrof, *The secret of Hitler's Victory*, p. 67-68.

5. E. Rosenhaft, *Beating the Fascists*, p 19-20.

versário até que este não encontre mais nenhum lugar seguro nem centro de reagrupamento. Gilles Vergnon, que deu ênfase nesse aspecto da política do KPD, escreve:

Para o KPD, reagir, era, de início, impedir fisicamente os nazistas de se instalarem suas "zonas reservadas": para tal, dispunha de organizações de defesa. [...] Desde sua criação, o KPD criara múltiplas formações paramilitares. [...] Dissolvido em 1929, quando ele contava indubitavelmente com dez mil aderentes, o *Rote Frontkämpferbund* (RFB) continuou sua existência na clandestinidade e suas funções "militares" foram garantidas em princípio pela *Proletarischer Selbstchutz*, de fato, o serviço de ordem do partido, e, mais amplamente, pelo *Kampfbund gegen den Faschismus* (Liga de Combate ao Fascismo), que tentava ser um movimento de massas.

Ele acrescenta: "Mas o RFB aceitou dificilmente seu papel subalterno. Sob a impulsão de Erich Wollenberg, seu responsável em 1931-1932, tenente da reserva, ex-professor da Escola Internacional Lenin de Moscou e comandante de regimento do Exército Vermelho, ele continuou a ponta de lança do combate antifascista nos bairros e seu militantes – apesar de pouco numerosos – conservavam um imenso ascendente"[6]. De fato, o RFB teve somente um sucesso limitado. Proclamava-se aberto a todos os partidos, mesmo ao Partido Social-Democrata; em seu boletim escrevia que existiam lá "numerosos revolucionários honestos". Os social-democratas foram pouco numerosos nele. Por outro lado, a partir de um núcleo da JC, recrutou naquilo que se chamava de "cliques" – nós diríamos "bandos" ou "gangues" – de adolescentes às margens da delinqüência. Em abril de 1931, com chamados mobilizantes ao combate – "Esmaguem os fascistas onde eles estiverem", dizia-lhes Heinz Neumann, a *Die Rote fahne* publicou a lista dos QGs dos SAs com seu endereço e número de telefone – eles foram lançados num combate de rua que significava a resistência às agressões, proteção dos locais e dos militantes ameaçados, mas também o assalto contra as tabernas batizadas de "casernas" dos SAs. Verdadeiros combates ocorreram, numerosas tabernas foram retomadas. O saldo de mortos de um ano, de dezembro a dezembro, fixou-se em sete nazistas e 103 comunistas, o que foi um verdadeiro evento. Os Petroff escrevem a esse respeito: "O *Rote Frontkämpferbund*, que possuía um armamento seriamente limitado, fora arrastado para o combate de ruas e penetrado de um espírito muito militante. Contra ele, mesmo quando os nazistas eram mais numerosos, eles eram esmagados, com a condição de que a polícia republicana não viesse a tempo em seu socorro"[7].

Entretanto, claramente, a campanha foi parada. Em 10 de novembro, com efeito, o CC adotava uma resolução que denunciava "o estado de espírito esquerdista", "as tendências terroristas", "o uso do terror individual contra os fascistas". Muitas explicações forma propostas. Somente uma leva em conta o fato crucial de que teve, por efeito, parar os combates armados em torno dos *Sturmlokale* e nas ruas, e que ela não estava preocupada so-

6. E. Rosenhaft, *Beating the Fascists*, p. 24.

7. P. e I. Petroff, *op. cit.*, p. 67-68.

mente com o "terror individual". Três anos mais tarde, numa carta publicada por *Unser Wort*, o órgão dos trotskistas alemães, depois de sua expulsão do KPD, em abril de 1933, Erich Wollenberg, o ex-chefe do RFB, explica que as proibições lançadas pela direção contra o "terror individual" tendiam a paralisar as organizações de defesa e a luta física contra os homens das tropas de assalto marrons ao passo que a direção estava acima de tudo preocupada com a luta contra os social-democratas, que ela chamava de "social-fascistas"[8]. A decisão foi considerada por muitos como uma capitulação e nutriu amargor e rancores. Eva Rosenhaft cita em seu livro uma resolução de um grupo de JC berlinenses dizendo que ela significava "a liberdade concedida, contra os trabalhadores, aos grupos de terror fascista"[9]. Esses jovens, provavelmente ligados ao grupo de Heinz Neumann, que era identificado com a política antiga, escrevem:

Chegamos à conclusão de que o medo de serem lançados na ilegalidade desempenhou um papel importante na formulação dessa resolução. Fizemos notar que a JC cumpriu uma parte importante do trabalho ilegal do partido. [...] Mas, se a ilegalidade apavora a esse ponto o CC, nós pararemos forçosamente para que não se tente jogar sobre nós a culpa de uma eventual proibição do partido. Está claro que isso nos custará muito caro em energia revolucionária da juventude. Graças a essa resolução, a chama mais pura da revolução se reduzirá a uma chaminha vacilante e só nos restará esperar que esta Alemanha soviética que desejamos com tanta paixão nos caia do céu como um presente.[10]

O KPD e os socialistas

O historiador Hermann Weber distinguiu diversas inflexões na política do KPD *vis-à-vis* dos social-democratas alemães durante esse período: 1ª, até a primavera de 1930, contra o "social-fascismo"; 2ª, da primavera de 1930 ao verão de 1930, frente única pela base; 3ª, de agosto a dezembro de 1930, a emancipação nacional; 4ª, de dezembro de 1930 à primavera de 1931, o fascismo chegou; 5ª, de abril a outubro de 1931, luta contra o SPD; 6ª, de outubro de 1931 à primavera de 1932, "os irmãos gêmeos"; 7ª, de maio a outubro de 1932, ação antifascista; 8ª, de outubro de 1932 a 1933: os duros golpes contra o SPD[11]. No mais das vezes, trata-se apenas de nuances. A Bíblia, a constante, o bê-á-bá da linha, é que o inimigo principal é a social-democracia, tornada "social-fascismo". Todos os dirigentes da Comintern e de seus partidos regurgitam incessantemente uma citação de Stalin de 1924: "O fascismo é uma organização de combate da burguesia que se assenta no apoio ativo da social-democracia. A social-democracia é objetivamente a ala moderada do fas-

8. E. Wollenberg, "Lettre ouverte", 4ª semana, agosto de 1934, p. 2 e 3.

9. E. Rosenhaft, *op. cit.*, p. 84.

10. *Ibidem*.

11. H. Weber, *Die Generallinie*, p. XVI-LXXV.

cismo? [...] Essas duas organizações não se excluem mutuamente, ao contrário, elas se complementam. Elas não são antípodas, são gêmeas"[12]. Stalin, cada vez mais freqüentemente, dá o tom com base numa orientação que parece cada vez mais com os delírios ultra-esquerdistas já vistos. No CEIC em março de 1931, ele afirma com sua maneira mecânica: "Desmascarar a social-democracia, desmascarar a II Internacional, emancipar as massas operárias da influência da social-democracia, isolar e vencer a social-democracia, eis a próxima tarefa dos partidos comunistas, sem ela a realização de um combate vitorioso do proletariado por sua libertação das cadeias do capitalismo é impossível"[13].

Foi essa pesada afirmação concernente à "social-fascistização" que foi a base da atitude do KPD durante todo esse período, com uma aplicação particularmente dura durante o verão de 1930. É assim que *Die Rote Fahne* escreve em 22 de fevereiro de 1930, evocando o chefe de polícia social-democrata que mandou atirar em Berlim contra os trabalhadores comunistas depois do 1° de maio de 1929, deixando numerosos mortos. "Nossa rajada de balas contra os grandes Zörgiebel fará somente sentido se ela estiver ao mesmo tempo vinculada ao assalto sobre os pequenos responsáveis aburguesados. Aquele que ainda pertence ao SPD é podre e deve ser expulso das empresas e dos sindicatos". Durante os seis meses que seguem, essa linha é amolecida e o KPD faz apelo à "frente única pela base". Nova guinada com o *Programa para a Libertação Nacional e Social*, apresentada pelo KPD em 21 de agosto de 1930. O próprio Stalin apresentou proposições concretas que, entenda-se bem, foram adotadas com entusiasmo[14]. O KPD lançou em 14 de setembro um chamado perfeitamente sectário a esse respeito: "Nós, comunistas, pedimos a todos os trabalhadores que ainda marcham com a social-democracia traidora que rompam com esse partido de [...] subordinação das massas laboriosas da Alemanha, que construam com os comunistas uma frente revolucionária de milhões de homens para a luta pela ditadura do proletariado"[15]. A quarta fase distinguida por Hermann Weber associa tão simplesmente as palavras de ordem já citadas ao que Gilles Vergnon chama de "uma apreciação aberrante dos fatos". É o momento em que Thälmann se distingue realmente do universo stalinista inteiro por sua estupidez, com seu famoso artigo: "Alguns não querem ver a floresta social-democrata perante as árvores nacional-socialistas. [...] Se não vencemos a social-democracia, não poderemos bater o fascismo"[16]. Obedecendo a voz de seu mestre, *Die Rote Fahne*, em 2 de dezembro de 1931, fala de "república fascista", ao passo que Walter Ulbricht afirma que o governo Brüning – um político do Centro – é "o primeiro governo da ditadura fascista"[17]!

12. Stalin, *Works*, VI, p. 294.

13. Stalin, *Works*, VI, p. 282.

14. *Firtsov*, *op. cit.*, p. 106.

15. *Die Rote Fahne*, 14 de setembro de 1930.

16. E. Thälmann, "Quelques erreurs dans notre travail théorique et pratique et le moyen de les corriger", In: *Die Internationale*, n. 11-12, nov-dez, 1931, p. 492.

17. *Die Rote Fahne*, 2 de dezembro de 1931.

Não obstante, os revezes se acumulam e com eles o descontentamento. Organizações locais se revoltam. Quatro células de Charlottenburg, por 85 votos contra 15, aprovam uma resolução denunciando a linha do "social-fascismo" e reivindicam a liberdade de discussão dentro do partido. O KPD vira novamente e vai, como escreve Hermann Weber, "até as fronteiras da estratégia que excluía a frente única na cúpula"[18]. A guinada, por todas as evidências para livrar a cara, condena não a antiga linha, mas seus excessos: uma circular de 4 de junho de 1932 nota que "o fascismo hitlerista" tem interesse no enfraquecimento da social-democracia e escreve: "A orientação estratégica do golpe principal contra a social-democracia não significa, entretanto, em nenhum caso, que colocaremos antes de qualquer outra questão, em nossa agitação, a denúncia grosseira e sistemática do SPD"[19]. Essa última guinada é acolhida com entusiasmo e numerosas iniciativas são tomadas para ações comuns com as outras organizações operárias, inclusive com o SPD. Mas tudo acaba rápida e brutalmente com uma circular de 14 de julho de 1932, que fala de "erros imperdoáveis", lembrando que a frete única é somente pela base, que os acordos entre as direções são inadmissíveis, o mesmo para as reuniões comuns. E a direção do KPD volta atrás, depois desse breve episódio "unitário", por todas as evidências sob o flagelo do Executivo, à linha suicida que conduz uma circular de 26 de janeiro de 1933 ao descrever o SPD como "em vias de fascistização".

A recusa da frente única

O traço comum a toda essa extraordinária ginástica e a todas essas contorções – explicáveis pela dificuldade que existe em fazer com que os homens apliquem uma política suicida – é, na ocorrência, a determinação em apelo da direção da Comintern de impedir a conclusão de uma frente única na Alemanha entre o KPD e o SPD. Poderíamos multiplicar as afirmações insensatas. Tomaremo-nas emprestadas do livro de Frank, que colecionou algumas das maiores. Thälmann garante no XII *Plenum*: "Quanto mais forte colocarmos a questão da política de frente única pela base, mais facilmente eliminaremos os erros direitistas que deslocam a frente única em direção à cúpula, dentro da idéia de que isto poderá reforçar nossa posição nas massas"[20]. De seu lado, Willi Münzenberg garante: "ou o KPD formará um bloco com o SPD ou a classe operária alemã estará perdida por dez ou vinte anos: tal é a teoria de um fascismo contra-revolucionário completamente perdido. É a pior das teorias, a mais perigosa e a mais criminosa que Trotsky produziu em sua propaganda contra-revolucionária ao longo dos últimos anos"[21]. Piatnitsky escreve: "Os social-democratas freqüentemente avançam a palavra de ordem de unidade. E o renegado Trotsky

18. H. Weber, *op. cit.*, p. XLV.

19. *Ibidem*, p. 495 *sq.*

20. *Die Internationale*, nov-dez de 1931, Frank, *op. cit.*, p. 661.

21. *Rote Aufbau*, 15 de fevereiro de 1932, Frank, *op. cit.*, p. 661.

corre em seu socorro com a proposição de um 'bloco' entre comunistas e social-democratas. [...] Como podemos deduzir, a necessidade de estabelecer um 'bloco' com a social-democracia alemã, digamos, pela luta contra o fascismo, ao passo que a social-democracia alemã não faz nada além de ajudar os fascistas?"[22] Depois vêm os redatores do jornal da Juventude Comunista copiando, ampliado e aprofundando as asneiras de *Die Rote Fahne* ("Expulsem os Zörgiebéis"), preconizando os golpes contra os jovens socialistas na escola: "Expulsem os social-fascistas das empresas, das agências de colocações, *das escolas de aprendizagem*"[23]. Finalmente, é *Trommel*, jornal dos Pioneiros, órgão comunista para as crianças, que ousa escrever: "Atinjam e expulsem *das escolas e dos lugares de jogos* os pequenos Zörgiebéis!"[24]

É preciso sublinhar que esses erros da imprensa do KPD são denunciados, aqui, publicamente por Remmele, dirigente do KPD. Pierre Frank, que o indica, parece não se dar conta, entretanto, de que, ao proceder assim, o dirigente alemão coloca o primeiro pé no caminho em direção à oposição[25]. Não sabemos se foram encontrados malucos furiosos para propor igualmente atingir no ventre de suas mães "social-fascistas" os "pequenos Zörgiebéis" que ainda não vieram ao mundo, mas isto não sairia da lógica do stalinismo enraivecido, destes inimigos a todo custo da frente única. Na verdade, esses textos demonstram claramente que a política dita de "frente única pela base" era ainda mais oposta à política da frente única que o era a política de recusa pura e simples da frente única. Os exemplos anteriores mostram que ela desembocava na divisão, na luta física. E compreende-se melhor desde então como esta política iria inevitavelmente se desenvolver em frente única com os nazistas. A este respeito, como demonstrou Bernhard Bayerlein em seu inédito *Völker, hört die Signale!*, e que ficou conhecida como a *merkeríada*, o debate em torno das posições de Paul Merker, presidente da *Revolutionäre Gewerkschafts Opposition* (RGO) destituído em 1930, e de algum modo a hora da verdade, a expressão aberta das contradições e impasses da política stalinista. O miniaparato controlado pela RGO recorre aos meios mais extremos para conservar sua própria organização e as justificações de sua existência. É o sentido das declamações qualificadas de "esquerdistas", de Merker.

A resposta que Remmele lhe deu na *Die Internationale* – sua indignação a propósito da frase sobre "os pequenos Zörgiebéis" – é o resultado da tomada de consciência do que significa para o futuro da Alemanha operária e do comunismo alemão a ruptura em dois – definitiva – do movimento operário alemão. A ladeira em direção a uma tal ruptura era tanto mais forte na medida em que a agitação e a propaganda comunistas retomavam os próprios termos dos nacional-socialistas como, por exemplo, o de "popular", substituindo em seu programa e em suas perspectivas a "revolução proletária" pela "revolução popular" e lutando, como eles, contra a subordinação e pela libertação nacional da Alemanha. A este

22. *L'Internationale communiste*, 15 de março de 1932.

23. *Junge Garde*, citado por Remmele, *Die Internationale*, 1°-15 de março de 1981, p. 152.

24. *Trommel*, citado *ibidem*, p. 152.

25. Pierre Frank, *op. cit.*, p. 662.

respeito, a crítica de Remmele do emprego do termo de "social-fascista" como tendo um caráter global, orgânico, constitui uma resistência de peso à teoria do "social-fascismo". A importância do que estava em jogo explica sem dúvida o porquê do Secretariado Político da Comintern ter procurado evitar que se prolongasse uma discussão que, a seus olhos, não sem razão, seria perigosa para ele. Por uma vez, julgando como o rei Salomão, ele declara que Merker tinha ido muito longe, mas que Remmele caiu no excesso inverso.

A frente marrom-rubra

Assim, continuava intacta a deriva à direita, o alinhamento com a burguesia. A confusão nesse plano é grande. É assim que, em março de 1931, um oficial, o tenente Richard Scheringer, que fora preso por ter feito propaganda nacional-socialista no exército e ficara muito decepcionado com um encontro com Hitler, que ele qualificava de "César fantasiado de tirolês", ganhado na prisão por seus colegas de cela comunistas, anunciou seu alinhamento à política do KPD: "É somente em aliança com a URSS e depois da destruição do capitalismo na Alemanha que poderemos ser livres. Lenin mostrou o caminho quando proclamou as tarefas da guerra revolucionária pela defesa da pátria proletária contra os Estados das aves de rapina imperialistas"[26].

A decisão do KPD de participar do referendo prussiano mostrou a todos, pela primeira vez, uma aliança de fato entre nacional-socialistas e comunistas. O governo do *Land* da Prússia estava nas mãos dos social-democratas. Era evidentemente uma posição-chave que os nazistas estavam sedentos por conquistar. Eles se engajaram com os outros partidos de direita num referendo sobre a dissolução antecipada do *Landtag*, batizando a constatação de "plebiscito marrom". Atribuiu-se, durante muito tempo, a decisão comunista de ligar a posição dos nazistas à política comum da Comintern e do KPD do fascismo como o inimigo número um. Posteriormente, a revisão da história pós-Stalin conduzida por Walter Ulbricht trouxe outras conclusões que foram adotadas de olhos fechados por numerosos historiadores ocidentais. É uma coalizão entre Stalin e Heinz Neumann, o pior dos agentes alemães, dizia-se, que garantiu o apoio do KPD aos nazistas. Essa decisão teria sido imposta a uma direção do KPD muito reticente. O depoimento de Margarete Buber-Neumann, que contradizia todos os pontos, fora descartado com desprezo como vindo de uma mulher e, ainda mais, a mulher de um dos "acusados".

De fato, os depoimentos descobertos nos arquivos acessíveis (por um breve instante) em Moscou são formais. Thälmann hesitava muito, Neumann estava a favor da participação na votação e a oposição entre os dois homens fora muito viva e desembocou numa verdadeira rixa entre os dois – com socos – no BP. Parece, portanto, indiscutível que a direção do KPD se pronunciou, num primeiro momento, a favor do boicote[27], ao passo que

26. *Die Junge Garde*, n. 27, 24 de março de 1931.

27. Cartas de Pieck, 20 e 29 de julho, RTsKhIDNI, F 495 op 292 D 54 L 182-183 & ibid 190-1.

Remmele propusera, de sua parte, ultrapassar a iniciativa da direita com uma iniciativa comunista. Os historiadores da RDA, nos tempos de Ulbricht, acabaram por afirmar aquilo que os observadores competentes tinham farejado: Stalin e Molotov impuseram à comissão política da Comintern a decisão de participar, portanto, de votar junto com os nazistas[28], mas essa confissão devia, na época em que ela foi feita, carregar um pouco mais no ato de acusação contra Neumann, inimigo de Ulbricht. De fato, é difícil atribuir um papel decisivo, nesse caso, a Heinz Neumann, que pesava tanto quanto qualquer outro dirigente do partido comunista. Os dirigentes russos desejavam, com efeito, a queda do governo social-democrata da Prússia porque era contra a social-democracia que eles queriam desferir o "golpe decisivo". Em 7 de junho, a revista da Comintern lembrava, em seu editorial, que "todas as forças do partido deveriam ser colocadas na luta contra a social-democracia"[29].

Em 21 de setembro, a direção do KPD apresentou então, ao SPD, condições que ela sabia que ele não poderia aceitar, o que facilitou ao seu CC a decisão, tomada no dia 22, de se submeter à decisão de Moscou e de chamar a votar "sim" no referendo. Assim, para não chamar a votar contra os "social-fascistas" no plebiscito marrom – o que passaria com dificuldade –, os comunistas chamaram a fazê-lo nos marcos do "plebiscito vermelho". Obviamente, com exceção da cor, era no mesmo que davam os discursos e os jornais. Durante a campanha do referendo, com o aparecimento do tenente Scheringer, viu-se nascer a *Aufbruch*, animada por oficiais, dentre os quais o tenente da polícia Gerhardt Giesecke. Explicava-se, aqui, que a "revolução popular" e a "guerra revolucionária de libertação" dariam um sentido ao sacrifício daqueles que foram mortos durante a I Guerra Mundial a uma "Alemanha livre".

Porém, as cédulas de voto, por sua vez, não foram nem vermelhas, nem marrons. Seria preciso 25 milhões de votos para vencer. O bloco comunista-nazista não conseguiu nem a metade. O governo social-democrata prussiano pôde continuar no lugar. Numerosos eleitores comunistas faltaram ao chamado daqueles que votaram com os nazistas. Aos trabalhadores vindos à sede central perguntar se, depois de tudo, um governo Braun-Severing social-democrata como o da Prússia não era melhor que um governo Hitler-Goebbels, Thälmann respondia que a eles faltava consciência de classe: "Essa influência que exerce, nas fileiras dos operários revolucionários, a ideologia traidora dos mentirosos social-democratas, esses resíduos do pensamento social-democrata em nossas fileiras, eis aí, declaramos de pleno acordo com as decisões do XI *Plenum*, o perigo mais sério que ameaça o Partido Comunista"[30]. O *Politsekretariat* da Comintern, considerando a posição tomada como absolutamente judiciosa, escrevia, em sua resolução de 18 de setembro de 1931, este balanço entusiasmado sem vínculo algum com a realidade:

28. *Geschichte der Abeiterbewegung*, III, p. 302 *sq*.

29. "Resolução do *Polburo* CEIC sobre o plebiscito", 18 de setembro de 1931, RTsKhIDNI, F 495 op 292 D 54 op. 20, D 187, L 175-179 (Manuilsky).

30. E. Thälmann, *Hamburguer Volkszeitung*, 30 de setembro de 1931.

> O referendo, cuja origem remonta à iniciativa dos fascistas que procuravam, de maneira demagógica, reforçar suas posições através de manobras da oposição, mudou de caráter com a imissção do Partido Comunista. Ele fez do plebiscito um instrumento de luta contra as ilusões democráticas das massas e contra a teoria do menor mal e pela mobilização das massas contra o fascismo, contra a ofensiva do capital, contra a social-democracia alemã, que é o apoio principal da burguesia alemã em sua luta por uma saída capitalista da crise.[31]

Em setembro de 1931, o líder social-democrata Rudolf Breitscheid declara que, se a situação continuasse a se agravar em proveito dos nazistas, o Partido Social-Democrata deveria se orientar para uma frente única com o KPD. Thälmann denuncia, rapidamente, as "manobras do social-fascismo" e as "ameaças" que ele dirigia ao KPD! De fato, as relações entre comunistas e nazistas revelam o que somente alguns observadores tinham revelado na época e que é a conclusão de E. H. Carr. A política exterior da URSS não estava nem um pouco preocupada com o perigo da chegada dos nazistas ao poder, uma vez que ela pensava que eles continuariam a política de alianças com ela contra Versalhes e o Ocidente. Até então, eles rejeitavam essa hipótese com desprezo. *Die Rote Fahne* escrevia no dia 15 de setembro de 1930: "A última noite foi o dia mais bonito do Sr. Hitler, mas a pretensa vitória dos nazistas é o começo do fim". E, no dia seguinte: "O 14 de setembro foi o apogeu do movimento nacional-socialista na Alemanha. Tudo o que virá depois será seu declínio e queda"[32]. Em seguida, considerando que a vitória do nazismo não deveria durar muito, e também que ela provocaria o desmoronamento e o desaparecimento da social-democracia alemã, eles concluíam que, depois de tudo, a vitória de Hitler bem que poderia ser uma etapa que os aproximaria do poder. A idéia é atribuída a Remmele, que a apresentou da maneira mais crua, e ela foi condensada na fórmula cortante que resume bem os preconceitos possíveis dos dirigentes do KPD, de 1931 a 1933: "Depois de Hitler, será nossa vez!" Em 14 de outubro de 1930, o mesmo Remmele pronuncia um discurso político no *Reichstag*:

> O Sr. Brüning o diz muito francamente: quando eles [os nazistas] estiverem no poder, a frente única do proletariado se constituirá e varrerá tudo. [...] Nós somos os vencedores do dia seguinte, e aí então a questão não será mais saber quem vencerá quem. Tal questão já foi respondida. De agora em diante, a questão se apresenta da seguinte forma: "Quando derrubaremos a burguesia?" [...] Não temos medo dos senhores fascistas. Eles vão descartar sua última mão muito mais rápido que todos os outros governos.[33]

No desenrolar cotidiano, viram-se muitos ziguezagues que hoje podemos imaginar quanto abalaram e desorientaram os militantes ao fazê-los passar em menos de 24 horas do quente ao frio.

31. Resolução de 18 de setembro de 1931, *cf* n. 30.

32. *Die Rote Fahne*, 16 de setembro de 1930.

33. *Ibidem*, 15 de outubro de 1930.

Os ziguezagues e as "nuances"

Sem dúvida, é preciso levar em conta o conteúdo real do refrão dos dirigentes soviéticos da época, "o perigo da guerra". A passagem é perceptível desde o VI Congresso, quando, como em todo o período precedente, a revolução era considerada como o único meio de impedir a guerra. Pouco a pouco, começa-se a sugerir que se abster de fazer a revolução é que impediria a guerra. E. H. Carr garante que a única asserção em sentido contrário, "um desenlace revolucionário" que colocaria fim a um "'aventureirismo militar desgovernado", encontra-se sob a pluma do diplomata Karakhane[34].

A este respeito, a atitude de Heinz Neumann intrigou muito os pesquisadores. Num grande discurso em Berlim, em 8 de setembro de 1931, numa tribuna em que os dirigentes do SPD recusaram as cadeiras que o KPD lhes oferecera, ele apresenta um programa de ação moderado – acerca do qual sabemos hoje que ele não era o autor, contrariamente a muitas afirmações – e afirma: "Uma Alemanha socialista será uma Alemanha soviética [...] com um governo soviético dos sovietes eleitos pelos proletários, camponeses e os outros trabalhadores"[35]. A parte que ele tomou em seu enfrentamento sistemático com os nazistas, sua crítica à Comuna de Paris em seu artigo da *Pravda*, de 18 de março, a reprovação que ele fez de não ter "sabido exterminar seus inimigos", fazem dele um perigo de aventura.

Knorin faz-lhe eco ao intitular seu artigo da *Pravda*, de 7 de novembro, "A social-democracia mundial na luta contra o entusiasmo revolucionário das massas". Thälmann administra a ducha num longo artigo de *Die Internationale* intitulado "Alguns erros em nosso trabalho teórico e a maneira de superá-los". É a lição. A fraqueza na luta contra a social-democracia e contra o nazismo fez com que não tenhamos realizado a "frente única vermelha" (*sic*). Deixamo-nos desviar da luta pela conquista do proletariado pela palavra de ordem da "revolução popular". Finalmente, o KPD cedeu mais ou menos "à ideologia do terror individual, das operações aventureiras, etc". A conclusão é clara: "A luta revolucionária imediata pelo poder não está mais na ordem do dia, [...] o partido deve ajudar no amadurecimento das pré-condições da crise revolucionária"[36].

Tudo isto, a reiteração da gemelidade do fascismo e da social-democracia, a crítica daqueles que, no KPD, acreditam que a palavra de ordem de "libertação nacional" está em oposição ao internacionalismo operário, descortina uma tela entre o partido e a realidade política. Ele se recusa a discutir o perigo nazista ao afirmar que não é trabalho dos comunistas se perguntar o que a burguesia fará se ela escapar da crise econômica sem revolução proletária. Ora, a garantia, dizia-se então, dada por von Schleicher e von Hammerstein ao embaixador soviético, de que Hitler não chegaria jamais à chancelaria ou à presidência aparece aos dirigentes soviéticos como um compromisso de respeitar os acordos de colaboração militar que são para eles uma peça essencial de seu dispositivo de defesa.

34. E. H. Carr, *op. cit.*, p. 44.

35. *Die Rote Fahne*, 9 de setembro de 1931.

36. E. Thälmann, "Quelques erreurs...", *loc. cit.*

O KPD stalinizado

Uma das questões que requer imediatamente um exame, mesmo que sumário, da política do KPD em face de Hitler é a de saber como foi possível que um partido que reivindicava o marxismo pudesse aceitar uma política que conduzia ao desastre, a saber, a destruição por décadas do movimento operário organizado. O KPD não é um grande partido de massas, porém está longe de ser uma seita. Em setembro de 1930, recolhera 13,1% dos votos; em julho de 1932, obtém 14,3%, atingindo em novembro de 1932 16,9%, ganhando mais de 700 mil eleitores a cada uma das duas últimas consultas eleitorais. Portanto, neste plano, é uma força que não pode ser negligenciada. Sobre o plano dos efetivos, progrediu fortemente também. Tem 143 mil aderentes em 1927; 133 mil em janeiro de 1930; 180 mil em dezembro do mesmo ano; entre 320 mil e 360 mil ao final de 1932; segundo as estimativas, em torno de 300 mil no momento de sua dissolução, de acordo com Piatnitsky. Esse crescimento numérico, que o aproxima daquilo que fora na época das grandes esperanças, no momento da adesão à Comintern do USPD, em 1920, não é acompanhado de um desenvolvimento qualitativo paralelo comparável de sua estabilidade, de suas capacidades de ação, de seu peso na sociedade. Segundo a excelente fórmula de Gilles Vergnon, "não há desenvolvimento linear do KPD de 1927 ao de 1933, há a constituição de um novo partido, sob as ruínas do primeiro"[37].

O crescimento numérico é o resultado, com efeito, da combinação entre as adesões massivas e desligamentos importantes. O ano de 1930 vê-lo registrar 143 mil adesões, ou seja, mais que o total dos efetivos do começo do ano, 133 mil. Mas, em dezembro, há somente 180 mil membros, que são explicados pelos 95 mil membros que se desligaram durante o mesmo período. Ao longo do primeiro trimestre de 1932, o partido registra 94 mil adesões e 53 mil desligamentos. Certamente, há pessoas que entraram e saíram; contudo, as taxas de desligamento são impressionantes, e a hipótese mais provável, corroborada aliás por depoimentos, é que são os antigos que se desligaram em massa perante a política do "social-fascismo" como inimigo principal e seus resultados previsíveis.

A composição do partido também mudou profundamente. Em 1927, contava com 68% de operários da indústria, majoritariamente operários qualificados. Trinta e três por cento de seus membros tinham menos de 30 anos; 32,7% entre 30 e 40 anos. Seus militantes tinham um passado: 30,3% deles pertenceram ao SPD. Ora, a porcentagem dos operários caía a 32% em 1932; 11% em 1933. A proporção dos desempregados, que não pára de aumentar, é mais importante no partido que na sociedade.

Podemos fazer as mesmas constatações com o número de células de empresa, que fora o orgulho do partido alemão dos tempos da "bolchevização". Ao fim de 1932, não há mais de 2.210 delas, ao lado de seis mil células de bairro e de 6.500 grupos locais e a maior parte é constituída de militantes "trazidos" do exterior. Ao mesmo tempo, a influência sindical do partido se enfraqueceu. Dez por cento de seus militantes são filiados à ADGB,

37. G. Vegnon, *loc. cit.*, p. 20.

em que o KPD dirige somente 250 uniões locais das 13.129 existentes. A oposição sindical que ele anima, a RGO, conta somente com 160 mil membros.

Para Gilles Vergnon, trata-se de uma "organização literalmente construída sobre a areia e aberta a todos os ventos"[38]. Ela cita uma interessante carta de um ex-dirigente dos estudantes comunistas, Boris Goldenberg, amigo de Sedov, que escreveu, a esse respeito, a Trotsky em janeiro de 1931. Goldenberg, no começo de 1932, indica que 66% dos quadros do KPD em Berlim têm menos de três anos de história no partido e que, nacionalmente, o partido tem 20% de membros operários (dos quais vai perder a metade no ano que virá), 50 a 60 mil, ou seja, entre 0,7 e 0,8% do total dos trabalhadores industriais da Alemanha. Ele explica que, em sua opinião, as adesões não resultam da política do KPD, mas se dão numa base de protesto contra a crise e contra a falência do reformismo social-democrata. Os velhos militantes se desligaram do partido, sendo expulsos ou tendo ido embora: três quartos daqueles que tinham vindo da *Spartakus* ou do USPD em Halle! Alguns antigos – os que não foram corrompidos – continuaram no partido, mas totalmente inativos. Ele acrescenta que a massa de aderentes é "uma tropa de carneiros" e a burocratização "uma arteriosclerose de cima a baixo"[39].

Werner Scholem, sob um pseudônimo, estudou, no fim de 1931 – começo de 1932, o funcionamento de uma célula de rua. Ele escreve, num artigo, que o grosso das adesões consiste em uma massa de "intelectuais, pequeno-burgueses falidos, assalariados e técnicos desempregados; em resumo, pessoas pertencentes à classe média esmagada que eram antes indiferentes, revoltam-se agora contra uma miséria surgida brutalmente e pensam que é preciso que algo aconteça. E acrescenta: "Muitos deles tornam-se fascistas, mas muitos deles se filiam ao KPD"[40]. Ele frisa a ausência dos operários, para quem o partido não sabe combater, o absenteísmo generalizado, 20 a 30 presentes no mais das vezes para 70 a 80 aderentes. E constata: "Os velhos militantes não vêm, primeiro, porque eles estão interiormente dilacerados e não acreditam mais em nada, depois, porque eles simpatizam com a oposição e não querem mais sair"[41]. Scholem divide os presentes em duas categorias. De uma parte, os permanentes, assalariados do partido, do Socorro Vermelho, da RGO, de uma empresa soviética. "São estes os elementos que aterrorizam a célula e aprovam com entusiasmo toda linha que garantisse suas gratificações. Neste momento, eles pregam sobre a ordem de que o fascismo já estaria lá. Na verdade, eles tremem perante o fascismo que se aproxima, pois sabem que quando o momento chegar, Teddy e Remmele picarão a mula para Moscou, ao passo que eles próprios serão abandonados aos punhais"[42]. Os outros são militantes ativos sem que isto lhes traga nada, a maior parte do tempo são jovens que se lançam na ação com ardor, são rapidamente

38. G. Vergnon, *loc.cit.*, p. 21.

39. Citado *ibidem*, p. 21.

40. Citado *ibidem*, p. 21-22.

41. Citado por G. Vergnon, *loc. cit.*, p. 24.

42. *Ibidem*.

desiludidos e vão embora ou param de militar ativamente. Outros os substituem, e farão exatamente como eles.

Walter Rist, estudando a flutuação dos efetivos, mostra que quando do congresso de Berlim, em 1932, 44% dos delegados têm menos de um ano de partido; 22% de um a três anos; 15,4% de três a quatro anos. Sobre a teoria clássica – exposta pela primeira vez por Franz Borkenau – que pretende que a oposição na Alemanha entre o SPD e o KPD fora de natureza social, o KPD sendo "o partido dos desempregados e dos jovens" e o SPD o dos "trabalhadores idosos" e que esta situação de fato tornou impossível toda frente única entre formações apresentando bases sociais opostas, Gilles Vergnon faz importantes observações:

> Pensamos que é preciso principalmente derrubar essa perspectiva: foi a linha imposta pela Comintern que impedia que o KPD encontrasse uma base social estável e destruiu a que existia anteriormente. Inversamente, esta mesma linha suscitava a base social apropriada: um aparato de funcionários domesticados e uma massa flutuante de jovens desempregados desesperados. Os desempregados comunistas de 1932 não são em sua maioria operários comunistas de 1927, vítimas de demissões econômicas ou de uma repressão interna às empresas. Os desempregados são *novos* aderentes e os "velhos" militantes ou partiram, ou mantiveram uma adesão completamente passiva, ou ainda militam nas "organizações-irmãs" do KPD, como a *Internationale Rote Hilfe* (Socorro Vermelho Internacional) que conta, no começo de 1931, com 131 mil comunistas dos 338 mil aderentes, principalmente as organizações de defesa antifascistas como o prestigioso *Rote Frontkämpferbund*.[43]

Relevemos, também, ainda segundo Eva Rosenhaft e Gilles Vergnon, curiosas tentativas de "teorização" da situação, por exemplo, quanto à importância do número dos desempregados. O secretário geral da Profintern, Lozovsky, garante que os desempregados são os primeiros a saírem às ruas, que eles não são aterrorizados pela idéia de serem presos e que eles encontram mais facilmente a via em direção "às formas de luta mais elevadas". Para o 70° aniversário da Comuna de Paris, que ele identifica com uma "revolução popular", *Die Rote Fahne* reproduz, em 18 de março de 1931, um artigo de Heinz Neumann que compara a Guarda Nacional parisiense de 1871 aos grupos de defesa dos desempregados alemães.

Uma oposição dentro do aparato?

Os arquivos da Comintern em Moscou liberaram um certo número de documentos concernentes à oposição Remmele-Neumann, a respeito da qual não sabíamos grande

43. *Ibidem*, pp. 22-23.

coisa[44]. Parece, entretanto, que faltam os mais importantes: aqueles que custaram a morte a esses dois homens, durante muito tempo grandes personagens da hierarquia stalinista na Comintern e no KPD. Esses documentos estão nos arquivos da KGB e serão, um dia, vendidos e publicados, como os outros o foram, talvez nas piores condições, por amadores – em todos os sentidos do termo: tanto amadores em história como amadores de sensação.

Heinz Neumann era, sem dúvida, a segunda personagem do KPD, depois de "Teddy" Thälmann. Saído de uma família judia abastada, veio muito cedo ao comunismo, filiando-se ao partido em 1920, com 18 anos. Chamou atenção por seu conhecimento lingüístico, suas excepcionais qualidades de intelectual, sua coragem física e seu talento de orador. De início, seguira Ruth Fischer e se desligou no momento certo. Ele chamou a atenção de Stalin em 1922, em Moscou, e este se esforçou para se ligar a ele, tratando-o de amigo, confiando-lhe o "trabalho sujo" enquanto homem de confiança. Victor Serge deixou em suas memórias um perfil dele em 1923 que nenhum dos historiadores que o desqualificam parece ter lido:

> Heinz Neumann, jovem pálido e gozador, brinca de conspiração com um brio de ator apaixonado e uma coragem autêntica. [...] 25 anos, palavras em que se encontram a criancice e o cinismo, uma faculdade de assimilação de uma criança prodígia, o sentido da história, o julgamento impiedoso sobre os velhos, o amor de uma classe operária teórica ao lado da qual a classe operária real não passa de um material humano muito imperfeito.[45]

Com Lominadze, ele fora um dos dois emissários da Comintern em Cantão, no crepúsculo da tragédia chinesa e fora apelidado de "o carrasco de Cantão".

Em seu retorno à Alemanha, em 1928, ele, naturalmente, fez parte da direção do KPD, onde foi um dos mais cínicos partidários da submissão do partido a Stalin. Ele era o principal tenente de Teddy Thälmann e, de uma certa maneira, seu mentor. Ele fora o campeão e, um pouco, o símbolo da luta física contra os nazistas, brutalmente interrompida em maio de 1931. Neumann tem vínculos internacionais, pois ele é, desde muito, o amigo pessoal de Besso Lominadze, ex-dirigente da JC, mas principalmente da KIM, queridinho de Stalin. Esse jovem georgiano, uma força da natureza, animou, a partir de 1930, um grupo oposicionista, com notadamente os ex-dirigentes da JC Lazar Chatskin e Jan Sten. Ele faz parte, em 1932, do "bloco das oposições", constituído sob a égide de I. N. Smirnov e de seu grupo; com os zinovievistas, os ex-"sem-chefes" de Safarov e Tarkhanov.

Hermann Remmele tinha quase 20 anos a mais que Neumann. Metalúrgico, social-democrata, líder dos Independentes de esquerda, ele seguira o caminho clássico, da esquerda ao centro em 1923, sucedendo-se a Brandler na presidência do partido, de onde fora afastado alguns meses mais tarde. Ele voltara como braço direito de Thälmann. Pequeno e atarracado, intelectualmente pesado, brutal em seus modos, certamente deteve o

44. Ver notadamente RTsKhIDNI, 495/19/243 e 19/337.

45. V. Serge, *Mémoires d'un révolutionnaire*, p. 182.

recorde absoluto das fórmulas provocadoras para resumir a política da Comintern na Alemanha em face do perigo nazista. Em sua obra inédita, *Völker, hört die Signale!*, Bernhard Bayerlein mostra claramente que as primeiras contestações dos dois homens remontam a 1930. Ele mostra que é precisamente Remmele quem, de início, no interior da direção do KPD, ataca a política do "social-fascismo" quando da discussão sobre o caso Merker e a propósito de um artigo já citado sobre "os pequenos Zörgiebéis". Para ele, "social-fascismo" é uma caracterização de mesmo valor que "social-chauvinista" ou "social-imperialista" e não constitui uma cristalização nova a partir da social-democracia.

Esses dois homens tão diferentes entre si se encontraram na oposição, juntos, a uma direção onde eles estavam, a uma política que eles haviam imposto, a um aparato ao qual eles haviam servido. Temos sobre seus sentimentos o testemunho interessantíssimo de uma mulher inteligente que viveu este período com os olhos abertos: Margarete Buber-Neumann, a companheira de Heinz. Talvez ela não tenha conhecido a atividade oposicionista de seu companheiro no varejo. Porém, mesmo se o grande historiador E. H. Carr rejeita em bloco seu depoimento sem dar nenhuma outra razão que seus próprios preconceitos, ela ao menos compreendeu as grandes linhas da evolução de seu estado de espírito em diferentes momentos. Depois de tê-lo descrito como um comunista "estrito", Margarete relata suas primeiras dúvidas:

> Neumann, que proclamava, ainda em 1931, nas tribunas e nos palanques, a linha política dos comunistas, estava no bom caminho para se tornar um "inimigo do partido", um "oposicionista". Já por ocasião do "referendo vermelho", Neumann percebeu que uma nova política alemã da Comintern, tão desprezível quando perigosa, estava em preparação. Essa manobra fatal e essa lucidez tardia provocaram a formação do que se chamou o grupo Neumann. Certamente, em julho de 1931, Neumann inclinou-se perante a disciplina do partido e participou da campanha por uma frente comum com a direita que deveria preparar o referendo, mas ele não aprovara esta política.

Voltaremos às duas expressões de "manobra fatal" e "lucidez tardia". Ela prossegue:

> Ele não estava atingido por uma cegueira. Ele via o perigo fascista com lucidez. [...] Será que ele percebeu que a nova política da Comintern, que substituía a palavra de ordem "Atinjam os fascistas onde quer que eles estejam" por aquela da "discussão" e mesmo da aliança temporária com os nazistas, correspondia à política exterior de Stalin? Eu não poderia dizê-lo. Ele se opunha, em todo caso, a esta política nova e continuava a preconizar uma luta inequívoca contra o adversário nacional-socialista.[46]

Mesmo que não dispusermos de nenhum documento que permita datar o nascimento do "grupo Neumann-Remmele", podemos situá-lo nos dias seguintes do caso do

46. M. Buber-Neumann, *La Révolution mondiale*, p. 288-289.

referendo da Prússia ou no desenrolar de sua preparação. As memórias de Margarete Buber-Neumann traem seu embaraço. É impossível segui-la quando ela garante que Heinz Neumann teria se "inclinado por disciplina". Está fora de dúvida que ele foi parte importante naquilo que ela chama de "manobra fatal". Podemos imaginar, por outro lado, que lhe tenha ocorrido uma "lucidez tardia"[47]. O descontentamento latente à direção se cristaliza pouco a pouco sob a forma de um grupo:

> As críticas de Neumann encontraram de início um eco no círculo de seus próprios amigos: Willi Münzenberg e Leo Flieg, mas também em Hermann Remmele. Quanto às excursões comuns dominicais, nós não tomávamos precauções oratórias. E não rejeitávamos somente a nova tática de combate contra os nazistas. A crítica se estendia à pessoa de Ernst Thälmann [com quem] tornava-se cada vez mais difícil colaborar.[48]

O relato da companheira de Neumann mostra a discussão sobre suas posições se estendendo pouco a pouco – BP, CC do partido, direção da JC, que se declarou de acordo com ele – mas ela precisa bem que nada transpirava aos escalões inferiores: "A grande massa dos membros do partido não desconfiava que existia um 'grupo Neumann', rebatizado mais tarde de 'grupo Neumann-Remmele'. Não havia nenhuma discussão nas unidades de base. A oposição continuava afastada da opinião pública do partido"[49]. Segundo ela, tratava-se, no fundo, de uma conspiração para realizar uma "revolução de palácio", mudar a direção e colocar Moscou perante o fato consumado. Certamente, esta "atividade de grupo" foi rapidamente detectada. Por diversas vezes, Neumann e Remmele foram convocados a Moscou com Thälmann para ouvir que se esperava deles uma cooperação leal. Margarete Buber-Neumann nota que não é sem razão que Neumann poderia ser acusado de "duplicidade", pois ele se inclinava a Moscou e retomava, em seguida, sua política de oposição quando de seu retorno a Berlim. Ela tem uma lembrança precisa: uma conversa, em novembro de 1931, de Heinz Neumann com Stalin, cujo conteúdo o primeiro lhe relatou desde sua chegada à estação Friedrichstrasse de Berlim:

> Ao longo dessa conversa, Neumann procurou justificar sua política ao invocar a ameaça crescente do nazismo, ao que Stalin o interrompe para perguntar: "O senhor não acredita, Neumann, que se acontecer dos nacionalistas tomarem o poder na Alemanha, eles se ocuparão de tão perto do Ocidente que nós teremos toda a chance de acelerar o socialismo?" Não sei o que Neumann respondeu. [...] Nós não aceitávamos que essas palavras pudessem encerrar o desenho da política externa de Stalin; além do mais, não paramos de pensar que isto seria um último aviso dirigido a Neumann...[50]

47. A volta em torno dessa questão foi feita pela tese e um artigo de Martin Misevius, "New Documents and New Evidences on the 'Red referendum' against Prussia, August 9, 1931", In: *The International Newsletter of Historical Studies on Comintern, Communism and Stalinism*, n. 7-8, p. 72-82, que publica os documentos essenciais do debate, a partir dos arquivos de Moscou e dos arquivos centrais do partido em Berlim, SAPMO.

48. M. Buber-Neumann, *op. cit.*, p. 290.

49. M. Buber-Neumann, *op. cit.*

Uma leitura ativa dos artigos de Neumann mostra indícios que creditam o depoimento de sua companheira. Ele não garante, por exemplo, em *Die Rote Fahne*, de 2 de dezembro de 1930, retocando assim seriamente, talvez mesmo sem ter consciência, o tema central da "revolução popular": "Nunca antes o proletariado revolucionário teve perspectivas melhores que agora de se tornar um verdadeiro dirigente de uma *revolução popular no sentido de Karl Marx*"[51].

Na outra extremidade desse período, seu último texto a publicar – um discurso de 1° de março – no órgão central do KPD, em 2 de março de 1932, prediz que o vencedor da eleição presidencial não será em última análise nem Hindenburg, nem Hitler, mas "o bolchevismo"[52]. A preciosa testemunha que é Margarete Buber-Neumann descreve com precisão o estado de espírito dos novos oponentes, o que ela considerar como suas ilusões, sua inconsciência, a inexistência de suas chances de sucesso. Ela releva, contudo:

> Um novo impulso anima os oponentes comunistas desde que eles se desviaram da linha do partido. Eles respiram enfim por não mais serem obrigados a dizer "amém" a tudo o que vem de Moscou. Eles podem então deixar o curso livre a seus ressentimentos. [...] Seus "senhores", perante quem eles se prostraram na poeira, colocam-se a chamá-los de "bando" ou "matilha". Eles provam algo que se parece com a liberdade. [...] A oposição faz deles agressivos e presunçosos.[53]

O "grupo" desmascarado

No fim de abril de 1932, o CEIC decide desobrigar Heinz Neumann de todas suas responsabilidades no KPD; o CC do KPD suspende Neumann e Flieg em 24 de maio e os convoca a Moscou. Contrariamente ao que afirma E. H. Carr – decididamente, aqui, tão errôneo quanto parcial – ele sofre sanções severas. Um relatório ao CEIC, que se encontra nos arquivos de Moscou[54], esclarece um pouco o desenrolar da crise. Há desacordos políticos reais: Remmele e seus amigos querem que se utilizem as reivindicações operárias para organizar a luta dos trabalhadores, *prop-greves*, manifestações, reuniões públicas de mobilização. Schehr, Ulbricht e Thälmann opõem-se. Eles estimam que a burguesia alemã segue o Centro, ao passo que os primeiros crêem que quem é agora seu porta-voz é a *Reichswehr*.

50. *Ibidem*, p. 291.

51. *Die Rote Fahne*, 2 de dezembro de 1930 (sublinhado por mim).

52. *Ibidem*, 2 de março de 1932.

53. M. Buber-Neumann, *op. cit.*, p. 293.

54. Relatório ao CEIC, 8 de junho de 1932, RTsKhIDNI, 495/19/704.

Além do mais, é bem uma fração que se constituiu na cúpula do KPD. Conforme o costume, seus membros utilizam pseudônimos, mas é uma inovação atribuir a seus adversários nomes de guerra, curiosamente femininos. Os conspiradores são conduzidos por Erich e Oscar (Remmele e Neumann). O adversário é dirigido por Hilda (Stalin) flanqueado por Bertha, Magda e Irma (Kaganovitch, Manuilsky, Ulbricht). As sanções permitem calibrar a força da oposição. Dentre os responsáveis atingidos, encontram-se Ernst Reinhard, redator-chefe de *Die Rote Fahne*, enviado ao Ruhr; o secretário de organização do distrito de Berlim, Albert Kuntz, transferido para Frankfurt; o responsável do escritório de imprensa, Paul Langner, enviado a Hamburgo; Karl Fischer, destituído da antiga direção do distrito de Bade-Pfalz. Alfred Hiller, presidente da Juventude Comunista (KJVD); Kurt Müller, dito Kutschi, seu ex-presidente, que se encontra em Moscou; o filho de Remmele, Helmuth, todos os três responsáveis da Juventude, foram também comprometidos. Dentre outros dirigentes, se não comprometidos, ao menos suspeitos, podemos citar Fritz Heckert e Walter Stoecker; a responsável do departamento feminino, Roberta Gropper; Ottomar Geschke, Anton Säfkow e Franz Dahlem. Remmele e Dahlem protestam vivamente. Porém, nada foi ouvido no exterior, até mesmo na base por ora, ao passo que as transferências provocaram bastantes ruídos.

É *Die Permanente Revolution*, o órgão da Oposição de Esquerda alemã, que torna o caso público num artigo assinado por "K". Margarete Buber-Neumann releva-o com um pouco de surpresa, ao que parece, e indica mesmo que seu comentário "não carecia de humor". Essa mulher que pertencia ao *establishment* do KPD ignorava que o autor do artigo em questão era Werner Scholem, veterano do partido, jornalista calejado conhecido por seu humor[55]. Em todo caso, Scholem, por sua vez, tinha informantes bem colocados. O jornal oposicionista, em seu número, de junho de 1932, sob o título "De Flieg a Pieck", assinala a convocação a Moscou de Neumann, acusado de ter "depreciado Teddy, o fetiche que se esculpiu a si mesmo", de Leo Flieg, que, havia seis anos, garantia o trabalho administrativo do secretariado, assim como Wilhelm Pieck, ao passo que Franz Dahlem teve que ceder seu lugar a Ulbricht, que o "Ulisses" Münzenberg evitou por pouco "a viagem", que o ex-redator-chefe de *Die Rote Fahne*, Ernst Reinhard, estava na berlinda. Todas essas informações são exatas. E também o julgamento sobre aquele que Scholem chama de "o touro que só faz enojar todo indivíduo correto", a saber, Herbert Wehner que, depois de uma segunda carreira na social-democracia, iria ser desmascarado em 1993[56]. Nos bastidores, já começou um interminável processo, conduzido pelos homens do trabalho sujo, os policiais do partido Herbert Wehner e Walter Ulbricht, o amigo de Erich Mielke, o homem que abateu deliberadamente dois policiais. Anos mais tarde, nas recordações escritas quando ele era membro influente da direção do SPD, Herbert Wehner fala ainda do "trabalho de

55. Devo esta informação ao saudoso Erwin Ackerknecht, dito Bauer, que era editor de *Die Permanente Revolution* e teve a gentileza de escrever com seu próprio punho sobre meu exemplar em *reprint* a identidade real dos autores dos artigos importantes, dentre os quais esse de que tratamos.

56. *Die Permanente Revolution*, n. 8, abril de 1932, p. 8 e 11.

clique" de Neumann e Remmele. Ulbricht apresenta o relatório sobre o caso Neumann ao congresso do distrito de Berlim-Brandenburgo, em setembro. Na III Conferência Nacional do KPD, em outubro de 1932, chovem ataques sobre Neumann, acusado de todos os erros do partido desde 1929 e de três crimes maiores: ter constituído um grupo fracional; ter tentado desacreditar a direção do partido e ter tentado dirigir contra ela a direção da JC. Heinz Neumann não voltará nunca mais à Alemanha. Por ora, ele foi enviado como "instrutor" junto ao Partido Comunista Espanhol.

Talvez a descoberta da atividade do grupo de Neumann e os simpatizantes dos quais ele se beneficia explicam o que alguns chamam de "guinada antifascista" do KPD e a energia com que Thälmann desmente que o partido esteja indiferente ao perigo nazista, ao mesmo tempo em que a *Pravda* opera uma distinção sutil entre "fascismo e social-fascismo". Thälmann irá mesmo assegurar que os gêmeos têm uma composição social diferente e que é preciso empregar métodos diferentes para trazer seus membros à... frente única. Algumas semanas mais tarde, uma circular do Executivo, assinada por Knorin, condena todos os chamados à social-democracia[57]. O resultado é evidentemente um partido mergulhado na confusão e na divisão, próximo do desencorajamento ou da cólera.

O KPD na confusão

Em 13 de março de 1932, no primeiro turno da eleição presidencial, o presidente em fim de mandato, o marechal Hindenburg, apoiado como um "mal menor" pelos social-democratas, obteve 18,6 milhões de votos; Hitler, 11,3 milhões, e Thälmann, cinco milhões. O fim de semana do segundo turno foi um dos mais violentos da história contemporânea com os nazistas atacando de todos os lados. Finalmente, Hindenburg ganha com 19 milhões de votos; Thälmann, que se manteve no segundo turno, perdeu um milhão. Três dias mais tarde, o chanceler Brüning decidiu dissolver os SAs como formação paramilitar, mas não tocou no Partido Nazista. A vitória desse último nas eleições dos *Länder* convenceu Hindenburg a demitir Brüning, já gasto, e a chamar para o posto de chanceler do *Reich* (chefe do governo) o diplomata Franz von Papen, que não tinha medo de fazer acordo com Hitler. Em 16 de julho, o exército marrom ressuscita na legalidade, os SAs sendo novamente autorizados.

Porém, o centro de gravidade voltava à Prússia. Era impossível encontrar uma maioria no *Landtag*; SPD e NSDAP tendo, juntos, mais da metade dos eleitos e nenhum dos dois podendo governar sem o apoio do Centro. No *Landtag*, os 57 deputados do KPD se juntaram aos 162 nazistas e aos 67 deputados do Centro para obter uma moção de censura contra o governo em função, enquanto não se houver encontrado uma solução constitucional. Os comunistas exigiam, de sua parte, a demissão de Otto Braun e a formação de um "novo governo" que, evidentemente, só poderia ser aquele que fosse investido, eventu-

57. E. H. Carr, *op. cit.*, p. 59.

almente, pelos 162 deputados nazistas e seus aliados. Decidido a chegar a um acordo com Hitler, von Papen desfez o nó górdio.

Em circunstâncias dramáticas, Otto Braun partira em férias. Na manhã do 20 de julho de 1932, von Papen convocou Severing e o informou de sua intenção de criar, para a Prússia, um comissariado do Reich, de que ele seria o responsável, e o pressionou a demitir o governo prussiano ameaçando-o de proclamação de estado de sítio. Severing recusou-se. Von Papen depôs imediatamente o governo prussiano em virtude do artigo 48 da Constituição, substituiu-o pelo comissário do *Reich*, ele mesmo substituído por um político da direita do Centro católico, Franz Bracht, prefeito de Essen, e proclama lei marcial que dava todo o poder em Berlim ao general Otto von Stülpnagel. Alguns acham que ocorreriam combates de rua entre a polícia e a *Reichswehr*.

Um punhado de policiais bastou para prender o chefe de polícia Grzesinski e seu adjunto, que declararam se submeter e foram libertados depois de duas horas de detenção. Severing, por sua vez, entregou as dependências do governo a Bracht, que estava acompanhado do novo chefe de polícia e escoltado por uma dezena de militares armados, que continuaram educadamente nas ruas: ele foi autorizado a conservar seu apartamento funcional. Foi o estupor nas fábricas, onde numerosos trabalhadores foram passar a noite, esperando uma ordem de greve geral, prontos a toda eventualidade. Os comunistas, obviamente, convocaram a greve geral. Porém, qual operário social-democrata ou desorganizado faria greve com eles e os seguiria quando eles diziam querer defender o governo dos "social-fascistas" que eles fizeram de tudo para derrubar? Nossos velhos conhecidos, Peter e Irma Petroff, que habitavam então na Alemanha desde 1925, informam-nos daquilo que eles viram e escutaram no dia seguinte a este 20 de julho, depois da tomada de posição do Partido Social-Democrata sobre o tema "Nós revidaremos nas eleições de 31 de julho":

> Uma tempestade de indignação varreu as massas. Elas se sentiram monstruosamente abusadas, traídas. Mas, durante muito tempo privadas de toda iniciativa própria, as massas não poderiam empreender nada sem seus dirigentes reconhecidos. Nenhuma mão se moveu, nenhum tiro foi dado, nenhuma fábrica fechou. O 20 de julho passou sem trazer às massas nada além de um desencorajamento ilimitado. Entretanto, muitos tinham os punhos cerrados dentro dos bolsos: eles não sabiam muito bem contra quem.[58]

Desvencilhados dos chefes social-democratas da polícia na Prússia – eles dispunham de 90 mil homens, dos quais 30 mil nas casernas, de carros blindados, de armas para o combate de ruas –, os nazistas se regozijavam. O fim de semana eleitoral de julho colocou 25 mortos ao seu escore de caça. Os nazistas obtiveram 13,7 milhões de votos; os social-democratas, sete milhões; os comunistas, 5,3 milhões. Contudo, a onda de violência nazista inspirava nos operários o desejo de resistir e assistiu-se então a um começo de

58. P. e I. Petroff, *op. cit.*, p. 81.

organização de corpos de defesa antifascistas, algumas vezes numa base verdadeiramente unitária, o mais freqüentemente com base nos partidos. Os Petroff escrevem:

> Em numerosas fábricas, nos vilarejos e sobretudo nas periferias operárias das cidades, surgiram então organismos defensivos. Conforme a situação local, eles eram organizados com base em um partido ou em comum. Em todo caso, havia um contato estreito. Elaborou-se um amplo sistema de sinais de alarme nas zonas definidas ou para ir ao socorro de um distrito vizinho. Constituíram-se patrulhas de madrugada. Todo habitante "vermelho" das periferias das grandes cidades mantinha perto de sua cama um machado ou uma pá, se ele não possuísse uma arma de fogo. [...] Todos os "vermelhos" participavam. No local, na cidade ou no vilarejo, a "frente única" fora realizada. O sangue ainda corria, mas o sentimento de desespero desaparecera graças à solidariedade dos ameaçados.[59]

Os dois aparatos, o social-democrata e o comunista, combatem cada um a sua maneira esses organismos unitários.

Amsterdã-Pleyel, contra o fascismo e a guerra?

A história do movimento de Amsterdã-Pleyel, lançado por Willi Münzenberg e seus colaboradores, é um dos terrenos mais escorregadios que existem para os amadores em matéria de história do comunismo, e podemos dizer que a maioria deles caíram na armadilha das interpretações apressadas e contraditórias. Entenda-se bem, o Congresso de Amsterdã, de 27 a 29 de agosto de 1932, e o da sala Pleyel em Paris, de 21 a 23 de dezembro de 1933, não procuraram, de forma alguma, promover a luta pela a paz – como se crê em geral – nem tampouco, a luta pela revolução, como crê Stephen Koch. O sentido dos dois congressos e do "movimento" que levou a eles é claramente definido nos *Diários* de Marcel Cachin, sob sua forma lapidária: "Sábado, 29. Abertura do congresso: reunião anti-Genebra. Reunião anti-socialista"[60]. Stephen Koch, que divaga como um andarilho sem mapa por uma terra desconhecida, tem, de todo modo, a boa idéia de indicar que o congresso de outubro de 1932, alguns meses antes da chegada ao poder dos bandos nazistas, não faz alusão nem ao perigo nazista (fascismo), nem ao perigo que ameaça a Europa (a guerra). Mas é escapar do espeto pra cair na brasa imaginar que isto significa que Stalin "queria a revolução", o que não é, aliás, impressionante, acrescenta ele, da parte de um "marxista-leninista".

Na verdade, o que é – se não absolutamente novo – ao menos original, na política de Amsterdã-Pleyel, é o chamado às "personalidades" do mundo burguês que vai consti-

59. *Ibidem*, p. 82-83.

60. Citado por Yves Santamaria, "Organisation de masse et lutte pour la paix", In: *Willi Münzenberg. Un homme contre*, p. 94.

tuir a platéia deste congresso. Com sua pluma feroz, Trotsky escreve: "Todos os aspectos e todas as forças: Barbusse, o 'Münzenberg em escala mundial', os liberais indianos, os demagogozinhos, os tagarelões, os lordes ingleses, as viúvas americanas, numa palavra, todas as forças que padecem da doença do 'amor pela paz'"[61]. Dentre as "personalidades" presentes nestas festividades, colocam-se, no mais das vezes, em destaque, o líder conversador do Partido do Congresso indiano, Vallabhai Patel; o escritor Henri Barbusse, outrora autor de *Clarté* e *Le Feu*, tornado o de *Jésus* e, em breve, o de *Staline*; o radical-socialista francês Gaston Bergery; o almirante da reserva alemão Paul von Schönaich, um militar tornado pacifista.

O grupo dos organizadores, em torno de Willi Münzenberg, a equipe do MOPR, Louis Gibarti e Otto Katz, o francês Guy Jerram, membro do CC do PCF e dirigente da Associação Republicana dos Ex-Combatentes (em francês, ARAC). Obviamente, esse grupo agia sob delegação da autoridade do CEIC. Atrás deles, está o aparato stalinista – a respeito do qual, como sabemos, a pedra de toque é a caça aos trotskistas. Seu serviço de ordem organiza a vaia que impede o delegado vietnamita, membro da Oposição de Esquerda, Nguyen Van Linh, de falar em Amsterdã. Na sala Pleyel, ela espanca selvagemente o ex-dirigente do PCI Alfonso Leonetti, companheiro de Gramsci, que, não obstante, tinha entrado na sala enquanto jornalista credenciado.

Stephen Koch garante que os EUA eram um dos alvos principais deste Movimento da Paz. De fato, trata-se inicialmente da Grã-Bretanha e de toda potência suscetível de se opor militarmente à URSS. As resoluções verborrágicas e sentimentais – do stalinismo e das lágrimas – e as grandes frases das declarações do movimento Amsterdã-Pleyel não tinham somente um sentido divergente, de camuflagem da política de divisão conduzida na Alemanha pela Comintern; elas constituíam também uma real abertura a todos os governos do mundo dispostos a se aliar à URSS. Uma política duplamente equivocada, pois, como Trotsky e outros mostraram na época e como a história definitivamente o demonstrou desde então, o perigo principal para a URSS vinha precisamente da Alemanha, e que ele se tornou mortal e imediato quando esta Alemanha passou às mãos dos bandos hitleristas. Era a eventualidade que os grandes congressos de massa "contra o fascismo e a guerra" ignoravam nobremente, para em vez disso atacarem a SDN e, principalmente, os socialistas.

O XII *Plenum*

O XII *Plenum* do Executivo ocorreu após o golpe de Estado de von Papen, entre 27 de agosto e 15 de setembro de 1932, com 174 delegados. Ele foi o último antes da catástrofe da Alemanha. A ausência de Molotov já indicava que ele não tomaria nenhuma decisão importante. Não obstante, seu interesse provém do fato de que se manifestam, da parte dos

61. L. Trotsky, *Œuvres*, VII, p. 278.

dirigentes de alguns partidos, sérias divergências com a direção da Comintern, reflexo da resistência de numerosos militantes. É preciso um trabalho de beneditino para recensear os sinais de oposição, as explosões críticas – individuais ou coletivas – em todos os PC do mundo desde o começo da política suicida do KPD e da Comintern em face de Hitler. Mencionemos somente uma carta de Terracini, de sua prisão, aos dirigentes do partido, sobre a estupidez das afirmações sobre o "social-fascismo", escrita em 1930, conhecida em 1975, e somente porque ela emana de um homem que permaneceu importante[62].

Os dois relatórios principais, o de Kuusinen, sobre a situação mundial e as tarefas dos partidos, e o de Thälmann, sobre as lutas econômicas e a frente única, evitam cuidadosamente os candentes problemas alemães; Kuusinen servindo a sopa confusionista, porque era bem necessário que ele falasse um pouco, e Thälmann não dizendo nada. Por outro lado, os correlatores pegam o boi pelos chifres.

O polonês Leński aborda a questão da situação mundial do ponto de vista da revolução mundial. Apoiando-se num texto de Stalin, ele diz que a situação alemã é "o nó, a questão decisiva na ascensão ímpar da revolução proletária"[63]; lembra também a concentração proletária e as tradições revolucionárias alemãs. Um correspondente de Trotsky – nessa época só pode ser Ivan Nikititch Smirnov ou um dos seus próximos, por exemplo, sua filha Olga Ivanovna – indica-lhe que Leński pediu uma discussão especial sobre a Alemanha, que lhe foi recusada, e que ele, por sua própria iniciativa, inseriu passagens em seu correlatório, o que lhe custou uma convocação ao secretariado e uma bela bronca, ainda mais porque ele foi fortemente aplaudido[64]. Suas críticas do KPD não datam de ontem, e Piatnitsky lembra, no debate, que ele já havia falado da "passividade" deste partido no caso da dissolução do *Landtag* da Prússia por von Papen. Certamente, as críticas de Leński são revestidas de frases de Stalin ou de Kuusinen, mas são críticas claras contra a direção alemã. Ele será privado do direito de resposta, isto é, de retomar a palavra.

Depois de Leński veio Gottwald. Já ao longo da sessão do CC do PCT, de julho de 1932, Jan Šverma e Klement Gottwald intervieram no mesmo sentido, deixando passar, sem o dizer, que a frente única "na cúpula" tinha suas vantagens, o segundo precisando que era necessário estar pronto "para se aliar com o diabo", se fosse contra os patrões, uma expressão que ele empregará novamente em seu artigo sobre o golpe de Estado de von Papen[65]. Gottwald, dirigindo-se ao Executivo, em um lugar estratégico, numa data sensível, falando das greves e dos movimentos de desempregados na Tchecoslováquia, ataca aqueles que acreditam poder afirmar seu papel dirigente na frente única ao qualificar de traidores os dirigentes social-democratas e ao dar ordens, pois, segundo ele, "a frente única não é uma caserna". Guttmann, que se tornou, apesar de sua juventude, secretário do PCT e membro do *Presidium* da Comintern, e Šverma criticam mais diretamente ainda a polí-

62. U. Terracini, *Sulla svolta. Carteggio clandestino del carcere 1930-1931-1932*, p. 26.

63. Leński, *XII Plenum IKKI*, p. 78-96.

64. *Biulleten Oppositsii*, n. 31, novembro de 1932, p. 23.

65. Gottwald, XII Plenum, pp. 97-112.

tica do KPD. Guttmann, que se passa pelo cérebro do partido e que é o redator-chefe de *Rudé Pravo*, sublinha o perigo da política ultra-esquerdista com as fórmulas de divisão do gênero de "*Zwingt die Bonzen*" e critica a política do social-fascismo e da "frente única pela base"[66]. Jan Šverma frisa que não existe nenhuma política do KPD *vis-à-vis* dos movimentos sindicais de massa dos trabalhadores alemães[67].

Próximo deles, o dirigente francês André Ferrat sublinha que, em alguns aspectos, a tática "classe contra classe" isola os partidos das amplas massas[68]. Miloš Hájek vê essas mesmas contradições nas intervenções, de uma extrema prudência, de Manuilsky[69]. Piatnitsky faz uma crítica feroz da política do KPD, que evita falar das responsabilidades de Thälmann e atribui a maior parte a Neumann, que evidentemente não está lá[70]. Knorin faz uma intervenção de um sectarismo furioso, com, no final, a perspectiva de vitória revolucionária. Bela Kun se situa também à esquerda[71], mas sem os exageros de Knorin[72], que recorda a fórmula de Stalin sobre os gêmeos e acusa a passividade de alguns militantes.

Tanto as respostas dos relatores quanto a resolução final escapam da rotina, a crítica do perigo da direita, a passividade, e do perigo da esquerda, "a frase revolucionária". É a última mensagem ao KPD, a alguns passos do cadafalso. Pôncio Pilatos lava as mãos no Kremlin. E podemos acrescentar que, como frisava, no *New York Times* de 29 de novembro de 1932, Walter Duranty, na época correspondente em Moscou, teme-se enormemente, "no Kremlin bolchevique", o "crescimento do movimento revolucionário na Europa" que estava contido potencialmente na situação alemã[73]. Sem dúvida, também é uma espécie de reflexo objetivo o fato de que os dirigentes do KPD parecem, a partir de 1932, resignar-se com a vitória dos nacional-socialistas.

A reta final

Assim, em setembro de 1932, salvo os ataques contra "o grupo Neumann", o XII *Plenum* do CEIC consagrou a Alemanha somente o mínimo necessário de seus trabalhos. Nas ruas, os trabalhadores se organizam para se defender. Em setembro, o *Reichstag* é dissolvido. A conferência do KPD para o relatório do XII *Plenum* distingue-se sobretudo pelo caráter estridente das denúncias contra Neumann e Remmele. Este último encaminhou à

66. Guttmann, *ibidem*, p. 43-60.
67. Šverma, *ibidem*.
68. Ferrat, *ibidem*, p. 93-99.
69. Manuilsky, *ibidem*, p. 158-168.
70. Piatnitsky, *ibidem*, p. 14-19.
71. Bela Kun, *ibidem*, p. 117-128.
72. Knorin, *ibidem*, p. 63-74.
73. *New York Times*, 29 de novembro de 1932.

direção um longo texto em que traça as perspectivas de seu grupo "bolchevique de esquerda" e que seu partido – aliás, nem ninguém até o momento – não conhecerá.

Algumas semanas mais tarde, são circunstâncias diferentes, mas sempre a mesma política, que reúnem lado a lado, contra os "bonzos" da BVG (*Berliner Verkehrgesellschaft*), a sociedade dos transportes de Berlim, os operários que se lançaram na greve com o apoio dos comunistas e se chocaram com uma burocracia sindical social-democrata. A greve durou de 2 a 8 de novembro e comunistas e nacional-socialistas estabeleceram publicamente aquilo que Vergnon chama de "uma conivência" na hostilidade, a denúncia, algumas vezes a agressão contra os bonzos sindicais. Dos dois participantes, um era infinitamente mais rico, melhor equipado, dispunha de meios de propaganda e de homens corajosos, pois sabiam que gozavam da impunidade. Em seu corpo defensor, os comunistas atuavam somente como segundos violinos, o que atingia durante seus militantes. Isto não impediu Thälmann de encher o peito e de declarar ao congresso do distrito de Berlim-Brandemburgo: "Nós rompemos o monopólio dos reformistas. [...] Formamos uma unidade de combate com os operários do SPD e sem-partido e chegamos mesmo a constituir uma frente única de classe com os proletários nazistas contra a reconciliação e a paz entre as classes"[74].

O *Diário* do Dr. Goebbels fala muito desta greve que ele considera, a justo título, como uma excelente operação, uma boa posição para o futuro. Os comunistas não parecem ter tido os mesmos motivos de satisfação, pois, depois de tudo, eles participaram nas mesmas operações daqueles que eles denunciavam como traidores e inimigos número um e as violências dos nazistas indispuseram uma boa parte dos grevistas. Nas eleições para o *Reichstag*, em novembro, os nazistas, comprometidos com a direita apesar da greve dos transportes de Berlim, perdem dois milhões de votos e 34 deputados. A burguesia começa a temer o desgaste da influência de massas dos nazistas e teme um retorno da situação, uma reascensão operária. Hindenburg faz um apelo a von Schleicher, o homem da *Reichswehr*, em 2 de dezembro de 1932. Ele espera dividir os nazistas com o apoio da ala dirigida por Strasser, aliar-se aos sindicatos e impor a autoridade do exército. Mas ele fracassa.

As manifestações de Berlim em janeiro

Nos últimos dias antes da decisão, os adversários desafiam-se nas ruas sob uma temperatura rigorosa. O governo von Schleicher, que se sucedeu a von Papen, autoriza uma manifestação nazista na Bülowplatz. Em 22 de janeiro, é uma espécie de ensaio geral, pois os SAs anunciaram que eles desfilariam perante a *Karl Liebknecht Haus*, um verdadeiro desafio. Houve um violento incidente no CC do KPD quando soube-se que um telegrama de Moscou proibia os comunistas de provocar o menor conflito: era preciso deixar os nazistas desfilarem perante esse centro proletário simbólico. Remmele protesta violenta-

74. *Die Rote Fahne*, 10 de novembro de 1932.

mente contra as instruções de Moscou de evitar todo o incidente, mas ele foi posto em minoria. Com seu camarada Karl Fischer, parece que ele tentou organizar uma resistência com os trabalhadores do bairro "vermelho" de Wedding.

Não obstante, numerosos incidentes estouram no percurso com os militantes comunistas, mas o Partido Social-Democrata deu a consigna de ficar em casa e de fechar as janelas. O casal Petroff participou das duas manifestações dos partidos operários e, primeiramente, daquela do KPD em 25 de janeiro:

> Num dia de semana, que foi o mais frio do ano, centenas de milhares de comunistas foram às ruas. Mal alimentados, mal vestidos, eles marcharam sob -35°C pelos bairros operários de Berlim para chegar à Bülowplatz, onde estavam seus dirigentes. A presença do *Rote Frontkämpferbund* proibida se sentia, mesmo que não houvesse nenhum uniforme. Alguns grupos da *Reichsbanner* e da Juventude Social-Democrata, assim como dos social-democratas vindos individualmente, arvorando as três flechas, marchavam no desfile e, bem entendido, os grupos socialistas intermediários se juntaram até o último.[75]

No dia da parada nazista, os comunistas ficaram em casa e escutaram ressoar na Bülowplatz e nas ruas da Wedding vermelha os cantos de guerra, as ameaças e as injúrias contra os judeus e os vermelhos. A manifestação do KPD em 25 de janeiro não podia mudar nada: os jogos estavam feitos. No domingo seguinte, 28 de janeiro, foi a vez dos social-democratas. Os Petroff estavam lá:

> O tempo estava melhor. De todos os bairros da cidade, seus cortejos marchavam em direção a Lustgarten. Diversos grupos comunistas que queriam se juntar a eles foram barrados na entrada do Lustgarten. Mesmo os grupos intermediários não foram bem-vindos. O cortejo do SAP teve que esperar horas antes que fosse gentilmente decidido admiti-los no Lustgarten. Ele não ligou muito e deu o melhor de si para provocar o espírito de combate no desfile dos social-democratas que passavam perante ele. Sem parar, eles gritavam em coro: "*SPD, KPD müssen gemeinsam marschieren*" ("devem marchar juntos"). Eles clamavam com calor todo cortejo social-democrata. É interessante ver como reagiam estes últimos. Os dos bairros operários, marchando ao passo dos cantos de combate, respondiam com "*Kampfbereit*" ("prontos para o combate"), a saudação do SAP, com o não menos fraternal "*Freiheit*" ("liberdade") à saudação dos social-democratas. Porém, os manifestantes bem vestidos dos bairros respeitáveis não respondiam às saudações e faziam comentários sarcásticos. [...]
> Os operários finalmente tinham compreendido que a causa de sua fraqueza era sua divisão. Eles reivindicavam a derrubada das barreiras, mas seus dirigentes respondiam a essas exigências de maneira desonesta, hipócrita e pela sabotagem. Tanto os socialistas, como os comunistas.[76]

75. P. e I. Petroff, *op. cit.*, p. 89.
76. P. e I. Petroff, *op. cit.*, p. 89-90.

Em definitivo, contudo, não foi perante os manifestantes operários que von Schleicher caiu, mas perante a burguesia unida. As potências do dinheiro estavam agora prontas a apoiar os nazistas sem reservas. Em janeiro de 1933, Hitler encontra von Papen em Colônia, na casa do banqueiro Schröder. Sob pressão de von Papen e de seu próprio filho Oskar, o presidente Hindenburg escolhe então a solução avançada por von Papen e a direita conservadora, um governo Hitler com a participação de outras formações de direita. Em 30 de janeiro de 1933, Hitler foi nomeado chanceler. Ajudado pelo filho do presidente, Oskar von Hindenburg, von Papen conseguira convencer o velho a chamar Hitler.

Hitler no poder?

Quando os Petroff escreviam sua preciosa brochura, não conheciam os detalhes da derrota sem combate que acabava de se produzir na Alemanha. Eles sublinham, entretanto, o terrível silêncio total dos social-democratas sobre as perspectivas. Para os comunistas, eles são um pouco mais prolixos, escrevendo:

> Mas, os comunistas? Que eles tinham a perder? Eles não tinham sido preparados para a guerra civil? Os especialistas militares não tinham feito os preparativos? Não havia nenhum grupo terrorista? Afinal, o que era o *Rote Kämpferbund*? Será que eles não estavam suficientemente armados? Não estava claro a seus olhos que lhes restava somente uma alternativa: esperar que fossem mortos ou lutar por sua vida? Por que eles não escolheram lutar numa situação desesperadora? [...] Certamente, não faltavam combatentes que queriam resistir. [...] Aquele que viu, por centenas de milhares, [...] seus rostos resolutos, seus olhos brilhantes, não poderiam duvidar do fervor revolucionário de combate destas massas reunidas sob as flâmulas comunistas. A falência não se deu em baixo, mas em cima.[77]

A situação do KPD era, na verdade, mais do que alarmante. Sob ordem do *Polburo*, o chefe do aparato militar clandestino, Hans Kippenberger, dera, se acreditarmos em Retzlaw, todas as chaves – nomes e lugares – ao capitão da polícia na reserva Giesecke, que os repassou aos nazistas em dezembro de 1932. Um dos traços mais sinistros da nova situação foi a aparição, em plena luz do dia, dos nazistas que estavam infiltrados no KPD e tinham ascendido no aparato ao vituperar os oposicionistas: citemos um secretário de distrito que era, na realidade, o responsável do trabalho nazista dentro do KPD, o *SA Sturmführer* Werner Kraus, *V-Mann* do NSDAP para os nazistas plantados no coração do aparato stalinista. Alfred Kattner, encarregado da segurança de Thälmann, Wilhelm Hein, velho companheiro de farra deste último, suplente do *Polburo*, era, segundo Siegfried Bahne, instrumentos ou agentes da polícia. Era o começo do halali, pois o medo se instalava: em quem ter confiança?

77. *Ibidem*, p. 93.

Como o atesta o *Diário* de Goebbels, mesmo assim, os nazistas não estavam tranqüilos. Eles se borravam de medo da greve geral, à qual foi consagrada toda a primeira reunião do gabinete de Hitler. Mas eles podiam se preparar para bater sem medo. A divisão, isto é, a impotência, fora instalada no coração da classe operária, que não tinha mais o tempo de reagir. Com a provocação do incêndio do *Reichstag*, a tomada do controle da polícia prussiana por Hermann Göring, o controle dos SAs sobre a repressão, mais de 150 mil comunistas se encontram nas prisões. A "vez dos comunistas" não veio depois de Hitler. Em 2 de fevereiro, a bandeira com a cruz gamada estava hasteada sobre a *Karl Liebknecht-Haus*. A tragédia já podia ser imaginada através da impotência do movimento comunista alemão, incapaz, por exemplo, de organizar, em 1932, uma campanha para salvar da forca os jovens dirigentes do partido húngaro do interior, Imre Sallai e Sándor Fürst. Amanhã, serão os comunistas alemães que serão enforcados, decapitados a machadadas ou espancados até a morte...

A infalibilidade de Stalin

Será que podemos ter uma idéia hoje do tamanho do desconcerto provocado por essa gigantesca derrota sem combate? Rosa Léviné-Meyer conta que, no último momento, diversos emissários russos em Berlim se deram conta de que tudo estava, aparentemente, perdido e que um deles, vítima do mito de Thälmann, precipitou-se à casa do presidente do KPD para escutar o oráculo que lhe mostraria a saída. Ele conta: "Cheio de estupor, ele me disse que encontrou um homem mergulhado no desespero e na confusão, que lhe confessou que não tinha a menor idéia do que era preciso fazer ou dizer"[78].

Em resposta a uma carta da Internacional Operária Socialista que preconizava um pacto de não-agressão, os partidos comunistas da Alemanha, da França e da Grã-Bretanha respondem: "Não se trata hoje de fascismo ou de democracia burguesa, mas de ditadura da burguesia ou de ditadura do proletariado. [...] Um pacto de não-agressão com esses partidos significaria renunciar de fato a atacar a burguesia. Um pacto com os aliados do inimigo de classe é um pacto com o inimigo de classe"[79]. O famoso chamado de 5 de março da Comintern, freqüentemente apresentado como – "finalmente!" – a adesão a uma política de frente única, cujo projeto Piatnitsky havia encaminhado a Stalin, em 25 de fevereiro, e que foi corrigido por ele, não contém nenhum chamado à Internacional Socialista, ficando, portanto, muito à vontade para não responder. Um telegrama de Gottwald e Maurice Thorez, em nome de seus respectivos partidos, tendo reivindicado que um texto fosse dirigido à II Internacional, o Executivo, depois de ter consultado Stalin, responde que esta deve, de início, reconhecer que a social-democracia passou para o campo do fascismo.

Em 5 de março de 1933, os resultados das eleições davam 4,8 milhões votos ao

78. Rosa Léviné-Meyer, *op. cit.*, p. 126.

79. *L'Humanité*, 13 de fevereiro de 1933.

KPD; 7,1 milhões ao SPD e 17,2 milhões aos nazistas. A *Pravda* escrevia na manchete que era "uma enorme vitória política do KPD". Em 15 de março, enquanto tanto Thälmann quanto Dimitrov, representante da Comintern na Alemanha, já estavam nas mãos dos nazistas, o CC do KPD garantia que as eleições não foram uma vitória do fascismo. Em 1° de abril, ocorre a reunião do *Presidium* do Executivo internacional, cujo relatório foi apresentado pelo militante operário e veterano espartaquista Fritz Heckert, ex-tenente de Brandler na Saxônia, um dos raros sobreviventes da velha guarda do tempo de Rosa Luxemburgo e Liebknecht. Não achamos, contrariamente a Pierre Frank, que era preciso uma tal "autoridade" para cobrir o desastre. Heckert – que se tornou o capacho de Stalin – não tinha, aliás, autoridade alguma e ele provavelmente apoiou Neumann e Remmele. Restava somente ele para fazer esse relatório que ele colocou sob o signo da clarividência do chefe genial: "Desde 1924, o chefe do proletariado mundial, o camarada Stalin, deu uma avaliação ímpar de exatidão e perspicácia sobre a evolução da social-democracia em direção ao fascismo – uma avaliação que é a base do programa da Comintern e da política do KPD". Depois de ter citado *in extenso* a famosa frase repisada de Stalin sobre o fascismo e o social-fascismo irmãos-gêmeos, ele recitava: "Tudo o que aconteceu na Alemanha confirmou particularmente a justeza do diagnóstico do camarada Stalin: Hitler não rejeita o apoio da social-democracia"[80]. A resolução adotada ratificava o conjunto da política stalinista em face da ascensão dos nazistas e na derrota da Comintern: "O *Presidium* do Comitê Executivo da Internacional Comunista, depois de ter ouvido o relatório do camarada Heckert sobre a situação na Alemanha, constata que a linha política e a política de organização seguidas pelo Comitê Central do KPD tendo a sua frente o camarada Thälmann, até o golpe de Estado de Hitler e quando este se deu, foram perfeitamente corretas"[81].

A responsabilidade do que se deu estava claramente definida, jogada sobre os operários social-democratas. Os operários comunistas, dizia a resolução, "organizados e dirigindo a luta contra a ofensiva do capital e do fascismo": "Mas os operários social-democratas, atrás dos quais se encontravam a maioria da classe operária alemã, algemados por sua direção social-democrata hostil à frente única revolucionária e partidária de seu frente única reacionária com a burguesia, rejeitaram em toda ocasião, em sua grande maioria, a frente única com os comunistas e assim esfacelaram a luta da classe operária". Uma frase, discretamente polêmica, indicava de que lado vinham as críticas do entorno de 30 de janeiro de 1933. "As condições de uma insurreição vitoriosa ainda não tiveram o tempo de amadurecer e existiam somente em gérmen. A vanguarda do proletariado, o KPD, não desejando se lançar numa aventura, não poderia compensar por si só este fator faltante"[82].

80. Relatório de Heckert ao *Presidium* do CEIC, In: *Rundschau*, p. 261-267.

81. *Ibidem*, p. 229.

82. *Ibidem*, p. 229-231.

Denúncia de bodes expiatórios

Logo mais um nome e um grupo seriam acrescentados à lista de culpados. Aos social-fascistas e ao pior de todos os renegados, o social-fascista Trotsky, juntar-se-iam, com efeito, o pessoal do grupo Neumann-Remmele. A "polícia" do partido – podemos dizer tão simplesmente o NKVD –ativou-se com a limpeza dos domicílio abandonados pelos militantes que passaram para a clandestinidade ou partiram em emigração. Herbert Wehner remete, à direção, uma carta de Heinz Neumann encontrada no escritório de Remmele, presa entre uma gaveta em sua mesa de trabalho. Não conhecemos o texto dessa carta dirigida a Remmele, de Madri, em janeiro. Margarete Buber-Neumann resume seu conteúdo, e os recortes possíveis permitem validar este resumo: "Neumann convidava Remmele a prosseguir por todos os meios, antes que fosse tarde, a luta contra os nazistas, mesmo ao desobedecer às ordens do 'bando'. Ele terminava por essa exortação: 'Não sejam Haase, mas Liebknecht!' A Comissão de Controle Internacional e o Departamento dos Quadros viram, nela, um chamado à cisão"[83]. A lista de acusações contra o grupo Neumann era nutrida por documentos roubados dessa forma. A atitude de Remmele em janeiro trazia elementos:

> O grupo Neumann e seu porta-voz Herzen [Remmele] tornaram-se hoje os porta-estandartes de todas as tendências retrógradas na periferia do partido. Eles são o canal pelo qual o inimigo lança dentro do partido suas palavras de ordem provocadoras. Sua teoria favorita é a de que a ditadura fascista significa uma mudança de sistema fundamental, que o lumpemproletariado tornou-se a classe dirigente e submeteu a burguesia a seus interesses, que o poder da burguesia foi reforçado, que o proletariado perdeu uma batalha e sofreu uma derrota, que o camarada Thälmann e o Comitê Central do partido são responsáveis pela realização da ditadura fascista [...]. Além do mais, eles reivindicaram a proclamação da insurreição em 22 de janeiro de 1933. [...] As idéias desse grupo constituem um ataque aberto não somente contra o camarada Thälmann e os dirigentes do partido, mas contra a Comintern, contra os camaradas Stalin e Manuilsky, as decisões do XI e do XII *Plenuns* da Comintern. Elas são uma mistura grosseira de oportunismo puro, de trotskismo insidioso e de simples putschismo.[84]

O caso chegou ao XIII *Plenum* do Executivo, em que nenhum dos dois homens estava presente, Remmele acabando de "demissionar". André Marty, encarregado da acusação, bradou num impulso tremendo: "Se Remmele tivesse razão, a chegada ao poder do fascismo não seria somente uma derrota do proletariado alemão, mas também a falência da Internacional Comunista"[85].

83. M. Buber-Neumann, *op. cit.*, p. 233.

84. *Protokoll XIII. Plenum IKKI*, p. 567-568.

85. A. Marty, relatório ao XII *Plenum*, p. 565-566.

Existe ainda uma Internacional Comunista?

Na verdade, como sabemos, a política suicida imposta ao KPD não fora unanimemente aceita, nem simplesmente da boca pra fora, nem por todos na Comintern, nem por todos os dirigentes dos partidos comunistas. A intervenção de Leński – só tivemos certeza mais tarde – era a manifestação de uma oposição organizada à frente da Comintern contra a política alemã e contra Stalin. Ela não mudará muito depois êxito brilhante mal percebido, contentando-se, doravante, sem dúvida, com as batalhas sobre as vírgulas e as conversas de corredor.

O mais constante dos partidos comunistas, na via da crítica, fora o partido comunista da Tchecoslováquia. De fato, somente Josef Guttmann foi até o fim em suas críticas. Em março de 1933, ainda, a direção confiou-lhe o relatório ao VII *Plenum* do PCT. A pressão de Moscou sobre Gottwald e Šverma – convocados em agosto a Moscou – acabou por lhes fazer se curvar. Eles desacreditaram Guttmann. Moscou exigiu seu afastamento de *Rudé Pravo* e sua vinda a Moscou. Entretanto, sua prisão, em Praga, impediu-o de fazer a viagem. Ele redigiu na prisão um memorando, datado de 7 de dezembro de 1933, em que se defendia e atacava ao mesmo tempo. Notadamente, ele afirmava: "Pedem-me hoje para partir a Moscou, para capitular incondicionalmente, de renegar minhas idéias e de as combater. Por medo de que minhas idéias atinjam o meio operário, devo ser detido por diversos anos em Moscou. Não posso aceitar isso. Não posso renegar minhas opiniões. Eu me tornaria cúmplice de uma política que conduz o proletariado ao mau caminho"[86]. Qualificado, em 20 de dezembro de 1933, pelo Birô Político, de "trotskista" e de "contra-revolucionário", foi expulso em 31 de dezembro de 1933.

A revolta que abalou, em 1933 e 1934, o pequeno mundo das cúpulas do aparato e que foi muito bem descrita por Ruth Fischer, em suas memórias inacabadas em discussões amigáveis de Paris entre o grupo de Paul Schwenk e os trotskistas, colocou rapidamente lenha no fogo. Foi o silêncio nas fileiras, uma outra forma de paz dos cemitérios. Dezesseis partidos legais, sete partidos semilegais, 38 partidos ilegais, tal é o resumo do balanço das seções da Comintern, segundo Piatnitsky. Uma derrota para um período histórico, pois se trata do proletariado mais avançado do Velho Continente.

A Comintern à serviço da burocracia russa

O que conta, para nós, neste momento difícil da história da Comintern, é que ela parece muito enfraquecida, sendo a causa principal sua estreita dependência da direção do PCR(b). Esta situação dá aos dirigentes russos a possibilidade de utilizar esses partidos para seus próprios fins, como peões em suas próprias manobras diplomáticas. Ela lhes abre uma gama de possibilidades práticas numerosas e importantes, a partir do momento

86. Memorando Guttmann de 7 de dezembro de 1933, In: *Revue française de science politique*, n. 4, 1976, p. 201 *sq*.

em que todo partido torna-se, se não lavável, ao menos "descartável", e em que nenhum dentre eles é capaz de aspirar ao poder por seus próprios meios, até mesmo de somente funcionar por suas próprias forças. Seus partidos são o prolongamento internacional, o instrumento da direção do PCR(b) e da camada burocrática que ele representa – o que faz deles, para resumir, partidos que não são nem "revolucionários", nem "reformistas", mas simplesmente "stalinistas"; em politiquês, partidos "de um tipo novo".

O que permanece é que esta organização tinha, forçosamente, tanto contas a acertar com seu passado quanto com aqueles que iriam constituir seu futuro. Ela viu estourar, no ano seguinte, novos combates armados entre trabalhadores e as forças da ordem na Áustria e na Espanha, e, sobretudo, três anos mais tarde, ressurgir de novo, desta vez na Espanha, a revolução dos operários e camponeses em armas.

A Oposição Comunista de Direita

A Oposição de Direita é a segunda corrente internacional na IC. Considera-se geralmente que ela teve, também, sua fonte ideológica na União Soviética, nas idéias de Bukharin e na corrente dirigida por ele, Rykov e Tomsky. Mas é evidente que ela deita raízes também no mundo capitalista, por toda parte onde a política aventureirista da Comintern rejeitou militantes tendo profundas raízes no movimento operário. De um certo modo, e em alguns casos, ela chega mesmo a aparecer como a fração da Internacional que não se destacou totalmente da social-democracia, em direção da qual a derrota da revolução e as violências stalinistas lhe fizeram freqüentemente refluir.

As origens da Oposição de Direita

Ela se desenvolveu concretamente a partir do aparato da IC, cuja presidência de Bukharin conduzira numerosos homens devotados a suas idéias e a sua pessoa, mas também e, sobretudo, a partir da cúpula de diversas seções nacionais, dentre elas o KPD e o PC do EUA. Esses homens são também veteranos, menos eminentes talvez que os da Oposição de Esquerda, mas com mais responsabilidades e com mais experiência dentro do aparato. É preciso citar Jules Humbert-Droz, secretário da Internacional, e o "camarada Thomas", secretário de Berlim, mas também o italiano Angelo Tasca, os americanos Lovestone e Bertram D. Wolfe, o sueco Kilbøm, os espanhóis Maurín e Gorkin, o indiano M. N. Roy e os alemães Brandler e Thalheimer, obviamente, que foram seu coração, mas também Paul Frölich e Jakob Walcher, os antigos alunos de Rosa Luxemburgo.

No tempo da aliança entre Stalin e Bukharin, a "direita" era principalmente um estado de espírito, uma rede bem solta, salvo na Alemanha, onde ela ocupou posições no aparato e onde uma fração do antigo centro – os conciliadores – considerava como indis-

pensável sua manutenção no partido. Aqui e ali, deu-se a ofensiva, em particular a de Stalin, em 1929, que forçou o pessoal do aparato internacional a escolher[1]. Um dos dois partidos ainda nesta época controlados pelos oponentes de direita era então o partido sueco, exemplo único, pois ele resistiu ao ucasse da Internacional e subsistiu enquanto partido durante os anos de sua expulsão. Aliás, por toda parte, os "direitistas" que não aceitam se renegar se encontraram expulsos, alvos dos ataques dos partidos reorganizados[2].

A bandeira: Bukharin

Bukharin fez de si o campeão da NEP, concebida, segundo a fórmula de seu biógrafo Stephen Cohen, como uma política que garantiria "a existência de um pluralismo social significativo nos marcos da ditadura de um partido único", associando na atividade econômica dos camponeses, na primeira fileira dos quais os camponeses abastados, os *kulaki*, os artesãos e os pequenos comerciantes, os "especialistas burgueses" tanto na indústria como na administração e sobretudo na vida cultural.

O primeiro choque sério entre Bukharin e Stalin deu-se quando das famosas "medidas de exceção", do começo de 1928, que pareciam ressuscitar as medidas de coerção da época do "comunismo de guerra". Parece muito rapidamente, como o escreve Cohen, que, "no conjunto, as iniciativas políticas de Stalin ameaçavam a interpretação bukharinista predominante da NEP como um sistema de paz social e de relações de mercado entre cidade e campo [...] e atingiam brutalmente a convicção da direita de que todos os problemas deveriam e poderiam ser resolvidos nas condições e sobre as bases da NEP"[3]. Muito rapidamente, Bukharin compreendeu que seria preciso lutar. Para ele, Stalin e os seus conduziam uma política de guerra civil: ele está convencido de que eles serão obrigados a afogar em sangue os levantes[4].

Os ataques de Bukharin em seus discursos oficiais ou em seus artigos, sempre respeitando a regra do jogo e nunca nomeando Stalin, são acompanhados de acusações contra o regime interno e a ditadura da burocracia. Em 28 de novembro de 1928, numa conferência a jornalistas, depois de ter falado da "estupidez" da política econômica, que ele resume, ele ataca os "burocratas" e os "bandos de cúmplices" constituídos por eles, fala de "dissimulação comunista" e de "política de malucos". Ele se encontra em segredo com Kamenev em 11 de julho, solicita-o para uma derrubada das alianças, pois Stalin, "o novo Gêngis Khan", está seguindo uma "linha arruinada para a revolução"[5]. Efetivamente,

1. T. Bergmann, *50 Jahre KPD (Opposition)*, Hanôver, 1978.

2. Salvo indicação em contrário, nós fazemos aqui referência ao trabalho de Robert J. Alexander.

3. S. Cohen, *Boukharine*, ed. inglesa, p. 284.

4. Entrevista com Kamenev, 11 de julho de 1928, Papéis Trotsky, Harvard, T 1817.

5. *Ibidem*.

Bukharin se engaja na resistência. Suas "Notas de um economista"[6] são um verdadeiro ato de acusação contra o aventureirismo stalinista em matéria econômica. Num artigo de 24 de janeiro sobre "O testamento político de Lenin", recorda todos os textos importantes deste último sobre o regime do partido e contra a burocracia, faz uma chamado à tradição bolchevique de pensamento crítico e alerta para "a destruição da República Soviética" que poderia surgir de uma política diferente[7].

Assim se desenha a fisionomia política de um comunista moderado, convencido de que os anos da NEP e o renascimento do mercado e da iniciativa individual lançariam as bases de um desenvolvimento econômico, mas já preocupado com os progressos da burocratização e da autocracia e de quem sabemos hoje que hesitou e só se decidiu demasiado tarde a tomar iniciativas raramente felizes. Na conferência de Wuppertal sobre Bukharin, Silvio Pons resumiu o pensamento político de Bukharin em sua última expressão por esta fórmula em tríptico: "Revolução cultural, o Estado enquanto Comuna, um partido de paz civil"[8]. Não é certo que todos os comunistas "de direita" tenham tido uma visão idêntica.

É da Internacional Comunista que tratamos aqui. Vimos o personagem que compunha Bukharin aos olhos dos militantes. Porém, o que tinha ele a dizer sobre a Comintern e a ela? A esse respeito, seu biógrafo Stephen Cohen, que garante que ele era a única alternativa a Stalin, permanece numa total discrição. É verdade que as intervenções de Bukharin na Comintern, nessa época, não estão marcadas pelo selo da audácia. Ele aconselha discretamente a capitulação aos militantes estrangeiros, desaparece em férias no momento das votações decisivas, em resumo, a atitude de um homem que sabe que foi vencido. Stalin, depois de ter liquidado as posições dos direitistas no aparato do partido russo, ataca os homens e começa as expulsões. A repressão, por ora, não pode ser comparada àquela que atingiu a Oposição de Esquerda.

Os dirigentes são, finalmente, isolados na cúpula. Eles tentam uma última manobra ao declarar no Comitê Central que eles sempre estiveram de acordo com a linha geral, mas somente preconizaram um outro método para sua aplicação, que, por sua vez, eles não acreditam estar ultrapassada. Stalin denuncia aqui a manobra fracional, digna dos "trotskistas", expulsa Bukharin do Birô Político, faz proclamar, na *Pravda*, que "o partido" exige a capitulação total dos chefes da direita. Ela aparecerá na *Pravda* de 26 de novembro de 1929:

> Ao longo dos 18 meses que passaram, houve, entre nós e a maioria do Comitê Central do partido, divergências com respeito a uma série de questões políticas e táticas. Apresentamos nossas idéias numa série de documentos e de declarações ao *Plenum* e a outras sessões do CC e da Comissão de Controle do partido.
>
> Estimamos que é de nosso dever declarar que, nessa discussão, o partido e o CC tinham ra-

6. Bukharin, "Notes d'un économiste", In: *Pravda*, 30 de setembro de 1928.

7. Bukharin, "Le testament de Lénine", In: *Pravda*, 24 de janeiro de 1929.

8. S. Pons, em *Liebling der Partei*, colóquio de Wuppertal, p. 329.

zão. Nossas idéias, apresentadas em documentos bem conhecidos, mostraram-se equivocadas. Ao reconhecer nossos erros, faremos de nossa parte todos os nossos esforços para conduzir, em comum com todo o partido, uma luta resoluta contra todos os desvios da linha geral e, em particular, contra os desvios de direita e da tendência conciliadora a fim de superar todas as dificuldades e garantir a vitória mais rápida da edificação socialista.

Bukharin, Rykov e Tomsky capitularam perante Stalin sem terem lutado e terminaram por recitar, a seu pedido, seus atos de contrição. Evitaremos bem falar de covardia pessoal. Contudo, está claro que esses homens se situavam no terreno do "socialismo num só país" e que os partidários na Comintern – os seus –, que eles abandonaram, assim eram a menor de suas preocupações. Restava que a Oposição de Direita na Comintern estava, de agora em diante, privada daquilo que numerosos comunistas tinham tomado por bandeira. No intervalo, Bukharin e seus próximos contribuíram freqüentemente para desorientar os oponentes na Internacional ao soprar alternativamente o quente e o frio, ao mobilizá-los com seu impulso crítico, depois ao desorientá-los com uma súbita retirada nas sombras e com conselhos insistentes para que eles capitulassem.

Porém, uma exceção deve ser feita aqui: até 1929, o italiano Ercoli (Palmiro Togliatti) manteve nos organismos da Comintern posições políticas que não eram as mesmas de Stalin e refletiam, sem dúvida, as de Bukharin O historiador pode ser tentado a negligenciá-las devido ao fato de que esse homem capitulou em seguida e demonstrou flexibilidade em todos os seus pontos de vista, identificando-se às posições que ele havia combatido. Não obstante, aqueles que o ouviram expô-las pensaram – e, sem dúvida, tinham razão de pensar – que eles ouviam, lá, a opinião de Bukharin. Contentemo-nos com dois exemplos tomados emprestados a sua intervenção no IX *Plenum* do CEIC, em fevereiro de 1928. Primeiramente, sobre o social-fascismo, após as afirmações sumárias de Thälmann, que ele qualifica gentilmente de "generalizações ofensivas":

> O fascismo é um movimento de massa, um movimento da pequena e média burguesia dominado pela grande burguesia e pelos proprietários fundiários. Além disso, ele não possui base numa organização tradicional da classe operária. A social-democracia, por outro lado, é um movimento de base operária e pequeno-burguesa que tira sua força principalmente de uma organização reconhecida pelas grandes massas operárias como a organização tradicional de sua classe.[9]

Em seguida, sobre as questões de organização, em que ele responde às acusações ultracentralistas dos "Ulbrichts" e dos "Thälmanns":

> Poderíamos tomar, como modelo para nossa atividade de formação das direções de partidos, as últimas palavras pronunciadas por Goethe enquanto morria: "*Mehr Licht*" ("Mais

9. VII[e] congrès, Ercoli, *Corr. Int.*, n. 89, 22 de agosto de 1928, p. 887.

> luz!"). A vanguarda operária não pode lutar na escuridão. O Estado-Maior da revolução não pode se formar numa luta fracional sem princípio. Existem formas de luta que consistem em adotar certas medidas de organização que, aplicadas inconsideravelmente, adquirem um valor independente de nossa vontade, agindo mesmo fora dela, empurrando-a rumo à desagregação, até mesmo à dispersão das forças das direções de nossos partidos.[10]

Eis as últimas palavras pronunciadas por um dirigente comunista contra a linha "classe contra classe" num organismo dirigente oficial da Internacional. O fato de que o homem que as pronunciou tenha, em seguida, capitulado não deve entrar na conta quando se trata de apreciar a linha sobre a qual se encontravam os direitistas com relação a duas questões-chave do movimento comunista: a natureza da social-democracia e o regime de seu partido.

Os discípulos russos: Riutin

Foi em 1932 que apareceu, em Moscou, um grupo clandestino independente chamado União dos Marxistas-Leninistas, sob a direção de um *apparatchik*, até lá conhecido principalmente por seu pertencimento à direita e pela organização de violências físicas contra o pessoal da Oposição de Esquerda, M. N. Riutin. Este grupo, provavelmente organizado em 1930 e cujos membros foram presos em 1932, tinha a ambição de unificar as oposições para abater Stalin. Ele contava, entre seus membros, com ex-militantes da Oposição de Esquerda, de nuance trotskista ou zinovievista e, em sua maioria, antigos partidários de Bukharin. Em sua correspondência, Trotsky e seu filho Sedov chamam este grupo de "os direitistas". A "Mensagem aos membros do partido" deste grupo de junho de 1932[11] – conhecida somente depois da *Perestroika* – começa na forma de uma acusação:

> O partido e a ditadura do proletariado estão sendo conduzidos por Stalin e sua clique a um impasse sem precedentes e atravessam uma crise mortalmente perigosa. Utilizando a enganação, a calúnia e a depreciação dos militantes, recorrendo ao terror e a uma inacreditável violência, Stalin, durante os últimos cinco anos, amputou o partido de seus melhores quadros autenticamente bolcheviques, em nome da pureza dos princípios e da unidade; ele instaurou sua ditadura pessoal sobre o partido e o conjunto do país, rompeu com o leninismo e enveredou pelo caminho do pior aventureirismo e de uma arbitrariedade pessoal selvagem que conduz a União Soviética às beiras da falência.[12]

Ela denuncia "um ritmo de industrialização aventureirista que acarreta uma dimi-

10. VII[e] congrès, *loc. cit.*, p. 950.
11. "Manifeste de Rioutine", trad. fr., In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 37, março de 1989, p. 108-114.
12. Rioutine, *loc. cit.*, p. 108-109.

nuição colossal dos salários, [...] uma coletivização aventureirista conduzida ao preço do terror, de incríveis violências e de uma deskulakização que atingiu, na verdade, as massas rurais médias e pobres, [...] o empobrecimento assustado das massas e a fome, tanto no campo quanto nas cidades"[13]. Ele prossegue:

> O país inteiro está amordaçado; a injustiça, o arbítrio e a violência, as ameaças perpétuas pesando sobre cada operário, cada camponês. A legalidade revolucionária está totalmente vilipendiada. Não existe mais confiança no futuro. As massas trabalhadoras e a classe operária foram encurraladas no desespero da política stalinista. O ódio, a raiva e a indignação das massas comprimidas sob a tampa do terror é como a água que ferve [...] O ensinamento de Marx e de Lenin é vergonhosamente deformado e falsificado por Stalin e sua clique.[14]

O julgamento que eles fazem do aparato e do regime do partido é, talvez, ainda mais feroz; eles falam do "sistema da ameaça, do terror e da enganação", da direção coletiva que se transformou "no sistema dos capangas", dos "politiqueiros sem princípio, covardes e mentirosos [...] malandros, desonestos, [...] carreiristas, puxa-sacos e lacaios"[15]. A parte consagrada à Comintern é reduzida: um simples parágrafo após uma introdução vigorosa: "De Estado-Maior da revolução comunista mundial, a IC foi rebaixada ao nível de simples chancelaria a serviço de Stalin para os assuntos dos partidos comunistas, onde os postos são ocupados por burocratas poltrões que executam a vontade de seu chefe. A crise do PC(b) acarretou a da IC"[16]. O programa, esboçado para a URSS, não comporta medidas de reajuste para a Comintern. Podemos crer que ele exerceu uma grande influência sobre as correntes de direita e mesmo mais amplamente nos partidos. Mas ele não foi conhecido, e somente foi pautado, de maneira precisa, anos depois de seu desmantelamento e da prisão de seus dirigentes. É preciso, portanto, perguntar-se: não seria o fato de o grupo de Riutin se situar, ele também, sobre o terreno da construção do socialismo num só país que explica esse dramático silêncio?

A direita alemã: os "brandlerianos"

É em 1921 que Heinrich Brandler foi levado à frente do KPD, no dia seguinte do "erro esquerdista" da Ação de Março. A escolha foi feita pelos dirigentes da Internacional e ele foi informado. Brandler é um militante operário sólido, um excelente organizador, um homem simples e popular que fez parte do núcleo espartaquista. Ele está cercado de homens de sua idade e de experiências diversas, August Thalheimer, jornalista de talento, que

13. Manifeste de Rioutine, *op. cit.*, p. 109.

14. *Ibidem*, p. 110-111.

15. *Ibidem*, p. 111.

16. *Ibidem*, p. 111-112.

é, na época, o teórico do partido, e militantes aprovados nos combates de classe, como Jakob Walcher, organizador sindical, Paul Böttcher, Paul Frölich e o grosso da geração operária espartaquista do KPD, mas também independentes do USPD. Durante todo um período, ele respondeu às expectativas da direção da IC por sua atitude muito firme – alguns acharam que ela foi até demais – para com a "Esquerda" de Ruth Fischer e de Maslow, que ele considerava esquerdista e aventureirista. Não convencido da aproximação do Outubro alemão, ele se deixa ganhar, em Moscou, pelo entusiasmo dos russos e colabora com eles, particularmente com Trotsky – por quem ele tem uma grande admiração – na minuciosa preparação do Outubro alemão[17].

Suas evidentes hesitações no último minuto, fizeram com que ele fosse aquele que deu o sinal de retirada, fazendo dele, portanto, um bode expiatório perfeitamente encontrado para o terrível fiasco de 1923. Abalado, Brandler crê poder safar-se ao desqualificar Trotsky. Essa palinódia não o impediu de ser eliminado da direção do partido. Fazendo o balanço de 1923, ele e seus próximos vão, doravante negar, as possibilidades revolucionárias de 1923, levantando, assim, um muro entre eles e os trotskistas[18]. Exilado em Moscou, Brandler, não obstante, não perde o contato com seus camaradas. No começo de 1925, com Thalheimer, Radek, Felix Wolf, Walcher – todos residindo em Moscou e membros do PC russo – ele é acusado de trabalho fracional e é levando – de 10 a 28 de março, em quatro sessões – à Comissão Central de Controle do PC russo, ampliada a diversos dirigentes da Comintern, dentro eles Piatnitsky e o *tchekista* Peters. Eles são acusados de terem realizado um trabalho "fracional" por intermédio de diversos funcionários alemães da embaixada da URSS em Berlim, de onde Gerhard Eisler fora chamado novamente depois da descoberta do "caso"[19]. Os "acusados" negam energicamente, e Brandler chegará mesmo a proclamar que estará sempre do lado da revolução quando numerosos de seus acusadores estiverem no da contra-revolução. A "acusada" Edda Baum, visivelmente membro dos serviços, confessa que falou dos assuntos alemães com Trilisser, homem do GPU, cujo sobrenome – "sombra" – somente passa na ata. Pediu-se, à comissão, a expulsão, mas ela se contentou com uma "reprovação severa", assim como a proibição absoluta de intervir na vida do KPD para Brandler, Thalheimer, Radek, Edda Baum, Felix Wolf e Heinz Möller, e na Comintern para Brandler, Thalheimer e Radek[20].

Parece que Brandler e seus amigos alemães de Moscou, sob a pressão de seus camaradas russos, agiram com mais prudência na seqüência, ou, pelo menos, pararam de deixar pistas. Brandler foi transferido para a Profintern, no Conselho de Economia Nacional, depois à Krestintern, onde chega mesmo a se tornar vice-presidente. Thalheimer foi transferido para o Instituto Marx-Engels e lecionou na Universidade Sun Zhongshan, de Moscou.

17. R. Fischer, *Stalin and German Communism*, p. 305-328.

18. P. Broué, *Révolution en Allemagne*, p. 792.

19. J. Becker, T. Bergmann, A. Waltin (hrsgb), *Dar erste Tribunal. Das Moskauer Parteiverfahren gegen Brandler, Thalheimer und Radek*, accusation p. 65-90.

20. *Ibidem*, p. 185-187.

Eles foram novamente criticados no Executivo de novembro-dezembro de 1926. Não obstante, há conflitos a respeito deste exílio, mesmo entre as pessoas da mesma linha. Clara Zetkin, como sabemos, recusara-se a reintegrar a direção, caso Ernst Meyer e Walcher não fossem também reintegrados, se Thalheimer e Frölich não recebessem importantes responsabilidades. Além do mais, a expulsão de Ruth Fischer poderia justificar uma concessão. Finalmente, os delegados russos e alemães se reencontraram no Executivo, de fevereiro de 1928, para resolver o caso, depois de ter cuidadosamente evitado informar Clara Zetkin. O acordo se fez, em definitivo, com a decisão de deixar os exilados voltarem em condições bem restritas, ditadas por Stalin. Thalheimer volta em março e retoma os contatos fracionais. Brandler, por sua vez, chega a Berlim em setembro, em meio ao caso Wittorf.

Se ele e os seus tiveram ilusões, elas foram de curta duração. Em 3 e 4 de novembro de 1928, Thälmann apresentou o relatório político na conferência do partido alemão. Ele frisava a evolução da social-democracia em social-imperialismo e em seguida em social-fascismo, um fato, segundo ele, consolidado. Ele denunciava "o desvio de direita" e seu "bloco" com os conciliadores e afirmava a necessidade de o combater sistematicamente. A direita – quatro representantes – denunciou o "centralismo burocrático reinante" e o fato de que os membros do partido estavam "amordaçados". E Böttcher chamou, em seu nome, a lutar "contra a toda-potência do aparato incontrolado e a tolerância [da qual ele dava a prova] a respeito da corrupção". Foi bem dito, mas os quatro tiveram contra eles 221 votos para um texto que os qualificava de "liquidadores e traidores do partido". Houve importantes resistências em diversas assembléias gerais de diversos distritos e as resoluções contra a direção venceram aqui e ali.

Os "conciliadores" faziam de tudo para evitar o que parecia a morte do comunismo na Alemanha, uma desgraça também, pois os homens ameaçados de expulsão encarnaram a causa do comunismo durante os anos da guerra e da revolução, algumas vezes inflamando o entusiasmo dos militantes de base e jovens que eles eram então. Ernst Meyer participou do Secretariado Político da Comintern ao fim de novembro e fez uma séria e bem fundamentada intervenção, picada pelas interrupções de Walter Ulbricht. No CC do KPD de 13 e 14 de dezembro, a direção, constatando que a direita tinha constituído uma fração, deu-lhe até 20 de dezembro para capitular por escrito e renunciar a suas próprias idéias sob pena de expulsão. Os "conciliadores", por sua vez, fizeram esforços desesperados para manter uma balança desigual entre a direita, o "inimigo principal", e as "tendências sectárias de esquerda" da direção.

No CEIC, Stalin martelara que não se podia mais suportar esse tipo de atuação, que o partido precisava de uma disciplina de ferro. A Hausen e Galm, convocados primeiro, Bukharin aconselha capitular. Clara Zetkin se opôs, preconizando a liberdade de expressão. Humbert-Droz era também oposto, assim como o italiano Angelo Tasca. Entre 21 de dezembro, para os alemães membros do KPD, e 1° de janeiro de 1929, para aqueles que eram do partido russo, devido a seu exílio, todos os "agentes reformistas no partido comunista", independentemente de seu passado como fundadores do partido, foram expulsos sem nenhuma outra forma de processo. A reunião fracional, de 30 de dezembro de 1928, dos opositores de direita em torno de Brandler e de Thalheimer tornava-se, portanto, retroativa, o 1° de janeiro, depois da expulsão destes dois últimos, o ato de fundação de uma organização nova, a KPO (Partido Comunista Oposição)[21].

A expulsão da direita na Tchecoslováquia

A cisão ocorreu na Tchecoslováquia pouco depois da subida à ponte de comando do PC da equipe de Klement Gottwald. Os novos dirigentes da fração na direção dos sindicatos vermelhos, o MVS, lançaram-se numa greve minoritária entre os operários das indústrias têxteis do norte da Boêmia, atacando tanto os sindicatos reformistas quanto a maioria de seu próprio sindicato. A ex-direção em torno de Josef Hais, sob impulsão de Arno Hais, queria realizar o contra-ataque. O impossível se deu, o que a historiografia stalinista chama de "um *putsch*". Em 10 de março de 1929, uma votação da direção sindical depôs os dirigentes e reinstalou no secretariado geral o ex-titular do posto, Josef Hais, descartado por uma decisão da fração do PCT no MVS sob instruções da direção Gottwald. Era um desafio democrático e uma afirmação prática da independência sindical que o PCT não poderia aceitar.

Em 13 de março, o Comitê Central do partido tchecoslovaco pronunciou a expulsão não somente de Hais, mas de uma série de outros dirigentes considerados direitistas, Václav Bolen, Alois Muna, Josef Skalák e o ex-secretário geral do partido Bohuslav Jílek. Vinte e seis deputados e senadores, animados por Jílek e Neurath, denunciaram o curso ultra-esquerdista que conduzia à falência e faria do partido uma seita. A Profintern tentou – ou fez cara de quem tentou – encontrar um compromisso para impedir a cisão da seção tchecoslovaca. Em 26 e 27 de março, em Dresden, uma delegação formada por Lozovsky, Dimitrov, Heckert, Merker, Herclet e Witkowski encontrou os delegados das duas frações tchecoslovacas opostas. Não deu em nada.

É o sinal da cisão do MVS, de que dois terços mais ou menos restaram sob a direção de um homem do PCT, Antonín Zápotocký, ao passo que 40 mil partidários de Hais se filiariam, no final, aos sindicatos reformistas, um golpe duro para a Profintern, menos importante, entretanto, que previsto pelos amigos de Hais. Expulsos do partido deles próprios, os comunistas de direita estiveram representados em uma conferência organizada em Kladno, em junho, em presença de um delegado da KPO alemã, Erich Hausen. Forte de seis mil membros no começo e da adesão de homens de esquerda, como Alois Neurath, ela controlava casas do povo e outras instituições importantes do movimento operário. Os outros dirigentes eram veteranos do núcleo inicial: Alois Muna, Václav Bolen, Josef e Arno Hais, Bretislav Húla.

A oposição comunista se reagrupou. O Grupo Leninista de Oposição, de Bohuslav Jílek, e a oposição de Brno em torno de Václav Kovanda fundiram-se no seio do Grupo

21. R. Alexander, *op. cit.*, p. 137.

Leninista, cuja fusão com uma parte da oposição "leninista" deu à luz a Oposição Unificada do partido comunista tchecoslovaco, *KSČ-Opozice*. Esses desenvolvimentos eram revezes por demais fortes para Klement Gottwald e os seus. Trotsky não foi menos atingido pelo fato de que um opositor de esquerda da importância de Neurath, rompendo com Zinoviev, juntou-se à Oposição de Direita. Ele teve que batalhar duro, de sua parte, contra seus camaradas da Tchecoslováquia que pensavam eles também, no começo, que a Oposição de Direita poderia oferecer um teto comum às diferentes famílias saídas do partido. Apesar de seus esforços iniciais, a Oposição de Direita alastrou-se muito rapidamente. Num primeiro momento, em 1930, a fração da oposição "leninista", que não tinha aderido à Oposição de Direita e, num segundo momento, em 1932, Muna e alguns outros, passaram para o lado da social-democracia. É esta última que foi, aqui, diretamente beneficiada pela crise e pela cisão do partido, com a Oposição de Direita chegando mesmo a perder Neurath, em 1932[22].

A direita francesa e a SFIO

Não houve, na França, direita no sentido internacional do termo: "direita brandlerista", para empregar o jargão. Talvez, as condições da cisão de Tours, a importância dos militantes do "centro" ligados a Moscou explicam uma rapidíssima hemorragia da direita do PC. Em 1923, L. O. Frossard, o ex-secretário geral – na verdade, revoltado com o comunismo – funda, com Paul-Louis, a União Socialista-Comunista, que se torna, em 1927, o Partido Socialista-Comunista. Em 1929, é a tática "classe contra classe" que expulsa um grupo de vereadores de Paris, dentro eles um outro ex-secretário geral, Louis Sellier, e o ex-dirigente da JC François Chasseigne, que vai fundar o Partido Operário e Camponês. Essas duas pequenas formações, PSC e POP, fundem-se, em 1930, no seio do PUP (Partido da Unidade Proletária), de que Paul-Louis foi também secretário, e que existiu até sua fusão com a SFIO, em 1937, tendo conseguido conservar alguns deputados e recrutado sobre uma base unitária militantes sindicais ex-membros do PC, como o docente e historiador Maurice Dommanget.

Sem querer negligenciar a importância dessas duas organizações, que parecem não ter nenhuma relação direta com a Oposição de Direita, é preciso, sem dúvida, sublinhar, de início, que esta última não tinha muita chance na França a partir do momento em que aquele que, dentre os antigos comunistas, era, sem dúvida, o mais próximo dela, depois do começo dos anos 1930, Boris Souvarine, nunca se engajou nela: ele rejeitava com indignação a assimilação com ela. Além disso, o período do Entreguerras presenciou uma contínua hemorragia do PCF, com a passagem à SFIO de militantes expulsos ou com o mal-

22. Encontraremos um estudo sobre os sindicatos vermelhos na Tchecoslováquia durante os anos 1920, assim como o relato da luta final de 1929, em K. McDermott, *The Czech Red unions 1918-1929. A study of the Relations with the CP and the Moscow Internationals.*

estar do dia seguinte de uma de suas numerosas crises. Foi o caso de dois homens bem diferentes, L. O. Frossard, o oportunista, em meados dos anos 1920, Amédée Dunois, homem de rigor moral, via o POP, em 1930, mas também numerosos ex-oponentes do PC, de Maurice e Magdeleine Paz a Albert Treint e Henri Barré, passando por Maschl-Revo, tornado Lucien Laurat.

Os Lovestonistas

Jay Lovestone (Jakob Liebstein), filho de imigrantes da Europa oriental, aderira muito jovem ao Partido Comunista dos EUA e se engajou imediatamente na luta que estava pegando entre as três frações rivais. O homem tinha notáveis qualidades de organização e passava por um temível manobrador calejado nas brigas do aparato. Em 1925, vencido por pouco nas eleições para o congresso pela tendência Foster-Cannon, ele foi de todo modo colocado à frente do CPUSA: um telegrama do Executivo ordenara expressamente seu representante, S. I. Gussev, a fazer dele o chefe do partido. Até lá, o número dois de Charles Ruthenberg, ganhara importância depois da morte do primeiro. Em setembro de 1927, ele era o secretário inconteste do partido e iria continuar por dois anos ainda. Pessoalmente ligado a Bukharin, ao longo de suas numerosas viagens a Moscou, era seu conselheiro para os assuntos americanos. Ele se distinguiu, em 1928, – um dos primeiros na Comintern – pela organização de violências físicas contra os "trotskistas", cujos apartamentos foram invadidos e saqueados, as mulheres injuriadas e tratadas de putas, os militantes atacados e espancados nas ruas, expulsos às dezenas. Não obstante, no mesmo ano, ele cometeu em sua carreira o erro crasso de não ter compreendido a tempo o enfraquecimento das posições de Bukharin. Chegou mesmo a reivindicar no VI Congresso a reunião do "conselho dos veteranos" – os chefes de delegação – para colocar um ponto final nas calúnias contra ele e nos rumores que o concerniam, o que lhe custou uma recusa ofendida e o ressentimento de Stalin.

Sua vez chegou mais cedo do que aparentemente esperava. Ele não aceitou a "proposta" de Stalin, que queria que ele viesse a Moscou sob pretexto de trabalhar na Comintern, a fim de, obviamente, afastá-lo do partido americano. A resistência que a delegação do partido americano em Moscou ofereceu a esta proposta só serviu para piorar as coisas. Stalin lançou o ataque ao longo da sessão do *Presidium*, em maio de 1929. Ele manifestava cada vez mais seu cinismo e interpelou Lovestone com esses termos: "Hoje o senhor ainda tem formalmente a maioria. Amanhã, o senhor não a terá mais – se o senhor tentar lutar contra as decisões do *Presidium* do Comitê Executivo da Comintern – e o senhor será completamente isolado. Tome consciência disso. Se os camaradas da delegação americana aderirem às nossas proposições, tanto melhor, se não, pior para eles. A Comintern fará [aquilo que ela decidir fazer], em todas as condições"[23]. O dirigente, prestes a cair em des-

23. F. I. Firtsov, *op. cit.*, p. 102.

graça, sabia, desta vez, o que aconteceria com ele. Ela preparava, de antemão, uma transferência das propriedades do partido. Ele mal tinha deixado Moscou e já tinha sido substituído à frente do partido. Ele soube, dois dias depois de sua chegada, que fora expulso numa esteira de 300 a 350 militantes, com quem ele fundara o *Communist Party of the USA (Majority Group)*, publicando *Revolutionary Age*, depois *Workers Age*: dentre eles, onze membros titulares do CC, quatro suplentes, dois membros da Comissão de Controle. Stalin, realmente, decapitara, sem mais, o CPUSA.

Outras organizações e grupos

Nascida dentro do aparato ao redor de homens cuja autoridade repousava também sobre o aparato, a Oposição de Direita, diferentemente da Oposição de Esquerda, conseguiu, indubitavelmente por essa razão, abocanhar fatias inteiras das organizações regionais e mesmo um partido inteiro.

Na Índia, M. N. Roy fora uma das vedetes do começo da IC antes de se tornar um admirador de Stalin, que o considerava, porém, um "bukharinista", desconfiava sempre dele e o perseguiu muito cedo. Foi expulso em Moscou, em 1929, no momento em que ele tinha se estabelecido em Berlim, ligado a Brandler e principalmente a Thalheimer, que tinha se tornado, segundo sua própria expressão, um "guru". Ele se esforçou rapidamente em colocar em pé um grupo comunista de oposição. Seus primeiros membros foram recrutados por ele em Berlim: dentre eles, Brajesh Singh, futuro marido de Svetlana Alliluieva Stalin. Ele mandou três dos seus para a Índia, em agosto de 1930, com um manifesto que afirmava que não era o caso, por ora, de chamar à formação, na Índia, uma república soviética. Ligado a Nehru, ele realizou um grande trabalho inicial, notadamente nas organizações camponesas, mas sem nenhum resultado no Partido do Congresso.

Os comunistas da Suíça foram os primeiros a manifestar sua resistência à decisão de Stalin – tomada mesmo sem uma reunião do Secretariado Político da Comintern – de pressionar o Comitê Central alemão a voltar atrás em sua votação e restabelecer Thälmann em suas funções. Humbert-Droz telegrafou seu desacordo e manteve sua posição na reunião do *Presidium*, cara a cara com Stalin e com o apoio de Clara Zetkin. Por razões que nos escapam, Stalin o poupou e o conservou sob estrito controle no aparato da IC. Assim, os estragos foram relativamente limitados na Suíça. O primeiro expulso foi Paul Thälmann, ex-membro do Birô Político e membro do Comitê Central, acusado de ser "direitista" e "fracionista". Fritz Wieser, secretário do partido, seguiu-o de perto. O partido suíço foi colocado sob a tutela de um "procônsul", o alemão Richard Gyptner. Ele se chocou com a organização do PC de Schaffhouse, dirigido por Walter Bringolf, que se recusou a seguir os conselhos de Humbert-Droz e foi expulso. A Oposição Comunista suíça foi também construída em torno de Schaffhouse, com a imprensa, o aparato, os eleitos do PC nesta região. Ela tinha, nos primeiros tempos, uma influência eleitoral e social bem superior. A organização da KPO suíça foi, contudo, fundada por fora dela pelos esforços de um

responsável de Zurique, o emigrado comunista húngaro Moritz Mandel, que aderiu primeiro à organização de Schaffhouse e depois a seu chefe.

Não havia personalidade comparável a Jules Humbert-Droz na Suécia. O partido comunista – até então dirigido por Karl Kilbøm – contava, em 1927, com mais ou menos 18 mil membros. Ele tinha uma influência considerável nos sindicatos. Bukharin, que vivera na Suécia durante a guerra, era bem conhecido e bem visto pelos dirigentes e membros. Um incidente acerca da análise, feita por Remmele, do capitalismo sueco como "imperialismo dirigente" provocou o envio, em 1929, de uma carta do Executivo e uma reunião do comitê central do partido sueco, que a rejeitou pela maioria. Convidado a "negociações" em Moscou, os dirigentes suecos se encontraram frente à uma comissão de dirigentes da Comintern, dentre eles Manuilsky, Ulbricht, Reimann, Remmele, que exigiam deles o reconhecimento de seus erros. Eles se recusaram e voltaram para casa. O PC sueco tinha a originalidade de ter seus próprios recursos e de não depender da ajuda de Moscou. O partido sueco enviou então uma nova delegação de que Kilbøm era membro. Desta vez, chegou-se a um acordo que previa uma discussão de quatro meses precedentes à decisão definitiva. Não obstante, o debate foi levado a público, em Riksdag, pela fração minoritária pró-Moscou de Hugo Sillen. Depois do X *Plenum*, o Executivo pronunciou a expulsão dos dirigentes que restaram. Estes convocaram o VIII Congresso de seu partido, em que eles tinham a maioria, sete mil membros contra quatro mil, de um total de 17 mil antes da cisão – a nota era pesadíssima. Os dirigentes expulsos levaram com eles o aparato, a imprensa, os cargos sindicais e outros e a maior parte do eleitorado comunista.

O grupo de oposição comunista norueguês de Erling Falk, com a revista *Mot Dag*, os grupos finlandeses e dinamarqueses seguiram de longe o exemplo de Estocolmo. Uns e outros mergulharam num trabalho sindical que lhes valeram responsabilidades sobre uma linha de "oposição leal" à burocracia reformista. A influência dos brandleristas era, no começo, o fator determinante para todos. Ao longo dos anos, contudo, eles iriam se aproximar da social-democracia.

Na Espanha, fora das lutas fracionais permanentes que desembocaram na retomada da autoridade pelo Grupo dos Três – Bullejos, León Trilla e Adame –, o ponto de partida da crise foi, em 1927, a diretiva do Executivo de participar da Cortes, cuja eleição fora decidida por Primo de Rivera. Maurín opôs-se em nome da federação catalano-balear e uma conferência do partido recusou-se a seguir a Comintern neste terreno. Maurín fora apoiado, em sua oposição, por Andrés Nin, então ainda em Moscou, secretário da Profintern. Em 1931, toda uma fatia do partido comunista – um terço dos seus efetivos – o deixou após a expulsão da federação catalano-balear de Joaquín Maurín. A federação recebeu rapidamente a adesão de um pequeno partido em desacordo com a IC por conta de suas próprias tendências catalanistas, o *Partit Comunista Catalá*, mas também por veteranos como Luis Portela e mais jovens, como Julián Gorkin, que fora permanente da Comintern em Moscou, antes de flertar, por meses, com a Oposição de Esquerda. Todos foram rotulados de direita, pois seus contatos internacionais e as amizades pessoais de Maurín – o

cunhado de Souvarine – estavam do lado da direita[24]. Durante algum tempo, Andrés Nin, de volta de Moscou, pensou em se juntar a Maurín, que conhecera na prisão. Foi o primeiro de seus graves conflitos com Trotsky ao longo desses anos.

É igualmente sobre a questão nacional que o Partido Comunista da Alsácia se encontrou, em 1929, engajado ao lado da Oposição de Direita, ao recusar a palavra de ordem do PCF de "Alsácia soviética". Ele reafirmava que o caráter nacional da República Soviética Alsaciana seria determinado pelo calendário da revolução na Alemanha e na França, e que seria preciso, de todo modo, levar em conta as reivindicações nacionais parciais. Expulso, levou consigo a esmagadora maioria dos eleitores e dos militantes comunistas alsacianos. À sua frente, o deputado e prefeito de Estrasburgo, Charles Hueber – o homem que houvera levado, ao Congresso de Tours, o apoio da organização social-democrata inteira do distrito de Estrasburgo aos comunistas – e um outro deputado, Jean-Pierre Mourer.

Fração de um partido minúsculo, a oposição de direita da Áustria, fundada em 1929, não é digna de ser mencionada a não ser pelo fato da presença, à sua frente, do ex-dirigente da Juventude Willi Schlamm que, depois de 1933, dirigiu, no exílio, durante alguns meses, o prestigioso hebdomadário em alemão, *Die Neue Weltbühne*, em que ele dava largamente a palavra a Trotsky.

Os dirigentes da corrente comunista no Canadá, que animavam os grupos de Montreal e Toronto, Jack MacDonald – que passou a Oposição de Esquerda em 1932 – e William Moriarty, ex-secretário do Partido Comunista do Canadá, foram expulsos por terem se recusado a expulsar Israel Breslow, um jovem operário que recebia o material desta organização. Eles não desempenharam um papel independente da oposição de Lovestone, que os recrutou e dos quais eles eram, de algum modo, os grupos locais. A mesma coisa para os dirigentes de Montreal, Michel Buhay e Kalmen Kaplansky.

No México, Diego Rivera, amigo pessoal de Bertram D. Wolfe, um dos principais colaboradores de Lovestone, deu dinheiro, mas não sua adesão pessoal, à oposição de direita.

Retendo a boa fórmula de Robert J. Alexander sobre "as oposições que não nasceram", nós não o seguiremos em sua busca pelos grupos nacionais nas colunas da imprensa lovestonista, que abusa, freqüentemente, de seus leitores ou se engana sobre a força de seus camaradas estrangeiros. Mencionaremos somente os italianos e os poloneses.

A fração dos comunistas da Itália, que foram formados na polêmica com a esquerda bordiguista, estivera bem próxima de Bukharin. Ercoli-Togliatti não o dissimula no VI Congresso. Mas Stalin sabia como superar as resistências que provinham de um partido de emigrados. Togliatti capitula, mesmo a respeito da teoria do social-fascismo, sobre a qual ele diversas vezes falara que não acreditava em uma só palavra. Angelo Tasca (Serra) foi expulso, assim como Secondo Tranquilli, o futuro romancista Ignazio Silone. Gramsci está em quarentena na prisão: ele emitira crítica a respeito da direção stalinista. Não

24. V. Alba e S. Schwartz, *Spanish Marxism vs Soviet Communism*, p. 1-88.

houve Oposição de Direita organizada de comunistas italianos. Angelo Tasca – refugiado em emigração na França – tornou-se Amilcare Rossi, membro da SFIO, e André Leroux, colaborador do *Populaire*.

Na Polônia, os Quatro Ws – Warski, Wera Kostrzewa, Walecki e Weber-Próchníak –, com numerosos militantes da velha guarda comunista, foram considerados como "brandleristas" e atacados como "oponentes de direita", o que eles eram somente numa certa medida sobre o plano das idéias e das orientações fundamentais. O que sabemos deles explica, entretanto, que ficaram de fora. Para eles, mais que para todos os outros, o fenômeno da ligação à revolução russa e a devoção ao partido russo exercia uma força muito grande.

Nos Países Baixos, o vigilante Robert J. Alexander cometeu um pequeno erro. Ele crê identificar um grupo de Oposição de Direita na cisão dirigida por Wijnkoop, o PC holandês-Comitê Central (CPH-CC), ao passo que a assimilação é impossível; contudo ele parece, por outro lado, não ter prestado atenção ao pequeno grupo dirigido, de 1933 a 1935, por Richard Van Riel, a *Communistische Partij Oppositie* (CPO), de que foi membro durante dois anos de sua existência.

Programa da Oposição Internacional

É em 1930 que nasceu a Oposição Comunista Internacional Unificada (IVKO, em alemão, ou UICO, em inglês) no Congresso de Berlim, cujo relatório foi apresentado por Lovestone. Este apresentou-a "não como uma nova Comintern", mas como "o centro organizacional da luta pela restauração e reconstrução da Internacional Comunista"[25]. A plataforma programática lembrava os "princípios de base" do "comunismo [...] o estabelecimento de uma ditadura do proletariado sob a forma de um Estado soviético enquanto transição necessária em direção a uma sociedade socialista sem classes" e a "defesa da União Soviética enquanto Estado operário" – uma maneira de reconhecer a possibilidade de construção do socialismo num só país... O meio deveria ser um partido unificado mundial, regido pelas regras do centralismo democrático: por ora, a plataforma dizia-se emanar de uma "tendência tática organizada dentro da Comintern". Para ela, era preciso fazer uma luta irredutível contra o reformismo aberto e o reformismo escondido dos centristas. Ela criticava a teoria stalinista do "terceiro período", que, segundo ela, "não é o resultado de uma análise real do capitalismo mundial, mas uma transferência esquemática das etapas principais da construção socialista na União Soviética". Ela se pronunciava pela frente única, tendo por objeto "ganhar ao comunismo a maioria da classe operária" e organizar sua luta. Condenava a política de cisão das organizações sindicais e preconizava a reunificação onde ela tinha ocorrido. No que concerne ao regime interno, insistia na necessidade de uma direção internacional "unificada e centralizada, base-

25. *Revolutionary Age*, 7 de março de 1931.

ada nos representantes dos partidos que estão em medida de fazer sua própria avaliação das relações de classe em seus próprios países e não são simples funcionários da direção internacional, mas representantes gozando verdadeiramente da confiança de suas seções". Ela reivindicava também a eleição dos responsáveis, a organização de verdadeiras discussões, a livre discussão antes da ação, e preconizava a expulsão dos elementos corrompidos. Reclamava a reintegração de "todos os expulsos por terem se oposto ao curso ultra-esquerdista atual"[26].

O silêncio absoluto guardado sobre a política na URSS surpreende, mas talvez possa muito bem ser explicado. Os dirigentes da Oposição de Direita eram conhecidos como bukharinistas. Alguns dentre eles eram mesmo amigos pessoais de Bukharin. Seria pueril pensar que seu silêncio se explica pelo medo de comprometer seus amigos soviéticos. Eles próprios o explicavam, mesmo que de maneira um pouco formal, pela preocupação de deixar primeiro os interessados se pronunciarem sobre os assuntos de seus países: os brandleristas não admitiram, diziam eles, a ingerência do partido russo na Alemanha, e é precisamente por isso que eles se abstiveram por sua parte de todo comentário sobre a política de seus camaradas russos. O pessoal da Oposição de Esquerda dizia que Brandler, notadamente, sempre esperou que a razão se impusesse a Stalin e que, perante o desastre iminente provocado por seus próprios homens, faria de novo um apelo àqueles que foram os oponentes leais e discretos de sua política e os inimigos de seus inimigos: uma atitude que conduziu, em todo caso, Brandler a denunciar ruidosamente "os trotskistas" e a aprovar os dois primeiros processos de Moscou.

A posição de M. N. Roy

Um recente estudo do historiador indiano Sobhanlal Datta Gupta[27] prestou-se a desenhar um quadro do conjunto da crítica de M. N. Roy a respeito da Comintern. De início, uma crítica do "terceiro período" sobre a base de sua experiência vivida como dirigente durante dez anos. Depois, os três pontos cruciais, a linha geral ultra-esquerdista, a russificação crescente da direção da Comintern, a subordinação desta última aos *diktats* do partido soviético, e, por último, as implicações desastrosas desta linha sobre a luta revolucionária na Índia. O autor sublinha que "a direita" fora destruída na Internacional antes que Bukharin fosse eliminado dos cargos de responsabilidade na União Soviética, e que ele sofreu assim o ataque decisivo no momento em que estava totalmente isolado. Ele explica que os dois erros de Moscou consistiam, na época, em superestimar a potência da social-democracia e em subestimar a do fascismo. Ele mostra em seguida que a divergência entre Roy e a Comintern estava na apreciação do nível de estabilização do capitalismo,

26. *Revolutionary Age*, 25 de abril de 1931.

27. S. D. Gupta, "M. N. Roy's Critique of the Comintern: An Exercise in Bukharinism?", In: *The Calcutta Historical Journal*, XVI, I, janeiro-junho de 1994, p. 101-125.

que Roy considerava relativamente importante e que não justificava, na época, uma "tática ofensiva em todos os *fronts*", mas somente prudência e tática defensiva.

Para Roy, era preciso distinguir entre a luta pela direção da classe operária e o combate pelo poder, a primeira estando na ordem do dia e exigindo uma conquista lenta e paciente da maioria através das organizações de massa, notadamente os sindicatos. Roy não coloca em questão a teoria da "construção do socialismo num só país". Contudo, considera que os dirigentes russos, depois da morte de Lenin, são medíocres, "homens de segundo plano", esmagados pelas dificuldades em seu próprio partido e freqüentemente "obrigados a tratar a Internacional como um simples instrumento em suas luta internas". Ele não critica a coletivização, mas somente seu ritmo, e que ela seja imposta pela força e por métodos burocráticos. Por outro lado, é bem crítico quanto à ênfase colocada pela Comintern sobre o "perigo de guerra" contra a URSS, subestimação, segundo ele, de contradições interimperialistas e da potência da URSS. Diferentemente de Brandler, ele se pronuncia sobre o regime interno da URSS e contra a repressão que atinge a direita: "A utilização do terror no interior da classe revolucionária é muito arriscado e este perigo pode ser fatal se o regime de terror se estender ao interior do partido da classe revolucionária"[28]. Ele escreve sobre o problema de fundo: "Todo sistema de direção deve ser mudado antes que a Comintern possa se restabelecer da crise atual, que é uma crise de direção. Enquanto o sistema atual, a saber, a determinação da política de toda a Internacional sobre a base das necessidades das lutas internas ao Partido Comunista da União Soviética nas condições pós-revolucionárias, continuar, não podemos prever o fim desta crise"[29]. Sem jamais mencionar a luta anterior da Oposição de Esquerda nem o terror, de outro modo rigoroso, que a atingiu antes da direita, ele afirma seu otimismo em relação ao fato de que a industrialização, "vitória de Stalin", injetou sangue novo no proletariado e que ela abalou as bases da burocratização, uma afirmação que é, sem dúvida, a mais surpreendente deste desenvolvimento sobre a situação na URSS.

Quanto à Índia, depois de diversas guinadas e reviravoltas, M. N. Roy condena, firmemente, a tática isolacionista ultra-esquerdista de um pequeno partido que criava seus próprios sindicatos vermelhos, cortado de todo o movimento dos explorados e dos oprimidos. De seu lado, ele chegou à conclusão da necessidade dos partidos operários e camponeses, reagrupando nacionalistas avançados e comunistas, e trabalhando no interior do Partido do Congresso, ao mesmo tempo para se proteger e para o radicalizar a partir do interior. S. D. Gupta, aqui, defende M. N. Roy contra Trotsky ao se esforçar por demonstrar que o que ele tinha em vista não eram partidos "operários e camponeses" *à la* stalinista, substitutos de partidos comunistas, mas partidos podendo desempenhar um papel de pontes em direção às massas que seguiam o Partido do Congresso e de instrumentos de pressão no interior desse último.

28. M. N. Roy, citado *ibidem*, p. 110.

29. M. N. Roy, citado *ibidem*, p. 111.

Ascensão e declínio da Oposição de Direita[30]

A Oposição de Direita começou com sucesso por toda parte em que encontrou sólidos pontos de apoio, na medida em que atraía aqueles que estavam desgostosos com o sectarismo e o absurdo da política do "terceiro período". Mas, ao se recusar a se distanciar da política stalinista na URSS, sofreu ainda mais duramente os contra-golpes. Finalmente, também tinha dificuldades de se diferenciar da esquerda social-democrata que, ela também, combatia pela frente única.

Os alemães da KPO não conseguiram trazer, para si, a "velha senhora", companheira de armas de Rosa Luxemburgo, que os protegera e encorajara com prudência até então, Clara Zetkin. Por outro lado, eles conseguiram trazer "o camarada Thomas". A Oposição de Direita nasceu na IC. Ela contava, então, com um milhar de membros aproximadamente. No ano seguinte, quando de sua segunda conferência, em novembro de 1929, ele afirma ter seis mil, quase todos veteranos do partido ou da juventude. Sua posição, de princípio, é a recusa de criar um novo partido: a missão que ela se deu era de salvar o KPD da linha ultra-esquerdista da Comintern. Ela adota um programa redigido por Thalheimer e mostra sua capacidade de conduzir uma discussão política séria e democrática. Não obstante, podemos notar a ausência de referências às "questões russas" e, de maneira geral, às responsabilidades de Stalin e da burocracia.

A KPO alemã de Brandler tem, no começo, uma sólida força de organização, com oito hebdomadários que publicavam, no total, 25 mil exemplares e um diário, *Arbeiterpolitik*. Em seus bastiões, como na Turíngia, ela conseguiu alguns bons resultados eleitorais, até 1932, quando obteve 21 eleitos enquanto o KPD tinha 38. Ela tem, de maneira geral, militantes nos sindicatos e, notadamente, naqueles da metalurgia, o DMV. O eixo de sua propaganda era a necessidade de uma frente única em face dos nazistas e da crítica da política de divisão do SPD e do KPD, sublinhando a igual responsabilidade dos dois grandes partidos operários. Ela denunciava como um contra-senso a política que qualificava os social-democratas de social-fascistas. Ela fez diversas campanhas políticas, notadamente em 1929, contra o plano Dawes; apoiou, em 1932, a candidatura de Thälmann à presidência da República. Ela conhece sua primeira crise em 1932, quando uma importante minoria conduzida por Walcher e Frölich pronuncia-se pela fusão com o SAP, que acabava de ser constituído pela expulsão da esquerda da social-democracia e que reagrupa diversas dezenas de milhares de membros.

Estes comunistas de oposição, que são, inicialmente, somente algumas centenas, efetivamente realizarão o objetivo que se fixaram ao romper com a KPO, a saber, conquistar a maioria do SAP, que conta, por sua vez, com dezenas de milhares de aderentes. No entanto, esse sucesso, que poderia ter tido, a termo, numa situação em desenvolvimento, importantes conseqüências, acaba ficando sem prosseguimentos, pois foi atingido nos mesmos dias em que a chegada de Hitler ao poder proíbe a atividade de todos os partidos

30. Utilizamos aqui o livro de R. J. Alexander, *The Right Opposition*.

operários e os joga numa clandestinidade precária cuja polícia terá a possibilidade de dizimá-los e de fazê-los desaparecer enquanto força significativa.

A KPO suíça era praticamente herdeira do partido oficial na região de Schaffhouse e tinha uma implantação suficientemente boa para garantir, em 1932, a eleição de Walther Bringolf como prefeito de Schaffhouse.

O Partido Comunista da Suécia comportou-se valentemente frente aos assaltos do PC "oficial" reconstituído pela IC e tinha ainda mais votos que ele em 1932 nas eleições, apesar das posições sindicais bastante fracas.

O grupo de Lovestone, nos EUA, distinguiu-se por sua excepcional habilidade organizacional. Ele publicava um bom hebdomadário, *Workers Age*, e alguns órgãos especializados, dentre eles um jornal em iídiche. Ele cerrou relações estreitas com intelectuais que se orientavam ao marxismo, como V. F. Calverton; desempenhou um papel considerável em *Modern Monthly* e *Marxist Review*. O número de membros pode ser situado para os anos seguintes, em torno de mil, talvez mil e quinhentos. Sua primeira característica era a ênfase dada na formação dos quadros, a disponibilização aos membros do grupo de um ensino de teoria marxista e de análise econômica marxista, assim como da sociedade americana contemporânea.

A segunda é um engajamento muito profundo e um importante investimento de militantes no movimento sindical, cujos bastiões foram o Local 22 do ILGWU; o Local 155 do ILG, ambos sindicatos de roupas, de peles, de fabricantes de calçados, mas também de mineração; o UMW, e dos docentes de Nova York. Ele conseguiu, assim, inspirar confiança em numerosos responsáveis revoltados com a burocracia da AFL. Convencido do "excepcionalismo estadunidense", ele bebe, nesta convicção, a força e a capacidade de adaptar-se aos meios que quer conquistar e soube, assim, adquirir uma influência que ultrapassou amplamente sua própria dimensão. Com a grande onda de sindicalização do fim dos anos 1930, os "lovestonistas" se encontraram assim propulsionados ao primeiríssimo plano do movimento de organização sindical.

O mais espantoso é que ele parece estar agora provado, depois da abertura dos arquivos da Comintern, que Lovestone, expulso do PC americano e da Internacional, continuou, até 1936, aproximadamente, a trabalhar para o NKVD[31] e a esperar desta colaboração, como recompensa, um retorno à cúpula da Comintern.

Homem solitário, M. N. Roy é, sem dúvida, aquele dentre os comunistas de direita que deu a investida mais impressionante. De Berlim, enviou um manifesto que explicava que o PC da Índia não podia atrair as massas e que a Índia não podia se transformar, por ora, numa república soviética: o dever dos comunistas era, portanto, por ora, lançar o movimento revolucionário pela independência da influência burguesa e, nesse objetivo, eles deveriam investir nas organizações nacionais de massa, em primeiro lugar, o Partido do Congresso. Os poucos meses de atividade de que Roy se beneficiou entre seu retorno à Índia, em fins de dezembro de 1930, e sua prisão, em fins de julho de 1931, permitiram-lhe

31. Klehr, Haynes e Firtsov, *The Secret World of American Communism*, p. 130-132.

lançar suas bases. Entrados no Partido do Congresso, os *royistas* constituíram, nele, o Comitê de Ação pela Independência. Ele mesmo conquistou, pessoalmente, uma posição dirigente hegemônica nos bastidores da Liga Camponesa Central. Libertado somente em fins de novembro de 1936, ele conseguiu organizar um pequeno *All-India Communist Party*, ou ainda, *Revolutionary Party of the Indian Working Class*. Suas militantes trabalharam nos sindicatos, ocupando neles alguns cargos de responsabilidade, notadamente duas vice-presidências no *All-India Trade Union Committee* (AITUC), que eles tentaram conduzir à unificação.

Ligados somente de muito longe à Oposição de Direita, o pessoal da federação catalano-balear, de Maurín, tornada *Federación Comunista Ibérica* e agrupando, ao redor de si, o *Bloque Obrero y Campesino*, obteve, assim, grande sucesso com seu jornal barcelonês, *La Batalla*, e militantes bem implantados nas organizações sindicais, sobretudo na Catalunha. Eles vão desempenhar um papel importante, em 1934, com a palavra de ordem da *Alianza Obrera*, retomada em amplos setores do movimento operário, e o papel de seus militantes nas Astúrias, quando da insurreição.

Contudo, esses desenvolvimentos promissores não iriam dar os frutos esperados no começo dos anos 1930. Primeiramente, porque o recrutamento, que se fazia, no início, dentro das fileiras do partido, não se renovou muito e porque essas oposições pareciam capelas com sua própria língua e sua cara própria, no exato momento em que se dava um novo ganho de atividade nas massas e um começo de radicalização na juventude. Em seguida, porque a atitude dos dirigentes mais conhecidos para com a política interna da União Soviética era cada vez menos compreensível a muitos, sobretudo em suas próprias fileiras. Parece que Brandler esperava também ser reintegrado e que é neste objetivo que ele defendeu os processos de Moscou, em 1936 e 1937. Theodor Bergmann escreve que é pela iniciativa de August Thalheimer que esta atitude foi modificada quando se trata, no terceiro processo, da cabeça e da honra de Bukharin, uma prova, se fosse preciso, da estreiteza de espírito e da mentalidade de seita de muitos das pessoas da KPO. Os lovestonistas tiveram a mesma atitude, um pouco mais agressiva talvez, com Lovestone se juntando, em 1934, ao coro contra os assassinos de Kirov, ao explodir contra as afirmações de Trotsky sobre o "Termidor", "a guerra civil", e os crimes de Stalin, e ao garantir, em 1936, que ninguém poderia colocar em dúvida as confissões dos acusados de Moscou. É Bertram D. Wolfe que toma a iniciativa de afirmar o erro cometido a propósito dos dois primeiros processos.

Na verdade, o que fizera a força dos "direitistas" no começo, com relação a uma Oposição de Esquerda demasiado "russa", fazia, na seqüência, sua fraqueza, pois ela não tinha, rigorosamente, nada a dizer sobre a questão acerca de que se operava a diferenciação principal. No fundo, muito rapidamente, as seções desta oposição foram dilaceradas por correntes centrífugas. Lá onde eles tinham uma influência de massa, na Tchecoslováquia, na Suécia, em Schaffhouse, a tentação era "regularizar" uma situação que os daria um lugar como uma alternativa socialista "razoável" contra o stalinismo, e de se juntar à social-democracia e à sua esquerda, que começavam a se desenvolver seriamente. Alhures, os

militantes da Oposição de Direita voltavam-se em direção às soluções que lhes teriam permitido se aproximar das camadas mais militantes e mais jovens e de "ganhá-los ao comunismo": tal foi o caso das minorias na Alemanha e nos EUA.

Com a aproximação de Hitler do poder, quando a questão da possibilidade de "reajuste" da Internacional ainda não estava resolvida, eram cada vez mais numerosos os militantes que desejavam engajar-se na via da criação de um "novo partido", juntando-se, assim, ao ponto de vista adotado por Trotsky, em 1933. Descontente com as posições abertamente pró-stalinistas de Brandler e estimando que não se poderia calar sobre a URSS e criticar a política da IC na Alemanha, Alois Neurath passou à Oposição de Esquerda em 1932. Em janeiro do ano seguinte, o grosso da Oposição de Direita do partido tcheco, dirigido por Alois Muna e Berger, decidiu aderir ao Partido Social-Democrata. Depois do fracasso das negociações conduzidas por Humbert-Droz com a IC para a reintegração do pessoal de Schaffhouse ao partido suíço, Bringolf aderiu ao Partido Socialista, em que ele foi, em pouco tempo, seguido por... Humbert-Droz.

Desde essa época, os companheiros de Maurín não se preocupavam muito com a luta no interior do PCE e pensavam na construção de um novo partido. Ele foi constituído, em setembro de 1935, pela fusão do *Bloque* com toda uma série de organizações menores, dentre ela a *Izquierda Comunista*, vinda da Oposição de Esquerda, constituindo o *Partido Obrero de Unificación Marxista* (POUM). A história do POUM, assassinado durante a guerra civil sob acusação de "trotskismo", de que falaremos num capítulo posterior, não pode ser historicamente ligada nem à Oposição de Direita nem a Oposição de Esquerda.

De fato, como o próprio partido comunista, nos anos 1920, como a Oposição de Esquerda, desde seu nascimento, a Oposição de Direita aparece, por sua vez, condenada às cisões sucessivas.

Nos EUA, ela viu irem embora Ben Gitlow e Herbert Zam, que aderiram a um partido socialista "*all-inclusive*". Outros foram atraídos por reagrupamentos que os trotskistas, depois do abandono de sua atitude opositora, tentavam realizar e, notadamente, num primeiro momento, com o *American Workers' Party* (AWP) de A. J. Muste, que constituiu o *Workers' Party of the United States* (WPUS) ao se fundir com eles. A Oposição de Direita nos EUA sobreviveu enquanto rede e, talvez, grupo de amigos, até a II Guerra e o antigo oponente irritadiço tornou-se um anticomunista determinado e eficaz.

Na Alemanha, como vimos, foi bem mais cedo que a minoria de Walcher-Frölich colocou-se o problema de uma atitude política *vis-à-vis* do stalinismo e da necessidade de criar um novo partido, até mesmo uma nova Internacional. No começo de 1932, ela deixa a KPO para se juntar ao SAP, organização de muitas dezenas de milhares de membros que romperam com a esquerda do Partido Social-Democrata, que Walcher conta bem "ganhar ao comunismo". Atingido em seu novo impulso por Hitler, o SAP, dirigido por Walcher, a partir de 1933, trabalhou algum tempo com os trotskistas, assinando a Carta dos Quatro por uma nova Internacional em 1934, depois se juntando à Frente Popular[32]. O KPO aba-

32. H. Drechsler, *Die Sozialistische Arbeiterpartei Deutschlands.*

lou um pouco sua rotina pró-stalinista na Guerra da Espanha. Mesmo ao fim da Segunda Guerra Mundial, o Brandler, que retornava de seu exílio cubano, pesava ainda seriamente pôde ser integrado ao KPD[33].

É em 1933 que o partido sueco, também atraído pela potência dos partidos social-democratas da Escandinávia, rompeu com a Oposição Internacional e tornou-se um partido "socialista". Os alsacianos terminaram muito mal. Seu deputado, Mourer, votou, em 1934, a favor do governo Doumergue e o próprio grupo, em seu zelo "autonomista", ligou-se a agrupamentos manipulados pelos nazistas, o que o levou muito longe durante a guerra. Mourer acabou no poste de execução. Hueber seguiu, igualmente, os nazistas. A oposição na Tchecoslováquia continuou confinada na região de Asch até 1938 e desapareceu com a entrada das tropas de Hitler. Na Índia, M. N. Roy, libertado em 1936, chocou-se quase imediatamente com um grupo que caçava em suas terras, o *Congress Socialist Party* (CSP), que ele tratava de "grupo pequeno-burguês" ao mesmo tempo em que lhe reprovava falar demasiado em seu objetivo "socialista". Ligado a Stalin, ele se distancia da Oposição Internacional, que julgava demasiado anti-stalinista, em 1938, e rompe com o comunismo, levando consigo suas magras tropas.

Em fevereiro de 1938, os destroços da Oposição de Direita participaram de um reagrupamento de organizações, cuja maioria pertencia ao Birô de Londres, inspirado pelo ILP britânico e o SAP, a fim de "reunir, sobre a base dos princípios do marxismo-leninismo, todas as forças que estão prontas a colaborar na luta revolucionária contra todas as forças imperialistas, contra as potências capitalistas autodeclaradas democráticas bem como contra as potências fascistas, contra a exploração imperialista, a guerra e a pobreza"[34]. O Centro Marxista Revolucionário Internacional, formalmente constituído em abril de 1939, não sobreviveu à guerra. Assim, temos muita dificuldade em datar o desaparecimento da Oposição de Direita. Seu historiador, Robert J. Alexander, pergunta-se acerca daquilo que considera um paradoxo: "Mesmo que a Oposição de Direita, enquanto grupo, continuou formalmente leal à idéia da 'oposição comunista' mais tempo que Trotsky e seus partidários, ele foram mais longe que os trotskistas ao repudiar o marxismo-leninismo em seu conjunto"[35].

A explicação do historiador estadunidense é que os "direitistas" não tinham um corpo doutrinal em torno de que se reconstruir, ao passo que existia o "trotskismo", isto é, um corpo teórico em torno de que se reagrupavam os veteranos da Oposição de Esquerda e seus sucessores. A diferença entre os dois grupos de oposição era, portanto, que Trotsky, expulso da URSS, pudesse se exprimir, desenvolver e adaptar sua doutrina, ao passo que Bukharin, prisioneiro de fato na URSS, não pode nem teorizar, nem se fazer conhecer, enquanto que existia, potencialmente, em suas idéias, uma problematização do "leninismo" que não existia em Trotsky.

33. K. H. Tjaden, *Struktur und Funktion des KPD-(Opposition)*.

34. *A New Hope for World Socialism*, p. 8-9. Esse texto for a escrito por Brockway e Lovestone.

35. R. J. Alexander, *op. cit.*, p. 12.

A explicação, mesmo que engenhosa, não é convincente. Ela nos parece até mesmo um pouco demasiado sofística. Em nossa opinião, é sua natureza de oposição de aparato e, como conseqüência, sua "neutralidade" a respeito da União Soviética – do stalinismo –, que constituíram o tendão de Aquiles da Oposição de Direita, obrigada a ver o mundo somente com um olho. Pode-se pensar o que se quiser do sistema de idéias de Trotsky, porém é inegável que ele apresentava uma coerência no domínio das idéias, propondo um vínculo dialético com o desenvolvimento em curso e que ele trazia à baila essas mil e uma verificações que fizeram com que fosse abusivamente tratado de "profeta". E, sobre a URSS, ele se exprimia claramente. Que crédito poderiam reivindicar para si, mesmo no domínio da coerência das idéias – podemos até mesmo dizer da honestidade e da moral –, estes dirigentes comunistas que, durante anos, aprovaram ou calaram-se a respeito dos crimes de Stalin contra seu próprio partido e os companheiros de Lenin e, só mudaram de opinião, a contra-gosto, no momento do processo de Bukharin? Eles não poderiam fazer por menos.

A experiência recente mostra, depois de tudo, que o stalinismo e a desmoralização que ele acarretou – independentemente de sermos carrasco ou vítima – são a via mais rápida para passar do comunismo fanático ao anticomunismo mais determinado. Não estaria, aí, a sorte de um Lovestone, para pegar o caso mais extremo? Em todo caso, é nisto que a história da Oposição de Direita na Comintern, mesmo expulsa, é parte integrante da história da própria Internacional Comunista.

Por outro lado, é preciso reconhecer a coragem daqueles que não aceitaram a capitulação de Bukharin. Dentre eles, Riutin, que foi executado, e Slepkov, que se enforcou em sua cela. Sem dúvida, eles apreenderam mais com sua experiência do que nosso amigo Alexander, pois eles buscaram a aliança da Oposição de Esquerda.

A Oposição de Esquerda Internacional de 1928 a 1933

O primeiro ano que se segue às expulsões do partido e a partida ao exílio de milhares de *oppositsionneri* – o ano de 1928 – presencia o desenvolvimento de uma série de sucessos para a oposição.

O sucesso da Oposição

Não somente aqueles que não foram exilados manifestaram uma grande combatividade, notadamente nas empresas, organizando, no verão de 1928, as grandes greves operárias de Kiev, depois diversas manifestações contra a repressão na Ucrânia e na Geórgia. Não somente ela pode fazer uma discussão sobre a situação, debater, depois da carta de Rakovsky a Valentinov sobre "os perigos profissionais do poder", da natureza social do Estado soviético, mas ainda colaborar, de maneira coletiva, com a declaração da Oposição de Esquerda ao VI Congresso da Internacional Comunista e à *Crítica do Projeto de Programa* redigidos por Trotsky em Alma-Ata. Deste ponto de vista, os resultados da ação dos opositores de esquerda, dirigidos por S. O. Bolotnikov – que trabalham no aparato da Comintern sobre o congresso – são espetaculares, como o mostram os relatórios que eles o enviaram sobre as discussões com alguns delegados como Ercoli (Palmiro Togliatti) e Maurice Thorez[1]. Melhor, um muito jovem delegado do PC indonésio, que utiliza o pseudônimo de Alfonso, subiu à tribuna para defender o ponto de vista da Oposição de Esquerda sobre a revolução chinesa. Alguns delegados estrangeiros foram convencidos, en-

1. Papéis Trotsky, arquivos Harvard, T 15665.

fim, pela argumentação de Trotsky nos textos dele, que lhes foram distribuídos e que eles devem entregar.

Represálias stalinistas

As represálias não demoram e Stalin, além de um bloqueio postal rigoroso e diferenciado imposto, sem que eles soubessem, ao deportados, empreende uma campanha de exterminação da Oposição de Esquerda. As prisões se sucedem às condenações e às expulsões. A diferença é pequena entre os simples "capituladores" e os homens que verdadeiramente traíram, como Radek, que entregou 725 nomes de seus camaradas à direção e propõe a seus novos "patrões" uma verdadeira estratégia de organização do pânico nas fileiras da oposição. A Oposição de Esquerda russa parece estar muito enfraquecida, em 1929, pelas capitulações sucessivas de um número importante de velhos bolcheviques que ela havia contado à sua frente e em suas fileiras. Sua existência torna-se, entretanto, mais e mais precária, notadamente devido ao fato dos agentes provocadores infiltrados em suas fileiras pelo GPU. As prisões sucessivas dos membros de seus "centros" que se renovam constantemente, o afastamento as mulheres e dos homens de peso – de B. M. Eltsin, Grigory Iakovin e Digelstedt até "Kostia" Konstantinov passando por Sokrat Gevorkian, Aleksandr Voronsky, Grigory Stopalov, Mussia Magid e Tatiana Miagkova – são uma hemorragia permanente que a enfraquece por muito tempo.

Os que agüentam firme no exílio são principalmente jovens, jovens operários, em particular. Dentre os veteranos, Sosnovsky, submetido a um regime duríssimo, Muralov; os colaboradores de Trotsky à frente do Exército Vermelho, Varsenika Kasparova e Karl Grünstein; e, principalmente, Rakovsky, que durante um certo tempo, graças ao revezamento organizado pela colônia de deportados de Biisk, continua em contato intermitente com o centro de Moscou e mesmo com Trotsky. Além do mais, ele se beneficia da colaboração preciosa de jovens militantes, o ucraniano Lipa A. Wolfson, que é o organizador de suas comunicações clandestinas, e a jovem Olga Ivanovna Smirnova, filha de Ivan Nikititch, que redige, com ele, a declaração da Oposição de 1930 e, de volta a Moscou, garante outras ligações e o informa.

Até 1933, há contatos com Lev Sedov e seus emissários e membros moscovitas da Oposição de Esquerda. Depois da morte de Nina Vorovskaia, em 1931, via Berlim. Fazia parte dele o tradutor Louis Aragon e Iakov Kotcherev, "o Francês", que, segundo Raymond Molinier, visitou Trotsky durante sua estadia em Prinkipo.

Nascimento da oposição na China

Em 1929, em seu retorno a Moscou, onde ele fez os cursos da Escola Lenin, Liu Renjing pára, por quase um mês, em Prinkipo e tem longas conversas com Trotsky. No

entanto, o evento mais considerável para a Oposição de Esquerda Internacional, no começo deste período, é, evidentemente, a aparição da Oposição de Esquerda na China, de fato o contato entre o grupo chinês de Chen Duxiu e Peng Shuzhi e os estudantes chineses oposicionistas de Moscou. É na primavera de 1929 que Peng Shuzhi conheceu, em Xangai, dois ex-alunos da Universidade Sun Zhongshan que o informaram da atividade da Oposição de Esquerda na URSS e de suas posições sobre a revolução chinesa. Eles, igualmente, entregaram-lhe dois textos de Trotsky, *A Questão Chinesa depois do VI Congresso* e *Balanço e Perspectivas da Revolução Chinesa*. Peng foi convencido e com ele Chen Duxiu. Eles decidem juntos se engajar de novo no combate político a fim de organizar uma oposição de esquerda no partido chinês. Eles começam, então, a tomar contato com um certo número de camaradas, a fazer com que lessem os documentos que eles possuíam. Em dois meses, recrutaram 40 camaradas e fizeram uma reunião de constituição de seu grupo de oposição, cujo centro é formado por Chen Duxiu, Peng Shuzhi e Yi Kuan, e aprovaram a publicação do jornal *Wuchanzhe* (Proletários). Saem, desse primeiro trabalho, dois textos capitais, a "Carta Aberta" de Chen Duxiu aos comunistas chineses, datada de 10 de novembro de 1929, e "Nossa posição política", um texto assinado por 81 quadros e militantes conhecidos do partido, datado de 15 de novembro, que afirma notadamente: "Se tivéssemos tido a direção política de Trotsky antes de 1927, talvez nós teríamos sido capazes de dirigir a revolução chinesa no caminho da vitória"[2].

O choque é rude para o PC chinês. Ele acelera a repressão interna contra o "centro liquidador Trotsky-Chen" e começa a expulsar em série. Chen Duxiu e Peng Shuzhi são os primeiros expulsos, em 15 de novembro de 1929. A reação do CEIC está marcada pela inquietude e, mesmo, pela hesitação. Um emissário vai convidar Chen Duxiu a ir a Moscou e lhe conta que, em caso afirmativo, ele poderia receber um cargo importante na Comintern. A resposta negativa de Chen foi dada em 15 de fevereiro de 1930.

Uma das razões da inquietude da direção da Internacional é o profundo eco das idéias da Oposição de Esquerda. Uma nova oposição acaba, com efeito, de aparecer no seio do PC, de militantes que são chamados de "conciliadores". Ela é animada pelo comitê regional de Jiangsu, cujo documento político, entre outros sobre a Insurreição de Cantão, é publicamente elogiado por Trotsky. Dentre seus dirigentes se encontra o secretário regional Wang Ruofei, um dos principais responsáveis do partido em Pequim, He Mengxiong, os sindicalistas Lin Yunan, Li Weihan e Luo Zhanglong, e o dirigente da Juventude Comunista, Li Juiji. Se acreditarmos no stalinista Wang Ming, "os conciliadores sugeriam que o partido reintegrasse em suas fileiras Chen Duxiu e Peng Shuzhi". Liu Shaoqi faz parte deste grupo. Ele é convocado com urgência a Moscou onde sofre uma enorme pressão para renegar suas idéias e seus camaradas. Isso porque o perigo é sério para a direção.

De fato, são os jovens partidários da Oposição que farão hesitar os "conciliadores" e adiar essa unificação, por um instante, vislumbrada pelas oposições. Os jovens militantes vindos de Moscou formaram imediatamente seus próprios grupos, que adotam os nomes

2. Papéis Trotsky, T 3117.

de Militante, Outubro (*Shiyue she*) e Nossa Palavra (*Women de hua*). Eles são, em geral, muito hostis a Chen Duxiu, que conheceram através das lentes de Moscou durante a revolução. Trotsky, em Prinkipo, foi inundado de documentos, a maioria emanando de Liu Renjing ou inspirados por ele, que denunciam, incansavelmente, o "oportunismo" passado e atual de Chen Duxiu e garantem que a prioridade para a Oposição de Esquerda é a luta contra ele. Sua imprensa não se esquiva de fazer eco a esses ataques, os conciliadores batem em retirada: eles estão interessados no trabalho comum com Chen, Peng e os quadros que eles reuniram em torno deles, mas se afastaram devido ao espetáculo de querelas fracionais dos jovens do "retorno": o fracasso de uma conferência dos quatro grupos que reivindicavam a oposição, em novembro de 1929, apesar da criação de um "comitê consultivo", não veio lhes acalmar.

Trotsky, no início, espantou-se com a virulência dos ataques contra Chen Duxiu. Em 22 de novembro de 1929, escreve a um desses grupos que ele conhece muito bem a política que este último seguiu durante a revolução, "a política Stalin-Bukharin-Martynov, política [...] de menchevismo de direita", mas ele acrescenta: "O camarada N. (Liu Renjing), não obstante, escreveu-me que Chen Duxiu, sobre a base de sua experiência da revolução, aproximou-se consideravelmente de nossas posições. Nem preciso dizer que não podemos fazer outra coisa que ficar felizes"[3]. Depois de ler a "Carta Aberta", de 10 de dezembro de 1929, Trotsky passa resolutamente para o lado de Chen Duxiu. Ele escreve:

> Ao passo que dispomos de um revolucionário de primeiro plano como Chen Duxiu, que rompeu com o partido e foi expulso; que anuncia que está, de agora em diante, cem por cento de acordo com a Oposição Internacional, como poderíamos ignorá-lo? Será possível que vocês disponham de tantos membros do PC com o tanto de experiência de Chen Duxiu? Ele cometeu muitos erros no passado, mas agora ele tem consciência disso. Compreender seus erros passados, é lucrativo para os revolucionários e quadros. Há, na oposição, jovens camaradas que podem e devem aprender com o camarada Chen Duxiu.[4]

Dois duros golpes

Ao mesmo tempo em que se prepara ativamente a conferência, um golpe duríssimo atinge o movimento comunista. Em 17 de janeiro de 1931, 25 militantes da oposição dos conciliadores, reunidos em torno de He Mengxiong num hotel da concessão britânica de Xangai, são presos e entregues à polícia do Guomindang. Eles se recusam a capitular e são executados em 7 de fevereiro de 1931, em Lunghwa, perto de Xangai. Rumores persistentes e concordantes – empresta-se somente a quem é rico – fazem de Wang Ming, o novo homem de Stalin e um dos homens do aparato que ele levou consigo, os denunciadores do

3. Papéis Trotsky, 22 de dezembro de 1929, T 3261.

4. Papéis Trotsky, 22 de agosto de 1930, T 9412.

grupo de He Mengxiong. Chen Bilan dá uma interpretação um pouco diferente: estes homens, excluindo-se os conciliadores, privaram-lhe de todos os meios de subsistência em plena clandestinidade e lhes forçaram a cometerem imprudências, como a reunião no hotel onde eles foram presos.

A conferência de unificação dos grupos que reivindicavam a Oposição de Esquerda chinesa ocorre, finalmente, de 1° a 3 de maio de 1931. Avaliam-se os efetivos do grupo que dela participam: em 200 para o Proletariado, que tem cinco delegados; 80 para o Outubro, que tem quatro; uns trinta para o Militante, que tem dois, e entre 120 e 140 para Nossa Palavra, que tem seis. No total, um pouco menos que 500, quase todos quadros vindos do PCC. Chen Duxiu apresenta o relatório político. Há somente um ponto de desacordo: Chen Duxiu não exclui a possibilidade de que o Guomindang possa realizar uma aparência de unidade nacional, mas ele retira essa afirmação perante a hostilidade de todos os outros. As resoluções são aprovadas por unanimidade, assim como a eleição dos oito membros da direção, dentre eles Chen Duxiu e Peng Shuzhi. Decide-se criar um jornal que se chamará *A Centelha*. Transborda-se de entusiasmo e o novo secretário, Luo Han, telegrafa a Trotsky dizendo que os bolcheviques-leninistas chineses hastearão suas bandeiras de uma ponta a outra da China. O PC atravessa uma crise grave e depois da liquidação da equipe de Li Lisan chegou a vez da equipe de Qu Qiubo. Todas as esperanças parecem permitidas com a nova direção de Wang Ming, imposta por Moscou.

Mais um golpe duríssimo três semanas mais tarde. Informados por um "arrependido", a polícia do Guomindang realiza uma excepcional operação pente fino na direção, de que escapam somente Peng Shuzhi, Chen Duxiu e Luo Han. Os dois primeiros, reduzidos a uma clandestinidade precária, difícil para homens tão conhecidos quanto eles, acabam por cair em 15 de outubro de 1932. Uma campanha política internacional, que chegou até mesmo a mobilizar o pessoal do Guomindang, permite-lhes escapar dos tribunais militares onde seu destino já estava certo. Eles são condenados a 13 anos de prisão, reduzidos, depois, sob apelo, para oito anos. Durante muitos anos, sobrevive, na China, somente um pequeno grupo de opositores vivendo em condições de clandestinidade precária graças a Frank Glass e ao jornalista estadunidense Harold R. Isaacs, que esconde Liu Renjing e trabalha com sua ajuda em seu livro, *A Tragédia da Revolução Chinesa*.

Esmigalhamento

Sabemos que a Oposição Unificada na URSS era formada por dois componentes essenciais, o "trotskista", a oposição de 1923, e o "zinovievista", chamava Nova Oposição, construída em 1925. Sabemos, também, que a unificação não foi fácil, pois havia, entre as duas frações, muitos antagonismos, mas principalmente, rancores. Os "trotskistas", que foram perseguidos no passado pelos zinovievistas, eram evidentemente mais frios e, dentre eles, os de Leningrado – que sofreram particularmente bastante nas mãos de Zinoviev – resistiram por mais tempo que os outros. As resistências foram superadas com longas

discussões, compromissos mútuos e, sobretudo, uma grande boa vontade dos dirigentes das duas frações, que compreendiam muito bem que a política de unificação correspondia a seus interesses de curto e longo prazo.

A coisa não se passava bem assim fora da União Soviética. "Zinovievistas" e "trotskistas" não dispunham nem de um pedacinho de aparato, por minúsculo que fosse, e de nenhum outro apoio que o de um muito limitado entre os trabalhadores. Eram pequenos grupos, submetidos a suas próprias leis, suas próprias motivações, sua própria história. Durante a "bolchevização", os zinovievistas tinham caluniado e expulsado os trotskistas. Eles encarnavam o Mal aos olhos de suas antigas vítimas ainda mais que os stalinistas, que demoraram mais tempo a reconhecer. De sua parte, os zinovievistas denunciavam seu próprio passado e não hesitavam em lançar contra os trotskistas acusações de oportunismo para com a social-democracia ou correntes sindicalistas, o que não deixava de ser verdade, às vezes. Tanto na França como na Alemanha, essa situação conduzia a um enfraquecimento considerável da oposição e a dispersão de seus partidários. Ela continua a deixar sua marca dos esforços de recomposição da oposição que empreende Trotsky, desde sua saída da URSS. Em novembro de 1927, a linha aplicada na Europa pelos zinovievistas sob a impulsão de Safarov, notadamente na conferência de Berlim[5], fora a única da constituição de um "novo partido". Mesmo que Zinoviev e Kamenev, desde janeiro de 1928, condenassem, como a pior das traições "trotskistas", a orientação por um novo partido, o grosso de seus camaradas continuaram na Europa no mesmo impulso durante os meses que se seguiram. Em janeiro de 1928, os oposicionistas zinovievistas alemães – apesar de uma carta de Trotsky e da opinião claramente oposta dos representantes da oposição russa na Alemanha – decidem a fundação de uma "fração pública", a Liga Lenin (*Leninbund*), compreendendo diversos milhares de membros, principalmente trabalhadores e jovens. Os chefes históricos da Esquerda, Ruth Fischer e Maslow, pertenciam à sua direção[6].

As conseqüências dessa decisão não tiveram o tempo de se fazer sentir. A empreitada, ainda *in nuce*, recebe um golpe duríssimo. A pressão de Zinoviev e de Kamenev, que capitulam perante Stalin, a promessa de Moscou de não sancionar aqueles que abandonarem imediatamente o *Leninbund*, levam Fischer e Maslow a abandonar essa organização, que eles acabaram de fundar. É a crise[7]. A nova direção de Hugo Urbahns – que Solntsev tentara ganhar para a oposição sobre as posições de Trotsky – oscila entre a linha de oposição e a de um novo partido. Os partidários de uma verdadeira oposição de esquerda no partido, como Werner Scholem, vão embora. Os partidários de Trotsky propriamente ditos podem ser contados nos dedos de uma mão.

5. P. Broué, "Gauche allemande et Opposition russe (1926-1928)", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 22, junho de 1985, p. 14 e n. 33, p. 38.

6. *Ibidem*, p. 15-18. Para tudo o que se segue sobre esse ponto, ver também o livro de Rüdinger Zimermann, *Der Leninbund*.

7. P. Broué, *loc. cit.*, p. 17.

Uma situação confusa

A situação estava não somente ruim, mas também confusa. Na França, os homens do "núcleo" da *Révolution prolétarienne* começavam a virar as coisas para o movimento comunistas e a se preparar para fundar a Liga Sindicalista e a retomar o velho nome abandonado de "sindicalistas revolucionários". Os zinovievista franceses conheciam, por sua vez, uma cisão. Suzanne Girault retornava ao PC. Quanto a Treint, fundava, com uma dúzia de camaradas, o *Redressement communiste*. A polêmica era dura, mas era bem difícil perceber as verdadeiras divergências políticas e se brigava algumas vezes em nome dos protetores, os russos mandatados pela Oposição Russa. É assim que Treint clama que tinha o apoio absoluto de Pierre (Perevertsev) ao passo que Paz reivindicava o de "Joseph" (Kharin). O Centro de Unificação da Oposição de Esquerda na França pretendia estar na contra-corrente e esta pretensão provocava a cólera ou a ironia de todos os outros, pretendentes ou não.

No plano internacional, o *Leninbund* tomara uma iniciativa pelo reagrupamento internacional da oposição. Apesar das reservas expressas por Solntsev, ela preparara uma conferência internacional que ocorreu em Aix-la-Chapelle, em 17 de fevereiro de 1929. Ela está representada aqui por Urbahns e o grupo holandês de Sneevliet, Contra a Corrente, e os sindicalistas alemães participavam igualmente. O grupo de Treint não estava representado, por falta de meios financeiros, disse ele. Não havia soviético algum. A despeito de suas ambições, essa conferência deu somente um resultado: a criação de um fundo de ajuda a Trotsky e aos opositores exilados[8]. Por ora, não tinha importância: a saída da URSS de Trotsky constituía, por si só, um novo dado.

Um novo eixo

A crise da Oposição Russa, em 1929, revelou-se um fator de aceleração do reajuste da oposição. A decisão da maioria dos velhos bolcheviques na Rússia aumentou ainda mais o peso de Trotsky, o do "exterior" com relação ao "interior" dividido, cujos dirigentes que ainda não tinham capitulado estavam confinados no isolamento. Trotsky recebeu um monte de visitas em seu exilo turco. Os primeiros visitantes eram franceses: Alfred e Marguerite Rosmer; os irmãos Raymond e Henri Molinier e a mulher do primeiro; Jeanne Martin des Pallières; Pierre Frank e Pierre Gourget; mas também os homens do círculo de Rosmer, Lucien Marzet; o Dr. Bercher (Péra); Robert Ranc; Pierre e Denise Naville; Gérard Rosenthal e Maurice Paz. Marzet, Ranc e Frank passaram um período como secretários, assim como o jovem Jean van Heijenoort, que chegou em 1932, que, por sua vez, não tinha sido nunca membro do Partido Comunista[9]. Um papel particular foi desempenhado pelos

8. P. Broué, *loc. cit.*, p. 19-20; *Volkswille*, 27 de fevereiro de 1929.

9. P. Broué, *Trotsky*, p. 615-618.

jovens militantes tchecoslovacos. Wolfgang Salus (Krieger) acabara de oferecer seus serviços, fez vir Jiří Kopp e František Kohout. Raissa Adler, a velha amiga de Viena, enviou, no começo de 1930, Jan Frankel, que ficaria três anos e foi um dos mais próximos colaboradores de Trotsky no exílio. Ela teve a mão menos feliz com Jakob Frank, que ficou três meses: era um agente do GPU[10]. Os alemães vieram mais tarde. Citemos os irmãos Sobolevicius, conhecidos como Roman, Well e Senine, agentes do GPU infiltrados na Oposição como o letão Jakob Frank, vindo de Viena, e homens sem responsabilidades definidas, como o jovem historiador Heinz Schürer, sem esquecer os militantes recrutados para a guarda e o secretariado, o operário saxão Otto Schüssler e o estudante hamburguês Rudolf Klement. Nem Urbahns, nem nenhum outro líder do *Leninbund* vieram. Sneevliet e Josef Frey também não se deslocaram[11].

O "eixo" escolhido por Trotsky para operar um reagrupamento político, sobre uma base clara, foi Alfred Rosmer. Para Trotsky, Rosmer era um amigo pessoal, mas, sobretudo, um homem que merecia uma total confiança por sua lealdade e rigor moral. Era também um veterano das lutas contra a corrente, o adversário indomável da união sagrada, um dos pilares do núcleo internacionalista de 1914 e um dos primeiros franceses a viajar a Moscou para se colocar a serviço da revolução, um lutador com uma biografia significativa. Ele não era nem um manobrador, nem um orador, nem um teórico, nem muito menos um *apparatchik*. Expulso do PCF nos dias do zinovievismo, ele nunca pertencera verdadeiramente ao núcleo dirigente, era pouco informado das querelas do aparato, mas estava perfeitamente inteirado de tudo o que dizia respeito ao movimento operário na França e internacionalmente. Os homens que ganharam, sem esforço, suas divisas de "dirigentes comunistas" no partido, nascido em Tours e rapidamente bolchevizado, consideravam com um pouco de condescendência esse companheiro de estrada demasiado "sindicalista", discreto, que desprezava as querelas entre os chefinhos. Da mesma maneira, os principais dirigentes dos outros grupos estavam prontos a aceitá-lo entre eles como um tenente. Ninguém concebia que ele poderia ser um general-em-chefe e cada um o mostrava a seu modo.

Trotsky propõe critérios

Trotsky começou por definir os critérios que deveriam permitir à Oposição de Esquerda definir-se[12]: eram, para ele, a atitude com respeito ao Comitê Sindical Anglo-Russo; a respeito da revolução chinesa e da política econômica da URSS. Tratava-se de romper com o oportunismo político. Era preciso tratar "a questão russa", a teoria da "construção do socialismo num só país", como um problema de classe, a refração sobre o mundo soviético da luta de classes internacional. Uma posição clara e sem ambigüidade, que foi qualificada de "ultimatista" por aqueles que queriam continuar na confusão e constituir um debate abstrato. Na realidade, estes critério não foram decisivos, pois os caprichos da História decidiram de outra forma.

No caso da estrada de ferro sino-russa, Trotsky – analisando o conflito em termos de luta de classes internacional – preconizou o apoio ao Estado soviético e à revolução chinesa contra a contra-revolução nacionalista de Jiang Jieshi. Ele se chocou com a oposição de Robert Louzon e da maioria do núcleo da *Révolution prolétarienne*, com Maurice Paz e Contra a Corrente, com Urbahns, com o *Leninbund* e com *Die Fahne des Kommunismus*, que, todos os três, defendiam o direito de propriedade da China e denunciavam o "imperialismo soviético". Às divergências de idéias, juntavam-se os ressentimentos e as rivalidades. Maurice Paz, por exemplo, esperara de Trotsky a investidura e não aceitava a confiança concedida a Rosmer. Hugo Urbahns defendia seu pedaço de chão; Louzon, suas idéias pessoais bem ancoradas na URSS. De todo modo, nenhum dos chefinhos estava pronto a serem os tenentes de Rosmer.

Assim, o agrupamento procurado deu-se, não com os grupos existentes, mas com as minorias desses grupos. Rosmer conseguiu convencer Marthe Bigot e Ferdinand Charbit, do "núcleo" da *Révolution prolétarienne*, os outros continuando a revista "sindicalista revolucionária" com Pierre Monatte e Robert Louzon. Da corrente de Souvarine, vieram os jovens intelectuais Pierre Naville e Gérard Rosenthal, que foram, durante muito tempo, independentes com *La Lutte de classes* – que eles trouxeram consigo – assim como Pierre Gourget. Do *Redressement communiste*, veio o jovem Jean-Jacques Tchernobelsky. Finalmente, o projeto de Rosmer recebeu a adesão entusiasta do grupo de Raymond Molinier, que Trotsky estimava enormemente devido a seu espírito de empreendimento, sua combatividade e à eficácia de seu trabalho em todos os domínios.

Contatos na Europa

Alfred Rosmer fez uma viagem à Europa central. Ele revelou as dificuldades que o trabalho internacional encontrava na Áustria com Josef Frey – fracionista enraivecido –, mas também – o que era mais grave – com Hugo Urbahns e seus colaboradores, que, segundo Rosmer, não poderiam sequer imaginar tolerar uma supervisão qualquer de sua atividade e tinham dado prova de falta de internacionalismo e de lealdade ao cometer o mais grave erro aos olhos de Rosmer e Trotsky: utilizar, para sua organização, os fundos arrecadados para a solidariedade com os russos e irritar-se pelo fato de o problema ter sido levantado[13].

Os contatos feitos por Rosmer durante sua viagem permitiram a constituição de

10. *Ibidem*, p. 614-615.

11. *Ibidem*, p. 620-621.

12. L. Trotsky, "Lettre à propos des différents groupements de l'opposition communiste" (31 de março de 1929), em *Le mouvement communiste en France*, p. 317-321.

13. L. Trotsky, A. e M. Rosmer, *Correspondance 1929-1939*, aqui carta de Rosmer, de Viena, julho de 1929, p. 34-36.

uma estratégia de construção para a Alemanha: Kurt Landau, que se declarou partidário entusiasta de Trotsky e que tinha, em Viena, relações envenenadas com Frey, estabelecer-se-ia em Berlim no seio da oposição de Wedding, um bairro operário, de que ele foi rapidamente o dirigente político[14].

Por outro lado, os próximos de Trotsky no *Leninbund* se reuniam no começo de 1930, numa "minoria do *Leninbund*", cuja personalidade mais em evidência era Anton Grylewicz. Este homem era, sem dúvida, muito representativo da tradição revolucionária da classe operária alemã. Metalúrgico, fez parte do famoso círculo dos Delegados Revolucionários que organizaram e dirigiram, durante a guerra, greves pela libertação de Liebknecht e pela paz. Em novembro de 1918, ele fora, enquanto representante dos operários berlinenses, nomeado adjunto do delegado de polícia da revolução, Emil Eichhorn. Dirigente da organização do USPD da capital, ele se revela importante na adesão deste grande partido à Comintern, em 1921. Em 1923, é um dos alemães enviados a Moscou para a preparação do Outubro Alemão. Membro da esquerda alemã, no começo partidário de Zinoviev na Internacional, representante da oposição unificada no VII Congresso do KPD, secretário de organização do *Leninbund*, ele se afasta desta organização quando Zinoviev capitula, depois se opõe à política da "fração pública" de Urbahns porque continua ligado a uma política de oposição no KPD[15].

Ao seu lado, na Oposição Unificada, um outro veterano estimado, Oskar Seipold, deputado no *Landtag*, que conserva seu mandato para utilizar a assembléia como uma tribuna para a oposição. Mas a qualidade de homens como Grylewicz e Seipold não decide por si só. Depois da expulsão da minoria do *Leninbund*, este se unifica com a Oposição de Wedding e um pequeno grupo dirigido pelos dois agentes do GPU, Roman Well e Senine. A Oposição de Esquerda Unificada (VLO) nasce em março de 1930. Mas seu destino está selado. Mal ela tinha sido constituída, presencia reacender-se a guerra fracional nutrida pelo temperamento de Landau e exasperada pelas provocações de Roman Well. Trotsky se alarma porque Well, rapidamente, pareceu ter chegado à cisão. De fato, ela é consumada pelas iniciativas de Landau, em 31 de março de 1931. Haverá, ainda, uma cisão, quando os dois provocadores forem desmascarados, em dezembro de 1932.

A situação na Tchecoslováquia não é maravilhosa, mas ela também não é tão catastrófica[16]. Aqui, também, o ponto de partida da Oposição encontra-se na pessoa de um militante respeitado, que conduziu, ao comunismo, as massas social-democratas da região de Liberec (Reichenberg) depois da guerra, Alois Neurath, que foi secretário do PC da Tchecoslováquia e também da Comintern. Ele pertenceu à oposição zinovievista, não capitulou com ele e foi expulso em 1928. Mas, com seus camaradas, funda um Partido

14. H. Schafranek, *Das kurze Leben des Kurt Landau*, p. 198.

15. P. Broué. *Trotsky*, p. 674-676 e, sobre Grylewicz, p. 1057.

16. Para as páginas seguintes, escritas segundo a correspondência de Trotsky, em Harvard, nos arquivos, suprimimos as centenas de referências que seriam necessárias. Remetemos aos resumos de R. J. Alexander, *International Trotskism*.

Comunista (Oposição) ligado à Oposição de Direita, sem dúvida, para preservar a unidade de sua organização e concentrar sua ação sobre os problemas de democracia do partido e de política nacional, a respeito dos quais ele pensa que interessam mais "às massas". Entretanto, ele se decepciona e, em 1932, deixa os brandleristas e se junta espetacularmente à Oposição de Esquerda. Ele é tão mal acolhido em seu país como Chen Duxiu o fora na China: os outros grupos, apesar dos esforços de Trotsky, recusaram a qualidade de opositor a um homem que era, para eles, um incorrigível oportunista. Um outro grupo desenvolveu-se, apoiado em Hyněk Lenorović, na Eslováquia, e sobre os conselhos de Trotsky. Wolfgang Salus se empenhou nessa tarefa desde seu retorno da Turquia com a ajuda de Kohout e Kopp, e seu grupo, *Jiskra*, conseguiu um certo espaço. Ele não conseguiu abalar as posições praguenses do professor Arthur Pollack, que anima um círculo de intelectuais, mas conseguiu de todo modo formar círculos locais: na capital, em torno dos dirigentes da Juventude Comunista, Otto Friedmann e Michalec (Karel Fischer), um ex-colaborador de Zinoviev; em Brno, com Vladimir Burian, recrutado na URSS, onde ele trabalhava na Profintern; em Plzeň, com o operário Juskiević, um líder muito popular. É incontestavelmente na Tchecoslováquia que a Oposição de Esquerda teve a maior influência no Partido Comunista uma vez que, a partir de 1933 – fato único –ganhou para si dois dirigentes nacionais importantes, Josef Guttmann, o ex-membro do Birô Político e do Secretariado, e Záviš Kalandra, escritor e historiador, ex-redator-chefe de *Rudé Pravo*.

Os elementos espanhóis da oposição se reagruparam finalmente na Oposição Comunista de Espanha, em maio de 1931. Reforçados pouco a pouco pelo retorno da URSS de Andrés Nin, eles publicaram *Comunismo*, revista teórica de qualidade. Trotsky entra em conflito com este último, que o reprova por engajar-se na organização comunista, que ele julga catalanista, de Maurín. Uma outra crise severa estoura com a Oposição Internacional quando, em março de 1932, eles escolhem o nome de *Izquierda Comunista de España*, o que aparece, a Trotsky, como a ruptura com a política de oposição no PCE, que efetivamente eles não querem mais, em todo caso, na Espanha. Em 1933, sofrem uma nova crise grave com a cisão de seu secretário geral, Henri Lacroix (Francisco García Lavid), que oferece serviços aos stalinistas, antes de se filiar, finalmente, ao PSOE.

A Bélgica é o único país onde a Oposição teve, durante um certo tempo, a maioria no Comitê Central. Mas o partido era fraco, assim como sua oposição. A seção belga é a única cujos dirigentes se pronunciaram contra Trotsky no caso da estrada de ferro sino-russa e é por conta desta questão que van Overstraeten e Hennaut deixaram a Oposição. A organização continua sob a direção de Léon Lesoil, que era, ao mesmo tempo, um dos dirigentes da organização dos Cavaleiros do Trabalho nas minas de Borinage. O caráter profundamente operário da oposição belga se encontrou reforçado pela ruptura com a antiga organização de seus militantes de Bruxelas, trabalhadores em maioria e que, por Georges Vereeken, controlava um sindicato de taxistas da capital.

As novas seções

Um dos sinais de desenvolvimento encorajadores para essa Oposição de Esquerda, que tantas dificuldades encontra, é a entrada, em suas fileiras, de seções novas, saídas dos partidos comunistas, que lhe trazem dirigentes e quadros. A mais promissora é, sem dúvida, a dos EUA. Lá, a Oposição Internacional tivera contatos individuais com personalidades ligadas a Trotsky, desde a guerra, como Ludwig Lore; desde a revolução, como Max Eastman. Com o continente americano, tudo começou no VI Congresso. Querendo conservar o exemplar da *Crítica do Projeto de Programa* que lhe fora entregue, mas que ele deveria devolver, dois delegados embebedaram um terceiro, roubaram-lhe esse documento que cobiçavam e conseguiram levá-lo dentro de suas bagagens. Ambos ficaram abalados com sua descoberta. É por isso que levaram os documentos com eles aos EUA, decididos a implantar a Oposição de Esquerda. Esses dois delegados eram o jovem dirigente canadense Maurice Spector, 30 anos, que acabava de ser eleito membro do CEIC, e o americano James P. Cannon, 43 anos, um homem duro e experiente, ex-militante dos IWW, ex-líder da esquerda do Partido Socialista, membro da fração conhecida como "Foster-Cannon", a fração dita proletária do partido.

Ao longo de sua viagem de retorno, eles encontraram Urbahns em Berlim, depois, em Nova York, Solntsev e Max Eastman, que financiou suas primeiras publicações e, notadamente, o órgão da oposição, *The Militant*. Eles contataram e convenceram numerosos quadros próximos deles, velhos militantes e jovens comunistas, dentro eles o brilhante Max Shachtman, responsável do *International Labor Defence*, que iria ser o braço direito de Cannon; Arne Swabeck, de origem dinamarquesa, veterano da greve de Seattle, militante operário comunista muito influente em Chicago; Martin Abern, ex-líder socialista no Minesota; o agitador itinerante Hugo Oehler, saído direto de um romance de Steinbeck, e muitos outros quadros representativos deste partido de vanguarda. O primeiro número do *Militant* apareceu em novembro de 1928 e é em maio de 1929 que a oposição se constituiu em organização depois que a maior parte de seus membros foram expulsos do Partido Comunista. Ela adota o nome de *Communist League of America* e teria três anos de uma dura existência, abalada por lutas fracionais e assombrada pelas dificuldades materiais – ao ponto que Trotsky pessoalmente a ajudou financeiramente, para a grande cólera de Lev Sedov, que conhecia bem as condições de vida ainda mais miseráveis dos russos. Dos EUA, um movimento oposicionista ganha os países vizinhos. Spector recrutou alguns canadenses, o intelectual Earle Birney – mais tarde grande poeta nacional – e, sobretudo, em 1932, o ex-secretário do PC, o enérgico metalúrgico Jack MacDonald.

No México, um membro da oposição norte-americana, Russell Blackwell, que usa o nome de Rosalio Negrete, organizador dos "pioneiros" (crianças comunistas) e secretário de organização da JC, reagrupa militantes mexicanos já em ligação com Golod (González) e, como vimos, principalmente os cubanos Julio Antonio Mella, assassinado pouco depois, e Sandalio Junco. Dentre eles, o grande futuro romancista José Revueltas, na época adolescente. O boliviano Gustavo Navarro está lá também.

Outras seções penetraram também em outros territórios. No Brasil, é de Paris que Pedrosa tomava contato com os comunistas que constituiriam o primeiro destacamento da Oposição: Lívio Xavier, Hilcar Leite, Aristides Lobo, e este núcleo com Barbosa era reforçado por Rodolfo Coutinho, de retorno de Moscou, onde ele fora convencido, em 1928, e por Plínio Melo, secretário do Partido Comunista no Rio Grande do Sul. O Clube Comunista Lenin torna-se, em 1932, a Liga Comunista do Brasil, com uma real influência nos quadros e mesmo na direção do PC.

Na Argentina, o começo da oposição se efetuou sob o signo dos cruzamentos. O primeiro grupo, saído do PCRA de José F. Penelón – que quer continuar num plano nacional depois de ter sido escaldado –, é animado por Roberto Guinney, ucraniano de origem, que conheceu Kropotkin e Tom Mann, e que fundou um Comitê de Oposição Comunista com outros dirigentes expulsos por seus desacordos sobre a questão russa. Ele será seguido por um certo número de "chipistas", dentre eles Mateo Fossa, Angelica Mendoza e seu companheiro Héctor Raurich, que, com o estudante Gallo, estiveram em contato, na Espanha, com Nin. Eles fundam, com este, uma segunda organização; os *chipistas* expulsos do PC argentino constituem a terceira. A luta é encarniçada entre os três. No próprio partido, constitui-se uma tendência que combate a favor de uma política de "frente única" e condena a política alemã da Comintern. Seu líder, Luis Koiffmann, ex-dirigente da Juventude, foi expulso em 1932 e se juntou à Oposição de Esquerda.

Sandalio Junco, um operário padeiro negro de Cuba, organizador dos sindicatos na ilha, encontrou, em Moscou, na Profintern, Andrés Nin, que o convenceu e o ganhou para a Oposição. Em seu retorno de Moscou, com dois outros dirigentes sindicais, dentro eles Barreiro, secretário do sindicato cubano dos *tabaqueros* do México, ele milita com Mella e o grupo de Negrete, participa dos preparativos do desembarque em Cuba de Mella e, em seu retorno à ilha, cinco anos mais tarde, funda o Partido Bolchevique-Leninista de Cuba, que reivindica as posições de Trotsky.

No Chile, também se trata de um grande partido, e nós nos contentaremos aqui de o mencionar, pois voltaremos a ele. O Partido Comunista – um dos dois, pois há uma cisão criando duas metades iguais –, aquele que chamado de Hidalgo, o nome de seu dirigente, o senador Manuel Hidalgo, adere em bloco à Oposição Internacional, em 1933, sob a influência da *Izquierda Comunista*, de Andrés Nin. Este grupo ganha numerosos refugiados, dentre eles um quadro do PC boliviano, ex-dirigente estudante, José Aguirre Gainsborg.

Na Itália, sob a bota fascista, o PC foi praticamente destruído e somente subsistiam grupos sem ligação entre si, revelando o estado de espírito bordiguista. O partido no exílio, sob a direção de Ercoli (Palmiro Togliatti), executa, sem pestanejar, as guinadas e as análises ditadas a ele pelo Executivo. Os bordiguistas expulsos constituíram uma organização no exílio que edita a revista *Prometeo*. Mestres dos grupos de língua italiana no PC francês, eles têm uma influência bastante grande. Vimos que se formou, na cúpula, uma oposição à política suicida do partido, ditada pela direção da Comintern, que se constituiu com aqueles que ficaram conhecidos como "os Três": Pietro Tresso, conhecido também como Blasco, ex-bordiguista, ex-responsável do centro do partido clandestino; Alfonso Leonetti,

dito Feroci, companheiro de Gramsci, que dirigiu *L'Ordine Nuovo* e *L'Unità* e Paolo Ravazzoli, dito Santini, o chefe dos sindicatos clandestinos. Moscou exige do PC italiano sua expulsão e ameaça mesmo dissolver o CC italiano caso eles se recusarem a expulsar "os Três"[17]. Ele obtempera. De seu lado, estes últimos se dirigem a Rosmer e tomam contato com Trotsky. Sob o nome de NOI (*Nuova Opposizione Italiana*), eles constituem, apesar dos protestos dos bordiguistas, a seção italiana da Oposição de Esquerda. Com os três, alguns revolucionários profissionais como Mario Bavassano (Giacomi), oficial no Exército Vermelho, e Nicola di Bartolomeo. De fato, afastada dos trabalhadores exilados, controlada pelos stalinistas e bordiguistas, incapaz materialmente de reconstruir o partido na Itália, por causa da repressão, a NOI vegetou ao mesmo tempo em que fornecia homens de qualidade aos órgãos internacionais da Oposição (Leonetti) e à seção francesa (Blasco).

Na Grécia, uma organização que se separou do PC, em 1924, a organização archeiomarxista, dirigida, de início, por F. Tzoulatis e, a partir de 1926, por seu ex-secretário Mitsos Yotopoulos, e que conta com entre mil e seiscentos e dois mil membros, filia-se em 1930. Sua rival, *Spartakos*, é uma verdadeira organização opositora dirigida por Pantelis Pouliopoulos, ex-secretário geral do Partido Comunista Grego, mas conta somente com 60 membros. Ela protesta contra a admissão na Oposição Internacional dos archeiomarxistas, partido e não oposição, um atentado aos princípios sob os quais repousa esta última[18].

Na Bulgária, contatos foram tomados com velhos militantes da equipe de Rakovsky: Stefan Manov e Sider Todorov, pai de um militante da Oposição de Esquerda russa, e V. Sidorov. Eles fundam, com L. Sammaliev, a oposição búlgara, que publicará o jornal *Osbvobodjenie*. O ex-responsável militar do BKP, Dimitar Gatchev, ao final de sete anos de prisão, entra na direção da Oposição.

Na Polônia, uma oposição se constituiu em Varsóvia, no fim de 1931, sob a impulsão de Hersh Mendel Sztokfisz, do birô judeu, e de Pawel Pinchos Minc, do CC do KPP, que se juntou rapidamente ao membro do CC, veterano do *Kombund*, Abram (Abe) Flug. Ele reagrupa, ao mesmo tempo, partidários da Oposição de Esquerda e de Direita. A cisão deu-se com Flug e Sztokfisz, por sua vez, recusa-se a responder à convocação de Moscou se o Executivo não declarar publicamente que ele foi convocado enquanto minoritário: aqueles que ficaram com ele, decididamente de esquerda, tomam contato com o Secretariado da Oposição Internacional e com Trotsky. Em breve, os militantes poloneses recebem o reforço decisivo de Kazimierz Badowski, de retorno de Anvers, e de S. Ehrlich, que vem da Suíça, ambos em contato com os trotskistas do Ocidente. Eles estão com dois jornalistas de talento, Artur Redler e Isaac Deutscher[19].

Na Grã-Bretanha, uma *Marxist League* foi fundada, em 1929, por F. A. Ridley, o indiano Chamdu Ram (Agarwala) e os cingaleses Colvin R. da Silva e Leslie Goonawardena. Encontramos um dos seus, Hugo Dewar, com Harry Wicks, ferroviário exonerado,

17. Citado por *Italia contemporanea*, outubro-dezembro de 1976, p. 55.

18. *Les Mémoires* de A. Stinas são a única obra em francês acessível sobre essas questões.

19. Hersh Mendel, *op. cit.*, p. 308-318.

veterano da Escola Lenin em Moscou, e Reg Groves no "grupo de Balham", de onde nascerá a Oposição de Esquerda britânica[20]. Os britânicos enviam para a África do Sul um dos seus, C. Frank Glass, que encontraremos logo em seguida na China, onde ele terá um papel importante.

A Hungria, ainda sob a ditadura e o terror branco do almirante Horthy e com um PC totalmente stalinizado, será, finalmente, abordada sob ângulos diferentes. Em Bratislava, Lenorović conseguiu construir um grupo húngaro, que é animado por Terebassý. Na França, os opositores franceses tomaram contato com o responsável dos comunistas húngaros de Paris, Karoly Szilvassý, que os segue. Juntos, eles conseguiram reatar o contato com o clandestiníssimo grupo da JC, que evoluiu sozinho em direção à Oposição de Esquerda e que é dirigido pelo jovem operário Ivan Harstein.

No que concerne à Indochina, militantes comunistas, sonhando com o Guomindang, construíram um Partido Anamês da Independência que mais parece uma reprodução da Estrela Norte-Africana, com algumas centenas de militantes na região parisiense. O choque inevitável com os dirigentes da Comintern que fazem a caça aos "nacionalistas pequeno-burgueses" lança seus dirigentes mais avançados em direção à Oposição de Esquerda e três de seus dirigentes – Ta Thu Thau, Huynh Van Phuong e Phan Van Chanh – juntam-se a ela[21]. Eles organizam, em 22 de maio de 1930, uma manifestação surpresa de uma centena de estudantes em frente ao Palácio do Eliseu contra a repressão em seu país e 19 deles, dentre eles o núcleo trotskista, são expulsos de volta a Saigon, em 30 de maio. A organização desenvolve-se, então, no país e os militantes expulsos fundam a Oposição de Esquerda indochinesa, que publica a revista *Thang Muoi* (Outubro). Mas o aparecimento dos dois outros grupos rivais libera o vírus fracionista e as querelas fratricidas impedem o desenvolvimento do movimento até o lançamento do grande jornal *La Lutte*, onde os oposicionistas coabitam com os membros do PC.

A reconstrução

O desenvolvimento da Oposição de Esquerda nestes poucos anos pode parecer limitado. Ele pode também parecer fantástico, pois efetuado apesar da dupla repressão dos Estados, que lhes tratavam como comunistas e dos comunistas stalinistas que os tratavam como seus piores inimigos. Todos os continentes foram, finalmente, atingidos, raros foram os países onde a existência de um PC não acarretou a de uma oposição. Chegou mesmo a haver locais e regiões, particularmente na América do Sul, onde a oposição se mostrou publicamente antes mesmo do próprio Partido Comunista.

Uma das primeiras tarefas a realizar – ao mesmo tempo em que a construção e o

20. H. Wicks, *Keeping my Head*, Bornstein e Richardson, *Against the Stream. A History of the Trotskyist Movement in Britain, 1924-1938*.

21. D. Hémery, *op. cit.*, discute essa evolução, p. 209-217.

desenvolvimento das seções – era a construção de uma direção internacional da Oposição; e Trotsky não abandonou, indubitavelmente, jamais esta preocupação depois de sua saída do território soviético. O primeiro birô, designado na primeira conferência, composto por Rosmer, Andrés Nin e Landau, tinha uma bela aparência, mas ficou no papel e nunca se reuniu, compreende-se facilmente porquê.

Rapidamente, o trabalho passou às mãos de um secretariado cuja composição mudou muito freqüentemente. Podemos mencionar entre os que fizeram parte dele por um tempo mais ou menos longo neste período, foram os primeiros membros do birô mencionados mais anteriormente, o grego Rosencweig (Myrtos); o italiano Leonetti; os irmãos Roman Well e Senine; Eugen Bauer (Ackernecht); o grego Yotopoulos (Vitte) e o cidadão soviético Mill. De todo modo, uma grande parte do trabalho era feita por Trotsky e Sedov com os colaboradores próximos de Trotsky, como Frankel ou Jean van Heijenoort. Trotsky considerava fundamental o trabalho de direção internacional, procurava reforçá-lo e nunca ficou verdadeiramente satisfeito.

A Oposição de Esquerda se pronunciava pelo reajuste da Internacional Comunista e se opunha a toda iniciativa que tentasse fazer nascer um segundo partido, *a fortiori*, uma nova Internacional. É nesse ponto que se produziu a ruptura com Sneevliet e Urbahns, a base das divergências com a seção espanhola, a *Izquierda Comunista* estando aparentemente convencida da existência de uma espécie de "excepcionalismo" espanhol, que excluía, segundo ela, todo desenvolvimento futuro do stalinismo na Espanha. Relevemos também a tolerância manifestada no caso do partido archeiomarxista e do PC chileno de Hidalgo, isto é, cada vez que o partido "opositor" tinha forças comparáveis ou superiores àquelas do partido oficial. Os oposicionistas franceses tomaram emprestado de seus camaradas russos e conservaram orgulhosamente o exótico título de "bolcheviques-leninistas" que resumia seu objetivo, "o retorno a Lenin", e frisavam que, ao se situar no terreno da revolução russa e de sua defesa, eles tinham acelerado a ruptura, exposto-se à expulsão e tomado forma de organização. As outras seções não tinham todas as mesma atitude, e os americanos, por exemplo, não aceitavam de bom grado os vocábulos russos, que lhes pareciam colocá-los fora da comunidade nacional.

Bagagem teórica

No plano programático e teórico, a Oposição de Esquerda pensava que a herança da Comintern não provinha integralmente de Lenin e que não se deveria procurar tudo aí. Ela considerava erradas as decisões dos V e VI Congressos e queria reescrever o programa redigido por Bukharin e aceito no VI. Sua base programática era, portanto, os quatro primeiros congressos da Internacional Comunista. É em nome da necessária independência do partido operário que a Oposição de Esquerda condenava como oportunista a política conduzida na China com o Guomindang, a manutenção do Comitê Sindical Anglo-Russo depois da derrota da greve geral e os "partidos operários e camponeses".

É em nome do caráter internacional da revolução proletária que ela rejeitava a teoria da "construção do socialismo num só país" e seus corolários, como o "nacional-bolchevismo". Ela considerava a URSS um Estado operário degenerado que era preciso defender contra o imperialismo. A Oposição condenava a política econômica de Stalin em seu conjunto, em todas as suas variantes e sob todas as suas formas – tanto o oportunismo dos anos 1923-1928 (porém, não a NEP, como se diz demasiado freqüentemente) como o aventureirismo econômico da industrialização e da coletivização forçadas, a partir de 1928. Como Lenin, a Oposição pronunciava-se em favor de uma presença ativa nas organizações de massa, em primeiro lugar nos sindicatos reformistas, e denunciava o papel nefasto dos sindicatos vermelhos. Rejeitava a fórmula de "ditadura democrática dos operários e camponeses" que a Comintern avançara no lugar da de "ditadura do proletariado"; preconizava o emprego das palavras de ordem de transição, a fim de esclarecer a consciência das massas por meio de sua própria experiência, e, em particular, as palavras de ordem democráticas. Retomando as fórmulas de Lenin sobre a frente única operária, a Oposição condenava sua interpretação da "frente única pela base" e a pseudoteoria do stalinismo sobre a transformação da social-democracia em "social-fascismo". Finalmente, reivindicava a restauração da democracia no partido como nos tempos de Lenin, tanto nas regras como na prática. Força seleta com quadros experientes e um dirigente prestigioso, a Oposição Internacional acreditava que a história reservava-lhe na revolução que estava por vir, à frente da Internacional regenerada, o papel que o Partido Bolchevique tivera em 1917.

Batalha sobre a Alemanha

A grande batalha da oposição neste período é a campanha conduzida por Trotsky a respeito dos progressos do nazismo na Alemanha, a política suicida da Comintern e os meios de consertar a situação. Bem informado tanto por seus colaboradores em Berlim – Erwin Ackernecht (Bauer) e Lev Sedov –, como por observadores de qualidade – Werner Scholem e alguns outros veteranos –, o revolucionário exilado escreve algumas das páginas mais penetrantes e incisivas de suas obras. Porém, mesmo lido, escutado e admirado, ele não é seguido.

Primeiras análises

É no dia seguinte das eleições de setembro de 1930 que ele se debruça sobre a situação alemã, num artigo de fundo intitulado "A guinada da Internacional Comunista"[22], em

22. Remetemo-nos aqui à edição francesa sem data de 1971, intitulada *Comment vaincre le fascisme* (Como vencer o fascismo).

que desenvolve a idéia de que tal situação resulta de uma relação de forças absolutamente original, "resultado não somente dos dois períodos de estabilização na Alemanha desde a guerra, mas também dos três períodos de erros da Internacional Comunista". Contrariamente aos clamores de vitória pelo recebimento de 1,3 milhões de votos pelos comunistas, ele frisa dois fatos importantes em sua opinião: a fulgurante progressão do NSDAP, que passa de 600 mil a 6,4 milhões de votos, e a manutenção relativa da social-democracia, que recolheu mais votos que o KPD. O fato é que, para ele, a posição do PC "continua fraca e desproporcional do ponto de vista das condições históricas concretas". Ele explica: "A fraqueza das posições do comunismo está, indissociavelmente, ligada à política e ao funcionamento interno da Internacional Comunista; ela se revela de maneira ainda mais gritante se comparamos o papel atual do PC e suas tarefas concretas e urgentes nas condições históricas presentes"[23]. Analisando as forças sociais, as hesitações da grande burguesia entre a teoria social-democrata, demasiado cara, e a "intervenção cirúrgica" fascista, demasiado arriscada, ele prossegue:

> O crescimento gigantesco do nacional-socialismo traduz dois fatos essenciais: uma crise social profunda, arrancando as massas pequeno-burguesas de seu equilíbrio, e a ausência de um partido revolucionário que desempenharia desde já, aos olhos das massas, o papel de dirigente revolucionário reconhecido. Se o Partido Comunista é *o partido da esperança revolucionária*, o fascismo, enquanto movimento de massa, é o partido do *desespero contra-revolucionário.*[24]

O caminho da revolução abre-se quando o proletariado se empenha totalmente nesta via, levando consigo importantes camadas da pequena-burguesia. As eleições alemães dão a imagem oposta: "O desespero contra-revolucionário apoderou-se da massa pequeno-burguesa com uma força tal que ela levou consigo importantes camadas do proletariado"[25]. Suas razões são múltiplas, particularmente a experiência do KPD, o essencial, sendo que "a desconfiança [da pequena-burguesia pela revolução proletária] se nutre daquela dos milhões de operários social-democratas a respeito do Partido Comunista[26]. Seu diagnóstico é claro: "*O fascismo tornou-se, na Alemanha, um perigo real.* Ele é a expressão do impasse agudo do regime burguês, do papel conservador da social-democracia em face deste regime e da fraqueza acumulada do Partido Comunista, incapaz de derrubá-lo. É preciso entender isso a tempo"[27]. Recordando a utilização sistemática pela Comintern e pelo KPD do vocábulo "social-fascista" para designar a social-democracia e a política desta última, ele afirma: "Ao votar a contragosto pela social-democracia, os

23. *Comment vaincre le fascisme*, p. 20.
24. *Ibidem*, p. 22.
25. *Ibidem*, p. 23.
26. *Ibidem*, p. 233-234.
27. *Ibidem*, p. 234.

operários que o fazem não manifestam a ela sua confiança, mas exprimem sua desconfiança para com o Partido Comunista"[28].

Considerando em seguida as variantes possíveis, frisa que um dos fatores decisivos é a adoção, pelos comunistas, de uma tática correta, pois é a errada tática do KPD que se exprime através da teoria estúpida do "social-fascismo", que, por sua vez, garantiu a consolidação da social-democracia. Ele sublinha também a necessidade absoluta de uma mudança no regime do partido a fim de "arrancá-lo de sua prisão burocrática": "O partido deve ser arrancado dessa atmosfera hipócrita, convencional, através da qual se passam, em silêncio, os males reais e na qual se glorificam os valores fictícios; em uma palavra, arrancá-lo da atmosfera perniciosa do stalinismo, que é o resultado não de uma influência ideológica e política, mas de uma grosseira dependência material do aparato e dos métodos de comando que depreendem dele"[29].

Em breve será tarde demais

O artigo "A chave da situação internacional está na Alemanha" leva a data de 26 de novembro de 1931 e explica que o desenlace da situação está próximo e que a situação pré-revolucionária deve se resolver muito rapidamente e tornar-se revolucionária ou contra-revolucionária:

> A hora da decisão soou [...] O partido dirigente da Internacional Comunista, o PC da União Soviética, não tomou nenhuma posição. [...] Os "chefes do proletariado mundial" refugiam-se no silêncio. Eles substituíram a política de Lenin pela do avestruz. Aproximamo-nos de um dos momentos mais cruciais da história; a Internacional Comunista já cometeu uma série de erros graves, mas parciais que solaparam e abalaram as forças acumuladas durante seus cinco primeiros anos; ela corre o risco hoje de cometer um erro fundamental e fatal que ameaça de destruí-la enquanto fator revolucionário da carta política por todo um período histórico.[30]

A apreciação que ele dá sobre a direção berlinense, que bebeu visivelmente de uma boa fonte, é feroz:

> Essas pessoas não têm o hábito de assumir suas responsabilidades. Hoje, eles sonham em demonstrar, pouco importa como, que o "marxismo-leninismo" exige que se recuse a combater. [...] O sentido de sua (nova) tática é o seguinte: o fascismo cresce irresistivelmente, sua vitória é de toda maneira inelutável; antes que se precipitar "cegamente" na luta e perder, é

28. *Ibidem*, p. 27.
29. *Ibidem*, p. 37.
30. *Ibidem*, "La clé de la situation...", p. 55-56.

melhor recuar prudentemente e deixar o fascismo tomar o poder e se comprometer. Aí então – ah, então! – eles vão ver só. [...] A vitória dos fascistas que era declarada impossível há um ano é considerada hoje como garantida. Um Kuusinen qualquer, aconselhado nos bastidores por um Radek qualquer, prepara, para um Stalin, uma fórmula estratégica genial: recuar enquanto há tempo, retirar as tropas revolucionárias da linha de fogo, fazer uma armadilha aos fascistas na forma de... poder governamental.

Se essa teoria for definitivamente adotada [...] será, da parte da Internacional Comunista, uma traição de uma amplitude histórica, no mínimo, igual à da social-democracia em 4 de agosto de 1914 – com conseqüências ainda mais horripilantes.[31]

Ele se empenha em mostrar as terríveis conseqüências deste perigo:

A chegada ao poder dos "nacional-socialistas" significa, antes de tudo, a exterminação da elite do proletariado alemão, a destruição de suas organizações e a perda de confiança em suas próprias forças e em seu futuro. [...] Os chefes e as instituições podem bater em retirada. Pessoas isoladas podem se esconder. Mas a classe operária não saberá nem para onde recuar nem onde se esconder frente ao poder fascista.. [...] num futuro imediato, a vitória do fascismo na Alemanha provocaria uma ruptura na herança revolucionária, o naufrágio da Internacional Comunista, o triunfo do imperialismo mundial sob as formas mais odiosas e mais sanguinárias. A vitória do fascismo na Alemanha implicaria forçosamente uma guerra contra a URSS. [...] Se Hitler chegar ao poder [...], o governo fascista será o único governo capaz de empreender uma guerra contra a URSS. [...] Em caso de vitória, Hitler se transformará no super-Wrangel da burguesia alemã. [...] Isso implicaria para a URSS um isolamento terrível e uma luta até a morte nas condições mais difíceis e mais perigosas.[32]

Sua conclusão mostra a consciência que tem da amplitude do que está em jogo e da urgência da guinada:

Atualmente, a força dos nacional-socialistas não reside tanto em seu próprio exército, mas na divisão que reina no seio do exército de seu inimigo mortal. É precisamente a realidade e o crescimento do perigo fascista, seu caráter iminente, é a consciência da necessidade de descartar este perigo custe o que custar, que empurra os operários a seu unirem para se defenderem. A concentração das forças proletárias se dará tanto mais rápido e com tanto mais de sucesso quanto o pivô deste processo, o Partido Comunista, for sólido. A chave da situação está ainda em suas mãos. Pobre dele se ele a deixar escapar!

Nestes últimos anos, os funcionários da Comintern gritaram, por qualquer motivo e algumas vezes por razões fúteis, que a URSS estava direta e militarmente ameaçada. Hoje, este perigo tornou-se absolutamente real e concreto. Todo operário revolucionário deve considerar, como um axioma, a afirmação seguinte: a tentativa dos fascistas de tomar o poder na Alemanha deve provocar uma mobilização do Exército Vermelho. Para o Estado proletário, tratar-se-á de autodefesa revolucionária no sentido total do termo. A Alemanha não é apenas a Alemanha. Ela é o coração da Europa. Hitler não é apenas Hitler. Ele pode tornar-se o super-Wrangel. Mas o Exército Vermelho não é apenas o Exército Vermelho. Ele é o instrumento da revolução proletária mundial.[33]

Pouco depois, em 8 de dezembro de 1931, ele centra fogo numa "Carta aberta a um operário membro do KPD", que se conclui assim:

Operários comunistas, vocês são centenas de milhares, de milhões. Vocês não têm para onde ir, não haverá para vocês passaportes suficientes. Se o fascismo chegar ao poder, ele passará como um tanque aterrorizante sobre seus crânios e espinhas. Não existe salvação fora de uma luta sem misericórdia. Somente uma reaproximação na luta com os operários social-democratas pode trazer a vitória. Apressem-se, operários comunistas. Vocês não têm muito tempo![34]

O "nacional-comunismo"

Trotsky volta mais uma vez à questão alemã e à política stalinista de maneira ainda mais urgente, menos de um ano mais tarde, num artigo intitulado "Contra o nacional-comunismo", datado de 31 de agosto de 1932, consagrado àquilo que o KPD chama de "plebiscito vermelho". Ele consagra desenvolvimentos sarcásticos e virulentos à nova prática do KPD, que consiste em agir contra o fascismo utilizando suas armas, tomando-lhe emprestado suas cores e obrigando-o a uma exacerbação chauvinista. Ele pega o exemplo do emprego sistemático, no lugar de "revolução proletária", da expressão "revolução popular", "fanfarronada e charlatanismo, concorrência de bazar com os fascistas feita ao preço de uma confusão que é semeada na cabeça dos operários", conciliação com a ideologia fascista, "ao lhe permitir acreditar que não há necessidade de fazer a escolha, pois, dos dois lados, trata-se de fazer a "revolução popular" e o procedimento leva a crer que "trata-se da 'libertação nacional'" da Alemanha imperialista. Imaginou-se, em 1932, por meio de uma declaração de Piatnitsky, que a decisão de tingir de vermelho o plebiscito marrom fora tomada em Moscou, contra as reticências do KPD. Sabemos hoje, por historiadores alemães da RDA, que Stalin e Molotov forçaram a decisão sobre o caráter "vermelho" do plebiscito. Trotsky, na época, frisa o silêncio prudente guardado por Stalin e, de outro lado, o que ele chama de "prepotência inepta e vergonhosa" da *Pravda*, de 12 de agosto, que garantia que o resultado da votação fora o golpe mais grave jamais desferido pelos trabalhadores à social-democracia.

31. *Ibidem*, p. 57-58.
32. *Ibidem*, p. 58-60.
33. *Comment vaincre le fascisme*, p. 64-65.
34. *Ibidem*, p. 80.

Burocracia stalinista e política alemã

Os trabalhos posteriores de Trotsky, principalmente *E agora. A Revolução Alemã e a Burocracia Stalinista* e *A Única Via*, que desenvolvem temas idênticos sobre uma atualidade posterior, acumulam também referência à história e aos escritos de Lenin necessários para convencer um leitor membro ou simpatizante do KPD. Relevaremos dois excertos que nos parecem úteis numa obra sobre a história da Comintern:

> A fração dirigente da Internacional Comunista não é uma forma de centrismo "em geral": é uma formação histórica bem definida, com raízes sociais poderosas, embora recentes. Trata-se, antes de tudo, da burocracia soviética. Nos escritos dos teóricos stalinistas, esta camada social não existe. Trata-se somente do "leninismo", da direção desencarnada, da tradição ideológica, do espírito do bolchevismo, da inconsistente "linha geral"; nem uma palavra sobre o fato de que o funcionário bem de vida, em carne e osso, utiliza esta linha geral como um bombeiro utiliza sua mangueira. Há muitos milhões de funcionários [...]. Será que essa camada dirigente de diversos milhões de indivíduos tem um peso social e uma influência política no país? Sim ou não?[35]

Ele explica, pela existência da burocracia, as oscilações da política da Comintern:

> As oscilações do centrismo burocrático, que estão em relação com sua potência, seus recursos e as contradições agudas da situação, atingiram uma amplitude ímpar: das aventuras ultra-esquerdistas na Bulgária e na Estônia à aliança com Jiang Jieshi, Radić e Purcell; da vergonhosa fraternização com os fura-greves ingleses à recusa categórica da política de frente única com os sindicatos de massa. A burocracia stalinista exporta seus métodos e seus ziguezagues para outros países, na medida em que, por intermédio do partido, não somente ela dirige a Internacional, mas também dá ordens.[36]

Ele faz uma comparação destruidora com o Partido Bolchevique:

> A força do partido revolucionário reside no espírito de iniciativa da vanguarda que coloca à prova e seleciona seus quadros; é a confiança que ela tem em seus dirigentes que os eleva progressivamente em direção à cúpula. Isto cria um vínculo indestrutível entre os quadros e as massas, entre os dirigentes e os quadros, e dá segurança a toda a direção. Nada disso existe nos partidos comunistas atuais. Seus chefes são designados. Eles são escolhidos entre os subordinados. A base do partido é obrigada a aceitar os chefes designados ao redor dos quais cria-se uma atmosfera artificial de publicidade. Os quadros dependem da cúpula, não da base. Numa larga medida, eles procuram a razão de sua influência e de sua existência fora

35. *Comment vaincre le fascisme*, "Et maintenant", p. 173-174.
36. *Ibidem*, p. 177.

> das massas. Eles tiram suas palavras de ordem política do telégrafo e não da experiência da luta. Ao mesmo tempo, Stalin mantém guardados os documentos acusadores. Cada um de seus chefes sabe que, a todo momento, ele pode ser varrido como poeira.[37]

Sua conclusão sobre o que é preciso ser feito para enfrentar é a marca do otimismo revolucionário:

> Uma discussão pública, sem interrupção das reuniões, sem citações truncadas, sem calúnias venenosas, uma troca leal de opiniões são necessárias nas fileiras dos comunistas e de todo o proletariado: foi assim que, na Rússia, durante todo o ano de 1917, nós polemizamos com todos os partidos e em nosso próprio seio. É preciso, por meio dessa ampla discussão, preparar um congresso extraordinário do partido com um ponto único na ordem do dia: "Que fazer?" [...] Se o Partido Comunista for obrigado a aplicar a política de frente única, isto permitirá, quase infalivelmente, barrar a ofensiva dos fascistas. E uma vitória séria sobre o fascismo abrirá a via à ditadura do proletariado. [...] A vitória da revolução proletária na Alemanha deveria ter, como tarefa primeira, a liquidação da dependência burocrática para com o aparato stalinista.
>
> Amanhã, depois da vitória do proletariado alemão, e mesmo na luta pelo poder, as cadeias que paralisam a Internacional Comunista desaparecerão. A indigência das idéias do centrismo burocrático, as limitações nacionais de seu horizonte, o caráter antiproletário de seu regime, tudo isto aparecerá à luz da revolução alemã, que será incomparavelmente mais viva que aquela da Revolução de Outubro, e as idéias de Marx e Lenin triunfarão infalivelmente no seio do proletariado alemão.[38]

O combate da Oposição

De todo modo, ficamos um pouco surpresos que a Oposição não tenha melhor explorado em seu favor a campanha de Trotsky e os ecos que ele encontrou. As cartas que chegaram a Prinkipo o atestam, tanto por sua quantidade quanto pela qualidade dos remetentes: o exilado não pregava no deserto.

A leitura da correspondência alemã e da imprensa alemã mostram a seriedade da luta conduzida pela pequena organização de meio milhar de opositores recrutados em três anos por um punhado de veteranos e de jovens comunistas. Nem Trotsky, nem seus camaradas perdem a fé, e, até o fim, os opositores alemães – os veteranos como Seipold e Grylewicz, os jovens como Erwin Ackernecht, Walter Held, Oskar Hippe – vão de ato em ato, tanto nos deles como nos outros, chamando os trabalhadores a impor a frente única a seus dirigentes. Eles também discutem com os membros do Partido Comunista que acei-

37. *Ibidem*, p. 78-79.
38. *Comment vaincre le fascisme*, "Et maintenant", p. 228-229.

tam fazê-lo, com os social-democratas, os sindicalistas. Eles obtêm um certo sucesso. Uma gota de água na imensa maré que era preciso provocar e, não obstante, temos a filiação dos grupos, os apelos comuns, a constituição de comitês ou de milícias operárias nas pequenas aglomerações. É o caso em Bruchsal, em Bade, Schmachtenhagen, Erkenschwick, no Ruhr, Sachsenhausen, Birkenweder, freqüentemente com o apoio do SAP, formado depois da expulsão de social-democratas sobre a esquerda do partido.

Um dos sucessos da Oposição deu-se de maneira particularmente espetacular. Ela conseguiu ganhar, no começo de 1932, um opositor "independente" de Oranienburg: Helmut Schneeweiss, 30 anos, presidente do comitê local de desempregados, que fora então expulso do KPD. Este último conseguiu obter o acordo das organizações locais para formar milícias operárias que dispersaram, em 30 de janeiro de 1933, o "desfile da vitória" dos nacional-socialistas em sua cidade e conseguiram impedir, durante diversas semanas, os bandos nacional-socialistas de penetrar em sua zona industrial, quando Hitler já era chanceler.

Um outro sucesso foi mais discreto. No fim de 1932, Werner Scholem, que até então estava de fora dos acontecimentos, dedicando-se aos estudos de direito que ele decidira fazer para se tornar advogado, aceita redigir artigos assinados com pseudônimos no jornal da Oposição, redigir notas de informação para Trotsky, discutir a situação com Sedov. Em 1933, ele acabava de decidir a retomada da atividade política com a Oposição clandestina quando foi preso. Judeu e comunista, ele não tem chance alguma e é executado no campo depois de infinitos requintes de tortura.

Há também recrutas de última hora que se decidem, talvez, devido à urgência. Dentre eles, um colaborador do grupo de Münzenberg, Walter Nettelbeck, que leva consigo diversos camaradas. Desde o fim de 1932, Sedov está na pista de um grupo de oposição no KPD, que conta, em Berlim, com diversas dezenas de membros. Este grupo é dirigido por um camarada que ocupou posições como responsável no KPD, depois dirigiu o órgão do *Leninbund* – Volkswille – antes de voltar ao partido e de trabalhar nele com uma oposição que criou num bairro proletário onde milita. A adesão deste homem, Karl Ludwig, é considerada por Sedov uma grande vitória, porém este quadro é preso, desaparece e é, indubitavelmente, morto em 1941.

Porque a Oposição não atingiu seu objetivo

Dois provocadores, os irmãos Sobolevicius, tentaram, em dezembro de 1930, realizar uma operação de grande envergadura com a publicação de um falso número do jornal da Oposição e uma declaração que afirmava que Trotsky e a Oposição não tinham razão e que a política alemã de Stalin estava correta. O procedimento, visto *a posteriori*, não parece ser de uma grande fineza, mas custou, indubitavelmente, caro em termos de descrédito e de desencorajamento.

Evidentemente, somos tentados a responder à questão de saber por que a Oposição

foi impotente por um truísmo do gênero "era tarde demais". A isto, Trotsky responderia que era preciso tentar para saber se era tarde demais e que, em todo caso, não era então possível pela improvisação de uma nova organização. É preciso, portanto, contentar-se em tomar conhecimento. Não mais do que a magnífica contribuição escrita de Trotsky, a agitação feita por seus camaradas da Oposição não pode libertar os trabalhadores alemães do empreendimento da burocracia, mesmo se eles compreendessem sua natureza. Eles correram o risco de não quebrar nada, entretanto, tudo se desagregou. Para precisar, acrescentemos que a Oposição alemã foi, de fato, incapaz de modificar a linha do KPD de capitulação ao aparato da Comintern, que abria alas para a vitória sem combate dos nacional-socialistas. Claro que a classe operária alemã – dividida, desorientada, desgarrada, atordoada – não tinha tempo de se organizar para sobreviver a um combate sob novas linhas. Resta que ela não foi capaz de "salvar" o KPD. E é o que constituiu o fator decisivo na guinada de Trotsky, em 1933. Quando Trotsky declarou a falência do KPD, de início, depois a dos outros partidos comunistas e, principalmente, a da Comintern, "definitivamente passada para o lado da ordem burguesa", ele reconheceu, ao mesmo tempo, a falência de sua própria política de "reajuste" das organizações fundadas pela revolução e por ela, e, na seqüência, vítimas da degenerescência burocrática.

A Oposição fora da URSS marginalizada

Evitemos, contudo, procurar na própria oposição as causas de seu fracasso. Esses homens têm suas raízes sociais e intelectuais nos partidos comunistas e, antes ainda, nos partidos socialistas, nos sindicatos e nos movimentos nacionalistas revolucionários que os formaram e, de uma certa maneira, condicionaram-no. Durante o período da luta da Oposição, os PCs estavam implantados somente de maneira superficial: não carregavam as tradições de suas respectivas classes operárias e, contrariamente ao bolchevismo que eles reivindicavam, nadaram durante muito tempo mais contra a corrente do que em seu favor. É nestes marcos artificiais, que foi determinado por suas relações com o elemento exterior que constituía Moscou, que a oposição tentou se inserir e se desenvolver.

A partir de 1928, quando a Oposição estava construindo um quadro de organização, os partidos comunistas prosseguiam, por instigação da Comintern stalinizada, com uma política que os afastaria da larga massa dos trabalhadores, de sorte que, como vimos, o KPD tornou-se um partido de passantes e de desempregados. Mais sério ainda, a crise econômica e social colocou o aparato do partido – não somente seu funcionamento, mas os salários de seus permanentes – numa estrita dependência da "ajuda" financeira de Moscou. Os opositores, portanto, tiveram que enfrentar diversas repressões inseridas umas nas outras, como se fossem bonecas russas: enquanto comunistas, a do Estado e da polícia, a do aparato no partido; enquanto militantes sindicais, a do aparato social-democrata nas grandes centrais e do aparato stalinista nos "sindicatos vermelhos"; finalmente, a dos empregadores que os colocavam em suas "listas negras". Mesmo se a situação fosse menos

grave que na Alemanha, encontramos os mesmos traços na França e nos EUA. Não é por acaso que numerosos militantes foram recrutados entre os trabalhadores emigrantes, vítimas tradicionais da superexploração, mas também exteriores "aos grandes batalhões da classe". Os membros do "grupo judeu", influentes na Oposição de Paris, eram artesãos que a miséria expulsara de seus países e que não sofriam a pressão da tradição nacional e operária do país onde eles se refugiaram. Os militantes comunistas judeus de Nova York, que publicaram *Klorkheit*, estiveram, de início, na mesma situação, porém se integraram melhor no trabalho da Oposição, cessando rapidamente de ser um "grupo de língua". Quase por todos os lados, a Oposição tinha os traços de uma seita. As práticas e a mentalidade provinham, algumas vezes, do próprio PC. Assim, o KP austríaco, pátria do "fracionismo", transmitiu esta característica pouco agradável à sua oposição, para a qual Jan Frankel inventou o nome especial de "austro-oposicionista".

Na maior parte do tempo, contudo, foram as condições da existência e de atividade destes grupos que determinaram sua mentalidade e suas práticas. Pequenos grupos se reuniam em torno de um "chefe", que era considerado por eles como infalível – e era raramente Trotsky, alçado à posição de Deus, mas "tão mal informado", repetiam eles. Finalmente, foram muito freqüentemente menos frações ou tendências que cliques ou clãs. A história dos grupos nacionais é a de uma sucessão de crises e de cisões, algumas vezes de unificação, mas raramente de reunificações. A cisão tornou-se um fenômeno da vida cotidiana. Não havia muito risco de danos materiais, pois a situação assim criada – certamente não a melhor – não podia ser pior. Continuamos, portanto, a ver grupos de uma dezena de membros, elaborando "teses" e "plataformas" e esperando das massas que elas sejam boas o suficiente para "reconhecê-los" como direção com base em sua atividade teórica: uma atitude que Trotsky qualificava "propagandista".

A penetração do GPU

Em tais bases, era evidentemente difícil construir uma barreira eficaz à "penetração" e, em particular, à infiltração dos agentes stalinistas, provocadores ou não. Não faltam exemplos dessas atuações, mesmo que estejamos longe de saber tudo. A primeira crise foi provocada pela passagem ao GPU de Salomon Kharin, funcionário soviético de Paris, que seria fuzilado em 1936. Quando estoura, na Áustria, a segunda crise, os "esforços" de Jakob Frank para a reunificação desembocaram na criação de uma terceira organização, que ele dirigiu durante alguns meses antes de reivindicar sua reintegração ao PC. Os dois agentes soviéticos que foram especialmente treinados para esse trabalho – Abraham Sobolevicius, conhecido pelo nome de Senine, e seu irmão mais velho Ruvin, conhecido pelos nomes de Roman Well, Schmidt e Sobolev – tiveram um papel importante. Ambos eram membros do Secretariado Internacional da Oposição e, com um outro agente, Mill (Pavel Okhun), tinham a maioria nele. Militantes que tinham a confiança de Trotsky abriram-lhes as portas: assim, Raymond Molinier, no furor de sua luta contra Rosmer, organizou uma "fração"

com os três agentes. Lev Sedov, que estava a par, não informou Trotsky, pois ele estava de acordo com o objetivo dessa fração que queria expulsar Rosmer, protetor, segundo ele, de Naville, que ele execrava.

Todos esses agentes tinham em comum o desejo de agravar os conflitos internos, de ter também o mínimo de atividade política possível, de jogar álcool no fogo das relações pessoais e de contribuir eles próprios ao envenenamento da atmosfera com calúnias e rumores, de que certamente eles não tinham o monopólio, mas de que eram freqüentemente a origem. Eles conseguiram intoxicar militantes honestos. Assim, Pierre Frank, manobrado por eles, afirmou a Trotsky ter descoberto e ter como *provar* um desvio da correspondência dos exilados da URSS, que ele atribuía a Landau, ao passo que o único responsável das cartas faltantes era o GPU, organizador do bloqueio postal que começava na URSS. No mesmo caso, Senine e o cidadão soviético Lepoladsky, dito Melev, aliaram-se para garantir a Trotsky que Landau ameaçava fazer um escândalo com as cartas da URSS de que ele se apoderara. Nada disso era verdade. E Trotsky ficou mais preocupado por Well ter utilizado este caso para propor a expulsão de Landau.

O desencorajamento

Como, nessas condições, impressionar-se com a usura e o desencorajamento dos "veteranos"? Para muitos deles, a entrada no comunismo fora tão importante quanto o primeiro passo no movimento operário e revolucionário. E não havia mais de dez anos desde então. A correspondência de Rosmer manifesta seu cansaço, sua recusa aos métodos e mesmo às maneiras dos jovens militantes que não o respeitavam e sobre quem ele não tinha uma boa opinião. Como, depois de ver destruída, duas vezes, a obra de sua vida, ele poderia se resignar a fazer parte de um terceiro processo de degenerescência, com seu ritual de acusações ridículas e falsas, um espetáculo que só poderia enojá-lo? Os oposicionistas sérios consolavam-se dizendo que eles não foram os primeiros a conhecer condições tão desmoralizantes de vida e de combate e que os bolcheviques tinham sido um grupo dilacerado por frações e cisões antes de se tornar, em 1917, o partido de massa do proletariado. Com certeza, eles sabiam que estavam vivendo o refluxo que se seguira à derrota, depois do recuo de 1923, na Alemanha. Eles não tinham controle algum dos fatores de um sucesso eventual – uma nova onda de lutas operárias. Nada disso se deu entre 1923 e 1933. A revolução chinesa coincidiu com a organização e o primeiro desenvolvimento da Oposição Unificada, na URSS particularmente, no entanto, a derrota da primeira anunciou a da segunda, e jogou para trás todos aqueles que queriam estar na vanguarda. Depois de 1929, a situação mundial estava totalmente dominada pela crise alemã, a ascensão do nazismo e os esforços dos social-democratas e dos stalinistas para impedir toda frente única contra o perigo comum. Uma mudança da política do KPD sobre esta questão crucial teria, sem dúvida, permitido uma luta séria pelo "reajuste" e talvez a mudança da situação. Mas isso não ocorreu. A breve ascensão da Oposição de Esquerda, que

chegou a ocorrer, foi somente, contrariamente à predição de Trotsky, em *Nova Etapa*, uma "simples marola", não a vaga com que ele contava.

Em direção a uma ampliação da Oposição?

O ano de 1932 foi provavelmente um ano-chave na história da Internacional Comunista, dada a amplitude da crise e das reações provocadas em suas fileiras – essencialmente seus quadros –, pela gravidade da crise na União Soviética e a catastrófica política alemã imposta por Stalin à Comintern. Vimos, de passagem, o grupo fundado por M. N. Riutin, ex-direitista que tinha a ambição de reunir, sob uma mesma bandeira, os *oppositsionneri* de direita e de esquerda e, com efeito, chegou a recrutar alguns elementos da esquerda.

Foi mais ou menos no mesmo momento que se constituiu um grupo cujos componentes, queridinhos do aparato na época da luta contra Trotsky, já tinham, entretanto, sofrido a violência da condenação e a prova da autocrítica. Esses "jovens stalinistas", como eram chamados pelos outros, eram, na verdade, ex-quadros das juventudes comunistas, os *komsomols*, e, de uma certa maneira, da KIM. Seus chefes de fileira eram o georgiano "Besso" Lominadze, ex-favorito de Stalin; o filósofo Jan Sten, que lhe havia dado lições particulares de dialética marxista; Lazar Chatskin, um dos homens mais brilhantes de sua geração, e seus próximos, os armênios Kostanian e Vartanian notadamente. Eles queriam também voltar atrás, reaproximar-se dos adversários que contribuíram para esmagar.

Os membros das antigas oposições, os zinovievistas, em torno de Zinoviev e Kamenev, tinham, depois de sua capitulação, mantido os contatos com eles e as discussões políticas com outros – na Comintern, ao que tudo indica, com Bela Kun, Ludwig Magyar, Leński – e se preocupavam enormemente com a política alemã, de cujas conseqüências eles tinham medo. Tal era, igualmente, o comportamento dos ex-"sem-chefes", ao menos daqueles que tinham capitulado na deportação, diversos meses depois do ramo zinovievista da Nova Oposição: os cabeças, aqui, eram, evidentemente, Georgi Safarov e Oscar Tarkhanov, dois homens particularmente inteirados das questões da Comintern.

O grupo trotskista propriamente dito foi reduzido à sua mais simples expressão, mas eis que um grupo de ex-"capituladores" decidiu-se, muito cedo, a se reanimar e a retomar, com prudência, uma atividade oposicionista. Andrés Nin falou disso publicamente quando de sua saída da URSS. Informados, em 1931, da atividade desse grupo que Sedov chamou, de início, de "trotskistas ex-capituladores", Trotsky e seu filho aceitaram considerar que se tratava de homens e mulheres que voltaram à Oposição de Esquerda e que faziam parte de suas fileiras. Este último grupo era animado por Ivan Nikititch Smirnov, por sua jovem mulher Aleksandra Safonova, por sua filha Olga Ivanovna, por Ter-Vaganian e Mratchkovsky, autores da declaração de capitulação com Ivan Nikititch e por homens conhecidos por seu pertencimento à Oposição de Esquerda, como Bolotnikov, Konstantinov, Grünstein e outros. Preobrajensky tinha contatado-o e estava próximo de o fazer com

Smilga. Smirnov e Sedov encontraram-se novamente em Berlim, em 1931, organizaram trocas e comunicações; Olga Ivanovna Smirnova garantiu o contato com Rakovsky.

No ano seguinte, um emissário veio trazer, a Sedov, uma carta de Smirnov para seu pai e ele. Ela anunciava o nascimento de um "bloco das oposições" reunindo os grupos anteriores, com exceção do grupo de Safarov, que estava ainda negociando sua entrada. A repressão rapidamente colocaria um fim na atividade desse bloco, que, entretanto, foi questão absolutamente aberta em janeiro de 1935 quando da condução de Safarov perante o tribunal que julgava Zinoviev e Kamenev e que, de maneira dissimulada, fazia, dele, a trama da acusação, no primeiro Processo de Moscou, em agosto de 1936. Até seu envio a Moscou para lhe extorquir as confissões, pouco antes de seu processo, em agosto de 1936, Smirnov considerava-se e se comportava como um dirigente da oposição. Uma ex-detida próxima dos SR, Ilinskaia, conheceu-o na solitária de Suzdal e o descreveu, fazendo da janela de sua cela discussões políticas com seus camaradas que circulavam livremente na prisão e que vinham se agrupar no pé do prédio, animando-os, denunciando as operações stalinistas, em resumo, combatendo.

Os elementos de um reagrupamento

Indubitavelmente, a Oposição de Esquerda Internacional não tinha a força para provocar um tal reagrupamento em escala da Comintern. Entretanto, era diferente com o bloco das oposições[39]. Falamos da atitude Leński no XII *Plenum*: isto não deixa nenhuma dúvida, o dirigente polonês quis atacar, durante o *Plenum*, a política de Thälmann, isto é, a política alemã de Stalin, na esperança de provocar um reagrupamento para eliminar Thälmann. Aparentemente, eram numerosos os quadros que pensavam que um reajuste da política alemã da Comintern provocaria um reajuste geral e, sobretudo, o desmantelamento do bloco stalinista no poder. Era isso o que pensava um certo número de pessoas do aparato do Executivo em Moscou, dentre eles Bela Kun e Smoliansky, que, em seu nome, pediu, na primavera, a Günter Reimann, do KPD, que ele fornecesse uma documentação necessária à batalha em Moscou contra os homens de Stalin em Berlim[40].

O pessoal do bloco das oposições não eram os únicos a avançar com prudência no terreno da Internacional. Os conciliadores – que faríamos melhor em chamar de "unitários", que era o que eles eram – tinham provavelmente os mesmos projetos de "reagrupamento" em um "bloco", e encontraram colaboradores no Executivo, por exemplo, Mike Grollman e Boris Idelson, que fornecem a Humbert-Droz a documentação para atacar Thälmann e a política alemã de Stalin. Um artigo recente de Bernhard Bayerlein, fruto de anos de reflexão, mostra esta ambição perante a qual Jules Humbert-Droz tem medo. No

39. Sobre esta questão, o essencial foi escrito em meu primeiro artigo: P. Broué, "Trotsky et le bloc des oppositions de 1932", In: *Cahiers Léon Trotsky*, n. 5, janeiro-março de 1980, p. 5-38.

40. G. Reimann. *Berlin-Moskau 1932*, p. 54, e aqui, capítulo "O Massacre da Serra Elétrica".

entanto, como não se questionar acerca do papel que desempenharam, antes de serem convocados a Moscou, unitários como o alemão Kurt Heinrich, o húngaro Magyar? Tudo indica que eles renegaram para não serem presos, mas que eles estão na linha "unitária" de Karl Volk.

Aqui, coloca-se o problema do grupo de Neumann e Remmele e de seus eventuais vínculos. Neumann é, sem dúvida, o elemento mais seguro do vínculo com o bloco pelo intermédio de Lominadze, em 1932. E o filho de Remmele, que faz parte com os outros dirigentes da JC do "grupo", está em Magnitogorsk. A questão da atitude da Oposição de Esquerda Internacional, principalmente hostil para com os novos oponentes, particularmente os alemães do grupo Neumann, perde todo interesse. A política era a política e Trotsky tinha concluído, em 1926, um bloco com Zinoviev, estava claro que os opositores em torno de Trotsky não podiam seriamente ter rejeitado, por princípio, uma aproximação deste grupo alemão, efetivamente culpado de ter constituído a guarda próxima de Thälmann e, portanto, a grande muralha de defesa da política de Stalin contra os comunistas. Quem, afinal, informou Werner Scholem das reuniões na cúpula do KPD que sancionaram o "grupo", em 1932, senão os membros deste último? A partir do momento em que o grupo Neumann admite, contudo, que a derrota alemã de 1933 – a chegada sem combate de Hitler ao poder – é tão grave quando a de agosto de 1914, era normal pensar numa aproximação das oposições ao passo que, ao mesmo tempo, o que restava dos unitários, chamados de *Versöhnler*, adotou as mesmas posições críticas sobre a política de Stalin frente à ascensão dos nazistas.

Todavia, isto tudo são somente hipóteses. Podemos também imaginar, da parte da Oposição, um reflexo de seita, dirigindo seu fogo mais forte contra os mais próximos dela. Ou será que era uma precaução, para não se ligar a pessoas que iriam, talvez, colocar-se de joelhos amanhã? Finalmente, se Neumann e Remmele, atribuindo a Stalin a responsabilidade do crime, pensavam poder realizar somente uma "revolução de palácio", que ele poderia tolerar, a Oposição neste caso, evidentemente, não poderia afiançar uma atitude que consistia em medir esforços contra o adversário principal. É preciso, também, levar em conta uma prática muito corrente de Trotsky, que critica cruamente aqueles que marcham em sua direção não somente para lhes fazer avançar mais rápido, mas para não dar pretexto à repressão contra eles antes que se soubessem, a seu respeito, que eles não esperavam nada do aparato. As posições de Neumann e Remmele que conhecemos e que eles não tornaram públicas são espantosas por sua penetração, mas Bernhard Bayerlein demonstra que não se passa a mesma coisa com as tomadas de posição dos clandestinos da tendência dos *Versöhnler*, depois de serem lançados na ilegalidade e o começo de seu massacre. Resta, certamente, um bloqueio entre os fiéis de Khruchtchev, que foram pouco antes os de Stalin, e alguns pesquisadores acadêmicos preferiram freqüentemente ver cair o teto e os muros da casa a explorar seus porões. Mas, de todo modo, hoje há muito menos coortes eficazes de guardiões dos segredos dos templos; defendendo com unhas e dentes os "Thälmanns" de todos os países, servidores de Stalin e suboficiais de Hitler.

Será que haverá uma investida? Trotsky, até o fim, acreditará que é uma possibilidade real, e isso era, sem dúvida, verdade. Não obstante, em 1933, no dia seguinte da vitória sem combate de Hitler na Alemanha, ele declara "falida" a III Internacional e convoca a fundação de uma nova Internacional, a IV. Ao deixar a Comintern, Trotsky e seus partidários deixam formalmente nosso objeto. Nós os veremos cada vez mais ao longe, de fora dessa organização.

Sumário

Aviso, 5

Apresentação, 7

Primeira parte • A ascensão 1917-1923, 11

Capítulo 1 • Quando eles viram a obra de suas vidas destruída..., 15. O drama dos socialistas, **15.** A Internacional para os tempos de paz, **16.** Como reconstruir?, **16.** Militantes e grupos alemães, **17.** De agosto de 1914 aos primeiros movimentos de massa, **19.** Os russos, **20.** Dois homens à parte, **22.** Grandes divergências, **23.** As perspectivas de Lenin, **24.** Perspectivas de Rosa Luxemburgo, **24.** Os outros atores, **25.** Contatos intenacionais, **28.** A intervenção de Rakovsky, **29.** Zimmerwald, **29.** Novos pontos de apoio, **30.** A guinada de 1917, **32.** Cisão na Alemanha: o nascimento do USPD, **33.** A adesão dos espartaquistas ao USPD, **34.** A revolução russa, **35.** Uma ascensão revolucionária: Greves operárias, **36.** Os "peludos" se revoltam, **37.** Os marinheiros alemães contra a guerra, **38.** A Europa sacudida, **39.** A revolução russa, antes da nova Internacional, **39.**

Capítulo • 2 Da guerra à revolução mundial (1918), 43. Primeiros motins no exército, **43.** O "motim" de Cattaro, **44.** Comoção em diversos locais, **45.** A crise austro-húngara se agrava, **46.** O problema da paz, **46.** Negociações do armistício, **47.** As negociações de paz, **49.** Tempestade operária sobre a Europa, **50.** A paz e seus dias seguintes, **51.** Crise na cúpula do Partido bolchevique, **52.** Diplomatas muito especiais, **53.** A agitação revolucionária continua, **54.** Os Estados Unidos na guerra, **56.** A fortaleza sitiada, **57.** Da guerra à guerra, **58.** O motim de Radomir, **60.** Os grupos comunistas na Rússia, **61.** O grupo comunista húngaro, **62.** Os comunistas alemães, **63.** Outros grupos comunistas, **65.** Rumo à Internacional, **67.**

Capítulo 3 • Uma guinada incerta e sangrenta, 69. Novembro vermelho, **69.** A revolução de novembro, **70.** Dualidade de poderes, **72.** Conselhos operários e partidos comunistas, **75.** Nascimento do partido na Polônia, **79.** Primeiros passos na Itália, **79.** A chave: a fundação do partido alemão, **80.** O problema da Internacional colocado, **83.** A semana sangrenta, **84.** A passagem do turno, **88.** A Internacional combatente, **89.**

Capítulo 4 • O ato fundador, 91. A convocação, **91.** Delegados pouco representativos, **94.** Os debates: atas, **95.** O problema da Internacional, **98.** Os documentos programáticos, **101.** O Manifesto da Internacional Comunista, **103.** Condições e alcance da fundação, **106.** A direção no dia-a-dia, **108.** O Birô do Sul, **110.** O Birô de Berlim, **113.** O Birô de Amsterdã, **115.** Estocolmo?, **115.** Maré montante, **116.**

Capítulo 5 • As dores do crescimento, 119. As grandes ofensivas dos Brancos, **120.** Hungria: da prisão ao poder, **121.** Uma revolução pacífica?, **123.** A república dos conselhos da Bavária, **125.** Os 143 dias da Comuna Húngara, **127.** A revolução húngara e a revolução mundial, **131.** A revolução húngara transborda suas fronteiras, **133.** A revolta dos soldados da *Entente*, **135.** Os civis também se mexem, **137.** Uma Torre de Babel política?, **141.**

Capítulo 6 • O epicentro alemão, 145. O KPD(S) depois de janeiro, **145.** Paul Levi, **147.** Levi perante o partido, **148.** Dissensos entre Levi e Radek, **149.** A esquerda do partido independente, **152.** A cisão desejada do KPD(S), **154.** Uma escaramuça com Lenin, **155.** O *Putsch* de Kapp, **157.** O poder operário inssureicional, **158.** O Exército Vermelho do Ruhr, **160.** A greve geral, **161.** O problema do governo operário, **162.** Debates públicos, **164.** Uma ocasião perdida, **166.** Debate interrompido na Internacional, **167.** Lenin encerra o debate, **168.** Novo começo, **169.**

Capítulo 7 • Esquerdismo recorrente e oportunismo rompante, 171. Sylvia Pankhurst, **171.** Os hamburgueses, **172.** Os comunistas de esquerda, **173.** A conferência de Amsterdã, **174.** O balanço de Amsterdã, **175.** A fundação do KAPD, **176.** Contra-ataque aos esquerdistas, **177.** Nova intervenção de Lenin, **178.** O KAPD e a Comintern, **181.** Os Independentes em face de Moscou, **185.** Decepções e esperança, **186.** Um conflito amadurece na Itália, **189.** Zinoviev abre o jogo, **190.** Os socialistas em viagem, **192.** O vai-e-vem dos visitantes, **194.**

Capítulo 8 • O congresso das grandes esperanças, 197. O Exército Vermelho em direção a Berlim?, **197.** Relatório da abertura, **198.** Um verdadeiro congresso, **200.** Os grandes debates: o partido, **201.** Um violento incidente, **203.** O debate sobre a questão nacional e colonial, **204.** As condições de admissão: primeira abordagem, **206.** As condições de admissão: os tenores, **209.** Zinoviev conclui, **215.** Dois grandes debates de princípio, **216.** O manifesto, **218.** Uma decepção, **219.** Rumo ao poder em Varsóvia?, **220.** As causas do fracasso, **222.** O sucesso dos comunistas poloneses, **223.**

Capítulo 9 • O néctar das ilusões, 225. Primeiras decepções, **225.** O Congresso de Baku, **226.** Jovens mortos, **228.** Outros mortos no caminho de retorno, **230.** As grandes greves da Itália, **231.** Brechas reveladora, **232.** Começo da cisão na Tchecoslováquia, **233.** Batalha por um congresso, **234.** Batalha por um imóvel, **235.** A Esquerda Marxista domina o congresso, **235.** Batalha pelo USPD, **237.** A batalha do Executivo, **237.** O Congresso de Halle, **239.** Nascimento de um grande partido comunista, **240.** A cisão na Tchecoslováquia, **240.** Greve geral ao chamado da Esquerda Marxista, **241.** Primeiros ataques fascistas na Itália, **242.** De Berna a Tours, **244.** Os outros partidos, **247.** O fim da guerra civil, **249.**

Capítulo 10 • O fel ou o infantilismo burocrático, 251. A situação da Rússia no começo de 1921, **251.** O trunfo alemão, **253.** A posição original de Paul Levi, **254.** A "Carta Aberta", **255.** O Congresso de Livorno, **257.** Levi e o KPD sobre a cisão, **258.** A cisão do PC da Itália, **259.** A Crise, **259.** Nova reviravolta, **260.** O agravamento da crise russa, **262.** Kronstadt: A repressão, **263.** O contexto internacional da situação alemã, **264.** A missão de Bela Kun: em Moscou, **265.** Bela Kun em Berlim, **266.** A Ação de Março (*Märzaktion*), **268.** A intervenção de Max Hölz, **270.** O KPD convoca a greve geral, **271.** Março em abril em Moscou, **273.**

Capítulo 11 • A pele de onagro, 275. Repressão e rupturas, **275.** O apelo a Lenin, **277.** Choques dentro do aparato, **278.** O debate em público, **279.** Confrontação: qual é o crime?, **281.** Delírio verbal sobre a ofensiva, **283.** Prudência do Executivo, **284.** O Executivo em retirada, **284.** A questão no partido russo, **285.** O compromisso de Lenin, **286.** Uma acolhida fria, acima de tudo, **287.** O desenrolar do congresso, **288.** A guerrilha esquerdista, **290.** Lenin enfeza-se, **291.** O Congresso da Profintern, **292.** O congresso da KIM, **293.** Terror e a violência fascista, **295.** Cegueira face ao fascismo?, **296.** O caso dos *Arditi del Popolo*, **297.** O fim com Šmeral, **299.** A questão tcheca no III Congresso, **301.** Maus presságios, **301.** Uma outra concepção, **302.**

Capítulo 12 • O fim da época de Lenin, 305. Os dias seguintes ao III Congresso Mundial, **305.** Espanha, **306.** A confusão sobre a Alemanha, **308.** Crise incubada na França, **308.** O sectarismo do PCd'I, **309.** A luta contra a guerra e o PC grego, **310.** Nos EUA, o fim do "esquerdismo"?, **311.** A grande guinada, **312.** A unidade para a vitória, **313.** A "frente única operária", **313.** Debate na Comintern, **314.** A conferência das três Internacionais, **315.** A crise francesa, **317.** A aplicação da Frente Única na Alemanha, **318.** O assassinato de Rathenau, **319.** Frente à ascensão do fascismo, **321.** Realizações locais da frente única, **321.** A vitória fascista, **322.** A resistência nos EUA, **324.** A saída do DNA, **324.** Uma crise que não pára de repercutir, **325.** Novo congresso, novo programa?, **326.** "A palavra de ordem do governo operário", **327.** Nova estratégia ou ardil de guerra?, **328.** O IV Congresso, **329.** A Internacional sem Lenin, **331.** A ofensiva da burocracia, **332.**

Capítulo 13 • Oriente, América Latina, 335. O interesse de Lenin, **336.** O "colonialismo soviético", **337.** Organismos especializados, **338.** Os primeiros partidos comunistas do Oriente, **338.** Os comunistas indianos, **342.** O aparecimento de M. N. Roy, **342.** Roy e o Partido do Congresso, **343.** O começo do comunismo chinês: na China, **345.** O começo do comunismo chinês: com Moscou, **347.** Os primeiros contatos, **348.** Fundação do Partido Comunista Chinês, **350.** Missão de Maring, **350.** Os trabalhadores se sublevam, **352.** Maring e o Guomindang, **353.** A colaboração sino-russa, **355.** O nascimento do partido no Japão, **356.** O Congresso dos Povos do Oriente, **358.** O começo do PC japonês, **359.** Outros partidos do Oriente, **360.** Outros países e continentes atingidos, **361.** Balanço de uma arrancada, **362.** Uma enorme contradição, **363.** A Comintern e a América Latina, **365.** Mudança de objetivo, **366.**

Capítulo 14 • A crise do Ruhr, 367. A questão das reparações, **367.** A ocupação do Ruhr, **368.** Os comunistas na crise, **370.** Os comunistas alemães em crise, **372.** A mediação do Executivo, **373.** Em direção a uma crise mundial?, **376.** Uma greve inoportuna?, **377.** Uma crise sem precedentes, **378.** A ascensão da extrema direita, **379.** A Comintern em face dos nacionalistas, **381.** O caso da jornada antifascista, **384.** O Executivo aconselha recuar, **386.**

Capítulo 15 • Rumo ao poder?, 391. O Partido Comunista de "massa", **391.** Conseqüências políticas da crise, **394.** Abaixo Cuno!, **397.** A crise que derruba o governo, **397.** Stresemann no governo, **400.** De volta a Moscou, **401.** Os preparativos políticos, **405.** Divergências na cúpula, **407.** Os preparativos militares, **409.** O enredo da insurreição, **411.**

Capítulo 16 • O grande fiasco, 413. EUA: A farsa, **413.** Ditadura militar na Espanha, **414.** O desastre búlgaro, **415.** A greve geral grega, **418.** Alemanha: As esperanças, **419.** Alemanha: O plano se aplica, **420.** Os social-democratas de esquerda, **424.** O fracasso do plano, **427.** Testemunho sobre Hamburgo, **428.** A revolução ainda arde na Europa, **432.** Confusão geral na Rússia, **432.** A *troika* entra na guerra, **434.** Derrota e a volta à normalidade, **435.**

Capítulo 17 • Cinco anos depois, 437. Crise ou doença?, **437.** Perdas severas, **438.** Dirigentes perdidos, **438.** Os novos dirigentes, **440.** O problema da direção formal, **441.** A força dos burocratas stalinistas, **441.** A guinada obscura, **443.** A centralização internacional, **444.** Tudo ainda era possível?, **445.** Como fazer uma revolução?, **447.** A unidade operária, o poder e a revolução, **448.** A Comintern no impasse?, **449.** O "socialismo num só país", **450.**

Segunda parte • A queda 1924-1943, 453

Capítulo 18 • A bolchevização, 457. Colocando os partidos em seus devidos lugares, **457.** Colocando o KPD no seu devido lugar, **458.** Começo da discussão, **458.** Zinoviev teme Trotsky, **460.** O Executivo de janeiro de 1924 e a conferência russa, **461.** Vitória da esquerda no KPD, **463.** A "dešmeralização" do PC tchecoslovaco, **463.** Da ativação à repressão interna, **465.** Stalin dá o veredicto, **466.** A resistência dos comunistas poloneses, **467.** A campanha contra a direção polonesa, **468.** O V Congresso resolve a questão polonesa, **470.** O partido francês frente à crise, **472.** O pessoal do Executivo em Paris, **474.** O "social-fascismo" aparece, **474.** Um novo partido: o PC cubano, **475.** A "bolchevização", **477.** A nova estrutura, **478.**

Capítulo 19 • Ziguezagues e hesitações, 481. A Comintern não avança nem em linha reta, nem sozinha, **481.** As idiotices de direita: a Krestintern, **482.** O caso Radić, **483.** A Krestintern e o grande proprietário chinês, **484.** A guerra do Rife, **485.** A Revolução Síria, **488.** Os comunistas apóiam drusos e sírios, **489.** As oscilações do partido grego, **491.** As idiotices de direita: o sonho "operário e camponês", **492.** A exaltação de LaFollette, **493.** Impotência na Itália: o caso Matteotti, **494.** O aventureirismo: a Insurreição de Reval, **495.** A demência terrorista: a bomba na Catedral de Sofia, **498.** Uma repressão à faca, **499.** A Insurreição de Java, um partido dividido, **500.** Um Executivo oscilante, **501.** Uma insurreição desastrosa, **502.** Centralização internacional, **503.** O abandono da política de frente única, **504.**

Capítulo 20 • O sonho sindical, 507. O manifesto da Comintern, **507.** Um enfrentamento de classes, **508.** A pré-história da greve geral, **509.** O governo se prepara contra a greve geral, **510.** O *National Minority Movement*, **511.** Diplomacia sindical internacional, **514.** Em direção a um enfrentamento em ordem dispersa?, **516.** A greve, **519.** Os fura-greves, **520.** Violências e repressão, **521.** A batalha da informação, **522.** A capitulação, **523.** O medo dos representantes sindicais, **524.** A longa agonia dos mineradores, **524.** A Comintern excomunga, **526.** Bukharin teoriza, **527.** O sentido de uma política, **528.**

Capítulo 21 • O sonho nacionalista, 531. Uma luta mundial, **531.** O partido chinês e o Guomindang, **532.** Peng Shuzhi e o congresso do despertar, **534.** O movimento de 30 de maio: a revolução na China, **537.** A resistência contra-revolucionária: Jiang Jieshi, **538.** O "pequeno golpe de Estado" de 20 de março de 1926, **540.** Apoio a Jiang Jieshi, **541.** A expedição do Norte, **542.** A importância de Xangai, **543.** Xangai: primeira insurreição, **545.** Xangai: segunda insurreição, **546.** O golpe traiçoeiro, **546.** A esquerda depois da direita, **548.** Uma cegueira obstinada e voluntária, **549.** O álibi de Cantão, **552.** Os partidos operários e camponeses, **553.** Na América Latina, **554.** A epopéia de Sandino, **555.** As veleidades brasileiras, **557.** "Partidos operários e camponeses" no resto do mundo, **557.** A Liga Antiimperialista, **558.** Vãos esforços de reconstrução no Japão, **559.** Uma guinada mundial, **560.**

Capítulo 22 • A Oposição Unificada Internacional de 1923 a 1928, 563. A oposição russa, **563.** Trotsky e a crise britânica, **564.** Bukharin contra Trotsky, **567.** A Oposição e o Comitê Anglo-Russo, **568.** Organização e começos da Oposição Unificada na URSS, **570.** Retomada da atividade com a China, **571.** Zinoviev sobre a revolução chinesa, **572.** A vez de Trotsky, **576.** A Oposição Internacional: os soviéticos, **576.** A Oposição Internacional: os pioneiros, **578.** Condições particulares, **583.** Mudança qualitativa, **585.**

Capítulo 23 • A stalinização da Internacional, 587. A eliminação de Zinoviev, **587.** Crise na Esquerda alemã, **588.** Fischer-Maslow eliminados, **590.** O ajuste de contas da direita "polonesa", **590.** O golpe de Estado de maio de 1926, **592.** O começo das aventuras chinesas, **594.** A "nova vaga revolucionária" na China, **596.** A Longa Marcha, **598.** A morte dos comunistas indianos, **598.** Na Ásia do sudeste, **600.** "Classe contra classe", **601.** Os sindicatos vermelhos, **602.** O desenrolar do VI Congresso, **605.** Do "caso" Wittorf a Thälmann, **607.** O "caso Thälmann", **608.** Stalin mata o assunto na Comintern, **610.** A stalinização do PC tchecoslovaco, **613.** Os marcos estão fixados, **615.**

Capítulo 24 • O "terceiro período", 617. Medo e mentira, **617.** Os postulados "teóricos" da direção, **618.** O X *Plenum*, **618.** Autocríticas e expulsões, **620.** As direções "renovadas" dos partidos, **621.** Novas direções na Europa, **621.** Novas direções nos outros continentes, **625.** Novas direções asiáticas, **634.** Liquidação de setores inteiros, **635.** Extremo Oriente do Sul, **636.** A Liga Antiimperialista, **637.** Uma guinada na Palestina, **638.** O "caso" chileno, **639.** Novas posições frágeis: no Oriente Médio, **641.** Uma política suicída, **642.** Comunistas contra trabalhadores?, **644.** Aventuras sanguinárias, **645.** A greve dos *bananeros*, **646.** A insurreição salvadorenha, **647.** A Marcha do Bônus nos EUA, **648.** Os motins nas frotas, **648.** Um movimento privado de sua substância, **650.** As razões da stalinização da Comintern, **651.**

Capítulo 25 • Eles entregaram a cidadela, 653. Um campo de ruínas, **653.** O Partido Nacional-Socialista, **654.** A luta "militar", **656.** O KPD e os socialistas, **659.** A recusa da frente única, **661.** A frente marrom-rubra, **663.** Os ziguezagues e as "nuances", **666.** O KPD stalinizado, **667.** Uma oposição dentro do aparato?, **669.** O "grupo" desmascarado, **673.** O KPD na confusão, **675.** Amsterdã-Pleyel, contra o fascismo e a guerra?, **677.** O XII *Plenum*, **678.** A reta final, **680.** As manifestações de Berlim em janeiro, **681.** Hitler no poder?, **683.** A infalibilidade de Stalin, **684.** Denúncia de bodes expiatórios, **686.** Existe ainda uma Internacional Comunista?, **687.** A Comintern à serviço da burocracia russa, **687.**

Capítulo 26 • A Oposição Comunista de Direita, 689. As origens da Oposição de Direita, **689.** A bandeira: Bukharin, **690.** Os discípulos russos: Riutin, **693.** A direita alemã: os "brandlerianos", **694.** A expulsão da direita na Tchecoslováquia, **697.** A direita francesa e a SFIO, **698.** Os Lovestonistas, **699.** Outras organizações e grupos, **700.** Programa da Oposição Internacional, **703.** A posição de M. N. Roy, **704.** Ascensão e declínio da Oposição de Direita, **706.**

Capítulo 27 • A Oposição de Esquerda Internacional de 1928 a 1933, 713. O sucesso da Oposição, **713.** Represálias stalinistas, **714.** Nascimento da oposição na China, **714.** Dois duros golpes, **716.** Esmigalhamento, **717.** Uma situação confusa, **719.** Um novo eixo, **719.** Trotsky propõe critérios, **720.** Contatos na Europa, **721.** As novas seções, **724.** A reconstrução, **727.** Bagagem teórica, **728.** Batalha sobre a Alemanha, **729.** Primeiras análises, **729.** Em breve será tarde demais, **731.** O "nacional-comunismo", **733.** Burocracia stalinista e política alemã, **734.** O combate da Oposição, **735.** Porque a Oposição não atingiu seu objetivo, **736.** A Oposição fora da URSS marginalizada, **737.** A penetração do GPU, **738.** O desencorajamento, **739.** Em direção a uma ampliação da Oposição?, **740.** Os elementos de um reagrupamento, **741.**